

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
NÍVEL DOUTORADO**

BRUNA RAFAELA DE LIMA LOPES

**EM DEFESA DAS CAUSAS SAGRADAS DA IGREJA CATÓLICA:
PADRE LUIZ GONZAGA DO MONTE E O PROJETO DE NEOCRISTANDADE
(BRASIL, PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX)**

São Leopoldo

2021

BRUNA RAFAELA DE LIMA LOPES

EM DEFESA DAS CAUSAS SAGRADAS DA IGREJA CATÓLICA:

Padre Luiz Gonzaga do Monte e o projeto de Neocrisandade

(Brasil, primeira metade do século XX)

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Doutora em História, pelo
Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos –
UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck

São Leopoldo

2021

L864e Lopes, Bruna Rafaela de Lima
Em defesa das causas sagradas da igreja católica: Padre Luiz Gonzaga do Monte e o projeto de neocristandade (Brasil, primeira metade do Século XX). / Bruna Rafaela de Lima Lopes -- 2021.
650 f. : il. ; color. ; 30cm.

Tese (Doutorado em História) -- Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, 2021.
Orientadora: Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck.

1. Igreja Católica - História - Brasil. 2. Luiz Gonzaga do Monte. 3. Neocristandade. 4. Ciência e espiritualidade. 5. Santidade e sabedoria. I. Fleck, Eliane Cristina Deckmann.

CDU 282(81)(091)

Bruna Rafaela de Lima Lopes

Em defesa das causas sagradas da Igreja Católica:

Padre Luiz Gonzaga do Monte e o projeto de Neocristandade

(Brasil, primeira metade do século XX).

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Doutora em História, pelo
Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos –
UNISINOS

Aprovada em: 22 de dezembro de 2021

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Eliane Cristina Deckmann Fleck (Orientadora) –
Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Prof^º. Dr^º. Artur César Isaía (membro externo) – Universidade La Salle (UNILASALLE)

Prof^ª. Dr^ª. Beatriz Teixeira Weber (membro externo)
- Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Prof^º. Dr^º. Mauro Dillmann Tavares (membro externo) – Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

Prof^º. Dr^º. Paulo Roberto Staudt Moreira (membro interno) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos
(UNISINOS)

São Leopoldo

2021

AGRADECIMENTOS À CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

A Dom Fleck (Dorival Fleck - *In memoriam*),
Dom, como carinhosamente, eu o chamava, com
afeto e gratidão por ter sido o primeiro a plantar
em mim o sonho de voltar para o Sul e fazer o
Doutorado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meu Deus toda vez que me lembro de vocês”
(Filipenses 1.3)

A jornada que percorri para a realização deste Doutorado teve de tudo um pouco: calma, tempestade, tropeços leves, quedas feias, sorrisos, lágrimas, saudade, companheirismo, laços de amizade reforçados, amigos inesperados e marcantes, novos saberes, reflexões, dúvidas, muitos abraços calorosos e falta de abraços (devido à distância e à pandemia), mas, acima de tudo, teve amor, carinho e cuidado de tanta gente bacana, sem as quais eu não teria conseguido produzir esta Tese.

Agradeço a cada um e cada uma que me ajudou à sua maneira, em especial.

A Nonato (amor e companheiro de todas as horas), pela paciência, dedicação, compreensão, apoio, pela ajuda inestimável na elaboração dos quadros, na escrita do texto, correções, leituras críticas, e por esse amor que me dá paz, segurança e força.

À Professora Eliane Fleck, minha eterna e amada orientadora de todas as horas. A ela agradeço a leitura e a revisão das inúmeras versões dos capítulos e por sugerir, esperar, compreender. Agradeço também por me incentivar quando eu estava por desistir, e por sempre me reerguer. Amiga leal, que foi mãe, anjo, sempre ajudando a superar o frio e as saudades (pelas roupas emprestadas, carinho, amizade e cuidado). Sua acolhida calorosa está guardada em meu coração, pois, como diria Milton Nascimento, “há que se cuidar do broto pra que a vida nos dê flor e fruto”.

A Dorival Adair Fleck (*In memoriam*), por todo incentivo e torcida para que eu investisse no Doutorado.

A Jurandyr Navarro por todo material doado para a pesquisa, pelo incentivo contínuo; pelo carinho incondicional, pela disponibilidade plena, pelos encontros, pela sensibilidade de respeitar diferenças, por me aceitar como eu sou.

À minha família materna e paterna, que é e sempre será meu porto seguro; em especial minha mãe, minha vó, minhas muitas tias, primas e primos, que sempre, com muito afeto, se desdobraram para me cuidar e suportaram minhas ausências.

À família de Nonato: Dona Vitória, Cássia, Bezaliel, Glice, Alina e Ted.

À família de Nonato no Sul, em especial, à família de Cleide, pelo acolhimento fraterno e amoroso.

Aos Professores com os quais cursei disciplinas no Doutorado e que foram sempre acolhedores, carinhosos e gentis comigo: Paulo Moreira, Eloisa Capovilla (*In memoriam*), Jairo Rogge, Marcos Witt, Máira Vendrame, e aos professores visitantes Renata Ambroziak, Giovanni Levi, Andrea Reguera e Valentina Ayrolo. Meu especial agradecimento ao Professor Claudio Elmir (*In memoriam*), que partiu cedo demais.

Às Professoras Milagros Gallardo, de Tandil (Argentina) e Alexandra Esteves (Braga /Portugal), pelas sugestões de leituras durante eventos ocorridos na Unisinos ou por e-mail e, especialmente, por ocasião, do processo de solicitação de bolsa sanduíche em Portugal.

Aos Professores que integraram a Banca de defesa de Qualificação: José Rogério Lopes, Mauro Dillmann e Paulo Moreira. Meu agradecimento pela leitura atenta e pelas contribuições dadas por ocasião da Qualificação e que suscitaram muitas reflexões e reformulações.

Aos Professores que integram a Banca de defesa de Tese: Artur Isaía, Beatriz Weber, Mauro Dillmann e Paulo Moreira, pelo aceite tão acolhedor de meu convite e pela leitura atenta e por todas as contribuições que farão à Tese.

À Coordenação do PPGH, na pessoa da Professora Maria Cristina Bohn Martins, pelo carinho, pela compreensão e pelo apoio diante das solicitações de prorrogação, devido a problemas de saúde.

Aos demais Professores do Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos, com os quais não cursei disciplinas, mas que me acolheram no retorno ao Rio Grande do Sul, se mostraram sempre disponíveis e deram valiosas contribuições por ocasião do Colóquio de Pesquisa.

Às secretárias da Secretaria compartilhada dos PPGs da Escola de Humanidades/Unisinos, com quem convivi e tive a graça de partilhar vários momentos especiais: Saionara, Loinir, Márcia, Maristela, Christina, Carol, Raisa, Priscila, Gabriela, Luciana e Bruno. Obrigada por todo o afeto e acolhimento.

A Helder Vianna e Raimundo Arrais, pela leitura do projeto de seleção para ingresso no Doutorado.

Paulo Vitor Airaghi, por quem tenho um imenso carinho. A ele agradeço pelas trocas de ideias e pelas leituras atentas e pertinentes do texto.

À Milena Azevedo, por ser um anjo na minha vida, pela leitura e revisão de partes da Tese e por me fazer rir em momentos de dor.

Às amigas especiais e aos amigos especiais que o Doutorado no Sul me deu e que levo para a vida: Cyanna, Everton, Fabiana, Maico, Cinara, Gustavo, Marina, Andressa, Elocir, Liana, Ana Paula, Giane, Juliana, Ana Paula, Camila, Mariana. Com alguns eu convivi muito mais e os senti como anjos eternos em minha vida; dividi com cada um e cada uma momentos inesquecíveis e maravilhosos, nos divertimos, sofremos juntos, sorrimos e nos tornamos parceiros e parceiras, cada um ao seu modo.

Aos Amigos e as amigas conquistados em São Leopoldo: Saio, Loi, Marcinha, Fran, Tê, Katy, Padre Roque, Cristina, Suzana, Marcelo (fisioterapeuta), Noely, Clô, Dona Terezinha, Débora, João, dona Laurence, Maria da Conceição (quiroprata), Dona Jane e João Vitor.

Às famílias que me acolheram no Rio Grande do Sul: Moro (Pousada Sinos), Fleck e Deckmann, Araújo, Possamai.

À Tatiana, secretária do PPGH, pela inestimável ajuda com os trâmites burocráticos relativos às prorrogações.

Aos amigos e amigas mais que especiais e de sempre: Perpétua, Isabel, Magnólia, Humberto, Wicliffe, Aurinete, Vanessa, Olívia, Helder, Gracinha, Edina, Cristina, Emílio, Alex, Neto, Arthur, Graça e Célio Soares, Lourdinha, Tatiana, Jorge, Joyce Clara, Marlene Mariz, Verônica, Maria Helena, Flávio, Titinho, Selma, George, Thaís, Ricardo, dona Maria, Ramana, Kátia e Ineuda;

Aos amigos e colaboradores do IHGRN (Lúcia, Antonieta, José Maria, Manoel, Sofia, Tânia, Fátima), da ANRL (Thiago, Manoel Onofre Jr., Leide e Marluce), do Arquivo da Arquidiocese de Natal (Irmã Vilma, Diácono João, Sérgio, José Rodrigues, Jorge, Cláudio e Polyana); à

Verônica, pela valiosa ajuda com as fontes; a Francisco Marinho, a Luiz Eduardo Suassuna (Kokinho) e a Claudio Galvão, pelo carinho, pela presteza em conseguir contatos e material para a pesquisa;

Aos que me acolheram no Seminário de São Pedro, em especial, ao Reitor Pe. José Valquimar Nogueira do Nascimento, Dênison, Sérgio, Juninho, Kefferson e Gilson, entres outros, que sempre me receberam com carinho e atenção;

Ao casal Roberto Monte e Maise Monte, que sempre me acolheram carinhosamente na casa deles, além de estarem sempre dispostos a fornecer documentos e prestar informações.

À Cristina Monte pela presteza no fornecimento de informações.

Aos que ajudaram, mediando os contatos para as entrevistas e os que concederam os depoimentos para as entrevistas.

Aos colegas, amigos e amigas do IFRN Canguaretama e, em especial, do IFRN Ceará-Mirim, que estiveram direta ou indiretamente envolvidos comigo no doutorado, desde a minha inscrição e, posteriormente, na seleção, no curso e ao longo de todo o desenvolvimento da Tese.

Aos que contribuíram, com seus conhecimentos, para qualificar o texto da tese: Magnólia Fernandes (na análise dos estudos de Biologia feitos por Monte); Fabíola Albuquerque e Renan Liparotti (na análise dos estudos de Latim), Anderson Moura (pela elaboração dos mapas); André Seal (na análise dos textos sobre Espiritismo); Reverendo Ítalo Dantas (com informações sobre o Reverendo Duarte em Natal; Wicliffe Costa (com indicações sobre a História da Igreja, da Bíblia e do protestantismo em Natal); Aurinete Girão (pelas correções das referências e ajustes formais), Eliete Brasil (pela formatação da Tese de acordo com a ABNT), Virgínia Moura e Cecília Moura (pela ajuda com as transcrições dos jornais); Verônica Lima (pela transcrição de algumas entrevistas); Paulo Vitor (pela ajuda na elaboração do abstract).

Ao clero de Natal que me auxiliou com materiais para a pesquisa e com entrevistas. Agradeço especialmente ao Arcebispo Dom Jaime Rocha, ao Pe. Valtair, ao Cônego José Mário e ao Arcebispo Emérito Dom Heitor Sales.

Aos que acompanham o meu dia a dia e que, com seu cuidado e suas palavras de apoio e carinho, foram e são fundamentais para que eu siga em frente mesmo diante dos obstáculos que surgem: Mainha, Nonato, Gracinha, Edina, Ivone, Arlene, Joanaci, Claudinha, Ricardo, dona Maria, Kátia, Ineuda e todos e todas que estavam sempre me ajudando em tudo.

Aos meus alunos e as minhas alunas do coração!

Por fim, um agradecimento muito especial aos profissionais da área da saúde que me acompanham e que estiveram comigo em vários momentos dessa jornada: Dr^a. Helena, Dr^a. Rúzia, Dr^o. Jorge, Dr^a. Marrie, Dr^o. Fábio, Dr^o. Henrique, Dr^a. Rossana, Dr^a. Lara, Jacqueline, Luciano, Thaís e Rogélia.

A todos e todas, o meu mais sincero agradecimento.

Por último, creio ser importante destacar que em minha jornada venci inúmeros desafios, como a distância de casa e os problemas de saúde, e nos últimos dois anos, o retorno às atividades de docência em meio a um cenário pandêmico e de profunda crise política, social e econômica. Vivemos, de fato, tempos difíceis, mas é preciso seguir tendo esperança de que “amanhã será um novo dia” e que cabe a cada um de nós fazer a sua parte para que a educação e a ciência vivam tempos melhores e vençam o obscurantismo e o negacionismo.

*“Há chorar com lágrimas, chorar sem lágrimas e chorar com riso: chorar com lágrimas é sinal de dor moderada; chorar sem lágrimas é sinal de maior dor; e chorar com riso é sinal de dor suma e excessiva”.*¹

Padre Antônio Vieira

¹ Texto de um sermão de Antônio Vieira, citado por Leão do Norte (NORTE, 1944, p. 11) na biografia por ele escrita sobre Padre Monte para expressar a dor que a morte de Monte lhe causou. Na pesquisa e na redação desta tese eu também senti muitas dores, uma vez que eu escrevi a partir dos dados encontrados, que nem sempre coincidiram com os dados desejados.

RESUMO

Nesta tese, analisamos as estratégias acionadas para a concretização dos objetivos da Neocristandade, a partir da trajetória intelectual do cônego Luiz Gonzaga do Monte (1905-1944) – construída e alicerçada nos princípios desse movimento –, procurando discutir como e porque ele foi descrito como santo e sábio por biógrafos e admiradores leigos e religiosos. Partimos da hipótese de que a sabedoria e a santidade imputadas a Monte podem ser explicadas a partir de quatro elementos, cujo alcance só pode ser compreendido se considerados em conjunto, a saber: as diretrizes adotadas pela Igreja Católica na primeira metade do século XX; a ação dos intelectuais natalenses e dos admiradores de Monte; a trajetória do próprio Monte, assim como as redes de relações sociais que ele estabeleceu, e a cultura política vivenciada em Natal durante o período de seu sacerdócio e após sua morte. Defendemos, portanto, que as imagens de santo e sábio construídas sobre Padre Monte foram estrategicamente utilizadas tanto para o atendimento das diretrizes estabelecidas pela Igreja Católica no período, quanto decorreram e se consagraram em função das redes pessoais e institucionais das quais participou. Para fundamentar a investigação foram acessados jornais, em especial, *A Ordem*, livros escritos por Monte e três biografias produzidas sobre ele, além dos dez volumes da *Antologia do Padre Monte* e de entrevistas. A tese, que se vale do referencial teórico-metodológico da História Cultural, da História Política e da História Intelectual, em produtivo diálogo com a micro-história italiana, está estruturada em três capítulos, nos quais são abordadas a vida familiar, a formação sacerdotal e a atuação como professor e clérigo de Monte, bem como as redes de relações pessoais que construiu e os espaços de sociabilidade que frequentou. Nela, são discutidas estratégias adotadas pelos admiradores de Monte para apresentá-lo como um “homem superior aos outros homens”, um homem “além do seu tempo”, a partir da identificação de quando e em que circunstâncias essa imagem de Monte foi construída, quem a construiu e que representações foram mobilizadas para essa construção, levando em consideração tanto o que os admiradores de Monte disseram sobre ele até a sua morte, em 1944, quanto depois de sua morte. São também abordadas a forma como ele expressou seus posicionamentos sobre questões debatidas internacionalmente e que afetavam a Igreja Católica, tais como o liberalismo, o comunismo, o nazismo, à Maçonaria, o Rotary Club, bem como em relação a temas ligados à ciência, como a Biologia, a Medicina e o Espiritismo. Mereceram também atenção as polêmicas que Monte travou, fundamentadas na Apologética Católica, com seus supostos adversários, tidos como inimigos da Igreja Católica. A partir da análise de suas manifestações na imprensa, demonstramos que o clérigo foi um atuante agente da Neocristandade no país, contribuindo significativamente para que a Igreja recuperasse seu poder e prestígio. Se, por um lado, as redes de relações que Monte constituiu, as produções intelectuais e as polêmicas travadas com adversários da Igreja contribuíram para que este objetivo fosse alcançado, por outro, após sua morte, seus admiradores deram continuidade a este projeto, reforçando sua sabedoria e santidade.

Palavras-chaves: Luiz Gonzaga do Monte; neocristandade; polêmicas; ciência e espiritualidade; santidade e sabedoria.

ABSTRACT

In this thesis, we analyze the strategies used to achieve the goals of Neo-Christianity, based on the intellectual trajectory of Canon Luiz Gonzaga do Monte (1905-1944) - built and grounded on the principles of this movement -, seeking to discuss how and why it was described as holy and wise by biographers and lay and religious admirers. We start from the hypothesis that the wisdom and holiness imputed to Monte can be explained from four elements, whose reach can only be understood if considered together, namely: the guidelines adopted by the Catholic Church in the first half of the 20th century; the action of intellectuals from Natal and admirers of Monte; the trajectory of Monte itself, as well as the networks of social relationships he established, and the political culture experienced in Natal during his period of priesthood and after his death. We defend, therefore, that the image of saint and wise built on Padre Monte were strategically used both to comply with the guidelines established by the Catholic Church at the time, as they emanated and were consecrated due to the personal and institutional networks in which he participated. To support the investigation, newspapers were used, in particular, *A Ordem*, books written by Monte and three biographies produced about him, in addition to the ten volumes of the *Antologias do Padre Monte* and interviews. The thesis, which uses the theoretical-methodological framework of Cultural History, Political History and Intellectual History, in productive dialogue with Italian micro-history, is structured in three chapters, in which family life and priestly formation are addressed; his acting as a teacher and clergyman and the networks of personal relationships he built and the spaces for sociability he frequented. It discusses strategies adopted by Monte's admirers to present him as a "man superior to other men", a man "beyond his time", based on the identification of when and under what circumstances this image of Monte was built, who built it and what representations were mobilized for this construction, taking into account both what Monte's admirers said about him until his death in 1944 and after his death. It also discusses how he expressed his views on internationally debated issues that affected the Catholic Church, such as liberalism, Communism, Nazism, Freemasonry, the Rotary Club, as well as in relation to issues related to science, such as Biology, Medicine and Spiritism. The polemics that Monte waged, based on Catholic Apologetics, with its supposed adversaries, considered enemies of the Catholic Church, also deserved attention. From the analysis of his manifestations in the press, we demonstrate that the cleric was an active agent of Neo-Christianity in Brazil, contributing significantly to the Church regaining its power and prestige. If, on the one hand, the networks of relationships that Monte formed, intellectual productions and polemics with opponents of the Church contributed to achieving this goal, on the other, after his death, his admirers continued this project, reinforcing their wisdom and holiness.

Keywords: Luiz Gonzaga do Monte; neo-christianity; polemics; science and spirituality; holiness and wisdom.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Santinho distribuído em comemoração ao 3º aniversário da ordenação e da primeira missa de Padre Monte.....	59
Figura 2 - Passe estudantil em homenagem a Padre Monte	224
Figura 3 - Convite para a comemoração do Centenário de Nascimento de Monte e da abertura do seu processo de beatificação.....	228
Figura 4 - Santinho distribuído durante a missa do Centenário de Nascimento de Monte e da abertura do seu processo de beatificação.....	228
Figura 5 - Convite para a II Exposição do Acervo da Biblioteca Cônego Monte.....	231
Figura 7 - Primeira página do Jornal <i>A Ordem</i> (6 out. 1936), com "polêmica" de Padre Monte	384
Figura 8 - 6º Livro de ATAS de 11 de junho de 1925 a 16 de dezembro de 1934.....	411

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Luiz Monte e sua família	65
Fotografia 2 - Última fotografia	122
Fotografia 3- Laboratório de Padre Monte	233
Fotografia 4 - Padre Monte, em solenidade no Atheneu Norte-Rio-Grandense no final da década da 1930	648
Fotografia 5 - Placa de formatura dos bacharelados de 1936, do Colégio Santo Antônio, do qual Monte foi o Paraninfo	649
Fotografia 6 - Cortejo de Padre Monte	650

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Deslocamento da família Monte: PE, PB E RN (1907-1917).....	604
Mapa 2 - A família Monte no RN.....	605
Mapa 3 - Província Eclesiástica de Natal	606
Mapa 4 - Espaços de atuação e sociabilidade.....	607
Mapa 5 - As viagens de Pe. Monte de 1938 a 1941	608

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Inscritos no Seminário de São Pedro no ano de 1919	87
Quadro 2 - Inscritos no Seminário de São Pedro no ano de 1920	88
Quadro 3 - Grade Curricular do Seminário de São Pedro no período de 1919-1924.....	91
Quadro 4 - Telegramas recebidos, em 29 de fevereiro de 1944, por D. Marcolino em solidariedade pela morte de Padre Monte e divulgados no jornal <i>A Ordem</i> no dia 1 de março de 1944	141
Quadro 5 - Interventores no Rio Grande do Norte de 1930 a 1935	241
Quadro 6 - Comparativo entre o sumário da primeira edição e o sumário da segunda edição	333
Quadro 7 - Referências de Padre Monte a Medeiros e Albuquerque	396
Quadro 8 - Períodos das polêmicas de Padre Monte com os seus “adversários”	404
Quadro 9 - Referências ao Pastor Duarte na obra de Monte.	410
Quadro 10 - Polêmicas de Monte com o pastor Duarte.....	414

LISTA DE SIGLAS

ACB	Ação Católica Brasileira
ANPUH	Associação Nacional de História
ANRL	Academia Norte-Rio-Grandense de Letras
CLAP	Centro Latino-Americano de Parapsicologia
DELLEM	Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras Modernas
FEB	Federação Espírita Brasileira
FERGS	Federação Espírita do Rio Grande do Sul
FERN	Federação Espírita do Rio Grande do Norte
GT	Grupo de Trabalho
GTHRR	GT História da religião e da religiosidade
IFRN	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
IHGRN	Instituto Histórico e Geográfico do Rio do Norte
IU	Imprensa Universitária
LBA	Legião Brasileira de Assistência
NGB	Nomenclatura Gramatical Brasileira
OVS	Obra das Vocações Sacerdotais
REN	Rádio Educadora de Natal
RBHR	Revista Brasileira de História das Religiões
RCH	Rede de Pesquisa História e Catolicismo no Mundo Contemporâneo
SETRANS/RN	Secretaria de Transportes do Rio Grande do Norte
SNT	Serviço Nacional de Tuberculose
UDN	União Democrática Nacional
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UERN	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
2 TUUS SUM EGO: UM ITINERÁRIO INTELECTUAL DE PADRE MONTE	60
2.1 A família Monte	65
2.2 Da formação sacerdotal ao magistério e ao sacerdócio.....	83
2.3 A ação de Monte na Igreja Católica	106
2.4 Cruzada interrompida: a tuberculose	117
2.5 A morte de Monte: março de 1944.....	128
2.6 A morte de Monte: de 1944 a contemporaneidade.....	190
3 AD LUCEM VERSUS: PADRE MONTE POR ELE MESMO.....	234
3.1 Padre Monte, a igreja e a geopolítica.....	251
3.1.1 O liberalismo, os tratados entre as nações e os partidos políticos.....	252
3.1.2 O Operariado, o comunismo e o nazismo: aproximações e distanciamentos.....	255
3.1.3 A Maçonaria	269
3.1.4 O Rotary Club.....	278
3.2 Um homem da ciência: caminhos para consolidar a fé.....	287
3.2.1 O latim e a biologia	297
3.2.2 Escritos de padre Monte sobre biologia	306
3.2.2.1 <i>O livro fundamentos biológicos da castidade</i>	311
3.2.2.2 <i>O livro biologia</i>	331
3.3 O espiritismo na interpretação de Monte.....	342
4 UM SACERDOTE APOLOGÉTICO: A OFENSIVA CONTRA OS INIMIGOS	385
4.1 Um apologeta sem polêmica	395
4.2 Monte: o polemista disputa com seus adversários.....	403
4.2.1 As polêmicas de Monte com o pastor presbiteriano José Bezerra Duarte.....	405
4.2.2 As polêmicas de Monte com o médico Esmeraldo Homem de Siqueira.....	440
4.2.3 As polêmicas com Carlos Mateus, pastor da Igreja Batista	470
4.2.4 As polêmicas com Manuel Lourenço Branco, tenente-veterinário do Exército.....	499
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	567
REFERÊNCIAS	579
APÊNDICE A - DESLOCAMENTO DA FAMÍLIA MONTE: PE, PB E RN (1907-1917)	604
APÊNDICE B - A FAMÍLIA MONTE NO RN.....	605

APÊNDICE C - PROVÍNCIA ECLESIAÍSTICA DE NATAL.....	606
APÊNDICE D - ESPAÇOS DE ATUAÇÃO E SOCIABILIDADE.....	607
APÊNDICE E - AS VIAGENS DE PE. MONTE DE 1938 A 1941.....	608
APÊNDICE F - DESCRIÇÃO RESUMIDA DAS ANTOLOGIAS DO PADRE MONTE	609
APÊNDICE G - LEVANTAMENTO DOS ARTIGOS DE PADRE MONTE	615
APÊNDICE H - LEVANTAMENTO DAS POLÊMICAS DE PADRE MONTE	634
APÊNDICE I - LEVANTAMENTO DOS DISCURSOS DE PADRE MONTE	644
ANEXO A - LUÍS MONTE, EM SOLENIDADE NO ATHENEU NORTE-RIO- GRANDENSE NO FINAL DA DÉCADA DA 1930.....	648
ANEXO B - PLACA DE FORMATURA DOS BACHARELANDOS DE 1936, DO COLÉGIO SANTO ANTÔNIO, DO QUAL MONTE FOI O PARANINFO	649
ANEXO C - FOTO DO CORTEJO DE PADRE MONTE	650

1 INTRODUÇÃO

No exercício da sua missão evangelizadora [Pe. Monte], fez-se polemista para defender a causa sagrada da Igreja, contra as investidas insidiosas da impiedade, da incredulidade e do materialismo. A inteligência fulgurante e a cultura enciclopédica, aliadas a uma dialética invencível, corrigia erros e sofismas, expondo, com clareza, a verdadeira Verdade (NAVARRO, 2014, p. 3).

O autor desta epígrafe, o natalense Jurandyr Navarro da Costa,² está com mais de noventa anos de idade, dos quais mais de sessenta dedicados a construir uma imagem elogiosa do Padre Luiz Gonzaga do Monte, religioso católico que exerceu o sacerdócio na cidade do Natal entre 1927 e 1944. Atualmente, Navarro é professor e procurador aposentado, tendo atuado como professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), onde ministrou as disciplinas de Estudos de Problemas Brasileiros, Direito Comercial e Ciências Políticas. Profissionalmente vinculado a essas duas instituições, ele ocupou também vários cargos comissionados na UFRN (dentre os quais, o de chefe de gabinete da Reitoria) e no Governo do Rio Grande do Norte (como, por exemplo, secretário de justiça, chefe da casa civil e presidente da Fundação José Augusto).

Católico fervoroso e personagem vinculado a instituições culturais do Rio Grande do Norte, Navarro integra instituições ligadas à Igreja, como a Irmandade do Santíssimo Sacramento, e outras instituições culturais leigas, como o Instituto Histórico e Geográfico do Rio do Norte (IHGRN) e a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras (ANRL).³

Todos os atributos aqui apresentados sobre Jurandyr Navarro evidenciam sua presença em vários espaços da sociedade natalense. É a partir desta presença que se compreende a relação que Navarro mantém com Monte, explicitada na descrição que faz dele na passagem que selecionamos para ser a epígrafe desta Introdução.

O contato de Navarro com a obra de Monte⁴ ocorreu na década de 1950, poucos anos depois da morte desse religioso. Naquela ocasião, Navarro tinha por volta de vinte anos de idade e cursava a Faculdade de Direito em Recife. Ele encontrou, durante as férias em Natal, uma

² Esse autor assina seus textos e gosta de ser chamado simplesmente de Jurandyr Navarro. Portanto, ao longo deste texto, a ele nos referiremos como Jurandyr Navarro ou Navarro.

³ A Academia Norte-Rio-Grandense de Letras foi fundada em 14 de novembro de 1936, com sede em Natal-RN, por um grupo de intelectuais, tendo à frente Luís da Câmara Cascudo. Composta inicialmente por 25 acadêmicos, essa instituição cultural realizou sua primeira sessão a 14 de novembro, numa das salas do Instituto de Música do Rio Grande do Norte. Naquela ocasião, elegeu-se a diretoria, cabendo a presidência ao poeta e escritor Henrique Castriciano. A Reforma estatutária, de 1948, aumentou o número de acadêmicos para trinta. Mais tarde, em 1957, chegou a quarenta. (ANRL, 2016).

⁴ Por ter sido aluno do Colégio Marista quando criança, Navarro teve contatos com Monte em vários momentos. Todavia, não se recorda de sua fisionomia. Foi somente na idade adulta, a partir da leitura da biografia escrita por Paiva, que seu interesse por Monte se manifestou.

biografia sobre Monte, escrita pelo Cônego norte-rio-grandense Jorge O'Grady de Paiva. A partir desse momento, ficou encantado com esse personagem e passou a reverenciar o Padre Monte.

A epígrafe da Introdução deixa entrever a imagem que, após a morte do Padre Luiz Gonzaga do Monte, o próprio Navarro e outros norte-rio-grandenses, entre os quais Luís da Câmara Cascudo⁵ e o Cônego Jorge O'Grady, construíram sobre o religioso. Nela, Navarro evidencia quatro aspectos da vida de Monte que, segundo ele, merecem ser elogiados: a missão de evangelização que desenvolveu, a partir de um dom divino que Monte trouxe consigo do nascimento, sua capacidade de polemizar publicamente com personagens que atacavam a Igreja, sua inteligência brilhante e sua cultura enciclopédica.

Foi a estas imagens elogiosas de Monte que tive acesso no já distante ano de 2008, quando, após o primeiro ano do mestrado em História na Unisinos, cursado em 2007, retornei para Natal, com o objetivo de retomar a pesquisa em arquivos e concluir a dissertação. Naquela ocasião, eu me dedicava a uma pesquisa sobre Câmara Cascudo, explorando particularmente a sua condição de historiador católico. Como parte considerável das minhas fontes estava no IHGRN, eu frequentava habitualmente aquela instituição.

Naquele momento, Jurandyr Navarro era o vice-presidente do IHGRN, o que despertou nele o interesse pela minha pesquisa. Em muitas das conversas que tivemos, passou a me narrar histórias relacionadas ao catolicismo norte-rio-grandense, e, certo dia, indagou-me: “você conhece a história de Padre Monte?” Eu respondi que sabia pouco sobre esse padre, que tinha visto o seu nome designando salas no Seminário de São Pedro e em outras instituições culturais, que conhecia duas escolas públicas de Natal que levavam o seu nome e sabia ser ele irmão de Dom Nivaldo Monte, que havia sido Arcebispo da Arquidiocese de Natal. Disse ainda que já havia visto fotografias dele na ANRL e no IHGRN, tanto expostas nas paredes, quanto arquivadas na documentação institucional.

⁵ Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) é tido como o mais renomado intelectual norte-rio-grandense. Autor de inúmeras obras com repercussão nacional e internacional sobre folclore, cultura popular e história, Cascudo tornou-se uma voz decisiva na definição de quem poderia ser considerado um intelectual no Rio Grande do Norte.

Diante da minha resposta, Navarro⁶ afirmou:

[...] eu vou lhe trazer documentos para você conhecer esse homem excepcional. Um gênio na ciência e um santo na religião. Um homem que com maestria uniu fé e ciência. Um intelectual que transitava em várias áreas do saber e religioso que sabia conduzir de maneira eficiente as ovelhas do seu rebanho.

Depois desse dia, Navarro passou a me trazer livros e recortes de jornais, alguns dos quais li e tomei como base para anotações, na medida em que revelavam a relação de Monte com Câmara Cascudo, que era, na ocasião, o meu objeto de estudo.

Quando concluí o meu mestrado, decidi me dedicar à minha carreira docente. Inicialmente, ministrei aulas em instituições privadas de ensino médio e de ensino superior na cidade do Natal e em outras cidades do Rio Grande do Norte. Posteriormente, em razão de aprovação em concurso público, tornei-me professora de História no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). A decisão de tornar-me professora esteve diretamente associada ao meu desejo de amadurecer intelectualmente a partir das discussões que a sala de aula propicia e, ao mesmo tempo, debater com um público mais amplo as discussões acadêmicas que eu tinha acumulado na graduação e no mestrado. Posso afirmar que a docência foi um espaço de continuidade da vida acadêmica e, nos meus programas de ensino, procuro sempre inserir a temática da religiosidade e os personagens que eu havia estudado. Além disso, paralelamente, eu continuei pesquisando o catolicismo no Rio Grande do Norte e procurando saciar a minha curiosidade sobre a trajetória de Padre Monte e a minha perplexidade diante da imagem extremamente positiva que ele desfrutava em instituições religiosas e leigas do Rio Grande do Norte. Foi essa percepção que me levou a indagar e a procurar compreender como esse personagem havia conseguido se consolidar dessa forma no seio da sociedade natalense.

Paralelamente ao mapeamento que realizava sobre os escritos de Monte, procurei trabalhos acadêmicos que pudessem fundamentar e dialogar com a minha proposta de trabalho. Minha meta era identificar o que já havia sido produzido sobre padres intelectuais, sobre religiosidade e sobre a história do catolicismo, a fim de melhor delimitar a pesquisa e de identificar sua originalidade. Obviamente, eu fui favorecida nesta tarefa, por ter concluído um

⁶ Entrevista com Jurandyr Navarro concedida a Bruna Rafaela de Lima Lopes, na sala de reuniões do IHGRN, em Natal, no dia 26 de junho de 2008. Transformei a conversa inicial que tive com Jurandyr Navarro em uma entrevista. Não se tratou de uma entrevista planejada. Durante a minha conversa, fui anotando o que ele dizia sobre Padre Monte e, posteriormente, solicitei a autorização para usar a transcrição de nossa conversa neste trabalho. A partir da conversa, formulei, por escrito, algumas questões para que ele me respondesse posteriormente, também por escrito.

mestrado que discutiu o catolicismo no Rio Grande do Norte, o que não me impediu de ter a clareza de que a minha tese não estava restrita a um campo específico da História. Nesses termos, considereei que o meu problema de investigação se encontrava no cruzamento de diferentes campos, o que me obrigou a procurar trabalhos que tratassem de religiosidade, catolicismo, pensamento intelectual e trajetórias.

Ao mapear os espaços de discussão da religiosidade, constatei que essa temática é bastante profícua no meio acadêmico brasileiro, o que pode ser constatado na existência de grupos de pesquisa⁷ e entidades⁸ que se dedicam ao tema, reunindo pesquisadores e/ou promovendo debates, podendo-se também afirmar que a religiosidade está presente em vários campos, tais como Ciências da Religião, Antropologia, Sociologia e História. Essa multiplicidade de campos do conhecimento que se interessam pelo tema tem instigado o debate interdisciplinar, ao qual os historiadores têm dado contribuição importante.

Entretanto, destaco que há discussões específicas no campo da História sobre a religiosidade que se vinculam a este trabalho. Nesse sentido, ressalto que a Associação Nacional de História (ANPUH) possui um Grupo de Trabalho (GT) que se dedica a este tema: o *GT História da religião e da religiosidade* (GTHRR).⁹ Esse GT produz, desde 2008, um periódico científico, intitulado *Revista Brasileira de História das Religiões* (RBHR), que publica, entre outros textos, artigos científicos e de atualização teórico-metodológica.

No tocante ao catolicismo, a *Rede de Pesquisa História e Catolicismo no Mundo Contemporâneo* (RCH)¹⁰ tem se constituído como um dos importantes espaços para a discussão sobre o tema. Essa Rede foi criada oficialmente em 2015 e se constitui em espaço de debates e trocas de experiências e produções acadêmicas entre pesquisadores e grupos de pesquisas. A Rede propõe-se a ser uma referência na área de história do catolicismo, dedicando-se a três temáticas básicas: relações entre catolicismo e política no mundo contemporâneo; interações entre perspectivas teórico-metodológicas e análises empíricas nos estudos sobre o catolicismo;

⁷ Existem vários grupos de pesquisa ligados à religiosidade, sendo que muitos deles estão vinculados a Programas de pós-graduação da área de Ciências da Região. Esse é o caso do Grupo de Pesquisa Religiões, Identidades e Diálogos, da Universidade Católica de Pernambuco.

⁸ Entre as entidades dedicadas à história da religião, pode-se citar a *Associação Brasileira de História das Religiões* (ABHR). Essa entidade promove encontros nacionais a cada dois anos, e estimula tanto a realização de estudos sobre a religiosidade em atividades de ensino, pesquisa e extensão, quanto o intercâmbio entre pesquisadores.

⁹ O *GT História da religião e da religiosidade* foi fundado em 2003 e tem realizado regularmente encontros nacionais e regionais.

¹⁰ A *Rede de Pesquisa História e Catolicismo no Mundo Contemporâneo* (RCH) é liderada pelos professores Cândido Rodrigues, Renato Amado Peixoto, Rodrigo Coppe Caldeira e pela professora Gizele Zanotto.

e, finalmente, articulações entre religião, tradição e modernidade, a partir de uma discussão interdisciplinar que envolve História, Ciências Sociais e Ciências da Religião.¹¹

Postas essas considerações, fica evidente que a discussão sobre religiosidade e catolicismo tem propiciado a consolidação de espaços de pesquisa. Todavia, justamente por ser este um campo muito amplo, eu precisei mapear os trabalhos existentes na área tanto nos grupos supracitados, quanto nos repositórios de diversas universidades que pudessem ajudar na definição do meu problema, o qual seria construído em torno de Padre Monte.

Sendo assim, procurei estudos que tivessem escolhido Monte como objeto de investigação e não encontrei nenhuma referência acadêmica sobre esse religioso. Fiquei surpresa com essa constatação, tendo em vista que, pelo menos no Rio Grande do Norte, Monte é bastante conhecido. Nas minhas buscas por informações sobre ele, por exemplo, encontrei-o sendo reverenciado em várias entidades religiosas e leigas na cidade. Nessas entidades, Monte é apresentado como um intelectual que se manifestava publicamente sobre assuntos que extrapolavam os textos bíblicos. Eu cogitei que a atuação de Monte poderia ter sido tema de um trabalho de âmbito nacional, na medida em que sua trajetória permite esclarecer diferentes aspectos da história do catolicismo no Brasil. Entretanto, chamou-me a atenção o fato de ele não ter sido objeto de investigações sequer no âmbito local.

Em razão de não ter encontrado trabalhos acadêmicos específicos sobre Monte, passei a mapear trabalhos relacionados à Igreja Católica no período em que ele foi seminarista e de seu ingresso no sacerdócio. Considerando que ele estudou no Seminário de São Pedro entre 1919 e 1927, procurei compreender o que se vivenciava na Igreja Católica nesse período. Em minhas pesquisas, localizei a informação de que a partir de dezembro de 1922, com a publicação da Encíclica *Ubi arcano Dei*, assinada pelo Papa Pio XI, a Igreja passou a organizar a formação do apostolado leigo, com o intuito de combater o materialismo e outras concepções filosóficas e teológicas que ameaçavam o poder da Igreja. É nesse contexto que Pio XI determinou a instalação da *Ação Católica*, movimento com ramificação em vários países do mundo e cuja missão era tornar os leigos evangelizadores. Nessa perspectiva, considerei importante o fato de que boa parte da formação de Monte e toda a sua ação sacerdotal terem ocorrido em um momento de expansão da *Ação Católica*. De posse dessa informação, procurei pelas possíveis vinculações de Monte com esse movimento e descobri que ele havia sido o primeiro dirigente da *Ação Católica* no Rio Grande do Norte.

¹¹ As informações sobre a *Rede de Pesquisa História e Catolicismo no Mundo Contemporâneo* foram retiradas de: (REDE DE PESQUISA HISTÓRIA E CATOLICISMO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO - RCH, 2015).

Considerando essa associação da *Ação Católica* com a formação sacerdotal de Monte, passei a me debruçar sobre trabalhos que discutissem esse movimento. Durante esta busca, encontrei as reflexões de Antonio Gramsci (1891-1937) sobre a *Ação Católica* na Itália – que provavelmente foram as primeiras reflexões sobre esse movimento –, nas quais ele discute o perfil histórico e político desse movimento.¹² Segundo Gramsci, a *Ação Católica* não era uma homogeneidade, uma vez que os intelectuais nela envolvidos tinham filiações diferentes, na medida em que eram jesuítas, modernistas e integristas.

As reflexões de Gramsci estão contidas destacadamente nos *Cadernos do Cárcere*,¹³ em especial no volume XX e com menor destaque nos volumes V e VI, embora tenha discutido essa temática desde a sua juventude. Para Gramsci, a *Ação Católica* é um conjunto de movimentos criados pela Igreja Católica em vista de ampliar a influência da instituição na sociedade por meio da inclusão de setores específicos do laicato, do fortalecimento da fé religiosa e da doutrina social da Igreja.

No trabalho desse sociólogo, fica explicitada a associação da *Ação Católica* com a Neocristandade, diretriz adotada pela Igreja Católica a partir da assinatura, pelo Papa Leão XIII, da Encíclica *Rerum Novarum*, em 1891, segundo a qual se fazia necessária a aproximação do catolicismo com setores da sociedade, entre eles o proletariado, que, historicamente, não era prioridade das ações da Igreja. Feita essa associação, percebi a *Ação Católica* como uma das estratégias empregadas pela Igreja para a concretização dos princípios da Neocristandade. Este era um momento em que a Igreja havia percebido que não tinha influência universal e, em razão disso, procurou se vincular explicitamente a determinados grupos. É nessa perspectiva que a Igreja criou ou se associou a partidos políticos e passou a atuar junto a sindicatos e a outras entidades similares.

Semelhantemente ao que Gramsci identificou na Itália quanto à importância dos intelectuais, sobretudo dos leigos, na Neocristandade como um todo, e na *Ação Católica*, em particular, pode-se afirmar que esses sujeitos também tiveram participação decisiva na Igreja Católica brasileira. Essa atuação dos intelectuais na Igreja estava relacionada com a forma como esse grupo, preponderantemente a partir da década de 1930, passou a ocupar lugar de destaque na estrutura burocrática do Estado, no mercado editorial e na própria sociedade. Essas novas

¹² Na obra *Dicionário Gramsciano: 1926-1937*, organizado por Guido Liguori e Pasquale Voza, há um verbete dedicado exclusivamente à *Ação Católica*. O verbete condensa as principais reflexões de Gramsci sobre esse movimento na Itália.

¹³ Os *Cadernos do Cárcere* se referem a 29 cadernos do tipo escolar, escritos por Antônio Gramsci, no período em que ele esteve na prisão, entre 1926 e 1937. Vale lembrar que estes cadernos se iniciaram somente em 1929, quando Gramsci recebeu autorização para escrever. A primeira edição foi publicada logo após a Segunda Guerra Mundial e, em 1975, foi lançada a primeira edição crítica, organizada por Valentino Gerratana.

posições conquistadas pelos intelectuais garantiram-lhes poder e prestígio, e, não é por acaso, que Gustavo Capanema seria ministro da Educação a partir de 1934. Muitos desses intelectuais tinham forte ligação com a Igreja e estabeleciam relações entre fé, ciência e arte. É nessa conjuntura que os intelectuais católicos vão sendo "convocados" a debater, a partir de princípios da Igreja, temas dos mais diversos, como educação, cinema, costumes e literatura.

A leitura dos trabalhos de Gramsci e daqueles que enfocam a atuação de Monte na *Ação Católica* inspirou-me a procurar estudos que melhor explicitassem o significado desse movimento no Brasil, de forma geral, e no Rio Grande do Norte, em particular. Ao mesmo tempo, busquei entender as relações estabelecidas por esse movimento com os intelectuais católicos leigos, pertencentes a outros movimentos, como o Integralismo, por exemplo. Encontrei aí uma pista importante para investigar as possíveis relações de Monte com intelectuais católicos norte-rio-grandenses, como Câmara Cascudo, Manoel Rodrigues de Melo e Jurandyr Navarro. Dentre os trabalhos que analisam a *Ação Católica* no Brasil, sob a perspectiva gramsciana, posso citar a tese de Guilherme Ramalho Arduini (2014) e o artigo de Christiane Jalles de Paula (2012).

O trabalho de Guilherme Ramalho Arduini discute as formas de recrutamento e de atuação na cena política e intelectual brasileira do Centro Dom Vital, entidade católica que agregava profissionais liberais e universitários, com sede no Rio de Janeiro, com ramificações em várias cidades, principalmente, no Nordeste e em Minas Gerais. O estudo está delimitado temporalmente entre 1922 (ano de fundação do Centro Dom Vital e lançamento do primeiro livro de Alceu Amoroso Lima, um dos fundadores do Centro) e 1948 (ano da morte do Padre Leonel França, diretor espiritual da referida Instituição, o que provocou o esvaziamento desta). O trabalho demonstra que o Centro Dom Vital foi essencial no período da recatolização, pois essa entidade deu suporte intelectual para o catolicismo, ao publicar dezenas de livros, editar uma revista mensal (*A Ordem*) e contribuir na configuração de políticas governamentais ligadas à educação e ao trabalho. A tese de Guilherme Arduini apresenta um cenário importante sobre a discussão da *Ação Católica* no Brasil e permite situar o momento vivenciado pela Igreja no Nordeste, quando Monte estudou e atuou como sacerdote.

O artigo de Christiane Jalles de Paula analisa crônicas escritas pelo intelectual leigo Jackson de Figueiredo, tentando captar como esse autor justificava o seu engajamento na política por ser um católico. Segundo a autora, Jackson de Figueiredo envolveu-se na política por acreditar que os católicos precisavam ser orientados politicamente por uma voz católica. O trabalho de Christiane de Paula também se utiliza das referências de Gramsci sobre a *Ação Católica* na Itália e, a partir dessas referências, faz uma discussão do tema no Brasil.

Diferente de Arduini, que analisa uma instituição – o Centro Dom Vital –, o trabalho de Christiane de Paula analisa um personagem – Jackson de Figueiredo. Ambos têm seu foco na *Ação Católica* e permitem balizar historicamente a atuação de Monte e de outros intelectuais leigos. Chama a atenção o fato de que Monte desponta nesse cenário como um religioso profundamente envolvido no meio intelectual e na *Ação Católica*. No caso do Rio Grande do Norte, o grande expoente da *Ação Católica* é Monte, que não é um intelectual leigo.

A partir da identificação que os intelectuais atuavam na Igreja Católica, procurei estudos que me permitissem entender o papel da intelectualidade em diferentes momentos da sociedade brasileira. Com o intuito de entender como os intelectuais se relacionavam com diferentes esferas do poder, busquei obras que me dessem subsídios para essa relação. Encontrei esta discussão no trabalho de Sergio Miceli, intitulado *Intelectuais e classes dirigentes no Brasil (1920-1945)*, produzido em Paris sob orientação de Pierre Bourdieu e que, posteriormente, no ano de 1979, foi apresentado como tese de doutorado na Universidade de São Paulo.

Nesse trabalho, Miceli afirma que analisar as relações entre intelectuais e classes dirigentes é primordial para a compreensão das posições assumidas pelos intelectuais na sociedade, tanto no setor público quanto no setor privado, entre os anos de 1920 e 1945. O autor demonstra que, apesar de esses intelectuais se apresentarem como isentos para analisar a sociedade, eles estavam fortemente atrelados ao poder. Para reforçar a sua argumentação, Miceli analisa a ação de alguns intelectuais de destaque na sociedade brasileira, mostrando a vinculação deles às classes dirigentes e introduzindo duas grandes inovações. A primeira delas é que ele demonstra que os intelectuais não são politicamente neutros, e que, portanto, não há como se falar num “campo intelectual” autônomo, uma vez que há vínculos entre os intelectuais e as classes dirigentes. A segunda, de ordem metodológica, diz respeito ao trabalho prosopográfico que ele realizou com alguns grupos de intelectuais. Aliando essas duas inovações, Miceli demonstrou que a atividade intelectual desenvolvida no período por ele estudado era exercida paralelamente a outra atividade profissional dos indivíduos, fato primordialmente observado por ele entre os romancistas.

Sendo assim, Miceli analisa as relações entre intelectuais e poder político e aprofunda discussões sobre o público e o privado discutidas anteriormente por outros autores como Sérgio Buarque de Hollanda, Florestan Fernandes e Gilberto Freyre. Essa discussão sobre a indistinção entre o público e o privado e a demonstração de que, em razão dessa indistinção, os intelectuais estavam diretamente associados a grupos políticos possibilita analisar Monte no exercício de suas atividades intelectuais. À luz das reflexões de Miceli, pode-se perceber que Monte

desenvolvia uma série de atividades além das propriamente intelectuais e que através delas mantinha fortes vínculos com os grupos dirigentes locais.

Além deste trabalho de Miceli, procurei outros estudos, mais contemporâneos, que percebessem a atuação dos intelectuais de forma mais ampla do que como meros instrumentos a serviço das classes dominantes, dentre os quais destaco os de Jean-François Sirinelli,¹⁴ que trazem contribuições significativas para o estudo de instituições e intelectuais, analisados a partir do conceito de cultura política. Ao estudar os intelectuais, Sirinelli baseia-se nas noções de geração, sociabilidade e rede, articulando a atividade intelectual à cultura de uma época. Em seus trabalhos, ele se dedica a entender o que faz com que os intelectuais franceses se congreguem e, ao mesmo tempo, sigam itinerários distintos, na medida em que está preocupado, sobretudo, em entender como as ideias dos intelectuais circulam ou não em uma dada sociedade.

A partir de Sirinelli, é possível perceber que os trabalhos sobre intelectuais podem ter uma dimensão bem mais ampla do que as propostas por Sergio Miceli. Na interpretação de Miceli, os intelectuais estavam sempre atrelados às elites dirigentes, enquanto, para Sirinelli, essa relação não é mecânica e está diretamente relacionada a uma cultura. Nesta perspectiva, quando se analisa um grupo ou um intelectual individualmente não se busca apenas a sua relação com o Estado, mas a circulação das suas ideias na sociedade como um todo.

A discussão feita por Sirinelli nos ajuda a perceber que, para estudar Monte, é necessário buscar, por um lado, como se constituíram os seus vínculos intelectuais e, por outro, quais os caminhos que, em alguma medida, foram definidos por ele mesmo. A partir dessa perspectiva de análise, percebi que, para entender a ação intelectual de Monte, era necessário analisar os grupos com os quais ele se relacionava, buscando compreender a atuação de Monte em cada um deles.

No Brasil, os estudos de Sirinelli têm sido utilizados por pesquisadores que estudam intelectuais e catolicismo. Este é o caso, por exemplo, do trabalho de Giovane José da Silva, intitulado *O Batismo de Clio: catolicismo, ensino de História e novas mídias em Jonathas Serrano (1908-1944)* (SILVA, 2011). O autor analisa a vida e a obra do professor e autor de manuais didáticos Jonathas Serrano, com o objetivo de analisar as relações desse personagem com a criação e a divulgação de uma história pátria, católica e republicana. As reflexões de Giovane da Silva seguem as trilhas de Sirinelli, uma vez que estuda Jonathas Serrano como um mediador cultural, utilizando as noções de rede, sociabilidade, trajetórias, geração e cultura política.

¹⁴ Há vários textos desse autor que permitem explicitar o seu pensamento. Dentre eles, destaco Sirinelli (1998; 2003; 2014).

Na UNISINOS, especificamente, existem trabalhos que têm se concentrado na trajetória de intelectuais, como é o caso da dissertação de Vinicius Furquim de Almeida, intitulada *Das prateleiras da Alcidiana: os livros, a leitura e a escrita na trajetória intelectual de Alcides Cruz* (ALMEIDA, 2018), que objetiva refletir sobre como a biblioteca do advogado e professor negro Alcides de Freitas Cruz, que viveu entre o final do século XIX e o início do século XX, contribuiu para a formação intelectual desse personagem. Almeida utiliza-se dos conceitos de *intelectual* e *homem de letras*, recorrendo a Giselle Venâncio, Rebeca Gontijo, Daniel Pécaut e Sergio Miceli e, ainda, a Christophe Charle e Jean-François Sirinelli para a análise pretendida. Lamentavelmente, não tive acesso à biblioteca privada de Monte, o que, no entanto, não me impediu de perceber quais as influências que sofreu ao longo de sua formação e atuação como sacerdote.

O pensamento intelectual também foi tema de trabalhos acadêmicos no Rio Grande do Norte, espaço em que Monte viveu. Esse é o caso da dissertação de mestrado de Maiara Juliana Gonçalves da Silva, intitulada *"Em cada esquina um poeta, em cada rua um jornal": a vida intelectual natalense (1889-1930)*. Nela, a autora discute as dificuldades, as disputas, os desafios, as trocas, as sociabilidades vivenciadas pelos intelectuais natalenses, sobretudo, os literatos, durante a Primeira República. No texto, a autora defende três ideias básicas: em Natal, a existência de um “campo intelectual” só ocorreu após a Proclamação da República; existiam redes de sociabilidade que davam maior visibilidade ao trabalho dos intelectuais; os intelectuais organizavam-se a partir de uma cultura existente na cidade. Na dissertação, a autora mapeia os autores, seus pensamentos e suas obras, bem como os lugares em que essa intelectualidade se expressava, trazendo indicações importantes para a compreensão de alguns dos espaços de sociabilidade dos intelectuais natalenses vivenciados por Monte, embora privilegie espaços frequentados por intelectuais leigos. No caso de Monte, a discussão é mais complexa, por tratar-se de um religioso que estabelece relações intelectuais com leigos e também é professor em escola leiga, o que aumenta a complexidade da questão.¹⁵

Localizei, também, discussões específicas sobre o catolicismo no Rio Grande do Norte, dentre as quais destaco os trabalhos produzidos e orientados pelo professor Renato Amado Peixoto e a minha dissertação de mestrado sobre Luís da Câmara Cascudo, já mencionada anteriormente.

¹⁵ Dessa forma, o trabalho de Maiara Silva pode servir apenas parcialmente para o debate sobre a atuação de Monte nesses círculos letrados. Há peculiaridades nas relações entre os intelectuais religiosos e os intelectuais leigos, que não são abordadas pelo trabalho dessa autora.

O professor Renato Amado Peixoto tem produzido artigos e orientado trabalhos de graduação e de mestrado com temas ligados ao catolicismo e à política, sobretudo, no Rio Grande do Norte, enfatizando, temporalmente, os séculos XIX e XX. Seus estudos discutem o conservadorismo, o reacionarismo e o fascismo presentes na religião católica e expressos nas ações de padres e de periódicos da Igreja. Entre seus trabalhos, pode-se citar o artigo "*Creio no espírito cristão e nacionalista do Sigma*": *Integralismo e Catolicismo nos escritos de Gustavo Barroso, Padre J. Cabral e Câmara Cascudo* (PEIXOTO, 2015a) e o texto *Verdadeira Barbárie: Paulo Herôncio e a escrita de Os Holandeses no Rio Grande*, que foi publicado como texto de apresentação à segunda edição do livro *Os Holandeses no Rio Grande do Norte* (PEIXOTO, 2015b). No primeiro desses textos, Renato Amado Peixoto analisa a relação entre o Integralismo de Gustavo Barroso (1888-1959) e o pensamento radical católico expresso pelo Padre José Maria Lustosa Cabral (1897-1959) e por Luís da Câmara Cascudo (1898-1986). No segundo texto, Renato Amado Peixoto apresenta a principal obra de Padre Herôncio de Melo (1901-1963), discutindo os elementos presentes na obra desse padre e que foram utilizados na construção de uma identidade católica norte-rio-grandense. Na visão de Peixoto, essa identidade foi construída a partir do anticomunismo. Os textos de Renato Amado Peixoto analisam o catolicismo em uma relação de oposição ao comunismo e com ênfase no conservadorismo. Adianto que, apesar de considerá-los uma contribuição importante para os estudos do catolicismo, não pretendo discutir a trajetória de Padre Monte a partir dessa perspectiva, uma vez que minha pretensão é a de vislumbrar a cultura política que possibilitou a ação intelectual de Monte.

Dentre os trabalhos orientados pelo professor Renato Amado Peixoto, destaco a dissertação de Patrícia Wanessa de Moraes, intitulada *As colunas da Ordem: imprensa, identidade e atuação política da Igreja Católica norte-rio-grandense (1935-1936)*. No texto, a autora analisa o papel do jornal *A Ordem*, órgão oficial da então Diocese de Natal, na construção de uma identidade católica norte-rio-grandense, discutindo a ampliação dos quadros da Igreja no Estado. Não existe, no entanto, por parte da autora, a preocupação em discutir a cultura política que permitiu essa expansão da Igreja.

Em minha dissertação de mestrado, apresentei as múltiplas faces de Câmara Cascudo, reconstituindo-as desde sua vida no ambiente familiar, a formação escolar e acadêmica, a atuação como jornalista, professor, folclorista e antropólogo, sendo que o objetivo central foi o de discutir sua formação e atuação como historiador católico. Procurei também apresentar Cascudo como alguém que construiu uma representação de si como historiador e detentor do saber da cultura popular. Nessa perspectiva, Cascudo não queria apenas ser conhecido como

alguém possuidor de saberes de vários campos do conhecimento, mas, sobretudo, como historiador, que se constituiu a partir de posições sociais e políticas fortemente influenciadas pelo catolicismo. Nesses termos, demonstrei como Cascudo se construiu e foi construído como historiador católico a partir de uma série de relações culturais.

Ao realizar o mapeamento de trabalhos sobre a *Ação Católica*, a Neocristandade, os intelectuais, o catolicismo, a relação entre intelectuais e Igreja, constatei que não existem trabalhos acadêmicos que discutem as razões para que um religioso, no caso, Padre Monte, tivesse sido santificado, por leigos e religiosos de uma dada sociedade, a partir do que estes consideravam ser seus dons espetaculares em termos de saber científico e de ação religiosa.

Foi, também, durante a realização desse levantamento que percebi que Monte não era uma unanimidade em Natal. Encontrei quatro pessoas contemporâneas a Monte e que se opuseram abertamente às suas ideias: o médico Esmeraldo Siqueira, o tenente do exército Lourenço Branco, o pastor evangélico presbiteriano José Duarte e o pastor Batista Carlos Mateus. Essas quatro pessoas escreveram artigos em jornais e boletins, contrapondo-se ou polemizando com Monte. Provavelmente, outras pessoas também questionaram ideias e posições assumidas por esse religioso, mas, infelizmente, não localizamos vestígios dessas manifestações de contrariedade. Nas investigações que realizei, não encontrei outros críticos de Monte nem durante a sua vida, nem após a sua morte, sendo que as posições assumidas por seus críticos são praticamente silenciadas na historiografia natalense e pelos fiéis católicos. Em razão disso, impôs-se entre os grupos religiosos e leigos um pensamento unívoco sobre Monte, que o percebe como um ser perfeito, porque santo e sábio.

Paralelamente à revisão bibliográfica, dei início ao levantamento de textos escritos por e sobre Monte, além do material indicado por Jurandyr Navarro, e cuja leitura me provocou uma série de questionamentos: Qual a imagem sobre Monte que foi construída pela historiografia local? Quem participou e quais as circunstâncias que favoreceram essa construção? Como a trajetória de vida de Monte favoreceu a consolidação de sua imagem como um homem que possuía inúmeras virtudes? E foi a partir desses questionamentos que defini a pergunta norteadora da presente tese: Como e por que se criou a imagem de Monte como o maior intelectual clérigo conhecido até então?¹⁶

Para respondê-la, formulei os seguintes objetivos, que se articulam com a questão principal: analisar as ações de Monte que favoreceram o seu reconhecimento como um

¹⁶ É importante destacar que os admiradores de Monte o consideravam o maior intelectual católico e não exclusivamente do Rio Grande do Norte. Para eles, Monte não tinha conseguido repercussão internacional em razão da sua opção por viver em Natal.

intelectual prestigiado entre os leigos e o clero; compreender as relações entre as vidas sacerdotal, familiar e profissional de Monte; identificar marcas da personalidade e da ação de Monte que foram incorporadas pela sociedade natalense para delinear o seu perfil de sacerdote e de intelectual; compreender como Monte se portou na qualidade de “porta voz” da Igreja e da ciência; identificar quais indivíduos e instituições, durante a vida de Monte e após a sua morte, atuaram para fixar uma imagem dele como cientista e religioso de qualidade inigualável; analisar as redes construídas para que a imagem de Monte se consolidasse; analisar como Monte atuava nas instituições católicas e nas instituições leigas. É sob essa perspectiva, a de compreender um personagem no mundo em que ele viveu, que me debruço sobre a trajetória intelectual do Padre Monte.

Mas quem foi Luiz Gonzaga do Monte, o personagem central da tese e cuja trajetória está vinculada à história da Igreja Católica no estado do Rio Grande do Norte e à história da ANRL? Luiz Gonzaga do Monte viveu praticamente toda a sua vida na cidade do Natal. Ele chegou à cidade, com sua família, em 1917, quando tinha apenas doze anos de idade, e nela permaneceu até 1944, ano de sua morte. Ingressou no Seminário de São Pedro,¹⁷ em 1919. Nessa instituição, Monte realizou os estudos sacerdotais, tendo sido ordenado padre em 1927 e, Cônego, em 1941. Apesar de ter vivido em Natal¹⁸ dos doze anos de idade até a sua morte, Monte tem sido apresentado por seus biógrafos,¹⁹ estudiosos²⁰ e admiradores,²¹ como um religioso possuidor de uma cultura universal, o que possibilitava que mantivesse um diálogo

¹⁷ O Seminário de São Pedro foi fundado oficialmente em 15 de fevereiro de 1919, pelo segundo bispo de Natal, Dom Antônio dos Santos Cabral. A criação do Seminário retomava a iniciativa que ocorrera em 1912, quando o primeiro bispo de Natal, Dom Joaquim Antônio de Almeida, fundou o “Seminário Diocesano”. Esta primeira experiência logrou êxito até 1916, quando foi fechado o Seminário. O fechamento ocorreu no contexto da vacância pela qual a Diocese passou, quando Dom Joaquim, por motivo de enfermidade, renunciou à Diocese. A primeira turma do Seminário de São Pedro contava com doze alunos, sendo que Luiz Monte fez parte dela. (ARQUIDIOCESE (Natal), 2016).

¹⁸ Monte desenvolveu toda a sua ação sacerdotal em Natal e nunca foi transferido para outra Diocese. Suas viagens para outras cidades, como o Rio de Janeiro e Recife, eram pontuais e sempre tinham objetivos específicos.

¹⁹ Entre os biógrafos de Monte, destaca-se o Cônego Jorge O’Grady Paiva. Vale ressaltar que, nos trabalhos que antecederam a esta tese, todos os biógrafos de Monte foram também seus admiradores. Pode-se afirmar que as biografias sobre o religioso floresceram em razão da admiração que os seus biógrafos nutriam por ele. É importante destacar que este não é o objetivo da presente tese, que pretende “devolver” Monte ao contexto em que ele viveu.

²⁰ Os estudiosos de Monte, em geral, foram também colecionadores dos escritos que ele produziu e dos escritos que outros escreveram sobre ele. Entre os estudiosos de Monte destaca-se o historiador e folclorista Luís da Câmara Cascudo e, sobretudo, o professor Jurandyr Navarro. Os estudiosos/colecionadores da obra de Monte também eram seus admiradores.

²¹ Muitos foram apenas admiradores de Monte. Eles não escreveram nada sobre o religioso, mas quando se referem ao religioso, narram episódios nos quais Monte se comportava como um gênio, um homem com uma capacidade espetacular para estudar e escrever sobre qualquer tema ligado à fé e à ciência. Dentre seus admiradores, pode-se citar o Monsenhor João Penha Filho (que morreu em 2011) e Dom Heitor de Araújo Sales, Arcebispo emérito de Natal. Monsenhor Penha e Dom Heitor foram alunos de Monte no Seminário de São Pedro. Para efeito deste trabalho, a referência aos admiradores em vários momentos do texto subentende a inclusão neste grupo dos estudiosos e dos biógrafos de Monte.

contínuo com a produção intelectual e científica daquele momento em diferentes lugares do mundo. Os admiradores de Monte ainda advogam que ele, por ter aprendido vários idiomas sem o auxílio de professores, estava sempre sintonizado com as discussões internacionais.

A admiração de intelectuais norte-rio-grandenses por Monte é um indício de que este religioso desfrutou da admiração e exerceu grande influência na sociedade natalense, tanto sobre indivíduos quanto sobre instituições leigas e clericais. Nesse sentido, pode-se citar o discurso proferido por Câmara Cascudo, no Cemitério do Alecrim, em Natal, durante o sepultamento do religioso, no ano de 1944. No discurso, Cascudo afirmou que a história de vida e a obra do Padre Monte não poderiam ser relegadas ao esquecimento.

Essa afirmação evidencia o interesse que Cascudo tinha em manter viva a história de vida e a imagem de Monte. Estaria ele interessado em preservar a vastidão de conhecimentos que um homem poderia adquirir a partir da prática da leitura de livros de temas bastante diversos (religiosos, filosóficos, científicos e literários)? Ou seu interesse se concentraria na atuação de Monte como professor de várias disciplinas no Seminário de São Pedro e em várias escolas de Natal? Ou estaria na atuação de Monte junto aos grupos religiosos e entidades leigas? Ou, então, nas pesquisas desenvolvidas por Monte na área de mineralogia? Ou na descoberta de temas inspiradores que seriam abordados por Cascudo em artigos encaminhados para jornais do Rio Grande do Norte? Ou na produção intelectual de Monte, que versa sobre temas bastante diversificados? Ou, então, nas reflexões de Monte sobre as Ciências ditas exatas, especialmente a Física? Estaria seu interesse motivado para a preservação do conjunto da obra de Monte? Ou o interesse de Cascudo residia no apreço pelos valores vigentes na época em que Monte viveu e que eram expressos por esse religioso?²²

É difícil saber com exatidão o que motivou Cascudo a enfaticamente afirmar que a sociedade natalense não deveria se esquecer de Monte. Ao longo desta tese, procuramos apontar e discutir quais podem ter sido as motivações dos intelectuais natalenses, dentre os quais se encontra Câmara Cascudo, para a defesa do não esquecimento de Monte. É importante ressaltar que todas as questões por mim formuladas como hipóteses para que Cascudo e outros intelectuais assim se manifestassem estão diretamente relacionadas com as ações do religioso, as quais foram propagadas por seus admiradores como competências e virtudes inerentes a ele. Essa discussão foi feita sem, obviamente, me vincular ao corpo de admiradores desse religioso,

²² Podemos nos perguntar: Será que Cascudo defendia a preservação de Monte como forma de preservar os seus próprios valores? É possível que, ao defender Monte, Cascudo estivesse interessado em conservar o que ele considerava essencial para a sociedade, como o catolicismo, a incorporação de preceitos religiosos na política, a ordem social.

que já partem do pressuposto de que essas competências lhe são inerentes. Nesse sentido, propus-me a problematizar cada uma delas, à medida que vão sendo mobilizadas ao longo da tese. Independentemente das razões de Câmara Cascudo para defender a lembrança de Monte no seio da sociedade, posso afirmar que o discurso proferido por Cascudo no sepultamento do sacerdote apresenta indicações importantes para delinear o perfil do personagem central da tese, o Padre Luiz Gonzaga do Monte.

A hipótese da presente tese foi assim formulada: a capacidade intelectual e o amplo conhecimento científico, que constituem o cerne da sabedoria imputada a Monte, que possibilitaram a sua construção como um intelectual católico, podem ser explicados a partir de quatro elementos, cujo alcance só pode ser compreendido se considerados em conjunto: as diretrizes da Igreja Católica; a ação dos intelectuais natalenses e dos admiradores de Monte; a trajetória do próprio Monte, assim como as redes de sociabilidade que ele estabeleceu; e a cultura política vivenciada em Natal durante o sacerdócio e depois da morte de Monte.

Quanto às fontes utilizadas, esclareço que a documentação escrita e iconográfica sobre Monte está bastante dispersa, o que me levou a consultar documentos que se encontram sob a guarda de uma série de instituições – como Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Seminário de São Pedro, Arquivo da Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Natal e Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Norte – e de pessoas – como Jurandyr Navarro da Costa, Roberto Monte e Cristina Monte. Além desses documentos escritos e fotografias, também foi necessária a produção de depoimentos orais com ex-alunos de Monte, com alguns de seus admiradores e defensores de seu legado, e com alguns familiares. Posteriormente, essas entrevistas foram transformadas em textos escritos.

A partir dos acervos pesquisados e da documentação encontrada, organizei as principais fontes em cinco grupos. No primeiro grupo, incluí os trabalhos escritos por Monte, sobre ele ou que fazem referência a ele (tanto de forma elogiosa quanto em tom crítico), que não foram reunidos nas antologias. No segundo grupo, selecionei as biografias produzidas sobre Monte. No terceiro grupo, inseri as antologias que reúnem textos escritos por ele e sobre ele. No quarto grupo, estão os livros escritos pelo padre. Finalmente, no quinto grupo, reuni as entrevistas com pessoas que possuem informações sobre Monte, por terem convivido com ele.

A partir do primeiro grupo de fontes – os jornais –, procurei compreender tanto as estratégias usadas para construir uma imagem de Monte quanto a defesa pública que ele fazia da ciência, das questões sociais e da doutrina da Igreja. Do ponto de vista metodológico, os jornais foram trabalhados da seguinte forma: inicialmente, procurei os jornais que tinham

artigos de Monte ou sobre ele, recorrendo ao método onomástico.²³ Assim, usei o nome de Monte como “guia” para descobrir os temas que ele debateu, os grupos e/ou indivíduos com quem ele dialogava e os argumentos mobilizados nessas discussões. A partir desses procedimentos, eu consegui identificar o que Monte falava e o que se falava dele, caracterizando também tanto os indivíduos que estavam empenhados na construção de uma imagem positiva de Monte, quanto os seus desafetos. Ao analisar esses artigos, estive preocupada em perceber quais as estratégias usadas por Monte e por outros autores para construir uma imagem positiva desse religioso.

Pude constatar que a maioria dos artigos escritos por Monte foi publicada nos jornais católicos *A Ordem*,²⁴ *Diário de Natal*²⁵ e *A Verdade*,²⁶ além do periódico oficial do governo do estado do Rio Grande do Norte, *A República*.²⁷ Os artigos sobre Monte, incluindo aqueles escritos por seus adversários, estão publicados, sobretudo, no jornal *A República* e, posteriormente à sua morte, na *Tribuna do Norte*.²⁸ Os textos publicados nesses jornais são, em geral, textos de opinião, com base em princípios religiosos e científicos, e expressam o posicionamento de Monte e de outras pessoas sobre os temas mais candentes naquele momento. A partir dessa constatação, foi possível perceber, por um lado, defesas de princípios e argumentos que delineiam um perfil definidor de quem era Monte, e, por outro, posições contrárias a esse religioso, que geraram debates e polêmicas públicas.

É importante destacar que, nesta tese, os jornais serão considerados como “objeto intelectual da pesquisa”, o que significa que os jornais foram usados como expressão de uma rede de sociabilidade na qual Monte estava envolvido. Nessa perspectiva, não considerei os

²³ Esse método, consolidado a partir das reflexões dos historiadores italianos Carlo Ginzburg e Carlo Poni, consiste em utilizar o nome de um sujeito como parâmetro para busca na documentação consultada. Mais adiante, quando discutirmos os aspectos teóricos do trabalho, retomaremos a ideia com maior vigor.

²⁴ O jornal *A Ordem* foi fundado na cidade do Natal, no dia 14 de julho de 1935. O jornal foi fundado pela Congregação Mariana de Moços, que era presidida por Ulyssis de Góes, tinha como redator-chefe Otto de Brito Guerra e como gerente Manoel Rodrigues Mello.

²⁵ O jornal *Diário de Natal* foi fundado por Dom José Pereira Alves, então Bispo Diocesano de Natal, em 16 de outubro de 1924. O periódico pertencia ao Centro de Imprensa Católica.

²⁶ Periódico oficial da paróquia de Caicó. Circulava mensalmente e apresentava temas ligados à religião e à literatura. Seu diretor e proprietário era o Padre Luís Teixeira de Araújo [Leão do Norte]. O primeiro número desse jornal circulou em 15 de março de 1933 e o último foi no dia 26 agosto de 1934.

²⁷ O jornal *A República* teve seu primeiro número publicado em primeiro de julho de 1889. Pertencia ao Partido Republicano do Rio Grande do Norte e seu primeiro redator-chefe foi Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, chefe do Governo Provisório que assumiu o poder no Rio Grande do Norte após a Proclamação da República. Durante a Primeira República, esse periódico foi contratado pelo governo do estado para publicar os atos oficiais. Em 28 de janeiro de 1928, o então governador Juvenal Lamartine de Farias decretou a criação da Imprensa Oficial e formalizou a condição de *A República* como órgão oficial dos poderes políticos do estado. Nas décadas de 1930 e 1940, período em que Monte escrevia, *A República* era, portanto, o jornal oficial do estado.

²⁸ O jornal *Tribuna do Norte* teve o seu primeiro número lançado em 24 de março de 1950 e foi fundado por Aluizio Alves, indivíduo que mantinha relações pessoais com Monte. Esse periódico publicou vários artigos sobre Monte.

jornais como um repositório de informações, nem como uma transposição de uma narrativa jornalística para uma narrativa historiográfica (ELMIR, 2007, p. 80).

Com o intuito de identificar aspectos mais aprofundados sobre a vida sacerdotal, social, familiar e profissional de Monte, analisei três biografias sobre esse religioso. Essas biografias constituem o segundo grupo de fontes por mim trabalhado. A primeira dessas biografias foi escrita por Leão do Norte²⁹ em 1944, logo após a morte de Monte. A segunda, escrita pelo Cônego Jorge O’Grady de Paiva em 1948. Esses dois biógrafos eram extremamente ligados a Monte e escreveram seus textos para exaltar os feitos de Monte. A terceira biografia foi escrita em 2005 por Helenita Yolanda Monte de Hollanda, sobrinha neta de Monte. A leitura dessas biografias permitiu inserir Monte no mundo em que ele viveu – no sentido de identificar aspectos de uma vida “comum”, como nascimento, vida familiar, dificuldades econômicas, discussões nas quais ele esteve envolvido, dilemas enfrentados ao longo da vida. Essa leitura permitiu também a identificação das imagens de Monte difundidas por essas biografias, o que possibilitou a articulação com questões éticas, morais e científicas. Para a análise dessas biografias, utilizei autores que mostram diferentes possibilidades para o uso biográfico, e identifiquei que essas três biografias – as únicas produzidas sobre Monte – criam uma imagem heroica sobre esse personagem.³⁰

Cabe ressaltar que, ao analisar as três biografias, observei que, nelas, os autores não investiram na vinculação entre a trajetória da família de Monte e as linhas ferroviárias. Isto me motivou a solicitar a elaboração de mapas ao geógrafo Anderson Moura Gondim de Freitas, que trabalhou a partir das indicações que fiz, respaldada no cruzamento das minhas leituras das biografias, de trabalhos sobre a expansão ferroviária e de estudos sobre a divisão política dos três estados em que Monte havia vivido na sua infância: Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. Nesse sentido, foram elaborados dois mapas. O primeiro (Apêndice A) identifica os deslocamentos da família Monte nos três estados, entre 1907 e 1917, deixando claro os lugares nos quais a família Monte residiu desde o nascimento de Luiz Gonzaga do Monte até a sua chegada a Natal. O segundo mapa (Apêndice B) representa, especificamente, o trajeto da família Monte no interior do Rio Grande do Norte. Esses dois primeiros mapas complementam, portanto, informações sobre a família Monte, que foi abordada no primeiro capítulo desta tese.

²⁹ Leão do Norte era o pseudônimo do Padre Luís Teixeira de Araújo, que estudou no Seminário na mesma época em que Monte foi aluno. Teixeira, depois de tornar-se padre, exerceu o sacerdócio em Caicó. Nessa cidade, fundou o jornal *A verdade*, que circulou regularmente durante os anos 1930. Monte e Teixeira eram amigos, o que explica os vários textos de Monte publicados no periódico caicoense.

³⁰ A noção de uma biografia heroica é apresentada por autores como François Dosse, em *O Desafio Biográfico*. Ao discutir os aspectos teóricos, retomaremos, com maior profundidade e vigor analítico, essa ideia.

Além destes, foram também elaborados outros três mapas: um deles apresenta a divisão da Província Eclesiástica de Natal (Apêndice C), com o intuito de mostrar visualmente ao leitor como estava distribuída a Igreja Católica no Rio Grande do Norte; outro foi confeccionado com o objetivo de mostrar tanto os locais de trabalho e os espaços de sociabilidade que Monte frequentou, quanto as distâncias entre estes locais na cidade de Natal (Apêndice D). Através deste mapa foi possível perceber porque Monte se deslocava sempre a pé para seus locais de trabalho ou para as instituições que frequentava. Finalmente, o último dos mapas (Apêndice E) apresenta as poucas viagens que Monte fez a outros estados brasileiros. O padrão para a construção desses três mapas foi exatamente o mesmo dos dois primeiros. Os mapas da distribuição das dioceses e dos espaços frequentados por Monte na cidade de Natal estão relacionados com o tópico intitulado “Da formação sacerdotal ao magistério e ao sacerdócio”, do primeiro capítulo. Já o mapa das viagens realizadas por Monte se relaciona com o tópico “Um homem de ciência: caminho para consolidar a fé”, desenvolvido no segundo capítulo deste trabalho, e, através dele, conseguimos melhor compreender as redes de relações pessoais que ele construiu.

Acrescento, ainda, que, devido às poucas informações existentes, especificamente, sobre um lugar chamado Recanto, onde a família de Monte também teria vivido, entrevistei o senhor Wallace Wilson Pereira, antigo morador do local, o que muito contribuiu para que eu compreendesse as razões da instalação da família em Natal, questão que será abordada no primeiro capítulo deste trabalho.

Com o objetivo de identificar as ideias apresentadas por Monte e sobre ele, as redes de sociabilidade das quais fez parte, os indivíduos e grupos interessados na preservação de uma determinada imagem de Monte, utilizei os dez volumes da *Antologia do Padre Monte*, organizados por Jurandyr Navarro da Costa, entre os anos de 1976 e 2006. Vale lembrar que o conjunto dessas antologias constitui o nosso terceiro grupo de fontes.

Os textos das *Antologias do Padre Monte* foram retirados de uma coleção maior, reunida cuidadosamente pelo professor Jurandyr Navarro ao longo de sua vida. Fazem parte dessa coleção, escritos, recortes de jornal, imagens e panfletos meticulosamente arquivados por Navarro, que, ao tomar conhecimento da existência de um documento de Monte ou sobre ele, não media esforços, arcando com todos os custos para conseguir o documento. Isso incluía despesas com viagens, pesquisas em arquivo e pagamento de pessoal.

Católico fervoroso, Navarro assim procedia porque encontrou em Monte um excepcional vetor para suas próprias concepções e visões de mundo. Ao colecionar³¹ diversos documentos sobre o Padre, ele procurou garantir, além da conservação do material, os valores e as lutas empreendidas por Monte em prol do fortalecimento da Igreja Católica. Isso fez com que as representações sobre as ações do religioso fossem cristalizadas, não só imortalizando-o, como também dando voz aos seus ideais.

Mas a coleção organizada por Jurandyr Navarro não pode ser percebida simplesmente como uma atitude altruísta ou, então, egocêntrica (no sentido de que Navarro estaria envaidecido por reunir uma grande quantidade de material), na medida em que foi construída com uma intenção, com um interesse. Sob essa perspectiva, a coleção de Navarro deu suporte para que as concepções e ações de Monte ganhassem uma concretude e, ao mesmo tempo, fossem reconhecidas e partilhadas por outros indivíduos.³²

Dos dez volumes que compõem as *Antologias do Padre Monte*, oito reúnem textos avulsos publicados por Monte em diferentes jornais, em vários contextos, e textos de outros intelectuais norte-rio-grandenses que conviveram ou não com Monte, mas que escreveram e/ou proferiram discursos sobre ele. Entre esses intelectuais, pode-se destacar: Nilo Pereira, Otto Guerra, Cônego Jorge O'Grady de Paiva, Edgar Barbosa, Câmara Cascudo, Jurandyr Navarro, Hélio Galvão, José Luiz Silva, Veríssimo de Melo, Palmira Wanderley e Cônego Luís Wanderley. O conteúdo dessas antologias é composto por textos sobre temas diversos, sempre relacionados à Igreja Católica, literatura, arte, moral, biologia, botânica, geologia, astronomia, arqueologia, sexualidade, espiritismo, evolucionismo, protestantismo, maçonaria, Idade Média, positivismo, comunismo, nazismo, dentre outros. São cerca de quatro mil páginas contendo textos de Padre Monte ou sobre ele. Os diferentes volumes da *Antologia do Padre Monte* são organizados de maneiras diversas.³³ Em alguns, os textos são publicados na ordem em que Jurandyr os encontrou, enquanto, em outros, houve a tentativa de separar os textos por temáticas, mas nem sempre essa separação foi mantida.

O conjunto de autores que escreve sobre Monte na coletânea é um primeiro indício das redes de sociabilidade construídas por Monte. É perceptível a existência de um esforço conjunto orientado para a construção de uma narrativa elogiosa sobre Monte, questão que discutirei ao

³¹ Sobre o colecionismo, ver mais em Lopes (2017).

³² Conferir Lopes (2017).

³³ Em cada volume da Antologia há uma apresentação escrita por Navarro, falando sobre Padre Monte e a ideia da Antologia, por vezes, mencionando algumas temáticas. Amparado na sua prática de colecionador, ele foi delimitando os temas das antologias à medida que ia encontrando os textos. Por mais que tenha se empenhado em garantir uma apresentação cuidadosa, a forma como o material foi distribuído nas antologias não tem qualquer critério explicitado.

longo da tese. A partir desses oito volumes das *Antologias*, foi feito um mapeamento dos temas discutidos por Monte e dos autores que escreveram sobre ele, o que permitiu identificar tanto os grupos dos quais o próprio Monte participou quanto aqueles que estiveram/estão ligados à preservação de seu “legado”. Para trabalhar com essas redes, foi extremamente útil a noção de rede proposta por Sirinelli, a partir da qual procuramos identificar um microcosmo³⁴ que envolvia Monte, os outros intelectuais que tiveram seus textos publicados nas *Antologias* e o próprio organizador das *Antologias*.

Na reconstituição destas redes, selecionei Monte como centro e estabeleci os contatos que ele havia mantido com grupos e com outros personagens, e, para cada contato, eu estabeleci um “fio” condutor a partir dele. Ao mesmo tempo, procurei compreender como esses “fios” se relacionavam entre si. Foi também fundamental localizar informações sobre os grupos e os personagens que tiveram ligação com Monte, o que permitiu a identificação e a compreensão do ambiente cultural no qual ele esteve envolvido, e que será apresentado e discutido no primeiro capítulo da tese.

Como mencionamos anteriormente, as *Antologias* são compostas por dez volumes. Oito deles são compostos de textos escritos por Monte ou sobre ele. Os outros dois volumes das *Antologias* reproduzem, na íntegra, dois livros escritos por Monte e constituem, parcialmente, o nosso quarto conjunto de fontes. Ao longo de sua vida, Monte escreveu três livros,³⁵ *Fundamentos Biológicos da Castidade, Biologia, Lexiologia e Sematologia*, todos eles escritos na década de 1930. No primeiro deles, Monte discute cientificamente que a castidade é algo saudável para a vida do homem, corroborando a ideia da Igreja Católica. Já o segundo, foi escrito, especificamente, para seus alunos do Seminário, e, nele, Monte retoma os princípios da castidade, e, baseando-se em teorias e conhecimentos científicos vigentes naquela época, defende que a reprodução era prejudicial à vida de toda e qualquer espécie, quer fosse animal ou vegetal.

Consciente de que a análise dos escritos de Monte sobre Biologia exigiria conhecimentos que fogem ao domínio do historiador, busquei a assessoria de duas professoras pesquisadoras da área de biologia, Magnólia Fernandes Florêncio de Araújo (do Departamento de Microbiologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte) e Fabíola da Silva Albuquerque (do Departamento de Fisiologia e Patologia da Universidade Federal da Paraíba),

³⁴ O conceito de microcosmo, nos moldes definidos por Sirinelli, será melhor discutido adiante, quando for feita a exposição do referencial teórico da tese.

³⁵ É possível que Monte tenha escrito outros livros. Alguns de seus ex-alunos, como o Monsenhor Penha, afirmam que Monte queimou boa parte de sua biblioteca pessoal e de seus arquivos pessoais. Entretanto, eu não encontrei qualquer indício de outra obra completa escrita por ele.

que fizeram a leitura dos textos escritos por padre Monte. Além das conversas que tive, de forma bastante informal, com as duas pesquisadoras acerca das teorias que Monte empregava e defendia, realizei entrevistas com o objetivo de sistematizar, por escrito, a avaliação que ambas fizeram das obras. A análise dos dois livros revelou que o religioso associava os preceitos religiosos aos conhecimentos científicos, com o propósito de difundir a ideia de que esses preceitos estavam fundamentados na ciência.

O terceiro livro, publicado em 1933, é a tese que Monte escreveu para o concurso de provimento da cadeira de Latim do Atheneu Norte-Rio-Grandense. Nele, Monte defende a tese de que seria possível associar a evolução fonética à evolução biológica. Nesses termos, sua tese é a de que o homem vai gradativamente evoluindo na pronúncia e na grafia das palavras. Desse modo, para Monte, não existiria um determinismo nem da linguagem nem da fisiologia, uma vez que a linguagem e o organismo mudavam conforme a sua utilização. Apesar de não haver uma referência das obras que fundamentaram o seu trabalho, é muito provável que a tese sobre Latim defendida por Monte estivesse fundamentada no pensamento de Jean-Baptiste de Lamarck (1744-1829), autor da tese da *Economia fisiológica* ou *lei do menor esforço*,³⁶ e referência importante nos seus dois outros livros.³⁷

Além desses três livros, tive acesso também a quatro fragmentos de um livro que Monte escreveu e que nunca foi publicado e sobre o qual não se tem maiores informações. Trata-se do *Livro das Revisões*, no qual o padre se dedica exclusivamente a condenar o espiritismo, valendo-se de fundamentos científicos. Apesar do empenho de Jurandyr Navarro, o livro não foi ainda localizado e temos acesso apenas a fragmentos, que somam apenas 13 páginas. Para uma melhor compreensão das ideias de Monte sobre o espiritismo, entrevistei o professor André Victor Cavalcanti Seal da Cunha, do Departamento de História da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, especialista na temática, e que, em 2016, foi vencedor do Prêmio de Teses Sandra Jatahy Pesavento, organizado pelo GT Nacional de História da Cultura da Associação Nacional de História (ANPUH), com a tese *A invenção da imagem autoral de Chico Xavier*.

A partir das suas publicações sobre Biologia, constata-se o interesse de Monte por ciências biológicas e medicina, algo que pode ser considerado um tanto quanto incomum entre os padres do período, se, por exemplo, comparamos a produção de Padre Monte com a de outros

³⁶ De acordo com essa tese, o homem adapta continuamente o seu organismo com vistas à uma maior eficiência.

³⁷ Cabe, aqui, destacar a importância da assessoria das professoras Magnólia Araújo e Fabíola Albuquerque, que muito contribuiu para a compreensão da relação que Monte estabeleceu entre o aprendizado do latim e a fisiologia humana.

padres³⁸ que estudaram no Seminário de São Pedro³⁹ no mesmo período em que ele. Diante dessa constatação, procurei outros intelectuais norte-rio-grandenses do período que também tivessem se dedicado a mais de um campo de atuação, sendo que encontrei intelectuais católicos que se dedicaram ao jornalismo, ao direito e à literatura. Mas, se não encontrei outros religiosos que se dedicaram às ciências da natureza, como fez Monte, localizei autores não católicos, como é o caso do médico Esmeraldo Siqueira, que realizaram discussões vinculando ciência e filosofia. Pude, portanto, identificar que, naquele momento, havia uma indefinição dos campos de conhecimento e que os homens que se dedicavam a escrever sobre essas questões estavam delineando a construção desses campos de conhecimento na cidade do Natal.

Considerando as discussões feitas por Monte em seus livros e o momento histórico em que viveu, é possível associar suas incursões no campo científico aos princípios religiosos que advogava e, principalmente, às redes de sociabilidade que construiu. Portanto, defendendo a ideia de que o pensamento dos admiradores de Monte (e talvez dele mesmo), que o consideravam (que se considerava) um homem que “tudo fazia e sabia”, não se sustenta efetivamente. Ainda que esse pensamento se fundamente em algumas evidências de que Monte transitava em vários campos de conhecimento, suas ideias não surgiam do brilhantismo da sua mente, mas das condições criadas pelas diretrizes da Igreja Católica e pelas redes pessoais e institucionais das quais ele participava. Além disso, é importante frisar que Monte articulou a linguagem científica e religiosa que estava historicamente disponível na época em que ele vivia, o que significa dizer que Monte era um “homem de seu tempo”, e não um homem à frente do seu tempo.

³⁸ Dentre os contemporâneos de Padre Monte, que estudaram no Seminário de São Pedro, no período de 1919 a 1927, pode-se citar: Abel Coelho, José de Medeiros Leite, Leão Medeiros, Raphael de Hollanda, Joaquim Ignácio Medeiros, Luís Carlos Guimarães Wanderley, Francisco Baldomero Chacon, Paulo Herôncio de Melo, João da Matha Paiva, Luís Teixeira de Araújo, Walfredo Dantas Gurgel. Dentre estes, quatro se destacaram em diferentes áreas na sociedade norte-rio-grandense: o Cônego Luís Wanderley, na literatura; o Monsenhor Paulo Herôncio de Melo, no estudo da História do Rio Grande do Norte; o Monsenhor Walfredo Gurgel, na política, tendo sido eleito governador do estado do Rio Grande do Norte na década de 1960; e o Padre Luís Teixeira de Araújo, no jornalismo. Verifica-se, portanto, que nenhum dos contemporâneos de Monte no Seminário enveredou pelo lado das ciências naturais (biologia, química e física) e da medicina. (Cf. SEMINÁRIO DE SÃO PEDRO, 1919-1966).

³⁹ A formação curricular do Seminário de São Pedro estava dividida em três períodos: o Curso preparatório (equivalente ao Seminário Menor), o Curso de Filosofia (equivalente ao Seminário Maior) e o curso de Teologia. Cada período era dividido em anos, compostos por diferentes disciplinas, tais como: Português, Francês, Latim, Geometria, Aritmética, Geografia, Catecismo, Álgebra, Corografia, História do Brasil, História Universal, História Sagrada e Curso de Religião, Filosofia, Física, Química, Apologética, História Natural, Dogma, História Eclesiástica, Eloquência Sagrada, Sociologia, Moral, Direito, Escritura Sagrada, Pastoral e Liturgia. Essa formação do Seminário propiciou a Padre Monte uma base científica para os seus escritos, destacando-se dentre os demais, pois somente ele escreveu sobre temas científicos. Ver mais sobre a formação do Seminário de São Pedro. (SEMINÁRIO..., 1919-1999, p. 4-5).

Com o intuito de discutir a maneira como, contemporaneamente, as pessoas se referiam a Monte, bem como a forma como Monte criava seus laços afetivos e intelectuais com clérigos e leigos e, ainda, como ele atuava nas instituições católicas e leigas, entrevistei nove pessoas.⁴⁰ Essas entrevistas⁴¹ constituem o quinto conjunto de fontes utilizadas nesta tese e foram realizadas com base na metodologia usada pela História Oral, em especial, nos trabalhos de Alessandro Portelli, José Carlos Sebe Bom Meihy e Verena Alberti.

O primeiro entrevistado foi o professor Jurandyr Navarro da Costa, organizador das *Antologias do Padre Monte*. Nessa entrevista, procurei identificar como Navarro teve contato com a obra de Monte e como a história de vida do religioso se cruzava com sua história pessoal e com as dos grupos dos quais faz parte.⁴² Procurei também compreender como se deu o processo de organização das *Antologias do Padre Monte* e como ele executou todo o trabalho, desde a seleção dos textos até a publicação.

Realizei entrevistas, também, com três ex-alunos de Padre Monte no Seminário que se tornaram sacerdotes: os monsenhores João Penha Filho e Luís Lucena Dias (que também foi ex-coroinha do Padre Monte)⁴³ e Dom Heitor de Araújo Sales (Arcebispo emérito da Arquidiocese de Natal). Através delas, procurei apreender a vida cotidiana de Monte no Seminário de São Pedro, as suas relações com os alunos e as outras atividades profissionais que ele exercia. Em seguida, entrevistei o Cônego José Mário de Medeiros (postulador para a causa dos santos da Arquidiocese de Natal) e Dom Jaime Vieira Rocha (ex-reitor do Seminário de São Pedro e Arcebispo da Arquidiocese de Natal). A partir destas entrevistas, tive acesso a informações sobre os argumentos que fundamentaram a santidade de Padre Monte e sobre o andamento de seu processo de beatificação, bem como sobre os processos do Padre João Maria e o dos Mártires de Cunhaú e Uruaçu.⁴⁴

Finalmente, entrevistei dois leigos que não conviveram com Padre Monte, mas que possuem laços com o religioso, que são os sobrinhos de Monte, filhos de dois irmãos dele: Roberto Monte, filho de Oswaldo Monte, e Cristina Monte, filha de Judith Monte. Estas duas

⁴⁰ Cabe ressaltar que as entrevistas que realizei com o senhor Wallace Wilson Pereira, com as professoras Magnólia Araújo e Fabíola Albuquerque e com o professor André Seal serviram como guia para responder a questões já explicitadas nesta introdução e não integram este conjunto de nove entrevistas a que estou me referindo.

⁴¹ As entrevistas foram registradas com o auxílio de um gravador, tendo sido por mim transcritas e, posteriormente, lidas pelos entrevistados, que autorizaram a sua utilização.

⁴² Depois dessa primeira entrevista, realizei outras, sendo que algumas foram feitas por escrito e outras oralmente. Todas as entrevistas estão arquivadas e têm autorização para publicação.

⁴³ Os dois monsenhores já faleceram. Posuo, no entanto, a autorização para utilização das entrevistas que realizei com eles.

⁴⁴ O processo de beatificação do Padre João Maria Cavalcanti de Brito (1848-1905) ainda está em andamento. Ele já foi reconhecido como Servo de Deus (primeiro passo no longo processo de canonização). Os Mártires de Cunhaú e Uruaçu (1645) foram santificados pela Igreja Católica, em 2017.

entrevistas me permitiram compreender as relações familiares de Monte e como, contemporaneamente, a família o percebe. Roberto Monte construiu um Centro de Direitos Humanos, que conta com inúmeros acervos, dentre os quais há documentos sobre o religioso. Já Cristina Monte, que foi criada pelos avós (pais de padre Monte) e cuidou deles e de Dom Nivaldo Monte (ex-Arcebispo de Natal e irmão de Luiz Monte) nos últimos anos de vida, possui a guarda de alguns objetos pessoais de Padre Luiz Monte e de algumas narrativas que o Arcebispo fazia de seu irmão.

Além das entrevistas, conversei também, informalmente, com Luís Eduardo Brandão Suassuna, católico fervoroso, professor aposentado do Departamento de História da UFRN e integrante da comissão de postulação da canonização de Monte junto à Arquidiocese de Natal.⁴⁵ Suassuna mantém fortes vínculos com o clero norte-rio-grandense e conheceu a obra de Padre Monte a partir de textos indicados pelos padres e pelas narrativas que escutava. Mesmo que a entrevista não tenha sido gravada e transcrita, as informações obtidas com Luís Eduardo Suassuna foram importantes para que eu entendesse como os membros da Comissão de canonização, criada pela Igreja natalense, se relacionaram com Padre Monte.⁴⁶

Feitas estas considerações sobre as fontes, passo a apresentar o referencial teórico-metodológico da tese, que se filia à História Cultural, à História Política e à História Intelectual, dialogando com a micro-história italiana. Os vínculos deste trabalho com a História Cultural têm relação com a análise que fiz das obras escritas por e sobre Monte. Refiro-me, especificamente, aos textos que ele escreveu e que estão nos jornais, nos volumes da *Antologia* e nos livros que ele publicou. Além disso, a História Cultural, nesta tese, também dará suporte à análise sobre o significado que os sujeitos atribuem aos seus próprios atos. Para Chartier (2001), a cultura não está nem acima nem abaixo das relações econômicas e sociais, nem pode ser alinhada com elas. Todas as práticas, quer sejam econômicas, sociais ou culturais, dependem das representações utilizadas pelo indivíduo para dar sentido ao seu mundo (HUNT, 2006, p. 24). Dessa forma, Monte estabelecia representações de si próprio, que estavam diretamente associadas à cultura na qual se encontrava inserido. Procuro, portanto, discutir essas representações que Monte fazia de si mesmo, enquanto defendia a fé católica.

Essas discussões estão associadas com o fio condutor que orienta esta pesquisa: a análise de uma complexa engrenagem que possibilitou a construção de Padre Monte como um

⁴⁵ O processo de beatificação de Padre Monte foi aberto apenas em esfera local, não constando ainda na Santa Sé. Isso será tratado no decorrer da tese.

⁴⁶ Realizei entrevistas e conversei pontualmente com outras pessoas que são citadas ao longo do texto. Mas, por ter obtido apenas informações pontuais, não julguei necessário explicitar os nomes dessas pessoas nesta introdução.

intelectual católico. A atuação dele, a partir do campo religioso, atingiu os leigos católicos da sociedade natalense, uma vez que, apesar de ele não ser pároco de nenhuma igreja específica, as suas ideias foram difundidas nas missas que ele celebrava em diferentes igrejas de Natal, nas reuniões que ele realizava com leigos e religiosos, nos artigos que escrevia para os jornais católicos natalenses e durante as aulas que ministrava tanto no Seminário de São Pedro quanto nas escolas natalenses. Dessa forma, havia, na época de Monte, uma “comunidade de fiéis”⁴⁷ que lia e se apropriava da produção dele. Assim, parto da premissa de que não podemos compreender a obra de Monte desconectando-a do circuito peculiar que permitiu seu surgimento, uma vez que ele só emergiu como um intelectual porque existiam bases sólidas na Igreja Católica que permitiram a propagação de suas ideias. Por essa perspectiva, fundamentada em Chartier (2001), procuro, nesta tese, compreender como a obra de Monte foi por ele produzida e recepcionada e apropriada pela sociedade natalense. Se a recepção está associada àquilo que os indivíduos fizeram com o que receberam, a apropriação deve ser entendida como uma forma de inventar, de criar e de produzir que tem origem quando os sujeitos se apoderam dos textos ou objetos culturais (CHARTIER, 2001, p. 67). A obra de Monte foi produzida dentro da complexidade de seu circuito cultural, o que implica afirmar que a obra de Monte, propriamente dita, não é excepcional, e que a apropriação dela não é completamente singular. Portanto, este trabalho procura encontrar, na obra de Monte, tanto as características próprias da escrita dos seus textos quanto a sua produção editorial e a sua circulação social (CHARTIER, 2007).

Para discutir Monte como um autor, uma referência importante é o filósofo Michel Foucault (2002), que, em seu texto *O que é um autor?*, profanou as representações consolidadas em torno do autor, considerado até então como alguém que cria e impõe os sentidos de um texto. Foucault demonstrou que um autor não é o mesmo ao longo de toda a sua vida. A citação de um autor não explicita a sua autoria, uma vez que o autor não é o mesmo em todos os momentos. Sob essa perspectiva, analiso as operações que inventaram Monte como um autor/intelectual, observando as especificidades de cada período e do tipo de texto que ele produziu em cada momento. Assim, é necessário analisar historicamente como Monte foi construído como um autor, uma vez que o Monte intelectual, santo e sábio é um fenômeno criado a partir de uma cultura. O religioso, é preciso ressaltar, foi configurado a partir de

⁴⁷ A noção de “comunidade de fiéis” é inspirada na noção de “comunidade de leitores”, expressa por Chartier. Para esse autor, uma obra só adquire significado se tiver um grupo de pessoas interessadas em lê-la. Na lógica de Monte, suas ações só tiveram repercussão em razão da existência de um grupo interessado em recebê-las. (CHARTIER, 2001).

operações complexas que guardaram especificidades sintonizadas com cada momento em que ele atuou, o que faz com que existam variações nos contextos de produção e de recepção de suas obras. Considerando esses elementos, posso afirmar que as reflexões feitas por Foucault foram importantes para esta tese, na medida em que me mostraram que a noção de “homens perfeitos” pode ser dessacralizada e problematizada.

Já Chartier (2014) se diferenciou desse filósofo francês em alguns aspectos. Apesar de considerar os estudos de Foucault, ele evidenciou insuficiências na análise por ele empreendida, sendo que uma delas – particularmente relevante para finalidades desta tese – decorre do fato de Foucault não levar em consideração a realidade existencial do sujeito, a realidade fenomenológica do autor. Nesses termos, Chartier evidencia que, para Foucault, o autor é simplesmente uma construção discursiva, sem realidade concreta. O historiador francês, no entanto, considera ser fundamental analisar os autores a partir das experiências concretas por eles vivenciadas.

Inspirada nas proposições de Chartier, busco entender Monte a partir de sua trajetória, pois isso implica tentar compreender as experiências por ele vivenciadas ao longo de sua vida, reinsertando-as nos diversos contextos em que elas aconteceram. A partir dessa reconstituição, foi possível identificar os “vários” Montes, sem perder de vista a totalidade. Assim, procuro entender a religiosidade e a intelectualidade de Monte como uma prática cotidiana, que não exclui a existência de conflitos e de aproximações com outros sujeitos.⁴⁸

Ao longo deste trabalho, sobretudo no primeiro capítulo, evidencio estratégias usadas pelos admiradores de Monte para manter viva a memória do religioso, recorrendo ao conceito de representações sociais, como já mencionado. Assim, embora o foco da minha discussão não seja a memória, na medida em que privilegio as representações sociais, considerarei importante associar o conceito de representações ao de lugares de memória proposto por Pierre Nora.

Em seu livro *A Fabricação do imortal*, Regina Abreu (1996) analisou a doação de uma grande coleção de objetos acumulados pelo seu marido, Miguel Calmon Du Pin e Almeida, feita ao Museu Nacional, em 1936, por Alice Porciúncula Calmon Du Pin e Almeida. Na perspectiva de Abreu, a doação feita pela viúva foi uma tentativa de imortalizar seu marido, já falecido. Para garantir essa imortalização, a doadora não apenas doou os objetos, mas fixou as condições da exposição, indicando o lugar de cada objeto no museu. Ao realizar sua análise, Regina Abreu reconstruiu a trajetória do doador, a partir dos objetos doados e nessa reconstrução, foi possível apreender características da Primeira República, na medida em que,

⁴⁸ As proposições aqui formuladas foram inspiradas pela leitura de Lopes (2014). É importante destacar que essa ideia da existência de vários Montes será melhor discutida mais adiante, ainda na Introdução.

ao guardar leques, fotografias, móveis, joias e livros, Miguel Du Pin procurou preservar a memória da nação brasileira.

Abreu afirma que o Museu Histórico Nacional, ao realizar essa exposição, estava cumprindo a sua função de “lugar de memória”,⁴⁹ empenhado em evitar o esfacelamento da memória nacional. Inspirada nesta afirmação de Abreu, retomei o pensamento de Nora, e identifiquei que o autor francês considerou que as sociedades modernas perderam a condição de preservar as suas memórias, fazendo emergir instituições que buscavam alternativas para celebrar o seu próprio passado. Para Nora, na modernidade, ocorreu uma fragmentação da vida coletiva e o indivíduo foi valorizado, o que gerou, por um lado, uma perda da memória que mantinha a sociedade vinculada às tradições e, por outro, a emergência de novos lugares destinados a manter viva a memória da sociedade. Diante do fato de que as memórias espontâneas não podiam ser guardadas, foram criadas instituições (arquivos, museus, bibliotecas) e celebrações (aniversários, festividades) para manter viva a memória. Nas palavras de Nora, “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, [...]” (NORA, 1996, p. 13).

Tendo bem presentes estas reflexões feitas por Nora, procurarei demonstrar que as iniciativas dos admiradores de Monte para celebrar sua memória, levaram à criação tanto de lugares (bibliotecas, escolas), que receberam seu nome, quanto de rituais (festividades em homenagem ao seu nascimento e morte, discursos laudatórios, produções de biografias). Trata-se, no meu entendimento, de uma estratégia da própria Igreja e dos grupos a ela ligados de se perpetuarem indefinidamente. Portanto, ao me referir à preocupação que os admiradores de Monte tiveram em celebrar sua memória, procuro vincular o conceito de lugar de memória, como apresentado por Nora, às ideias de Chartier sobre recepção, apropriação e representação, que já se encontravam presentes na minha dissertação de mestrado e ganham maior relevância na tese de doutorado.

A discussão sobre a imagem de Monte, feita em diferentes momentos nesta tese, está, portanto, associada a duas ideias centrais para o pensamento de Roger Chartier: representação e apropriação. Para esse autor, representação é algo que permite ver o que se encontra ausente e apropriação refere-se às formas como as pessoas interpretam e/ou internalizam essas representações. Em razão disso, adianto que todas as vezes que eu me refiro às imagens sobre Monte, eu não estou me referindo a um Monte essencialmente “real”, mas, sim, aos diversos

⁴⁹ O conceito de *lugar de memória*, utilizado pela autora, tem origem em Pierre Nora. Ver mais em: Nora (1993).

significados atribuídos a ele (por ele mesmo e por outros). Essas imagens estão associadas a representações e apropriações coletivas que os homens constroem historicamente, culturalmente, socialmente e institucionalmente, para dar sentido às coisas. Foi por meio das representações sobre Monte, que ele próprio e os seus contemporâneos construíram, pensaram e leram o mundo em que eles viviam.

A discussão em torno da trajetória de Monte também está associada a uma Nova História Política, uma vez que esse religioso participou de movimentos que visavam a uma maior participação da Igreja na vida pública, a fim de fortalecer a fé católica na sociedade. Além disso, Monte foi um ator social que se seduziu por um projeto político da Igreja (a Neocrisandade, a *Ação Católica*, a Liga Eleitoral Católica) e mobilizou o imaginário de outros atores sociais, estimulando a atuação articulada dos católicos leigos na sociedade.⁵⁰

A partir desse vínculo da trajetória de Monte com a História Política, posso afirmar que a trajetória e as imagens criadas sobre esse personagem permitem identificar uma cultura política existente na sociedade natalense durante a sua vida e após a sua morte, visto que, a partir das vivências de Monte, é possível identificar as relações de sociabilidade e as maneiras como diferentes grupos sociais se organizavam para manter ou modificar as instituições então existentes. É a partir da cultura política que podemos estudar como os sujeitos articulam as suas crenças religiosas com a organização da sociedade nos aspectos culturais, sociais e econômicos. A cultura política expressa concepções e práticas próprias de uma determinada época e que norteiam as ações dos governantes e dos governados nas diferentes esferas de poder.

A noção de cultura política utilizada nesta tese está fundamentada nas reflexões de Berstein (1998), para quem o termo cultura política não se limita a ideias ou a forças políticas, mas se relaciona com as motivações políticas de sujeitos que vivenciam uma dada sociedade. Esse autor incorpora a ideia de representação, que pode ser vinculada à História Cultural, e associa o ato político a um conjunto de representações compartilhadas por um grupo amplo no seio da sociedade. Dessa forma, no estudo da cultura política procura-se o que move as ações dos sujeitos a partir das representações que eles constroem acerca do mundo em que vivem.

Para Berstein (1998), a cultura política é um código que permite o diálogo entre os sujeitos de uma sociedade, mas, ao mesmo tempo, é um conjunto de concepções e ações formalizados em partidos políticos, em famílias ou tradições políticas, relacionadas aos grandes

⁵⁰ A noção de História Política aqui esboçada está fundamentada no pensamento de René Rémond. Na coletânea *Por uma História Política*, organizada por esse autor, ele escreveu um texto intitulado *Uma história presente*, no qual apresenta argumentos em defesa desse campo da História. Os demais textos da coletânea apontam possibilidades analíticas de diferentes objetos a partir da História Política.

grupos políticos ou ideológicos, como, por exemplo, o socialismo, o comunismo, o centrismo e o republicanismo. Em uma cultura política existe um conjunto de regras, e de crenças compartilhadas: uma leitura comum do passado, uma projeção do que será o futuro para a coletividade e a partilha de uma visão de mundo.

No contexto em que Monte atuou, as diretrizes institucionais da Igreja apontavam a necessidade da adoção de práticas junto ao Estado brasileiro, com vistas à retomada da influência do catolicismo na sociedade. Isso exigia uma leitura comum do passado glorioso da Igreja, que justificaria a ação do catolicismo no presente, de modo a garantir um futuro, no qual a salvação das almas estivesse garantida. Neste sentido, torna-se importante identificar linguagens, símbolos, rituais, gestos e representações que possibilitaram o engajamento de Monte e de outros religiosos e leigos. Esse engajamento foi construído a partir de uma determinada leitura do passado, de estratégias elaboradas no presente, com vistas a um futuro desejado. Essa tríade será objeto de reflexão no corpo do trabalho.

Segundo Berstein (1998), as culturas políticas podem ser consideradas, em determinados momentos, uma homogeneidade, mesmo que existam rivalidades internas. Para Berstein, que se fundamenta nas reflexões de Jean-François Sirinelli,⁵¹ em uma sociedade convivem várias culturas políticas distintas, mas há uma cultura que predomina sobre as demais e se torna hegemônica. Portanto, a cultura dominante coexiste com outras culturas. Postas essas considerações, esclareço que a noção de cultura política foi utilizada para identificar os símbolos, rituais, representações, crenças e práticas compartilhadas por Monte e seus seguidores. Conforme ficará evidente no corpo do texto, Monte tornou-se um personagem central na sociedade em que ele viveu e, a partir dele, será possível identificar esses valores e práticas associadas a essa cultura política.

Os vínculos deste trabalho com a micro-história estão expressos na concepção de que, ao se estudar a trajetória de Padre Monte, tenho condições de estabelecer relações com o mundo social mais amplo. Meu intuito, portanto, não é o de escrever uma história do Rio Grande do Norte ou de Natal a partir de Monte. Nesses termos, recorrendo à micro-história, partirei da trajetória de Monte para compreender, por um lado, como é possível, em um determinado tempo e espaço, que um determinado indivíduo ganhe destaque por sua ação intelectual; e, por outro, como um sujeito é mobilizado por instituições religiosas e leigas para consolidar uma determinada devoção. Isso significa adotar dois procedimentos analíticos. O primeiro deles é reconstruir as redes de sociabilidade nas quais Monte esteve envolvido, tentando compreender

⁵¹ O conceito de cultura política também é discutido por Jean-François Sirinelli, no seu artigo *Intelectuais*, que consta na coletânea *Por uma história política*, organizada por René Rémond.

as ações e posicionamentos tomados por esse indivíduo, “devolvendo-o” ao contexto em que ele viveu; o segundo procedimento é identificar os sujeitos, as instituições e as estratégias implicados no “culto” a Monte. A partir da análise de uma situação específica – a atuação de Monte como intelectual católico –, pode-se compreender as estratégias utilizadas por instituições – em tempos e espaços específicos – para consolidar diretrizes religiosas em uma dada sociedade. Levando em consideração os resultados dessa análise, é possível identificar mudanças e permanências no pensamento religioso e na própria história.

Segundo Giovanni Levi,⁵² a micro-história⁵³ surgiu a partir de um grupo de historiadores vinculados à revista *Quaderni Storici*,⁵⁴ que tencionavam, a partir de observações em escala reduzida, ultrapassar as explicações históricas generalizantes aplicadas a qualquer contexto. Para esse autor, a micro-história é uma forma de narrar sem esconder os procedimentos adotados pelo historiador, constituindo-se em uma metodologia que explicita a forma como a história foi construída e, para isso, utiliza-se de recursos narrativos tomados de empréstimo do romance moderno. Por intermédio dela, são apresentados o percurso metodológico, com os erros e acertos trilhados pelo pesquisador, a maneira como as perguntas foram construídas e as respostas que se desejava obter. Sob esta perspectiva, a micro-história não se refere, exclusivamente, aos excluídos, aos pequenos, aos que estão à margem da história. Além disso, ela reconstrói momentos em que as pessoas observadas não são usadas para ilustrar uma situação histórica específica, pois o que se busca é a complexidade dos momentos vividos por seres humanos que atuam concretamente em uma dada sociedade. Essa complexidade se expressa na medida em que um trabalho de micro-história analisa a atuação de um sujeito em particular, em um determinado contexto. Nesses termos, na micro-história, o contexto é entendido não como algo alheio ao sujeito, mas, sim, como um conjunto de relações imbricadas às suas ações cotidianas.

Como já mencionado em outro momento, em minha dissertação de mestrado, procurei apresentar Câmara Cascudo como um personagem de múltiplas faces, isto é, as de folclorista, antropólogo, jornalista, professor e historiador, sendo que me detive nesta última, apresentando-o como um historiador católico, que não havia sido ainda explorada em trabalhos acadêmicos. Nesta tese, meu objeto de investigação é outro. Não estou interessada em uma face específica

⁵² Giovanni Levi e Carlo Ginzburg discutem, em vários textos, o sentido da micro-história. Para a elaboração deste parágrafo, usei particularmente Levi (2016).

⁵³ A Unisinos, através de seu Programa de Pós-Graduação em História, tem promovido seminários sobre Micro-história, sendo que, das últimas três edições, participaram pesquisadores italianos, como Giovanni Levi, Maurizio Gribaudi, Alessandro Casselato e Emilio Franzina, e brasileiros, como Benito Schmidt, Adriana Barreto de Souza e Henrique Espada Lima.

⁵⁴ Além de Giovanni Levi, faziam parte desse grupo Carlo Ginzburg, Edoardo Grendi e Carlo Poni, entre outros.

de Monte, mas em entendê-lo na sua complexidade, posto que minha investigação envolve esse sujeito e as suas relações com a Igreja e com a sociedade. Vale ressaltar que Monte, diferentemente de Cascudo, nunca foi trabalhado como objeto de investigação acadêmica. A atuação desse religioso é praticamente desconhecida na Academia e muitos de seus admiradores falam sobre ele sem conhecê-lo com profundidade. É comum que esses admiradores contem histórias sobre Monte sem apresentar fontes ou qualquer indício sobre a origem da informação. Nessa perspectiva, a trajetória de Padre Monte está envolta e é perpassada por várias histórias que se aproximam do lendário, sendo que são inúmeras as imagens construídas sobre ele por aqueles que o admiram. Se eu optasse por usar essas imagens, correria o risco de construir uma *ilusão biográfica* (BOURDIEU, 2002), ou seja, construir uma história harmônica em torno da história de vida de um sujeito, que estaria condicionada pelas imagens construídas pelos admiradores de Monte.

Ainda que eu não esteja construindo uma biografia de Monte, ao trabalhar com a sua trajetória, preciso discutir elementos biográficos. Nesse sentido, a micro-história apresenta contribuições para o trabalho com personagens. Refletindo sobre como os historiadores ligados à micro-história italiana procuram, em seus estudos, abarcar as distintas faces de um personagem que se biografa, Reguera identificou três procedimentos: indagar o jogo das interações entre os atores sociais, perceber quem são esses atores e como eles se configuram nos constantes movimentos que realizam, e analisar a ação desses personagens a partir de diferentes perspectivas focais, segundo variação de escalas alternadas (REGUERA, 2012, p. 85). Partindo dessa análise de Reguera, é possível perceber que a micro-história possibilita evidenciar como os sujeitos atuavam, sem perder de vista os diversos contextos nos quais eles estavam inseridos.

No tocante à História da Igreja no Brasil, alguns trabalhos fornecem pistas que ajudam a compreender o que faz com que, em determinados momentos históricos, a imagem de Monte tenha sido fortalecida e, em outros, enfraquecida. Esse é o caso do estudo do brasilianista Scott Mainwaring, professor da Universidade Harvard, que publicou nos Estados Unidos, em 1986, e, no Brasil, em 1989, o livro *Igreja Católica e política no Brasil: 1916-1985*. Esse livro se insere em um conjunto de publicações que analisa a Igreja Católica e o poder político na América Latina, discutindo, especificamente, a independência da Igreja Brasileira em relação ao Estado. Segundo o autor, até 1964, a Igreja Católica brasileira esteve vinculada às classes dominantes. A partir de então, em razão do golpe civil-militar, parte do clero inaugurou uma fase em que foi estabelecida uma relação conflituosa com os governos militares.

Em sua obra, Mainwaring (1989) demonstra a complexidade e a heterogeneidade da Igreja, indicando que, apesar do crescimento de um setor progressista no catolicismo, sobretudo a partir da década de 1960, uma parte do clero ainda permaneceu vinculada a costumes, crenças e práticas tradicionais. Isso significa que a independência da Igreja em relação ao Estado se deu em meio a um debate interno do clero, uma vez que os progressistas e os reacionários passaram a travar muitas lutas em torno de suas ideias.

Para estabelecer a sua análise sobre a relação da Igreja com o Estado a partir de 1964, Mainwaring (1989) constrói recortes temporais que identificam essa relação. Assim, ele estabelece recortes cronológicos que associam a História da Igreja com a história do Estado brasileiro. O marco inicial por ele selecionado é a publicação da carta pastoral de D. Sebastião Leme, em 1916, momento em que, para Mainwaring, começou a existir uma preocupação explícita da Igreja com a adesão de leigos e, conseqüentemente, com a política do Estado brasileiro. A partir desse marco, Mainwaring divide a história da Igreja em três períodos, sendo que o primeiro estaria compreendido entre 1916 e 1964, que engloba a Neocristandade, o populismo e o fim do período populista. O segundo período seria o da Igreja sob o regime militar, de 1964 a 1973, e o terceiro período, o da abertura do regime autoritário, de 1974 a 1985. O texto parte do pressuposto de que a Igreja está envolvida com a política, discussão bastante inovadora por apontar para as particularidades dos movimentos sociais e dos conflitos nas transformações da Igreja.

Passo, agora, a apresentar – de forma mais detida – os dois conceitos que perpassam o texto da tese: o de intelectual e o de trajetória. No que se refere ao conceito de intelectual, este trabalho está fundamentado, em linhas gerais, nas reflexões de Serge Berstein, Jean-François Sirinelli, e Ângela de Castro Gomes (GOMES; HANSEN, 2016). As ideias de Serge Berstein sobre Cultura Política, já explicitadas anteriormente, fornecem a base para a discussão do conceito de intelectual. É a partir desse autor e desse conceito que Jean-François Sirinelli e Ângela de Castro Gomes constroem suas reflexões.

Sirinelli (1998) abordou, a partir da História cultural, a produção, a divulgação e a recepção dos produtos culturais, discutindo, especificamente, os intelectuais e o seu engajamento político. Nos seus estudos, esse autor discutiu duas definições clássicas de intelectual. A primeira delas se refere aos sujeitos que desenvolvem atividades associadas à escrita, sendo que, nela, estão envolvidos a criação, divulgação e recepção dos produtos culturais, o que possibilita uma enorme diversidade de agentes envolvidos. A segunda definição é mais restrita e se refere ao intelectual na sua condução política. As duas definições foram mobilizadas por Sirinelli e percebidas como possíveis de serem articuladas, na medida em que

o autor analisou o engajamento político dos intelectuais como uma construção histórica que envolve cronologia, metamorfose e cruzamentos. Para Sirinelli, é o engajamento político que distingue a intelectualidade, e, ao fundir dessas duas definições, articulou o intelectual à atividade política e conferiu à política uma dimensão cultural.⁵⁵

Em sua abordagem sobre os intelectuais, Sirinelli utilizou o conceito de representação, advindo da História Cultural, já que buscou compreender como diferentes grupos constroem representações e se autorrepresentam. Nessa perspectiva, o engajamento político dos intelectuais é associado por Sirinelli ao conceito de representação, pois o autor compreende o engajamento como um fenômeno histórico ligado à criação e à mediação cultural.

Na reflexão realizada por Sirinelli (1998), o engajamento político dos intelectuais é analisado evitando-se que o intelectual seja julgado e mitificado. Considerando esse pressuposto, Sirinelli desenvolve uma análise que articula três conceitos que, na percepção dele, também se relacionam com procedimentos metodológicos a serem adotados em uma investigação sobre intelectuais: itinerários intelectuais, redes de sociabilidade e geração. É importante destacar que, ao trabalhar com esses conceitos, Sirinelli faz dois alertas. O primeiro deles diz respeito ao fato de que esses três conceitos estão entrelaçados, ainda que para explicitar o relacionamento entre eles seja necessário explicá-los separadamente. O segundo deles é a decisiva participação do historiador na análise desses três conceitos, uma vez que cabe ao historiador enxergar o intelectual a partir da observação de todo o seu percurso, dos obstáculos que surgiram, das formas usadas para contorná-lo, dos momentos de grandes conflitos, dos trechos de calma.

Para Sirinelli (1998), o conceito de itinerário intelectual deve estar presente na análise da história de vida de um intelectual. Ao se buscar o itinerário intelectual, procura-se tanto a caminhada individual do sujeito quanto as trajetórias de grupos que tenham a matriz de pensamento vinculada a esse sujeito. Na busca pelo itinerário intelectual, Sirinelli indica que se investigue também outros intelectuais, incluindo-se aqueles de menor projeção e aqueles professores e ou orientadores que tenham marcado a vida do intelectual, tendo papel decisivo na constituição das escolhas, nas opções ideológicas, na maneira como via os estudos, na formação dos valores, enfim, que tenham marcado intelectualmente a formação e a ação profissional do sujeito.

A partir dessa ideia, propus-me a investigar o itinerário intelectual de Padre Monte. Para tanto, procurei captar as suas ações involuntárias, percebendo as relações que ele manteve

⁵⁵ Uma síntese das contribuições de Jean-François Sirinelli para a discussão do conceito de intelectual pode ser encontrada em Alves (2019). Conferir também Sirinelli (1998).

com outros intelectuais em razão da sua formação ou do seu ingresso em determinadas instituições, por fins profissionais. Procurei, também, perceber as relações involuntárias, ou seja, aquelas relações que ele manteve com outros intelectuais em razão da sua formação e atuação profissional. Nesse caso, foram observadas as relações de Monte com os intelectuais da cidade, com outros grupos intelectuais, com seus professores e com os membros do Clero, sobretudo os bispos e os padres que estiveram diretamente relacionados com a sua formação e atuação sacerdotal.

Paralelamente à noção de itinerário intelectual, as outras duas noções – redes de sociabilidade e geração – apresentadas por Sirinelli também foram importantes na minha investigação. Essas noções deixam evidente que a construção de um itinerário não pode se limitar à trajetória individual do sujeito. É necessário articular elementos que possibilitem uma interpretação que insira o sujeito no contexto em que ele viveu. Nessa perspectiva, as redes de sociabilidade permitem identificar os encontros voluntários do sujeito, ou seja, aqueles encontros que ocorreram por escolhas do indivíduo, por seus gestos voluntários, na medida em que se constituem por afinidade intelectual e política. Ainda que sua característica seja a ação voluntária, elas se formam também a partir de circunstâncias fortuitas. Nesse sentido, é possível que um sujeito ingresse em um grupo por opção, mas, nesse grupo, passe a estabelecer relações com outros intelectuais que não foram construídas a partir de ações puramente racionais. Nas redes de sociabilidade, sentimentos opostos podem surgir: amizades e inimizades, solidariedade e competição. Entretanto, esses sentimentos podem se modificar a partir dos deslocamentos que ocorrem ao longo do tempo ou em razão das ações realizadas pelos próprios sujeitos.

Recorri a essa noção de rede de sociabilidade⁵⁶ para compreender as relações que Monte estabeleceu com indivíduos e grupos ao longo da vida. Assim, procurei nas redes de sociabilidade construídas por Monte os pontos de encontro, os elos que se formaram, as zonas de concordância, ou seja, aquilo que sedimentou as adesões e os conflitos existentes nessa rede, além de identificar as relações de poder que perpassaram, em diferentes momentos, a construção dessas relações.

Quanto ao conceito de geração, que, como explicitarei, está associado ao de rede e ao de itinerário intelectual, Sirinelli (1998) deixa evidente que uma geração de intelectuais não é definida, simplesmente, por suas datas de nascimento, mas pelo momento em que atuam concomitantemente na vida pública. Portanto, as gerações intelectuais não são homogêneas. São multiformes, elásticas. Além disso, é importante destacar que, na configuração de uma

⁵⁶ A noção de rede de sociabilidade que adoto na tese está inspirada também nas reflexões de Reguera (2010). Conferir também Caldeira (2015).

geração, não existem apenas os intelectuais que pensam de maneira semelhante, dado que os conflitos intelectuais também estão presentes em uma mesma geração.

Ainda, segundo Sirinelli (2003), uma geração caracteriza-se a partir de uma mudança, de um desvio de rota. Em geral, o surgimento de uma nova geração ocorre em meio a conflitos com a anterior. Dois fatores podem favorecer o surgimento de uma geração. O primeiro fator é a existência de eventos históricos que provoquem crises, choques, e façam emergir novos personagens, com novas ideias, que se diferenciam do panorama anterior, até então estabelecido. O segundo fator refere-se a transformações culturais que modificam o meio intelectual, que são mudanças “silenciosas” que expressam novas práticas culturais existentes na sociedade e que serão incorporadas pelo pensamento intelectual.

Na análise que fiz da trajetória de Monte, procurei identificar os intelectuais que formaram a sua geração, observando as mudanças internas na Igreja Católica que permitiram a ascensão de intelectuais que traziam concepções e práticas inovadoras. Nesse sentido, identifiquei quem eram os parceiros de Monte na difusão dessa inovação, como também os intelectuais leigos que emergiram na cidade do Natal e que estabeleceram um debate com Monte em torno dos princípios científicos, religiosos e humanitários. Dessa forma, pude mapear os autores que formaram uma geração intelectual com Monte. A partir dos procedimentos de análise indicados por Sirinelli, foi possível compreender como Padre Monte se tornou intelectual. Portanto, neste trabalho, Monte foi perseguido a partir do seu itinerário intelectual, das suas redes de sociabilidade e da geração de intelectuais à qual ele pertenceu.

Como já explicitarei em outro momento deste texto, procurei analisar um intelectual religioso que atuou fazendo a mediação entre os preceitos da Igreja e a sociedade natalense. Para realizar essa tarefa, busquei compreender o universo intelectual da cidade do Natal nas quatro primeiras décadas do século XX, que era formado predominantemente por homens católicos. Inserido nesse universo, Monte assimilou os propósitos da Igreja Católica, durante a Neocristandade, e os difundiu entre religiosos e leigos. Essa difusão ocorreu por meio dos seus textos escritos, das aulas que ministrava, das entidades que administrava e do trabalho sacerdotal. Por essa perspectiva, posso afirmar que Monte foi um intelectual que se pode entender como mediador cultural. Ainda que não tenha sido autor de muitos livros ou editor de muitas obras, ele contribuiu para a difusão dos preceitos católicos.

A condição de intelectual de Monte foi exaltada por seus admiradores. Cascudo (1978), por exemplo, afirmava que Monte era um “poço de ciência”, tinha a cultura mais ampla que o Rio Grande do Norte já havia conhecido e possuía qualidades ímpares para difundir o conhecimento. Ao realizar essa análise, Cascudo deixa evidente a capacidade de Monte em

mediar o conhecimento. Ainda que mediador cultural⁵⁷ não fosse uma categoria discutida na época em que Cascudo produzia, uma vez que ele estava preocupado em discutir a genialidade de Monte, é possível usar essa ideia para refletir, contemporaneamente, sobre a mediação cultural realizada por Monte.

Segundo Ângela de Castro Gomes (2016), o conceito de intelectual diz respeito a sujeitos que produzem conhecimentos e comunicam suas ideias direta ou indiretamente vinculados a uma intervenção política e social. Ainda que não exista uma definição uniforme para esse conceito, é possível estabelecer balizas históricas que indicam mudanças e permanências nos estudos sobre esse tema. Para Castro Gomes, historicamente, o termo intelectual surgiu no século XIX e estava associado a genialidades inerentes a determinados sujeitos, razão pela qual os intelectuais eram considerados gênios que explicavam a realidade por meio de estudos que contemplavam os mais variados objetos. Assim, os intelectuais eram estudados a partir dos temas sobre os quais eles se debruçavam. Eles eram personagens de uma história das ideias e o que se estudava eram as ideias que os intelectuais produziam. Entretanto, eles próprios, como indivíduos, não eram objeto de investigação, ou seja, as relações pessoais, os interesses políticos, as amizades e inimizades e outras questões de natureza própria do sujeito não eram consideradas.

Com a consolidação do pensamento estruturalista e da Escola dos Annales, a discussão sobre os intelectuais foi praticamente silenciada, em razão da posição secundária que os indivíduos tinham para essas abordagens teóricas. A Escola dos Annales, quando se dedicava aos indivíduos, fazia-o para compreender um determinado momento histórico, mas o indivíduo, em si, não tinha grande relevância. Acrescente-se a isso o fato de o estruturalismo e a Escola dos Annales considerarem irrelevante a discussão sobre os acontecimentos e sobre a História Política, campo essencial para a discussão dos intelectuais.

A partir das décadas de 1980 e 1990, os intelectuais passaram a ser considerados personagens cuja atividade está intrinsecamente relacionada às vivências e às condições de produção social a que estão submetidos. Os estudos sobre esses personagens passaram a evidenciar que as ideias não são estruturas mentais autônomas e a-históricas e que, portanto, são produzidas por sujeitos que pensam e estão ligados a uma cultura, que é possibilitada historicamente, e que produz efeitos na vida política. É nessa conjuntura que os estudos sobre o intelectual na contemporaneidade o consideram como um agente histórico pensante e

⁵⁷ Intelectuais mediadores ou mediadores culturais são sujeitos que desenvolvem práticas ou atividades de mediação cultural. Esse conceito é desenvolvido por Ângela de Castro Gomes e será utilizado no decorrer do trabalho.

possuidor de livre-arbítrio, constituindo-se, portanto, em um objeto privilegiado para a compreensão de uma sociedade.

Considerando esses elementos, minha preocupação não foi a de estudar a genialidade de Monte (a não ser para elucidar as teias discursivas que possibilitaram a sua construção como “gênio”), mas, sim, perceber o lugar social que Monte viveu e as relações que ele estabeleceu ou que foram estabelecidas a partir dele. Os admiradores de Monte o consideraram e ainda o consideram um gênio, percepção que estava associada a uma lógica vigente no século XIX. A perspectiva que trago para esta tese é superar essa lógica e buscar entender a intelectualidade de Monte na sua totalidade, ou seja, inseri-lo no momento histórico em que ele viveu, nas redes sociais que ele frequentou e consolidou, e nas vinculações das suas ideias com essas duas dimensões. Sob esta perspectiva, investiguei Monte na condição de intelectual que teve formação e aprendizado articulado com outros atores sociais e organizações, intelectuais ou não, e que, no planejamento e execução de suas ideias, expressava intenções e projetos que se entrelaçavam a concepções e práticas culturais e políticas vigentes na sociedade em que ele viveu, de forma mais geral, e na Igreja, de forma particular.

A reconstituição e a análise da condição de intelectual de Monte vinculam-se, como já explicitado, a noções da História Cultural, porquanto busquei compreender as operações realizadas por esse religioso para apreender a realidade social por ele vivida, identificando as suas percepções cognitivas e afetivas, procurando encontrar evidências e entendê-lo como um mediador cultural. Isso implica, por um lado, identificar as intenções de Padre Monte ao conceber e aplicar seus projetos intelectuais e, por outro, compreender os processos socioculturais que envolveram a sua produção intelectual, a circulação das suas ideias e a apropriação do seu pensamento por parte da Igreja e da sociedade.

No que tange ao conceito de trajetória, julgo conveniente fazer alguns esclarecimentos a respeito do uso dessa noção. A primeira delas diz respeito à relação entre biografia e trajetória. Isso porque considero que os estudos que se dedicam a trajetórias e biografias têm uma mesma fundamentação teórica. Até aproximadamente a década de 1980, os estudos biográficos, em sua maioria, concentravam-se em mobilizar fontes e construir uma narrativa sobre o sujeito de modo a transformá-lo em um herói ou em um anti-herói. A ideia era apresentar um personagem que pudesse ser mostrado como modelo de conduta. Esse tipo de biografia criou na academia um olhar preconceituoso sobre os estudos biográficos.

Além desse preconceito, que influenciou muitos autores a olharem as biografias com uma certa suspeita, considero que as discussões expressas por Pierre Bourdieu no seu artigo *Ilusão biográfica* foram importantes para reforçar um olhar estigmatizado sobre os trabalhos

biográficos, isso porque uma interpretação equivocada do texto de Bourdieu pode sugerir que toda e qualquer biografia dá um sentido linear e harmônico à vida do biografado.⁵⁸

Os trabalhos produzidos, a partir dos anos 1980, por historiadores que trabalham com biografias têm mostrado que esses preconceitos são infundados, e que é possível construir biografias desprovidas de tom laudatório e que levem em consideração as incoerências e as escolhas dos biografados.⁵⁹

As evidências que demonstram a consistência dos trabalhos biográficos na contemporaneidade são inúmeras. Para concretizar esse argumento, apresento cinco evidências: o editorial da revista *Annales: Économies, Sociétés, Civilisations*, em edição de março-abril de 1988, que reconheceu a importância da micro-história para um novo olhar sobre as escalas de observação do historiador e para trabalhos que estabeleçam relações entre indivíduo, grupo e sociedade; a biografia está em sintonia com as perspectivas atuais da teoria, da metodologia e da historiografia; as biografias históricas contemporâneas apresentam o livre arbítrio como elemento central nas análises; as várias biografias produzidas nas últimas décadas e que fogem completamente à ideia de uma *ilusão biográfica*,⁶⁰ a publicação, em 1997, de dois dossiês sobre biografias nas duas principais revistas brasileiras do campo da História (Estudos Históricos, da Fundação Getúlio Vargas, e a Revista Brasileira de História, da ANPUH).

Apesar de todas essas evidências, alguns historiadores ainda têm receio de produzir biografias e de serem considerados apologistas dos biografados. Esse não é o meu caso. Eu não teria problemas em escrever uma biografia de Monte. Entretanto, julgo que os propósitos do meu trabalho não se enquadram em uma biografia propriamente dita, já que, como afirmei anteriormente, pretendo me deter na análise do processo de construção da intelectualidade de Monte. Essa reflexão conduz a uma segunda ordem de esclarecimentos que se refere à condução deste trabalho e que diz respeito ao fato de que a noção de trajetória está diretamente associada aos estudos biográficos.

Ainda que eu não almeje construir uma biografia de Monte, eu pretendo utilizar elementos biográficos para construir a tese. Assim sendo, julguei conveniente utilizar a expressão trajetória para explicitar a minha intenção de compreender determinados elementos da vida de Monte que permitam o entendimento de sua atuação intelectual. Dessa forma, ao

⁵⁸ Para um estudo sobre o contexto de publicação do artigo de Bourdieu e aspectos da recepção deste trabalho no Brasil, ver: Costa (2015).

⁵⁹ Diversos historiadores têm produzido, contemporaneamente, biografias históricas e histórias biográficas. Esse conceito diz respeito a biografias produzidas a partir de um problema histórico. Sobre biografia histórica, conferir Souza (2008) e sobre história biográfica, conferir Loriga (2011).

⁶⁰ Entre essas biografias, pode-se citar, por exemplo, Souza (2008) e Gonçalves (2009).

utilizar o termo trajetória ao longo da tese, estou me referindo a momentos diversos da vida de Monte que se entrelaçaram e contribuíram para a formação de suas concepções e ações por ele desempenhadas na condição de intelectual.⁶¹ Sendo assim, apesar de não trabalhar com a biografia, em razão de não trabalhar com a vida de Monte na sua totalidade, é a discussão biográfica que orienta as minhas reflexões sobre o termo trajetória.

Um aspecto importante a ser destacado nesta introdução é o fato de eu ter mobilizado a História Oral para realizar as minhas entrevistas. Ressalto que as entrevistas foram inspiradas nos trabalhos de historiadores italianos,⁶² como Portelli (2012; 2017) e Passerini (2012), os quais me fizeram refletir que o importante, no processo de entrevistar, é considerar os entrevistados como colaboradores, e que eu não deveria procurar neles a verdade absoluta dos fatos, mas, sim, a percepção deles sobre o acontecimento. Valorizei a subjetividade dos meus colaboradores, ainda que tenha percebido que, em muitos momentos, ela estava influenciada por valores disseminados na sociedade. Em razão disso, procurei dar destaque às percepções dos entrevistados sobre Monte, algo que jamais poderia ser obtido exclusivamente por intermédio das fontes escritas.

No que se refere à sua estrutura, a tese conta com três capítulos. No primeiro capítulo – que tem como título *Tuus sum ego: um itinerário intelectual de Padre Monte* – apresento uma breve trajetória do personagem, abordando sua vida familiar, sacerdotal, intelectual e as suas redes de sociabilidade construídas nesses diversos campos. Apresento, também, como os biógrafos de Monte o construíram, discutindo diferentes aspectos de sua vida: a infância; a relação com seu núcleo familiar, bem como a sua condição de “provedor” desse núcleo; a formação sacerdotal no Seminário de São Pedro; a atuação como sacerdote; as motivações para o magistério e as particularidades que caracterizaram sua ação no exercício dessa carreira no Colégio Atheneu, no Seminário de São Pedro e no Colégio Santo Antônio (atual colégio Marista de Natal); as incursões pela ciência, inclusive as atividades desenvolvidas no laboratório de minérios no Seminário de São Pedro; a forma peculiar como ele defendia publicamente a Igreja Católica em Natal; e, finalmente, a forma como Monte encarou a tuberculose, doença que causou sua morte.

⁶¹ Esse uso da noção de trajetória se assemelha àquele feito por Karsburg (2015, p. 32-33). Segundo esse autor, uma biografia, em geral, deve contemplar a totalidade da vida de um sujeito. Já uma trajetória se concentra nos aspectos de uma vida que são mais relevantes para a resolução de um problema de investigação em História. Noção semelhante também foi usada por outros autores como, por exemplo, Medeiros (2017).

⁶² Dentre os brasileiros que trabalham a História Oral numa perspectiva de procurar nos depoentes a percepção deles sobre os acontecimentos, recomenda-se ver: Gattaz (1996).

Ainda neste capítulo, abordei como a doença e a morte de Monte foram narradas nos jornais locais, e como contribuíram para a construção da imagem de um Monte sábio e santo. Debruço-me sobre as estratégias adotadas pelos admiradores de Monte para apresentá-lo como um “homem superior aos outros homens”, um homem “além do seu tempo”. Para discutir as formas por eles adotadas, primeiramente, identifico quando e em que circunstâncias essa imagem de Monte foi construída, quem a construiu e que representações foram mobilizadas para essa construção, levando em consideração tanto o que os admiradores de Monte disseram sobre ele até a sua morte, em 1944, quanto depois desse acontecimento. Apresentei e discuti o tratamento dado a Monte pela imprensa durante a sua doença, quando ele foi praticamente silenciado, e depois de sua morte, quando foi enaltecido de forma contínua nos trinta dias após o falecimento e, apenas esporadicamente, ao longo dos anos seguintes. Trata-se, portanto, de um capítulo no qual discutirei as representações construídas pelos admiradores de Monte sobre ele.

No segundo capítulo, intitulado *Ad Lucem Versus: Padre Monte por ele mesmo*, me concentrei na produção escrita de Padre Monte, analisando obras e artigos nos quais ele expressou seus posicionamentos sobre temáticas que vinham sendo discutidas internacionalmente e que afetavam a Igreja Católica, tais como o liberalismo, os acordos entre nações, os partidos políticos internacionais e os seus reflexos nos partidos brasileiros, os caminhos possíveis do operariado diante do comunismo e do nazismo, as críticas contundentes à Maçonaria e ao Rotary Club, instituições consideradas por Monte como ferrenhas inimigas da Igreja Católica.

Ainda nesse capítulo, abordei o pensamento de Monte sobre certas teorias e procedimentos científicos. Nesse sentido, enfoquei, entre outras questões, as suas concepções sobre o latim, uma vez que ele estabeleceu uma relação direta entre essa língua e o desenvolvimento biológico humano, bem como seus conhecimentos de Biologia. Identifiquei e discuti o esforço de Monte para defender a sua tese de que a castidade não se fundamentava apenas moralmente, mas também biologicamente. Além disso, destaquei as prováveis motivações do religioso para elaborar um livro didático de Biologia, especificamente dirigido aos seminaristas, com o intuito de mostrar aos futuros padres que as investigações científicas não eram incompatíveis com os textos bíblicos. Finalmente, ainda nesse capítulo, discuti as percepções de Monte sobre o espiritismo. Nesse sentido, me detive tanto nas razões que levaram Monte a criticar o pensamento de autores fundantes do pensamento espírita, como é o caso de Kardec, quanto nas posições que ele assumiu antes e depois do surgimento de Chico Xavier como liderança espírita nacional e da criação da Federação Espírita Brasileira. Ao longo do

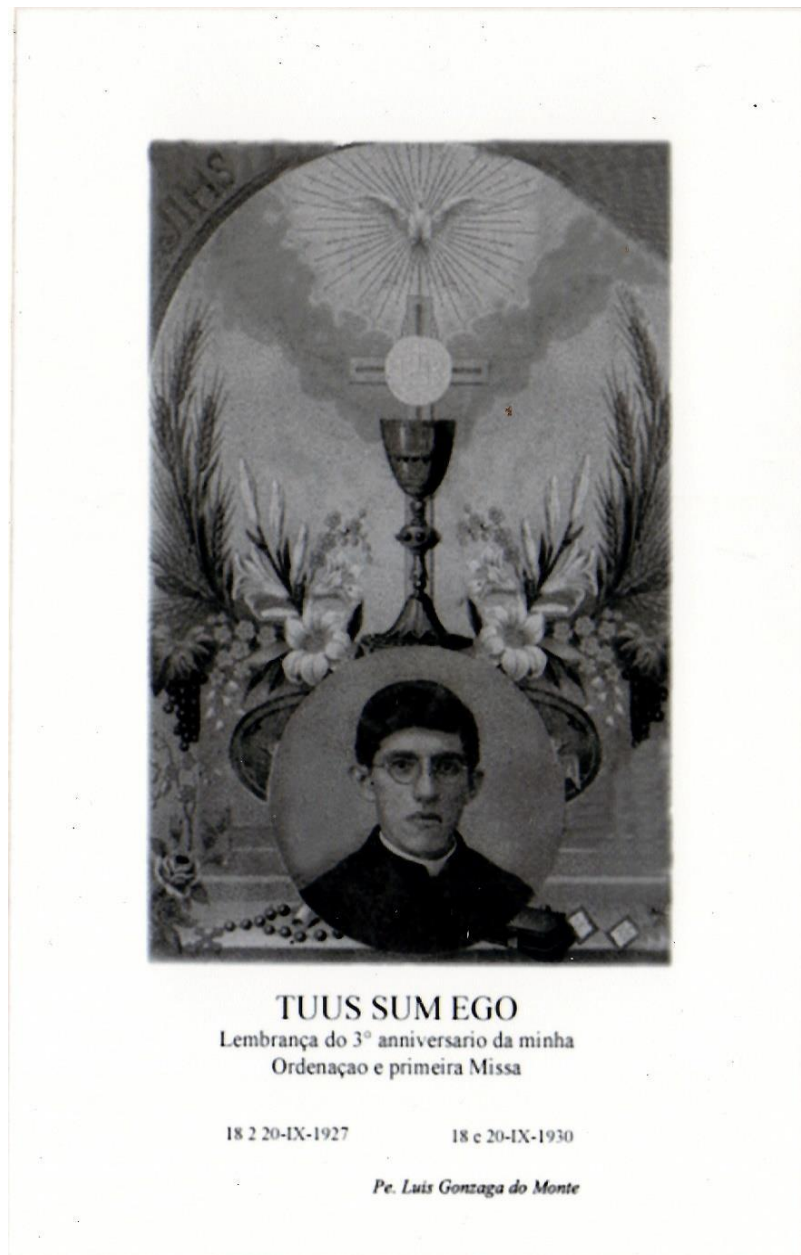
capítulo, procuro mostrar que as ideias de Monte estão profundamente vinculadas à Neocristandade, e à defesa da Igreja Católica.

No terceiro capítulo, intitulado *Um sacerdote apologético: a ofensiva contra os inimigos*, analisei os textos das polêmicas em que Monte se envolveu. Inicialmente, discuti o estilo polemista utilizado por Monte para atacar aqueles que ele considerava serem os inimigos da Igreja Católica. Na sequência, me detive em quatro de seus supostos adversários, identificando e analisando as estratégias narrativas, com destaque para Apologética Católica, e os argumentos mais recorrentes nos debates que travou, pela imprensa, com dois protestantes, (um batista e um presbiteriano), um médico e um veterinário do Exército. Nesse capítulo, apresento, também, as vozes que, destoando de seus admiradores, criticavam as ações do religioso.

Ao finalizar esta introdução, gostaria de destacar alguns aspectos deste trabalho que ajudarão o(a) leitor(a) a compreender a concepção que norteou a sua escrita. Concomitantemente à reconstituição e à análise da trajetória intelectual de padre Monte, inserida e alicerçada nos princípios da Neocristandade, senti, também, a necessidade de discutir como a Igreja Católica procurou recuperar seu antigo prestígio (e poder), abalado pelo movimento iluminista, através da reaproximação com a instância secular.

Assim, o embate entre *ciência x espiritualidade* deu voz a um discurso harmonioso, no qual se poderia fazer ciência sem renunciar à fé. Esse novo discurso, encabeçado pela Neocristandade, trouxe benesses não apenas para a Igreja, mas, também, para intelectuais leigos católicos, que difundiram suas ideias pelos múltiplos tentáculos do clero, ampliando seus nomes e tornando-se influentes em ambas as esferas, isto é, a laica e a sacra. Foi neste contexto que se deu o estabelecimento de novas diretrizes nos Seminários, com vistas à formação de “sacerdotes cientistas”, perfeitamente capazes de dialogar com os intelectuais leigos, que também souberam utilizar o suporte da Igreja Católica para legitimar suas reputações e consagrar suas produções. Assim, apesar de Padre Monte ser uma figura proeminente no Rio Grande do Norte da primeira metade do século XX, não escrevi esse trabalho com o intuito de contribuir apenas para a historiografia do e sobre o Rio Grande do Norte. Por intermédio da trajetória intelectual de Monte, um dos agentes mais atuantes da Neocristandade no país, foi possível desvendar as estratégias empregadas pela Igreja para recuperar seu prestígio. Se os espaços de sociabilidade que Monte frequentou, as redes de relações que constituiu, as produções intelectuais e as polêmicas travadas com adversários da Igreja muito contribuíram para que este objetivo fosse alcançado, depois de sua morte, seus admiradores se encarregaram de dar continuidade a este projeto, reforçando sua sabedoria e santidade.

Figura 1 - Santinho distribuído em comemoração ao 3º aniversário da ordenação e da primeira missa de Padre Monte.⁶³



Fonte: Acervo particular de Jurandyr Navarro.

⁶³ Essa é uma imagem do *santinho* que foi distribuído, em setembro de 1930, aos participantes das comemorações alusivas ao terceiro aniversário de Ordenação Sacerdotal de Padre Monte e de sua Primeira Missa. Chama a atenção na fotografia o destaque de Monte, em primeiro plano, e os símbolos da Igreja, em segundo. Observando a imagem é possível inferir a seguinte mensagem: Luiz Monte era um sacerdote que defendia a Igreja, impedindo-a de ser atacada. A frase em Latim reforça a mensagem que a imagem pretende passar: Eu te sigo e impeço qualquer ataque vindo de inimigos. Luiz Monte é representado como um verdadeiro guardião do catolicismo. O santinho deve ter sido encomendado e seus detalhes definidos pelo próprio Monte ou por outra de pessoa de sua confiança, sendo que sua distribuição ocorreu durante a comemoração. Parece-nos que a inclusão de uma fotografia aponta para a visibilidade que ele quis dar às suas ações, e, por isso, torna-se relevante para a discussão em torno da imagem que construía de si próprio.

2 TUUS SUM EGO: UM ITINERÁRIO INTELECTUAL DE PADRE MONTE

Ele [Pe. Luiz Monte] foi realmente uma cultura ímpar na sua vida intelectual e científica. E maior do que a sua inteligência foi o seu coração. Angélico no espírito e na carne, pode servir de modelo às gerações moças daquela feliz diocese.

Dom José Pereira Alves, 1948

Dom José Pereira Alves⁶⁴ e Luiz Gonzaga do Monte construíram uma relação de mútua admiração que, posteriormente, se transformou numa amizade sólida. Essa amizade começou quando Monte ainda era seminarista e Dom José Pereira Alves era o bispo de Natal. O seminarista reverenciava o bispo⁶⁵ que, por sua vez, admirava o jovem seminarista.⁶⁶ Esse bispo, que posteriormente se tornou uma importante liderança da Neocristandade⁶⁷ brasileira, teve uma participação marcante na formação sacerdotal de Monte, o ordenou e o orientou no primeiro ano de sacerdócio. Mesmo depois de Dom José Alves deixar o bispado de Natal, a amizade entre os dois perdurou, por meio de frequentes correspondências e de visitas eventuais que Monte fazia ao Bispo.

A epígrafe que abre este capítulo está inserida nessa relação de amizade. Trata-se de um excerto retirado da *Apresentação por J. Pereira Alves*, escrita em 1947, para a obra *Verdade e Vida*,⁶⁸ publicada em 1948, por Jorge O'Grady de Paiva. É um testemunho emocionado sobre o amigo, que havia falecido em 1944.

⁶⁴ Dom José Pereira Alves (1885-1947) foi ordenado padre em 1907. Exerceu o episcopado diocesano em Natal entre 1923 e 1928, tendo sido o terceiro bispo de Natal. Formou e ordenou Padre Monte. De Natal, foi transferido para assumir o bispado em Niterói. Mantinha fortes relações com os líderes da Neocristandade do Brasil, como Dom Sebastião Leme e Dom Antônio dos Santos Cabral. Dom José Pereira Alves e Luiz Gonzaga do Monte se conheceram no Seminário de São Pedro. A partir de então, os dois se tornaram amigos. Dom Alves foi professor do Seminário e concedeu as primeiras ordens sacerdotais a Luiz Monte. Foi Dom Alves o primeiro a considerar Monte um sábio, dotado de algo que o distinguia dos demais seminaristas. Esta foi a razão que levou D. Alves a permitir que Monte fosse ordenado aos 22 anos, ainda que a idade canônica para ordenação sacerdotal fosse de 24 anos completos. Seminaristas mais jovens eram ordenados quando houvesse justificativa plausível e a Igreja permitisse.

⁶⁵ Monte reverenciava Dom José Pereira Alves. Para ele, o bispo tinha características pessoais (lealdade, capacidade de estudo e de organização, dedicação, entre outras) e sacerdotais (devoção, abnegação, oratória, obediência às diretrizes da Igreja e capacidade de articulação e mobilização na Igreja e na sociedade) dignas de reverência.

⁶⁶ Vários elementos explicam a admiração do bispo por Monte, entre os quais estavam a capacidade para os estudos, o gosto pela leitura, a dedicação com que cumpria as atividades religiosas e a curiosidade que demonstrava ter em relação a temas científicos. Posteriormente, ainda neste capítulo, tratarei com maior profundidade dessa temática.

⁶⁷ O termo Neocristandade foi utilizado por Scott Mainwaring (1989) para se referir ao período entre 1916 e meados de 1955, marcado pela recatolização da Igreja. Ao longo da tese, discutirei as características desse período.

⁶⁸ A obra *Verdade e vida* é uma das três biografias de Padre Monte. Posteriormente, ainda neste capítulo, discutirei esse texto de maneira apropriada.

Para Dom José Pereira Alves, Padre Monte possuía características que lhe tornavam um modelo a ser seguido pelas novas gerações. Dentre elas, o bispo exaltava: a inteligência, sempre usada para o bem, para a fé, para a felicidade do outro; a capacidade para os estudos científicos, humanísticos e teológicos; a pureza no corpo, ausente de pecados; a pureza no espírito, expressa na sua generosidade e na sua doçura (ALVES, 1948, p. 5).

Essa imagem de Monte apresentada por Dom José Pereira Alves foi consolidada nos escritos e nos depoimentos de vários intelectuais da sociedade natalense e está difundida no clero e no laicato católico norte-rio-grandense. Entretanto, a tarefa do historiador é duvidar das evidências óbvias e procurar outras possibilidades explicativas para respostas aparentemente definitivas. Em razão disso, optei por construir, neste capítulo, uma trajetória intelectual desse personagem. Para realizar tal tarefa, inspirei-me nas reflexões de Sirinelli, na medida em que procurei evidenciar o percurso trilhado por Monte, identificando opções que ele tomou em diferentes momentos da vida.

A relação entre Monte e Dom José Pereira Alves fornece um bom ponto de partida para investigarmos a trajetória intelectual de Monte, associada à construção da sua imagem de santo e sábio. Se eles nutriam relações mútuas de admiração, provavelmente foi por intermédio dele que Monte teve acesso a uma série de informações sobre ciência, religião, humanidades. Apesar de muitos dos admiradores de Monte afirmarem o seu autodidatismo e a ausência de um mestre que lhe encaminhasse nas leituras, o que identifiquei nas fontes é que Dom José Pereira Alves disponibilizou toda a sua biblioteca particular, inclusive os livros proibidos pela Igreja, para que Monte realizasse pesquisas (PAIVA, 1948, p. 64-65).⁶⁹ Isso significa que os estudos e a sabedoria de Monte não foram obra do acaso. Provavelmente, Monte teve acesso a leituras que parte do clero e do restante da população não tinha. Os contatos nacionais e internacionais de Dom José Pereira Alves – que serão explicitados posteriormente nesta tese – certamente contribuíram para que Monte tivesse uma formação diferenciada. O elogio feito pelos admiradores⁷⁰ de Monte, que afirmam que ele foi um gênio sem nunca ter se ausentado de Natal,⁷¹ precisa ser melhor interpretado, uma vez que, apesar de não ter vivido em outra cidade após seu ingresso no Seminário, pôde ter acesso ao conhecimento, pelo menos

⁶⁹ Paiva afirma que Dom José Pereira Alves disponibilizou sua biblioteca particular para Monte. Entretanto, Paiva é um dos admiradores que exaltam o autodidatismo de Monte (PAIVA, 1948, p. 76).

⁷⁰ Paiva é um de seus admiradores e afirma que Monte foi gênio sem nunca ter saído de Natal (PAIVA, 1948, p. 52).

⁷¹ É importante destacar que paralelamente a essa discussão de Monte ter sido gênio sem nunca ter saído de Natal, Paiva considera um legado para a cidade o fato de Monte ter permanecido sempre nessa diocese. De acordo com o autor, “Se pelo tonsuramento ele [Monte] se torna herdeiro de Deus, pela incardinação é a Diocese quem o herda”. A ideia é que Natal é uma cidade abençoada por nela Monte ter desenvolvido a sua sabedoria (PAIVA, 1948, p. 52).

inicialmente, por meio dos livros e das orientações de Dom José Pereira Alves. Na análise dessa questão específica, há um aspecto que podemos denominar de involuntário e circunstancial. Monte ingressou no Seminário e teve contato com o bispo que comandava a diocese. Entretanto, a amizade entre os dois se concretizou a partir do livre arbítrio de ambos e de ações de reciprocidade.

Como já anunciei, busco construir uma trajetória de Monte, a partir das decisões que tomou. Essa opção está ancorada no pensamento de autores como Sabina Loriga, que tem mostrado, em seus estudos sobre personagens, que o importante não é apenas narrar a vida de um sujeito, mas compreender as opções feitas por esse sujeito em momentos específicos de sua vida (LORIGA, 2012, p. 33).

A partir das reflexões de Loriga é possível detectar uma ideia de que o estudo de um personagem não tem o objetivo de recuperar o passado, a vida do personagem como ela realmente aconteceu, mas de entender as suas angústias, os seus prazeres, as suas incertezas, a pluralidade de olhares existentes sobre ele. A partir dessa lógica, este estudo sobre o Padre Luiz Gonzaga do Monte buscará entender, por um lado, o livre arbítrio desse sujeito nas decisões que tomou ao longo da vida e, por outro, as decisões de outros sujeitos que afetaram a própria vida dele ou imagem construída sobre ele.

A opção que fiz por utilizar as relações de Monte com José Pereira Alves como ponto de partida para perseguir a sua trajetória trouxe elementos importantes sobre a formação intelectual de Monte. Essa descoberta me instigou a procurar mais informações sobre os primeiros contatos de Monte com a Igreja, com vistas à sua formação sacerdotal. Monte ingressou no Seminário em 1919, aos 14 anos de idade, em circunstâncias específicas, tanto no que se refere a sua origem familiar quanto às particularidades da Igreja, em Natal, naquele período.

No que se refere às suas relações familiares, é possível afirmar que Monte era oriundo de uma família com baixo poder aquisitivo e que tinha vindo morar em Natal no final de 1917, depois de ter vivido em cidades nos estados de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte.

Quando a família chegou em Natal, já haviam nascido os seis primeiros filhos de Pedro Alexandre do Monte e Belarmina Ferreira Sobral do Monte (Dona Bela): o próprio Luiz

Gonzaga do Monte⁷² (1905), Judith Auristela do Monte⁷³ (1907),⁷⁴ Orígenes Armando do Monte⁷⁵ (1910), Severino dos Ramos do Monte⁷⁶ (1912), Sebastião Aldérito do Monte⁷⁷ (1914) e Oswaldo Edson do Monte⁷⁸ (1916). O último filho, Nivaldo Hudson do Monte (1918), nasceu em Natal. A ida do filho mais velho para o Seminário poderia representar perspectivas de melhoria para toda família. Ao estabilizar-se socialmente e economicamente, ele poderia ajudar no sustento da família e na formação dos outros filhos.

O ingresso de Monte no Seminário de São Pedro coincide com um período de mudanças que acontecia na Diocese de Natal, que, apenas em 1909, tinha conquistado sua autonomia, desmembrando-se da Diocese da Paraíba. O primeiro bispo indicado para a nova Diocese foi Dom Joaquim Antônio de Almeida, que tomou posse em 1910, mas, por motivos de saúde, teve que renunciar ao cargo em 1915. Entre 1915 e 1918, a Diocese de Natal ficou sem Bispo. Só em 1918, Dom Antônio dos Santos Cabral assumiu o bispado, sendo que uma das primeiras providências foi articular a criação do Seminário de São Pedro, o qual foi oficialmente instalado em 15 de fevereiro de 1919.

Foi nesse momento que Monte ingressou no Seminário, trazendo, possivelmente consigo, as expectativas de sua família de que ele se estabilizasse social e economicamente, para que, assim, pudesse ajudar aos pais e aos seus irmãos. Ao mesmo tempo, encontrou a Igreja de Natal buscando formar os seus primeiros padres. A turma de Monte era composta por doze seminaristas e, provavelmente, a Igreja tinha intenções de procurar neste grupo aqueles que melhor se adaptassem aos seus princípios doutrinários e que pudessem estabelecer o diálogo com os católicos leigos, tal como preconizava a Neocristandade, que tinha em Dom Antônio dos Santos Cabral um dos seus mais destacados representantes.

Antes de Monte ingressar no Seminário, Dom Antônio dos Santos Cabral já o conhecia. Em 1918, Monte começou a estudar no Colégio Diocesano Santo Antônio (atual Colégio Marista de Natal), pertencente à Diocese.⁷⁹ E nesse mesmo ano, no dia 30 de maio, Dom Antônio dos Santos Cabral chegou a Natal. Como bispo, Dom Antônio acompanhava as

⁷² Luiz Gonzaga do Monte é o primogênito da família e nasceu na Cidade de Vitória, hoje Vitória de Santo Antão, no estado de Pernambuco. Em 1843, Santo Antão da Mata foi elevada à categoria de cidade, passando a se chamar Cidade da Vitória. Em 1943, tornou-se município e teve seu nome alterado para Vitória de Santo Antão.

⁷³ Nascida em Pesqueira, Pernambuco.

⁷⁴ Entre Judith e Orígenes, nasceu Laurênio Monte, que morreu ainda na primeira infância e sobre o qual não consegui encontrar maiores informações.

⁷⁵ Nascido em Bananeiras, Paraíba.

⁷⁶ Nascido em Bananeiras, Paraíba.

⁷⁷ Nascido em João Pessoa, Paraíba.

⁷⁸ Nascido em Recanto, localidade que pertencia ao município de Currais Novos, no Rio Grande do Norte. Hoje, Recanto é um distrito de Cerro Corá.

⁷⁹ Sobre a História do Colégio Diocesano Santo Antônio, conferir Melquiades (1999, p. 23-26).

atividades do colégio e percebeu que Monte se destacava nos estudos e nos exames. Em razão disso, convidou Monte para participar da criação da *Congregação Mariana de Nossa Senhora da Apresentação e São Luiz Gonzaga* e da *Sociedade São Vicente de Paulo*.⁸⁰ Constatase, portanto que, ao ingressar no Seminário, em 1919, Monte já tinha uma relação de proximidade com Dom Antônio (PAIVA, 1948, p. 35-36).

Essa relação de Monte com Dom Antônio permitiu que ele tivesse um lugar privilegiado entre os doze seminaristas de sua turma de ingresso. Quando Dom Antônio deixou o bispado de Natal, em 1922, e em seu lugar assumiu Dom José Pereira Alves, Monte já era um seminarista destacado. As relações com o novo Bispo permaneceram muito próximas, como anunciamos no início deste capítulo, e delas nos ocuparemos posteriormente de forma mais aprofundada. Adiantamos, contudo, que foi, provavelmente, esse perfil de Monte que fez com que Dom Marcolino Dantas, Bispo que substituiu Dom José Pereira Alves, o nomeasse primeiro diretor da *Ação Católica* em Natal.

Postas essas questões, fica evidente que para entender o percurso intelectual de Monte, as suas decisões, o seu livre-arbítrio, torna-se necessário compreender as suas relações com a família e com a Igreja, uma vez que todo o seu percurso intelectual foi construído com interfaces muito fortes com essas instituições. Essa discussão será a base deste capítulo, que discutirá também como a tuberculose que atingiu esse religioso alterou os seus planos intelectuais e, ao mesmo tempo, foi um dos elementos importantes para a construção de uma imagem enaltecida, consolidada pelos seus admiradores.⁸¹

⁸⁰ A partir do ingresso de Monte nessas entidades, ele precisou visitar várias comunidades de Natal, com o intuito de desenvolver o trabalho pastoral. Essas visitas permitiram que ele conhecesse melhor a cidade e pudesse transitar com facilidade em momentos distintos.

⁸¹ Esse é um traço comum entre as obras de Navarro, Paiva, Nilo Pereira, Hollanda e Leão do Norte.

2.1 A família Monte

Fotografia 1 - Luiz Monte e sua família⁸²



Fotografia apanhada no recesso do lar, em 1937, em que ele aparece ladeado pela mãe e um irmão seminarista (hoje sacerdote) e pela irmã Judite. De pé, no centro, o velho pai, entre os outros filhos.

Fonte: Norte (1944, p. 69).

Em geral, os admiradores de Monte o apresentam como o filho perfeito,⁸³ o homem que nasceu em uma família pobre, com vocação sacerdotal anunciada desde a mais tenra infância, que garantiu o sustento da sua família e melhorou o seu padrão de vida.⁸⁴ Essa construção de Monte como filho perfeito contribuiu significativamente para a consolidação de sua imagem como santo.

⁸² Na fotografia 2 é importante observar a disposição dos membros da família. No primeiro plano, sentados, estão os dois religiosos da família, na época, e as duas mulheres (Belarmina, mãe de Monte e Judith, a sua única irmã). No segundo plano, em pé, estão os outros filhos homens e o pai da família, Pedro. Observe-se que Luiz Gonzaga do Monte está dividindo com a mãe o centro da fotografia. O lugar de destaque da família não é dado ao pai, mas a Padre Monte, que parece desempenhar a função de “chefe “da família.

⁸³ A ideia de Monte como um filho perfeito é perceptível tanto nas entrevistas que realizei com Dom Heitor e Monsenhor Penha quanto nos textos de Hollanda (2005), Norte (1944) e Paiva (1948).

⁸⁴ Os biógrafos de Monte consideram sua vida familiar e sacerdotal como uma predestinação. Aliás, *Predestinação* é o título dado por Paiva à primeira parte da biografia que ele escreveu sobre Padre Monte, que contempla desde informações dos pais desse religioso até a primeira missa celebrada por ele, e, no final, apresenta testemunhos de pessoas que conviveram com Monte e que falam sobre ele. Toda essa parte da obra articula os eventos para mostrar que Monte estava predestinado a ser sábio e santo desde a concepção, o que pode ser confirmado nos depoimentos que encerram essa primeira parte.

A trajetória de vida de Monte, marcada por ações e decisões, pode ser contada a partir de sua infância, mas sua trajetória intelectual começa a ser tecida a partir de seu ingresso no Seminário, quando ele passou a publicar artigos em jornais. É, no entanto, importante ressaltar que os admiradores⁸⁵ de Monte reconstituem sua biografia desde o casamento de seus pais. Em razão disso, optei por apresentar e discutir a história da família Monte antes do nascimento de Luiz Gonzaga, com o propósito de entender o papel ocupado por essa família na construção da imagem desse religioso.

Para discutir o papel da família na construção da imagem de Monte, eu tive acesso a poucas fontes: as biografias de Monte escritas por Holanda (2005), Leão do Norte⁸⁶ (1944) e Paiva (1948), além das conversas e entrevistas que mantive com seus familiares⁸⁷ e com alguns dos seus admiradores.⁸⁸ Procurei maiores informações em jornais e em livros, assim como na biografia de Dom Nivaldo Monte,⁸⁹ mas encontrei apenas dados pontuais. Mesmo nos livros de Paiva e Holanda,⁹⁰ que apresentam maior número de dados, o eixo familiar de Monte não é explorado com profundidade, por serem textos com objetivos mais amplos. Em razão disso, reconstitui a relação entre Monte e sua família a partir do material disponível e dos indícios que identifiquei.

Antes de dar continuidade, julgo conveniente diferenciar as três biografias escritas sobre Monte, uma vez que, em geral, se espera que uma biografia discuta as relações do biografado com os seus familiares. A biografia escrita por Leão do Norte é um texto romanceado. O próprio autor afirma que o seu “[...] trabalho nada mais é do que uma mensagem de saudade dirigida ao coração dos amigos e admiradores do ilustre morto”. (NORTE, 1944, 5). Trata-se de uma homenagem feita pelo autor ao seu querido amigo, de quem foi parceiro durante a formação sacerdotal e no exercício do sacerdócio. Luiz Teixeira considerava Monte a “criatura a quem mais admirava no mundo” (NORTE, 1944, p. 5) e o chamava “Anjo de Natal” (PAIVA, 1948, p. 345).⁹¹

⁸⁵ Veja-se, por exemplo, Holanda (2005).

⁸⁶ Pseudônimo utilizado por Luiz Teixeira. Cf. Paiva (1948, p. 345).

⁸⁷ Refiro-me, especificamente, a dois sobrinhos de Monte: Cristina Monte (filha de Judith) e Roberto Monte (filho de Oswaldo).

⁸⁸ Como, por exemplo, Jurandyr Navarro.

⁸⁹ Nivaldo Monte era o irmão de Monte que, em razão dos cargos que ocupou na hierarquia eclesial, conseguiu que seu nome tivesse mais destaque na sociedade natalense do que os demais irmãos.

⁹⁰ A referência aos trabalhos de Paiva e Holanda nos trabalhos que enfocam a família de Monte é abundante, uma vez que são esses autores que mais produziram informações sobre o tema.

⁹¹ Paiva informa que Leão do Norte chamou Monte de “Anjo de Natal” devido à sua atuação em defesa da cidade durante a Segunda Guerra. Monte teria feito a previsão de que Natal não seria bombardeada durante o conflito, contrariando as análises dos técnicos militares. Segundo Paiva, a convicção de Monte levava em consideração o desenrolar dos acontecimentos da Guerra, mas a certeza de que Natal não seria atingida pelos inimigos vinha

A obra foi escrita quatro meses após a morte de Monte. Trata-se de uma reunião de vinte e três crônicas,⁹² cada uma delas se referindo a diferentes momentos da vida de Monte. A obra enfatiza a parte final de sua vida: o último passeio, a última missa, a última confissão, o último beijo. Entretanto, não se limita a demonstrar como foi a despedida de Monte. Todo o texto de Leão do Norte é voltado para celebrar os primeiros sinais de santidade e sabedoria existentes no sacerdote. O livro começa apresentando o prenúncio que Monte tivera da sua morte, o que o levou a queimar documentos pessoais e estudos científicos que teria escrito ao longo da vida, e que poderiam ter seu conteúdo deturpado, e termina enaltecendo o talento e a cultura do religioso. O relato de Leão do Norte não apresenta fontes nem se prende a documentos, datas, nomes e lugares. É o tom das homenagens que prevalece em todas as crônicas. Entretanto, essas homenagens criam uma linha interpretativa que, posteriormente, será aprofundada por seus admiradores.

São estas curtas crônicas escritas por Leão do Norte os primeiros subsídios para a construção da imagem de Monte como santo e sábio. Antes mesmo do livro de Leão do Norte, na década de 1930, algumas reportagens já apontavam para essa leitura. Depois da morte de Monte, essa imagem foi reforçada em outras reportagens e artigos. Entretanto, o primeiro livro que adotou essa interpretação foi o escrito por Leão do Norte.

Nas crônicas que compõem a obra, não há uma discussão específica sobre a família de Monte, objeto deste tópico do capítulo. Há, no entanto, uma crônica específica, intitulada *Ela*, dedicada exclusivamente à Dona Belarmina, mãe de Monte. Nessa crônica, Leão do Norte escreve sobre a relação afetuosa entre Monte e sua mãe. Chegando mesmo a imaginar diálogos que poderiam ter travado caso tivesse ocorrido um encontro entre eles no momento final, uma vez que Dona Belarmina não o acompanhou nas horas que antecederam o seu falecimento. Sendo assim, na obra de Leão do Norte, a descrição feita da família de Monte se limita ao afeto que ele sentia pela mãe.

A biografia que Paiva⁹³ escreveu sobre Monte dedica pouco mais de vinte páginas, de um total de trezentas e cinquenta e quatro, à apresentação da família do religioso. A obra foi

da sua fé e das suas orações a Deus. A fé e as orações de Monte teriam salvado a cidade, por isso ele se tornou o “Anjo de Natal” (PAIVA, 1948, p. 345). Essa Narrativa de Norte favorecerá para que outros, posteriormente, exaltem Monte como anjo e assim se fortaleça a sua imagem na capital do estado do Rio Grande do Norte.

⁹² As crônicas receberam os seguintes títulos: *Prenúncio*, *Disfarce aparente*, *Último passeio*, *Última missa*, *A sentença*, *Vacilações*, *Última confissão*, *O viático*, *A crise fatal*, *A vela*, *Último olhar*, *Morto-Vivo*, *O grande dia*, *Alarde*, *Último beijo*, *A sepultura*, *Romaria da Saudade*, *Ela*, *O testamento*, *O seu quarto*, *A sua cátedra*, *Ele na intimidade*, *Seu talento e sua cultura*.

⁹³ Jorge O'Grady de Paiva nasceu em 1909, na cidade de Ceara-Mirim, que está situada a trinta quilômetros de Natal. Seu falecimento ocorreu em 2001, no Rio de Janeiro. Gradou-se em teologia e filosofia. Era estudioso

publicada em 1948, quatro anos depois da morte de Monte. O perfil acadêmico de Paiva – que iniciou sua carreira como estudante de medicina⁹⁴ e, após ter desistido do curso, ingressou no Seminário – provavelmente favoreceu as discussões que fez sobre o pensamento e a prática científica de Monte, aspecto abordado em vários momentos ao longo da obra.

Paiva, além de amigo da família Monte, tinha livre trânsito entre bispos e padres de Natal e de outras cidades brasileiras e, no período em que viveu em Natal, manteve uma relação de amizade com Monte e, mesmo após ter deixado Natal, trocaram correspondências, atestando a continuidade dos laços afetivos.

O texto de Paiva apresenta informações sobre datas, lugares, personagens, aproximando-se da linguagem acadêmica, mas, ao mesmo tempo, se caracteriza por um estilo romancado e um tom laudatório em relação ao biografado. A obra, como um todo, é construída a partir de informações coletadas pelo autor junto ao clero e junto à própria família de Monte. Portanto, Paiva, ao apresentar a família Monte, nos informa dados obtidos a partir de conversas mantidas com os pais e os irmãos do religioso, com membros do clero, e com o próprio Monte. Ao longo dela, Paiva demonstra ter tido acesso a textos escritos por Monte, fazendo várias referências às obras escritas por ele. Mas sobre a família propriamente dita, apresenta poucos detalhes.

A biografia escrita por Helenita Yolanda Monte de Hollanda⁹⁵ é aquela que apresenta maiores detalhes sobre a relação de Monte com sua família. Essa autora é filha de uma sobrinha de Padre Monte. Nasceu em vinte e um de maio de 1964, mesmo ano em que os pais de Padre Monte morreram, e vinte anos depois do falecimento de Padre Monte. Nos *Prolegômenos* da sua obra, Hollanda (2005, p. 19 e 21) expõe os dilemas que enfrentou ao escrever a biografia:

Para escrevermos sobre Padre Monte foi preciso, antes de tudo, fugirmos à tentação de romancear em primeira pessoa, pois ele foi tão autor da sua própria vida que é inevitável o sentimento de estarmos nos aproximando de sua história. [...]

das Ciências. Foi aluno de Padre Monte no Seminário de São Pedro. Era membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, ocupando a Cadeira nº 22, a qual tinha como patrono o Cônego Leão Fernandes e, como o primeiro ocupante, o Cônego Luiz Monte, e o segundo Dom Adelino Dantas. Era Sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Atuou como diretor do Colégio Diocesano de Mossoró entre 1936 e 1944. Autor de vários livros, dentre os quais destaco: *Verdade e Vida* (1948), *Na Seara das Letras, da Fé e da Ciência* (1968), *Dicionário de Astronomia e Astronáutica* (1979), *Prédicas e Miniprédiças* (1977) e *Nos Domínios das Letras e da Ciência* (1977).

⁹⁴ O que lhe permitiu acesso a conhecimentos científicos que dialogavam com o pensamento de Monte.

⁹⁵ Helenita Hollanda é médica e desenvolve profissionalmente essa atividade. Duas foram as razões que a levaram a escrever a biografia de Monte: a condição de sobrinha-neta que tinha ouvido muitas histórias sobre o tio, que era considerado um santo pela família e, finalmente, a necessidade de sistematizar a história de Monte para comemorar o centenário de nascimento do religioso, ocorrido em 2005. Helenita é neta de Orígenes Monte (irmão de Luiz Gonzaga do Monte), filha de Margarida Monte (filha de Orígenes), sobrinha de Padre Monte.

Assim, em um afastamento da Igreja – embora não da Fé Cristã – que já se encaminhava para os 20 anos foram muitos os momentos que não nos julgávamos dignas da missão voluntariamente abraçada. Ou afastávamos e, como historiador, contemplava-lhe a vida e sobre ela discorria, ou aproximávamo-nos para, numa condição de verdadeira simpatia, de compunha de ideias, de compreensão humana e cristã, aceitar a sua mão estendida para que caminhássemos juntos.

A obra de Hollanda foi fruto de uma pesquisa em diversas fontes, realizada ao longo de mais de dois anos.⁹⁶ Dentre elas, estão os registros que a autora possuía das vivências com seu avô, sua mãe, com seus tios, especialmente com Dom Nivaldo Monte, e com seus primos; entrevistas com parentes e contemporâneos de Monte e conversas com admiradores de Monte, como Jurandyr Navarro. Para reunir suas fontes, Hollanda, que, na época da escrita da obra residia em Salvador, teve que fazer várias viagens para Natal (NAVARRO, 2005, p. 13).

Helenita Hollanda publicou seu trabalho em 2005, mas ela mobiliza elementos explicativos oriundos das obras de Leão do Norte e de Paiva, acrescentando as imagens que a própria família e os admiradores haviam construído sobre Monte. Para ratificar esse argumento, a obra é antecedida por uma *Carta aberta à autora*, escrita por Dom Nivaldo Monte, e por um texto intitulado *Minha palavra*, de Jurandyr Navarro.

Estas três biografias, escritas por Leão do Norte, Paiva e Hollanda, constroem uma imagem heroica de Monte. A princípio, se poderia afirmar que a proximidade dos autores com o personagem favoreceu e tornou mais fácil o trabalho. Todavia, as investigações históricas têm demonstrado que não é simplesmente o fato de gostar dos personagens que explica a opção por uma biografia do tipo heroica ou que justifica a facilidade na elaboração de um trabalho biográfico.

Em entrevista concedida à historiadora Marieta de Moraes Ferreira, François Dosse é provocado a responder se é mais fácil construir biografias de pessoas por quem não se tem admiração, pois isso daria ao historiador a capacidade crítica para olhar seu objeto de maneira crítica. O historiador francês responde que não é necessariamente o distanciamento do biógrafo em relação ao seu objeto o que torna o trabalho mais simples e de qualidade mais crítica. Nessa perspectiva, há biografias excelentes feitas por um biógrafo que admira o biografado, e há biografias ruins feitas por biógrafos que não gostam dos seus biografados. Segundo Dosse (2012, p. 347), “A biografia de Hitler por Ian Kershaw é excelente. A biografia que Freud fez sobre o presidente Wilson não é uma boa biografia. Ele não gosta de Wilson, e no final de sua biografia gosta menos ainda”.

⁹⁶ O tempo de duração da pesquisa foi informado por Dom Nivaldo Monte (MONTE, 2005).

Para Dosse (2012, p. 348, grifos nossos),

o essencial para escrever uma boa biografia é a empatia, também necessária ao bom historiador. Escrevi um livro de diálogos com um dos maiores historiadores franceses, talvez até o melhor – Pierre Chaunu –, e não compartilho de suas posições. Ele tinha uma empatia incrível, eu o vi chorar numa entrevista como esta, ao reviver cenas do século XVI. Falava sobre o primeiro encontro de Carlos V e Lutero e as lágrimas rolavam. Essa capacidade de transportar-se até o outro é a condição de uma boa biografia. [...] Quanto à biografia de Paul Ricœur, eu tinha simpatia e empatia por sua obra, mas ainda não o tinha encontrado. Nunca encontrei Certeau nem Deleuze. Em compensação, o dispositivo foi diferente para Pierre Nora, pois foi necessário entrar em acordo com ele sobre a forma de gerir certa distância. Ele pôde me dar detalhes cruciais que me teriam feito falta se não tivesse podido vê-lo. **É preciso cultivar essa relação, mas não se deve fazer dela um uso exagerado para não cair no louvor, no discurso apologético, na distorção. Há um risco, mas o objetivo não é fazer a biografia de um santo.** Para não cair nesse impasse, um bom recurso é fracionar a investigação oral. **Isso dá ao pesquisador pontos de vista diferentes. É nesse cruzar de críticas, nessa miríade de pontos de vista que se evita um ponto de vista unívoco, como nas biografias heroicas.** Defini três tipos de biografias: as heroicas, as modais e as hermenêuticas contemporâneas, o que subentende pluralismo, abertura a novos olhares, incompletude e postura de modéstia.

A partir do pensamento de Dosse, pode-se afirmar que a busca pelas origens familiares católicas de Monte, feita por Leão do Norte, Paiva e Hollanda, favoreceu a construção de uma história apologética que contribuiu e deu sentido à fixação de uma imagem de Padre Monte como um santo.

Feitos esses esclarecimentos sobre as fontes que disponho para a reconstituição da relação que Monte mantinha com sua família, posso me deter na discussão em torno dessa relação. Ainda hoje, o religioso permanece com uma imagem muito forte no seio da sua família. Nas conversas que tive com membros da família e também na biografia escrita por Helenita Hollanda, há relatos de que Monte era apresentado como um santo para a família. Alguns sobrinhos⁹⁷ dele, com os quais tive contato, afirmam que não conheceram o religioso, mas que sempre mantiveram uma relação próxima com ele. Em suas casas, nas paredes, percebi que havia quadros com a fotografia de Monte. Alguns deles foram ensinados, na infância, a fazer o sinal cruz todas as vezes que passassem em frente a esses quadros. Constata-se, assim, que os

⁹⁷ Os sobrinhos de Monte, filhos e filhas dos seus irmãos e da sua irmã, nasceram entre 1935 (Guido, filho de Orígenes) e 1957 (Osmir, filho de Oswaldo). Quando Monte morreu, ele já tinha quatro sobrinhos (Guido, com 9 anos; Tarcísio, com 7 anos; Luiz Gonzaga, com 4; e Margarida, com 2). Portanto, os sobrinhos mais velhos de Monte com ele conviveram por alguns anos. Os mais novos, apesar de não terem convivido com ele, guardaram lembranças das imagens construídas pelos seus pais sobre o religioso.

pais e os irmãos de Monte preservaram a sua imagem como um exemplo a ser seguido. Sobre o tema, Helenita Hollanda afirma que⁹⁸

Crescemos admirando um homem de sorriso leve e olhar profundo emoldurado nas paredes das casas da nossa família, e que fez parte do ‘enxoval’ que levamos para a vida adulta. Nunca esteve longe dos nossos corações. [...] nosso Padre Monte, [aquele] mesmo que havia nascido em nosso coração como ‘Imão⁹⁹’, nosso tio desde sempre já morto, mas sempre presente em nossa vida – o ‘tio das paredes’ da nossa infância que se confundia, por vezes, numa pureza pueril, com as pinturas do Sagrado Coração de Jesus e de Maria Santíssima, produzindo em nós uma reverência que tantas vezes nos levava a fazer, diante da sua fotografia, o sinal da cruz (HOLLANDA, 2005, p. 21).

A partir da citação de Hollanda, referendada por outros sobrinhos de Monte, posso inferir que a própria família contribuiu para a construção de uma imagem enaltecida sobre ele, pois os sobrinhos repetem as concepções e as imagens construídas pelos pais e irmãos do religioso.

No que se refere, especificamente, aos pais de Luiz Gonzaga do Monte, todas as informações a que tive acesso são as que constam nas três biografias (HOLLANDA, 2005; NORTE, 1944; PAIVA, 1948) produzidas sobre ele após a sua morte. Duas dessas biografias, aquelas escritas por Paiva e Hollanda, demonstram que os pais de Monte, Pedro Alexandre do Monte e Belarmina Ferreira Sobral, eram de origem humilde. Ele, nascido na cidade de Vitória, em Pernambuco, em 1866, e ela nascida em 1884, na cidade de Barreiros, em Alagoas. As circunstâncias do encontro entre os dois não foram discutidas nesses trabalhos. Sabe-se, apenas, que o casamento aconteceu em Vitória. Essas duas biografias iniciam a história da família Monte propriamente dita com o casamento de Pedro e Belarmina, em 1897, no atual distrito de Pombos, em Vitória de Santo Antão. Na época, ele tinha 31 anos e ela 13. O fato de o casamento ter acontecido em Vitória permite inferir que, provavelmente, Belarmina mudou-se para essa cidade e lá se encontrou com Pedro.

Nos estudos feitos por Paiva e Hollanda, fica evidente que há uma tentativa de mostrar que os pais de Luiz Gonzaga do Monte nasceram predestinados a dar origem a um filho santo. Helenita Hollanda, por exemplo, afirma que os cinco primeiros membros da família Monte chegaram ao Brasil em meados de 1600, desembarcando na Bahia, e de lá migraram para o Ceará e para Pernambuco. Esses “pioneiros” da família eram, segundo ela, órfãos de pais judeus

⁹⁸ O depoimento a seguir demonstra como as crianças da família eram educadas para reverenciar o tio. Isso evidencia que, na família de Monte, ele foi tratado, depois da morte, como um verdadeiro santo. Lembra de práticas desenvolvidas tradicionalmente na família.

⁹⁹ Contração da palavra irmão, apelido carinhoso atribuído a Monte por sua família.

condenados pela Inquisição espanhola. Helenita Hollanda ressalta que não encontrou qualquer informação sobre a família Monte entre a chegada dos “pioneiros” da família e o nascimento de Luiz Gonzaga do Monte. Isso significa que existiria um vácuo de mais de trezentos anos, o que torna difícil estabelecer uma relação direta entre Pedro do Monte e esses possíveis “pioneiros” da família. Ao que tudo indica, a autora procurou construir uma identidade para a família Monte que a associava a estes judeus emigrados, apesar de não apresentar dados concretos para estabelecer essa vinculação. Apesar dos limites da afirmação de Hollanda e da inferência, a autora chega a uma conclusão: a de que a família foi perseguida pela Igreja Católica no período da Inquisição, mas foi “recompensada com o nascimento de Luiz Gonzaga do Monte, verdadeiro vocacionado” (HOLLANDA, 2005, p. 27).

A condição humilde dos pais de Monte foi apresentada por Paiva e Hollanda. A autora afirma que nada sabe sobre Pedro do Monte antes do casamento, “a não ser que a casa dos pais dele era tão modesta que as cabeças dos meninos tocavam a biqueira” (HOLLANDA, 2005, p. 29). Sobre Belarmina Ferreira, Hollanda (2005, p. 29) afirma que seu pai era ferreiro e que, por isso, ela teria esse sobrenome. E, ainda, que seus seis ou sete irmãos partiram em busca dos seringais da Amazônia e que, por isso, perderam qualquer vínculo com ela.

É interessante observar a ausência de dados sobre a origem familiar de Pedro e Belarmina, uma vez que ambos viveram até a meados da década de 1960. Belarmina faleceu em quatro de maio de 1964, com 79 anos. Pedro faleceu quatro meses depois, em 14 de setembro de 1964, aos 97 anos. Além disso, no caso de Pedro, especificamente, Paiva (1948, p. 72) relata que conviveu com ele durante alguns dias em Goianinha,¹⁰⁰ na época em que Nivaldo Monte era pároco daquele lugar. Paiva informa que: “indaguei-lhe a vida, as lutas, as ocupações exercidas, as preferências e o êxodo para o Rio Grande do Norte. Falou-nos de tudo, expressava-se com naturalidade. Revelou fatos e episódios que punham em descoberto a sua grande inteligência” (PAIVA, 1948, p. 11). Apesar dessa conversa, Paiva não apresentou nenhuma informação sobre a origem familiar de Pedro do Monte.

As informações mais detalhadas sobre o casal Pedro e Belarmina remontam ao momento em que eles se casaram. Paiva irá apresentar características intelectuais e pessoais positivas de cada um deles, afirmando que essas características serão herdadas por Monte. Este autor caracteriza individualmente o pai e a mãe de Monte. Segundo o autor, Pedro do Monte nunca cursou escolas, aprendeu a ler e a contar sozinho. Apesar disso, possuía grandes habilidades, sobretudo, em matemática, que, segundo Paiva, foi uma característica deixada

¹⁰⁰ Dom Nivaldo foi pároco de Goianinha e Arez, entre os anos de 1942 e 1943. A esse respeito, conferir: Biografia de Dom Nivaldo Monte (MONTE, 2002).

como herança a Luiz Gonzaga do Monte. Além disso, Paiva ainda afirma que Pedro possuía um comportamento avesso às exterioridades e às convenções sociais. Na narrativa deste autor, é como se Luiz Gonzaga do Monte tivesse conseguido concretizar a vocação intelectual do pai, que, por força das circunstâncias da vida, não havia podido desenvolver. Monte teria herdado essa vocação e conseguido concretizar as aspirações do pai. Paiva também afirma que, financeiramente, Pedro do Monte era muito pobre, o que o obrigou a peregrinar com a mulher e os filhos por cidades de Pernambuco, da Paraíba e do Rio Grande do Norte. No que se refere à mãe de Monte, Paiva afirma que ela era uma mulher dedicada às atividades do lar, que não teve a oportunidade de estudar, mas que soube modelar o filho para o exercício do sacerdócio, uma vez que ela era uma mulher que vivia cotidianamente as virtudes cristãs, a fé, a abnegação, a caridade e a prudência (PAIVA, 1948, p. 13-14).

Pode-se, a partir as informações dadas por Paiva e Hollanda, fazer duas constatações. A primeira é que o casal criou os filhos pelo menos até a chegada em Natal, que se deu em 1917, em condições muito modestas. A segunda é que são atribuídas características ao casal que serão vistas com prenúncios das características do próprio Monte. Tanto Paiva quanto Hollanda apresentam os pais do religioso como predestinados a ter um filho intelectual e santo. Na narrativa dos dois biógrafos, Monte herdou do pai as habilidades intelectuais e, da mãe, a santidade. Construída pelos biógrafos após a morte de Monte, ela, com certeza, favoreceu o estabelecimento de uma relação entre as características exaltadas em Monte e sua família.

Depois de casados, Pedro e Belarmina continuaram morando em Vitória de Santo Antão. As fontes não fazem referências explícitas ao trabalho de Pedro durante os sete anos em que o casal viveu sem filhos. Se, por um lado, há uma indicação clara de que Belarmina dedicou toda a sua vida ao trabalho do lar, por outro, pode-se inferir que Pedro trabalhava na agricultura. A situação financeira do casal, ao que tudo indica, era muito precária, se consideramos a descrição da casa em que moravam, feita por Hollanda (2005, p. 31-32).

Quando Luiz Gonzaga do Monte, o primogênito do casal Belarmina e Pedro, nasceu em 3 de janeiro de 1905, eram essas as condições da família. O que as fontes indicam é que, até Monte completar dois anos de vida, a situação permaneceu a mesma. Entretanto, segundo Hollanda (2005, p. 32), a partir de 1907, esse cenário se modificou, pois Pedro tornou-se empregado da *Great Western*,¹⁰¹ inicialmente na cidade de Vitória (posteriormente, Vitória de Santo Antão), atuando na remoção de terras e no assentamento de trilhos.

¹⁰¹ O governo brasileiro autorizou, em 1873, o funcionamento da empresa *The Great Western of Brazil Railway Company Limited*, de capital inglês. Amplamente conhecida no Brasil apenas como *Great Western*, essa

A partir de Vitória, Pedro Monte se instalou em outras cidades que tinham estações ferroviárias,¹⁰² sempre vinculado às atividades profissionais que desempenhou na *Great Western*. Assim, acompanhando a expansão das estradas de ferro, a família viveu¹⁰³ nas cidades de Pesqueira, (em Pernambuco); Cidade da Parahyba,¹⁰⁴ Bananeiras, e, novamente, Cidade da Parahyba (na Paraíba); Recanto,¹⁰⁵ um povoado que, na época, pertencia à vila de Currais Novos, no interior do Rio Grande do Norte, e em Natal, capital do estado (HOLLANDA, 2005). No final de 1917, Pedro Monte permaneceu em Recanto, trabalhando na ferrovia, mas enviou a mulher e os filhos para Natal. Em 1919, ele veio definitivamente para Natal. As fontes não indicam se, ao vir para Natal, ele continuou trabalhando na *Great Western*. Há uma grande probabilidade de que tenha continuado trabalhando nessa empresa, uma vez que todos os seus deslocamentos ocorreram em função das atividades que desempenhou nas ferrovias.¹⁰⁶ Descobrir onde se deu o término do vínculo do pai de Padre Monte com as ferrovias não foi algo fácil. Os textos de Hollanda e Paiva deixavam evidente a ligação de Pedro Monte com as ferrovias até a Paraíba, mas sobre a instalação em Recanto, os biógrafos referem-se apenas genericamente.¹⁰⁷

empresa conseguiu, inicialmente, concessão para a ferrovia que ligaria o Recife a Limoeiro, no sertão pernambucano. O primeiro trecho dessa ferrovia foi concluído em 1881, e ligava Recife à cidade de Paudalho. Em 1896, foi construída a ferrovia Recife-Caruaru e Vitória de Santo Antão era uma das estações dessa ferrovia. No início do século XX, essa ferrovia chegou até Mimoso. Pesqueira, cidade onde Pedro Monte trabalhou, é a estação da estrada de ferro anterior a Mimoso. No decorrer do século XX, essa empresa construiu várias ferrovias nos vários estados do Nordeste. No Rio Grande do Norte, especificamente, as primeiras estradas de ferro começaram a ser construídas na transição do século XIX para o século XX e os trens serviam como meio transporte de cargas e passageiros. A *Great Western*, a partir do trecho ferroviário que ligava Natal a Nova Cruz, aumentou as linhas ferroviárias que estabeleciam ligações entre o Rio Grande do Norte, a Paraíba e Pernambuco. Em 1945, a *Great Western* controlava mais de 1600 km de ferrovias e operava na maioria dos estados do Nordeste. Em 1951, essa empresa encerrou as atividades no Brasil e foi adquirida pela Rede Ferroviária do Nordeste, que posteriormente foi incorporada à Rede Ferroviária Federal S.A.

¹⁰² Para visualizar esse deslocamento da família, veja o apêndice A. Nele está contido o deslocamento da família Monte pelos estados de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. Esse mapa estabelece relações entre os deslocamentos da família e malha ferroviária.

¹⁰³ Em cada uma das cidades em que Pedro Monte se instalou com a família, Belarmina teve um filho. Pelas datas de seu nascimento, é possível acompanhar espacial e cronologicamente os deslocamentos feitos pela família. Os locais e as datas de nascimento de cada filho já foram citados anteriormente neste capítulo.

¹⁰⁴ Trata-se, especificamente, da região hoje correspondente a Cabedelo que, à época, fazia parte da Cidade da Parahyba. Cidade da Paraíba foi desmembrada de João Pessoa posteriormente ao período em que os Monte estiveram na cidade.

¹⁰⁵ Recanto fazia parte do município de Currais Novos até 1953, quando passou a pertencer ao município de Cerro Corá. A história de Recanto está ligada à expansão ferroviária no sertão potiguar. Em 1912, como parte da expansão da *Estrada Central do Rio Grande do Norte*, foi iniciada a construção de um ramal que interligaria Lajes a Caicó. Essa obra possibilitaria a exportação do algodão do Seridó para o litoral. A ferrovia chegou a Recanto, ainda que não tenha chegado até a cidade de Caicó. Recanto fica a trinta quilômetros da cidade de Cerro Corá, a vinte quilômetros de Lajes e a setenta de Currais Novos. Recanto, na época da construção da ferrovia, se tornou um povoado, que, com o desaparecimento da ferrovia, perdeu moradores e importância.

¹⁰⁶ Posteriormente, ainda neste capítulo, discutiremos melhor as circunstâncias de sua vinda para Natal.

¹⁰⁷ O tema está no livro de Hollanda. A autora se refere a uma viagem feita pelos irmãos de Monte a Recanto, aproximadamente setenta anos depois da transferência da família para Natal. Nessa viagem eles encontraram, naquele lugar, com um cassaco (trabalhador da estrada de ferro) que havia trabalhado com Pedro Monte.

Ao me debruçar sobre esta questão, constatei que as fontes disponíveis não mencionam as razões que levaram os Monte a ir para Recanto, no município de Currais Novos. A minha estranheza aumentou ao me dar conta de que em Currais Novos nunca existiu uma estação ferroviária. Apesar de haver a informação – dada por Hollanda (2005) – de que na região vivia um amigo de Pedro Monte, que havia trabalhado com ele na ferrovia, considerei isso muito pouco para justificar sua instalação nesta cidade. Diante disso, cheguei a pensar que a última cidade em que Pedro Monte trabalhou na estrada de ferro ficasse no estado da Paraíba, o que só aumentou minha inquietação em relação à mudança para Recanto.¹⁰⁸ Não encontrando nenhuma referência escrita, entrei em contato com pessoas que por viverem em Currais Novos poderiam me ajudar a desvendar as razões da instalação dos Monte na cidade. Inicialmente, descobri que Recanto, hoje, pertence ao município de Cerro Corá. De posse dessa informação, fui a Cerro Corá e me encontrei com um morador antigo da cidade, o Sr. Wallace Wilson Pereira,¹⁰⁹ que me falou sobre a construção de uma estação ferroviária em Recanto. A partir dessa entrevista, pude confirmar que Pedro Monte continuou, pelo menos até Recanto, como funcionário da *Great Western*.¹¹⁰

De acordo com Hollanda (2005, p. 32), paralelamente às suas atividades na empresa ferroviária, e para aumentar os rendimentos, desde que havia começado a trabalhar na *Great Western* na cidade de Vitória, em todos os lugares em que se fixava com a sua família, Pedro Monte instalava pequenos barracões, à margem dos trilhos, para vender produtos¹¹¹ de primeira necessidade aos trabalhadores.

Em Recanto, o padrão foi mantido e Pedro instalou um pequeno barracão, incorporando uma novidade: passou também a fabricar pequenas quantidades de sabão para vender. Segundo Hollanda (2005) e Paiva (1948), Luiz Monte, então com nove anos, ajudava a família nas atividades comerciais e na fabricação de sabão. Esses dois autores enfatizam a qualidade do sabão produzido pelos Monte e destacam essa condição de fabricante de sabão como um indício das habilidades de Padre Monte para os conhecimentos de Química, aos quais teve acesso no Seminário e dedicou-se ao longo da vida. O que esses dois autores procuram salientar é que havia uma associação direta entre o menino de nove anos que se dedicava à

¹⁰⁸ Os deslocamentos da família Monte dentro do Rio Grande do Norte podem ser visualizados no Apêndice B.

¹⁰⁹ Wallace Wilson Pereira nasceu em Cerro Corá, mudou-se para Natal muito jovem, se aposentou e retornou para Cerro Corá. Hoje é proprietário de uma pousada na cidade e se apresenta como um curioso da história da ferrovia em Recanto. Ele tem o hábito de coletar as histórias dos antepassados e tem arquivado alguns documentos.

¹¹⁰ Retomarei a entrevista com Wallace Wilson Pereira ainda neste capítulo. A partir dela, encontrei importantes indícios das razões para a vinda dos Monte para Natal.

¹¹¹ Nos barracões eram vendidos produtos secos (sal, café, açúcar, macarrão, farinha, leite em pó, biscoitos, arroz, feijão, temperos secos, entre outros) e produtos molhados (óleo, querosene, vinagre, mel, entre outros).

fabricação de sabão e o estudioso de Química, que se aprimorou a partir do ingresso no seminário.

Essa é a primeira menção nas fontes à uma ação desempenhada por Luiz Monte, e da qual Paiva e Holanda chegam às seguintes conclusões: a primeira é que ele era um provedor da família desde a infância, pois ao produzir sabão e vender os produtos ofertados no barracão, contribuía para a melhoria de sua condição financeira. A segunda resulta da associação entre a produção artesanal de sabão ao seu interesse em Química.

Essas conclusões ajudarão a construir a percepção – e, posteriormente, a imagem – de que Luiz Gonzaga do Monte foi um predestinado a ser santo e sábio. Essa imagem – de abnegação e dedicação à família, que marcaram sua infância – foi inicialmente construída por Paiva, ratificada por outros admiradores e consolidada por Holanda. Monte era santo porque havia deixado de brincar para trabalhar e, assim, garantir o sustento de sua família, e era sábio porque desde a infância mostrava interesse em ciências, mesmo antes de conhecê-las e estudá-las. Como se pode observar, nessa interpretação encontram-se elementos que, conjugados a outros, e que serão abordados posteriormente nesta tese, confirmarão a sua imagem como santo e sábio.

O que os admiradores e biógrafos de Monte relatam é que a vida da família Monte em Recanto melhorou significativamente. Entretanto, esses mesmos admiradores e biógrafos afirmam que dona Belarmina Monte acreditava que, naquele lugar, seus filhos não poderiam progredir devido à ausência de escolas. Luiz Gonzaga do Monte, que já havia cursado as primeiras letras,¹¹² demonstrava grandes habilidades nos estudos e, em Recanto, não teria condições de dar continuidade a eles (HOLLANDA, 2005). Já instalada em Recanto,

Dona Bela olha para os seus seis filhos de constituição miúda¹¹³ e não consegue imaginá-los dedicando-se ao trabalho braçal que havia naquelas paragens. Eram estudiosos, os meninos, mereciam oportunidade maior que a oferecida naquele povoado perdido no meio do nada. Assim, ela resolve empreender a mudança que decidiu o futuro da família. Expôs a sua intenção ao esposo e a amadurecem juntos. Resolveu, por fim, que Bela partiria com os meninos para Natal, para que estudassem, enquanto Pedro permaneceria em Recanto, trabalhando para enviar à família tudo quanto fosse possível.

¹¹² Luiz Monte frequentou, antes de se mudar para o Rio Grande do Norte, uma escola em João Pessoa (provavelmente, o Colégio das Neves), onde aprendeu a ler e escrever, o que possibilitou que desse continuidade aos estudos.

¹¹³ Conheci pessoalmente Dom Nivaldo Monte. Ele era um homem com, no máximo, 1,60m de altura e pesava, no máximo, 45kg. As pessoas que conviveram com Luiz Gonzaga do Monte afirmam que o porte físico dele era muito semelhante ao de D. Nivaldo. Nas fotografias coletivas, é sempre possível ver Monte bem mais magro e mais baixo que as demais pessoas retratadas. Ao que tudo indica, esse biotipo era comum na família. Essa característica física de Luiz Gonzaga do Monte também será usada como algo positivo. O que os admiradores dele exaltam, em geral, é a capacidade intelectual de um homem tão franzino.

Nada de essencial lhes faltaria, embora de tudo o mais fossem carentes (HOLLANDA, 2005, p. 35).

De acordo com Hollanda (2005), Belarmina não desejava que os filhos se dedicassem ao trabalho braçal, devido ao seu porte físico franzino, e aspirava se estabelecer com eles, que demonstravam grande aptidão para os estudos,¹¹⁴ em Natal. Para concretizar a mudança da família para a nova cidade, o marido teria que permanecer em Recanto, trabalhando para sustentar a família.

A interpretação de Hollanda é semelhante à dos demais admiradores de Monte. O que se afirma, em geral, é que a família veio para Natal com o intuito de garantir que Monte pudesse estudar e tornar-se padre. Nesses termos, a vinda da família para Natal iria favorecer o futuro do primogênito, que desenvolveria as suas habilidades científicas e religiosas, já demonstradas anteriormente.

Entretanto, esse enredo idílico pode não ter se concretizado exatamente dessa forma. Inicialmente, é importante discutir as circunstâncias que possibilitaram a mudança da família de Recanto para Natal. Quando Pedro Monte chegou com a família em Recanto, ele pretendia dar continuidade ao trabalho de abertura de estradas, que já havia realizado nas outras linhas da *Great Western*. A ferrovia que passaria em Recanto ligaria a cidade de Lajes, que era um entroncamento ferroviário, à cidade de Caicó, centro produtor de algodão. Essa ferrovia, no entanto, nunca foi concluída. Ela foi iniciada em 1912, mas teve suas obras desaceleradas a partir de 1917 e, em 1919, foi abandonada.

Em seu depoimento para esta tese, o Sr. Wallace Wilson Pereira afirmou que o desaceleramento da obra começou a partir de 1917, devido à falta de recursos financeiros. A partir dessa informação, posso inferir que a diminuição no ritmo das obras implicou na redução do número de empregados. E, sob essa perspectiva, é plausível supor que a vinda de Belarmina e dos filhos para Natal pudesse estar associada a essa conjuntura. Com a diminuição dos funcionários, pode-se imaginar que os negócios no barracão diminuíssem e que, muito provavelmente, Pedro Monte tenha pressentido que a obra não seria concluída. Acredito que ele tenha permanecido em Recanto, aguardando pela definição da situação, e que, por precaução, enviou a sua família para Natal, que era uma cidade maior e que tinha também estação ferroviária, o que acenava com oportunidades de trabalho.

¹¹⁴ Hollanda (2005) afirma que os filhos de Belarmina tinham grande aptidão para os estudos. Entretanto, em 1917, quando ocorreu a mudança, Monte tinha doze anos. A segunda filha tinha dez anos, e os demais filhos eram muito pequenos. A partir dessa informação, posso inferir que a condição de aptidão para os estudos deve se referir principalmente a Monte.

A partir de informações que o Sr. Wallace Pereira coletou junto a moradores antigos da região, o que provocou o definitivo abandono da construção da ferrovia em Recanto foi a gripe espanhola, que atingiu o lugar entre 1918 e 1919, e deixou muitos empregados doentes. De acordo com Pereira, muitos funcionários eram estrangeiros e foram embora logo após os primeiros casos de gripe na região. Alguns brasileiros ainda permaneceram por algum tempo, mas, no final, quase todos partiram. A partir desse depoimento, é possível inferir que a vinda definitiva de Pedro Monte para Natal esteve diretamente associada ao fechamento da ferrovia em Recanto. Sendo assim, a mudança para a capital não foi uma opção, mas uma necessidade.

Se consideramos essa conjuntura vivenciada pelos Monte em Recanto, a tese proposta por Hollanda, por Paiva e por outros admiradores de Monte, de que a mudança para Natal teria sido em razão de encontrar escolas para os filhos, sobretudo para Luiz Gonzaga do Monte, não parece se confirmar. Ao que tudo indica, a vinda para Natal favoreceu, sim, a escolarização dos filhos, mas não foi o maior motivador da mudança.

Refutada a razão apontada pelos seus biógrafos para a mudança da família para Natal, não encontrei também indícios de que Luiz Gonzaga do Monte ou, então, sua família desejasse que ele fosse padre. Quando a família chegou em Natal, em 1917, a cidade não tinha seminário e estava sem bispo. É difícil imaginar que uma família que desejasse que um de seus filhos se tornasse padre buscasse uma cidade que não tivesse seminário. Vinculada à narrativa de que a família veio para Natal para que Monte se tornasse sacerdote, encontramos a informação de que, desde os seis anos de idade, ele gostava de brincar, simulando a celebração de rituais católicos. Tanto Hollanda, quanto Paiva e outros admiradores de Monte construíram uma interpretação na qual Monte queria ser padre desde os seis anos, mudou-se para Natal com esse objetivo e sua chegada ao Seminário foi a concretização de algo que já estava predeterminado desde antes do nascimento de Luiz Gonzaga do Monte (HOLLANDA, 2005, p. 33). Entretanto, pela lógica argumentativa que apresento e desenvolvo neste capítulo, dificilmente esse encadeamento romanceado se efetivou na prática, ainda que tenha sido essencial para a construção de Monte como um homem santo.

Outro elemento que aparece nos textos de Leão do Norte, Paiva e Hollanda como decisivo para a vocação sacerdotal de Monte é a sua relação com Belarmina, sua mãe. Essa relação se expressa, segundo esses autores, desde a sua iniciação na fé, por devoção da mãe, com o batizado do jovem Luiz Gonzaga aos cinco meses de idade. Essa relação é reforçada, ao longo da infância, pelo estímulo que dona Belarmina dava ao filho para que ele seguisse as práticas da Igreja católica. Segundo Holanda, desde a infância, Monte “rezava diariamente o

terço e, aos sábados, recitava o Ofício Parvo de Nossa Senhora,¹¹⁵ tão popular ainda hoje, no nordeste brasileiro, particularmente no sertão” (HOLLANDA, 2005, p. 33). Segundo Hollanda (2005, p. 33), Monte desde “seis anos de idade, [divertia-se] inocentemente subindo em um tamborete para fazer pregações, qual um padre em seu púlpito. Sua mãe [era] toda a sua assembléia [sic], espantada e enternecida”.

Se, para Leão do Norte, a relação de Monte com a mãe era algo sublime (NORTE, 1948, p. 53), para Paiva (1948), Belarmina era serena e vigilante e cumpriu a missão que Deus lhe destinara, modelando o filho com “sangue, coragem, afeição e firmeza” (PAIVA, 1948, p. 14). A relação de Belarmina com Monte é apresentada, por esses autores, como algo excepcional, que teve início na própria gravidez de Belarmina, da qual gerou Monte. O que os autores dizem é que Belarmina concebeu seu primeiro filho somente depois de sete anos de casamento, graças a um voto feito por ela, que

[...] pede a Deus, por intercessão de São Luís Gonzaga, que lhe conceda a graça inestimável de ser mãe. Promete ao celeste patrono dar o seu nome à criança que nascer [...] Deus ouvirá seus rogos [...]. O nascimento do primeiro filho também será, para dona Bela, prenúncio de novas bênçãos divinas (PAIVA, 1948, p. 14-15).

Essa construção reforça, mais uma vez, certa predestinação de Monte para a vida religiosa no catolicismo. De acordo com Hollanda, os fatos foram se desenrolando de maneira natural para chegar a um grande desfecho: a devoção de Monte ao catolicismo. Assim, a prática comum de os pais católicos batizarem os filhos nos primeiros meses de nascimento ganha uma relevância especial na biografia de Monte, batizado aos cinco meses de nascido. E a prática vigente, no início do século XX, de as famílias católicas instigarem os filhos a recitarem orações transforma-se em ação extraordinária de Monte.

Nas três biografias escritas sobre Monte não há, contudo, uma referência explícita ao catolicismo de Pedro Monte.¹¹⁶ A mãe parece ser, portanto, a sua ligação com a religião, algo apresentado como divino por seus biógrafos e admiradores. É como se a mãe, desde a concepção do filho, já tivesse pressentido sua vocação. A ela coube apenas encontrar caminhos para que ele cumprisse uma missão que fora determinada por Deus.

¹¹⁵ O *Ofício Parvo de Nossa Senhora* é um conjunto de orações prescritas pelo Papa São Zacarias ao mosteiro beneditino de Montecassino, em 752, provavelmente para ser rezado em conexão com as Missas votivas de Nossa Senhora, aos sábados. Historicamente, a Igreja concedeu várias indulgências a quem recitava o Ofício Parvo.

¹¹⁶ Os biógrafos e os admiradores de Monte enfatizam continuamente o fato de a família ser católica. Entretanto, essas fontes indicam que a fé está associada, exclusivamente, à figura de Belarmina. Não encontrei nenhuma referência ao catolicismo de Pedro Monte.

A relação da mãe religiosa e devota com o filho, valorizada por três autores, favoreceu significativamente a construção da imagem do religioso como um santo. Para seus biógrafos e admiradores, a relação entre Belarmina e Monte se assemelha àquela existente entre Maria e Jesus, tendo ele se tornado santo em virtude dos ensinamentos dados pela mãe. Creio, contudo, que eles possam ter contribuído para que Monte se tornasse um católico, mas não para que determinaram sua escolha pelo sacerdócio.

Nas narrativas dos biógrafos e admiradores de Monte, o papel da mãe foi decisivo para o estabelecimento da família em Natal e para que Monte ingressasse no seminário. Entretanto, como já afirmei anteriormente, a família não chegou em Natal para que Monte ingressasse no seminário, pois não existia um seminário na cidade. Instalados em Natal, o filho mais velho passou a estudar em uma escola da Diocese, construiu relações com o clero, ingressou em entidades religiosas, como a *Congregação Mariana de Nossa Senhora da Apresentação e São Luiz Gonzaga* e da *Sociedade de São Vicente de Paulo*¹¹⁷ e, após consolidados esses laços, ingressou, aos quatorze anos, no recém-inaugurado Seminário de São Pedro, que passou a funcionar em 1919. Parece-me que o ingresso de Monte no Seminário não foi fruto, portanto, da predestinação, mas, sim, de uma confluência de vários fatores (HOLLANDA, 2005, p. 31-35; PAIVA, 1948, p. 18-42).

De acordo com os biógrafos e admiradores de Monte, quando ele ingressou no Seminário a condição da família ainda era muito precária. Em razão disso, Belarmina passou a lavar e passar as roupas dos seminaristas, e, também, a costurar batinas e roupas para pessoas da cidade, pois precisava garantir o pagamento das despesas do filho no Seminário. Para os autores que analisamos, a situação financeira da família Monte se modificou significativamente depois que Luiz Gonzaga se tornou padre, em 1927, e assumiu uma série de trabalhos remunerados, dentre os quais estava o de professor. Com seu salário, Monte comprou uma casa para os pais na região em que habitavam as famílias mais abastadas da cidade.

Monte poderia ter encontrado outra profissão e o seu destino poderia ter sido outro. O sacerdócio parece ter sido, no entanto, a opção mais acertada para a família, uma vez que seus irmãos tiveram condições de estudar e se formar em áreas consideradas nobres pela sociedade. Dom Heitor de Araújo Sales,¹¹⁸ em entrevista a mim concedida no ano de 2015, fez referência a esse período:

¹¹⁷ Em razão das atividades que exerceu nessas congregações, Monte pôde conhecer os diversos espaços e instituições religiosas da cidade e se aproximar do clero local.

¹¹⁸ Dom Heitor Sales nasceu em Acari, Rio Grande do Norte. É o irmão mais novo do cardeal Dom Eugênio de Araújo Sales. Atualmente, é arcebispo emérito da Arquidiocese de Natal, sendo considerado um dos intelectuais da Igreja em Natal. Foi aluno de Luiz Gonzaga do Monte no Seminário de São Pedro.

Conheci a mãe e o pai de Padre Monte: dona Belarmina Monte e seu Pedro Monte. Entretanto, eu só os conheci muito tempo depois da morte de Padre Monte. No tempo que convivi com ele, nunca encontrei com os seus pais, dentro ou fora do Seminário. O que sei é que Padre Monte formou todos os seus irmãos. Ele construiu uma casa para a sua família. Aquela casa, na verdade um sobrado, que fica na esquina da Avenida Rio Branco com a Rua Apodi, ainda hoje existe, foi construída por Padre Monte para os seus pais e seus irmãos. A casa fica do lado do prédio da Escola Industrial.¹¹⁹

Em sua entrevista, Dom Heitor Sales enfatizou a contínua preocupação de Monte em oferecer melhores condições materiais à sua família, sendo que deixava praticamente todo o salário que recebia como professor com os pais. Dom Heitor também destacou que foi Monte que adquiriu a casa dos pais em Natal e que se preocupava muito com os pais e com a formação dos irmãos.

Além de Dom Heitor Sales, vários familiares (Roberto Monte, Cristina Monte, Helenita Hollanda) e admiradores de Monte (Jurandyr Navarro, Paiva, Leão do Norte) exaltam o papel de “provedor” desempenhado por Padre Monte. Para Cristina Monte, ele era o “esteio da família”, mudou o destino da família, uma vez que abriu possibilidades para que todos conseguissem estudar e se formar. De acordo com ela, essa postura de Padre Monte fez com que, no seio da família, tudo o que ele dissesse fosse tido como verdade, e que suas determinações fossem cumpridas à risca.¹²⁰

A partir dos relatos de familiares, é possível perceber que Monte interferiu diretamente na formação dos seus irmãos. O caso de Orígenes Armando do Monte, que nasceu depois de Luiz Gonzaga e Judith, é exemplar nesse sentido. Orígenes formou-se como contador e, depois disso, se tornou funcionário da Legião Brasileira de Assistência (LBA).¹²¹ É provável que o ingresso de Orígenes na LBA esteja associado ao prestígio de Monte, uma vez que Aluizio Alves, o superintendente estadual dessa instituição, tinha uma sólida relação de amizade com Monte, de quem tinha sido aluno no Colégio Marista. Roberto Monte, em entrevista a mim

¹¹⁹ Heitor de Araújo Sales, Arcebispo Emérito da Arquidiocese de Natal, em entrevista a mim concedida em seu gabinete, na cripta da Catedral. Em Natal, 06 de outubro de 2015. p. 4.

¹²⁰ Cf. entrevista a mim concedida por Cristina Monte, no dia 15 de agosto de 2017.

¹²¹ De acordo com a reportagem “História Incompleta”, publicada no jornal *A Ordem* de dois de junho de 1994: “No decorrer do mês de agosto de 1942, o governo federal criou a Legião Brasileira de Assistência, que teve sua primeira diretoria nacional composta pela sra. Darcy Sarmanho Vargas, esposa do Presidente Vargas, para exercer o cargo de Presidente”. Em seguida, foram organizadas Comissões Estaduais e Municipais. No Rio Grande do Norte, a comissão foi instalada em solenidade realizada no Palácio do Governo, em 27 de setembro de 1942, sob a presidência do Interventor Rafael Fernandes, e Aluizio Alves foi nomeado Secretário”.

concedida,¹²² informou que, na LBA, Orígenes¹²³ se tornou um grande amigo de Darcy Vargas, esposa de Getúlio Vargas.¹²⁴

A partir dessas informações, é possível inferir que, assim como Orígenes, os outros irmãos de Padre Monte também foram ajudados pelo religioso: Judith¹²⁵ cursou o pedagógico na Escola Normal; Severino dos Ramos do Monte tornou-se farmacêutico; Sebastião Aldérito do Monte, médico e professor da UFRN; Oswaldo Edson do Monte,¹²⁶ Tenente Coronel e dentista, e, por fim, Nivaldo Hudson do Monte tornou-se padre e, posteriormente, Arcebispo de Natal e professor da UFRN.

Importante destacar que a influência de Padre Monte foi muito importante até a formação dos irmãos. Depois de formados, cada um foi dando um direcionamento próprio à sua carreira. Ainda que o nome de Padre Monte possa ter sido útil para a definição do caminho profissional de seus irmãos, cada um deles procurou se definir profissionalmente, sem perder a reverência ao *irmão*.

Feitas essas considerações, posso inferir que as relações familiares de Monte se constituem em elemento essencial na construção de sua imagem de santo e sábio, uma vez que seus familiares e admiradores, quando se referem a Monte na infância, o apresentam como um predestinado, desde antes do seu nascimento, a ser santo (a intercessão de São Luiz Gonzaga para o seu nascimento, o presente de Deus, a celebração da missa desde muito criança, a relação com a mãe) e sábio (o domínio de conhecimentos científicos, a forma como guiava os irmãos para os estudos, a maneira como contribuía para o sustento da família). Dessa forma, o primeiro indício da construção dessa imagem de Monte surge e se reproduz em sua família. Inicialmente, ele é apresentado como alguém que segue seu destino e, posteriormente, como alguém que toma a iniciativa e que realiza em prol do bem-estar da família.

¹²² Entrevista concedida à autora no dia 3 ago. 2017.

¹²³ Posteriormente, Orígenes se casou com Maria Suzete Miranda, também funcionária da LBA. Depois da morte de Suzete, no final de 1978, já com idade bem avançada, Orígenes solicitou ao papa João Paulo II permissão para estudar e ser padre. A permissão foi concedida, Orígenes tornou-se padre e, nessa condição, terminou seus dias de vida.

¹²⁴ Em 23 set. 1940, Orígenes tomou posse do cargo de prefeito de Apodi, indicado pelo interventor Rafael Fernandes Gurjão. Provavelmente, essa indicação também esteve associada às relações com Padre Monte. Importante destacar que Rafael Fernandes, aliado de José Augusto Bezerra de Medeiros, em 1935, foi eleito governador do Rio Grande do Norte em oposição a Mário Câmara, candidato de Vargas. Todavia, em 1937, quando foi instalado o Estado Novo, Vargas nomeou o próprio Rafael Fernandes como interventor. Aluizio Alves, na condição de aliado de José Augusto Bezerra de Medeiros, apoiou o interventor mesmo aparentemente fazendo oposição a Vargas.

¹²⁵ Judith morreu em 24 de fevereiro 1943, um ano e quatro dias antes de Padre Monte.

¹²⁶ Oswaldo Monte foi aluno do Seminário de São Pedro por um curto período: de 1929 a 1932. Fazia parte da mesma turma do seu irmão Nivaldo. Cf. *Livro de Matrículas do Seminário de São Pedro (1919-1966)*. (SEMINÁRIO DE SÃO PEDRO, 1919-1966, p. 15, 17, 19 e 21).

Considerando que o objetivo central desta tese é o de demonstrar que Monte teve sua imagem de grande intelectual construída por seus biógrafos e admiradores, posso afirmar que a família teve um papel importante nessa construção, uma vez que ao atribuir a Monte a condição de sábio, de grande conhecedor dos preceitos científicos, foi a primeira a valorizar e celebrar uma sabedoria que o alçou à condição de intelectual.

2.2 Da formação sacerdotal ao magistério e ao sacerdócio

Em 1947, o Cônego Adelino Dantas, então reitor do Seminário de São Pedro, escreveu um livro sobre a formação dos seminaristas,¹²⁷ prefaciado pelo Monsenhor Paulo Herôncio de Mello.¹²⁸ Nesse prefácio, Mello apresenta sua concepção acerca da função dos seminários e dos seus gestores naquela conjuntura:

Para os olhos do mundo, os Seminários são institutos educacionais, como os seus congêneres. Aos olhos da Igreja, são sementeiras, onde **se cultivam as esperanças da humanidade**.

O grande **Pio XI** escreveu que **os seminaristas são a esperança da Igreja e dos povos**. [...] Eis o grande trabalho do reitor e do diretor espiritual, a missão que lhes lembrou o imortal pontífice [Pio XI]: **armar-vos de piedade, de pureza, de humildade, de obediência, de espírito de disciplina, de doutrina e de ciência, para serdes no dia de amanhã tais quais Jesus Cristo vos quer**.

[...] Este trabalho [do reitor e do diretor espiritual do seminário] de **arar corações para receber as sementes e as chuvas de graça; de plasmar caracteres**, sublimando paixões e cortando arestas de natureza rebelde; de **incentivar aptidões**, sem deixar válvulas de escapamento ao orgulho; **esse trabalho de fazer santos e sábios à altura de nossos tempos, de preparar Sacerdotes que saibam agir com fé e com amor de sacrifício no vasto campo de ação social que se nos apresenta no momento**, é tão importante, é tão **sobre-humano** que ninguém ousaria enfrentá-lo sem que tivesse a certeza de que lhe jamais lhe faltariam as luzes do Divino Espírito (MELLO, 2014, p. 11-12, grifos nossos).¹²⁹

A obra de Dom Adelino expressa a experiência dele como formador de seminaristas. A apresentação do Monsenhor Paulo Herôncio de Mello provavelmente se refere à sua

¹²⁷ O livro, publicado em 1947, é intitulado *Formação do Seminarista* e foi dedicado aos bispos Dom José Pereira Alves e Dom Marcolino Dantas e ao Cônego Monte. Na obra, o então Cônego Adelino Dantas discute a sua experiência como reitor do Seminário de São Pedro. Portanto, as informações do livro são coerentes com a formação de Monte.

¹²⁸ Paulo Herôncio de Mello (Natal, 3 de Janeiro de 1901 – Currais Novos, 1 de Setembro de 1963) se destacou pela sua produção sobre a história do Rio Grande do Norte. Ordenou-se em 1922, época em que Pio XI assumiu o pontificado, fortalecendo os princípios da Neocristandade no Brasil, que havia se iniciado em 1916 com a carta do cardeal Leme. Foi o organizador de dois importantes congressos eucarísticos (em 1936 e 1937) no Rio Grande do Norte.

¹²⁹ Prefácio da versão publicada originalmente em 1947.

experiência como aluno e como professor de seminário durante os anos 1910 e 1930 e expressa também a sua concepção sobre o papel da formação dos padres na década de 1940. A partir desse texto de Paulo Herôncio é possível fazer algumas inferências sobre as características do seminário na época em que Monte estudou. Entre essas características, Paulo Herôncio explicita: a função do seminário (cultivar a esperança da humanidade); a missão de um seminarista (trazer a esperança para a Igreja e para os povos); os deveres de um reitor de seminário (ensinar os seminaristas a piedade, a pureza, a humildade, a obediência, a disciplina a doutrina, a ciência); a meta de um seminário (formar santos e sábios, próprios do tempo em que vivem); a atuação do seminarista (atuar com fé e amor no campo de ação social).

Os elementos apresentados por Paulo Herôncio se coadunam com os princípios da Neocristandade. Isso significa que Monte foi formado numa época em que os padres deveriam ser santos e sábios para que pudessem atuar junto aos leigos, com o intuito de fortalecer a Igreja católica no seio da sociedade. Portanto, a ação intelectual de Monte na ciência, nas humanidades e na teologia está associada a um projeto de formação dos padres empreendido pela Igreja Católica. Entretanto, essa diretriz de formação não é algo que atinge a todos indistintamente. Nesse caso, é necessário perceber quais foram as iniciativas de Monte para que essas diretrizes da Igreja estivessem presentes nas suas atividades intelectuais.

Em 1999, por ocasião das comemorações de oitenta anos do Seminário de São Pedro em Natal, a equipe dirigente dessa entidade organizou a publicação de uma revista para celebrar a data. Em um dos trechos, os editores dessa publicação escreveram:

[...] no empenho de formar sacerdotes santos e sábios, o Seminário de São Pedro sempre zelou pelo cultivo da piedade, cultura e produção intelectual. Isso se mostra já desde a criação dos **Grêmios de estudos**, a partir da Sociedade Santo Agostinho, fundada em 7 de abril de 1919. Sua linha [dos grêmios] de orientação destacava-se pela oratória e discursos em verso e prosa de temas escolhidos. (SEMINÁRIO..., 1999, p. 7, grifos nossos).¹³⁰

Por essa citação, é possível observar que, em 1999, são apresentadas características do seminário e dos seminaristas semelhantes às aquelas apresentadas por Paulo Herôncio na década de 1940. Entretanto, a citação de 1999 acrescenta uma entidade que parece ter sido importante para a formação dos seminaristas em diferentes momentos. Trata-se dos grêmios estudantis criados no Seminário de São Pedro a partir de 1919.

¹³⁰ Essa publicação faz referência aos 80 anos do Seminário de São Pedro. Trata-se, assim, de uma edição comemorativa publicada em outubro de 1999.

Ainda hoje podem ser encontradas no arquivo do Seminário de São Pedro uma série de atas de reuniões realizadas pelos grêmios estudantis. O que se percebe nessas atas é que, em vários momentos, os seminaristas criaram grêmios diferentes. Todos eles tinham o objetivo de reunir seminaristas para estudar temas específicos ou ouvirem palestras de convidados. Identifiquei a existência de algumas agremiações dos seminaristas:¹³¹ A Sociedade Santo Agostinho (de 1919 a 1928); os Grêmios São Luís Gonzaga (1928 a 1929), São Jerônimo (1932-1933) e Dom Bosco (1936); e a Academia Padre José de Anchieta¹³² (1937-1945).

Na ata da primeira reunião da Sociedade Santo Agostinho, em 27 de abril de 1919, está explicitado o objetivo da entidade. Segundo o documento, “[...] effectuou-se [sic] uma reunião a fim de se installar [sic] uma associação pio-literária para o desenvolvimento dos alunos do mesmo Seminário nas letras, na tribuna profana ou religiosa e mesmo na piedade”. (SEMINÁRIO DE SÃO PEDRO, 1919-1933, p. 1). Nas atas dos outros grêmios existentes, também se observa esse objetivo de desenvolver os seminaristas para atuar nas letras, no debate público com temas profanos e sagrados e nas ações relacionadas à piedade. Como atividades que foram realizadas internamente por esses grêmios, as atas indicam leituras que foram realizadas e debatidas no grupo, conferências realizadas por leigos e religiosos, homenagens a personagens e recitação de poesias. Entre os temas discutidos, sobressaíram-se a Abolição dos escravos, a Ressurreição de Cristo, a Igreja e a Pátria, a atuação de Domingo Fernandes Calabar diante dos holandeses e a Virgem Santíssima. Ao que tudo indica, os grêmios funcionavam como espaço autônomo dos alunos para a realização de uma formação intelectual complementar dos seminaristas. De acordo com as atas, Padre Monte teve uma participação efetiva nesses grêmios como seminarista e, posteriormente, na condição de padre, tornou-se Presidente de Honra do Grêmio São Luís Gonzaga. A partir das atas, percebe-se que os grêmios tinham uma grande preocupação em desenvolver a capacidade intelectual dos seminaristas. Monte provavelmente se valeu da experiência dos grêmios para exercitar suas capacidades e projetos intelectuais desde o período como seminarista.

Pelo exposto, fica evidente que havia um objetivo explícito dos gestores do Seminário de formar sacerdotes que fossem santos e sábios. Provavelmente, essa diretriz estava associada

¹³¹ A primeira informação que tive acesso sobre a existência dos grêmios foi na Revista Comemorativa dos 80 anos do Seminário de São Pedro (1919-1999). (SEMINÁRIO..., 1999, p. 7). A partir dela, busquei maiores informações sobre o tema e encontrei no Seminário de São Pedro dois Livros de Atas referentes a essas instituições.

¹³² Nos estatutos dessa entidade, fica explicitado tratar-se de uma sociedade literária que incentiva o culto às letras. Essa ideia está presente também nos outros grêmios e evidencia que a concepção de Monte como um homem de letras não é algo individual dele, mas é próprio aos seminaristas do tempo dele. (Artigo 1 dos Estatutos da ACADEMIA PADRE JOSÉ ANCHIETA, 1937-1945, p. 1).

ao pensamento da Neocristandade, que almejava formar sacerdotes que fossem modelos de homem capazes de atrair fiéis a partir dos seus exemplos de vida e de conduta. Essa ideia produzida pelos gestores é incorporada pelos seminaristas, que passaram a organizar os grêmios como uma estratégia para aprofundarem suas práticas intelectuais. Provavelmente, a imagem de Monte como um grande intelectual está ancorada, entre outros elementos, nos estudos de formação e nas práticas próprias de um padre. O Monte intelectual não era, sob esta perspectiva, uma exceção entre os seminaristas do seu tempo. Mas como se pode observar, a formação que era comum aos seminaristas foi singularizada e enaltecida em Monte, a fim de favorecer sua construção como sábio.

Ao analisar as ideias difundidas pelos grêmios dos seminaristas, a partir de 1919, aquelas presentes no texto do Monsenhor Paulo Herôncio na década de 1940 e na matéria publicada na revista, no final da década de 1990, percebo claramente que, institucionalmente, a Igreja difundiu uma percepção e uma prática de que a formação de um padre incluía, como elemento prioritário, as qualidades intelectuais. É preciso, contudo, considerar que, apesar dessa premissa, nem todos os seminaristas se tornaram padres com qualidades intelectuais destacadas, uma vez que, entre a produção e a recepção de uma ideia existe a interferência direta da ação do sujeito. Como explicita Roger Chartier (1991), a produção de uma ideia é diferente da sua recepção. Tendo presentes essas questões, refletirei, neste item do capítulo, sobre como Monte recebeu e incorporou, nas suas atividades cotidianas, as diretrizes de formação intelectual propostas no Seminário.

A formação dos padres, no período em questão, possuía uma diretriz voltada para os ensinamentos ligados à piedade, à caridade e à abnegação, e outra, para o estudo das línguas, das ciências, da cultura clássica e da retórica. Partindo desta informação, pode-se afirmar que existe uma forte relação entre a formação de Monte e sua atuação profissional. O *Livro de Matrículas do Seminário de São Pedro* número 1 apresenta todos os seminaristas no período de 1919 a 1966. O Quadro 1 apresenta, exclusivamente, os alunos inscritos em 1919.

Quadro 1 - Inscritos no Seminário de São Pedro no ano de 1919

Ordem	Nome	Idade	Estudos	Naturalidade	Residência
1	José Medeiros	20	Filosofia (1º)	Mossoró	Mossoró
2	Leão Medeiros	19	4º Ano preparatório	Mossoró	Mossoró
3	Raphael de Hollanda	23	3º e 4º Ano Preparatório	Pau dos Ferros	Mossoró
4	Joaquim Ignácio Medeiros	17	3º Ano Preparatório	Santa Cruz	Santa Cruz
5	Luiz Carlos Guimarães Wanderley	16	4º Ano Preparatório	Natal	Natal
6	Francisco Baldomero Chacon	14	1º Ano Preparatório	Currais Novos	Currais Novos
7	Manoel do Nascimento	14	1º Ano Preparatório	Propriá/SE	Natal
8	Raymundo Pelinca	15	1º Ano Preparatório	Natal	Natal
9	Luís Gonzaga do Monte	14	2º Ano Preparatório	Vitória/PE	Natal
10	Fernando Guilherme	20	3º e 4º Ano Preparatório	Arês	Ares
11	Ezequiel Fernandes Dantas	13	Primário	Caicó	Caicó
12	Abel Coelho	17	2º Ano Preparatório	Macahyba	Macahyba

Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações obtidas no *Livro de Matrículas do Seminário de São Pedro*. (SEMINÁRIO DE SÃO PEDRO, 1919-1966, p. 2).

Observando-se o livro de matrículas do Seminário de São Pedro, identifica-se que, a cada ano, são listados todos os alunos matriculados. Como indicado no Quadro 1, percebe-se que no ano de 1919, quando Monte ingressou no Seminário, existia uma diversidade no perfil dos inscritos. No que concerne à faixa etária, os ingressantes variavam entre 13 e 23 anos; no que se refere ao local de nascimento, dez vinham de diferentes cidades do Rio Grande do Norte, um de uma cidade de Pernambuco e outro de uma cidade de Sergipe; no tocante ao local de moradia, todos residiam em sete diferentes cidades do Rio Grande do Norte e, finalmente, no que dizia respeito ao nível de estudos que eles cursariam no seminário, nove seminaristas estavam inscritos no curso preparatório, distribuídos em quatro anos. Um seminarista estava inscrito em filosofia, e outro, no primário. Por esse livro, é difícil de identificar se todos os alunos estavam ingressando pela primeira vez em um seminário ou se eles vinham de outras instituições. Entretanto, é possível afirmar que eles possuíam uma formação intelectual distinta.

No ano de 1920, todos os matriculados no ano de 1919 permaneceram e foram acrescidos mais quinze seminaristas, conforme pode ser identificado no Quadro 2.

Quadro 2 - Inscritos no Seminário de São Pedro no ano de 1920

Ordem	Nome	Idade	Estudos	Naturalidade	Residência
1	Francisco Domingues Carneiro	23	4º ano de Teologia	Macau	Natal
2	José Maria Cabral	23	4º ano de Teologia	Natal	Natal
3	João da Matha Junior	23	3º ano de Teologia	Jardim de Angicos	Jardim de Angicos
4	Paulo Herôncio de Mello	20	3º ano de Teologia	Natal	Natal
5	Vicente de Paula Freitas	20	3º ano de Teologia	Natal	Natal
6	Olival Lins	20	1º ano de Teologia	Alagoas	Natal
7	José Medeiros Leite	21	2º ano de Filosofia	Mossoró	Mossoró
8	Luís Carlos G. Wanderley	17	1º ano de Filosofia	Natal	Natal
9	Raphael de Hollanda Cavalcanti	24	1º ano de Filosofia	Pau dos Ferros	Mossoró
10	Fernando Guilherme [Pimenta?]	21	1º ano de Filosofia	Ares	Ares
11	Leão Medeiros Leite	20	1º ano de Filosofia	Mossoró	Mossoró
12	José de Almeida Junior	20	4º ano Preparatório	Goianinha	Macahyba
13	Abel Freire Coelho	18	3º ano Preparatório	Macahyba	Macahyba
14	Luiz Gonzaga do Monte	15	3º ano Preparatório	Vitória/PE	Natal
15	Manoel do Nascimento	15	2º ano Preparatório	Propriá/Sergipe	Natal
16	Francisco Baldomero Chacon	15	2º ano Preparatório	Currais Novos	Currais Novos
17	Ezequiel Fernandes Dantas	14	1º ano Preparatório	Caicó	Caicó
18	Pedro Afonso Cruz	15	1º ano Preparatório	Mossoró	Mossoró
19	José Morais Filho	14	1º ano Preparatório	Assú	Assú
20	Luiz Gonzaga Torres	13	1º ano Preparatório	Papary	Natal
21	Raymundo Leão Filho	15	1º ano Preparatório	Patu	Mossoró
22	Antônio Avelino da Silva	12	Primário	Caicó	Caicó
23	Alcebíades Fernandes da Silva	16	3º ano Preparatório	Santana do Matos	Santana do Matos
24	José Antunes da Costa	18	1º ano Preparatório	Touros	Touros
25	Basílio Teixeira de Barros	17	Primário	Martins	Martins
26	Benjamin Constant Sampaio	17	1º ano Preparatório	Alagoas	Recanto
27	Cícero Cavalcanti	13	1º ano Preparatório	Caraúbas	Natal

Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações obtidas no *Livro de Matrículas do Seminário de São Pedro*. (SEMINÁRIO DE SÃO PEDRO, 1919-1966, p. 3).

O perfil heterogêneo da turma de 1919 se ampliou na turma de 1920.¹³³ Como evidenciado no Quadro 2, uma série de alunos já bem avançados na formação sacerdotal passou a conviver com os alunos iniciantes. Isso ocorreu em razão de que, antes da fundação do Seminário de São Pedro,

¹³³ Os dados sobre os ingressantes da turma de 1920 foram obtidas a partir do *1º Livro de Matrículas do Seminário de São Pedro, 1919-1966* (SEMINÁRIO DE SÃO PEDRO, 1919-1966). Nesse livro estão os dados de todos os ingressantes no Seminário de São Pedro, entre os anos de 1919 e 1966.

em 1919,¹³⁴ os rapazes que se interessavam pelo sacerdócio eram enviados para realizar seus estudos em outros seminários, como o de João Pessoa, Olinda e Fortaleza (SÍNTESE..., 1999, p. 4). A partir dessa informação, é possível deduzir que muitos alunos ingressantes em 1919 já haviam praticamente concluído a sua formação em outros seminários. Observando o Quadro 2, é possível identificar alguns casos específicos que reforçam minha interpretação dos dados. Nesse Quadro, posso evidenciar, por exemplo, os casos de alunos que já cursavam os últimos anos de Teologia: José Maria Cabral e Francisco Domingues Carneiro (4º ano) e João da Matha Junior, Paulo Herôncio de Mello e Vicente de Paula Freitas (3º ano). Cursar Teologia significava que esses seminaristas já haviam cumprido os estudos preparatórios (4 anos) e a formação de Filosofia (4 anos). O quarto ano de Teologia era a última etapa de formação e que antecedia os rituais que transformavam o seminarista em sacerdote.

Considerando essas informações, posso inferir que Monte, desde o segundo ano de seminário, ainda durante os estudos preparatórios, começou a conviver com seminaristas que possuíam a formação sacerdotal praticamente concluída. Desses seminaristas, Monte deve ter trocado e recebido informações científicas e teológicas que qualificaram sua formação e influenciaram sua carreira sacerdotal. Vale lembrar que existiam espaços para o compartilhamento dessas informações, em especial, nos grêmios pio-literários que existiram no Seminário. Esse dado, no entanto, contraria a visão dos biógrafos e admiradores de Monte, para quem Monte buscou sozinho todo o conhecimento que incorporou, e que, a partir de Natal, sem auxílio de ninguém, ele teve acesso às grandes descobertas científicas.

Observando ainda o Quadro 2, é possível perceber novos alunos, com faixas etárias distintas, advindos de lugares diferentes, com graus de instrução diferenciados.¹³⁵ Em razão dessa heterogeneidade entre os alunos, as disciplinas cursadas por eles têm composições extremamente diversas, o que torna difícil estabelecer comparações precisas em relação ao desempenho e a formação desses alunos. Essa informação me ajudou a analisar melhor um dado apresentado pelos admiradores de Monte: de que ele seria um gênio, destacando-se nas disciplinas cursadas no seminário.

¹³⁴ É importante destacar que o primeiro bispo de Natal, D. Joaquim Antônio de Almeida, havia iniciado uma experiência de Seminário na Diocese de Natal, em 1912. Entretanto, em razão da renúncia desse bispo, em 1915, o Seminário deixou de funcionar. Assim, entre 1916 e 1918, Natal ficou sem um seminário. É possível que alguns seminaristas que ingressaram em 1912 tenham continuado seus estudos em outros seminários. Procurei informações mais detalhadas sobre o seminário criado em 1912, como, por exemplo, os alunos inscritos, as disciplinas cursadas. Entretanto, não encontrei nenhum documento sobre isso. Encontrei apenas informações genéricas sobre esse Seminário no Arquivo da Arquidiocese de Natal. No Arquivo do Seminário de São Pedro, não existem documentos sobre a instituição criada em 1912.

¹³⁵ Eu não encontrei, em nenhum dos documentos consultados, quaisquer referências sobre a origem social desses seminaristas. Essa informação poderia ter sido útil para perceber se, naquela instituição, havia outros alunos com baixo poder aquisitivo, como era o caso de Monte.

Sobre o enaltecimento da capacidade intelectual de Monte, posso citar, por exemplo, o Padre Luiz Teixeira, que ingressou no Seminário de São Pedro no ano de 1921, que conviveu com Monte quando os dois eram seminaristas e se tornaram grandes amigos. De acordo com Norte, Padre Monte se destacava nas matérias consideradas as mais difíceis pelos seminaristas:

[...] que as matérias mais difíceis do curso eclesiástico foram as em que ele [Monte] mais se distinguiu.¹³⁶ Fez todo o curso com distinção e, por que não acrescentar? – brincando. [...] As lições que os outros gastavam três horas para preparar, ele as preparava em três minutos. [...] a despeito de suas múltiplas ocupações, lia cerca-de 200 volumes por ano, que as livrarias lhe enviavam para sobre eles dar o seu parecer.¹³⁷ [...] Não obstante a facilidade que tinha de aprender numa fração de hora tudo quanto lhe caísse sob os olhos, vivia estudando. Quando aluno, preparada a lição, passava a estudos particulares. Consistiam êstes não só de matérias alheias ao seu curso, mas também de recapitulação (NORTE, 1944, p. 73-74).

Observando o primeiro *Livro de Crônicas do Seminário de São Pedro*,¹³⁸ que engloba o período compreendido entre 1919 e 1938, e no qual constam as notas obtidas por todos os seminaristas no período em destaque, é possível identificar que Luiz Monte obteve boas notas¹³⁹ nas diferentes disciplinas que cursou, o que evidencia que ele era um aluno acima da média. Todavia, comparando-se as notas dele com as notas de outros seminaristas, percebe-se que não há nenhuma excepcionalidade no seu currículo.

Em algumas disciplinas, Monte possui notas inferiores às de outros seminaristas que cursavam a mesma disciplina ou que a tinham cursado em anos anteriores. Assim, por exemplo, se compararmos Monte com o seminarista Abel Coelho, que ingressou no Seminário no mesmo ano e período que ele, percebemos que os dois foram excelentes alunos. Em determinadas disciplinas, Abel tem notas mais altas e, em outras, Monte. Mas não há, entre eles, uma grande disparidade

¹³⁶ Segundo Norte (1948, p. 73), Monte se distinguiu nas humanidades, nas disciplinas de Latim, Matemática e História Natural. Ainda segundo o autor, ele certamente teria obtido distinção em física e química, mas, no seu tempo, não se estudava essas disciplinas no Seminário. No curso superior, Monte se destacou em Filosofia, Teologia Dogmática e Exegese.

¹³⁷ Procurei informações sobre os duzentos livros, dos quais, anualmente, Monte emitia parecer para as editoras, mas não encontrei nenhum dado sobre o tema. Se tivesse tido acesso aos nomes das editoras que solicitavam esses pareceres e ao conteúdo desses livros eu teria tido condições de estabelecer relações importantes entre Monte e o conhecimento produzido no período que viveu.

¹³⁸ O *Livro de Crônicas* registra as notícias e apontamentos da vida do Seminário de São Pedro, bem como traz as notas obtidas pelos alunos nos exames prestados regularmente. Eu tive acesso aos dois primeiros *Livro de Crônicas do Seminário São de Pedro*. O primeiro, que compreende o período entre 1919 e 1938, tem um termo de abertura, datado de 18 de abril de 1919, e foi assinado pelo Monsenhor Alfredo Pegado, Reitor do Seminário em 1919. O segundo compreende o período entre 1938 e 1947, e teve seu termo de abertura assinado em 27 de outubro de 1938, pelo Padre José Adelino Dantas, reitor do Seminário.

¹³⁹ No 1º *Livro de Crônicas do Seminário de São Pedro*, os conceitos atribuídos aos alunos nas disciplinas são os seguintes: Distinção (o conceito mais elevado), Plenamente, Aproveitamento bom, Aprovado Simplesmente e Prejudicado (o conceito mais fraco). Esses conceitos, em algumas disciplinas, vêm acrescidos de uma nota.

entre as notas. Se compararmos as notas de Monte com as notas de seminaristas que ingressaram no Seminário a partir de 1920, já em níveis avançados, perceberemos que existem alunos, como é o caso dos seminaristas José Maria Cabral e Paulo Herôncio de Mello, que obtêm distinção em praticamente todas as disciplinas. Portanto, no *Livro de Crônicas do Seminário de São Pedro*, não encontrei nenhuma excepcionalidade de Monte como aluno daquela instituição, tanto no que diz respeito às notas quanto a destaques obtidos nas atividades por ele realizadas. À luz dessa interpretação, é possível inferir o superdimensionamento dado por Luiz Teixeira às ações de Monte como seminarista, uma vez que existiam outros alunos que também mereceriam destaque.

Outro elemento destacado por Teixeira em relação a Monte diz respeito à afirmação de que ele tinha interesse em outras áreas do saber por não se satisfazer apenas com as disciplinas que lhe eram propostas no currículo do Seminário de São Pedro. Essa afirmação de Teixeira nos faz pensar quais outros conhecimentos poderiam interessar a Monte, além daqueles que estavam propostos na grade curricular do Seminário. Observando-se o Quadro 3, é possível identificar a grade curricular do Seminário, implantada em 1919 e que sofreu pequenas alterações em 1925.

Quadro 3 - Grade Curricular do Seminário de São Pedro no período de 1919-1924¹⁴⁰

Tipo do Curso	Ano	Disciplinas Cursadas ¹⁴¹
Preparatório (Seminário Menor)	1 e 2	Português, Francês, Latim, Aritmética e Catecismo.
	3	Português, Latim, Geografia, História do Brasil e Curso de Religião.
	4	Latim, Corografia, História Universal, Geometria, História Natural e Curso de Religião.
Filosofia	1	Filosofia, Física e Química, Apologética.
	2	Filosofia, História Natural, Apologética, Literatura.
Teologia	1	Dogma, Moral, História Eclesiástica, Eloquência Sagrada, Sociologia.
	2	Dogma, Moral, Escritura Sagrada, Liturgia.
	3	Dogma, Moral, Direito, Escritura Sagrada.
	4	Dogma, Direito, Escritura Sagrada, Pastoral, Sociologia, Liturgia.

Fonte: Elaborada pela autora com base em dados extraídos do *1º Livro de Crônicas do Seminário de São Pedro*. (SEMINÁRIO DE SÃO PEDRO, 1919-1938).

¹⁴⁰ A diferença entre a grade curricular que vigorou entre 1919 e 1924 para aquela que passou a ser adotada em 1925, se resume a pequenos detalhes: No 4º ano do curso Preparatório, no currículo de 1919, História Natural foi substituída por História Sagrada. No segundo ano do curso de Filosofia foram acrescentadas as disciplinas de Apologética e Literatura. No currículo de Teologia foram acrescentados: no 1º ano, a disciplina de Moral. E excluídas as disciplinas de Sociologia (2º período)

¹⁴¹ Não é possível identificar, a partir do *Livro de Crônicas do Seminário de São Pedro*, se todos os seminaristas cursavam todas as disciplinas propostas. Luiz Teixeira afirma que Monte teria sido excelente aluno em química e física, se tivesse cursado essa disciplina. Entretanto, na grade curricular, essas disciplinas eram ofertadas. Não encontrei no *Livro de Crônicas* quaisquer notas obtidas por Monte nessas disciplinas e quaisquer informações que pudessem explicar por que não as cursou.

Analisando-se o Quadro 3, é possível inferir que Monte estudou outros conteúdos que não estavam previstos na grade curricular do Seminário, corroborando a afirmação de Teixeira. Essa inferência está ancorada no fato de que Monte escreveu livros e artigos discutindo com profundidade temas ligados à biologia e que, certamente, não foram estudados nas disciplinas previstas no currículo do Seminário. Além disso, nesses textos, ele se refere a obras escritas em italiano, espanhol, inglês e alemão, o que sugere que tenha tomado contato e lido esses livros. Aliás, admiradores de Monte enfatizam, em vários textos, que Monte dominava esses idiomas e que os havia aprendido sozinho.

O estudo de Monte em outros idiomas e sobre outros temas que não eram ministrados nas disciplinas ofertadas pelo Seminário não implica, necessariamente, em uma genialidade. Como já afirmei anteriormente, Monte teve contatos com outros seminaristas que tinham estudado em outros lugares e que podem ter lhe indicado textos e debatido concepções, princípios e teorias que não eram conhecidos por um público mais amplo em Natal. Como já observei, os próprios debates nos grêmios pio-literários podem ter proporcionado a ele importantes indicações de leituras. Além disso, padres estrangeiros vinham ao Seminário de Natal para ministrar cursos, como é o caso do Padre Ivo Telch que, em 1924, ministrou aulas para Monte (PAIVA, 1949, p. 49). Possivelmente esses padres também podem ter ajudado a Monte a enveredar pelo estudo dos idiomas e por outras temáticas.

Estou apresentando, no decorrer deste tópico, uma série de informações que podem demonstrar como Monte adquiriu, desde o seu ingresso no Seminário, conhecimentos nas áreas das ciências humanas, naturais e teológicas e, ao mesmo tempo, evidenciam como esses conhecimentos contribuíram para a elaboração de narrativas que consolidaram a imagem dele como um grande intelectual.

Entretanto, ainda é necessário discutir como Monte guardava os seus livros pessoais e a sua produção escrita, uma vez que a imagem de um intelectual, sobretudo no período em que Monte estudou no Seminário e exerceu o sacerdócio, estava profundamente vinculada aos livros que ele possuía e aos documentos que guardava. Nesse sentido, escrever sobre Monte implica em trazer informações sobre a sua biblioteca.

Já foi evidenciado que Dom José Pereira Alves emprestava livros de sua biblioteca a Monte. Mas esses livros não foram suficientes nem para sua formação e nem para o sacerdócio. Nas entrevistas que fiz com Dom Heitor Sales e Monsenhor Penha, eles informaram que Monte possuía uma biblioteca na qual guardava todos os seus livros e todos os seus textos. Monsenhor Penha, particularmente, afirmou também que a maior parte desses textos foi destruída pelo próprio Monte um mês antes da sua morte e que os livros se dispersaram por vários lugares,

que ele mesmo não sabia informar. Eu procurei indícios dessa biblioteca. Almejava encontrá-la e construir um perfil intelectual de Monte a partir das suas leituras, semelhante ao que fez Giselle Venâncio com Oliveira Vianna.¹⁴² Todavia, ao procurar por esse material, eu sempre encontrei informações que reforçavam o que Dom Heitor Sales e Monsenhor Penha haviam me informado, ou seja, a biblioteca não existe mais. Além de não ter tido acesso a ela, não localizei ninguém que a tivesse consultado.¹⁴³

É difícil saber se realmente essa biblioteca foi tão vasta quanto afirmam seus biógrafos e admiradores e o que compunha o acervo que Monte conseguiu reunir desde a época em que foi aluno do Seminário. O que se sabe é que, meses depois da morte de Monte, Leão do Norte escreveu, se referindo especificamente aos textos escritos existentes na biblioteca de Monte, que:

Quando o hóspede resolve deixar para sempre um apartamento em que por muito tempo se alojara, com certa antecedência procura encaixotar todas as coisas que não são de uso cotidiano. O que não pode conduzir, dá ou destrói. Assim se justifica aquela destruição de folhas manuscritas, levada a efeito pelo próprio autor, numa manhã de janeiro de 1944. [...] Trancado por dentro para ninguém pressentisse o que ia fazer, é fácil imaginar o constrangimento com que ele começou a vasculhar o seu arquivo. [...] Abre a primeira gaveta. Aqui se lhe depara, entre outros papéis, de somenos, a magistral conferência em que provara pela matemática a existência de Deus e a imortalidade da alma. Beija-a com ternura. [...] Atira-a ao sexto feito em pedaços. Puxa outra gaveta. Nesta, encontra o esquema de outra conferência científica. [...] Na gaveta central da escrivaninha, acham-se os originais de uma monografia a sair sobre psicanálise, em que várias teorias de Freud são brilhantemente refutadas. O seu primeiro pensamento ao tocar nessas folhas preciosas foi incinerá-las. Mas recua, vacilante: -- Não! Isto deve ser poupado! Entretanto, pondera, se esta obra vier a ser publicada, a crítica freudiana tentará por certo pulverizá-la. Haverá quem lhe faça as vezes da réplica? (NORTE, 1948, p. 7-9).

Essa informação de que Monte queimou todos os seus escritos que compunham sua biblioteca pouco antes de sua morte, dada por Monsenhor Penha, foi reforçada na entrevista que realizei com Jurandyr Navarro e está presente nas obras de outros autores que escreveram sobre o religioso. Em sua entrevista, Monsenhor Penha afirmou que era aluno do Seminário, na

¹⁴² Ver mais em Venâncio (2015).

¹⁴³ Entre os admiradores de Monte, há uma informação consolidada de que ele possuía uma biblioteca com muitos livros e textos escritos. O que se afirma é que alguns livros foram queimados por ele mesmo, um mês antes da sua morte e que muitos dos seus escritos também foram queimados na mesma ocasião. Quanto aos livros que escaparam à destruição, teriam sido espalhados em bibliotecas de órgãos da Igreja de Natal ou passaram a integrar a biblioteca do irmão Dom Nivaldo (os livros da biblioteca de Dom Nivaldo foram espalhados em 2006 depois que ele faleceu). Os livros de sua autoria a que tivemos acesso não permitem identificar se realmente Monte leu os livros aos quais faz referência em seus trabalhos.

época, e que ajudou Monte a queimar muitos documentos. Afirmou, ainda, que não sabia que estava destruindo “tanta coisa importante”. Não encontrei, no entanto, qualquer documento que indicasse quais os escritos que realmente existiram, e nem encontrei informações mais detalhadas sobre o paradeiro dos livros da biblioteca de Monte.

Apesar de não existirem documentos que informem qual era a composição da biblioteca de Monte e qual foi o destino dado aos seus textos e livros, a obra de Leão do Norte foi muito importante para difundir a ideia de que ele possuía livros raros, escritos em vários idiomas, e textos originais que continham explicações teológicas inéditas e descobertas científicas inovadoras. Essa ideia estimulou ucrônias entre os admiradores de Monte que até hoje remontam à queima dos documentos e à dispersão dos livros como algo que se constituiu em irreparável perda.

Paiva (1948) afirma que a formação de Luiz Monte durante o período em que estudou no Seminário de São Pedro foi extremamente importante para o seu exercício profissional no sacerdócio e no magistério e deu base para que ele continuasse estudando ao longo de sua vida. Importante destacar que, para Paiva, Monte cursou tanto as disciplinas do Seminário, quanto estudou de forma autodidata outros conhecimentos. Na interpretação de Paiva, foi no período como seminarista que Monte tornou-se um “homem de ciência” e um “homem de letras”.

No que se refere à atuação de Monte como cientista, Paiva destaca que o religioso atuou em diversos campos: geologia/mineralogia, astronomia, trigonometria, meteorologia, física e química. No tocante à geologia/mineralogia, Paiva (1948, p. 130) atribui a Monte a constatação da existência da scheelita¹⁴⁴ no Rio Grande do Norte. Para tanto, recorre a uma carta que recebeu do religioso em 1942.¹⁴⁵ Segundo Paiva, essa descoberta só foi possível em razão dos vastos conhecimentos e interesses que Monte teria nos campos da geologia e da química.

Para o mesmo autor, as atividades de Monte no campo da mineralogia não se resumiram à scheelita, pois, ao fazer estudos sobre esse mineral no Seridó norte-rio-grandense, também teria apontado para a possibilidade de existirem diamantes na região.

¹⁴⁴ “Scheelita é um tungstato de cálcio CaWO_4 , constituindo uma importante fonte de Tungstênio (W); um mineral metálico não ferroso que apresenta alta densidade e o mais alto ponto de fusão, superior a $4.500\text{ }^\circ\text{C}$ e boa condutividade elétrica” (MINERAÇÃO TOMAZ SALUSTINO, 2019). Seu uso ocorre nas indústrias Metalúrgica, Elétrica, Mecânica, Aeroespacial, Bélica e Petrolífera, dentre outras (MINERAÇÃO TOMAZ SALUSTINO, 2019).

¹⁴⁵ Paiva (1948) se refere a uma carta que recebeu de Monte em 21 de abril de 1942: “em novembro do ano passado tive ocasião de caracterizar a scheelita em Caicó, onde estão explorando com ótimos resultados” (PAIVA, 1948, p. 130). Na carta, Monte deixa evidente que estava no Seridó como visitante, a convite do Padre Walfredo Gurgel e, nessa condição, teve acesso à scheelita.

a presença da Scheelita não basta para justificar a existência de diamantes, nas terras áridas do nosso sertão. [...] Efetivamente, como vimos, nas ocorrências da Scheelita em nossas lavras sertanejas encontram-se com animadora frequência cristais de [...] satélites de diamantes nas regiões diamantíferas do Brasil. [...] A presença simultânea de todos esses indicadores ou satélites, nas lavras seridoenses, não deixa de ser um fato auspicioso e animador. É verdade que na prática, toda essa sintomatologia pode resultar insuficiente e ineficaz; pode falhar, enfim. A natureza tem às vezes caprichos decepcionantes. Teoricamente considerados, porém, as perspectivas são bem promissoras. Pelo que [identifiquei] nos derrames da scheelita, a presença de cristaisinhos [...] devem ser tidos como suspeitos [da existência de diamantes] (MONTE, 1976, p. 226).¹⁴⁶

De acordo com Paiva, Monte só detectou a existência da scheelita e apontou para indícios da presença de diamante por dominar química e mineralogia e por ter criado e mantido um pequeno laboratório de minérios¹⁴⁷ dentro do Seminário de São Pedro, e no qual desenvolvia suas pesquisas.

Observando-se mais atentamente os textos de Paiva e o trecho da carta de Monte, citada por Paiva, percebe-se que nenhum dos dois afirma explicitamente que Monte descobriu scheelita ou qualquer outro mineral no Rio Grande do Norte. Paiva (1948) afirma que Monte “constatou” a presença do mineral. Por sua vez, na carta que Monte dirigiu ao seu biógrafo, ele diz que “caracterizou” a scheelita. Em nenhum momento Paiva ou Monte se referem à descoberta da scheelita e nem fazem referência a qualquer outro personagem envolvido nessa descoberta. Lendo a obra de Paiva e o trecho extraído da carta escrita por Monte, o leitor pode ser induzido a pensar que a descoberta do minério em solo potiguar foi obra de Monte.

Essa indução, assentada em uma visão equivocada, fez com que muitos admiradores de Monte incorporassem e divulgassem a ideia de que Monte era um grande cientista e que, em razão dessa condição, teria descoberto a scheelita e encontrado indícios da presença de diamantes no Rio Grande do Norte.

A *Revista Manchete*, em edição, publicada no dia 18 de maio de 1957, publicou uma longa reportagem, escrita pelo jornalista potiguar Murilo Melo Filho,¹⁴⁸ retomando a discussão

¹⁴⁶ Publicado originalmente em 1943.

¹⁴⁷ Provavelmente, o laboratório de minérios era algo pequeno, considerando que Monte não devia ter muito tempo para se dedicar a esses estudos, em razão das suas inúmeras atividades sacerdotais, não contava com pessoas que pudessem lhe ajudar, e que não tinha os estudos científicos como linha prioritária de atuação.

¹⁴⁸ Melo Filho nasceu em Natal, em 13 de outubro de 1928. Nessa cidade realizou seus estudos primários no Colégio Marista, e colegiais no Ateneu Norte-Rio-Grandense. Começou a trabalhar no jornalismo aos 12 anos de idade, escrevendo no *Diário de Natal* ao lado de Djalma Maranhão que, posteriormente, na década de 1960 se tornou prefeito de Natal e foi deposto do cargo pelo Regime de 1964. Ainda em Natal, trabalhou nos seguintes órgãos de imprensa: jornal *A Ordem*, atuando em parceria com Otto Guerra, Ulysses de Góes e José Nazareno de Aguiar (todos católicos e integralistas); *A República*, com Valdemar de Araújo, Rivaldo Pinheiro, Aderbal de França, Luís Maranhão e Luís da Câmara Cascudo; na *Rádio Educadora de Natal*, com Carlos Lamas, Carlos

acerca da descoberta da scheelita no Rio Grande do Norte, na década de 1940. Nela, aponta para a participação decisiva de Joel Celso Dantas e secundária de Padre Monte nesse processo de descoberta. Segundo a reportagem, Joel Dantas era um caicoense que, a partir de 1935, influenciado pela mãe que costumava colecionar pedras bonitas em casa, começou a ler livros de mineralogia. A partir de então, teria passado a analisar pedras no quintal da sua casa. O artigo de Melo Filho (1957, p. 38) narra a história da seguinte forma:

A 15/10/1941, [...] [Joel Dantas] conseguiu descobrir, na fazenda Riacho de Fora, a primeira schelita: uma pedra desconhecida, muito pesada, diferente de todas as outras. Saiu a procura de firmas que pudessem interessar-se na mercadoria. Não vale nada – disseram-lhe. [...]

HAVIA em Natal um padre sábio – o padre Monte – que acreditou nêle. Apesar dêsse depoimento autorizado [de padre Monte], ninguém acreditava naquela história. Joel Dantas saiu então pelo interior, a fazer propaganda da sua descoberta, para ver se os fazendeiros se interessavam por ela. [...]

O Ministério da Agricultura, no Rio, terminou finalmente confirmando o seu laudo: aquelas pedras eram realmente schelita. [...] Faltava o resto: a batalha pela exploração. Mas essa seria bem mais fácil, pois não faltariam logo os proprietários de terra que se interessassem por ganhar dinheiro.

Isso se verificou, realmente, com dezenas deles, inclusive o famoso desembargador (aposentado) Tomas Salustino, que já ganhou algumas centenas de milhões com a sua mina ‘Brejuí’. A primeira pedra do desembargador foi levada a Joel Dantas por intermédio do atual governador do Rio Grande do Norte, Sr. Dinarte Mariz¹⁴⁹. Ninguém acreditava nela, pois tinha forma de areia. Mas Joel disse que se tratava de schelita de boa qualidade. O desembargador se convenceu e tratou de explorar sua mina, transformando-se hoje numa das maiores fortunas do país.

Enquanto isso, o cientista está cego e passando privações [...]. Diariamente chegam-lhe às mãos, lá em Natal, dezenas de pedras para análises, vindas de todos os estados do Nordeste. Êle as analisa e classifica criteriosamente. [...] Joel Dantas continua pobre – Êle, que tem dado tanta riqueza a tanta gente.

Como se pode observar, a descoberta da scheelita, narrada por Paiva e por outros autores, é descrita como algo fenomenal e realizado por “um padre sábio”, por um cientista com conhecimentos de mineralogia. Defendo, no entanto, que seu papel nesta descoberta foi superdimensionado, pois teve nela uma participação embrionária, a qual ganhou dimensões ampliadas, tanto por ele quanto por pessoas que o admiravam em vida e após sua morte.

Farache e Genar Wanderley; e, finalmente, na *Rádio Poti*, com Edilson Varella e Meira Filho. Aos 18 anos foi para o Rio de Janeiro, onde atuou no *Correio da Noite*, *Tribuna da Imprensa* (com Carlos Lacerda), *Jornal do Comércio* (com Elmano Cardim, San Thiago Dantas e Assis Chateaubriand). Posteriormente trabalhou, em São Paulo, no *Estado de S. Paulo*, com Júlio de Mesquita Filho e Prudente de Moraes Neto. Retornou para o Rio de Janeiro e trabalhou na *Manchete* (com Adolpho Bloch). Murilo Melo Filho foi membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e da Academia Brasileira de Letras. Cf. Biografia (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL), 2020).

¹⁴⁹ Dinarte foi Governador do Rio Grande do Norte entre 1956 e 1961, o que significa que quando levou o mineral de Mario Moacir Porto para ser analisado por Joel Dantas, ele ainda não era governador. Sabe-se que Mario Moacir Porto iniciou a exploração na mina Brejuí em 1943.

No que se refere aos conhecimentos que Monte tinha de astronomia, ele teria, segundo Navarro, construído um observatório que permitia a visualização, em noites claras, de estrelas e constelações. De acordo com o mesmo autor, o religioso teria idealizado “um invento na área da astronomia que não chegou a concretizar” (NAVARRO, 2008, p. 5). Apesar destas informações dadas por Navarro, não se pode afirmar que Monte tivesse grandes habilidades em relação à astronomia, reforçando a visão de que era um “homem de ciência”.

É também Jurandyr Navarro quem narra dois episódios que envolvem conhecimentos de meteorologia e trigonometria de Monte, e que confirmariam sua condição de cientista e de gênio:

[...] pelo desenho das nuvens, no céu, do tipo cirros, ele [Monte] predizia chuvas. Em um pic-nic de seminaristas, em Ponta Negra [Natal], numa manhã, na praia, dissera que iria chover dentro de uma hora, a julgar pela direção da ventania. Acertou em cheio!

Outra vez, ele [Monte] calculou a altura de uma igreja fazendo o cálculo da sombra dela comparada à sombra de um pedaço de madeira de um metro. Projetadas as ditas sombras pelo sol, ele conseguiu obter a medida exata da altura da igreja (NAVARRO, 2008, p. 5).

A descrição desses dois episódios não me parece confirmar que Monte tivesse conhecimentos diferenciados de meteorologia e trigonometria. Quanto ao cálculo que fez, é preciso lembrar que era comum nas aulas práticas realizadas tanto no Seminário, quanto nas escolas nas quais lecionava como professor. Para Navarro (2008, p. 4), no entanto, Monte tinha um conhecimento que pode ser considerado enciclopédico, pois teria sido:

[...] ‘o primeiro, no Estado, a escrever sobre Psicanálise,¹⁵⁰ em 1936; sobre Endocrinologia,¹⁵¹ em 1935; e sobre Astronomia, em 1929’. Na área de biologia destacam-se duas inovadoras: *Compêndio de Biologia* (1935) e *Fundamentos Biológicos da Castidade* (1945).¹⁵² Além disso, a bibliografia científica indicada apenas na obra *Fundamentos da Castidade* faz referência explícita a mais de trezentos autores estrangeiros, nos seus quatro capítulos (NAVARRO, 2008, p. 5).¹⁵³

¹⁵⁰ Monte, depois de estudar durante três anos o pensamento de Freud, escreveu uma série de textos, nos quais critica o pensamento do “Pai” da Psicanálise, afirmando que a medicina, a moral e criminologia tinham respostas mais eficientes.

¹⁵¹ Na obra *Fundamentos Biológicos da Castidade*, Monte escreveu sobre os hormônios masculinos para provar que a castidade era benéfica para o homem.

¹⁵² Ambos os livros serão analisados com maior profundidade no terceiro capítulo desta tese.

¹⁵³ Sobre a ideia de que Monte dominava autores estrangeiros, penso que se possa fazer uma associação com o proposto pela socióloga Ângela Alonso, em sua tese de doutorado, na qual analisa a Geração de 1870. Dentre outras coisas, a autora mostra como os membros dessa geração se apropriaram de teorias europeias para contestar ou propor reformas (o objetivo variava de acordo com o grupo analisado) no Império brasileiro. Ela se depara, nas obras de propaganda republicana do século XIX, com inúmeras citações a autores estrangeiros. Alguns autores que, muitas vezes, tinham pensamento divergente eram mobilizados pelos propagandistas, como se fosse uma coisa só, como se os pensamentos convergissem. Às vezes, um propagandista também

Além do envolvimento de Monte nesses campos científicos, há relatos de investigações dele na área da Física, provenientes dos seus conhecimentos matemáticos. Segundo Paiva, ele teria dado “largas” ao seu talento matemático

[...] na teoria da Relatividade. Asseverou-se que, até agora, apenas doze homens compreenderam Einstein.

Numa pequenina e esquecida cidade provinciana do Brasil [Natal], alguém mais, em nossos dias, penetrou nos segredos da mais arrojada Física teórica [:] Foi o Pe. Luiz Monte, com o seu cérebro privilegiado.

Monte avaliava a distância que separa [a teorias de] Euclides [da teoria] de Einstein, tendo de permeio Galileu e Newton. [Assim] como o criador da Mecânica relativista [Einstein],¹⁵⁴ êle [Monte] admitiu o espaço quadrimensional integrado pelo tempo. [Monte] achava-se capacitado do alto espírito revolucionário da nova teoria, que reduziu à unidade as noções díspares de espaço e tempo, de matéria e energia, tornando equivalentes a inércia e gravitação.

Monte via a teoria einsteiniana como realmente é: a síntese mais completa já construída pelo engenho humano, em Filosofia Natural. Via-a, porém, com tal descortino que dela, em mais de um ponto divergiu (PAIVA, 1948, p. 78-79).

Pelo relato de Paiva, o fato de Monte ter o pleno domínio da Teoria da Relatividade de Einstein¹⁵⁵ possibilitou que ele divergisse da teoria einsteiniana em pelo menos quatro pontos: na concepção de causalidade; no princípio da ação mínima e na teoria do campo unificado; e, finalmente, no valor relativo das leis naturais.¹⁵⁶ Essas interpretações de Monte sobre a Teoria da Relatividade, segundo Paiva, teriam sido compartilhadas exclusivamente com

mencionava um autor estrangeiro sem que, necessariamente, a ideia destacada fosse desse autor. Essas ideias serviam como argumento de autoridade. Creio que, a partir desta reflexão feita por Alonso, caberia indagar: não poderia ser esse o caso de Monte?

¹⁵⁴ A Mecânica é o campo da Física que se dedica ao estudo dos movimentos dos corpos, de suas evoluções temporais e das equações matemáticas que os determinam. A mecânica relativista se contrapõe à mecânica clássica de Newton e, em geral, é atribuída a Albert Einstein em sua teoria da relatividade. As bases da Mecânica Clássica foram formuladas Galileu Galilei, Johannes Kepler e Isaac Newton. A Mecânica Relativística considera que o espaço e o tempo em velocidades próximas ou iguais à da luz não são conceitos absolutos, mas, sim, relativos. Segundo essa teoria, observadores diferentes, um parado e outro em alta velocidade, apresentam percepções diferentes das medidas de espaço e tempo. A teoria de Albert Einstein desenvolveu os estudos da chamada Mecânica Relativística, teoria que engloba a Mecânica Clássica e analisa movimentos em velocidades próximas ou iguais à da luz. A Teoria da Relatividade é uma obra do físico alemão Albert Einstein e foi publicada em 1905. Esse ano ficou conhecido como o ano milagroso da Física, pois nele foram publicados preciosos artigos científicos de Einstein (O ANO..., 2019).

¹⁵⁵ Em 5 de julho de 1996, em entrevista para o Diário do Povo, da cidade de Campinas (São Paulo), o físico César Lattes contestou a autoria da teoria da relatividade atribuída a Einstein. Segundo Lattes, Einstein é uma fraude. A teoria da relatividade de Einstein publicada em 1905 (ano de nascimento de Monte) é um plágio dos estudos de Henri Poincaré, divulgados em 1897 (Cf. NASSIF, 2010). Essa informação não será aprofundada neste trabalho e tem apenas o objetivo de mostrar ao leitor que a contestação de Monte à teoria não foi algo isolado, tendo em vista que houve e há contestações à autoria da teoria. Importante também destacar que, de acordo com Paiva, Monte teria lido com profundidade o pensamento de Henri Poincaré (Cf. PAIVA, 1948, p. 80).

¹⁵⁶ Os detalhes técnicos da física que explicam as divergências entre Monte e Einstein são longamente discutidos por Paiva (1948, p. 78-81). Julgou-se que, para os objetivos deste trabalho, não ser essencial aprofundar as divergências entre Monte e Einstein, mas mostrar o envolvimento de Padre Monte nas discussões científicas de sua época.

seus alunos, de modo que não existem documentos que deixaram registrada essa contestação. No entanto, para O'Grady de Paiva, esse tema está presente nas obras do Padre Monte, sobretudo, na menção que faz ao “valor relativo das leis naturais” (PAIVA, 1948, p. 80).¹⁵⁷

Um fato importante a destacar é que, segundo Paiva, as contestações à Teoria da Relatividade feitas por Monte são fundamentadas em estudos matemáticos, físicos e químicos e, também, em estudos bíblicos. Na interpretação desse autor, ele conseguiu refutar as ideias científicas, aliando seu amplo conhecimento da ciência com informações da Bíblia.

Todas essas discussões sobre a inserção de Monte no campo da Física e da Psicanálise não foram postas à apreciação de especialistas. As suas discussões sobre a Teoria da Relatividade e sobre a Psicanálise freudiana, ao que tudo indica, foram destruídas pelo próprio Monte, um mês antes da sua morte. Desse modo, torna-se difícil mensurar efetivamente o conhecimento que o religioso tinha dessas teorias e apresentá-lo como cientista. Mas, para Paiva, Monte foi um erudito, um gênio, na medida em que:

O gênio não se detém na superfície. Desce ao âmago. Engolfa-se, até atingir a extrema minúcia. Depois sobe, alteia-se, dilata-se: toca a linha do horizonte intelectual. Em suma: pela análise, abisma-se; pela síntese, espraia-se. O verdadeiro gênio não é um mero portador de ciência acumulativa. Amplia a realidade, inova. Cogita e excogita. [...] Monte culminou em plenitude de conhecimentos. Perlustrando todos os departamentos do saber, chegou a dominar toda a ciência do seu tempo. Não havia fronteiras para sua inteligência. [...] Nada escapou à sua aguda curiosidade intelectual. A investigação era o seu mundo. Nenhum domínio científico fugiu ao âmbito de sua erudição (PAIVA, 1948, p. 73-75).

Essa visão de Paiva sobre Monte foi fundamental para consolidar a imagem do padre cientista, capaz de investigar qualquer campo e de ensinar sobre qualquer conteúdo. Jurandyr Navarro, por exemplo, na entrevista que me concedeu, afirmou que Monte era um cientista completo. Esta visão, no entanto, merece alguma ponderação.

Considero importante reconhecer a dedicação de Monte aos estudos, a sua grande capacidade de ler, aprender e transmitir informações. Contudo, identifico limites na sua condição de cientista e de professor de qualquer área da ciência, uma vez que não há nenhum indício de que Monte apresentou e defendeu seus estudos diante de um público que pudesse fazer uma crítica qualificada. O próprio livro de Paiva, que foi escrito após a morte de Monte, apesar de ter sido produzido no Rio de Janeiro, teve uma circulação praticamente circunscrita

¹⁵⁷ Não foram encontrados documentos sobre os estudos de Monte acerca da Teoria da Relatividade. O que se encontra propagado entre os biógrafos do autor é de que ele realizou esses estudos. Independentemente da qualidade do estudo realizado por Monte, o importante nessa tese é destacar que, na memória da intelectualidade local, Monte é construído como alguém capaz de discutir e corrigir o pensamento de Einstein.

a Natal. Sem a presença da crítica, torna-se difícil identificar o valor de uma obra. Aliás, a aceitação de críticas às suas ideias não parece ter sido algo próprio de Monte. Leão do Norte, um dos biógrafos e admiradores de Monte, afirma que ele, pouco antes de morrer, queimou uma monografia, na qual refutava várias teorias de Freud por ter receio das críticas que surgiriam e por considerar que não havia quem poderia defendê-lo após sua morte (NORTE, 1944, p. 9).

No que se refere ao “homem de letras”, Paiva afirma que a formação literária de Monte se iniciou durante os estudos preparatórios, quando pôde ter acesso aos clássicos latinos, e foi concluída na década de 1930, quando finalizou os estudos de grego. Para esse autor, Monte teve uma formação literária profundamente sólida, com pleno domínio da antiguidade clássica e mediterrânea e, conseqüentemente, de todo o pensamento humanista.¹⁵⁸ Segundo Paiva, Monte conhecia a fundo toda a literatura helênica, tendo lido e relido, analisado, cotejado, traduzido e anotado todas as obras (PAIVA, 1948, p. 219). Foram esses conhecimentos, acessados durante sua formação no Seminário, que permitiram que Monte, na interpretação de Paiva, extrapolasse o sacerdócio e atuasse no magistério.

Possivelmente, Monte se dedicou aos estudos das letras clássicas. Além de haver a oferta de disciplinas no currículo do Seminário, acredito que os contatos dele com o bispo Dom José Pereira Alves, com os alunos mais velhos, que ingressaram no Seminário com estudos mais avançados, deram a ele condições para aprender ou aprofundar sozinho outros conhecimentos. Considero, inclusive, que ele mesmo possa ter comprado livros que normalmente não chegavam em Natal, uma vez que durante os anos 1920 e 1930 existiam livreiros em Natal que traziam de outros lugares encomendas feitas por intelectuais locais.¹⁵⁹

De acordo com as fontes consultadas, Monte era um especialista em Latim. Foi professor de Latim no Seminário de São Pedro e no Colégio Estadual Atheneu;¹⁶⁰ gostava de construir frases nesse idioma para placas de formatura¹⁶¹ que aconteciam na cidade, para títulos de artigos que escrevia nos jornais; e, eventualmente, ele era solicitado a dar consultoria ou a

¹⁵⁸ Além das línguas clássicas, Monte aprendeu, também no Seminário, uma série de outros idiomas, como o russo, italiano, francês, alemão, inglês e espanhol. Entretanto, não encontrei nenhuma evidência de que ele realmente falasse – fluentemente – ou escrevesse nesses idiomas. No Seminário, ele estudou francês e latim e, provavelmente, essa base, associada ao português, que ele já dominava, pode ter favorecido o aprendizado de italiano e espanhol. O russo, o alemão e o inglês, ele pode ter aprendido com outros colegas seminaristas ou com os padres que vinham para passar temporadas no Seminário de São Pedro. Em suma: ele pode ter aprendido esses idiomas, mas não é possível mensurar o seu nível de conhecimento sobre eles e nem se ele os empregava em situações concretas.

¹⁵⁹ Sobre essa questão dos livreiros em Natal na primeira metade do século XX, consultar Silva (2014).

¹⁶⁰ Ver Anexo A

¹⁶¹ Ver Anexo B

emitir um parecer sobre a correção de uma afirmação feita em Latim.¹⁶² Além disso, alunos de Monte que, posteriormente, se destacaram no campo intelectual, também exaltaram o seu domínio do idioma, sendo que, dentre eles, posso destacar O’Grady Paiva¹⁶³ Nilo Pereira,¹⁶⁴ Severino Bezerra,¹⁶⁵ Eymard L’Eraistre Monteiro.¹⁶⁶

No que se refere à sua condição de professor de Latim no Atheneu Norte-Rio-Grandense, os biógrafos de Monte sempre fazem referência ao concurso que possibilitou o seu ingresso na instituição. Segundo consta da Ata, datada de 30 de janeiro de 1934, para esse concurso Monte foi o único candidato e se submeteu a quatro provas: tese com tema de livre escolha, tese com tema sorteado pela banca, prova prática e prova oral.¹⁶⁷ Em todas as provas, Monte obteve nota 10. O tema sorteado para a aula foi “Das palavras e seus elementos – composição e derivação das palavras – sinonímia e tropos latinas” e, a partir dele, Monte construiu sua tese com o título *Lexiologia e Sematologia*.¹⁶⁸ Essa tese foi publicada, na íntegra, em 1933,¹⁶⁹ pela Imprensa Oficial, e possui, ao todo, 171 páginas, tendo se tornado a grande referência de um texto de Monte escrito em Latim. A tese de livre escolha de Monte, intitulada *Valor quantitativo da preposição: A – AB – ABS*, é um trabalho de quatro páginas e só foi

¹⁶² Segundo O’Grady, Monte era o único intelectual local capaz de dominar o Latim a ponto de selecionar frases de inspiração clássica. A escolha dessas frases não era aleatória, mas sim fruto da sensibilidade e da erudição que ele possuía (PAIVA, 1948, p. 225). Essa informação de Paiva merece ser analisada com cuidado, uma vez que, no Seminário, vários alunos tiravam notas excelentes em Latim. Cabe lembrar que os padres, à época, deviam dominar instrumentalmente o Latim para a prática do sacerdócio.

¹⁶³ Segundo Paiva, [Monte] “aprimorou por si mesmo, os estudos de Latim, de que devassou todos os segredos e que conhecia como ninguém. E não se limitando ao idioma em si (que era o da Igreja e da ciência), mas abrangendo toda a literatura latina, em prosa e verso)” (PAIVA, 1988, p. 45).

¹⁶⁴ Segundo Pereira, “Monte era sobretudo um latinista. Suas teses para o concurso de latim no velho Atheneu Norte-Rio-Grandense mostram bem que ele era da raça dos João Tibúrcio e dos Estevão Dantas” (PEREIRA, 1971, p. 141).

¹⁶⁵ Segundo Severino Bezerra, “nas aulas do Padre Telch [religioso alemão, que veio, em 1924, ministrar um curso de teologia no Seminário de São Pedro], que eram dadas em Latim, Monte salientava-se pela correção com que respondia na língua latina” (BEZERRA, 1987, p. 103).

¹⁶⁶ Ver mais em: Monteiro, 1958, p. 167-175.

¹⁶⁷ Livro de Atas dos concursos de 1926-1934 (ATHENEU NORTE-RIO-GRANDENSE, 1926-1934, p. 31).

¹⁶⁸ Esta obra será discutida no terceiro capítulo deste trabalho.

¹⁶⁹ A aula em que Monte apresentou a tese sorteada no concurso de latim ocorreu em 27 de janeiro de 1934 e o resultado final do concurso foi publicado dia 30 de janeiro de 1934. Cf. Livro de Atas dos concursos de 1926-1934 (ATHENEU NORTE-RIO-GRANDENSE, 1926-1934, p. 28-31). O edital do concurso, publicado no Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Norte, em 5 de agosto de 1933, com data retroativa a maio do mesmo ano, já informava a tese sorteada. Isso significa que Monte teve acesso ao tema da tese meses antes da inscrição para o concurso. Esse edital exigia, no momento da inscrição (ocorridas entre maio e novembro de 1933), a entrega de vinte e cinco exemplares de cada uma das teses por parte do candidato. Lanço a hipótese de que a tese sorteada e aquilo que os autores se referem como sendo o livro *Lexiologia e Sematologia* são o mesmo documento. Suponho que Monte tenha imprimido a tese na Imprensa Oficial, ainda em 1933, uma vez que existiam na cidade poucas gráficas com condições de imprimir e encadernar esse volume de livros. Lendo-se o volume original, percebem-se características de uma tese, tendo em vista que não existem prefácios, comentadores e nada que indique as filiações institucionais do autor. Além disso, o livro dificilmente poderia ser publicado antes da tese ser defendida. Cf. Edital de concurso para cadeiras de Latim e Ciências Físicas e Naturais (ATHENEU NORTE-RIO-GRANDENSE 1933, p. 3-4).

publicado no volume três da *Antologia do Padre Monte*, em 1979. Segundo José Melquíades,¹⁷⁰ em depoimento prestado a Jurandyr Navarro,

Padre Monte passou rápido pelo caminho das letras e deixou fama de ‘sábio’. [...] Aqui mesmo entre nós, Padre Guerra, aos 23, discursava em latim, elogiando seu Diocesano; e ninguém lembrou de chamá-lo de sábio ou mesmo de erudito. Não admira, pois, que Padre Monte, começando em menino a cultivar sua inteligência dentro dos moldes da cultura clássica, tenha se revelado em tempo oportuno. Há pessoas que atingem aquela qualificação intelectual que os ministérios relacionam em suas instruções como ‘homens de notório saber’. Essa linguagem convencional e burocrática enriquece o curriculum vitae como título valiosíssimo no concurso do magistério. Padre Monte colocou-se mais além, porque esteve acima da média ponderada dos concursos públicos (MELQUÍADES, 1979, p. 301-302).¹⁷¹

A partir do cotejamento das referências elogiosas aos conhecimentos de Latim de Padre Monte com as ponderações feitas por José Melquíades, posso concluir que, independentemente das qualidades atribuídas a Monte, sua condição de latinista contribuiu significativamente para que fosse considerado um grande intelectual.

Como já afirmei anteriormente, para Paiva, foi sua habilidade em ciências e letras que possibilitou a Monte atuar como professor de Matemática, História Natural e Latim em várias instituições de ensino do Rio Grande do Norte. É difícil precisar o ano exato em que Monte começou a exercer o magistério. Ainda como aluno do Seminário ele escrevia para os jornais, mas não encontrei informações sobre o início da sua atividade docente. Segundo o Monsenhor Severino Bezerra,¹⁷² em seu livro *Levitas do Senhor* (BEZERRA, 1987, p. 103), Monte, a 13 de abril de 1928, foi nomeado capelão e professor do Colégio da Conceição. Depois dessa data, tornou-se professor do Seminário de São Pedro, do Atheneu Norte-Rio-grandense (1934), da Escola de Comércio¹⁷³ e do Colégio Santo Antônio (atual Marista). Monte atuou como professor até o ano de sua morte.

De acordo com Paiva, Monte era um professor com qualidades inequívocas, um professor completo (PAIVA, 1948, p. 267), pois comunicava-se com facilidade, transmitia informações com eficiência, conquistava a confiança dos alunos, despertava o interesse pelo

¹⁷⁰ José Melquíades foi aluno do Seminário de São Pedro na década de 1940. É escritor e membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

¹⁷¹ Texto original sem data, publicado no volume 3 da *Antologia do Padre Monte*, organizada Jurandyr Navarro, em 1979.

¹⁷² Monsenhor Severino Bezerra foi aluno de Monte no Seminário de São Pedro. Em 1987, celebrou seu jubileu de ouro de ordenação sacerdotal. Nas décadas de 1980 e 1990 foi o historiador da Igreja de Natal, tendo sido também chanceler da Arquidiocese de Natal.

¹⁷³ A Escola do Comércio, criada por Dom Antônio dos Santos Cabral, em 1919, teve entre seus fundadores e gestores vários membros da *Congregação Mariana dos Moços*, como o próprio Dom Antônio e Ulysses de Góes.

conhecimento e encorajava os alunos a se dedicarem ao estudo, além de possuir conhecimentos científicos e virtudes morais. Acredito que Monte tenha sido, realmente, um bom professor. Entretanto, é necessário considerar que as relações que a Igreja, na Natal nos anos 1930, mantinha com as escolas devem ter favorecido a atuação de Monte na docência. A Igreja era proprietária de algumas escolas, o que já favorecia o ingresso de docentes religiosos nessas instituições e, além disso, mantinha forte relação com o Estado, que recrutava seus professores entre os membros da Igreja, uma vez que, naquela época, Natal era uma cidade com poucos intelectuais capazes de ministrar aulas em escolas.

Uma discussão importante em relação a Monte é como ele percebia a ligação entre sacerdócio, ciência e magistério. O que se observa é que para ele essas três esferas não eram incompatíveis. Os dogmas religiosos tinham fundamentos científicos, o que exigia do sacerdote o domínio da ciência e tornava dever dele a difusão desse conhecimento científico. Ao estudar a ciência, Monte consolidava/ratificava a religião. Ao exercer o magistério, ele propagava a ciência/fé, o que seria uma atividade inerente ao sacerdócio. Entretanto, algo que seria obrigação de um padre identificado com os princípios da Neocristandade, que é a difusão da fé/ciência na sociedade, passou a ser incorporado e divulgado pelos admiradores de Monte como um ato de desprendimento.¹⁷⁴ Essa percepção foi construída contemporaneamente a Monte e foi ratificada após a sua morte, ajudando a compor a imagem de Monte como um intelectual ímpar na sociedade norte-rio-grandense.

A imagem de intelectual singular, brilhante e sem vaidades, ao que tudo indica, favoreceu significativamente o sentimento de admiração que os seus alunos tinham por ele. Em diferentes documentos, pode-se identificar alunos de Monte afirmando que ele era prestigiado e admirado¹⁷⁵ por suas ações como professor, sempre pautadas pela bondade.¹⁷⁶ Os próprios ex-alunos de Monte vão difundir continuamente essa imagem dele como professor. Nesse sentido, o mesmo Nilo Pereira que, em 1944, homenageou o professor recém-falecido, em 1969, fez discurso semelhante, retomando e enfatizando as características que ele considerava serem

¹⁷⁴ A ideia de como os grupos recebem e divulgam a imagem de Monte está inspirada na noção de produção e recepção desenvolvida por Roger Chartier, 2001.

¹⁷⁵ Ao se referir a Monte, Nilo Pereira afirma: “Poucos professores terão sido mais claros, mais incisivos, objetivos do que ele. Propúnhamos questões, dificuldades de toda natureza, e o padre, com um sorriso amável, resolvia tudo com uma facilidade espantosa. Depois das aulas, o assunto não era o capítulo que serviu de lição; o padre, isto é, o clérigo ocupava toda a nossa atenção e não tínhamos palavras para exaltar o seu talento. Acontecia frequentemente que o professor se misturava aos alunos; e, então, o seu prestígio subia ainda mais e uma admiração profunda e sólida ganhava o nosso espírito” (PEREIRA, 1944, p. 1).

¹⁷⁶ As menções à bondade e à disponibilidade de Monte para com seus alunos podem ser observadas em um discurso de Nilo Pereira, no qual ele expõe uma situação vivenciada por ele e o amigo Afonso Bezerra no Colégio Santo Antônio, na qual o religioso, mesmo sem estar em sala de aula, gentilmente ministrou uma aula sobre células aos dois (PEREIRA, 1971, p. 135).

exclusivas de Monte.¹⁷⁷ Esse posicionamento de Nilo Pereira também foi adotado por outros alunos, que rememoram Monte muitos anos depois de seu falecimento. Isso significa que, décadas depois de seu falecimento, Monte segue sendo lembrado não apenas como professor, mas como um proeminente intelectual potiguar, fortalecendo, desta forma, sua imagem de sábio e gênio.

Torna-se importante salientar que outros padres da Igreja Católica do Rio Grande do Norte, que viveram aproximadamente no mesmo período que Monte ou anteriores a ele, também são apresentados como intelectuais, como é o caso dos padres Francisco de Brito Guerra, Estevam Dantas, Paulo Herôncio de Melo, Jorge O'Grady de Paiva, José Cabral, Luiz Teixeira e Francisco das Chagas Neves Gurgel. Diante dessa constatação, torna-se necessário discutir o que motivou Paiva e também outros a escolherem Monte, atribuindo a ele um destaque especial.

É bastante provável que a dedicação de Monte aos estudos científicos tenha sido influenciada pela necessidade de defesa que a fé católica enfrentava na época, em razão dos inimigos que a Neocrisandade combatia, como o espiritismo, o protestantismo e o comunismo. Creio, no entanto, que é preciso considerar que Monte não atuava simplesmente para atender os interesses da Igreja, uma vez que ele mesmo tinha seus próprios interesses. Entendo que Monte atuava para atender a Igreja, mas sua atuação foi definida por seu livre arbítrio, na medida em que decidiu quais as estratégias que adotaria para atender seus propósitos, sem colidir com as orientações do catolicismo. Neste sentido, pode-se afirmar que Monte buscou, através de suas ações, que contavam com o apoio e a total aprovação da Igreja, consagrar e difundir uma imagem pessoal que se encontrava em construção.

Sendo assim, em um contexto no qual a fé era vista como o extremo oposto da ciência, Padre Monte passou a se dedicar aos mais diversos ramos das ciências como uma forma de legitimar a religião, mas, ao mesmo tempo, como forma de se legitimar e ser reconhecido no seio da sociedade potiguar. Como exemplo de uma ação promovida por Monte, que articula os interesses da Igreja com seus próprios, destaco um trecho de texto que ele escreveu sobre a eugenia, publicado em 1932, no qual afirma: “o que a moral católica sustenta a ciência honesta aprova” (MONTE,¹⁷⁸ 1996a, p. 101). Nessa afirmação, Monte (1932) expressa a sintonia que ele defendia existir entre a “moral católica” e aquilo que denominou de “ciência honesta”. Ao

¹⁷⁷ Importante lembrar que este discurso de Nilo Pereira na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras se insere na homenagem prestada pela entidade por ocasião dos vinte e cinco anos da morte de Padre Monte. Isso significa que a homenagem não resultou de uma ação espontânea do autor do discurso, mas de uma iniciativa da Academia.

¹⁷⁸ Publicado originalmente em 1932.

construir essa interpretação, o religioso induz o leitor a pensar que “ciência honesta” é aquela que se coaduna com a “moral católica”, e que descobertas científicas que se contrapusessem ao catolicismo deveriam ser desprezadas. A sentença é favorável à Igreja, mas é favorável também ao próprio Padre Monte, uma vez que ele se apresenta como uma voz “verdadeira” no debate científico e desqualifica os adversários que com ele debatem publicamente.

Nesses termos, posso inferir que biologia, matemática, química, mineralogia, física, dentre outros campos do conhecimento, passaram a ser objeto de estudo de Padre Monte, com o intuito de legitimar a fé e a si mesmo por meio de um discurso científico. Dessa maneira, não há nada de estranho no fato de Monte ter tido contato, através de seus estudos, com procedimentos empíricos, formulações científicas e, conseqüentemente, com novas visões de mundo, e nada disso ter conseguido abalar a sua fé.

Aliás, o tema da relação existente entre Religião e Ciência foi discutido em várias oportunidades por Padre Monte: nas discussões teóricas, nos debates públicos e nos seus estudos sobre os milagres. Especificamente sobre a ocorrência de milagres, Monte defendeu que “o milagre não violenta a natureza”, razão pela qual era possível provar, cientificamente, que os milagres possuíam uma natureza física e, portanto, eram menos sobrenaturais do que se imaginava. Nesses termos,

A imunidade dos hebreus na fornalha, por exemplo, pode ter sido um fato acorde com todas as leis físicas, apenas contrário ao nosso *estado atual*. É que o preternatural não tem, apenas, sentido objetivo, mas igualmente subjetivo. Também está *acima de nós*, nem sempre e só *acima da natureza*, em que se realiza. [...] O milagre, assim, não é uma nota dissonante no concerto universal (PAIVA, 1948, p. 81).

Nota-se, tanto no que foi escrito por seus biógrafos quanto no que ele mesmo escreveu, que Padre Monte pretendia legitimar a religião por meio da ciência, sendo que jamais tentou negar a ciência a partir da reafirmação de passagens metafóricas das Escrituras. Se, por um lado, ele mostrava-se receptivo ao progresso da ciência, por outro, mostrava-se extremamente resistente a tudo que, de alguma forma, ameaçasse a moralidade cristã, sendo que suas principais críticas foram direcionadas ao ateísmo, ao protestantismo e ao espiritismo.

Pelo exposto, fica claro que nos textos produzidos por seus admiradores e biógrafos a vocação de Monte aparece associada aos conhecimentos científicos que possuía e à docência. Mas também nos textos contidos nas Antologias e nas entrevistas a mim concedidas, o religioso é apresentado como alguém que, com simplicidade e sabedoria, não mediu esforços para defender a fé católica nas páginas dos jornais, nos boletins e nas entidades leigas. Esse discurso

possibilitou a criação e a reprodução da imagem de Monte como alguém que, apesar de vocacionado para o sacerdócio, não se limitou ao exercício das funções paroquiais.

2.3 A ação de Monte na Igreja Católica

Ao longo de sua atuação religiosa, Monte devotou-se às diretrizes da Igreja Católica e sua ação como sacerdote esteve associada à Neocristandade, momento em que a instituição procurou se reaproximar dos fiéis. As atitudes de Monte estiveram, portanto, vinculadas às estratégias adotadas pela Igreja nesse período. O que me proponho a discutir neste tópico são as estratégias por ele empregadas para se adaptar aos planos da Igreja, bem como sua fidelidade a essas diretrizes. Me proponho a, também, demonstrar que certas características – tais como, a bondade, a oratória, o interesse pela ciência, envolvimento com entidades leigas no seio da sociedade –, exaltadas como exclusivas de Monte, eram comuns a outros religiosos do período. Procuro, ainda, evidenciar que, apesar de uma dedicada ação sacerdotal e uma servidão à Igreja, suas atitudes estiveram articuladas com uma proposta mais ampla, pautada pelas lideranças do Clero brasileiro.

Em 1864, o Papa Pio IX, cujo papado se deu entre 1846 e 1878, divulgou a Encíclica Papal *Quanta Cura*, destacando a importância da união dos católicos contra as doutrinas que estavam em desacordo com a Igreja. Esse documento foi crucial para que novos rumos fossem tomados pela Igreja, sobretudo, no que se refere à relação com os leigos. Segundo essa Encíclica:

Em meio de esta tão grande perversidade de opiniões depravadas, Nós, em plena consciência da **nossa missão apostólica** e com grande solicitude pela religião, pela sã doutrina e pela saúde das almas, a Nós devidamente confiada, assim como até pelo próprio bem da sociedade humana, temos julgado necessário levantar de novo Nossa voz apostólica. Portanto, todas e **cada uma das perversas opiniões e doutrinas** determinadamente especificada nessa Carta, com Nossa autoridade apostólica, as reprovamos, proscrevemos e condenamos; e **queremos e mandamos que todas elas sejam tidas pelos filhos da igreja como reprovadas, proscritas e condenadas** (PIO IX, 1864 *apud* CARDOSO, 2017. p. 423, grifos nossos).

Três elementos se destacam na leitura desse fragmento extraído da Encíclica: a ideia de que no momento da elaboração do documento (1864) circulavam pelo mundo opiniões perversas e depravadas; a necessidade de a Igreja retomar sua ação apostólica para combater essas opiniões; a orientação para que os católicos reprovassem, proscressem e condenassem essas opiniões tidas como depravadas. Considerando os debates religiosos da época e as práticas do Papa Pio IX, é possível inferir os grandes inimigos da Igreja, a saber: o protestantismo, o espiritismo, o liberalismo e o comunismo.

Com base nessa reflexão, é possível perceber uma orientação da autoridade papal para que o Clero retomasse as missões apostólicas que haviam marcado a ação da Igreja durante a Contrarreforma¹⁷⁹ e para que os leigos, filhos da Igreja, ingressassem nessa luta. Tratava-se, pois, de uma diretriz que instigava a formação de um movimento internacional que estabelecia um novo catolicismo (recatolização), pautado no combate contra os inimigos e na conquista e manutenção de fiéis. Essa diretriz, que exigiu a adoção de práticas agressivas por parte do catolicismo, persistiu nos papados de Leão XIII (1878-1903), Pio X (1903-1914), Benedito XV (1914-1922) e Pio XI (1922-1939) a despeito das particularidades vivenciadas em cada pontificado, chegou ao Brasil por meio de diversos documentos, que tinham o objetivo de orientar as ações eclesiais.

A partir dessas diretrizes da Igreja, observa-se, no início do século XX, uma politização dos discursos dos Bispos. É provável que essa politização tenha sido reforçada com a Encíclica *Litteras a Vobis*, publicada em 1894, pelo Papa Leão XIII. Por essa encíclica, o Papa apresentava propostas de reestruturação da Igreja Católica no Brasil, apontando encaminhamentos que levassem à ampliação do número de Arquidioceses, à multiplicação de lideranças envolvidas na evangelização, na participação efetiva na escolha de dirigentes políticos que estivessem comprometidos com os valores católicos e na necessidade do envio de alguns clérigos a Roma a fim de que complementassem sua formação sacerdotal. Ainda na Encíclica, o Papa orienta que, no retorno desses religiosos, eles poderiam atuar como professores ou em qualquer outra função correlata para difundir o projeto de politização do clero brasileiro (LEÃO XIII, 1984).

Atendendo às diretrizes do Papa Leão XIII, jovens seminaristas brasileiros foram encaminhados para estudar em três instituições romanas: a Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, o Pontifício Colégio Pio Latino Americano e o Pontifício Colégio Pio Brasileiro (AZZI, 1994, p. 34). Esses seminaristas tiveram, na Itália, uma formação jesuítica que lhes proporcionou o aprendizado na realização de missões apostólicas com o intuito de propagar a fé católica. Essas três instituições, cabe ressaltar, foram responsáveis pela formação dos principais líderes religiosos católicos no Brasil na primeira metade do século XX, tais como D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, D. Sebastião Leme da Silveira Cintra,¹⁸⁰ D. Francisco de Aquino Correia, D. Alfredo Vicente Scherer e D. José Gaspar D'Afonseca e Silva.

¹⁷⁹ Contrarreforma ou Reforma Católica foi o movimento da Igreja, iniciado por volta de 1545, em reposta à Reforma Protestante.

¹⁸⁰ Sebastião Leme de Oliveira Cintra (1882-1942) ingressou no Seminário Menor Diocesano de São Paulo, em 1894. Tendo se destacado em seus estudos, foi enviado para Roma em 1896, onde estudou filosofia na Universidade Gregoriana. De volta ao Brasil em 1904, passou a exercer o sacerdócio em São Paulo. Em 1910, foi convidado pelo cardeal Joaquim Arcoverde para assumir o cargo de bispo-auxiliar do Rio de Janeiro. Em 1916, assumiu a Arquidiocese de Olinda e Recife, em Pernambuco. Nessa época, desenvolveu um ativo trabalho de evangelização e passou a exigir do governo da República um tratamento especial para o catolicismo,

Esses religiosos, ao voltarem para o Brasil, se aliaram a intelectuais católicos leigos e, com base nos ensinamentos cristãos, estruturaram um pensamento intelectual católico, passando a defender a manutenção da ordem social, a autoridade, a contrarrevolução, o nacionalismo, a restauração da moral, a necessidade de uma Neocristandade e o combate às doutrinas contrárias ao pensamento do catolicismo.

A trajetória religiosa de D. Sebastião Leme, um dos religiosos brasileiros que estudou na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, entre 1897 e 1904, é importante para a compreensão do movimento da Neocristandade no Brasil. Esse religioso ingressou, em 1894, no Seminário Menor Diocesano do Rio de Janeiro. No ano seguinte, a partir de uma demonstração de domínio de Latim, chamou a atenção de D. Joaquim Arcoverde, então Bispo de São Paulo, que o enviou à Itália para concluir os estudos. O jovem seminarista viajou para Roma, na companhia do secretário particular de D. Arcoverde, Padre Benedito Alves de Souza, e de André Arcoverde, sobrinho do bispo. Leme permaneceu estudando na Europa até 1904, quando recebeu as ordens maiores e realizou sua primeira missa. No retorno ao Brasil, atuou em São Paulo, num momento em que os meios intelectuais e políticos eram anticlericais, desenvolvendo trabalhos de evangelização e organizando uma imprensa católica. A sua atuação em São Paulo levou o Cardeal Arcoverde a convidá-lo a ser Bispo auxiliar do Rio de Janeiro, função que assumiu em quatro de junho de 1911. A partir da sua posse, passou a existir uma relação conflituosa entre ele e o cardeal Leme, em razão das divergências entre os dois sobre a forma como a Igreja deveria atuar (MOREIRA, 2001, p. 3).

Durante o período em que foi Bispo auxiliar do Rio de Janeiro, Leme deixou evidente que o principal problema do catolicismo brasileiro era a ignorância religiosa da elite. Tentando minimizar essa deficiência, ele realizou diversas pregações e incentivou a Obra das Vocações e a Congregação da Doutrina cristã. Foi nessa época também que lançou as bases do movimento denominado, posteriormente, *Ação Católica*. Essa atuação foi bem recebida pelos jovens da Arquidiocese, mas foi profundamente criticada por uma parte do Clero e por uma parte do laicato (MOREIRA, 2001, p. 3).

Em razão desses conflitos entre D. Arcoverde e D. Leme, o Cardeal Arcoverde conseguiu, em 1916, que D. Sebastião Leme fosse nomeado Arcebispo de Olinda, pelo Vaticano.¹⁸¹

que segundo ele não tinha reconhecida a sua posição de religião da maioria dos brasileiros. Em 1921, voltou ao Rio de Janeiro, agora como arcebispo coadjutor. Em 1922, apoiou Jackson de Figueiredo na criação do Centro Dom Vital, órgão voltado para o estudo e difusão do catolicismo. Sempre em busca de uma participação maior dos católicos na vida do país, fundou, ainda em 1922, a Confederação Católica, com o objetivo de melhor coordenar a ação dos leigos e das associações católicas. Em julho de 1930, foi elevado a Cardeal pelo Papa Pio XI e, após a morte do cardeal Arcoverde, assumiu a arquidiocese do Rio de Janeiro. Cf. Moreira (2001).

¹⁸¹ Só em 1918, a Arquidiocese de Olinda passou a ser chamada Arquidiocese de Olinda e Recife.

Antecedendo a sua posse, D. Leme se recolheu, em uma fazenda no estado de São Paulo, para elaborar uma Carta Pastoral, definindo sua linha de atuação na nova Arquidiocese. A historiografia contemporânea considera a *Carta Pastoral Saudando a Sua Archidiocese* como o documento mais marcante para a reorientação da ação da Igreja católica no Brasil, que se caracterizou, entre outros fatores, pela ativa mobilização dos leigos, destacadamente, dos intelectuais.

A Carta Pastoral é composta por 135 páginas e divide-se em quatro partes. Entre as temáticas discutidas na Carta, destacam-se: os poderes políticos e eclesiásticos no Brasil; a ignorância religiosa dos literatos, dos intelectuais e dos homens públicos; os meios a serem utilizados para combater a apatia política dos católicos; a organização do ensino religioso; a divulgação das obras literárias e as saudações aos fiéis no seu novo espaço de atuação. Nessa carta, D. Leme (1916, p. 5, grifos nossos) destacava:

Na verdade, **os catholicos somos a maioria** do Brasil e, no entanto, **catholicos não são os princípios e os órgãos da nossa vida política**. Não é catholica a lei que nos rege. Da nossa fé prescindem os depositários da autoridade. Leigas são as nossas escolas, **leigo o nosso ensino. Na força armada da República, não se cuida de Religião**. Enfim, na engrenagem do Brasil official **não vemos uma só manifestação de vida catholica**. O mesmo se póde dizer de todos os ramos da vida pública. **Anticatholicas ou indiferentes são as obras da nossa literatura**. Vivem a achincalhar-nos os jornais que assignamos. **Foge de todo à acção da Igreja à indústria**, onde no meio de sua fábrica inúmeras, a religião deveria exercer a sua missão moralizadora. O commercio de que nos provemos parece timbrar em fazer conhecido que não respeita as leis sagradas do descanso festivo. **Habitos novos, e razoáveis e até ridículos, vão introduzindo o povo no snobismo cosmopolita**.

Pelo exposto neste fragmento da Carta de Dom Leme, podem ser observadas algumas críticas contundentes à relação entre a Igreja e o Estado republicano, tais como o fato de a maioria da população brasileira ser católica, mas o catolicismo não interferir na formulação das leis nacionais e na condução dos quadros institucionais; a laicização do ensino, que impedia a educação moral e religiosa nas escolas; a República brasileira, instaurada pelos militares, não levava em consideração os preceitos católicos; o Estado Brasileiro não se manifestava em defesa do catolicismo; os jornais e a literatura que se destacavam naquele cenário eram anticatólicos; a indústria cresce, sem a influência do catolicismo, deixando que o operariado se eduque por ideologias “perversas”, como o comunismo e o anarquismo; e a adoção de novos hábitos, típicos do liberalismo, que levavam o povo ao snobismo cosmopolita.¹⁸²

¹⁸² Com a instauração da República, as relações entre o Estado e a Igreja católica são modificadas, na medida em que o Estado passou a ser laico. Em decorrência dessa mudança, foi minimizado o poder da Igreja na elaboração das políticas públicas e na indicação de quadros para compor o governo; o ensino tornou-se laico; o Estado

Além desses elementos, D. Leme destacava, ainda, a fragilidade institucional da Igreja e a sua difícil situação financeira,¹⁸³ a precariedade das práticas religiosas populares e da educação religiosa, o pouco efetivo de padres para atender os fiéis em todo o território nacional, e, finalmente, a ausência de intelectuais católicos com atuação destacada na sociedade.

A partir dessas críticas, Dom Leme definiu algumas ações emergenciais a serem adotadas pela Igreja católica, dentre as quais estavam a intervenção dos membros da Igreja nos debates públicos que envolvessem os destinos da pátria, de modo a difundir as ideias católicas na sociedade; a intervenção decisiva dos católicos nos debates sobre o ensino religioso facultativo; a inserção de símbolos católicos em pontos centrais das cidades; a participação do clero nos debates acadêmicos; a necessidade de participação dos intelectuais nos projetos da Igreja, tendo em vista que esses homens teriam condições de reinserir o pensamento católico no âmbito governamental. Além disso, Dom Leme sugeriu ações cotidianas que deveriam ser adotadas pelos católicos, como a educação e a manutenção da família e a adoção do conceito de bom católico, ou seja, indivíduos que frequentavam as missas deveriam ser ativos na Igreja e participar nos projetos do clero.

Os elementos apresentados por Dom Leme na sua Carta Pastoral foram essenciais para o fortalecimento do processo de recatolização da sociedade brasileira. Essa carta e a sua atuação na Arquidiocese de Olinda e Recife favoreceram a sua transferência para a Arquidiocese do Rio de Janeiro, em 1921. Na nova arquidiocese, ele desenvolveu um trabalho de politização do clero e de aproximação ao Estado, reivindicando a implantação de projetos da Igreja. Foi nesse período que foi fundada a revista *A Ordem*, do *Centro Dom Vital*,¹⁸⁴ e foram estabelecidas parcerias com importantes intelectuais, como Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima (MOURA, 2016, p. 35-36).

A partir dessa Carta Pastoral, que apresentava uma diretriz de politizar o catolicismo, formando uma militância eclesiástica apoiada por intelectuais vinculados ao pensamento católico, diversos bispos brasileiros apoiaram as ações de Dom Sebastião Leme. Entre esses bispos apoiadores de Leme se encontravam Dom Antônio dos Santos Cabral¹⁸⁵ (que foi primeiro

deixou de defender o catolicismo; cresceu a imprensa e a literatura anticatólica e novos hábitos de consumo foram incorporados pela população.

¹⁸³ Quando D. Leme assumiu o arcebispado de Olinda, a arquidiocese estava com muitas dívidas e o próprio prédio que a abrigava e a catedral estavam precisando de grandes reformas.

¹⁸⁴ A partir da criação desses dois órgãos, iniciou-se a mobilização da intelectualidade católica, sob a orientação de Dom Leme, o que impulsionou a obra de Restauração Católica no Brasil (AZZI, 1977, p. 61).

¹⁸⁵ Importante destacar a ligação de Dom Antônio dos Santos Cabral com a Igreja de Natal. Nascido em Propriá (Sergipe), ordenou-se padre em 1907, no Seminário de Santa Teresa (Salvador) e foi exercer o sacerdócio na sua cidade de nascimento. “Rejeitou duas vezes, em abril de 1916 e depois em junho de 1917, sua indicação

arcebispo de Belo Horizonte, tendo assumido no período de 1922 a 1957), D. João Becker (arcebispo de Porto Alegre) e Dom Aquino Correia (arcebispo de Cuiabá e membro da Academia Brasileira de Letras, foi o porta-voz dos católicos em meio aos letrados do Brasil) (MICELI, 1988, p. 37).

Como já foi apresentado, a Carta Pastoral de D. Leme propunha cristianizar as instituições sociais e estimular a formação e a consolidação de um quadro de intelectuais católicos. Embora publicada em 1916, os postulados apresentados nessa Carta só foram efetivados a partir de 1921, quando Dom Sebastião Leme se tornou o Arcebispo do Rio de Janeiro. Até sua morte, em 1942, Dom Leme permaneceu nesse cargo, atuando efetivamente na reestruturação do catolicismo brasileiro. As concepções defendidas e as práticas adotadas por Leme faziam parte do que se pode definir como Neocristandade, entendida como um movimento voltado para a ampliação da presença dos valores cristãos nas principais instituições sociais. Nesse sentido, pode-se assegurar que os anos 1920 foram palco do redirecionamento de muitas concepções e práticas da Igreja Católica no Brasil (MAINWARING, 1989, p. 42).

Essa ascensão da Neocristandade no Brasil se expressou, com especificidades, em Natal. Naquela conjuntura, Câmara Cascudo, em consonância com outros intelectuais locais ligados à Igreja Católica, tais como Manoel Dantas, Eloy de Souza e Henrique Castriciano, atribuiu a si próprio a função de escrever sobre “todos” os acontecimentos de Natal, procurando construir uma memória e uma identidade para a cidade e inserindo o catolicismo como um dos elementos dessa identidade. Esses intelectuais liderados por Cascudo passaram, por um lado, a criar instituições culturais com fortes vinculações ao catolicismo e, por outro, a escrever sobre a identidade da cidade com o catolicismo.

Essa conjuntura favoreceu a atuação e a projeção social que Padre Monte viria a ter, tanto no âmbito da Igreja Católica, quanto em instituições leigas. Vale lembrar que a formação e a atuação sacerdotal de Monte estavam associadas à percepção de que o intelectual agia como um guia da sociedade.¹⁸⁶ Havia a necessidade de a Igreja Católica formar intelectuais para a implementação

para bispo de Natal (RN). Mas em obediência à Igreja, aceitou o desafio. Em 1º de outubro de 1917 foi publicada a bula do Sumo Pontífice Bento XV, que o nomeou bispo de Natal”. (ARQUIDIOCESE, 2019). Sagrou-se bispo de Natal em 1918 e permaneceu no cargo até 1922. Em Natal, criou várias instituições católicas, reabriu oficialmente o Seminário de São Pedro, em 1919, e iniciou a construção da nova catedral. Em 1922, a Santa Sé o transferiu para a recém-criada Diocese de Belo Horizonte.

¹⁸⁶ A ideia de intelectual como guia da sociedade esteve presente no século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Para Ângela de Castro Gomes, historicamente, o termo intelectual surgiu no século XIX e estava associado a genialidades tidas como inerentes a determinados sujeitos. Sob esta perspectiva, os intelectuais eram considerados gênios que explicavam a realidade por meio de seus estudos, que contemplavam os mais variados objetos. Eram os “gênios”, que explicavam as mudanças, ao invés de terem eles que ser explicados para o melhor entendimento das mudanças culturais e sociais” (GOMES, 2016, p. 11). Essa ideia de intelectual é válida para o período em que Monte viveu. Sobre o tema, confira também Vieira (2015, p. 10).

dos princípios da Neocristandade e para favorecer a inserção de representantes do clero na intelectualidade de Natal. Pode-se supor que a imagem construída sobre Monte, em especial a de que ele era um sábio que dominava todos os campos do saber, estivesse relacionada com a ausência de outras pessoas que desenvolvessem pesquisas/experimentos científicos semelhantes. Nesse caso, Monte parece ter sido considerado o principal representante da intelectualidade católica, em razão de suas qualificações de estudioso, santo e erudito.

Quando Monte ingressou no Seminário, em 1919, o Bispo de Natal era Dom Antônio dos Santos Cabral, que como já foi apresentado neste capítulo, se tornou, ao lado de Dom Leme, um dos líderes da Neocristandade no Brasil. A historiografia atribui a Dom Cabral a formulação de uma concepção de catolicismo como força social de renovação da sociedade. (AZZI, 1977, p. 76). De 1919 até 1921 (quando D. Cabral foi transferido para ser arcebispo de Belo Horizonte), Monte conviveu com D. Cabral. Isso significa que certamente D. Cabral influenciou na formação de Monte. Com a transferência de D. Cabral para o Rio de Janeiro, D. José Pereira Alves assumiu a Diocese de Natal.

O novo bispo de Natal era pernambucano. Após sagrar-se sacerdote, permaneceu na Arquidiocese de Recife até assumir a Diocese de Natal, em 1923. Durante a gestão de D. Sebastião Leme, o então Monsenhor José Pereira Alves teve um papel importante na Arquidiocese de Recife, atuando na *Obra das Vocações Sacerdotais* (OVS). Essa obra tinha, entre outros propósitos, o de “estimular as vocações para o sacerdócio e contribuir para a manutenção, no Seminário, [d]os adolescentes e jovens que, desejando seguir o chamado, a vocação presbiteral, não dispunham de recursos necessários” (CAMPOS, 2009, p. 43).

Em Recife, José Pereira Alves havia assumido várias funções eclesiásticas e leigas, tais como a de professor e reitor do Seminário de Olinda, Deão do Cabido Eclesiástico, Vigário Geral Capitular, catedrático de vários estabelecimentos de ensino, diretor do jornal *Tribuna Religiosa*, diretor das revistas *Maria* e *Mês do Clero*, membro do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco e presidente da Academia Pernambucana de Letras.

Essas funções assumidas por Dom José Pereira Alves já demonstram a sua vinculação com os encaminhamentos dados pela Igreja no período da Neocristandade. Já suas ações apontam para a preocupação em vincular as ações sacerdotais a ações socioculturais que permitissem a difusão da fé católica na sociedade. Ao chegar em Natal, impressionou a sociedade pela notável oratória que possuía, sendo que costumava realizar conferências abordando temas científicos aplicáveis à religião. Suas missas, aos domingos, atraíam pela qualidade da sua pregação, chegando ao ponto de ser aplaudido mesmo nos templos (CAMPOS, 2009, p. 181).

No que se refere às atividades que desenvolveu na cidade durante a sua permanência, ele fundou um jornal da Sé, intitulado *Diário de Natal*, estimulou a organização da juventude católica, visitou todas as paróquias e criou novas, foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, fundou a *Congregação Mariana de Moços*, que serviu para formar uma série de intelectuais norte-rio-grandenses, dentre os quais estariam Padre Luiz Monte, Otto Guerra, Ulysses de Góis, Nilo Pereira, Aluizio Alves, Miguel Seabra Fagundes e Afonso Bezerra (NAVARRO, 2004, p. 74).

Uma das características mais marcantes da atuação de Dom José Pereira Alves na cidade do Natal foi desenvolver uma ação apologética¹⁸⁷ da Igreja, travando polêmicas contra a maçonaria e o espiritismo. Além de polemizar pessoalmente contra esses inimigos da Igreja, ele instigava que sua equipe de sacerdotes fizesse o mesmo. Muitas dessas polêmicas aconteciam no jornal *Diário de Natal*, que ele criou com o objetivo de ter um espaço para fortalecer a posição da Igreja e desqualificar os seus adversários (NAVARRO, 2004, p. 74).

Pelo exposto até aqui, pode-se constatar a rede de relações que ligou as diretrizes da Igreja, que levou religiosos brasileiros a estudarem na Itália, os estudos realizados por D. Sebastião Leme, a proximidade dele com D. Antônio dos Santos Cabral, a ligação de D. José Pereira Alves com D. Sebastião Leme com a formação e posterior atuação de Padre Monte. D. Sebastião Leme, D. Antônio dos Santos Cabral, D. José Pereira Alves e Padre Monte desenvolveram ações em diferentes lugares para defender os interesses do catolicismo no Brasil. Esses religiosos estavam imbuídos em cumprir as diretrizes papais de ampliar a fé e combater os inimigos do catolicismo, mas, ao mesmo tempo, tinham objetivos próprios de vida diretamente relacionados ao livre-arbítrio.

No caso específico de Monte, ele realizou todas as suas ações: estudou as ciências e as letras; exerceu o magistério; fundou entidades e jornais; catequizou; participou de polêmicas e escreveu textos – explicitando, por um lado, o seu desejo de defender a fé católica e combater os inimigos dela e, por outro, deixando latente os seus interesses pessoais.

Também no tocante ao desejo de vinculação de Monte ao projeto coletivo da Igreja Católica, posso afirmar que a realização das suas ações foi superdimensionada na medida em que a elas foram atribuídas à genialidade de seu realizador. Entendo que ele silenciava sobre suas decisões individuais para que pudesse atendê-las de forma mais eficiente, sem comprometer o projeto da Neocristandade em Natal.

¹⁸⁷ Apologética é a defesa argumentativa de que a fé pode ser comprovada pela razão.

Partindo dessa lógica, o que defendo nesta tese é, por um lado, que as ações de Monte em defesa do catolicismo não foram obra de sua genialidade, mas, sim, fruto de uma série de procedimentos que ele aprendeu e executou por se inserir numa complexa rede existente na própria Igreja. Isso não significa dizer que Monte não tivesse atributos intelectuais qualificados, mas, sim, que eles podem ter sido lapidados a partir das relações que ele estabeleceu. Em razão disso, defendo que todos os aprendizados que Monte teve ao longo desse processo sempre estiveram articulados com objetivos que satisfizessem seus interesses pessoais.

Ao realizar esse esforço de compreensão das ações de Monte a partir da rede de relações que ele estabeleceu, procura-se, parafraseando Adriana Barreto de Souza, devolver Monte à sua época. Isso significa reconstituir as relações que conferiram sentido à sua atuação como sujeito histórico.¹⁸⁸ Para que se possa devolver Monte à sua época, o primeiro passo é compreender a adesão de Monte à Restauração Católica, a qual almejava inserir intelectuais católicos na sociedade, o que significa atentar para a recepção, tal como proposto por Chartier. Isso significa, concretamente, que precisamos entender como o próprio Monte se apropriou e vivenciou o projeto da Restauração e como outros interpretaram sua atuação voltada para a concretização desse projeto da Igreja.

No que se refere a adesão de Monte à Restauração Católica, eu identifiquei dois elementos que se constituem chaves explicativas para as ações do religioso. O primeiro diz respeito ao fato de que Monte se identificou com os valores da Neocristandade e procurou desenvolver suas habilidades intelectuais em sintonia com esses valores. O segundo aspecto está associado à lógica de que o intelectual só ganharia visibilidade na sociedade se conseguisse expor as suas ideias publicamente. Nessa perspectiva, a adesão de Monte aos projetos da Igreja é uma decisão sua e, através dela, almeja atender ao que considerava ser o seu dever como religioso e como homem.

Para discutir a forma como outras pessoas, sobretudo seus admiradores, enxergam a ação de Monte, torna-se necessário retomar a genialidade que lhe era atribuída. Os admiradores são católicos e, por estarem vinculados aos seus princípios religiosos, buscaram associar-se à necessidade que a Igreja de Natal tinha de apresentar à sociedade um gênio defensor dos princípios da Neocristandade e com a autoridade intelectual para se inserir nos debates ocorridos no espaço público. Como já abordei em outro tópico deste capítulo, Monte foi tido

¹⁸⁸ Trata-se, especificamente, da biografia do Duque de Caxias, escrita por Adriana Barreto de Souza (2009). A referência à reinserção de Duque de Caxias no contexto em que ele viveu está na página 38 da obra de Souza.

como um sábio que colocou sua genialidade a serviço da Igreja.¹⁸⁹ Em entrevista concedida a Paiva em 1945, D. José Pereira Alves,¹⁹⁰ então arcebispo de Niterói, afirmou:

Quando cheguei a Natal, Monte cursava o 2º ano filosófico no então seminário do Tirol (hoje, a sede do Aero Clube de Natal). Todos os professores o elogiaram. Fui seu lente de Direito Canônico. Mas lembro-me dele como um aluno excepcionalmente dotado, em talento e virtude. [...] Mas a maior impressão que conservo dele é a da sua eloquência, no discurso que proferiu ao meu lado no almoço-homenagem realizado no seminário no dia de sua ordenação. Monte surpreendeu-me, desde o primeiro momento em que começou a falar. Era a primeira vez que eu o ouvia. E tais foram os dotes oratórios que revelou que tive funda impressão. O discurso dele improvisado foi admirável, impecável, primoroso, tanto quanto à forma como pelos conceitos. Confesso que tive nesse dia, como em nenhum outro, a revelação da extraordinária capacidade de Monte, de quem previ os maiores triunfos na inteligência e no coração. [...] [As maiores virtudes que vi nele] foram a modéstia, a obediência, a piedade e a pureza. Era realmente digno do nome de Luiz Gonzaga. [...] [Considerando a inteligência dele] dei-lhe permissão para ler tudo na minha biblioteca, inclusive os livros proibidos. A sua formação, o seu espírito, a sua inteligência e a sua fé deixavam-me tranquilo. Data daí o seu contato em cheio com obras científicas e literárias que lhe serviram de ponto de partida para estudos posteriores em que tanto haveria de brilhar (PAIVA, 1948, p. 64-65).

Por esse depoimento, percebe-se que D. José Alves forneceu a Paiva importantes subsídios para a construção da imagem de um Monte gênio. Há indícios de que essa entrevista tenha estimulado Alves a discutir a genialidade e a enquadrar Padre Monte nessa categoria. Segundo Paiva (1948, p. 72),

[...] se desconhecemos as causas que lhe dão origem, são, porém, conhecidos os caracteres da genialidade. [...] Sto. Tomás de Aquino, na sua oração antes do estudo, suplicava a Deus um raio de luz celeste que lhe dissipasse a densa treva do pecado e da ignorância. Pedia agudeza de engenho, capacidade retentiva, modo e meio de aprender, sutileza para interpretar e facilidade de expressão.

A partir de São Tomás de Aquino, Paiva definirá as principais características de um gênio, com destaque para a lucidez (que está associada à intuição que, por sua vez, promove a descoberta das grandes leis), a capacidade de observação (que está associada à interpretação dos fenômenos), a profundidade intelectual, a originalidade e a capacidade retentiva (que está

¹⁸⁹ Esse pensamento que associa o intelectual à genialidade remonta ao século XIX. Por essa linha de pensamento, o intelectual seria um gênio capaz de explicar a realidade a partir do pleno domínio de múltiplos objetos. Sobre o assunto, conferir Gomes (2016).

¹⁹⁰ Foi D. José Pereira Alves quem levou Monte para conhecer Recife. O Arcebispo, na entrevista que concedeu a Paiva, também deixou claro que, pouco antes de Monte falecer, ele havia viajado para o Rio de Janeiro e para São Paulo. Segundo D. José Alves, uma das razões da viagem foi a de visitá-lo (PAIVA, 1948, p. 63-64).

associada a uma memória privilegiada, pois quem tem essa capacidade pode reter os conhecimentos para usá-los em situações concretas) (PAIVA, 1948, p. 71-74). Para o mesmo autor, todas as características de um gênio estão presentes em Monte, tendo em vista que ele

[...] culminou em plenitude de conhecimentos, perlustrando todos os departamentos do saber, chegou a dominar toda a ciência de seu tempo. Não havia fronteiras para a sua inteligência. Nada escapou à sua curiosidade intelectual. Nenhum domínio científico fugiu ao âmbito de sua erudição. [...] Analista profundo, nada via isolado. Ele resumia o espírito de dois séculos: o analítico do século XIX e o de síntese do século XX. Observador nato, nada lhe passava despercebido. A memória era assombrosa. Tudo guardava, nada esquecia. [...] Sua mão não lograva acompanhar, no papel, o curso rápido das ideias. Lendo era admirável. [...] autodidata, adquiriu sozinho um cabedal de conhecimentos que fazia acreditar tivesse cursado academias ou universidades (PAIVA, 1948, p. 75).

A genialidade de Monte, segundo o mesmo autor, foi utilizada conscientemente para servir a Deus de forma eficiente. Nada ele fazia por acaso, suas atividades intelectuais não provocavam vaidade e seus estudos buscavam sempre servir a Deus. O fato de ser autodidata, por estudar muito e além do que os professores lhe ensinavam, não o havia transformado em alguém que desrespeitava o conhecimento alheio. Estudar, para ele, era prestar um serviço ao Senhor, o que evitava a presunção, a vaidade, o egocentrismo e o ciúme de outros. Tudo o que aprendia, dispunha-se a ensinar, sendo que nunca se considerou superior aos seus mestres (cf. PAIVA, 1948, p. 84-86).

A concepção de gênio utilizada por Paiva para adjetivar Monte está diretamente relacionada à ideia do que se entendia como intelectual no tempo em que Monte viveu. Segundo Ângela de Castro Gomes, no século XIX e em boa parte do século XX, intelectuais eram sujeitos que se dedicavam a todas as áreas do conhecimento e aos mais diferentes objetos. Esses homens, na visão de Ângela de Castro Gomes, tinham o poder de explicar tudo o que acontecia ao seu redor. Entretanto, eles próprios não eram objeto de questionamento, uma vez que tudo o que diziam era considerado verdade (GOMES, 2016, p. 11). Sob essa perspectiva, o intelectual era considerado um “professor da humanidade, um sacerdote da verdade, guia do povo e razão do estado. Para ele, o homem culto tem o olhar voltado para o futuro, a mentalidade aberta, o interesse pelo mundo e, sobretudo, a capacidade de exposição e de persuasão” (VIEIRA, 2015, p. 10-11).

Essas reflexões são importantes para compreender por que Paiva apresenta Monte como um gênio. A ideia de que “Monte seguia, à risca, o conselho do Eclesiástico, que diz: ‘se aplicares o teu espírito, serás sábio’” (PAIVA, 1948, p. 88) e dedicava-se a diferentes áreas

(matemática, física, poesia, lógica, química, mineralogia, biologia, geologia, geografia, antropologia, medicina, biopsicologia, psicanálise, sociologia, economia política)¹⁹¹ é própria de um pensamento que emergiu no século XIX e que não tem mais sentido na contemporaneidade. Como ressaltado por Paiva, a relação que o religioso mantinha com esses campos do conhecimento possibilitaria o fortalecimento da fé dos homens. Entretanto, essa lógica não pode ser compreendida fora do seu tempo. Monte era tido como gênio em um período em que predominava o ecletismo e inexistia uma maior especialização e profissionalização. Essa imagem de gênio, criada por Paiva e apropriada por outros admiradores de Monte, apresenta fragilidades à luz das discussões sobre o que se entende como intelectual nos dias de hoje. Em razão disso, entendo que Monte não foi um gênio, mas um estudioso dedicado e interessado em várias áreas do conhecimento, que, por sua vinculação ao projeto da Neocristandade e estratégias pessoais bem sucedidas, se viu alçado à condição de homem sábio e representante da intelectualidade potiguar.

Ao longo deste tópico, procurei deixar evidente que, para os biógrafos e admiradores de Monte, sua identificação com o projeto da Igreja não impediu seus estudos de natureza eclética, suas descobertas científicas, reforçando a importância de sua atuação no magistério e sua prática pregadora e apologética. Mas, se, por um lado, as ações de Padre Monte estiveram articuladas com as normativas e projetos da Igreja no período em que ele viveu, por outro, não se pode desconsiderar que suas práticas também decorreram de projetos e iniciativas pessoais. Nesse sentido, a trajetória de Padre Monte se confunde, inegavelmente, com a da própria Igreja Católica em Natal e com sua atuação ministerial, mas isto não elimina dela o livre arbítrio presente nas suas ações.

2.4 Cruzada interrompida: a tuberculose

Os admiradores de Monte são unânimes em ressaltar que a morte dele aos trinta e nove anos de idade interrompeu precocemente¹⁹² sua brilhante carreira intelectual. A descoberta da doença por Monte é, geralmente, narrada como algo que foi pressentido pelo religioso. Um de seus biógrafos, O'Grady Paiva, descreveu o aparecimento da enfermidade nos seguintes termos:

¹⁹¹ Maiores detalhes sobre a atuação de Monte em cada um dos campos científicos, especificamente, bem como seus estudos, descobertas, os autores que leu e as críticas a esses autores podem ser encontrados em Paiva (1948, p. 94-164).

¹⁹² Dentre eles, José Melquíades é o único que oferece uma diferente versão, ao afirmar que Monte “não morreu tão precocemente quanto a lenda emocional o consagrou dentro do respeito hagiológico. Trinta e nove anos são bastantes para definir o homem de meia idade, sem levar em conta a média de vida brasileira que atinge os cinquenta e quatro” (MELQUÍADES, 1979, p. 301.).

No último ano de sua vida mostrava-se Monte cada vez mais afastado do mundo, mais alheio às contingências terrenas. A própria assistência à [Juventude Feminina Católica] J.F.C., pela qual tanto fizera, passou-a ao irmão, Pe. Nivaldo. Seria a previsão da morte? Era. [...]

Vigiar é, pois, pressentir, ter como que o dom da profecia. Monte vigiava. A morte não poderia surpreendê-lo. [...]

A proporção que se escoavam os meses os meses aumentava o seus isolamento, que era recolhimento interior. E não comia quase nada. Nunca foi tão abstinente em toda a sua vida. Por isso tomava quase só café. [...] A luz em seu quarto de dormir era vista até às 3 e 4 horas da manhã (PAIVA, 1948, p. 307).

Essa narrativa aborda dois aspectos da doença que Monte enfrentou: as consequências dela para sua ação sacerdotal e como ela se manifestou. No que se refere às consequências, o que se argumenta é que Monte, ao se sentir doente e pressentir a própria morte, preocupou-se, desde o início, em não comprometer as atividades sacerdotais e a continuidade dos trabalhos da Igreja junto aos fiéis. A ideia que fica é que, apesar da doença e, prevendo a morte iminente, Monte não abandonou suas responsabilidades como sacerdote. Nesse sentido, considerou que Nivaldo, seu irmão, era a pessoa ideal para dar continuidade ao projeto com o qual se identificava e para que a luta do catolicismo não fosse interrompida com a sua morte. Essa narrativa ajuda a fortalecer a imagem de homem que priorizava a Igreja, mesmo diante de situações pessoais que o afetavam.

No tocante aos sintomas da doença, seus biógrafos e admiradores afirmam que Monte não os dividiu com ninguém, aceitando-os estoicamente e mantendo-se em sintonia com Deus por meio de orações. Conviveu com a falta de apetite e com a falta de sono,¹⁹³ optando por não perturbar ninguém. Essa imagem de Monte como um homem que lutou sozinho contra a doença que o acometeu reforça uma conduta exemplar que somente os cristãos eram capazes de ter. A resignação de Monte e seu apego à fé estão sintonizados com as necessidades do catolicismo na época, na medida em que mostravam como um homem, tido como sábio e com fortes vínculos com Deus, mesmo diante de uma enfermidade que poderia tirar-lhe a vida, mantinha sua fé inabalada.¹⁹⁴ Sob essa perspectiva, Monte, que era percebido como um exemplo de cristão em vida, se apresentava como exemplo maior ainda diante da doença e da iminência da morte.

¹⁹³ É interessante observar que os sintomas da tuberculose não são apresentados em detalhes na narrativa. Ninguém se refere à tosse, à febre alta ou às secreções expelidas. Cabem, portanto, as perguntas: Por que o silenciamento com o sofrimento do paciente? Como Monte foi diagnosticado? A ideia seria a de valorizar sua resignação diante dessas manifestações da doença? Como fazia para evitar a contaminação de outras pessoas com as quais convivia diariamente? Nada disso foi encontrado nas fontes.

¹⁹⁴ Essa interpretação é construída após a morte de Monte, uma vez que ninguém, quer fosse religioso ou leigo, tinha certeza de que ele iria morrer naquele momento. Trata-se de uma construção que discute um passado consolidado, a partir de um futuro que já havia ocorrido.

A tuberculose, doença que atingiu Monte, tem, desde a Antiguidade, em diferentes tempos e espaços, afetado a Humanidade. Entretanto, apenas no século XX foram feitas as duas descobertas mais consistentes sobre a doença. A primeira delas ocorreu por intermédio do prussiano Robert Koch, que, em 1882, descobriu o seu agente causador, o bacilo da tuberculose, o qual, posteriormente, foi denominado de bacilo de Koch. A segunda descoberta, ocorrida em 1885, foi a radiografia, fruto do trabalho do austríaco Wilhelm Conrad (REDE BRASILEIRA DE PESQUISAS EM TUBERCULOSE (REDE-TB), 2019). Essas descobertas foram importantes para que fosse possível diagnosticar a tuberculose, mas os avanços sobre os tratamentos ainda demoraram muito tempo para acontecer.

Depois dessas duas descobertas, os médicos passaram a defender a necessidade de isolar os enfermos em sanatórios, que deveriam garantir aos pacientes repouso total, um clima agradável (das montanhas ou do mar), a exposição ao sol e uma boa alimentação. Assim, até os anos 1940, a tuberculose era tratada nos sanatórios, que adotavam o repouso e alimentação para tratamento dos doentes.

Foi na década de 1940 que se ampliaram os tratamentos cirúrgicos, como por exemplo, a ressecção (retirada) de pedaços de pulmão e a injeção de ar no espaço pleural (espaço entre o pulmão e a parede do tórax) promovendo o pneumotórax. Sendo assim, quando Monte adoeceu, o que havia de mais avançado para o controle da tuberculose eram as intervenções cirúrgicas. Os tratamentos com antibióticos, como a *estreptomicina* e a *isoniazid*, só passaram a ser usados em pacientes depois da morte de Padre Monte (REDE BRASILEIRA DE PESQUISAS EM TUBERCULOSE (REDE-TB), 2019).

Quando Monte se internou no *Sanatório Getúlio Vargas*¹⁹⁵ haviam sido implantadas as primeiras medidas do Governo Federal para um combate sistemático da doença. Nesse sentido, em 1941, havia sido criado o *Serviço Nacional de Tuberculose* (SNT), que tinha a meta de coordenar os estudos sobre a doença e desenvolver métodos preventivos e assistenciais. A partir desse órgão foi criada, em 1946, a Campanha Nacional Contra a Tuberculose, mas Monte

¹⁹⁵ Em 01 de agosto de 1912, Alberto Maranhão, então Governador do Rio Grande do Norte, construiu o *Isolamento de Tuberculosos São João de Deus*, situado no bairro das Quintas, na capital do estado. Em 14 de maio de 1943, por intermédio do Decreto Federal nº.1.196, ao lado desse *Isolamento* foi construído um novo hospital: o *Sanatório Getúlio Vargas*, exclusivamente dedicado a cuidar de pacientes tuberculosos. (CASCUDO, 1999, p. 381). Um Decreto estadual de 1943 transformou o Isolamento João de Deus em *Hospital Evandro Chagas*, especializado em doenças infectocontagiosas, localizado ao lado prédio do *Sanatório Getúlio Vargas*. (MIRANDA; LEITE, 2014, p. 5). Posteriormente, em 1982, ocorreu a fusão entre o *Sanatório* e o *Hospital Evandro Chagas*. Em 1987, o hospital passou a ser chamado de *Hospital Giselda Trigueiro* (SALES, 2017, p. 50-51). Atualmente, essa instituição ainda existe e é especializada em doenças infectocontagiosas. Na época da morte de Monte, o bairro das Quintas, que abrigava o *Sanatório Getúlio Vargas*, estava localizado nos últimos limites da cidade.

já não estava vivo para ser atendido pela campanha (MACIEL; MENDES; GOMES; SIQUEIRA-BATISTA, 2012, p. 226-30).

O Jornal *A República*, em sua edição de 7 de março de 1943, se referiu à tuberculose em Natal da seguinte forma:

O problema da tuberculose em Natal tem atraído para si as atenções não somente dos estudiosos do assunto como do Governo Federal, que o tem tomado a sério em todo o país. Entre os problemas sanitários, o da tuberculose é tido pelo Dr. Barros Barreto como sendo o número um do Brasil. No Rio Grande do Norte ele vem encontrado grande interesse de parte do Governo Federal, o que pode ser comprovado, entre outros exemplos, pela construção do Sanatório ‘Getúlio Vargas’, recentemente concluída num prédio dotado de todos os requisitos necessários para o combate a peste branca,¹⁹⁶ a exemplo dos que estão sendo instalados em outros Estados da Federação. Esses prédios são construídos e instalados pelo Governo Federal, cabendo aos estados apenas a manutenção dos mesmos. [...]

Para que pudéssemos levar aos nossos leitores alguns conhecimentos sobre o Sanatório Getúlio Vargas, procuramos o Dr. Milton Ribeiro Dantas, conhecido e competente tisiatra conterrâneo e operoso diretor do ‘Hospital São João de Deus’, anexo ao mesmo [sanatório Getúlio Vargas], que gentilmente conduziu nosso repórter até o local onde se acha situado o Sanatório.¹⁹⁷ [...]

Com inauguração do Sanatório Getúlio Vargas, [o hospital São João de Deus] será transformado em pavilhão abrigo para o internamento dos casos graves de tuberculose. [...]

Inicialmente o Sanatório Getúlio Vargas teve uma verba para apenas 50 leitos. Entretanto, logo que foi iniciada a sua construção, o Governo do Estado pleiteou o aumento desses leitos para 100¹⁹⁸ o que representa as necessidades mínimas da nossa Capital em relação a leitos para tuberculosos. [...]

Em virtude, porém, do número reduzidíssimo de leitos existentes no ‘Hospital São João de Deus’, o ‘Sanatório Getúlio Vargas’ já se acha funcionando em parte, há três meses, com 1º doentes internados que estão em tratamento colapsoterápico. A Delegacia Federal de Saúde, atendendo às necessidades cada dia maiores de internamento de tuberculosos em Natal, concedeu autorização para o seu funcionamento parcial antes da inauguração definitiva (REPORTAGEM..., 1943, p. 10).

Nos trechos transcritos fica evidente que, na década de 1940, de forma semelhante ao que acontecia no restante do Brasil, a tuberculose, enfermidade que acometeu o Padre Monte, atingia parcela significativa da população natalense. E, quando Monte ficou doente, ainda não havia medicação capaz de levar à cura. Segundo Dom Heitor Sales, o desconhecimento e o

¹⁹⁶ Peste branca é o nome popular dado à tuberculose.

¹⁹⁷ Há na reportagem um detalhamento sobre toda a estrutura do hospital.

¹⁹⁸ Segundo dados do IBGE, a população de Natal em 1940 era de 54.836 (cinquenta e quatro mil, oitocentos e trinta e seis) habitantes (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE), 2010).

preconceito¹⁹⁹ faziam com que as vítimas dessa doença passassem a viver isoladas e, com Padre Monte, não foi diferente.

Em 1944, quando Padre Monte soube que estava tuberculoso, foi obrigado a se internar no Sanatório. [...] A tuberculose naquela época era uma doença mortal, como era o câncer há dez anos. Quem estava com tuberculose, tinha que ser internado no Sanatório para ser tratado e para não contaminar outras pessoas.²⁰⁰

Segundo as fontes, entre a confirmação da doença e a internação no Sanatório Getúlio Vargas, Monte realizou três ações: destruiu parte de seus escritos que estava na sua biblioteca;²⁰¹ mandou que um fotógrafo profissional, o melhor da cidade, o fotografasse e fez um passeio de bonde como se estivesse se despedindo da cidade. Dom Heitor Sales assim se refere à esta última fotografia:

Quando terminou a viagem de despedida ele tirou essa fotografia.²⁰² Padre Monte, até então, não tinha fotografia sozinho e, por isso, ao ter certeza de que iria morrer, decidiu ser fotografado. Era como se ele desejasse registrar sua imagem para a sua família e para os seus amigos. Dessa forma, em todos os lugares que se encontrar uma foto de Padre Monte, a imagem será sempre a mesma. Padre Monte só foi fotografado uma vez na vida. Existem fotografias dele com outras pessoas, mas sozinho, essa é a única fotografia dele que existe.²⁰³

Também Paiva menciona a última fotografia de Padre Monte, e o faz nos seguintes termos:

Certo de que iria partir muito breve, quiz (sic) deixar uma lembrança, digna de si e dos seus. Êle, tão avesso às vaidades, saiu, um dia, à procura do melhor fotógrafo para tirar o melhor retrato. Deixou-se fotografar com a maior naturalidade. De todos os seus retratos é êste o mais fiel e expressivo. Uma particularidade: fita-nos de qualquer posição em que estejamos (PAIVA, 1948, p. 308).

¹⁹⁹ “O horror diante da tuberculose acaba por fazer dela um tabu, um objeto de interdição e seu sintoma extremo é a estigmatização do doente e seu conseqüente isolamento. [...] No final do século XIX, a morte por tuberculose numa família era estigmatizante, pois a moléstia estava associada a algum obscuro defeito hereditário, ou mesmo à pobreza. O doente via-se desqualificado para o casamento, para o exercício de certas atividades e até para o seguro de vida de outros membros da família” (PÔRTO, 2007, p. 46).

²⁰⁰ Heitor de Araújo Sales, Arcebispo Emérito da Arquidiocese de Natal, em entrevista a mim concedida em seu gabinete, na cripta da Catedral. Em Natal, 06 de outubro de 2015. p. 11.

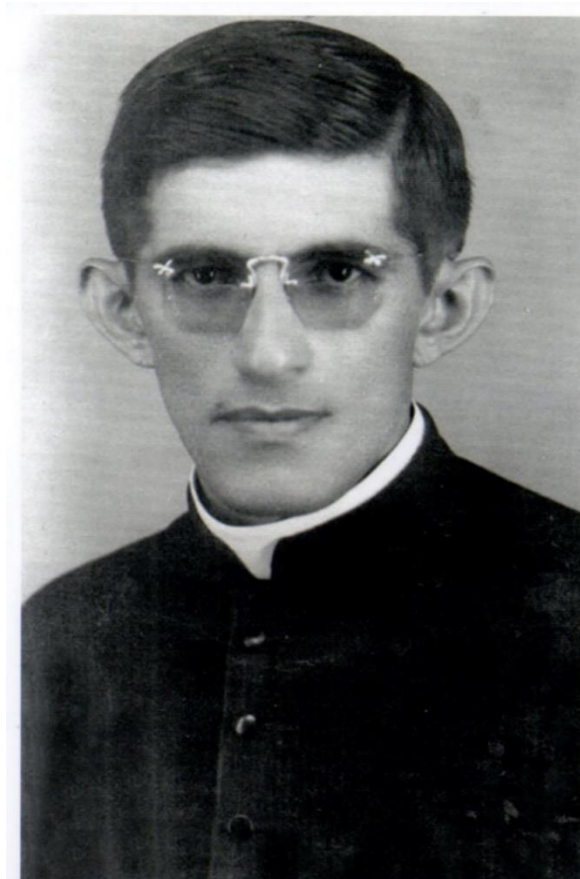
²⁰¹ Como a destruição de parte da sua biblioteca já foi alvo de discussão neste capítulo, não voltarei ao tema neste momento.

²⁰² Sales se refere à Fotografia 3, que será apresenta a seguir.

²⁰³ Heitor de Araújo Sales, Arcebispo Emérito da Arquidiocese de Natal, em entrevista a mim concedida em seu gabinete, na cripta da Catedral. Em Natal, 06 de outubro de 2015. p. 1.

A fotografia 3 é a mesma referida por Sales e Paiva em suas citações. Considero importante discutir tanto a imagem quanto o conteúdo dos comentários que seu admirador e seu biógrafo fizeram sobre ela.

Fotografia 2 - Última fotografia



Fonte: Norte (1944, p. 6).

Sobre a fotografia, pode-se, inicialmente, afirmar que é a única em que Monte aparece sozinho.²⁰⁴ A essa primeira observação, pode-se acrescentar que foi o próprio Monte quem decidiu fotografar-se, ao perceber a gravidade de sua condição, procurando, desta forma, legar uma lembrança digna de si e dos seus e para que pudesse permanecer vivo entre a sua família e os seus amigos. Essa parece ter sido a razão para que, apesar de avesso às vaidades, tivesse procurado o melhor fotógrafo da cidade. Nela, Monte é retratado com um olhar confiante e expressivo, fitando diretamente o observador, independentemente da posição em que ele esteja.

Monte esteve sempre sintonizado com a defesa dos princípios da Igreja, mas quando se percebeu diante da morte que se aproximava, não hesitou em preservar a sua própria imagem,

²⁰⁴ As fotos de Monte são fotografias montadas em que ele aparece só ou fotografias com outras pessoas. Essa Fotografia é única fotografia com Monte sozinho.

separada da de outros membros da instituição. Isto me leva a propor que ele próprio pretendeu ser percebido como exemplo a ser seguido e deu início ao processo de sua monumentalização.

No que se refere ao passeio de despedida que Monte fez pela cidade, Sales informa que ele andou de bonde pelas ruas de Natal (SALES, 2015, p. 1). Também Paiva se refere a este passeio:

Numa tarde de janeiro de [19]44, sem que alguém pudesse suspeitar de suas intenções, Monte, que, ordinariamente, andava a pé, percorreu, de bonde, todos os bairros de Natal. [...] Não ia distrair o espírito nem a divagar, enchendo o tempo ou fazendo hora. Ele amava a cidade [e dela precisava de despedir] (PAIVA, 1948, p. 310).

As narrativas que ambos fazem sobre o último passeio criaram uma relação de identidade de Monte com a cidade, favorecendo o estabelecimento de vínculos dos cristãos da cidade com o religioso. Nelas, está implícita a mensagem de que Monte amou a cidade e que, em retribuição, os moradores de Natal deveriam identificar-se com ele e reverenciá-lo.

O agravamento de sua condição obrigou-o a internar-se no Sanatório Getúlio Vargas e a submeter-se a um tratamento que, à época, era considerado inovador para a cura da tuberculose: o pneumotórax. Entretanto, no Brasil e, em Natal especialmente, poucos pacientes já haviam se submetido a ele. Tratava-se de um procedimento avançado, mas que era cruel para o paciente, que tomava uma injeção para que um dos pulmões se fechasse e entrasse em repouso. Na continuidade, o ar do pulmão era expulso, com o intuito de retirar todo o oxigênio, unindo as duas paredes do pulmão. A técnica usada pelos médicos era baseada na ideia de que, sem a respiração, os bacilos da tuberculose morreriam sufocados. Durante a utilização dessa técnica, muitas vezes, partes inteiras dos pulmões eram ressecados ou cirurgiados, trazendo dores imensas para o paciente (LOPES, 2018, p. 84-85).

Segundo Rosenberg (1999), o pneumotórax artificial foi uma prática que se espalhou por diversos países, tendo sido considerado um *tratamento heroico* até a descoberta das drogas antituberculosas, no início dos anos 1950. Em países desenvolvidos, que apresentavam menos casos de tuberculose, o pneumotórax era usado de forma diferente daquela que seria adotada no Brasil. Nos Estados Unidos, por exemplo, para uma insuflação existiam uma série de cuidados com os pacientes.

No Brasil, a prática do pneumotórax simplificou-se. Nos dispensários, os pacientes faziam longas filas. À medida que chegavam, iam tirando a camisa, deitando-se com o braço sobre a cabeça. Rápida passada de algodão embebido em álcool e a agulha era espetada; mal o paciente se erguia, e já outro se deitava. Havia dispensários, como por exemplo o do Instituto Clemente

Ferreira, de São Paulo, e o Dispensário Escola da Rua do Rezende, no Rio de Janeiro, entre outros, com filas de 100 a 150 doentes, diariamente, atendidos por vários médicos (ROSEMBERG, 1999, p. 16-17).

Apesar de ter conhecimento dos riscos envolvidos no procedimento, Monte optou por submeter-se a ele, levando em consideração os casos em que sua utilização havia obtido êxito:

A utilização desse procedimento foi uma ideia do próprio Monte para os médicos de Natal. Monte havia estudado casos exitosos do uso do pneumotórax como método curativo em vários lugares do mundo e, apesar de saber que se tratava de uma intervenção arriscada e dolorosa, acreditava que os médicos natalenses poderiam não só curá-lo, mas inaugurar a adoção do procedimento em Natal, o que abriria possibilidade para salvar outros enfermos. Vários religiosos – sobretudo ex-alunos de Monte, como o padre Joao Penha Filho e o ex-arcebispo de Natal Dom Heitor Sales –, em depoimentos a mim prestados, deixaram evidente que a decisão de Monte deixou todo mundo assustado. Segundo Sales, ninguém queria que realizasse o procedimento, mas Monte era implacável na sua resposta: ‘Deus deu aos homens a inteligência para usar a ciência em benefício da humanidade’. Nesses termos, Monte sentenciava: ‘a ciência é muito importante e ela é um dom de Deus’ (LOPES, 2018, p. 85).

A decisão tomada por Padre Monte parece demonstrar que ele confiava nos avanços da medicina, apesar dos riscos envolvidos, e muito especialmente, em seu médico, Dr. Milton Ribeiro Dantas, que possuía larga experiência em doenças tropicais e infecciosas, e havia atuado no Hospital Oswaldo Cruz e na Faculdade de Medicina na cidade do Recife. Por sua larga experiência, Dr. Milton Ribeiro Dantas foi nomeado, em 1938, médico do Serviço de Tuberculose do Centro de Saúde e, em 1944, assumiu o cargo de diretor do *Sanatório Getúlio Vargas*, unidade especializada no tratamento de tuberculosos, em Natal (CARDOSO, 2000, p. 553).

Vários religiosos, sobretudo os ex-alunos de Monte, como o Monsenhor João Penha Filho e o ex-Arcebispo de Natal, Dom Heitor Sales, em depoimentos concedidos, afirmaram que a decisão de Monte deixou a todos perplexos. De acordo com Dom Heitor Sales, apesar das insistentes recomendações para que ele não se submetesse ao procedimento, Monte teria afirmado que

Deus deu aos homens a inteligência para usar a ciência em benefício da humanidade’. Padre Monte sabia que a ciência era muito importante e ela era um dom de Deus. Havia risco de o paciente morrer durante o procedimento. Infelizmente, foi isso o que aconteceu: Padre Monte morreu durante o procedimento médico que tentava salvar a sua vida. Antes do procedimento, eu

*fiquei pensando: será que Padre Monte deveria mesmo fazer esse tratamento? Bom, ele fez e, lamentavelmente, não obteve sucesso.*²⁰⁵

De acordo com Monsenhor João Penha Filho,

*Padre Monte não ficou muito tempo doente. Ele adoeceu e foi logo se internar no Sanatório Getúlio Vargas. Ele saiu caladinho e foi se internar. Ele nunca divulgou no Seminário que estava com tuberculose. No Sanatório começaram aquele tratamento, o pneumotórax, que era a única maneira da época de cuidar dos casos graves da tuberculose. Eu achava que Padre Monte deveria ter esperado um pouco antes de decidir realizar aquele procedimento, mas ele tinha fé e acreditava na ciência.*²⁰⁶

A determinação do Padre Monte em se submeter a um tratamento tão arriscado quanto inovador encontrava justificativa, sem dúvida, em seu apreço pelas ciências, mas também pode ser justificada pela necessidade que Monte tinha de curar-se para poder seguir desempenhando a função de provedor da família, o *imão* exemplo, conforme apontado por Dom Heitor Sales:

*[Monte] era um homem com a saúde frágil e precisava trabalhar muito para manter a sua família. Ele estava doente, mas não podia descansar. Recordo uma vez depois do almoço que ele disse que gostaria de arranjar um jeito de poder andar sem se cansar. Ele disse: eu preciso andar, mas estou muito cansado. Então, eu acho que ele tentou se cuidar, mas não teve as condições concretas para se cuidar. Ele não podia deixar de trabalhar de forma alguma.*²⁰⁷

A manutenção financeira da família parece ter sido uma preocupação de Monte. Nesse sentido, ele fez um seguro de vida que, após a sua morte, foi recebido pelos seus familiares. No jornal *A Ordem*, de 29 de maio de 1944, há uma nota de agradecimento da família Monte à *Sul América Companhia Nacional de Seguros*, que pagou dois seguros deixado pelo Cônego Monte:²⁰⁸ um para Pedro Monte (seu pai) e outro para Belarmina Monte (sua mãe). Os dois

²⁰⁵ Heitor de Araújo Sales, Arcebispo Emérito da Arquidiocese de Natal, em entrevista a mim concedida em seu gabinete, na cripta da Catedral, em Natal, 06 de outubro de 2015. p. 11.

²⁰⁶ João Penha Filho em entrevista a mim concedida, dia 19 de junho de 2009. Na residência do entrevistado em Natal. p. 4.

²⁰⁷ Heitor de Araújo Sales, Arcebispo Emérito da Arquidiocese de Natal, em entrevista a mim concedida em seu gabinete, na cripta da Catedral. Em Natal, 06 de outubro de 2015, p. 11.

²⁰⁸ Uma das apólices de seguro deixadas por Monte não foi encontrada pela família, mesmo assim a seguradora pagou o valor integralmente, informação a que tive acesso através da nota de agradecimento à seguradora que foi publicada no jornal *A Ordem*. Não encontrei nas fontes o que levou a seguradora a tomar essa atitude. É plausível supor que a seguradora pudesse ter alguma anotação que permitiu a liberação do valor, ou, então, que a rede de relações de Monte tenha sido acionada para que o valor fosse liberado à família (SUL..., 1944, p. 2).

seguros totalizaram Cr\$ 20.702.30 (vinte mil, setecentos e dois cruzeiros e trinta centavos).²⁰⁹ Como se pode constatar, Monte havia encontrado uma forma de assegurar a saúde financeira de sua família após sua morte.

Uma vida sem preocupações com recompensas financeiras, como seria de esperar de um sacerdote, não parece ter sido a que Monte viveu. Em vários depoimentos, há a menção explícita à preocupação de Monte em sustentar seus familiares. Vale lembrar que, concomitantemente às atividades realizadas no âmbito da Igreja, Monte também exercia o magistério como atividade remunerada. Isso significa que, para além do sacerdócio, Monte dedicou-se a outras atividades com o propósito de manter uma de suas principais funções desde que ingressou no Seminário: a de *imão* provedor.

É preciso considerar, ainda, uma outra interpretação sobre a enfermidade que acometeu Monte: a de que sua morte não foi natural. Nas narrativas que a reforçam, Monte é descrito como um jovem religioso, com potencialidades intelectuais superiores, que é acometido por uma doença que ainda não tinha cura. De acordo com essa interpretação, diante da gravidade da enfermidade, e por confiar em Deus e na ciência, o jovem religioso optou por internar-se para que pudesse se curar. Antes de sua internação no Sanatório e, prevendo a possibilidade de ser chamado pelo Senhor, decidiu resolver todas as pendências terrenas, razão pela qual, ao chegar ao hospital, o jovem mostrou-se tranquilo e resignado diante dos desígnios de Deus. Nela, como se pode perceber, são silenciados o empenho e a preocupação em assegurar o sustento da família, sendo valorizadas a resignação e a excepcionalidade de seus atos face à iminência da morte. Essa excepcionalidade está diretamente associada à sua condição de intelectual, uma vez que essa condição foi a que se viu interrompida com o seu falecimento.

²⁰⁹ Para termos uma noção do valor desse seguro, recorro ao Decreto-Lei 5977, de 1943, que estabeleceu o valor de Cr\$ 380,00 (trezentos e oitentas cruzeiros) como salário-mínimo vigente no Brasil. Esse valor vigorou até 1952. Portanto, quando a família Monte recebeu o seguro, esse era o valor do salário-mínimo. Isso equivale dizer que a família recebeu um total aproximado de 55 (cinquenta e cinco) salários-mínimos.

O período de enfermidade de Monte foi descrito pelo Cônego Luiz Wanderley,²¹⁰ na *Oração fúnebre*,²¹¹ pronunciada em homenagem a Monte na Catedral de Natal, no encerramento da missa de trigésimo dia do falecimento dele. Nesta oração, Wanderley (1944, p. 1, grifos nossos) afirmou:

Os amigos que, **naqueles trinta e dois dias, que foram os dias de enfermo do Padre Luiz Gonzaga do Monte**, dias de sobressaltos e dias de esperanças, tiveram a ventura de visitá-lo, nas manhãs banhadas de sol, ou em tardes queimadas em ardores caniculares, **não foram consolar um homem sentenciado à morte**. Foram antes, ver, ouvir, e admirar **um homem que viveu a sua fé, ‘fé que no seu cérebro se chamava ciência, e no seu coração se nomeava virtude’**. E nessas visitas, cotidianas ou espaçadas, ninguém, nenhum de nós, amigos de todas as horas, **jamais lhe podemos ouvir uma palavra de queixa, sentir um gesto de impaciência, ou vislumbrar um assomo de revolta**. Tudo, meus senhores, ele aceitou!

A oração proferida por Cônego Wanderley aponta para uma narrativa sobre a doença de Monte que será assimilada e apropriada por seus admiradores, desencadeando mais uma etapa no processo de construção da imagem de Monte. Dela, resultou a visão de que Monte lutou durante 32 dias, e, mesmo consciente da possibilidade de morrer, jamais imaginou que algo ruim pudesse lhe acontecer, que ele depositou esperanças em sua fé e confiou na ciência e aceitou a morte, por acreditar na continuidade da vida espiritual e no seu encontro com Deus.

A partir das palavras do Cônego Wanderley, pode-se inferir que a reação de Monte à doença foi utilizada pela Igreja de Natal, uma vez que possibilitou a construção de uma imagem que serviu de exemplo aos fiéis católicos que permaneciam vivos. Através de suas ações em vida e das qualidades que demonstrou na iminência da morte, Monte contribuiu para a consagração de um modelo virtuoso de católico e para o projeto da Igreja, em Natal.

²¹⁰ Cônego Luiz Carlos Guimarães Wanderley nasceu em Natal no ano de 1903 e faleceu na mesma cidade em 1978. Filho do Desembargador Celestino Carlos Wanderley e Ana de Freitas Wanderley. O casal teve nove filhos: Francisca Carolina Guimarães Wanderley (irmã Marta - freira), Maria Carmen Guimarães Wanderley, Palmira Guimarães Wanderley, Olavo Guimarães Wanderley, Lauro Guimarães Wanderley, Rosilda Guimarães Wanderley (irmão Rosali – freira), Renato Guimarães Wanderley e Cônego Luiz Carlos Guimarães Wanderley. Os avós paternos do Cônego eram: Luís Carlos Lins Wanderley (primeiro médico do Rio Grande do Norte, formado pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1857) e Francisca Carolina Lins Wanderley. Tios paternos de Palmira: Manoel Segundo Wanderley (1860-1909 - médico). Os avós maternos do Cônego era: João José de Freitas Guimarães e Adelaide Miranda de Freitas Guimarães. e ele foi o único da família a se tornar padre. A família Wanderley era uma família de poetas. Estudou em 1911 no Seminário de São Pedro e, com o fechamento do Seminário, estudou na Paraíba e em Fortaleza. Tornou-se padre em 1925. Foi Vigário de Acari, Jardim do Seridó, Angicos e Natal. Na capital, foi capelão do Colégio Marista, da Igreja Santa Teresinha e da Escola Doméstica. Foi professor do Ateneu Norte-rio-grandense e do Seminário de São Pedro. Conviveu com Monte no Seminário de São Pedro e eram amigos (REVISTA de 80 anos do Seminário). Sua irmã, Palmira Wanderley, foi um dos membros fundadores da Academia de Letras, ocupando a cadeira de número 20.

²¹¹ O texto foi lido por Wanderley na missa de 30º dia da morte de Monte, mas só foi publicado no jornal A República em 1º de julho de 1944.

Feitas essas considerações sobre como Monte encarou a enfermidade, me deterei, nos próximos tópicos, especificamente as narrativas produzidas sobre a morte do religioso, que foi vítima de tuberculose, ocorrida no dia 28 de fevereiro de 1944, no *Sanatório Getúlio Vargas*, em Natal, às 10 horas e 45 minutos.

2.5 A morte de Monte: março de 1944

Tudo ocorreu no mesmo dia: a morte, o sepultamento e a divulgação das primeiras notícias sobre esses acontecimentos no jornal *A Ordem* e na *Rádio Educadora de Natal*.²¹² Monte faleceu às 10 horas e 45 minutos do dia 28 de fevereiro de 1944; às 14 horas e 30 minutos, o corpo chegou à casa dos pais do falecido, acompanhado de sacerdotes, do Padre Nivaldo Monte, do Cônego Luís Wanderley e do senhor Theodorico Guilherme Caldas;²¹³ às 16 horas iniciou-se o cortejo e às 17 horas ocorreu o sepultamento (PAIVA, 1948, p. 327).

O cronista responsável pelo *Livro de Crônicas do Seminário de São Pedro*, no dia da morte de Monte, produziu um registro especial em homenagem ao cônego falecido naquela data:

Que dia trágico para todos nós! Quando os estudos eram a nossa preocupação, vem soar aos nossos ouvidos esta trágica notícia: Cônego Monte morreu! Ah, que verdade trágica e inesperada. E ainda que o nosso espírito relutasse em crer, esta era a verdade. **Aproximadamente às 10:45 do dia 28 de fevereiro voava para a beatífica visão de Deus a alma simples e pura do Cônego Luiz Gonzaga do Monte**, justamente quando o Seminário se prepara para solenemente comemorar as suas bodas de prata. 25 anos que o Seminário de São Pedro assinala de existência, vinte e cinco anos que o Cônego Monte nele ingressara. E durante tão longos anos nunca daqui se afastou, a todos impressionando pelo exemplo tanto nas ciências como na virtude. Realmente, porém, para nossa consolação, **esta [a morte do Cônego Monte] foi a maior, a mais pura dádiva que poderia o Seminário ofertar ao Altíssimo como fruto de vinte e cinco anos de existência**. Não só o Seminário pranteou o grande morto, mas toda a cidade aflita vem num preito de homenagem e reverência prostrar-se diante de sua tumba silenciosa. **Afastado do nosso convívio, internara-se há pouco mais de um mês no Sanatório Getúlio Vargas, onde afinal veio a falecer, vítima de uma**

²¹² A *Rádio Educadora de Natal* (REN) foi a primeira emissora do estado e fez a sua primeira transmissão em 29 de novembro de 1941. Em 15 de fevereiro de 1944, a emissora foi comprada por Assis Chateaubriand, incorporando-se aos Rádios Associados e passando a ser chamada de *Rádio Poti*. Na conjuntura da morte de Monte, a *Rádio Educadora* era a única emissora da cidade.

²¹³ Theodorico Guilherme Caldas era muito ligado ao então bispo de Natal, Dom Marcolino Dantas. Segundo Navarro, em entrevista a mim concedida, Caldas frequentava a casa do bispo nas noites em que Dom Marcolino recebia intelectuais para conversar sobre temas dos mais diversos. Caldas também era provedor da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos. No acervo da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos é possível encontrar relatórios escritos por Caldas na condição de provedor.

tuberculose galopante que foi o preço do cumprimento do seu dever, da dedicação no serviço da Santa Causa que abraçara.

Ah! Perdemos aquele que era não só um Pai e desvelado amigo, mas também um exemplo vivo de santidade e apostolado para nós Seminaristas que seremos os prosseguidores da missão Divina e pregadores da Palavra de Deus. Ah! Como sentimos agora a morte do nosso Cônego Monte. E só agora nos é possível ver quanto era precioso o que perdemos. Mas **mesmo lá no céu ele continuará a ser um exemplo perene para nossa vocação, para nossa perseverança, para nossa santificação** (SEMINÁRIO DE SÃO PEDRO, 1938-1947, p. 55, grifos nossos).

Para o cronista responsável por registrar os acontecimentos mais significativos da história do Seminário, a morte de Monte foi uma oferta da instituição ao Senhor. Nesse caso, a morte do Padre foi percebida como motivo de enaltecimento de seus pares, uma vez que, com a perda de Monte, o Seminário presenteava a Deus com o que possuía de melhor. O cronista deixa evidente que a morte de Monte ultrapassou o sentimento de tragédia para os que ficaram e se transformou em ação benévola dos seus pares para Deus. De acordo com o cronista, Monte foi entregue ao Senhor como bem mais precioso do Clero natalense. Essa atitude pretenciosa expressa pelo cronista inverte uma concepção do pensamento cristão, uma vez que se Monte foi enviado por Deus como um homem santo, Deus é que teria dado o presente ao Seminário, e não o contrário. Entretanto, a narrativa do cronista ajuda na construção da ideia de que Monte partiu por uma decisão de Deus e por ter sido um homem imaculado.

Nesses termos, o cronista considerou Monte um exemplo a ser seguido por quem desejasse a santificação. Sob essa perspectiva, a doença e a morte de Monte não haviam sido em vão, e sua vida exemplar deveria ser seguida pelos que haviam ficado. A essa narrativa, foram associadas outras, de caráter similar, criadas pela própria Igreja ou por entidades a ela relacionadas e divulgadas na imprensa.

Logo após o falecimento de Monte, o alto Clero da cidade de Natal encarregou-se oficialmente de organizar os detalhes desde a comunicação às pompas fúnebres. Isso incluiu desde a informação do ocorrido à família, à imprensa e à sociedade até as solenidades ocorridas antes, durante e depois do sepultamento. A notícia do falecimento de Monte foi comunicada à mãe dele pelo Bispo de Natal, Dom Marcolino Dantas, que também se encarregou de noticiar o acontecimento à imprensa local e às outras Dioceses (PAIVA, 1948. p. 326). O jornal *A Ordem* ficou responsável por publicar uma reportagem naquele mesmo dia, enfatizando o tema.

As pompas fúnebres também foram organizadas pelo Clero. Durante o velório e o sepultamento, o Bispo, os padres e os seminaristas trajaram vestes especiais. Liderado pela

Juventude Feminina Católica Brasileira de Natal,²¹⁴ junto com os representantes do Clero natalense, o cortejo²¹⁵ fúnebre partiu da residência da família de Monte com destino ao Cemitério do Alecrim. No momento da saída do cortejo, os sinos de todas as igrejas da cidade tocaram, prestando homenagem ao clérigo.

As notícias relacionadas à morte de Monte começaram a ser publicadas no jornal *A Ordem*²¹⁶ na edição da própria segunda-feira, dia 28 de fevereiro de 1944, sendo que Monte faleceu às 10 horas e 45 minutos e foi sepultado às 17 horas. Como a publicação d'*A Ordem* ocorria à tarde, foi possível noticiar o acontecimento ainda no mesmo dia. É possível que, nessa data, o jornal só circulou à noite, para incluir a notícia sobre o sepultamento do religioso. Nesse dia, *A Ordem*, em três lugares diferentes da primeira página, noticiou a morte de Monte: na manchete principal, intitulada *Faleceu o Cônego Luiz Monte*; no Editorial, intitulado *Cônego Luiz Monte*; e em uma notícia sem título sobre o enterro.

No editorial, o jornal explicitou:

É difícil dizer o que representa esse **doloroso golpe para a Igreja, sua família e a sociedade**, onde o padre Monte, como era geralmente conhecido, **exercia uma ação de presença admirável**.

Como sacerdote, exerceu a sua missão absolutamente integrado no espírito e no corpo da Igreja, fascinando as suas virtudes as criaturas mais céticas e indiferentes. **Só ao erro odiava**. Piedoso, **era com unção que celebrava a santa missa, dando a impressão de santidade**. Para estar em condição de defender, com vantagem, a Igreja contra as vagas da impiedade, **fez incursões profundas pelas ciências**, enfatizando conhecimentos colossais em matemática, em física e química, em biologia. **Ninguém conhecia mais Latim**, dentro ou fora do clero do estado. **Brilhou de maneira incomum na tribuna sacra, pontificou na cátedra dos nossos maiores estabelecimentos, foi homem de Deus, homem de ciência e homem de letras**. Membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, o seu nome era exaltado como um dos maiores intelectuais. **A sua vasta cultura e ilustração foi adquirida no próprio meio onde vivia**, em contato, sobretudo, com os livros de que era apaixonado. Talvez o excesso de estudos, em vigílias constantes, seja a causa do seu decaimento e de sua morte.

²¹⁴ A Ação Católica Brasileira (ACB) foi criada em conjunto com os Mandamentos dos Bispos do Brasil (MBB), em 9 de junho de 1935. Os estatutos dessa entidade foram formulados a partir dos estatutos da Ação Católica Italiana. Faziam parte da Ação Católica: 1) Homens da Ação Católica (HAC). Para fazer parte desse grupo, era necessário ter mais de trinta anos ou ser casado; 2) Liga Feminina de Ação Católica (LFAC). Para fazer parte desse grupo, era necessário ser mulher, ter mais de 30 anos ou ser casada; 3) Juventude Católica Brasileira (JCB). Para fazer parte desse grupo, era necessário ser moça e ter entre 14 e 30 anos. Além disso, ainda existiam outras seções da Juventude Católica (JC): Juventude Estudantil Católica (JEC), que reunia a mocidade do curso secundário; Juventude Universitária Católica (JUC), só para universitários; Juventude Operária Católica (JOC), para os jovens operários. Posteriormente, a JUC e a JOC passaram a funcionar de maneira independente à Ação Católica Brasileira. Cf. <http://dibrarq.arquivonacional.gov.br/index.php/acao-catolica-brasileira>

²¹⁵ Ver Anexo C.

²¹⁶ A respeito deste periódico, duas obras podem ser consultadas. A primeira é Lima (2009, p. 121, 128, 157, 158). Segundo a autora, D. Nivaldo Monte, em 1967, sentenciou: “se saía em *A Ordem*, todo mundo acreditava”. (p. 158). A segunda é Morais (2017), que analisou *A Ordem* no período de 1935 a 1936.

Guia da mocidade masculina e feminina, o seu vulto franzino tinha um prestígio de gigante, pelo poder e sedução da virtude, do saber e da bondade. Quem o excedeu ou o excederá no vigor da polêmica e na pregação sobretudo para os intelectuais? Quem esquecera o orador cintilante que dominou auditórios escolhidos e multidões? Sobre o filho e irmão que perderam, falam seus assolados pais e irmãos. **O filho-pai e o educador dos irmãos são títulos com que os consagram na família.** [...]

[Foi] professor do Seminário de São Pedro, desde a recepção das ordens menores. Professor do Colégio Estadual do Rio Grande do Norte, onde lecionou matemática e latim. Professor do Ginásio Imaculada Conceição e, até pouco tempo, do Ginásio das Neves. Capelão por duas vezes do Ginásio Santo Antônio dos Irmãos Maristas, do Ginásio da Imaculada Conceição e da Igreja Nossa Senhora do Rosário. Assistente geral da Ação Católica na Diocese, dirigindo de perto a Juventude Feminina Católica e a Liga das Senhoras da Ação Católica. Pertencia ao Centro de Imprensa, que mantém A ORDEM, sendo vice-diretor da Congregação Mariana da catedral. Era cônego honorário do cabido de São Luís do Maranhão.

A ORDEM, em cujas colunas tantas vezes brilhou a pena do escritor e polemista profundo, seu companheiro e amigo das horas incertas, cobre-se de luto na data de hoje, glorificando a Deus por ter nos dado, por algum tempo, criatura tão boa, tão sábia e tão santa.

Pêsames, ao clero potiguar, na pessoa do Exmo. Sr. Bispo Diocesano, cujo coração sangra sem cessar; pêsames à desolada família do filho e do irmão exemplar; pêsames à Ação Católica, à Academia de Letras, à Congregação Mariana, ao Centro de Imprensa, às várias associações religiosas a que dava a sua assistência; pêsames aos educandários oficiais e particulares em que foi mestre o pranteado morto (A ORDEM, 28 fev. 1944, p. 1, grifos nossos).

O editorial do jornal *A Ordem* parece sintetizar todas as características que, posteriormente, serão exaltadas em Monte, apresentando-se como um guia norteador da trajetória do religioso, indicando o que deve ser lamentado e o que deveria ser exaltado. A estrutura do texto ajuda a compreender como Monte foi transformado em santo e sábio, a partir de oito ideias básicas sobre o religioso: o golpe sofrido pela sociedade natalense com a sua morte; a missão sacerdotal por ele exercida; a sua ação como cientista; o seu profundo domínio no latim; a cultura vasta que possuía; sua condição de guia dos jovens católicos; sua atuação como professor e seu papel como escritor e polemista no jornal *A Ordem*. A partir delas, o autor do texto dá glórias a Deus por ter permitido o convívio da igreja com um “tão sábio” e “tão santo”, consagrando a imagem que se construiu sobre Monte: a de ter sido santo e sábio.

Nas fontes que analisei, não encontrei qualquer menção a Monte como sábio e santo anterior ao dia 28 de fevereiro de 1944. As referências feitas a ele até esse dia não fazem menção à sua genialidade ou à sua santidade, o que me leva a concluir que foi a partir do editorial publicado nessa data que essas características foram evidenciadas e continuamente retomadas pelos seus admiradores.

É importante evidenciar que a construção desta imagem – de santo e sábio – foi mobilizada a partir de ações realizadas por Monte desde a década de 1920. O religioso, segundo esta construção, teve sua vida marcada por ações e posicionamentos vinculados aos preceitos católicos e com repercussões na sociedade natalense. Em razão disso, suas ações no sacerdócio, no magistério, nas entidades católicas e leigas, seus debates públicos, suas relações com a intelectualidade serão ressignificados por ocasião de sua morte e vinculados à santidade e à sabedoria.

Retomando o editorial de *A Ordem* do dia 28 de fevereiro de 1944, observa-se que ele procurou ressaltar que a Igreja, a família Monte e a sociedade natalense como um todo sofreram fortemente com a morte do religioso, uma vez que ele se fazia presente de forma marcante em todos estes espaços. Foram, em razão disso, exaltados os seus atributos de padre admirável, que exercia com dedicação sua missão no espírito e no corpo da Igreja.²¹⁷ Chama a atenção o fato de o editorial destacar que Monte “odiava o erro”, o que pode estar associado à construção de sua santidade, na medida em que combatia, com veemência, todos aqueles que, de alguma forma, ferissem os dogmas católicos.

A condição de cientista, latinista e possuidor de uma vasta cultura tantas vezes anunciada pelos admiradores de Monte foi também explicitada no editorial. Como vimos na citação, o que se exalta em Monte é o fato de ele ter feito incursões nas ciências (especialmente na matemática, na física, na química e na biologia) com o intuito de defender a Igreja; no latim, idioma que lhe permitiu maior domínio da Bíblia; e na cultura geral, campo no qual Monte é apresentado como grande conhecedor.

Em relação à sua capacidade de se aprofundar nos conhecimentos científicos, teológicos e na cultura geral, chamam a atenção duas menções no editorial: por um lado, o fato de ele ter estudado sem sair de Natal e ter aprendido exclusivamente com os livros e, por outro, de ter morrido em razão do excesso de estudos, que o obrigavam a vigílias constantes, provocando o enfraquecimento de seu corpo e, conseqüentemente, o aparecimento da tuberculose.

Outro aspecto mencionado no editorial é a condição de guia da Mocidade Masculina e Feminina Católicas exercida por Monte. Na perspectiva do editorial, Monte havia adquirido

²¹⁷ Essa ideia de que Monte, na sua missão, integrava o espírito e o corpo da Igreja, significa que, na interpretação expressa no editorial, o religioso conseguia articular, com maestria, os elementos associados ao sobrenatural (a Igreja concebe que o sentido da vida é o mundo de Deus, um mundo que não é físico. Portanto, uma das funções do sacerdote é trabalhar a noção espiritual com os fiéis) e à vida terrena (o corpo da Igreja se refere às concepções e práticas adotadas no dia a dia pelos católicos aqui na Terra). Para mais informações, consultar: www.enfoquebiblico.com.br/diferenca-entre-corpo-alma-e-espírito/

essa condição de líder em razão do prestígio que adquiriu em razão das virtudes que possuía, do saber e da bondade que lhe eram peculiares.

Ainda no editorial, é destacada a atuação de Monte como professor atuante em várias escolas da cidade, e como sacerdote, que atuava como capelão de escolas, assistente da Ação Católica e no Centro de Imprensa, órgão financiador do jornal *A Ordem*. Finalmente, o editorial enfatizou a atuação de Monte no jornal *A Ordem*, no qual ele se destacou pelo conjunto de textos que produziu, e especialmente, pelas polêmicas que travou nas páginas desse jornal contra adversários da Igreja Católica.

Todos os elementos que compõem esse editorial foram retomados pelos admiradores de Monte. Observando-se as biografias e os discursos produzidos sobre ele, bem como os depoimentos prestados por pessoas que foram seus contemporâneos, percebe-se nitidamente que as linhas gerais dessa construção – de um Monte sábio e santo – já estão apresentadas no editorial.

Na edição de dia 28 de fevereiro do jornal *A Ordem*, encontrei, além da manchete e do editorial, informações sobre o percurso do cortejo fúnebre e os acontecimentos relacionados ao sepultamento propriamente dito:

Às 16 horas, partiu o féretro da Avenida Rio Branco, residência dos seus pais, rumo ao cemitério do Alecrim, onde chegou pouco antes das 17 horas.

Grande multidão acompanhou os restos mortais do modelar sacerdote, precedido de alas formadas pelo clero, Seminário de São Pedro, Ordem Terceira, irmandades, congregações marianas, Pia União das Filhas de Maria, Juventude e Liga Feminina de Ação Católica, outras associações das paróquias, ginásios, militares, fechando o cortejo inúmeros automóveis. Ao enterro compareceu pessoalmente o excelentíssimo senhor Bispo Dom Marcolino Dantas.

À beira do túmulo, falaram o escritor Câmara Cascudo e o doutor Claudionor de Andrade. A encomendação do corpo foi feita pelo Revmo. Padre Nivaldo Monte, irmão do morto (*A ORDEM*, 28 fev. 1944, p. 1, grifos nossos).

A casa dos pais de Monte ficava na esquina da avenida Rio Branco²¹⁸ com a rua Apodi, lugar privilegiado por se situar na Cidade Alta, no centro de Natal, onde habitavam as famílias mais abastadas da cidade. O Alecrim, bairro em que se situava o Cemitério, era um bairro popular. O trajeto da casa da Família Monte até o cemitério podia ser feito por uma rua única, com aproximadamente 30 metros de largura, e que, ao longo de sua extensão, recebia três nomes diferentes. Entre a casa e o cemitério havia duas ladeiras: uma que descia a Avenida Rio Branco

²¹⁸ Até o século XIX, essa avenida se chamava Rua Nova e era o limite leste da cidade de Natal. Em fevereiro de por diversos estabelecimentos comerciais.

e outra que subia a avenida Coronel José Bernardo e se transformava em rua Fonseca e Silva. O enterro deve ter saído do alto da ladeira da Avenida Rio Branco, descido em direção ao Alecrim, subido a ladeira da rua Coronel José Bernardo e chegado ao Cemitério, onde a rua recebia o nome de Fonseca e Silva. Esse trajeto possui cerca de dois quilômetros.

Pela descrição do fragmento textual acima, pode-se inferir que o trajeto deve ter ocupado toda a parte central da rua. Pode-se supor que tudo tenha sido interditado para a livre passagem do féretro. Essa suposição ganha força com a descrição feita na citação, que demonstra uma hierarquia na distribuição do cortejo: primeiro a ala formada pelo clero, depois a ala composta pelos seminaristas do Seminário de São Pedro e, em seguida, outras alas, distribuídas em ordem de importância para o clero responsável pela organização do cortejo (Ordem Terceira, irmandades, Congregações Marianas, Pia União das Filhas de Maria, Juventude e Liga Feminina Católica, associações paroquiais, escolas da cidade, militares). O féretro foi encerrado com os automóveis, que, de acordo com o jornal *A Ordem*, eram bastante numerosos.²¹⁹ A descrição apresentada permite inferir que o cortejo foi um grande acontecimento para os padrões natalenses. Pode-se imaginar a rua completamente tomada por alas organizadas hierarquicamente, o que deve ter chamado a atenção de toda a cidade, considerando o lugar estratégico da avenida Rio Branco naquela conjuntura.

Além da descrição de todo o cortejo, o jornal ainda enfatizou a presença do Bispo no sepultamento, fato que não devia ser corriqueiro, em razão do destaque dado no editorial. Provavelmente, o Bispo só comparecia a sepultamentos de pessoas ilustres, como era o caso de Monte. Outro aspecto que chama a atenção é a escolha dos oradores que falaram à beira do túmulo de Monte. Câmara Cascudo e Claudionor de Andrade não devem ter sido escolhas aleatórias. Os dois tinham ligações com as atividades intelectuais e políticas da cidade, o que garantiu prestígio para o falecido e, ao mesmo tempo, legitimidade das suas ideias e práticas para a sociedade que presenciava aquele acontecimento.

Luís da Câmara Cascudo já representava, naquela conjuntura, a principal expressão da intelectualidade potiguar. Com 46 anos de idade, Cascudo já havia fundado várias entidades, como a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e participado de movimentos políticos, como o Integralismo. Na condição de católico e de intelectual, Cascudo falou em nome da intelectualidade e exaltou as qualidades intelectuais, morais e religiosas de Monte.

Claudionor Telógio de Andrade (1909-1980), desde que concluiu o curso na Faculdade de Direito do Ceará, em 1933, assumiu a função de promotor público de várias comarcas do

²¹⁹ Não consegui identificar o número de automóveis existentes em Natal em 1944. Entretanto, pela descrição do artigo, pode-se imaginar que uma parcela considerável dos carros da cidade participou do cortejo.

estado. Em 1940, exonerou-se dessa função e mudou-se para Natal, onde instalou uma banca de advocacia na área Cível e Criminal. Orador eloquente e com trânsito livre na política do Estado Novo, em 1944 era um personagem com carreira em ascensão, o que pode ser confirmado a partir dos cargos que assumiu nos anos seguintes: foi Secretário-Geral do estado em 1946, Deputado Estadual eleito em 1947, prefeito de Natal em 1951 e Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (Sessão Rio Grande do Norte) por três vezes. O discurso de Claudionor de Andrade revela a influência exercida por Monte entre os intelectuais mais jovens da cidade. Assim como o cronista do Seminário, Cascudo e Andrade agregaram esforços para a construção da imagem de Monte como santo e sábio, o que explica a citação feita pelo jornal a esses discursos.

Além da descrição do cortejo e da apresentação dos oradores, *A Ordem* ainda destacou o fato de que o corpo ter sido encomendado pelo Padre Nivaldo Monte, irmão do falecido. Provavelmente, a escolha de Padre Nivaldo Monte e não do Bispo, que estava presente na cerimônia, teve uma conotação política. Pode-se inferir que Nivaldo, por ser padre e irmão do falecido, ao realizar a encomenda do corpo, garantia a continuidade da obra do morto. Mais do que entregar o falecido a Deus, Padre Nivaldo, com aquele ato, recebia a legitimidade para continuar a obra do irmão, o que poderia ser observado posteriormente, quando ele se tornou Arcebispo de Natal.

Chama a atenção, na descrição do cortejo e do sepultamento, a organização do evento e o número de pessoas que o acompanharam, considerando, sobretudo, as poucas horas entre a morte e o sepultamento. Mesmo que a *Rádio Educadora* tenha dado destaque à notícia ao longo do dia e que o Bispo tenha feito uma ampla divulgação do fato, não deixa de ser surpreendente a magnitude do evento. Provavelmente, o clero se organizou para o acontecimento antes da morte ter sido anunciada, sendo também plausível supor que o editorial publicado no jornal *A Ordem* tenha sido escrito e discutido antes mesmo do anúncio da morte de Monte.

A meu ver, a construção da imagem de Monte como um santo e sábio foi traçada pelo conjunto de artigos e de manifestações que ocorreram durante os trinta dias após a sua morte. Terminado esse período, a cidade e a intelectualidade católica, fixaram essa imagem, que foi sendo retomada, em períodos posteriores, por seus admiradores.

O dia 28 de fevereiro de 1944 foi uma segunda-feira comum. Se a morte de Monte tivesse acontecido sete dias antes, na segunda-feira 21 de fevereiro, o cenário seria outro. Nesse dia, a cidade estava envolvida com o carnaval. Alguns habitantes estariam no festejo e outros teriam viajado para outras cidades. Nos dias 21 e 22, os jornais não circularam, em razão dos festejos momescos. O jornal *A Ordem*, por exemplo, teve uma edição no sábado, dia 20, e só

retornou às publicações na quarta-feira, 23 de fevereiro. Nesses termos, pode-se inferir que o dia 28 foi uma data favorável à divulgação do fato, possibilitando que a população participasse das solenidades em homenagens a Monte.

Considerando os elementos que observei no editorial de *A Ordem* de 28 de fevereiro de 1944 e a notícia do sepultamento, publicada na mesma edição, resolvi me deter com mais vagar nas edições do jornal *A Ordem* publicados no período compreendido entre a publicação do último texto de Monte, em agosto de 1943, até a sua morte, em fevereiro de 1944. Além das matérias publicadas no jornal *A Ordem*, constatei que outro grande jornal da cidade, *A República*, por vezes, publicava matérias do jornal *A Ordem*, e vice-versa, em razão disso, optei por trabalhar, de maneira mais sistematizada, com o jornal *A Ordem*, com o propósito de verificar como esse jornal fez a cobertura da doença do religioso e como explicou a sua ausência naquele periódico durante esse período.²²⁰ Ao mesmo tempo, me propus a avaliar como este jornal contribuiu com as ideias evidenciadas na primeira página do jornal no dia 28 de fevereiro de 1944 para a construção de uma imagem de Monte.

Considerando o destaque dado a Monte em 28 de fevereiro de 1944, eu resolvi dar continuidade à minha pesquisa no jornal *A Ordem* e, para tanto, consultei as edições deste periódico no período compreendido entre 29 de fevereiro de 1944 e 28 de fevereiro de 1949.²²¹ A minha intenção foi identificar se o destaque dado pelo jornal *A Ordem* no dia da morte de Monte, e que destoava das publicações do período da doença de Monte, havia se mantido. Resolvi estudar esses cinco anos com o objetivo de compreender se, ao longo desse tempo, o teor das notícias sobre Monte se modificou. A análise das edições revelou que a cobertura da morte de Monte foi algo que ganhou destaque durante mais de trinta dias na imprensa local, sendo que jornal *A Ordem*, especialmente, manteve o religioso como notícia de primeira página durante todo esse período.

As matérias publicadas depois da morte de Monte destoam, como já afirmei, do daquelas divulgadas pela imprensa natalense entre 18 agosto de 1943 e 26 de janeiro de 1944, data de sua internação. Mapeando todas as reportagens publicadas por esse periódico,

²²⁰ Para esse levantamento, eu li todas as edições do jornal *A Ordem* no período acima explicitado, procurando qualquer referência a Monte. Minha pesquisa foi feita na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, onde consultei, uma a uma, as edições desse periódico. Como resultado desse trabalho, identifiquei que Monte praticamente desapareceu dos jornais durante todo o período analisado.

²²¹ Para realizar a consulta no jornal *A Ordem*, eu identifiquei o número da edição de cada jornal publicado, uma vez que na Hemeroteca, os jornais estão classificados por número de edição, e não por data. Nesse trabalho, identifiquei que, em datas diferentes, existia o mesmo número de edição. Para diferenciar as edições, a Biblioteca Nacional acrescenta aos números das edições as letras A, B, C. Na prática, isso significa dizer que a numeração do jornal na Hemeroteca não segue sempre a sequência da edição dos jornais, uma vez que o próprio periódico publicou duas ou mais edições com o mesmo número.

identifiquei que o último artigo de Monte havia sido publicado em 18 de agosto de 1943. O religioso que, até então, escrevia editoriais e artigos e era notícia em praticamente todas as edições, deixou de se fazer presente.

Entre 18 de agosto de 1943 e 26 de janeiro de 1944, dia anterior à internação de Monte, só apareceram menções a Monte em pequenas notas no jornal *A Ordem*: numa notícia de que ele pronunciaria uma conferência em homenagem ao *Dia do Soldado*;²²² na reprodução do excerto de uma carta do industrial Celso Dantas agradecendo a Monte por identificar minérios no Seridó;²²³ no anúncio de que Monte celebraria uma missa no sétimo aniversário da Juventude Feminina Católica;²²⁴ no anúncio de uma pregação na festa do patrono da Irmandade do Passos; no anúncio de uma homenagem ao padre José de Anchieta e aos mártires de Cunhaú e Uruaçú;²²⁵ no anúncio de um discurso pronunciado nos preparativos para a grande homenagem que seria prestada a Dom Vital em razão do seu centenário, que ocorreria em 1944;²²⁶ no anúncio da celebração de dois casamentos;²²⁷ numa nota na coluna *Sociais*, informando o seu aniversário.²²⁸

Nesses termos, é possível identificar que no período próximo a sua internação, Monte praticamente não apareceu nos jornais, tanto como escritor quanto como notícia. Eu não consegui identificar quando Monte descobriu a tuberculose que o acometia. Entretanto, suponho que o seu distanciamento dos jornais possa estar relacionado à doença. Alguns dos seus admiradores dizem que, nesse período, ele estava estudando sobre o espiritismo e, por isso, se ausentou dos debates públicos.²²⁹ Entretanto, a pequena quantidade de material produzida por ele sobre o tema não justifica o seu recolhimento. A afirmação de que esse material foi queimado não pôde ser averiguada. O que tenho de concreto é o seu distanciamento das

²²² Notícias publicadas no jornal *A Ordem* nos dias 21 e 24 de agosto de 1943.

²²³ Publicada no jornal *A Ordem* de 30 de agosto de 1943.

²²⁴ A missa seria realizada no dia 7 de setembro e a notícia foi publicada no jornal *A Ordem*, em 6 de setembro de 1943.

²²⁵ A homenagem seria prestada no dia 3 de outubro e a notícia do jornal *A Ordem* foi publicada em 30 de setembro de 1943. No dia 4 de outubro de 1943, o jornal *A Ordem* anunciou que a conferência foi realizada e que, na ocasião, Monte discorreu, de forma magistral, sobre a personalidade do “Padre José Anchieta, o evangelizador das selvas brasileiras”.

²²⁶ Publicado no jornal *A Ordem* em 23 de novembro de 1943. No dia 25 de novembro, o jornal ratificou a notícia, e no dia 30 de novembro, o jornal anunciou que “na sessão solene, realizada em 27 de novembro de 1943, dirigida por D. Marcolino, abrindo as festas comemorativas do centenário de nascimento de D. Vital, que ocorrerá dia 27 de novembro de 1944, Cônego Monte fez um discurso em homenagem à D. Vital”.

²²⁷ Publicado no jornal *A Ordem*, de 6 de dezembro de 1943.

²²⁸ Publicado no jornal *A Ordem*, no dia 3 de janeiro de 1944, dia do aniversário de Padre Monte. Nesse dia, o jornal parabeniza Monte pela data e enfatiza que ele é um destacado professor do Seminário de São Pedro e do Atheneu.

²²⁹ Esse é o caso de Dom Heitor de Araújo Sales e do Padre João Penha Filho. Ambos, em entrevistas a mim concedidas, afirmaram que o período da doença de Monte coincidiu com os estudos dele sobre o espiritismo.

publicações, dos debates e das notícias, sendo que, nesse período, não há nenhuma informação sobre o seu estado de saúde.

Entre 26 de janeiro de 1944, uma quarta-feira, data da internação de Padre Monte no Sanatório e 26 de fevereiro de 1944, último dia em que o jornal *A Ordem* foi publicado antes da morte de Monte, encontrei apenas uma notícia, publicada na edição do dia 9 de fevereiro de 1944 que se refere a Monte. Trata-se da nomeação do Padre Jorge O'Grady de Paiva para substituí-lo interinamente como capelão do Colégio Marista. A nota informava que O'Grady substituiria Monte apenas no período em que ele estivesse em tratamento de saúde. Durante todo esse período, não encontrei qualquer artigo que fizesse menção às ideias ou às ações de Monte. Além disso, não há qualquer notícia sobre qual era a doença, nem ao tratamento ao qual ele estava se submetendo. Portanto, o silêncio foi a grande marca do período em que Monte esteve doente.

Este silêncio durante o período de agravamento de sua doença e da internação foi quebrado subitamente no dia da sua morte, quando, como já demonstrei, a notícia foi amplamente divulgada pelo jornal *A Ordem*. Entretanto, como já afirmei, a partir dessa data, a primeira página do jornal terá sempre matérias ligadas a Monte. Entre 28 de fevereiro e 29 de março, na primeira página de todas as edições do jornal *A Ordem*, foi publicado ao menos um artigo sobre Padre Monte.

No dia 29 de fevereiro de 1944, o jornal *A Ordem* publicou outro editorial também intitulado *Cônego Luís Monte*, no qual explicitou:

Teve, como dissemos ontem, dolorosa repercussão, a morte do cônego Luiz Gonzaga do Monte.

'A República', o 'Diário' e a 'Rádio Educadora de Natal' interpretaram o pesar da sociedade com palavras carinhosas, fazendo o elogio do querido morto. Foram essas as palavras com que 'A República' noticiou o lutuoso fato:

'A notícia do inesperado falecimento do Cônego Luiz Gonzaga do Monte feriu a sensibilidade dos natalenses e por toda a parte onde chegar a divulgação desta triste notícia, o sentimento de pesar será imenso.

Da nossa parte, é com os olhos rasos d'água que pegamos na pena para traçar-lhe, embora resumidamente, o perfil tão complexo nas **qualidades e virtudes que distinguem esse raro exemplar de homem e sacerdote**. Ninguém o conheceu sem sentir o influxo da sua bondade. Ninguém o admirou sem experimentar o orgulho de que essa admiração tinha o selo da espontaneidade em face de um grande saber que o Cônego Luiz Monte procurava ocultar nas dobras de uma modéstia resplandecente mesmo através da obscuridade.

O homem que sabia tudo tinha como norma dar a impressão de que o interlocutor estava sempre acima do nível de seu imenso saber de tal sorte habituou-se a cultivar a humildade, a mais alta de todas as virtudes. Mestre, ele foi e dos mais ilustres e grandes que no Colégio Estadual ou no Seminário, **leccionava qualquer matéria com a proficiência a que sua palavra dava**

sempre o encanto de uma forma lapidar. Não lhe eram apenas familiares os conhecimentos das disciplinas correntes nos cursos teológico e secundário, nos quais se distinguia como profundo conhecedor do grego. Era também, **versadíssimo nas ciências naturais, teórica e experimental,** sobretudo em química, a que ultimamente vinha, de preferência, se dedicando, para uma finalidade relacionada com a economia de nossa terra. **Muito lhe deve a indústria de minérios** no campo experimental, trabalho que de certo tempo a esta parte, realizava quase diariamente e durante várias horas, por solicitação de muitas indústrias do Estado, sem remuneração de qualquer espécie. Pode-se dizer que **foi uma vítima das atividades onímodas, na cátedra, no confessionário, nos ofícios sagrados e, por fim, em pesquisas de laboratório,** para a finalidade já referida

Da pequena estatura e fraquíssima compleição física, sua fortaleza moral era daquelas que só podem ser medidas pela escala ascendente no espírito, que nele atingiu o cume elevado da personalidade humana.

Ninguém mais alheio às coisas terrenas. Ninguém mais desprendido com os atavios materiais da vida. **Ninguém mais nobre nos sentimentos.** Ninguém mais ligado às alturas estelares do que ele foi pela **pureza do pensamento.** Essa pureza era o convívio de sua oratória, mansa como os regatos que deslizam quase ao nível da planície, e sem embargo, encantam pela música que ouvida em surdina, causa maior embevecimento do que o aturdido das águas marulhosas **das cachoeiras.**

Não tinha nem ímpeto nem bravura, mas tinha as galas da formosura, como que tão bem sabia enfeitar as suas orações, refertas daquela piedade que estava sempre tão perto das criaturas de Deus. **Homem de fé, mas também de ciência, sua tolerância obedeceu sempre ao equilíbrio dessas duas forças,** que tornavam sua convivência o encanto das pessoas de todos os credos.

Deus não quis que ele chegasse até o extremo ascensional dos seus méritos. **Tirou a sua igreja, a amizade dos homens e privou a juventude católica de um diretor e companheiro que nunca envelheceria,** porque ele foi a própria doçura no curso dos anos que passam.

Natal está de luto. E ele merece esse luto. As naves das igrejas estão cobertas de crepe, como de crepe estão cobertas as nossas almas.

Ainda é uma felicidade, no meio da conturbação da impiedade do mundo, uma grande dor que irmane os corações em torno de um morto que não teve na terra senão o poder da bondade, e pela bondade reinar na coletividade que por entre lágrimas, dele ontem se despediu, lágrimas de uma multidão consciente da criatura perfeita que ia para a sepultura, os sete palmos de terra que serão certamente a sua porta de passagem para os céus' (A ORDEM, 29 fev.1944, p.1, grifos nossos).

Esse editorial deixa evidente a preocupação do jornal *A Ordem* em mostrar que o elogio à Monte não provinha apenas de um jornal católico, uma vez que toda a imprensa tinha se irmanado para realizar essa tarefa. Foi com esse espírito que *A Ordem* publicou, no espaço destinado ao editorial, um texto que havia sido publicado na manhã do mesmo dia, pelo jornal *A República*. Observando-se o conteúdo da publicação, é possível perceber que, de forma semelhante ao ocorrido no dia 28 de fevereiro, as características de Monte serão enfatizadas e contribuirão para a consagração de sua imagem. Sua santidade e sabedoria nortearam o texto do editorial, que considerou o religioso um raro exemplar de homem e sacerdote, um homem

que “sabia tudo” (lecionava qualquer matéria de maneira lapidar; dominava as ciências naturais, teóricas e experimentais) e, ao mesmo tempo, vivia como um santo (desprendido dos interesses materiais, cultivando a humildade; dotado de pureza no pensamento). Em razão desses atributos, o texto conclui que a população natalense chorou a morte de Monte porque estava consciente de que uma “criatura perfeita” estava indo para a sepultura.

Além desse editorial, *A Ordem* publicou, ainda no dia 29, três pequenas notas. Na primeira delas, informou que o interventor federal tinha sido representado, no sepultamento de Monte, pelo desembargador José Dionísio, Secretário Geral do estado (A ORDEM, 29 fev. 1944, p. 1 e 4). Isso evidenciava o prestígio político do falecido, uma vez que o governador designou o seu principal assessor para representá-lo oficialmente nas solenidades.

A segunda nota diz respeito a um telegrama enviado de Caicó no dia 28 de fevereiro pelo Monsenhor Walfredo Gurgel²³⁰ para o jornal *A Ordem*. Nesse telegrama, estava escrito: “queiram aceitar e transmitir sodalícios católicos sentidos pêsames pela irreparável perda cônego Luiz Monte, modelo de sacerdote, incansável batalhador da causa do catolicismo” (A ORDEM, 28 fev. 1944, p. 4). Chamam a atenção, na mensagem do monsenhor Walfredo Gurgel, duas questões. A primeira diz respeito ao fato de ele encaminhar suas condolências para o jornal *A Ordem*, o que me leva a inferir que ele o fez com o desejo de rememorar Monte como uma figura da imprensa e que, portanto, desejava marcar a sua posição não apenas como um simples gesto de solidariedade, mas como algo a ser difundido para o conjunto da sociedade. Outro aspecto que se sobressai diz respeito a Walfredo Gurgel considerar Monte um modelo de sacerdote, um batalhador da causa do catolicismo. Com essa ideia, Walfredo Gurgel parece reforçar o caráter polemista tão exaltado posteriormente como característica de Monte. Ao que tudo indica, Monte se tornou, na visão de Walfredo Gurgel, um modelo, exatamente, por debater publicamente em favor da Igreja. Ao salientar essa característica, Walfredo Gurgel ajudou a reforçar a fama de Monte como polemista incansável.

Na terceira e última nota, *A Ordem* informou que, a partir do dia seguinte (1º de março), daria “publicidade às inúmeras mensagens de condolências que estão sendo dirigidas ao exmo. e revmo. sr. Bispo Dom Marcolino Dantas pelo falecimento do cônego Luiz Monte” (A ORDEM, 29 fev. 1944, p. 4). Com essa nota, fica evidente a intenção do Bispo e do corpo

²³⁰ Walfredo Dantas Gurgel (Caicó, 1908 – Natal, 1971) realizou seus estudos secundários no Seminário de São Pedro. Doutorou-se pela Universidade Pontifícia Gregoriana de Roma em Filosofia, em 1928, e em Teologia, em 1932, além de ter sido ordenado sacerdote. Entre 1936 e 1946, foi diretor do ginásio seridoense, em Caicó, além de vigário geral e vigário capitular na mesma diocese. Em 1942, tornou-se cônego do cabido da catedral da Paraíba e, em 1955, Monsenhor. Em 1945, um ano após a morte de Monte, foi eleito deputado federal. Em 1962, tornou-se senador da República e, em 1966, governador do Rio Grande do Norte.

editorial do jornal de divulgar amplamente todas as manifestações relacionadas a Monte. Essa atitude, certamente, favoreceu o aumento do número de mensagens, uma vez que o remetente teria seu nome divulgado e, conseqüentemente, teria o seu prestígio aumentado no seio da sociedade.

No dia primeiro de março de 1944, o mesmo jornal publicou um terceiro editorial também intitulado *Cônego Luís Monte*, no qual apresentou, como havia noticiado no dia anterior, os telegramas recebidos por Dom Marcolino Dantas, Bispo de Natal, que continham as condolências encaminhadas pela perda de Monte. Nesse dia, o jornal não teceu comentários sobre Monte, mas demonstrou, pelos telegramas, a quantidade de pessoas que se manifestaram no dia da morte em solidariedade à Igreja pela enorme perda. Para termos uma ideia da quantidade de telegramas recebidas pelo bispo, elaborei o quadro 4, no qual estão informados também os nomes dos remetentes:

Quadro 4 - Telegramas recebidos, em 29 de fevereiro de 1944, por D. Marcolino em solidariedade pela morte de Padre Monte e divulgados no jornal *A Ordem* no dia 1 de março de 1944

(continua)

Nº	Procedência	Remetente
1	De Caicó (2 telegramas)	✓ Dom José de Medeiros Delgado, Bispo de Caicó ✓ Monsenhor Walfredo Gurgel
2	De Mossoró (6 telegramas)	✓ Dom João Batista Portocarreiro Costa, Bispo de Mossoró ✓ Padre Luís Mota, Padre e prefeito de Mossoró ✓ Padre Humberto Padre Raimundo Gurgel Bruenning, reitor do Seminário Santa Teresinha ✓ Seminarista João Nilton da Escócia ✓ Senhor Manoel Borges ✓ Senhor João Marcelino
3	De Natal (8 telegramas)	✓ Desembargador Joaquim Inácio ✓ Desembargador Horácio Barreto ✓ Desembargador Felipe Guerra ✓ Senhor Mário Lira (interventor do Rio Grande do Norte entre agosto de 1933 e setembro de 1935) ✓ Senhor Henrique Santana ✓ Senhor Percival Caldas ✓ Senhor Luís Tacino ✓ Senhor Aderbal de Figueiredo
4	De Currais Novos (6 telegramas)	✓ Monsenhor Paulo Herôncio, ✓ Vivaldo Pereira, ✓ desembargador Thomás Salustino ✓ Senhor Mariano Coelho, ✓ Senhor Abílio Chacon ✓ Todas as associações religiosas do município
5	De Areia Branca (1 telegrama)	Padre Ismar Fernandes
6	De Angicos (1 telegrama)	Padre Manoel Tavares
7	De Santa Cruz (6 telegramas)	✓ Padre Alair Vilar ✓ Prefeito Alfredo Xavier Pessoa ✓ Padre Esmerino da Silva Gomes ✓ agente postal telegráfico Rogério Vicente Gurgel ✓ Ação Católica ✓ Todas as associações religiosas de Santa Cruz

(conclusão)

8	De São José do Mipibu	Cônego Pedro Paulino Duarte
9	De Itarema, no Ceará (5 telegramas)	✓ Padre Severino Bezerra de Souza ✓ Senhor Manoel Augusto Fernandes ✓ Liga Feminina Católica ✓ Juventude Católica Feminina ✓ Todas as ordens religiosas de Itarema
10	De Parelhas	Cônego Amâncio Ramalho
11	De Acari	Cônego Ambrósio Silva
12	De Goianinha	Jerônimo Cabral
13	De São José de Mipibu (2 telegramas)	✓ Bernardo Couto, Provedor da Irmandade do Santíssimo ✓ Maria Florésia
14	De Ceará-Mirim (2 telegramas)	✓ Alunas do Educandário Santa Águeda ✓ Todas as associações católicas e religiosas de Ceará-Mirim
15	De João Pessoa	Monsenhor José Tibúrcio, reitor do Seminário Metropolitano
16	De Niterói	Monsenhor João Clementino de Melo Lula
17	Do Rio de Janeiro	dr. José Augusto Bezerra de Medeiros
18	De Recife (3 telegramas)	✓ Maria do Céu Pereira ✓ Magnus Augusto ✓ Gisélia

Fonte: Elaborada pela autora com base em dados extraídos edição do jornal *A Ordem* de 1 de março de 1944.

Observando-se esses telegramas, observa-se a diversidade dos remetentes e as cidades de onde eram enviados. Após o anúncio desses telegramas no dia primeiro, o que se percebe é que o jornal *A Ordem* passou a divulgar, a cada dia, uma lista com novos telegramas, que se ampliava continuamente,²³¹ sendo que encontrei telegramas publicados no jornal *A Ordem* até vinte dias depois da morte de Monte.

Além desses telegramas, o jornal informou ainda que o Bispo de Natal recebeu pessoalmente personalidades que vieram à cidade exclusivamente para prestar homenagens a Padre Monte. Entre essas personalidades, destacaram-se: Monsenhor Celso Cléo, Vigário de Ceará-Mirim; Padre Ramiro Varela, Vigário de Taipu e Touros; Padre Benjamin Costa Sampaio, Vigário do Padre Miguelinho; Padre Expedito Sobral de Medeiros, Vigário de São Paulo do Potengi; Cônego Luís Adolfo de Paula, Vigário de Papari e Arez; Padre Alexandrino de Alencar, de Macaíba; Padre Mário Correia de Aquino, Secretário do Bispado de Mossoró. O jornal também registrou que havia um “elevado número de amigos e fiéis que se torna impossível precisar aqui [no jornal *A Ordem*” (A ORDEM, 1 mar. 1944, p. 1).

Outras pessoas ainda receberam mensagens de condolências pela morte de Padre Monte. Esse foi o caso do Padre Jorge O’Grady de Paiva, que recebeu um telegrama do Bispo de Niterói, Dom José Pereira Alves; do Diretor do jornal *A Ordem*, Ulisses de Góis, que recebeu

²³¹ Importante destacar que os quarenta e nove telegramas divulgados no primeiro dia eram poucos, em relação ao número de telegramas recebidos ao longo desse período.

inúmeros telegramas de diferentes cidades; e do Cônego Dom Adelino Dantas, então reitor do Seminário de São Pedro (A ORDEM, 1 mar. 1944, p. 1).

A edição do dia primeiro de março do jornal *A Ordem* dedicou a Monte basicamente as mensagens de condolências que havia recebido. Na edição deste dia, só encontrei um único texto sobre Monte, intitulado *Traços Biográficos do cônego Luís Gonzaga do Monte* (A ORDEM, 1 mar. 1944, p. 1), que apresenta características muito gerais sobre a vida do religioso.

No dia 2 de março de 1944, o jornal *A Ordem* continuou divulgando os telegramas e enfatizou as comunicações recebidas pela Juventude Feminina Católica de Natal. Nesse dia, o jornal publicou dois convites feitos por essa entidade à sociedade natalense. O primeiro, para participação na missa de sétimo dia, que seria celebrada no dia 4 de março, às 7 horas, na capela do Ginásio Imaculada Conceição.

O segundo convite dizia respeito a uma parceria com a Liga Feminina da Ação Católica, que consistia na realização, no dia cinco de março, domingo, de uma romaria da sede da Juventude Feminina, no centro de Natal, para o túmulo “do grande sacerdote que iniciou e guiou santamente o movimento da Ação Católica no estado” (A ORDEM, 2 mar. 1944, p. 1).

A notícia de que uma romaria seria realizada 7 dias depois da morte de Monte chamou a minha atenção, uma vez que ela implicava na atribuição, a um sujeito já morto, de um poder de oferecer graças a pessoas que haviam se tornado seus devotos em razão de recebê-las. Monte morreu em uma segunda-feira e, na quinta-feira, o jornal *A Ordem* já anunciava a romaria para o domingo. O tempo entre a morte e a organização da romaria foi muito curto, permitindo-me inferir que, nessa ação, havia um propósito de consolidar a imagem de Monte como santo, já traçada no editorial d’*A Ordem* do dia 28 de fevereiro. Vale lembrar que, de acordo, com Rosendahl, uma romaria ou peregrinação

é uma prática religiosa que **consiste em uma visita na qual o visitante tem uma nítida intenção de devoção**. Essa visita é feita a um lugar sagrado e vem acompanhada do comportamento religioso de pedir graças ou de agradecimento por uma benção obtida. O deslocamento dos peregrinos para o exercício de sua religião pode apresentar-se de duas maneiras: a primeira envolve um fluxo permanente, enquanto a outra, um fluxo periódico de peregrinos (ROSENDAHL, 2018, p. 60-61, grifos nossos)

Considerando esta definição, uma romaria está, portanto, associada a peregrinos que se deslocam para pedir graças ou para agradecer por ter recebido algo. No caso específico da romaria em homenagem a Monte, não havia tempo hábil para que ele tivesse realizado milagres. O mais interessante é que a romaria não surgiu como uma ação espontânea de devotos. Ela foi organizada por duas entidades das quais Monte participava: a Juventude Feminina Católica

Brasileira de Natal e a Liga Feminina da Ação Católica. No anúncio do jornal *A Ordem*, essas entidades afirmavam que Monte as havia guiado “santamente”, acenando para a santificação do religioso.

Nos dias 3 e 4 de março, na primeira página do jornal *A Ordem*, a Juventude Feminina Católica fez novas convocações para a romaria que iria acontecer no dia 5 de março. Na edição do dia 3, foi informado que a romaria partiria da sede da Juventude Feminina Católica, situada no Colégio Imaculada Conceição, na Cidade Alta, até o cemitério do Alecrim, onde seria realizado um Terço em homenagem ao “querido morto”. No dia 4, a mesma entidade, além de informar que dela participariam os homens da Ação Católica, as congregações marianas da capital, outras associações religiosas, convidava a todos os que quisessem se associar àquela empreitada.

No dia 6 de março, o jornal *A Ordem* informou que a romaria havia sido realizada, como previsto,

guiada pelas bandeiras dos dois setores da Ação Católica, que o Cônego Monte orientou e guiou com zelo admirável, carinho devotado, ciência e santidade inextinguíveis.

As Jefecistas estão sinceramente gratas a todos que generosamente as acompanharam ontem ao Cemitério; Estendem especialmente sua gratidão ao Seminário de São Pedro, a Congregação Mariana do Alecrim, aos filhos do Colégio Estadual, e às Filhas de Maria (A ORDEM, 6 mar. 1944, p.1, grifos nossos).

Nessa citação, é interessante observar a afirmação de que Monte guiava a Ação Católica com ciência e santidade. Nesses termos, a romaria ratificava a condição de Monte como santo e sábio, que, articulada aos discursos formulados nessa mesma direção, exaltavam essas características no recém-falecido. Além disso, percebe-se também que a romaria não foi um evento espontâneo da população, o que pode ser evidenciado a partir dos grupos católicos que a organizaram e que dela participaram. Além das entidades católicas, são citados apenas os alunos do Colégio Estadual, que podiam, inclusive, fazer parte desses grupos. Constatase, assim, o empenho dos movimentos católicos para transformar Monte em santo.

Em 22 de março de 1941, uma terça-feira, o jornal *A Ordem* anunciou a segunda romaria em homenagem a Monte, que aconteceria no dia 26 de março. A iniciativa para esse evento partiu da Federação Mariana, que anunciou que o trajeto sairia da sua sede, na Escola Técnica do Comércio de Natal, situada no bairro da Ribeira, e terminaria no Cemitério do Alecrim (A ORDEM, 22 mar. 1944, p.1). Nos dias 23, 24 e 25, a notícia da nova romaria foi mantida, com acréscimo de informações na primeira página do jornal *A Ordem*.

No dia 24, especificamente, o periódico divulgou:

Romaria, depois de amanhã, ao túmulo do inesquecível Cônego Monte.

Duas almas santas, pelo consenso unânime da população, respondem, hoje, da eternidade pelo porvir desta cidade que tanto amaram e onde deixaram tão nítidos traços da vida cristã:-- Padre João Maria e Cônego Luiz Monte. Sem anteciparmos o juízo da Igreja, podemos contar, no céu, com esses dois santos, como anjos tutelares de Natal.

Uma alma que se eleva, eleva o mundo, já dizia um grande espírito banhado da claridade divina. E quando essa alma possui as graças e os tesouros do sacerdócio, maior a elevação, como, pelo contrário, na descida maior é a queda. **Um sacerdote santo eleva consigo a Igreja.**

Como particularmente os cristãos se sentem felizes e possuídos de sadio orgulho, ao ouvirem dos lábios dos homens sensatos um julgamento favorável aos ministros de Cristo! **Não há melhor pregação nem maior poder convincente da santidade da Igreja do que a vida exemplar dos seus sacerdotes.**

Cônego Monte continua pregando. Basta que lhe recordemos a vida.

[...] Da romaria podem participar não só os seus promotores, os Marianos, mas **todos quanto queiram demonstrar de público a sua admiração à memória do santo e do sábio sacerdote** (A ORDEM, 24 mar. 1944, p.1, grifos nossos).

Pela citação, percebe-se que os promotores da romaria em homenagem a Monte o associaram ao Padre João Maria Cavalcanti de Brito (1884-1905),²³² o que constitui uma continuidade na ideia de que Natal produziu santos e que eles precisavam ser reverenciados. Nessa perspectiva, os promotores da romaria afirmaram que mesmo que os dois ainda não tivessem sido canonizados pela Igreja, os natalenses já podiam contar no céu com esses dois santos. Portanto, Monte apareceu, no convite, como alguém capaz de ajudar, do céu, as pessoas que estavam na terra. A romaria é apresentada como um momento em que se confirmava a santidade da Igreja, constatada na vida exemplar de um sacerdote, o que justificava que todos deveriam participar do evento cujo objetivo era louvar Monte, um santo e sábio padre.

No dia 25 de março de 1944, véspera da romaria, o convite, mais uma vez, estava presente na primeira página do jornal *A Ordem*:

Congregações Marianas Federação.

A diretoria da Congregação Mariana convida todas as congregações da capital a aparecerem, incorporadas com seus estandartes, a romaria ao

²³² Em 2020, Padre João Maria – como ele ainda é conhecido entre os natalenses – teve seu processo de canonização aberto pela Arquidiocese de Natal. Apesar desse processo não ter sido concluído, esse padre é considerado, sobretudo pelas classes populares natalenses, um santo, em razão do seu desprendimento das coisas materiais e de sua benevolência com os mais necessitados. Em 1919, a praça que está situada atrás da antiga Catedral de Natal, até então denominada Praça da Alegria, passou a se chamar Praça Padre João Maria e nela foi fixado um busto do sacerdote. Nessa praça desde as primeiras décadas do século XX muitos devotos cumprem, ainda hoje, promessas por graças recebidas, acendendo velas e depositando ex-votos. Em 1936, o Monsenhor José Alves Landim (1887-1968) escreveu a primeira biografia sobre o Padre João Maria, narrando-o como um santo (LANDIM, 1936).

túmulo do cônego Luiz Monte, amanhã [26 de março] às 8 horas o préstito sairá da sede da Federação, na Escola de Comércio de Natal (A ORDEM, 25 mar. 1944, p.1, grifos nossos).

Neste convite, é possível identificar que os organizadores da romaria não imaginavam realizar apenas o trajeto entre a Escola Técnica do Comércio e o cemitério do Alecrim, solicitando que as congregações levassem os seus estandartes, a fim de mostrar aos observadores a importância do evento, despertando neles a curiosidade sobre as razões para a homenagem prestada a Monte.

Essas duas romarias, promovidas em homenagem a Padre Monte, ocuparam praticamente todas as edições do mês de março, uma vez que uma semana antes da data prevista, o jornal *A Ordem* a notificava – diariamente – e, na semana seguinte, comentava as suas repercussões. Em razão disso, nas quatro semanas de março, as romarias foram assunto do jornal, demonstrando que elas, do ponto de vista simbólico, foram utilizadas para reforçar os discursos elaborados ao longo desse mês e que enfatizavam a sabedoria e a santidade de Monte. Isto reforça a minha hipótese de que as bases da construção de Monte como santo e sábio foram elaboradas em março de 1944, sendo que estas características foram reiteradas por diferentes sujeitos, servindo de base para a celebração do religioso ao longo dos anos.

Considero, portanto, que artigos jornalísticos, textos de homenagem, romarias e outras solenidades religiosas foram essenciais na construção de uma memória sobre Monte. Como já mencionei, tanto os editoriais do jornal *A Ordem* dos dias 28 e 29 de fevereiro de 1944, quanto as mensagens recebidas pela Igreja procuraram demonstrar as repercussões da morte de Monte. Entretanto, a partir de 3 de março, passaram a ser também comuns, nas primeiras páginas de *A Ordem*, longos textos escritos por diferentes sujeitos sobre Padre Monte.

No dia 3 de março,²³³ foi publicado o primeiro dos textos escritos por personalidades de destaque da cidade, enaltecendo a imagem de Monte. Nesse dia, o Cônego José Adelino Dantas²³⁴ escreveu um artigo intitulado *O Cônego Monte, legítima glória do seminário de S. Pedro*. Três ideias básicas estão presentes no artigo de D. Adelino Dantas: a associação entre as bodas de prata do Seminário de São Pedro e a morte de Monte; a associação entre o espaço físico do Seminário e as atividades desenvolvidas por Monte, incluindo-se a identificação do

²³³ Nesse dia, *A Ordem* notificou que Dom Marcolino Dantas completava 15 anos de bispado em Natal, mas que o fato não seria comemorado, em razão do falecimento de Monte. Isso demonstra a repercussão da morte de Monte teve no Clero.

²³⁴ Dom Adelino Dantas (1910-1983) foi reitor do Seminário de São Pedro entre março de 1935 e junho de 1952. Bispo de Caicó entre 1952 e 1958, bispo de Garanhuns entre 1958 e 1967 e Bispo de Rui Barbosa (BA) entre 1967 e 1975. Foi professor de Latim e Português. Tomou posse como membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras em 13 de setembro de 1949, tendo sido salgado por Luís da Câmara Cascudo. Dom Adelino Dantas tinha relações de amizade com Monte e com Cascudo.

Seminário como lugar para inspiração das suas ideias; a identificação do Seminário como relicário que preserva a memória de Monte e que, por isso, glorifica a pátria e a Igreja.

É interessante perceber que Dom Adelino Dantas, na condição de Reitor do Seminário de S. Pedro, construiu uma memória laudatória sobre Monte a partir da instituição que ele gerenciava. Na narrativa, Monte se fortalece com o Seminário e o Seminário se fortalece com Monte. O primeiro momento da narrativa é dedicado a construir uma imagem em que as histórias de Monte e do Seminário se interseccionam. Segundo Dantas,

O Seminário de S. Pedro, como é de domínio público, celebra este ano suas bodas de prata.

Até agora, nada se tem feito, para solenizar tão magno acontecimento além de simples noticiários. É verdade que já se estava delineando um plano para comemorá-lo no próximo mês de maio. Agora, porém, quando o anjo da morte bate-nos à porta para levar o nosso grande cónego Monte, agora em face da dor, do luto e da desolação, é que vemos quanto diferentes eram os planos de Deus.

Cónego Monte morreu justamente no mesmo mês no qual, há 25 anos passados, o Seminário S. Pedro fora creado.

O dia de sua morte quase coincidiu com o do seu ingresso no Seminário e recepção de batina. Eis agora, bem patentes, os admiráveis planos do creador. Eis como o Seminário de São Pedro comemora suas bodas de prata.

Comemora-se, mandando para o Céu, o seu primeiro sacerdote, ofertando-o a Deus como a dádiva mais preciosa, mais pura e mais santa, como primícias escolhidas e abençoadas de seus frutos sacerdotais.

Para os que têm fé e sabem ler os altos desígnios de Deus nos acontecimentos humanos, o desaparecimento inesperado do inolvidável Cónego Monte apresenta essa coincidência impressionante. E o Seminário, mesmo nesse conceto grandioso de dor, de lágrimas e saudade coletiva, sente e revela o alcance dessa compensação sobrenatural, que consola sobremodo. O cónego Monte foi o primeiro sacerdote e o único que se formou exclusivamente no Seminário de S. Pedro e o primeiro que este mesmo Seminário ofereceu ao céu.

Seminarista exemplar, na mais profunda acepção do termo, ele foi, dizem, *uma voce* seus antigos mestres e colegas. E agora essa dor imensa, o pranto e a saudade de todos nós bem traduzem a realidade líquida do quanto ele valia diante de Deus e diante dos homens (A ORDEM, 3 mar.1944, p.1 e 4, grifos nossos).

Pela citação, percebe-se que, inicialmente, Dom Adelino Dantas lamenta o fato de não poder comemorar, em maio de 1944, os 25 anos do Seminário de São Pedro, em razão da morte de Monte. Entretanto, esse diagnóstico inicial será revertido quando Dantas identifica a não realização da festa como um plano divino, no qual o Seminário, na condição de instituição profundamente ligada a Deus, ofertaria ao Senhor o que existia de melhor no seu corpo sacerdotal como um agradecimento pelas maravilhas proporcionadas por Deus ao longo desses 25 anos. Dom Adelino Dantas ratifica o argumento já expresso no *Livro de Crônicas do*

Seminário de que a morte de Monte foi um presente do Seminário para Deus e que, por isso, precisava ser celebrada. Desse modo, a dor da saudade deveria ser substituída pela certeza de que Monte tinha um valor infinito diante de Deus e dos Homens.

No segundo momento da narrativa, Dantas associou o espaço do Seminário com as atividades desenvolvidas por Monte e com as ideias por ele produzidas. Para Dantas, o Seminário guardava, nos seus espaços físicos, as memórias das ações e dos pensamentos que levaram à santidade e à inteligência de Monte. Salas e objetos usados por Monte ganhavam vida e se tornavam parceiros das grandes ideias, produzidas a qualquer hora do dia ou da noite. Essa associação entre as atividades de Monte, as ideias e os espaços do Seminário foram descritas por Dantas da seguinte forma:

O Seminário gloria-se de ser o relicário aberto das mais puras tradições do padre Monte. Tudo ali mais do que em qualquer lugar, fala de sua pessoa, de sua vida e de seus hábitos. E é por isso que o Seminário é uma recordação viva desse vulto que a gente não pode esquecer. **Ali está o seu gabinete de estudos, esse aposento estreito e humilde que ele tanto amava; aqueles livros, aquelas estantes, aquele bureau tão modesto, testemunha de suas vigílias vigorosas e constante de seus estudos profundos, de seus labores, de seu silêncio e de seu sofrimento.** Ah! Como agora tudo ali é desolação, como que à espera do dono amigo, que nunca voltará mais! **Aquele aposento que ele tanto estimava, laboratório fecundo do trabalho imenso de sua inteligência privilegiada santificado pela pureza de sua vida sacerdotal;** onde se cimentavam as grandes idéias e os profundos conhecimentos; **onde se esquematizavam as grandes conferências eruditas e os sermões magistras;** onde o cérebro de fogo trabalhava insone e a pedra irradiava serena e segura a luminosidade dos artigos admiráveis das polêmicas intrépidas em que o gênio e o amor filial se mobilizavam e se conjugavam dentro de um mesmo plano para travar o bom combate da defesa da Santa Mãe Igreja. Quem passasse diante do Seminário, na solidão das altas horas da noite, quando tudo dormia, divisaria sempre, através dos vidros de certa janela, a claridade de uma luz. Era *alguém* que velava, debruçado pelos livros ou passando piedosamente as páginas de seu Breviário, na última prece da noite. **Mais além, está o seu modesto laboratório, agora tão silencioso e tão desolado.** Montou-o à sua própria custa, **inclinado sobre o microscópio, ou manuseando um sem-número de provetas, ali o encontrávamos sempre, num trabalho paciente e admirávamos a argúcia,** a tenacidade, o bom humor, a atividade incansável do sábio humilde, que desinteressadamente organizava e classificava tudo (A ORDEM, 3 mar.1944, p.1 e 4, grifos nossos).

Após essa identificação entre os espaços do Seminário, as atividades de Monte e as suas ideias, Dantas considerou que o prédio que abrigava essa instituição era um relicário das memórias sobre Monte. Portanto, era motivo de honra para o Seminário ter abrigado em seus espaços um homem que tudo fizera em prol da Igreja Católica e da Pátria. Esse raciocínio foi apresentado por Dantas da seguinte forma:

O Seminário de São Pedro é realmente um relicário vivo das tradições do inesquecível cômego Monte. Tudo ali fala de sua vida e de sua pessoa. E é por isso que no Seminário a gente sente agora um vácuo incrível, que só aceitamos porque a realidade inapelável da morte nos obriga a tal. Diante de tudo, aquilo que lhe pertenceu e tão vivamente relembra as circunstâncias de sua vida e os traços de sua pessoa, mais e mais se aviva a nossa dor, se alimenta a nossa saudade, saudade do seu convívio, tão grande e tão santa, como grande e santa era a sua alma sacerdotal. O Seminário de São Pedro gloria-se de ter dado à Igreja e à pátria esse vulto nobre e eminente. E, por isso, saberá guardar religiosamente as tradições preciosas de seu aluno modelar, de seu primeiro Sacerdote, para exemplo e imitação de todos aqueles que, hoje dentro de suas paredes procuram em vão o seu mestre e amigo, e olham saudosos para os seus despojos queridos, sobre os quais, numa demonstração eloquente e sincera da amizade e da saudade, deixam cair a gota quente de suas lágrimas copiosas (A ORDEM, 3 mar.1944, p. 4, grifos nossos).²³⁵

Como se pode constatar na passagem acima, Dom Adelino Dantas empenhou-se em assegurar que toda a genialidade e santidade de Monte seriam guardados permanentemente no Seminário de São Pedro, instituição apresentada como espaço físico ideal para reverenciar o ilustre sacerdote que deveria ser imortalizado pelas ideias e práticas desenvolvidas aqui na terra, que o levaram para o céu como uma decisão do Senhor.

Ainda no dia 3 de março, a Juventude Feminina Católica Brasileira de Natal convidou a sociedade natalense para a missa que seria realizada às 7 horas da manhã de sábado, 4 de março, na capela do Colégio Imaculada Conceição. No dia seguinte, 4 de março de 1944, a principal manchete do jornal *A Ordem* informou que “na segunda-feira próxima, às 6,30, na Catedral, será sufragada a alma do Cômego Luiz Monte, que deixou na lembrança de todos uma impressão duradoura de saber e santidade”. Além disso, foi divulgada nota assinada por Célia Vale Xavier, presidente diocesana da Juventude Feminina Católica em Natal, agradecendo a presença de todos os que tinham assistido à missa de sétimo dia em homenagem a Padre Monte. Sintetizando as notícias sobre as celebrações do sétimo dia de morte de Monte, *A Ordem* do dia 6 de março noticiou, em sua manchete principal “As romarias e o sufrágio em honra do cômego Monte denunciam julgamentos e impressões que exaltam a Igreja de que era digno Ministro”. (A ORDEM, 6 mar. 1944, p. 1). Por essa manchete, fica evidente que as celebrações de sétimo dia pelo falecimento de Monte estiveram voltadas a associar a exaltação das virtudes²³⁶ de Monte com a exaltação da Igreja Católica. Nesses termos, ao se celebrar Monte, celebrava-se, acima de tudo, a própria Igreja Católica.

²³⁵ Este artigo está também na *Antologia 3*. (MONTE, 1979, p. 299-300).

²³⁶ Até o fim de 1944, Paiva atuava como diretor do Colégio Diocesano de Mossoró. No final desse ano, transferiu-se para Natal e recebeu de Dom Marcolino Dantas o título de Cômego Honorário.

Ainda na edição de 4 de março, o Padre Jorge O’Grady de Paiva escreveu um artigo intitulado *Ad Lucem versus*, no qual apresentava dez aspectos da vida de Monte: o homem predestinado a ser luz; a inteligência e o autodidatismo; as relações entre Paiva e ele; capacidade de produção sobre temas científicos; polemista; corpo franzino, mas com grande resistência física; modesto; domínio pleno dos textos sagrados e das línguas; sofria ao ser incompreendido, mas não desanimava. Como se pode constatar, Paiva recorreu e evocou discursos anteriores sobre Monte e, a partir desses dez aspectos ressaltados, apresentava um roteiro para a exaltação do cônego. O primeiro aspecto apresentado se refere à condição de Monte como um predestinado para a luz. Segundo Paiva,

Traçou Luiz Gonzaga do Monte, o sacerdote e mestre que jamais deixaremos de prantear, para o cenáculo de letras norte-rio-grandense, **o lema: ‘voltado para a luz’ – *ad lucem versus***.²³⁷

Naquilo que expressamos vai a nossa alma. Cada um de nós vê o mundo da sua janela. As apreciações refletem em intensidade e extensão o gosto, a sensibilidade, a formação. Deus está nas criaturas, que lhe revelam os divinos atributos. O homem projeta o seu “eu” no que cria, define ou vê.

Ad Lucem versus é o luminoso destino de um homem. Os 39 anos de sua vida duraram o instante do relâmpago iluminando o céu. Veio ao mundo para ser luz e “luz que brilha no céu”. Por isso ordenou-se. O sacerdote é a “luz do mundo”.

Luiz Gonzaga do Monte, filho primogênito, **abriu os olhos à vida, ao reverbero do sol pernambucano**. E como se não bastara, um **nome iluminado – Vitória – foi a sua cidade berço**.

Revelou, de tenra idade, inteligência privilegiada e coração terno e generoso. **Era de ver, criança de cinco anos privar-se de alimentos para dá-los aos pobres**. Sempre obediente e piedoso, **nele madrugaram razão e sizo**. Foi o encanto e a alegria dos pais. **Toda vida, afetuosíssimo, jamais arrefeceu a sua grande ternura. Antes, crescia. Homem feito, já sacerdote, continuava a expandir no lar, de mil maneiras graciosas, a sua grandeza da alma. Feliz mãe, objeto de sua particular predileção. Feliz pais, felizes irmãos. Viveram de seus carinhos e cuidados. Vive agora de sua grande saudade** (A ORDEM, 4 mar. 1944, p.1, grifos nossos).²³⁸

Utilizando-se do lema escrito por Monte para a ANRL, Paiva iniciou sua reflexão afirmando que Monte criou o lema expressando o que estava dentro de sua alma. Ou seja, para Paiva, foi o fato de Monte possuir em seu interior a luz que o fez criar esse lema: ele se sentia luz e, por isso, criou esse lema. Nesses termos, a luz sempre fora o destino de Monte. O autor

²³⁷ Essa ideia de Paiva é contestada por Dom Adelino Dantas, para quem *Ad Lucem Versus* significa *em direção a luz* e não *voltado para a luz*, como afirmou Paiva. Discutirei as ideias de Dom Adelino sobre o lema da Academia Norte-rio-grandense de Letras ainda neste capítulo.

²³⁸ Este texto está também na Antologia 1, p. 261-263. Nela, o texto está com o título “Depoimento” e, ao final, está indicado: “De ‘Na Seara das Letras, da Fé e da Ciência’”. Suponho que Navarro esteja se referindo ao livro “Nos domínios letras e da ciência”, organizado por Jorge Paiva. Entretanto, eu não encontrei nessa obra o texto publicado no jornal *A Ordem*.

considerou que os 39 anos de Monte passaram rapidamente, muito provavelmente, por acreditar que o religioso morreu prematuramente,²³⁹ percepção que é partilhada por muitos dos admiradores de Monte como, por exemplo, Jurandyr Navarro.

Apesar de considerar que a passagem de Monte na terra havia sido muito rápida, Paiva interpretou que ela havia sido marcante e podia ser comparada a um relâmpago que, apesar de durar segundos, ilumina todo o céu. Nesses termos, Monte havia passado pouco tempo na terra, mas a sua presença havia trazido luz para quem dele se aproximou. Na perspectiva de Paiva, Monte se tornou um sacerdote por ter nascido com uma luz, o que o levou a estabelecer mais duas associações: por ele ser luz, nasceu no “reverbero do sol pernambucano”²⁴⁰ e, além disso, nasceu numa cidade com um nome iluminado, Vitória.

O que se percebe é que Paiva construiu uma narrativa teleológica da vida de Monte a partir da analogia com a luz. Monte foi luz, por ter nascido em uma cidade com grande incidência de luz solar, chamada Vitória, e se tornou sacerdote. Percebe-se, na narrativa de Paiva, que há todo um encadeamento para mostrar que o religioso já havia nascido pronto para desenvolver todas as atividades que realizou ao longo da vida.

Com esse mesmo espírito teleológico, Paiva discutiu as relações familiares de Monte. De acordo com ele, desde os cinco anos, Monte se privava de alimentar-se para dar aos pobres, o que revelava a ternura e a generosidade que sempre estiveram com ele. Como se pode constatar, é como se as características esperadas em um sacerdote tivessem nascido com o próprio Monte. Ele acrescenta, ainda, que Monte sempre amou e foi amado pelos seu pai, pela sua mãe e pelos seus irmãos. Em razão disso, seus familiares viveram dos seus carinhos e, por isso, sentiam, depois da morte, uma grande saudade. A conduta familiar perfeita foi um elemento decisivo apresentado por Paiva para construir a imagem de Monte como santo.

O autor dedicou-se também a apresentar e exaltar as características intelectuais de Monte, dentre as quais se destacavam, segundo ele, a inteligência e o autodidatismo. Monte, segundo Paiva, havia nascido com capacidades intelectuais superiores, como pode ser visto na citação a seguir:

Dotado de prodigiosa memória, aprendia quando estudava. E estudou a vida inteira. Adquiriu imenso cabedal de ciência.

Possuidor de genial intuição e extraordinária agilidade mental, que lhe podiam valer o título de clarividente ou iluminado, transcendeu os limites

²³⁹ A menção à morte prematura aos 39 anos associa-se à ideia de que Monte deveria ter tido uma vida longa. Entretanto, a vida de uma pessoa está circunscrita ao que ela viveu, e não ao que poderia ter vivido. A pretensão de uma vida futura para quem morreu termina reforçando a ideia de heroísmo.

²⁴⁰ A ideia é que Monte é luminoso como o sol de Pernambuco. A expressão “reverbero do sol pernambucano” foi retirada da própria citação de Paiva.

das ciências eclesiásticas para devassar os demais domínios do saber.

Elevou-se sem sair do ambiente do seminário, onde sempre viveu, a um nível cultural raras vezes atingido. Contou, no início da sua carreira científica, com as luzes, o estímulo e a compreensão de Dom José Pereira Alves, cuja biblioteca lhe foi, sem reservas, franqueada. Tornou-se depois autodidata (A ORDEM, 4 mar. 1944, p.1, grifos nossos).

Pela citação, fica evidente que Paiva considerava que Monte havia nascido com três características: memória privilegiada, intuição aguçada e poder de clarividência. Teriam sido essas características, segundo ele, que justificavam sua inclinação à ciência, a grande capacidade de retenção de informações e a descoberta e inventos muitos antes que fossem realizados por outros homens de ciência. Paiva faz questão de ressaltar que Monte nunca saiu do Seminário de São Pedro, contando apenas com a biblioteca privada do Bispo Dom José Pereira Alves. Para ratificar as características que atribui a Monte, Paiva observa que:

Conheci-o de perto. Tive-o como mestre e orientador. Privei, 6 anos de seu convívio diário. Bem posso avaliar da sua excepcional capacidade. Logo que venham a ser publicadas as obras que deixou, manuscritas, ver-se-á a contribuição pessoal com que enriqueceu o patrimônio científico (A ORDEM, 4 mar. 1944, p. 1).

Como se pode constatar, Paiva tentou legitimar as informações que deu sobre Monte a partir do convívio que teve com ele. Vale lembrar que o autor ingressou no Seminário de São Pedro em 1929 e permaneceu nessa instituição até 1935, quando terminou o curso e assumiu suas funções sacerdotais no Colégio Diocesano de Mossoró. Ao longo desses seis anos, Monte e Paiva viveram no Seminário, sendo que, mesmo depois de ir para Mossoró, ele continuou desfrutando da amizade de Monte, a qual foi acionada para legitimar estas informações.

É interessante observar, ainda, que Paiva mobilizou a luminosidade, a inteligência e os laços familiares de Monte para dar sentido à uma narrativa que atinge seu auge com a capacidade de produção intelectual de Monte. Ainda que as obras de Monte ainda não tivessem sido publicadas em sua totalidade, Paiva já anunciava que elas enriqueceriam o patrimônio científico. O autor identificou as áreas às quais Monte havia se dedicado e também aquelas nas quais, por sua produção, deveria ser reconhecido, apresentando-o como sábio por ter produzido

Fórmulas matemáticas criadas ou simplificadas; sistematização ou didática da biologia; classificações; comparações várias; demonstração fisiológica da possibilidade e vantagens da continência e castidade; valor e defeitos da psicanálise; destruição das bases experimentais do espiritismo clássico, revelarão o sábio que Natal possuía (A ORDEM, 4 mar. 1944, p. 1).

Paiva reiterou a importância da produção científica de Monte, observando que:

Se é que já não foi bastante revelado pelos magistrais artigos que publicou, alguns com pseudônimos, na imprensa provinciana, e que o próprio escritor Câmara Cascudo, num gesto de comovente apelo diante do cadáver, lembrou, deveriam ser enfeixados em volume. Nessa colaboração, esparsa estão tratados com maestria temas de bioquímica, evolucionismo, criminologia, biotipologia histórica, psicologia, mineralogia, cosmologia e astronomia (A ORDEM, 4 mar. 1944, p. 1, grifos nossos).

Como se pode observar, Paiva considerava provinciana a imprensa natalense, o que parece sugerir que não estava à altura dos textos de Monte, que deveriam desfrutar de reconhecimento nacional e, até mesmo, internacional. É, por esta razão, que ele exalta o discurso proferido por Cascudo durante o sepultamento do religioso, no qual ele sugeriu que fossem reunidos em um volume, o que foi, posteriormente, feito por Jurandyr Navarro, que os organizou nas *Antologias do Padre Monte*.

Paiva dedicou-se, também, a destacar a atuação de Monte como polemista, e nos seguintes termos:

Polemista vigoroso unindo o vivo e fluente do estilo à rigorosa argumentação, **vencia o adversário ganhando-lhe a admiração e até a própria amizade.** Espírito profundamente analítico, descia aos mínimos detalhes. E com um poder de síntese admirável, coordenava os conhecimentos adquiridos. Tão bom teórico como experimentador. Nele a visão da minúcia jamais prejudicou a do conjunto. Daí uma cultura tão harmoniosa que ele podia alimentar a fé na ciência (A ORDEM, 4 mar. 1944, p. 1, grifos nossos).

Vale lembrar que esta atuação já havia sido destacada no editorial d'*A Ordem* publicado no dia da morte de Monte. Entretanto, na narrativa de Paiva, ela ganha mais corpo, na medida em que ressaltou o estilo e a argumentação usados por Monte, enfatizando que o religioso desfrutava da admiração e da amizade dos seus adversários. Adianto que na análise que realizei dos textos das polêmicas não encontrei evidências desta admiração por parte dos seus adversários, mesmo assim esta descrição feita por Paiva foi mobilizada em vários momentos após a morte de Monte, sendo apresentada como indício da sua sapiência e generosidade.

Paiva também descreveu a estrutura física de Monte, apresentando-o como alguém que possuía uma

Constituição longínea, em que a vida da relação predomina sobre a negetativa [sic], **viveu quase só do espírito.**

Era de notar-se quanta energia acumulava no corpo franzino. Nunca adoeceu, gravemente. Só para morrer. E o quadro clínico da sua consumpção revelou instabilidade desnorteante. **Não tossia. Não tinha escarros. Não sofreu Hemoptises.**²⁴¹ Que gigantesca resistência física! Extinguiu-se de vez. Como uma luz que se apaga de repente.

[...]

Conversando, usava de linguagem tão banal que quem não o conhecesse nem de leve suspeitaria do seu primoroso talento. Só se revelava, nessas ocasiões, pelo olhar expressivo e profundo.

Alma simples, reta, pura. Superior às vaidades e contingências da vida (A ORDEM, 4 mar. 1944, p.1, grifos nossos).

Observe-se que, no texto, Paiva dá destaque ao corpo franzino de Monte com o propósito de engrandecê-lo, em especial, sua força interior. Chama-nos a atenção o fato de que, nesta descrição, o religioso é apresentado como um homem saudável, entretanto, em outros depoimentos, encontramos informações de que Monte se alimentava fora de horário, dormia pouco e trabalhava muito. É difícil saber se ele realmente gozava de boa saúde antes de contrair tuberculose, uma vez que não há fontes que tratem sobre isto. É difícil também saber sobre o seu estado de saúde durante os tratamentos a que se submeteu, uma vez que também não encontrei menção alguma sobre esta questão. Nem em depoimentos e nem em textos escritos, ninguém fala sobre a doença de Monte.

Pelas fontes a que tive acesso, não é possível afirmar que a aparência física de Monte entrava em conflito com sua fortaleza interior. Na narrativa de Paiva, o religioso é apresentado como alguém dotado de uma estrutura física robusta, o que se coaduna bem com a analogia que ele fez: uma luz forte como o relâmpago que ilumina a todos, ainda que por pouco tempo. Para Paiva, Monte teria vivido sempre forte e teria morrido de repente, narrativa que favoreceu a criação de muitas histórias logo após sua morte e foi um caminho fértil para a construção de sua memória por parte de seus admiradores.

Aliada à sua fortaleza interior, também sua modéstia foi exaltada. Na citação anterior, fica evidente essa qualidade quando Paiva se refere à “linguagem tão banal” usada por Monte, que o colocava como alguém superior às vaidades terrenas e que, a despeito de sua grande inteligência e erudição, sabia se comunicar facilmente com qualquer pessoa. Sua erudição, aliás, voltaria a ser referida quando Paiva menciona o domínio que Monte tinha dos textos sagrados, das línguas e da espiritualidade:

²⁴¹ Hemoptises é a expectoração de sangue advinda dos pulmões, da traqueia e dos brônquios, sendo observável em pacientes com tuberculose em estágio avançado, como era o caso de Monte.

Penetrava com poesia e encanto o sentido dos textos sagrados. Tinha comentários e conclusões lindas. As suas percepções inspiradas na natureza e na mitologia, revestiam patética beleza.

Exímio cultor de línguas, hebraísta, helenista, latinista, metrificava com não menor facilidade do que elevação. Lia em inglês e alemão. Segredos para ele não tinham as neorromânicas.

Sua piedade e recolhimento ao celebrar, eram notórios. Recitava infalivelmente o breviário, fosse altas horas da noite. Dava direção espiritual do muito da espiritualidade que tinha (A ORDEM, 4 mar. 1944, p.1, grifos nossos).

Percebe-se que Paiva exaltou o domínio que Monte tinha dos textos sagrados, o que possibilitava seus comentários e argumentos buscados nas passagens bíblicas. Além disso, na visão de Paiva, o religioso era também capaz de associar as passagens bíblicas com fenômenos e elementos que encontrava na própria natureza. A este conhecimento erudito se somava o domínio de vários idiomas estrangeiros, o que possibilitava o contato com obras de renomados autores e que as celebrações por ele conduzidas, bem como as orientações espirituais que fazia fossem de qualidade superior.²⁴²

Concluindo o seu texto, Paiva exaltou a capacidade de superação demonstrada por Monte diante de críticas que recebia e reforçou a importância da sua vida para as pessoas que haviam convivido com ele. Com evidente tom laudatório, Paiva encerra o texto da seguinte forma:

Muito sofreu. Sobretudo incompreensões, mas como São Paulo, sabia alegrar-se no meio das tribulações.

Vida utilíssima, deixou um sulco no meio onde atuou. Sua influência no ambiente social era poderosa. **Foi um amigo a toda prova e um conciliador admirável.**

Nas dobras da sua ilibada sotaina, como nos tons escuros das roupas das telas de Rembrandt vistas por Ludwig, ‘escondia-se a luz’, ‘no momento oportuno, jorrava a fonte **era a inteligência, era o coração** (A ORDEM, 4 mar. 1944, p.1, grifos nossos).

Observe-se, na citação, que Paiva afirma que Monte sofreu incompreensões, não explicitando, no entanto, quais foram ou quem criticou suas posições. A imagem de um Monte incompreendido, contudo, é perfeita para ressaltar a capacidade que tinha de alegrar-se diante das dificuldades, sem render-se ao sofrimento. Esta é também uma das características de sua conduta que foi apropriada pelos admiradores de Monte, que procuraram exaltar os momentos em que o religioso demonstrou agir como um perfeito cristão.

²⁴² Provavelmente, esses três aspectos ressaltados por Paiva serviram de inspiração para que outros os utilizassem nas análises sobre Monte. Aliás, esses aspectos estão retratados na própria biografia de Monte elaborada posteriormente por Paiva.

Monte, segundo Paiva, teria deixado marcas profundas na sociedade como um todo e entre seus amigos, em particular. Sua simplicidade escondia a luz existente no seu interior, da qual brotavam a inteligência e o coração do religioso. Como se pode constatar, este texto escrito por Paiva oferecia um roteiro para as pessoas que desejassem exaltar Monte enquanto um religioso santo e sábio.

No dia 5 de março de 1944, o jornal *A República* publicou um artigo de Aluízio Alves, intitulado *Evocação do amigo morto*. No dia seguinte, uma segunda-feira, o jornal *A Ordem* republicou, integralmente, o texto. Vale lembrar que Aluízio Alves era amigo de Monte, acompanhou toda a sua doença e esteve presente no momento de sua morte. No dia em que Monte faleceu, Aluízio tinha 22 anos. Apesar de jovem, Aluízio atuou, entre 1944 e 1945, como redator do jornal *A República* e presidente da Legião Brasileira de Assistência (LBA) (ALVES, Aluízio..., 2019) no Rio Grande do Norte. Nesse período, ganhou projeção como organizador e especialista dos serviços assistenciais no Rio Grande do Norte. A relação de Monte com Aluízio foi muito favorecida pela relação entre as obras assistenciais desenvolvidas pelo religioso e os recursos gerenciados pelo redator do jornal e presidente da LBA. O texto de homenagem a Monte foi escrito por Aluízio no momento em que se anunciava o seu rompimento com o projeto político do Estado Novo. Em 1945, Aluízio Alves participou da fundação da União Democrática Nacional (UDN) e, em outubro do mesmo ano, foi eleito deputado federal, dando início à uma carreira política vitoriosa. Deve-se, portanto, considerar que, mais do que uma homenagem pessoal a Monte, sua manifestação esteve ligada ao momento político, no qual ele despontava como uma jovem liderança que buscava projetar-se e angariar o apoio dos católicos e dos admiradores de Monte.

Em seu texto, Aluízio Alves rememorou os momentos que viveu com Monte:

Evocação do amigo morto

Aluízio Alves

No silêncio da tarde que vai morrendo, evoco a figura mansa e dominadora do grande morto.

Revejo-o olhos fascinantes de curiosidade intelectual, debruçado sobre os livros, manobrando instrumentos científicos, absorvido nos mistérios da Natureza, mestre de ciências múltiplas, com a eterna e incurável preocupação de mais saber.

Lembro-o na tribuna e no púlpito, conduzindo almas e inteligências à magia irresistível da palavra exata e encantadora, a que antecede num ritmo de suavidade inesquecível, **o desenho fácil das mãos que parecem também falar.**

Recordo-o também na alegria quente dos salões de aula, descobrindo, ao espírito da juventude inquieta, as maravilhas ignoradas da ciência, organizando e facilitando raciocínios, a tudo envolvendo, sob o ar modesto

de quem não ensina, mas, apenas, comunica com uma expressão espontânea de compreensão fecunda e feliz.

Relei-o nas pugnas da imprensa, admirável, sutil, vibrante, ágil, apagando indiferenças, clareando ignorâncias, rendendo à Verdade o culto para qual viveu num testemunho permanente e glorioso.

Penetro na sombra humilde e recolhida dos templos, e, à luz brucolante dos círios dos altares, volta-me a sua figura tranquila, celebrando o sacrifício supremo, com as mãos, a inteligência e o coração voltados para a eternidade, consagrando, aos dedos trêmulos, a hóstia imaculada que arrancaria da agonia espiritual para a plenitude da vida as almas sacudidas pelo infortúnio e pelo desânimo. **Ao recanto silencioso do confessionário, escondida da indiscrição humana, aparece-me a sua fisionomia sempre sorridente,** clareando caminhos, encorajando e reerguendo corações, como uma imensa força apostólica que não recuava ante os apelos do ministério, insensível ao frio das madrugadas, às trevas da noite, às caminhadas cheias de sol e de sofrimento (A ORDEM, 6 mar. 1944, p. 1, grifos nossos).²⁴³

Em seu texto, Aluizio Alves rememorou atributos que já haviam sido mobilizados por Paiva e por Dantas poucos dias antes, como já mencionei anteriormente. O jovem político destaca a curiosidade intelectual de Monte, a sua dedicação aos livros, o manuseio dos instrumentos científicos e o interesse pelos diversos campos da ciência, reforçando as opiniões de outros autores que o haviam apresentado como um grande intelectual e cientista. Alves lembrou, também, a atuação de Monte nos púlpitos, nas salas de aula, nas páginas da imprensa e no confessionário, e, para cada um desses espaços de sua atuação, há um elogio, que aproxima sua narrativa das outras já feitas sobre o religioso.

O jovem político não deixou, no entanto, de descrever sua relação pessoal com o religioso e como se lembrava dele:

Evoco-o no burburinho trepidante das ruas, franzino andar ligeiro, olhos voltados para o chão, entregue às grandes, profundas e memoráveis preocupações de sua grande vida, e para tudo dispondo de tempo, multiplicando à exigência de deveres penosos, e sempre realçando, no rosto banhado pela luz de uma bondade sem limites uma alegria comunicativa e envolvente, diante da qual morreria todas as reações da fadiga humana.

Mas, **no silêncio da tarde que vai morrendo perto de mim, que tanto afeto lhe devotava o que dele recebi os estímulos imperecíveis de uma amizade espontânea e sincera, eu não avisto esse homem admirado pelas multidões, nos sucessos das tribunas, da imprensa, da ciência e do apostolado.**

Ao contrário, sinto a presença, para a qual nem a morte poderá criar distâncias, a presença confortadora, santa invisível do grande amigo das almas amarguradas.

Em verdade, **não há, na figura do cônego Luiz Gonzaga do Monte, uma marca mais sensível e característica.** O seu imenso segredo, a admirável sedução de sua alma, estava, certamente, numa **permanente vocação de servir ao próximo, servir com alegria e simplicidade sem**

²⁴³ Este texto está também na Antologia 3 (MONTE, 1979. p. 287-288).

diminuir ou humilhar, tocado por um poder misterioso de resolver dificuldades, apaziguar angústias e dúvidas, levantar ânimos abatidos, indicar meios de recuperação espiritual.

Na modéstia do seu quarto de estudo, na tarefa silenciosa dos confessionários, nas ruas, sob a verde proteção de uma árvore, quantos corações não foram buscar conforto para seus sofrimentos, conselhos para as suas inquietudes, força para as suas fraquezas, uma palavra de orientação para os destinos sombreados. Ninguém que ali passasse surpreenderia no gesto manso dos seus braços ou na expressão dos seus olhos, o mundo de torturas que se estivesse debatendo. Porque ele sabia ouvir, e como ninguém, guardar e dizer confidências. Fazia-o sem esconder o milagre de uma sensibilidade quente e duradoura, mas, sempre transmitindo uma penetrante mensagem de esperança e de fé.

Essa presença não fugirá, nem se deixará prender à fria realidade do túmulo. Continuará, impalpável, tranquila e muda, mas, sempre espalhando aleluias de bênçãos nos lares ofendidos pela desgraça, nas almas esmagadas pelo desencanto, nos olhos onde hajam lágrimas a enxugar, em todos os minutos em que um coração dolorido busque o conforto da fé e da alegria cristã.

Ainda não acordei da brutal tragédia que, ao meu testemunho, se desenrolou numa triste manhã de sanatório. Mas, todas as vezes que tento refletir sobre a dura realidade.

Morte, tudo vem me dizer que **Padre Monte continua vivo à sua vocação de santidade e renúncia**, consolando enfermos, guiando a juventude, amando as criaturas sofredoras, e por elas sofrendo numa doação misteriosa de sua inesgotável sensibilidade.

E todas as vezes que, na distância dos dias, dele procuro ter saudades, só tenho encontrado motivos para, diante dos resultados maravilhosos de sua obra espiritual, sentir uma inapagável sugestão de esperança e de glória (A ORDEM, 6 mar. 1944, p. 1, grifos nossos).

Observe-se que a primeira descrição que Aluízio faz sobre Monte é de seu corpo franzino, aspecto que, aliás, está bastante presente nos textos daqueles que se dedicaram a construir uma memória sobre Monte. Para seus admiradores, a fragilidade de seu corpo é inversamente proporcional à fortaleza de seu espírito. Aluízio associou o corpo franzino de Monte com o andar ligeiro, com o pensamento profundo, com a bondade. Para ele, seu corpo não poderia mais ser visto nos lugares nos quais atuou, mas poderia ser sentido como uma presença santa que confortava os seus amigos, que permaneciam na vida terrena, como era o caso do próprio Alves. Em razão disso, sua presença, mesmo depois da morte, seria tão forte que jamais seria esquecida, uma vez que Monte continuaria vivo e viva permaneceria a sua santidade.

No dia 7 de março de 1944, Nilo Pereira (1909-1992) escreveu seu depoimento sobre Padre Monte. Nascido em Ceará-Mirim, em 1922, Pereira deixou sua terra natal aos 13 anos de idade, para morar em Natal, na casa de sua irmã mais velha. Tornou-se aluno da Escola Técnica do Comércio, dirigida pelos intelectuais católicos Alberto Roseli e Ulisses de Góis, que foram

seus professores, orientadores intelectuais e religiosos e os responsáveis por sua iniciação no jornalismo, uma vez que eram editores do jornal católico *Diário do Natal*. Eles também foram os responsáveis por seu ingresso na Congregação de São Luís Gonzaga, quando contava com 14 anos de idade.

Ulisses de Góis exerceu grande influência na sua formação e possibilitou sua convivência com o laicato católico, especialmente com Dom Pereira Alves, sendo que ambos asseguraram o apoio intelectual e financeiro para que desenvolvesse seus estudos. Foi durante o período em que foi aluno do Colégio Santo Antônio que iniciou a relação de amizade com Padre Monte. Em 1928, foi aprovado em primeiro lugar na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, ficando na capital federal por apenas um ano, quando se transferiu para a Faculdade de Direito do Recife (MORAIS, 2011, p. 102-106). Em Recife, tornou-se Diretor do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, Secretário de Estado e foi Deputado Estadual, com forte ligação com o movimento integralista. Após a conclusão do curso de Direito, Nilo Pereira estabeleceu-se em Recife, onde viveu até a sua morte.²⁴⁴

É preciso considerar que em 1944, Nilo Pereira já era um intelectual católico bastante respeitado²⁴⁵ na sociedade natalense e o seu depoimento serviu como argumento de autoridade para legitimar a memória sobre Monte. Em seu texto, encontramos as seguintes descrições sobre Monte:

O Padre Luis Monte

Nilo Pereira

Eu quero dar o testemunho de minha emoção, no momento em que venho a saber do falecimento do padre Monte. A notícia da morte desse santo e desse sábio é dessas que nos deixam estarecidos por muito tempo, porque nunca podemos nos habituar com o desaparecimento de um homem de exceção, como foi o padre Luiz Monte. **Conheci-o mui de perto e ninguém podia dar uma impressão mais viva e mais inapagável da modéstia e da simplicidade do que ele; ninguém foi mais comunicativo, mais acessível, mais fácil de ser penetrado na inteligência e no coração.** Sua alma estava à flor da pele. Podíamos vê-la, quantas vezes encontrássemos o padre; e sempre que a vimos, não era senão para admirar as qualidades excepcionais, as virtudes magníficas, os **dons inigualáveis que faziam do padre Monte uma das figuras mais completas de sua geração.** Eu imagino como, a estas horas, estão a chorá-lo quantos o conheceram, quantos o ouviram em sermões e discursos inesquecíveis, quantos tiveram a felicidade de sentir de perto essa alma de eleição, clara e pródiga.

²⁴⁴ O depoimento de Nilo Pereira sobre Monte expressava o pensamento de um intelectual católico, que, além de ter convivido com o religioso, possuía muitas afinidades, mesmo não morando em Natal.

²⁴⁵ Ao longo de sua vida, Nilo Pereira foi membro da Academia Pernambucana de Letras, da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e da Academia Paraibana de Letras. Foi agraciado com o prêmio Machado de Assis, oferecido pela Academia Brasileira de Letras, foi doutor honoris causa pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e foi professor emérito e doutor honoris causa pela Universidade Federal de Pernambuco.

Padre Monte, ainda era clérigo, e já era professor. No Colégio Santo Antônio, fui seu aluno de História Natural. Da minha turma, era esse outro espírito muito, semelhante ao dele - Afonso Bezerra²⁴⁶ - que a morte fez preceder ao Padre Monte no prêmio às virtudes e no gozo da felicidade eterna. **Padre Monte muito moço e muito franzino, era pouco mais velho do que nós outros;** mas em torno dele havia um prestígio, uma auréola de respeito e de admiração que todos nós voltávamos às suas qualidades e aos seus dotes. **Poucos professores terão sido mais claros, mais incisivos, mais objetivos do que ele.** Propúnhamos questões, dificuldades de toda natureza, e o padre, com um sorriso amável, resolvia tudo com uma facilidade espantosa. Depois das aulas, o assunto não era o capítulo que serviu de lição; - o padre, isto é, o clérigo ocupava toda a nossa atenção e não tínhamos palavras para exaltar o seu talento. Acontecia freqüentemente que o professor se misturava aos alunos; e, então, o seu prestígio subia ainda mais e uma admiração profunda e sólida ganhava o nosso espírito por aquele futuro sacerdote, que conservou por toda a sua vida uma fisionomia lírica de seminarista.

Na última vez que o vi, padre Monte falou-me intensamente sobre os seus planos de estudos, levou-me a ver os seus livros e mostrou-me notas incisivas e lúcidas que havia escrito contra a doutrina de Freud. Não sei se ele teria feito um livro com essas notas; mas todos nós, seus amigos, podíamos tomar a tarefa de reunir tudo quanto ele escreveu para tomá-lo ainda mais lembrado no livro que a sua modéstia não consentiria que saísse. É também uma dívida que temos para com Afonso Bezerra.

Padre Monte foi um exemplo inimitável de fidelidade a uma vocação de sacerdote e de cientista, de professor e de orador e ele a cumpriu com uma elevação e com uma dignidade extraordinárias. Sua vida é um caminho retilíneo e o legado moral que nos deixa ainda é mais belo com o sacrifício da sua mocidade, aceito com a resignação dos santos.

Eu me associo, com esta nota, à dor que enche, neste momento, o coração católico do Rio Grande do Norte; mas, sobretudo **presto o meu testemunho de admiração por esse grande amigo que desapareceu na morte, para se tornar ainda maior entre os vivos** (A Ordem, 7 mar. 1944, p. 1, grifos nossos).²⁴⁷

Como se pode constatar, Nilo Pereira apresenta as suas ideias sob a forma de um testemunho, desejando mostrar ao público que as suas palavras eram fruto da emoção que sentiu ao saber da morte do religioso, a quem conhecia bem por ter estabelecido uma relação de amizade. O início do texto já mobiliza o argumento de autoridade, uma vez que Nilo Pereira deixa claro que o que diz sobre Monte está referendado em experiências concretas e, por isso, verdadeiras. Para o autor, Monte havia sido um homem simples, comunicativo e com grande coração, além de ter sido uma das figuras “mais completas da sua geração”, tendo pronunciado

²⁴⁶ Afonso Ligório Bezerra (1907-1930), desde os 16 anos, tornou-se um escritor habitual de artigos para jornais de Natal, de Recife e do Rio de Janeiro. Em 1928, ingressou na Faculdade de Direito de Recife, mas em 1929 teve que abandonar os estudos, em razão de ter contraído tuberculose, doença que levou a sua morte, em 1930. Sua atividade intelectual foi bastante destacada por Câmara Cascudo e outros intelectuais da cidade. Na fundação da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, ele foi um dos primeiros patronos a serem escolhidos. A associação entre ele e Padre Monte, apresentada por Nilo Pereira, é recorrente em textos produzidos por pessoas que conheceram os dois, sendo que ela aparece sempre a partir de três características: a oratória, a capacidade de escrever e a morte pela tuberculose.

²⁴⁷ Este texto também foi publicado na Antologia 3. (MONTE, 1979. p. 279-280).

sermões e discursos inesquecíveis. Durante o período em que foi aluno de Monte, pôde perceber tanto o domínio que tinha dos conteúdos, quanto a sua simplicidade no convívio.

Nilo Pereira também faz referência a alguns escritos nos quais Monte tece críticas ao pensamento de Freud, mas, ao que me consta, esses escritos nunca foram publicados em sua totalidade. Isto, contudo, não impede que eles sejam continuamente mencionados pelos admiradores de Monte, sendo que muitos defendem que eles foram queimados pelo próprio Monte antes de morrer, uma justificativa correntemente empregada para mostrar que o religioso produziu muito mais do que hoje se conhece. Tal como Paiva, Nilo Pereira também sugeriu que os amigos de Monte deveriam encarregar-se de reunir os seus escritos para eternizá-lo. Nesses termos, pode-se afirmar que o esforço feito por Jurandyr Navarro, e que se materializou nas *Antologias do Padre Monte*, foi proposto em março de 1944, tanto por Cascudo, quanto por Paiva e Nilo Pereira. O texto é encerrado com a afirmação de que o testemunho sobre Monte visava engrandecer o religioso entre os vivos, deixando bastante evidente o empenho do autor em contribuir para a construção de uma imagem de Monte como santo e sábio.

Nos dias 8 e 9 de março não foram publicados textos sobre Monte n'*A Ordem*, mas, no dia 8, foi publicada, na primeira página desse periódico, uma portaria do Secretário Estadual de Educação, Severino Bezerra de Melo, determinando que uma das salas do Colégio Estadual (Atheneu) receberia o nome de padre Monte. No dia 9, foi publicado um necrológio em homenagem ao religioso, produzido pela Irmandade dos Passos.

É importante destacar que, ao longo de todos os dias do mês de março, o jornal *A Ordem* publicou alguma matéria sobre Monte. Na maioria dos dias, existiam textos de autores de destaque da cidade homenageando o falecido. Nos dias em que esses textos não eram publicados, outras notícias sobre Monte eram divulgadas. É importante destacar que, na primeira semana mês, o próprio jornal publicou, diariamente, editoriais sobre o religioso.

No dia 10 de março de 1944, Dom José de Medeiros Delgado (1905-1988), então bispo de Caicó, cidade situada a aproximadamente 270 km de Natal, escreveu um artigo n'*A Ordem*. O bispo Delgado nasceu em Pombal, cursou o Seminário em João Pessoa, e foi estudar na Pontifícia Universidade Gregoriana em Roma. Entre 1941 e 1951, foi Bispo de Caicó, quando deixou essa função para ser bispo de São Luís do Maranhão e, posteriormente, de Fortaleza. Como se pode observar, Dom Delgado não manteve uma relação de amizade com Monte, mas, mesmo assim, escreveu sobre ele na condição de porta-voz da Igreja:

Cônego Luis Monte*Dom José Delgado*

Quase não o conhecia e era desmedido o desejo que alimentava de ver, tratar e penetrar-lhe a inteligência e o coração. Será um dos tesouros com que muitos nos surpreenderemos no céu. Não se diga que o céu não se enriquece com o que Deus criou na Terra. As autênticas grandezas humanas somente lá brilharão perfeitamente. O mundo é demasiado nebuloso para oferecer ambiente apropriado às luzes da justiça e da caridade. É do Evangelho que o olho dos maus transforma o bem em iniquidade. Amanhã, como ontem e hoje, os bons serão apedrejados porque praticam o bem.

A morte do Cônego Monte, porém, atesta quão felizes são as vitórias das trevas sobre a luz. Um clarão abriu-se de repente em torno de seu cadáver e crescerá acolhedoramente, fazendo até os cétricos meditarem. **Luz mansa e viva começa a encher o limitado espaço que seus trinta e seis quilos tomaram entre os homens e não admira triunfe na sua imponderabilidade contra a ignorância, a confusão, a dúvida e a rebeldia de tantas inteligências.**

Não raro os que nunca dividiram somente depois de mortos unem aos que amaram. Os sábios, muitas vezes, não nos desbaratam os preconceitos, senão depois de mortos. Dir-se-ia que, não temendo mais ser encarcerados nos seus cérebros, entregamo-nos a eles despreocupados de nossa nulidade.

No convívio de irmãos é-nos possível verificar a irredutibilidade desses conceitos. Sem sair da família dos sacerdotes, poderíamos achar a sua esmagadora confirmação. Os receios muito comuns de reconhecer o primado de um sobre os outros impõe-nos fechar os olhos ante valores singulares incontestes deste ou daquele. Vejo que Jesus Cristo foi também psicologicamente infalível, quando na organização da Igreja, sujeitou os Bispos ao Papa e os Sacerdotes aos Bispos.

Quando uma grande cabeça humana se eclipsa no mundo, um anjo a mais faz brilhar uma nova inteligência no céu.

Ainda bem que Cônego Monte com as obras que deixou a publicar não nos abandonou com a morte.

Estas palavras são um testemunho de minha afeição à sua pessoa e um pedido ao querido príncipe da Igreja Natalense, para que se apresse em conseguir da família do inesquecível morto que nos ponha às mãos os seus livros inéditos (A Ordem, 10 mar. 1944, p. 1, grifos nossos).²⁴⁸

Como se constata na passagem que destaquei, Dom Delgado deixa evidente que desejava ter conhecido pessoalmente a inteligência e o coração de Monte, o que parece apontar para uma certa fama do religioso que não se circunscrevia somente a Natal. O então bispo de Caicó vincula os 36 quilos de Monte à grandeza da sua obra triunfante, enaltecendo o fato de ter vencido a ignorância, a dúvida e a rebeldia de muitas inteligências. Desta forma, também Dom Delgado, apesar de não ter conhecido as obras de Monte, acabou por contribuir para destacar a inteligência e a sabedoria do religioso falecido.

É interessante observar que, mais uma vez, as obras não publicadas de Monte são retomadas, sendo que também Dom Delgado, em março de 1944, conclamou a Igreja natalense

²⁴⁸ Este texto também foi publicado na *Antologia 3*. (MONTE, 1979, p. 281-282).

e a família de Monte a autorizar a publicação das obras inéditas de Monte. Em relação a estes textos, que não foram até hoje localizados, alguns acreditam que ficaram com Dom Nivaldo Monte, e, após sua morte, mais difícil ainda se tornou localizá-las.

Em 11 de março de 1944, Gerardo Dantas Barreto, sob o pseudônimo de Lavínio Dantas, escreveu um texto intitulado *Sábio e Santo*,²⁴⁹ no qual destacou, como sugere o título, a sabedoria e a santidade de Monte. Segundo o Padre João Medeiros Filho,²⁵⁰ o ceará-mirinense Gerardo Dantas Barreto ingressou como aluno no Seminário de São Pedro, entre 1939 e 1940. Ainda de acordo com Medeiros Filho, ele ingressou nessa instituição na mesma turma do ex-reitor da UFRN, professor Genivaldo Barros. Seus colegas de turma foram ordenados em 1949, mas Gerardo Barreto já havia deixado o Seminário alguns anos antes.²⁵¹ Em 1944, quando ele escreveu o artigo, ainda era aluno do Seminário de São Pedro e havia sido aluno de Monte ao longo dos três primeiros anos da década de 1940. No ano da morte de Monte, um irmão de Gerardo Barreto, o Monsenhor Agnello Dantas Barreto (1933), hoje pároco emérito da Paróquia de Nossa Senhora da Apresentação, também ingressou no Seminário de São Pedro. Sabe-se que Monsenhor Agnello se ordenou em 8 de dezembro de 1955 e exerceu todo o seu sacerdócio em Natal (ARQUIDIOCESE (Natal), 2019).

Para Jurandyr Navarro, Gerardo Barreto era um grande admirador de Monte, à época em que Monte era seminarista. Ainda de acordo com Navarro, Monte possuía grandes admiradores, apesar de ser muito reservado e, por isso, não tivesse confidentes. Portanto, é provável que Monte exercesse forte influência sobre Gerardo Barreto, mas a recíproca não era verdadeira. Segundo Navarro, Gerardo Barreto havia deixado o Seminário pouco tempo antes da morte de Monte, já com a graduação em Filosofia. Logo depois da morte de Monte ele foi morar no Rio de Janeiro. Já para o Padre Medeiros Filho, no Rio de Janeiro, Gerardo Barreto casou-se e tornou-se professor da Faculdade Nacional de Filosofia e do Seminário São José. É preciso lembrar que, em 1967, foi criado o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mesmo ano em que houve na instituição um embate entre alunos e professores, que seguiam uma concepção tradicional da filosofia. Desse embate resultou o afastamento de professores do curso de Filosofia, entre os quais Gerardo Dantas

²⁴⁹ Sobre o artigo de Lavínio Dantas, Jurandyr Navarro faz uma breve explicação na apresentação da Antologia do Padre Monte. v. 3. (MONTE, 1979. p. 34).

²⁵⁰ Informações obtidas em entrevista concedida à autora em 27 de setembro de 2020.

²⁵¹ Eu não consegui precisar a data exata que Gerardo Barreto deixou o Seminário, mas sei que em 17 de setembro de 1944 ele ainda permanecia como seminarista. Isso porque, no dia 18 de setembro o jornal *A Ordem* anunciou que na solenidade de inauguração do retrato de Monte no Seminário de São Pedro, Gerardo Dantas falou como representante dos seminaristas. (*A Ordem* 18 de setembro de 1944. Informação contida na Antologia 4. (MONTE, 1982. p. 173-174).

Barreto. Os professores afastados fizeram uma grande campanha na imprensa, denunciando que o Instituto de Filosofia tinha instalado o terror cultural e que os professores que não eram marxistas haviam sido afastados (MARTINS, 2008, p. 170-173).

Além da docência, Gerardo Barreto desenvolvia, no Rio de Janeiro, outras atividades intelectuais, como a tradução de livros. Foi ele quem traduziu para o português algumas obras do teólogo dominicano francês Marie-Dominique Chenu (1895-1990), dentre as quais destaca-se São Tomás de Aquino e a teologia,²⁵² publicada originalmente em 1957 e, no Brasil, somente em 1967, pela editora Agir. Segundo Medeiros Filho, Barreto viajou por muitos países do mundo e conseguiu formar uma grande biblioteca na área de filosofia, com muitas obras raras. Depois da sua morte, essa biblioteca foi adquirida pela UFRN por intermédio da bibliotecária Zila Mamede.²⁵³ Essa biblioteca²⁵⁴ tornou-se importante para a fixação do Programa de Pós-Graduação em Filosofia dessa universidade, sobretudo para os estudos da área de metafísica (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN), 2019).

Apesar de ter saído de Natal, as relações de Gerardo Barreto com a cidade permaneceram vivas, uma vez que seu irmão, Monsenhor Agnello Barreto, era ligado a Dom Nivaldo Monte e mantinha ligações fortes com o Arcebispo do Rio de Janeiro, dom Eugênio de Araújo Salles. Importante ressaltar, também, que, nos anos 1940, Gerardo Barreto possuía fortes ligações com os editores do jornal *A Ordem* e com a cúpula do clero norte-rio-grandense. O depoimento de Gerardo Barreto sobre Monte representava a voz de um seminarista dedicado à Filosofia, que mantinha relações com o clero e expressava o sentimento do Seminário. Portanto, o seu depoimento estava em sintonia com os outros depoimentos apresentados no jornal *A Ordem* no mês de março de 1944.

O texto *Sábio e santo* foi dedicado àqueles a quem Gerardo Barreto chamou de “seus irmãos”, e, nele, Monte é apresentado como um pai e sua morte como uma orfandade:

²⁵² Chenu foi importante na medida em que promoveu o retorno a São Tomás de Aquino como explicação teológica. Sua obra foi considerada pelo Index como livro proibido em 1942. Posteriormente, ela foi reabilitada pela Teologia da Libertação.

²⁵³ Zila da Costa Mamede (1928-1985) nasceu em Nova Palmeira (Paraíba), mas aos cinco anos mudou-se para Currais Novos (Rio Grande do Norte). Na década de 1940, em razão de atividades profissionais do pai relacionadas à Segunda Guerra, passou a morar em Natal. Entre 1955 e 1956 cursou Biblioteconomia na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro e, em seguida, foi especializar-se nos Estados Unidos. De volta a Natal tornou-se a primeira bibliotecária com graduação no Rio Grande do Norte. Nessa condição ela organizou as duas maiores bibliotecas do estado: a biblioteca Câmara Cascudo e biblioteca da UFRN, que hoje tem o seu nome. Amiga de Câmara Cascudo e de vários intelectuais locais e nacionais, Zila Mamede tornou-se referência nacional como bibliotecária e poeta.

²⁵⁴ A aquisição da biblioteca de Gerardo Barreto pela UFRN tem algumas particularidades. Sabe-se que, mesmo morando no Rio de Janeiro, mantinha ligações com Natal, sendo que seu irmão, Monsenhor Agnello Barreto, era professor do Departamento de Filosofia da UFRN e amigo de Zila Mamede. Mesmo sem ser muito conhecido no Rio Grande do Norte, Gerardo Barreto conseguiu fixar-se entre os intelectuais católicos locais em razão do seu texto em homenagem a Padre Monte.

Padre Monte morreu! É doloroso exclamá-lo, mas é uma realidade que não podemos desvirtuar, é um fato consumado, irremediavelmente. Ao redor de mim, há um vácuo impreenchível. Há uma ausência endolorida nos caminhos da minha vida. **Sinto-me um órfão desolado, uma imensa solidão.** [...] Os outros mistérios independem da vida, não são condicionados por ela, enquanto que o mistério da orfandade existe em função da própria vida. E é, precisamente, porque toca aquilo que possuímos de mais precioso - o dom de viver, - que o mistério da orfandade e, conseqüentemente a condição de órfão é apenas uma causa obscura, impenetrável. [...] **Ora, desintegrada a vida, foge nos todo ponto de apoio em que nos arrimáramos para inquerir sobre a mais dolorosa resultante da morte: A orfandade.** [...] Aceito o mistério da orfandade que desceu tão bruscamente sobre mim. **Aceito a condição de órfão. Mas, quero falar do pai. Quero endereçar-lhe umas linhas. Contar aos meus irmãos sua luminosa passagem pelos meus caminhos, pelos caminhos da minha vida.** E revelar-lhes alguns dos traços da imagem que dele ficou no meu espírito (A ORDEM, 11 mar 1944, p. 1, grifos nossos).²⁵⁵

Deste trecho, depreende-se que a morte de Monte trouxe muitas dores a Gerardo Barreto. Entretanto, não há um detalhamento de sua relação com Monte, a ponto de podermos melhor compreender seu sentimento de orfandade. Muito provavelmente, tratava-se de uma admiração que não era partilhada, na intimidade, pelo admirado. Mesmo que a relação não tenha tido reciprocidade, Gerardo Barreto afirmou que queria falar sobre o pai, no caso, padre Monte, para deixar marcado entre seus “irmãos” a luminosa vida do religioso. Pode-se inferir que Gerardo tratava por irmãos os católicos, aos quais ele desejava apresentar Monte como um exemplo de vida, contribuindo, conseqüentemente, para a construção de uma memória sobre Monte.

De forma semelhante aos autores que o antecederam na produção de artigos no mês de março para o jornal *A Ordem*, Barreto também apresentou uma espécie de roteiro da vida de Monte, destacando aspectos de sua conduta e de suas capacidades intelectuais. Para Barreto, Monte deveria ser lembrado em função de seis elementos, a saber: pelo domínio sobre os dogmas da Igreja e pela ênfase que dava livre-arbítrio para o cumprimento desses dogmas; pela sua genialidade desde o período de estudante; pela sua condição de cultuador da ciência e, portanto, de sábio; pela sua condição de grande estudioso dos idiomas, o que facilitava o seu domínio das sagradas escrituras; pela sua capacidade de articular a narrativa evangélica com o conhecimento científico; pela sua morte prematura, que possibilitou a construção de uma narrativa teleológica segundo a qual a morte de Monte o impediu de publicar obras de grande valor científico; pela sua atuação eficiente no confessionário, simplificando caminhos da santidade. No que se refere ao domínio de Monte sobre os dogmas da Igreja, Barreto afirmou

²⁵⁵ Este texto também foi publicado na *Antologia 3*. (MONTE, 1979, p. 305-310).

Padre Monte penetrava fundamente no cerne das verdades dogmáticas, de onde sua lucidíssima inteligência retirava o alimento mais substancial para a fé robusta e ardente que lhe abrasava a alma. Era um autêntico homem de fé. Todas as suas ações vinham marcadas com o sinete da grande virtude teologal, condição *sine qua non* de toda a nossa economia espiritual: ‘Sine fide impossibile est piacere Deo’,²⁵⁶ escreveu o Doutor das gentes. Sobretudo, ele sabia viver sua fé, sem vacilação nem dúvidas. [...] **No entanto, se ele sabia, que a fé não depende da [intelecção?], que previa quem subsequente como lembrou, recentemente Penido, quiz contudo mostrar que a fé era também "um ato de inteligência’.** Padre Monte, em verdade, procurava com um *‘cor rationale’*²⁵⁷ fazer do seu imenso amor a Deus, um legítimo *‘rationale obsequium’*.²⁵⁸ E por isso ele foi tão longe na contemplação e na especulação. A um colega meu, lembro-me que disse, certa vez: **‘Desejaria que todos os homens tivessem tão claro como eu, o problema do livre arbítrio’.** E acerca dessa questão momentosa do concurso divino e da liberdade humana sobre que, há longos séculos, se debatem os maiores luminares de duas escolas filosóficas – de Sto. Tomaz e Molina o d’ Alés e Garrigou-Lagrange²⁵⁹ – escreveu Pe. Monte um admirável tratado que, ao depois, veio a rasgar. **escreveu Pe. Monte um admirável tratado que, ao depois, veio a rasgar, demonstrando assim, mais uma vez, (a outras obras mimoseou com igual destino), o total desprendimento em que levava os produtos do seu gênio e o absoluto e heroico desapego de si mesmo.** Não vinha de poucos anos a originalidade com que sempre encarava e atacava os grandes problemas. (A ORDEM, 11 mar. 1944, p. 1, grifos nossos).

Pela passagem transcrita acima, depreende-se que Barreto considerava que era dos dogmas da Igreja que Monte retirava a inspiração para a sua fé, que era inabalável. Entretanto, sua fé estava associada à razão e à inteligência, sendo que a fé não era construída isoladamente. Essa ideia foi reiterada pelos admiradores de Monte, que sempre difundem a ideia de que ele se aproximava da ciência para reforçar a sua fé e de que encontrava na ciência sintonia com os elementos da Sagrada Escritura. Para Barreto, era a associação entre fé e inteligência que instigava Monte a ter um espírito científico, pautado na contemplação dos fenômenos e nas especulações dela decorrente. Nessa perspectiva, se a fé estava associada à ciência, o seu desenvolvimento vinculava-se ao livre arbítrio, uma vez que cabia ao homem entender o funcionamento das coisas da forma como Deus criou. O livre-arbítrio não significava liberdade para pensar fora dos dogmas da Igreja, mas, sim, para procurar a ciência com o intuito de reforçar esses dogmas. De acordo com Barreto, Monte teria escrito um grande tratado sobre o tema histórico do livre-arbítrio, contudo, ele o teria rasgado por ser desapegado a tudo que

²⁵⁶ “sem fé, é impossível agradar a Deus” (tradução nossa).

²⁵⁷ “coração racional” (tradução nossa).

²⁵⁸ “obediência racional” (tradução nossa).

²⁵⁹ Foi um dos maiores teólogos católicos do século XX, tendo lecionado na Pontifícia Universidade Santo Tomás de Aquino entre 1909 e 1960. Foi professor dos papas Bento XVI e João Paulo II, sendo considerado um dos maiores estudiosos da obra de Santo Tomás de Aquino.

pudesse enaltecê-lo. Dessa informação, deduz-se que Monte, antes de morrer, pode ter destruído uma série de textos por ele escritos, o que instigou muitos autores a pensarem sobre o conteúdo que constava neste material que foi descartado. Nesses termos, Barreto também reforçaria a genialidade de Monte, considerando, inclusive, obras suas que nunca foram localizadas.

Essa capacidade que Monte tinha de associar os dogmas da Igreja com a ciência, na visão de Barreto, era algo que estava presente desde o período em que Monte era estudante:

Quando ainda **estudante de filosofia e teologia arquitetava, estruturava teses** com grande originalidade e penetração, **afastando-se completamente dos compêndios e dos mestres**. Aluno do **Seminário Maior**, sei que fez composições de envolta com colegas que decoravam, *in promptu*, as teses de exame e, apesar disso, ficavam-lhe inferiores, se bem que **nada ou quase nada utilizasse dos argumentos que firmavam os pontos defendidos**. [...] (A ORDEM, 11 mar. 1944, p. 1, grifos nossos).

Na percepção de Barreto, Monte, como estudante, já demonstrava grande capacidade intelectual tendo, inclusive, autonomia em relação aos mestres, pois estudava sozinho, ultrapassando o conhecimento até então estabelecido. Nas atividades de avaliação, diferentemente dos outros colegas, que decoravam os conteúdos, Monte utilizava argumentos inovadores, sem limitar-se aos conteúdos repassados, o que contribuiu significativamente para a genialidade atribuída a Monte e que se manifestava nas suas incursões pela ciência:

Cultivou severamente a ciência. Sua curiosidade intelectual era assombrosa, arrebanhando conhecimentos invulgares. Era realmente de pasmar a vastidão de sua cultura sólida e profunda. A Química, a Física, a Mineralogia, a Botânica eram-lhe absolutamente familiares. Que o digam as consultas de nomes da ciência do Brasil e do estrangeiro. Fazia poucos meses, que ilustre geólogo americano procurou-o no Seminário para consultas químico-mineralógicas. Ao depois da aula, saiu maravilhado com o acervo dos seus conhecimentos no assunto. Para vários estados do Brasil fez, desinteressadamente, pesquisas mineralógicas e classificações arqueológicas. Tinha todo um plano para possível e futuro estudo da geologia do nosso Estado, para o que, havia já feito várias observações *in loco*. **Dedicou-se seriamente à Medicina.** Era um especialista em Biologia, que conhecia profundamente. Parece-me que foi o que mais estudou em toda a sua vida. Sobre ter escrito, se bem que incompletamente, um compêndio desta matéria para os Seminários, uma das obras mais sérias que escreveu, versa precisamente sobre os fundamentos biológicos da castidade. cujo original mereceu os maiores elogios do Professor de Histologia e Anatomia da Universidade do Brasil, pela amplitude e originalidade com que tratou serenamente o assunto. Tinha uma **verdadeira paixão pelas Matemáticas, à que dedicava um ardor todo predileto e sobre que possuía obras raríssimas.** - e pela **Astronomia acerca da qual fez estudos**

interessantíssimos. Talvez Amoroso Costa²⁶⁰ **lhe tenha sido no Brasil o único êmulo na ciência que utiliza o 2º grau de abstração**, para cuja simplificação descobriu tantas formas originais, que sua modéstia não confiou a livros.

Estava ao par do movimento científico mundial e em dia com os seus desdobramentos. Foi um grande dialético. E que sutileza ao encarar uma questão filosófica, um tema de psicologia em que era mestre consumado, ou um problema de apologética! Que propriedade de expressão nas suas explanações luminosas. **Que memória angélica e esquisita de que deu provas tão admiráveis. a desse homem de rosto enxuto e de compleição franzina e consumida!**

[...] Vi-o certa vez, junto a um caixão cheio de pedras que lhe haviam mandado para pesquisas, classificando-as, uma a uma sobre o papel com que as embrulhava, sem que ao seu lado estivesse nenhum compêndio de mineralogia ou quaisquer sinais de anotações. Conhecia os minerais como eu conheço dinheiro. De outra feita, escreveu na mesa de jantar a lista de todos os elementos para um laboratório de Química, que lhe haviam pedido, e mandou-me passar a limpo. (A ORDEM, 11 mar. 1944, p. 2, grifos nossos).

Como se pode observar na passagem acima, Monte se dedicava, segundo Barreto, a quatro ramos da ciência: química, física, mineralogia e a botânica. E, para reforçar essa ideia, o autor cita o fato de um geólogo norte-americano ter ido ao Seminário de São Pedro para discutir sobre mineralogia do Rio Grande do Norte.²⁶¹ Destaque semelhante ao dado para os conhecimentos de mineralogia, Barreto também fez em relação à medicina. Nesse sentido, Barreto retomou um livro escrito por Monte, intitulado *Fundamentos Biológicos da Castidade*,²⁶² apresentada pelo autor como uma obra de referência na área de medicina.

Em relação à matemática, Barreto afirma que Monte era apaixonado por essa ciência e que possuía obras raríssimas, não havendo, no entanto, qualquer detalhamento em relação a elas. No que se refere à astronomia, o autor se limitou a afirmar que o religioso havia realizado estudos interessantíssimos, sem explicitar o que era realmente havia de relevantes neles. Se referiu, ainda, às incursões de Monte na Teoria da Reatividade, comparando as suas produções com as do também brasileiro Amoroso Costa, informação que seria retomada por vários admiradores de Monte, que chegaram a afirmar que Monte estudou a teoria da relatividade antes mesmo de Einstein. Mais uma vez, os leitores são informados de que seus estudos sobre essa teoria teriam sido queimados por ele antes de morrer.

²⁶⁰ Manoel Amoroso Costa (1885-1928) foi professor da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, Diretor do Observatório Valongo (1911-1928) e autor do primeiro livro brasileiro sobre a relatividade geral. Foi um dos primeiros autores brasileiros a discutir a teoria da relatividade de Einstein. Apresentou, no College de France, um trabalho sobre os aspectos cosmológicos do universo infinito.

²⁶¹ Trataremos dos conhecimentos que Monte possuía de mineralogia em outro capítulo desta tese. No momento, é importante perceber que eles foram utilizados para ressaltar a genialidade do religioso.

²⁶² Esta obra será objeto de análise aprofundada em outro capítulo desta tese. No texto escrito por Gerardo Barreto, a menção à obra é feita de maneira superficial, sendo empregada para reforçar a imagem de homem de ciência de Monte.

Além do pensamento científico, Gerardo Barreto também exaltou o domínio que Monte tinha de línguas estrangeiras, associando esta habilidade com a sua capacidade de interpretação das sagradas escrituras:

Estudava em nove línguas. Ninguém melhor do que ele sabia latim. **Como seminarista ginasião, decorou todas as expressões clássicas do maciço dicionário latino de Saraiva²⁶³, cujo vocabulário sabia inteiramente de cor, sem exceção. [...]**

Foi um grande exegeta. **Conhecia admiravelmente as Sagradas Escrituras de que, aliás, havia sido professor, no extinto Seminário Maior de Natal. Ajudavam-lhe na maior penetração das Santas Letras, o conhecimento do Hebraico e do Grego.** Lembro-me de um estudo que fez acerca do livro de Job, em Hebraico, sem nenhum comentário, no último ano que passei no Seminário de S. Pedro. Seu maior empenho foi resolver todas as antinomias entre os Sagrados Textos e a hipotética ciência. Com que paixão e alegria espiritual se dava a tais exercícios! **E aqui vem-me à lembrança uma conversa que tivemos, ao depois de seu magro e sóbrio almoço, a respeito ao estado psicológico de um miraculado do Evangelho, para logo a sua cura. Tratava-se de um cego a quem o Senhor Jesus recuperou a vista. Ele provou-me lucidamente como o conteúdo da narração evangélica ('vejo os homens como árvores que andam') correspondia perfeitamente aos dados da ciência atual. Ah! Padre Monte, quem poderá medir, bastantemente, o imenso diâmetro do seu gênio magnífico?** (A ORDEM, 11 mar. 1944, p. 2, grifos nossos).

Neste trecho, Barreto reforça a ideia de que Monte era um conhecedor de vários idiomas, e que, por isso, havia tido mais facilidade para aprofundar seus estudos nas Sagradas Escrituras e para realizar seus estudos científicos, chegando à conclusão de que não havia como medir a genialidade de Monte. Sobre a perfeita articulação que Monte fazia entre ciência e religião, Barreto escreveu:

Ele não era um dilettante da ciência. Faltou-lhe sempre o tempo suficiente, pois, antes de ser o sábio que todos proclamamos, ele era o apostólico, o zeloso, o **ardente Sacerdote de Cristo**, a cujo ministério dedicou a melhor parte de sua curta duração. Tanto isso é verdade, que todo o seu imenso labor científico, toda sua descomunal e extraordinária atividade intelectual, teve sempre uma finalidade: **Servir à Igreja de Cristo, defendê-la, torná-la conhecida e amada, a ela, a grande solitária, a grande incompreendida.** E morreu sabendo que **é quase impossível hoje em dia, fazer-se uma objeção séria contra o Dogma.** (A ORDEM, 11 mar. 1944, p. 2, grifos nossos).

Apesar de apresentar Monte como cientista, Barreto não descuida de afirmar que o religioso não teve tempo de vida suficiente para ser reconhecido e que suas pesquisas tiveram

²⁶³ O Dicionário Latino-Americano de Saraiva é um clássico, muito utilizado no Brasil e em Portugal desde o século XX, sendo que foi escrito pelo filólogo e latinista F. R. dos Santos Saraiva. Até 1927, a obra já havia tido nove edições.

que ser conciliadas com o exercício do sacerdócio e com seus estudos sobre os dogmas. Na interpretação de Barreto, seu envolvimento com a ciência e a religião tinham um só objetivo: a defesa da Igreja e a difusão dos seus dogmas. E, apesar de todo o seu conhecimento, segundo Barreto, Monte agia com simplicidade, o que fazia com que as suas ações sacerdotais e intelectuais o aproximassem da santidade:

Padre Monte não foi superficial em nada. Sabia bem tudo o que sabia. E se foi o homem universal, ele foi, sobretudo, o homem profundo. Procurou, enquanto existiu, descer até as raízes dos seus estudos, até a gênese dos seus conhecimentos. Não foi uma alma tibia em nada. A ele nunca lhe faltou mistério nem profundidade, como diria Bernadot. No entanto, **todo esse estendal maravilhoso de conhecimentos que raros, muito raros, conseguem acumular durante toda uma vida. Tomava-o cada vez mais simples, mais humilde, apagado e até ingênuo.** Sem ser provocado, nunca alardeou conhecimentos. E eu não conheci homem que conversasse com mais simplicidade. **No Seminário, onde sempre viveu, era delicioso e pitoresco observar com que amabilidade verdadeiramente infantil brincava com os seminaristas.** Ele nunca deixou de ser seminarista! Tinha uma palavrinha especial para cada um. Com que carinhosa atenção e bom humor ouvia-lhes da boca, as histórias mais simples, mais ingênuas que lhe arrancavam o espontâneo riso moderado que já conhecíamos e que nunca se apagará de meus olhos. Que dedicação, que solicitude para com as suas almas. **Que zelo no santo confessionário. Como sabia pacificar as inquietudes da consciência, embalsamar as mágoas profundas e simplificar os caminhos da santidade!** Não, as pesquisas científicas, as abstrações matemáticas, as ascensões metafísicas e uma intensa vida mística, nunca o tornaram um homem esquisito, nem lhe despojaram o sentimento de profunda humanidade. [...] Essa renúncia integral do seu próprio eu, o **absoluto despojamento de toda glória efêmera, longe de torná-lo desiludido e trágico, fizeram-no criatura abnegada e austera, doce e boa, um santo enfim.** [...]. Padre Monte não quis ser um puro herói. Não amou Carlyle. **Trazia a vocação para a santidade. E preferiu ser uma alma santa. E o santo que se afirma pela negação de si mesmo, é maior que o herói que se afirma pela imposição de si mesmo, na bela expressão de Tristão de Ataíde.** Não sei quem escreveu que 'le monde aujord'hui n'a pas besoin de sur-hommes mais de saints': É uma grande verdade. **O mundo moderno sofre de uma penúria de santidade. E precisa de santos, como foi o morto que choramos inconsoláveis.** É na sua volta aos ideais de santidade, é na sua fidelidade ao sobrenatural, é no seu retorno ao estado de sacralidade de que fala Peter Wust, numa palavra, é no seu encontro com o Cristo - que se acha a única salvação para os seus destinos vacilantes. E este encontro não se dará senão pelos caminhos da santidade. (A ORDEM, 11 mar. 1944, p. 2, grifos nossos).

Para Barreto, as evidências da santidade de Monte estavam na sua simplicidade, pois, a cada nova descoberta, mais humilde se tornava; dominava um rebuscado vocabulário, mas se comunicava com simplicidade; era professor do Seminário, mas, apesar de estar numa posição superior aos alunos, os tratava com carinho e solicitude; recebia, no confessionário, almas aflitas e, com simplicidade, mostrava como superar as aflições e encontrar os caminhos da

santidade. O autor ressalta que nada o envaidecia, vivendo de forma despojada, o que o aproximava da santidade. E, em um mundo que tanto carecia de santos, Monte havia vivido como um. Ao concluir o texto, ele afirma:

Já se alongam demais as linhas da minha saudade. E vejo, penalizado, que nada disse do que premeditei, do que quisera ter dito. Vivemos a lutar sempre com estas disparidades entre os nossos sentimentos e a sua expressão verbal. A palavra exprime o universal, o geral, o simples. A palavra é síntese. Ao passo que o sentimento é individual, particular, singular, complexo. O sentimento é análise. *Daí, a luta íntima que sentimos ante a impossibilidade de expressar bem os nossos sentimentos como quiséramos [...].* Padre Monte, o que de melhor poderia dizer sobre sua grande alma, seria a expressão comovida de meu silêncio, seria ficar mudo, voluntariamente mudo, porque eu estou absolutamente saturado de sua presença. Tudo que eu dissesse, tudo que se disser sobre sua pessoa e obra ainda é muito pouco ou quase nada. [...] é impossível fixar os infinitos matizes de sua complexíssima personalidade. Lembro-me que, num belo estudo sobre François Maurian, o Autor de ‘Os Mitos do Nosso Tempo’ escreveu isto:

‘Dificilmente sabemos falar ou escrever sobre aquilo que nos toca mais de perto. As grandes dores e as grandes alegrias são silenciosas, exatamente por essa quase impossibilidade de exprimirmos o que nos comove ou o que nos prende totalmente. A emoção é como que um naufrágio, uma forma de submersão no inefável e, portanto, ao inexprimível. Para escrever sobre alguém ou alguma coisa é preciso não participar de sua substância. Porque o amor é uma pedra no objeto amado e, portanto, uma renúncia à lucidez indispensável para ver e analisar’.

Estas palavras do ilustre pensador brasileiro talvez sejam as únicas expressivas do meu descolorado trabalho, por isso que, somente elas dizem, ao vivo da **nossa impotência expressional e explicam lucidamente a inutilidade da minha malograda tentativa.**

Sei, mais uma vez, que nada disse. **Estou, no entanto, satisfeito por ter, ao menos, desabafado um pouco da medonha tensão psicológica de que sou preso desde que a notícia do desaparecimento dessa grande alma de sábio e de santo – de sábio a quem a ciência aproximou ainda mais de Deus, de santo, a quem o sofrimento elevou aos ápices do martírio.** O resto é a dor de ter perdido. E deixar que a saudade magoe bem fundo. o meu coração.

...

Padre' Monte morreu. Morreu o anjo, o pai, o mestre, o amigo. Morreu o pacificador das consciências inquistas, o consolador dos sofrimentos obscuros, das mágoas silenciosas, dos heroísmos calados. É tudo que eu vejo diante de mim, **tudo que eu sinto ao meu redor é o deserto infinito; é a noite vazia e uma imensa solidão.** Através de seus lábios, o bom Deus me concedeu as melhores graças de minha vida. Com ele, foi-se a maior parte de mim mesmo. **E se alguma coisa me resta de sua partida, é a inconsolável saudade de sua ausência** (A ORDEM, 11 mar. 1944, p. 2, grifos nossos).

Barreto se mostra satisfeito por ter demonstrado o quão sábio e santo havia sido Padre Monte. Sábio por ter recorrido à ciência para se aproximar de Deus, e santo por ter vivido como tal e por ter sofrido e, em razão desse sofrimento, ter se tornado um mártir. Mais uma vez, o sentimento de orfandade é retomado, pois para Barreto, a morte de Monte havia deixado um

imenso vazio, que deveria ser preenchido pelos que ficaram aqui na terra, através da rememoração de sua santidade e sabedoria.

No dia 13 de março de 1944, o jornal *A Ordem* republicou o discurso de reabertura dos Círculos de Estudos da Ação Católica em Currais Novos,²⁶⁴ no qual o Monsenhor Paulo Herôncio de Mello homenageou o Cônego Monte.²⁶⁵ Já me referi ao Monsenhor Paulo Herôncio de Mello neste capítulo, quando o apresentei como um dos expoentes da Neocristandade no Rio Grande do Norte, discuti a formação dos seminaristas e, finalmente, quando o apresentei como aluno do Seminário de São Pedro. No terceiro capítulo deste trabalho, também discutirei as ideias de Paulo Herôncio, especialmente aquelas relacionadas à produção do seu livro *Os holandeses no Rio Grande do Norte*, obra essencial para a compreensão das disputas do catolicismo com o protestantismo. Neste momento, o importante é refletir sobre o texto de homenagem a Monte escrito por Paulo Herôncio, no mês de março de 1944. Nele, está expresso o pensamento de um dos intelectuais católicos do Rio Grande do Norte, profundamente ligado à Neocristandade e que havia organizado, na década de 1930, dois importantes congressos eucarísticos no estado. É preciso, portanto, considerar que Paulo Herôncio de Mello tinha interesse em destacar as virtudes de Monte, a fim de fortalecer a própria imagem da Igreja Católica.

Assim como nos outros artigos escritos sobre Monte e que já mencionamos, Mello descreveu, inicialmente, a sua relação com Monte, expressou seus sentimentos em relação à sua morte e associou seu falecimento a fatos marcantes para a Igreja no Rio Grande do Norte, como se pode constatar no trecho que transcrevemos abaixo:

Cônego Luiz Monte

Palavras do Mons. Paulo Herôncio, na reabertura dos círculos de estudos da A. C. em Currais Novos.

Escrevi estas palavras para ver se lendo-as, consigo dizê-las. **São palavras de muita saudade**, ditadas por uma **grande amizade** e por uma **profunda veneração**.

A morte do cônego Monte aproximou-me cada vez mais dele, ou melhor, aproximou-o cada vez mais do meu coração, filmou bem os nossos últimos encontros, quando o visitei no sanatório, e parece-me que estou a vê-lo rir com as pilhérias que lhe disse, esforçando-me por manter um bom humor. no intuito de contribuir para animá-lo. **Sua morte me fez pensar nos insondáveis mistérios da Divina Providência. O dia do seu desaparecimento coincidiu com o do primeiro aniversário da nossa Liga Feminina. Dia sagrado para a Ação Católica desta paróquia.** E quando rendíamos graças a Deus com as alegrias da comemoração, o inesperado da

²⁶⁴ Esse mesmo texto será utilizado em outra parte deste trabalho com outro objetivo. Neste capítulo, minha intenção foi a de mostrar como G. Barreto contribuiu para a atribuição de santidade e sabedoria a Monte.

²⁶⁵ O discurso do Monsenhor Paulo Herôncio foi pronunciado originalmente no dia 7 de março de 1944.

notícia de haver sido riscado do número dos vivos o nome do pioneiro da Ação Católica no Rio Grande do Norte. Altos destinos dos céus! **O cônego José Adelino escreveu que a morte do cônego Monte foi a premissa das comemorações das bodas de prata do Seminário de 'S. Pedro'.**

Ao festejar o seu jubileu, o seminário ofereceu a Deus o melhor dos seus frutos, **o primeiro sacerdote formado entre suas humildes paredes, um padre nimbado com as auréolas de santo e sábio.**

Cônego Monte também nos pertencia. Podemos também tomar a sua morte para oferecê-la a Deus em sacrifício pela Ação Católica, num dia de ação de graças (A ORDEM, 13 mar. 1944, p. 1, grifos nossos).²⁶⁶

Como se pode constatar, Mello procurou transmitir a ideia de que estava muito emocionado ao escrever o texto em homenagem a Monte, deixando claro que, naquelas circunstâncias, só conseguiria pronunciar as palavras se as lesse. Sua emoção estava intimamente relacionada com a saudade que sentia de Monte e que tinha origem na grande amizade e profunda veneração que tinha pelo falecido. Dessa afirmação, infere-se que Monte não era apenas importante pelas ações intelectuais ou sacerdotais, pois era alguém excepcional, que não poderia ser simplesmente igualado aos grandes homens, e que tinha que ser venerado, adorado, cultuado por todos os católicos. Trata-se de um argumento que se somava aos de outros autores que também haviam recomendado que Monte fosse tido como santo e sábio. Mello, inclusive, se indaga e instiga seu público a também indagar-se por que Deus, com toda a sua sabedoria, retirava do convívio dos homens, um ser tão completo. Para o autor, a morte de Monte devia ser compreendida como uma decisão de Deus para coroar dois grandes êxitos da Igreja Católica no Rio Grande do Norte: os vinte e cinco anos do Seminário de São Pedro, a ordenação de Monte, que foi o primeiro formado integralmente por essa instituição, e o primeiro aniversário da Liga Feminina da Ação Católica em Currais Novos.

Monte precisava, portanto, ser venerado, não apenas por ter sido o primeiro sacerdote formado integralmente no Seminário de São Pedro, mas, sobretudo, porque viveu e agiu como um santo e sábio. E sua morte devia ser interpretada por Mello como um presente e um sacrifício do Seminário e da Ação Católica para Deus. Mas, se ao morrer, Monte teve assegurada a imortalidade da sua alma, e, conseqüentemente, a garantia da plena felicidade, os que ficaram na terra passaram a sofrer imensamente com a dor provocada por seu falecimento, o que foi dito nos seguintes termos:

A estreiteza do nosso egoísmo nos faz pensar mais em nós do que nos outros. **Quando a morte nos leva um pedaço do coração, vivemos mais da nossa dor e da nossa saudade, do que da ideia da imortalidade feliz que é o prêmio dos justos.** Deus é a suprema aspiração da alma. Os santos suspiram

²⁶⁶ Este texto também foi publicado na *Antologia 3*. (MONTE, 1978, p. 291-292).

pela hora feliz de entrar no céu. Santa Teresinha sentiu uma alegria imensa, quando teve a primeira hemoptise. O leproso do bosque cantava, ao se lembrar que entre ele e Deus havia apenas a muralha apodrecida do seu corpo. Padre João Maria morreu cantando.

Mergulhemos o nosso egoísmo na fé. Olhemos o céu.

Na peça que armamos para as exéquias do cônego Monte, grande cruz branca emergia de um quadrado negro²⁶⁷(A ORDEM, 13 mar. 1944, p. 1, grifos nossos).²⁶⁸

Sob esta perspectiva, Monte havia conquistado a imortalidade de sua alma e, por isso, os cristãos norte-rio-grandenses deveriam aumentar sua fé em Deus, mirando-se no exemplo de Monte:

Sobre a tristeza do túmulo, deve-se erguer a fé, a fé pura e serena como a teve e a viveu o cônego Monte, aquela cruz bem simbolizou a su'alma.

Nossa vida é a marcha para o céu. Felizes os que findam a jornada como o cônego Monte. São os que sabem trilhar os caminhos de Deus. **São os que se tornam maiores mestres depois de mortos, vivendo nos exemplos que deixam** (A ORDEM, 13 mar. 1944, p. 1, grifos nossos).

São os exemplos de Monte que deviam, na visão de Mello, ser seguidos. Ao invés do sofrimento e da tristeza, os cristãos deveriam homenageá-lo continuamente, imitando as suas ações aqui na terra. Monte havia dedicado toda a sua inteligência e toda a sua bondade para servir a Deus, deixando um caminho a ser seguido por todos:

Cônego Monte nos ensina a viver. E nos diz onde auriu as luzes da sua inteligência e a bondade do seu coração. Parece que o vejo - eu o vi - e tantas vezes!. - **Parece que o vejo menino, pequenino, raquítico, ajoelhado horas inteiras. diante do SS. Sacramento, antes de ser seminarista.** Depois, a Divina Fonte a encher-lhe o coração. Das longas horas de adoração na Sagrada Eucaristia, contraiu o hábito da presença de Deus, podendo-se dizer dele o que se escreveu sobre João Vianey: Que saia de Deus para o trabalho e voltava do trabalho para Deus. Dir-se-ia melhor que o trabalho não o afastava de Deus. **Fiquem-nos as suas lições. Será nossa melhor homenagem, nossa mais pura saudade imitá-lo** (A ORDEM, 13 mar. 1944, p. 1, grifos nossos).

Mello concluiu o seu discurso, pronunciado na reabertura dos círculos de estudos da Ação Católica em Currais Novos, afirmando que:

Nesta hora em que reiniciamos os nossos trabalhos, **prestamos à sua memória a mais profunda veneração, agradecendo a Deus no-lo ter dado,**

²⁶⁷ Trata-se do símbolo da Juventude Feminina Católica Brasileira de Natal, que é formado por dois círculos concêntricos, sendo que o primeiro, na parte mais externa, tem fundo branco e nele está escrito "Ação Católica Brasileira – Juventude Feminina). O segundo, na parte interna, tem o fundo todo preto, com uma grande cruz branca ocupando todo o centro. Nos quatro vértices da cruz, aparecem imagens semelhantes a raios de luz.

²⁶⁸ Este texto também foi publicado na *Antologia 3* (MONTE, 1978. p. 291- 292).

bendizendo-O porque no-lo tirou, e pedindo-lhe a graça de seguirmos as pegadas de quem soube na vida levar tantas almas para os combates pelo Cristo, nas hostes da Ação Católica.

Currais Novos, 7 mar.1944 (A ORDEM, 13 mar. 1944, p. 1, grifos nossos).

Na passagem acima, Mello expõe os três passos para que Monte fosse permanentemente lembrado pelos cristãos do Rio Grande do Norte. O primeiro passo era lembrar de Monte como santo, sábio e imortal, que devia ser venerado e cultuado por todos aqueles que acreditavam em Jesus Cristo. O segundo passo era agradecer a Deus que, por um lado, concedeu o privilégio de os cristãos norte-rio-grandenses conviverem cotidianamente com um homem santo e sábio e, por outro, por ter levado Monte para a imortalidade, o que devia ser percebido como motivo de profunda alegria para todos que com ele conviveram. O terceiro passo era pedir a Deus a graça de seguir as pegadas de Monte, que conduziu tantas almas para combater em favor de Cristo nas lutas organizadas pela Ação Católica, o que significava que Mello sugeriu que os cristãos pedissem a Deus para que, assim como Monte, pudessem combater os inimigos do catolicismo e fortalecer continuamente a Igreja. Em seu discurso, Mello sugere que as virtudes de Monte deveriam ser lembradas continuamente, por serem fundamentais para que o catolicismo combatesse seus adversários, em especial, o protestantismo.

Nos dias 14, 15 e 16 de março de 1944, as notícias sobre Monte no jornal *A Ordem* foram pontuais e eram, sobretudo, a mensagens de condolências. Uma menção a ele que fugiu a essa regra foi uma homenagem que tinha sido prestada a Padre Monte, no dia 16 de novembro, na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Nesses três dias, essa homenagem foi noticiada com destaque. No dia 17 de março de 1944, a principal manchete do jornal *A Ordem* anunciou: “*A Academia Norte-Rio-Grandense de Letras prestou ontem uma homenagem à memória do Cônego Luís Monte e do dr. Alberto Maranhão*”.²⁶⁹ Em seguida, ainda na primeira página, o periódico publicou a seguinte matéria:

Cultuando a memória do Cônego Luís Monte e dr. Alberto Maranhão.
A reunião de ontem, à noite, da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

²⁶⁹ Alberto Frederico de Albuquerque Maranhão (Macaíba, 2/10/1872 – Parati, 1/2/1944) foi Governador do Rio Grande do Norte em dois mandatos (1900-1904 e 1908-1913) e Deputado Federal por dois mandatos. Destacou-se como “mecenaz das letras”, em razão de ter impulsionado as artes, a cultura em geral e a literatura. Foi o responsável pela inauguração do Teatro Carlos Gomes, hoje, Alberto Maranhão. Tinha grande prestígio em Natal, mas o seu corpo está sepultado em Parati. Câmara Cascudo escreveu uma crônica, defendendo que, em razão da sua importância, os seus restos mortais deveriam ser transferidos para Natal. O jornal *A Ordem* publicou vários textos sobre Alberto Maranhão após a sua morte. A sessão da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras homenageou Monte e Alberto Maranhão mas, pelas notícias publicadas no jornal, a ênfase maior da sessão foi dada a Padre Monte.

Conforme divulgamos em nossas edições anteriores, a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, realizou, ontem às 20 horas, na sede do Instituto Histórico, uma sessão especial, afim de prestar justa homenagem às memórias revmo. Cônego Luís Gonzaga do Monte e do dr. Alberto Maranhão, pertencentes àquela instituição cultural. A solenidade foi presidida pelo dr. Juvenal Lamartine e teve o comparecimento de acadêmicos, membros das famílias dos homenageados, representantes de instituições católicas e pessoas gradas. Sobre a personalidade do dr. Alberto Maranhão, ex-governador do estado, falou o dr. Acadêmico Nestor Lima, tendo o **dr. Luiz da Câmara Cascudo pronunciado brilhante oração sobre a figura inesquecível do Cônego Luiz Monte, honra e glória do clero norte-rio-grandense** (A ORDEM, 17 mar. 1944, p.1, grifos nossos).

Em 1944, a Academia já era uma instituição consolidada como entidade que agregava importantes intelectuais da cidade. Em artigo intitulado *Academia dos católicos: patronos e primeiros acadêmicos da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras (1936-1938)* (LOPES, 2017), analisei a formação da Academia destacando o papel de Câmara Cascudo na formação dessa instituição e a participação de Monte neste processo. Nesse texto deixei evidente que essa instituição realizou uma reunião preparatória para instalação da entidade no dia 14 de novembro de 1936 e que os seus estatutos foram publicados nos jornais no dia 17 do mesmo mês. Desde essa reunião Cascudo e Monte já estavam juntos no processo de criação da entidade.

Desse modo, quando Monte morreu em 1944, ele já frequentava a Academia desde 1936. Assim no discurso que Câmara Cascudo pronunciou, em 16 de março de 1944, por ocasião da homenagem a Monte – já referida na citação –, mais uma vez, as virtudes do religioso foram o tema central.²⁷⁰ O jornal *A Ordem* enfatizou a notícia, destacando Monte como personagem inesquecível, que honrava e glorificava o clero potiguar. A homenagem realizada pela Academia atesta que a construção da imagem de Monte enquanto santo e sábio não resultou do esforço de alguns indivíduos autores de artigos divulgados na imprensa, mas também de instituições que reuniam intelectuais do Rio Grande do Norte.

Ainda no dia 17 de março, um autor que assinou o texto apenas como A.M., pulicou uma homenagem a Monte, intitulada *...Mas a semente ficou*,²⁷¹ no jornal *A Ordem*. Procurei, sem sucesso, identificar o autor. Contudo, julguei conveniente, mesmo sem identificar a autoria, analisar as ideias contidas no texto, uma vez que elas também estabelecem diretrizes que favorecem a cristalização de uma memória laudatória sobre Monte. O texto pode ser dividido em quatro partes. Na primeira delas, o autor expressa o sentimento de que, para ele, Monte

²⁷⁰ Eu não encontrei esse discurso pronunciado por Cascudo na Academia de Letras em 1944. As informações que obtive sobre esse discurso estão contidas no jornal *A Ordem* publicado no 17 de março.

²⁷¹ Não encontrei esse texto em nenhum dos volumes da Antologia do Padre Monte. Também não consegui identificar qual foi o critério utilizado por Navarro para excluí-lo da coletânea.

permanecia vivo. Na segunda parte, discute as impressões que os que haviam convivido com Monte tinham sobre ele. Na terceira parte, aborda os caminhos para se chegar ao Senhor, segundo Padre Monte, e, finalmente, na quarta parte, estabelece uma analogia entre a partida de Monte e o plantio das sementes por um senhor que esperará a colheita. Na primeira parte do texto, o autor se expressou da seguinte maneira:

Evocar um morto querido é como que senti-lo redivivo.

Para nós, entretanto, no atordoamento das ideias confusas, pelo inesperado do golpe, **a lembrança de Padre Monte não pode construir uma evocação.** É que perdura, ainda, numa sensação de pesadelo, a dilacerante impressão da sua morte, com a mesma dolorosa surpresa com que foi recebida fulminante notícia, com a **incompreensão de aceitar a terrível realidade de que ele se foi para todo o sempre.**

Ainda o procuramos sentir nas suas atividades, buscando a sua figura inconfundível e santa em todos os lugares onde nos acostumamos a ver.

As mãos que se erguiam em súplicas pela sua saúde permanecem unidas, os lábios que murmuravam preces pela sua volta, balbuciam ainda os pensamentos que se elevavam aos Céus na ansiosa esperança da graça suprema, continuam voltados para o alto. A.M. (A ORDEM, 17 mar. 1944, p. 1 e 4, grifos nossos).

É interessante notar que a memória sobre Monte não é apresentada por este autor como algo do passado, como algo que ainda não passou para o campo da memória, fazendo-se, portanto, ainda muito presente. Presença que podia ser observada nas pessoas que oravam pedindo pela saúde do religioso ou, então, para que uma suprema graça (milagre) acontecesse. Para o autor, Monte permanecia vivo pelas obras que construiu e vivo era como ele devia permanecer no coração das pessoas, sobretudo, daquelas que o haviam conhecido:

Todas as criaturas que o conheciam, que o amavam, que privavam do seu convívio, que recebiam sua palavra de encorajamento, de conforto, de solidariedade, de orientação, de estímulo, de força, de saber, **sentem a sua ausência que não finda.**

Os que admiravam a sua inteligência privilegiada a sua cultura invulgar, não compreendem como pôde desaparecer o espírito superior, o sábio abnegado, que deixa um vazio impreenchível nas ciências e nas letras. Não se conformam ainda os que recebiam de perto o doce reflexo da sua bondade infinita, da incomparável generosidade de seu coração tão grande e, sobretudo, sofrem, numa angustiante incompreensão do inexorável, os que sentiam o halo da sua santidade, transfeita na sua simplicidade, que lhe era peculiar, de facilmente se colocar ao nível de todas as criaturas que o procuravam, sem distinção de classes ou de credo, em todas as contingências da vida... em todos os corações e em todas as vidas, um lugar muito grande lhe era reservado.

Simples e bom, virtuoso e santo, sábio e douto, o grande sacerdote revestia seu valor com a sotaina da humildade, para ser tão somente e simplesmente, numa doação constante de si mesmo, o PADRE MONTE de todos, acolhedor e amigo, dando sempre em troca de uma palavra, um tesouro de conforto, um mundo de ensinamentos.

Todos se unem, agora, num preito doloroso de saudade.

E esse culto profundo, que irmana todos os corações que o admiravam e queriam, detém-se ante o seu lugar querido e vazio de sua presença, onde **seus entes bem amados choram o seu filho incomparável e o irmão insubstituível**, e toma a forma indefinível de um ósculo depositado na mão trêmula da santa criatura que lhe deu o ser, da mãe heroica que num exemplo de sacrifício e de resignação, o acompanhou à morada última, como restituindo aos céus o tesouro inigualável que lhe fora confiado e que lhe pertencera tão pouco – o seu adorado filho.

Sente-se, como tudo envolvendo, que a radiossidade céu da Ação Católica está em penumbra. Pioneiro no movimento em todo o estado, era ele quem orientava e dirigia todos os trabalhos. A.M. (A ORDEM, 17 mar. 1944, p. 1 e 4, grifos nossos).

Na perspectiva do autor, Monte tinha conquistado o amor das pessoas que haviam convivido com ele, e para as quais ofereceu palavras de conforto, solidariedade, estímulo e saber, livrando-as de aflições afetivas e da ignorância religiosa e científica. Isto parece explicar porque o autor considerou que a ausência de Monte deixava um vazio que jamais seria preenchido. Cabe, no entanto, chamar atenção para o fato de que, ao mesmo tempo em que o autor se referia ao vazio que Monte havia deixado, ele afirmava que Monte preenchia esse vazio por meio de sua sabedoria e santidade, que marcaram sua atuação.

À caracterização como homem santo e sábio se somou a de homem de família, amado pelos seus pais e irmãos, um sacerdote em perfeita sintonia com os preceitos da Ação Católica. O autor, como se pode constatar na passagem acima, comparou a Estrela de Belém, que conduziu os Reis Magos até a manjedoura de Cristo, com Monte, que conduziu, na sua ação sacerdotal e intelectual, os fiéis rumo a uma vida baseada nos preceitos defendidos por Cristo. Essa ideia foi explicitada pelo autor da seguinte maneira:

Semelhante à estrela que indicou aos Reis Magos a estrada de Belém, Padre Monte, na sua humildade, ressurgia, atraindo as almas e ensinando a senda do Divino Mestre, d’Aquele que é o ‘caminho, a verdade e a vida’. Na atmosfera de chumbo, em vão os novos apóstolos da Fé procuram a estrela radiosa, centro para onde convergiam na ânsia de continuar a gloriosa ascensão. A.M. (A ORDEM, 17 mar. 1944, p. 1 e 4, grifos nossos).

Ao concluir seu texto, o autor ressaltou que a grande obra de Monte foi plantar sementes e que delas os frutos surgiriam:

Quando do seu afastamento [morte], alguém, dentre o imenso rebanho, lembrou que o Senhor o afastara [a Monte] para esperar a colheita. Fôra, entretanto, a hora da provação.
Nos seus impenetráveis desígnios, outra devia ser a tarefa que o Supremo Senhor reservara ao semeador sublime. A terra era pequena para a recompensa do seu sacerdócio de santidade. Havia de ser do “reinado que

não tem fim” que ele iria contemplar os frutos do seu trabalho, da sua abnegação, da sua missão sagrada e tão santamente cumprida. Era-lhe reservado o infinito do Céu para descortinar a maravilhosa seara.

O instante é decisivo: não admite hesitações nem desânimos. Custe, embora, os maiores sacrifícios.

É a hora suprema da colheita!

Que seja esse o culto da sua saudade imperecível.

É preciso que lá do Alto ele possa sentir que a semente não foi lançada em terreno estéril, que a messe será farta e fecunda e que os grãos se hão de multiplicar em milhares de frutos sazonados, para a sua glorificação.

Procuramos no Céu a estrela que não refugue, já, na terra.

Ela continua, com um brilho mais intenso, com o fulgor divino, pelo exemplo luminoso que deixou, a apontar ‘O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA’. 8 mar. 1944. A.M. (A ORDEM, 17 mar. 1944, p. 1 e 4, grifos nossos).

Para o autor, o afastamento de Monte (e não a morte) devia ser entendido como uma providência divina. Deus, com sua sabedoria, recompensava a santidade do sacerdócio de Monte, levando-o para uma dimensão superior, de onde contemplaria os frutos do seu trabalho. A terra era pequena para a grandeza de Monte, mas as sementes que haviam sido plantadas por ele se multiplicariam. Sob esta perspectiva, Monte permanecia vivo, indicando o caminho para a salvação para os cristãos.

Em 18 de março de 1944, o jornal *A Ordem* publicou outro artigo, possivelmente escrito por uma autora,²⁷² que se autodenominou Ortulana. No texto, intitulado *In Memoria*,²⁷³ a autora se apresentou como alguém que, assim como outros autores que mantiveram relações intelectuais e afetivas com Monte, pretendia prestar um preito de veneração à memória de Padre Monte e defender a conservação permanente dessa memória:

Na variedade de tons com que cada dia a intelectualidade e o coração norte-rio-grandense vêm entretecendo um ramalhete magnífico de flores raras e de perfume inconfundível, num preito de amor e de veneração à memória santa de Padre Monte, quero eu hoje também, numa contribuição humilde e espontânea, **vir depositar a minha ‘saudade’ viva e palpitante. [...] Não mais veremos Padre Monte, nem aqui, nem ali, nem em parte alguma da terra. Encontrá-lo-emos, porém, nos Céus, ao lado do Cordeiro, entre os anjos e os santos do Paraíso.** É esta hora de Deus, a hora de vivenciarmos a nossa Fé, pondo de parte aquilo que é visível para irmos diretamente ao Bem das coisas invisíveis, conforme ele tanto encarecia. Certa vez, assegurou-me que o seu Céu seria tornar a todos felizes. [...]

²⁷² Acredito que o texto possa ter sido escrito por uma mulher, pois, em alguns momentos do texto, encontramos palavras como “comovida” e “edificada”, referindo-se ao(à) autor(a). Também o nome Ortulana sugere que tenha sido uma mulher. Entretanto, nada impede que um homem tenha escrito o texto e utilizado um pseudônimo feminino. Ressalto que, apesar das várias tentativas que fiz para identificar a autoria do texto, não foi possível confirmá-la.

²⁷³ Não encontrei esse texto em nenhum dos volumes da *Antologia* do Padre Monte. Também não consegui identificar o critério utilizado por Navarro para excluí-lo da coletânea.

Nas provocações da nossa vida material, como nas lutas interiores que tantas vezes avassalam o nosso espírito, este conceito sábio e santo há de prevalecer, constituindo um incentivo poderoso com que nos fortaleceremos na via crucis de cada dia.

Como vida e edificada, como que revejo, já nas longas do tempo, aqueles lampejos de sua incomparável espiritualidade quando frisava que para a nossa santificação era preciso aceitar tudo, conformar-se em tudo e aniquilar-se. [...].

Guardemos como uma dádiva divina, como uma essência preciosíssima, a lembrança do que já não possuímos. **Que nesta saudade infinita permaneça a nossa alma em prece, no afastamento total de todo pecado, bem como no combate constante a qualquer imperfeição.**

Seja esta a maneira prática de honrarmos a sua memória imperecível e de conservarmos mais próximas da sua salutar e benfazeja influência.
Ortulana. (A ORDEM, 18 mar. 1944, p.1-2, grifos nossos)

No texto em questão, o(a) autor(a) afirma que estava em curso um processo coletivo de veneração à memória de Padre Monte e que, apesar de o religioso não se fazer presente na terra, ele poderia ser encontrado no céu, com os anjos e os santos. O(a) autor(a) ressalta que era necessário que as pessoas vivenciassem a fé, que buscassem o bem nas coisas invisíveis, ou seja, se Monte não estava mais na terra, a celebração da sua memória estabeleceria uma ligação direta entre as pessoas da terra e os santos do céu. Nesses termos, (o)a autor(a) conclamou os cristãos para que eles seguissem o exemplo de santidade e sabedoria deixados por Padre Monte, fortalecendo diariamente a sua fé. Seguindo esse exemplo, a santificação seria encontrada. A saudade de Monte deveria ser substituída pelas preces, pelo afastamento do pecado, pelo combate à imperfeição. Essa substituição seria uma forma de honrar a memória de Monte e de conservá-la continuamente. De forma semelhante a outros textos que já analisamos, o(a) autor(a) também criou um caminho para a vivência atemporal da memória sobre Monte. O religioso deveria ser exaltado permanentemente como forma de exaltação da própria fé.

Na semana de 20 a 25 de março (de segunda a sábado), não encontrei, no jornal *A Ordem*, nenhum artigo específico sobre Padre Monte. Ao longo desses dias, o jornal publicou vários telegramas de condolências pelo falecimento do religioso e as notícias sobre a romaria, já trabalhadas anteriormente, se fizeram presentes diariamente.

No dia 27 de março de 1944, segunda-feira, véspera do aniversário de 30 dias da morte de Monte, o jornal *A Ordem* dedicou praticamente toda a sua primeira página a matérias sobre Monte. A manchete principal anunciava: “amanhã, 30º dia do falecimento do Cônego Luís Monte, haverá solenes Exéquias, pela manhã na Catedral, e Sessão Magna, à noite, no Ginásio Imaculada Conceição”. A principal reportagem apresentava uma fotografia de Padre Monte, que ocupava aproximadamente um quarto da página, e o seguinte texto:

Estamos na véspera do trigésimo dia do falecimento do Cônego Luís Monte. As homenagens e sufrágios continuam. [...] as Filhas de Maria sufragaram-lhe a alma na missa de ontem. Os Salesianos, as irmãs Dorotéias, a Irmandade dos Passos e o Instituto Jocista Pio XI escolheram o dia de amanhã para os sufrágios.

Amanhã, sobretudo **dois acontecimentos vão assinalar o trigésimo dia da morte do Cônego Monte: as solenes exéquias, na Catedral, promovidas pelo Exmo. Sr. Bispo Diocesano, e a Sessão Solene, no Ginásio Imaculada Conceição, sobre os auspícios da Juventude Feminina Católica.**

Sobre a Sessão Solene, damos notícias a parte.

Para as exéquias de amanhã, as oito horas, na Catedral, o Sr. Bispo D. Marcolino Dantas, convida os srs.: Interventor Federal, Comandante da Base Aérea de Natal, Comandante das Forças do Exército Nacional, Comandantes das Bases Aéreas Brasileiras e Americanas, Comandante da Força Policial, e respectivamente os seus dignos auxiliares, o clero secular e regular, o Tribunal de Apelação, o Secretário Geral, o Conselho Administrativos, os Departamentos Estaduais, o prefeito da cidade, o Seminário de São Pedro, a Imprensa, a Estatística, as diversas autoridades civis e militares, os cônsules, a Academia de Letras, o Instituto Histórico, as comunidades religiosas, as repartições federais, estaduais e municipais, a Federação e as Congregações Marianas, o Instituto de Música, o Instituto e a Ordem dos Advogados, a Associação e a Junta Comerciais, as Companhias e as Agências, os Bancos e os Sindicatos, o Colégio Estadual Masculino e Feminino, os Ginásios e os Grupos, a Juventude Feminina Católica, a Liga das Senhoras da Ação Católica, os Homens da Ação Católica, a Ordem Terceira, as irmandades, as Conferências Vicentinas, as Ligas Jesus, Maria, José, as Associações das três Paróquias da capital, os amigos e admiradores do Grande Morto, e os fiéis em geral.

Fará a oração fúnebre o cônego Luís Wanderley. (A ORDEM, 27 mar. 1944, p. 1, grifos nossos).

Pelo texto do jornal, fica evidente que as celebrações fúnebres em homenagem aos 30 dias da morte de Monte foram grandiosas. A matéria indica que seriam realizadas, no dia seguinte, duas solenidades. A primeira, pela manhã, na Catedral, com a presença de todas as autoridades civis e militares, das entidades culturais e religiosas e dos fiéis em geral. A segunda, que seria realizada à noite, e que mereceria outra notícia à parte, a qual discutirei mais adiante. Pelo caráter da primeira atividade, percebe-se o envolvimento de vários setores da sociedade natalense, mobilizados pelo Bispo para essa homenagem. Na solenidade, a oração fúnebre seria proferida pelo Cônego Luís Wanderley, personagem que eu já apresentei neste capítulo, quando discuti a oração feita por ele durante a missa de trigésimo dia de Monte. Esse autor era conhecido pelos seus discursos poéticos, pelas suas qualidades de professor e pela sua amizade com Padre Monte. Dessa forma, pode-se inferir que o nome do orador deve ter sido escolhido por suas habilidades de emocionar os presentes e que, provavelmente, favoreceriam a consolidação da memória sobre Monte.

Ainda na primeira página, a Juventude Feminina Católica Brasileira de Natal (J.F.C.) publicou uma matéria, intitulada *Cônego Luís Monte*. É importante destacar que as matérias publicadas por essa entidade tinham sempre um padrão: à esquerda vinha o nome da entidade e, à direita, o seu símbolo, que se destacava por apresentar o quadro negro com a cruz branca, como já foi descrito anteriormente. Os títulos das matérias publicadas pela Juventude Feminina sempre eram antecidos por esse símbolo. Na matéria, especificamente, há a informação de que as comemorações do trigésimo dia de falecimento do Cônego Monte estavam organizadas. Além disso, era informado que a JFC compareceria uniformizada²⁷⁴ nas duas sessões em homenagem a Monte, às 8 horas, na catedral, e às 19 horas e trinta minutos, no Ginásio Imaculada Conceição.

A matéria ainda informava os detalhes do evento, que seria realizado no dia seguinte. Como a sede da JFC estava localizada no Ginásio Imaculada Conceição, o evento seria iniciado com a instalação de um quadro com uma fotografia de Monte em lugar de destaque na sede da entidade, sendo que a sessão seria presidida pelo Bispo de Natal, Dom Marcolino Dantas. Diferentemente da atividade religiosa da manhã, esse evento se caracterizaria pela apresentação de textos escritos por intelectuais e poetas locais. O evento constaria das seguintes exposições: a professora Giovana Montenegro apresentaria o texto *O Cônego Monte e a vida da juventude*; o acadêmico²⁷⁵ Aluizio Alves faria a leitura do texto *Evocação do Cônego Monte*; o Padre Jorge O'Grady de Paiva leria o texto *Cônego Monte, o homem de Deus*. Seu encerramento se daria com um soneto recitado pela poetisa Palmyra²⁷⁶ Wanderley²⁷⁷ em homenagem a Monte e pela apresentação de dois versos, um de Dom Marcolino e outro do Padre Neves Gurgel, recitados por duas jefecistas. A matéria foi encerrada com as jefecistas convidando a sociedade natalense a homenagear Monte durante aquele evento.

Além dessas duas solenidades, o jornal ainda trazia o convite para duas missas de trigésimo dia, que seriam realizadas no dia 28, antes da missa na Catedral. A primeira missa estava sendo organizada pelas alunas do Ginásio Imaculada Conceição e seria celebrada às 6

²⁷⁴ Eu não consegui identificar qual o uniforme usado pelas moças da Juventude Feminina Católica. Considero que a análise desse uniforme pode se constituir num excelente material de análise, estabelecendo-se uma relação entre a indumentária por elas utilizadas e as concepções da Ação Católica.

²⁷⁵ Na época, Aluizio Alves era aluno da Faculdade de Direito de Maceió, razão pela qual é referido como acadêmico. Optei por manter o termo empregado na fonte.

²⁷⁶ Também encontrada com grafia Palmira.

²⁷⁷ Palmyra Guimarães Wanderley (1894-1978) foi uma das primeiras jornalistas do Rio Grande do Norte, tendo fundado com outras mulheres a primeira revista produzida só por mulheres no Rio Grande do Norte: *Via láctea*. Escreveu poemas crônicas e discursos para jornais e revistas do Rio Grande do Norte, do Rio de Janeiro, de São Paulo, da Bahia e do Ceará. Como já mostramos anteriormente, ela era irmã do Cônego Luís Wanderley.

horas e 30 minutos. A segunda missa seria promovida pelo Instituto Jocista²⁷⁸ Pio XI e seria celebrada às 6 horas e 15 minutos, na capela do Ginásio das Neves.

Finalmente, ainda na edição do dia 27 de março, *A Ordem* publicou, na primeira página, um artigo de Padre Nivaldo Monte, em homenagem ao irmão falecido. Neste artigo, Padre Nivaldo expôs seus sentimentos e a sensação de que Monte não havia morrido. O título do artigo, ... *E a vida cantou vitória sobre a Monte*, é uma evidência do conteúdo do texto, ou seja, da presença viva de Monte mesmo depois da sua morte:

Carrel, depois de ter perscrutado a ciência no organismo humano, escrevera no frontespício de um dos seus maiores livros: O homem, este desconhecido! Teria por ventura, razão o insigne biólogo ao julgar possível compreender a vida humana, considerando-a mais um campo inculto, que um mistério impenetrável?! Para mim o homem é mais que um desconhecido; o homem é um mistério! A ciência pode conhecer a força das tempestades. A poesia pode cantar o esplendor de um céu de estio. Pode pintar a arte o matiz mais suave da mais bela flôr. Mas, que ciência sondará as profundezas da alma humana? Que poesia há de cantar as maravilhas do seu coração? Que arte se sentirá com forças suficientes para pintar as belezas desta mesma vida? Sim, por que o mistério se ama. Seria utopia querer compreendê-lo. Mas, ei-nos, mais uma vez, numa grande encruzilhada. O amor é uma emoção, e ... nós sabemos que a expressão é polarizada pelos sentimentos (emoção). A intensidade da expressão está em razão inversa da intensidade da emoção. Eis por que as grandes emoções são silenciosas! **Ritchier já afirmava: 'As palavras exprimem as idéias, jamais as emoções'.**

Daí a grande angústia daquele que escreve. Quer exprimir o inexprimível. Sim, eu me vejo nesta grande angústia! **Na angústia de minha inteligência diante o insondável do mistério - o mistério de uma personalidade. Angústia de meu coração ante a impossibilidade de exprimir o que eu sinto.**

Na impossibilidade de desvendar o mistério, não quero que fale a minha inteligência. Na impossibilidade de dizer o que eu sentia, deixei que o tempo curasse as emoções. **Sentia-as bem verdade, e elas me foram profundas, duradouras. Não porque ele fosse meu irmão, não, ele não me pertencia, como não se pertencia a si mesmo.** Mas, porque, sentindo mais perto a luz de sua inteligência, porque sendo mais a miúdo impulsionado por sua grande vontade, sinto saudade dele, que era meu irmão de sangue, mas, sinto a presença dele que era meu irmão de alma. **Se, para mim, o meu irmão de sangue eu vejo morto: mas do que nunca, o meu irmão de alma eu vejo vivo! Sim porque os laços do espírito não se destroem.** Eis por que ele não morreu para mim. **Vejo-o no meu caminho. Sinto-o nos meus lábios, que, como o dele, consagram a hóstia, pura, santa, imaculada. Sinto-o nas minhas mãos, que, como as dele abençoam e acalmam os corações feridos.** Sinto-o em minha vida, porque como ele eu também sou sacerdote [ilegível]. E é como sacerdote que encaro sua morte. Não como negação da vida, morre" [sic], visto que, para nós cristãos, a morte é a síntese da vida. **E ele mais do nunca vive nas almas por ele buriladas.**

Não como aniquilamento do homem, por que, mais do que nunca, ele se afirma na intensidade de sua personalidade. **Não como uma negação da presença,**

²⁷⁸ Jocista é termo que deriva de Juventude Operária Católica.

por que mais do que nunca ele vive presente nos corações das almas que o amaram. Ele vive ainda; sim, vive no Céu! porque o homem que realiza para a eternidade tem, como sinal de sua vida, a vida eterna. Ele vive ainda, Sim, vive na "terra porque o homem, que forma caracteres, imprime o sinete de sua personalidade em cada coração por ele transformado!

Ele vive em cada elemento de verdade por ele conhecido. Ele vive em cada parcela de virtude por ele amada. Ele vive em cada trabalho por ele realizado.

Sim, se viver é realizar, ele vive na verdade, que viceja nas inteligências por ele desbravadas. Porque esta verdade continua a ser a verdadeira realização da vida.

Sim, só no amor se encontra a mesma caridade que inflama as almas que o compreenderam! **Não, ele não se aniquilou! A sua morte foi o sinal de sua Redenção! Na vida, esquecido e pequenino - porque para ele, viver era imolar-se; na morte, lembrado tanto no chorar dolente das crianças como no comovente pranto do ancião.** Não, ele não se afastou! Está presente, porque **sua morte cristalizou dentro de nossa alma a presença de seus ensinamentos na intensidade de uma lembrança amiga.** Aí está porque, para mim, ele não pode ter morrido (A ORDEM, 27 mar. 1944, p.1, grifos nossos).²⁷⁹

O texto de Padre Nivaldo deve ter contribuído para o comparecimento das pessoas aos eventos noticiados nessa edição do jornal *A Ordem*, uma vez que ele publicizou sua percepção de que o espírito de Monte permanecia vivo nas pessoas que o amavam e que eram amadas por ele, nos trabalhos que realizou, nos ensinamentos que transmitiu. Inicialmente, Padre Nivaldo afirmou que sua ligação com Padre Monte ultrapassava os laços sanguíneos, e, ainda, que Monte era um ser superior, que mantinha um vínculo direto com Deus. Sob esta perspectiva, as solenidades previstas para o dia 28 não seriam uma homenagem para um morto, mas, sim, uma celebração pelo fato de Monte seguir vivendo entre os católicos do Rio Grande do Norte.

No dia 28 de março, o jornal *A Ordem*, que era um periódico vespertino, relatou o evento ocorrido pela manhã na Catedral, noticiando com destaque o “30º dia do falecimento do cônego Luís Monte” e reforçando o convite para a Sessão Solene em homenagem a Padre Monte, que ocorreria à noite, no Ginásio Imaculada Conceição.

No relato sobre a solenidade ocorrida na Catedral, o jornal noticiou que a Igreja esteve completamente lotada com a presença de todas as autoridades convidadas e de muitos fiéis. Anunciou ainda que a solenidade tinha sido presidida pelo bispo, que foi auxiliado por vários outros sacerdotes. Informou, finalmente, que o cônego Luís Wanderley produziu um magnífico discurso sobre Padre Monte, que foi lido como a oração fúnebre.

Ainda no jornal do dia 28 de março, a professora Albertina Guilherme Trigueiro (1918-1951), popularmente conhecida como Bertha Guilherme, publicou um artigo, intitulado *Cônego*

²⁷⁹ O artigo também foi publicado na *Antologia*, v. 4. (MONTE, 1982. p. 178-179).

Luiz Gonzaga do Monte. Após concluir o curso de contabilidade em Natal, Albertina cursou Filosofia na Faculdade Nacional de Filosofia, no Rio de Janeiro. Regressando a Natal, tornou-se professora do Atheneu Norte-Rio-Grandense e da Escola Normal de Natal. Era próxima de Padre Monte e, com ele, realizou uma série de atividades na cidade.²⁸⁰ Militante da Ação Católica, realizou uma série de atividades para o fortalecimento do movimento. Empenhou-se, ao lado de Aluizio Alves, Padre Nivaldo Monte e Oto Guerra na fundação da Escola de Serviço Social de Natal, instituição pioneira, no Norte e no Nordeste, na formação de assistentes sociais. Oradora de destaque, era frequentemente convidada a fazer discursos, como nas homenagens ao maestro e chefe provincial da Ação Integralista Brasileira Valdemar de Almeida²⁸¹ e do diretor do jornal *A Ordem*, Ulisses de Gois.²⁸² Além de fazer discursos, Berta Guilherme também era convidada para cantar em eventos. Depois da morte de Padre Monte, Bertha criou o curso Luiz Monte, destinado a preparar alunos para o primário, o ginásio e vestibulares. A partir desses elementos, pode-se inferir que o artigo de Bertha Guilherme sobre Monte expressava o pensamento da Ação Católica e das mulheres que desenvolviam atividades intelectuais na cidade. O texto escrito por Berta Guilherme se inicia da seguinte forma:

Cônego Luiz Gonzaga do Monte

Bertha Guilherme

Se a morte é a porta da vida dos justos, o Céu rejubilou-se, pois de par em par se abriu ela para dar ingresso na Eternidade ao Servo do Senhor. Na doação completa do seu ser ao Mestre Divino, única aspiração de sua vida, o Cônego Luiz Gonzaga do Monte fechou os olhos ao mundo para sempre no dia 28 de fevereiro último.

O dia 3 de janeiro lhe presenteara o 39º aniversário da sua existência. E essa passagem tão rápida por este vale de lágrimas foi-lhe penhor da coroa dos justos que deve ter recebido no Céu.

Primogênito de um casal cristão, foi sempre o encanto de seus pais. **Sua mãe**, a quem cabe muito bem o epíteto de ‘mulher forte’, **soube inculcar-lhe a grandeza de coração e a generosidade d'alma e vamos vê-lo aos 5 anos de idade se abstendo de alimento para dar aos pobres**. Em 1919, iniciou seus estudos no Seminário de S. Pedro. Das mãos do Exmo. Sr. Bispo D. José Pereira Alves recebeu, a 18 de setembro de 1927, o presbiterato na Catedral de Nossa Senhora da Apresentação.

A sua inteligência rara e profunda atraiu-lhe a atenção dos Mestres e antes de ser Padre, já se tornara um deles. O amor acendrado à Verdade

²⁸⁰ No jornal *A Ordem*, encontrei diversas referências de eventos em que Padre Monte participava com Berta Guilherme. No dia 7 de maio de 1938, por exemplo, numa reunião para preparar a Páscoa dos militares, Cônego Luís Monte falou sobre “a presença real de Jesus Cristo na Eucaristia” e, em seguida, Berta Guilherme falou sobre “a Eucaristia e o Escotismo”. (*A ORDEM*, 7 jun. 1938, p. 1).

²⁸¹ O jornal *A Ordem* do dia 23 de agosto de 1948 anunciou a presença de Bertha Guilherme na homenagem a Valdemar de Almeida.

²⁸² No dia 7 de junho de 1937, a Confederação Católica fez uma homenagem a Ulisses de Gois, na qual estiveram presentes o representante do governador Rafael Fernandes, o prefeito de Natal, o Bispo, Padre Monte, Otto Guerra, entre outros. Vários discursos foram pronunciados e Berta Guilherme apresentou um número de canto, acompanhada, ao piano, por Lourdes Guilherme. (*A ORDEM*, 8 jun. 1937, p.1).

despertou-lhe n'alma a ânsia da pesquisa e pouco a pouco se **imiscuiu no segredo das ciências. Fez-se senhor de 9 (nove) idiomas** e deles fazia uso como se fosse a língua-mãe. **Latim, Grego e Hebraico fizeram-no familiar com a grandeza das Sagradas Letras e o mergulho no mar das abstrações avançou os seus conhecimentos filosóficos para o domínio da Teologia**, onde a Revelação clareia os pontos obscurecidos. A Fé foi marco desta vida de homem de ciência e é curioso ver **quanto mais se avança na profundidade dos sistemas e correntes científicas e filosóficas mais se lhe abrasava o coração de Fé** ardente e vivificante (A ORDEM, 28 mar. 1944, p. 1, grifos nossos).²⁸³

Pela citação, observa-se que Bertha Guilherme iniciou o seu texto apresentando Monte como um ser superior em relação aos mortais; superioridade que estaria vinculada às ações que ele desenvolveu aqui na terra. Mais uma vez, percebe-se a concepção de que Monte seria recompensado por ter abdicado de todos os prazeres do mundo e se dedicado exclusivamente ao Senhor. Tratava-se de um estímulo para que aqueles que desejassem a eternidade procurassem seguir o mesmo exemplo.

Após essa apresentação inicial, Bertha Guilherme abordou elementos biográficos de Monte, ressaltando que Monte havia sido filho de um casal cristão e que sua mãe havia lhe ensinado a ser generoso, fatores que foram determinantes para a sua vida. A autora constrói a ideia de que Monte havia nascido para ser santo, uma vez que aos cinco anos de idade já se abstinha de alimentar-se para dar aos pobres. Para além da santidade, a autora ressalta também a sabedoria de Monte, destacando sua precocidade, identificada por seus professores antes mesmo de ele se tornar padre. De forma idêntica, considera que foi o seu amor à verdade que o tornou um cientista. Ressalta também o domínio dos idiomas e o aprofundamento nos conhecimentos teológicos em função dessa habilidade, sem deixar de registrar, assim como outros já o haviam feito, sua simplicidade e a força da sua fé. Bertha Guilherme exemplifica algumas ações concretas de Monte que demonstrariam a sua sabedoria, como pode ser visto no excerto a seguir:

Professor em quase todos os estabelecimentos de ensino do Natal, **lecionou Latim, Matemática, Física, Química, Biologia e Filosofia. No campo didático, foi inimitável** pela precisão de conceitos, técnica pedagógica e equilíbrio psicológico.

Uma humildade sem limites revestia-o com uma auréola e quem visse a sua figura franzina, leve a apagada não prescrutaria a magnitude daquele cérebro e a santidade daquele coração. **Quem o visse não alcançaria que aquela figura de seminarista fosse o homem de laboratório e de investigação**, o homem que nas reações de suas pesquisas químicas descobriria a existência de minérios vários no solo do Rio Grande do Norte.

²⁸³ O artigo também está na *Antologia*, v. 3. (MONTE, 1979, p. 295-297).

Era profundo conhecedor da Medicina e de um médico ateu ouvi referir: ‘Padre Monte é uma capacidade, está em dia com os casos mais recentes da Medicina’.

Os seus dotes de oratória, a segurança, a precisão de suas ardorosas polémicas, a justeza da doutrina dos livros que deixou a publicar valeram-lhe a cadeira do Cônego Leão Fernandes, na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

Para mostrar o seu valor como Sábio basta dizer que penetrou em todos os campos da ciência e fez-se dela profundo conhecedor. Isto revela bem o privilégio do seu cérebro, quando sabemos nós que a finitude da inteligência humana garante-lhe apenas conhecimentos mais alargados em setores especializados (A ORDEM, 28 mar. 1944, p. 1, grifos nossos).

É interessante notar como a autora mobilizou uma série de informações para ratificar a sabedoria de Monte. Note-se, inclusive, que ela fez referência, de maneira implícita, ao elogio que Monte recebeu de um médico. A propósito, Monte discutirá sobre ciência com dois médicos, sendo que um deles será Esmeraldo Siqueira, e o segundo será o médico carioca Henrique Tanner de Abreu, titular da cadeira de Medicina Legal da Faculdade de Medicina da Faculdade do Brasil, como será visto no segundo capítulo. Henrique Tanner não conhecia Monte e foi em função de uma rede de relações, marcada pela religiosidade, que ele chegou ao livro *Fundamentos Biológicos da Castidade*, escrito pelo religioso. Nos dois casos, não há quaisquer evidências de que os dois médicos tenham considerado Monte uma sumidade na área de Medicina. Entretanto, a menção de que Monte estava “em dia com os casos mais recentes da Medicina” foi útil para que a autora exaltasse a sabedoria e a genialidade de Monte, contribuindo para o processo de construção de uma memória laudatória sobre o religioso. Na continuidade, a autora se dedicou à apresentação das ações de Monte junto à Ação Católica:

Particularmente, eu quero me referir ao seu zelo apostólico. **A Ação Católica Brasileira conta-o como um dos seus mais legítimos arautos.** Foi pregoeiro do Reino de Deus e a semelhança de João Batista, preparava os caminhos do Senhor. Pioneiro do grande movimento no Rio Grande do Norte, foi ele, desde 1936 quando se fundava a Juventude Feminina, em 7 de setembro daquele ano, o Assistente Eclesiástico Diocesano por nomeação do Exmo. Sr. Bispo D. Marcolino Dantas.

A Juventude foi campo de sua particular ação, dela fizera o encanto de sua vida, a menina de seus olhos. Como e quanto foi abnegado e generoso, o digam as almas por ele tão cuidadosamente formadas. E já não era outro o seu desejo senão o de ajustar as contingências da vida material, para dedicar-se exclusivamente aos livros e ao confessionário. Horas a fio passava ele no Tribunal da Penitência e quantos foram os corações amargurados que ali, dos seus lábios não receberam a unção de sua palavra amiga e santa em bênçãos de paz transformada, para dar lenitivo àquelas almas. De estímulo, de confiança, de resignação, de reconhecimento, de amor, de compaixão, de misericórdia, de fé, eram tecidas as suas palavras. **Com um sorriso permanente a baloiçar-lhe nos lábios. com a viveza do seu olhar agudo e penetrante acolhia a todos, de todas as condições e credos.** A J.F.C. de Natal está órfã, sentiu a mão do Senhor a pedir-lhe tamanha renúncia. O ‘fiat’

foi dado com generosidade maior do que se esperava, pois na terra não teremos mais o amigo de todas as horas, o amigo que se interessava por tudo o que de perto nos dizia respeito.

Sentimos sua falta nos fragmentos mais diminutos da nossa vida quer individual, quer coletiva.

Sentimos a falta do Assistente Eclesiástico a quem o menor detalhe da vida da sua Juventude era um interesse maior do que se se tratasse da sua própria. Enfim, sentimo-nos felizes de ter dado ao Céu um santo e estamos certas que de lá ele velará por nós (A ORDEM, 28 mar. 1944, p. 1, grifos nossos).

Considerando-se as diretrizes da Ação Católica, voltadas para o combate dos inimigos da Igreja, pode-se inferir que Bertha Guilherme estava acrescentando à sabedoria e à santidade de Monte, a condição de defensor do catolicismo, como se pode observar na passagem abaixo:

O Rio Grande do Norte inteiro chora sua perda, mas numa só voz se une ao nosso coro que repete:

Alegrai-vos céus e terra. O Senhor elegeu o seu servo e os talentos que lhe deu foram centuplicados, o justo floresceu como a palmeira e multiplicou-se como o cedro do Líbano, combateu o bom combate, terminou a sua carreira, guardou a fé e a coroa da justiça que lhe estava reservada lhe cingiu a fronte.

Seja o nosso brado mais ardente o **bendizer o nome do Senhor que nos deu guia tão devotado na terra e protetor tão generoso no Céu** (A ORDEM, 28 mar. 1944, p. 1, grifos nossos).

Penso que o texto de Bertha Guilherme possa ser sintetizado nos seguintes termos: Monte morreu, foi recebido nos céus com grande festa, em razão da sua atuação aqui na terra: afinal, foi um homem sábio, santo e humilde, que usou todas as suas forças para defender a Igreja Católica. A sua morte, que poderia representar um momento de perda devia ser interpretado, na verdade, como um momento de júbilo, tendo em vista que os que permaneciam na terra passaram a ter, a partir daquele momento, um guia das ações a serem tomadas pelos cristãos. Em sintonia com as celebrações que vinham sendo feitas por ocasião do trigésimo aniversário da morte de Monte, a autora fortaleceu as ideias defendidas pelos demais autores que também apresentaram Monte como exemplo a ser seguido. Mais do que uma homenagem a Monte, o texto de Bertha constitui-se de uma defesa dos próprios princípios da Neocristandade, indicando um caminho para a salvação dos cristãos: era preciso trilhar a vida com santidade, sabedoria e combatendo os inimigos do catolicismo.

No dia 29 de março, a Juventude Feminina Católica Brasileira de Natal publicou, no jornal *A Ordem*, uma nota sobre a Sessão Solene realizada no dia anterior em homenagem ao Cônego Monte, indicando os participantes e a programação realizada. (A ORDEM, 29 mar.

1944, p. 1) Ainda nesse dia, Violeta (pseudônimo não identificado)²⁸⁴ publicou um texto intitulado *Memória do Cônego Monte*, no qual escreveu:

Luto, trevas, tristezas, ainda dominam o coração da cidade, com o desaparecimento do Cônego Monte.

Toda Natal chora, toda Natal sente, toda Natal sofre, e a sua dor repercute pelo estado inteiro. Os sinos dobram finados, e a sua voz compassada e lúgubre é a voz da catedral a rezar a prece fúnebre, no trigésimo dia do desaparecimento do inesquecível morto. Mas, **dentro de nós ele viverá, porque sua memória não desaparecerá jamais.**

Ele foi a luminosa estrela que deixou de brilhar na terra, para luzir com mais fulgor no céu. Foi ele, que, com sua larga visão, iluminou as trevas de muitas almas e acendeu nelas o amor ao Belo e à Verdade. Sua palavra era um credo, sua inteligência um sol, sua vida um exemplo.

Ninguém o conhecia sem sentir a influência benéfica da sua bondade.

Todas as virtudes encontravam nele franco abrigo, porém, o que mais o caracterizava era a humildade, pois, sendo grande de espírito e coração e dotado de privilegiada inteligência e saber, tornou-se o discípulo modelo d'Aquele que disse:

‘Se não vos fizerdes pequenos, não entrareis no reino do céu’.

Foi o modelo edificante do Divino Mestre e, em todas as almas, procurava com mansidão e doçura copiar Sua Feição.

Suas pegadas deverão ser seguidas por todos quantos desejarem seguir o Caminho da perfeição. Desapareceu como desaparecem os justos, com a consciência tranquila, porque na terra, só fez espalhar o bem na inteligência, n'alma e no coração.

Sua coroa de glória vem sendo preparada desde criança, pois edificada, li o que escreveu Mons. Paulo Herôncio e o que já havia ouvido de alguém que o conheceu desde aquele tempo, o modo piedoso com que se portava diante do Santíssimo. É que desde aquele tempo já amava a Eucaristia e este amor foi crescendo com ele. Feito sacerdote, foi tudo para todos, e em todas as almas deixava transbordar este amor imenso que da sua transbordava pela Eucaristia.

Mestre profundíssimo da vida interior, conhecia bem as almas e a cada uma conduzia pelo caminho que escolhera para levá-la à santidade.

Sua vida era uma união continua com o Cristo, ele bem podia dizer o que dizia o grande apóstolo: ‘Não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim’.

Ninguém sofria, sem encontrar nele o bálsamo, ninguém chorava, sem que nele encontrasse conforto para o pranto.

Pranteando o seu desaparecimento, **procurei flores para botar no seu túmulo e só encontrei violetas, roxas como o meu pesar, perfumadas como a minha gratidão, humilde como aquele que se fez pequeno na terra, para ser grande no céu** (A ORDEM, 29 mar. 1944, p. 1, grifos nossos).²⁸⁵

O texto de Violeta não apresentou elementos inovadores em relação aos outros artigos produzidos ao longo do mês de março e que visaram enaltecer a memória de Monte. Entretanto, ele representa uma tentativa de síntese de todas as discussões apresentadas. Lendo-se o texto,

²⁸⁴ Suponho que o pseudônimo tenha sido criado em razão do próprio texto, que, na sua conclusão, afirmou que procurou flores para colocar no túmulo de Monte e só encontrou violetas, roxas, perfumadas e humildes.

²⁸⁵ O artigo também está na *Antologia*, v. 3. (MONTE, 1979, p. 289-290).

tem-se a impressão de que nele cravou-se a marca definitiva de como a memória de Monte deveria ser celebrada. Inicialmente, a autora ratificou a ideia de que a memória de Monte não desapareceria jamais. A autora considerou que, ao morrer, Monte não desapareceu, mas partiu para outra dimensão, de onde iluminaria, com maior intensidade, a vida dos homens na terra. Na perspectiva de Violeta, o homem, que desde criança, estava preparado para ser um santo atingiu o seu objetivo ao chegar ao céu, e aqueles que seguissem seu exemplo seriam também recompensados com o reino dos céus. Tomando por base esses argumentos, a autora sintetiza as suas ideias, estabelecendo uma analogia entre Monte e as violetas, flores que são perfumadas e humildes.

Depois do período de 28 de fevereiro a 29 de março de 1944, durante o qual as notícias sobre a morte de Monte foram muito intensas, Monte desapareceu das páginas do jornal *A Ordem*. A publicação de desses artigos e notas, que vinha sendo feita diariamente, foi interrompida abruptamente. A nota da Juventude Feminina Católica e o artigo de Violeta encerraram o ciclo de textos e homenagens a Padre Monte.

2.6 A morte de Monte: de 1944 a contemporaneidade

Em tese, o desaparecimento das notícias sobre Monte do jornal poderia ser atribuído às festividades da Semana Santa. No dia trinta de março, uma quinta-feira, o jornal *A Ordem* anunciou a Procissão do Encontro. Nos dias 31 de março e 1º de abril, o jornal apresentou várias matérias sobre a Semana Santa. No dia 2 de abril, foi o Domingo de Ramos, e no dia 6, foi iniciada a Semana Santa propriamente dita e, no dia 9 de abril, foi celebrado o Domingo de Páscoa. Entretanto, observando-se as páginas de *A Ordem*, percebe-se que não foi a Semana Santa a causa do silenciamento sobre Monte, uma vez que a ausência de notícias sobre o padre permaneceu mesmo após esse período, encontrando-se apenas notícias esparsas sobre ele.

Daquele período até os dias atuais, apesar de Monte deixar de ser notícia por longos períodos, ele nunca desapareceu totalmente das páginas dos jornais. Além disso, todas as referências a Monte sempre retomam as narrativas criadas sobre ele ao longo do mês de março de 1944. As informações sobre a memória de Monte publicadas ao longo do mês de março de 1944 forneceram material suficiente para que o religioso fosse eternizado na cidade de Natal como santo e sábio, conforme procurei mostrar ao longo deste capítulo.

No final de março e em dois dias do mês de abril de 1944, encontrei menções a Monte, de forma implícita, em quatro matérias que criticavam Lourenço Branco.²⁸⁶ As ideias apresentadas no jornal eram semelhantes às de Padre Monte. Se, no dia 30, o texto criticava a pedagogia defendida por Lourenço Branco, no dia 31, a crítica era feita em relação à concepção de coeducação defendida pelo mesmo autor. Nos dias 10 e 12 de abril, Dom Adelino Dantas escreveu textos criticando Lourenço Branco e, neles, o autor repete os argumentos de Monte, dando a entender que o debate entre Monte e Lourenço Branco continuavam.

Em 18 de abril, o jornal *A Ordem* publicou uma edição especial de 16 páginas em homenagem ao aniversário de Getúlio Vargas. Nessa edição, o periódico se referiu a vários católicos que defendiam os princípios da Igreja, sintonizados com o projeto político de Vargas, mas Monte não foi mencionado. A partir de 20 de abril, o jornal mudou sua formatação e ampliou o número de páginas de 4 para 6. A partir desse mês, as notícias da Segunda Guerra Mundial nortearam as matérias publicadas pelo jornal, especialmente a primeira página, que era praticamente toda dedicada a notícias sobre esse evento.

Depois das matérias de 29 de março, a próxima notícia que encontrei sobre Padre Monte foi um artigo datado de 29 de abril, publicado n' *A Ordem* no dia 2 de maio de 1944. Nesse texto, intitulado *Fides intrepida*, Dom Adelino Dantas homenageou Monte, em razão dos seus sessenta dias de falecimento.

Fez ontem precisamente sessenta dias que a morte inexorável arrebatou do meio dos vivos a nunca esquecida pessoa de Padre Monte. [...] **O seu nome aureolado de virtudes e de saber há de ultrapassar os limites da geração que ele tanto enobreceu e elevou.** [...] Nas dobras de sua sotaina humilde e mal cerzida, como diria o poeta, ocultava-se a grandeza incomensurável da humildade sacerdotal. [...] **Cônego Monte é, realmente, um modelo de virtudes, de amor aos livros,** exemplo autêntico de uma vocação integral que ele soube viver e explorar diligentemente dentro do plano onímodo do Apostolado. [...] **Intransigente na defesa da Fé e da Verdade, estava sempre a postos, vigilante e intrépido, como o bom soldado de Cristo** de que falava São Paulo a Timóteo, a brandir valentemente sua espada contra as arremetidas do Erro, viesse de onde viesse. [...] **conheceu o segredo cristão da arte de perdoar o pecador, mas odiava e combatia o pecado.** Para os embates contra a impiedade arrogante, estava sempre mobilizado. **No ardor da peleja, jamais perdia a serenidade. Quem poderá esquecer aquele polemista vigoroso e intrépido,** desenvolvendo seguro à riqueza imensa da dialética profunda que fazia trasvazar numa linguagem cantante, espontânea e rica? Como N. Senhor, que ao chicotear os vendilhões do templo em nada diminuiu sua infinita mansidão a [sic] caridade, **Cônego Monte vergastava seus contraditores, sem perder um traço sequer daquela mesma bondade que se firmava no mestre.** Parecia que se transformava nessas ocasiões.

²⁸⁶ Lourenço Branco foi um dos polemistas que debateu publicamente com Padre Monte, e me deterei nele no último capítulo desta tese.

Nunca o seu amor filial à Santa Mãe Igreja se revelava tão vivo e tão ardente. **Para defendê-la, o filho sacerdote mobilizava totalmente a vontade, a inteligência e o coração.** E aquela fé que a sua palavra de fogo pregava e seu exemplo edificante confirmava para admiração de todos, nunca lhe parecia viva apenas no momento do combate. [...] Como o guerreiro grego, sabia pensar as feridas do inimigo com a própria arma que empunhava.

-- Cônego Monte é, pois, um símbolo eloquente de fé intrépida, dessa fé que não se sombreia com a impiedade, que leva o homem a amar ao homem, mas que lhe combate os erros. Nestes tempos de confusão medonha, de tremenda anarquia intelectual, quando a impiedade sorradeira e audaz, ergue aqui e ali a sinistra cabeça, tentando instilar sob mil fórmulas, o veneno atroz que caustica e mata, faz-se mister evocar a figura daquele que combateu o bom combate, lutou pela preservação da fé, e agora repousa no seio do Justo Juiz. [...] (A ORDEM, 2 maio 1944, p. 4, grifos nossos).

As palavras de Dom Adelino Dantas retomam ideias que constroem Monte como um sábio e santo, tais como aquelas que o percebem como um modelo de virtudes (entre as quais se destacavam a benevolência e a caridade), de saber (amante dos livros) e de sacerdócio (vocação integral e exploração eficiente do plano onímico do apostolado). Essa condição de modelo, na interpretação de Dom Adelino Dantas, faria com que o nome de Monte fosse conhecido na posteridade. Nesses termos, Dom Adelino Dantas defendia que o padre deveria ser mobilizado por essas qualidades para que os cristãos desenvolvessem a capacidade de amar, e, ao mesmo tempo, combatessem os erros, a anarquia intelectual, ou seja, os inimigos da Igreja Católica, como um todo, e de seus dogmas, em especial. Como se pode constatar, Dom Adelino evocou Padre Monte para defender as pautas da Igreja.

Ainda no dia 2 de maio foi publicado no jornal *A Ordem* um artigo escrito por Padre Monte, intitulado *Asas, que despontam*, no qual ele discutia a condição de escravo na Antiguidade clássica, ressaltando que, naquele período, os escravos não eram percebidos como pessoa. Monte afirmou, ainda, que só o cristianismo, pelo batismo, foi capaz de elevar a condição do escravo:

Em Roma, como na Grécia, não só sob o ponto de vista da filosofia do trabalho, como também na acepção da psicologia social, o escravo não existia senão em função do senhor. Era uma coisa, muito menos do que uma pessoa. A escravidão não representava uma condição social, mas determinismo natural. Aristóteles, o mais universal dos gênios, que reflete com Justeza a expressão sistemática da mentalidade grega concernente à filosofia trabalhista, afirma sem embargos que a servidão é um fato natural. Do mesmo modo que já se nasce homem ou mulher, vem-se também ao mundo livre ou escravo. [...] **E o escravo seria realmente homem? Aí está uma das dúvidas que atormentam a filosofia pagã!** Como temerária foi recebida a sentença de Sêneca, que propendia para afirmação de que o escravo podia possuir uma alma, como um homem livre. Uma das mais discutidas e embaçantes questões

para os moralistas pagãos, nos atesta Xenofonte, era a seguinte: ‘em caso de perigo, que se deve lançar ao mar? O escravo doente ou o cavalo de estimação’? Incrível tudo isso, porém verdadeiro. O que para nós, filhos da civilização cristã, se configura monstruoso e absurdo, para eles era apenas uma consequência lógica das concepções filosóficas da época. Se o escravo não passava de uma cousa, de um instrumento falante, como dizia Varrão; de um instrumento animado, como proclamava Aristóteles, nada mais consequente e natural que a famosa dúvida da casuística pagã. Sócrates nunca teve uma palavra, sequer, de piedade e de comiseração para com os escravos. Muito ao contrário, Xenofonte nos dá conta das sevícias que o grande mestre autorizava se praticassem em seus desafortunados escravos. Entre, o cão doméstico e o servo, Sócrates fazia pouca distinção!

Reduzido, assim, à vil categoria de instrumento vivo, de coisa útil, **o escravo pagão, despersonificado aguardava que no horizonte dos tempos aparecessem os remígios protetores do grande par de asas, o Cristianismo, para elevar-se acima de si mesmo.** (A ORDEM, 2 maio 1944, p. 4, grifos nossos).

Esse texto de Monte foi publicado no jornal *A Ordem* sem qualquer comentário, o que tornou difícil a identificação do momento de sua produção, se era um texto republicado, em que contexto Monte o teria escrito e o que justificaria a sua publicação dois meses após a morte do religioso. Posteriormente, Navarro publicou esse texto na íntegra na *Antologia* número 1, nas páginas 258 a 260, informando que se tratava de artigo póstumo de Monte, que havia sido publicado no jornal. As informações prestadas por Navarro também não ajudaram a entender as circunstâncias de produção desse texto.

Como esse texto foi publicado na mesma página do artigo de Dom Adelino Dantas, existe a possibilidade de sua inserção ter tido a intenção de mostrar a sabedoria e a santidade de Monte, tal como argumentava Dom Adelino. A sabedoria de Monte estava no fato de que ele mobilizava vários autores da Antiguidade, como, por exemplo, Séneca, Xenofonte, Sócrates, Aristóteles e outros para mostrar que, durante muitos séculos, os servos foram considerados coisas e que só o cristianismo os livrou dessa condição. Essa argumentação sustenta a ideia de que Monte provou, com base nos seus estudos históricos, que o cristianismo salvou os servos da condição de inferioridade. No tocante à santidade, o texto evidencia como Monte se preocupava com os desvalidos. Portanto, acredito que existisse, efetivamente, uma ligação entre o texto de Monte e o texto de Dom Adelino Dantas, publicados, originalmente, na mesma página do jornal *A Ordem*. Além dessa articulação, ainda é possível observar que o texto foi publicado um dia depois dos festejos de Primeiro de Maio, data em que o jornal não circulou. Os dois artigos se enquadram numa lógica de que o trabalhador não é um servo, pois o cristianismo os livrou dessa condição, o que torna os dois textos adequados para serem publicados numa homenagem ao Dia do Trabalho.

No dia 29 de maio de 1944, na página 6 do jornal *A Ordem*, Pedro Monte e Belarmina Monte emitiram uma nota agradecendo à Sul-América Seguros por ter pago dois seguros feitos por Monte para os pais, apesar de os bilhetes terem sido extraviados. Essa nota dos pais de Monte foi registrada em cartório e autorizou a Sul-América a usá-la da forma que julgasse conveniente. Isso significa que o nome de Monte tinha um grande prestígio na cidade, uma vez que se a nota precisou ser registrada em cartório, não deveria ser comum receber um seguro sem a apresentação da apólice.

Em 12 de julho de 1944, o jornal *A Ordem*, na página 1, anunciou: “Louvável iniciativa da Juventude Feminina Católica”, “Vai ser criada, em Natal, a, “Bolsa de estudos Luís Monte”. Segundo o jornal, essa iniciativa da JFC tinha o objetivo de manter os estudantes pobres do Rio Grande do Norte em grandes centros do país. Não há maiores comentários sobre a bolsa, mas fica evidente a imagem de Monte sendo lembrada pela entidade na qual Monte atuou durante bastante tempo.

Em quatro de agosto de 1944, o jornal *A República* publicou, na coluna *Acta Diurna*,²⁸⁷ escrita por Luís da Câmara Cascudo, um texto no qual apresentou informações sobre a Bolsa de Estudos Eclesiásticos.²⁸⁸ Antes de discutir o que foi, efetivamente, essa bolsa, Cascudo fez uma série de elogios a Padre Monte, reforçando os argumentos construídos no decorrer de março do mesmo ano.

Bolsa de Estudos Eclesiásticos

O cônego Luiz Gonzaga do Monte aprendeu sozinho a ser sábio. Foi a cultura mais ampla que possuímos. Diga-se também que era mais aquisitiva que irradiante. Era um ‘poço de ciência’ com raros meios para trazê-la aos nossos lábios.

Monte era modesto por um feitio psicológico, defesa natural de quem sabe, diante das eloquências analfabetas e dominadoras. Sua vida foi, como dizia Luís de Camões, *um solitário andar por entre as gentes...*

Entre suas virtudes, estava a sinceridade da Fé. Viveu e morreu fiel ao seu Deus, compreendendo-O pela inteligência, defendendo-O pelo exemplo, amando-o pelo raciocínio.

Ninguém mais retraído em sua vida interior. Não deixou confidentes. E se esse recato era nos assuntos intelectuais, absoluto seria na esfera moral de ação.

Depois de morto, **mediu-se seu talento pela ausência dolorosa do seu trabalho.** Foram descobrindo trabalhos misteriosos, as caridades invisíveis de Luiz Gonzaga do Monte.

²⁸⁷ *Acta Diurna* foi uma coluna criada por Cascudo no jornal *A República*, sendo posteriormente transferida para o *Diário de Natal*, e retornando para *A República*, na qual ele relatava os acontecimentos diários. Segundo Itamar de Souza, foram publicadas, ao todo, 1848 edições da *Acta Diurna*. Cf Ludovicus - Instituto Câmara Cascudo (2019).

²⁸⁸ Utilizei partes dessa coluna em outra parte do texto. Todavia, resolvi retomá-la aqui com o intuito de mostrar como os admiradores de Monte construíram uma imagem sobre ele após a morte. Nesse sentido, considero que Câmara Cascudo teve um papel importante nesse processo de construção.

Revelou-se então que o trabalhador de dezesseis horas, ininterruptas dividia os ganhos com a pobreza silenciosa, enchendo mãos e clareando mentalidades.

Várias crianças cursavam escolas, sustentadas por ele. Mas, ninguém tinha conhecimento desse encargo que tomara nos seus pobres ombros.

Vários seminaristas escudavam à custa do 'padre Monte'. Esses seminaristas ignoravam também a mão oculta e dadivosa que ia abrindo na direção do altar o caminho do esforço.

A morte de Monte abre, dessa forma, as brechas, os claros, numa continuidade de estudos magnífica. Esses meninos, esses seminaristas vão deixar de estudar porque não têm mais os recursos fundamentais para alimentá-los nas escolas e seminário. (A REPÚBLICA, 4 ago. 1944, grifos nossos).²⁸⁹

A importância de Cascudo para o cenário intelectual do Rio Grande do Norte dos anos 1940 parece-nos ter sido decisiva para consolidar a memória do religioso. Observando-se o texto acima, percebe-se que, antes de se referir à Bolsa de Estudos Eclesiásticos, Cascudo retomou os argumentos de que Monte aprendeu sozinho; de que as inúmeras mostras de seu talento foram abreviadas em razão de sua morte; de que foi um trabalhador incansável, e ajudou financeiramente aos pobres. Esse conjunto de características reforça a santidade e a sabedoria de Padre Monte e foi em razão dessas características que ele analisou a criação pela Juventude Feminina Católica da Bolsa de Estudos Eclesiásticos:

A Ação Católica Feminina sonha a criação de uma bolsa de estudos, que terá o nome de quem foi um estudante modelar e único. A bolsa manterá um estudante que se fará sacerdote. A vaga do padre será preenchida por muitos. Todos saídos do seu nome. Falando o idioma da Fé.

Essa bolsa terá que ser realizada com o auxílio de todos, porque se destina a manter um defensor de todos os princípios que amamos. A Igreja Católica está estudando a canonização de um sapateiro remendão, Talbot, da Irlanda. Morreu trabalhando, desconhecido, quase sem amigos. Depois de morto, verificaram que aquele sapateiro humilde ordenara dez sacerdotes, mandando anonimamente os recursos para as casas educacionais.

Não digo que sejamos como o sapateiro Talbot. Mas o auxílio à Bolsa de Estudos Luiz Monte trará perspectivas indefinidas de alegria espiritual. Talvez saia desse auxílio um *santo* para Deus e um *sábio* para os Homens (A REPÚBLICA, 4 ago. 1944).

Pelo texto, fica evidente a maneira laudatória como Cascudo se referiu a Monte. A Bolsa de Estudos poderia multiplicar os sábios e santos, inspirados no modelo de vida de Monte, fortalecendo a fé de muitos. Nesses termos, do mesmo modo que Monte foi um santo e sábio, na visão de Cascudo, outros sábios e santos poderiam surgir a partir desse auxílio financeiro. Portanto, é possível inferir que Cascudo utilizou a criação da Bolsa de Estudos como uma

²⁸⁹ O artigo foi reproduzido na *Antologia*, v. 3 (MONTE, 1979. p. 277-278).

maneira para reforçar a memória de Monte e, conseqüentemente, as diretrizes políticas da Igreja, que desejava construir nos fiéis a sabedoria e a santidade.

Em 18 de setembro de 1944, *A Ordem* anunciou a inauguração do retrato de Monte no Seminário de São Pedro da seguinte forma:

SOLENEMENTE INAUGURADO, ONTEM, NO SEMINÁRIO DE SÃO PEDRO, O RETRATO DO CÔNEGO LUIZ GONZAGA DO MONTE

Pronunciaram magníficas orações o teólogo Gerardo Barreto e o historiador Câmara Cascudo

Teve o brilhantismo esperado, a solenidade de ontem, às 09 horas, no Seminário de S. Pedro, para a inauguração na sala de estudos dos seminaristas, do retrato do saudoso **Cônego Luiz Gonzaga Monte, uma das mais brilhantes figuras que já possuiu o clero norte-rio-grandense, pois o grande sacerdote desaparecido foi, em vida, um excepcional exemplo de santo e sábio.**

Presidiu a solenidade o revm^o Mons. João da Matta Paiva, vigário geral da diocese, e representante do Bispo Dom Marcolino Dantas, o qual se achava ladeado pelo dr. José Varela, Prefeito desembargador Benício Filho, desembargador presidente do Egrégio Tribunal Eleitoral e Antonio Soares, Consul Carlos Lamas, sr. Mário Lira, côn. Luiz Adolfo e padre José Barros, vigário de Cuité, Paraíba, como outros sacerdotes, jornalistas, advogados, médicos, professores, congregados marianos, militares, representantes de associações religiosas, irmãs de Caridade, famílias e cavalheiros, que enchiam literalmente o espaçoso salão. Abrindo a solenidade o Mons. João da Matta Paiva pronunciou vibrantes palavras, tendo se referido à feliz **iniciativa do revm^o Cônego José Adelino Dantas, Reitor do Seminário**, em realizar aquela expressiva e justa homenagem à memória do inesquecível sacerdote. **Seguiu-se com a palavra o teólogo Gerardo Barreto que como intérprete dos seminaristas, proferiu erudita conferência sobre a personalidade do Con. Luiz Monte, merecendo ao terminar, calorosas aclamações da seleta assistência.** Ouve-se com acompanhamento ao piano e violino a ‘Marcha Fúnebre’ de Chopin, executada por seminaristas. **Sob salvas de palmas, levanta-se o consagrado historiador e escritor conterrâneo, Dr. Luís da Câmara Cascudo, o qual, com o brilho da sua palavra, fluente e culta, apresentava magnífico perfil do Cônego Monte, como estudioso e cientista.** Por dois pequenos seminaristas foi, então, descerrado o retrato do Cônego Monte, **o qual foi oferta da família do conhecido fotógrafo João Alves de Melo,**²⁹⁰ tendo este apanhado aspecto da solenidade.

O harmonioso orfeão do Seminário executa, após, o ‘Pio Jesus’, pronunciado o representante do Prelado Diocesano as Palavras de encerramento (A ORDEM, 18 set. 1944, grifos nossos).²⁹¹

O texto indica que a memória sobre Monte, após sua morte, não foi celebrada apenas nos textos laudatórios escritos por seus admiradores, mas, também, em solenidades que eram organizadas especificamente com essa função. Inicialmente, a reportagem enfatizou que o

²⁹⁰ O fotógrafo João Alves de Melo é responsável pelas poucas fotografias de Padre Monte.

²⁹¹ O texto também está na *Antologia*, v. 7 (MONTE, 1996a. p. 186-187).

Padre Monte havia sido um exemplo de santo e sábio, o que justificaria a colocação de sua fotografia no Seminário de São Pedro. Em seguida, é noticiado o conjunto de pessoas que participaram daquele acontecimento, sendo que, na sequência, informa-se que Gerardo Barreto, representando os seminaristas, fez uma exposição sobre a personalidade do Cônego Monte. Câmara Cascudo, mais uma vez, reiterou o perfil de Monte como estudioso e cientista. A solenidade contou ainda com apresentações musicais, tendo reunido autoridades políticas e religiosas em torno da celebração da memória de Monte.

Em 9 de outubro de 1944, o jornal *A Ordem* anunciou, na página 6, que se encontrava no prelo o livro *Padre Monte*, de autoria de Leão do Norte.²⁹² O jornal informou que o autor era contemporâneo de estudos e amigo íntimo do “sábio e virtuoso sacerdote”, recentemente falecido, e, portanto, “Ninguém mais indicado do que o autor para escrever sobre o *anjo de Natal*”.²⁹³ O periódico informou ainda que o livro traria, na capa, o último retrato do falecido e que a obra seria vendida em apenas três cidades: São Paulo, Rio de Janeiro e Natal. A nota adiantava que havia a previsão de que a obra seria lançada em aproximadamente dois meses. O livro de Leão do Norte foi a primeira obra escrita especificamente para homenagear Padre Monte, como já especifiquei neste capítulo, sendo que o autor sistematizou as esparsas informações existentes sobre o religioso falecido.

No dia 28 de fevereiro de 1945, data em que se completou um ano da morte de Monte, o jornal *A Ordem* dedicou-se a apresentar notícias sobre a Guerra na primeira página. Entretanto, a página 4 foi completamente destinada a celebrar a data com a apresentação de três longos artigos e na página 6 foram divulgadas as comemorações que seriam feitas na cidade. Os três artigos publicados na página 4 foram os seguintes: o primeiro, intitulado *Cônego Monte: uma existência voltada para as alturas*, escrito pelo Padre Francisco das Chagas das Neves Gurgel. O segundo, intitulado *Padre Monte, o condutor de almas*, escrito por Marcos Portugal, e o terceiro, intitulado *Cônego Monte*, escrito pelo Monsenhor Paulo Herôncio de Mello.

Francisco das Chagas Neves Gurgel destacou em seu artigo:

[...] o que ele [Monte] teve de grande foi toda a sua vida, procedida na linha vertical de uma existência edificante e sempre admirável, mas dificilmente imitável. Na vida dos santos, a frequência dessa lei se verifica. **Muito se tem que admirar, mas nem tudo é possível imitar.** No cônego Monte, o possível é a verificação de **tudo quanto ele foi, o deve à sua Igreja.** Sua caridade, é a caridade que São Paulo fez a mais brilhante Apologia.

²⁹² Pseudônimo do padre Luís Teixeira.

²⁹³ Anjo de Natal era uma das formas pelas quais Monte passou a ser chamado após a sua morte.

[...] Um ano já se foi e temos a impressão de que ele ainda vive. Tal a violência do choque que nos causou sua morte, que ainda nos sentimos meio estonteados, parecendo-nos vê-lo e ouvi-lo. Sua figura pequena e raquítica não nos sai do coração. (A ORDEM, 28 fev. 1945, p.4, grifos nossos).

No seu texto, Marcos Portugal escreveu o seguinte:

Todo seu estudo; todo seu esforço, toda a sua vida só tinha um sentido para ele: aperfeiçoar as almas. Não estudou a ciência pela ciência. Não batalhou pela ânsia de lutar. Não viveu somente por viver. Não, quando escreveu seu compêndio de biologia, arquitetava, em seu espírito, um edifício apologético. Se lutou como criança, jovem ou homem-feito, foi para realizar em si o ideal que Deus lhe confiou. Daí aqueles belos conselhos que costumava dar às almas atribuladas: “muitas almas são escolhidas por Deus para sofrerem. Somos operários da vinha do senhor. **Soframos, portanto, para o bem comum da comunhão dos santos**” (A ORDEM, 28 fev. 1945, p.4, grifos nossos).

No seu texto, o Monsenhor Paulo Herôncio de Mello afirmou:

Quando a morte lhe cortou o fio da existência, ficamos a pensar em quanto bem poderia fazer ainda.

Secretos são os desígnios de Deus. Os gênios realizam mais depois de mortos. Os sábios fazem bem mais quando estão no céu.

Quando Jackson de Figueiredo desapareceu mergulhado nas ondas, não podemos medir o vazio imenso que deixou. Morria o grande líder do renascimento intelectual do Brasil católico, justamente quando mais necessária parecia a existência do cavaleiro da nova cruzada. Hoje, nós vemos como se projetou futuro adentro a ação do grande batalhador, e como o seu trabalho póstumo é maior do que ele realizou em vida. É que ele passou a ser uma bandeira. É que o seu nome ficou a ressoar como um toque de clarim.

Aquele sono de morte do cônego Monte escondeu-o apenas, como escondia sua modéstia. Mais do que na saudade que nos aperta o coração, ele vive na projeção de sua vida de líder da Igreja. Tornou-se bandeira de vida sacerdotal, de oração e de trabalho, de dedicação à causa de Deus, pela ciência a serviço da fé. Bandeira de Ação Católica, a drapejar a frente dos exércitos pacíficos de Cristo Rei, em marcha triunfal para a glória dos céus. (A ORDEM, 28 fev. 1945, p.4, grifos nossos)

Nos três textos, identifiquei elementos diferentes apresentados pelos três autores, rememorando o primeiro ano de falecimento de Monte. Francisco das Chagas Neves Gurgel²⁹⁴ se referiu a Monte como um santo que construiu uma vida admirável, mas ao mesmo tempo, difícil de ser imitado. A ideia do autor é a de que Monte era um ser perfeito e, portanto, inimitável, e que ele havia sido perfeito porque a Igreja era perfeita.

²⁹⁴ Em outros momentos deste trabalho, já me referi a este autor.

Marcos Portugal²⁹⁵ considerou que toda a vida de Monte tinha sido dedicada ao aperfeiçoamento das almas. Nesse sentido, todas as suas obras nas ciências e no sacerdócio tinham sido realizadas para satisfazer as necessidades do Senhor, observando o que Ele havia planejado.

Monsenhor Paulo Herôncio afirmou que os sábios faziam mais pela humanidade depois que já estão no céu e, nessa perspectiva, comparou Jackson de Figueiredo a Padre Monte. Para o autor, ambos tinham se tornado bandeiras para a Igreja, e que Monte, especificamente, poderia ser reconhecido como a bandeira do sacerdócio, da oração e do trabalho a serviço de Deus e da ciência. Assim, é nítido, na perspectiva do autor, que um ano depois da morte, Monte continuava representando a bandeira do catolicismo, ou seja, sua vida deveria ser mobilizada infinitamente por ter sido conduzida por um verdadeiro cristão. Percebe-se que, apesar dos artigos escritos em março de 1944 não terem continuidade nos meses posteriores, as ideias sobre Monte continuavam vivas, e um ano após seu falecimento, sua vida foi exaltada como plena e modelo para o catolicismo.

Ainda no dia 28 de fevereiro de 1945, na página 6, o jornal *A Ordem* publicou a seguinte matéria:

O 1º ANIVERSÁRIO, HOJE, DO FALECIMENTO DO CÔNEGO LUÍS GONZAGA DO MONTE: AS SIGNIFICATIVAS COMEMORAÇÕES NESTA CAPITAL.

A data de hoje não pode passar despercebida pelo católico povo noroeste-grandense, pois assinala o primeiro aniversário da morte do saudosíssimo cônego Luís Gonzaga do Monte, nome que é uma bandeira de santidade e de sabedoria, em todos os meios católicos do estado. [...] **Batalhador incansável na defesa dos direitos da Igreja,** jamais o cônego Monte deixou de emprestar o brilho de sua inteligência fulgurante a toda questão que viesse ferir pontos da doutrina de Cristo, o que fez a imprensa católica, principalmente A ORDEM publicar os magistrais trabalhos de sua autoria, que são realmente um manancial inesgotável de santidade e de saber. [...]

Assinalando o transcurso do dia, expressivas comemorações de caráter piedoso e intelectual, serão levadas a efeito nesta capital.

Pela manhã, às 7 horas, na capela do ginásio Nossa Senhora da Conceição, foi cantada solene missa de Réquiem, mandada celebrar pela Juventude Feminina Católica, tendo comparecido ao comovente ato vários sacerdotes, religiosos, seminaristas, homens da Ação Católica, congregados marianos, autoridades e grande número de fiéis. A Juventude F. Católica compareceu incorporada, achando-se a bandeira com sinal de luto. Oficiou a cerimônia o Revmº Padre Nivaldo Monte, irmão do sacerdote falecido, servindo de diácono e subdiácono, respectivamente, os revmos. Cônego José Adelino Dantas, reitor do Seminário de São Pedro, e padre Neves Gurgel, secretários do bispado. [...]

²⁹⁵ Suponho que Marcos Portugal seja um pseudônimo. Adianto que não encontrei qualquer informação sobre ele, nem outros artigos de sua autoria.

Na capela do Colégio Marista, foi rezada missa na intenção do querido sacerdote desaparecido, mandada celebrar pela Cruzada Eucarística dali, da qual o cônego Monte era diretor. Também na catedral e outras igrejas da capital foram celebradas missas na mesma intenção.

As 19,30, no salão da Confederação Católica, anexo do dispensário Sinfrônio Barreto, haverá a solene sessão promovida sob os auspícios da Liga Feminina da Ação Católica, com comparecimento de associações religiosas, autoridades e católicos em geral. Falarão na solenidade os drs. Antônio Carolino Gonçalves²⁹⁶, em nome dos homens da Ação Católica e dos congregados marianos. Edgar Barbosa²⁹⁷ falará pelos amigos seculares do educador falecido e dona Maria do Céu Pereira Fernandes,²⁹⁸ em nome das linguistas. [...]

BIOGRAFIAS DO CÔNEGO MONTE

Por notícias particulares fomos informados que, dentro de poucos meses, **sairá à publicidade uma bem elaborada e minuciosa biografia do cônego Luís Gonzaga do Monte, de autoria do revmo. Cônego Jorge O'Grady de Paiva, atualmente como coadjutor da matriz da Glória, no Rio de Janeiro.** Dada a inteligência e cultura do autor, aliadas ao conhecimento e convivência íntima com o cônego Monte, nos seus últimos dias de vida, é de se esperar que o trabalho em apreço tenha grande acolhida nos meios sociais católicos deste estado. **Também sabemos que já se acha em circulação, devendo brevemente chegar a esta capital um livro de autoria do padre Luís Teixeira** sobre a figura inolvidável do cônego Monte (A ORDEM, 28 fev. 1945, p 6, grifos nossos).

De acordo com a notícia do jornal *A Ordem*, o aniversário da morte de Monte devia ser celebrado por ele ser a representação mais forte de um homem santo e sábio em todo o Rio Grande do Norte. O jornal reproduziu o refrão criado após a morte de Monte, tornando viva a sua presença, pois, um ano de morte não significava um ano de saudades, mas, sim, um ano de certezas: certeza de que Monte havia sido santo e sábio, certeza de que, dos céus, ele ajudaria os cristãos aqui na terra, e certeza de que o seu exemplo serviria para os cristãos conduzirem as

²⁹⁶ Em agosto de 1945, a Diocese de Natal reconstituiu a Liga Eleitoral Católica, que tinha o intuito de alistar os católicos e uni-los em uma organização que os mantivesse unidos e indicando os candidatos merecedores dos votos dos católicos. O advogado Antônio Carolino Gonçalves era presidente desta liga. Segundo seu filho Fernando Antônio Gonçalves, Antônio Carolino Gonçalves viveu no Rio Grande do Norte muitos anos e os seus filhos são potiguares. Era um admirador de Gilberto Freyre, Agamenon Magalhães, Nilo Pereira, Câmara Cascudo, Oto Guerra e da Congregação Mariana. Era católico conservador, adepto do Integralismo de Plínio Salgado. (GONÇALVES, 1996).

²⁹⁷ Edgar Ferreira Barbosa (1909-1976) estudou no Colégio Marista de Natal entre 1922 e 1926. Em 1932, colou grau na Faculdade de Direito de Recife. Atuou no jornal *A República* como revisor, redator e diretor. Posteriormente, de 1939 a 1957, foi redator chefe e editor do Diário de Natal. Em 1946, ingressou na magistratura, atuando em diversas comarcas no estado. Lecionou em vários estabelecimentos de ensino e foi professor da Escola de Serviço Social e da Faculdade de Direito em Natal. Mantinha relações pessoais com Câmara Cascudo.

²⁹⁸ Maria do Céu Pereira de Araújo Fernandes (1910-2001) foi a primeira mulher eleita deputada estadual no Brasil, pelo Partido Popular, em 1934, com apenas 24 anos. Teve seu mandato cassado em 1937, por fazer oposição ao Estado Novo. Era irmã do ex-governador José Cortez Pereira de Araújo e mãe do ex-deputado estadual Paulo de Tarso Fernandes. Coursou o secundário no Colégio Imaculada Conceição, instituição dirigida pelas irmãs Dorotéia, e cursou o técnico em Comércio na Escola Técnica de Comércio, instituição dirigida por Ulisses de Góis.

suas vidas. Após apresentar as considerações mais gerais, a matéria d'*A Ordem* informou as missas já realizadas naquele dia e informou sobre uma sessão solene que ocorreria à noite.

O que se percebe na matéria é que, após um ano da morte do cônego, o jornal *A Ordem* continuava a proclamar a santidade e a sabedoria de Padre Monte. Ao mesmo tempo, foram anunciadas várias solenidades ocorridas na manhã do dia 28 de fevereiro, induzindo o leitor a perceber que várias instituições católicas se mobilizaram em torno desta data, demonstrando o prestígio que Monte desfrutava na cidade. Além disso, como já mencionado, a matéria anunciou uma sessão solene, que ocorreria à noite, com a presença de diversas autoridades, sendo que três personagens de destaque na cidade e no catolicismo iriam discursar. Lendo-se o anúncio dessas atividades têm-se a impressão de que algo grandioso aconteceu nesta homenagem a Padre Monte, considerando o que representou para a Igreja e para os fiéis. Encerrando a matéria, o periódico anunciou que duas biografias sobre Monte, uma que estava sendo escrita pelo cônego Jorge O'Grady de Paiva e outra, escrita pelo Padre Luís Teixeira (sob o pseudônimo de Leão do Norte), que já estava publicada em São Paulo, chegariam em breve a Natal. Essas biografias, divulgadas bem antes do seu lançamento, fortaleciam a ideia de que um grande homem exigia uma grande biografia. Além disso, como será possível identificar a seguir, essas biografias reforçavam a ideia da santidade e da sabedoria de Monte. Observe-se que em fevereiro de 1945 nenhuma biografia de Monte havia sido ainda publicada, havendo, contudo, uma previsibilidade quanto ao seu conteúdo e, conseqüentemente, sobre a visão que ofereciam sobre o padre.

No dia 28 de fevereiro de 1946, o jornal *A Ordem* publicou, nas páginas 1,4 e 5, matérias relacionadas ao segundo aniversário da morte de Padre Monte. Na primeira página, como uma das principais manchetes, encontrava-se escrito: “Transcorre hoje o segundo aniversário de falecimento do cônego Monte: o programa das homenagens à memória do saudoso sacerdote” (A ORDEM, 28 fev.1947, p. 1). Segundo a matéria:

Passa, hoje, o segundo aniversário da morte do inesquecível cônego Luiz Gonzaga Monte, uma das mais fulgurantes expressões que o clero nacional, e de modo particular, o do Rio Grande do Norte, jamais possuiu.

A exemplo do que aconteceu no ano passado, as forças católicas desta capital, à frente a organização da Ação Católica, da qual o Padre Monte **foi o principal pioneiro em nossa terra, promovem justas homenagens à memória daquele saudoso sacerdote**, as quais tiveram início, pela manhã, às sete horas, com a missa solene de Réquiem, na capela do Ginásio Imaculada Conceição. [...]

Durante todo dia, apesar das chuvas que vem caindo nesta cidade, romarias foram feitas ao túmulo do cônego Monte no cemitério do Alecrim. À noite, às 19,30 horas, haverá a sessão magna no salão da Confederação Católica, sob a

presidência do representante do bispo diocesano. (A ORDEM, 28 fev. 1947, p. 1, grifos nossos).

Na página 4 dessa mesma edição, foi publicado um longo texto escrito pelo cônego Jorge O'Grady de Paiva, que foi concluído na página 5, e outro texto escrito pelo Padre Emanuel D. Barbosa, publicado somente na página 4. O texto de Paiva, intitulado *Padre Monte: Genialidade. Polimorfismo Cultural. O Esteteta. (de uma biografia em preparo)*,²⁹⁹ foi acompanhado de uma fotografia de Padre Monte.³⁰⁰ O texto do Padre Emanuel D. Barbosa, intitulado *... e foi assim que eu o conheci*, assim se expressou sobre Padre Monte.

Natal, a graciosa cidade banhada pela claridade do sol e pelas águas do Potengi, recorda saudosa, no dia de hoje, a partida para o céu, chorando, neste segundo aniversário, a ausência do Padre Monte.

Diante de seu túmulo, desfilaram em romaria de saudade tantas almas agraciadas pela bondade daquele coração, ou iluminadas pelos clarões de sua inteligência. Vieram, e cada um trouxe dádiva de sua flor, o perfume de sua lágrima, a melodia de sua prece. Pelo seu jazigo passaram, neste dia, Jovens em cuja alma ele havia lançado a semente dos grandes ideais, na esperança de que frutificassem, matronas a que ele enxugara lágrimas com um sorriso de bondade ou palavra de conforto, cérebros a que ele esclarecera com as fulgurações de sua inteligência multiforme... e passaram também os de sua família, procurando um lenitivo para a saudade revigorando a esperança cristã da ressurreição do último dia...

Também eu vim associar a esta romaria de amor e de saudade.

De todos que por seu túmulo passaram neste dia, talvez fosse eu único que não o conheci em vida! Não contemplei a expressão do seu olhar, não percebi o expressivo do gesto, nem escutei jamais os acentos de sua voz e posso dizer, entretanto, que Padre Monte não é para mim um desconhecido pelo simples fato de ser Padre.

É porque foi, e porque é padre que as oportunidades para conhecê-lo não se encerraram com a lousa de seu sepulcro, e é por isso mesmo que, embora longe da vista, não me pode estar longe do coração.

Seu nome já não era para mim como melodias que se ouvem pela primeira vez, sem que se possa discernir sua beleza. **Ele já ultrapassara os limites de sua cidade, levado como perfume na conta das almas a que ensinava de Deus; e, enquanto os aprendiam, também nascia nelas o relacionamento hoje transformado em verdadeira devoção.**

Venha quem quer que seja das terras mais distantes a esta cidade mimosa e nunca será difícil, ao contato com o povo desta Capital, lobrigar no fundo das almas, no seio das famílias, o poema espiritual escrito pela ação sacerdotal do Padre Monte.

Sua lembrança é consentânea com a delicadeza das flores constantemente vivas ao lado do seu retrato, como lendas votivas de amor e de saudade, acesas cada dia pelas mãos trêmulas de sua mãe aflita e órfã no santuário de seu filho.

²⁹⁹ Em razão de o texto de Paiva ser parte da obra *Verdade e Vida*, amplamente discutida nessa tese, resolvi não discutir as ideias desse artigo publicado no jornal.

³⁰⁰ Importante destacar que as fotografias de Monte publicadas no jornal *A Ordem* são sempre as mesmas. Nos diversos artigos que cito a presença de uma fotografia do religioso, o registro é sempre o mesmo.

Vive seu nome cultuado pelos irmãos como troféu de glória e um brasão de nobreza, seguido por eles qual fora a nota mágica guiada pelo rádio-farol orientado os roteiros elevados.

Ostenta-se seu perfil na sua característica firme de chefe, nas diversas responsabilidades da cidade, desde os mais abastados, onde ocupa o lugar de honra, como nas pobres choupanas dos subúrbios da capital, até o recesso mais escondido do feliz Seminário de São Pedro a que ele dedicou o maior de seus esforços.

O fulgor de seu gênio brilha como o sol do sertão, com que rivaliza em esplendor [*sic*] claridade, enquanto esta calcina a vegetação rasteira do Seridó. Aquele valoriza as terras, descobrindo as minas de scheelita entre seus terrenos adustos. Distribuindo, assim, o pão da verdade para a inteligência, e a graça do céu para os corações, permanece ainda e permanecerá sempre na alma deste povo a figura sacerdotal de Padre Monte. E vendo-o assim, quem pode dizer que não conheci? (A ORDEM, 28 fev. 1946, grifos nossos).³⁰¹

As notícias das comemorações do dia 28 de fevereiro de 1946 são semelhantes às das festividades realizadas no primeiro ano. O artigo de Paiva também não trouxe grandes novidades, uma vez que ele reapresentou elementos já esboçados no texto de março de 1944, bem como informações que estão na sua obra *Verdade e Vida*. Encontramos, contudo, aspectos ainda não apresentados por outros autores no artigo escrito pelo Padre Emanuel D. Barbosa.³⁰² Chama a atenção a maneira como o autor descreve Natal e a imagem que constrói de uma cidade inteira que sofre e chora a morte de Padre Monte no segundo aniversário desse acontecimento. Após essa descrição, Barbosa menciona as movimentações em torno do túmulo e que também ele se associou a essas homenagens mesmo sem tê-lo conhecido pessoalmente, o que sugere que não fosse de Natal. Neste sentido, também este autor ratifica as memórias construídas sobre Monte, que o elevam a um outro patamar, uma vez que não mais se circunscrevem exclusivamente à cidade de Natal.

No dia 28 de fevereiro de 1947, as notícias sobre as comemorações do terceiro aniversário de morte de Monte só apareceram na página 4 do jornal, em duas matérias. A primeira informava as notícias dos eventos ocorridos naquele dia e a segunda era um poema escrito pelo Padre Eymard Monteiro.³⁰³ *Recordando a santa memória do grande sacerdote: passa, hoje, o 3º aniversário da morte do cônego Luís Monte – as homenagens que estão sendo prestadas pelas organizações da Ação Católica - o programa de hoje e de amanhã* foi o título da primeira e nela se lê:

³⁰¹ Este texto foi publicado também na *Antologia*, v. 7 (MONTE, 1996a. p. 165-166).

³⁰² Eu não consegui identificar quem foi este padre, mas, pelo conteúdo do texto, parece ter sido alguém que não era de Natal, e que não conhecia Monte pessoalmente, apenas seus escritos.

³⁰³ Monsenhor Eymard L'Eraistre Monteiro, (1917-2007) foi ordenado sacerdote em 1941, capitão-capelão do Exército e, posteriormente, fundou o Ginásio São Luís, em Natal. Foi pároco da Matriz de Nossa Senhora Santana, em Caicó, entre 1943 e 1944, substituindo o padre Walfredo Dantas Gurgel, escreveu várias obras literárias e foi aluno de Padre Monte no Seminário de São Pedro.

Os católicos norte-rio-grandenses **recordam hoje a santa memória de um grande sacerdote que soube em vida realizar o que de mais puro e sublime existe na missão do sacerdócio**: amar o próximo como a si mesmo, catequizando almas para Deus.

É o terceiro aniversário de morte do sempre lembrado cônego Luiz Gonzaga Monte, como os anteriores, não poderia passar sem a realização de especiais **comemorações promovidas pelas organizações da Ação Católica**, de que o cônego Monte foi dedicado fundador e entusiástico propugnador.

Assim sendo, foi celebrada hoje, às 6,30 horas, na catedral, missa de Réquiem em sufrágio da alma do saudoso levita do Senhor, oficiando o revmo. Pe. Nivaldo Monte, acolitado por seminaristas. O nosso principal templo estava repleto de fiéis, vendo-se numerosas representações das diversas organizações da A.C., além de associações auxiliares. **Após a missa santa, a Juventude Feminina Católica, com bandeiras desfraldadas, desfilou até o cemitério do Alecrim, em visita ao túmulo do cônego Monte**, repetindo-se as visitas durante todo o dia. **Às 22.00 horas, através da Rádio Poti, especial programa será irradiado sob os auspícios da Ação Católica da Diocese de Natal, fazendo-se ouvir o Revmo. Padre Eugênio Salles, assistente eclesiástico da Juventude Masculino Católica, doutor Otto Guerra, presidente da Junta Diocesana da Ação Católica e dra. Bertha Guilherme, uma das dirigentes da JFC.**

As solenidades comemorativas serão encerradas **amanhã à noite, quando terá lugar a brilhante sessão, às 20 horas, no salão da Confederação Católica, sob a presidência do exmo. Sr. Bispo Dom Marcolino Dantas, e com a presença de autoridades, famílias e católicos em geral. O programa dessa solenidade constará de orações sobre a figura do cônego Monte, pronunciada pelo revmo. Conego José Adelino Dantas, professora Santa Guerra, e escritor Luiz da Câmara Cascudo, além de uma parte artístico musical sob a direção do maestro Valdemar de Almeida, a cargo do orfeão das professoras primárias do estado.**

Para *A Ordem* se fazer representar em todas as solenidades, recebemos atencioso convite. (A ORDEM, 28 fev. 1947, p. 4, grifos nossos).

Como nos anos anteriores, nas comemorações do aniversário da morte de Monte, *A Ordem* divulgou detalhadamente a programação. O periódico segue o mesmo padrão, traçando um perfil de Monte, exaltando as suas qualidades e anunciando que as solenidades serão organizadas pela Ação Católica. Neste terceiro ano, pelo que está explicitado na reportagem, só foi realizada uma missa na cidade. Entretanto, após essa missa, ocorreu um desfile até o Cemitério do Alecrim, para visitar o túmulo de Monte. Aparentemente, o evento foi menos concorrido do que nos anos anteriores, ainda que a Ação Católica tenha continuado a estabelecer diretrizes. À noite, foi realizado um programa especial sobre o Padre Monte na Rádio Poti de Natal, no qual debateram o Padre Eugênio Sales,³⁰⁴ o advogado Otto de Brito

³⁰⁴ Dom Eugênio de Araújo Sales nasceu em Acari, no Rio Grande do Norte, em 8 de novembro de 1920, e morreu no Rio de Janeiro, em 9 de julho de 2012. Foi arcebispo de Salvador entre 1968 e 1971 e do Rio de Janeiro, de 1971 a 2001. Concluiu o curso secundário no Colégio Marista de Natal e ordenou-se em novembro de 1943, com 23 anos. Como padre, atuou inicialmente em Nova Cruz. A partir de 1944, tornou-se capelão do Colégio

Guerra³⁰⁵ e a professora Bertha Guilherme, três nomes da intelectualidade natalense e vinculados ao movimento católico. É plausível supor que o programa na *Rádio Poti* tenha tido uma ampla divulgação na cidade e que, mesmo não tendo havido uma grande mobilização como nos outros anos, a cidade contou, mais uma vez, com discursos laudatórios sobre Monte, uma vez que os três participantes do programa eram seus amigos e defensores das diretrizes da Igreja.

O jornal anunciou ainda que, no dia seguinte, haveria uma solenidade em homenagem a Monte, na qual falariam o Cônego José Adelino Dantas, a professora Santa Guerra³⁰⁶ e Câmara Cascudo. Considerando a proximidade dos três expositores com as ideias e práticas de Padre Monte, é possível inferir que a solenidade exaltou a figura do Padre Monte e as diretrizes políticas da Igreja. Assim, reforçou-se a memória de Padre Monte, com o objetivo de torná-lo um exemplo de vida social e política a ser adotado pelos cristãos. No mesmo dia 28 de fevereiro de 1947, também foi publicado o texto de Padre Eymard Monteiro, intitulado *Três anos...* no qual ele explicitou:

O terceiro aniversário da morte de Padre Monte vem acordar a minha lembrança com uma recordação muito viva de sua personalidade.

A lembrança de um homem? Não!

A lembrança de um sábio? Não!

A lembrança de um santo? Não!

Simplesmente a lembrança de um sacerdote...

Ser sacerdote...

Ser um outro Cristo.

Mas... **Quantos sacerdotes somos, realmente, um outro Cristo?**

E ele o foi!

Padre Monte foi um alter Christus.

Eis o que mais admirei nele em toda a sua vida.

É esta a recordação que tenho dele...

Era Cristo no mundo.

Cristo no seu quarto.

Marista de Natal, e tornou-se diretor das obras das vocações sacerdotais de Natal. Paralelamente, foi professor de Apologética no Seminário de São Pedro e organizou a Juventude Masculina Católica, também em Natal. Em 1948, fundou o Serviço de Assistência Religiosa (SARS), entidade destinada a prestar assistência religiosa e social. Em 1950, foi designado professor de Teologia da Escola de Serviço Social de Natal. Em 1954, foi designado Bispo Auxiliar de Dom Marcolino Dantas.

³⁰⁵ Otto de Britto Guerra (1912-1996) era graduado pela Faculdade de Direito de Recife, tendo sido chefe de gabinete e secretário do interventor Mário Câmara (1933-1935). Foi promotor público e procurador geral do Estado no governo Dix-Sept Rosado. Católico praticante, atuou especialmente na difusão da doutrina social da Igreja. Foi candidato a deputado estadual pela Ação Integralista Brasileira.

³⁰⁶ Santa Caetana de Brito Guerra (1903-1988) concluiu o curso de Economia Doméstica pela universidade de Louvain, na Bélgica, tendo sido uma das primeiras mulheres norte-rio-grandenses a estudar fora do Brasil. Depois de graduada, regressou a Natal e tornou-se professora de língua francesa na Escola Doméstica de Natal, assumindo, posteriormente, a direção da escola, entre 1930 e 1935. Irmã de Otto de Brito Guerra, aderiu à Ação Integralista Brasileira, tendo chefiado a ala feminina dessa organização, além de ter uma relação muito próxima com Plínio Salgado, com quem mantinha correspondência regular e participava de reuniões e manifestações favoráveis ao integralismo.

Cristo no altar.

Cristo no confessionário.

Cristo na cátedra.

Era sempre um alter Christus...

Agora, faz três anos que ele seguiu para a posteridade. Uma sessão somente é muito pouco para lembrar o acontecimento. É mister que cada um renove, cotidianamente, a memória deste grande sacerdote que deixou após si a deslumbrante trajetória de um lindo traço de luz. Ele era bem uma sombra na sombra silenciosa de um quarto modesto a investigar a ciência nos seus meandros roais intrincados, em busca de argumentos para defesa de sua Igreja.

Nenhuma objeção resistia à força dos seus argumentos.

Sempre o sacerdócio a preocupar a sua vida.

Só estudava com o fim de aproveitar os argumentos em favor do catolicismo. Era o sacerdote integral, completo.

Procurou desempenhar bem a sua missão.

E conseguiu a realização do seu desejo em toda a plenitude de sua vocação.

A vida é uma grande luta continuada através de desconhecidos caminhos.

Mas ele esteve sempre tranquilo e sereno no meio desta luta sem tréguas...

Ele soube, sorrindo, enfrentar a peleja e vencer inimigos com mansa bravura...

A meiga figura tão doce que tinha, a ternura invejável de seu coração eram dons que atraíam as almas vexadas, que fracas no mundo, perder-se temiam.

Três anos se foram que ele morreu... Há três anos que mora num mundo para nós desconhecido.

Viveu entre nós por tanto tempo! Até pensávamos que ele nunca morresse...

Mas veio a doença terrível, mortal! E até aí ele ainda foi sacerdote.

Quem o visitava, não podia esconder a admiração diante desta virtude que falta a tanta gente: a conformação!

Padre Monte está longe... bem longe de nós!

Mas parece que ainda vive conosco. Quando me quedo a lembrar que ele morreu, custo a me conformar com a realidade deste pensamento...

Um pensamento tão certo, tão real como a sua própria existência no céu.

Evocando o trágico minuto de seu desditoso trespasse, **fico a pensar que padre Monte morreu para que a Igreja brilhasse mais e mais no esplendor de sua vitalidade...**

Ainda aí ele realizou a plenitude de seu sacerdócio... (A ORDEM, 28 fev. 1947, p. 4, 1978; MONTE, 1978. p. 248-149.grifos nossos).

O que Padre Eymard explicitou em seu texto foi a associação de Monte com a figura de Cristo, pois ele havia realizado todas suas ações sacerdotais como se fora o próprio Cristo. Nesses termos, Monte havia atuado como Jesus Cristo nas suas discussões públicas, na sua intimidade, celebrando cultos religiosos, escutando as confissões no confessionário, realizando as investigações científicas, debatendo publicamente, e conclui que Monte morreu para dar mais brilho à Igreja. Pelas palavras do Padre Eymard, fica evidente que havia um conjunto de pessoas ligadas ao catolicismo, utilizando a memória de Padre Monte para fortalecer a própria Igreja. E, nesses termos, a celebração de Monte era a concretização do ideal proclamado pela Igreja: santidade e sabedoria para todos os cristãos.

A partir de 1947, percebe-se que o jornal *A Ordem* reduziu o número de suas edições, o que, muito provavelmente, pode ser associado ao final da Guerra, que além da escassez de notícias, se caracterizou também pela diminuição dos recursos oriundos provenientes de assinaturas e propaganda. Não se deve desconsiderar que a Guerra afetou também o catolicismo, uma vez que a Igreja perdeu o papel de grande árbitro dos conflitos internacionais. Em razão disso, é bem provável que o jornal *A Ordem* tenha perdido adeptos de suas ideias. Assim, se até 26 de junho de 1947, o jornal tinha seis páginas, a partir de 27 de junho de 1947, o jornal retornou ao seu número original de quatro páginas.

Em 28 de fevereiro de 1948, o jornal publicou uma pequena nota, intitulada *Homenagem à memória do Con. Monte: comemorações do quarto aniversário de Morte nesta capital*, na qual destacou que as homenagens a Padre Monte constariam de uma missa às 7 horas, organizada pela JFC, e às 16 horas um terço, na capela do Colégio Imaculada Conceição. Além disso, o jornal noticiou que estava em circulação a biografia de Monte, intitulada *Verdade e Vida*, escrita por Paiva. Na página 4 dessa mesma edição, o Padre Eliodoro Pires, apresentou uma resenha dessa obra. Antecedendo essa resenha, no dia 25 de fevereiro, já havia sido publicada uma resenha da mesma obra, transcrita da edição de 31 de janeiro de 1948 do jornal *O Globo* do Rio de Janeiro, escrita pelo Monsenhor Mello Lula. Nas duas resenhas, são exaltadas a obra e o biografado.

A chegada da obra de Paiva foi muito importante para a cristalização da memória de Monte como santo e sábio, uma vez que o autor mobilizou o conjunto de artigos escritos por diversos autores em março de 1944 e redigiu uma extensa biografia de Monte. Na interpretação de Paiva (1948, p. 331), a notícia da morte de Monte foi tão desoladora que na cidade do Natal “sentia-se a orfandade. E, como raras vezes, a opressão do mistério da morte”. Essa ideia de orfandade já havia sido discutida por Lavínio Dantas (Gerardo Barreto Dantas) no seu artigo *Santo e sábio*. Entretanto, lida no conjunto da obra de Paiva a ideia ganhou maior relevância e conseguiu expressar com maior força o pensamento de que Natal ficou órfão com a morte de Monte.

As biografias escritas por Leão do Norte (Padre Luís Teixeira) e por Paiva foram extremamente importantes para a consolidação da memória de Monte como santo e sábio, pois com a redução das matérias no jornal havia o risco do comprometimento da consagração de sua memória. A publicação das duas biografias na segunda metade da década de 1940 propiciou a divulgação dos discursos até então produzidos, garantindo um acervo documental importante e de fácil acesso para todos que quisessem conhecer e difundir as ideias e as práticas de Padre Monte. Foi o caso, por exemplo, de Jurandyr Navarro que, como já afirmamos, me informou

que teve conhecimento sobre a história de Padre Monte a partir da leitura da obra de Paiva. Na perspectiva de Navarro, a obra de Paiva foi de tal forma encantadora que ele a devorou em poucas horas e sentiu a necessidade de reunir, nas suas próprias palavras, os escritos de Monte, que evidenciavam a sua sabedoria e a sua santidade.

O dia 28 de fevereiro de 1949 foi uma segunda-feira de carnaval. Em razão disso, *A Ordem* circulou no sábado, dia 26 de fevereiro, e só retornou na quarta-feira, dia 2 de março. A única menção à morte de Monte foi uma nota assinada pela Juventude Feminina Católica e divulgada no jornal *A Ordem*, no dia 25 de fevereiro, convidando parentes e amigos do cônego Luís Gonzaga Monte para assistirem a missa alusiva ao seu quinto aniversário de morte, que ocorreria no dia de carnaval, às 6h e 30 da manhã. Os elogios e as pompas não aparecem nesta nota.

No dia 28 de fevereiro de 1950, *A Ordem* divulgou, na página 4, a seguinte notícia: *Transcorre hoje mais um aniversário da morte do Cônego Luís Monte: vasto programa organizado para celebrar o sexto aniversário do saudoso sacerdote.* A matéria anunciou que a Juventude Feminina Católica havia organizado uma missa e que a ela se seguiria uma romaria ao cemitério do alecrim. À noite, seria realizada, no Centro Social da Divina Providência, situado à praça Pio X, uma sessão na qual falariam sobre Monte o Cônego Dom José Adelino, representante do clero, e o dr. Otto de Brito Guerra, representando a Ação Católica. Na nota, constata-se, mais uma vez, a ausência dos elogios a Monte.

No sétimo aniversário de Monte, em 28 de fevereiro de 1951, o jornal *A Ordem* informou que a Ação Católica havia mandado celebrar uma missa em homenagem ao 7º aniversário da morte de Monte e, à noite, no Centro Social da Divina Providência, seria inaugurado um busto de Padre Monte em bronze, confeccionado pelo professor Hostílio Dantas, a partir de uma encomenda realizada pelas senhoras da Ação Católica.

Na edição de dia 28 de fevereiro de 1952, oitavo aniversário de Monte, não encontrei nenhuma nota alusiva a ele no jornal. A última edição de *A Ordem* disponível no site da *Hemeroteca Nacional* é a de 31 de dezembro de 1952, sendo que, no início de 1953, o jornal teve suas atividades paralisadas, voltando a circular no período entre 1960 e 1967, quando mais uma vez, as suas atividades foram suspensas. Entre 1999 e 24 de abril de 2016, o jornal voltou a circular mensalmente, com tamanho bem reduzido (30x23 cm), apresentando apenas as atividades pastorais da Igreja. A partir de maio de 2016, o jornal foi transformado em revista, que é o seu atual formato, e apenas noticia os eventos religiosos da cidade e a atividade das

paróquias e sacerdotes. Eventualmente, a revista também homenageia personagens de destaque nacional ou internacional da Igreja.³⁰⁷

Depois do fechamento de *A Ordem*, em 1953, não encontrei, nos jornais locais, notícias sobre as comemorações ao aniversário de morte de Monte. Entretanto, encontrei, em obras diversas e em outros órgãos de imprensa, notícias esparsas sobre ele. Desse modo, posso afirmar que Monte nunca deixou de ser notícia, pois, apesar de não ter sido mencionado com a mesma regularidade a partir da década de 50, seus admiradores se empenharam em produzir textos sobre ele, os quais, em sua maioria, retomavam o conteúdo das matérias de março de 1944 publicadas no jornal *A Ordem*. Em 1951, por exemplo, Dom Adelino Dantas escreveu, no primeiro número da *Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras*, um texto sobre o lema da Academia, atribuído a Monte:

ARTES E LETRAS

Ad Lucem Versus³⁰⁸

O Sentido de um Lema

Mons. Adelino Dantas

A Academia Norte-Rio-Grandense de Letras surgiu predestinada à vitória, porque seu próprio lema lhe norteia uma ânsia de luz. Indica-o, de fato, o conjunto singelo de três nomes latinos, que a mente humanista do saudoso Padre Monte, riscou, para supremo estímulo dos idealistas do Belo e da Verdade, estupendo de novidade, de riqueza e de expressão: AD LUCEM VERSUS.

A língua latina se reveste da mais alta força de síntese. Eterniza a índole prática dum povo belicoso, que agia muito falando pouco e que julgava inútil o pensamento que não se encarnava na realidade. A civilização Romana, diz um erudito comentarista, moldou-se em nobreza e elevação ao sopro duma língua e duma literatura, em que o ideal beletista se conjugava à forma humanística, num esforço único de perfeição e beleza.

Esse consórcio nobre entre a Filosofia do Pensar e da Retórica legou-nos vastos repositórios de ciência e sabedoria. No Latim, se fundiram em síntese admirável, através de muitos séculos, as esperanças idealísticas e as energias de um povo, que plantou, na sua cultura, a fecundidade de seu espírito, para a maturação dos mais sadios princípios da Fé e da ciência.

[...]

Nenhuma outra língua se adapta tão bem a condensar o pensamento humano, pode perder em extensão, mas ganha em profundidade, tomando-se assim a língua ideal dos lemas, das máximas e das sentenças.

Num trecho clássico latino, não é o acervo das palavras que impressiona, mas a saturidade das idéias que nele brincam.

O nosso sempre saudoso Padre Luiz Monte, que fez, como nenhum outro, entrenós, profundas incursões nos domínios do idioma virginiano, revelou-se de uma intuição finíssima, quando, a pedido de Câmara Cascudo, compôs o lema da nossa Academia de Letras. Quanta beleza

³⁰⁷ Atualmente, a revista só é publicada online, e pode ser consultada em: <https://arquidiocesedenatal.org.br/>

³⁰⁸ No texto, Dom Adelino Dantas estabeleceu um debate explícito com o artigo de 4 de março de 1944 escrito pelo padre Jorge O'Grady de Paiva. Considerando que já analisei o artigo de Paiva, ele não será retomado neste tópico.

flui na elasticidade destas três palavrinhas latinas: AD LUCEM VERSUS!

Que significam estas palavras?

Há um lustro, mais ou menos, um ilustrado sacerdote conterrâneo em artigo publicado em nossa imprensa, deu a esse nosso lema acadêmico esta tradução: Voltado **para a luz**.

Jamais concordei com essa tradução e continuo a pedir licença para discordar. Entendo que **voltado para a luz**, não exprime, jamais, o sentido profundo, que lhe quis dar o Padre Monte.

Tento fundamentar meu ponto de vista numa razão gramatical, numa exigência de sentido e numa circunstância casual.

Numa razão gramatical:

A **palavra versus**, [...] tão empregada nas frases que indicam direção, rumo. Rege o caso acusativo.

Numa exigência de sentido:

[...] Versus é uma preposição característica de movimento. - E movimento é vida. Vita in motu! E foi justamente isso que o Cônego Monte teve em mente, quando riscou esse lema. Quis dar à Academia Norte-Rio-Grandense de Letras numa norma, um princípio orientador de vida, de beleza e de ideal. A divisa Voltado para a luz não alcançaria tanto. Pobre de luz, muito pálida, indicaria apenas estabilidade e contemplação. Faltar-lhe-ia estímulo e ação. As pedras também se voltam para a luz...

A nós, que temos aspirações mais altas, urge subir além. Queremos ir à luz, buscá-la e possuí-la. Isso é que é esforço e idealismo, e é isso que AD LUCEM VERSUS exprime realmente.

[...]

O belíssimo lema da Academia Norte-rio-grandense de Letras é estupendo de Humanismo, desse Humanismo[...] que mergulha nas fontes puras e imortais as línguas clássicas e se perde nas camadas irradiantes de uma luz que nunca se extingue, que nunca se apaga, que é a luz do Espírito.

AD LUCEM VERSUS! Buscando a luz!

Eis o lema que norteia o nosso trabalho acadêmico.

Buscamos essa luz, porque cremos nela. Cremos nela, porque cremos numa outra, que sobrepaira soberana muito acima das contingências terrenas. Cremos realmente numa Luz incriada, que nos manda sua saudação das paragens eternas, enche o Universo e ilumina a todo homem que vem a este mundo (DANTAS, 1951, p. 131-134, grifos nossos).³⁰⁹

A mensagem de Dom Adelino associa o sucesso da Academia como instituição ao lema criado por Monte, na medida em que ele serviu para estimular a produção de ideias, as descobertas, as inovações. Enaltece também o fato de o lema ter sido escrito em latim, língua considerada por Dom Adelino Dantas capaz de sintetizar os princípios da fé e da ciência. Considerando que Monte foi reconhecido pelo seu domínio do latim, pode-se inferir que Dom Adelino estava enaltecendo o próprio Monte. Nesses termos, a ideia presente neste texto é a de que só um gênio como Monte seria capaz de buscar no idioma mais preciso do mundo, o latim, a expressão correta para estimular os intelectuais de Natal, reunidos na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, a procurarem uma inspiração contínua para a produção das suas ideias.

³⁰⁹ O texto também está na *Antologia 9*. (MONTE, 2001, p. 346-347).

Além disso, na perspectiva de Dom Adelino Dantas, *Ad Lucem Versus* era uma expressão tão perfeita que conseguia captar a existência de duas luzes que iluminariam os membros da Academia. A luz do próprio homem, produtor de ideias, e a luz divina. Nesses termos, a busca da luz era, na visão de Dom Adelino Dantas, a síntese do desejo maior de uma instituição cultural que deveria levar os seus membros a encontrarem a luz que existia dentro deles próprios, bem como a luz divina. Portanto, lendo-se atentamente o artigo de Dom Adelino Dantas, percebe-se que não se trata de um texto para discutir exclusivamente o sentido do lema. O texto foi nitidamente elaborado com o propósito de homenagear Monte como um homem brilhante e capaz de articular a precisão do idioma, os sentidos da fé e os sentidos da ciência.

Nos primeiros dias de março de 1966, a Imprensa Universitária, órgão da UFRN, lançou, na própria editora, o primeiro livro editado pela instituição: *Imagens do tempo*, obra memorialística escrita por Edgar Barbosa.³¹⁰ Na época do lançamento, Onofre Lopes, então reitor da UFRN, afirmou que a obra era uma forma de reconhecimento do trabalho desenvolvido por Edgar Barbosa em prol da universidade. Posteriormente, no dia 12 de março, o Diretório Acadêmico de Direito, promoveu uma sessão de autógrafos do referido livro para alunos e professores do curso.³¹¹

Respeitado como intelectual e com grande prestígio acadêmico como professor de Direito Constitucional, o jornalista e escritor Edgar Barbosa³¹² reuniu, no livro *Imagens do tempo*, trinta e três textos de sua autoria (crônicas, conferências e discursos), alguns já publicados na imprensa, outros novos. Na apresentação da obra, Edgar Barbosa enfatizou que havia procurado homenagear autores que haviam sido marcantes nas artes, na política e na cultura do Rio Grande do Norte. Entre os textos, há um, intitulado *Padre Monte*, dedicado ao religioso falecido em fevereiro de 1944:

A vida do Padre Monte lembra a pureza de certas páginas de antologia cujos trechos revivem em nossa memória de envolta com os tempos mais felizes. Páginas que não podemos repetir na íntegra e que se esconde obstinadamente no mistério da sua singeleza.

O legado de Luiz Monte à sua geração e à fé é uma escultura de força e graça, de poesia e verdade. Fisicamente ele foi, até o desaparecimento, o pequeno e tímido seminarista que atravessa as ruas com uma leveza de

³¹⁰ Edgar Ferreira Barbosa foi o primeiro jornalista da UFRN e diretor do Boletim Universitário, além disso foi chefe do Departamento de Educação e Cultura. Durante muitos anos foi o Responsável pela Imprensa Universitária (IU) – órgão que se transformou em Editora Universitária.

³¹¹ Mais informações sobre o tema, ver em: Pereira (2012).

³¹² Importante lembrar que Edgar Barbosa participou da sessão, ocorrida em 27 de abril de 1938, na qual foi definido o número de 25 cadeiras da ANRL, bem como seus respectivos patronos e primeiros ocupantes. Edgar Barbosa, especificamente, ocupou a cadeira de 5 e foi membro da ANRL entre 1936 e 1976. Foi presidente da instituição entre 1950 e 1951 e, posteriormente, tornou-se secretário, dividindo a gestão com Henrique Castriciano e Câmara Cascudo. Edgar partilhou do convívio com Monte em muitas atividades.

pássaro. E, todavia, em sua cotidiana viagem de colégio a colégio, o pigmeu comandava a sua farândola de gigantes, as suas fórmulas, os seus sistemas, o seu universo.

É impossível recordar Luiz Monte sem ligar-se à evocação à cidade dos livros em que vivia. ao laboratório onde pesquisava, como nenhum outro entre nós, o Rio Grande do Norte. **Foi ele o moderno cientista do nosso subsolo, o estudioso da antropologia, o matemático a quem eram familiares os trabalhos dos grandes cursos europeus e americanos.**

Proclamar-se que Monte era sábio pode ser feito agora. Ele jamais consentiu que alguém o dissesse e um dos requintes de sua modéstia era justamente não discutir, não se estender em ociosidade dialéticas. Possuía o sentido singular da atmosfera das conversações, mantendo-as na feição de palestra amável, em cujo tom versava sobre os mais severos temas.

Entretanto, uma das impressões mais fortes que Monte nos deixou, talvez porque não coincida com o seu natural arredo e o seu modo de evitar a primeira fila, é **a impressão de orador.** Ouvimo-lo em diversas nuances da oratória e, ao compasso daquelas mãos brancas e descarnadas, cresciam as imagens, como ondas de um lago revoltado. Morreu de cansaço, pois sua época e sua posição espiritual lhe não davam tréguas, nem ele se rendia um minuto.

Mas todos os dias o Padre Monte nos vem, sobraçando os seus livros, assegurar-se de que a luta continua e as armas que deixou não foram esquecidas (BARBOSA, 1966, p. 16-17).³¹³

Como se pode constatar, o texto de Edgar Barbosa se refere ao religioso de maneira saudosista. Escrevendo na década de 1960, Barbosa retomou os tempos de Monte (possivelmente os anos de 1920 a 1940), como tempos da felicidade, o que me permite inferir que a felicidade dos tempos em que o padre viveu estaria na pureza existente naquele período, dando a entender que, nos anos 1960, a sociedade estava em processo de degeneração. Para Edgar Barbosa, foi a pureza da geração de Monte que possibilitou a construção do seu legado, marcado pela fé e pela verdade.

Edgar Barbosa, assim como outros admiradores de Monte, retomou a ideia, construída desde março de 1944, de que o corpo de Monte era frágil, mas a sua capacidade intelectual e de liderança eram incomensuráveis. Nessa perspectiva, teria sido essa capacidade intelectual que o havia tornado um homem com livre trânsito intelectual em várias áreas do conhecimento. A partir dessas considerações, Edgar Barbosa acrescentou um elemento a mais na construção da imagem de Monte enquanto sábio: o de que o religioso não teria permitido, em vida, que lhe

³¹³ O acadêmico da ANRL Veríssimo de Melo organizou a obra *Patronos e acadêmicos*, na qual apresenta todos os fundadores e patronos das cadeiras da Academia de Letras. Para cada fundador, Melo apresenta uma breve biografia e um texto representativo da obra. Ao apresentador a cadeira 5, cujo membro fundador foi Edgar Barbosa, Melo escolheu entre os textos de Barbosa aquele intitulado *Padre Monte*, publicado originalmente no livro *Imagens do tempo* (MELO, 1974, p. 53-54.). Posteriormente, Navarro publicou o mesmo texto na *Antologia 2*, p. 243. Importante destacar que o texto de Melo confere com o original e o texto de Navarro apresenta pequenas diferenças em relação à publicação original. Melo e Navarro não apresentam nenhuma discussão sobre as circunstâncias de produção do escrito de Barbosa. No livro de Melo, há, além do artigo escrito por Edgar Barbosa, um texto de autoria do próprio Melo sobre Monte, que analisarei mais adiante.

chamassem de sábio, em razão da modéstia que lhe era peculiar. Só posteriormente à sua morte foi que se pôde proclamar sua sabedoria.

Um dos aspectos mais marcantes da conduta de Monte, segundo Edgar Barbosa, era a sua oratória. Como Monte era tímido, ele nunca se expressava sem ser provocado. Nesses termos, quando havia a provocação e ele era forçado a falar, demonstrava toda a sua sabedoria. Sob esta perspectiva, a função de orador desempenhada por Monte não se manifestava, exclusivamente, no domínio de retórica, sendo uma demonstração viva de todo o seu conhecimento. Assim, Edgar Barbosa estava ratificando, na década de 1960, a impressão construída em março de 1944: Monte era um homem genial, mas, ao mesmo tempo, extremamente modesto, o que era uma conduta própria dos santos. Para ratificar essa santidade, Edgar Barbosa ainda mobilizou a ideia de que Monte adoeceu em função do trabalho exaustivo que desenvolvia, o que, mais uma vez, o aproximava da santidade.

Em razão desses argumentos, Edgar Barbosa deixou evidente que o legado de Monte permanecia vivo na década de 1960 e que sua defesa da Igreja Católica e dos dogmas cristãos permaneciam válidos neste período. Mesmo que a pureza, que, segundo ele, teria existido até os anos 1940, não mais pudesse ser observada, continuava sendo possível uma vida pura, caso o exemplo de Monte fosse seguido.

Pelos textos de Dom Adelino Dantas e Edgar Barbosa aqui apresentados, é possível ratificar a grande importância que a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras teve para a construção da memória de Monte. Nesse sentido, é importante destacar a relação do próprio Monte com essa instituição.

Monte participou da criação da Academia, escolhendo o cônego Leão Fernandes de Maria (1881-1920)³¹⁴ como patrono e tornando-se seu primeiro ocupante. Monte foi eleito e permaneceu como membro efetivo dessa instituição, por oito anos, até 1944, quando faleceu. Nos anos iniciais de funcionamento da instituição, as reuniões eram esparsas, não existia uma sede, o que tornava difícil a realização da solenidade de posse dos membros. Vários sócios precisaram aguardar anos para tomar posse, sendo que Monte não chegou a tomar posse. Com sua morte, Dom Adelino Dantas, que tomou posse em 1946, foi escolhido como seu sucessor na entidade e permaneceu até 1983. Após a morte de Dom Adelino, a cadeira foi assumida, no

³¹⁴ Em 1945, o jornal *A Ordem* publicou um texto chamado *Almas Gêmeas*, escrito pelo Cônego Pedro Paulino. Posteriormente, Navarro republicou esse texto, no vol. 4 da *Antologia do Padre Monte* (p. 186-187). No artigo, o Cônego Paulino construiu uma série de identificações entre Monte e Leão Fernandes, construindo a ideia de que eles eram semelhantes no berço, nos cérebros, nos corações e nas almas. Ambos eram virtuosos e sábios. Esse artigo possibilitou que outros autores, posteriormente, fizessem associação entre Monte e Fernandes, a partir das vidas pautadas pela sabedoria e pela santidade.

mesmo ano, pelo cônego Jorge O'Grady de Paiva, que a ocupou até a sua morte, em 2001. Em 2002, o Cônego José Mário de Medeiros, Postulador para a Causa dos Santos da Arquidiocese de Natal, assumiu a cadeira.

Observando-se a sucessão na cadeira de Monte na Academia de Letras, identifica-se uma preocupação em preservar sua memória, uma vez que Dom Adelino, como já demonstrei, foi um de seus maiores defensores ao longo da vida e seu primeiro sucessor nesta instituição, enquanto que segundo foi Paiva, seu principal biógrafo, e o terceiro é Cônego José Mário de Medeiros, o responsável pelo seu processo de beatificação.

A Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, como um todo, tem sido muito importante para a consolidação da memória de Monte. Em maio de 1970, por exemplo, Rômulo Chaves Wanderley,³¹⁵ ocupante da cadeira 16, escreveu um artigo para a Revista da Academia, intitulado *Evocando os nossos mortos*, no qual realizou um balanço da história da instituição e enfatizou os doze acadêmicos já falecidos desde a fundação da Academia até o momento da produção do artigo. Entre os imortais falecidos, Rômulo Wanderley deu destaque a Padre Monte. O autor iniciou o texto exaltando a Academia desde a sua fundação até a década de 1970 e apresentando os membros fundadores desde as origens:

Três décadas são decorridas e parece que foi ontem, quando meia dúzia de idealistas pensou na imortalidade acadêmica, na província dos potiguares. O sonho daqueles dias animado por uns e desalentado por outros, ultrapassou a mente de escritores e poetas e se tornou realidade visível a olho nú. Mais felizes que os árcades mineiros, os nossos intelectuais, sem usar roupagens helênicas e sem ter preocupações libertárias que as letras fatalmente suscitam, vêm graças a Deus e graças a Noé, como dizia o velho padre-cura do verso de Junqueiro³¹⁶, que a nossa instituição está sólida como as instituições britânicas, o que nos obriga a querê-la, cada vez mais, como um patrimônio inerente ao trabalho intelectual de cada acadêmico. Por entre as alegrias das comemorações de hoje, homenageamos aos Lúcius de Mendonça³¹⁷ de 1936, por terem ouvido o apêlo e a convocação de Luís da Câmara Cascudo, que achou por bem erguer a voz do Rio G. do Norte na Federação das Academias de Letras.

³¹⁵ Rômulo Chaves Wanderley (1910-1971) estudou no Colégio Marista e colou grau na Faculdade de Direito do Recife em 1945. Publicou regularmente no *Diário de Natal* n' *A República* e na *Tribuna do Norte*. Foi professor de História do Atheneu Norte-Rio-Grandense (1942) e de literatura portuguesa na Faculdade de Letras de Natal. Foi Secretário Geral do Estado no governo José Varela e Procurador Geral do Estado no governo Aluísio Alves. Teve também uma atuação marcante na maçonaria do Rio Grande do Norte. Produziu várias obras, entre as quais se destacam *Panorama da poesia norte-rio-grandense (1965)*, obra na qual apresentou um minucioso levantamento dos poetas e poesias existentes no estado, e *Noções de História e Geografia do Rio Grande do Norte (1968)* (MELO, 1974. p. 171-173).

³¹⁶ Guerra Junqueira é autor da obra *A velhice do Padre eterno*.

³¹⁷ Lúcio de Mendonça foi o idealizador da Academia Brasileira de Letras.

As 25 cadeiras da data da fundação, elevadas para 30 e 40 posteriormente,³¹⁸ premiaram os nomes mais altos das letras provincianas. Assim é que foram recrutados, pela coação irresistível da amizade: Aduino da Câmara, jornalista e historiador; H. Castriciano, jornalista, prosador e príncipe dos poetas do seu tempo; Francisco Ivo Cavalcanti, professor e dramaturgo, poeta e advogado; Aderbal de França, jornalista e cronista; Otto Guerra, jornalista e sociólogo; Virgílio Trindade, comediógrafo e poeta humorista; Edgar Barbosa, professor e magistrado, jornalista e ensaísta; Carolina Wanderley, poetisa e educadora; Antonio Soares de Araújo, historiador e poeta; Matias Maciel, genealogista; Nestor Lima, historiador, educador, advogado; Bruno Pereira, jornalista e magistrado; Januário Cicco, médico e romancista; Juvenal Lamartine, estadista e sociólogo; Antonio Fagundes, educador e historiador; Sebastião Fernandes, poeta, magistrado; Francisco Palma, poeta; Dioclécio Duarte, orador e jornalista; Waldemar de Almeida, poeta da Harmonia; Clementino Câmara, educador e memorialista; Palmira Wanderley poetisa e cronista; Floriano Cavalcanti, jurista e filósofo; Luiz Gonzaga do Monte, servo de Deus e da Ciência; Bezerra Junior, o poeta da Natureza e, por fim, Luís da Câmara Cascudo, historiador e folclorista (WANDERLEY, 1970, p. 76-77, grifos nossos).³¹⁹

Pela citação, percebe-se que Rômulo Wanderley construiu uma narrativa apologetica para a fundação da ANRL e seus fundadores, com o intuito de demonstrar o significado das ausências de alguns desses fundadores no decorrer desses anos, em razão de terem partido para um outro plano. Chama-nos, contudo, a atenção o fato de que se trata de um elogio para exaltar a ausência, pois, segundo Wanderley, “Em trinta anos, éramos apenas trinta companheiros. E desses, a Morte inexorável roubou doze ao nosso convívio, enlutando a Família e as letras provincianas e nacionais”. (WANDERLEY, 1970, p. 77). O autor referiu-se aos doze fundadores da instituição que haviam falecido ao longo das três décadas: Henrique Castriciano, Sebastião Fernandes, Luiz Gonzaga do Monte, Clementino Câmara, Afonso Bezerra Junior, Januário Cicco, Francisco Palma, Nestor dos Santos Lima, Juvenal Lamartine, Aduino Câmara, Mathias Maciel Filho e Cristóvão Dantas. Para cada um desses sócios fundadores falecidos, Rômulo escreveu um longo parágrafo enaltecendo as características literárias, o patriotismo, as relações com a cidade, as características de formação. Considerando os objetivos do estudo, optei por apresentar apenas as características atribuídas por Rômulo Wanderley a Padre Monte:

Luiz Gonzaga do Monte, nome que proferimos com respeito quase místico, máxime porque **o conhecemos na cátedra, no laboratório e no Altar**. Os melhores anos da sua juventude e da sua maturidade, ele os consumiu **no**

³¹⁸ Como já afirmei, na fundação da ANRL foram criadas 25 cadeiras. Em 22 de junho de 1943, esse número foi ampliado para 30 cadeiras e, em 16 de março de 1957, para 40 cadeiras. No texto, Rômulo Wanderley apresentou apenas os vinte e cinco fundadores, uma vez que os doze membros da ANRL que morreram ao longo dos trinta anos estavam entre os fundadores.

³¹⁹ O artigo também foi publicado na *Antologia*, v. 4. (MONTE, 1982. p. 198-202).

convívio dos livros e no manejo das pipetas, procurando penetrar no pensamento dos sábios qualquer que fosse a escola filosófica de cada um e nos ensinamentos dos doutores da Igreja, aos quais ele se equiparara, sem que disso se apercebesse. A exemplo de Bernardes, falando das cousas terrenas, tinha o Padre Monte o pensamento voltado para Deus e ao contrário de Vieira, que falando para Deus tinha o pensamento voltado para os homens. Foi um santo e um sábio, que a nossa Casa teve o privilégio de contar sob a sua cúpula [...] (WANDERLEY, 1970, p. 80, grifos nossos).

O texto de Rômulo Wanderley, escrito nos anos 1970, retomou a memória de Monte, destacando sua proximidade com o religioso. Não encontrei, contudo, quaisquer indícios de uma relação entre Rômulo Wanderley e Padre Monte, ao que se deve somar um outro fator que era a vinculação de Rômulo Wanderley com a Maçonaria, o que deveria impossibilitar uma amizade entre eles, já que Monte fez duras críticas a essa entidade.³²⁰ Levando em consideração esses elementos, posso inferir que Rômulo Wanderley conhecia Monte, mas que suas descrições sobre o religioso têm fundamentação nas informações de outras pessoas mais próximas de Monte.

A despeito destas questões, Rômulo procurou destacar o conhecimento acadêmico (cátedra), o conhecimento científico (laboratório) e o conhecimento religioso (altar) de Padre Monte, ratificando, portanto, as ideias criadas e divulgadas desde março de 1944. Wanderley também mobilizou a ideia de Monte como santo e sábio, na medida em que enfatizou que, apesar de ser um profundo conhecedor das escolas filosóficas, o religioso era extremamente modesto para revelar esse conhecimento. Ou seja, era um sábio que tudo conhecia, mas um santo, como evidenciado na humildade manifestada ao não revelar esse conhecimento. O autor ressaltou, ainda, a honra que a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras havia desfrutado por ter tido Monte como um dos seus membros. Percebe-se, portanto, que ao exaltar a instituição e seus membros imortais, Wanderley exaltava também a própria memória de Monte:

levados pela mão invisível da Morte, fantasma traiçoeiro que não respeita. **santos, nem heróis, super-homens nem simples criaturas do povo, anônimas como lírios do campo.** O exemplo de suas vidas e de seu devotamento ao estudo e às boas letras, caiu em terreno fértil. Sentimo-los presentes aos nossos trabalhos, inspirando-nos, e encorajando-nos, a nós outros, pobres mortais, que vivemos na lírica ilusão da imortalidade literária. Tais como os Doze Apóstolos, que se imortalizaram pelo doce convívio como Filho de Deus, como os Doze Pares de França que não morreram nas lendas dos feitos de Cavalaria, os doze companheiros que perdemos, em trinta anos de atividades acadêmicas, passaram a uma imortalidade perene e

³²⁰ Há outros casos de intelectuais ligados à Maçonaria que mantinham relações com Monte, como, por exemplo, Câmara Cascudo. Entretanto, nesses outros casos, existia uma relação ambígua com o catolicismo. No caso de Rômulo Wanderley, eu não encontrei essa relação.

consagradora, endeusados pelo amor do nosso culto e glorificados pelo culto do nosso amor. (WANDERLEY, 1970, p. 82-83, grifos nossos).

Pela citação, fica evidente que, na perspectiva de Romulo Wanderley, os doze intelectuais por ele destacados permaneciam vivos, imortalizados, e que suas memórias deviam seguir sendo celebradas.

Em 1974, Veríssimo Pinheiro de Melo³²¹ publicou o volume dois da obra *Patronos e Acadêmicos: a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras: antologia e biografia*. O primeiro volume havia sido publicado no ano anterior e se dedicava aos patronos, enquanto que o segundo volume foi dedicado aos acadêmicos. A orelha do livro foi escrita por Manoel Rodrigues de Melo, que exaltou o esforço do autor. Nesse volume, foram apresentados, em ordem cronológica, os fundadores de cada cadeira e os seus sucessores. A obra foi publicada pela editora Pongetti, com apoio financeiro do Conselho Federal de Cultura.

Em relação à cadeira de número 22,³²² cujo fundador foi Luiz Gonzaga do Monte, e que tinha como patrono o Cônego Leão Fernandes, Veríssimo de Melo organizou as informações em cinco partes: 1) informações gerais sobre Monte; 2) uma biografia, de oito páginas sobre o religioso; 3) um pequeno trecho escrito por Monte, extraído da obra *Fundamentos Biológicos da Castidade*; 4) uma biografia de duas páginas e meia sobre Dom Adelino Dantas, que sucedeu a Monte na Academia; 5) um pequeno texto de autoria de Dom Adelino Dantas, extraído do livro *Homens e fatos do Seridó antigo*. Com exceção dos textos escritos por Monte e Dantas em outras obras, todos os escritos foram produzidos pelo próprio Melo, inclusive as biografias de Monte e Dantas. Chama a atenção o fato de a biografia de Monte escrita por Melo ser a maior do livro *Patronos e acadêmicos*, uma vez que as dos outros sócios fundadores tinham, em média, 2 páginas.

Na primeira parte da biografia de Monte, Melo (1974) exaltou algumas das características virtuosas de Monte, construindo a seguinte narrativa:

³²¹ Veríssimo Pinheiro de Melo (1921-1996) fez o curso Secundário no Atheneu, cursou o primeiro ano de Direito na PUC/RJ e, em seguida, transferiu-se para a Faculdade de Direito do Recife, onde colou grau em 1948. Foi juiz e procurador da Prefeitura de Natal. Em 1959, tornou-se professor de etnografia e antropologia da Faculdade de Filosofia de Natal, da Escola de Serviço Social e do curso de sociologia da Fundação José Augusto. Escrevia para vários jornais, entre os quais *A República* (periódico em que, durante muitos anos, tinha uma coluna sobre literatura, na qual apresentou muitos autores novos), no *Diário de Natal*, *A Ordem*, além dos jornais recifenses *Jornal do Commercio*, *Diário de Pernambuco* e *Folha da Manhã*. Folclorista, etnólogo, participava de reuniões científicas em todo o país, sendo que, em 1967, a convite do governo dos Estados Unidos, visitou os museus de arte e de antropologia existentes naquele país. Na literatura, se dedicou a estudar o modernismo no Rio Grande do Norte, dedicando-se ao estudo da correspondência entre Câmara Cascudo e Mário de Andrade, além de ter comparado as poesias de Jorge Fernandes e Ascenso Ferreira.

³²² As informações sobre a *Cadeira 22* estão entre as páginas e 236 da obra de Melo (1974).

O PADRE Luiz Gonzaga do Monte foi um desses fenômenos humanos, que ocorrem muito raramente em qualquer parte do mundo. Era um espírito superiormente dotado, em todos os sentidos. Organização mental poderosa e universalizante. Nilo Pereira chamou-o, com propriedade, de "**homem plural**". E Cônego Jorge O'Grady de Paiva afirmou: '**Ele dominava a ciência toda do seu tempo.**'

Como sacerdote - proclamam os seus contemporâneos -, **foi um santo.** De **humildade verdadeiramente franciscana, pureza e fé inabaláveis,** serviu aos pobres no seu apostolado e, pessoalmente, **dando de si tudo quanto possui.**

Como humanista, cientista e filósofo - frisam igualmente os que com ele conviveram, -, **foi um sábio.** Sua curiosidade científica abarcava o universo. **Aprofundou-se em vários campos do saber,** como as matemáticas, a filosofia, a biologia, a psicologia, a mineralogia, a teologia, estendendo seus estudos a muitas outras ciências, como a física, a química, a paleontologia, a geologia, a história, a astrofísica a sociologia, sendo eminente latinista, t:elenis:a e hebraísta. Lia e traduzia as línguas neo-românticas, assim como o inglês e o alemão.

Era um prodígio a sua memória. Certa vez, confessou ao Padre Luiz Teixeira que **se encontrasse, 'a esmo, num livro qualquer, uma passagem que lhe chamasse a atenção, 10 anos depois seria capaz de citar de memória o nome do volume e a página em que se encontrava a questão.'**

O então bispo d. Jaime Câmara soube de sua afirmação e resolveu fazer um teste. Ele acertou em cheio!

Como orador, o franzino Padre Monte agigantava-se. Edgar Barbosa depõe nesse sentido. '... uma das impressões mais fortes que Monte nos deixou, talvez porque não coincida com o seu temperamento arredo e o seu modo de evitar a primeira fila, é a impressão do orador. Ouvimo-lo em diversas nuances da oratória e ao compasso daquelas mãos brancas e descarnadas cresciam as imagens como ondas de um lago revoltó'.

Escreveu poemas em latim e no vernáculo. Fez jornalismo a serviço da igreja e da ciência, dedicando a maior parte de sua vida ao magistério.

Entretanto, **foi breve a sua existência,** desaparecendo aos trinta e nove anos. Pela multifária atividade e inteligência, não é fácil resumir-lhe a vida e obra. Padre Monte esprou-se através de muitos campos da cultura, sendo pioneiro em nossa terra de conquistas imorredouras.

Há dois livros que retratam a personalidade, a obra e o apostolado desse levita e cientista extraordinários: 'O do Conêgo Jorge O'Grady de Paiva, 'VERDADE E VIDA', (Rio, 1948); e 'PADRE MONTE', do sacerdote Luiz Teixeira, com o pseudônimo de Leão do Norte, (São Paulo, 1944), além de ensaios, artigos e estudos menores sobre ele. O livro do Cônego O'Grady de Paiva é o mais completo. Ninguém poderá dizer que conheceu o Padre Monte sem a leitura dessa biografia escrita com amor, e por isso mesmo definitiva (MELO, 1974, p. 220-221, grifos nossos).

Na narrativa de Melo, não são encontrados elementos inovadores sobre Monte, uma vez que ele se apropriou, sobretudo, de descrições construídas em março de 1944 e replicados nas biografias produzidas sobre Monte. Entretanto, essas informações divulgadas em meados de 1974 foram muito importantes para garantir a sobrevivência da memória de Monte, cristalizando a sua fama de santo e sábio e consagrando as obras escritas sobre o religioso como leituras definitivas. A partir dessas observações mais gerais, Veríssimo de Melo traçou uma

narrativa linear da vida de Monte, desde o seu nascimento até a missa de trigésimo dia,³²³ exaltando cada etapa da vida do religioso. Toda essa narrativa se fundamentava, sobretudo, nas informações contidas na biografia de Monte escrita por Jorge O'Grady de Paiva,

Em 1976, Jurandyr Navarro iniciou a produção de dez *Antologias do Padre Monte*: 1976 (*Antologia 1*), 1978 (*Antologia 2*), 1979 (*Antologia 3*), 1982 (*Antologia 4*), 1984 (*Antologia 5 e 6*), 1996 (*Antologia 7 e 8*), 2001 (*Antologia 9*) e 2007 (*Antologia 10*). Cada uma das oito primeiras *Antologias* foi publicada por um órgão oficial: Fundação José Augusto, Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Companhia Editora do Rio Grande do Norte, órgão do Governo do Estado do Rio Grande do Norte ou Departamento Estadual de Imprensa. As duas últimas *Antologias* foram publicadas com recursos do próprio autor.

Essas *Antologias* foram extremamente importantes para a construção da memória de Monte, sendo que em cada livro, Navarro reuniu textos produzidos por Monte e aqueles que foram escritos por outros autores que se referiam ao religioso, que consagram a imagem de Monte como sábio e santo. Devoto de Padre Monte, Jurandyr Navarro empreendeu o esforço de reunir textos dispersos em diversos suportes, como manuscritos, jornais, revistas e livros. O lançamento dessas *Antologias* foi feito sempre com grande pompa, recebendo destaque nos jornais locais³²⁴ e manifestações de escritores dos outros estados escreviam para Jurandyr Navarro, que saudaram a iniciativa.

Entre os escritores de outros estados que saudaram Jurandyr Navarro pelo lançamento da *Antologia*, posso citar Nilo Pereira. Como já afirmei anteriormente, Pereira, apesar de ser da Academia de Letras do Rio Grande do Norte, morava em Recife. No lançamento da *Antologia*, em 1978, esse autor escreveu uma coluna no *Jornal do Commercio* do Recife, elogiando a iniciativa de Navarro. Na coluna, intitulada *Notas Avulsas*, Nilo Pereira se expressou da seguinte maneira:

³²³ Na narrativa sobre a vida de Monte, Melo fala sobre os seguintes temas: o nascimento do religioso e a família dele; a infância (na qual reforça a teleologia de que Monte, desde a infância, estava preparado para ser padre); o ingresso de Monte na Congregação Mariana e no Seminário de São Pedro (ocasião em que enfatiza o fato de Monte ser o primeiro da classe, participar das atividades esportivas, produzir jornais, atuar no grêmio e brincar com os seus colegas. Para enfatizar a capacidade de Monte no Seminário, Melo cita que, certo dia, os seminaristas perguntavam uns aos outros, se não fossem padres, o que gostariam de fazer. As respostas dos colegas foi que gostariam de ser pedra, água etc. Mas Monte afirmou que gostaria de ser luz.); a formação de Monte no Seminário, destacando as aulas de Padre Telch; as obras escritas por Monte; a sua relação com a ciência; a sua atividade apostólica; a carreira eclesiástica; a participação na Academia de Letras; o trabalho incessante; a doença e a morte (MELO, 1974, p. 220-227).

³²⁴ No dia 10 de novembro de 1978, por exemplo, o colunista social Paulo Macedo, que, posteriormente, também se tornou membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, anunciou, na sua coluna do *Diário de Natal*, que no dia 23 de novembro, Jurandyr Navarro lançaria um dos volumes da *Antologia de Padre Monte*. Anúncio idêntico foi feito na mesma data, na coluna *Roda Viva*, do jornalista Cassiano Arruda Câmara. Uma amostra das notícias dos jornais que se referem ao lançamento das *Antologias* pode ser encontrada na *Antologia*, v. 3. (MONTE, 1979. p. 53).

Na imprensa natalense publicou o saudoso sacerdote artigos e ensaios que não podiam ficar esquecidos. Daí essa ANTOLOGIA, que encontrou em Jurandyr Navarro um pesquisador não somente idôneo como amoroso. Pois é obra de amor e até de devoção procurar em velhos jornais o que de mais sábio e atual deixou o mestre de gerações, o teólogo, o cientista, o matemático, o latinista, o homem plural que foi o Padre Luiz Gonzaga do Monte.

Quem o conheceu de perto, quem dele recebeu ensinamentos, quem o viu na cátedra ou o ouviu no púlpito, jamais o esquecerá: O seu mais completo retrato - um 'poster' intelectual esplêndido nas linhas impressionistas da sua recordação - foi pintado em artigo magistral por Edgar Barbosa, que nele encontrou o que chamou "uma leveza de pássaro".

Esse admirável Padre Monte agora revive pelo trabalho meticuloso e honesto, além de brilhante e devotado, de Jurandyr Navarro, que merece todos os aplausos pelo que está fazendo em nome da cultura brasileira. Foi muito o que o grande sacerdote deixou de si mesmo nos velhos jornais. A pesquisa continuará em benefício do espírito, da verdade e da Fé (PEREIRA, 1978).³²⁵

Percebe-se, na citação de Nilo Pereira, a preocupação em preservar as ideias de Monte e, ao mesmo tempo, de louvar o trabalho de Jurandyr Navarro. Pode-se, portanto, afirmar que Nilo Pereira compartilha com Navarro o esforço para que Monte não seja esquecido, sendo que ambos representam o desejo de um determinado grupo em tornar permanentemente vivas as concepções e práticas monteanas.

Antes mesmo do texto de Nilo Pereira, outros autores locais também já tinham expressado a sua admiração pela obra de Navarro. É o caso, por exemplo, do advogado Marcos Maranhão, filho do ex-prefeito de Natal, Djalma Maranhão, que se expressou sobre a antologia nos seguintes termos:

Da imensa produção de Luís Monte, santo e sábio aos olhos de Deus e dos homens, foram recolhidas algumas jóias cintilantes capazes de mostrar a grandiosidade do tesouro que, até então se encontrava oculto diante de todos, talvez, porque só agora, a humanidade tenha condições de entender o cientista que debatia física nuclear antes de Einstein, o erudito que dominava o grego, o latim, o alemão, o inglês, o francês, o português, o hebraico e o arábico. Longos dias de pesquisa foram necessários para concretização deste trabalho. Foram visitados o Instituto Histórico e redações de jornais. Contemporâneos do Padre Monte ofereceram escritos do mesmo em colaborações que vieram até do Rio de Janeiro.

Padre Monte volta mais uma vez ao seu povo. Este admirável riograndense do norte surge da noite do esquecimento, diante do sol da verdade, trazido por Jurandyr Navarro, que cumprindo um mandato divino, apresenta o legado de ciência do grande sacerdote (A REPÚBLICA, 2 ago. 1978, p. 2).³²⁶

³²⁵ Ver *Antologia*, v. 3 (MONTE, 1979. p. 54).

³²⁶ O texto também está na *Antologia*, v. 4 (MONTE, 1982. p. 175).

Na interpretação de Marcos Maranhão, o trabalho de Jurandyr Navarro apresentava o grande legado de Padre Monte para a sociedade: a santidade e a sabedoria. Assim, percebe-se uma representação persistente de Monte, que é continuamente apresentada e ressaltada por seus admiradores.

Em 24 de setembro de 1976, Aluizio Alves foi eleito para a cadeira de número 17, da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, que, até então, pertencia a Dioclécio Duarte. Entretanto, em razão dos inúmeros cargos ocupados por Aluizio Alves³²⁷ a posse só aconteceu no dia 16 de agosto de 1993, um domingo, próximo do aniversário de 50 anos de morte de Monte, que aconteceria no dia 28 de fevereiro de 1994. Inicialmente, a posse estava programada para o dia 11 de agosto de 1993, data de aniversário de Aluizio Alves. Posteriormente, se deu o adiamento para o dia 16 do mesmo mês, sendo que a solenidade aconteceu no auditório da Fundação José Augusto, órgão responsável pela gestão dos bens culturais do Rio Grande do Norte, devido às reformas que estavam sendo feitas no auditório da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. O auditório da Fundação, que era bem maior do que o auditório da Academia de Letras, ficou completamente lotado, com a presença de várias autoridades. Após a abertura oficial da solenidade pelo presidente da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, Aluizio Alves foi introduzido no auditório por Dom Nivaldo Monte, Otto de Brito Guerra e Enélio Petrovich.³²⁸

O jornal *Tribuna do Norte* anunciou amplamente a posse no dia 16 de agosto, apresentando reportagens antes e depois do evento. No domingo seguinte ao acontecimento, dia 22 de agosto de 1993,³²⁹ o periódico publicou um suplemento especial sobre o evento e os discursos de Aluizio Alves e de Mário Moacir Porto, acadêmico que fez a saudação do novo imortal. Do longo discurso de Aluizio, selecionei algumas partes, nas quais ele se referiu especificamente a Padre Monte.

³²⁷ A partir de 1976, Aluizio Alves participou de uma série de articulações políticas, culminando com a “paz pública”, momento em que ele, na condição de líder do MDB, apoiou, para o Senado, a candidatura de Jessé Pinto Freire e participou da indicação de Lavoisier Maia como governador do Estado. Essa articulação possibilitou a completa modernização do parque gráfico do jornal *Tribuna do Norte*, transformando o periódico no primeiro jornal local a ser impresso em cores. Em 1982, Aluizio se candidatou ao governo do Estado pelo MDB, mas foi derrotado por José Agripino Maia. Entre março de 1985 e fevereiro de 1989, foi Ministro da Administração, indicado por Tancredo Neves e mantido por José Sarney. Em 1990, foi eleito Deputado Federal, cargo no qual permaneceu até fevereiro de 1995. Entre abril de 1994 e janeiro de 1995, licenciou-se da Câmara Federal para assumir o cargo de Ministro da Integração do governo Itamar Franco. Portanto, quando Aluizio assumiu a cadeira na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, ele era Deputado Federal eleito e Ministro da Integração.

³²⁸ Na página 1 da edição de 17 de agosto de 1993, a *Tribuna do Norte* apresentou uma síntese do evento. Chama a atenção a composição da comissão que conduziu Aluizio Alves ao recinto onde ocorreria a posse, uma vez que, nela, se encontravam dois admiradores confessos de Monte: Dom Nivaldo Monte e Otto de Brito Guerra.

³²⁹ O suplemento foi publicado no jornal do dia 22 de agosto de 1993. Entretanto, houve um erro de edição e o suplemento está, equivocadamente, datado de 22 de agosto de 1992.

[...] Político, posso dizer, desde a infância – na fotografia da fundação do Partido Popular, no dia 11 de fevereiro de 1933, em Natal, ao lado de dezenas de homens prolectos, na primeira fila, está um único menino, calças curtas, onze anos de idade, posando para a história. [...]

[...] CONVIVÊNCIA COM OUTRAS FIGURAS

Ao longo destas evocações, que, no relógio da minha vida, regulam – desde aquele 11 de fevereiro de 1933, sessenta anos de presença menor ou maior na vida pública – pude conhecer e conviver com essas e outras figuras que, exercendo atividade intelectual ou política, marcaram suas vidas pela inteligência, competência, dedicação, serviços prestados, que o Rio Grande do Norte não pode esquecer. (ALVES, 1993, p. 2, grifos do original).

O discurso de Aluizio abordou também temas políticos, uma vez que escrever não era a sua atividade principal, ainda que, ao longo da sua vida, tivesse escrito quase uma dúzia de livros. A partir dessa observação inicial, Aluizio narrou suas influências políticas e, em seguida, passou a discutir as influências de Câmara Cascudo e Padre Monte na sua formação.

[...] no plano apenas intelectual, [...] **Luiz da Câmara Cascudo**, professor, escritor, historiador, jornalista, folclorista, que, não saindo da Província, conseguiu o fato raríssimo de ser, nesses domínios, figura conhecida e respeitada no Brasil e muitos outros países.

Foi meu professor de História no Atheneu. Foi fundador da Sociedade Brasileira de Folclore, a cuja Diretoria pertenci. Foi autor de dois prefácios de livros meus: 'Angicos' e 'Padre-Mestre Ibiapina'.

Se me perguntarem sua principal característica, na vida cultural brasileira, não hesito em proclamar: foi a de não ter emulações invejosas, a de não temer o sucesso dos outros, a de saber estimular as vocações mais novas, orientando-as com a sua extraordinária sabedoria.

Outras, no plano de cultura geral, e predominantemente filosófica, a maior de todas, padre Luiz Monte, que ocupou, nesta Casa, a cadeira vinte e dois, cujo patrono é outro santo Cônego Leão Fernandes.

Autor de vários trabalhos de natureza científica, professor de múltiplas disciplinas no Atheneu e no Seminário de São Pedro, jornalista inigualável nas célebres polêmicas mantidas na imprensa - e parcialmente reproduzidas por **Jurandyr Navarro**, sob o patrocínio da Fundação 'José Augusto', -- da **sua amizade constante e inesquecível, relembro três episódios**: chegou uma tarde em Angicos, para de lá seguir para Afonso Bezerra, onde tinha um compromisso de celebrar à meia noite a Missa do Natal. O único automóvel existente na cidade era o do meu pai. Após o jantar, uma surpresa: o motorista não podia viajar, acometido naquele dia de catapora, e era difícil, à última hora, arranjar outro. Padre Monte, que não guiava, propôs-se a ir comigo, **13 anos de idade, ele me ensinando teoricamente como movimentar o carro e, eu, perplexo e deslumbrado, a dirigi-lo**. Uma viagem normalmente feita, naquela época, em uma hora, durou mais de três horas, mas, os fiéis tiveram a sua Missa de Natal.

Houve uma época em que, diretor do SERAS – Serviço Estadual de Reeducação e Assistência Social, e da LBA – tendo construído o Instituto Padre 'João Maria', para meninas pobres, muitos anos depois fechado pelo Governo Estadual e transformado em sede atual da CIPA, e do Corpo de Bombeiros, o Abrigo "Juiz Melo Matos", para meninos, depois fechado, e o abrigo 'Juvino Barreto', para velhos, considereirei que era possível tirar das ruas

menores abandonados e mendigos, e o fiz. Os viciados na vadiagem e a mendicância buscaram outras capitais do Nordeste. Os que precisavam de amparo aceitaram o internamento. O ‘Diário de Natal’ discordou da solução, em nome dos ‘direitos humanos’, e, dias seguidos, combateu a idéia, acusando-me até de usar ‘métodos nazistas’.

Um dia, chegando à LBA, encontrei este bilhete carinhoso: ‘alguma vez, você já viu alguém atirando pedra em ficus-benjamim? Certamente, não. Não dá frutos. Mas, todos os dias vê alguém jogando pedras nas mangueiras que nos dão as nossas gostosas mangas. Seu trabalho está dando frutos. Continue com as bênçãos de Deus. Padre Monte.

O último episódio me comove mais. **Saiu uma tarde do Seminário onde morava e não voltou.** Não avisou a ninguém o seu destino. Como tivesse levado, debaixo do braço, o livro ‘Damião, o leproso’, avisado confidencialmente do seu desaparecimento, **fui procurá-lo, por todos os lugares possíveis, a começar pelo Leprosário São Francisco.** Localizei-o, afinal, através de Milton Ribeiro Dantas, no Sanatório "Getúlio Vargas". Pediu-me o segredo, recomendado pelo próprio doente.

Acompanhei os dias finais de sua vida. Dele recebi o pequeno relógio de bolso como sinal de despedida. Ainda hoje lamento, com todos os óbvios motivos por tê-lo perdido no tumulto da madrugada da deposição de Getúlio, em 29 de outubro de 1945.

Não posso esquecer a emoção com que, entre o médico Milton Ribeiro Dantas e o enfermeiro Saul, **pús em suas mãos a vela acesa sob a qual se apagava a grande vida. [...]** (ALVES, 1993, p. 2, grifos nossos).³³⁰

Embora no discurso, Aluizio faça menção às muitas influências que recebeu ao longo da vida, optei por destacar a parte em que ele se referiu especificamente a Câmara Cascudo e a Padre Monte. Como se pode constatar, Aluizio se referiu a Cascudo como a maior referência intelectual e a Monte como a maior referência intelectual e filosófica, ressaltando que sua sabedoria e santidade estavam diretamente ligados às suas capacidades intelectuais.

Ao referir-se a Câmara Cascudo, Alves elogiou o fato de ele nunca ter saído de Natal, e, mesmo assim, ter se tornado alguém respeitado internacionalmente, e alguém que sabia estimular e orientar novas vocações. A partir dessa ideia, posso inferir que, na visão de Alves o próprio Cascudo influenciou as produções intelectuais de Monte, por considerá-lo o grande mentor intelectual da geração, por ter fundado a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

A partir de Cascudo, Alves retomou a memória de Monte, apresentando-o como possuidor de uma cultura geral e filosófica profunda e estabelecendo uma relação entre essa cultura com o ingresso de Monte na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Aluizio mencionou, ainda, as habilidades de Monte nas ciências, no magistério, e nas polêmicas travadas na imprensa, enfatizando a longa relação de amizade com o religioso e rememorando um encontro entre os dois quando Aluizio tinha treze anos, em 1934, durante uma ação de Monte para retirar menores das ruas. O autor refere também as antologias produzidas por

³³⁰ Parte do discurso de Aluizio foi publicado na *Antologia*, v. 7 (MONTE, 1996a, p. 188-191).

Navarro, qualificando-as como importante trabalho para solidificar a memória de Monte e, sobretudo, as representações de sábio e santo. Creio que neste discurso se pode observar a formação de uma tríade, pois Aluízio rememorou Monte, Navarro manteve viva essa memória, e Monte constitui-se no elo entre os dois.

Antes mesmo da posse de Aluízio na Academia de Letras, em setembro de 1992, a Secretaria de Transportes do Rio Grande do Norte (SETRANS-RN) lançou um passe estudantil em homenagem a Padre Monte, que teria validade até outubro daquele ano. Durante esse mês, todos os estudantes de Natal, que utilizavam o transporte público, circularam com o passe estudantil, que continha a foto de Padre Monte, o seu nome e a sua data de nascimento e de morte.

Figura 2 - Passe estudantil em homenagem a Padre Monte



Fonte: Acervo de Roberto de Monte.

Em 10 de março de 1994, a ANRL realizou uma grande solenidade em homenagem aos cinquenta anos da morte de Padre Monte. Paulo Macedo, o colunista social mais destacado de Natal e membro da ANRL, escreveu um texto – intitulado *50 Anos sem Padre Monte* – narrando os festejos:

Humanista, cultor das letras e das artes, professor, cientista, solidário e fraterno, estes são alguns dos atributos da personalidade de um homem que marcou no seu tempo e considerado a maior inteligência da contemporaneidade.

Terça-feira última, [dia 8 de março] na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras numa promoção desta com o Conselho Estadual de Cultura foi reverenciada a memória do Padre Luiz Gonzaga Monte. Diógenes da Cunha Lima, presidente da ANL e Veríssimo de Melo, presidente do Conselho de Cultura organizaram a cerimônia, que registrou boa afluência e emocionou

familiares e amigos mais íntimos ao reviver depoimentos sobre a vida e a obra do sacerdote cientista e iluminado.

Diógenes presidiu a reunião e ao abri-la justificou a homenagem. **O Acadêmico Jurandyr Navarro da Costa, autor de uma Antologia de sete volumes sobre o homenageado foi o orador oficial da data cinquentenária da morte do Padre Monte**, que se foi aos 39 anos de idade. **Falou o professor Otto Guerra, dando o seu testemunho de amizade e convivência.** Falou também o **Arcebispo Dom Heitor de Araújo Sales, que foi aluno de Padre Monte** no Seminário Menor e exibiu vários slides memorialistas da convivência do Seminário. Em agradecimento **usou da palavra Dom Nivaldo Monte, irmão do homenageado, comentando os depoimentos que ouviu e aduzindo alguns de sua própria convivência.**

À mesa principal da solenidade, além de Diógenes e Veríssimo, três Arcebispos: Dom Heitor, Dom Nivaldo e Dom Alair, a presidenta do Conselho Municipal de Cultura, Rejane Cardoso Serejo, o deputado Valério Mesquita representando o Poder Legislativo, o presidente do Instituto Histórico e Geográfico Enélio Lima Petrovich, Juiz Federal do Trabalho Tarcísio Monte, entre outras personalidades (DIÁRIO DE NATAL, 03 mar. 1994, p. 5).³³¹

A descrição feita por Paulo Macedo é uma evidência de que, cinquenta anos depois de sua morte, os admiradores de Monte continuavam celebrando sua memória, demonstrando que o que foi construído em março de 1944 não foi esquecido com o decorrer do tempo. Paulo Macedo reverenciou Padre Monte como a maior inteligência da contemporaneidade e demonstrou que seus admiradores continuavam reverenciando suas ações e conduta. Cabe ressaltar que o evento foi prestigiado por várias autoridades da sociedade civil, evidenciando o poder dos grupos cultuadores da imagem de Monte.

Em 22 de março de 1996, foi publicada no jornal *Tribuna do Norte* uma entrevista com Jorge O'Grady de Paiva, biógrafo de Padre Monte, realizada por Veríssimo de Melo, autor da obra *Patronos e Acadêmicos*, já referida neste trabalho. Na introdução da entrevista, Veríssimo de Melo apresentou o Cônego O'Grady como um conterrâneo ilustre, morador da cidade do Rio de Janeiro há muitos anos, onde era Capelão da Irmandade do Divino Espírito Santo da Lapa do Desterro. Na entrevista, Paiva respondeu a perguntas sobre sua obra e discutiu sobre vários personagens da história norte-rio-grandense, especialmente aqueles ligados ao catolicismo. Considerando as especificidades deste trabalho, extraí desta entrevista passagens em que Paiva se referiu, especificamente, a Padre Monte.

VM - O Sr. é um dos acadêmicos norte-rio-grandenses mais ativos e fecundos. De onde vem essa força criativa extraordinária?

JOP - A força criativa que me fez 'ativo e fecundo' é, em grande parte, a metodologia de estudo, a mim ensinada pelo Pe. Luis Monte, que a reduziu a 10 (dez) pontos:

³³¹ Esse texto também está *Antologia*, v. 7 (MONTE, 1996a, p. 192-193).

- 01) Significado exato das palavras e profundidades de expressão;
- 02) Sinonímia ou equivalência das palavras;
- 03) Antônimos ou contrários;
- 04) Idéias afins e associação de idéias;
- 05) Idéias opostas (ver o oposto das frases);
- 06) Correção gramatical;
- 07) Comparar (o homem aprende porque compara);
- 08) Resumir, condensar e só adjetivar com parcimônia;
- 09) Ver as coisas por novos ângulos ou enfoques diversos (descobrir);
- 10) Refletir, meditar, pensar para não repetir, simplesmente, o que os outros disseram.

VM - Qual dos seus livros editados que mais gosta? Por quê?

JOP - Dos dez livros que escrevi e publiquei gosto mais do 1º (primeiro), no qual biografiei o Pe. Monte - foi escrito com alma.[...]

VM - Acompanha, mesmo de longe, o que se escreve em Natal?

JOP - Sempre acompanhei o que se escreve em Natal e quase todos esses livros me são enviados por Jurandyr Navarro. [...]

VM - Consideramos a sua biografia de Padre Monte uma obra-prima. Por que não a reedita?

JOP - Não me parece ser necessário reimprimir ou reeditar minha biografia sobre Pe. Monte; é obra definitiva. [...]

VM - Que acha do trabalho de pesquisa de Jurandyr Navarro, republicando a obra do Padre Monte?

JOP - Jurandyr Navarro fez grande obra recolhendo os trabalhos do Pe. Monte e os enfeixando numa Antologia. Um homem como o Pe. Monte não podia jazer esquecido (TRIBUNA DO NORTE, 22 mar. 1996, p. 4).³³²

A entrevista de Paiva explicitou a profunda admiração que o entrevistado tinha por Padre Monte. E essa admiração começa pelo estilo de escrita que, segundo Paiva, foi aprendido a partir de um método através do qual Monte o havia ensinado. Não cabe, neste trabalho, analisar o método apresentado, mas cabe discutir a forma como Paiva apresenta as suas pesquisas. Ao ser apresentado como um homem produtivo, a primeira iniciativa de Paiva foi associar a sua produtividade à capacidade intelectual de Monte. Ao realizar essa operação, o entrevistado põe em relevo a figura de Monte como alguém capaz de produzir um método pessoal para a realização de estudos. Nessa perspectiva, Paiva está atualizando Monte, apresentando-o como alguém que, desde os anos 1940, já produzia algo compatível com os estudos contemporâneos. Paiva considerou, ainda, que a biografia que ele havia escrito sobre o religioso constituía-se em uma obra definitiva, que não merecia reedição ou ajustes, o que pode ser associado ao pensamento de que a obra de Monte continua perfeita e precisava se manter viva. A entrevista publicada na década de 1990 revela que ao longo desses mais de 50 anos, os admiradores de Monte, em especial Paiva, conseguiram preservar a memória construída sobre o religioso na obra *Verdade e Vida*. Percebe-se ainda, na obra, a associação que o entrevistado

³³² Parte dessa entrevista está também na *Antologia*, v. 7 (MONTE, 1996a, p. 202-204).

fez com Jurandyr Navarro, homem que o atualizava em relação às obras produzidas em Natal e que havia reunido a obra de Monte em suas *Antologias*, tida como uma fonte essencial para fortalecer as ideias contidas na biografia que havia escrito.

Em 10 de novembro de 2004, foi emitida uma declaração dos bispos da Província Eclesiástica de Natal, integrada pela Arquidiocese de Natal e pelas dioceses de Mossoró e Caicó, solicitando o início da investigação diocesana para o Processo de Beatificação e Canonização do Padre Luiz Gonzaga do Monte, sacerdote do clero de Natal, falecido com fama de santidade, em 28 de fevereiro de 1944. Assinaram o documento Dom Matias Patrício de Macedo (Arcebispo de Natal), Dom Mariano Manzana (Bispo de Mossoró), Dom Jaime Vieira Rocha (Bispo de Caicó), Dom Nivaldo Monte (Arcebispo Emérito de Natal), Dom Heitor de Araújo Salles (Arcebispo Emérito de Natal), Dom José Freire de Oliveira Neto (Bispo Emérito de Mossoró), e Dom Manoel Tavares de Araújo (Bispo Emérito de Caicó).

No ano seguinte, 2005, ano do centenário de nascimento de Monte, houve uma missa em ação de graças pelo acontecimento no dia 28 de fevereiro. No mesmo ano, a partir da Declaração assinada pelos arcebispos e bispos da Província Eclesiástica de Natal, foi iniciado o processo de beatificação de Padre Monte. Em 24 de maio de 2005, ocorreu a abertura do processo diocesano para a beatificação do Cônego Monte, por determinação do Arcebispo Dom Matias Patrício de Macedo. Em 16 de outubro do mesmo ano, o Monsenhor Francisco de Assis Pereira foi nomeado Postulador do Processo de beatificação de Luiz Gonzaga do Monte. Ainda em outubro de 2005, o jornal *A Ordem* anunciou a abertura do processo de Canonização, explicando como seria o processo e informando os leitores sobre o que já existia – em termos de documentação – para dar andamento ao processo. Em 13 de maio de 2006, a Santa Sé emitiu o *Nihil Obstate*, autorizando a realização das investigações históricas sobre o Servo de Deus Luiz Gonzaga do Monte pelo postulador, com vistas ao seu processo de beatificação.

Figura 3 - Convite para a comemoração do Centenário de Nascimento de Monte e da abertura do seu processo de beatificação.



Fonte: Acervo de Jurandyr Navarro.

Figura 4 - Santinho distribuído durante a missa do Centenário de Nascimento de Monte e da abertura do seu processo de beatificação.



Fonte: Acervo de Jurandyr Navarro.

Em 2005, considerando a abertura do processo de beatificação de Padre Monte, a Assembleia legislativa do Rio Grande do Norte produziu um documentário, intitulado Padre Monte, com trinta e nove minutos de duração. Após sua exibição, a TV Assembleia divulgou em seu site uma sinopse do programa, apresentando Padre Monte como

um pesquisador nato, poliglota e autodidata. Fundou a Academia Norteriograndense de Letras, juntamente com Câmara Cascudo. Recebia amostras de minérios do exterior para fazer análises no seu laboratório. Morreu aos 39 anos e, mesmo sem sair de Natal, contestou teorias de Einstein e Darwin. Em seus livros, abordou assuntos polêmicos como castidade e espiritismo. Humilde e generoso, foi um grande defensor da Igreja Católica. Esse ano, o Vaticano autorizou a abertura do processo de beatificação do Padre Luiz Monte, que pode tornar-se o primeiro santo doutor do Brasil. (SINOPSE..., 2011).

O programa foi produzido a partir de entrevistas com cinco personalidades que conviveram com Padre Monte: Dom Nivaldo Monte, Padre João Penha Filho, Jurandyr Navarro e Padre Francisco de Assis Pereira. Todos os depoimentos apresentam menções elogiosas ao religioso e ratificam a sua sabedoria e santidade. Padre Penha, especificamente, narrou com detalhes como ele e o padre Manoel Pereira ajudaram a queimar todos os papéis de Monte. O vídeo também explica o significado da proposta de beatificação de Monte, deixando evidente que, para que um processo de beatificação fosse criado, era necessário que peritos históricos analisassem a proposta, e, ainda, que somente depois de aprovada pela comissão é que eram procurados os milagres. No vídeo encontramos, ainda, uma comparação entre as práticas de Padre Monte e as de Padre João Maria, ambos cotados para se tornarem santos pela Igreja, sendo que, segundo as narrativas, Monte não tinha contato direto com o povo, enquanto Padre João Maria era vigário. Nesses termos, o processo de santidade de Monte se relacionava muito mais com sua genialidade e sabedoria, por ser considerado um intelectual, enquanto que o processo de Padre João Maria se relacionava com sua atuação cotidiana como vigário.

Em 2009, a Fundação Hélio Galvão produziu para a Arquidiocese de Natal, por ocasião do Centenário da Dioceses de Natal (1909-2009) e dos noventa anos do Seminário de São Pedro (1919-2009), um DVD intitulado *Dom Nivaldo Monte o sementeiro da alegria: homenagem do seminário de São Pedro a Dom Nivaldo Monte*. No vídeo, Dom Nivaldo Monte, então com 87 anos, narrou que começou a assistir aulas no Seminário de São Pedro em 1929, mas que não podia usar batina, por não poder pagar a mensalidade do Seminário, sendo que, somente em 1931, ele conseguiu pagar as mensalidades e ingressar oficialmente no seminário. Depois dos estudos elementares em Natal, foi estudar no Seminário de Fortaleza, que, segundo

ele, era um verdadeiro “caldo de cultura”. Ele ressalta, ainda, que, ao estudar em Fortaleza, ele pôde perceber com maior clareza a genialidade do seu irmão.

Segundo Dom Nivaldo, as duas biografias publicadas sobre Padre Luiz Gonzaga Monte – *Padre Monte* (1944) e *Verdade e Vida* (1948) – eram duas obras que demonstravam como seu irmão, Luiz Gonzaga do Monte, era um santo e sábio, recorrendo ao que outros autores já haviam dito sobre ele para homenageá-lo:

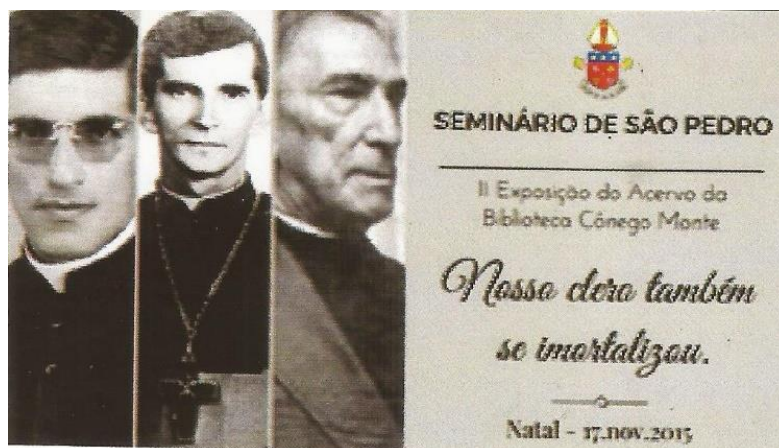
Padre Monte é um fenômeno que não se pode explicar. **Como é que aquele homem, nunca tendo saído de Natal, podia ter uma cultura tão vasta?** Porque era um homem completo. [...] **Um verdadeiro santo tem que ser o verdadeiro homem. Um verdadeiro homem tem que ser um verdadeiro santo.** O homem, para ser homem, tem que ser santo, e o santo, para ser santo, tem que ser homem. E o que eu achava em Padre Monte é que ele era um homem normalíssimo. Gostava de esporte, de passar as férias em Ponta Negra, gostava de passear fazendo expedições nos montes em Caicó. Tudo o que podia interessar à uma mente viva, interessava à alma dele. **Sabia uma quantidade enorme de línguas, gostava de toda qualidade de ciência, física, química, botânica, mas principalmente, a matemática.** [...] Padre Monte foi quem me levou é ser inquieto intelectualmente. Nos levávamos a sério a piedade no ensino religioso. [...] a gente se interessava pela vida dos santos. A gente queria ser pessoas melhores. [...] na nossa época do seminário, nós estudávamos antes da aula. (DOM..., 2009, grifos nossos).

As qualidades de Monte, retomadas por Dom Nivaldo Monte, se aproximam significativamente das ideias apresentadas tanto nos textos criados em 1944, quanto naqueles que têm sido produzidos até os dias de hoje, e que ressaltam a vasta cultura de Monte e a sua completude como homem, como santo e como sábio, coincidindo com a opinião dos muitos dos admiradores de Monte.

No dia 14 de setembro de 2014, o jornal *A Ordem* divulgou que quatro dias depois, no dia 18, às 19h 30min, no auditório da Biblioteca Central Zila Mamede, no Campus da UFRN-Natal, a Academia de Estudos Padre Anchieta, entidade ligada ao Seminário de São Pedro e o Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras Modernas (DELLEM) da UFRN realizariam uma solenidade para homenagear Padre Monte. Infelizmente, não consegui localizar muitas informações sobre esse evento, além da que reuniu muitas pessoas, que ocuparam metade do auditório. Independentemente do conteúdo ou da qualidade das intervenções que foram feitas pelos participantes, o evento em si demonstrou que a trajetória de um religioso falecido em 1944 estava, no ano de 2014, sendo discutida no âmbito da Universidade, envolvendo professores e acadêmicos de um de seus departamentos.

No dia 17 de novembro de 2015, o Seminário de São Pedro realizou a exposição, intitulada “Nosso clero também se imortalizou”, dos livros do Cônego Luiz Gonzaga do Monte, Dom Nivaldo Monte e do Monsenhor Eymard, que faziam parte do acervo da biblioteca do Seminário de São Pedro. Durante o evento, Monte teve uma posição destacada, tendo sido enfatizados tanto os seus textos escritos, quanto os que nunca foram publicados.

Figura 5 - Convite para a II Exposição do Acervo da Biblioteca Cônego Monte.



Fonte: Acervo particular da autora.

Entre os anos de 2009 e 2015 entrevistei algumas pessoas que conviverem com Monte e todas elas trouxeram informações que se encontravam já cristalizadas nos escritos existentes sobre ele. Sobre as etapas de sua vida de Monte e sobre sua morte, tudo parecia muito vivo e coincidente com as descrições que constam nas biografias escritas sobre o religioso. Na entrevista concedida pelo arcebispo Dom Heitor Sales, que foi aluno de Monte no Seminário de São Pedro, ele rememorou a vida de Monte, sua sabedoria e sua santidade, descrevendo a morte de Monte como algo marcante para a cidade de Natal:

*a morte de Padre Monte abalou todo mundo. Veio muita gente de fora. Os seminaristas foram todos vestidos com uma batina preta coberta com uma veste branca. Foi uma solenidade especial. Lembro que a gente que estava no velório ia beijar a mão dele... Era uma fila para beijar a mão dele.*³³³

Na passagem acima, chama a atenção a reverência a Padre Monte, atestada no beijar a mão do morto, que não era uma simples despedida de alguém que partia, mas o reconhecimento de suas concepções e ações adotadas ao longo da vida. Como se pode constatar, Dom Heitor

³³³ Heitor de Araújo Sales, Arcebispo Emérito da Arquidiocese de Natal, em entrevista a mim concedida em seu gabinete, na cripta da Catedral. Em Natal, 06 de outubro de 2015, p. 11.

aproxima-se dos demais admiradores do religioso, que, desde sua morte, em 1944, vêm se empenhando em manter viva sua memória entre os católicos natalenses. Memória que foi garantida através da divulgação de textos elogiosos escritos pelos seus admiradores e de uma série de outras iniciativas que homenagearam Monte.

Ao longo deste capítulo, procurei mostrar como estes textos foram produzidos e divulgados através da imprensa, e, ainda como instituições culturais leigas da cidade, em geral comandadas por intelectuais católicos, realizaram atividades com o intuito de exaltar as qualidades de Monte, homenageando-o. Dentre os textos de evidente caráter laudatório, destacamos a biografia *Verdade e Vida*, escrita por Paiva, as *Antologias* organizadas e publicadas por Jurandyr Navarro, e a documentação que Dom Heitor de Araújo Sales reuniu desde a morte de Monte. No que se refere às instituições, é importante realçar o papel da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, que realizou, ao longo de décadas, várias ações para homenagear Padre Monte.

Se, neste capítulo, procurei demonstrar de que forma, porque e por quem Monte foi apresentado como sábio e santo, nos próximos capítulos, me deterei nas ações do próprio Monte, apresentando e discutindo suas ideias e suas práticas no âmbito das ciências, das letras, do púlpito, bem como as relações que estabeleceu com seus parceiros e opositores.

Fotografia 3- Laboratório³³⁴ de Padre Monte³³⁵

Fonte: Acervo de Jurandyr Navarro / Paiva 1948. p. entre 127 e 128 (Aspecto parcial do laboratório do Cônego Monte. Por ele mesmo montado no Seminário de São Pedro)

³³⁴ Esta fotografia registra o laboratório de trabalho de Padre Monte, situado em duas salas do Seminário de São Pedro, em Natal. Nela, pode-se perceber uma parte do laboratório, em especial, uma prateleira com vários vidros de diferentes tamanhos, caixas e pedaços de rocha, que provavelmente eram usadas em seus trabalhos de mineralogia e de geologia. Ainda que não seja possível visualizar o conteúdo dos vidros e das caixas, é possível supor que os vidros contivessem soluções e/ou reagentes e as caixas eram destinadas a guardar anotações e/ou fichas das rochas e dos experimentos. No centro da sala, tem-se uma mesa com um microscópio e alguns vidros que aparentam ser tubos de ensaio. Apesar de não ser possível visualizar a partir desta imagem, os alunos de Monte informaram, em entrevistas a mim concedidas, que na sala existiam algumas cadeiras, outra prateleira que continha também objetos de trabalho (que ele usava em experimentos) e um pequeno bureau, no qual ele também trabalhava. A janela ao fundo estava voltada para o pátio central do Seminário. Raramente a janela era aberta totalmente, em razão dos ventos que sopravam no local. Comumente, Monte abria a parte interna da janela para, pelos vidros, iluminar o ambiente e, pelas venezianas, receber parcialmente a ventilação.

³³⁵ Esta foi a única imagem que encontrei que relaciona Padre Monte com ciência, isto é, com os experimentos que, segundo seus contemporâneos, ele fazia em alguns campos científicos, tais como Química, Biologia, Mineralogia e Geologia. Como já foi afirmado neste trabalho, Monte não era afeito a muitos registros fotográficos e, por isso, são poucas as fotografias dele ou registrando suas ações. A divulgação desta imagem, por parte dos admiradores de Monte, é usada como uma comprovação de que Monte era um cientista, uma vez que trabalhava regularmente em seu laboratório, que estava devidamente equipado para desenvolver diferentes experimentos. Optei por usar essa imagem como introdução deste capítulo, que tem por objetivo apresentar e discutir a produção científica de Monte. Ao longo do texto, discutirei a associação que foi feita entre o laboratório e o desenvolvimento de experimentos científicos, fundamental para a construção de uma imagem de Monte enquanto cientista. Nessa perspectiva, a fotografia inspira a discussão em torno desta imagem, que foi enfaticamente defendida e difundida por seus admiradores.

3 AD LUCEM VERSUS: PADRE MONTE POR ELE MESMO

Ad Lucem Versus é uma frase latina que, na língua portuguesa, pode ser traduzida como “voltado para a luz”, “rumo à luz” ou “em direção à luz”.³³⁶ Trata-se do lema da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras (ANRL), que foi escolhido pelos acadêmicos a partir de quatro propostas apresentadas por Padre Monte. Ao propor as quatro frases latinas,³³⁷ o religioso estava preocupado em apresentar para aquela entidade um lema que expressasse o sentido que ela teria na sociedade. Ao formular a ideia de uma entidade “voltada para a luz”, Monte, sintonizado com o seu tempo, atribuiu à intelectualidade da ANRL a função de ser luz no mundo.

Ao propor para os intelectuais da Academia a função de guia, como partícipe dessa instituição, ele provavelmente também se considerava um guia. Partindo desta premissa, o objetivo deste capítulo é identificar como Monte expressava as suas ideias, fazendo com que elas reforçassem seu papel como mentor da sociedade. A meta é analisar o que ele expressava em artigos, discursos, livros e debates, com o intuito de mostrar caminhos a serem seguidos por outros. Esclareço que, neste capítulo, não pretendo estabelecer uma discussão de como Padre Monte se auto representava, uma vez que não encontrei, entre suas produções, nenhuma na qual ele se detivesse explicitamente a sua própria imagem, ainda que ela possa ser captada nas análises que faz sobre determinada temática ou, então, nas referências a situações vivenciadas por outras pessoas, às quais ele atribui significado positivo ou negativo. Portanto, ao discutir Padre Monte por ele mesmo, me debruçarei sobre as ideias que ele expressou. O foco do capítulo não é a interpretação que outros fizeram de Padre Monte. Daí a opção de nomeá-lo “Padre Monte por ele mesmo”. Nesses termos, procurei identificar as diretrizes que Monte procurou dar aos católicos, entre as décadas de 1920 e 1940, analisando as circunstâncias e os sentidos atribuídos por ele em cada material que produziu.

³³⁶ Como já mostrei no capítulo anterior, as versões de Paiva e Dom Adelino Dantas sobre a tradução dessa frase são divergentes. Para Paiva, *Ad lucem versus* significava voltado para a luz. Em 1952, em artigo publicado na primeira edição da Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, Dom Adelino Dantas considerou que AD LUCEM VERSUS significava buscando a luz. Na percepção de Dantas, a crença na luz fazia com que existisse a sua procura. Independentemente do significado preciso da expressão, ela indica a ANRL como a luz do mundo.

³³⁷ Os Acadêmicos da ANRL encarregaram Padre Monte para apresentar o lema da entidade, que deveria ser em latim. Cumprindo a missão para a qual foi designado, Monte apresentou quatro opções. No dia 28 de novembro de 1936, na 3ª sessão preparatória da ANRL, Câmara Cascudo, em nome de Padre Monte, que não pôde comparecer à reunião, apresentou os quatro lemas propostos pelo religioso: *Premat artus tráhant sidera vérticem* (A pressão da terra nas articulações absorve as estrelas); *Dúctor in altum* (Trazer alto); *Viteus lumi, sidera corpe* (Viteus lumi, de pé acima das estrelas) e; finalmente, *Ad Lucem Versus* (que foi o lema escolhido). Cf. Negreiros (2003. p. 55).

Com o intuito de compreender o pensamento de Monte, julgo conveniente retomar brevemente o momento histórico vivenciado pela Igreja, quando ele passou a divulgar as suas ideias. Como já afirmei anteriormente neste trabalho, no Brasil, após a Proclamação da República, ocorreu a separação entre o Estado e a Igreja, que perdeu significativamente o seu poder.

Os conflitos entre Igreja e Estado não foram iniciados na República. Em 1872, os confrontos entre a Igreja e o Império desembocaram na prisão dos bispos Dom Vital Maria Gonçalves de Oliveira (bispo de Olinda) e Dom Antônio de Macedo Costa (bispo do Pará). Esses conflitos ficaram conhecidos como a “Questão Religiosa” e só foram minimizados com a anistia dada aos bispos em 1875. Entretanto, essa anistia não minimizou as hostilidades que envolviam, de um lado, os regalistas, os maçons e os jacobinos, e, de outro, os católicos ultramontanos. Nesse sentido, ao separarem a Igreja do Estado, os republicanos concretizaram um projeto que vinha sendo esboçado desde o Império. Os discursos republicanos que concretizaram a separação da Igreja do Estado atribuíam “ao clero enganador e ao maquiavelismo jesuítico e romano, o atraso e a ignorância existente no país” (AQUINO, 2012. p. 146).

Nesse contexto, uma parte significativa da elite nacional³³⁸ associou os novos ideais republicanos³³⁹ com a modernidade, o que implicou na adoção de medidas que almejavam conduzir a Nação ao progresso e à civilização. No que se refere à religiosidade, especificamente, o Estado Republicado se libertou dos limites impostos pelo Padroado e estabeleceu relações com outros cultos religiosos (AQUINO, 2012. p. 143-170).

Na tentativa de superar esse novo momento,³⁴⁰ dirigentes da Igreja Católica procuraram implantar reformas institucionais que permitissem a sobrevivência do catolicismo na nova ordem política.³⁴¹ Nesse sentido, no período de 1889 a 1916, muitas coisas começaram

³³⁸ Refiro-me às elites intelectuais, políticas, militares e eclesiásticas que estiveram envolvidas no debate em torno da modernidade brasileira. A partir desses debates, essas elites passaram a disputar a agenda de realizações do Estado.

³³⁹ Desde o Império já estavam presentes no imaginário brasileiro os ideais de progresso e os desejos de civilidade, o que pode ser comprovado tanto na paixão de D. Pedro II pelas ciências e pelas letras, quanto nas práticas adotadas pelos republicanos, desde 1870, de difundir ideias que associavam à República ao progresso e à modernização (MELLO, 2009, p. 15-31).

³⁴⁰ Logo depois de proclamada a República, a Igreja foi diretamente afetada com uma série de medidas, além da extinção do padroado, que foram adotadas. Entre essas medidas se destacaram a liberdade de culto religioso e a adoção de um calendário oficial que excluía os feriados católicos. Essas ações do novo Governo republicano estavam sustentadas ideologicamente na necessidade de modernizar a nação.

³⁴¹ Apesar de reconhecer que o Estado republicano brasileiro adotou medidas favoráveis à laicidade, o que o vinculou à modernidade, torna-se necessário destacar os limites dessa laicidade. Assim, é importante destacar que, diferente do ocorrido na França e nos Estados Unidos, a Constituição de 1891 não apresentou nitidamente características contrárias à religiosidade, tendo inclusive permitido que instituições religiosas pudessem

a mudar na Igreja, uma vez que essa instituição precisava incorporar um discurso que a sintonizasse com mudanças presentes na sociedade de então.³⁴²

As mudanças adotadas pela Igreja no período em destaque, envolveram tanto reformas internas, quanto posturas de representantes do clero. No que se refere às reformas internas, ocorreram a reorganização do poder territorial e político da Igreja, que promoveram alterações nas jurisdições diocesanas e a criação de novas dioceses.³⁴³ No tocante às posturas dos líderes católicos, eles iniciaram um processo de aproximação com a sociedade, nos moldes do que foi concretizado na Neocristandade.

Foi a partir de 1916, com a divulgação da Carta Pastoral de Dom Sebastião Leme, que a Neocristandade se firmou como modelo para a atuação do catolicismo. Na Carta, Dom Leme expressou a necessidade de a Igreja Católica aproveitar o grande número de fiéis em todo o país e atuar mais fortemente na sociedade. Para tanto, a Carta, expressando as diretrizes da Neocristandade, explicitava que era necessário cristianizar as instituições brasileiras, formar um corpo de intelectuais leigos e religiosos que apresentassem à sociedade e defendessem publicamente o pensamento católico e desenvolvesse práticas religiosas populares que estivessem alinhadas aos procedimentos ortodoxos da Igreja (LEME, 1916). Os princípios da Neocristandade, apresentados em 1916, floresceram na década de 1920 e atingiram o seu ápice entre 1930 e 1945, época em que Getúlio Vargas esteve no comando do país (MAINWARING, 1989. p. 43).

Posso afirmar que durante o florescimento e o apogeu da Neocristandade, a Igreja assumiu posturas políticas reacionárias, uma vez que se opôs veementemente à secularização³⁴⁴ e à existência de outras religiões, além de pregar o cumprimento da hierarquia católica³⁴⁵ e a difusão da ordem³⁴⁶ entre os leigos (MAINWARING, 1989. p. 43). Foi nesse período que

adquirir personalidade jurídica. Embora a laicidade brasileira tenha sido limitada, não posso deixar de reforçar que ela atingiu fortemente o catolicismo.

³⁴² Sobre as mudanças ocorridas no interior da Igreja entre 1890 e 1916, ver Mainwaring (1989, p. 42-43).

³⁴³ Aquino denominou esse processo de reorganização diocesana de *diocesanização*. Sobre o tema, ver Aquino (2012, p. 144).

³⁴⁴ Por secularização, entende-se a passagem de coisas, pessoas e instituições que estavam sob o regime religioso para o domínio leigo. Na secularização as instâncias e as autoridades religiosas não determinam a vida social existente no país. Na secularização o poder público deixa de se vincular ao religioso, tornando-se laico.

³⁴⁵ O Papa Pio XI, que exerceu seu papado entre 1922 e 1939, explicitou que a partir da *Ação Católica* os leigos participariam do apostolado hierárquico da Igreja. Com essa decisão, os leigos passaram a fazer parte da *hierarquia da Igreja*. Pio XII, que foi Papa entre 1939 e 1958, substituiu a noção de participação pela noção de colaboração dos leigos. No atual Código Canônico, aprovado em 1983, está grafada, no Artigo 129, a expressão cooperação dos leigos. Sobre o tema, confira: (SOUZA, 2004, p. 90). A partir dessa discussão, posso afirmar que, durante a Neocristandade, o cumprimento à *hierarquia da Igreja Católica* se referia aos religiosos e leigos que atuavam juntos aos fiéis, com o intuito de dirigi-los na fé e conduzi-los na moral cristã.

³⁴⁶ Do primeiro Código de Direito Canônico da Igreja Católica, assinado em 1917, pelo papa Bento XV, ao segundo Código Canônico, aprovado em 1983, várias discussões aconteceram sobre o papel dos leigos na Igreja. Essas

Monte exerceu as ações mais relevantes de sua vida pública: estudou no Seminário, foi ordenado, atuou como sacerdote, escreveu seus textos e produziu seus discursos.

Sob a perspectiva da Neocristandade, o catolicismo incrementou sua presença entre os leigos, procurando atuar de forma enfática em instituições e nos governos, influenciando o sistema educacional, impondo uma moral católica para toda a sociedade e difundindo maciçamente sentimentos contrários ao comunismo, ao espiritismo e ao protestantismo. Este modelo, contudo, nunca foi uma unanimidade na Igreja Católica e, em torno de 1945, passou a mostrar com maior nitidez suas fragilidades. Vale lembrar que sua aplicação possibilitou conquistas importantes para a Igreja, tais como: a manutenção do catolicismo como religião da quase totalidade da população nacional; a influência marcante no sistema educacional e nas elites governamentais, econômicas e sociais; a indução de comportamentos morais que enfatizavam a família e estabilidade; e a consolidação de uma relação amistosa com Vargas, que atendia princípios da doutrina social proposta pelo catolicismo. Entretanto, essas conquistas não conseguiram silenciar as críticas advindas de lideranças religiosas que apontavam a necessidade de reformas mais profundas da Igreja, que deveria renunciar à opulência e aos privilégios e optar preferencialmente pelos pobres (MAINWARING, 1989. p. 52).

Nesses termos, por volta de 1945, as críticas à Neocristandade se avolumaram, provocando uma grande crise nesse modelo. Para parte significativa do clero e dos leigos, ela não tinha apresentado mudanças que transformassem a estrutura do clero e a orientação política da Igreja. Os insatisfeitos com o modelo identificavam que a sociedade brasileira havia se modernizado numa velocidade enorme e não havia mais condições de seguir defendendo pautas incompatíveis com os novos tempos, como a secularização. Depois da Segunda Guerra, que fortaleceu a presença da modernidade, qualquer posicionamento antimoderno se tornou insustentável e nenhuma ação da Igreja pôde reverter essa tendência. O protestantismo e o espiritismo se fortaleceram e a tentativa da Igreja de controlar a religiosidade da população havia se mostrado infrutífera. Foi o fim da Neocristandade, o que exigiu da Igreja a adoção de outras estratégias que estivessem sintonizadas com o implacável mundo moderno (MAINWARING, 1989. p. 53).

mudanças só foram efetivadas no novo Código, que explicitou, no Artigo 129: “os fiéis leigos podem cooperar no exercício desse poder [da Igreja]”. Os leigos e os religiosos passam a ter o *poder* de celebrar cerimônias religiosas a partir da investidura de *Ordem*. Por meio da *Ordem* é conferido a um indivíduo o poder e a graça para exercer um ministério eclesiástico em nome de Deus. É o bispo, por meio da imposição das mãos e pela enunciação de palavras que confere *Ordem* a um indivíduo, transformando-o em diácono ou presbítero. Um indivíduo leigo que recebe a *Ordem* passa a ter poderes para perdoar pecados, consagrar o pão e o vinho, além de celebrar outros sacramentos. Durante a Neocristandade, a Igreja estimulou a difusão da *Ordem* para leigos. Mais informações sobre o tema, confira: (SOUZA, 2004. p. 94).

Considerando esses elementos, é importante ratificar que toda a obra de Monte foi produzida durante a Neocristandade. Nesse sentido, se faz necessário entender que as ideias de Monte estavam associadas a esse modelo, ainda que ele tivesse livre arbítrio para tomar as suas decisões. Durante a vigência da Neocristandade vários intelectuais católicos se envolveram nas lutas da Igreja e fortaleceram as posições expressas nesse modelo de catolicismo. Entre esses intelectuais, se destacou Jackson de Figueiredo, que fundou, em 1921, no Rio de Janeiro, a revista *A Ordem*³⁴⁷ (que se tornou o principal órgão divulgador das diretrizes católicas naquele momento) e, em 1922, o *Centro Dom Vital*³⁴⁸ (que agregou intelectuais e leigos católicos com o intuito de fundamentar teoricamente as ações da Neocristandade). Com a morte de Jackson de Figueiredo, em 1928, Alceu Amoroso Lima assumiu a direção da revista *A Ordem* e do *Centro Dom Vital*.

Para entender a produção intelectual de Monte é importante identificar as circunstâncias históricas em que ele produziu e os canais que usou para difundir as suas ideias. Nesse sentido, cabe ressaltar que ele escreveu seus artigos em jornais católicos *A Verdade*, *Diário de Natal* e *A Ordem*. Foi nesse último periódico que ele escreveu o seu maior número de artigos. Considerando esses elementos, torna-se essencial entender, por um lado, o papel desse jornal na sociedade natalense e, por outro, a relação de Monte com esse periódico. Sintonizado com os ideais da revista *A Ordem* e do *Centro Dom Vital*, em 14 de julho de 1935 foi lançado, em Natal, o primeiro número do jornal *A Ordem*.³⁴⁹

Esse jornal se opunha aos ideais da Revolução Francesa e às instituições dela derivadas, como a maçonaria e o Rotary Club. Para o jornal *A Ordem*, a Revolução Francesa, ao defender os ideais de igualdade, liberdade e fraternidade, deu origem ao mal da liberdade, que fez as pessoas pensarem diferente dos princípios defendidos pelo catolicismo.

³⁴⁷ O título *A Ordem* tem uma relação direta com o sentido de ordem para Igreja, ou seja, em procedimentos internos da Igreja para transformação do leigo em indivíduo capaz de ministrar sacramentos. O jornal *A Ordem* também justificou o título usando razões semelhantes: “Ordem é hierarquia e é disciplina. É respeito e é autoridade. É amor sadio e é fraternidade. É, numa palavra, cumprimento exato de deveres, virtudes essas que faltam à civilização atual, cujo senso do divino, meta insubstituível da vida, se foi amortecendo a partir do Renascimento”. (*A Ordem*, 14 de julho de 1935, editorial, da primeira página do jornal, no primeiro número publicado do periódico). Cf. Monte (1935). (Editorial, da primeira página do jornal, no primeiro número publicado do periódico).

³⁴⁸ Fundaram o Centro Dom Vital, junto com Jackson de Figueiredo: Hamilton Nogueira, Durval de Moraes, Jonatas Serrano, Vilhena de Moraes, Perilo Gomes e José Vicente de Souza. Cf. Centro Dom Vital (2014).

³⁴⁹ O jornal *A Ordem*, apesar de ainda existir na contemporaneidade, não teve uma existência contínua desde 1935. Durante dois períodos o jornal deixou de ser publicado. Nesses termos, a história do periódico pode ser dividida em três fases: a primeira compreende o período entre 1935 e 1953; a segunda fase abarca os anos de 1960 a 1967 e, finalmente, a terceira fase que foi iniciada em 1999 e passou por muitas mudanças, atualmente não existe mais o jornal, e sim, uma revista eletrônica com o mesmo nome. É importante destacar que, para esta parte da tese, consultamos o jornal *A Ordem* desde 1935, buscando nele as notícias, artigos e reportagens relacionadas a Padre Monte.

O fato do jornal *A Ordem* se opor à Revolução Francesa tinha raízes históricas, e a condenação desse movimento pela Igreja Católica estava diretamente associada com a consolidação de uma orientação política da Igreja, conhecida como ultramontanismo,³⁵⁰ que se consolidou, a partir de meados do século XIX, no seio da Igreja Católica. Segundo Manoel (2012. p. 5),

[...] pode-se dizer que o ultramontanismo foi uma orientação política desenvolvida pela Igreja após a Revolução Francesa, marcada pelo centralismo institucional em Roma, um fechamento sobre si mesma, uma recusa de contato com o mundo moderno, visando à sua própria sobrevivência. **Segundo a interpretação do catolicismo ultramontano, o mundo moderno era pernicioso, e isso se devia ao fato de ele ter se constituído sob a égide da liberdade de consciência e ter proposto a ‘multidão’ como legitimadora do poder político.** Ou, em outras e mais precisas palavras, **o mundo moderno recusava subordinar-se à doutrina e controle católicos, pretendia derrogar o estatuto da monarquia absolutista e estabelecer o contrato como instrumento de mediação entre as classes sociais.** (grifos nossos).

Sob esta perspectiva, o ultramontanismo critica o mundo moderno, o que inclui a Revolução Francesa, em razão da modernidade trazer a ideia de liberdade de consciência e de poder ao povo, fazendo com que a Igreja, conseqüentemente, perdesse seu poder historicamente construído. De acordo com Manoel (2012. p. 5),

O mundo burguês, portanto, subvertera todas as relações sociais, políticas e culturais criadas pela natureza e sancionadas por Deus, e essa subversão só poderia desaguar na violência, na Revolução Francesa, momento onde as forças do Mal ameaçaram destruir definitivamente a sociedade humana. Os ultramontanos, grupo católico que defendia essa tese acreditava que esse novo estado de coisas somente poderia ser revertido promovendo novamente a reunião Igreja e Estado sob a condução do ‘Rei cristianíssimo’ para melhor conduzir o Estado e as massas.

A partir dessa lógica, sob a influência do ultramontanismo, a Igreja condenou o mundo burguês, do qual a Revolução Francesa é um dos marcos, bem como as instituições dele emergentes, como as já mencionadas maçonaria e o Rotary Club. Posteriormente, a Neocrisandade incorporou esses mesmos inimigos ao seu projeto de atuação.

³⁵⁰ Durante a Idade Média, a expressão ultramontanismo era usada para designar um papa não italiano. Naquela conjuntura, o termo ultramontanismo significava “além dos montes”, ou seja, um papa que vivia além dos Alpes, que separavam a Itália da França. Posteriormente, esse termo foi usado em outras conjunturas até ser adaptado pelo movimento consolidado em meados do século XIX. Sobre o tema, confira o verbete ultramontanismo em: Lage (2019).

Nesses termos, sintonizado com a proposta nacional da Revista *A Ordem*, nos moldes apresentados por Alceu de Amoroso Lima, o jornal natalense *A Ordem* possuía uma linha editorial ideológica contrária aos princípios liberais, a Revolução Francesa e a todo o pensamento moderno. Esse jornal explicitava claramente o objetivo de publicar as diretrizes evangelizadoras e sociais da Arquidiocese de Natal³⁵¹ e era a expressão local do projeto católico nacional.

O periódico natalense se vinculava formalmente ao Centro de Imprensa Católica, pertencente à Diocese, e contava na sua direção com os membros da *Congregação Mariana*³⁵² *de Moços de Nossa senhora da Apresentação e São Luiz Gonzaga*. Essa entidade atuava em ações evangelizadoras, na difusão do catolicismo e na Escola de Comércio de Natal. (SESSENTA ..., 1985. p. 6).

O primeiro número do jornal *A Ordem* foi lançado em um momento político de acirradas disputas no cenário nacional. Desde 1930, o país se agitou em razão das disputas que conduziram Vargas ao poder e quebraram a ordem constitucional então vigente. A chapa vitoriosa nas eleições não assumiu o poder, e um movimento composto por grupos com diferentes diretrizes políticas e ideológicas apoiou a ascensão de Vargas. No poder, o novo governante iniciou um governo provisório com muitas indefinições, sem uma Constituição que o regesse e nomeando interventores para os estados. Posteriormente, em 1934, foi promulgada uma nova Constituição, que instituiu a Democracia no país. Entre 1930 e 1937, as disputas ideológicas se fortaleceram, destacando-se os embates entre integralistas e comunistas. Em 1937, ocorreu a instauração do Estado Novo e foi instituída a Ditadura Vargas, que cerceou a livre manifestação de pensamento.

Analisando esse período, Gomes (1998. p. 515) afirmou que

os anos que decorrem entre outubro de 1930 e novembro de 1937 são dominados por conflitos e negociações, violentos e delicados, conformadores

³⁵¹ Para visualização da distribuição das Dioceses do Rio Grande do Norte, ver Apêndice C.

³⁵² Congregação Mariana é uma associação pública que reúne católicos leigos. Uma Congregação Mariana pode ser fundada em uma Paróquia, Cidade ou em outro ambiente considerado adequado pelos seus membros. Os Marianos são devotos da Mãe de Deus, a Virgem Maria e, por isso, procuram vivenciar no cotidiano a Santidade. Os Marianos consideram-se tanto homens puros em pensamentos e ações, quanto apóstolos, uma vez que divulgam o catolicismo. O surgimento dessa associação foi uma iniciativa dos jesuítas, inicialmente na Europa, durante o século XVI. No Brasil existiram congregações marianas nos séculos XVI e XVII. No século XVII, em razão do período pombalino, que expulsou os jesuítas da colônia, as congregações marianas praticamente desapareceram. A partir de 1870 elas votaram a atuar no Brasil e, nas primeiras décadas do século XX, já existiam quase mil congregações marianas em todo território nacional (Cf: MAIA, 1992). No Rio Grande do Norte, a primeira congregação foi criada, por iniciativa do então bispo de Natal, Dom Antônio dos Santos Cabral, em 30 de maio de 1918, e recebeu a denominação *Congregação Mariana de Moços de Nossa senhora da Apresentação e São Luiz Gonzaga*. A decisão pela denominação da congregação cabia aos membros de cada associação criada.

de uma ‘incerteza’³⁵³ que só cessou quando as forças vitoriosas definiram que ‘entre o povo e o governo’ não haveria mais intermediários³⁵⁴

No Rio Grande do Norte, especificamente, o cenário de indefinição tornou-se mais nítido no período compreendido entre a chegada de Vargas ao poder e a eclosão do movimento comunista, em Natal, no ano de 1935. Desde a sua ascensão, em 1930, Vargas teve muita dificuldade para nomear um interventor que permanecesse no cargo no Rio Grande do Norte. Para evidenciar essa instabilidade, posso citar que, nesse período de cinco anos, foram nomeados sete interventores, conforme demonstra o quadro abaixo:

Quadro 5 - Interventores no Rio Grande do Norte de 1930 a 1935

Ordem	Interventor	Período de duração da gestão
1	Luís Tavares Guerreiro; Abelardo Torres Castro e Júlio Perouse Pontes.	Seis dias - de 6 de outubro de 1930 a 12 de outubro de 1930.
2	Irineu Joffily.	Três meses - de 12 de outubro de 1930 a 28 de janeiro de 1931.
3	Aluísio de Andrade Moura.	Seis meses - de 29 de janeiro de 1931 a 31 de julho de 1931.
4	Hercolino Cascardo.	Onze meses - de 31 de julho de 1931 a 11 de junho de 1932.
5	Bertino Dutra da Silva.	Um ano e três meses - de 11 de junho de 1932 a 2 de agosto de 1933.
6	Mário Leopoldo Pereira da Câmara	Dois anos e dois meses - de 2 de agosto de 1933 a 27 de outubro de 1935.
7	Liberato da Cruz Barroso.	Dois dias - de 27 de outubro de 1935 a 29 outubro de 1935.

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados coletados em Spinelli (1996).

A instabilidade dos interventores ente 1930 e 1935 deve ser associada às disputas internas entre os grupos políticos locais, bem como entre esses grupos e o poder central.³⁵⁵ A mudança dos interventores era uma tática de Vargas para mostrar que ele escutava as reclamações populares. Quando os grupos locais pediam a mudança de interventor e eram atendidos em seu pleito, deixavam de questionar as interventorias como instituição.

³⁵³ Segundo Dulce Pandolfi, os “revolucionários” de 1930 não possuíam um plano de governo, em razão da heterogeneidade que havia na composição política que conduziu Vargas ao poder. Os diferentes grupos que estavam no seio do governo defendiam propostas contraditórias a serem executadas. Essa situação só foi superada definitivamente com o Estado Novo, que instituiu um governo ditatorial. Sobre o assunto, confira: Pandolfi (2003. p. 13-37).

³⁵⁴ A partir do Estado Novo, Vargas governou sem partidos políticos e sem parlamento. Assim, não existiam mais intermediários entre ele (Vargas) e as classes populares.

³⁵⁵ Em 1930, era governador do Estado Juvenal Lamartine, ligado à liderança de José Augusto Bezerra de Medeiros. Juvenal e os seus aliados políticos, ao saber da ascensão de Vargas, fugiram do estado. Juvenal, por exemplo, só retornou ao Rio Grande do Norte em 1933. Naquela conjuntura, não havia um grupo consolidado de apoiadores de Vargas. Tanto é que para garantir a posse dos revolucionários, foi designado o apoio de um grupo de militares da Paraíba. Depois da ascensão de Vargas, José Augusto, mesmo fora do Rio Grande do Norte, comandou uma campanha de oposição ao novo governo. Segundo o jornal Tribuna do Norte, essa oposição resistiu, escrevendo artigos e livros. Os autores desses escritos oposicionistas ficaram conhecidos como “decaídos”, sendo que Dioclécio Duarte, Adauto Câmara, Amphiloquio Câmara, Juvenal Lamartine e José Augusto foram os mais destacados nessa campanha (REVOLUÇÃO... 2015. p. 1).

Nas eleições para a Constituinte, em 1933, e para a Assembleia Legislativa estadual, em 1934, Vargas foi derrotado. Entretanto, com o Levante Comunista de 1935 e com o acirramento das disputas entre correntes ideológicas distintas, as lideranças locais se uniram em torno de Vargas. Nesses termos, antes mesmo de 1937, Vargas já havia conseguido “pacificar” os seus adversários pertencentes aos grupos políticos que dominavam o estado (SPINELLI, 1996. p. 127-128).

O primeiro número do jornal *A Ordem* foi publicado no dia 14 de julho de 1935 e a Intentona Comunista ocorreu em novembro de 1935. Nesse sentido, pode-se afirmar que a criação desse periódico, às vésperas do conflito, tem relação com as disputas então existentes. Este jornal terá um caráter político mais evidente do que os periódicos anteriores pertencentes à Igreja, como *A Verdade* e o *Diário de Natal*. Monte, que já escrevia e participava ativamente dos periódicos existentes, passou a ter um papel decisivo na linha editorial do jornal. Os inimigos da Igreja passaram a ser pauta diária do periódico, evidenciando a concretização dos projetos da Neocrisandade na imprensa local. De sua fundação até meados da década de 1940, eram os intelectuais católicos, todos eles pertencentes à Congregação Mariana de Moços, que dirigiam e editavam o jornal. Entre esses intelectuais, se destacavam Padre Monte, Otto de Brito Guerra, Manoel Rodrigues de Mello e Ulysses de Góis.³⁵⁶

A equipe de reportagem do jornal era composta por jovens estudantes, também simpatizantes da Congregação Mariana, que faziam o trabalho voluntariamente. Eram esses jovens que faziam a revisão, as reportagens de rua e registravam as notícias vindas de outras cidades para serem publicadas n’*A Ordem*. O jornal era mantido por meio de assinaturas e de anunciantes. Uma parte da distribuição era vendida nas bancas de jornal e a outra era enviada diretamente para os endereços dos assinantes. Nos anos 1930 e 1940, era um dos periódicos mais lidos na cidade do Natal, o que indica que os textos de Monte tinham muitos leitores em potencial.

Para atender aos objetivos deste capítulo, eu elaborei quatro quadros,³⁵⁷ que contemplam a produção de Padre Monte a que tive acesso. Nos jornais *A Ordem*, *Diário do Natal*, *A Verdade*, *A República*, nos dez volumes das *Antologia do Padre Monte*, e no acervo pessoal de Jurandyr Navarro, eu consegui identificar 277 artigos, 17 discursos, 3 livros, 58

³⁵⁶ Importante destacar que Otto de Brito Guerra, Manoel Rodrigues de Mello e Ulysses de Góis se declaravam apoiadores do integralismo.

³⁵⁷ Os quadros apresentam o título (do artigo, do livro, do discurso e da polêmica), organizados cronologicamente, a fonte original da publicação, possíveis fontes que publicaram posteriormente, e uma breve discussão sobre a temática discutida.

polêmicas e 4 fragmentos do *Livro das Revisões*.³⁵⁸ Nessa catalogação, eu observei que os textos escritos por Monte, durante a época em que ele foi seminarista, apareciam identificados na Antologia como sendo de sua autoria, mas nas publicações originais eles estavam assinados sob pseudônimos ou não tinham autoria identificada.³⁵⁹ Segundo Navarro (1982, p. 10),

Sem alardear, muito escreveu o discutido Padre Monte, no jornal católico da época, como afirmou com razão o Acadêmico Nilo Pereira. A sua presença na imprensa se deu mais assídua nos períodos imediatamente anterior e imediatamente posterior à sua ordenação. A princípio, não assinava, saía como matéria do jornal. Vez por outra, usava um criptônimo variável, disfarçando para não aparecer. Ele se escondia para que outros pudessem aparecer, como disse em discurso necrológico, o cônego Luiz Wanderley. Depois, em 1935, aos 30 anos de idade, já na 'A Ordem', prolongamento do 'Diário de Natal', é que começou a assinar [com o seu nome próprio. Entretanto, ele não abandonou completamente o uso de pseudônimos e manteve também o seu estilo de muitas vezes escrever os artigos] sem grafar o nome.

Observei que muitos textos escritos por Padre Monte aparecem assinados sob os pseudônimos de Luzate, Menalcas, Xilox, L.W e Padre Ávila.³⁶⁰ Como já foi dito, ele utilizou os pseudônimos durante toda a sua vida de seminarista e em alguns textos, como Padre, ele também utilizou esse recurso, o que pode ser visto como uma estratégia para permanecer no anonimato. Se, por um lado, isto poderia ser atribuído à sua timidez, como afirmam Jurandyr Navarro, Nilo Pereira e Luiz Wanderley, por outro, pode ter sido adotado para que fosse lido, sem associações ou reservas, pela população natalense. Por sua condição de seminarista, seus textos talvez não atraíssem os leitores, que podiam considerá-lo muito jovem para apresentar ideias densas e relevantes. Já ordenado Padre, seus textos poderiam ser vistos como muito semelhantes a tantos outros que eram abordados, inclusive por outros religiosos, nos jornais da cidade. Assim, a adoção dos pseudônimos pode ter sido uma estratégia para atrair leitores e assegurar a apropriação de suas ideias.

³⁵⁸ O *Livro das Revisões*, que discute especificamente o espiritismo, nunca foi publicado. O que se tem sobre ele são quatro fragmentos. É difícil saber se o livro foi concluído e algumas partes foram perdidas ou se Padre Monte só produziu, efetivamente, esse material. De todo modo, segundo Dom Heitor de Araújo Salles, como já informado, esses escritos sobre o espiritismo foram produzidos entre 1941 e 1943.

³⁵⁹ A maioria dos textos que compõem a *Antologia do Padre Monte* é assinada por Padre Monte. No entanto, o que verifiquei é que, ao consultar os jornais de onde foram extraídos esses textos, alguns deles são assinados sob pseudônimos e outros não têm qualquer informação sobre autoria. Essa informação é importante para que o leitor desavisado não pense que os artigos tiveram autores diferentes. Além disso, às vezes um mesmo texto aparece em mais de um volume das Antologias. Algumas vezes, um deles apresenta o pseudônimo e o outro não.

³⁶⁰ Não consegui descobrir as razões das escolhas e nem os possíveis significados atribuídos por Monte aos seus pseudônimos. Nas entrevistas que realizei e nas pesquisas nas fontes, sempre procurei descobrir por que Monte os escolheu. Entretanto, não fui bem-sucedida nesta busca.

Durante a catalogação, eu observei que, em geral, cada artigo tem entre uma e três páginas, e que tratam sempre de uma temática diferente, não apresentando uma continuidade nos artigos que são publicados na sequência, a não ser no caso das séries, que aparentam ser partes de um mesmo texto publicadas em edições diferentes de um mesmo jornal. Todavia, um tema que Monte discute em um determinado momento pode ser retomado vários anos depois, como se pode constatar em relação à temática da intelectualidade, abordada em 1928, 1929, 1936 e 1943, sendo que suas reflexões são sempre conduzidas por sua orientação religiosa.

Em relação às séries de artigos publicados em datas diferentes, pude observar que Padre Monte selecionou uma determinada temática e escreveu pequenos textos sobre ela, atribuindo uma numeração sequencial para evidenciar a continuidade dos textos. É difícil saber se esses textos que formam séries foram produzidos de uma só vez e compartimentados para publicação ou se ele optava por um tema e escrevia os textos para cada edição. Os artigos foram publicados entre 1924 e 1944, o que engloba desde o tempo em que ele foi seminarista até a sua morte. A produção, a cada ano, é muito irregular. Em 1942, por exemplo, ele produziu 38 artigos, em 1926, 28 artigos, em 1934, ele só produziu um artigo e, em 1933, nenhum artigo. Provavelmente, a não publicação de artigos nos anos de 1933 e 1934 esteja associada ao fato de que, em 1933, Padre Monte escreveu as duas teses para o concurso de Latim do Colégio Atheneu. É importante destacar, ainda, que no ano de 1943, que antecede a morte de Monte, ele produziu apenas 9 artigos e 9 polêmicas.

Quanto aos discursos publicados, eles foram produzidos em situações específicas, e resultam de conferências proferidas ou homenagens prestadas. Cada um deles possui uma lógica própria e discute um tema específico, apesar de algumas das ideias expressas estarem contidas em outros textos escritos por ele. Os discursos começaram a ser produzidos depois que Monte já era Padre e são muito esporádicos ao longo da carreira dele.

No tocante aos livros, Monte escreveu três. O primeiro, intitulado *Lexiologia e Sematologia*, foi escrito para o concurso de professor de Latim do Atheneu; já *Compêndio de Biologia*, foi organizado para seus alunos do Seminário de São Pedro, e *Fundamentos Biológicos da Castidade* é a única produção em que se constata um posicionamento intelectual, não constituindo-se de produção direcionada à uma necessidade imediata.

No que se refere às polêmicas, encontrei 58 textos de Monte que expressam o embate dele com homens que ele considerava seus adversários. Em todos esses textos, Monte expressou que se sentiu pessoalmente ofendido por agressões feitas à Igreja Católica. Encontrei alguns adversários de Monte nessas polêmicas, mas destacarei aqueles opositores que debateram por mais tempo com o religioso.

Percebi que Monte não polemizava com vários adversários ao mesmo tempo. As suas polémicas estão concentradas nos anos de 1931, 1936, 1941 e 1943. Em cada um desses anos, as temáticas discutidas são diferentes, dependendo do adversário com o qual está debatendo. Eu não consegui identificar todos os textos dos adversários de Monte, uma vez que, nos volumes da *Antologia do Padre Monte*, são divulgados apenas os textos de Monte. Em razão disso, considerando-se exclusivamente as *Antologia*, é possível perceber o que Monte escreveu, mas muito pouco do posicionamento de outros autores. A maioria dos textos dos adversários de Monte foram publicados em Boletins, aos quais não tive acesso, apesar de tê-los procurado. Foi em uma obra de Esmeraldo Siqueira que encontrei referências explícitas aos debates que o autor travou publicamente com Padre Monte. Nelas, Siqueira apontou erros que detectou nos textos escritos por Monte. Em linhas gerais, a apologética defendida por Monte foi analisada, levando em consideração, sobretudo, os textos que ele mesmo escreveu e dos poucos textos escritos por alguns de seus adversários a que tive acesso.

Para a análise da produção de Padre Monte, julguei conveniente identificar, inicialmente, o que Monte considerava ser um intelectual. Observei que muitos autores propagaram a ideia de que esse religioso era um grande intelectual, o que exigiu que eu identificasse o que ele mesmo dizia sobre esse termo. A primeira referência que encontrei de Padre Monte a este termo foi publicada em 1926, no jornal católico *Diário de Natal*,³⁶¹ no período em que ele ainda era seminarista. Em uma série de artigos, intitulada *Livre-pensadores e sua profissão de fé*, Monte, apesar de não explicitar o que entendia ser um intelectual, expressa sua percepção sobre o ato de pensar, característica de um intelectual. Nesses termos, Monte (1978. p. 115) escreve:

Amigo leitor, já viste alguma vez um círculo quadrado ou um quadrado circular, uma noite incandescente ou um sol tenebroso? São raridades tão extraordinárias que nenhum museu as possui. São tão raras que nem mesmo existem.

Todavia existem homens que, com o maior cinismo, querem impingir-nos, em matéria de pensamento, semelhantes absurdos. São os livres pensadores.

Tais se apelidam todos aqueles que de religião e doutrina religiosa nada mais querem saber. Considerando espíritos cativos todos os que ainda crêem em religião, para si reivindicam a patente de livres pensadores.

Palavra sonora: Livre-pensador! Contudo, examinada à luz da razão e da crítica, a expressão livre-pensador é tão espirituosa quanto o círculo quadrado

³⁶¹ Não foi possível identificar em quais números desse jornal foi publicada a série de artigos *Livre-pensadores e sua profissão de fé*. Ressalto, no entanto, que essa série foi publicada integralmente nas *Antologias do Padre Monte*, com a informação de que foi consultada no acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN). Entretanto, o IHGRN não dispõe, atualmente, dos exemplares deste jornal do ano de 1926. Em razão disso, consultei apenas as versões publicadas nas *Antologias*.

e mais raridades acima mencionadas.

Como se pode observar, Padre Monte considerava que não existia um livre-pensador, isto é, os que escreviam ou falavam sem nenhum vínculo com o pensamento religioso. Para Monte, o pensamento não é livre, uma vez que está limitado à veracidade dos fatos e às leis do pensamento. Assim, são esses dois elementos que impedem a existência de um pensamento livre, e não a vinculação aos dogmas da Igreja Católica. Para concretizar sua ideia, Monte lança uma indagação e exemplifica uma situação concreta:

Pode o homem. p. e., pensar que um círculo seja quadrado, ou o carvão branco? Não! porque o pensar está limitado pela verdade dos fatos!
Vá pensando, leitor amigo, que Rio de Janeiro seja a capital da França e que o Brasil pertença ao continente europeu! Mas, é insensato pensar tal coisa, me responderá. Justamente! Uma vez que Rio de Janeiro é a capital do Brasil e que o Brasil pertence à América do Sul, não pode haver mais liberdade de pensamento a este respeito. Daí se segue não ser o pensar livre, mas limitado pela veracidade dos fatos (MONTE, 1978. p. 115).

Evidenciada a necessidade da veracidade dos fatos como primeiro elemento para a construção do pensamento, Monte discutiu o segundo elemento, isto é, as leis do pensar.

O pensamento é adstrito às leis do pensar. Essas leis do pensamento não foram ditadas por poderes legislativos, senão pela própria razão. Um indivíduo pensa, por exemplo, que um relojoeiro se faça da seguinte forma: junta uma caixinha de metal, um certo número de rodas, parafusos e pivôs, sacode-se a caixinha, o relógio se compõe e aparece perfeito... Não é um absurdo este modo de pensar? Certamente! Pois o nosso pensamento baseia-se sobre uma lei. E essa lei reza que não pode haver efeito sem causa proporcionada. O relógio é uma pequena maravilha. Não é, portanto, nem pode ser o simples sacudir das peças, mas sim a arte e o conhecimento do relojoeiro que sabiamente o compõe (MONTE, 1978. p. 115-116).

Ao explicar o segundo elemento para a construção do pensamento, Monte utiliza a metáfora do relojoeiro, instigando a reflexão sobre o que seriam as “leis do pensar”, que, ao que tudo indica, estariam relacionadas com o conhecimento geral³⁶² que se tem em relação ao pensamento discutido e a contribuição pessoal do escritor sobre a temática. Nessa perspectiva, ao escrever, um autor precisa dominar o conhecimento existente e se inserir de forma qualificada no debate, trazendo novas ideias. Para Monte, os que se autoproclamavam defensores do pensamento livre estavam, na verdade, advogando um pensamento fora da fé

³⁶² Por conhecimento geral entende-se o domínio que um indivíduo possui sobre as teses já formuladas por outros autores acerca de uma temática em discussão. Por exemplo, se um estudioso está tratando de religião, ele precisa conhecer o que outros autores já discutiram sobre esse tema.

católica, o que significava, na perspectiva de Monte, a imposição de um pensamento vinculado ao ateísmo e à descrença.

Ao propor que um pensador precisava se vincular a determinadas regras e padrões, Monte considerava que um pensador católico, além de se vincular às regras gerais da ciência, precisava vincular o seu pensamento à sua crença religiosa. Em texto publicado no *Diário de Natal*, em 1928, Monte evidencia

Considerar livre o pensamento para se libertar das leis do raciocínio e lógica, das leis dos deveres em moral, das leis humanas em sociologia, das regras da harmonia e da melodia da música, das regras da perspectiva do desenho e da cultura, são extravagâncias inqualificáveis, verdadeiros devaneios da razão e da consciência.

Ora, a liberdade não deve escapar na ordem religiosa das mesmas restrições que lhe são impostas pela sociedade, pela família, pelas leis físicas, intelectuais e morais.

As verdades reveladas por Deus não podem ser repelidas pela vontade livre de cada um. Têm-se a miserável capacidade de ser indiferente, incrédulo, ímpio, porém jamais se alegar o direito de ser livre em crer ou descrever (MONTE, 2001. p. 49-50).

A partir dessas considerações, pode-se concluir que, para Monte, não existia um pensador-livre e, conseqüentemente, não existia um intelectual livre. As ideias de um intelectual estavam sempre umbilicalmente associadas à veracidade dos fatos, às regras gerais da sociedade e aos dogmas católicos.

Partindo desse pressuposto, em artigo publicado em 07 de julho de 1929, no jornal *A República*, ele explicitou o seu descontentamento em relação ao amortecimento intelectual da mocidade natalense. Para ele, a mocidade estava perdendo os vínculos com o verdadeiro pensamento intelectual, deixando de conhecer os autores e as ideias que eles transmitiam. Nessa perspectiva, ele elogiou um professor de literatura do Atheneu Norte-Rio-Grandense, que reuniu os seus alunos para immortalizar o amor à arte literária e, conseqüentemente, os grandes escritores que honraram o Brasil ao trazer para as suas obras valores intelectuais que deveriam ser seguidos pelos verdadeiros patriotas (MONTE, 2001. p. 188). Assim, Monte explicita, por um lado, o que considerava um bom intelectual e, por outro, o que a mocidade devia aprender a partir desses bons intelectuais. Nos dois casos, emergem claramente três elementos: as regras próprias do intelectual, os valores cristãos e o amor à pátria.

Em artigo publicado no jornal *A Ordem*, em 14 de maio de 1936, Monte (2001. p. 41-42), escreveu:

Temos, no Brasil, Semana da Asa, Semana da Pecuária, Semana da Galinha, Semana da Agricultura, Dia da Natureza, Dia do Automóvel, Dia do Arado. Chegamos a ter, durante a Luta de Princesa, a ‘Quinzena da bala’.

Essa supremacia das coisas da matéria em prejuízo das coisas do espírito é um índice de decadência que lembra o ocaso do Império Romano.

Concurso de beleza, eugenismo, sexualismo, são vozes que se ouvem no ar, impregnando todos os ambientes.

As multidões ocorrem atrás do atleta, colocando louros na frente, enquanto passam indiferente pelo sábio, pelos homens de pensamento.

[...]

A inteligência precisa da fé para escalar as grandes cumiadas [sic], de onde terá uma visão panorâmica e completa da realidade da vida e do universo.

A supremacia do Espírito que defendemos inclui as faculdades da inteligência, as conquistas do intelecto humano, a ciência, a arte, a poesia; mas, vai mais além: abarca a metafísica, a teologia, liga a inteligência à **Inteligência**, o homem de Deus.

Seria falso o primado do espírito que se contentasse com a cultura exclusivamente intelectual.

O intelectualismo³⁶³ é um erro de consequências funestas, desde que não cria homens integrais, mas homens de inteligência hipertrofiada, - macrocéfalos mentais, por serem grandes demais as suas cabeças, não olham nem para baixo nem para cima. Não tomam conhecimento das dores do mundo nem das promessas do Céu. (grifo do autor).

No texto, Monte critica a sociedade brasileira por valorizar mais os elementos da matéria do que o espírito, por valorizar mais a estética do que o pensamento. Trata-se de uma crítica à desvalorização do intelectual na sociedade em que ele vive. A ideia dele é que já havia existido uma sociedade na qual o intelectual havia sido valorizado. Da mesma forma que o Império Romano decaiu, do ponto de vista intelectual, a sociedade brasileira também dava indícios dessa decadência. Ao que tudo indica, Monte estava defendendo o retorno a uma sociedade que valoriza as habilidades intelectuais, especialmente, aquelas ligadas à fé católica. Em vários momentos, como já foi evidenciado, Monte identifica que um padrão de intelectualidade está sendo perdido. Ele se refere à mocidade amortecida, à decadência do pensamento, enfim, ele está sempre na busca por reviver um pensamento intelectual.

Pelas reflexões de Monte, é possível inferir que seu desejo de uma volta ao passado pode estar associado ao desejo de retorno da Monarquia, época em que a Igreja e o Estado se encontravam unidos. Essa ideia está em sintonia com os estudos de Maria Teresa Malatian, nos quais a historiadora afirma que “a bandeira da Monarquia seria retomada, nos anos 1920, por católicos antiliberais vinculados ao grupo liderado por Jackson de Figueiredo e organizados no centro Dom Vital, em manifestações descompromissadas com os “subversivos” do início da República” (MALATIAN, 1990. p. 8).

³⁶³ Por intelectualismo, compreende-se a primazia da intelectualidade, sacrificando as emoções e os instintos.

Considerando os conflitos entre a Igreja Católica e o Estado durante a Primeira República e a aproximação entre eles durante o período Vargas, pode-se considerar que essa decadência intelectual a que Monte se refere estava associada à perda do poder da Igreja na condução da pátria. É nessa perspectiva que ele advoga a supremacia do espírito, que está associada ao que ele considerava ser a “verdadeira” intelectualidade, isto é, aquela ligada ao catolicismo.

A partir do pensamento de Monte, é possível afirmar que, para ele, o intelectual era aquele que associava ideias, emoções e instintos. Nessa perspectiva, um intelectual que não era capaz de associar esses três elementos, não era capaz também de perceber as “dores do mundo” e as “promessas do céu”. Portanto, para ele, não existia a possibilidade de um intelectual que não estabelecesse vinculações entre suas ideias e os preceitos religiosos. Isso significa que Monte apresentava uma visão interessada sobre o intelectual, uma vez que, ao considerar inferior toda forma de pensamento intelectual que não estivesse vinculada aos princípios católicos, ele explicitava sua percepção de que, fora do catolicismo, não havia possibilidade de construção do pensamento intelectual. Desta forma, ele reforçava o seu grupo de pertencimento e desfraldava a bandeira do catolicismo como verdadeiro guia da sociedade, num momento em que grupos intelectuais dos mais diversos procuravam expor seus pensamentos para o conjunto da sociedade.

Em 20 de novembro de 1936, em artigo publicado no jornal *A Ordem*, Monte reforçou essa ideia, comparando o pensamento intelectual brasileiro com o pensamento norte-americano e apontando o caminho a ser seguido por quem pretendesse ser um intelectual no Brasil. Segundo Monte (2001. p. 338),

[...] é sabido que nos insurgimos contra a civilização baseada na técnica, no economismo, na multiplicação da matéria, apanágio de certos povos que colocam o homem de cabeça para baixo, de modo que o estômago fique sempre acima do cérebro. Na defesa do Espírito em que nos empenhamos situamos a inteligência no seu subido posto hierárquico, e a literatura, como a arte que mais próxima se acha da inteligência, tem igualmente, no nosso plano, o seu lugar de relevo.

Os sociólogos que estudam a incipiente civilização sul-americana e brasileira reconhecem que essa civilização se distingue da *yankee*, - de base pragmática e utilitária -, pelo gosto da literatura e da estética, pela tendência ao lirismo e à cultura. Essa característica de muito nos aproxima do verdadeiro tipo de civilização, que não pode ser senão de base ética e cultural. A conservação dessas qualidades é dever primordial nosso, se quisermos ser fiéis às nossas tendências e tradições positivas, e ao modelo humanístico e cristão.

[...]

O homem de letras precisa mergulhar na corrente da vida e nunca isolar-se em anacrônica torre de marfim. Bem sabemos que a arte tem sua finalidade

própria, e neste caso é soberana, mas o artista é humano, e o fim do homem supera e governa o fim da arte. Aquele que fizesse da arte finalidade máxima da vida, que construísse egoisticamente para si um castelo nas nuvens, inacessível às sugestões da realidade, praticaria uma injustificável covardia. Porque fugir aos apelos de um mundo que sofre, faltar ao dever social de cooperação quando há náufragos pedindo socorro - é fazer jus a epíteto infamante. Para esses a visão do Inferno de Dante, deveria significar uma eterna tortura por terem levado uma vida de aposentados precoces, de indiferentes e de inúteis.

No texto, Monte ratificou a sua posição de que o pensamento intelectual não podia se restringir ao pragmatismo, noção que pode ser associada ao liberalismo, e comparava a sociedade norte-americana com a sociedade brasileira. Essa comparação das duas sociedades é coerente com suas percepções, na medida em que ele criticava o liberalismo e os padrões de vida norte-americanos e apresentava, de forma implícita, essa sociedade como um anti-modelo para o Brasil. Para Monte, os estadunidenses não valorizavam as artes (literatura, lirismo e estética), elemento que ele considerava essencial para a formação de uma civilização pautada na ética e na cultura. Por essa lógica, o Brasil precisaria caminhar no sentido inverso ao dos norte-americanos se quisesse manter as suas tradições e o modelo humanístico e cristão. Com isso, Monte defendeu que era obrigação do intelectual inserir-se na vida da sociedade, a fim de encontrar melhores condições de vida para o ser humano. Essa mesma ideia foi apresentada em outros artigos que ele escreveu até 1943.

A partir da produção de Monte, na qual ele expressou o seu pensamento em consonância com as diretrizes da Igreja, eu resolvi estabelecer uma diferenciação entre o pensamento de Monte expresso em seus textos, que revelam a concepção dele sobre temas dos mais diversos e as ideias de Monte produzidas especificamente para participar de polêmicas com personagens que ele considerava adversários da Igreja Católica.

No primeiro capítulo, procurei evidenciar o que os admiradores de Monte disseram sobre ele em diferentes momentos. Nos capítulos 2 e 3, discutirei, prioritariamente, o próprio pensamento de Monte. No presente capítulo, analisarei como Monte se expressou em relação a geopolítica, às ciências e ao espiritismo (também discutido à luz da ciência), articulando a sua posição com as diretrizes da Igreja Católica. Tratam-se de textos relacionados ao momento vivenciado por Monte, cuja produção não foi direcionada a um interlocutor específico. No terceiro capítulo, discutirei os debates públicos travados por Monte com seus adversários (polêmicas), ou seja, analisarei a escrita de Monte produzida no calor dos debates.

Didaticamente, este capítulo foi dividido em três partes. Inicialmente, discutirei o posicionamento de Padre Monte em relação a geopolítica, abordando como ele expressou ideias

sobre temas discutidos internacionalmente e que afetavam diretamente a Igreja Católica. No segundo momento, abordarei a visão de Monte sobre ciência, enfatizando, especificamente, os seus olhares acerca da biologia. Finalmente, encerrarei o capítulo discutindo a visão de Monte acerca do espiritismo, que também é analisado por ele à luz da ciência.

3.1 Padre Monte, a igreja e a geopolítica

Padre Monte foi um homem que defendeu a Igreja Católica, tanto através de ações políticas, quanto de sua produção intelectual, sempre de maneira engajada. Neste primeiro tópico, abordo como Padre Monte mobilizou suas habilidades intelectuais em sua militância política na defesa da Igreja e como ele se posicionou em relação a questões que envolviam disputas entre nações ou que propunham formas de organização territorial, política e ideológica mundial. Portanto, neste tópico, intitulado “Padre Monte, a Igreja e a geopolítica”, discuto, primeiramente, a percepção de Monte sobre o liberalismo, os tratados entre nações e os partidos políticos. Monte não escreveu muitos textos sobre essas temáticas, mas eles são essenciais para a compreensão da formulação de suas ideias.

No segundo tópico abordo, inicialmente, como Monte se dirigiu ao operariado de Natal para alertá-lo sobre o perigo do comunismo, que se expandia internacionalmente. O alerta era dado aos operários de Natal, mas a sua mensagem se estendia a todos os operários. Na sequência, apresento as críticas contundentes que Monte faz ao comunismo, para, em seguida, identificar em que momento e em que circunstâncias Monte se referiu ao nazismo, bem como apresento os parâmetros comparativos da crítica que fez ao nazismo e ao comunismo.

No terceiro e no quarto tópicos, discuto as críticas de Monte à maçonaria e ao Rotary Club, duas entidades internacionais que, na sua perspectiva, desejavam invadir os diversos países do mundo para levar o ateísmo e, conseqüentemente, promover a destruição do mundo cristão.

Do ponto de vista quantitativo, os quatro tópicos não estão distribuídos igualmente, uma vez que Monte não escreveu o mesmo volume de textos sobre cada um desses temas. Entretanto, o essencial a observar é que em todas as temáticas, independentemente do quantitativo, neles ficam evidenciadas sua autonomia em termos de pensamento e a defesa da Igreja, que o consagraram como um intelectual na cidade do Natal.

3.1.1 O liberalismo, os tratados entre as nações e os partidos políticos

Em diferentes momentos de sua produção, Padre Monte se preocupou em discutir as relações entre os estados nacionais, atentando para o lugar que a Igreja Católica assumia no cenário internacional, em geral, e em determinados países, em particular. Ao escrever sobre estas questões, seus trabalhos se inserem no campo da geopolítica. Ainda que, algumas vezes, ele não explicita uma disputa entre estados, ela fica subentendida, uma vez que estabelece comparações, afirmando que um governo que seguia os preceitos católicos era melhor e mais justo do que qualquer outro governo.

Monte iniciou sua trajetória intelectual transformando as suas ideias em textos escritos e divulgando-as em jornais natalenses antes mesmo de se sagrar sacerdote. Entre os anos de 1919 (ano do seu ingresso no Seminário) e 1927 (ano da sua ordenação),³⁶⁴ ele publicou mais de quarenta artigos no jornal católico *Diário de Natal*. Nesse jornal, que funcionou entre 16 de outubro de 1924 e 30 de setembro de 1932, ele assumiu cargos de direção, ainda como seminarista. Praticamente toda a sua produção até a sua consagração como sacerdote foi publicada nas páginas desse periódico.

As suas primeiras ideias,³⁶⁵ ainda em 1924, expressam uma crítica ao liberalismo, apontam a necessidade de a Igreja retomar seu papel de guia das sociedades e indicam o desejo de que as instituições e o Estado voltassem a se pautar pelas crenças católicas. É nestes textos que ficam evidenciadas as suas primeiras discussões sobre geopolítica. Ainda que Monte não se refira a um país específico, ele apresenta uma crítica geral ao modelo liberal, adotado por várias nações, e indica a necessidade de os países basearem as suas políticas no catolicismo. Esse pensamento é descrito no artigo intitulado *Apreensões*, no qual Monte (1996a. p. 15-16). afirma:

Ninguém se encontra satisfeito nessa quadra terrível em que todos os males se congregam para deixar-nos em sobressalto o coração e lançar-nos ao espírito o pomo impetuoso da discórdia.

No terreno das idéias, como no campo acidentado dos múltiplos interesses individuais, acentua-se cada vez mais a anarquia, porque **o homem já não cuida do bem geral da sociedade, mas da satisfação, de intuítos particulares, ditados exclusivamente pelo egoísmo e pela descrença.**

[...] **Almas eleitas ainda se contam dignas de sacrifícios que lhes impõem o cumprimento do dever sagrado, de guiar os povos e defender as nobres conquistas do bem e da verdade.**

³⁶⁴ Padre Monte foi ordenado em 18 de setembro de 1927.

³⁶⁵ Na documentação que eu consultei, o primeiro texto escrito por Monte que encontrei foi publicado em 1924.

Mas essas mesmas, que a Providência suscita, vez por outra, para os grandes tentames da remodelação social, aparecem, aqui e além ‘como vozes que clamam no deserto’, e que, por isso mesmo, não encontram éco nesse deserto d'alma, donde voam todos os dias as brilhantes aspirações, que constituíram a glória das instituições d'antanho.

Clamamos, todavia, clamamos sem intermissão: é tempo de retroceder (grifos nossos).

A partir dessa citação, é possível perceber que as primeiras incursões intelectuais de Monte, ainda como seminarista, estão voltadas para a defesa de que a Igreja Católica retomasse sua função de guia da sociedade. Ele se apresenta, no texto, apreensivo com a situação vivenciada no mundo, apontando caminhos para a restauração de um poder que não mais existia. Como se pode observar, esta discussão dizia respeito aos problemas da Igreja Católica no Brasil, mas envolvia também questões internacionais. A reflexão de Monte provavelmente ecoou positivamente no seio da Igreja em Natal e fortaleceu a sua voz entre os católicos, uma vez que ele era um jovem de dezenove anos, que expressava claramente uma posição intelectual defendida pela Igreja.

Ainda em 1924, ele produziu um novo artigo, no qual reforça uma visão planetária sobre a situação vivida pela Igreja. A partir da crítica feita à exploração do Egito pela Inglaterra, Monte aponta uma série de ações desencadeadas pelos ingleses e que prejudicaram países e instituições, em especial, a Igreja, que perdeu o seu poder na arbitragem de conflitos internacionais. Em seu texto intitulado *Agonizante!*, Monte, com ironia e bom humor, analisou a situação do mundo pós-Primeira Guerra, destacando, por um lado, o domínio inglês e os seus malefícios e, por outro, os prejuízos para a humanidade advindos do abandono dos ideais católicos. Nesses termos, Monte (1996a. p. 94-95) afirma:

Caiu nas garras aduncas da Águia de Albion³⁶⁶ a inditosa pátria dos Faraós.
Agoniza o velho Egito, que parecia remoçar ao sol vivificante da liberdade.
Agoniza, sim! Apesar das vetustas pirâmides e dos novos tratados.

Fôra talvez um sonho fugaz – essa bonita promessa de alguns meses que a loira fidalga de John Bull,³⁶⁷ estafada dos cruentos recontros d'aquém Reno,³⁶⁸ considera à escrava imponente e alquebrada para, mais tarde sob qualquer pretexto, submetê-la novamente ao jugo.

E não se vê aí um dos acentuados sintomas da paz baseados exclusivamente em sentimentos humanos?

O mais interessante é que tudo vem em nome da civilização! Feriu-se de morte a Germânia que se levantara desumana contra os monumentos da liberdade mundial; **repeliu-se o Chefe da Igreja**, que se não encontra em

³⁶⁶ Albion é o nome pelo qual os antigos romanos chamavam a região hoje conhecida como Inglaterra.

³⁶⁷ John Bull é uma figura literária do século XVIII que representa a Inglaterra. No texto, a expressão é usada de forma irônica.

³⁶⁸ Referência às batalhas dos Aliados durante a 1ª Guerra Mundial, na Alemanha.

condições de tomar parte na Liga das Nações; **concretizaram-se os pródromos da paz na concórdia de alguns povos interessados no mágnico certame que devia dar como resultado a hegemonia do direito de todos sobre a prepotência dos mais fortes; obliterou-se o nome de Deus do frontispício das concordatas e dos tratados; desviou-se a influência da Igreja na organização do plano geral da política e do trabalho** e ... qual o resultado de toda essa obra de sapa, que vem, cada dia, **minando o secular edifício erguido sob a égide benfazeja do Evangelho?**

Sim! A civilização, a paz, a ordem, a prosperidade dos povos, a liberdade do pensamento e a liberdade profissional, o Direito enfim em *todas* as cambiantes da atividade humana, todas as grandezas, todos os surtos nobres e elevados do espírito, todos os ideais de soerguimento e de organização social; tudo enfim, tudo mesmo para meter-se num chinelo da velha monarca que, com a sua cabeleira flava agitada pelas brisas encroantes do mar do norte, há de empunhar a batuta no intuito de reger o concerto universal em exclusivo proveito dos seus particulares interesses!

Manda John que os filhos de Marte façam o policiamento do Cairo, com visível escândalo das pirâmides e do Nilo; agoniza o velho Egito, gemem nos salgueiros as sombras dos Faraós, e... Viva a liberdade!... Viva a civilização! (grifos nossos).

O que se observa na citação é que Monte afirma que a Inglaterra, no contexto da Primeira Guerra, fez acordos diplomáticos com o Egito, até então colônia britânica, para que esse país se tornasse independente. Posteriormente, a Inglaterra rompeu com esse acordo e continuou a explorar o Egito. Para ele, isso acontecia porque os ingleses se preocupavam exclusivamente com os seus próprios interesses, aos quais se referiam, erroneamente, como cidadania. Essa situação, que acontecia com os ingleses em relação ao Egito, ocorria também em outros conflitos internacionais vivenciados durante e após a Primeira Guerra Mundial. Tais conflitos, na visão de Monte, afloraram, sobretudo, porque a Igreja Católica foi excluída nos grandes tratados internacionais como mediadora de conflitos. Para ele, a Igreja era a grande instituição da humanidade, capaz de levar a paz e a harmonia entre os povos, uma vez que essa instituição estava preocupada com os interesses coletivos e com vistas ao bem comum.

Para ratificar seu olhar crítico em relação aos ingleses no pós-Primeira Guerra, Monte ainda se referiu a uma série de outras situações nas quais os ingleses prejudicaram outros povos e instituições: os prejuízos causados à Alemanha, a exclusão do Papa como membro da Liga das Nações, o favorecimento de povos fortes economicamente e o esquecimento do nome de Deus nos tratados e concordatas.

Toda a análise de Monte está inserida no contexto pós-Primeira Guerra e revela o seu domínio sobre os acontecimentos relacionados à geopolítica e à atuação da Igreja Católica. Em nenhum momento, ele abre espaço para críticas históricas sobre o papel desempenhado pela Igreja. Ele, ao contrário, apresenta essa instituição como responsável pela manutenção da justiça. Considerando que, na cidade do Natal, nos anos 1920, existiam poucos homens que

escreviam com capacidade de aliar informações históricas e geográficas mundiais à defesa dos princípios católicos, considero que esses dois artigos de Monte foram decisivos para a construção da sua imagem como intelectual. Provavelmente, a partir desses textos, ele ganhou visibilidade e um público capaz de olhar com simpatia para as ideias que ele defendia.

Em 1925, Padre Monte escreveu um breve artigo, saudando o fato da Federação Católica da França³⁶⁹ ter se decidido, em concordância com o Cardeal Dubois,³⁷⁰ por uma atuação acima de todos os partidos políticos, estimulando a concentração de todas as forças católicas da França em uma ação pública que defendesse os interesses da religião, da família e da nação (MONTE, 2001. p. 136).³⁷¹ No texto, Monte exalta a vitória da direita francesa, afirmando: “católicos norte-rio-grandenses, nós estamos unidos pela alma aos nossos cultos e admiráveis irmãos da França. Aplaudiremos entusiasticamente a bravura desses brilhantes homens de fé” (MONTE, 2001. p. 136). Em todo o texto, ele deixa evidente a sua posição política favorável à direita francesa, interpretada por ele como uma facção antipartidária e defensora dos princípios católicos.

É interessante observar que Monte recorreu ao que havia ocorrido na França com o intuito específico de discutir a vitória de uma facção política antipartidária e vinculada ao clero. Provavelmente, ele utilizou essa reflexão para instigar a possibilidade de reunir, no Brasil, um movimento político com bases semelhantes ao francês. Nesse sentido, o que ele faz, na sua reflexão, é utilizar-se de uma situação que havia ocorrido no exterior como pretexto para discutir a realidade nacional. Nesses termos, Monte não desejava simplesmente demonstrar o domínio que tinha sobre temas do cenário internacional, mas utilizar esse conhecimento com uma finalidade específica.

3.1.2 O Operariado, o comunismo e o nazismo: aproximações e distanciamentos

Monte escreveu uma série de doze artigos – intitulada *Ao operariado do Rio Grande do Norte* – publicada no jornal *Diário de Natal*, ao longo do ano de 1929, com o intuito, segundo ele próprio, de alertar aos trabalhadores potiguares sobre os perigos advindos de uma possível

³⁶⁹ As eleições francesas de 1924 reconduziram ao poder uma coalizão anticlerical de esquerda. Reagindo a medidas tomadas por esse grupo, o catolicismo passou a se articular. Nesse mesmo ano, o general de Castelnau fundou a Federação Nacional Católica, que passou a se organizar em toda a França. (COMBY, 2001. v. 2, p. 137-138).

³⁷⁰ Louis-Ernest Dubois (1856-1929). O Papa Bento XV, em 1916, o nomeou Cardeal e, em 1920, Arcebispo de Paris, função que exerceu até a sua morte em 1929.

³⁷¹ Mais informações sobre o debate existente nas eleições francesas de 1924 podem ser obtidas em Berstein e Milza (1996. p. 158-162).

adesão ao modelo social e econômico russo, comandado por Lenin. Nesses textos, ele usou os seus conhecimentos de geopolítica tanto para mostrar a sua visão sobre a Rússia e sobre as relações de poder existente naquele país, quanto para discutir a relação do governo russo com os partidos comunistas de vários países para a ampliação do comunismo no mundo. Nos artigos, percebe-se que há, por parte de Monte, uma preocupação, por um lado, com as condições precárias de vida dos trabalhadores nos países capitalistas e, por outro, com a realidade dos operários na Rússia, que segundo o religioso, eram profundamente explorados pela ditadura comunista implantada naqueles países desde 1917.

Neste subtópico, discutirei como Monte, partindo de escritos direcionados ao operariado, estabeleceu suas críticas ao comunismo internacional. Percebe-se que as críticas de Monte ao comunismo têm como eixo principal o fato de essa ideologia instalada como regime de governo explorar os trabalhadores e efetivar suas políticas públicas sem levar em consideração a existência de Deus.

Da década de 1920 até 1937, todas as críticas de Monte direcionadas ao cenário internacional estavam dirigidas ao comunismo, enfatizando a relação dessa ideologia com os trabalhadores e com o cristianismo. A partir de 1937, Monte passou a criticar também o nazismo. Entretanto, o nazismo, que não era pauta de seus textos até esse ano, passou a ser severamente criticado devido ao autoritarismo de Hitler, que desejava destruir a Igreja Católica, impedindo a livre manifestação religiosa e atacando o papa. Na crítica ao nazismo, a questão racial é mencionada, mas não é analisada como elemento destruidor de vidas humanas em diversos países. Também a relação dos governos nazistas com os trabalhadores não é citada. Enfim, desde os seus primeiros textos, Monte critica o comunismo, o percebe como inimigo dos trabalhadores e denuncia o fato de que havia um desejo de expansão dos governos comunistas para todos os países do mundo.

A série de textos dirigida ao operariado é iniciada com um alerta aos pobres e ricos de Natal em relação, como já informado, à propagação das ideias de igualdade social defendidas pelo líder russo Vladimir Lenin (1870-1924). Segundo Monte (2001. p. 79),

[...] ricos e pobres devem estar alertas quando, por vezes, ecos do Leninismo delirante repercutem em nossas plagas e que ao operariado se prometem mundos e fundos no futuro reino da absoluta igualdade. Devem precaver-se por quanto essa igualdade apregoada nas esquinas, é uma das mais criminosas e perniciosas utopias do anarquismo moderno, acariciando paixões ignóbeis para depois de tremendos cataclismos e desmoronamento sociais legar ao proletário a igualdade, não de condições sociais, mas... de misérias.

Na perspectiva de Monte, seria um ledó engano acreditar na promessa leninista de que, se houvesse igualdade social para todos, o proletariado passaria a ter condições dignas de vida. Isso porque, na sua interpretação, o fim das hierarquias sociais, conforme proposto por Lenin, levaria a uma socialização da miséria. Ele identificou que havia no mundo – com nítidos efeitos na sociedade norte-rio-grandense – uma grande disparidade social, uma vez que existia, por um lado, uma classe trabalhadora explorada e, por outro, uma classe abastada que vivia do ócio e do luxo. Nesses termos, Monte identificou, em 1929, que, durante o século XX, a produção industrial tinha aumentado significativamente, mas o empobrecimento dos trabalhadores tinha aumentado na mesma proporção.

[...] Cante quem quiser as conquistas do século vinte. Nós não podemos deixar de enxergar nelas o desbaratamento da classe humilde e operária. O século vinte aperfeiçoou e aumentou fabulosamente a produção... mas, empobreceu, desarmou o trabalho, aproximando-o insensivelmente da escravidão dos tempos pagãos (MONTE, 2001. p. 92).

Na visão do religioso, essa disparidade estimulava os trabalhadores a buscar seus direitos sagrados de melhores condições de vida e de trabalho, o que poderia levá-los a se iludirem com propostas enganosas que lhes prometiam equidade econômica e social.

[...] o vosso duro e ingrato trabalho confrontando-se com o luxo imoderado e ociosidade das classes abastadas, são as causas que vos fazem perder a paciência e anelar dias melhores para vós e para os vossos, a que, incontestavelmente, tendes um direito sagrado. Nessa emergência, porém, não falta quem, pretextando defender vossos interesses, vos prometa livrar-vos de vossas cadeias e proporcionar-vos perfeita igualdade de riqueza e de bem-estar (MONTE, 2001. p. 79).

Para Monte, aqueles que ofereciam promessas de igualdade nos moldes defendidos por Lenin eram, na verdade, os inimigos do povo. Na sua visão, esses inimigos queriam conduzir o operariado para as mesmas condições miseráveis vividas pelos trabalhadores na Rússia vermelha. É interessante observar que, no texto, Monte não identifica as razões das condições miseráveis vivenciadas na Rússia e não discute porque a Rússia era adjetivada como “vermelha”.

Porém, **acautelai-vos!** ‘De esmola grande, o pobre desconfia’. [...] Operários norte-rio-grandenses! São vossos inimigos,³⁷² ainda que

³⁷² De acordo com o texto, inimigos do operariado são “todos aqueles que levam o facho incendiário de Moscou para o meio de um operariado desprevenido de todos os meios para atinar com o abismo para onde é arrastado”. (MONTE, 1929 *apud* MONTE, 2001. p. 80).

habilmente disfarçados, todos aqueles que vos açulam a vos reintegrardes por meios violentos nos nossos direitos.

[...] Aí tendes, operários patrícios, para onde tendem as lengas-lengas de igualdade apregoadas por aqueles que ironicamente se interessam pelo vosso bem-estar: empurra-vos, sem rumo nem prumo, para as plagas da Rússia vermelha!!... Para ao fim deixar-vos nas condições execráveis do operariado Russo (MONTE, 2001. p. 79-80, grifo do autor).

Diante da sua constatação, Padre Monte menciona duas opções para a humanidade: a primeira, que os homens se organizassem em torno de Deus, respeitando as leis divinas, as autoridades constituídas e a ordem estabelecida. A segunda opção era viver livre de toda sujeição, o que possibilitava a contínua desigualdade social, a obstrução da ordem instituída e o triunfo, a qualquer preço, dos mais fortes. Para ele, essa segunda opção havia sido a escolha da Rússia, que havia permitido que o leninismo se instalasse no país e arruinasse toda a nação. Nesses termos, Monte (2001. p. 81) afirma que

Estamos presenciando o que fatalmente havia de acontecer: ou o homem reconhece a existência de Deus e coordena sua vida, sobre as sapientíssimas leis de sua divina Providência – neste caso, teremos um cidadão respeitador da autoridade e da ordem legalmente constituída – ou então Deus não existe e o homem pode viver livre de toda sujeição, declarar absurda a desigualdade social, obstruir por consequência a ordem estabelecida, levando tudo a ferro e a fogo, contanto que consiga fazer triunfar seu egoísmo e suas paixões favorecidas, ainda que seja sobre as ruínas de toda uma nação, como o caso está bem patente na Rússia.

É importante destacar que toda a mensagem de Monte aos operários norte-rio-grandenses está voltada à crítica a Lenin, ao leninismo e à Rússia posterior à Revolução de 1917. O autor não explicita os ideais de Lenin, as concepções e as práticas do leninismo, nem as circunstâncias históricas que possibilitaram a Revolução Russa. Além disso, como já adiantamos, não há qualquer discussão sobre as condições materiais do operariado russo antes e depois da Revolução. Toda discussão de Monte em 1929, no que concerne ao leninismo e à Rússia, está centrada em um discurso retórico que não explicita com clareza as possíveis falhas existentes naquele sistema de poder e no regime vigente no país. Em torno desse discurso retórico, ele denunciou, ao operariado norte-rio-grandense, a existência de um “sindicalismo vermelho” no estado, aliado à Rússia e devotado ao distanciamento de Deus.

Ao nosso operariado, animado ainda de bons sentimentos, estamos em consciência obrigados a dizer que todos aqueles que procuram aliciá-lo para a bandeira vermelha da Rússia, são homens falhos de sinceridade e de lealdade e que não tem amor à sua terra nem à sua gente.

[...] O que é triste e repugnante é que os propagandistas do sindicalismo vermelho, contudo, continuam a repetir aos inexperientes: ‘a anarquia é o culto da liberdade’. Mentira descarada, laço traiçoeiramente armado à classe proletária!

[...] O anarquista nega – sem dar prova – a existência de Deus e reclama para si o direito de libertinagem e destruição (MONTE, 2001. p. 83-88).

A discussão sobre o comunismo e a Rússia é retomada por Monte na década de 1930. Em textos distribuídos ao longo dessa década, ele voltou a fazer críticas. Ainda em 1930, Monte apresentou a sua concepção de comunismo, utilizando uma citação de Rui Barbosa:

O Comunismo, escreveu Rui Barbosa: ‘não é a fraternidade, é a inversão do ódio entre as classes. Não é reconciliação dos homens: é a sua exterminação mútua. Não alvora a bandeira do Evangelho: bane a Deus da alma e das reivindicações do povo. Não dá tréguas a ordem. Não conhece a liberdade cristã. Dissolveria a sociedade. Extinguiria a religião. Desumanaria a humanidade. Everteria. Subverteria, inverteria a obra do Criador.’ (MONTE, 2001. p. 55).

Ao concordar com Rui Barbosa, Monte explicitou a sua percepção de que, no comunismo, o ódio entre as classes permanece, ainda que, nesse caso, o proletariado passasse a ser o dominador da burguesia. Na essência, a luta de classes continua, agravada pela subversão da ordem, uma vez que os dominados passaram a ser dominantes e a exercer um poder revanchista com os seus antigos dominadores. Por sua vez, os antigos dominadores se revoltaram por terem tido a sua condição de mando usurpada. Outro problema encontrado no comunismo, nas visões de Rui Barbosa e Monte, era a ausência de Deus nesse modelo econômico e social, o que havia gerado uma sociedade comandada por homens que, por não terem Deus como guia, regiam os destinos do país sem temer a nenhuma força superior aos humanos e sem amor ao próximo.

A partir dessa concepção mais ampla sobre o comunismo, Monte especificou suas críticas a esse modelo. Ao que tudo indica, a sua maior preocupação era evitar uma política sistemática de difusão do socialismo no mundo, tal como havia sido proclamado pela *Terceira Internacional*.

Segundo o historiador Karepovs, entre o século XIX, quando emergiu o movimento socialista, e as primeiras décadas do século XX, existiu uma relação conflituosa no seio desse movimento, uma vez que reformistas (que defendiam reformas sociais no interior do capitalismo) e revolucionários (que advogavam a construção de uma sociedade socialista) disputavam qual seria a melhor alternativa a ser encampada pelo movimento operário (KAREPOVS, 2019).

Após a Primeira Guerra, os socialistas russos conseguiram construir a Revolução Soviética e os reformistas foram expulsos do movimento socialista. Foi nessa conjuntura que nasceu a *Terceira Internacional*. Em Congresso, que ocorreu em Moscou no período entre 22 de junho e 12 de julho de 1921, foram estabelecidas as condições para ingresso na Internacional Comunista e foram aprovadas as resoluções sobre o papel do movimento comunista internacional. e a estrutura dos Partidos Comunistas. Foi a partir dessas diretrizes que foi criado o partido Comunista Brasileiro, em 1922.³⁷³

Foi contra as diretrizes da Internacional socialista que Monte se posicionou. A discussão do religioso, como vimos, está voltada contra a expansão do socialismo no mundo. Sua preocupação se volta contra o socialismo, e, principalmente, à relação que esse modelo econômico e social tinha com o catolicismo. Nessa perspectiva, Monte se utilizou de valores cristãos para criticar o socialismo russo.

Na Rússia satânica dos soviets, um governo materialista e bárbaro, procura desviar a fé de um povo essencialmente religioso. negando-lhe a liberdade de culto.

Devemos assestar os nossos projéteis contra a tirania desses bárbaros, combatendo fortemente a esse monstro, que na sua avançada diabólica, seqüestra a serenidade da vida de um povo inocente, esmagando-lhe, traiçoeiramente, a consciência. E, nenhuma melhor arma podemos usar contra esses celerados do que as nossas orações vinculadas de fé.

A Rússia vermelha dos soviets, a Rússia atea, os asseclas da III Internacional, estão escrevendo verdadeira página de sangue na história do século onde se lê martírio e heroísmo cristãos, que se sacrificaram pela verdade irrefutável do Evangelho.

O ateísmo germinado no país dos Czares, nada mais é do que insinuações peçonhentas da hidra do bolchevismo, que na sua trajetória diabólica, fez descer sobre aquele povo infeliz um espesso véu, escondendo-lhe o respeito à consciência e o direito à liberdade de cultos.

Esse movimento anti-religioso desencadeado nas regiões glaciais da Rússia rôta de moral e faminta de governo, está recebendo protestos os mais altivos de todos os povos cultos, protestos estes oriundos de diversas ordens congraçadas em torno do toque de alerta do Sumo Pontífice. E, todos com um mesmo fim e sob um só princípio, constituem verdadeira coluna de ataque ao governo inconsciente e iconoclasta, que está ferindo o âmago do coração do grande povo russo, num terrível vendaval de cólera sangrenta (MONTE, 2001. p. 55).

³⁷³ Até a década de 1920, os anarquistas lideravam o movimento operário no Brasil. Nas primeiras décadas da República esse movimento não possuía grande visibilidade. Entre 1916 e 1919, os operários passaram a intensificar as greves e a reivindicar de forma mais agressivas. Nesse contexto os anarquistas passaram a perder o seu poder de condutor dos movimentos. Com a Revolução Russa de 1917 os ideais comunistas se fortaleceram, o que favoreceu a criação do Partido Comunista Brasileiro, em 1922. Sobre assunto confira: Movimento Operário (2020).

Nessa citação, Monte afirma que a Rússia é satânica, materialista e bárbara. Ao proceder dessa forma, ele atribui a um modelo econômico e social uma característica eminentemente cristã. Sendo assim, a grande crítica feita por Monte ao socialismo é a ausência da religiosidade, e essa é a tônica de toda a citação. A partir dessa associação entre comunismo e ateísmo, ele afirma que:

Assim como há um **comunismo doutrinal**, perigoso, empolgando estudiosos e avassalando inteligências, há também um **comunismo sentimental**, muito mais perigoso, arrastando multidões e provocando violências.

Aquele é o comunismo dos doutores do Partido. Esse outro é o comunismo das massas.

O primeiro procura amparar-se em teses filosóficas, e vem dos gabinetes de estudo através das arrojadas teorias do determinismo, do materialismo histórico, do ateísmo científico etc., estendendo-se pelas cátedras, insinuando-se em artigos de jornal e dissimulando-se em enredo de romances.

Os seus prosélitos dizem dele que é uma ciência positiva, de inevitável aplicação na sociedade humana, como regime político, econômico e moral, pelo advento de uma civilização baseada na justiça e na igualdade. É, como se vê, um idealismo, embora com suas concepções falsas e alimentado pelo absurdo de realidades abstratas.

O segundo é o comunismo-sentimento, isto é, o comunismo sentido em toda sua plenitude reivindicadora, à luz meridiana dos fatos, pela grande massa dos trabalhadores, a que se dá o nome genérico de proletários - a vitória das injustiças sociais e econômicas da atual ordem de coisas no mundo, tudo isso devido ao egoísmo cada vez maior que caracteriza em geral as disposições do homem moderno para com o seu semelhante.

Esse comunismo sentimental é, pois, o comunismo das multidões sofredoras, que sentem todo o peso da tirania das elites, mas não procuram saber-lhes das causas próximas ou remotas, porque só lhes interessam os efeitos imediatos através da vida miserável de espoliações que de fato vivem (MONTE, 2001. p. 63, grifos do autor).

Como se depreende deste excerto, ele considerava o comunismo doutrinal como algo produzido nos “gabinetes”, a partir de concepções falsas e sem vínculo com a realidade concreta na sociedade. Era um comunismo produzido a partir de teorias que não consideravam a presença de Deus e que era difundido nas universidades, nos jornais e em romances. O autor não explicita porque as concepções eram falsas e porque a experiência efetivada na Rússia a partir de 1917 não podia ser considerada uma realidade concreta. É importante lembrar que esse texto de Monte foi produzido em 1936, meses depois da chamada “Intentona” comunista de 1935, quando os comunistas tomaram, por poucos dias, o poder no Rio Grande do Norte. Nesse caso, esse conjunto de reflexões dele está pautado pela crítica à intentona.

Retomando as discussões sobre o comunismo sentimental, Monte diz tratar-se de um comunismo próprio daqueles que se sentiam explorados, que não tinham condições intelectuais de analisar as condições em que viviam e se sentiam atraídos pela ideia vaga de uma justiça

social. Esse comunismo sentimental, segundo ele, só persistia em razão do egoísmo do homem moderno para com o seu semelhante. Nessa perspectiva, é possível inferir que, na visão de Monte, o problema não consistia na transformação da sociedade, uma vez que o comunismo nada traria de bom. Reformas eram necessárias e elas se concretizariam mediante o retorno a uma sociedade antiliberal, pautada no catolicismo.

A partir dessa análise, Monte considerou que o comunismo doutrinal só existiu porque as condições de exploração existentes no capitalismo levaram os trabalhadores, em razão de serem menos informados, a procurar alternativas para a melhoria de suas condições de vida. O diagnóstico da sociedade capitalista é apresentado, mas não há nenhum diagnóstico sobre o que causava a exploração do operariado. A percepção dele é que essa exploração é fruto apenas do egoísmo humano e que, se as pessoas fossem mais cristãs e mais solidárias, o problema do operariado estaria resolvido. Ao mesmo tempo, não há nenhuma explicitação dos problemas que ele encontrava no socialismo, a não ser a “redução do homem a máquina” e o cerceamento às liberdades e ao direito. Para Monte, esses dois tipos de comunismo perderiam o sentido se houvesse a restauração do evangelho na sociedade. Mais uma vez, ênfase: a ideia de Monte é restaurar algo que já não mais existia. Era muito mais do que uma reforma: era um retorno, uma reação. Esse conjunto de observações pode ser evidenciado nas próprias palavras de Monte (2001. p. 64):

O **comunismo doutrinal** ficaria ou morreria no silêncio dos gabinetes, sem ação nem reação, se a viciosa organização social dos povos em que predominam as ambições e as injustiças se não houvesse provocado esse outro, o **comunismo sentimental**, isto é, o comunismo que é sentido intimamente, que não sabe de filosofias, que não se importa com teorias, que não faz caso de evoluções nem de revoluções platônicas, porque é natural, e instintivo, é um grito que sai do fundo da alma e ecoa por todos os cantos do planeta, depois de não mais ser possível reprimi-lo, como reprimido vinha sendo desde muito tempo.

Da violenta explosão deste procura aproveitar-se aquele para a consecução dos seus fins, isto é, livrar o proletário da opressão capitalista, para subjugá-lo a uma tirania muito mais cruel - o guante do Estado moderno, como na Rússia soviética que reduziu o homem, criatura racional, à desgraçada condição de máquina, falsamente a serviço da coletividade, e mesmo como em outros países sob a experiência de esdrúxulas fórmulas de governo, todas caracterizadas pelo cerceamento das liberdades e dos direitos do homem.

[...]

Urge, pois, a restauração do Evangelho na sociedade, penetrando a consciência dos homens, para que apliquem entre si a lei da caridade e do amor, obedecendo aos eternos princípios da moral e da justiça, estabelecendo assim, uma nova ordem social cristã no mundo, pelo triunfo pleno do Cristianismo quando, enfim, não haverá mais lugar para as razões do **comunismo doutrinal** nem tampouco para as violências do **comunismo sentimental**. (grifos do autor).

Por essa lógica, ele considerava que o comunismo desapareceria quando o cristianismo se tornasse vencedor nas lutas contra os seus inimigos. E a vitória do cristianismo faria com que as pessoas voltassem a apoiá-lo e, assim, o comunismo deixaria de fazer sentido. Por essa perspectiva, em uma sociedade cristã, os operários teriam tratamento digno e, assim, não precisariam buscar falsas ideologias.

Apesar de Monte ter se posicionado de maneira contundente contra o comunismo dos anos 1920 aos 1940, a condenação feita por ele ao nazismo teve por base outros elementos e só foi feita num período bem posterior. Só é possível entender as críticas de Monte ao nazismo se forem consideradas as relações políticas estabelecidas entre a Igreja e Hitler. Em 20 de julho de 1933, foi assinada a *Reichskonkordat*³⁷⁴ (Concordata com o Reich), na qual o presidente alemão Paul Von Hindenburg, em consonância com as diretrizes do chanceler Adolf Hitler,³⁷⁵ firmou, com o Papa Pio XI, os termos para a liberdade religiosa no território alemão.

Por essa concordata, a Igreja Católica conseguiu, entre outras garantias, o direito de liberdade religiosa e o ensino religioso nas escolas, com professores aprovados pelos bispos das dioceses. Em contrapartida, o clero foi obrigado a ser leal aos governos locais e federal na Alemanha e impedido de atuar nos partidos políticos. Entretanto, essa concordata, amplamente divulgada como um acordo de paz entre o nazismo e a Igreja, passou a ser percebida pela Igreja como um equívoco, em razão de medidas tomadas por Hitler após a assinatura desse documento. Segundo David Kertzer, em matéria intitulada “*Hitler, Mussolini e o Papa: O silêncio do Vaticano e os sussurros do Duce diante da ascensão do Führer*, publicada na revista *Piauí*, em março de 2017,

O Papa Pio XI logo percebeu que seu ‘pacto com o diabo’ – como o historiador Hubert Wolf o descreveu – não traria os resultados esperados. Ao mesmo tempo que assinaram a concordata, os nazistas puseram em vigor a Lei para a Prevenção de Descendentes Hereditariamente Doentes, determinando a esterilização compulsória de pessoas consideradas defeituosas – em clara divergência com a doutrina católica. Hitler começou também a agir contra a densa rede de escolas paroquiais da Igreja. Os nazistas queriam uma Igreja que pudessem controlar por completo. No início do outono, a Secretaria de Estado produziu uma análise alarmante desses esforços, que incluía a letra de uma canção popular entre a Juventude Hitlerista que chamava Hitler de seu ‘redentor’. Em outubro, o editor do mais influente jornal católico da Itália, *L’Avvenire d’Italia*, advertiu que os nazistas trabalhavam por ‘uma igreja nacional alemã na qual protestantes e católicos serão misturados’. Em

³⁷⁴ Sobre a *Reichskonkordat* cf. Simões (2016, p. 80-81). Ainda sobre essa concordata, cf. Medina (2002, p. 8). Sobre a relação entre o Estado Nazista e o Vaticano, ver mais em: Longerich (2014).

³⁷⁵ Em 30 de janeiro de 1933, o presidente alemão Paul Von Hindenburg nomeou Adolf Hitler como chanceler do Reich, tornando-o o chefe do governo na Alemanha. Com a proclamação da constituição da República de Weimar ficou estabelecido que o país elegeria o presidente, que nomearia o chanceler, o chefe do Governo.

dezembro, no discurso de Natal que fazia todo ano aos cardeais, Pio XI manifestou seu desapontamento com o governo nazista. Pacelli e Von Papen tinham assinado a concordata apenas cinco meses antes (KERTZER, 2017. p. 4-5).

Em razão das atitudes de Hitler, em 14 de março de 1937, o Papa Pio XI publicou a Encíclica *Mit brennender Sorge* ("Com ardente preocupação"), que rompia com a *Reichskonkordat*, condenava o nacional socialismo proposto por Hitler e o seu pensamento racista (PIO XI, 2018). Essa Encíclica representou uma forte condenação política a Hitler e ao seu governo e foi amplamente divulgada pela Igreja Católica alemã. Hitler reagiu com veemência à Encíclica papal e passou, por meio da Gestapo, a perseguir católicos alemães. Essa situação gerou a prisão de mais de mil membros do clero alemão, além de uma forte campanha publicitária anticlerical sob a direção do ministro Joseph Goebbels (SALES, 2008. p. 7).

Quando a encíclica foi publicada, em 1937, Hitler ainda tinha prestígio no Ocidente e não se vislumbrava a possibilidade concreta da Segunda Guerra. Em razão disso, a Encíclica assustou tanto pelas severas críticas feitas a Hitler, quanto pelas posições que católicos do mundo inteiro vinham defendendo em torno da convivência pacífica com o governo nazista, estimulado pelo Papa que assinou a Concordata. Essa situação gerou uma retomada da Igreja e seus membros foram forçados a mudar as suas análises sobre o nazismo. A partir de então foram iniciadas críticas do catolicismo ao estado alemão, situação que obrigou certos "contorcionismos" por parte de alguns intelectuais católicos que haviam apoiado o nazismo.

Em geral, é possível afirmar que entre julho de 1933 (ano da assinatura da concordata) e março de 1937 (ano da publicação da encíclica *Mit brennender Sorge*), o clero e os leigos católicos, em todo o mundo, demonstraram sua adesão ao nazismo ou silenciaram diante das práticas nazistas. Essa conduta dos membros da Igreja, com relação ao nazismo, era diferente das condenações explícitas ao comunismo e aos comunistas.

Em Natal, especificamente, o jornal *A Ordem* divulgou, neste período, reportagens favoráveis ao nazismo. Esse é o caso da matéria publicada na primeira página desse periódico no dia 29 de julho de 1936, na qual aparecem fotografias de Mussolini, Salazar e Hitler em um mesmo quadro,³⁷⁶ que é antecedido da frase "Arrancando a Espanha das garras do comunismo: A *lucta* [*sic*] continua tremenda em toda a península" e sucedida por outra: "os três baluartes anticomunistas da Europa farão cessar os novos bárbaros". Após o quadro e as frases, há uma reportagem com uma análise da guerra civil espanhola, na qual fica evidente a clara posição

³⁷⁶ As fotografias divulgadas no jornal *A Ordem* estão pouco legíveis, por isso optei por não a inseri-las neste trabalho.

favorável do periódico aos nacionalistas espanhóis. Por essa reportagem, pode-se perceber a relação de identidade entre *A Ordem* e o nazifascismo (A ORDEM, p. 129, jul. 1936).

Percebe-se que o quadro de bipolaridade internacional se fazia presente nesse cenário. Em 27 de janeiro de 1937, o jornal *A Ordem* divulgou uma notícia do Rio de Janeiro, intitulada “contra o marxismo e contra o liberalismo”, anunciando a criação em Budapeste (capital da Hungria) de uma entidade de inspiração nazista, a Cruz Azul,

[...] cujo programma é anti-bolchevista, anti-semita e anti-liberal. Duas mil pessoas assistiram à primeira reunião, que foi presidida pelo chefe da organização, deputado André Sillery, ex-presidente do partido racista húngaro e actualmente membro do partido christão ‘Sozigi’.

A assistência saudou, com o braço estendido os oradores, os quaes desenvolveram o seguinte programma:

Primeiro – Preparar a luta a favor da revisão, por meio da instrução militar da juventude.

Segundo – Obrigar os grandes proprietários e banqueiros ‘a se submeterem ao serviço da nação.’

Terceiro – Lutar simultaneamente contra o marxismo e contra o liberalismo.

Quarto – Considerar e tratar os israelitas como elementos estrangeiros (A ORDEM, p. 1, 27 jan. 1937).

A partir da notícia de primeira página, posso inferir que há uma concordância do jornal com a associação, uma vez que o corpo editorial de um periódico não aceitaria divulgar uma informação que entrasse em confronto com a linha editorial. Nesses termos, parece haver um enaltecimento, pela redação do periódico, das ideias defendidas pela entidade nazista.

Padre Monte pode até ter participado das escolhas e da elaboração dessas duas matérias, uma vez que ele, como já afirmamos, escrevia muitos textos e vários editoriais sem se identificar. É possível que ele tivesse opiniões favoráveis ao nazismo. Entretanto, não temos um texto assinado por ele que explicita essa posição. Ao mesmo tempo, não temos texto de Padre Monte ou quaisquer outros textos no jornal *A Ordem* que façam qualquer menção desfavorável ao nazismo até 1937. É uma situação bem diferente do que acontecia com o comunismo, já que, desde o primeiro número, o periódico trouxe em suas páginas textos assinados por Monte, por outros autores e, também, sem assinatura, condenando o comunismo.

A partir de 14 de março de 1937, quando o Papa Pio XI divulgou a Encíclica condenando o nazismo, a situação se modificou e os católicos passaram a atacar o nazismo. Nessa conjuntura, em 18 de agosto de 1938, na primeira página do jornal *A Ordem*, Padre Monte

publicou o seu primeiro artigo sobre o nazismo.³⁷⁷ Nesse artigo, intitulado *Delírio Blasfemo*, Padre Monte fez uma apreciação negativa sobre o nazismo:

Quem lê as diretrizes traçadas pelos chefes nazistas, para a formação da mocidade austro-alemã, não pode deixar de sentir piedade para com um povo entregue às maluquices de homens sem educação, das ínfimas camadas sociais elevadas a posição de estadistas. Os donos da Alemanha e da Áustria sentem a vertigem das alturas. E no delírio do poder, blasfemam contra Deus. **Tentando ressuscitar o paganismo, querem se assemelhar aos imperadores romanos, que encheram a história do povo-rei de páginas ridículas** (MONTE, 2001. p. 51; A ORDEM, 18 ago. p. 1, 1938, grifos nossos).

As primeiras críticas de Monte referem-se aos chefes nazistas. Na perspectiva de Monte, eles eram impulsivos/arrogantes/grosseiros, oriundos de camadas sociais inferiores e blasfemadores contra Deus. Percebe-se, portanto, que Monte não se refere às diretrizes do nazismo, mas a características pessoais dos seus dirigentes. Nessa perspectiva, posso inferir que, para Monte, o problema do nazismo estava associado ao fato de que os líderes desse movimento blasfemavam contra Deus, o que, na sua visão, era um ato insano, praticado por quem não possuía formação educacional sólida que fornecesse a capacidade de reflexão sobre as consequências dos seus atos para o conjunto da sociedade. Sendo assim, Monte condena o nazismo por ele se contrapor às concepções católicas, uma vez que os nazistas

[...] arremetem contra o cristianismo porque o evangelho prega a igualdade de raças, a exaltação da humildade, a *bem-aventurança dos pobres de espírito*. Afirmam que entre o cristianismo e o comunismo não há diferença. Negam a cultura cristã, põem o destino acima de Deus, consideram a Jesus um simples judeu. Atiram-se contra o papado e anunciam o desaparecimento de Roma. Pobre gente! Quanta blasfêmia partida de cérebros que estouram de orgulho! Quanta imbecilidade saída de bocas que comandam povos! Parece incrível que desça tanto quem tão alto quer subir (MONTE, 2001, p. 51; A ORDEM, 18 ago. 1938, grifos nossos).

³⁷⁷ No jornal *A Ordem* o artigo não está assinado, mas na *Antologia* número 9, às páginas 51-52, o artigo está publicado com a assinatura de Padre de Monte. Em entrevista concedida a mim concedida, Jurandyr Navarro afirmou que descobriu vários artigos n'*A Ordem* que não continha a assinatura de Padre Monte, mas que haviam sido escritos por ele. Segundo o entrevistado, ele começou a perceber que muitos textos que estavam no jornal, sem nenhuma assinatura, tinham um estilo muito parecido com os textos de Padre Monte. Diante dessa constatação, Navarro, procurou conferir a informação. Como Navarro era amigo de Otto de Brito Guerra (falecido em 1996, editor do jornal desde o seu primeiro número até as décadas de 1930 e 1940) e de Ulisses de Góis (falecido em 1990, tendo sido, ao longo da sua vida, vinculado *A Ordem*), perguntou aos dois se Monte tinha artigos escritos sem assinatura. Ambos identificaram os artigos que haviam sido escritos por Monte, sem a identificação de autoria, sendo que nas coletâneas, Jurandyr Navarro já inseriu os artigos com a devida informação.

Na perspectiva de Monte, o nazismo se opõe ao cristianismo pelas seguintes razões: o evangelho prega a igualdade entre os homens, enquanto o nazismo considera a raça ariana superior às demais raças; o evangelho prega a humildade, enquanto os nazistas se consideram superiores; o evangelho prega a *bem-aventuranças dos pobres de espírito*,³⁷⁸ enquanto os nazistas não percebem as suas limitações diante de um poder superior ao poder dos homens. Na perspectiva de Monte, os nazistas ainda desqualificam o cristianismo, ao compará-lo com o comunismo, o que permite inferir que para ele se tratava de uma comparação absurda, uma vez que o cristianismo atuava convertendo almas, salvando-as e garantindo um lugar para elas no reino dos céus. Por essa lógica, é possível afirmar que Monte encontrava, no momento em que produziu seu texto, similaridade entre nazismo e comunismo, tendo em vista que ambos buscavam controlar o mundo terreno para impor suas ideologias. Entretanto, é importante destacar que, apenas a partir de 1937, o catolicismo passou a criticar o nazismo e a igualá-lo com o comunismo na forma perversa de governar os povos. Por conseguinte, posso afirmar que para Padre Monte tanto o nazismo quanto o comunismo não eram bons regimes de governo, uma vez que não consideravam Deus como essencial.

Considerando as críticas do nazismo ao cristianismo, ele vislumbrava que, no futuro, as ofensas do nazismo ao catolicismo seriam identificadas e lamentadas pelos alemães. Sobre o tema, Monte (2001. p. 51) explicitou:

Que dirão dos reformadores, os teutos de amanhã, quando olharem de perto o juízo imparcial da história sobre a Igreja e o compararem aos ensinamentos que receberam? Reconhecendo que o cristianismo não é uma sociedade de imbecis, que não é inimigo das ciências e das artes, nem do progresso, que não é violência e terror, mas, muito ao contrário, a sociedade mais completa, mais perfeita, mais humana, sem deixar de ser divina, a protetora das artes e das ciências, a inspiradora do progresso e propugnadora da paz e da concórdia, os pósteros de Hitler e (sic) hão de lamentar os seus desvarios, o seu cazarismo prepotente, a sua ousadia em querer riscar da consciência dos seus compatriotas o nome de Cristo.

A partir dessa citação fica evidente que, no futuro, quem analisar a história da Igreja fará duas constatações: a primeira é que o cristianismo esteve sempre sintonizado com as ciências, as artes, o progresso, procurando sempre uma sociedade mais humana e inspirada em

³⁷⁸ As bem-aventuranças estão descritas na Bíblia, sendo que para cada bem-aventurança há uma recompensa. A noção de “pobres de espírito” se relaciona com a ideia de homens que reconhecem sua pobreza diante da imensidão da riqueza do poder de Deus. Nesse sentido, bem-aventurados serão aqueles que reconhecerem a sua limitação (pobreza) diante da infinita superioridade do Pai. Os que se reconhecerem “pobres de espírito”, terão como recompensa o Reino dos Céus. Assim, a felicidade é alcançada por aqueles que têm consciência da sua pobreza espiritual. O homem será feliz quando for “pobre de espírito”.

Deus. A segunda constatação era a de que ele era capaz de superar todas as adversidades e para aqueles que, por algum motivo, não acreditavam ou deixaram de acreditar em Cristo, haveria o arrependimento tardio.

Ao evidenciar que o cristianismo era capaz de superar todas as adversidades, inclusive as perseguições, Monte ratifica o poder do catolicismo na luta contra aqueles que se declaravam seus inimigos. Percebe-se, nesse caso, que o nazismo se tornou – na interpretação monteana – um inimigo da Igreja, semelhante a outros inimigos que também foram superados historicamente. Essa situação é descrita por Monte (2001. p. 51-52; A ORDEM, 18 ago. 1938) da seguinte forma:

A luta nazista contra a Igreja faz lembrar as perseguições romanas, ao mesmo tempo que revive os grandes triunfos que a religião católica vem conquistando através dos séculos. As revoltas contra o Cristo marcam sempre as vitórias do seu evangelho. Cada vez que se tenta novamente crucificar a Jesus, matando os seus filhos nos circos e nas praças públicas, Ele ressuscita mais glorioso, mais triunfante, enquanto, se somem na voragem dos tempos os nomes dos perseguidores. Aí está a grande mestra da vida. A história é clara, muito clara. Os cezares [sic], como os filósofos, baquearam para sempre, enquanto o Cristo, permanece de pé! passarão os Nero e os Dioclecianos como passarão os Hitler, os Stalin e os Mussolini. O chefe nazista afirma que Roma vai desaparecer. Os imperadores romanos também anunciavam o desaparecimento do nome de cristão, como Voltaire deu apenas vinte anos de vida á Igreja. Mas o sangue dos mártires foi sempre a sementeira de cristãos. Quando faziam ‘precisamente vinte anos que Voltaire havia renunciado o desaparecimento da igreja, o ‘filósofo’ deixava o mundo, suplicando aos amigos que lhe trouxessem um Padre para confessar, não sendo, porém, atendido.

O grito de Juliano Apostata sempre se repete. Ao tombar, vencidos pela morte, os perseguidores, ou espumando de ódio ou batendo no peito em sinal de contrição, repetem dentro da consciencia [sic] a frase blasfema do Cezar de outrora: venceste Galileu!

É inútil tentar contra a Igreja. O Mestre garantiu que as portas do inferno não prevaleceriam contra ela.

Passam as gerações sucedem-se os impérios, apagam-se os nomes dos prepotentes. Mas o Cristo não passa. Somente Ele vive. Somente Ele reina. Somente Ele impera.

Assim, na perspectiva monteana, o cristianismo triunfou e triunfará sempre diante dos seus inimigos, quer sejam eles o comunismo ou o nazismo.

Ao longo deste tópico demonstrei quais foram as diretrizes internacionais da Igreja, que fizeram Monte se aproximar do operariado e a partir dessa aproximação desferir suas críticas ao comunismo. Demonstrei também que, diferentemente dos ataques feitos ao comunismo, já desde a década de 1920, Monte só foi criticar o nazismo no final da década de 1930, uma vez que só nesse período a Igreja rompeu seu acordo com Hitler. Além disso, ainda

deixei evidente que as críticas de Monte ao nazismo tinham características bem distintas daquelas que ele desenvolveu contra o comunismo.

Ao realizar essa discussão, identifiquei que Monte se posicionou, exerceu seu livre arbítrio, no que se refere às grandes discussões ideológicas que pautavam as relações entre os países no período que se sucedeu a Primeira Guerra Mundial e antecedeu a Segunda. Entretanto, mostrei também que as suas críticas estavam vinculadas aos interesses da Igreja. Suas reflexões “autônomas” estavam sempre vinculadas aos interesses católicos e, em geral, mobilizavam os mesmos elementos já apresentados por outros intelectuais ligados ao catolicismo.

Além de discutir as relações internacionais do ponto de vista das grandes questões ideológicas e dos tratados entre nações, Monte criticou, especificamente, duas entidades, a Maçonaria e o Rotary Club, que ao seu ver, eram entidades mundiais voltadas para o anticristianismo, razão pela qual conclamava a todos a não permitirem sua instalação e atuação.

3.1.3 A Maçonaria

Monte tratou da Maçonaria em vários artigos publicados entre 1936 e 1937. Inicialmente, ele afirmou que a Igreja vinha condenando os maçons desde o século XIX. Em seguida, identificou que o pensamento dos maçons era universal e, por isso, a Maçonaria era uma no mundo todo. A partir dessa ideia, ele criticou uma homenagem feita pelos maçons norte-rio-grandenses aos que haviam combatido os comunistas em 1935. A crítica dele aos maçons está associada a duas ideias, que ele tenta comprovar no corpo do texto. A primeira é a de que os maçons realmente seguiam princípios universais e a segunda é a de que a Maçonaria atuou na França e na Espanha aliada às esquerdas. A partir dessas associações, Monte chegou à conclusão de que, se os maçons são universais e eles estão ao lado das esquerdas em algum lugar do planeta, toda a maçonaria era de esquerda. No entanto, não foi o que se verificou no Rio Grande do Norte. Os maçons norte-rio-grandenses homenagearam os que haviam vencido a esquerda no estado, o que, na visão de Monte, era uma hipocrisia. Toda essa discussão feita por Monte teve o intuito de deixar evidente que a Maçonaria era um movimento de esquerda.

Em sua argumentação sobre a Maçonaria, Monte deixou evidente que a Maçonaria, na condição de instituição universal, tinha sua atuação condenada pela Igreja desde o século XIX.

Partindo de situações conflituosas vivenciadas entre Dom Vital³⁷⁹ e a Maçonaria, Monte explicou as razões de sua condenação pela Igreja:

Pôde assim, sem nenhum receio de erro, D. Vital declarar, em carta ao Clero, de 21 de novembro de 1872, que a Maçonaria era uma seita secreta, muitas vezes condenada pelos Soberanos Pontífices, que, ‘propaga os princípios mais perniciosos e lança as mais imprudentes injúrias contra a Igreja’. Era o começo da grande e necessária ‘questão religiosa’,³⁸⁰ que vinha afinal tirar o Clero das heresias e expurgar de maçons as Irmandades [...].

A Maçonaria havia, pelos seus jornais, desafiado o grande Bispo a cumprir o seu dever, tendo o desprante de enumerar quais os maçons sacerdotes e quais os maçons leigos pertencentes as Irmandades. Dom Vital não recuou.

Para fortalecer mais ainda o seu Bispo, PIO IX, no Breve ‘**Qua, quam Dolores**’, de 24 de maio de 1873, declarava a Maçonaria do Brasil incurra nas mesmas excomuniões da europa, devendo as Irmandades serem dissolvidas. [...]

Nova Encíclica Papal, de PIO IX, ‘Exhortae in ista Ditione’, é dedicada especialmente ao caso brasileiro. Declara mais uma vez que a Maçonaria do nosso País faz parte da Maçonaria universal e como tal é condenada.

Poucos anos depois, mais uma grande Encíclica, desse grande Leão XIII, reforçava a condenação à Maçonaria (‘**Humanum Genus**’), e o bondosíssimo PIO X, em Alocução Consistorial de 20 de novembro de 1911 também a condenava, como hoje o faz igualmente o Código de Direito Canônico,³⁸¹ verdadeiro monumento jurídico e que data de 1917. [...] (MONTE, 2001. p. 135, grifos do autor).

³⁷⁹ Vital Maria Gonçalves de Oliveira (1844-1878), mais conhecido como Dom Vital, foi frei capuchinho e bispo de Olinda entre 1871 e 1878. Dom Vital teve atuação marcante na disputa entre a Igreja e a Maçonaria, que fez eclodir, em 1872, o conflito entre a Igreja e o Império, que ficou conhecido como "Questão Religiosa". As origens do conflito estão relacionadas ao fato de que quando, ao assumir o bispado, Dom Vital identificou que na Diocese existiam muitos Padres maçons e muitas confrarias governadas por maçons. Desde 1864, o Papa Pio IX, por meio da *Bula Syllabus*, havia proibido que maçons mantivessem relações com a Igreja. O imperador não aceitou a determinação do Papa, tendo em vista que, no Brasil, membros do governo eram maçons, Padres e muitos católicos leigos faziam parte de lojas maçônicas e maçons participavam de irmandades religiosas. Além disso, nessa época, o presidente do Conselho, José Maria da Silva Paranhos (Visconde do Rio Branco), era também o grão-mestre da Maçonaria e fazia uma campanha pela imprensa em favor dela. Em 1872, foram fundados dois jornais maçônicos no Recife: *A Família Universal* e *A Verdade*. Diante desse problema, em 1873, Dom Vital mandou fechar em Pernambuco todas as irmandades religiosas que mantinham relações com membros da maçonaria. Em resposta, o Visconde do Rio Branco mandou prender o bispo e o condenou a quatro anos de prisão com trabalhos forçados. Preso no Recife, foi transferido para o Rio de Janeiro, onde chegou em 2 de janeiro de 1874. Permaneceu durante um ano e meio na fortaleza de São João, de onde saiu ao ser anistiado pelo Gabinete presidido por Caxias, o novo primeiro-ministro.

³⁸⁰ Importante destacar que Monte referiu algumas vezes seu desejo de retomar um passado em que as relações entre a Igreja e o Estado eram amistosas. Em outro momento, já pontuei que este desejo implicava também o retorno do Império. Entretanto, é importante enfatizar que me refiro ao Império anterior a essa série de conflitos que ficou denominada como “Questão religiosa”.

³⁸¹ O Código Canônico de 1917, entre outras medidas, impedia que Padres encomendassem corpos e realizassem ofícios públicos em favor de maçons notórios, salvo se antes da morte demonstrarem arrependimento; proibia que maçons fossem padrinhos; impedia que associações católicas aceitassem em seus quadros pessoas filiadas à maçonaria; previa a excomunhão ao católico que se tornasse adepto da maçonaria; no caso de Padre, além de excomunhão, ainda haveria a suspensão ou privação de seus benefícios, ofícios e dignidades. Cf. *A Maçonaria...* (2020).

Assim, como na França e Espanha, onde a Maçonaria se encontrava ligada à esquerda, no Brasil ela matinha essa mesma linha ideológica. A homenagem prestada pela Maçonaria natalense àqueles que haviam lutado contra os comunistas na *Revolta Comunista*,³⁸² em Natal no ano de 1935, foi considerada por Monte como uma profanação, uma vez que, para ele, essa entidade, por ser internacional, tinha preceitos que eram seguidos por seus membros no mundo todo:

Chega a sua ousadia ao ponto de querer prestar homenagem aos gloriosos mártires de novembro de 1935, segundo lemos, com surpresa, em telegrama publicado no jornal **A República**, desta Capital, em sua edição de 20 do corrente mês.

Como se a maçonaria não estivesse em ligações com as esquerdas!...

Diante dessa verdadeira profanação aos túmulos dos bravos, temos a obrigação, nós que estamos com a responsabilidade enorme de alertar os católicos e aos homens de boa vontade, sobre os perigos que representa a maçonaria, no Brasil como em toda parte de lavar o nosso protesto solene (MONTE, 2001. p. 162, grifos nossos).

Como se pode constatar, Monte se empenhou em demonstrar que se a Maçonaria era uma entidade universal, ela não poderia existir no Brasil defendendo interesses conflitantes às diretrizes internacionais. Portanto, considerando essa premissa, Monte chegou a seguinte conclusão:

Parece-nos, depois desta, mais do que suficiente provado que a maçonaria é universal. O que um maçom pensa, todos pensam, e a orientação doutrinária que tomam na qualidade de maçons, é comum a todos. E depois, mesmo sem ser ‘iniciado’, todo ‘profano’ sabe como se gabam os maçons de poderem ser bem recebidos pelos seus ‘irmãos’ **em toda parte do universo** (MONTE, 2001. p. 163, grifo do autor).

Após considerar como comprovada a universalidade da Maçonaria, Monte passou a reforçar a associação dessa entidade com o comunismo, ratificando que julgava um absurdo a Maçonaria de Natal querer homenagear os que combateram os comunistas em 1935.

³⁸² Movimento armado, também conhecido como “Intentona Comunista” e “Levante Comunista”. As três expressões se referem ao mesmo movimento, mas possuem conotações interpretativas diferentes. A expressão “Intentona Comunista” foi criada “pelos meios oficiais com uma intenção depreciativa, já que o termo intentona significa “intento louco, plano insensato”. O movimento foi deflagrado a 23 de novembro de 1935 em Natal pelos sargentos, cabos e soldados do 21º Batalhão de Caçadores. No dia 24 de novembro, sublevou-se o 29º Batalhão de Caçadores, sediado na Vila Militar de Socorro, a 18km de Recife. No dia 27, a revolta eclodiu no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, no 3º Regimento de Infantaria, da Praia Vermelha, e na Escola de Aviação Militar do Campo dos Afonsos. Todos esses levantes foram promovidos em nome de uma revolução popular e da Aliança Nacional Libertadora (ANL)”. Cf.: Pandolfi (2020).

Provado com documentos, irrefutavelmente, que a maçonaria é internacional, vamos saber agora quais as tendências doutrinárias da seita, no terreno político e social.

Em nosso último artigo ‘Cumprindo um Dever’ provamos, com citações oficiais maçônicas que a sua tendência [da maçonaria] é toda esquerdista, ou melhor dito, falando claramente, **comunista, tanto na França como na Espanha.**

[...]

Logo, concluímos, **a maçonaria no Brasil não tem autoridade para se colocar contra o comunismo, nem muito menos, para prestar homenagens fúnebres aos mártires de novembro de 1935** (MONTE, 2001. p. 164-165, grifos nossos).

Reforçando seu argumento de que os maçons eram comunistas, Monte (2001. p. 141) explicita:

Sem dúvida estando a par do que se passa com a maçonaria na Espanha e na França, **atualmente** no lado das ‘Frentes Populares’, sabidamente comunistas, procuram tirar o corpo de banda e em nova e mais patente contradição, depois de se gabarem de não haver participado do movimento comunista no Brasil, em 1935, escrevem, com todas as letras: **‘Nas outras nações do globo não compete dizer qual a participação que tenha tido a Maçonaria nos acontecimentos dessa natureza’.** (grifos do autor).

Quando Monte associa a Maçonaria a acontecimentos ligados à França e à Espanha, ele está discutindo, implicitamente, a relação entre a Guerra Civil Espanhola e a disputa internacional entre comunistas e fascistas que afetava também a Igreja Católica e a Maçonaria. Essa disputa internacional precisa ser explicitada para que seja entendida a posição de Monte diante desse conflito.

Deve-se lembrar que a Guerra Civil Espanhola foi um conflito, ocorrido entre 1936 e 1939, envolvendo os republicanos e os nacionalistas. Sua deflagração se deu quando líderes do Exército espanhol passaram a lutar contra as medidas socialistas e anticlericais adotadas pelo governo da Frente Popular Republicana do presidente Manuel Azaña, que havia assumido o poder legalmente em 1931.

Os republicanos defendiam a Segunda República Espanhola – que havia sido instalada legalmente em 1931 – e contavam com o apoio de anarquistas, comunistas e nacionalistas. Os republicanos, que lutavam pela permanência do governo de Azaña, receberam apoio da União Soviética e de cerca de sessenta mil comunistas e simpatizantes da esquerda de todo o mundo, que formaram as Brigadas Internacionais de voluntários. Embora apoiassem os republicanos, Inglaterra e França optaram por uma política de não-intervenção (CERQUEIRA FILHO; NEDER, 1999. p. 1-16).

Os nacionalistas, que se insurgiram contra Azaña, foram liderados pelo General Francisco Franco e contavam com o apoio da Falange Fascista, dos monarquistas e dos católicos. A Alemanha de Hitler e a Itália de Mussolini apoiaram os revoltosos e reconheceram o governo instalado por Francisco Franco em outubro de 1936, quando a guerra civil estava ainda em andamento. Os nacionalistas venceram a guerra no início de 1939 e governaram a Espanha até à morte de Franco em novembro de 1975 (CERQUEIRA FILHO; NEDER, 1999. p. 1-16).

Após se declarar vitorioso, Franco e o seu regime foram reconhecidos pelo Reino Unido e pela França. Milhares de espanhóis de esquerda fugiram para campos de refugiados no sul da França. Aqueles associados com os republicanos derrotados foram perseguidos pelos nacionalistas vitoriosos (HOBSBAWM, 1996. p. 119-132). Devido ao clima político internacional no período, a Guerra Civil Espanhola foi considerada uma batalha ideológica entre adeptos do fascismo e do socialismo de todo o mundo, mas além do aspecto ideológico essa Guerra envolveu disputas religiosas e sobre concepções acerca da melhor forma de governo (ditadura ou democracia republicana) (HOBSBAWM, 1996. p. 119-132).

Foram esses conflitos ocorridos na Espanha, com repercussão na França, que inspiraram a reflexão de Monte. Nesse contexto, alguns maçons realmente participaram desses conflitos, circunstancialmente vinculados aos comunistas, e estiveram contra a Igreja. Entretanto, os maçons nunca estiveram ideologicamente aliados ao comunismo. A sua aliança, em alguns momentos, com a esquerda, era algo isolado e que acontecia em razão das pressões que determinados governos faziam a favor da laicização e contra a democracia, que prejudicava a organização e o funcionamento das lojas maçônicas. Os maçons eram burgueses que se fortaleceram com a Revolução Francesa e sempre foram a favor da propriedade privada e do capitalismo. O próprio Trotsky condenou, durante a IV Internacional, a participação de maçons nos partidos comunistas em todo o mundo e, especialmente, no Partido Comunista Francês.³⁸³

Em novembro de 1922, o PCB enviou Antônio Bernardo Canellas como seu representante no IV Congresso da Internacional Socialista. Na interpretação de Edgar Carone, Canellas não possuía uma formação marxista e tinha uma atividade política voltada para uma ação individual e espontânea. Essas características do representante brasileiro não permitiram que ele dimensionasse as discussões da IV Internacional e a condenação da Maçonaria proposta por Trotsky. Dessa forma, Canellas chegou a defender que o PCB deveria aceitar maçons,

³⁸³A respeito da relação entre Trotsky, o comunismo e a maçonaria, confira: Partido... (2020).

protestantes e católicos em seus quadros. Todavia, essa posição de Canellas levou à sua expulsão dos quadros do Partido.³⁸⁴

Esses aspectos que destaquei sobre a Guerra Civil Espanhola e sobre suas repercussões em outros países, inclusive no Brasil, servem para situar o pensamento de Monte contra a Maçonaria. Apesar de não ter elaborado um pensamento mais aprofundado sobre as relações nacionais e internacionais entre a Maçonaria, o comunismo e a Igreja Católica, ele desenvolveu uma argumentação pessoal contrária à Maçonaria e sempre associou essa argumentação aos dogmas católicos.

Essa argumentação pessoal de Monte estava associada às próprias diretrizes do jornal *A Ordem*, que estampava em suas páginas o combate à Maçonaria. Foi nessa época que foi resgatada a trajetória do bispo Dom Vital Maria Gonçalves de Oliveira,³⁸⁵ que, como já mostrei anteriormente neste capítulo, havia sido um símbolo da luta da Igreja contra a Maçonaria no final do século XIX. Monte terá uma atuação decisiva na reabilitação de Dom Vital.

Em artigo publicado em *A Ordem* no dia 23 de julho de 1936, ele destaca a atuação de Dom Vital contra o vigário maçom norte-rio-grandense Bartolomeu da Rocha Fagundes. Entretanto, o que chama atenção no texto não é a defesa da posição tomada pelo bispo, mas o sentido conferido à ela por Monte. A articulação entre o passado vivido por Dom Vital com o presente foi colocada da seguinte forma por Monte (2001. p. 135):

Pôde assim, sem nenhum receio de erro, D. Vital declarar, em carta ao Clero, de 21 de novembro de 1872, que a Maçonaria era uma seita secreta, muitas vezes condenada pelos Soberanos Pontífices, que, ‘propaga os princípios mais perniciosos e lança as mais imprudentes injúrias contra a Igreja’. Era o começo da grande e necessária ‘questão religiosa’, que vinha afinal tirar o Clero das heresias e expurgar de maçons as Irmandades, tão faltas do verdadeiro espírito religioso.

Na citação é possível perceber que Monte estava interessado em explicitar que a maçonaria era condenada pela Igreja e, por isso, era necessário afastar os maçons de qualquer convívio com a Igreja Católica e impedir que os católicos frequentassem qualquer atividade dos maçons. Nesses termos, Monte está dialogando com o seu próprio presente. É a sua ação deliberada de dialogar com o seu tempo que o faz retomar a representação de Dom Vital.

³⁸⁴ A respeito da atuação de Canellas, conferir Carone (1989, p. 113).

³⁸⁵ Gustavo Barroso foi essencial para a reabilitação da imagem de Dom Vital. Para este autor, a morte de Dom Vital por envenenamento devia ser atribuída à maçonaria, por suas posições contrárias a ela. Na interpretação de Barroso, essa morte marcou a ascensão da maçonaria, através da ação dos judeus (BARROSO, 1937).

Essa relação entre Dom Vital e a luta contra a Maçonaria estará presente em outros números do jornal *A Ordem*. No dia 4 de julho de 1937, aniversário de cinquenta e nove anos da morte de Dom Vital, foi divulgada uma matéria retomando a atuação do bispo no século XIX como um marco na luta para garantir a defesa de Igreja e apresentando-a como modelo a ser seguido para os cristãos dos anos 1930. Nesses termos, ficou registrado nas páginas d'*A Ordem*:

A 4 de julho de 1878, faz hoje justamente 59 anos, faleceu em Paris, em virtude de desgostos profundos que lhe infligiram a maçonaria do Brasil e as irmandades maçonizadas do Recife, o santo e intrépido bispo olindense – Dom Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira [...]

Queremos tão somente dizer, nesta data do falecimento do Bispo Martyr, que o seu sacrifício não foi baldado. A defesa dos direitos da Igreja, o desmascaramento dos pedreiros livres, o disciplinamento dos maçons constitui lição sempre nova e oportuna, aplicável em todos os tempos.

Grande é também a lição de sacrifício, nestas suas palavras imortais: 'hoje o sacerdote antes de tudo é um homem de sacrifício, deve a Deus fazer todo o sacrifício do seu corpo, o sacrifício de sua vida, acostumar-se a considerar o martírio sem temor. Somente por tal preço poderá cumprir sua missão, e defender, até o fim, os direitos da Igreja e da verdade'.

O Brasil que guarda os despojos de Dom Vital conserva também as suas lições para convertê-las em atos (A ORDEM, 4 jul. 1937).

Observando-se a citação, percebe-se que Dom Vital é apresentado de forma distinta daquela do século XIX. Nas páginas do jornal *A Ordem* de 1937, Dom Vital é caracterizado como alguém dotado de personalidade forte e de moral irretocável, um fiel seguidor do catolicismo e um modelo a ser seguido pelas novas gerações. Mas esta construção não se limitaria ao Rio Grande do Norte, na medida em que ela pode ser observada em outras regiões, atestando a estratégia bem-sucedida da Igreja. Nesse sentido, Dom Vital simbolizava a luta da Igreja contra a Maçonaria nos planos local, nacional e internacional. Em linhas gerais, posso afirmar que a atuação de Dom Vital foi ressignificada nos anos 1930, sendo que ele passou a representar as lutas dos católicos contra a Maçonaria no mundo.

Em texto escrito em setembro de 1937, Monte (2001. p. 143) retomaria as razões para a condenação da Maçonaria:

[...] a primeira questão num estudo sobre a maçonaria é indagar o que ela seja.
[...] 'Muitos maçons pensam conhecer a maçonaria, quando nem ao menos suspeitam a existência de seus mistérios e de seu esoterismo. (In Poncins, 'la dictature', etc, p. 48)

Eis porque sustentamos, sem medo de errar, baseados nos melhores autores e nos melhores documentos.

1. É uma sociedade secreta;
2. exige de seus membros obediência absoluta;

3. não tem pátria, aspirando a universalidade;
4. embora negue, intervém na política;
5. é inimiga da religião católica, sem todos os maçons saberem disso. Mas tem inteira razão Mons. Delassus³⁸⁶ quando afirma que seria erro supor que todos os maçons conhecem explicitamente a obra em que colaboram e que não é revelada completamente nem aos próprios iniciados dos altos graus ou das Lojas superiores.

A partir dos elementos acima elencados, identificam-se as cinco principais razões que levaram Monte a condenar a Maçonaria. A crítica de Monte às sociedades secretas se fundamentava na ideia de que a Igreja desejava ter o controle absoluto de tudo o que acontecia na sociedade. Uma entidade, que não deixava claros os seus objetivos, não permitia que a Igreja controlasse a sua ação. A crítica relacionada à obediência absoluta fundamentava-se na lógica de que um homem não poderia ser subordinado totalmente a uma entidade, como a Maçonaria deseja que seus sócios fossem, na medida em que deveria estar subordinado, antes de tudo, a Deus. Nenhuma instituição pode superar esse princípio. No que se refere à crítica à ausência de patriotismo, Monte considerava que todos os brasileiros são católicos, assim sendo só um não brasileiro poderia não ser católico. É interessante observar que, para ele, se todos os brasileiros eram patriotas, todos eram também católicos. Nesses termos, defender o patriotismo no Brasil era defender o catolicismo.³⁸⁷ No tocante à política, Monte percebia a influência de maçons no governo e considerava que essas pessoas poderiam adotar medidas que prejudicariam o catolicismo. Ele ressaltava, ainda, que a Maçonaria não informava a seus membros que era inimiga da Igreja Católica, razão pela qual não era confiável.

Em outro texto de 1937, Monte (2001. p. 138) associará a maçonaria ao inferno:

Quem se mete em luta franca e aberta contra o erro maçônico, precisa estar preparado para tudo. A seita secreta, discípula fiel do Rei das Trevas, que outrora se chamou Lúcifer, o portador da Luz, mas que, precipitado nos infernos, perdeu essa grande prerrogativa, tem, como ele, todas as manhas tentadoras dos que vivem na sombra e no segredo.

Para Monte, a Maçonaria só sobrevivia porque se disfarçava para o público, e seus membros menos graduados não tinham ideia do que ela era efetivamente:

³⁸⁶ Monsenhor Henri Delassus (1836-1921) foi padre católico, com doutorado em teologia, sendo que escrevia sobre os prejuízos que a maçonaria causava a humanidade. Era contra-revolucionário, antimaçônico e antiliberal.

³⁸⁷ De acordo com Carla Rodeguero, nos Estados Unidos os católicos tinham que mostrar o seu patriotismo para serem aceitos como católicos. No Brasil, todos os brasileiros eram católicos, ou seja, os não católicos é que precisavam se mostrar patriotas (RODEGUERO, 2002. p. 481).

Se o erro se apresentasse sempre às escâncaras, muito maior número de pessoas fugiria dele. Por isso mesmo, ele se utiliza de aparências de verdade, procurando, na forte expressão de antigo apologeta, ser o ‘macaco de Deus’, para enganar os incautos.

Essa técnica do despistamento, muito em voga, atualmente, é a grande força do Mal, que vai arrebanhando os desprevenidos. Dela está se servindo, à larga, a propaganda comunista, que virou ‘santinha’ batendo-se pelas ‘liberdades populares’, pela ‘democracia’, unindo ‘estudantes democráticos’ e ‘frentes populares’... A maçonaria, pelo espírito de negação, que a anima, de destruição da civilização cristã, nas suas mais íntimas estruturas, usa da mesma tática, para aliciar os profanos e enganar os ingênuos ‘irmãos’, dos primeiros graus, que não se querem dar ao trabalho de examinar a farta e irresponsável documentação, já hoje existente, e que põe à mostra todas as tramas da seita (MONTE, 2001. p. 138).

Para ratificar sua posição de que a Maçonaria disfarçava a sua verdadeira atuação, Monte apresentou catorze pontos de um boletim, datado de 7 de setembro de 1937 e assinado pelos presidentes das três lojas existentes em Natal e distribuído na Assembleia Estadual e nas casas de família. De acordo com ele, neste boletim, a Maçonaria se apresenta como perseguida. No item número nove do boletim, segundo Monte, a maçonaria defende-se de algumas das acusações que pairavam sobre ela:

A maçonaria ‘é condenada pelo fascismo italiano, ela é mal vista pelo nazismo alemão, ela é declarada, todos os dias, inimiga da Igreja Católica’, mas ‘é vã a acusação de ser ela inimiga da Igreja, pois ‘aí estão centenas (sic) de nações que servem abnegadamente [sic] umas e outras dessas entidades e reafirmam, no presente, aquele largo espírito de união e de confraternização que, nas fases da nossa história local, irmanavam espíritos como Bartolomeu da Rocha Fagundes,³⁸⁸ João Carlos da Câmara,³⁸⁹ e tantos outros, servidores impertérritos [sic] da Religião Cristã’ (MONTE, 2001. p. 138).

Cabe ressaltar que sobre nazistas e fascistas, não há qualquer questionamento feito pelos maçons. Provavelmente, naquele momento político conturbado, marcado pelas disputas entre a ANL e a AIB, dois meses antes da instauração do Estado Novo, assumir uma posição favorável ou contrária ao nazismo ou ao fascismo poderia prejudicar a imagem da instituição

³⁸⁸ Bartolomeu da Rocha Fagundes (1815-1877), conhecido como Vigário Bartolomeu, foi Padre e maçom. Era Vigário da Matriz de Nossa Senhora da Apresentação, em Natal, até 1873, quando foi suspenso das ordens por não renunciar a maçonaria, como determinou Dom Vital. Cf. Peixoto (2020).

³⁸⁹ Monte se refere ao Major João Carlos Soares da Câmara (falecido, em Natal, no ano de 1933), pai de Amphilóquio Carlos Soares Câmara (1889-1957). Segundo Câmara Cascudo, Amphilóquio foi aluno da primeira turma da Escola Normal, concluindo o curso em 1910, foi diretor da instrução pública e escreveu vários livros sobre o Rio Grande do Norte. O prestígio de Amphilóquio teve uma relação direta com o prestígio do pai, que era católico e maçom. Sobre Amphilóquio e seu pai, o Major João Carlos, Conferir: Cascudo (1978, v. 4, p. 96-97). O jornal *A Ordem* noticiou a celebração de missa solene em sufrágio da morte do Major Soares. Sobre o assunto, Ver: notícias publicadas no jornal *A Ordem* em 27 de março de 1938, 24 de março de 1942, p. 01. Sobre a informação de que o Major Soares era maçom, cf: notícias publicadas no jornal *Diário do Natal* do início do século XX, colunas dos dias 01 e 03 de jan. de 1906. p. 2.

na cidade. Entretanto, o boletim rebate as críticas de que a Igreja Católica era inimiga da Maçonaria, afirmando que existia uma relação de união e confraternização entre essas duas instituições. Para Monte, no entanto, isso era um disfarce, uma vez que a própria Maçonaria sabia que a Igreja era sua inimiga.

3.1.4 O Rotary Club

No que se refere às críticas de Monte ao Rotary Club Internacional, é importante destacar que, para entender o pensamento do religioso em relação a essa entidade, é necessário identificar, por um lado, a relação da Igreja com os rotarianos e, por outro, as particularidades desse movimento em Natal.

Publicamente o Rotary Club³⁹⁰ é uma entidade internacional de companheirismo e auxílio mútuo, fundada, por Paul Percy Harris,³⁹¹ em 23 de fevereiro de 1905, em Chicago, nos Estados Unidos.³⁹² Harris era “um profissional liberal, protestante, interessado em se proteger da concorrência e da selvageria do mundo dos negócios de Chicago, no começo do século XX”, que pretendeu, com o Rotary, “divulgar a ética e a moral para o bem e o progresso do capitalismo” (UHLE, 1991. p. II).

Em 1910, o Rotary já havia se expandido e dezesseis clubes haviam sido criados em diferentes estados norte-americanos. Nesse ano, foi criada a *Associação Nacional de Rotary Clubs*, posteriormente, transformada em *Rotary International* (RI), sendo que Harris foi eleito presidente. Em 1911, a associação já havia sido difundida para a Europa. Desde as suas origens, o Rotary defende a ideia de que a humanidade devia assegurar a paz entre os homens e as nações. E os caminhos da paz estavam associados a sete princípios: patriotismo,³⁹³ conciliação,

³⁹⁰ Segundo Ribeiro, o nome Rotary (rotativo na língua portuguesa) foi escolhido logo na terceira sessão da entidade, ainda em 1905. Ao escolher esse nome os fundadores desejam indicar que as reuniões ocorreriam rotativamente, ou seja, as reuniões seriam sempre em lugares diferentes (RIBEIRO, 1954. p. 59-60).

³⁹¹ Paul Percy Harris foi um advogado norte-americano (1868, Wisconsin - 1947, Illinois) que fundou o Rotary Club em 1905. Segundo o site oficial do Rotary, Harris trabalhava em Chicago, como advogado, e tinha como seu colega de profissão Bob Frankle, que possuía relações sólidas e fraternas de amizade com os empresários de Chicago. Foi a partir dessa constatação que ele resolveu procurar outros homens que desejassem, assim como ele, construir uma organização que tivesse como eixo de atuação a solidariedade e a fraternidade. Cf: Rotary International (2020).

³⁹² Ainda que, inicialmente, alguns sócios tenham resistido aos encargos financeiros que precisavam arcar para a manutenção da entidade.

³⁹³ Considero importante destacar a forma como o Rotary percebia o patriotismo, uma vez que ele se contrapõe à ideia de patriotismo defendida por Monte. Na interpretação do Rotary, o patriotismo ultrapassava o nacional e resistia à qualquer tendência que considerava uma nação superior a outra. A nação significa, para o Rotary, o território da coexistência de todos. A nação estava acima das classes e, em determinados momentos, alguns interesses nacionais podiam ser prejudicados para garantir a unidade da nação. Patriotismo e nacionalismo estavam, portanto, associados, tendo seu surgimento ligado à Revolução Francesa e à unificação dos Estados Nacionais. Sobre o tema, confira: (UHLE, 1991. p. 54-56).

liberdade, progresso, justiça, sacrifício e lealdade (UHLE, 1991. p. 54-74). Nessa perspectiva, o Rotary deixa claro que os seus membros deviam aliar valores liberais, valores cristãos e práticas de negociação política. Essas práticas deveriam estar vinculadas a lealdade e a conciliação.³⁹⁴

É importante destacar, para os fins deste trabalho, especificamente, a noção de patriotismo apresentada pelo Rotary e, a partir dela, confrontá-la com essa noção proclamada pela Igreja, uma vez que os textos de Monte fazem referência a patriotismo. Nesses termos, é possível identificar que o Rotary e a Igreja Católica se assemelham, ao discutir o patriotismo e ao considerá-lo como um fator silenciador das diferenças. Nesse sentido, todos agem em prol da nação, mesmo que alguns tenham prejuízos. Entretanto, essas duas instituições abordam o patriotismo com algumas particularidades. Para o Rotary, a nação é anticlerical. Para a Igreja, a nação é constituída essencialmente pelos valores cristãos. Nesses termos, são duas visões inconciliáveis. Se a Igreja deseja uma nação católica, sobretudo num momento em que o catolicismo se vê ameaçado, a proposta de uma nação não católica foi vista como uma afronta às pretensões da Igreja.

Vale ressaltar que o *Rotary Club Internacional* pode ser caracterizado como uma associação privada que estimulava a solidariedade entre profissionais de diferentes campos,³⁹⁵ sobretudo, profissionais liberais. Suas atividades filantrópicas são bastante divulgadas, ainda que a cooperação entre seus próprios membros seja uma prática comum. Para coordenar as ações filantrópicas em todos os Rotary existentes no mundo foi criada, em 1917, uma fundação com sede em Evanston, Illinois.³⁹⁶

Dominique Connan, analisando a situação específica do Rotary no Quênia, demonstrou que ele estabeleceu relações com o Estado, visando à adoção de políticas laicas. Para o autor, o rotariano não está interessado apenas na ajuda que possa vir a receber dos parceiros da entidade, nem nos auxílios concedidos às categorias profissionais dos associados. Existe, segundo ele, uma disposição ética do rotariano, geralmente, um homem rico que usa as suas ações para justificar a realização da sua existência pessoal, de servir à entidade (CONNAN, 2017. p. 115-118).

³⁹⁴ Sobre as orientações dadas pelo Rotary aos seus sócios para que possam concretizar essa aliança de valores tanto em serviços prestados à sociedade, quanto na divulgação desses serviços, recomendamos ver mais em: Uhle (1991. p. II-III).

³⁹⁵ Harris, ao fundar o Rotary, procurou profissionais que atuavam em diferentes campos. Os quatro primeiros membros foram um advogado (que era o próprio Harris), um engenheiro de minas, um comerciante de carvão e um alfaiate. Assim, desde o princípio, a ideia é que todos os clubes possuam uma diversidade de profissionais para que eles possam atuar de forma solidária (MARÇAL, 2017. p. 27).

³⁹⁶ Para informações sobre o funcionamento do Rotary, consultar: Connan (2017).

As conclusões do trabalho de Connan, podem, em linhas gerais, ser aplicadas ao Brasil e a outros países. Nesse sentido, fica evidente que as diretrizes do Rotary se contrapunham aos interesses da Igreja Católica em todo o mundo, uma vez que os rotarianos adotavam práticas liberais, mantinham relações de proximidade com o Estado, visando reforçar a laicidade; faziam caridade junto às populações carentes, que compunham uma parte considerável dos fiéis; e, finalmente, dava aos seus membros um sentido para sua existência. Sendo assim, o Rotary atuava nos mesmos espaços que a Igreja e, por isso, precisava ser combatido. Esta foi, sem dúvida, a maior motivação para a publicação de textos que combatiam o Rotary no Brasil, como um todo, e, em particular, no Rio Grande do Norte, e para que Monte escrevesse sobre ele.

No Brasil, os rotarianos norte-americanos passaram três anos tentando instalar o Rotary Club no Rio de Janeiro,³⁹⁷ o que só ocorreu em 1922. Posteriormente, em São Paulo, no ano de 1924, foi criado o segundo Rotary brasileiro. Ainda na década de 1920, foram criados mais três clubes, e na década de 1930 foram criados dezoito (AMARANTE, 1973. p. 70). É importante destacar que, em números absolutos, era pequeno o número de pessoas vinculadas ao Rotary nas décadas de 1920 e 1930. Para se ter uma ideia, em 1937, em todo o Brasil, o Rotary só contava com mil e quatrocentos associados (AMARANTE, 1973. p. 83). Isso significa que, quando Monte escrevia sobre o Rotary, ele se referia a uma entidade que tinha um número pequeno de sócios no território nacional, o que, aparentemente, não seria suficiente para ameaçar a Igreja. É muito provável que Monte estivesse preocupado, de fato, com as ideias difundidas pelo Rotary e com a adesão das elites a essas ideias.

No Rio Grande do Norte, o Rotary Club de Natal foi o primeiro clube rotário do estado, fundado no dia 10 de março de 1936 e admitido pela *Rotary International* em sete de abril do mesmo ano. A criação do clube foi feita por iniciativa de Omar O'Grady³⁹⁸ e outros dezesseis sócios fundadores.³⁹⁹ A participação de O'Grady foi, no entanto, essencial para a criação do Rotary Club em Natal, pois seu prestígio pessoal garantiu a credibilidade necessária à sua instalação, apesar do combate aberto da Igreja Católica ao rotarismo.

O pai de Omar O'Grady, Alexander James O'Grady, nasceu no Canadá, em uma família oriunda da Irlanda. Foi educado nos Estados Unidos e migrou para o Brasil em 1881, quando foi designado para dirigir a estrada de ferro Natal-Nova Cruz, cargo que ocupou até

³⁹⁷ Sobre as dificuldades para instalar o Rotary Club do Rio de Janeiro, ver mais em: Uhle (1991, p. 42-46).

³⁹⁸ Omar Grant O'Grady nasceu em Natal em 18 de fevereiro de 1894 e faleceu no Rio de Janeiro em de 1985. Seu prestígio advinha tanto dos seus laços familiares e políticos, quanto da sua formação pessoal. Vale lembrar que ele já havia sido diretor do Rotary Club de Fortaleza, criado em 1934.

³⁹⁹ Sobre Rotary Natal ver mais em: Rotary Club Natal (2016).

1897.⁴⁰⁰ Nesse período em que dirigiu a empresa, Alexander O'Grady se casou com a norte-rio-grandense Estefânia Alzira Moreira Brandão.⁴⁰¹ Da união de Alexander O'Grady e Estefânia Alzira nasceram: Alzira Macfalane O'Grady; Gentil Nabuco; Alexandre Lincoln e Omar Grant O'Grady. O pai de Estefânia Alzira, José Moreira Brandão Castello Branco⁴⁰² (1828-1895), foi dez vezes deputado provincial e três vezes deputado geral pelo Rio Grande do Norte.

É importante destacar que o Cônego Jorge O'Grady de Paiva, biógrafo de Padre Monte, era filho⁴⁰³ de Alzira Macfalane O'Grady, portanto, bisneto de José Moreira Brandão, neto de Alexander O'Grady e sobrinho de Omar O'Grady. Essa informação merece ser evidenciada, uma vez que Omar O'Grady fundará o Rotary Club Natal, entidade que foi muito criticada por Padre Monte.

Segundo Cascudo, Alexander O'Grady era abolicionista, republicano, tendo participado da *Sociedade Libertadora Natalense* e da criação do Partido Republicano. Depois da Proclamação, desencantou-se com a República. Tinha excelentes amizades e era reconhecido pela sua grande capacidade de trabalho. Ainda segundo Cascudo, “era a criatura mais bem educada que Natal conheceu naqueles tempos de intimidade, de costumes doces e familiares” (CASCUDO, 1977. p. 90). Provavelmente, as relações pessoais e políticas do pai possibilitaram que Omar O'Grady desfrutasse de grande prestígio na cidade.

No que se refere à formação pessoal, Omar O'Grady realizou seus estudos primários e preparatórios em Natal, no Atheneu Norte-Rio-Grandense, tendo cursado Engenharia no *Illinois Institute of Technology*, em Chicago, nos Estados Unidos. Graduado em 1917, com 23 anos de idade, permaneceu em Chicago trabalhando como engenheiro, sendo que é muito provável que tenha conhecido o Rotary Club durante o período em que viveu em Chicago. Creio ser pertinente destacar o quão elevadas deviam ser as despesas com a manutenção de um filho no exterior, o que evidencia a condição financeira desfrutada pela família O'Grady. Em 1920, então com 26 anos, O'Grady retornou ao Brasil, para atuar como engenheiro da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas.⁴⁰⁴

⁴⁰⁰ Alexander James O'Grady foi intendente do município de Natal entre 1896 e 1898. Ver mais em: Cascudo (1977. p. 90).

⁴⁰¹ Estefânia Alzira Moreira Brandão nasceu em Natal em 11 de dezembro de 1861 e faleceu no Rio de Janeiro em 4 de dezembro de 1951. Cf. ESTEFÂNIA... (2020).

⁴⁰² Sobre José Moreira Brandão Castello Branco, Cf: Câmara (2017, p. 106). No texto da autora há uma informação que precisa ser retificada, pois ela afirma que Castello Branco concorreu apenas ao cargo de Deputado Geral em 1891. Entretanto, Castello Branco foi Deputado Geral nas seguintes legislaturas: na 10^a (1846/66); na 17^a (1878/81); e, finalmente, na 19^a (1885/88).

⁴⁰³ O pai do Cônego Jorge O'Grady de Paiva era José Ribeiro de Paiva.

⁴⁰⁴ Esse órgão, posteriormente, transformou-se em *Departamento Nacional de Obras Contra as Secas*.

Nesse retorno ao Brasil, se casou, inicialmente, com Isabel Dantas, filha de Manoel Dantas. Em 1926, devido ao falecimento de Isabel, Omar O'Grady, contraiu matrimônio com a irmã dela, Leonor Dantas (SANTOS, 2009. p. 7). O sogro era considerado um grande intelectual natalense, tendo desenvolvido forte atuação nas áreas do Direito, do Jornalismo e da Educação. Em todos os cargos que ocupou sempre foi elogiado, especialmente, na direção do jornal *A República*, cargo que lhe rendeu contínuos enaltecimentos por parte de intelectuais natalenses.⁴⁰⁵ Dantas era famoso por ter uma visão moderna e futurista da cidade, sendo que seus discursos eram sempre reverenciados.⁴⁰⁶ Segundo Santos, a posse de Manoel Dantas como intendente de Natal, em 1º de maio de 1924, foi recebida com euforia pela população, uma vez que dele se esperava uma “administração moderna” e “voltada para o futuro”. Logo que assumiu a Intendência, Dantas convidou seu genro, Omar O'Grady, para auxiliá-lo na gestão do município. Com a Morte de Manoel Dantas, em 15 de junho de 1924, Omar O'Grady assumiu a Intendência de Natal, cargo que ocupou até 8 de outubro de 1930⁴⁰⁷. Nos seis anos à frente da gestão do município, Omar O'Grady realizou uma série de obras modernizadoras⁴⁰⁸ para a cidade.⁴⁰⁹

Em razão dos prováveis contatos que tivera com o Rotary em Chicago e do prestígio que tinha como intendente de Natal, O'Grady participou da criação do Rotary Club de Fortaleza, que foi fundado oficialmente em 7 de maio de 1934 e, posteriormente, empreendeu esforços para a criação do Rotary de Natal, em 1936, entidade da qual foi o seu primeiro presidente.

É interessante observar que Omar O'Grady sempre teve relações amistosas com a Igreja Católica,⁴¹⁰ não tendo qualquer proximidade com protestantes, espíritas e maçons. Isso significa que os discursos de Monte contra o Rotary atingiam diretamente parte da elite

⁴⁰⁵ Sobre a atuação de Manoel Dantas, ver mais em: Santos (2009).

⁴⁰⁶ Entre esses discursos, destaco a conferência *Natal daqui a cinquenta anos*, proferida no dia 21 de março de 1909, na sede do Governo do Estado. No texto, Manoel Dantas apresentou previsões de como seria a cidade cinquenta anos depois, destacando as potencialidades espetaculares de progressos que ele vislumbrava para Natal. Ainda que muitas previsões não tenham se concretizado e que elas tenham se revelado fantasias do autor, o texto revelou seu domínio em relação aos problemas da cidade e apontou soluções para muitas das questões então vivenciadas pela população de Natal.

⁴⁰⁷ Importante lembrar que Omar O'Grady foi intendente durante os governos de José Augusto e de Juvenal Lamartine, os últimos governadores da Primeira República e apoiadores de Washington Luís. Com a ascensão de Vargas, em razão de um Decreto que destituiu todos os intendentess, Omar O'Grady deixou o poder.

⁴⁰⁸ Foi Omar O'Grady quem contratou, em 22 de abril de 1929, o arquiteto Giacomo Palumbo para a realização do Plano Geral de sistematização de Natal, que considerava o crescimento da cidade.

⁴⁰⁹ Mais detalhes sobre a atuação de Manoel Dantas, recomenda-se ver: Santos (2009).

⁴¹⁰ Entre 1926 e 1930 várias das cerimônias de inauguração de obras por Omar O'Grady contam com a presença do Bispo de Natal, Dom José Pereira Alves, que se refere a algumas solenidades realizadas em 1926. (SANTOS, 2009. p. 16). Além disso, vale lembrar que a missa de sétimo dia de O'Grady, realizada em 1985, foi celebrada pelo bispo do Rio de Janeiro, na Igreja de Nossa Senhora de Copacabana.

natalense, com a qual O' Grady mantinha relações. Ao que tudo indica, em Natal, os embates entre a Igreja e o Rotary resultavam de disputas intra-elite e intra-Igreja. Isso parece explicar por que Monte concentrou suas críticas no movimento internacional, sem citar nome locais, pois tinha clareza que precisava associar-se à luta da Igreja, sem perder seus fiéis em Natal.

Quatro meses depois do primeiro número do jornal *A Ordem*⁴¹¹ e quatro meses antes da criação do Rotary de Natal,⁴¹² esse periódico lançou sua primeira mensagem contra o clube. Assim, em 8 de novembro de 1935, *A Ordem* apresentou, em sua primeira página, um artigo escrito por R. Jacquin, que havia sido publicado na *Revue Apologetique*, de Paris, em junho de 1929, traduzido para o jornal fortalezense *O Nordeste*⁴¹³ e publicado na edição de 24 de fevereiro de 1934 deste periódico. Antecedendo a esse artigo, a primeira página do jornal ainda trazia a manchete central e um texto introdutório ao artigo, que faziam referências ao Rotary Club.

A manchete em destaque na primeira página reproduzia um trecho do artigo: “A pretexto de tolerância, de largueza de ideias, a filosofia rotariana põe todas as religiões em pé de igualdade – o que não pode ser absolutamente aceito por nenhum catholico [sic] esclarecido”. (*A Ordem*, 8 nov. 1935). Ainda nessa primeira página há um pequeno texto, após a manchete, sem autoria identificada, que podemos atribuir a Monte,⁴¹⁴ no qual fica evidenciada a sua posição em relação à fundação do clube em Natal:

Consta que se pretende fundar entre nós o ‘Rotary Club de Natal’. este jornal falharia ao seu programma de orientador da opinião dos catholicos, se não dissesse a sua palavra a respeito dessa instituição que se chama ‘Rotary Club’. Preferimos todavia passar para as nossas columnas o artigo abaixo transcripto do órgão cathólico de Fortaleza – ‘O Nordeste’, de 24 de fevereiro de 1934 (*A ORDEM*, 8 nov. 1935, grifos nossos).

A manifestação, no entanto, não vem acompanhada da menção aos personagens que seriam os responsáveis por essa iniciativa, o que parece sugerir que *A Ordem* teve a preocupação de não agredir os membros do clube, pois entre eles estavam homens como Omar O'Grady, que tinham prestígio no seio do catolicismo e da intelectualidade natalense. No que diz respeito às

⁴¹¹ O primeiro número deste jornal foi lançado, como já afirmei, em 14 de julho de 1935.

⁴¹² Vale lembrar que o Rotary Clube de Natal foi criado em 10 de março de 1936.

⁴¹³ Segundo Pinto (2011), o jornal *O Nordeste* funcionou entre 1922 e 1967, sob a direção da Arquidiocese de Fortaleza. O jornal condenou as revoltas tenentistas, atuou na Liga Eleitoral Católica, elogiou Plínio Salgado, Adolf Hitler, Benito Mussolini, Engelbert Dollfus, adotou posições antissemitas, apresentou vetos ao protestantismo, à maçonaria e ao espiritismo (PINTO, 2011).

⁴¹⁴ A suposição deriva da informação dada por Jurandyr Navarro de que a maioria dos textos sem autoria publicados no jornal *A Ordem* foram escritos por Monte.

críticas ao Rotary apresentadas originalmente na revista francesa *Revue Apologétique*, alguns elementos chamam a atenção.

[...] O Rotary pretende ter missão moral e social, consistindo principalmente em ‘servir’ à sociedade. [...] O espírito dessa associação não é, de fato, senão uma dissimulação hábil do laicismo maçônico. [...]

O rotariano, como tal, qualquer que seja a sua religião, deve adotar um código moral especial (Rotary Code of Ethic), que faz abstração de todas as religiões positivas e se coloca acima de todas elas.

[...] O Rotary traz do berço um vício original. Fundado por um maçom, seus primeiros membros eram maçons, vários de seus diretores são maçons.

Conclusões: 1º O Rotary tem origens maçônicas. 2º em muitos países, marcha de braços com a maçonaria. 3º Em certos lugares, assumiu atitudes abertamente anticatólicas. 4º A moral rotariana não é senão um disfarce da moral leiga maçônica (A ORDEM, 8 nov. 1935).

As críticas feitas ao Rotary, divulgadas no jornal *A Ordem*, não se limitaram ao momento de sua criação na cidade, podendo ser identificadas, ao longo dos anos, em outras matérias desse periódico. Em todos os artigos – assinados ou atribuídos – de Monte, há críticas veementes ao projeto internacional do Rotary, sendo que seus argumentos são os mesmos apresentados internacionalmente pelos intelectuais da Igreja Católica. Provavelmente, ele teve acesso a essas discussões durante o período de sua formação sacerdotal. Nas investigações que realizei n’*A Ordem*, único espaço em que ele se referiu ao Rotary, eu não encontrei originalidade nas ideias de Monte. Ao que tudo indica, ele publicava localmente as críticas para marcar a posição da Igreja em Natal.

Em artigo publicado em 13 de março de 1936, três dias depois da criação do clube em Natal, Monte afirmou que sua crítica, que era também a da Igreja, se devia à ausência de uma moral cristã no Rotary. Vale lembrar que a moral rotariana estava centrada em quatro pontos: o companheirismo e o auxílio mútuo entre os seus membros; o desejo de construir uma paz universal; a capacidade dos homens mutuamente educarem as suas inteligências e as suas vontades para realizar obras engrandecedoras para a humanidade e, finalmente, a reorganização e o funcionamento da família. Monte, no entanto, não faz nenhuma crítica a essa moral rotariana. Suas críticas derivam do fato dessa moral não incluir o cristianismo como algo essencial para a constituição da moral. Essas ideias de Monte (2001. p. 95) estão explicitadas da seguinte maneira:

O ‘Rotary Club’ tem um código de moral.

Unidos pelo ideal do companheirismo e do mútuo serviço, os rotarianos aspiram a paz universal, educação da inteligência e da vontade, à reorganização e ao aperfeiçoamento da família.

Pretendem, como diz o **Rotary Code of Ethic**, salvar a sociedade, propagando princípios de moralidade. Mas tudo isto pretende o **Rotary** sem o concurso da moral religiosa cristã. (grifos do autor).

Na sua perspectiva, a moral criada pelo movimento rotariano é inconsistente, uma vez que nada sobrevivia sem a presença de Deus, nem mesmo uma forte amizade. Assim sendo, apenas Deus era capaz de garantir um bom futuro para o homem. Ainda no mesmo texto publicado em 13 de março de 1936, Monte recorre a uma encíclica papal para firmar sua posição de que, por aceitar todas as religiões, o Rotary cometia um grande erro, que não poderia ser superado por qualquer outra prática moral. Textualmente, afirma Monte (2001. p. 95-96):

Não é, pois, sem razão, que vemos no Rotary Club uma dessas associações das quais dizia Leão XIII na Encíclica *Humanum Genus*, que abrindo as suas portas a quaisquer pretendentes, sem distinção de religião, conseguem que penetre nas inteligências o grande erro de nossos tempos, que consiste em crer que a Religião pertence ao número das coisas indiferentes e que todas as religiões são iguais.

A moral rotariana, que divinizou a amizade que ele faz manancial sempre puro de moralidade e de justiça... [sic] (ver regra sete, do código rotariano) funda-se, pois, em um naturalismo radical, em um indiferentismo religioso absoluto um ateísmo prático que prescinde de Deus, fim e destino do homem.

A crítica à presença de um clube rotariano na cidade só surgiu com maior clareza em um artigo de Monte, publicado em fevereiro de 1939:

O Rotary Club, em Natal, volta à carga. Procura, num movimento envolvente, estabelecer a confusão no meio dos católicos.

Toda essa obra perniciosa de liberalismo confusionista resulta em pura perda. O Rotary Club já está suficientemente identificado, para os católicos do mundo inteiro. Um ou outro católico, um ou outro sacerdote, poderá nele ingressar, aceitar convites para ir a reuniões suas. Mas uma coisa é o católico, sacerdote ou leigo, outra coisa muito mais séria é o catolicismo, é a Igreja. E esta pelo seu Código de Direito Canônico, manda que os católicos se afastem das sociedades suspeitas. Ora, o Rotary Club é apontado pela Igreja como sociedade suspeita. Logo, o católico não deve pertencer a ele, nem prestigiá-lo, direta ou indiretamente (MONTE, 2001. p. 100, grifos do autor).

Para Monte, o Rotary Club em Natal vinha gerando uma confusão entre os católicos, que decorria do próprio liberalismo que o Rotary defendia, que levava a antagonismos e desordem. Aderir ao liberalismo significava que o homem podia ser livre para se distanciar de Deus e para praticar a usura. Este modelo fazia o homem duvidar dos seus próprios referenciais, uma vez que a liberdade plena passava a ser o objetivo da ação humana. Em razão disso, os católicos eram conclamados a perceberem os malefícios do liberalismo, sendo que para Monte um católico não podia ser membro nem do Rotary e nem de outra entidade de caráter similar.

Seguindo essa linha de raciocínio, Monte afirma que, apesar de o Rotary ser um problema, por não levar em consideração os preceitos da Igreja Católica, ele também é um problema para os demais países, uma vez que essa entidade não tem subordinação aos Estados Nacionais, mas, sim, às diretrizes internacionais estabelecidas para os clubes rotarianos em todo o mundo. Nesses termos, Monte (2001. p. 101) afirma que

Mesmo sem o encarar [o Rotary] sob o aspecto religioso, mesmo sem levar em conta o desdém profundo que ele vota à religião, pelo seu agnosticismo completo, convém olha-lo sob o aspecto político-social, recordando que o governo da Itália, acaba de dissolvê-lo, como há tempos já dissolvera a maçonaria, que o governo brasileiro exigiu a reforma dos estatutos rotários, cujo caráter de subordinação internacional era por demais patente, que o marechal Pétain, na França, quando Ministro da Guerra, por uma Circular datada de 12 de novembro de 1934, pôs de sobre-aviso os comandantes de Corpos, contra a atividade desenvolvida pelos membros estrangeiros do Rotary, para entrar em relações com os oficiais franceses.

Como se pode constatar, Monte critica o Rotary, entre outras coisas, por aceitar o agnosticismo e por distribuir orientações aos seus membros, que desconheciam a importância dos estados nacionais. Em razão desses argumentos, ele considera como acertada a orientação da Igreja, que desaconselhava a participação de católicos nos clubes rotarianos e em outras sociedades secretas.

Fiel ao nosso dever de esclarecer aos católicos, não podemos deixar de voltar ao problema do Rotary Clube, o que fazemos baseados não em frágeis argumentos, mas em declarações e atitudes positivas de nossas autoridades eclesiais, em farta, segura e abundante documentação, publicada pela imprensa católica do mundo inteiro.

Em nossas páginas, por vezes sem conta, publicamos claras determinações, inofensíveis mandamentos de bispos de vários países desaconselhando o Rotary Clube aos católicos. Nem se argumente não existir ainda um mandamento impresso dos bispos brasileiros, contendo idêntica determinação. Primeiramente o Rotary, no Brasil, ainda não está muito desenvolvido. Depois, os jornais e revistas católicas da país [sic], com sede num sem número de dioceses, combate a doutrina rotária e até agora nenhum bispo proibiu tal campanha, mas, ao contrário, nela vê uma necessidade.

E de outro modo não pode ser. O código de Direito Canônico manda os católicos evitarem as sociedades suspeitas. O Rotary o é, já pelo seu caráter declaradamente neutro, agnóstico, já pelas suas ligações com a maçonaria (MONTE, 2001. p. 103).

Incorporando, portanto, uma crítica feita pela Igreja – a nível internacional – aos Rotary Clubes, Monte reiterava que “Ninguém serve a dois senhores!” (MONTE, 2001. p. 104), isto é, ou se servia a Deus ou às diretrizes liberais e agnósticas do rotarismo.

Ao longo deste tópico, procurei demonstrar que a produção intelectual de Padre Monte, no que chamamos aqui de geopolítica, esteve muito vinculada às diretrizes da Igreja Católica, não apresentando quaisquer divergências. Suas reflexões não podem ser caracterizadas como inovadoras, sendo que costumava se manifestar somente após as declarações feitas por outros intelectuais católicos sobre o tema. Os seus ataques são sempre desferidos contra inimigos comuns da Igreja, sendo que não o encontrei criticando parceiros da Igreja, nem convicções que, de algum modo, pudessem afetar quaisquer relações de poder no espaço religioso católico. Demonstrou, no entanto, ter plena consciência do que representava esta defesa da Igreja e o ataque aos seus inimigos, assim como o conhecimento do papel que esta instituição desempenhava no âmbito mundial para a manutenção do equilíbrio geopolítico.

Na continuidade, trataremos da produção de Monte enquanto um homem de ciência, destacando a vinculação entre seus experimentos científicos com a ciência produzida nas primeiras décadas do século XX e as discussões que vinham sendo travadas acerca das verdades da Bíblia e da Ciência.

3.2 Um homem da ciência: caminhos para consolidar a fé

A partir de 1925, Padre Monte passou a escrever artigos sobre temáticas relacionadas às ciências, associando-as com a fé, pois na perspectiva desse religioso, a ciência e a fé andavam juntas. Seu primeiro artigo nessa área, denominado *Heterogênese: Haeckel em apuros*, discute a origem da vida. Segundo Padre Monte (2001. p. 177-178),

Haeckel⁴¹⁵ procurando dar uma solução possível ao árduo problema da vida, assim se exprime: ‘A teoria monística considera as forças da natureza orgânica e inorgânica como o produto das forças materiais... e reconhece, nas fases da evolução, os efeitos necessários de leis naturais eternas e necessárias’⁴¹⁶. Ao espírito menos observador é fácil descobrir o famoso professor de Iena⁴¹⁷ [sic] preso às tenazes duma manifesta contradição⁴¹⁸.

⁴¹⁵ Ernst Heinrich Philipp August Haeckel (1834-1919) foi um biólogo, médico e professor alemão que foi um dos principais expoentes do cientificismo positivista e difundiu as descobertas de Charles Darwin.

⁴¹⁶ A teoria de Haeckel estava centrada na trindade monista da substância: a matéria (substância extensa e que ocupa espaço), a energia (substância em movimento) e a sensibilidade (psicoma ou substância sensível e excitável). Essa trindade, fundamento da filosofia monista de Haeckel, foi contraposta à trindade dualista da divindade (Deus criador, Espírito Santo e Deus Filho). Haeckel pretendia, através de uma ciência realista e monista, ultrapassar uma filosofia dualista que cria forças imateriais e transcendentais (FREZZATTI JUNIOR, 2003, p. 435-461).

⁴¹⁷ Acredito que Monte esteja se referindo à Universidade de Jena, uma vez que essa universidade alemã foi o espaço acadêmico no qual Haeckel desenvolveu as suas principais pesquisas.

⁴¹⁸ Para Monte, Haeckel estava equivocado ao formular a teoria monística para explicar a origem da vida. Ao defender essa tese, o religioso potiguar estava argumentando em favor de que a origem da vida articula elementos químicos e teológicos.

[...] Haeckel, quando escreveu a ‘História da Criação’, parece se esqueceu de uma proveitosa lição do seu mestre **Darwin**: ‘poderá, por ventura [sic], apresentar-se um só fato, ou ao menos uma sombra de fato, que fundamente a opinião de que elementos inorgânicos pudessem produzir um ser vivo!’ (*Athaeneum*, 25 de agosto de 1863 pág. 54).⁴¹⁹

Verdade é que a química com **Bertholet** conseguiu plasmar artificialmente alguns produtos semiorgânicos. Mas, entre estes produtos pseudo-orgânicos elaborados nos laboratórios e os princípios orgânicos formados pelo princípio vital, existe uma distância intransponível: aqueles, são incapazes de qualquer função vital, estes, porém, produzem necessariamente operações imanentes. Se, pois a ciência que classificou e sujeitou a matéria a suas sínteses e análises, não conseguiu formar um princípio endogênico como é o princípio vital, claro é que ele prescinde das forças da matéria. **Liepzig**, em suas célebres ‘Cartas sobre a química’, diz com razão, ‘Estamos em circunstâncias de dirigir, mudar, aumentar e anular a força dos átomos... mas, a química nunca poderá fabricar uma célula, uma fibra muscular, em uma palavra, preparar no laboratório qualquer organismo com ‘suas propriedades vitais’.

[...] **Brass** realizou uma conferência em Berlim a 10 de abril de 1908, acusando-o de falsificação. Mostrou como ele (Haeckel) com o mesmo clichê havia representado o embrião do homem e do símio; com o mesmo clichê o do cão, do castor e da tartaruga; como pôs uma cabeça de homem no embrião do símio e vice-versa; como o embrião do homem estampado no clichê M2 não era mais que o clichê G2 que representava o embrião do simio *Cercocebs cynomolgus* etc., etc.

Haeckel protestou, mas **Gross** reiterou os seus argumentos, pelo *staatsburgs* de Berlim, em 25 de abril do mesmo ano, acompanhando-os de provas tão evidentes que obrigou o catedrático de Iena a renunciar a autoria dos clichês: ‘os desenhos postos em questão, diz Haeckel, não são meus, são apenas cópias de outros autores bem conhecidos’.

Gross replicou com o opúsculo ‘ignorância ou falsificação?’ que fez o seu antagonista perder as estribeiras. Foi tal a polêmica pelos jornais **Munchener Munster** e **Münchener Allgemeine Zeitung** que **46 professores da Universidade de Berlim**, para pôr termo à questão, fizeram a seguinte declaração: Nós abaixo assinados, professores de anatomia, zoologia, diretores dos museus de H. Natural e botânica, declaramos que não admitimos o método científico da esquematização usado por Haeckel... E ainda há quem diga que além da força e matéria a ciência positiva não conhece mais nada! (grifos nossos).

Considerando este primeiro texto de Monte, creio ser importante destacar que, nele, são mencionados vários autores estrangeiros⁴²⁰ e aparecem expressões escritas nas línguas inglesa e alemã, apontando, não apenas para o seu interesse na produção científica internacional, como também para o acesso às obras mencionadas e para a possibilidade de fazer sua leitura.

⁴¹⁹ A revista *Athaeneum* era publicada em Londres, no século XIX. Na internet, existe um site chamado <http://darwin-online.org.uk/> que traz sete artigos escritos por Darwin publicados nessa revista. No ano de 1863, localizei dois artigos, mas não há o artigo citado por Padre Monte. Para a discussão que proponho neste tópico, é importante destacar que Monte faz referência a uma revista internacional.

⁴²⁰ Além dos autores estrangeiros que grifei no excerto, Monte ainda se refere a Flourens, Huxley, Buchaman e Murray, Werchow, Hensen, Hamann, Wasmann e Brass.

Considerando as informações que dispomos sobre o Seminário de São Pedro no ano de 1924 e 1925, é possível fazer algumas inferências. Em seus dois primeiros artigos, publicados em 1924, Monte tratou de questões que envolviam a Igreja Católica, não havendo qualquer acionamento explícito de autores estrangeiros ou de teóricos, o que se observa no artigo que escreveu sobre a heterogênesse.

Durante alguns meses deste mesmo ano, o Padre alemão Ivo Telch, destacado teólogo europeu,⁴²¹ ministrou cursos para os seminaristas, sendo plausível supor que tenha indicado ou trazido consigo autores, obras e discussões científicas próprias daquele período. Além disso, os grêmios dos seminários, já mencionados neste trabalho, também promoviam discussões sobre temas contemporâneos. Provavelmente, o contato com o professor alemão, com os textos por ele indicados e com as discussões feitas nos grêmios levaram Monte a perceber a ciência como uma aliada na defesa que fazia da Igreja.

Apesar de considerar que certos elementos conjunturais próprios da cidade de Natal e da Igreja local foram importantes para que Monte se interessasse por ciência, se faz necessário ampliar essa discussão para os debates nacionais e internacionais que vinham sendo travados, bem como para as descobertas feitas entre o final do século XIX e a década de 1920. Dentre elas, estão as da área da Biologia (Teoria da evolução), da Física (Eletromagnetismo, Teoria da Relatividade, Física quântica), entre outras, que estimularam a popularização da ciência. Nessa conjuntura, se fortaleceram as correntes de pensamento cientificista, como o darwinismo social do inglês Spencer, o monismo alemão e o positivismo francês de Augusto Comte (SEVCENKO, 1998. p. 14).

No Brasil, essa divulgação científica ocorreu em meio a embates entre as correntes cientificistas⁴²² e a Igreja Católica. Segundo Shall (2014), em 1908, por exemplo, o criminalista italiano Enrico Ferri, discípulo de Cesare Lombroso, proferiu no Rio de Janeiro e em São Paulo uma série de conferências, nas quais abordou o darwinismo e o evolucionismo. Essas conferências provocaram reações da Igreja Católica no Rio de Janeiro e em São Paulo. No Rio de Janeiro, católicos como Carlos de Laet, Antônio José de Oliveira e Silva e Afonso Celso se contrapuseram às ideias de Ferri, em conferências realizadas no Gabinete Português de

⁴²¹ Paiva (1948, p. 47) enfatiza a participação do Padre Telch na formação dos seminaristas. Segundo ele, esse Padre ministrava os cursos em latim e, nesse idioma, arguia os alunos. Não encontrei maiores referências sobre o Padre Telch, mas, considerando o perfil dos religiosos europeus que vinham para o Brasil na década de 1920, posso inferir que tinha uma formação geral ampla e atualizado em relação aos debates que envolviam a Igreja Católica.

⁴²² Para uma discussão das correntes cientificistas no Brasil, Cf. Schwarcz (1993).

Leitura.⁴²³ Em São Paulo, ocorreu um movimento semelhante, e coube ao Padre João Gualberto do Amaral⁴²⁴ refutar Ferri.⁴²⁵ Nas conferências realizadas por esse Padre em 1908, ele contestou os fundamentos do evolucionismo de Lombroso e Ferri, utilizando-se, exclusivamente, de argumentos científicos.

A partir de julho de 1914, o Padre João Gualberto passou a morar no Rio de Janeiro e em 1915, realizou as conferências apologético-científicas no Círculo Católico, a convite do cardeal Arcoverde. Nessas conferências, ele discutiu, entre outros temas,

[...] a filosofia em biologia, a finalidade citológica, os cristais líquidos de Lehmann e as arborizações artificiais de Leduc, a Psicologia Zoológica, a alma e o corpo, a alma e as localizações cerebrais, as objeções contra a alma, a alma e a Medicina, a inteligência, a vontade, o livre arbítrio, o evolucionismo, a Antiguidade, o selvagem, o menino, o degenerado, o louco, o criminoso, o gênio, o santo, a moral científica, a sociedade familiar, a questão operária e a Antropologia, a velhice, a morte, a imortalidade. Toda a elite intelectual do Rio o escuta. Rui [Barbosa?] sempre está presente. De 1924 a 1927, prega na catedral do Rio o mesmo infatigável João Gualberto. Sobre o quê? Questões filosóficas como base da fé religiosa, o racionalismo, a divindade de Jesus, as religiões comparadas. Era um curso de apologética (VILLAÇA, 2006. p. 151).

A inserção de Padre João Gualberto do Amaral nos debates da Igreja contra o cientificismo no Rio de Janeiro e em São Paulo nas três primeiras décadas do século XX provavelmente repercutiu em Natal, e Padre Monte deve ter incorporado muitos dos elementos que estavam em pauta.

O Cônego Jorge O’Grady de Paiva, que publicou, em 1948, o livro *Verdade e Vida*, no qual biografou Padre Monte, publicou também, em fevereiro de 1952, uma biografia do Padre João Gualberto, intitulada *João Gualberto: varão da eternidade*.⁴²⁶ Comparando-se as duas biografias, percebe-se a presença de elementos que são comuns aos dois biografados. Ainda que eles não sejam tão evidentes, Paiva enalteceu em ambos a sabedoria. De forma muito semelhante ao que escreveu sobre Monte, Paiva afirmou que

⁴²³ Para dimensionar a visibilidade dessas conferências católicas, cabe destacar que os debates que trouxeram se fizeram presentes nos jornais e revistas da época, gerando charges e artigos. A revista Fon Fon, por exemplo, publicou uma charge, intitulada *Pobre Ferri!*, na qual explicitava: “Vou ter a honra de fazer a milésima conferência contra o Ferri. Dizem que descendemos do macaco! Eu, parente dos monos? Nuncaras [sic]! Vou esbodegar com os taes Darwin, Höckel [sic] et caterva [...]” (POBRE Ferri!, 1909, p. 18).

⁴²⁴ Padre João Gualberto do Amaral nasceu em Aguapé, Minas Gerais, no dia 28 de abril de 1873, e faleceu em Petrópolis, aos 75 anos, no dia 28 de janeiro de 1948.

⁴²⁵ A respeito dessas conferências, ver mais em: Schall (2014, p. 35).

⁴²⁶ A obra *João Gualberto: varão da eternidade*, escrita pelo Cônego Jorge O’Grady de Paiva, foi vencedora do prêmio Carlos Laet, realizado pela Academia Brasileira de Letras, em 1953.

Foi João Gualberto um sábio na mais exata acepção do vocábulo [...] Sua inteligência ultrapassava as raias do simples talento para penetrar nas lindes do gênio. Lendo, absorvia sem fadiga, assimilava de ponto a ponto e retinha com extrema facilidade. A memória angélica permitia-lhe repetir, literalmente, as explicações dos mestres, dos quais até os gestos apanhava. Com uma só leitura, aprendia de cor página inteira (PAIVA, 1952. p. 51).

[...] Não era menos privilegiado o cérebro de João Gualberto, possuidor de uma cultura ecumênica, da qual nenhum departamento do saber estava ausente. E sua ciência não era divorciada da sabedoria. [...] (PAIVA, 1952. p. 53).

[...] Para João Gualberto, o melhor da ciência está na especulação. [...] É o partir dos primeiros princípios para atingir as últimas consequências (PAIVA, 1952. p. 54).

[...] Em 1916, em Juiz de Fora, em companhia de alguns Padres de Viena e de Berlim, da Congregação do Verbo Divino, fez diversas experimentações científicas. [...] Ainda em Juiz de Fora, fez experiências de química coloidal, que considerava de transcendental importância para os seus estudos de apologética. E na Escola Politécnica de Ouro Preto, fez estudos experimentais sobre cristalografia.

[...] Era João Gualberto, por essa época, o mais abalizado refutador do Brasil à ciência materialista e ateia da qual o ilustre representante, poucos anos antes, Enrico Ferri, fora por ele reduzido ao silêncio (PAIVA, 1952. p. 57).

É provável que Paiva tenha estabelecido aproximações entre os Padres Monte e Gualberto no que se refere às discussões científicas que fizeram, ainda que tenha optado por discutir os dois de forma isolada. De todo modo, percebe-se que Monte se inseriu nas discussões que vinham sendo travadas nos grandes centros brasileiros. Isto nos leva a propor que as leituras que fez e os textos que escreveu decorreram, efetivamente, de uma escolha pessoal, que esteve, no entanto, vinculada às circunstâncias históricas que inseriam o catolicismo no debate científico.

Entre 1925 e 1926, Padre Monte escreveu uma série de quinze artigos, intitulada *Bíblia e Ciência*, uma vez que na década de 1920 mantinha-se o dilema sobre se a verdade estaria com a Bíblia ou com a Ciência.⁴²⁷ Tal dilema florescia, sobretudo, em razão das grandes descobertas que a ciência fizera até as primeiras décadas do século XX. Monte defendia a tese de que não havia dilema, sendo que as verdades da Bíblia e as verdades da ciência tinham funções diferentes, cabendo à teologia acompanhar todas as manifestações científicas para diferenciar

⁴²⁷ O dilema entre Bíblia e Ciência é apontado por Monte como algo que se fazia presente na literatura alemã, sobretudo em Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832). Ao buscar mais informações sobre esta afirmação, identifiquei as incursões de Goethe pelo evolucionismo e por outras investigações científicas. Todavia, é importante ressaltar que Padre Monte mobilizou um pensador alemão, que viveu a transição entre o Romantismo e a Modernidade. Foram as incertezas do tempo de Goethe que inspiraram Monte a pensar nos anos 1920 o dilema entre fé e ciência. Apesar de recorrer a Goethe, Monte não adentrou na discussão do pensamento moderno e nas críticas ao catolicismo. Aliás, as críticas à Igreja feitas pelos pensadores modernos são sempre apresentadas por Monte como algo arrogante e impertinente. Para saber mais informações sobre Goethe e a Modernidade, conferir Jaeger (2007, p. 309-322).

o que havia de falso e de verdadeiro (MONTE, 1978. p. 63). Para o religioso potiguar (1978. p. 64), “A pseudo-ciência pode estar em contradição com a Bíblia, enquanto a verdadeira ciência nunca será sua antagonista”. Nesses termos, a ciência falsa afastava as pessoas dos ensinamentos da Igreja, enquanto a ciência verdadeira ajudava a Igreja a salvar almas.

Consideração a vinculação do dilema entre ciência e religião a um debate mais amplo, cabe lembrar que, segundo Harrison (2007. p. 6 -11),

Tão inextricavelmente conectados eram os conceitos duais de Deus e natureza que é enganoso tentar identificar vários tipos de relacionamentos entre ciência e religião no século XVII e XVIII. ‘Ciência’ e ‘religião’ não eram entidades independentes que podiam sustentar alguma relação positiva ou negativa entre si, e tentar identificar tais conexões é projetar para o passado um conjunto de preocupações que são tipicamente de nossa própria época. [...]

O nascimento da disciplina moderna, como é geralmente aceito agora, ocorreu durante o século XIX. De acordo com Simon Schaffer, foi o século XIX que testemunhou ‘o fim da filosofia natural e a invenção da ciência moderna’.

[...] A transformação da história natural na ‘biologia’ científica foi uma parte vital desse processo. Uma vez que **a história natural tinha sido tradicionalmente dominada pelo clero, as novas disciplinas científicas de biologia e geologia gradualmente alcançaram independência da influência clerical enquanto, ao mesmo tempo, legitimaram um novo conjunto de autoridades não eclesiásticas.**

[...] **O século XIX viu o bastão de autoridade passar daqueles que possuíam vocação religiosa para a nova geração de cientistas.** Como o historiador A. W. Benn (1906: 198) observou em primeira-mão, **‘uma grande parte da reverência uma vez dada aos Padres e às suas histórias de um universo não visível, foi transferida ao astrônomo, ao geólogo, ao físico, ao engenheiro’.** Ao mesmo tempo, **as ‘maravilhas da natureza’ de modo crescente passaram a ser consideradas como ‘maravilhas da ciência’.** A junção da nova aliança de disciplinas sob a chancela ‘ciência’ tornou possível pela primeira vez uma relação entre ‘ciência’ e ‘religião’. (grifos nossos).

Associando as ideias de Peter Harrison com as práticas de Monte, torna-se possível compreender melhor as razões para que ele criticasse o fato de alguns autores encontrarem um dilema entre ciência e religião, uma vez que ele próprio enxergava perfeita sintonia entre o campo religioso e o campo científico. Pelas ideias de Harrison, ciência e religião só se tornaram campos dissociados no século XIX, quando os cientistas passaram a ter autonomia diante do clero. Dessa forma, no século XX a ciência e a religião já estavam separadas como dois campos distintos. Nessa perspectiva, nos anos 1920, Monte vivencia um cenário no qual a Igreja identificava a impossibilidade de retomar um tempo em que a religião e a ciência eram uma unidade, mas, ao mesmo tempo, almejava permanecer dominando o campo científico, percebendo-o com especificidade e associando-se aos dogmas católicos.

Ao realizar essa ação, o religioso praticava uma estratégia adotada pela Igreja para não perder o seu papel de protagonista do conhecimento nos diversos campos do saber. Trata-se de uma ação sintonizada com as diretrizes do catolicismo naquele momento histórico. O clero não tinha mais o controle dos estudos científicos, tendo em vista que os cientistas proliferavam com as suas pesquisas e, sendo assim, nada mais apropriado do que a Igreja também apresentar os seus próprios cientistas e mostrar-se para o conjunto da sociedade como uma instituição que continuava guiando, espiritualmente e cientificamente, o presente e o futuro dos homens e das mulheres.

Por considerar que não havia contradição entre ciência e religião, Monte defendeu o protagonismo da Igreja na discussão de temas que poderiam ser abordados a partir da conciliação de interpretações religiosas e científicas. De acordo com ele, a origem do universo partia da premissa inquestionável de que Deus era o criador e, quem pensasse diferente disso, não estava fazendo ciência. A Bíblia era, em razão disso, a ciência divina e dela derivavam todas as descobertas dos homens. A ciência, ao contrário da Bíblia, não era capaz de comprovar o começo do mundo, nem os mistérios divinos (MONTE, 1978. p. 67-70). Sob esta perspectiva, todas as descobertas da ciência estavam subordinadas às grandes realizações de Deus.

A origem do universo, na interpretação de Monte, foi uma ação de um Deus criador, e, sendo assim, o religioso considerava que negar essa verdade era uma desvirtuação da ciência. Para ele, os cientistas modernos reivindicam “real poder e saber na vida e nas ciências eclesiais” (MONTE, 1978. p. 71), uma vez que esses estudiosos, desconsiderando o que estava na Bíblia, procuravam explicações para o que já havia sido definido por Deus. A ciência devia ser construída a partir do que estava escrito na Bíblia, que, por ser sagrado, não podia ser transformado em hipótese a ser confirmada ou refutada. No entanto, segundo Monte, contrariamente a esse pressuposto, alguns leigos praticam uma falsa ciência “[...] e quando a autoridade eclesial intervém, condenando essas demasias, clamam que são vítimas do despotismo romano” (MONTE, 1978. p. 71).

Na interpretação do religioso, “pode a ciência continuar a descobrir novas leis, contudo, ela deve convir que toda lei pressupõe um legislador” (MONTE, 1978. p. 75). Nesse caso, o universo tinha o seu legislador: Deus. Em razão disso, todas as descobertas terrenas estariam subordinadas às leis formuladas por Deus, comprovando, também, a existência desse ser supremo. Os homens, por mais que se esforcem, sempre encontrarão leis que foram previamente elaboradas por Deus. Ao defender a ideia de que Deus era o grande legislador do universo, Monte mobiliza o pensamento de Immanuel Kant (1724-1804), argumentando que

esse filósofo apresentava objeções à ideia de Deus como o grande legislador. Segundo Monte, para Kant,

[...] ‘a ordem do universo poderia, quando muito, provar a existência d'um grande arquiteto, d'um supremo regulador, que preparasse e adaptasse a matéria preexistente, mas não confirmar a existência d'um supremo legislador, Criador onipotente cuja idéia [sic] produzisse tudo quanto o mundo encerra’. Na ideia de Kant, por conseguinte, Deus teria dado apenas a forma às coisas já existentes (MONTE, 1978. p. 75).

Em seu esforço de apresentar a interpretação equivocada de Kant, Monte (1978. p. 75) afirma que a Filosofia

[...] nos ensina ser a forma das coisas essencial e inerente às mesmas, conseqüentemente, delas inseparável. Logo, aquele que determinou a forma, também criou a matéria, visto uma não poder existir sem a outra. Daí se conclui que, Deus sendo o arquiteto é necessariamente o criador.

Ao sustentar o argumento de que Deus era o grande legislador de todas as leis do universo, percebe-se tanto a inadequação do debate que Monte trava com Kant, quanto a ausência de uma fundamentação científica no pensamento criacionista⁴²⁸ de Monte. Inicialmente, é importante destacar que o debate com Kant se reveste de anacronismo, uma vez que Kant viveu em um tempo em que ciência e religião apareciam como instâncias diferentes. A ideia de Kant não se vinculava à discussão trazida ao debate por Monte nos anos 1920. Vale lembrar que a argumentação de Kant se inseriu em um período no qual não existia a discussão da separação entre esses dois campos. Portanto, era inadequado mobilizar Kant para um debate em torno de ideias em um tempo em que a ciência e a religião eram vivenciadas sob parâmetros diferentes.

Para analisar o segundo aspecto – a ausência de cientificidade no pensamento defendido por Monte – é importante discutir as regras que designam a ciência. Desde o século XIX, quando a ciência e a religião se separaram, foram sendo construídos parâmetros para a validação das descobertas científicas. O que caracteriza a ciência não é a acumulação de informações sobre um determinado tema, nem a capacidade de um indivíduo aprofundar seus conhecimentos sobre um objeto de estudo, nem muito menos a adoção de rituais (como, por

⁴²⁸ O pensamento criacionista está relacionado a defesa da veracidade do relato bíblico da criação, em oposição ao evolucionismo.

exemplo, sentar-se e ficar durante horas seguidas realizando experimentos).⁴²⁹ A ciência não está vinculada à reprodução de rituais e padrões comportamentais. A ação de um cientista exige a adoção de método científico, uma teoria que embase seu trabalho e a análise rigorosa das fontes. Nesse sentido, faz-se necessário formular um problema de pesquisa e as hipóteses de trabalho, que serão testadas a partir de critérios previamente definidos, de maneira que ela pudesse ser reforçada ou refutada.

Na década de 1920, as discussões giravam em torno de uma dualidade de interpretação dos fenômenos científicos,⁴³⁰ sendo que existiriam duas formas possíveis de fazer ciência: a primeira (que era defendida por Monte) se caracteriza por conceber que Deus criou todas as leis que regem o Universo e a vida. A segunda (à qual Monte se opunha) argumenta a favor das explicações oriundas das então recentes Ciências Biológicas,⁴³¹ formuladas com base na Teoria da Evolução.

Sendo assim, podemos caracterizar o pensamento de Monte como anticientífico por ser criacionista, uma vez que ele considerava que as leis da natureza haviam sido elaboradas pelo Criador: Deus. Sob a perspectiva monteana, existia uma naturalização da relação homem-natureza, sendo que esta última – enquanto obra divina – define as condições do homem na Terra. Assim, se a natureza fosse diferente do que é, o homem não conseguiria sobreviver.

Para comprovar que Deus criou tudo o que existia no Universo, Monte se deteve em uma série de observações sobre a obra de Deus na Terra. Para o religioso, tudo na natureza foi

⁴²⁹ A fotografia que abre este capítulo é a do laboratório Monte mantinha no Seminário. Com base nela, os admiradores de Monte o consideraram um cientista, usando-a como prova dos experimentos que fazia. Este tipo de visão desconsidera, no entanto, o papel essencial desempenhado pelo método na definição do que é ciência.

⁴³⁰ Contemporaneamente os princípios do criacionismo ressurgiram sob o nome de *teoria do design inteligente* (DI). Os defensores dessa teoria sustentam que o Universo, em geral, e a vida no planeta, em particular, são obra do Criador, que "projetou" tudo o que existe ao nosso redor. O DI se contrapõe às concepções da teoria evolucionista, proposta pelo naturalista Charles Darwin, que identificou que o Universo se organizou de maneira não intencional, como base na seleção natural. Essa discussão ganhou corpo em razão da nomeação para a presidência da Capes de Benedito Guimarães Aguiar Neto, que propôs que o DI seja ensinado na disciplina de Ciências na escola básica como alternativa à teoria da evolução. Exemplo da atualidade deste tema está na coluna *Tendências / Debates*, do jornal Folha de S.Paulo, no dia 8 de fevereiro de 2020. Nesse dia, o jornal lançou a seguinte questão: *O design inteligente, tido como vertente do criacionismo, é uma teoria científica válida?* A questão foi respondida afirmativamente por Marcos Eberlin, Presidente da Sociedade Brasileira de Design Inteligente (TDI Brasil), doutor em química pela Unicamp e pós-doutor pela Universidade de Purdue (EUA). Já Diogo Meyer, Professor do Instituto de Biociências da USP, respondeu negativamente à questão. A rádio USP, sintonizada com os debates em torno do DI, convidou, neste ano de 2020, o professor Paulo Nussenzweig para o discutir o tema. Em sua exposição, Nussenzweig apresentou didaticamente as diferenças entre o DI e a ciência. O fato de o DI ser o tema debate em uma emissora de rádio evidencia que a temática atingiu um público que ultrapassa a universidade. Sobre a entrevista, Cf. Bernardes (2020).

⁴³¹ Sobre o surgimento da ciência como campo diferenciado da religião, recomendamos ver mais em: Cf.: Harrison (2007, p. 1-33).

planejado cuidadosamente pelo Criador: a inclinação do eixo da terra, a separação da água e da terra, o surgimento do homem. Nesses termos, Monte (1978. p. 76) afirmou:

Quem sem idéias preconcebidas olhar para a portentosa obra da criação da terra, novas e mais estupendas maravilhas descobre.

Aí deparamos logo com o fato curioso da inclinação de 23°, 27°, 30° do eixo terrestre. Esta posição oblíqua da terra em relação ao sol não é um acaso surpreendente – o acaso aliás é desconhecido nos domínios da ciência – mas é a causa *sine qua non* da mudança das estações e, conseqüentemente, da maior expansão de vida sobre o globo. Se outra fora a posição da terra, a vida tornar-se-ia sumamente perigosa, quando não impossível. [Essa posição da terra da foi obra do Criador].

[...] [Foi Deus quem decidiu que] o reino vegetal devia ser criado, porque o homem e os animais haviam de encontrar nele o seu sustento. Numa palavra, inúmeros e intrincados problemas tinham de ser solucionados, antes que a terra pudesse ser habitada. Esses problemas sem número foram resolvidos e em sua solução resplandece a suma sabedoria do Criador - Deus.

A partir do detalhamento da obra divina, Monte (1978. p. 86) concluiu:

Acabamos de percorrer, embora resumidamente, a criação do céu, da terra, do reino vegetal e do reino animal. Guiados pela fé e pela ciência, por toda parte encontramos provas as mais evidentes de uma inteligência criadora, onisciente e onipotente ao mesmo tempo. Com a mais íntima satisfação podemos constatar que **nem na criação do céu, nem na da terra, nem na do reino vegetal e animal há contradição entre a bíblia e a ciência.**

Em vista disso, **mesquinha nos parece essa ciência de meia tigela, que atrai todos quantos não vêm com grande precisão, proporcionando-lhes um certo sentimento de liberdade e independência**, que não pouco lisonjeia os espíritos fracos. (grifos nossos).

Nestes trechos, percebe-se o reforço à ideia de que Deus tudo criou. À Ciência cabia apenas entender como funcionavam as leis criadas pelo Arquiteto do universo, não havendo, portanto, nada de contraditório entre o projeto do universo elaborado por Deus, devidamente registrado na Bíblia, e o trabalho dos cientistas. Os cientistas, segundo ele, que se viam trazendo à tona descobertas superiores às criações de Deus, nada conseguiriam. Essa concepção de Monte se distancia dos princípios norteadores do pensamento científico, pois nada na ciência traz consigo uma verdade absoluta, podendo ser refutado.

Após ter destacado a percepção de Monte acerca da vinculação entre Ciência e Religião, passo, agora, a discutir os trabalhos identificados como científicos que ele produziu. Ao longo da sua vida, Padre Monte escreveu apenas quatro livros, todos eles relacionados a procedimentos científicos ou à ciência: “*Lexiologia e sematologia*”, que é considerado o

primeiro livro de Monte,⁴³² “*Fundamentos Biológicos da Castidade*” e “*Biologia*”, e, finalmente, o “*Livro das Revisões*”, no qual faz uma análise do espiritismo à luz do pensamento científico.⁴³³

3.2.1 O latim e a biologia

Monte escreveu a tese “*Lexiologia e Sematologia*”⁴³⁴ como parte dos requisitos para o concurso da cadeira de Latim do Atheneu Norte-Rio-Grandense. Essa obra foi publicada em 1933, pela Imprensa Oficial do Rio Grande do Norte, constituindo-se na tese entregue no momento da inscrição. A tese, originalmente, é composta pelos itens a seguir:

- ✓ Base fisiologica da lei do menor esforço.
- ✓ Processos relacionaes metaplasmaticos de derivação (vocalismo, diphthongação).
- ✓ Leis Phoneticas.
- ✓ Interferência phonética.
- ✓ Flexão de gráo.
- ✓ Metastole.
- ✓ Paragramatise.
- ✓ Processos relacionaes de declinação.
- ✓ Processos relacionaes de gênero.
- ✓ Caso latino.
- ✓ Dual.
- ✓ Lexiogenia.
- ✓ Prefixos latinos de aglutinação (prefixos gregos justaposição, prefixo latino por justaposição e etiologia dos prefixos).
- ✓ Compostos helênicos.
- ✓ Compostos vernáculos.
- ✓ Formas intermediárias.
- ✓ Parasynthetismo.
- ✓ Formas sincréticas.
- ✓ Formas allotrópicas.
- ✓ Formas arcaicas (morfológicos, archaísmos semânticos)
- ✓ Composição e derivação dos substantivos.
- ✓ Composição e derivação dos advérbios.
- ✓ Derivação dos adjetivos.
- ✓ Composição dos adjetivos.
- ✓ Composição dos verbos.

⁴³² No capítulo anterior, já explicamos porque *Lexiologia e sematologia* deve ser considerada a primeira obra de Monte e esclarecemos que este texto foi produzido para o concurso de professor do Atheneu, realizado em 1933.

⁴³³ Paiva (1948. p. 284) discutiu esses textos a partir de sequência cronológica para essas obras. Inspirada nessa ideia, adotei lógica similar. Em razão disso, discuto os livros de Monte procurando associá-los a sua trajetória de vida.

⁴³⁴ O termo “lexiologia” é usado pelo autor no sentido de morfologia, lato sensu, compreendendo fonologia, morfologia e taxionomia. A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) adota o termo linguístico “lexicologia”. O termo “sematologia” corresponderia à “semântica” na terminologia atual.

- ✓ Derivação dos verbos.
- ✓ Aphofonia – Alliteração.
- ✓ Alliteração na composição dos verbos.
- ✓ Composição das preposições (as de ablativo, as de acusativo e de ablativo, e as de acusativo).
- ✓ Composição das conjunções.
- ✓ Grupos mediais.
- ✓ Grupos finais.
- ✓ Grupos românicos.
- ✓ Etiologia dos sufixos.
- ✓ Classificação dos sufixos (quanto à categoria, quanto à declinação, quanto ao número de sílabas, quanto à função, quanto à quantidade)
- ✓ Romanização dos sufixos.
- ✓ Sematologia (Divergência, por polissemia).
- ✓ Sinonímia (sinônimos imperfeitos, sinônimos orgânicos).
- ✓ Tropologia.
- ✓ Composição das proposições.
- ✓ Tropos taxionômicos.

Posteriormente, em 1979, Jurandyr Navarro publicou a obra no volume três da *Antologia do Padre Monte*, acrescentando o subtítulo “*o livro das teses latinas*”. Na primeira edição, só foi publicada a tese “*Lexiologia e Sematologia*”, sorteada para o referido concurso. Na publicação do volume três da *Antologia do Padre Monte*, feita pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Jurandyr Navarro fez uma série de acréscimos à obra, que ficou assim organizada:

- ✓ “Sumário” – do volume três da coletânea. Vale ressaltar que o sumário da primeira edição não é apresentado.
- ✓ “Prefácio” – intitulado “Pe. MONTE, gênio aos 20 anos, sábio aos 30 e santo a vida inteira” – escrito pelo próprio Navarro. Nele, o autor discute as três facetas da vida de Monte: gênio, sábio e Santo. Não há comentários dos escritos de Monte sobre latim.
- ✓ “Nota prévia e explicativa” – também redigida por Navarro, na qual ele transcreve da obra de Paiva (1948) informações preliminares sobre as duas teses de Monte sobre latim e justifica essa opção.
- ✓ “Ecos do volume 2” – apresenta cartas recebidas por Navarro, que demonstram a repercussão do volume dois da *Antologia do Padre Monte*.
- ✓ “Lexiologia e Sematologia” – trata-se da tese sorteada para o concurso.
- ✓ “Tese de Livre Escolha” – trata-se da curta tese (só contém oito páginas,⁴³⁵ contando com a fotografia do casamento da presidente da Juventude Feminina

⁴³⁵ Segundo Paiva, transcrito por Navarro, “[a segunda tese de Monte, a de] livre escolha, está condensada em 12 páginas. Revela o espírito apurado e original do autor, além de sua rara habilidade, já acentuada para a síntese” (PAIVA, 1948. p. 286; MONTE, 1979. p. 45). Entretanto, no volume três da *Antologia* só encontramos um texto que possui seis páginas.

Católica, que foi celebrado por Padre Monte) sobre tema de livre escolha de Monte apresentada no concurso para professor do Atheneu.

- ✓ “Letra do Padre Monte” – atende ao propósito de Navarro de mostrar como era a caligrafia de Monte. Trata-se da reprodução de duas anotações, feitas à mão, por Monte: uma curta citação bíblica de São Lucas e uma anotação sobre sons musicais.
- ✓ “Comentários, frases e pensamentos” – Compêndio de escritos de Padre Monte ou sobre ele.
- ✓ “Registros” – que se referem a diversas notícias publicadas em jornais relacionadas a Padre Monte.
- ✓ “Testemunhos” – que reúne textos, elogiosos a Padre Monte, escritos por vários autores e publicados em diferentes momentos em diversos canais. Os textos têm autoria de Luís da Câmara Cascudo, Nilo Pereira, Dom José Delgado, Padre Eymar L. Monteiro; Aluizio Alves, Violeta, Monsenhor Paulo Herôncio, Monsenhor Alves Landim; Bertha Guilherme, Cônego José Adelino e José Melquíades.
- ✓ “Posfácio” – trata-se de um texto de Lavínio Dantas sobre Monte, intitulado “Sábio e santo”. Foi publicado, originalmente, no jornal *A Ordem*, em 1º de março de 1944.

Postos esses esclarecimentos sobre como foi composta a tese *Lexiologia e Sematologia*,⁴³⁶ em 1933, e como ela está apresentada no volume 3 da *Antologia*, publicada em 1979, fica nítido que o subtítulo da Antologia – “O livro das teses latinas” – não contempla o conteúdo integral da obra, uma vez que além das referidas teses, existem conteúdos abordando diferentes aspectos da vida de Padre Monte, incluindo vários textos já publicados em jornais e/ou em outros volumes da *Antologia*. Entretanto, mesmo reconhecendo que a edição de 1979 não se limita a reeditar as teses latinas, a utilizei para discutir o texto de Monte escrito para o concurso no Atheneu.

De todas as fontes produzidas por Monte, a tese foi a que mais trouxe dificuldades, dado o meu desconhecimento de latim. Mas mantive a análise deste texto para poder mostrar ao leitor o conjunto da obra de Monte. Para melhor fundamentar a análise, recorri ao latinista Renan Liparotti e, também, às professoras Magnólia Fernandes Florêncio (especializada em microbiologia) e Fabíola da Silva Albuquerque (especialista em fisiologia). Apesar de contar com a assessoria destes especialistas, optei por concentrar minha análise na *Lexiologia*, o ponto central da discussão de Monte, uma vez que a *Sematologia* será apresentada, na obra, como uma consequência da *Lexiologia*, ocupando apenas um dos capítulos da tese de Monte.

⁴³⁶ A primeira edição da obra, de 1933, foi produzida com a grafia anterior à reforma ortográfica da década de 1940. A segunda edição, que faz parte do volume três da *Antologia do Padre Monte*, foi atualizada de acordo com normas vigentes em 1979. Ressalto que as referências feitas ao conteúdo da tese “*Lexiologia e Sematologia*” são as da edição de 1979, logo, a linguagem corresponderá à reforma ortográfica então vigente.

O comentário mais consistente sobre a tese *Lexiologia e Sematologia* foi escrito por Paiva, na obra *Verdade e Vida* (1948). Nele, Paiva (1948. p. 285-286) afirmou que

Nessa tese **Monte, conforme também por nós assinalado, não faz menção de um único autor.** Fala, todo tempo, com autoridade própria. E os exemplos que aduz e os fatos que consigna são o resultado de pesquisas e observações pessoais.

Partindo da ‘Base fisiológica da lei do menor esforço’ (Cap. 1), envereda pelo vocalismo e ditongação; atém-se aos princípios reguladores da evolução glótica; estuda a analogia Morfológica, a flexão de gráu, a metastole, a eufonização por paragramatise, a epentese; passa aos processos relacionais de declinação de gênero; indaga pela etiologia do ablativo, caso inexistente no grego; motra os vestígios do número dual, no latim; estuda, detalhadamente, a prefixação e a sufixação; **demora-se na composição e derivação de todas as categorias gramaticais latinas para, só então, abordar a semântica, analisando, um por um. Todos os processos evolutivos do significado das palavras.** Termina apreciando os tropos morfológicos e enumerando, apenas, os taxionômicos. Longe iria ele, com efeito, se fosse considerado, de per si, os 38 tropos que se referem à estrutura das preposições. A tese foi escrita em 15 dias. Quantos seriam capazes de fazer o mesmo? (grifos nossos).

Como se pode observar nesta citação, para Paiva, há pelo menos três elementos que expressam a metodologia utilizada por Monte para escrever a obra e o conteúdo selecionado por ele para discutir o Latim. O primeiro elemento diz respeito à não menção a autores ao longo de toda a tese, sendo que Monte teria se valido apenas de suas observações pessoais para chegar às suas conclusões. O segundo e o terceiro elementos evidenciados por Paiva estão associados à tese propriamente dita: no Latim, o léxico⁴³⁷ se modifica por razões fisiológicas, relacionadas à “lei do menor esforço” e só depois das mudanças no léxico acontecerão as mudanças na semântica.⁴³⁸ Nesses termos, a tese defendida por Monte foi a seguinte: no Latim, primeiro são modificadas as palavras e, posteriormente, os seus significados. Para tanto, ele se dedicava a demonstrar como a “lei do menor esforço” possibilitava a formação de novas palavras.

Me deterei nesses três elementos, uma vez que eles foram tanto os que chamaram a minha atenção, quanto os que foram discutidos por autores contemporâneos a Monte, tendo sido, inclusive, utilizados para construir uma imagem laudatória do religioso.

O fato de Monte não mencionar outros trabalhos ou autores, nacionais ou estrangeiros, em sua discussão, torna bastante difícil perceber com quem ele estava dialogando e em quem fundamentou suas observações ou baseou suas afirmações. Mesmo que “o inglês e alemão

⁴³⁷ Léxico é o conjunto de palavras de uma língua. O léxico de um idioma é infinito, uma vez que novas palavras podem ser formadas continuamente. No caso de Monte, ele discute as palavras no Latim que são formadas por composição, ou seja, pela junção de um ou mais radicais. A Lexiologia estuda as palavras de um idioma.

⁴³⁸ Semântica diz respeito ao significado das palavras.

apareçam aqui e ali, ora corroborando uma afirmativa, ora revelando a interferência nelas exercidas pelo principal tronco europeu” (PAIVA, 1948. p. 285), essas palavras estrangeiras soltas no texto não podem efetivamente contribuir para uma análise científica do tema.

Considerando o momento de produção da tese, é muito provável que Monte tenha feito uso de autores de língua estrangeira, uma vez que as obras em latim publicadas por autores brasileiros recorriam às estrangeiras. É provável também que Monte tenha consultado filólogos brasileiros que, nas três primeiras décadas do século XX, escreviam sobre o Latim. Esse é o caso de Ismael Coutinho,⁴³⁹ Antenor Nascentes⁴⁴⁰, Ernesto Faria⁴⁴¹ e Said Ali,⁴⁴² que já se dedicavam ao tema e cujos estudos podem ter servido de inspiração a Monte.

Ao não fazer referência ao conhecimento científico de seu tempo, infere-se que Monte partia do pressuposto de que existiam leis formuladas pelo Criador e que ele pretendia apenas observar essas leis, descrevendo suas observações. Esses esclarecimentos evidenciam que, do ponto de vista do método, o trabalho de Monte apresenta fragilidades, uma vez que se baseia apenas na sua intuição ou na dedução, mas não no conhecimento científico.

Para defender sua tese – de que no latim as palavras se modificam por razões fisiológicas, relacionadas à “lei do menor esforço” – Monte afirmou que a glote evoluiu para se adaptar fisiologicamente aos sons que exigiam menor esforço. Segundo Monte (1979. p. 69),

Na evolução glótica, há uma como vontade inconsciente, uma como **taxia psicológica**, que preside aos processos múltiplos da evolução fonética. E o que se nos afigura um determinismo, não é mais do que a expressão do grande princípio da economia fisiológica, ou lei do menor esforço.

O princípio da **economia fisiológica**, que rege o metabolismo do ser vivo, é também o núcleo subtrativo e integrante, em torno do qual se agrupa a estrutura dos processos, que presidem à evolução fonética.

É a razão última de todos os **processos metaplastmáticos**. (grifos do autor).

Na passagem acima percebe-se que, na interpretação de Padre Monte, a fisiologia da garganta passava por adaptações a fim de produzir os sons. Tratava-se de uma adaptação da fisiologia à fonética, baseada na “lei da economia fisiológica” ou “lei do menor esforço”. Para

⁴³⁹ A principal obra de Ismael Coutinho é *As criações internas do idioma* (1928).

⁴⁴⁰ Entre as obras de Antenor Nascentes importantes para o estudo de latim, destacam-se a tese *Ensaio de phonetica differencial luso-castelhana* (1919) e o *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (1932).

⁴⁴¹ Suas principais obras são *Síntese de gramática latina* (1934) e *O Latim pelos textos* (1935).

⁴⁴² Said Eli escreveu vários livros, dentre os quais destacam-se *Estudos de linguística da Revista Brasileira* (1895), o tratado *Dificuldades da Língua Portuguesa* (1908) e o *Meios de Expressão e Alterações Semânticas* (1930). Sua principal obra é *Gramática Histórica* (1931), foi feita a partir da reunião de dois livros anteriores, intitulados *Lexeologia do Português Histórico* (1921) e *Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico* (1923).

ele, essa economia fisiológica estaria associada à evolução humana: para falar mais rápido e de forma mais eficiente, a espécie humana iria se adaptando fisiologicamente.

Diante dessa constatação, tentei entender qual teria sido a inspiração de Monte para a formulação desse pensamento. Considerando os autores que ele referiu em outros trabalhos – como no livro *Biologia* – identifiquei a possibilidade de associação entre suas ideias e as teorias de Jean-Baptiste de Lamarck,⁴⁴³ uma vez que elas se associam ao evolucionismo e já haviam sido mobilizadas por Monte em outros textos.

Realizei também uma breve investigação para saber se a “lei do menor esforço” ou da “economia fisiológica” era conhecida na Biologia, pois Monte menciona essa lei, mas não apresenta qualquer referência sobre ela. Considerando que a discussão que aparece em “*Lexiologia e Sematologia*” refere-se, sobretudo, às adaptações do corpo humano, pode-se dizer que a obra trata de um tema próprio da Biologia, mas não encontrei autores da Biologia mencionassem a “lei do menor esforço”.

Para poder responder às minhas inquietações sobre a “lei do menor esforço” entrevistei⁴⁴⁴ duas professoras e pesquisadoras, Magnólia Fernandes Florêncio de Araújo (Departamento de Microbiologia da UFRN) e Fabíola da Silva Albuquerque (Departamento de Fisiologia e Patologia da Universidade Federal da Paraíba – UFPB). De acordo com Magnólia Araújo, essa “lei do menor esforço”, nos termos expostos por Monte, não parece ter respaldo na ciência da biologia, sendo muito utilizada pelo chamado “senso comum”. Segundo a professora, não pode ser generalizada a ideia de Padre Monte de que o indivíduo sempre procura fazer as coisas de forma mais “fácil”, desenvolvendo o menor esforço possível, pois, às vezes, um indivíduo só consegue desenvolver uma determinada ação e obter sucesso se fizer um esforço enorme e gastar bastante energia. Araújo acredita que a lei do menor esforço, aparentemente, pode ter sido construída por Padre Monte a partir do pensamento lamarckista, mas, hoje, não é possível defender o pensamento de que o indivíduo sempre realiza suas ações buscando o menor esforço.

Segundo a mesma pesquisadora, esse pensamento de que o léxico no Latim vai sendo modificado a partir da necessidade de adaptação da garganta aos sons, é puro determinismo. À

⁴⁴³ Adianto que as ideias defendidas por Jean-Baptiste de Lamarck serão aprofundadas na análise do livro “*Biologia*”, que será apresentada ainda neste capítulo.

⁴⁴⁴ Como já informado no início deste tópico, entrevistei as professoras Magnólia Fernandes Florêncio de Araújo e Fabíola da Silva Albuquerque, a fim de melhor compreender as ideias de Padre Monte. Previamente, encaminhei para elas os livros *Lexiologia e sematologia*, *Fundamentos Biológicos da Castidade* e *Biologia*. A entrevista aconteceu nos dias 16 e 17 de abril de 2020. É importante ressaltar que as análises dessas professoras serão as principais referências para as análises que faço sobre a produção intelectual de Monte neste subcapítulo.

luz do pensamento contemporâneo, isso é profundamente questionável. Sabe-se que a adaptação é dependente de um comando genético. Entretanto, a professora sustenta, que, para Lamarck, o esforço (uso) vai provocando mudanças na fisiologia, as quais seriam transmitidas para os descendentes. Considerando o estágio do conhecimento científico na época de Monte, esse pensamento de Lamarck – e, por conseguinte, de Monte – pode ser tido como equivocado. Darwin, por exemplo, não conhecia todos os detalhes da transmissibilidade genética, mas estava conceitualmente correto em relação à teoria da evolução. Nesses termos, Darwin não explicou o mecanismo pelo qual a modificação fisiológica de um indivíduo favorecia a ocorrência de modificação genética de seus descendentes, mesmo tendo deixado clara a existência de uma transmissibilidade.

Em seu depoimento, Magnólia Araújo afirmou que as espécies sofrem mutações naturalmente, ao longo do tempo, e algumas delas, por se adaptarem melhor ao ambiente, superarão melhor, também, as adversidades. Essa adaptação, com certeza, influenciará as gerações futuras. Portanto, não é o ambiente ou o tipo de ação que um indivíduo executa que faz alterar, geneticamente, uma parte física do corpo, mas o acaso. De acordo com Araújo, é muito perigoso usar a biologia como se ela fosse uma ciência exata para explicar o funcionamento dos seres vivos, embora essa prática tenha sido historicamente utilizada, uma vez que são conhecidos vários experimentos usados com humanos para justificar ideologias as quais se queria dar legitimidade. Para argumentar a sua ideia de que determinadas concepções ideológicas buscam na Biologia a identificação de padrões comuns a todos os indivíduos, Araújo recorreu ao exemplo do nazismo, regime no qual partiu-se de uma fundamentação ideológica (os arianos devem comandar o mundo), baseada em uma premissa pretensamente biológica (os arianos são superiores as outras raças).

A Biologia, como uma ciência mais geral, tem variados critérios metodológicos e não pode ser justificada apenas por experimentos de laboratório. Não é possível imaginar que um laboratório apenas confirme as hipóteses iniciais das investigações, até porque a ciência tem falhas, tem problemas, e, às vezes, é mal utilizada. Apesar de partir de investigações científicas que haviam sido validadas, Monte não as problematizava em suas investigações, partindo de um pressuposto que deveria se confirmar nos experimentos que fazia.

Para a professora Fabíola Albuquerque, as ideias de Padre Monte são de difícil compreensão a partir da forma como ele escreve, dado que a maneira da sua escrita não é usual nos dias de hoje. Além disso, a professora afirmou que, para discutir as ideias de Monte, necessitou pesquisar algumas das palavras por ele utilizadas, como metaplasmo (que se relaciona ao fenômeno da supressão ou alteração das palavras) e glótica, que a professora supõe

ser um termo que se refira à evolução de algo estrutural relacionado à fala. Albuquerque identificou que a ideia central de Padre Monte, em sua tese sobre o latim, é que a evolução da fala é guiada pela mente (ou, nos termos de Monte, pela “taxia psicológica”) e pela “lei do menor esforço”. Essa tese de Monte, de acordo com Albuquerque, é refutável, uma vez que, considerando-se o estágio atual de conhecimentos da área da biologia, o que é transmitido não é o que se fala, mas, sim, os mecanismos que permitem ao ser humano falar.

O que Monte defendia era que as pessoas aglutinavam as palavras porque as palavras menores exigiriam menos esforço do indivíduo para pronunciá-las. Nessa perspectiva, a partir do momento em que o indivíduo empregasse menos esforço para pronunciar a palavra, ele geneticamente criava uma disposição para que seus descendentes também passassem a falar a palavra de forma econômica. De acordo com Albuquerque, à luz da ciência, essa ideia é equivocada, uma vez que o que é selecionado geneticamente é a estrutura que possibilita a fala, e não a formação das palavras. Do ponto de vista fisiológico, a linguagem é produto de circuitos cerebrais que, inicialmente, exigem a participação de muitas áreas de processamento. A aprendizagem da fala leva à consolidação dos circuitos que comandam sua expressão e que passam a ser acionados de modo mais rápido e com menos recursos neurais (usando um caminho através dos gânglios basais). Este, sim, é um produto evolutivo.

O fato de "comer as sílabas" não seria uma característica selecionada geneticamente. O que favorece a formação de novas palavras é a aprendizagem advinda do meio biológico e da memória. Nestes termos, se há um contexto que não "pressiona" a expressão de todas as sílabas, não há por que, do ponto de vista energético, pronunciar todas elas. Do ponto de vista evolutivo, a supressão de palavras seria limitada pela comunicação até o ponto em que a fala possa ser compreendida com essas alterações.

A pesquisadora acredita que Padre Monte estivesse querendo atribuir o “comer” letras, o deixar de falar o final de uma palavra ou “comer” o início à “lei do menor esforço”. Entretanto, o que a professora constata, pensando nos processos biológicos da linguagem, é que o que, de fato, é evolutivo é a criação de hábitos de linguagem, o que justifica, por exemplo, a existência dos famosos “vícios” de linguagem. Dessa forma, a criação do hábito ocorre porque o indivíduo consolida uma forma de falar, e essa consolidação vem a partir do processo de aprendizagem biológica, da estrutura neural que suporta isso. Essa estrutura neural cria um caminho neural que vai ser usado sempre. Então, a criação desse caminho é uma economia, que chamamos de economia cognitiva, porque você passa a usar só aquele circuito, e não uma quantidade maior de circuitos neurais, que gastariam mais energia. Então, embora Padre Monte estivesse certo ao afirmar que o indivíduo tenta gastar menos energia para falar, a economia não ocorre numa

adaptação do corpo para expressar determinados sons, mas, sim, nos processos de conexão neural, que permitem uma maior rapidez na troca de informações. Em suma, não é o corpo que se adapta a um determinado som, mas é o processo neural estimulado por elementos culturais que favorece a ocorrência de mudanças fisiológicas nas ligações neurais.

Padre Monte, por sua vez, afirmava que a garganta se modificava, estruturalmente, para “otimizar” a pronúncia das palavras, fazendo com que o indivíduo gastasse menos energia. No entanto, o alvo da seleção é outro: é o processo de aprendizagem, o processo biológico da construção de um caminho neural que vai economizar energia cognitiva. E esse caminho neural vai ser instituído, tanto para quem “come” letras quanto para quem não “come” letras. A produção biológica de nossa fala é feita por um caminho, um circuito neural, que é muito mais econômico do que quando nós aprendemos a falar. Esse caminho vai ser construído por todas as pessoas, isto é, por quem come sílabas e por quem não.

Se o indivíduo está numa situação em que não falar corretamente não é um valor, não havendo uma pressão para tanto, a tendência é que esse indivíduo repita essa forma de falar a vida toda. Não existindo a pressão para falar “corretamente”, o indivíduo permanecerá falando da forma “errada”, como ele aprendeu”.⁴⁴⁵ Como um exemplo mais concreto, Fabíola Albuquerque lembrou que se alguém aprendeu a falar “errado” e esse alguém fala “errado”, é porque as pessoas à sua volta falam “errado”. Foi assim que ele aprendeu e, posteriormente, consolidou esse caminho mais econômico. Não é que seja mais econômico falar “errado”. É que, dentro da sua comunidade, se todo mundo fala “errado”, você vai falar “errado” também, mas se houver uma pressão para o indivíduo falar sem “comer” as sílabas, ele também vai chegar a um nível de usar um caminho cognitivo mais rápido, sem “comer” as sílabas.

Pensando sob uma perspectiva diferente – continua Albuquerque –, digamos que alguém comece falando “errado” e que, ao se tirar essa pessoa do lugar em que ela nasceu e a colocarem numa família, por exemplo, que fala corretamente e que exige que ele fale corretamente, existe um gasto de energia maior para refazer esse circuito. Então, na hora que eu vou desfazer um circuito que já está num caminho, eu estou gastando mais energia, é óbvio. Mas isso não é porque foi selecionado evolutivamente para falar “errado”.

Então, se alguém começar, desde criança, buscando as palavras com seu mecanismo completo, com as suas pronúncias, a sua articulação completa, essa articulação vai ser custosa,

⁴⁴⁵ A professora e bióloga Fabíola Albuquerque deixa claro que, ao longo dessa discussão, ela utiliza os termos “correto” e “errado” entre aspas, por considerar que a indicação do que é correto ou errado está associado a um estatuto cultural da sociedade em que se vive. Destaca que o que é efetivo é a comunicação e, inclusive, que esse processo provavelmente deu origem às línguas e à sua evolução, informando que embora não tenha estudado a evolução das línguas, considera que, se for estudar, encontrará indícios disso.

energeticamente. Mas ela resulta, quando for consolidada, quando ocorrer aprendizagem, quando esse aprendizado se consolidar na memória, em um mecanismo cognitivo econômico, de tal maneira que, para o resto da vida, o indivíduo vai usar esse circuito econômico, e não vai gastar tanta energia. Então, reforçando, o que foi selecionado foi esse mecanismo de aprendizagem.

Por fim, ela apresenta a ideia de que a evolução da língua não ocorre porque é mais *econômico* falar suprimindo uma sílaba. Por essa mesma lógica, a garganta se adapta à capacidade de falar, e nada tem a ver com o falar “mais fácil” ou “mais difícil”. Por exemplo: em uma determinada tribo, a supressão de determinadas sílabas se generalizou, mas a comunicação se manteve, e essa tribo vai se ampliando, essa supressão vai se tornando o padrão que hoje nós temos naquela sociedade. Nesse caso, o “correto”, o falar “correto” passou a ser suprimir aquela sílaba. Ou seja: a supressão da sílaba nada tem a ver com modificações fisiológicas e estas só permitiram a capacidade de fala, mas não determinaram o que se fala, o que se contrapõe à ideia de Padre Monte de que para falar mais rápido e de forma mais eficiente, a espécie humana iria se adaptando. Portanto, o meio é o determinante disso que poderíamos chamar de a lógica da fala.

Em relação à sematologia, definida como o “estudo dos processos evolutivos da significação dos vocábulos” (MONTE, 1979. p. 201), Monte demonstra que as palavras se modificam não apenas em razão das variações fonéticas e morfológicas, uma vez que elas também se alteram em razão das mudanças ideológicas e dos significados. Dessa forma, os sentidos dos vocábulos e as suas grafias variam com o tempo.

No próximo tópico, darei continuidade à análise dos livros que Monte escreveu sobre Biologia.

3.2.2 Escritos de padre Monte sobre biologia

Monte escreveu dois livros vinculados à Biologia: *Fundamentos Biológicos da Castidade e Biologia*. O primeiro livro, segundo Paiva, foi escrito na década de 1930, a partir de uma sugestão de Câmara Cascudo.⁴⁴⁶ O segundo livro, de acordo com Navarro, foi escrito, a partir de sua experiência como professor no Seminário de São Pedro e de uma orientação recebida do Bispo Dom Marcolino Dantas.

⁴⁴⁶ Cascudo costumava sugerir temas de investigação aos intelectuais locais.

Nas minhas investigações, não encontrei uma data precisa de publicação dessas duas obras. Entretanto, Navarro afirma que ambas foram escritas na década de 1930. Sobre a data e a ordem de publicação dos dois livros, o mesmo autor informa na *Nota Introdutória* da segunda edição do livro *Biologia*:

[...] parece [o livro *Biologia*] ter [sido] precedido do seu monumental ‘Fundamentos Biológicos da Castidade’. A negativa de D. Marcolino, prelado de Natal na época, em desautorizar a publicação do estudo sobre a fisiologia da castidade antes do ‘Compêndio de Biologia’, esclarece a questão, por entender que aquele seria um livro revolucionário na época, no campo sexual, susceptível de repercussão polêmica. A feitura de ambos data do final da década de 1930, fato facilmente identificável, não só pela ortografia vernacular, somente alterada por legislação federal de 1941, como também pelas citações que o Padre Monte faz de descobertas científicas ocorridas em 1935, mencionando os seus autores, – como a do hormônio paratiróideo por Collip; do hormônio tímico (diminuição da fosfatemia), por Honzon e a do andesterônio sintético, por Rusicka. Tais descobertas científicas todas de 1935, ele alude no presente livro de *Biologia*, provando, assim, que sempre esteve atualizado com a Ciência. Isto naquele tempo quando Natal era ilhada do mundo, sem telefone, rádio, televisão e tráfego aéreo de grande autonomia, nem rodoviário, servindo o navio do único meio de comunicação com o exterior (NAVARRO, 1979. p. 10 *apud* MONTE, 1984).

Sobre as circunstâncias de produção do livro *Fundamentos Biológicos da Castidade*, Paiva (1948. p. 290) afirma que:

Foi Luiz da Câmara Cascudo que, em seu gabinete de estudos, fez ver a Monte, um dia, que ele não podia continuar reservando só para si o imenso cabedal científico que havia adquirido. Impunha-se-lhe, em consciência, o dever de preparar alguma obra, em defesa da fé e da moral cristãs. Monte que, como diria Jonatas Serrano, ‘não tinha o prurido das exibições livrescas’ e cuja excessiva modéstia era um óbice à produção literária, impressionou-se com a voz autorizada do amigo, a quem fez esta pergunta, reveladora da simplicidade do seu espírito:

- E sôbre o que escreverei?
- Escreva sôbre a castidade, insinuou Cascudo. E deu a razão: ‘é matéria controversa e ponto predileto de ataques, chacotas e censuras’.
- Escreverei, tornou Monte.

Fez, porém, obra de tal complexidade e especialização que, segundo confiou depois a Gerardo Barreto,⁴⁴⁷ ‘poucos poderiam lê-la’. E modificou-a por completo. Modificou-a é o modo de dizer. Escreveu, quase, um novo livro. A Gerardo Barreto confiou ainda: ‘tornei-a acessível a bem maior número de leitores; nela apresento argumentos novos’. E, com modéstia: ‘não que outros fossem incapazes de aduzi-los, apenas não o fizeram até o presente’.

⁴⁴⁷ Já me referi a Gerardo Dantas Barreto no primeiro capítulo deste trabalho, quando evidenciei que esse autor, sob o pseudônimo de Lavínio Dantas, escreveu um dos artigos fundamentais para a construção da ideia de Monte como santo e sábio. Os laços de amizade entre Barreto e Monte parecem justificar as informações prestadas por Monte a Gerardo Barreto sobre a obra *Fundamentos Biológicos da Castidade*.

Essa citação de Paiva deixa evidente que, por sugestão de Luís da Câmara Cascudo, Monte produziu o livro *Fundamentos Biológicos da Castidade*. De acordo com Navarro, depois de concluir *Fundamentos Biológicos da Castidade*, Monte levou-o para que fosse lido por Dom Marcolino, então bispo de Natal. Este teria pedido a Padre Monte que abandonasse os estudos sobre castidade e que não publicasse a obra naquele momento, devendo dedicar-se à escrita de um livro de Biologia para os seminaristas, devido à reforma educacional de Francisco Campos,⁴⁴⁸ instituída por meio do Decreto Nº 19.890, de 18 de abril de 1931, e que foi implantada no Seminário de São Pedro a partir de 1935.⁴⁴⁹ Segundo Paiva (1948. p. 295-296),

Com a reforma levada a efeito nos seminários, em 1935 e a conseqüente extensão dos seus cursos, foi introduzida, no 6º ano de preparatórios (correspondente ao 2º colegial), a cadeira de Biologia. Foi Monte designado para regê-la no estabelecimento eclesiástico de Natal. Antes, ensinava História Natural e datava de muito o seu sólido preparo nas ciências da natureza.

A Reforma Educacional de Francisco Campos

[...] determinou estratégias curriculares no sentido de imprimir um ritmo educativo no ensino secundário, procurando superar o seu caráter instrutivo e propedêutico herdado do período imperial. A Reforma Francisco Campos redefiniu, em primeiro lugar, os saberes a serem ensinados nos colégios de ensino secundário, fortalecendo as Ciências Físicas e Naturais (DALLABRIDA, 2009. p. 189).

Como se pode constatar, esta reforma do ensino secundário⁴⁵⁰ partia do princípio de que o estudo das Ciências Físicas e Naturais era essencial para que os estudantes fossem introduzidos nos estudos científicos, reforçando uma concepção positivista de que a Biologia, a Física e a Química possuíam um método científico único que deveria ser ensinado na escola secundária (SOUZA *et al.*, 2018). O pedido de Dom Marcolino para que Padre Monte escrevesse o livro de Biologia era, portanto, coerente com as reformulações que ocorreriam no Seminário. Segundo Paiva (1948. p. 296),

No que respeita, em particular, à Biologia, ressentiam-se os seminários de um livro que compendiasse a matéria, ali tratável num ano, sem prejuízo nem deficiências. Duas dificuldades a isso se opunham. De um lado, os livros de Biologia existentes ou eram volumosos ou por demais elementares. Por outro, não havia ainda sido tentada, em caráter didático, a *sistematização interpretativa* da vida. A Biologia continuava a ser mais um acervo ou

⁴⁴⁸ Ministro da Educação de Vargas durante o Governo Provisório.

⁴⁴⁹ A ideia de que Monte escreveu o livro *Biologia* em função da necessidade de o Seminário de São Pedro adaptar-se às reformulações implantadas pela Reforma Francisco Campos também é defendida por Monte (1984).

⁴⁵⁰ Sobre a organização do ensino do secundário no Brasil nos anos 1930, Cf. Zotti (2006).

repositório de experimentos e descrições morfofisiológicas do que um tratado propriamente sistemático, em que não fosse indiferente começar por esta ou aquela parte, este ou aquele capítulo. (grifo do autor).

Monte era professor da disciplina História Natural e, com a reforma de ensino, passou a ser professor de Biologia.⁴⁵¹ Nessa condição, concordou com o bispo sobre a necessidade da obra, uma vez que ele mesmo não havia encontrado um livro capaz de dar conta dos conteúdos de Biologia propostos aos seminaristas.

O primeiro contato de Navarro com o livro *Biologia* ocorreu por meio da biografia de Padre Monte escrita por Paiva.⁴⁵² Segundo ele, a obra foi escrita na década de 1930, muito provavelmente após 1935, uma vez que, conforme vimos, Monte cita experimentos realizados em 1935 e utiliza uma linguagem própria do período pré-reforma de 1941. A qualidade da obra *Biologia* sempre foi exaltada entre os intelectuais natalenses, razão pela qual Navarro, ainda na década de 1970, se empenhou em localizar um exemplar desse livro. A primeira informação que ele obteve sobre a obra foi que ela havia sido enviada, em 1948, para a Livraria Agir Editora, situada no Rio de Janeiro, que deveria publicar a obra. Como ninguém mais tinha notícias do paradeiro desse livro, ele escreveu, em 3 de setembro de 1976, uma carta endereçada ao diretor dessa editora, solicitando informações sobre os originais do livro e sobre a publicação dessa obra (MONTE, 1984). Em 10 de novembro de 1976, Navarro obteve a resposta de Ernst Fromm, diretor da Livraria Agir Editora, informando que a editora não tinha informação sobre o envio dos originais e que nunca publicara obras do Padre Luiz Monte.

A partir da informação, Navarro deu continuidade à busca, inicialmente em Natal e, depois, em outros lugares do país. Busca que se estendeu por mais de quatro anos e só foi concluída quando Navarro encontrou um exemplar, que estava no Rio de Janeiro, em uma das estantes do Padre Francisco das Chagas Neves Gurgel,⁴⁵³ ex-aluno de Monte. A não localização de outros exemplares por Navarro levou à sua republicação no sexto volume da *Antologia do Padre Monte*, finalizado em 1979 e publicado apenas em 1984.

⁴⁵¹ Vale lembrar que a mudança da denominação da disciplina de *História Natural* para *Biologia* esteve vinculada às transformações havidas na concepção de ciência, Cf. Harrison (2007).

⁴⁵² Na obra *Verdade e Vida*, Paiva analisa o livro *Biologia* (Cf. PAIVA, 1948, p. 295-298), o que se constitui em evidência de que fez a leitura do livro. Como afirmado anteriormente, Navarro leu cuidadosamente a obra *Verdade e vida*, passando, a partir dela, a se interessar pela vida e obra de Padre Monte. Navarro, que sempre foi um católico devotado, encontrou em *Verdade e vida* um caminho para expressar o seu catolicismo.

⁴⁵³ Segundo Navarro, ele só conseguiu chegar a esse exemplar, que estava sob a guarda do Padre Francisco das Chagas Neves Gurgel, graças aos esforços de religiosos natalenses que o ajudaram a procurar a referida obra. Entre esses religiosos, estavam o Padre Eymard L'Eraistre Monteiro (segundo depoimento a mim prestado por Jurandyr Navarro) e os Padres Raimundo Brasil e Emerson Negreiros (MONTE, 1984).

É provável que a obra tenha sido concluída e datilografada em torno de 1935. É possível também que tenham sido datilografadas algumas cópias, uma vez que Monte trabalhou com os alunos no Seminário de São Pedro e há notícias de que a obra também foi usada em outros estabelecimentos de ensino de Natal. Existe ainda a possibilidade, aventada por Navarro, de que a cópia original tenha sido datilografada com carbono para sua reprodução. Jurandyr Navarro afirmou, em entrevista a mim concedida, que os alunos de Monte no Seminário de São Pedro liam o livro a partir de uma única cópia. Jorge O'Grady de Paiva, já mencionado neste trabalho, deve ter lido a cópia usada pelos alunos no Seminário. Infelizmente, a instituição não possui, hoje, qualquer cópia da primeira edição desse trabalho. De acordo com Navarro, foram feitas poucas cópias, sendo que uma delas se encontrava com Padre Neves Gurgel e outra, muito provavelmente, com Dom Nivaldo Monte. Quanto à que se encontrava com Padre Gurgel, ele informa que estava incompleta, uma vez que não possuía as páginas 8 a 23.

Na entrevista que me concedeu, Navarro mencionou que, por ter se preparado para o vestibular de medicina, tinha bons conhecimentos de Biologia, o que o levou a perceber que a obra de Monte tinha o mesmo padrão de outras obras dessa disciplina e que, provavelmente, as páginas faltantes se referiam à botânica. Navarro acredita que Padre Nivaldo Monte, que havia, inclusive, construído um espaço para o estudo de plantas em sua residência, tenha dado uma cópia do livro a Padre Gurgel, mas sem a parte de botânica. Navarro julga que Padre Nivaldo Monte ficou com a parte da botânica para que pudesse desenvolver seus estudos sobre esse tema a partir do trabalho de Monte.

Enfim, apesar de todas essas inferências, não é possível afirmar categoricamente quantas cópias da obra existiram. Optei por apresentar essas possibilidades para destacar que o livro só teve uma edição oficial, publicada em 1984, e que, originalmente, poucas cópias devem ter sido produzidas. Há, inclusive, a possibilidade de ter havido apenas uma cópia. Sendo assim, a obra *Biologia* não foi ainda objeto de análise por parte de historiadores, sendo que estas serão as primeiras reflexões realizadas sobre ela no âmbito acadêmico.

Nas investigações que eu realizei, encontrei três títulos para a obra. *Biologia* é o título que o livro recebe no volume seis da *Antologia do Padre Monte; Compêndio de Biologia*⁴⁵⁴ é como Dom Nivaldo Monte e outros estudiosos de Monte se referem ao trabalho e, finalmente, no prefácio da obra que está na *Antologia*, Francisco das Chagas Neves Gurgel, ex-aluno de

⁴⁵⁴ Dom Nivaldo se refere ao livro como “Compêndio de Biologia” e afirma que ele foi escrito pelo Cônego Monte, a pedido de D. Jaime Câmara, então bispo do Rio de Janeiro. Sobre o tema confira a entrevista com D. Nivaldo publicada no jornal *A' Ordem* de 03 de outubro de 1944 e publicada na *Antologia*, v. 5 (MONTE, 1984).

Monte no Seminário de São Pedro e autoproclamado discípulo do religioso,⁴⁵⁵ se refere à obra como *As lições de Biologia*.⁴⁵⁶

Apresentados esses esclarecimentos, passemos à análise do conteúdo das duas obras de biologia escritas por Padre Monte.

3.2.2.1 O livro *fundamentos biológicos da castidade*⁴⁵⁷

O livro *Fundamentos Biológicos da Castidade*⁴⁵⁸ está dividido em quatro capítulos, a saber: Influência trófica da continência?; Continência,⁴⁵⁹ Castidade⁴⁶⁰ e Eugenia; Continência e Loucura; e, finalmente, Castidade e Delinquência. Segundo Jurandyr Navarro (na apresentação da segunda edição), o livro foi concluído no final da década de 1930,⁴⁶¹ mas

[...] os poucos exemplares da sua primeira edição foram feitos às pressas, em 1950, seis anos após o falecimento do autor insigne, ao saber-se que um professor da Universidade [do Brasil], inescrupulosamente, queria usurpar a autoria [da obra], cuja edição foi logo esgotada (MONTE, 1985. p. 7).

⁴⁵⁵ Foi Jurandyr Navarro quem convidou o Padre Francisco das Chagas Neves Gurgel para ser o prefaciador da edição de *Biologia*, publicada como volume seis da *Antologia do Padre Monte*. Provavelmente esse convite ocorreu em razão de Padre Gurgel ter interesse nas discussões sobre Ciências e de ter guardado o texto de Monte, apesar de ter se transferido para o Rio De Janeiro. Navarro sempre ressalta que não encontrou, até os dias atuais, nenhuma cópia do trabalho, além da que foi guardada pelo Padre Neves Gurgel. Vale destacar que no prefácio da edição feita por Navarro, Padre Neves Gurgel se apresenta como discípulo de Padre Monte.

⁴⁵⁶ Ao longo da tese, a obra será chamada de *Biologia*.

⁴⁵⁷ O volume 5 da *Antologia do Padre Monte*, que contém a obra *Fundamentos biológicos da castidade*, apresenta, em sua ficha catalográfica, o ano de 1985 como o de publicação do livro. Já o volume 6 da *Antologia* traz o ano de 1984 como o de publicação do livro. Dessa forma, o volume 5 foi publicado um ano após o volume 6.

⁴⁵⁸ Existem duas edições do livro *Fundamentos Biológicos da Castidade*. A primeira edição é de 1950 e a segunda é de 1985. A segunda edição foi publicada no volume 5 da *Antologia do Padre Monte*, organizado por Jurandyr Navarro. A primeira edição é composta apenas pelo prefácio, escrito por Henrique Tanner, e o texto, propriamente dito, escrito por Monte. A segunda edição contém uma apresentação de Jurandyr Navarro (datada de 1984), o prefácio original de Henrique Tanner (datado de 1941), o texto de Padre Monte, uma entrevista com Padre Nivaldo Monte (publicada no jornal *A Ordem* em 1944) e pronunciamentos sobre a obra ou sobre Monte feitos por três intelectuais: Raimundo Nunes (transcrito do *Jornal do Comércio* de Recife em 1984), Nilo Pereira (depoimento escrito em março de 1984) e Pedro de A. Cavalcanti (publicado originalmente no jornal *A Ordem* em 19 de setembro de 1944). Fiz a leitura das duas edições, mas em razão da reduzida tiragem da primeira edição e da disponibilidade da segunda edição para um público mais amplo, optei por fazer as citações a partir da segunda edição. É importante ressaltar que o texto da segunda edição da obra é o mesmo do da primeira edição.

⁴⁵⁹ Continência é a escolha deliberada por não praticar atos sexuais.

⁴⁶⁰ Castidade é uma virtude por meio da qual o indivíduo faz uso da sua atividade sexual de maneira adequada ao seu estado de vida. Por exemplo, o homem considerado casto é aquele que mantém relações sexuais apenas com a sua esposa.

⁴⁶¹ Não consegui identificar a data exata em que foi concluído o livro *Fundamentos Biológicos da Castidade*. Os autores contemporâneos a Monte e posteriores a ele informam simplesmente que a obra foi escrita na década de 1930.

O *nihil obstat* e o *imprimatur* desse livro foram assinados, respectivamente, pelo Monsenhor Walfredo Gurgel⁴⁶² e pelo Bispo de Natal, Dom Marcolino Dantas, em 6 de janeiro de 1945. O prefácio da primeira edição de *Fundamentos Biológicos da Castidade* foi escrito em 27 de maio de 1941, pelo prof. Henrique Tanner de Abreu⁴⁶³. Segundo Abreu (1941 apud MONTE, 1985. p. 9-10),

O estudo apurado dos dados científicos atinentes ao problema da continência sexual permitiu à inteligência lúcida do **Revmo. Sr. Padre Luiz Monte** escrever notável e **vigorosa apologia da castidade, no domínio virtuoso de um dos mais fortes instintos humanos.**

[Na obra *Fundamentos Biológicos da Castidade*] figuram **tratados de anatomia, histologia, fisiologia, endocrinologia, psiquiatria, psicopatologia sexual**, etc., além de muitas contribuições especializadas. Apercebido de todos esses abundantes recursos, o talentoso autor soube criteriosamente aproveitá-los no esmiuçar, esclarecer e comprovar teses da maior relevância.

Depois de apresentar os fundamentos biológicos da castidade e de demonstrar a influência trófica e a possibilidade fisiológica da continência, o escritor culto e ponderado dá notícia, em capítulos sucessivos, **das mais recentes conquistas científicas e as aprecia no que entende como papel da castidade em suas relações com a eugenia, a alienação mental e a delinquência.**

A coexistência da gônada masculina de duas glândulas, os canalículos (contendo os elementos gametogênicos e o sincício das células de Sertoli) e no interstício entre os canalículos e as células intersticiais ou de Leydig (glândula intersticial de Ancel e Bouin) – às quais cabem finalidades fisiológicas distintas, é oportunamente lembrado para evidenciar que a falta do exercício de uma das glândulas (a que preside a função genésica) resulta benéfica para a outra, sem o menor prejuízo para os organismos. Analogamente, *mutatis mutandis*, o mesmo se há de afirmar em relação à gônada feminina, ao ovário e poderia ser reforçada a demonstração, como fez o Professor Joaquim Moreira da Fonsêca em comunicação à Sociedade Médica de S. Lucas, recordando que para ambas as glândulas é a mesma irrigação arterial por meio da artéria espermática que, bifurcando-se, dá um

⁴⁶² Monsenhor Walfredo Dantas Gurgel (1908-1971) nasceu em Caicó e cursou os estudos secundários no Seminário de São Pedro. Em 1931, foi ordenado sacerdote. Estudou na Universidade Gregoriana de Roma, onde colou grau em Filosofia e Teologia. Foi reitor, entre os anos de 1933 e 1935, do Seminário de São Pedro. Em 1942, recebeu o título de Cônego Honorário. Em 1955, foi nomeado Monsenhor Camareiro do Santo Padre Pio XII. Em 1945, foi eleito deputado federal, em 1960, vice-governador (na chapa encabeçada por Aluísio Alves) e, em 1962, renunciou ao cargo de vice-governador para se candidatar ao cargo de senador da República, para o qual foi eleito. Em 1965, tornou-se governador do Rio Grande do Norte, exercendo seu mandato até 1971. Monsenhor Walfredo, Aluísio Alves e Padre Monte eram grandes amigos. Cf. Cardoso (2000. p. 787).

⁴⁶³ Henrique Tanner de Abreu (1870-1963) nasceu em Jaguarão (Rio Grande do Sul) e formou-se em medicina (1894) pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi Catedrático de Medicina Legal nessa mesma Faculdade e de Higiene e de Odontologia Legal na Faculdade de Odontologia do Rio de Janeiro. Atuou ainda como Perito do Instituto Médico Legal (IML) do Rio de Janeiro. (Cf. SILVA; FERNANDES, 2016. p. 113-115). Publicou vários livros relacionados à Medicina, que tiveram destaque nos cursos de Medicina ao longo da década de 1930, dentre as quais estão *Estudo histológico das manchas de massa cerebral e de placenta* (1930), *Loucos de todo gênero* (1930); *Aplicações da fotometria de Nutting aos livores cadavéricos* (1930) e *Manual de Necropsia Forense*. Cf. Abreu (2019).

ramo para o epidídimo e outro que atravessa a túnica albugínea ao nível do corpo de Highmore e penetra no testículo. (grifos nossos).

Quatro aspectos chamam atenção no prefácio de Tanner e, por isso, foram grifados na citação. O primeiro diz respeito ao fato de que o prefaciador não apresenta nenhum tipo de relação pessoal ou científica com Padre Monte, a quem trata no texto apenas como reverendo. Em geral, espera-se que um prefácio contenha elementos que indiquem alguma referência sobre o autor ou sobre a sua obra, o que não acontece neste caso.

O segundo aspecto se refere à maneira como o prefaciador exalta a obra, uma vez que o elemento destacado é a apologia à castidade,⁴⁶⁴ virtude que – na interpretação de Tanner – controla um dos instintos mais fortes do homem: a sexualidade. Ao afirmar que a castidade domina virtuosamente o instinto da sexualidade, Tanner de Abreu expressa o pensamento vigente entre os dirigentes da Igreja Católica na primeira metade do século XX. Nessa perspectiva, tornam-se esclarecedoras as afirmações de Carvalho e Kodama (2020, p. 2-3 e 11):

Ao longo da primeira metade do século XX, a educação sexual mobilizou diferentes grupos, entre médicos, educadores, higienistas e sacerdotes. As campanhas de educação sexual eram empreendidas como ‘cruzadas profiláticas’ que visavam a um só tempo combater as perversões sexuais, as doenças venéreas, a criminalidade e os desarranjos familiares, contribuindo para a formação de uma ‘ciência sexual’ no Brasil. Entre os grupos que procuravam atuar como autoridade sobre o tema, os católicos se destacavam enfatizando a importância da família na formação moral dos indivíduos [...]. Se a participação dos religiosos no debate sobre a educação nacional é longa, pode-se dizer que a década de 1950 torna-se de particular interesse por evidenciar na atuação dos religiosos as profundas tensões entre tradição e modernidade que o período abriga. Com efeito, esse momento é marcado por um intenso debate sobre a modernização dos costumes, cujas mudanças esbarravam em fronteiras morais conservadoras, criando a necessidade de enfatizar qual deveria ser o papel do homem e da mulher no casamento e, por extensão, na sociedade. (p. 2-3).

Para os católicos, a educação sexual tinha como principal finalidade a preparação para o casamento e a educação dos filhos, enquanto extensão da vocação matrimonial. A formação nos assuntos sexuais deveria ser uma formação moral. Segundo a doutrina católica, o ato moral é definido como a ação humana orientada pela consciência e a ênfase na dimensão moral do sexo era constantemente mobilizada por Padres e leigos enquanto aspecto fundamental da educação sexual católica. A educação sexual era apresentada,

⁴⁶⁴ A discussão sobre a castidade ainda é tema relevante para a Igreja Católica, que a vê como uma virtude que pode ser vivida em qualquer estado civil, isto é, casado ou solteiro, e na condição de leigo ou religioso. Reforçando documento emitido pelo Papa Paulo VI (que exerceu seu papado entre 1963 e 1978), o Papa João Paulo II, em novembro de 1981, explicitou que a pedagogia da Igreja jamais poderia se separar da sua doutrina. João Paulo II, discutindo o campo da moral conjugal, no qual a Igreja é – para esse pontífice – mestra e mãe, afirmou que “O conhecimento deve conduzir à educação para o autocontrole: daqui a absoluta necessidade da virtude da castidade e da permanente educação para ela. [...] a castidade não significa [...] nem a recusa nem a falta de estima pela sexualidade humana: ela significa antes a energia espiritual que sabe defender o amor dos perigos do egoísmo e da agressividade e sabe voltá-lo para a sua plena realização” (JOÃO PAULO II, 1981).

portanto, como sinônimo de uma ‘educação da pureza’ capaz de ensinar os fiéis a ter domínio de si e guardar a integridade do corpo e do espírito através do controle dos instintos sexuais.

Nesses termos, a apologia à castidade, defendida por Monte na década de 1930 e ratificada por Tanner de Abreu na década de 1940, estão sintonizadas, por um lado, com as campanhas profiláticas (contra a perversão sexual, as doenças venéreas, a criminalidade e os conflitos familiares) existentes nas primeiras décadas do século XX; e, por outro, com o movimento que se fortaleceu na década de 1950 e que lutava a favor das práticas morais conservadoras que estimulavam a manutenção do casamento e a clara definição dos papéis sexuais e sociais do homem e da mulher, contrapondo-se às práticas modernas que desvirtuavam o sentido da família, liberando o amor livre. Nesses termos, a apologia à castidade era um reforço da doutrina católica, que tinha a família e a fidelidade conjugal como eixos. Ao valorizar família e castidade, a Igreja garantia a permanência dos seus fiéis. Portanto, Tanner de Abreu e Monte defendiam a castidade como forma de defender a sobrevivência do catolicismo.

No tocante ao terceiro aspecto enfatizado por Tanner de Abreu na obra de Monte – o uso adequado dos tratados de anatomia, histologia, fisiologia, endocrinologia, psiquiatria, psicopatologia sexual, e outras contribuições especializadas no campo da biologia – o que se percebe é que o prefaciador buscou garantir legitimidade científica à defesa do princípio doutrinário da castidade. Entretanto, o que se observa é que Tanner de Abreu não demonstra como esses tratados e os conhecimentos especializados se fazem presentes na obra de Monte. Assim, apesar do discurso científico presente no prefácio, não há menções a como esse discurso se concretiza no livro *Fundamentos Biológicos da Castidade*.

O quarto elemento, apresentado por Tanner de Abreu no prefácio da obra de Monte, envolve, por um lado, a capacidade de Monte de utilizar os estudos científicos para compreender a castidade e, por outro, a competência para relacionar a castidade com a eugenia, a alienação mental e a delinquência. A discussão de Tanner, mais uma vez, não evidencia como Monte mobiliza os estudos científicos disponíveis para estudar a castidade, nem como a castidade se relaciona com a eugenia, a alienação e a delinquência.

Paralelamente às conexões que estou estabelecendo entre o que é dito no texto do prefácio e as discussões efetivamente presentes no texto, é importante destacar que os admiradores de Monte definem *Fundamentos Biológicos da Castidade* como “um livro

antológico e audacioso”.⁴⁶⁵ Considerando que Tanner era um leitor qualificado, era de se esperar que, no prefácio, existissem mais detalhes sobre as inovações que a obra trazia. O que se observa, contudo, é que o prefácio escrito por Tanner enfatiza muito mais sua concordância com a defesa da castidade como uma virtude a ser preservada do que apresenta uma apreciação científica dos procedimentos adotados e dos resultados obtidos e apresentados por Monte no corpo do texto.

Considerando que o prefácio de Tanner não faz referência às capacidades intelectuais de Monte e nem apresenta elementos substanciais sobre a originalidade científica da obra, cabe indagar o que teria levado Tanner a prefaciá-la obra *Fundamentos Biológicos da Castidade*. Tentando resolver esta questão, me deparei com a seguinte afirmação de Paiva (1948, p. 290-291):

Outra particularidade histórica de ‘Fundamentos Biológicos da Castidade’. **Por intermédio e deliberação de Soares de Azevedo foram os originais entregues ao Dr. Henrique Tanner de Abreu**, lente de Fisiologia da Universidade do Brasil, a fim de que, como autoridade, opinasse sobre [sic.] o livro. Passados dias, o mérito professor devolveu os originais, acompanhados de um prefácio entusiástico e espontâneo, no qual reconhecia os profundos conhecimentos do autor e o excepcional valor da obra. (grifos nossos).

Pela citação fica evidente que o fato de Tanner de Abreu ter prefaciado a obra de Monte não se deveu a afinidades pessoais ou científicas entre os dois. O trecho da citação permite inferir que Tanner de Abreu só conheceu *Fundamentos Biológicos da Castidade* porque o jornalista e escritor Soares d’Azevedo⁴⁶⁶ decidiu levar os originais de Monte para Abreu. Assim, foi Soares d’Azevedo, por iniciativa pessoal, quem decidiu fazer a intermediação entre o autor e o prefaciador.

Essa iniciativa de Soares d’Azevedo me instigou a refletir sobre algumas questões: quais os interesses de Soares d’Azevedo em levar os originais de Monte para Tanner de Abreu?

⁴⁶⁵ Na perspectiva de Jurandyr Navarro, o livro seria audacioso não apenas por versar sobre sexo, mas por ter um religioso como autor. Seria também antológico por ser uma das “obras-primas do gênero”. (NAVARRO, 1984 *apud* MONTE, 1985, p. 7).

⁴⁶⁶ Nas fontes, o nome Soares de Azevedo também aparece grafado Soares d’Azevedo. Portanto, as duas formas são usadas para se referir ao mesmo autor. Para fins deste texto, usarei a grafia Soares d’Azevedo, uma vez que que é dessa forma que aparece na capa dos seus livros. Segundo o filósofo Roberto Romano “O Padre Soares d’Azevedo identifica em 1922 setores evangélicos como espiões do [...] “imperialismo norte americano”. Patriota, só o católico obediente à Santa Sé. (*Brado de Alarme*, Rio, Typographia Des. Lima Drummond, página XV e seguintes)” (SILVA, 2018). É importante destacar que não encontrei outras fontes que indicassem que Soares D’Azevedo era Padre. Ele pode ter sido Padre em algum momento de sua vida e, por isso, Roberto Silva Romano o trata como tal. Contudo, nas fontes, encontramos a informação de que ele era casado com Odete do Amaral Soares de Azevedo (A CRUZ, p. 217, out. 1932). A informação sobre o estado civil de Soares d’Azevedo é importante para a tese, uma vez que se trata de um leigo liderando a intelectualidade católica.

Por que Soares d'Azevedo resolveu levar a obra para Tanner? Considerando que o pedido de Azevedo foi para que Abreu escrevesse uma apreciação da obra de Monte, por que Abreu enviou um prefácio para o livro? Quais as relações entre Soares D'Azevedo e Tanner?

Essas indagações me conduziram a investigar a vida de Soares d'Azevedo, na tentativa de identificar, por um lado, a existência de possíveis relações entre ele e a Igreja e, por outro, entre a ele e Tanner de Abreu. Descobri que Soares d'Azevedo atuou como professor, jornalista e escritor, com publicações, sobretudo, na editora *Vozes*, e que participou na coordenação de, pelo menos, quatro congressos eucarísticos.⁴⁶⁷ Não consegui identificar o ano de nascimento e morte dele, mas encontrei uma série de citações na imprensa sobre as suas atividades profissionais, sobretudo aquelas relacionadas à Igreja Católica, entre as décadas de 1920 e 1940. Foi Azevedo quem dirigiu, desde o primeiro número, o periódico *Excelsior: Revista Mensal Ilustrada*, publicado no Rio de Janeiro.⁴⁶⁸ O *Editorial* do seu primeiro número da *Excelsior*, intitulado *Logar ao Sol* (1928. p. 17), descreve a revista nos seguintes termos:

[...] tanto quanto possível, **tomaremos parte nos debates dos problemas sociais, economicos, intellectuaes, moraes e religiosos**. Uma das preocupações da sua direcção será imprimir á EXCELSIOR uma orientação de rigorosa moralidade. A alguém parecerá estranho que precisamente quando até sisudos órgãos da nossa imprensa diaria acolhem a literatura na qual figuram 'a concubinação e o adulterio como de direito commum', como legitimos excitantes da emoção esthetica, uma revista – gênero de leitura sempre mais leve, destinada geralmente aos instantes de lazer – tome sobre os hombros a responsabilidade de taes compromissos. Far-se-á, estamos seguros, o gosto da nossa gente, que, para despertá-lo, seja mister o acepipe da sensualidade. A aceitação que EXCELSIOR logrará obter no seio das famílias e na própria massa popular servirá como desmentido á versão corrente de que sem a nota deprimente do escândalo não é possível fazer uma revista de interesse, no Brasil. (grifos nossos).

Pelo que se constata no *Editorial*, *Excelsior* era uma publicação católica preocupada em difundir os valores morais do catolicismo, em contraposição ao que a imprensa não católica difundia. Soares d'Azevedo, na condição de diretor da revista, devia ter relações muito fortes com as diretrizes da Igreja Católica e com as figuras mais expressivas entre os leigos e entre o

⁴⁶⁷ O 1º Congresso Eucarístico Nacional, realizado em Salvador, em 1933; O 2º Congresso Eucarístico Nacional, realizado em Belo Horizonte, em 1936; O 3º Congresso Eucarístico Nacional, realizado em Recife, em 1939; O 4º Congresso Eucarístico Nacional, realizado em São Paulo, em 1942. Para exemplificar a atuação de Soares d'Azevedo no 3º Congresso realizado em Recife, Cf: Souza Neto (2005. p. 205-208).

⁴⁶⁸ Encontrei exemplares da revista *Excelsior* publicados entre janeiro de 1928 e janeiro de 1945. A partir de sua análise, é possível afirmar que essa sempre foi uma publicação católica. Entretanto, nos seus primeiros números, havia reportagens sobre temas mais gerais e, nos últimos números, só eram publicados artigos sobre o catolicismo.

clero. Em matéria publicada no dia 27 de novembro de 1938, o jornal *A Ordem* anunciou que Soares d’Azevedo havia estado em Natal. Segundo o periódico,

Prof. Soares d’Azevedo

Pelo interestadual⁴⁶⁹ seguiu hoje com destino ao Recife, de onde se transportará para o Rio de Janeiro, o professor Soares d’Azevedo, que esteve dois dias entre nós em propaganda da ‘Cruzada da Boa Imprensa’, de que é um dos diretores.

O professor Soares d’Azevedo foi recebido no Paço Episcopal, na noite de anteontem, numa assembleia presidida pelo exmo. sr. Bispo e de que fizeram parte os vigários das paróquias da capital e elementos do laicato católico.

Em artigo escrito especialmente para essa folha, o valoroso jornalista dá as suas impressões sobre a nossa terra e a nossa gente (A ORDEM, p. 1, 27 nov. 1938).

De acordo com a informação divulgada, Soares d’Azevedo havia estado em Natal no final de 1938 para fazer propaganda da “Cruzada da Boa Imprensa”, entidade criada em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, em 1931, e que foi transferida para o Rio de Janeiro em 1935. Essa Cruzada tinha por objetivo difundir a literatura cristã em todos os seus aspectos, o que incluía a imprensa. Essa entidade, apesar de possuir um periódico – intitulado “Lampejos”, no qual difundia as suas ideias, tinha uma tiragem superior a cem mil exemplares mensais, distribuídos nos diversos estados brasileiros –, atuava de forma mais ampla defendendo a “boa imprensa” (composta pelos periódicos católicos) e criticando a “má imprensa” (jornais anticlericais, jornais pertencentes a outras religiões e jornais que se autoproclamavam como neutros. (A ORDEM, p. 1, 14 set. 1935).⁴⁷⁰ Nesses termos, pode-se afirmar que, na condição de diretor da “Cruzada da Boa Imprensa” (A ORDEM, p. 12, 7 nov. 1938), Soares d’Azevedo seguia as diretrizes da Igreja, defendendo e difundindo as ações católicas contra os seus inimigos.

Em 1935, três anos antes da visita de Soares d’Azevedo, o jornal *A Ordem* havia anunciado a visita do Padre Rohden nos seguintes termos:

⁴⁶⁹ Provavelmente, o termo “interestadual” esteja sendo empregado para se referir ao trem de passageiros que fazia o percurso entre as cidades de Natal e Recife.

⁴⁷⁰ É importante destacar que antes dessa entidade já existia a terminologia “boa imprensa” e “má imprensa”. Segundo Ribas, na primeira metade do século XX, a imprensa foi gradativamente se tornando um importante instrumento de divulgação das ideias do catolicismo. Foi nesse contexto que, diante da necessidade de estimular a leitura dos católicos, padres franciscanos passaram a organizar, em Petrópolis, no Rio de Janeiro, uma imprensa sintonizada com os preceitos da Igreja. Para Ribas, o Padre Pedro Sinzig, que chegou em Petrópolis, em 1907, pode ser considerado o fundador da Boa Imprensa no Brasil (RIBAS, 2009). Esse é o caso também da revista paranaense *A Cruzada*, que foi publicada entre 1926 e 1931. Sobre este tema, confira: Paula (2018). Independentemente da data do surgimento do termo má imprensa, é importante ressaltar que a discussão em torno de uma boa e de uma má imprensa não emerge com a entidade organizada em Santa Maria e transferida para o Rio de Janeiro.

Conforme noticiários, hontem, acha-se em Recife o illustrado orador e escriptor Padre Dr. Huberto Rohden.

O Pe. Dr. Huberto Rohden, vindo do Rio de Janeiro, percorre os Estados do Norte a serviço da Cruzada da Boa Imprensa e do Centro Dom Vital, ambos com sede na Capital Federal. Vem ainda na qualidade de representante de Tristão de Athayde, como propagandista do Congresso Internacional de jornalistas Catholicos e da Exposição Mundial da Imprensa Catholica a realizar-se em Roma, no mez de Abril do anno de 1936.

O Revmo. Mons. Alfredo Pegado, Vigario Geral da Diocese, recebeu hontem uma carta do illustre itinerante avisando a sua proxima chegada a Natal.

[...]

‘A Ordem’

Mantém o ‘Centro D. Vital’ uma importante revista de cultura – ‘A Ordem’, onde collaboram as figuras mais salientes das letras nacionaes. Essa revista já conta no Rio Grande do Norte varios assignantes. (A ORDEM, p. 1, 14 set. 1935).

A partir da citação é possível perceber que a vinda de Soares d’Azevedo a Natal dá continuidade ao projeto de difusão do catolicismo em diferentes regiões do Brasil, visando ao aumento do número de fiéis católicos. A presença de Soares d’Azevedo em Natal era algo muito bem-visto pelo clero, devido ao trabalho que esse jornalista e escritor católico desenvolvia na imprensa no Rio de Janeiro, tendo, inclusive, representado a imprensa católica brasileira em atividade realizada em Roma em junho de 1936 (A CRUZ, p. 5, 21 jun. 1936).

Durante sua estadia em Natal, Soares d’Azevedo escreveu para *A Ordem* e expressou as razões resultados de sua visita:

Ascensão - Soares d'Azevedo

Esta excursão, tão edificante, para mim, em seus aspectos morais e espirituais, [...], **encerra-se aqui hoje nesta Natal, sempre donairoza, e sobre o agasalho desta gente sempre acolhedora.** A capital potiguar não a revira eu desde 1931, mas **me encanta os olhos agora e me estimula o coração, [...] pelo que está realizando no setor espiritual, o único, a meu ver, em que podem existir glórias de bem servir ao Brasil.**

Aqui não se dá bem conta da tremenda gravidade da hora que passa, tal a benignidade do clima cívico e espiritual em que se vive, mas trabalha-se com tal denodo e espírito de renúncia, e **oferece-se ao Brasil dos nossos dias tal espetáculo de fé,** [...] numa incontida ânsia de repelir essa cambada de exotismos que nestes últimos trinta anos se espalharam pelo mundo feito diabos soltos.

Essa figura desconcertante de bispo que é d. Marcolino -- desconcertante pelo humor e a alegria sã com que se atira aos mais ousados cometimentos, é a mesma figura suave e boa que há tantos anos nos entrou coração a dentro para não mais sair. [...]. Congregados marianos, as walquírias cristãs da fita azul, o cooperativismo que Paulo de Tarso perfilharia ás voltas com peles de camelo, a imprensa tão promissora, a catequese tão solícita, o magistério tão operoso (maristas, Doroteas, Amor Divino, tudo apostado no divino amor). **Vejo-me cercado de estímulos de que careço e de exemplos que não dispensaria.** [...]

A mocidade, uma mocidade radiosa como um sol de manhã pelo sertão adentro, compete a vigilância cívica do patrimônio moral aqui deixado por algumas gerações de almas crentes. A ela, a mocidade do norte brasileiro, é que estão aliás, entregues os destinos da nacionalidade (A ORDEM, p. 1, 27 nov. 1938, grifos nossos).

A passagem extraída do jornal *A Ordem* evidencia que Soares d’Azevedo ficou maravilhado com o que encontrou em Natal durante a sua visita: o trabalho espiritual realizado pela Igreja natalense; o clima de devoção visto na cidade, que era exemplo para o Brasil; as ações ousadas de Dom Marcolino, então bispo de Natal, e todas as iniciativas realizadas na Diocese. Observando-se as declarações feitas por Soares d’Azevedo, deduz-se que ele construiu boas relações com o clero e que teve acesso às produções locais e, provavelmente, foi informado dos escritos de Padre Monte ou pode mesmo ter construído relações amistosas com o religioso, que atuava em Natal.⁴⁷¹

Entre os livros de Soares d’Azevedo destaca-se *Brado de Alarme* (1922),⁴⁷² publicado no Rio de Janeiro, com prefácio do Padre João Gualberto do Amaral.⁴⁷³ Segundo Thales de Azevedo, na obra de Soares de Azevedo há uma denúncia de que os Estados Unidos atuaram contra a unidade religiosa no Brasil. Thales de Azevedo, comentando a percepção de Soares d’Azevedo e de seus contemporâneos sobre essa questão, afirmou que

No Brasil, como em toda a América Latina, a penetração protestante tem sido denunciada como um instrumento do expansionismo norte-americano; o livro *Brado de Alarme*, publicado há uns trinta anos por Soares d’Azevedo, defendia essa tese. E não faz muitos anos que o Arcebispo de Belo Horizonte, D. Antônio dos Santos Cabral, denunciou publicamente o Departamento de Estado norte-americano como responsável por facilidades concedidas aos pastores estadunidenses para virem quebrar a unidade religiosa do país (AZEVEDO, 2002. p. 52-53).

Nessa citação, estão expostas duas importantes ideias: a primeira é que Soares d’Azevedo defendia a Igreja contra todos os inimigos desde, pelo menos, 1922. Isso significa

⁴⁷¹ Em 1938, Padre Monte morava no Seminário de São Pedro, era um dos oradores mais concorridos da cidade, gozava de grande prestígio entre o alto clero natalense e participava ativamente das grandes cerimônias religiosas. Sua condição de intelectual já era exaltada pelos seus admiradores. Existiu, portanto, uma grande probabilidade tanto de alguém ter comentado e recomendado com Soares d’Azevedo sobre a obra de Monte que defendia a castidade e a continência, quanto de o próprio Padre Monte ter conversado sobre o tema com Soares d’Azevedo.

⁴⁷² Não consegui ter acesso ao livro. Apenas à capa e a algumas feitas a ele em vários trabalhos. Provavelmente, uma leitura da obra permitiria o estabelecimento de associações entre o pensamento de João Gualberto e Soares d’Azevedo e o de Monte.

⁴⁷³ Já nos referimos a João Gualberto do Amaral neste capítulo. Ele atuou como defensor da Igreja em polêmicas públicas em São Paulo e no Rio de Janeiro. Também já informamos que existe uma biografia desse religioso escrita pelo Cônego Jorge O’Grady de Paiva, que também é autor de uma biografia de Padre Monte.

que – de forma semelhante à atuação de Monte – Soares d’Azevedo era um combatente na guerra que a Igreja empreendia para sobreviver diante das inovações modernas e do surgimento de outros credos religiosos. A segunda é que Soares d’Azevedo defendia ideias próximas às de Dom Antônio Soares Cabral, que havia sido bispo de Natal e com quem tinha relações muito próximas.

Esclarecidas as informações sobre Soares d’Azevedo, posso inferir algumas prováveis motivações para que apresentasse a obra de Monte a um especialista. Provavelmente, ele encontrou nesta obra uma oportunidade de dar visibilidade ao religioso natalense, fortalecendo a imagem da Igreja em Natal. Além disso, ele procurou levar a obra para um pensador que desfrutasse de reconhecimento nacional e, ao mesmo tempo, estivesse alinhado com o pensamento católico. Por outro lado, o tema tratado por Monte – a castidade – seria muito bem-vindo para a campanha nacional de fortalecimento da Igreja, contribuindo com argumentos que justificariam cientificamente os dogmas católicos.

Soares d’Azevedo era, portanto, um homem bem relacionado no seio da Igreja e representava os projetos desta instituição, o que pode explicar ter procurado o médico Tanner de Abreu, devido ao seu perfil de cientista e de católico.⁴⁷⁴ Em 24 de julho de 1938, 4 meses antes de Soares d’Azevedo visitar Natal, o jornal católico *A Cruz*,⁴⁷⁵ um dos mais importantes periódicos católicos do Brasil, com sede no Rio de Janeiro, publicou uma longa matéria sobre a última aula de Tanner de Abreu.

Prof. Dr. Henrique Tanner de Abreu

A 20 de Junho p. p., [sic] deu sua **última aula como professor catedrático efetivo, em exercício o prof. dr. Henrique Tanner de Abreu, na Cadeira de Medicina Legal da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil**. O ato revestiu-se de grande solenidade, realizando-se no Pavilhão Torres Homem da Faculdade, que se achava artisticamente ornamentado, anotando-se a presença de elevado número de professores, médicos, alunos e amigos do homenageado. Entre outros, notamos os professores Augusto

⁴⁷⁴ Tanner de Abreu publicou vários livros, dentre os quais destacam-se : *Jurisprudência Médica*, (1911) *Das manchas de Sangue* (1911), *Hematologia Forense* (1917), *Manual de Necropsia Forense* (1917), *Diagnose da Simulação de loucura* (1917), *Medicina legal aplicada à arte dentária* (1929), *Caracterização das manchas nervosas* (1928), *Estudo histológico das manchas da massa cerebral e de Placenta* (1930), *Loucos de todo o gênero* (1930), *Do Crime e do Criminoso* (1932). Importante destacar que seus cursos de Medicina Legal previam aulas práticas desenvolvidas em salas de necrópsias. Essas informações são necessárias para mostrar as diferenças entre o tipo e ciência que Tanner de Abreu praticava (ligada mais à fisiologia, discutindo os aspectos fisiológicos sem associá-los diretamente à moral) e as discussões científicas realizadas por Monte (ciência e moral).

⁴⁷⁵ O jornal *A Cruz* pertencia à *Arquidiocese do Rio de Janeiro* e a *Confederação Católica* e era um dos principais periódicos católicos do período, sendo responsável por conferir voz aos mais destacados intelectuais católicos, especialmente os laicos, engajados na construção do discurso anticomunista católico. *A Cruz* publicou sua primeira edição em 21 de setembro de 1919, sendo publicado quinzenalmente pela paróquia de São João Batista.

Paulino⁴⁷⁶, Nascimento Silva,⁴⁷⁷ **Drs. Alceu Amoroso Lima,**⁴⁷⁸ Alfredo Russell,⁴⁷⁹ Vianna da Silva, José Lopes Pontes,⁴⁸⁰ Álvaro Pontes, Padre Leonel Franca,⁴⁸¹ Dr. Hamilton Nogueira,⁴⁸² dr. Bento Ribeiro de Castro.⁴⁸³ O primeiro orador foi o **Dr. Nascimento Silva**, docente e chefe de Laboratório da Cadeira, que recordou a brilhante carreira do Prof. Tanner de Abreu do magistério superior, suas nobres qualidades de chefe de escola, por 42 anos de exercício do mesmo magistério. Seguiu-se com a palavra a senhorita **Julia de Almeida**, que em nome dos alunos do professor Tanner de Abreu, manifestou a S. Excia. a admiração de seus discípulos atuais, pelo mestre perfeito, dedicado e pontual, e que jamais poupou esforços pelo cabal ensinamento de seus alunos, através de elevado número de discípulos que receberam seus sadios ensinamentos. Seguiu-se com a palavra o **professor Augusto Paulino**, que exprimiu que esse dia não era um dia de tristeza para a Faculdade, mas sim de grande alegria, pois o **professor Tanner de Abreu é sem dúvida um exemplo do mestre perfeito, dotado das mais dignas virtudes, e que mostra á porfia que a mais elevada ciência é perfeitamente compatível com o catolicismo.** O professor Tanner, prosseguiu, sempre orientou seus discípulos com as mais elevadas palavras, tem já enorme contribuição original no campo da Medicina Legal, da Higiene, da Odontologia Legal; é, sem dúvida, notável sociólogo, pensador, fino escritor, mestre perfeito. [...] **Na Sociedade Medica de S. Lucas, a 2 de Junho de 1938, da qual é seu presidente efetivo, ha muitos anos, o Prof. Tanner de Abreu, realizou-se também uma sessão solene, em homenagem ao egrégio mestre, em comemoração ao acontecimento. A sessão realizou-se no Círculo Católico, sob a presidência de S. Revma. D. Benedicto de Souza, Bispo de Oriza, e representando S. E. o Cardial D. Sebastião Leme.** Achavam-se presentes vários professores, médicos, alunos, além dos representantes de várias associações, da Faculdade Nacional de Medicina e sociedades. [...] **Discursou primeiramente S. R. D. Benedicto de Souza, que trouxe a inteira adesão de Sua Emcia. o Cardial D. Sebastião Leme,** ás homenagens tributadas, e que fazia os mais cordiais votos pela continuação de vida tão fértil no supremo magistério da Republica. A seguir discursaram os professores Augusto Paulino, Hamilton Nogueira, Drs. Carlos Fernandes, Álvaro Pontes, Mauricéa Filho, que enalteceram as qualidades sem par do homenageado, e que Por esses oradores, o professor **Tanner de Abreu recebeu inteira adesão pelas homenagens que recebeu,** da Academia Nacional de Medicina, da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, da Sociedade de Medicina

⁴⁷⁶ Augusto Paulino Soares (1877-1962). Professor de Cirurgia Clínica da Universidade do Rio de Janeiro. Membro da Academia Nacional de Medicina.

⁴⁷⁷ Alfredo do Nascimento Silva (1866-1951). Médico, professor de Medicina Legal da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Diretor da Escola Normal do Distrito Federal. Membro da Academia Nacional de Medicina.

⁴⁷⁸ Alceu Amoroso Lima (1893-1983). Advogado, crítico literário e líder católico. Escreveu vasta bibliografia em defesa da Apologética Católica.

⁴⁷⁹ Alfredo de Almeida Russell (1875-1939). Professor da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Desembargador Federal.

⁴⁸⁰ José de Paula Lopes Pontes (1912-1992). Livre-Docente da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro. Membro da Academia Nacional de Medicina.

⁴⁸¹ Leonel Edgar da Silveira França (1893-1948). Padre pertencente à Companhia de Jesus. Foi membro do Conselho Nacional de Educação, dirigiu o Colégio Santo Inácio, no Rio de Janeiro, e teve participação marcante na criação da PUC-Rio, sendo também seu primeiro reitor. Em 1947, recebeu o Prêmio Machado de Assis. Escreveu vasta bibliografia em defesa da Apologética Católica.

⁴⁸² Hamilton de Lacerda Nogueira (1897-1981). Professor Livre-Docente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi um dos fundadores e vice-presidente do Centro Dom Vital, entidade leiga católica profundamente ligada à Neocrístandade. Membro da Academia Nacional de Medicina.

⁴⁸³ Bento José Ribeiro de Castro. Médico, membro da Academia Nacional de Medicina.

do Rio de Janeiro, **do Centro D. Vital, da Coligação Católica, do Círculo Católico, da Federação das Congregações Marianas**. Por fim, tomou a palavra o professor dr. Henrique Tanner de Abreu, que agradeceu profundamente comovido a todas as homenagens prestadas, a todas as sociedades representadas, oradores e presentes. Foi, em seguida levantada a sessão. (A CRUZ,⁴⁸⁴ p. 2, 24 jul. 1938, grifos nossos).

O texto do jornal *A Cruz* apresentou as duas solenidades ocorridas no Rio de Janeiro para homenagear o professor Henrique Tanner de Abreu, em razão da sua aposentadoria. Uma solenidade, ocorrida na Sociedade Médica São Lucas, no dia 2 de junho de 1938, e outra solenidade ocorrida na Faculdade Nacional de Medicina, no dia 20 de junho do mesmo ano. Na citação, o jornal apresenta primeiro a segunda solenidade e sobre ela duas observações podem ser feitas. O fato inicial que chama a atenção é que, dos dez nomes citados, encontrei pelo menos três que eram lideranças da Neocristandade: Alceu Amoroso Lima, Padre Leonel França e Hamilton Nogueira. Dos três, apenas Hamilton Nogueira era médico. Isso é um indício de que Tanner de Abreu possuía ligações com a Neocristandade e os líderes desse movimento estavam na solenidade para prestigiá-lo.

A segunda observação é que o último dos três oradores que homenageou Tanner, o médico Augusto Paulino, pertencente à Academia de Medicina, afirmou, explicitamente, que Tanner havia demonstrado, ao longo da sua vida como professor e cientista, aos adversários do catolicismo que a ciência não era incompatível com as doutrinas da Igreja Católica. Essas duas observações permitem inferir que a decisão de Tanner de prefaciar o livro de Monte foi influenciada pelos objetivos da Neocristandade, não se tratando, portanto, de uma mera análise de questões técnicas relacionadas a Medicina.

A outra sessão de homenagem a Tanner, realizada no dia 2 de junho, foi, nitidamente, uma homenagem dos católicos. Tratava-se de uma reunião realizada em uma entidade católica e coordenada pelo Clero. O orador oficial, como a citação expressa, apresentou ideias que eram defendidas pelo Cardeal Leme, notório líder da Neocristandade brasileira. Além disso, chama a atenção a presença de três entidades católicas – o Centro Dom Vital, o Círculo Católico e a Federação das Congregações Marianas – no evento. Diante de todas essas evidências, fica clara a relação de Tanner com a Neocristandade, o que permite ratificar a ideia de que o prefácio do livro de Monte foi feito a partir das influências da Neocristandade. Além disso, é importante ratificar que, nas duas homenagens, havia a presença de intelectuais católicos assistindo as reuniões e fazendo discursos, o que permite concluir que esses intelectuais participavam tanto para prestigiar um católico que estava sendo homenageado quanto para expressar,

⁴⁸⁴ Publicação semanal da Confederação Católica do Brasil.

discursivamente, as ideias defendidas pela Igreja. Essa rede de intelectuais católicos explica a motivação de um cientista católico prefaciando um livro de alguém com quem ele não tem nenhuma afinidade pessoal ou científica.

Em outras reportagens do jornal *A Cruz* também identifiquei menções a Tanner de Abreu na companhia de outros líderes católicos, como o próprio Padre Cabral, diretor do referido periódico. Pode-se, em razão disso, inferir que Tanner de Abreu atendia aos dois requisitos postos por Soares de Azevedo para ser um leitor da obra de Monte: era um católico praticante e tinha conhecimento médico, podendo conferir legitimidade à obra de Monte junto à Igreja e à sociedade.

Deve-se ressaltar que Tanner escreveu o prefácio da obra em 1941, ano em que Monte ainda se encontrava bem de saúde, sem quaisquer sintomas da tuberculose que o levaria à morte. Isso significa que Monte pode ter tido contato com o próprio Tanner ou com sua produção e, até, manifestado sua satisfação diante da iniciativa de Soares d'Azevedo. O contato de Monte com Tanner de Abreu ou com sua produção pode ter se dado tanto em Natal, quanto durante a viagem que ele fez ao Rio de Janeiro.

Nas minhas investigações, descobri que Monte fez, pelo menos, duas grandes viagens a cidades localizadas fora do Rio Grande do Norte. Essa descoberta contradiz os admiradores de Monte, que afirmam que Monte nunca teria saído de Natal. Nessa linha de investigação, descobri que entre 15 de fevereiro e 27 de março de 1938, Monte esteve em cidades do Sudeste e do Sul do país. Foram quarenta e um dias de viagem.⁴⁸⁵ O jornal *A Ordem* anunciou tanto a sua viagem (*A ORDEM*, p. 1, 15 fev. 1938), quanto o seu retorno, como se pode observar na passagem abaixo:

REGRESSOU DO SUL DO PAÍS O PADRE LUIZ MONTE

De sua viagem ao Sul do país, regressou a esta Capital o Revmo. Luiz Monte, orientador do movimento católico no meio da Juventude Feminina, em nossa terra. S. Revma. **esteve em visita às organizações de Ação Católica do Rio de Janeiro**, São Paulo, Paraná, Estado do Rio e Pernambuco, **tendo entrado em contato com as grandes figuras do Clero e Laicato. Volta o Pe. Luiz Monte cada vez mais convencido de que só a Ação Católica dará ao Brasil rumos seguros e tranquilizadores.** No corrente ano irá S. Revma. promover a expansão da Juventude por toda a Diocese, em continuação ao programa já iniciado. *A ORDEM* apresenta a sua Revma. as suas saudações de boas-vindas (*A ORDEM*, 27 mar. 1938, grifos nossos).

No texto, encontramos a explícita menção de que Monte esteve no Rio de Janeiro em 1938 e que manteve contato com organizações da Ação Católica e com figuras do clero e do

⁴⁸⁵ Sobre o roteiro das viagens de Monte, ver apêndice E.

laicato. Nesta oportunidade, além de ter apresentado o trabalho que desenvolvia no âmbito da Ação Católica em Natal, deve ter sido também informado das ações e diretrizes desse movimento no Rio de Janeiro. A viagem, certamente possibilitou o seu encontro com intelectuais católicos que atuavam no Rio de Janeiro. Considerando as fontes às quais tive acesso, Monte escreveu *Fundamentos Biológicos da Castidade* no final da década de 1930, sendo plausível supor que durante sua permanência no Rio de Janeiro, em 1938, trocou ideias sobre a obra que já estava sendo escrita. Nesse caso, os próprios interlocutores de Monte no Rio de Janeiro já poderiam ter dado informação sobre o texto de Monte a Soares d’Azevedo.

É importante destacar que no Rio de Janeiro, Monte tinha, pelo menos, dois interlocutores privilegiados: Dom José Pereira Alves e Padre José Maria Cabral. O primeiro, Dom José Pereira Alves,⁴⁸⁶ havia sido Bispo de Natal de 1923 a 1928, antes de sua designação para a Diocese de Niterói.⁴⁸⁷ Segundo Paiva (1948), além da primeira tonsura, Dom José Alves o tinha ordenado como sacerdote. Entretanto, na interpretação de Paiva, a relação entre os dois ultrapassava a mera subordinação hierárquica, uma vez que Monte o tinha como um mestre, e este, por sua vez, o via como seu discípulo (PAIVA, 1948. p. 63).

Quando Dom José Alves assumiu a Diocese de Niterói, a Editora Vozes⁴⁸⁸ estava em plena ascensão e, por estar sediada em Petrópolis, pertencia à jurisdição diocesana de Niterói. Por isso, provavelmente, Dom José Pereira Alves tinha acesso aos autores e às diretrizes da Editora⁴⁸⁹. Nesses termos, Dom José pode ter discutido com Monte estratégias para a publicação da obra *Fundamentos Biológicos da Castidade*.

O segundo interlocutor era o Padre natalense José Maria Cabral,⁴⁹⁰ editor chefe do jornal *A Cruz*, órgão da Arquidiocese do Rio de Janeiro e da Confederação Católica. Sendo *A*

⁴⁸⁶ Como já afirmei no primeiro capítulo, Monte e Dom José Pereira construíram uma relação de amizade, quando Dom José Pereira era bispo de Natal.

⁴⁸⁷ Dom José Pereira Alves permaneceu com Bispo de Niterói até 1947, ano em que faleceu.

⁴⁸⁸ A Editora Vozes foi fundada em 1901, em Petrópolis, no Rio de Janeiro. Seu primeiro nome era Tipografia da Escola Gratuita São José. Nas suas origens, tinha o objetivo de imprimir livros didáticos para suprir as necessidades da Escola. A partir de 1911, passou a se chamar Editora Vozes e a produzir obras para serem vendidas por catálogo a escolas, igrejas e livrarias, sem uma preocupação com uma estrutura comercial. Apesar de pequena, essa editora permitia o acesso a autores de livros. Por essa lógica, é provável que Dom José Pereira Alves tenha discutido com Monte estratégias de publicação do livro dele.

⁴⁸⁹ Importante destacar que até 1946 a cidade de Petrópolis pertencia à diocese de Niterói.

⁴⁹⁰ As fontes a que tive acesso se referem ao Padre Cabral de diferentes maneiras: “Padre José Maria Passos Cabral,” “Padre José Maria Cabral”, “Padre José Cabral”, “Pe. J. Cabral” e “Pe. Cabral”. Padre José Maria Passos Cabral nasceu, em Natal, no dia 07 de outubro de 1897 e era filho de Antônio Lustosa Cabral e Ana dos Passos Lustosa Cabral. Realizou seus estudos sacerdotais nos seminários de João Pessoa (onde recebeu a tonsura em 1916), de Fortaleza e de Natal (cidade onde concluiu os seus estudos e foi consagrado). Provavelmente, foi estudar fora de Natal em razão do fechamento do Seminário, em 1916, e, em 1919, com reabertura do seminário natalense, retornou para concluir os estudos sacerdotais. Em 1920, Dom Antônio dos Santos Cabral, então bispo de Natal, o tornaria presbítero. Antes da conclusão do seu curso, tornou-se secretário

Cruz um dos principais periódicos católicos do período, a atividade de Padre Cabral lhe permitia ter contato direto como os mais destacados intelectuais católicos, especialmente, os leigos engajados na construção do discurso anticomunista católico.

A partir da matéria jornalística que noticiou a viagem de Monte, das ações de Soares d’Azevedo e do prefácio de *Fundamentos Biológicos da Castidade*, escrito por Tanner em 1941, é possível inferir que a escolha do prefaciador dessa obra de Monte esteve diretamente associada às estratégias adotadas pelas lideranças católicas que visavam legitimar cientificamente concepções/dogmas do catolicismo.

No que se refere ao conteúdo do *livro Fundamentos Biológicos da Castidade*, posso afirmar que Monte defendia o celibato e a castidade.⁴⁹¹ Em geral, tem-se a impressão de que, inicialmente, o autor pretendia utilizar os fundamentos da biologia para convencer, com argumentos científicos, os seus alunos seminaristas a serem celibatários e castos. Entretanto, é importante destacar que suas análises ultrapassaram os círculos religiosos, atingindo os homens em geral, sendo praticamente inexistentes as menções à castidade feminina.

Em *Fundamentos Biológicos da Castidade*, Monte defendeu a ideia de que a sexualidade precisava ser submetida à continência (entendida por ele como sinônimo de castidade, virgindade, comedimento e moderação). O religioso potiguar concebeu a continência como uma prática saudável, justificada a partir de uma argumentação científica fundamentada em princípios fisiológicos. Para ele, os fundamentos científicos contribuíam para desfazer preconceitos contra a continência:

[...] a prática da continência tem sido para muitos o alvo preferido para invectivas mordazes. Manejando com indisfarçável apriorismo as armas inofensivas de velhos preconceitos, empenham-se em tenaz ofensiva, responsabilizando-a por não poucos distúrbios metabólicos e emprestando-lhe gratuitamente um papel trófico, perigoso e funesto.

[...]

Mais que nunca, as modernas aquisições da fisiologia obrigam a uma falência irremediável os que, sistematicamente avessos à continência, perseveraram em lhe apontar desconveniências comprometedoras (MONTE, 1985. p. 11-12).

Na passagem acima, percebe-se que Monte critica sistematicamente os que eram contrários à continência, não deixando claro, no entanto, quem seriam esses opositores.

do bispado. Após a sua formação, atuou como vigário de diversos municípios norte-rio-grandenses, entre os quais destacaram-se: Taipu, Macaíba e Santa Cruz. Em 1925 licenciou-se das suas funções na Diocese de Natal e foi para o Rio de Janeiro, passando antes pela cidade natalícia do Cardeal Dom Sebastião Leme, Espírito Santo do Pinhal (São Paulo). Nessa cidade instalou, em 1926, uma escola: o Instituto D. Sebastião Leme. Posteriormente, tornou-se editor chefe do jornal católico *A Cruz*, com sede no Rio de Janeiro (OLIVEIRA, 2019. p. 86).

⁴⁹¹ Castidade e celibato, por vezes, aparecem, na obra de Monte, como conceitos que estão associados.

Provavelmente, Monte não se referia a indivíduos específicos, mas a práticas comuns existentes em sociedades que, pautadas por um pensamento anticristão, permitiam o sexo livre. Sua reflexão está ancorada no princípio de que tudo era permitido até o momento em que a Igreja passou a definir o que seria o pecado, isto é, tudo o que contrariava os dogmas e as virtudes. Ao definir a castidade como uma virtude, a Igreja sofreu críticas e cientistas passaram a refutar o pensamento religioso sobre o tema. É contra esses cientistas que Monte protesta. No primeiro capítulo da obra, a preocupação de Monte (1985. p. 15) era a de mostrar que

Levados por preconceitos, afirmam os anti-continentes que a ausência dos estímulos genésicos conseqüentes à prática da continência acarretaria uma degenerescência mórfica e funcional dos elementos celulares do epitélio seminal.

Por simpatia, as células de linhagem intersticial, responsáveis pela função endócrina das glândulas sexuais, se ressentiriam profundamente.

Assim traumatizadas, as intersticiais acusariam um *déficit* [*sic*] no teor da secreção hormônica. (grifo do autor).

É possível perceber que Monte criticava os que consideravam que a continência podia gerar problemas morfológicos e funcionais que degenerariam o canal seminal. Para tentar comprovar sua tese de que a continência não era prejudicial ao organismo humano, ele explicita, reiteradamente em diversas partes do texto, que não havia uma distrofia das vesículas seminais ou redução da produção de sêmen naqueles que se abstivessem de sexo. Mobilizando vários autores estrangeiros, como Bouin e Ancel, Stenach, Kropman, Moore, Lipschütz,⁴⁹² Monte (1985. p. 15-17) chegava, no primeiro capítulo, à conclusão de que era

[...] um mito a pretensa distrofia das células intersticiais, em conseqüência da destruição funcional do epitélio seminal, o responsável pela espermatogênese. [...] Neste caso, a continência é um precioso fator de regeneração, como elemento dínamogenético; e não causa ele atrofia ou degenerescências orgânicas.

⁴⁹² A bibliografia consultada é indicada no final de cada capítulo e é organizada a partir de temas, sendo composta apenas pelo sobrenome do autor e o título da obra. No *capítulo um*, a bibliografia está organizada em torno de nove temáticas: 1 Anatomia e histologia do testículo; 2 Histologia do testículo; 3 Conexões da hipófise com o sistema nervoso; 4 Sexualidade e hipófise; 5 Hormônios testiculares; 6 Puberdade; 7 Psicopatologia sexual; 8 Fadiga; 9 Unidade biológica e, 10 Plasticidade dos centros nervosos. Para cada tema, Monte cita os autores por ele pesquisados. É importante destacar que as obras consultadas por Monte são escritas majoritariamente em francês e/ou em inglês. Ao todo, no primeiro capítulo, que é o maior de toda a obra, com setenta e nove páginas, há noventa e duas referências. Desse montante, oitenta e três estão em língua estrangeira; três foram traduzidas do francês para o português e apenas seis autores (Souza, Estácio Lima e Tales Martins – citado como autor de quatro obras diferentes) escreveram em língua portuguesa. Importante observar que apesar de serem citados na bibliografia, no corpo do texto propriamente dito os autores são pouco referenciados.

Portanto, no que se refere à *influência trófica da continência*, Monte afirmou que a continência não causava prejuízo à potência sexual, o que significava que o homem podia se manter casto, sem perder a sua função sexual. Nesses termos, ele considerou equivocada a concepção de que o sexo precisava ser exercitado para que o homem fosse saudável. Ainda na obra *Fundamentos Biológicos da Castidade*, nos capítulos dois (Continência, castidade e eugenia); três (Continência e loucura); e quatro (Castidade e delinquência), o religioso potiguar ratifica os benefícios da prática da castidade e os prejuízos que trazia para quem não a adotasse. No capítulo dois, ao discutir a continência, a castidade e a eugenia, Monte (1985. p. 83) destaca:

Os excessos eróticos agem como um mordente, que sensibiliza o sistema neural às nefastas incursões das substâncias de cansaço, da fadiga, da estafa, da surmenage, diminuindo-lhe a capacidade de rendimento, predispondo às invasões patogênicas.

Sob o peso bruto das sobrecargas emotivas conseqüentes [sic] a um sexualismo exagerado, com o tempo, os centros nervosos claudicam, e, se encontram à colaboração de uma labilidade congênita, ou moléstia adquirida comprometem irremediavelmente a harmonia funcional do conjunto.

Segundo Monte, fundamentado em vários autores estrangeiros,⁴⁹³ os que praticam a continência teriam vantagens imediatas e vantagens indiretas. Em relação às primeiras, ele afirma que:

[...] a continência provocando um aumento do teor hormônico das células intersticiais, concorre eficazmente para a conservação da vitalidade orgânica, retardando os sintomas específicos da velhice.

Haller e Harvey já haviam constatado que **as aves e os mamíferos, submetidos a um regime de continência, atingem uma idade superior.**

Além da influência direta como elemento dinamogenético,⁴⁹⁴ **a continência não só confere ao organismo maior atividade às funções de defesa, como também é um apreciável fator eugênico** (MONTE, 1985. p. 88, grifos nossos).

A partir da citação, pode-se afirmar que ele se utilizava de pesquisas com animais e aves para demonstrar que a continência podia levar os grupos superiores dos animais na classificação dos seres vivos a desfrutarem de três grandes vantagens imediatas: viver mais;

⁴⁹³ A bibliografia utilizada no capítulo dois está dividida em seis temáticas, a saber: 1 Química dos testículos; 2 Repercussões dos excessos sexual sobre a vontade; 3 Onanismo; 4 Glândulas sexuais; 5 Sistema Nervoso e; finalmente, 6 Excessos sexuais. Ao longo de suas vinte e quatro páginas, são citadas sessenta e nove referências. Desse montante, sessenta e seis obras estão escritas integralmente no francês ou no inglês; duas obras em francês e traduzidas para o português, e uma obra, de autoria de Estácio de Lima, está escrita em língua portuguesa.

⁴⁹⁴ Dinamogenético está relacionado com a exaltação funcional de um órgão sob a influência de uma excitação. (DINAMOGENIA..., 2020).

desenvolver no organismo funções de defesa e garantir que as gerações futuras seriam aprimoradas geneticamente. Nesses termos, Monte (1985, p. 91) conclui que “a continência é um dos fatores de harmonia metabólica e de longevidade”.

No que se refere às vantagens indiretas advindas da continência, ele enumera e analisa dois benefícios: a primeira diz respeito a “repercussões dos excessos sexuais” (MONTE, 1985, p. 96). A segunda se refere às “consequências da sífilis e da blenorragia” (MONTE, 1985, p. 105). No tocante às repercussões dos excessos sexuais, Monte aponta para alguns problemas. Inicialmente, ele argumenta que quem, ferindo a continência, praticasse a masturbação, teria vários problemas no organismo. O “vício de Onã”, como referido por Monte (1985, p. 96-97, 103), era

[...] deprimente e escravizante, [debilita] as energias vitais do viciado, enfraquecendo-lhe as funções defensivas, abalando-lhe o sistema nervoso, produzindo-lhe perturbações mais ou menos graves na harmonia metabólica. Desperta repercussões assustadoras nos mais afastados recessos do organismo.

Perturbações neuromusculares, hipocondria, neurastenia, perda de memória e outras muitas entidades mórbidas constituem o cortejo macabro, que acompanha o vício de Onã.

[Essas] conseqüências [sic] defluentes da prática do vício solitário resultam de uma tríplice causa:

- a) [...] perdas excessivas de substâncias protéicas [sic];
- b) [...] choque bulbar, provocado pelo reflexo ejaculatório;
- c) [...] naufrágio da vontade. O ato masturbatório, à proporção que lança raízes profundas no subconsciente, vai burlando a vigilância da vontade, atingindo as raízes do automatismo.

No que concerne às consequências da sífilis e da blenorragia (gonorreia), Monte apresenta, em quatro páginas, os efeitos dessas duas doenças sexualmente transmissíveis sobre o organismo. Segundo o religioso,

As moléstias venéreas: a) informando os elementos constitutivos do ovo, gameto e óvulo; b) originando, assim, anomalias distróficas e predisposições congênitas com seu cortejo macabro de estigmas somáticos e psíquicos; atuam como agentes dos mais perigosos e funestos ao indivíduo e à espécie. Ressalta, portanto, em perspectiva rigorosa as vantagens da castidade e da continência, as formas mais eficazes de profilaxia contra as moléstias venéreas (MONTE, 1985, p. 108).

Portanto, como efeitos indiretos e positivos da continência e da castidade, nos termos apresentados por Monte, têm-se, por um lado, o distanciamento do vício da masturbação, que era extremamente prejudicial aos homens, especialmente, para os jovens; e, por outro, a garantia de um organismo saudável, tanto do ponto de vista do sistema nervoso, quanto livre das doenças venéreas.

No terceiro capítulo da obra, intitulado *Continência e loucura*, Monte apresenta e defende duas ideias: a primeira é a de que a continência era essencial para o equilíbrio das faculdades mentais e a segunda é a de que ela era importante para evitar doenças mentais, uma vez que, em parte, essas enfermidades decorriam de doenças venéreas. As análises de Monte sobre a relação entre continência e loucura estão fundamentadas, sobretudo, em autores estrangeiros.⁴⁹⁵ No que se refere à concepção de que a continência favorecia o equilíbrio mental do sujeito, Monte (1985, p. 150) escreveu: “a continência oferece condições ótimas a eurtmia das faculdades mentais; enquanto os excessos genitais determinam ou precipitam formas características de loucura, em terreno trabalhado por predisposição congênita, ou por taras heredo-mórbidas”. Para demonstrar como a sífilis podia ser uma enfermidade desencadeadora de doenças mentais, Monte (1985, p. 157) elencou quatro elementos:

a) a sífilis é o fator que prepondera na gênese das doenças mentais; b) a prostituição é a maior responsável pela alarmante difusão da sífilis. c) A melhor profilaxia da sífilis é evitar os focos mais perigosos de infecção - as prostitutas; d) conseqüentemente, a *castidade e a continência constituem elemento de inestimável valor na profilaxia das doenças mentais*. (grifo do autor).

Em suma, a leitura do capítulo três evidencia uma ideia central no pensamento de Monte: a continência permitia ao homem um equilíbrio da sua saúde mental e garantia a proteção do indivíduo diante das doenças venéreas. Essa ideia se relacionava diretamente com os propósitos da Igreja nos anos 1930. Tratava-se de um trabalho que não apresentava associações explícitas entre esse pensamento científico e o pensamento religioso. Aparentemente, Monte deseja apresentar sua posição como científica, demonstrando que não estava discutindo uma questão de fé, mas, sim, uma questão eminentemente científica.

No quarto capítulo, intitulado *Castidade e delinquência*, Monte analisa a relação entre sexualidade e criminalidade. Nele, o autor deixa evidente que não existia uma causa única para os crimes. Todavia, na sua interpretação, todos os elementos do organismo recebiam influência da sexualidade, uma vez que o hormônio genital desenvolvia várias ações simultâneas.

⁴⁹⁵ A bibliografia indicada no capítulo três está dividida em dez temáticas, a saber: 1 Generalidades; 2 Celibato; 3 Lesões testiculares e loucura; 4 Prostituição; 5 Conseqüências dos vícios sexuais sobre a vida mental; 6 Constituição e loucura; 7 Esquizofrenia; 8 Reflexos; 9 Sífilis; 10 Psicanálise e doenças mentais. O capítulo possui cinquenta e três páginas e ao longo delas são citadas setenta e nove referências. Desse montante, setenta e cinco são escritas em língua estrangeira; duas obras são traduções do inglês para o português e duas estão escritas em língua portuguesa, sendo que seus autores são Henrique Roxo e Cunha. Ao longo do capítulo, há algumas referências a autores citados na bibliografia. Todavia, essas referências feitas no corpo do texto não indicam a data da publicação, as páginas a que se referem as citações e as circunstâncias em que o trabalho mencionado foi produzido.

Em virtude do nexa de interdependência entre a secreção interna das gônadas e os centros nervosos, [...] os hormônios sexuais [podem] ter um alto valor significativo na determinação da personalidade.

O testemunho irrecusável dos fatos proclama a ascendência da sexualidade e dos distúrbios sexuais na gênese e na determinação dos atos culposos. Têm-se constatado que a combatividade acompanha *pari-passu* a atividade geradora. Daí **a estreita relação entre a atividade sexual e os atos criminosos violentos e impulsivos.**

Da sexualidade receberam influência decisiva não só os crimes que por sua natureza se acham intimamente ligados à função geradora, mas também todos os fatores fisiológicos responsáveis pelos momentos causais facultativos da delinquência (MONTE, 1985. p. 180-181, grifos nossos).

Como se pode constatar, Monte concebia que o estudo da sexualidade de um indivíduo poderia ajudar no combate a ações criminais. Para chegar a essa conclusão, o autor fundamenta-se em várias referências bibliográficas⁴⁹⁶ apresentadas no final do capítulo, ainda que não seja possível identificar no corpo do texto as especificidades dos estudos apresentados.⁴⁹⁷ Para o religioso potiguar, a sexualidade da mulher e do homem poderiam, sim, levar à delinquência:

[...] na mulher como no homem, o fator sexualidade interfere de modo decisivo na determinação de estados psíquico-nervosos, que facultam a delinquência.

Se, sob a pressão dos fenômenos orgânicos da puberdade, as oscilações do coeficiente de criminalidade na mulher não têm uma amplitude tão grande como nas do homem, é que em etapas diferentes da vida se desencadeiam as verdadeiras crises sexuais em um e outro sexo.

Quem se propuser ao trabalho de verificar, em estudo comparativo, a influência do elemento sexual na determinação de atos culposos, tem que forçosamente tomar a altura do **coeficiente de delinquência masculina, na puberdade; e no período climatérico, da criminalidade feminina** (MONTE, 1985. p. 181, grifos nossos).

Ao considerar que a sexualidade poderia favorecer que um homem ou mulher se transformassem em delinquentes, Monte defendia a importância da castidade para a prevenção

⁴⁹⁶ A bibliografia apresentada no final deste capítulo, seguindo o padrão dos capítulos anteriores, está dividida em treze temáticas, a saber: 1 Crime; 2 Endocrinologia; 3 Crime e glândulas internas; 4 Hormônio sexual e crime; 5 Glândulas internas e sistema nervoso; 6 Relações dos hormônios sexuais com os outros centros endócrinos; 7 Degenerescências; 8 Intersexualismo; 9 Criminalidade precoce; 10 Puberdade; 11 Álcool e crime; 12 Sífilis e sistema nervoso; 13 Hábito. Este capítulo quatro contém trinta e duas páginas. Ao todo são citadas oitenta e três referências. Desse montante, setenta e quatro são escritas em língua estrangeiras; três obras são traduções do inglês para o português e seis obras estão escritas em língua portuguesa, sendo que seus autores são Mendes Correia, Afrânio Peixoto, Pereira da Silva, Leonídio Ribeiro, Estácio Lima e Evaristo Moraes.

⁴⁹⁷ A partir da leitura do texto é difícil identificar como as obras referidas por Padre Monte foram úteis e apropriadas em seu trabalho. Para exemplificar essa questão, posso citar um trecho no qual ele afirma que “Nemilow, Pollitz, Ellis, Coutts e outros muitos que têm os nomes ligados às pesquisas criminologistas, fizeram ressaltar a pressão do fator sexual sobre os delitos femininos” (MONTE, 1985. p. 181). Nesta passagem, percebe-se que Monte não apontava as diferenças existentes entre as pesquisas mencionadas e o que efetivamente havia sido incorporado por ele. Nesses termos, pode-se afirmar que Monte apenas menciona os autores, não estabelecendo com eles um debate ou diálogo, o que nos impede de reconstituir o seu método de investigação.

de uma parte da delinquência, aquela gerada por razões sexuais. Nesses termos, ele afirmou que a castidade era uma virtude eficaz no combate da delinquência gerada pela sexualidade. Nesses termos, a castidade atuava no organismo do indivíduo de oito maneiras diferentes: 1) promovendo a estabilidade das disposições mentais; 2) favorecendo a harmonia entre as partes do organismo, que garantem a estabilidade afetiva; 3) desenvolvendo a articulação dos centros endócrinos reguladores da vontade e a intensidade das reações neuropsíquicas; 4) inibindo a impulsividade e as disposições instintivas; 5) ativando a função harmônica dos centros responsáveis pelas descargas enérgicas do sistema nervoso; 6) desenvolvendo a disciplina do indivíduo sobre a sensibilidade; 7) fixando a estrutura morfopsicológica do caráter; 8) interferindo nos múltiplos fatores endógenos e exógenos, que influenciam a conduta humana, construindo assim uma profilaxia da delinquência (MONTE, 1985. p. 205).

Ao longo de todo o livro, Monte se empenhou em mostrar que a castidade era uma virtude que deveria ser praticada a partir dos fundamentos biológicos. É importante enfatizar que, neste livro, ele não apresenta qualquer discussão explícita sobre a espiritualidade, sobre a Igreja Católica. Nas próprias referências não existem citações da Bíblia nem a obras produzidas por membros do clero. A ideia que se tem ao ler a obra é que Monte almejava, a partir dela, provar cientificamente elementos defendidos pela Fé. Entretanto, não é possível identificar nela uma abordagem inovadora a partir da discussão das obras consultadas, sendo que Monte limita-se a apresentar uma compilação de informações sobre o tema.

3.2.2.2 O livro *biologia*

Como já foi afirmado anteriormente, a obra *Biologia*, escrita por Padre Monte, tem duas edições. A primeira data do final da década de 1930 e a segunda é de 1984. Segundo Paiva, foi ele quem convidou⁴⁹⁸ o professor Melo Leitão⁴⁹⁹ para que fosse o primeiro prefaciador da obra *Biologia*. Ainda, de acordo com Paiva, no prefácio da primeira edição dessa obra, Melo Leitão teria escrito:

⁴⁹⁸ É importante destacar, como demonstro neste capítulo, que os prefaciadores de *Fundamentos Biológicos da Castidade e Biologia* não foram escolhidos ou convidados por Monte. Já demonstrei as circunstâncias que levaram Tanner de Abreu a escrever o prefácio de *Fundamentos Biológicos da Castidade* e, agora, discuto o prefácio do professor Melo Leitão à obra *Biologia*. Nos dois casos, demonstro o papel das redes existentes na Igreja como elemento essencial para que nomes respeitados entre os cientistas e entre os católicos preficiassem a obra de Monte.

⁴⁹⁹ Como já informado em outro momento, a primeira edição da obra *Biologia* nunca foi encontrada na sua totalidade. A segunda edição foi elaborada a partir da única cópia existente da obra, que se encontrava no Rio de Janeiro, sob a guarda do Padre Francisco das Chagas Neves Gurgel. Quando Jurandy Navarro fez a segunda edição, convidou o próprio Padre Gurgel para fazer o prefácio. O prefácio da primeira edição, escrito pelo professor Melo Leitão, nunca foi encontrado.

Trata-se, diz êle, ‘de um livro destinado ao ensino de Biologia nos seminários, mas que rivaliza, com proveito, como compêndios escritos com muito mais orgulhosas pretensões, para os cursos complementares ou universitários’. Por onde se vê que o segundo desiderato do autor [de sistematizar a Biologia para os alunos do seminário] não foi simplesmente atingido – foi ultrapassado. (PAIVA, 1948. p. 296).

Em entrevista a mim concedida,⁵⁰⁰ após ter feito uma apreciação geral do livro *Biologia*, escrito por Padre Monte, a professora Magnólia Araújo,⁵⁰¹ afirmou que, apesar de conter pequenos erros, muitos deles claramente de edição, trata-se de um livro bem escrito, que pode ter influenciado na formação dos Padres natalenses à época. Em seu livro, segundo ela, Monte deixa evidente que as informações que apresenta são decorrentes de suas observações empíricas, realizadas no seu laboratório, ou, então, de experimentações feitas por cientistas, embora não as identifique. A obra não apresenta referências bibliográficas e raramente o religioso menciona outros autores e obras. Algumas vezes, mesmo quando não cita seus referenciais, percebe-se, pela própria linguagem empregada, que Monte leu e fez uma elaboração própria de uma ideia discutida no âmbito acadêmico-científico. Entretanto, em nenhum momento, são apresentados os referenciais bibliográficos da obra.

Como já adiantei, a segunda edição da obra foi feita a partir de uma cópia incompleta que Jurandyr Navarro encontrou. Comparando-se o sumário apresentado por Paiva (1948),⁵⁰² o sumário organizado por Navarro na edição de 1984⁵⁰³ e os títulos dos capítulos da obra de Monte no volume organizado por Navarro, constata-se que há divergências nos títulos dos capítulos da obra,⁵⁰⁴ como fica demonstrado no quadro a seguir.

⁵⁰⁰ A primeira entrevista, realizada com a professora Magnólia Fernandes (UFRN), ocorreu nos dias 29 e 30 de setembro de 2019. Após a análise da obra pela professora, foram realizadas outras duas entrevistas, nos dias 30 e 31 de janeiro de 2020.

⁵⁰¹ Vale lembrar que, em razão da especificidade do tema, solicitei à Magnólia Fernandes Florêncio de Araújo, professora do Departamento de Microbiologia da UFRN, que fizesse uma leitura da obra e emitisse um parecer sobre ela. Importante lembrar que se trata de uma análise de uma especialista no tema, e não da percepção de um simples leitor.

⁵⁰² Na biografia que escreveu sobre Padre Monte, Paiva apresentou o sumário da obra *Biologia* e fez pequenos comentários sobre seu conteúdo.

⁵⁰³ Apesar de a edição ter sido lançada em 1984, a Nota Introdutória, escrita por Jurandyr Navarro, é de janeiro de 1979 e o Prefácio de Francisco Gurgel é de outubro de 1977. As diferentes datas indicam que este volume da coletânea foi organizado em momentos distintos.

⁵⁰⁴ Pode-se aventar que as divergências observadas nos títulos possam ter se estendido também aos conteúdos abordados. Entretanto, não pude verificar a hipótese por não ter tido acesso à primeira edição do livro.

Quadro 6 - Comparativo entre o sumário da primeira edição e o sumário da segunda edição

Sumário no Livro Verdade e vida (Primeira Edição) ⁵⁰⁵	Sumario da segunda edição (lançada por Navarro) ⁵⁰⁶	Como os títulos aparecem antecedendo cada capítulo na segunda edição (lançada por Navarro) ⁵⁰⁷
	Nota Introdutória	Nota Introdutória – Jurandyr Navarro. p. 9
	Prefácio	Prefácio - Prof. Francisco das Chagas Neves Gurgel. p. 12
	Carta da Agir Editora	Carta da Livraria Agir Editora – Rio, 10 de novembro de 1976. p. 15
		Pe. Luiz Monte – Biologia – Natal (Final da década de 1930). p. 20. ⁵⁰⁸
I - Estado coloidal - Pressão osmótica.	Estado Coloidal	Estado Coloidal – Noções gerais. p. 21.
	Eletroforese	
	Floculação	
	Concentração de Hidrogênio	
	Migração	
II - Nutrição - Protobiontes e metabiontes. Ação dos fermentos, vitaminas e auxinas.	Nutrição do Ser Vivo	Capítulo IX - Nutrição do Ser Vivo. p. 45.
	Reações e Enzimas	
III - Hormônios.	Hormônios	Capítulo X – Hormônios. p. 65.
IV - Reprodução.	Reprodução	Capítulo XI – Reprodução. p. 75.
V - Partenogênese e determinismo do sexo.	Partenogênese	Capítulo XII – Partenogênese e determinismo do sexo. p. 83.
	Determinismo do sexo	
VI - Bactérias.	Bactérias	Capítulo XIII – Bactérias. p. 91.
VII - Associações biológicas (simbiose, parasitismo e comensalismo).	Associações Biológicas	Capítulo XIV – Associações Biológicas. p. 101.
VIII - Hereditariedade (Leis de Mendel e Galton)	Hereditariedade I	Capítulo XV - Hereditariedade I. p. 111.
	Hereditariedade II	Capítulo XVI - Hereditariedade II. p. 123.
IX - Imunização e defesa.	Imunização e Defesa – I	Capítulo XVII - Imunização e Defesa – I. p. 135.
	Imunização e Defesa – II	Capítulo XVIII - Imunização e Defesa – II. p. 143.
X - Morfogênese.	Morfogênese - I	Capítulo XIX - Morfogênese - I. p. 151.
	Morfogênese - II	Capítulo XX - Morfogênese – II. p. 163.
XI - Influência do meio e mimetismo.	Influência do Meio	Capítulo XXI - Influência do meio e mimetismo. p. 177.
	Mimetismo	
XII – Tropismos.	Tropismo	Capítulo XXII - Tropismo. p. 189.
XIII - Metamorfose.	Metamorfose	Capítulo XXIII – Metamorfose Velhice e Morte. p. 201
XIV - Velhice e Morte	Velhice e Morte	

Fonte: Elaborado pela autora, a partir das informações de Paiva (1948) e Monte (1984).

Na obra, Padre Monte trata de temáticas que envolvem desde a biologia celular até a biologia ambiental e ecologia. Entretanto, dessa parte final, é possível afirmar que ele se fixou, primordialmente, nas relações ecológicas entre os seres vivos, deixando de lado temáticas

⁵⁰⁵ Os dados sobre o sumário da primeira edição foram obtidos a partir de Paiva (1948. p. 295).

⁵⁰⁶ Sumário da Primeira edição (PAIVA, 1948. p. 295).

⁵⁰⁷ Sumário da segunda edição (MONTE, 1984. v. 6, p. 17).

⁵⁰⁸ Nesta página, há o que parece ser a reprodução da folha de rosto do livro. Essa folha de rosto só aparece na segunda edição.

ambientais fundamentais, tais como a poluição, por exemplo. O texto está centrado nos organismos vivos de modo amplo, e não estabelece diferenças claras entre animais, plantas e outros grupos. Na obra, por exemplo, bactérias e protozoários são considerados animais pequenos, uma terminologia muito antiga e já superada à época, além de completamente diversa da atualidade, o que pode ser constatado na seguinte passagem: “Julgou-se a princípio que as bactérias pertenciam ao reino animal. quando geralmente consideradas como infusórios. Hoje, são tidas como vegetais unicelulares, destituídos de clorofila, classificadas, ora entre os cogumelos, ora entre as algas aclorofiladas” (MONTE, 1984. p. 93).

Os textos sobre cada assunto são curtos e estruturados em torno de uma ordem, que partem de aspectos microscópicos e moleculares até chegar nos aspectos macroscópicos da organização da vida. Assim, o autor inicia as discussões tratando de temas relativos a aspectos físicos e químicos da organização da vida: o estado coloidal, onde trata das “substâncias”, dos “micélios”, propriedades dos coloides e termina com informações sobre os sistemas celulares (MONTE, 1984. p. 21-44). Avança, então, para discussões generalistas sobre a nutrição animal e vegetal, hormônios e reprodução. Curiosamente, volta, então, ao estudo microbiano, destacando os grupos bacterianos, mas para justificar sua ampla e importante ação planetária, no que diz respeito aos ciclos biogeoquímicos, em especial, o do carbono.

Após tratar das interações ecológicas entre os seres vivos, ele volta-se enfaticamente para a genética, imunização e defesa e, finalmente, para a morfogênese de vários grupos vivos, desde microrganismos até de animais maiores. Em relação a este tema, Monte fez afirmações contraditórias como ao afirmar que “Conhece-se apenas um ser vivo que, em estado adulto, representa o tipo blástula. É o Volvox [...] basta assinalar que o Volvox, segundo seu modo de nutrição (holofítico) é um vegetal, e entre os vegetais não existe o estado de blástula” (MONTE, 1984. p. 156). Nesse caso, a contradição consiste no caso de que Monte afirmou, inicialmente, que entre os seres vivos, o Volvox, em estado adulto, representa o tipo blástula. No entanto, ele também afirma que, entre os vegetais (como o Volvox), não existe a blástula. Diante dessa contradição, indaga-se: existe algum ser vivo que representa o tipo blástula? Monte não resolveu essa contradição, criada por ele mesmo.

Estranhamente, Monte não dá destaque ao desenvolvimento humano, quando trata da morfogênese, generalizando o tema e referindo-se a animais de um modo geral, sendo que se percebe a influência de leituras relativas a experimentos com animais inferiores e mamíferos pequenos, como coelhos, para justificar as afirmações do autor. Assim, os referenciais, quando citados explicitamente por Monte, baseiam-se em experimentos feitos por cientistas em

laboratórios e cujos resultados foram por ele consultados. Por exemplo, ao ser referir aos hormônios hipofisários, Monte (1984. p. 68) escreveu:

HORMÔNIOS HIPOFISÁRIOS

A descoberta da secreção endócrina da hipófise se prende aos trabalhos de Camus, Poussy e Cushing.

Costuma-se distinguir na hipófise três lobos:

- a) o lobo anterior ou endócrino;
- b) lobo posterior ou nervoso;
- c) lobo intermédio. (grifo do autor).

Esse é o padrão de referência usado por Monte ao longo do livro. Ele apenas cita o autor, não havendo qualquer menção à obra ou ao ano em que foi publicada ou qualquer discussão dos resultados obtidos pelos cientistas. Além disso, o livro não traz uma bibliografia, nem notas explicativas. Em geral, as informações são apresentadas como se fluíssem naturalmente da mente de Monte, ainda que, claramente, nem sempre tenham sido elaboração sua.

Em alguns momentos do texto, Padre Monte parece aceitar que uma determinada teoria seria superada por outra com o passar do tempo. Não encontrei, no entanto, teorias que se confrontassem, e ao que tudo indica, para Monte, a própria evolução da ciência propiciava uma melhor compreensão dos fenômenos. Por exemplo, ele mostra que um determinado cientista tinha uma compreensão biológica de um fenômeno e outro cientista, posteriormente, pesquisando o mesmo tema, demonstrou que a causa ou explicação desse fenômeno era outra. Ele afirmava que os equívocos das teses científicas estavam relacionados, muitas vezes, ao procedimento adotado no laboratório, na experimentação e que o não acompanhamento adequado ou a não observância de determinado fenômeno poderia conduzir a resultados equivocados. Isto pode ser observado nesta passagem em que Monte (1984. p. 21) afirma:

Graham, baseando-se na difusibilidade, dividiu as substâncias em duas categorias:

- a) os cristalóides - substâncias de grande difusibilidade;
- b) os colóides - substâncias de difusibilidade mínima.

Os primeiros são facilmente dializáveis: os colóides, porém são incapazes de atravessar as membranas dializadoras. Por comodidade, deu-se às soluções colóides a designação de sol, e ao resíduo da solução a designação de gel. Exemplificando: uma solução diluída de gelatina é um sol; mas, se juntarmos à solução um pouco de ácido tânico, formar-se-ão flóculos que se aglomerando tomarão a forma de geléia. É, então, um gel.

Estudos posteriores vieram demonstrar que a classificação de Graham não era correta.

Viu-se que se podia obter, não só colóides em estado cristalino, como a hemoglobina, a albumina e a aleurona, mas, também, colóides moleculares

facilmente dializáveis, se comportando assim como os cristalóides. Por outro lado, chegou-se à evidência de que certos cristalóides têm o comportamento de colóides.

Pelo que, hoje, se considera o colóide como um estado particular de agregação da matéria: o estado coloidal. De um modo geral, pode-se dizer que não existem substância de natureza coloidal: mas, sim, em estado coloidal.

Monte construiu toda sua narrativa baseando-se em experimentos científicos realizados por ele ou por outros. São esses experimentos que dão sustentação à sua argumentação. Todavia, na maioria das vezes, ele não explicita quando e em que circunstâncias a pesquisa foi realizada. Apesar de não deixar clara a época em que ocorreram os experimentos científicos a que ele se refere, porque não cita a referência nem o ano em que foi realizada a pesquisa, deve-se atentar para como ele os utiliza em sua narrativa a fim de legitimar suas concepções.

Nas situações em que Monte mencionou os autores dos trabalhos, a citação segue o padrão de indicação dos nomes ou sobrenomes, de tal modo que se tem a impressão de que o leitor conhecia [ou deveria conhecer] o autor a que ele se referia. Assim, Monte, em geral, citava o nome do autor apenas para destacar os experimentos comprobatórios das teorias biológicas às quais se referia, não trazendo maiores informações sobre eles ou sobre os cientistas que os haviam realizado.

É importante destacar que o livro apresenta os conhecimentos biológicos, sempre a partir de exemplos dados por outros cientistas. Assim, ao tratar das espécies, procurou apresentar exemplos concretos. Geralmente, Monte afirma que tal comportamento é próprio de uma espécie e estabelece comparações com outras espécies que não tinham aquele comportamento, como se pode observar na passagem abaixo:

As gônadas masculinas chamam-se **testículos** e os femininos **óvulos**. O gameto produzido pelo testículo é o espermatozóide, e o produzido pelo ovário, óvulo.

A função dos testículos enquanto elabora espermatozoides – **espermatogênese**; e a dos ovários, **ovulação**. A conj. dos 2 gametos chama-se ovo.

No reino vegetal (nos angiospermas), as denominações são diferentes. Os órgãos produtores dos gametos são o androceu e o gineceu. Este produz o gameto feminino, o óvulo; aquele, o gameto masculino, o pólen. A função de produzir pólen é chamada polinização.

A congregação dos gametos vegetais dá em resultado a semente. No reino animal os gametos masculino e feminino são produzidos por indivíduos diferentes. Daí a distinção de sexos. Só nos casos patológicos de hermafroditismo é que no reino animal se encontram no mesmo indivíduo, as 2 gônadas. No reino vegetal, porém, a regra geral é que ambos os gametos coexistem no mesmo indivíduo (MONTE, 1984. p. 80, grifos do autor).

No que se refere ao conteúdo do livro, levando-se em consideração as pesquisas atuais na área de biologia,⁵⁰⁹ constatei que muitas das ideias nele defendidas são hoje refutadas e que há significativas ausências. Não há, por exemplo, uma discussão das ideias de Charles Darwin (1809-1882) ou sobre o Darwinismo ou neo-darwinismo, este último concebido apenas a partir dos anos 1940. Como já informei em outro momento, Monte se aproximava bastante do pensamento de Jean-Baptiste de Lamarck (1744-1829), e é a partir da perspectiva lamarckista que concebe a evolução dos organismos. As leis *do uso e do desuso*⁵¹⁰ e da *transmissão dos caracteres adquiridos*⁵¹¹ de Lamarck, mesmo sem serem citadas na obra, dão amparo à ideia que defende de que se os homens fossem castos, os seus descendentes seriam mais saudáveis. Por outro lado, ele refere os trabalhos de Gregor Mendel (1822-1884),⁵¹² que foram fundamentais para os estudos e desenvolvimento dessa área de conhecimento, sem discuti-los com os resultados dos estudos feitos por Darwin.

Em termos de conteúdo, a parte mais frágil da obra de Padre Monte é aquela na qual ele discute as associações biológicas, mais uma vez, sem explicitar seus referenciais. É particularmente nesta parte da obra que encontramos afirmações que parecem ter sido inventadas por não apresentarem qualquer embasamento científico. Nos dois capítulos da obra dedicados à hereditariedade (Hereditariedade I e Hereditariedade II), o tom da análise é bastante preconceituoso, sobretudo, em relação à mulher. No tópico *Leis da Herança na espécie humana*, o autor afirma que “As piores heranças são as maternas”. Já no tópico *O Alcool é herança*, ele afirma que o alcoolismo e o tabagismo são heranças, sendo que o alcoolismo da mulher é pior do que o de um homem. Outros temas também são tratados como problemas hereditários, tais como a loucura e a demência:

Quanto às chamadas moléstias [sic] familiares, sob o ponto de vista da herança, a maior parte se comporta como caracteres mendelianas, isto é: se transmite integralmente segundo as leis de Mendel: algumas têm caráter dominante; outras, recessivo. Algumas outras, à primeira a vista, parecem se eximir às exigências dessas leis, em consequência da justaposição de elementos perturbadores. Controlada que seja a ação perturbadora desses elementos, elas se ajustam perfeitamente às regras mendelianas. Outras, ainda,

⁵⁰⁹ Deve-se considerar que o livro de Monte foi escrito na década de 1930 e que certas teorias hoje refutadas eram tidas como válidas à época.

⁵¹⁰ Segundo essa Lei, os organismos tendem a desenvolver os órgãos que mais usam e a atrofiar aqueles que frequentemente ficam em desuso. Para Lamarck, a necessidade de uso de um órgão relaciona-se diretamente com o ambiente em que o organismo está inserido. Nesse sentido, é o ambiente que “força” o organismo a usar ou não determinado órgão.

⁵¹¹ Segundo essa Lei, as características dos órgãos mais utilizados e dos menos utilizados seriam transmitidas pelos indivíduos aos seus descendentes.

⁵¹² Gregor Mendel foi um monge agostiniano, que a partir do cruzamento de ervilhas, chegou à conclusão de que os filhos herdavam características dos seus pais por meio dos genes.

e em muito menor número, existem às quais não são aplicáveis às proporções de Mendel. São justamente aquelas em cuja patogenia entra um elemento, que é rígido pela chamada *lei das flutuações*. Tal é o caso da *luxação congênita da bacia*. Entre as moléstias familiares que possuem caráter dominante, pode-se citar: a coréia, a keratodermia hereditária das extremidades (braquidactilia, polidactilia, sindactilia, sinfalangia), a cegueira noturna (hemeralopia} etc.

Entre as recessivas: a debilidade mental. O albinismo, a surdo-mudez hereditária, a retinite pigmentária e outras. As moléstias de herança matriarcal podem ser contadas entre as que, aparentemente, não se transmitem conforme às leis mendelianas. Entre as moléstias familiares susceptíveis de se transmitir segundo as proporções mendelianas, pode-se ainda citar: o temperamento neuropático, as afecções familiares do sistema nervoso, conto seja – a hereditária taxia, as paraplegias espasmódicas, paralisia periódica, a mioclenia, a miotrofia, a idiotia amaurótica e a demência precoce familiar. Ao que concerne à *herança tóxica*, a **herança alcoólica é mais funesta quando de origem paterna**, do que quando de origem materna. **Justamente o contrário se dá com o tabaco: é mais perigosa a intoxicação quando de origem materna**. A morfomania, e a intoxicação pelos estupefacientes, sob o ponto de vista da herança, são igualmente perigosas quer do lado paterno, quer do lado materno.

Daí se compreende o motivo porque os legisladores restringem os casamentos entre consanguíneos, O perigo que representam para a descendência essas uniões consanguíneas é imenso. A exogamia é muito mais eugênica do que esses casamentos entre indivíduos ligados pelo vínculo do sangue (MONTE, 1984. p. 130, grifos do autor e grifos nossos).

Padre Monte tratou da técnica utilizada por Mendel, que consiste em cruzar diferentes pares de genes para encontrar um determinado genótipo. Entretanto, identifica-se, na leitura, que as interpretações feitas por Monte sobre os cruzamentos de genes sempre consideram que os genes têm um único alelo,⁵¹³ um conjunto de genes para uma característica, desconsiderando a possibilidade de características que são determinadas por alelos múltiplos, muito provavelmente porque ele não sabia disso.

Mendel, botânico e religioso agostiniano. Do convento de Brum, na Áustria, depois de quatro anos de pacientes experimentações, conseguiu encontrar a fórmula matemática dos fenômenos da herança (1865-1869).

Os trabalhos do sábio agostiniano tiveram o mais completo êxito, porque, desde logo teve a clara intuição de que não poderia chegar à expressão numérica dos fenômenos hereditários, se considerasse em conjunto todos os caracteres, que distinguem os híbridos, descendentes do cruzamento de indivíduos puros. Pelo que, prescindindo de todos os outros, estudava isoladamente a transmissão de um só caráter, em cada série de gerações. Exemplificando: nas suas primeiras experiências feitas sobre o cruzamento de ervilhas de grãos verdes, com ervilhas de grãos amarelos, seguiu através de uma longa série de gerações o comportamento dos híbridos, tão somente em

⁵¹³ Os alelos são as formas alternativas, geradas por mutações, de um mesmo gene. Estes, por sua vez, estão em posições específicas na extensão de um cromossomo ou *locus gênico*. Algumas vezes, alelos diferentes podem resultar em uma diferente característica fenotípica, como a pigmentação. Porém, a maioria das variações genéticas resultam em pouca ou nenhuma variação observável.

relação ao fator cor, sem se preocupar, em absoluto. Com a forma, as dimensões, a quantidade, ou com qualquer outra diferença, que pudesse distinguir os grãos uns dos outros (MONTE, 1984. p. 116).

O cruzamento dos genes nunca é direto, mas diversificado e muito complexo e, assim, possivelmente pelo conhecimento limitado da época, a parte dedicada por Monte ao cruzamento genético é um tanto quanto ingênua. Essa é uma parte da obra bastante desatualizada.

Como já dito, esta obra parte do micro para o macro. Inicialmente, são discutidos aspectos microscópicos, como o estado coloidal, a eletroforese, a floculação, a concentração de hidrogênio, a célula propriamente dita, tratando, especificamente, da nutrição celular e dando pouca atenção à fisiologia e à anatomia.

Quanto aos seres vivos, mesmo que Monte não trate do tema enfaticamente, percebe-se que ele conhecia a temática, uma vez que ele recorre, como já observei, a vários grupos animais para exemplificar situações concretas que estavam sendo analisadas. O trabalho dele trata transversalmente os seres vivos, desde as bactérias (MONTE, 1984. p. 91), das quais ele dá muitos exemplos, até os protozoários (Velhice e morte dos protozoários, (MONTE, 1984. p. 208) e as microalgas. Após essa análise de aspectos microscópicos, ele trabalhou com aspectos macroscópicos de outros seres vivos, como moluscos (MONTE, 1984. p. 158), insetos (regeneração dos insetos) (MONTE, 1984. p. 172) e aves (MONTE, 1984. p. 185-187).

A morfogênese, a geração da forma, é também discutida em dois capítulos do livro, o XIV (MONTE, 1984. p. 155) e o XX (MONTE, 1984. p. 165). Por já ter tratado, anteriormente, da reprodução, da partenogênese, do determinismo do sexo, ao discutir a morfogênese, ele fez uma análise mais aprofundada, descrevendo detalhadamente os experimentos apresentados.

Na continuidade, Monte abordou a influência do meio sobre os organismos, através de muitos exemplos corretos e interessantes, envolvendo plantas e animais e suas relações com o ambiente. Todavia, segundo professora Magnólia Araújo, há muitas informações que não encontram sustentação no conhecimento científico.

No último capítulo da obra, Monte junta dois temas: a metamorfose e os protozoários. No tocante à metamorfose, o autor enfatiza as transformações que acontecem em algumas espécies. Nessa parte da obra, ele se equivoca ao afirmar que uma determinada espécie se transformou em outra por causa do ambiente, o que não tem fundamentação científica. Ele faz afirmações sobre transformações de espécies que, na verdade, jamais poderiam ter acontecido.

Em alguns momentos, afirma que uma determinada espécie se transformou em outra para, mais adiante, afirmar que essa espécie transformada era a mesma espécie “original”. Dessa

forma, Monte deixa o leitor com uma grande dúvida: era uma mesma espécie ou ocorreu uma espécie transformada?

Monte dedica a metade do último capítulo ao tema *Velhice e Morte*, que está subdividido em três subtópicos: *Os protozoários*, *Os organismos pluricelulares* e *Reprodução e morte*. Em linhas gerais, o modo como Monte discute a morte entre os protozoários é, no mínimo, curioso, pois emite conclusões tão interessantes quanto teoricamente equivocadas. Uma das afirmações é de que os protozoários são imortais. Ele se refere a esse grupo de organismos unicelulares como portadores dessa característica da imortalidade, pois, para ele, eles não morrem de senilidade, uma vez que eles estão o tempo inteiro se dividindo – e isso se aplicaria também às bactérias, tratando os dois como o mesmo grupo de organismos. Para ele, os organismos unicelulares não morrem porque estão sempre se dividindo em dois, e isso não pararia nunca. Curiosamente, isso expressa uma noção de clonagem, que é o que acontece na reprodução bacteriana, mas embora não se considere adequado dizer que são imortais, esses organismos, de fato, estão sempre produzindo outros idênticos a eles mesmos – seria essa a imortalidade.

Entretanto, isso não pode ser considerado imortalidade, uma vez que muitas dessas espécies podem se extinguir, por uma determinada razão e, na hora que se extingue uma espécie, ela deixa de existir. Muitos morrem também nas teias alimentares em que estão envolvidos. Por essa lógica, não se pode falar na imortalidade dos protozoários. Não se pode negar, entretanto, que essa discussão pode gerar outras bem interessantes, pois evidencia como o senso comum poderia, também, apropriar-se de uma ideia e replicá-la num nível pseudocientífico (MONTE, 1984. p. 208).

Na última parte do capítulo final, Monte procura relacionar a reprodução dos seres vivos com a morte. Nessa parte, inicialmente, ele analisa como a morte se manifesta nos vegetais. Trata-se de um trecho curto, de apenas uma folha, no qual ele menciona algumas espécies vegetais que, assim que se reproduzem, morrem. Nessa perspectiva, ele apresenta exemplos de vegetais que podiam viver mais ou menos tempo, dependendo do ambiente em que eles estão estabelecidos.

Monte afirma que, se alguém transportar um vegetal de um lugar propício à reprodutibilidade para um lugar em que isso não ocorra, o vegetal, que, originalmente, teria uma certa expectativa de vida passaria a ter mais tempo. Dessa forma, ele tenta convencer o leitor que a reprodução não favorece a longevidade. Ora, por esse raciocínio, um homem casto poderia ter uma vida mais longa? Após discutir a reprodução dos vegetais, ele se dedicou a estudar a reprodução entre os animais, abordando-a de maneira generalizada. Suas análises,

contudo, estão fundamentadas em exemplos corretos de reprodução entre os animais, exemplificando-a a partir de modelos em abelhas e tarântulas.

Observa-se, no entanto, que a abordagem que o religioso faz sobre a reprodução entre os animais é revestida de um tom amedrontador, como ele estivesse defendendo que era melhor que não houvesse a reprodução da espécie. Monte se refere a várias espécies de aranhas em que as fêmeas, após copularem com os machos, devoram-nos, chamando muito a atenção para esse aspecto da reprodução entre as aranhas. Ele parece fascinado com a ideia de as fêmeas comerem os machos após o ato reprodutivo e considera essa ação das aranhas um canibalismo da espécie. Essa interpretação dele é bem interessante e poderia estar ligada ao seu intento de demonstrar que a sexualidade dos homens também podia ser um processo de autodestruição.

Monte finaliza o livro *Biologia*, com uma frase instigante: “todos esses fatos fazem ressaltar, em evidente relevo, as misteriosas relações entre o ato procriador e a morte”. A partir dessa frase, é possível inferir que sua intenção fosse a de mostrar aos jovens seminaristas, seus alunos na disciplina de Biologia,⁵¹⁴ que, se eles copulassem, poderiam morrer de alguma forma, ou serem assassinados pelas mulheres com as quais viessem a se relacionar.

Os exemplos sobre a reprodução de abelhas, de tarântulas e de várias outras espécies analisadas por Monte na obra *Biologia* procuram convencer o leitor, com argumentos científicos, de que os indivíduos humanos celibatários e castos teriam sempre uma vida mais longa e mais saudável. A reprodução podia causar a morte durante o ciclo natural – como acontecia com algumas espécies que ele elenca – ou após o ato sexual – como acontecia com outras espécies. Isto é, o indivíduo podia morrer depois de gerar outro ser vivo ou logo após o ato sexual, deixando implícita a ideia de que, para viver uma longa vida, o ser humano precisava ser casto e celibatário. Os exemplos apresentados pelo autor sobre animais e plantas são verdadeiros, pois, curiosamente, há situações entre espécies animais e vegetais em que a reprodução e o ato sexual podem levar à morte, não sendo essa, no entanto, uma regra geral.

Mais do que expressar como o autor tratava e concebia essa área de conhecimento, a obra enfatiza a relação entre morte e reprodução, para, desta forma, reforçar a associação entre elas e o celibato e a castidade, o objetivo maior deste compêndio que deveria ser usado nas aulas de Biologia no Seminário de São Pedro.

⁵¹⁴ A obra *Biologia* se constitui em fonte valiosa para compreender como, nos anos de 1930, os materiais utilizados nas aulas de ciências biológicas nos Seminários ou até mesmo em outros educandários serviam para justificar dogmas religiosos.

3.3 O espiritismo na interpretação de Monte

As discussões de Padre Monte sobre o espiritismo me obrigaram a adotar certos procedimentos, pois, apesar de o trabalho não ser sobre espiritismo, precisei procurar autores que pudessem me ajudar a compreender os debates que Monte travou com as ideias próprias deste movimento. Minha intenção, neste tópico, não é estabelecer uma discussão aprofundada sobre o espiritismo ou sobre a sua história no Brasil ou no mundo, mas entender as circunstâncias que motivaram a escrita de Monte sobre o tema, bem como de que maneira as concepções de Monte se cruzaram com as concepções vigentes no espiritismo.

Levando em consideração estes objetivos, li todos os textos que Monte escreveu sobre o espiritismo que se encontram disponíveis⁵¹⁵ para consulta; mapeei suas ideias sobre o tema e identifiquei o momento histórico em que os escreveu. Em seguida, procurei teses e dissertações dedicadas ao espiritismo, identificando os autores que discutiam especificamente as questões suscitadas a partir dos textos de Monte. Além disso, procurei textos clássicos do espiritismo, como os produzidos por Alan Kardec, com o intuito de comparar o pensamento espírita com as interpretações de Monte. No mapeamento de teses e dissertações que realizei, deparei-me, inicialmente, com a tese de doutorado do professor André Victor Cavalcanti Seal da Cunha, intitulada *A invenção da imagem autoral de Chico Xavier: uma análise histórica sobre como o jovem desconhecido de Minas Gerais se transformou no médium espírita mais famoso do Brasil (1831-1938)*. Essa tese, vencedora do prêmio Teses Sandra Jatahy Pesavento, em concurso promovido pelo GT Nacional de História Cultural da ANPUH, em 2016, apresentou, a partir de Chico Xavier, uma cuidadosa investigação sobre o espiritismo no Brasil.

Procurei também outros trabalhos que situam a questão do espiritismo no Brasil, dentre os quais destaco os produzidos por Célia da Graça Arribas, cuja dissertação de mestrado (2008) e tese de doutorado (2014) discutiram, especificamente, o espiritismo na modernidade religiosa brasileira e a doutrina espírita na diversidade religiosa brasileira; por Sandra Jacqueline Stoll, que, em sua tese de doutorado, publicada em 1999, estabeleceu um estudo comparativo entre o espiritismo francês e o espiritismo brasileiro e, a partir desse trabalho, produziu uma série de outros trabalhos, nas décadas subsequentes, acerca do tema, aprofundando a temática do espiritismo brasileiro e da construção de uma identidade religiosa espírita); por Fernanda Flávia

⁵¹⁵ Os admiradores de Monte, como Navarro e Paiva, se referem a uma grande obra de Monte sobre o espiritismo, que nunca chegou a ser publicada. Entretanto, mesmo esses autores nunca conheceram essa obra na sua totalidade. Alguns autores consideram que essa obra de Monte sobre o espiritismo pode ter sido queimada por Monte pouco antes de sua morte. O que existe, efetivamente, são textos esparsos sobre a temática, e foram esses textos que serviram de fonte para esta parte do trabalho.

Martins Ferreira, cuja tese de doutorado, defendida em 2008, analisa as relações entre o espiritismo kardecista brasileiro e a cultura política nacional; por Paulo César da Conceição Fernandes, que se deteve, em sua dissertação defendida em 2008, nas origens do espiritismo no Brasil; por Emerson Alessandro Giumbelli, que em seus trabalhos,⁵¹⁶ tem demonstrado que o espiritismo foi construído a partir da atuação – por enfrentamento e/ou por alinhamento – de diferentes grupos, a saber: médicos, juristas, imprensa, espíritas, católicos e policiais. Nesse sentido, o estudo do autor é importante para compreender o papel do catolicismo na consolidação do espiritismo. Além disso, Giumbelli demonstrou que a Federação Espírita Brasileira (FEB), apesar de ter no seu nome a palavra federação, não surgiu com o propósito de agregar grupos espíritas, uma vez que a sua finalidade primordial era divulgar a doutrina espírita através, principalmente, da imprensa. O autor também ressalta que a FEB foi muito importante para que o movimento espírita se consolidasse oficialmente como uma religião, protegendo-se das sanções jurídicas e se legitimando-se no seio da sociedade. Assim, ao se transformar em religião, os espíritas se livravam das acusações de charlatanismo feitas pelos médicos; e por Angélica Aparecida de Almeida, cuja tese, defendida em 2007, se detém na relação entre psiquiatria e espiritismo no Brasil na primeira metade do século XX), entre outros. Além dessas teses e dissertações, fiz a leitura de artigos científicos sobre a temática, de obras clássicas do espiritismo, como as escritas por Alan Kardec, e de documentos oficiais de organizações espíritas, com o intuito de compreender as ideias expressas por Monte. Destaco, ainda, os trabalhos desenvolvidos por Beatriz Teixeira Weber, que tem se dedicado ao estudo dos vínculos entre homeopatia e espiritismo no Rio Grande do Sul na passagem para o século XX e, ainda, à análise dos conceitos de saúde e caridade para o espiritismo kardecista, à criação da Federação Espírita do Rio Grande do Sul (FERGS) e, mais recentemente à medicina praticada nos Hospitais espíritas do Rio Grande do Sul.

Após a realização dessas leituras, entrevistei o professor André Victor Cavalcanti Seal da Cunha, cuja tese de doutorado também versa sobre o espiritismo. Antecedendo a entrevista, propus ao entrevistado que lesse parte da produção de Monte sobre o espiritismo para que pudéssemos melhor discutir os escritos do religioso sobre a doutrina espírita. Adianto que a entrevista com Cunha foi citada de forma explícita em vários momentos do texto, uma vez que a partir dela foram esclarecidas várias questões que não haviam ficado tão evidentes nos

⁵¹⁶ Dentre os trabalhos de Giumbelli sobre a temática, recomendo sua tese de doutorado em Antropologia, intitulada *O cuidado dos mortos: discursos e intervenções sobre o espiritismo e a trajetória da Federação Espírita Brasileira (1890-1950)*, que, posteriormente, foi publicada pelo Arquivo Nacional, e dois artigos, a saber: Giumbelli (1997; 2003).

materiais a que tive acesso. Nesse sentido, é importante ressaltar que, neste tópico do capítulo, recorreremos aos textos (teses, dissertações e artigos) mencionados e à entrevista realizada com Cunha para fundamentar a discussão que fazemos sobre sua produção de Monte acerca da doutrina espírita.

Padre Monte escreveu sobre o espiritismo em dois momentos de sua vida. Na década de 1920, quando publicou alguns artigos sobre o tema, e na década de 1940, quando escreveu o *Livro das Revisões*, do qual só se conhecem alguns curtos fragmentos. A compreensão desses dois momentos de produção de Monte está associada à história do espiritismo no mundo e no Brasil nessas duas décadas. As décadas de 1920 a 1940 são, como já afirmei neste trabalho em outro momento, marcadas pela forte presença da Neocristandade. Entretanto, percebe-se que, ao longo desse período, no Brasil, ocorreram mudanças significativas no que se refere à relação da Igreja Católica com o espiritismo, uma vez que o movimento espírita se reconfigurou tanto no seu conteúdo quanto na sua doutrina.

Na década de 1920, o movimento espírita brasileiro, liderado pela Federação FEB, procurou consolidar indivíduos que se destacassem nacionalmente do ponto de vista intelectual pelas suas produções espíritas e espiritualistas. Nessa perspectiva, essa entidade procurou dar visibilidade a autores que tinham aderido ao movimento desde o final do século XIX. Este é o período em que o espiritismo está se consolidando e começando a disputar o espaço religioso com o catolicismo e com as emergentes religiões protestantes. Foi, aliás, na década de 1920 que a FEB conseguiu fundar a maioria das federações espíritas nos estados.

Na década de 1940, o espiritismo já estava amplamente consolidado como religião institucionalizada e Chico Xavier já se apresentava como uma grande liderança nacional. Segundo André Seal,⁵¹⁷ a força de Chico Xavier como liderança espírita nos anos 1940 obrigou os intelectuais da Neocristandade a se debruçarem sobre o espiritismo para criticá-lo.⁵¹⁸ Nessa década, as federações espíritas estaduais, inclusive a do Rio Grande do Norte, já estavam constituídas.

Quando Padre Monte produziu, nos anos 1920, suas primeiras reflexões sobre o espiritismo, ele estava debatendo com um movimento ainda em consolidação no Brasil. Nessa conjuntura, Monte analisou o espiritismo internacional, secundarizando os debates com os espíritas brasileiros, uma vez que ele considerava as lideranças espíritas desse período desqualificadas intelectualmente. Os escritos da década de 1940 foram produzidos em

⁵¹⁷ Entrevista com André Victor Cavalcanti Seal da Cunha em 25 de janeiro de 2020.

⁵¹⁸ Entrevista com André Victor Cavalcanti Seal da Cunha em 25 de janeiro de 2020.

circunstâncias bem diferentes. Para compreender as mudanças presentes no discurso de Monte na década de 1940, é necessário retomar os anos 1930, marcados pela ascensão de Chico Xavier como grande liderança espírita brasileira, a partir de 1932 Chico Xavier começou a se destacar como a primeira grande liderança espírita brasileira, nacionalizando definitivamente o seu nome entre 1935 e 1938.

Francisco Cândido Xavier, Chico Xavier, foi o mais destacado líder espírita brasileiro de todos os tempos. Esse mineiro, nascido em Pedro Leopoldo a 2 de abril de 1910 e falecido em Uberaba, no mesmo estado de nascimento, em 30 de junho de 2002, conseguiu se destacar pelos livros que psicografou, pelas palestras que ministrou e pelas pessoas que recebeu para tratamentos espirituais. Apenas para dimensionar em números a sua obra, pode-se citar o fato que ao longo da sua vida ele publicou mais de quatrocentos livros, sendo que um deles – *Nosso lar* – conseguiu vender 2.107.000 exemplares, distribuídos em 65 edições (CUNHA, 2015. p. 14).

Segundo Cunha, a imagem de Chico Xavier como grande líder espírita começou a ser tecida na década de 1930 e atingiu seu auge com a publicação de *Nosso Lar*, em 1943, quando esse autor passou a produzir em parceria com André Luiz – um espírito que adotou esse nome para não ser identificado por pessoas que viviam com ele aqui na terra (CUNHA, 2015. p. 14).

Para Cunha, a literatura espírita é anterior a Chico Xavier e se fortaleceu no projeto editorial febiano que, sob a liderança de Manoel Quintão, organizaram uma estratégia de muitas publicações para fazer frente à Ação Católica. Nessa conjuntura, foram lançados novos títulos, foram realizadas traduções e novos autores emergiram. Assim, nos anos 1930,

[...] entre os novos autores lançados, estava o jovem Chico Xavier. Neste campo, constatamos uma diversidade de configurações do regime de autoralidade vigentes, com colorações variadas para a questão autoral. Ao que tudo indica, a consolidação da interautoria no Espiritismo brasileiro se deu por via dessas experiências de apropriações de procedimentos literários de denegação autoral existentes nos romances europeus e nacionais do século XIX.

[...]

Com Chico Xavier, a literatura se consolidará ainda mais como um veículo de produção de verdades doutrinárias, indo muito além da divulgação de verdades já constituídas. Após sua escrita psicográfica, cada vez mais quando o assunto for o Espiritismo no Brasil, religião e literatura serão indissociáveis (CUNHA, 2015. p. 136).

Na perspectiva de Cunha, a consolidação de Chico Xavier mudou a lógica da disputa entre católicos e espíritas, uma vez que o tom conciliador do líder exigia do catolicismo novas formas de combate. É por isso que Monte precisará de bases diferentes para as suas críticas nos anos 1940, momento em que o espiritismo já estava nacionalizado. Impunha-se um debate mais

qualificado do ponto de vista intelectual, atendendo a diretrizes da própria Igreja Católica, que orientava seus membros a produzir críticas contundentes ao movimento espírita nacional.

A compreensão das diferenças entre o espiritismo brasileiro da década de 1920 daquele que se consolidou na década de 1940 requer o entendimento das características desse movimento científico, filosófico e religioso a partir do século XIX. Esse século foi marcado, na Europa, pela difusão das ideias socialistas fundadas no pensamento de Karl Marx, que apontava a partir de bases científicas a possibilidade da construção de uma sociedade igualitária do ponto de vista econômico e social. Entretanto, segundo Arribas (2008), paralelamente à emergência do socialismo científico, também na Europa, destacadamente na França, foram encontrados relatos de pessoas que se reuniam em sessões de entretenimento para presenciar *mesas que giravam e barulhos estranhos*. Para Arribas, o próprio Karl Marx, homem sem vínculos com crenças religiosas, se referiu, em sua obra *O Capital*, ao fato de que paralelamente às revoluções de 1848-49, existiam também na França grupos aristocráticos e burgueses que se entusiasmavam com o espiritismo (ARRIBAS, 2008. p. 19).

No século XIX, havia dois grandes polos na Europa: as religiosidades místicas, por um lado, e o cientificismo e o positivismo, por outro. Paralelamente, situava-se o pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivaile (1804-1869⁵¹⁹), conhecido pelo pseudônimo de Allan Kardec, que organizou os princípios do espiritismo, entre os quais se destacam: a imortalidade da alma, a pluralidade das vidas e a existência de Deus. Kardec foi o codificador da estrutura filosófica, religiosa e científica que deu corpo ao espiritismo (ARRIBAS, 2008. p. 19-20).

Para Brunelli e Silva (2019), Kardec organizou um corpo doutrinário para o espiritismo, aliando as descobertas da ciência, sobretudo do positivismo, e, incorporando, ao mesmo tempo, o espiritualismo vigente no seu tempo. A partir dessa lógica, Kardec analisou cientificamente os fenômenos sobrenaturais. Segundo o próprio Kardec (2012. p. 40),

O Espiritismo é a nova Ciência que vem revelar aos homens, por meio de provas irrefutáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e suas relações com o mundo material. Ele nos mostra esse mundo, não mais como sobrenatural, mas, ao contrário, como uma das forças vivas e ininterruptamente atuantes da Natureza, como a fonte de uma inumerável quantidade de fenômenos incompreendidos até agora, e por essa mesma razão rejeitados para o domínio do fantástico e do maravilhoso.

⁵¹⁹ Allan Kardec nasceu em Lion a 3 de outubro de 1804 e faleceu em Paris a 31 de março de 1869. Foi educador, autor e tradutor, discípulo do reformador educacional Johann Heinrich Pestalozzi e um dos pioneiros na pesquisa científica sobre fenômenos paranormais, mais notoriamente, a mediunidade. A escritora britânica Anna Blackwell, amiga do casal Allan Kardec e Amélie-Gabrielle Boudet, traduziu para o inglês *O livro dos espíritos*, além de ser também a autora do prefácio da obra. (ARRIBAS, 2008. p. 31 e 38).

Com base no pensamento de Kardec foi consolidado o Espiritismo Científico, que era uma tendência ideológica presente tanto no movimento espírita europeu, quanto no movimento espírita brasileiro. Essa tendência obteve maior destaque no seio do espiritismo entre a segunda metade do século XIX, após a morte de Allan Kardec, e a primeira metade do século XX. Os ideólogos do Espiritismo Científico, em geral, consideram que a ação do espiritismo deve voltar-se para o tratamento científico de fenômenos que, aparentemente, seriam sobrenaturais. Para essa corrente, os espíritos existem e podem ser estudados cientificamente. Depois da morte de Kardec, o chamado "Espiritismo Científico", fundamentado principalmente na obra *O Livro dos Médiuns*, foi o mais praticado na França. Esse livro aborda cientificamente como são estabelecidas as relações mediúnicas, discutindo as leis e condições para a existência do intercâmbio espiritual (CAVALCANTI, 2008. p. 16).

Segundo Stoll (2002), o espiritismo já se fazia presente no Brasil mesmo antes de Allan Kardec ter escrito sua obra. Considerando que Kardec faleceu em 1869, a difusão do espiritismo no país é, portanto, anterior a essa década⁵²⁰ e quase simultânea à divulgação desse movimento na Europa. Além disso, é importante destacar, como informa Stoll (2002), que a presença do espiritismo no país não é algo esporádico, e, para demonstrar a presença marcante desse movimento do Rio de Janeiro, Stoll menciona o fato de a *Livraria Garnier*, maior editora do Rio de Janeiro no século XIX, ter lançado *O livro dos espíritos*, em português, já em 1875. A autora informa, ainda, que a obra fez sucesso, estimulando a Garnier a lançar, no mesmo ano, duas novas obras de Allan Kardec: *O livro dos médiuns* e *O céu e o inferno* (STOLL, 2002. p. 364).

Segundo a mesma autora, o espiritismo científico existente na França também se fez presente nas origens do espiritismo brasileiro, construído a partir das ideias de Kardec, mas junto com ele emergiu com muita força, ainda no século XIX, outra tendência: o espiritismo religioso.

⁵²⁰ Fernandes apresenta dados que apontam para a presença do espiritismo no Brasil antes da morte de Kardec. Segundo esse autor, “por volta de 1853, ou seja, um ano antes de Kardec começar a tomar contato com os eventos que culminaram na doutrina espírita, as “mesas dançantes” chegavam ao Brasil. O *Jornal do Comércio* – do Rio de Janeiro – de 14 de junho de 1853, o *Diário de Pernambuco* de 2 de julho do mesmo ano, e o *Cearense* nas edições de 3 a 26 de julho do mesmo ano, foram alguns dos periódicos brasileiros que noticiaram as “maravilhas das mesas. [...] No nosso país, antes mesmo de Kardec escrever alguma coisa, já se falava em evocar espíritos por meio de ‘médiuns’, palavra que iria conhecer maior vulgarização após a codificação kardequiana. [...] Kardec lança o *Livro dos Espíritos* em 1857. Tempos depois, por volta de 1860, as obras espíritas, em francês, começam a chegar ao país. Foram trazidas principalmente por franceses que moravam aqui no país ou por pessoas ricas e instruídas da sociedade que tinham contato com o estrangeiro. No Rio de Janeiro, existia por essa época a chamada ‘roda do Courier du Brésil’, um jornal francês editado no país, anticlerical e de oposição a Napoleão III” (FERNANDES, 2008. p. 82-83).

De acordo com Stoll, Candido Procópio Camargo e Roger Bastide produziram, na década de 1960, os primeiros trabalhos acadêmicos sobre a difusão das religiões populares no Brasil e deram ênfase ao espiritismo, ao pentecostalismo e às religiões afro-brasileiras, demonstrando que:

[...] o Espiritismo sofreu uma significativa mudança no processo de sua transplantação para o Brasil, considerando-se que na França, onde teve origem, prevalecia a ênfase na dimensão experimental e científica da doutrina, enquanto no Brasil tornou-se dominante a feição mística, religiosa.

Cândido Procópio Camargo sustenta essa idéia já às primeiras páginas do seu livro *Kardecismo e Umbanda*. Neste afirma: ‘A ênfase no aspecto religioso da obra de Kardec constitui [...] o traço distintivo do Espiritismo brasileiro e, talvez, seja a causa de seu sucesso entre nós’. [...]

Alguns anos mais tarde Procópio Camargo reapresenta essa idéia em seu novo livro, *Católicos, espíritas e protestantes* (1963). Nesta obra o autor sugere que a doutrina kardecista ‘não sofreu modificações essenciais quando transplantada para a sociedade brasileira, *embora a adaptação a uma situação social nova tenha gerado algumas características especiais*’. Dentre estas últimas destaca o fato de que ‘*no Brasil o aspecto religioso torna-se preponderante*, em contraposição ao filosófico e científico.’

[...]

Roger Bastide partilha dessa idéia, mas envereda a análise noutra direção. Ele sugere que o Espiritismo sofreu interpretações diversas na sociedade brasileira, segundo a classe social. Segundo ele, os segmentos de classe alta, ‘intelectualizados’, tendem a enfatizar as experiências de tipo científico. Já o Espiritismo praticado nos centros, que concentra os segmentos de classe média, caracteriza-se por um cunho acentuadamente religioso (STOLL, 2002. p. 365-366, grifos do autor).

Para Arribas (2011. p. 4-5), o fato de o espiritismo brasileiro dialogar com diferentes campos – sobretudo o religioso e o científico – favoreceu o surgimento de disputas, sobretudo, entre os grupos que consideravam o espiritismo uma religião e os grupos que o consideravam uma ciência. De acordo com Cunha (2015), a ausência de um centro agregador, a participação de setores privilegiados da sociedade e a dispersão da sua ação em diferentes campos (ciência, religião e filosofia), fez com que o movimento espírita brasileiro não fosse considerado pela Igreja Católica como algo a ser combatido nas décadas de 1860 e 1870.

O primeiro centro agregador do espiritismo brasileiro foi o jornal *O Reformador*,⁵²¹ que teve seu número inaugural lançado no ano de 1883. Esse periódico, que iniciou a divulgação do espiritismo no Brasil,⁵²² se caracterizava por defender as ideias de Kardec, apresentado no

⁵²¹ Jornal “O Reformador” se mantém ativo na atualidade e é o principal órgão de divulgação do espiritismo no Brasil.

⁵²² Os debates entre os científicos e os religiosos podem ser acompanhados em Cunha (2015) e Arribas (2014). Em geral, os espíritas científicos consideram que a grande contribuição de Kardec é a discussão científica sobre a origem e a continuidade da vida após a morte. Já os espíritas religiosos consideram que a contribuição maior do espiritismo é a doutrina fixada em princípios morais apresentada por Kardec.

jornal como o criador da ciência espírita. E foi a partir das publicações feitas pel’ *O Reformador* que a Igreja Católica passou a lançar os seus primeiros combates contra o espiritismo, apresentando os espíritas como vítimas de possessões e alucinações (CUNHA, 2015. p. 34-36). Foi também nessa conjuntura que foi criada a FEB, em 2 de janeiro de 1884. Ewerton Quadros, primeiro presidente da entidade, se empenhou em constituir uma instituição que reunisse as principais vertentes espíritas, que disputavam a primazia do movimento. Entretanto, nos seus primeiros anos de funcionamento, a FEB tinha, pelo menos, dois grupos disputando a sua liderança: os científicos, liderados pelo professor Afonso Angeli Torterolli (1849-1928), e os religiosos, liderados pelo doutor Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti (1831-1900) (CUNHA, 2015. p. 32).

Ao analisar as divisões do espiritismo, Ferreira (2008) identificou cisões no próprio espiritismo dito religioso. Ao se referir a essas cisões, a autora informa que

[...] do ponto de vista cronológico temos **dois períodos na formação do espiritismo** no Brasil, um que vai da fundação do Grupo Confucius em **1873, primeiro centro espírita kardecista do Rio de Janeiro, até 1895**, quando Bezerra de Menezes assumiu a presidência da Federação Espírita Brasileira e outro **de 1896 até 1949**, quando foi realizado o pacto de unificação espírita. **O primeiro período** foi de fragmentação e **disputas em torno de vertentes espiritualistas** que durou até 1895, das quais **prevaleceu a vertente mística dos kardecistas e rustanistas**, marcada pela **entrada dos místicos na Federação com a eleição do médico e político Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti**. **O segundo** também de fragmentação e disputas, mas agora em torno de **qual vertente mística prevaleceria, a kardecista ou a rustanista**, de qual instituição e de como seria unificado o campo espírita (FERREIRA, 2008. p. 12-13, grifos nossos).

A partir de 1896, sob a presidência de Bezerra de Menezes, a FEB conseguiu que os diferentes grupos fizessem um pacto para unificar o movimento espírita. Essa unificação teve uma relação direta com o cenário existente a partir da instauração da República, que trouxe consequências imediatas para os praticantes do espiritismo. Em 1889, com a Proclamação da República, o Estado brasileiro tornou-se legalmente laico e, conseqüentemente, o catolicismo deixou de ser a religião oficial do Brasil. Essa situação fez com que os católicos se preocupassem com o crescimento de outros grupos religiosos que pudessem atrair os fiéis católicos. Na sequência, os espíritas passaram a ser perseguidos em função de suas – assim denominadas – práticas “prejudiciais à saúde”, devido às ações terapêuticas promovidas durante sessões em centros espíritas, como também à medicina homeopática que se aproximava do espiritismo, despertando a ira da medicina alopata.

Nessa conjuntura, a FEB investiu no caráter religioso do espiritismo, distanciando-se de discussões públicas que pudessem incriminar os espíritas. E isto se deu porque o grupo dos espíritas religiosos havia adquirido mais força no seio do movimento espírita, garantindo a presidência da FEB para este grupo. A diretriz passou a ser tida como a mais acertada devido à possibilidade da legalização do espiritismo como religião; e, finalmente, à necessidade de defendê-lo diante do Código Penal brasileiro de 1890,⁵²³ que estabelecia, nos seus artigos 156, 157 e 158, prisão e multa em dinheiro para quem praticasse o espiritismo (ARRIBAS, 2011. p. 6-7).

A partir desse Código Penal, as práticas espíritas passaram a ser consideradas criminosas e associadas a rituais de magia e ao charlatanismo. Além disso, foram também consideradas prejudiciais à saúde pública, uma vez que induziam os seus praticantes à loucura e desenvolviam ilegalmente o exercício da medicina. Assim, o movimento espírita sofreu forte repressão policial, o que o obrigou a encontrar alternativas para sobreviver. Nesse contexto, a criminalização do espiritismo foi considerada uma vitória dos médicos alopatas e da Igreja Católica, uma vez que o espiritismo científico usava tratamentos homeopáticos⁵²⁴ e o espiritismo religioso pregava doutrinas que se contrapunham à católica (CUNHA, 2015. p. 45).

A pressão contra o espiritismo fez com que alguns espíritas com prestígio, como Bezerra de Menezes, organizassem um documento dirigido ao presidente Deodoro da Fonseca para excluir do Código Penal as práticas espíritas, e ainda outro encaminhado ao Congresso, no qual apontavam para a inconstitucionalidade das determinações contra os espíritas.

A Constituição de 1891 atendeu às reivindicações dos espíritas e expressou entre os seus preceitos a liberdade religiosa, o que fortaleceu o grupo dos espíritas religiosos, que passou a defender a tese de que não poderiam ser perseguidos, pois o espiritismo era uma religião. Assim, o rótulo de religião foi usado para proteger e legitimar o espiritismo. Essa prática política não foi questionada pelos espíritas científicos, ainda que eles tenham permanecido com as suas convicções.⁵²⁵

A partir da unidade dos espíritas em torno da FEB, o movimento espírita iniciou um processo rumo à sua consolidação e expansão. Nesse sentido, no final da década de 1890 e em

⁵²³ Para acessar o Código Penal brasileiro de 1890, consultar: Brasil (1890). Para uma análise desse Código, cf. GOMES, Adriana. *Um "crime indígena" ante as normas e o ordenamento jurídico brasileiro: a criminalização do espiritismo e o saber jurídico na Nova Escola Penal de Francisco José Viveiros de Castro (1880-1900)*, UERJ, 2017.

⁵²⁴ É importante destacar que o espiritismo religioso também usava o tratamento homeopático através da mediunidade receiptista. Cabe ressaltar que os médiuns receiptistas servem de intérpretes das prescrições médicas indicadas pelos espíritos (KARDEC, 2005, p. 201).

⁵²⁵ Sobre o assunto, ver mais em: Giumbelli (1997, p. 31-82).

toda a década de 1910, percebe-se o crescimento do espiritismo no Brasil. Nessas décadas, a FEB adotou uma linha editorial que se destacou pela produção de textos doutrinários e romances espíritas, especialmente aqueles produzidos por Adolfo Bezerra de Menezes.⁵²⁶ Aliás, com a morte de Bezerra de Menezes em 1890, sua obra passou a ser difundida dentro de um projeto editorial organizado por Bittencourt Sampaio, que havia sido diretor da Biblioteca Nacional, com a parceria de Luiz Saião. Após Sampaio e Saião, Manoel Quintão deu continuidade à divulgação de obras espíritas e começou a estimular a tradução de textos espíritas no Brasil. Além disso, na condição de diretor da Editora da FEB, Quintão incentivou a produção de obras de autores espíritas brasileiros, passando a selecionar autores que pudessem ser úteis para sua difusão. Foi no bojo desse debate que se fortaleceu a literatura espírita e, com ela, o fortalecimento da imagem de Adolfo Bezerra de Menezes, que, falecido no final do XIX, teve sua obra reabilitada nas primeiras décadas do século XX. Das ideias de Bezerra de Menezes foi enfatizada, sobretudo, a discussão que ele realizava sobre a loucura como um problema espiritual. No alvorecer da década de 1920 já existiam obras de referência, mas não uma liderança nacional que expressasse a força do espiritismo para o conjunto da sociedade.

Segundo Cunha,⁵²⁷ a década de 1920 foi especialmente importante para o espiritismo brasileiro, que já tinha um projeto editorial amadurecido e começava a consolidar lideranças. A crescente divulgação das ideias espíritas foi uma marca deste período, tendo provocado uma reação da Neocristandade e estimulado que seus adeptos, leigos e clérigos – como Padre Monte –, atuassem publicamente contra o espiritismo para impedir o fortalecimento da FEB e, conseqüentemente, a criação de centro espíritas.⁵²⁸ Os espíritas passaram a ser percebidos como inimigos a serem combatidos pela Igreja Católica, o que levou as lideranças espíritas a escreverem em jornais leigos de grande circulação à época. Os adeptos da FEB, ao serem atacados pelos católicos, radicalizam seus argumentos e produzem um discurso abertamente anticatólico, confrontando abertamente a Neocristandade.⁵²⁹

Foi nessa conjuntura de disputas entre o espiritismo e o catolicismo que Monte escreveu seis textos atacando o espiritismo: *Em defesa da verdade contra a exploração espírita*;

⁵²⁶ Adolfo Bezerra de Menezes nasceu na região que hoje pertence ao município de Jaguaratama, no Ceará, no dia 29 de agosto de 1831, e faleceu no Rio de Janeiro, no dia 11 de abril de 1900. Formou-se médico, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1856. Em 1858, se tornou lente substituto de Cirurgia na mesma instituição. Em 1861, foi eleito vereador do Rio de Janeiro, pelo Partido Liberal, e, em 1867, Deputado Geral. Em 1886, “declarou publicamente sua conversão ao Espiritismo, assumindo sua nova posição em uma conferência realizada pela FEB no salão da Guarda Velha, localizado na avenida do mesmo nome, hoje denominada de 13 de maio” (CUNHA, 2015. p. 39).

⁵²⁷ Entrevista com André Vitor Seal da Cunha em 25 de janeiro de 2020.

⁵²⁸ Entrevista de Cunha concedida à autora.

⁵²⁹ Entrevista de Cunha concedida à autora.

⁵³⁰ *O Anticristo (I a IV)*; ⁵³¹ *O espiritismo e a razão (I a VII)*; ⁵³² *A questão espírita*; ⁵³³ *Medrosos*; ⁵³⁴ *Incongruências*. ⁵³⁵ Seus textos expressam o pensamento vigente neste período – e a visão da Igreja – e se caracterizam pelo tom agressivo empregado para desqualificar as lideranças espíritas. Em sua primeira inserção no debate sobre o espiritismo, ocorrida em 1926, ele não teceu nenhuma consideração sobre o espiritismo propriamente dito. No artigo “Em defesa da verdade contra a exploração espírita”, ele se limitou a desqualificar dois espíritas – os doutores Yvon⁵³⁶ Costa⁵³⁷ e Luiz de Góes⁵³⁸ – que estiveram em Natal no ano de 1926. No artigo, Monte não explicita os motivos da presença dos espíritas na cidade, mas pode-se inferir que a razão fosse a divulgação do espiritismo. No artigo, ele menciona que se tratava de uma segunda visita do dr. Yvon Costa, fazendo referência à primeira visita, para, na continuidade, desqualificar o trabalho realizado pelo espírita naquela ocasião:

⁵³⁰ Publicado no *Diário de Natal*, em 1926. Faz parte da polêmica com os senhores Ivon Costa e Luiz de Góes, que vieram de Recife. O texto é de autoria de Padre Monte e está publicado em (MONTE, 1999, p. 122-123). Trata-se de um texto publicado no jornal católico *Diário de Natal*, que refere a visita dos senhores Ivon Costa e Luiz de Góes. Dos textos dos anos 1920 sobre o espiritismo, este é o primeiro, uma vez que os textos posteriores se referem a ele.

⁵³¹ Publicado no periódico católico *Diário de Natal*, em 1926, em data não precisada (MONTE, 1999, p. 124-130). Apesar de ter sido publicado em partes, considerarei esses fragmentos como um texto só. O mesmo raciocínio vale para os demais textos publicados de forma fragmentada.

⁵³² O texto está publicado em: (MONTE, 2001, p. 179-187). Trata-se de uma série publicada em dias diferentes no mesmo jornal. O texto foi publicado originalmente no periódico católico *Diário de Natal*. Não se sabe a data exata da publicação, mas como o *Diário de Natal* só funcionou entre 1924 e 1932, o texto certamente é desse período.

⁵³³ O texto foi, originalmente, publicado no jornal *Diário de Natal* em 1926 e escrito quando Monte ainda era seminarista. Cabe observar que o texto foi digitado pela autora desta tese a partir do original pertencente a Jurandyr Navarro.

⁵³⁴ Publicado, originalmente, no *Diário de Natal* em 1926. Cabe observar que o texto foi digitado pela autora desta tese a partir do original pertencente a Jurandyr Navarro.

⁵³⁵ Esse texto foi publicado, originalmente, no *Diário de Natal* de 8 jan. 1927. Cabe observar que o texto foi digitado pela autora desta tese a partir do original pertencente a Jurandyr Navarro.

⁵³⁶ A grafia do nome Yvon em alguns textos está com “Y”, em outros “I”. Ao citar, optei por manter a grafia empregada nos textos analisados.

⁵³⁷ Yvon Costa (Eugenópolis, Minas Gerais, 1898 / Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 1934) era médico, tendo cursado medicina no Rio de Janeiro. Era poliglota, falando fluentemente inglês, francês, alemão e espanhol. Residiu na Alemanha e em Paris. Na condição de conferencista, viajou por todo o Brasil e esteve em alguns países da Europa, durante as décadas de 1920 e 1930, divulgando o espiritismo. Suas conferências chamavam a atenção pela retórica, pelo seu poder de argumentação e pelo seu domínio sobre diversos temas. A partir de 1932 passou a residir em Porto Alegre, onde instalou uma clínica médica, na qual atendia gratuitamente. Faleceu aos 35 anos de idade. Sua única filha – Ceo Kauer Costa – viveu em São Leopoldo (RS) até a sua morte. Cf. Uma pequena biografia de Yvon Costa foi publicada no jornal espírita “O Reformador” em dezembro de 1998.

⁵³⁸ Sobre Luiz de Góes (Luiz Gonzaga de Góes Sousa), assim se refere Dâmocles Aurélio: “Catedrático da Faculdade de Medicina de Pernambuco (posteriormente incorporada à Universidade Federal de Pernambuco). Seu nome no meio espírita surgiu com a fundação da Cruzada Espírita Pernambucana e destacou-se no ano de 1926, quando fez diversas conferências sobre o Espiritismo, no cinema Politeama, Teatro do Parque, Teatro Santa Isabel e na própria Cruzada Espírita, sempre ao lado de Djalma Trindade. Da sua ideia, surgiu naquele ano, conforme foi divulgado, o jornal “O Imparcial”. Depois, como por encanto, desapareceu do noticiário, assim como havia surgido. Não possuímos maiores dados sobre o mesmo. Na imprensa diária foi um colaborador assíduo, como no jornal *A Evolução*, órgão racionalista, dirigido por Raul Azêvedo em 1908; n’*A República* (1911); em *A Noite* (1912); esporadicamente em *O Tempo* (1912) e no *Diário da Noite* (1924), com ‘*Médicos*’, uma secção de consultas” (AURÉLIO, 2018, p. 70).

Está na terra, novamente, o dr. Yvon Costa, dessa vez s.s. veio acompanhado do dr. Luiz de Góes.

Da primeira vez o orador do espiritismo conseguiu atrair simpatias para a sua propaganda, em palavras que lhe saem fáceis embora sem nexos. Acumula-as, a torto e a direito, sem ligar a forma nem tirar conclusões aproveitáveis. Estropia as doutrinas que combate, falseia as opiniões que cita e desvirtua os argumentos que fórmula (MONTE, 2001. p. 122).

Observe-se que, para desqualificar Yvon Costa, Monte afirmou que esse líder espírita estropiou a doutrina, podendo-se supor que estivesse se referindo à doutrina católica, ainda que não explicitasse quais aspectos da doutrina foram atingidos. Monte prossegue, afirmando que Costa falseava opiniões, sem apresentar quais seriam elas, e, finalmente, afirma que o líder espírita desvirtuava argumentos, sem, mais uma vez, identificá-los ao leitor. De acordo com Monte, os visitantes, vindos de Recife, haviam se dirigido até a frente da redação do jornal católico *Diário de Natal* – periódico no qual Monte escrevia regularmente – com o intuito de provocar os católicos que ali trabalhavam. Essa atitude dos espíritas, segundo Monte, teria levado a sociedade natalense a se solidarizar com o jornal. Monte, contudo, não informa o que os espíritas fizeram no jornal *Diário de Natal* e nem como a sociedade natalense prestou solidariedade ao jornal. Dessa argumentação é possível deduzir que os católicos – e não apenas Monte – se sentiram afrontados com os espíritas e que existiam outras pessoas da sociedade natalense que apoiavam a luta contra os espíritas. Monte (2001. p. 123) encerra o artigo nos seguintes termos:

Amanhã, quando s.s. se retirar desta Capital, deixará aceso o rastilho da discórdia entre conterrâneos e amigos que, apesar de mesmo em crenças diversas, sempre mantiveram relações cordiais sem as dissensões por si provocadas.

Longe daqui, s.s. não mais se lembrará daqueles entre os quais veio implantar a sisânia [sic], a pretexto de uma propaganda que não fez e degenerou em insultos ao nosso Clero digno a toda prova.

O que se percebe nesse trecho é que para o então seminarista, os espíritas, ao promoverem conferências para divulgação da doutrina espírita, haviam trazido a discórdia para a cidade e afetado os tradicionais espaços católicos de Natal. Apesar da sintonia com as primeiras diretrizes da Neocrisandade, às quais, com certeza, acessou durante sua formação no Seminário de São Pedro, a argumentação contra a doutrina não fica evidente neste artigo.

No início desse artigo, que foi publicado no volume 9 da *Antologia do Padre Monte*, Navarro inseriu uma epígrafe de autoria de Nilo Pereira e que se encontra, originalmente, no

livro *José Augusto: um democrata*.⁵³⁹ Esse texto de Nilo Pereira foi escrito na década de 1980 e foi usado por Navarro para demonstrar que, na década de 1920, Monte já havia criticado com propriedade o espiritismo:

As conferências de Ivon Costa e Luiz de Góes, do Recife, sobre o chamado ‘espiritismo científico’, foram contestadas pelo Padre Luiz Gonzaga do Monte, que se valia de argumentos irrespondíveis, exercitando uma faculdade que Deus lhe deu. entre muitas outras: a índole polêmica, que o levou, não raro, à mais fina ironia (PEREIRA, 1983 *apud* MONTE, 2001. p. 122).

O trecho da epígrafe foi, portanto, selecionado por Navarro para conferir legitimidade às críticas feitas por Monte na década de 1920 e, assim, permitir a apresentação de Monte como profundo conhecedor e crítico do espiritismo, imagem que foi difundida por seus admiradores. Nesses termos, uma ideia produzida na década de 1920 foi retomada na década de 1980 para conferir a Monte a condição de grande estudioso do espiritismo.

Uma semana depois do artigo “Em defesa da verdade contra a exploração espírita”, Monte iniciou a publicação de um conjunto de quatro artigos – intitulados “O Anticristo” (I a IV). Esses artigos foram publicados em diferentes números do jornal “Diário de Natal”. Entretanto, no número 9 da *Antologia do Padre Monte*, esses artigos formam um conjunto textual identificados apenas como I, II, III e IV.⁵⁴⁰ O que se observa nesses textos é que, neles, Monte apresentou, pela primeira vez, críticas bem argumentadas contra o espiritismo. O ponto de partida desses textos são três conferências proferidas por Ivon Costa no Teatro Carlos Gomes, em 1926.⁵⁴¹ Os títulos I, II e III se referem, respectivamente, às conferências 1, 2 e 3. O título IV trata da temática das quatro conferências de forma ampla. O fato de as conferências terem ocorrido no Teatro Carlos Gomes é um claro indício de que foram assistidas por um considerável público da cidade do Natal. Monte assim se pronunciou:

Na última semana **se iluminou a ribalta do querido ‘Carlos Gomes’, para as bodas pomposas do Espiritismo com a Maçonaria.**

⁵³⁹ A obra *José Augusto: um democrata* possui dois volumes. O primeiro foi publicado em 1982 e o segundo, em 1983. No segundo volume, vários autores apresentam depoimentos sobre José Augusto. O trecho selecionado por Navarro se encontra no depoimento do próprio Nilo Pereira, que faz referência a Padre Monte. Vale lembrar que Nilo Pereira era um católico praticante e intelectual leigo, sempre atento às diretrizes da Igreja. Além disso, havia sido aluno de Padre Monte. O trecho, cabe advertir, não expressa o que realmente Monte escreveu sobre o espiritismo, mas, para Navarro, reforçaria a legitimidade de suas contundentes críticas ao espiritismo na década de 1920.

⁵⁴⁰ Nesta tese, optei por tratar os quatro textos como um bloco.

⁵⁴¹ O Teatro Carlos Gomes foi construído entre 1898 e 1904, ano de sua inauguração. A escolha do nome foi uma homenagem ao famoso compositor brasileiro, autor de inúmeras óperas, como “O Guarani”. Esse espaço era a grande sala de espetáculos na cidade até 2010, quando foi erguido, pela iniciativa privada, o Teatro Riachuelo. Em 1957, Djalma Maranhão, então prefeito de Natal, mudou o nome do Teatro para Alberto Maranhão.

A palavra efervescente, impetuosa, encachoeirada do famoso hierofante ‘reencarnado’, **açoitou impetuosamente a Bíblia, a Igreja, o Clero, a ciência, a filosofia e segundo alguns a gramática.**

O povo bom de Natal, em sua significativa filosofia **chamou o pálido e transfigurante duende de Anticristo.**

Está bem dito: o pregador daquela mais ou menos diabólica festa devia ser o inimigo de Cristo.

Segundo relatos informativos e independentes, **o Sr. Ivon Costa, formado em medicina lunar, o direto expoente, na frase tema da Federação espírita, encheu noites teatrais com seu verbo revelador.**

[...]

Revelou-se historiador. E por que?

Porque nos apresentou a evolução das raças mediante reencarnações lentas e sucessivas nos diversos povos do planeta, demonstrando o desaparecimento temporário de dado povo, em dado ponto da terra, para surgir mais evoluído e aperfeiçoado, por depuração no cadinho do sofrimento, manipulado pela eterna sucessão dos tempos, vindo habitar outras circunscrições geográficas do globo terrestre. Ufa! Isto é história da carochinha.

História, todo mundo sabe, é a narração dos fatos passados com seu estudo crítico. A evolução das raças mediante reencarnações, sempre gratuitamente afirmadas, nunca seria matéria histórica; seria objeto de estudos antropológicos, interessantes para o fisiologista e para o psicólogo.

É realmente imaginoso o super lunar o sr. Ivon Costa!

[...]

Tiremos o chapéu ao exegeta do ‘Carlos Gomes’.

Talvez o nosso teatro nunca tenha visto um tal dilúvio palavroso de disparates. Para honra da nossa intelectualidade, houve quem se levantasse, recusando o diploma que a parlapatice nos quis passar.

Graças a Deus ... (MONTE, 2001. p. 124-126, grifos nossos).

A partir desse trecho é possível perceber que Monte persiste com a desqualificação do orador. Nesse sentido, ele se refere a Yvon Costa - dando eco à voz do povo - como o anticristo.⁵⁴² Seus argumentos contra o espiritismo propriamente dito ainda são tímidos. Entretanto, percebe-se também que ele atua de forma contundente para atacar os divulgadores do espiritismo.

No discurso de Monte ele desfere sua espada contra Yvon Costa para atacar, ao mesmo tempo, o espiritismo e a maçonaria. A ideia parece ser atingir, concomitante, dois inimigos da Igreja, ainda que o foco principal seja o espiritismo. Observe-se também que o ataque desferido por Monte é apresentado como uma defesa. Nesses termos, ele aponta que o líder espírita agrediu a Bíblia, a Igreja, o Clero e a Ciência. Por essa lógica, o discurso de Monte é construído a partir da agressão sofrida. Assim, na visão de Monte, todo o discurso do líder espírita era recheado de equívocos.

⁵⁴² O anticristo é o adjetivo que Monte usou para qualificar o espírita Ivon Costa. Nesses termos, o título dos artigos – o anticristo – é uma referência direta a Ivon Costa.

Esta estratégia de Monte, aliás, está em consonância com o padrão adotado tanto pelos líderes espíritas, quanto pelos católicos. Os primeiros apresentavam aspectos da doutrina e criticavam as práticas católicas, enquanto os católicos atacavam os espíritas, que se sentindo ofendidos, radicalizavam o discurso contra o catolicismo. Essa disputa – em especial, os ataques desferidos por Monte – terminou por conferir uma maior visibilidade aos espíritas. Ao mesmo tempo, o fato de Monte se apresentar como combatente do espiritismo deu a ele a visibilidade necessária para fortalecer seus vínculos com os membros da Neocristandade, que viam o espiritismo como um inimigo declarado.

Retomando os textos *Anticristo II, III e IV*, percebe-se que persistem os argumentos de Monte contrários a Ivon Costa, como já havia sido explicitado pelo próprio Monte (2001. p. 126-128):

A segunda conferência do homem que o povo chamou de Anticristo, continuou com grande felicidade a série de despautérios da primeira.

[...]

Infelizmente para a Maçonaria todas essas patranhas são fósseis do cérebro paleontológico do orador.

As origens maçônicas são férteis em mitos.

[...]

O Purgatório, disse enfaticamente o sr. Ivon Costa, foi criado no ano 590 de nossa era. É como se dissesse: é uma invenção romana.

Podíamos demonstrar a existência do Purgatório pelo Antigo e Novo Testamento e mostrar nas religiões mais antigas do mundo a crença no Purgatório e sua influência na doutrina espírita da reencarnação. Não precisamos tanto. Para desmascarar completamente o grandiloquo sr. Ivon Costa e dizer: eis o homem que abusou da plateia natalense, basta citar entre muitos outros o Rei dos Santos Padres, S. Agostinho que na homilia XVI Ex. lib., diz:

‘É sabido que as almas purificadas antes do dia do juízo por penas temporais não serão atiradas ao suplício do fogo eterno’. E recomenda o mesmo Doutor no livro do Cuidado pelos mortos, cap. IV que não devem ser descuradas as preces pelas almas dos mortos ordenados pela Igreja, piedosa mãe comum.

Na Igreja não se reza por quem está no céu ou no inferno. Só rezamos pelas almas que padecem no Purgatório.

Sabem os senhores leitores quando morreu Santo Agostinho? Em 430. Santo Agostinho ensinava o purgatório com a Igreja.

Não acham que é muita sem cerimônia do nosso Doutor em fósseis ou fósforos dizer que o purgatório foi inventado mais de um século depois de Santo Agostinho, em 590?

Que merece o sr. Ivon Costa?

Palmas ou palmadas para aprender história e para não torcer a verdade?

[...]

A terceira conferência anticristã, realizada no teatro ‘Carlos Gomes’ pelo sr. Ivon Costa, obedeceu a tese: A maçonaria, o Espiritismo e a Igreja Romana. O orador, segundo o relato informativo, foi apresentado ao público pela maçonaria e começou por um desafio ao sr. Aluizio Rezende. Infelizmente, este cavalheiro não estava presente para reduzir ao silêncio a insolência do

conferencista, como o fez em Minas o notável Padre João Gualberto, em pública reunião. (grifos nossos).

A citação reforça a mesma lógica do texto *Anticristo I*: a maçonaria e o espiritismo são parceiros na luta contra o catolicismo e Yvon Costa apresenta muitas limitações intelectuais, além de iludir a população com falsas verdades. Monte estimulou que fossem dadas palmadas em Yvon Costa, por ele distorcer a verdade e reclamou a ausência de grandes debatedores católicos, como Aluízio Rezende⁵⁴³ e o Padre João Gualberto⁵⁴⁴ para silenciar o insolente conferencista.

Em outro artigo, intitulado *O espiritismo e a razão* e produzido na década de 1920, Padre Monte recorreu à patologização desse movimento, desenvolvida no final do século XIX e consolidada, na esgrima do catolicismo, principalmente nas primeiras décadas do século XX. Nesses termos, ao se referir a uma conferência feita por espíritas, Monte (1999. p. 179) afirmou que

Os argumentos que os senhores conferencistas do ex-‘Salão de Ouro’ têm trazido à baila, para meia dúzia de pessoas cujo ideal é maleável à vontade de quantos se intitulam de tribunos espíritas, [...] nenhum valor tem para os que, imunizados do **vírus da loucura da superstição**, penetram naquele **antro doentio** (grifos nossos).

Pelas informações que o texto nos oferece não é possível saber quem eram os conferencistas. Provavelmente, Monte se referiu a Yvon Costa e Góes, mas podem ter sido outros conferencistas espíritas que haviam estado em Natal. Quanto à menção feita ao ex-“Salão de ouro”, julgo tratar-se de uma ironia e que Monte estivesse se referindo ao Teatro Carlos Gomes. Sob sua perspectiva, um teatro que abrigava os maiores eventos da cidade – daí ser denominado Salão de Ouro – havia comprometido sua imagem ao receber as conferências espíritas. Sobre o público, reduzido à meia dúzia de pessoas, que se encontrava naquele “antro doentio”, Monte informou que era composto tanto por aquelas que se submetiam aos que se apresentam como espíritas, quanto por aquelas que estavam imunes à “loucura da superstição”.

⁵⁴³ Não consegui identificar quem seria Aluízio Rezende, mas pelo conteúdo do texto, posso inferir que se tratava de um católico capaz de debater com o conferencista espírita.

⁵⁴⁴ É interessante identificar Monte mobilizando o Padre João Gualberto como exemplo de debatedor capaz de silenciar o conferencista espírita. Como já foi explicitado anteriormente nesta tese, o Padre João Gualberto tornou-se famoso pelas conferências feitas, em defesa do catolicismo, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Além disso, o Padre Jorge Paiva – biógrafo de Monte – também biografou o Padre Gualberto. Paiva encontra em ambos os biografados características muito semelhantes. A citação de Monte indica que ele conhecia, pelo menos pelas ações, o Padre Gualberto. A partir dessa lógica é possível inferir que existia uma ação articulada nas ações dos Padres Monte e Gualberto.

Pode-se aventar, em função da detalhada descrição, que Monte estivesse entre os imunes à “loucura” que se encontravam no Teatro durante as conferências.

Duas expressões empregadas por Monte chamam a atenção: “antro doentio” e “loucura da superstição”. Ambas remontam à já mencionada patologização do espiritismo, que foi uma apropriação feita pelos católicos dos debates feitos pelos psiquiatras contra o espiritismo. Segundo Almeida (2007), historicamente o espiritismo e a psiquiatria têm debatido entre si. No Brasil, na primeira metade do século XX, houve um acirrado embate entre médicos psiquiatras e lideranças espíritas em torno daquilo que a psiquiatria denominava “loucura espírita”. Essa denominação era usada pelos médicos para representar a mediunidade, considerada pelos psiquiatras uma manifestação de doença mental.

Naquela conjuntura, psiquiatras e espíritas buscavam se legitimar na sociedade, defendendo visões e abordagens terapêuticas diferentes em relação à loucura. Nessa perspectiva,

Os médicos publicaram teses, artigos e livros no âmbito acadêmico sobre a ‘loucura espírita’ e a necessidade de combatê-la através do controle governamental sobre os centros espíritas, proibição da divulgação do Espiritismo, combate ao charlatanismo supostamente praticado por médiuns, tratamento e internação dos médiuns, considerados graves doentes mentais. Os espíritas também publicaram livros, escreveram artigos em periódicos espíritas, produziram uma tese em medicina (que foi reprovada) e fundaram hospitais psiquiátricos espíritas. Os espíritas, além de negarem ser a mediunidade uma forma ou causa de loucura, defendiam o Espiritismo e criticavam a Psiquiatria por sua limitada eficácia e por não considerar as possíveis causas espirituais no tratamento da loucura. Este embate atingiu também a imprensa leiga, gerando um grande número de matérias sobre o tema em jornais de ampla circulação (ALMEIDA, 2007. p. 3-4).

Esses debates não atingiram apenas os psiquiatras, na medida em que os espíritas incomodavam também outros médicos alopatas, por terem organizado uma rede de atendimento espiritual que adotava o uso da homeopatia para a cura de enfermidades. Essa prática, posteriormente, foi abandonada devido às associações que eram feitas com a magia. No período em que foi adotada, houve uma pressão muito forte para que fosse criminalizada, o que aconteceu com a aprovação do primeiro Código Penal republicano, ao qual já fizemos menção.

Em suas pesquisas, Beatriz Weber demonstrou que o espiritismo e a homeopatia foram tratados de maneira particular no Rio Grande do Sul, nas primeiras décadas do século XX. Analisando essa temática, Weber demonstrou que, diferentemente de outros estados brasileiros, a homeopatia e o espiritismo desenvolveram práticas que se aproximaram, garantindo a sobrevivência desses dois pensamentos. Segundo a autora, a homeopatia, mesmo que estivesse

vinculada ao ideário científico, se disseminou pelo Brasil por meio dos médiuns receitistas vinculados ao kardecismo. Nesse sentido, no Rio Grande do Sul, homeopatia e espiritismo conviveram pacificamente, uma vez que o governo local advogou liberdade profissional e religiosa desde 1891 (WEBER, 2019), o que não prevalecia no restante dos estados brasileiros, onde havia a criminalização do espiritismo e da homeopatia.

Em suma, os conflitos entre espíritas e médicos conduziram à patologização do espiritismo, que foi apropriada pela Igreja Católica, a fim de, através do discurso médico, desqualificar as práticas espíritas. Assim, se, para os médicos, os médiuns eram loucos, também os católicos passaram a vê-los desta forma. Se, para os católicos, o espiritismo estava vinculado a práticas mágicas de cura, os médicos também o percebiam como um mal que precisava ser combatido.

A partir dessa perspectiva é possível entender por que Monte usou as expressões “loucura da superstição” e “antro doentio” para se referir, respectivamente, às ideias espíritas e ao lugar onde os espíritas se reuniam. É possível perceber também que, em relação aos seus dois primeiros textos, Monte avançou na crítica feita ao espiritismo, uma vez que ele passou a adotar o discurso patológico contra o espiritismo, e que suas críticas não mais se limitam às lideranças. Em razão disso, desfez suas críticas aos pretensos aspectos científicos do espiritismo, como se pode constatar nesta passagem:

A preocupação única dos intrépidos conferencistas do ex-Salão de bilhar, quando não estão carambolando com bolas coladas ou se elogiando si próprios, num rasgo de modéstia às avessas, **é destruir as verdades da Bíblia, numa linguagem materialista, resumida em balofas preleções físico-químicas ou em mancas lições de história natural** (MONTE, 2001. p. 179, grifos nossos).

De acordo com Monte, o objetivo dos conferencistas (e não apenas deles, mas do próprio pensamento espírita) era destruir o estatuto das verdades que a Bíblia anunciava. Para destruir essa verdade, os conferencistas (e, conseqüentemente, o próprio pensamento espírita) utilizavam, em suas preleções “balofas”, uma linguagem materialista, que lançava mão da física, da química e da história natural. A partir dessa ideia, ele construiu a argumentação de que o espiritismo aplicava de forma equivocada os conceitos científicos que sustentavam a discussão sobre o que efetivamente significa a matéria. Para ele, os conferencistas (e, conseqüentemente, o pensamento espírita) contestavam, sem qualquer fundamentação, trechos da Bíblia, mostrando tanto as suas fragilidades teóricas, quanto as do espiritismo. Na passagem que abaixo transcrita, Monte (2001. p. 179-180) afirmou:

[os conferencistas] contestam a Bíblia. *in totum*, sem, ao menos, procurar falsas interpretações das passagens que vêm destruir totalmente as suas idéias...

Um daqueles conferencistas, falando sobre o juízo final, disse ser impossível a ressurreição da carne, ou abrirem-se os túmulos para a restituição dos corpos. Impossível, porque viria contradizer os princípios e leis da conservação da matéria... Pobre Lavoisier do ‘Taco de Ouro’⁵⁴⁵!

E, continuando, o **sábio orador**, disse ter feito um cálculo - (quem duvidasse pegasse do lápis...) de quantas toneladas seriam precisas para as existências de todos os viventes humanos, desde o começo do mundo... Seriam precisos sessenta quintilhões de toneladas... É estupendo!...

E como poderia caber essa infinidade (**calculável** já se vê...) no vale de Josafá que apenas tem extensão de alguns quilômetros?... continua o **matemático**, é humanamente impossível. Só mesmo na cachola do catolicismo...

E que dirá o conferencista sobre a existência de Deus?... Senão é possível a ressurreição da carne, quanto mais a existência de um ser que não teve princípio ...

E que diz, ainda, o sábio do ‘Taco de Ouro’ sobre ter sido Deus o criador de todas as coisas?... Certamente que tudo isto é um mito, pois tirar a matéria do nada, é um contra-senso [sic] na Ciência. (grifos do autor).

Observe-se que Monte fez referência a uma das críticas apresentadas pelos conferencistas à Bíblia, qual seja a de que seria impossível a ressurreição da carne, como aconteceu com Jesus Cristo. Essa impossibilidade, na visão dos conferencistas, viria do fato de que, com base nos estudos do químico Lavoisier⁵⁴⁶, a carne não poderia deixar de ser carne e voltar a ser carne. Por essa lógica, um corpo, depois de morto, não poderia voltar ao seu estado natural. Depois de morto um corpo, ele se transformaria em outra matéria. Para provar que a lei de Lavoisier indicava a impossibilidade da ressurreição da carne, os conferencistas, segundo o religioso potiguar, usaram um exemplo: se todas as pessoas da Terra, desde o começo do mundo, estivessem reunidas à espera do julgamento final no *Vale do Josafá*,⁵⁴⁷ seriam sessenta quintilhões de toneladas de corpos humanos, nos poucos quilômetros desse vale. A partir dessa declaração de que os conferencistas não acreditavam na ressurreição da carne, Monte infere que eles também não acreditam na existência de Deus, nem que Deus foi o criador de todas as coisas.

⁵⁴⁵ Não consegui identificar o que era o “Taco de Ouro” mencionado por Monte. Deve-se, no entanto, considerar que tenham acontecido conferências espíritas em outro espaço que não o Teatro Carlos Gomes, o que nos levaria a propor que ele estivesse se referindo a um lugar. No jornal *A República*, número 40, publicado em 20 de fevereiro de 1909, localizei uma propaganda que dizia que um bom lugar, em Natal, para tomar cerveja gelada, comer sanduíches e sorvetes era o “Taco de Ouro”. É plausível supor que este lugar tenha existido, pelo menos, a década de 1920. Entretanto, não encontrei nada que pudesse confirmar minha suspeita.

⁵⁴⁶ Antoine Laurent de Lavoisier (1743-1794) realizou uma série de estudos na área da Química. Uma de suas descobertas ficou conhecida a partir do seguinte enunciado: “na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”.

⁵⁴⁷ O profeta Joel se refere ao *Vale de Josafá* quando faz a profecia de que o Juízo Final acontecerá nesse Vale. O profeta afirma que no Dia do Senhor, Deus haverá de julgar os inimigos do Seu povo (Joel 3, 1-17) (EVANGELHO..., 2020).

Cunha,⁵⁴⁸ instigado por mim a ler o texto *O espiritismo e a razão*, afirmou que chamou sua atenção o fato de Padre Monte, ainda nos anos 1920, ter associado o espiritismo/a mediunidade à loucura. Essa discussão, segundo ele, tinha acontecido em cidades de outros estados, mas, em Natal, constitui-se em algo bastante inovador. Além disso, se surpreendeu com o fato de Padre Monte ter, apesar de sua discordância, compreendido a proposta de Kardec de conciliar, no espiritismo, a ciência e religião. Os textos escritos por Monte demonstram que ele leu sobre o espiritismo ou que foi bem orientado para poder discutir o tema, uma vez que apresentou argumentos teológicos pertinentes ao posicionar-se contra o espiritismo.

Retomando alguns pontos já apresentados, considero que *O Espiritismo e a razão* foi produzido em meio aos debates que os espíritas, que criaram, em 1926, a Federação Espírita do Rio Grande do Norte (FERN) – entidade vinculada a FEB – travavam com os católicos, que tentavam impedir a instalação da entidade. Em razão disso, espíritas de outros estados foram conclamados a vir a Natal para difundir a doutrina e angariar adeptos, com vistas à instalação da FERN. Levando em consideração este contexto, pode-se inferir que, neste artigo, Padre Monte está dirigindo suas críticas não apenas aos conferencistas, mas, também, a todos os envolvidos com a criação da entidade. Vale ressaltar que devido à riqueza de detalhes, pode-se supor que ele, por livre iniciativa, tenha assistido às conferências espíritas ou, então, que tenha sido incumbido por alguém para que delas participasse. Esta hipótese é reforçada pelo fato de que Monte não informa como ou através de quem teve acesso à(s) conferência(s) espírita(s) que analisou.⁵⁴⁹ Ao referir-se à doutrina espírita ou ao público que assistia as conferências, Monte afirmou:

Está verificado que o rubicundo orador do ‘Taco de Ouro’ nada sabe da falsa doutrina que pretende incutir no cérebro de **alguns pobres mendigos de fé ...** Nada sabe do espiritismo, estou certo, nem mesmo os seus termos, a gíria das sessões, sabe ele empregar... (MONTE, 2001. p. 180, grifos nossos).

Como se pode constatar, ele definiu a doutrina espírita como falsa, mas não apresentou as razões ou os argumentos para que devesse ser considerada falsa. Afirmou, também, que o conferencista nada sabia sobre a doutrina que divulgava, mas, em nenhum momento, justifica esta apreciação. Já os ouvintes são descritos como “mendigos de fé”, ou seja, pessoas que não sabiam ao certo o que queriam e que, por isso, mendigavam alguma orientação espiritual,

⁵⁴⁸ Cunha, em entrevista a mim concedida.

⁵⁴⁹ Foi muito difícil precisar quantas conferências espíritas foram analisadas por Monte. Nos jornais, encontrei referências a eventos espíritas, mas não consegui identificar quais são as que Monte refere em seus textos. Neles, às vezes, ele se refere de forma ampla a um evento, informando, por exemplo “na conferência da segunda da semana passada...”, entretanto, ao procurar nos jornais, encontrei mais de um evento espírita no dia citado.

estando sujeitos à manipulação por parte de pregadores de uma falsa doutrina. Assim, na década de 1920, Monte estava investido do firme propósito de alertar os católicos para o que considerava ser uma falsa doutrina e para a manipulação a que estariam sujeitos ao participarem das conferências proferidas pelas lideranças do espiritismo.

Mas, ao ler os artigos III e V,⁵⁵⁰ percebi que Padre Monte disserta sobre os efeitos físicos da mediunidade, a partir de reflexões feitas pelos próprios espíritas acerca de Jesus Cristo. Quanto à ressurreição, Monte (2001. p. 181-183) afirmou que:

Dizem as crenças espíritas que Cristo não foi encarnado, nem tão pouco reencarnado, e sim que Jesus ‘apareceu sobre a terra, é verdade, porém com um corpo fluídico e de natureza perispírita, visível e tangível, debaixo da aparência corporal humana’ (A. L. Sayão⁵⁵¹ - **Elucidações Evangélicas à Luz da Doutrina Espírita**, pág. 4) .

[...] Dizer que Jesus Cristo não foi encarnado, é negar que Deus se tenha feito homem e pretender desmoralizar a Obra da Redenção, é querer falsificar o testemunho dos que com Ele conviveram, é negar a palavra dos apóstolos.

[...] Se Cristo tinha um ‘corpo fluídico’ ou conservava-se nesse ‘perispírito’, então é ele um mentiroso, um impostor e são mentirosos todos os seus ensinamentos. Pois, Ele que nos ensina a sofrer, não sofreu, porque um corpo de natureza fluídica, dentro da idéia espírita, não é mais do que o resultado da condensação de partículas invisíveis (para os que não são **médiuns**) emanadas do espírito, tomando forma, cor, luz e calor, segundo o grau de evolução da **entidade espírita** e as condições do ambiente, visível **aos médiuns videntes**

...

[...]

É opinião aceita pelos doutos espíritas, muitos dos quais não possuem a faculdade mediúnica da vidência, que os fantasmas se podem intrrometer em qualquer obstáculo material ou mesmo expressá-lo, pois do contrário, nas salas das sessões de materializações não poderiam peneirar...

E porque foi preciso remover a pedra do sepulcro, onde estava o corpo de Jesus, para que Ele saísse? ...

Haveria necessidade disto, sendo o corpo que ali eslava, apenas, uma aparência humana ou perispírito!? ... Calar-me-ia e não vinha com esse argumento se os senhores Kardecistas concebessem a existência de Jesus, realmente humana ou que neste estado não pudesse ter ressuscitado ou saído do túmulo, sem que para isto não fosse volvida a pedra. E eu diria, então não teve Ele o poder de se transfigurar! ...

A ressurreição do Cristo, para os espiritistas, nada mais foi do que a sua aparição real, sob a ação das possibilidades mediúnicas.

Jesus, pois, nesse estado real, ao jugo das leis da ciência espírita, não poderia ter o poder de aparecer ou de ser visto, a não ser pelos médiuns videntes, tanto assim que é afirmado, em certo livro espírita, livro autorizado, que os soldados

⁵⁵⁰ Eu não tive acesso ao texto IV, pois ele não está na *Antologia*, nem foi localizado no jornal *Diário de Natal*, que o publicou originalmente. É possível que tenha sido um erro de numeração ou que, por algum motivo, o jornal não o tenha publicado.

⁵⁵¹ Fazer referência às fontes consultadas em suas pesquisas é algo incomum na produção intelectual de Monte, mas, neste caso, a informação foi dada por ele. Ao citar o carioca Antônio Luiz Sayão (1829-1903), Monte revelou conhecer a obra de autoria deste advogado de destaque na então Capital do país, e um dos principais nomes ligados ao espiritismo brasileiro, militando ao lado de Francisco Lite de Bittencourt Sampaio.

que guardavam o sepulcro **não viram** a presença dos **espíritos superiores** que vieram volver a pedra ...

No entanto, deveriam crer os espíritas, se eles não eram médiuns videntes, possuíam alguma mediunidade, pois, não viram um clarão, que **nada mais deve ter sido que a luz dos espíritos?** Não sentiram o tremor de terra, que nada mais deveria ser do que a presença dos mesmos espíritos com os seus fenômenos fluídicos?

Quanta parvoíce, às vezes escrita, em tantos pergaminhos e para tantas inteligências aproveitáveis!

Segundo a idéia espírita, sobre a ressurreição de *Cristo*, vejo que Lázaro era mais puro do que Ele, visto como pode ser ressuscitado depois de quatro dias, isto é, depois de ter entrado a sua carne em pleno estado de putrefação. A ressurreição de Lázaro não nos é negada nos livros espíritas, é o próprio Kardec quem diz que a palavra ressurreição poderia aplicar-se a Lázaro. (grifos e citações do autor).

Monte procurou demonstrar o que considerava serem equívocos na proposição da reencarnação. Para os espíritas, Jesus Cristo foi um corpo fluídico, visível e tangível, que existiu sob a aparência humana, e que, diferentemente dos outros espíritos que encarnam e desencarnam buscando a perfeição, ele veio à terra apenas como espírito e dela assim partiu. Monte refutou essa tese, afirmando que negar a existência de Jesus como um homem que tinha matéria é negar a “Obra da Redenção”, o seu sofrimento físico para salvar a humanidade; os testemunhos dos que viveram com Jesus e a palavra dos apóstolos.

A segunda tese espírita questionada por Monte é a de que, por ser espírito, Cristo não ressuscitou. De acordo com o religioso, esta tese afrontava uma verdade escrita na Bíblia e entrava em conflito com a explicação católica sobre a ressurreição de Jesus. Para ele, essa tese não se sustentava, uma vez que Jesus precisou que a pedra fosse retirada da entrada do túmulo, para que pudesse sair.⁵⁵² Assim, se Jesus fosse um espírito, a pedra poderia permanecer no lugar e, mesmo assim, ele sairia.

A terceira tese espírita abordada por Monte é aquele que afirma que quando o espírito de Jesus subiu aos céus os soldados não conseguiram ver os espíritos superiores, por não serem médiuns, os únicos capazes de ver/sentir os espíritos. Ele refuta essa tese, argumentando que, nesse caso, os espíritas deveriam acreditar que os soldados tinham alguma mediunidade, uma vez que foram capazes de ver um clarão, a luz dos espíritos.

A quarta tese espírita que Monte discute é a que afirma que Lázaro pode ter ressuscitado, mas Jesus não. Isso porque, Lázaro passou quatro dias morto e Jesus apenas três.

⁵⁵² Monte baseia-se no evangelista Matheus: “1. Tendo passado o sábado, ao raiar do primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram visitar o túmulo. 2. E eis que aconteceu um forte terremoto, pois um anjo do Senhor desceu dos céus e, chegando ao túmulo, rolou a pedra da entrada e assentou-se sobre ela. 3. O anjo tinha o aspecto de um relâmpago, e suas vestes eram alvas como a neve”. (grifos nossos). Conforme o Evangelho... (2020) segundo São Mateus (Mt 28, 1-3).

Para o religioso potiguar, a comparação entre Jesus e Lázaro foi construída para prejudicar a imagem de Jesus, enfraquecendo o cristianismo e fortalecendo o espiritismo.

É importante ressaltar que, ao discutir a questão da mediunidade, Monte revelou uma apropriação do *Livro dos médiuns*,⁵⁵³ escrito por Allan Kardec em 1861. Inicialmente, a temática foi discutida por Kardec na obra *O Livro dos Espíritos*, mas foi aprofundada n' *O Livro dos Médiuns*.⁵⁵⁴ N' *O Livro dos Médiuns*, Kardec afirmou que a obsessão por espíritos poderia gerar problemas psíquicos. Com base nessa ideia, no Brasil, ainda no século XIX, alguns espíritas passaram a difundir a prática da desobsessão dos espíritos como uma terapêutica. Já os católicos vincularam a prática à expulsão de demônios, o que fez com que o espiritismo fosse demonizado, e que seus praticantes fossem percebidos como doentes.⁵⁵⁵

No item VI d' *O Espiritismo e a razão*, Padre Monte associou o espiritismo e Allan Kardec à maldade:

[...] Até meados de 1855, um corvo gigantesco e sinistro voava por sobre o coração da humanidade, a procurar pousada para construir o ninho fatídico das suas aspirações ...

E o corvo conseguiu ver que, em certo coração, a fé exalava, talvez, o último adeus, o adeus eterno!

E eis que lançou aquela **ave negra o seu primeiro ramo de erva daninha ...**

Era o espiritismo que, até então, não se tinha espargido no mundo das religiões; não se tomara conhecido senão através das abantesmas e das sombras das casas das advinhas; não era conhecido, senão como o malefício das bruxas ou nos oráculos das Pítias de Delfos. No entanto, essa ignorância desfrutava o sono nefasto de Satã ...

E foi Kardec o escolhido pelo corvo, e nele foi lançado o primeiro ramo de erva daninha [...]

E foi Kardec quem atirou a primeira pedra à face do cristianismo, pedra diabólica e que tantos corações tem conturbado!

⁵⁵³ Cinco livros, todos escritos por Allan Kardec, são considerados a base da doutrina espírita, sendo também identificados como Pentateuco Kardequiano. Os cinco livros são os seguintes: *O Livro dos Espíritos* (1857); *O Livro dos Médiuns* (1861); *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864); *O Céu e o Inferno* (1865) e *A Gênese* (1868). No Brasil, a tradução desses livros não seguiu a mesma ordem de publicação na França.

⁵⁵⁴ Sobre a discussão acerca das ideias contidas na obra *O livro dos médiuns* e de suas apropriações no Brasil, recomenda-se ver mais em: Cunha (2015, p. 38-39).

⁵⁵⁵ Provavelmente, a demonização do espiritismo, abordada por Monte, está associada à indefinição – mesmo na Academia – do que era o espiritismo. Arribas esclarece que “É freqüente encontrarmos na literatura acadêmica a utilização do termo *espiritismo* para indicar mais de um segmento religioso. Nesses escritos, a distinção entre os diferentes segmentos religiosos fica a cargo somente de adjetivos ou de partículas de mesma função que os especificam. Assim, aparecem as designações *espiritismo kardecista* ou *espiritismo de mesa branca*, ou ainda *alto espiritismo* para designar a teoria espírita criada originalmente por Allan Kardec; e *espiritismo umbandista* ou *espiritismo de umbanda* ou *baixo espiritismo* para se referir à religião nascida no Brasil em meados da década de 1920” (ARRIBAS, 2008, p. 11). Stoll, fundamentada em Roger Bastide, indica que a apropriação do espiritismo na sociedade brasileira tem uma relação direta com a classe social. As classes mais abastadas se aproximam do espiritismo pelo viés científico, as classes médias pelo viés religioso e as classes populares pelo viés terapêutico (STOLL, 2002, p. 366). Apesar de Monte ter lido a literatura kardecista, é notável que as suas interpretações sobre o espiritismo confundem diferentes espiritismos e não distinguem a apropriação do espiritismo por diferentes classes sociais.

Leon-Hippolyte-Dénizart Rivail que era filho de pais católicos, fez-se protestante e, depois, levado pela sua extrema vaidade, procurou um meio de se tornar conhecido através das diversas rodas sociais. Sabendo que o cristianismo e a ciência contornavam, paralelamente o mundo, pensou, então, em reformá-los, entrando silenciosamente na elaboração da sua obra que foi em 1857 posta em público sob a máscara de Allan Kardec (MONTE, 2001. p. 184, grifos nossos).

Observa-se que Monte considera que a maldade (genericamente referida no texto como “o corvo”) deu origem ao espiritismo e ao pensamento de Kardec, que foi o primeiro⁵⁵⁶ a atacar o cristianismo, muito provavelmente, uma referência ao catolicismo. Sob esta interpretação, Kardec é influenciado pelas forças do mal e Monte apresenta aspectos de sua biografia com o intuito de desqualificá-lo. Nesse sentido, inicialmente, Monte induz o leitor a deduzir que Kardec era filho de católicos, mas se desvirtuou, tornando-se protestante. Está correta a informação de que a família de Kardec era católica. Entretanto, é equivocada a ideia de que ele se tornou protestante porque estudou em um colégio protestante. Sua relação com o protestantismo foi iniciada na época em que ele estudou no Instituto Pestalozzi,⁵⁵⁷ na Suíça, mas não há indícios de que ele se tornou, efetivamente, protestante. O pensamento pestalozziano, segundo Bretas (2012. p. 119),

transita entre os ideais da Ilustração, notadamente no desenvolvimento de uma pedagogia engajada politicamente e os esforços para a laicização do ensino e a educação do século XIX, da sociedade urbana e industrial, com os projetos para a implantação da escola universal, laica e gratuita.

Ainda de acordo com Bretas (2012. p. 147),

Como pensador liberal, Pestalozzi obviamente não tinha o enfoque na religião nem tampouco analisava a bíblia como valor absoluto. Parte das divergências entre ele e os professores ocorriam por conta das difíceis questões financeiras; outra parte, diante do acirramento dos debates religiosos.

Pestalozzi conviveu com professores calvinistas e luteranos, radicais e controversos na questão da religiosidade no ensino, e estudantes católicos romanos e ortodoxos.

Rivail presenciou esse acirramento dos debates e das animosidades religiosas, uma revivificação da fé protestante, movimento coincidente com o declínio de Yverdon e, seguramente, essas circunstâncias o levaram desde cedo a conceber a idéia de uma reforma religiosa que primasse por uma tentativa de aproximação entre as crenças.

⁵⁵⁶ Considero que o termo “primeiro” usado por Monte se refira ao primeiro líder espírita, uma vez que, desde o Império Romano, o cristianismo sofreu vários ataques.

⁵⁵⁷ O Instituto foi criado por Johann Henrich Pestalozzi (1746-1827) no castelo de Yverdon. Alan Kardec estudou nesse estabelecimento entre 1815 e 1822. (BRETAS, 2012. p. 27).

Dessas informações, depreende-se que Pestalozzi era defensor de uma escola laica e que, no Instituto, Kardec pôde conviver com pessoas de diferentes perspectivas religiosas. Desse modo, não há como concordar com Monte quando afirma que Kardec se fez protestante, nem há elementos que permitam afirmar que Kardec procurou a religiosidade para expressar a sua vaidade. Ao que tudo indica, a grande influência de Pestalozzi na vida de Kardec não foi o protestantismo, mas o método de ensino:

Pestalozzi desenvolveu o método intuitivo, em que a aprendizagem é um produto da observação e da percepção, ou seja, é a visão mental ou a faculdade de ver e discernir o que não pode perceber por meio dos sentidos. A criança parte da observação de um objeto - pelos sentidos alimenta a intuição (ou a mente), permitindo a formulação de hipóteses, ou seja, a produção do conhecimento. O método é denominado como 'intuitivo' diante da premissa de que a intuição é uma parte ativada mente, que age diante das sensações. Em oposição ao ensino livresco, o método intuitivo parte do pressuposto de que toda educação começa pelos sentidos.

[...]

A intuição é o princípio, a base e o meio da instrução. A educação, teorizava, deve empregar todos os meios que favoreçam a intuição, oferecendo ao aluno uma visão clara e distinta do que se ensina. Nessa lógica, o foco fundamental do ensino não é a simples transmissão do conhecimento, mas o desenvolvimento da inteligência do aluno. A educação deve ser gradual e progressiva, e o ensino começa pelo mais simples, avançando, de acordo com o desenvolvimento da criança, para o mais completo (BRETAS, 2012. p. 139-140).

A partir desse fragmento, infere-se que no Instituto Pestalozzi Kardec aprendeu procedimentos de pesquisa científica, que o estimularam a procurar, por um lado, uma religião que unificasse crenças (o que deve ter favorecido o surgimento do espiritismo) e, por outro, explicações científicas para fenômenos não explicáveis a partir dos sete sentidos. Assim, ao afirmar que Kardec era vaidoso e oportunista e que, nessa condição, era um reformador (para o mal) da ciência e da religião, Monte desvirtuou fatos para chegar a conclusões que desabonavam a conduta de Kardec.

Importante ressaltar que as referências mais usadas por Monte para criticar o pensamento espírita têm por base o espiritismo francês, que foi institucionalizado e transformado em religião no Brasil. Mais uma vez, percebe-se que Monte lutou, nesse momento, contra o espiritismo, de forma ampla, e não especificamente contra o espiritismo brasileiro. Seus embates contrários à FEB não são embates especificamente contra a entidade, mas contra as ideias e práticas que ela adotava. Essa interpretação de Monte sobre Kardec está associada, provavelmente, ao papel que se atribuiu de combatente do espiritismo.

Nos itens VI e VII d'*O Espiritismo e a razão*, Monte discutiu as apropriações que o espiritismo teria feito das ideias oriundas do movimento evolucionista, abordando, especificamente, o Lamarckismo. Sobre o tema, Monte (2001. p. 185-186), assim se pronunciou:

Este princípio de vitalidade, **bruta, inorgânica**, orgânica ou organizada, é levado aos parâmetros da inteligência, e aí deixa de ser matéria para enveredar-se na vida estrêua do além ...

Tais devem ser as palavras do espiritismo, visto como se quer alinhar a todos os princípios evolucionistas concebíveis, mormente a uma espécie de lamarkismo, mas cujo fator ascensorial ultrapassa dos limites da perfeição animal da terra.

O espírito, pois, segundo as concepções Kardecistas, nasce com a matéria, evolui com ela, até a força destrutível do ambiente venha desagregar os seus elementos componentes.

Mas, o espírito não perece, porque ele é imortal, e fica suspenso por algum tempo até que um novo fragmento de matéria lhe venha novamente servir de abrigo e, assim, sucessivamente, passando por todas as transformações materiais, de gás a líquido, de líquido a pastoso, de pastoso a sólido, de rocha a plantas, de plantas a animais inferiores e de animais inferiores ao homem, sendo neste último estado, porém, mais demorada a sua passagem, tomando diversas vezes o invólucro humano ...

E está ele perto da perfeição ...

Aperfeiçoado o espírito, não mais voltará à terra senão por **mensageiros**, e vai então habitar outros mundos superiores ...

Nesses mundos superiores, certamente o espírito, ora desencarnado, será o ponto inicial a uma outra perfeição ...

E, em que espécie de matéria irá ele se abrigar? ... Na rocha? – Não. Porque há milênios já lhe serviu de abrigo. Nas plantas? - Também não. Nos animais inferiores? – Ainda não. E no homem? - Também não pode, porque do homem partiu ele ...

E esses mundos não têm rochas, não têm aves, não têm plantas, não têm homens e nem substâncias gasosas? Nada de material pode existir, do contrário *esses mundos superiores* estariam sujeitos às mesmas leis da nossa pequenina Terra ...

Mente, então, a ciência quando afirma que todo o sistema planetário não é mais do que uma continuidade da matéria! E com que razão foi, pelos senhores espíritas, alterado o admirável sistema do Universo!? ...

Do exposto, tiro uma conclusão de que nestes tais mundos superiores, o ponto inicial da matéria deve ser extra-humano.

E de que são formados esses mundos? - Para a habitação de entes de uma perfeição inconcebível, só mesmo uma esfera de elementos fluidicos ...

É a isto que nos acusam os telescópios? (grifos nossos).

Nessa passagem que transcrevemos, é possível observar que Monte não negava a evolução das espécies e tentou entender o espiritismo à luz do pensamento de Darwin e Lamarck. Para ele, o espiritismo parte do pressuposto de que o espírito evolui, assim como acontece com as espécies. Assim, depois de encarnado em uma matéria, o espírito vai evoluindo na vivência com outros espíritos e se aperfeiçoando em contínuas reencarnações, até que atinja

a perfeição e não precise mais reencarnar. Essa ideia se aproximava de Darwin por mostrar o sentido de evolução da espécie e, também, de Lamarck, por apresentar a possibilidade de “pelo uso” (as reencarnações) o espírito se aperfeiçoar.⁵⁵⁸

Todavia, apesar de reconhecer, teoricamente, a possibilidade de existir uma evolução dos espíritos, Monte questiona: em que lugar habitará o espírito depois de atingir a sua perfeição? Para responder a esta indagação, ele formula uma série de hipóteses, sendo que após refutá-las, defende a não existência deste lugar para os espíritos ditos evoluídos. E, por adotar uma lógica cientificista, Monte concebeu a evolução dos espíritos como associada à noção de progresso, algo em sintonia com os ideais da Ilustração do século XVIII.

A partir da noção de progresso que Monte chegou à perspectiva espírita da pluralidade dos mundos habitados e destacou a fragilidade desta teoria. Vale lembrar que a existência de mundos invisíveis ou fluídicos habitados por espíritos era algo central para o espiritismo na década de 1920, e que as críticas feitas por Monte se mostraram pertinentes. Isto porque o primeiro ajuste feito no corpo doutrinário do espiritismo, proposto pelos próprios espíritas, foi justamente em relação à ideia de mundos habitados, que vigorou no Brasil até, aproximadamente, a década de 1950. Nos anos 1920, os espíritas defendiam que existiam seis princípios básicos do espiritismo: a existência de Deus; a mediunidade; a comunicabilidade dos espíritos; a reencarnação; a lei de causa e efeito; finalmente, a crença de que existe vida em outros planetas.

Na visão de Padre Monte, esses princípios são tributários do espiritismo francês, que defendia a ideia de que os seres humanos, depois de cada desencarnação, encarnariam ou reencarnariam. Sob essa perspectiva, a morte seria um período de erraticidade, como definido por Kardec.⁵⁵⁹ Para o religioso, essa vida de erraticidade era algo muito nebuloso, sendo difícil precisar onde os espíritos permaneciam durante esse período. Mas havia ainda outro questionamento: onde os espíritos se instalavam depois de todas as reencarnações, depois de estarem plenamente evoluídos? Ocupariam um espaço aqui na terra ou em outros planetas? Monte não apenas ironiza, como afirma não haver possibilidade de vida humana fora da terra.

Kardec defendia a ideia de que existiam planetas físicos à espera dos espíritos evoluídos. Tal ideia está presente na obra dele *O Livro dos Espíritos*. Esse livro, que foi

⁵⁵⁸ Sobre a associação entre o espiritismo o lamarquismo e o darwinismo, ver: Nobre (2009).

⁵⁵⁹ Erraticidade: condição dos espíritos não encarnados, que não estão em corpos carnis, entre suas encarnações. Contemporaneamente não tem preponderância a ideia de Erraticidade, nos moldes pensados por Kardec. Hoje é mais enfatizada a noção de colônias espirituais, que foi algo construído por Chico Xavier. A vida espiritual existente em outros planetas ainda é defendida entre os espíritas, mas a ideia de colônias espirituais, pelo menos no Brasil, é muito mais recorrente quando se almeja explicar o que acontece com os espíritas após a morte. (Cf. entrevista concedida por Cunha em 25 de janeiro de 2020).

elaborado a partir de perguntas e respostas, apresenta, na resposta à questão 188, a explicação de Kardec (2004. p. 165):

Os Espíritos puros habitam mundos especiais, ou se acham no espaço universal, sem estarem mais ligados a um mundo do que a outros?
Habitam certos mundos, mas não lhes ficam presos, como os homens à Terra; podem, melhor do que os outros, estar em toda parte.

No final dessa resposta, foi inserida a seguinte nota:

Segundo os Espíritos, de todos os mundos que compõem o nosso sistema planetário, a Terra é dos de habitantes menos adiantados, física e moralmente. Marte lhe estaria ainda abaixo, sendo-lhe Júpiter superior de muito, a todos os respeitos. O Sol não seria mundo habitado por seres corpóreos, mas simplesmente um lugar de reunião dos Espíritos superiores, os quais de lá irradiam seus pensamentos para os outros mundos, que eles dirigem por intermédio de Espíritos menos elevados, transmitindo-os a estes por meio do fluido universal. Considerado do ponto de vista da sua constituição física, o Sol seria um foco de eletricidade. Todos os sóis como que estariam em situação análoga.

[...]

Muitos Espíritos, que na Terra animaram personalidades conhecidas, disseram estar reencarnados em Júpiter, um dos mundos mais próximos da perfeição, e há causado espanto que, nesse globo tão adiantado, estivessem homens a quem a opinião geral aqui não atribuía tanta elevação (KARDEC, 2004. p. 165).

Essa ideia de Kardec não se sustentou historicamente. Com o avanço da astronomia, ficou insustentável defender a ideia de que os espíritos evoluídos fossem habitar planetas dentro do sistema solar.⁵⁶⁰ Entretanto, quando Monte refutou esse pensamento a tese ainda era defendida pelos espíritas. Ao buscarmos a fundamentação das críticas feitas por Monte, constata-se que ele tinha conhecimento da escala espírita de mundos habitados a partir do que foi apresentado em duas obras de Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo* e *O Livro dos Espíritos*.

Ainda na década de 1920, Padre Monte escreveu outros três textos bastante curtos sobre o espiritismo: *A Questão Espírita*; *Medrosos*; *Incongruências*. O primeiro e o segundo texto têm duas páginas e o terceiro texto tem uma página incompleta. No primeiro desses textos – *A Questão Espírita* – Monte discutiu o problema dos manicômios espíritas e pediu

⁵⁶⁰ O livro *Nosso Lar*, escrito por Chico Xavier, em 1944, apresenta algumas das particularidades do espiritismo nacional. A obra trata de uma cidade no plano espiritual, que estava situada em cima do Rio de Janeiro, que, na época, era a capital da República. Nessa obra, Chico Xavier fez ajustes profundos no espiritismo, inovando sobre a concepção de vida no plano espiritual. Entre eles está a ideia de que a vida no plano espiritual não ocorre em outros mundos, mas em colônias espirituais vinculadas ao próprio planeta Terra. Com essa concepção foi modificada a ideia da existência de espíritos em outros planetas. (Entrevista concedida por Cunha em 25 de janeiro de 2020).

providências das autoridades para resolver a questão. Para ele, os manicômios eram um problema e

[...] os próprios espíritas não podem hoje fugir a evidências desse fato, e então uns acusam os outros como responsáveis (Centro Espírita Redentor versus kardecistas), ou tratam de fundar manicômios para empreender a cura dos seus loucos...

Os poderes públicos não podem permanecer de braços cruzados diante de uma tal anormalidade, visto que a eles não cabe somente a tarefa de fundar hospitais para a cura de doentes, porém, ainda, e com maior razão a de prevenir os males.

É certo que não temos na legislação atual dos outros povos dispositivos de vigilância e compressão ao espiritismo. Isto se deve, porém, ao fato de não haver o espiritismo, sobretudo na Europa, assumido a feição calamitosa que tomou entre nós. É inegável que somente na América do Sul e particularmente no Brasil essa heresia ganhou popularidade; e aqui mais do que em qualquer parte pela deficiência dos nossos serviços de assistência às classes desafortunadas (MONTE, 1926. p. 2).⁵⁶¹

A questão sobre os manicômios espíritas revela a existência de uma tensão no seio do movimento espírita. Em 1912, Luiz de Mattos fundou no Rio de Janeiro, em Vila Izabel, um manicômio vinculado ao *Centro Espírita Redemptor*. Esse manicômio era concebido a partir do espiritismo racional e científico. Era destinado ao tratamento de doentes mentais e desenvolvia uma terapia fundamentada na ideia de que a doença mental era uma obsessão espiritual (PEREIRA NETO; AMARO, 2012. p. 494 e 504). A instituição criada por Mattos divergia das ideias dos espíritas kardecistas, para os quais não era possível existir uma instituição de acesso irrestrito para cuidar de pacientes com doenças mentais, uma vez que a doutrina pregava o amor e a compaixão, que não se faziam presentes naquele manicômio (PEREIRA NETO; AMARO, 2012. p. 504). Ao chamar a atenção para esta divergência, Monte procurava mostrar, por um lado, que o espiritismo não tinha unidade e, por outro, que seus adeptos tratavam de problemas de saúde pública sem a competência necessária para desempenharem essa tarefa. Diante disso, Monte conclamava o poder público a procurar uma alternativa para livrar, sobretudo os desafortunados, desses espíritas. Como se pode perceber, ele objetivava desqualificar o espiritismo enquanto doutrina, não detendo-se nas lideranças espíritas ou no espiritismo local.

O segundo dos textos, intitulado *Medrosos*, é um texto nitidamente político. Nele, apesar de reconhecer que o espiritismo havia se difundido em Natal, Monte afirmou que ele passaria e que a Igreja Católica permaneceria. Nas palavras de Monte (1926. p. 2):

⁵⁶¹ O texto foi originalmente publicado no jornal *Diário de Natal*, em 1926, e havia sido escrito quando Monte ainda era seminarista. Texto digitado pela autora desta tese a partir do original pertencente a Jurandy Navarro.

Vêm-nos hoje essas considerações a respeito **da azáfama infernal que se vem fazendo em nossa cidade a respeito das maravilhas da doutrina espírita**. Muita gente boa tem pensado que é dessa vez que a barca milenar de Pedro vai soçobrar.

Em tudo se acredita de tudo se faz um cavalo de batalha. **É o espiritismo que vai matar as nossas crenças!...**

Nunca vimos gente tão sem fé. Não encontramos uma só razão para esse medo. O espiritismo, fiquem sabendo todos, é uma crise passageira que desaparece, como tem desaparecido todas as outras. O que a Igreja, a venerável anciã de vinte séculos, respeitada pela sua ciência e virtudes ensina não chega para esses rapazes do século XX contraditarem. **A Igreja condena o espiritismo.**

É bastante para proclamarmos, abertamente, aos quatro ventos que ele só ensina mentiras.

Daqui mesmo, destas colunas, temos várias vezes mostrado a improcedência dos seus princípios, o que continuaremos a fazer são desfalecimentos.

Não enxergamos motivos para receios.⁵⁶² (grifos nossos).

Para o religioso potiguar, a população não deveria ter medo do espiritismo, uma vez que seus princípios eram improcedentes e não abalavam a Igreja Católica. Observe-se que neste texto não há uma crítica às bases do espiritismo, o que demonstra que Monte, em alguns momentos, mobilizou aspectos da doutrina em suas publicações e, em outros momentos, construiu um discurso desqualificador, sobretudo, das lideranças.

Finalmente, no último dos três textos – intitulado *Incongruências* –, Monte criticou uma das ideias centrais do espiritismo, a reencarnação, que, segundo ele, feria a ideia de autonomia do ser humano, uma vez que outro (o espírito) se apoderava do corpo. Sua crítica foi apresentada da seguinte forma:

Infeliz do homem que não quer ter personalidade própria.

Abdicar alguém do que lhe é peculiar, inato, substancial, é o mesmo que deixar-se anular, renunciar ao próprio eu, para sentir, querer, amar, gozar, sofrer, pensar por outrem.

Assim quer o espiritismo.

Os seus adeptos falam em reencarnação, subtraído ao indivíduo todas as suas forças psíquicas e proibindo-o de quaisquer manifestações sensitivas ou volitivas, **para fazê-lo autômato de um espírito alheio.**

Absurdo maior não se pode imaginar. Sermos máquinas acionadas por influências estranhas, inteiramente desprendidas do nosso ser, é coisa com que não nos podemos conformar, porque desvirtuada fica a função a que somos chamados na terra.

Nossos sentimentos, nossas volições, nossos desejos, nossos impulsos, nossas inclinações, **nossas faculdades intelectivas não podem ser reduzidas a triste a condição secundária que entendem de impor-lhes os Kardecistas** (MONTE, p. 1, 8 jan. 1927, grifos nossos).

⁵⁶² Publicado originalmente no *Diário de Natal*, em 1926. Esse texto foi digitado pela autora da tese, a partir do original pertencente a Jurandyr Navarro. Pode-se ler apenas o ano, o dia e o mês estão ilegíveis nos originais.

É possível perceber que Monte, mais uma vez, escreveu um texto no qual não há preocupação com a construção do argumento. Trata-se de um “texto de guerra”, no qual o adversário é desmerecido, sem que a contestação às suas ideias seja fundamentada. Monte não discutiu as bases da reencarnação, nem o pensamento de Kardec. Mais uma vez, o que mobilizou Monte foi o desejo de demonstrar os equívocos do espiritismo para que a população natalense permanecesse vinculada à Igreja católica.

Após analisarmos todos os textos de Monte produzidos na década de 1920, é possível chegar a algumas conclusões. A primeira delas é que Monte se apresentou como combatente do espiritismo, percebido por ele como inimigo do catolicismo. A outra tem relação com os argumentos e os recursos retóricos empregados por Monte em sua produção. Em alguns, ele tece críticas ao espiritismo, ancorado nos dogmas da religião católica. Em outros, buscou a Biologia, mencionando autores como Lamarck e Darwin, embora estes autores tenham sido mobilizados apenas para comprovar preceitos religiosos. Outra conclusão tem a ver com o objetivo principal de suas críticas, que era o de impedir a fixação, em Natal, da Federação Espírita do Rio Grande do Norte (FERN). Para essa luta ele usou tudo que foi possível: argumentos dogmáticos da Igreja e argumentos políticos (Igreja contra Espiritismo).

Além dessas conclusões há um aspecto importante a ressaltar que os textos de Monte sobre o espiritismo foram escritos no período em que ele era seminarista no Seminário de São Pedro. Isso significa, que muito provavelmente, estes textos foram acompanhados pelo então Bispo de Natal, Dom Jose Pereira Alves, fundador do jornal *Diário de Natal* e um dos expoentes da Neocrisandade brasileira. É plausível supor que estes artigos tenham sido escritos no diálogo com outros Padres e outros seminaristas. A relação próxima que Monte mantinha com o Bispo provavelmente incluía discussões sobre esse tema e, inclusive, indicações de leitura e notícias dos acontecimentos na Capital Federal. Da mesma forma, sua participação nas reuniões de estudo no Grêmio do Seminário também deve ter contribuído para as ideias expostas por Monte em seus textos. Além disso, a própria equipe do *Diário de Natal* deveria estar discutindo a temática dos artigos que Monte publicou. Ao que tudo indica, Monte deve ter sido “escolhido” pelo clero de Natal para ser o principal combatente contra o espiritismo que buscava se instalar na cidade. Cabe ressaltar que a luta da Igreja contra a instalação das federações espíritas no país não ficou apenas a cargo de Monte. Contudo, a abordagem dessas redes de sociabilidade acionadas para o atendimento deste objetivo implicaria realizar outra investigação.

Apresentadas essas reflexões sobre os artigos que Monte escreveu sobre espiritismo na década de 1920, passarei a discutir a sua produção sobre esse tema na década de 1940, como já havia anunciado no início deste tópico. Na década de 1940, o espiritismo já contava em Natal

com a FERN devidamente instalada e consolidada. Já existia em Natal um grupo de espíritas que se reunia regularmente em sua entidade e Chico Xavier já havia se consolidado como liderança espírita nacional. Importante ressaltar que, diferentemente das lideranças espíritas dos anos 1920, Chico Xavier tinha um discurso mais conciliador em relação à Igreja, o que possibilitou que ele adquirisse um capital político maior do que todas as lideranças políticas do país.⁵⁶³

Entre o ano de 1940 e final de 1943,⁵⁶⁴ Padre Monte escreveu o *Livro das Revisões*, obra inteiramente dedicada ao espiritismo. Em 1948, o Cônego Jorge O'Grady publicou uma biografia de Padre Monte, na qual apresentou suas observações sobre o *Livro das revisões*, em três partes: *O homem para a obra; Estado da questão; A revisão operada por Monte*. Na primeira, intitulada *O homem para a obra*, Paiva discutiu as razões para que Monte tivesse escrito o *Livro das Revisões* na década de 1940. De acordo com o biógrafo de Monte, foram seus estudos no campo da Psicologia Experimental que o conduziram ao estudo das bases do espiritismo clássico, fixada em Richet⁵⁶⁵ e Crookes.⁵⁶⁶ Outros autores – como Palmes, Heuzé e Morselli – já haviam refutado o pensamento de Richet e Crookes, entretanto, de acordo com Paiva, apenas Monte realizou uma revisão integral do espiritismo, que tinha como propósito impedir a expansão das práticas espíritas no Brasil (PAIVA, 1948. p. 299-300).

No item *Estado da questão*, Paiva afirmou que no *Livro das Revisões* Monte se detém nas teorias que explicavam a causalidade dos fenômenos espíritas, enfatizando a *necromântica*, a *demoníaca*, a do *fluido* e a *psíquica* ou parapsíquica, sendo que para cada uma delas Monte teceu comentários. De acordo com Paiva, Monte procurou mostrar que o espiritismo não era filosofia, nem religião, nem ciência, sendo que o apresentou da seguinte forma:

O espiritismo como tal não é sustentável: nem em face da bíblia, que o condena; nem perante a filosofia, que o contradiz, nem ainda face à ciência, que o rejeita. A reencarnação – hipótese absurda, gratuita e vã e a sua prática, como doutrina religiosa, contrária a verdadeira fé e prejudicial ao indivíduo e à sociedade, por favorecer a superstição, a loucura e o crime - eis algumas teses a que não faltam brilhantes defensores.⁵⁶⁷

Expurgando-se, porém, da fenomenologia espírita a fraude, o embuste e as interpretações simplistas, que resta?

⁵⁶³ A tese de doutorado de Cunha (2015) destaca este aspecto em Chico Xavier e aponta para o arrefecimento na disputa entre espíritas e católicos a partir de sua atuação conciliadora.

⁵⁶⁴ A informação de que Monte escreveu o *Livro das Revisões* entre 1940 e 1943 me foi dada durante a entrevista a mim concedida por Dom Heitor Sales.

⁵⁶⁵ Charles Richet (1850-1935) não se considerava um pensador espírita, mas, sim, um estudioso dos fenômenos metapsíquicos. Não pode ser considerado um continuador da obra de Kardec. (GALERIA..., 2017).

⁵⁶⁶ O londrino William Crookes (1855-1919) fez experiências sobre a materialização dos espíritos.

⁵⁶⁷ Avultam, entre nós, Herera, Dubois, Julio Maria, Lacroix e Xavier de Oliveira, Leonidio Ribeiro e Murilo Campos. [A nota está presente na citação original]

O aspecto clínico-patológico, pelo qual se enquadra na alucinação e histeria e o conteúdo bio-físico, ora em desenvolvimento experimental. Mas como ciência, não é religião (PAIVA, 1948. p. 300-301).

No item *A revisão operada por Monte*, Paiva afirmou que Monte fez uma revisão completa das bases científicas e religiosas do espiritismo, explicando detalhadamente as causas e as interpretações dadas aos fenômenos espíritas e deixando evidente que tais fenômenos não se deviam à intervenção de espíritos, uma vez que esses fenômenos atribuídos pelos espíritas aos espíritos são, na verdade, expressões da própria natureza. Paiva (1948. p. 301-303) ressaltou, ainda, que Monte demonstrou efetivamente a precariedade dos argumentos espíritas tanto em termos filosóficos e religiosos, quanto científicos. Fez, ainda, um comentário geral sobre a obra, referindo-se a ela da seguinte forma:

Essa ‘Revisão’ é um monumento. Foi feita para revolucionar, arguir e convencer.

Indubitavelmente, **é de Monte a obra prima**; aquela que êle mais desejou fosse publicada.⁵⁶⁸

Esse desejo revela três coisas: **o valor da obra e sua atualidade; o muito que ela lhe custou;**⁵⁶⁹ **e a afeição que lhe votava, por ser a última de sua vida.** Ao acabá-la, mal ao acabá-la, **sem tê-la podido rever e convenientemente dispor, recolheu-se, doente, ao sanatório.**

Cumprida estava, porém, a sua missão. **O Pe. Nivaldo Monte há de encaminhar essa obra ao prelo, para salvaguardar a sua responsabilidade e contribuir para o justo renome de seu sábio e querido irmão** (PAIVA, 1948. p. 303, grifos nossos).⁵⁷⁰

Depreende-se desse comentário que Monte não apenas teve dificuldades para concluí-la devido ao estágio de sua enfermidade, como também não teve tempo de revisá-la, razão pela qual ficou sob os cuidados do seu irmão Padre Nivaldo Monte. O próprio Paiva, após a morte de Monte, destacou que

[...] não manuseamos ainda os originais dessa ‘Revisão’, ainda em poder do Pe. Nivaldo Monte, que chegou a pensar em não os publicar, por certas dificuldades decorrentes da disposição dos capítulos e de certas passagens pouco inteligíveis.⁵⁷¹ Tanto, porém, quanto nos vale a memória e as notas que tomamos, reproduziremos tudo que do próprio Monte ouvimos, desde o plano

⁵⁶⁸ O próprio Paiva escreveu, em nota, que Monte havia confessado a Aluizio Alves que tinha o desejo de ver publicado *o Livro das Revisões*.

⁵⁶⁹ Depõe G. Barreto, em carta. ao A.: "De uma feita, dispendeu 4 horas de atenção mental, concentrada e intensa, debruçado sobre um destes problemas, até resolvê-lo".

⁵⁷⁰ O texto sobre o *Livro das Revisões*, publicado no livro *Verdade e vida* (PAIVA, 1948), foi reproduzido parcialmente na *Antologia do Padre Monte* (MONTE, 1978. p. 211- 214). Cabe ressaltar que existem diferenças na organização dos dois textos, uma vez que na Antologia foram suprimidos alguns trechos e feitas pequenas mudanças na formatação.

⁵⁷¹ Monte, infelizmente, não teve tempo de rever os manuscritos, não deixando-os na devida ordem.

geral da obra, já delineado, à explicação de alguns fatos e experiências, com seus detalhes e autores (PAIVA, 1948. p. 301).

Na biografia que escreveu sobre Padre Monte, Jorge O'Grady de Paiva afirmou que havia tido acesso a partes do *Livro das Revisões* e que havia lido os manuscritos e feito sínteses dos mesmos. Isto nos leva a deduzir que teve, efetivamente, contato com as ideias de Monte sobre o espiritismo. Apesar da menção de que os originais se encontravam sob os cuidados do Padre Nivaldo Monte, o *Livro das Revisões* nunca foi encontrado na íntegra, o que suscita o questionamento em relação ao destino que foi dado ao material pelo irmão de Padre Monte.

Em entrevista a mim concedida, Dom Heitor Sales afirmou que conviveu com Padre Monte entre fevereiro de 1940 (quando ingressou, como seminarista, no Seminário de São Pedro) e fevereiro de 1944 (quando Padre Monte faleceu). Informou, ainda, que logo após seu ingresso, soube que Padre Monte estava escrevendo um livro criticando o espiritismo, mas que jamais havia tido contato com a obra.⁵⁷²

Foi entre as décadas de 1990 e 2000, que Helenita Holanda, sobrinha de Padre Monte, ao procurar material para escrever uma biografia do tio-avô, encontrou, entre os materiais de Dom Nivaldo, quatro fragmentos que, provavelmente, integravam os originais do *Livro das Revisões*. Tais fragmentos foram entregues por Helenita Holanda a Jurandyr Navarro, que nunca publicou esses fragmentos,⁵⁷³ mas possibilitou que eu tivesse acesso a eles. O *Fragmento n°1*, intitula-se *Períspírito*,⁵⁷⁴ o *Fragmento n°2*, *A razão científica da figura do gênio e do talento*,⁵⁷⁵ o *Fragmento n° 3*, *Precocidade*,⁵⁷⁶ e, finalmente, o *Fragmento n°4*, recebeu o título de *Assembléia de Milão*.⁵⁷⁷

Além de não ter tido acesso à obra na íntegra, não localizei qualquer clérigo ou leigo que tenha tido acesso a ela na totalidade. Estas questões me levaram a aventar a possibilidade de que Monte nunca tivesse conseguido concluí-la e que a repercussão que o *Livro das Revisões* teve se deveu ao fato de ter sido produzido no momento da doença que causou sua morte. Em razão disso é bastante questionável o entusiasmo com que os admiradores de Monte se referem ao *Livro das Revisões*, mesmo que somente Paiva e Padre Nivaldo Monte tenham sido os únicos que afirmam ter tido acesso à parte ou, então, à obra na íntegra.

⁵⁷² Entrevista com Dom Heitor, já citada nesta Tese.

⁵⁷³ Os quatro fragmentos nunca foram publicados. Tive acesso a eles a partir de Jurandyr Navarro, que possui a guarda dessa documentação e pretende publicá-los na *Antologia de Padre Monte n° 11*.

⁵⁷⁴ O Fragmento n° 1 do *Livro das Revisões*, intitulado *Períspírito*, tem apenas uma página e meia.

⁵⁷⁵ O Fragmento n° 2 do *Livro das Revisões* tem como título *A razão científica da figura do gênio e do talento* e possui seis páginas.

⁵⁷⁶ O Fragmento n° 3 intitula-se *Precocidade* e tem duas páginas.

⁵⁷⁷ O Fragmento n° 4 do *Livro das Revisões* tem como título *Assembléia de Milão* e é composto por três páginas.

Diante dessa situação, optei por ler os quatro fragmentos e deduzir os aspectos que deles poderiam ser extraídos. A partir desse procedimento, tentei associar as discussões encontradas com o contexto vivenciado pelo espiritismo na década de 1940. Para essa tarefa contei com os dados fornecidos na bibliografia aqui indicada.

Dentre as dificuldades encontradas para a análise dos quatro fragmentos do *Livro das Revisões* estão a indefinição em relação à sua cronologia, isto é, quando os fragmentos foram escritos, e, também, em relação à ordem em que Monte iria apresentá-los na versão final do livro. Em razão disso, as análises que apresento sobre os fragmentos são preliminares (uma vez que ninguém nunca os analisou) e superficiais (tendo em vista que não tive acesso à obra na íntegra). Adianto que a análise considerou a ordem proposta por Jurandyr Navarro e que já mencionamos como Fragmentos 1, 2, 3 e 4.

No primeiro fragmento do *Livro das Revisões*, intitulado *Perispírito*, eu observei que os argumentos usados por Padre Monte revelam que considerava absurda a concepção de reencarnação presente no espiritismo:

[os espíritas] chegariam então, a uma conclusão absurda: toda pessoa que não passa, segundo os espíritas, da Reencarnação de um espírito com o seu perispírito, teria duas almas! A escolha agora, já não é facultativa. Ou admitem o absurdo de cada pessoa possui duas almas, ou são obrigados a confessar a autonomia ao espírito (MONTE, [194-?a]. p. 1).

Essa afirmação de Monte não tem nenhuma lógica, dentro do corpo doutrinário espírita⁵⁷⁸. No espiritismo, a materialidade ou não do perispírito não é algo essencial. Kardec investigou – e isso é uma coisa importante – como o espírito torna-se perceptível e age no plano material. Nas suas investigações, ele descobriu que isso é possível porque existe um corpo intermediário, que é o perispírito, que une o físico à alma. Para concretizar sua ideia sobre o perispírito, Kardec se inspirou em um invólucro. Segundo o codificador do espiritismo, na biologia (ou, em outras palavras, no mundo natural) existe um invólucro que envolve a semente, que é o perisperma. Como se pode constatar, é a partir da noção do invólucro da semente que Kardec discute a possibilidade da comunicabilidade dos espíritos. Dessa forma, o conceito de perispírito construído por Kardec tem inspiração na natureza.⁵⁷⁹

⁵⁷⁸ Cheguei a essa conclusão a partir das leituras que fiz sobre o espiritismo, já mencionadas no corpo deste trabalho. Posteriormente, em entrevista a mim concedida por Cunha, ele ratificou essa minha percepção, afirmando que essa ideia da materialidade do perispírito não era uma questão essencial formulada pelos espíritas e que essa noção praticamente unânime entre os historiadores que estudam o espiritismo.

⁵⁷⁹ Maria Laura Cavalcanti apresentou um debate acerca da noção de perispírito. Maiores informações sobre essa noção, ver Cavalcanti (2008). A associação entre perispírito e natureza está presente na literatura sobre o

Essa reflexão de Monte sobre o perispírito na década de 1940 é muito semelhante àquela feita pelo Frei Carlos José Boaventura Kloppenburg⁵⁸⁰ e pelo Padre Quevedo.⁵⁸¹ Ainda que cada um dos três estudassem campos diferentes, optaram pela estratégia narrativa da desqualificação do espiritismo. Monte, por exemplo, se percebeu [e se apresentou] como um conhecedor da metapsíquica, como se ela ainda fosse, nos anos 1940, um campo do conhecimento. A metapsíquica existiu até ser incorporada pela parapsicologia. Nesses termos, a parapsicologia é uma “herdeira” da metapsíquica⁵⁸² que, nos anos 1940, já não era considerada um campo autônomo. Portanto, Monte estava desatualizado ao se autointitular como conhecedor da metapsíquica.

Os fragmentos 2, 3 e 4 do *Livro das Revisões*, intitulados respectivamente de *A razão científica da figura do gênio*, *Precocidade* e *Assembleia de Milão*, abordam fenômenos que são essenciais para o espiritismo. Em *A razão científica da figura do gênio*, Monte se contrapõe à ideia de que a genialidade de um indivíduo é a prova da reencarnação, como defendem os espíritas. Sobre o tema, Monte escreveu:

Além disso, não faz mal lembrarmos, que o fato de se ser filho de pai de profissão humilde, não justifica a afirmativa de que se descenda de um meio ignorante. É preciso, mais uma vez, distinguir inteligência, talento, de cultura. A inteligência não é privativa dos que desfrutam privilegiadas posições, na vida.

Como inteligência, um seleiro como o pai de Kant, ou um [...] [sic] como o pró-genitor de Prustley, podem ser muito mais inteligentes do que um universitário. O que lhes faltava, era cultura. [...] Isto nada prova, porque, como já foi dito, o talento precisa de um ambiente. **Todos sabemos que as faculdades psicológicas do indivíduo são muito mais influenciadas pelo ambiente social e educacional, [...]**

É justamente, nesse critério mal seguro, que os apressados propugnadores da Reencarnação procuram firmar as suas imaginosas hipóteses.

perispírito. Entretanto, é importante destacar que a minha compreensão sobre essa associação ganhou corpo na entrevista que realizei com Cunha.

⁵⁸⁰ Dom Frei Carlos José Boaventura Kloppenburg (Karl Josef Bonaventura) nasceu na cidade alemã de Molbergen, em 2 de novembro de 1919 e faleceu em Novo Hamburgo, em 8 de maio de 2009. Foi o segundo bispo da Diocese de Novo Hamburgo. Em seus livros, lutou contra a “confusão religiosa”, proveniente de sincretismos religiosos feitos por fiéis cristãos com outras correntes religiosas. Além disso, propunha também o esclarecimento do que é a verdade cristã e o esclarecimento dela em contraposição a esses segmentos diversos.

⁵⁸¹ Óscar González-Quevedo Bruzón, Padre Quevedo, nasceu em Madrid, em 15 de dezembro de 1930 e faleceu em Belo Horizonte, em 9 de janeiro de 2019. Era padre jesuíta e naturalizou-se brasileiro em 1960. Foi professor universitário de Parapsicologia na UNISAL e do Centro Latino-Americano de Parapsicologia (CLAP) até o ano de 2012, quando se aposentou. No CLAP, onde era diretor, realizou estudos, difusão e pesquisa no campo da Parapsicologia e da Psicologia.

⁵⁸² Na transição do século XIX para o século XX, o movimento espírita francês começou a entrar em decadência. Um ramo desse movimento foi dialogando com a ciência e se transformou na metapsíquica. E a metapsíquica foi incorporada pela parapsicologia. A parapsicologia é herdeira dessas discussões. Contemporaneamente, não existe a convivência da metapsíquica com a parapsicologia, uma vez que elas se fundiram.

[...]

Coisa alguma adquirida, seja de natureza morfológica, seja de caráter fisiológico, se transmite hereditariamente. Um matemático não transmite ao filho a matemática aprendida, como o músico não passa a seus descendentes a sua cultura musical. Não. O que se transmite são as condições morfológicas ou ‘tendências’ fisiológicas, condensadoras de talento musical ou matemático. O transmissível são, apenas, as aptidões; estas encontrando ambiente propício, desenvolvem-se; mas, sem essas aptidões inatas, transmissível pela herança, jamais se chegará a ser bom músico ou tolerável matemático (MONTE, [194-b?]. p. 1-2, grifos nossos).

Para refutar a tese de que um espírito carrega consigo as suas habilidades e conhecimentos em todas as suas reencarnações, Monte citou casos de personagens considerados gênios que se destacaram em atividades das mais diversas, porque tiveram condições favoráveis para o desenvolvimento de suas habilidades. Para ele, um indivíduo podia ser inteligente (ter um talento aguçado para uma determinada atividade) e não ter tido uma cultura (ambiente propício) que favorecesse o desenvolvimento dessa inteligência. Desse modo, as características psicológicas de um indivíduo são influenciadas pelas condições sociais e educacionais a que esse indivíduo se encontra submetido. Assim, a inteligência não é algo que vem de outras encarnações, emergindo das condições concretas vivenciadas pelo indivíduo.

Analisando o pensamento de Monte à luz da literatura espírita, pode-se afirmar que Monte apresentou uma leitura apressada do pensamento espírita acerca da relação entre genialidade e reencarnação. Nos anos 1940, ano em que Monte produziu suas reflexões, a interpretação do espiritismo já deixava evidente que nenhuma característica do indivíduo era explicada apenas pela reencarnação. Nessa perspectiva, pode-se inferir que a inteligência de indivíduo não dependia exclusivamente das suas reencarnações. Segundo Cavalcanti (2008. p. 28-29), os espíritos

[...] têm como atributos peculiares o pensamento, a inteligência e vontade que o dotam de livre arbítrio, constituindo-os como individualidades morais. Correspondem a um empobrecimento de Deus, devendo um dia reintegrar-se a sua origem: sua vida, ao contrário de Deus, teve um começo, mas como a dele não terá fim. Os Espíritos foram criados por Deus, simples e ignorantes, e a cada um foi atribuída uma missão para conduzi-lo à perfeição. Cada Espírito percorrerá uma trajetória que evolui da simplicidade e ignorância à perfeição. Há um ponto inicial, um ‘ponto zero’ no qual há uma igualdade inicial na imperfeição e no caminho que deverão percorrer; e um ponto final, ‘infinito + relativo’ (‘porque infinito absoluto só Deus’), que todos um dia, não importa quando, alcançarão, e que representa a possibilidade de uma igualdade na perfeição. Há assim uma dupla igualdade entre os Espíritos:

1. substancial, no sentido em que são seres da mesma natureza, individualidades morais que têm como principais atributos a inteligência, a vontade e o livre-arbítrio;

2. posicional, pois todos foram criados simples e ignorantes, num ponto zero de sua trajetória, tendo à frente um mesmo alvo a alcançar. Todavia, essa igualdade primeira na imperfeição é sobretudo uma base a partir da qual se desenvolve uma desigualdade: embora todos os Espíritos tenham uma mesma natureza e um mesmo alvo a alcançar, cada percurso será único. Nele e a partir dele se diferenciarão.

A passagem acima deixa evidente que a inteligência, sob a perspectiva dos espíritas, não é apenas fruto da reencarnação, uma vez que não está relacionada diretamente ao livre arbítrio do sujeito. O que percebo na reflexão de Monte é uma simplificação do tema reencarnação, já que seus argumentos, apesar de se lastrearem no conhecimento científico, não apresentam elementos teóricos que contestem efetivamente a reencarnação.

No terceiro fragmento do *Livro das Revisões* – intitulado *Precocidade* – Monte apresenta uma série de exemplos de pessoas que são consideradas precoces, ou seja, pessoas que realizaram alguma obra espetacular quando eram muito jovens. É interessante notar que o texto se refere apenas a determinadas pessoas que foram consideradas precoces, as suas relações hereditárias e os seus inventos. Como o fragmento está inconcluso, não há como saber se Monte chegou a alguma conclusão. No fragmento existente do texto de Monte, está explicitado:

Muitas vezes, há exageros evidentes, na história da precocidade. Rafael, por exemplo, é muitas vezes citado como um caso de genialidade sugerida no seio de uma família intelectualmente mal dotada. Descarte, igualmente. Na realidade, porém, o genial artista de Urbino, Rafael, era filho de um pintor egrégio e fecundo, além de arguto comediógrafo, João Santi. Por sua vez, Descartes não foi um exemplo isolado de inteligência no seio da própria família. Um seu irmão, (ilegível), era doutor em Cânones e em Direito Civil. Renato Brochard, seu tio materno, era homem de inteligência ágil, foi Conselheiro do Rei e ‘Juiz Magistrado’ de Poitiers.

Rafael Sanzio o pintor genial, era também filho de um artista de merecida celebridade. Seu pai, Giovanni Sanzio (ou Santi) deixou inúmeros trabalhos de valor em Gradara e Urbino, então um dos mais adiantados centros artísticos da Itália. Giovanni exerceu decidida influência sobre o gosto artístico do filho. Afirmam os críticos, que os ‘Afrescos’ existentes na igreja de Gradara, por ele igualmente executados, serviram de paradigmas para as famosas ‘Madonas’ de Rafael, seu filho. Outros membros da família de Rafael salientaram-se nas Letras, entre os quais um seu tio, Bartolomeu, que era Padre. Na pintura, porém, os apressados defensores da Reencarnação... [trecho intraduzível]⁵⁸³ [...] (MONTE, [194-?c]. p. 1-2).

Ao ler *Precocidade*, encontrei muitas semelhanças com o texto *A razão científica da figura do gênio*. A sensação que tive foi a de que um texto poderia ser a continuidade do outro.

⁵⁸³ A expressão está no texto original. Não é uma intervenção minha no texto. Suponho que por “intraduzível”, a pessoa que transcreveu o texto quis dizer “ilegível”. Existe a possibilidade de o próprio Monte não ter concluído o texto, mas não há elementos que permitam fazer essa afirmação.

Provavelmente, Monte estava procurando discutir a genialidade na perspectiva espírita e, por alguma razão, escreveu partes que deveriam se juntar. Ao ler *Precocidade* isoladamente foi possível perceber que lhe falta uma conclusão. Cabe ressaltar que ao final deste texto está escrito “intraduzível”, o que pode nos levar a supor duas hipóteses: o texto original, pode ter uma conclusão, que não foi compreendida pela pessoa que fez a transcrição ou Monte realmente não conseguiu terminar o texto. Como não se sabe a ordem em que *A razão Científica do Gênio e Precocidade* foram escritos, nem como deveriam aparecer no *Livro das Revisões*, não é possível afirmar a quais conclusões chegaria o autor no texto *Precocidade*. Portanto, não se pode analisar a que conclusões chegaria o auto sobre o tema.

O último dos fragmentos do *Livro das Revisões* – intitulado *Assembléia de Milão* – trata especificamente de um evento, ocorrido em 1892, por iniciativa César Lombroso,⁵⁸⁴ destinado a estudar fenômenos mediúnicos. O evento foi analisado por Padre Monte, que fez as seguintes apreciações:

Se alguma vez os fenômenos espíritas foram submetidos a uma análise rigorosa e imparcial a cargo de nomes dos mais classificados nos diversos ramos do Saber, essa foi sem dúvida, na famosa Assembléia de Milão, em 1892, convocada para o estudo dos fenômenos mediúnicos de Eusápia Paladino. Tomado no devido apreço o testemunho valioso de César Lombroso sobre a mediunidade dessa médium célebre, uma serie de experiências e observações tão rigorosas quanto possíveis, foi realizada tendente a comprovar a realidade dos fenômenos mediúnicos.

Para César Lombroso, de quem partiu a iniciativa da Assembléia, os fatos apurados, máxime ao que concerne às materializações, devem ter sido simplesmente decepcionantes. Em experiências pessoais, com a mesma médium Eusápia, Lombroso havia chegado a resultados brilhantes, positivamente maravilhosos (+) [*sic*]. Foi justamente o êxito inesperado de suas experiências individuais que o levou a idéia [*sic*] da convocação de uma Assembléia, não para constatar, tão só, mas para ratificar a existência dos fenômenos mediúnicos, por ele obtidos. Aquilo seria uma como apresentação oficial e pública dos resultados positivos das suas experiências, em caráter privado. E, como vimos, quão modestos foram os resultados positivos a que chegaram os doutos membros da Comissão. Para que se possa ter uma idéia dessa discrepância nos resultados, lembramos, aqui, os fenômenos de materialização, tão só.

Nas experiências privadas de Lombroso, Eusápia conseguiu obter materialização de perfeição, até então inexcédível. Assim é que obteve, entre outras, uma materialização total da mãe do grande criminalista, com todas as aparências de uma criatura viva, com movimentos espontâneos, locomovendo-se como qualquer mortal, falando-lhe ternamente, dando-lhe, por fim, um beijo na testa ao despedir-se. Nas experiências de Milão, porém,

⁵⁸⁴ Cesare Lombroso (1835-1909) foi um cientista italiano que atuou em vários campos do conhecimento, tendo se destacado nas seguintes áreas: psiquiatria, cirurgia, higienismo, criminologia e antropologia. Um estudo sobre a incorporação das teorias científicas no Brasil foi feita por Schwarcz (1993). No que se refere ao espiritismo, Lombroso, inicialmente, considerou anticientíficas as pesquisas sobre mediunidade, mas, posteriormente, se tornou um defensor do Espiritismo.

quando melhor controladas sob o ponto de vista de materialização, Eusápia fracassou quase integralmente em todas as dezessete sessões.

[...]

Esse fato é, deveras, comprometedor. Está a exigir um controle experimental mais rigoroso para que, só depois de eliminar todas as causas de erro, se chegar tranquilamente a resultados positivos. E esta é uma condição tanta mais imperiosa, quanto se sabe que na História da mediunidade espírita há casos flagrantes de fraudes, conscientes ou inconscientes, confessados até pelos centros espíritas menos escrupulosos (MONTE, [194-?d], p. 1-2).

A leitura desse *Fragmento* revela que Monte recorreu a um evento (A Assembleia de Milão), a estudos científicos (realizados por Lombroso) e ao trabalho de uma comissão, e ao emprego de expressões como “controle experimental rigoroso” e “resultados” para construir sua argumentação de que a mediunidade necessitava ser investigada com maior profundidade.

Observando os quatro fragmentos textuais do *Livro das Revisões*, os únicos aos quais tive acesso, percebi nitidamente que se tratava de uma análise sobre o espiritismo feita sob uma perspectiva completamente diferente daquela que norteou os trabalhos que escreveu na década de 1920. Seus primeiros trabalhos se caracterizavam por desqualificar os líderes espíritas; por desmerecer os conferencistas que visitavam Natal para difundir as ideias espíritas e estimular a organização do movimento espírita na cidade; por insultar os adversários, demonizando o espiritismo e associando Allan Kardec à maldade; por criticar as práticas médicas adotadas no espiritismo e, ainda, por estimular que os católicos não temessem os espíritas e os enfrentassem. Esses propósitos, que se traduziam nos textos de Monte, atendiam as diretrizes da Igreja na época, empenhada em deter as divulgações da doutrina espírita.

Na década de 1940, como já observado nesta parte do capítulo, as federações espíritas já estavam consolidadas nos estados e o próprio espiritismo tinha se modificado consideravelmente, a partir da decisiva atuação de Chico Xavier. De acordo com Stoll, durante a década de 1930, Chico Xavier adotou práticas e discursos que, por um lado, aproximaram o tipo de espiritismo que ele desenvolvia das ações empreendidas pela Igreja Católica e, por outro, o distanciaram dos preceitos defendidos por Allan Kardec. Nesse sentido, Chico Xavier, diferenciando-se de outras lideranças espíritas até então existentes no Brasil, passou a defender que na Terra era importante o exercício das virtudes humanas e a adoção de práticas que conduzissem os indivíduos a uma vida pura e santa. E, para mostrar coerência entre o seu discurso e a sua prática, construiu para si uma vida de bondade e de renúncia aos prazeres e às posses materiais, que se aproximava do homem santo defendido pela Igreja Católica.

Essa postura conciliatória de Chico Xavier garantiu-lhe prestígio e admiração em todo o território nacional. Ele continuou apresentando-se como espírita de inspiração kardecista, mas

na prática participava da criação de um “espiritismo à brasileira”, terminologia que intitula a obra de Stoll (2003).

Para mostrar coerência entre o seu discurso e a sua prática, Chico Xavier construiu para si uma vida de bondade para com o próximo e de renúncia aos prazeres advindos da sexualidade e das posses materiais. Por essa lógica, Chico Xavier criou um perfil de espírita perfeito, que se aproximava do homem santo defendido pela Igreja Católica.

Paralelamente a uma vida santa, Chico Xavier ainda incorporava espíritos e, por meio deles, trazia para a vida material descrições de situações e obras de autores que já estavam no plano espiritual. Por intermédio de Chico Xavier, escritores como Augusto dos Anjos e Humberto de Campos⁵⁸⁵ continuaram a escrever, mesmo depois de mortos (STOLL, 2003).

Concomitantemente a vida santa e a incorporação dos espíritos, Chico Xavier também se transformou em uma referência doutrinária:

No início de 1938, o jovem e desconhecido Chico Xavier terá se transformado em uma referência doutrinária importante no Espiritismo brasileiro. Com a consolidação de sua imagem autoral, com a constituição de um *locus* privilegiado para sua figura no movimento espiritista nacional, ele promoverá uma série de operações de reconfiguração, recontextualização e ressignificação na matriz literatura espírita no Brasil, engendrando uma mudança de eixo para o Espiritismo como religião (CUNHA, 2015. p. 250, grifo do autor).

Considerando-se a reconfiguração do espiritismo, liderada por Chico Xavier na década de 1930, e a consolidação das federações espíritas nos estados, os textos de Monte escritos sobre o espiritismo na década de 1940 se inserem e respondem a um contexto completamente diferente daquele vivenciado nos anos 1920. Apesar de existirem apenas fragmentos do *Livro das Revisões* – única obra escrita por Monte na década de 1940 – pude perceber que sua estratégia narrativa e, sobretudo argumentativa, foi outra. Nesses fragmentos, ele mobilizou ciência, cientistas e experimentos para tecer suas críticas ao espiritismo, debruçando-se sobre temas centrais, como perispírito, reencarnação, genialidade como herança advinda de outras vidas e fenômenos espíritas.

Ao que tudo indica, na década de 1940 Monte percebeu que já não era mais suficiente mobilizar exclusivamente a fé católica para arregimentar fiéis, pois Chico Xavier havia incorporado elementos da cristandade ao seu discurso. Já não era mais possível impedir a

⁵⁸⁵ Cunha demonstra que a autenticidade dos escritos psicografados por Chico Xavier foi alvo de questionamentos. Alguns viam nas obras psicografadas por Chico Xavier uma qualidade bem inferior aos escritos produzidos na vida material. O caso de Humberto de Campos, por exemplo, é analisado com profundidade por (CUNHA, 2015. p. 196-206).

formação de plateias, uma vez que as federações estavam organizadas. Já não era mais possível atacar os conferencistas de outras cidades que vinham para Natal, pois já existiam líderes espíritas morando na cidade. Diante do novo quadro, a única forma de atacar o espiritismo era destruindo as suas bases científico-doutrinárias.

Neste subcapítulo, me propus a refletir sobre as razões para que os textos que Monte escreveu sobre o espiritismo tenham sido enaltecidos por seus admiradores. Procurei demonstrar que, mais do que uma crítica intelectual consistente ao espiritismo, seus artigos e livros revelam que o religioso foi um defensor da Igreja Católica, um combatente identificado com o projeto da Neocristandade. Diferentemente de seus admiradores que, após sua morte, passaram a apresentá-lo como um profundo conhecedor do espiritismo, não encontrei suas ideias sendo debatidas por outros autores, nem consegui avaliar as repercussões do seu pensamento no meio acadêmico, nem na sociedade como um todo.

Neste segundo capítulo, me detive na produção de Padre Monte, com destaque para obras e artigos nos quais expressou seus posicionamentos tanto sobre temáticas que vinham sendo discutidas internacionalmente e que afetavam a Igreja Católica, quanto sobre teorias e procedimentos científicos, particularmente, aqueles relacionados com a Biologia, e também sobre o Espiritismo.

No próximo capítulo, abordarei os debates públicos – também denominados de polêmicas – nos quais Monte se envolveu, destacando as estratégias narrativas por ele empregadas e as relações que manteve com seus adversários, em especial, com aqueles que considerou serem inimigos da Igreja Católica, e dentre os quais se encontravam protestantes e espíritas e, também, homens de letras e de ciências.

Figura 6 - Primeira página do Jornal A Ordem (6 out. 1936), com "polêmica" de Padre Monte

A ORDEM

Propriedade e direção do Centro de Imprensa-C. M. M.

ANNO II

Estado do Rio Grande do Norte—Matal—Terça-feira, 6 de Outubro de 1936

NUM. 351

Assembléa aprovou, hontem em segunda discussão o projecto n. 1 que estabelece o descanso dominical obrigatorio no Estado, prohibindo as feiras aos domingos em todos os municipios, a partir de 1. de janeiro proximo.

Amuletos e crucifixos

Hontem tive mais uma vez o ensejo de constatar que o illustre clinico dr. Emeraldio concilia engenhosamente uma cultura notavel em outros domínios do saber, com as condições da verdadeira *tabula rasa* em materia de conhecimento religioso.

Sob a *camouflage* de um scepticismo elegante, permitte-se o illustre clinico as suas mordazes, mas de consequências desastrosas. E que põem em evidencia o "falso assombroso de sua formação intellectual nos domínios da Religião, Vejamos.

"Freliminarmente, ao autor dos "intelectos" saltê-lhe uma dúvida aguçada: "estou par saber até hoje, em que tem aproveitado ao homem, no ponto de vista moral, tantos e tão variados systemas religiosos". A um evolucionista intrinsecamente melhor resposta não poderia eu dar, que as palavras iniciais do grande Darwin, *hominio de primeira agua*, referindo-se à influencia religiosa na formação etica do homem: "a creença constantemente sugere nos annos da vida em que o cerebro é mais impressionante *adquire quasi a natureza de um instincto*". (1) Pode ser prescrito de commentarios, em evoluçào, que diz *instincto, diz tudo*. E para Darwin a creença tem força de instincto. Como o discipulo discente profundamente do Mestre!

Em continuacão: "a natureza humana, á parte o intrinsecado de enganosos artificios, continua a mesma de milénios atraz.

...sinto me na dura contingencia de negar não só o factio, cõmo também, até

Pe. MONTE

mesmo, a originalidade do conceito.

Em substancia, o illustre clinico reproduz as celebres palavras de Carlyle, há pouco li, citado por Ferr: "a civilização não é mais do que o lavouero sob o qual a natureza humana pode arder em fogo infernal". (2)

A boa logica me faz exasperar, nas palavras do dr. Emeraldio um duplo vicio dialectico: uma contradiçào e um falso supposto. Com effeito. E rudimentar na teoria philogenetica, que a evoluçào morphiica se processa concordantemente com o desenvolvimento funcional e instinctivo, sendo evolucionista, como consequência o illustre clinico conciliar a evoluçào somatica do hominido ao hominico, com a *estabilidade* instinctiva do milénios atraz? Até aqui, a contradiçào.

Supplê, outrossim, que a maldade, os vicios e a delinquencia, emfim, são expressões asiaticas do estado primitivo dos nossos ancestraes. E um falso supposto: a criminologia moderna nos leva a conclusões bem diversas. Si bem que a delinquencia se revista por vezes de caracteres indicativos de regressão a uma phase menos avançada do desenvolvimento humano, os delinquentes frequentemente apresentam caracteres atypicos, que seria pueril pedir a fabulosos antepassados, a origem de suas depravações e de suas anomalias morphiologicas. E' o que se segue, de P. G. Garçalo, T. de D. Giovanni, Sergi e muitos outros. (4)

(Conclue na 4a. pagina).

Consolidada a Victoria dos Catholicos na Assembléa

A prohibiçào das feiras aos domingos, em todo o Estado

Pol. consolidada, hontem, na Assembléa Legislativa, a victoria dos catholicos que defendiam intrinsecamente a approvacão do projecto n. 1 sobre o descanso dominical e prohibiçào das feiras, aos domingos, em todo o Estado.

As gurietas estiverem cheias, aplaudindo a resoluçào da Assembléa.

Os membros do Centro de Imprensa, C. M. M. e da Congregaçào Mariana, compareceram á sessão.

No expediente foram lidos telegrammas de D. Jayme Camara e dos Prefeitos do Assi, Areia Branca, Apdy e Augusto Severo, solidarizando-se com o decreto do descanso dominical, nos termos exccao da Constituiçào.

Anunciada á votaçào do projecto n. 1, o deputado Gil Soares apresentou uma emenda assegurando um dia de descanso, na semana, aos que, em vista da natureza do serviço, fossem obrigados a trabalhar aos domingos.

Contra a emenda falaram os deputados Pedro Mattos e Djalma Maranhão, sendo a mesma rejeitada.

Artigo 1.º do projecto é, em seguida, approvado, cursando favoravelmente o deputado Djalma Maranhão. A approvacão, unanimemente, o deputado Pedro Mattos votado com restricção.

Apresenta o deputado Gil Soares emenda á letra e art. 2.º, mandando exceptuar da prohibiçào não somente o serviço telephónico como a luz, energia electrica e abastecimento. Approvada.

O deputado Augusto Varella manda também a mesma emenda que exceptua a prohibiçào aos domingos os trabalhos de empresas de navegaçào e conservaçào de *silvas*. Approvada a *in parte* com uma sub-emenda do deputado Pedro Mattos, que tornava extensiva a excepção ás empresas de transporte marittimo, terrestre e aereo.

Foi rejeitada a emenda dos deputados Abelardo Calafango e Maltéz Fernandes permitindo o funcionamento, aos domingos, dos consultorios medico e odontologico.

Foi igualmente rejeitada a emenda do deputado ciazista Cleore Gadella, que prohibia o pequeno commercio estabelecido nos mercados, aos domingos, para venda de carne verde, peixe fresco, frutas e hortaliças.

Contra a emenda falaram os deputados Pedro Mattos, João Marcelino, Djalma Maranhão e Lopes Varella, a favor discutiram os deputados Cleore Gadella, Gil Soares e Reynaldo Macêdo.

A parte da emenda do deputado Augusto Varella mandando laentar da prohibiçào o trabalho de conservaçào de *silvas* foi rejeitada, sob a discussão dos deputados Pedro Mattos e Felipe Gueiros, combatendo a.

E' approvada a emenda do deputado Abelardo Calafango extendendo a excepçào

aos registos de obitos, sepultamentos, etc.

Passou igualmente a emenda do deputado Gil Soares sobre muitas aos infractores do projecto.

Foi a emenda do deputado Djalma Maranhão, que permitte a venda de generos alimenticios, aos domingos, nos mercados.

Tres emendas foram apresentadas artigo 4.º, uma do deputado Djalma Maranhão, supprimindo-o, outra do deputado Pedro Mattos man-

O orçamento paulista para 1937

Chegou á Assembléa a mensagem

Rio, 5 — Na sessão da Assembléa Paulista foi apresentada a proposta orçamentaria do Estado para o exercicio de 1937. Acompanhada a proposta a seguinte mensagem enviada pelo secretario da Fazenda ao governador do Estado:

"Em cumprimento do disposto no art. 39 da Constituição Estadual tenho a honra de apresentar a v. excia. a proposta de orçamento do Estado para o exercicio de 1937.

A Despesa está fixada de conformidade com as tabelas propostas pelas secretarias de Estado em 754.172:187\$220 sendo de 638.964:574\$220 a ordinaria e de 115.207:613\$000 a extraordinaria.

Daquelle total 640.821:469\$220 são de despesa effectivas e 113.550:188\$000 de despesa de capital.

Entre as despesas effectivas figuram verbas de 15.520 contos para obras reproductivas (construcções de estradas de rodagem) que vido enriquecer o patrimonio da collectividade embora não augmento de da Fazenda pois tais obras se destinam a ser entregues ao domínio publico.

Somadas as despesas do capital com estas despesas effectivas de caracter reproductivo attingirão o total de... 131.650:188\$000.

As demais despesas que representam consumo elevavel-se-lo portanto a 622.321:469\$220.

A Receita exclusiva do produto de operações de credito está estimada em 623.215:159\$200 sendo de 582.910:159\$200 a ordinaria efectiva na sua totalidade de 40.405 contos de réis á extraordinaria da qual 30 contos são de capital.

A Receita exceptiva cobrirá portanto a despesa que representar consumo. Pedi-ue-do ao credito 190.857:037\$020 para fazer face apenas ás despesas de capital e exceptivas de caracter reproductivo.

São estes em resumo os dados da proposta que não prevê a criação de novos impostos nem a aggravacão dos existentes.

Tenho a honra de apresentar a v. excia. as minhas respectivas homenagens"

GOVERNADOR ARMANDO DE SALLES

(Conclue na 4a. pag.)

Graves choques entre fascistas e comunistas em Paris

RIO 5—Informam de Paris que as ruas daquela cidade foram teatro de graves e chorosas scenas motivadas por choques entre os comunistas e os fascistas. Accrescenta o comunicado que *dena da República* a policia parisiense effectou cerca de mil e quinhentas prisões.

Seminario S. Pedro

Com grande solenidade, foi levado a effecto o tríduo em honra do patrono do "Seminario S. Pedro" que teve inicio no dia 30 de setembro ultimo e terminou a 3 dia da festa.

Nesse dia, ás 7 horas, celebrou-se a santa missa, o sr. Bispo Diocesano, na capella do Seminario, tendo sido assistida pelos padres e alumnos daquele educandario.

As 8 horas, houve missa celebrada pelo pe. José Adelfino, Rector do Seminario.

Encerrou-se a festa com a benção do S. Sacramento, ás 8:30 horas.

O festival de Carlos Gomes em benefício do Congresso Eucharístico de S. José de Mipibá

Com uma casa litteralmente cheia, realizou-se no sabado ultimo o festival provido, no "Carlos Gomes", em benefício do Congresso Eucharístico Parochial de S. José da Mipibá.

Com a mesma litteralmente a casa, realizaram-se em presenças, sendo representadas com arte, recompensando, desta sorte, o esforço do pe. Paulo Heroncio e de seus auxiliares na organizaçào do festival.

Festa de Santa Teresinha

Estiveram muito concorridos os festejos em homenagem de Santa Teresinha, no Santuario do Tyrol.

Todas as noites do novenario levaram grande numero de fies aquelle templo.

As festas de domingo occorrem com a missa da Congregaçào Mariana, ás 6:12, seguindo-se ás 7:12, missas cantadas, com sermão do pe. Luiz Monte.

A ás 10 horas percorreu as ruas do bairro uma concorrida procissão, seguindo os atos de encerramento das festas.

"O Cunhaó"

Temos em mãos o n. 8 de 27 de setembro ultimo, do "O Cunhaó", de Canguaretama, que narra com suas 3 paginas variada collaboraçào.

As homenagens ao governador Benedicto Valladares

RIO, 5—Segundo hontem, em carrosses, se realizou um nobre e interessante *parade* em homenagem ao governador Benedicto Valladares.

Não mesmo com o intuito, segundo o governador, de honrar os seus correligionarios, mas sim de honrar o povo e a patria.

Agradecendo as homenagens que os politicos governistas e os seus correligionarios lhe prestam, honras e governador do Estado, sr. Benedicto Valladares, pronunciou o seguinte discurso politico, no qual elogia as bases do novo partido effectivo de Atenas que teve o apoio de seus chefes e deputados permissivos que adheriram ao governo, dos sr. Melillo e Carvalho de Britto, e de seus correligionarios, Conservadores, ao tempo da campanha da Aliança Liberal.

As alterações nos altos commandos do Exército

Embarcaram os generaes Lucio Esteves e P. de Andrade

GENERAL JOÃO GOMES

RIO, 5—Acaba de haver grande movimento no quadro de generaes.

O commando da 2.ª Brigada Militar que deveria ser entregue ao general Waldemiro Lima, em virtude de continuar elle na Europa, está regressando em dezembro, foi confiado ao general Emilio Lucio Esteves, uma personalidade militar que já teve demorado contacto com a gente do Rio Grande do Sul.

Para substituir o general Emilio Lucio Esteves na Policia Militar foi nomeado o coronel Mario Pinto Guedes.

O general José Joaquim de Andrade foi refeito ao commando da 2.ª Brigada de Infantaria, na Villa

Desembarçador Theotonio Freire

Reassumiu o exercicio do cargo de Juiz Federal o desembarçador José Theotonio Freire, que do mesmo se achava afastado há algumas semanas.

O anuncio é o cambio mais curto á prosperidade do negociante.

Militar, commando que lhe foi entregue em uma situação difficil, para exercer o da 1.ª Brigada de Infantaria com sede em Santa Maria, no Rio G. do Sul.

O general José Joaquim de Andrade foi substituido no commando da 2.ª Brigada de Infantaria, pelo coronel Helio Augusto Borges que vinda exercendo o commando da 1.ª e que hontem assumiu essa mesma aquelle nova funcção.

Com os generaes Lucio Esteves e José Joaquim de Andrade seguiu para o Sul o coronel Aldemir Messias Lima, ex-commandante da Escola das Armas, que foi nomeado chefe do Estado Mayor da 2.ª B. M. e capitão Celso de Resende e o tenente-hornelles Vargas, Sargento Moreira de Bandeira de Melo.

Os generaes Emilio Lucio Esteves e José Joaquim de Andrade, desbarçaram hontem ás 5 horas por via aerea.

Os commandos das armas e da I. R. I.

Tendo o coronel Aclides Mendonça Lima sido nomeado chefe de Estado Mayor da 2.ª B. M. da 2.ª Brigada Militar, assumiu o commando da Escola das Armas, o tenente-coronel Mario Xavier, commandante do Regimento Armas de Noventa e Nove.

Por sua vez o tenente-coronel Aclides de Castro e Silva assumiu o commando da I. R. I. por ter o coronel Helio Augusto de G. Brigada de Infantaria.

LEITURA PREJUDICADA NA LOMBADA MUTILADO

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

4 UM SACERDOTE APOLOGÉTICO: A OFENSIVA CONTRA OS INIMIGOS

Como já abordei anteriormente, em 1927, Monte foi ordenado sacerdote por Dom José Pereira Alves, bispo de Natal entre 1923 e 1928, que teve forte atuação em favor da Neocristandade.⁵⁸⁶ Cabe lembrar que uma das estratégias deste movimento foi a Apologética,⁵⁸⁷ vigente no seio da Igreja no período compreendido entre o Concílio de Trento e o Concílio Vaticano II. Segundo Ribeiro,

O Concílio Vaticano II⁵⁸⁸ tentou e conseguiu ampliar os horizontes da autoconsciência da Igreja católica em vários aspectos [...] **Já não mais sob a égide da apologética**, ou seja, para refutar alguma heresia, mas sim num diálogo com o mundo, com todas as implicações que esse diálogo proporcione, através do Concílio Vaticano II a Igreja Católica apresenta a Revelação como o que ela tem de mais genuíno, ou seja, Deus que se revela, que se revela em etapas, como a amigos seus, a fim de proporcionar a plenitude de comunhão a toda a obra criada. O vértice da Revelação se deu através de Jesus Cristo, Filho de Deus, pleno Deus e pleno homem, que, através de sua missão, nos convida a viver em comunhão com Deus (RIBEIRO, 2006. p. 72, grifos nossos).

A partir do Concílio Vaticano II, a Igreja substituiu o discurso em favor da Apologética por um discurso favorável à comunhão. Entretanto, o período em que Monte viveu caracterizou-se pelo apogeu da Neocristandade e da Apologética, o que provavelmente favoreceu sua vinculação a esse movimento e a essa estratégia, assim como a sua participação em algumas polêmicas. Os textos relativos a essas polêmicas foram, em sua maioria, publicados nos jornais católicos *Diário de Natal* e *A Ordem*, órgãos de imprensa que objetivavam ser um espaço para fortalecer a posição da Igreja e desqualificar os seus adversários (NAVARRO, 2004. p. 74). Já os textos escritos pelos adversários de Monte eram publicados em diferentes canais de divulgação, não sendo, portanto, publicados em jornais católicos.

Jurandy Navarro, ao apresentar o volume 9 da *Antologia do Padre Monte*, que contém textos selecionados das polêmicas travadas por Padre Monte, assim se expressou:

⁵⁸⁶ Sobre a atuação de Dom José Pereira em favor da Neocristandade ver: Oliveira (2019. p. 53-54).

⁵⁸⁷ Apologética é a defesa argumentativa de que a fé pode ser comprovada pela razão e consistia na estratégia usada por intelectuais católicos para debater publicamente com todos os que eram considerados inimigos da Igreja.

⁵⁸⁸ “O Concílio Vaticano II, convocado pelo Papa João XXIII, e celebrado de 1962 a 1965, em quatro sessões, foi marcado pela volta às fontes da fé cristã (proporcionada pelos movimentos bíblico, patrístico, litúrgico e ecumênico) e pelo diálogo com o mundo” (RIBEIRO, 2006. p. 55-56). Pelo Concílio Vaticano II a Igreja modificava a lógica instaurada no Concílio de Trento (1545 a 1563) e reforçada em outros concílios católicos, segundo a qual o viés apologético era a estratégia mais eficiente refutar o protestantismo, bem como outras formas religiosas e de poder que ameaçassem o catolicismo (RIBEIRO, 2006. p. 57). Assim, a diretriz da Igreja de se legitimar diante dos fiéis a partir da desqualificação pública dos seus inimigos foi modificada a partir do Concílio Vaticano II.

Exibo, adiante, outros textos do Padre Luiz Monte [...]. Trata-se de escritos polêmicos, de uma época passada, em que a Igreja, através de seus representantes, esgrimia com Instituições, julgadas refratárias à sua doutrina. E o Padre Monte, armado de sabedoria eloquente, duelava com representantes dessas entidades no campo da Religião e no campo da Ciência. Animava-o, outrossim, **a posição doutrinária da Igreja do seu tempo, que manejava a espada de fogo da Apologética** contra os temíveis inimigos de então: o comunismo, o evolucionismo, a maçonaria, o positivismo, o espiritismo, o protestantismo, o materialismo, o nazismo e o ateísmo, considerados, então, os autênticos cavaleiros do Apocalipse (NAVARRO, 2001. p. 11, grifos nossos).

A passagem extraída do texto da Apresentação do volume 9 da *Antologia* deixa evidente a vinculação de Monte com as defesas inerentes à Apologética. Discutindo o mesmo tema, o Cônego Jorge O'Grady de Paiva, em sua obra *Verdade e vida*, em um dos capítulos – intitulado *Defensor da fé. Polemista. Orador* –, escreveu:

Sendo uma defesa, a apologética toma, normalmente, a forma de polêmica. Os contraditores do dogma e da religião encontram, nos apologetas, a reação que as suas negações suscitam e, da luta travada, sai a verdade, com novo brilho e vigor.

É o aprofundamento do dogma cristão que cria o desenvolvimento da ciência teológica. Mas nunca se aprofundam mais as verdades da fé senão quando atacadas, pois o seu aprofundamento é consequente à necessidade de uma defesa em regra, que revide ponto por ponto e dê cabal vitória à verdade. Todo bom apologeta é também bom polemista.

Em Monte, o cultor da ciência sempre encontrou o defensor da fé. Foi dos que mais se bateram contra o duplo preconceito da fé *infensa à ciência e da ciência inimiga da fé*. Os magistrais artigos que escreveu, a que tanto nos temos reportado no decorrer desta biografia, foram quase todos, em defesa da religião. E como argumentava!

[...]

Pascal advertia que se deve ter em consideração, ao corrigir ou emendar alguém, tanto o lado falso como verdadeiro das suas assertivas; aquele para destruir, este para animar o adversário, vendo que não errou em tudo; e quando tenha errado em tudo há, ainda, dizia, que atentar para a intenção, que é, via de regra, a de servir à verdade. **Monte seguia esse conselho. Em vez de hostilizar o adversário mostrava-lhe, claramente, onde havia errado e em que tinha razão; e ressaltava, sempre, as boas intenções. Sua argumentação serena e sólida, utilizava ainda um recurso da maior eficácia: ficava dentro da própria ciência do contendor.** Como o autor dos "Pensées" êle não empregava argumentos metafísicos contra-argumentos Mexperimentais. Terçava contra o adversário as próprias armas destes, mostrando a harmonia existente entre a ciência e a fé.

[...]

A sua defesa da verdade era rigorosa, mas comedida. Aliás, êle não saía a campo por qualquer coisa. **Avesso às discussões, humilde e respeitoso, em poucas contendas se empenhou, suficientes, todavia, para consagrá-lo como polemista de rija têmpera para quem ‘o êrro é sempre pobre e frágil’.**

Lê-se nos Provérbios que o sábio não diz logo tudo o que tem em mente mas aguarda-se para o momento oportuno. **Monte, fiel a essa norma, só dizia, de cada vez, o necessário. Poupava os argumentos, não os expondo mais do que era preciso. E minava o terreno, isto é, deixava sutilmente, pontos vulneráveis, para que o antagonista, voltando à carga, recebesse então uma resposta esmagadora e definitiva. Considerava também as condições peculiares do opositor, para falar na linguagem que lhe fosse mais familiar.**

Na última polêmica que travou, por exemplo, empregou os termos e expressões mais correntes em tática militar, por ser o contendor oficial do exército (PAIVA, 1948. p. 233-234, grifos nossos).

A reflexão que Paiva fez sobre o significado das polêmicas para Monte foi construída a partir da análise dos textos que ele produziu durante sua ação sacerdotal. Não se trata de uma interpretação construída no calor dos acontecimentos, mas, sim, de uma reflexão produzida por Paiva após a morte de Monte. Nela, Paiva destaca a atuação de Monte como polemista, sem, contudo, observar mudanças e permanências na condição de polemista de Monte.

O primeiro aspecto observado por Paiva é que a Apologética Católica utilizou as polêmicas como forma de defender os princípios do catolicismo. Nesse sentido, segundo Paiva, os críticos aos dogmas da Igreja encontraram nos apologetas a reação, a defesa do catolicismo. Os apologetas envolviam-se em polêmicas públicas para defender o que a Igreja considerava verdadeiro e, desta forma, negar as acusações feitas à instituição. Nessa perspectiva, Monte tornou-se um polemista por ser um apologeta.

O segundo aspecto apresentado por Paiva é a defesa intransigente, por parte de Monte, da compatibilidade entre a ciência e catolicismo. Sendo assim, Monte teria criticado, com veemência, os posicionamentos daqueles que afirmavam que a fé era contrária a ciência e que a religião atrapalhava o pensamento científico.

Ainda de acordo com Paiva, Monte adotava certos procedimentos ao envolver-se nas polêmicas: respeitava o adversário, sem agressividade e sem tratá-lo como inimigo; mostrava os erros do seu opositor, identificando os caminhos para que os equívocos fossem consertados; destacava os acertos do seu antagonista, enfatizando as boas intenções; argumentava de maneira serena, sem perder a solidez dos argumentos; usava os termos técnicos próprios do campo de ação do seu contendor, como no caso dos debates o tenente Lourenço, quando usou uma linguagem militar durante os debates, como veremos adiante. Adiante que esta percepção de Paiva não pode ser efetivamente observada, como procuro demonstrar, mais adiante, na análise

mais detida dos textos das polêmicas escritos pelo religioso.⁵⁸⁹ Entretanto, a avaliação feita por Paiva, certamente, favoreceu a construção de uma imagem positiva de Monte.

Além de Paiva, o próprio Monte registrou suas impressões sobre sua atuação como polemista, manifestando-se sobre elas na primeira página do jornal *A Ordem* do dia 2 de agosto de 1943. O pensamento dele, expresso no fragmento a seguir, é emblemático, uma vez que ele, apesar de ter se envolvido em polêmicas desde a década de 1920, refletiu sobre seu significado apenas seis meses antes da sua morte.

Polemicas é antes de tudo a arte que nos habilita ao manejo seguro dos argumentos, a conscienciosa discussão das ideias e a defesa desinteressada da verdade. Como arte de *fazer rir*, a polemica já entrou na fase pouco lisonjeira de irremediável descrédito.

Reconhece como legítimo tão somente o testemunho sereno de verdade, dentro do esquema lógico duma argumentação sisuda. Fóra disso, ela pode oferecer espetáculo impressionante dum *bombardeio concentrado*; mas, na realidade, pouco vai além de uma inofensiva *salva de festim*.

[...] [o mau polemista] se perde no nevoeiro acrimonioso de divagações irônicas e de patéticas invocações sentimentais, salpicadas de objeções sedicidas e bolorentas. Evitar o ataque frontal para se expor às possíveis decepções de um movimento amplo de envolvimento dos objetivos visados, pode resultar proveitoso e eficiente em assuntos de técnica militar. Nas lidas das idéias, porém, tal proceder é quase sempre, índice seguro de inófia de argumentos adequados e eficazes. A polemica é por natureza uma *luta de posições*. Nela predomina o sistema da terra *arrazada*.

Antes que aos golpes de uma argumentação pertinaz e concentrada não se pulverizam um por um os objetivos visados, aos contendores não lhes assiste o direito de abrir novas *frentes*, de lançar na luta novos efetivos de objeções e de idéias [*sic*] (MONTE, 2 ago. 1943, grifos nossos).

Observando o texto de Monte, é possível identificar que ele associou o ato de polemizar à arte, o que nos leva a deduzir que ele percebia as polêmicas como oportunidade de travar um debate em torno de uma ideia. Para ele, sairia vitorioso como polemista não apenas quem possuísse argumentos mais bem fundamentados, mas, sim, aquele que melhor soubesse usar estratégias para desqualificar o seu adversário. Observe-se que Monte se refere ao fato de que o polemista, antes de defender a verdade, devia saber manejar os argumentos e apresentar as ideias de forma a vencer os adversários. Nesses termos, ele não queria apenas defender suas ideias, mas conhecer o seu adversário para desqualificá-lo e, conseqüentemente, desqualificar seus argumentos. Monte envolveu-se em polêmicas nos anos 1930 e no início dos anos 1940. No trecho citado, ele deixa claro que a polêmica não deveria se vincular ao campo do humor e da sátira, mas ao debate intelectual.

⁵⁸⁹ O capítulo escrito por Paiva não exemplifica ou discute os textos das polêmicas. Trata-se de um texto genérico sobre o tema e que se caracteriza pela exaltação a Monte como polemista.

Ao se referir negativamente à associação entre a polêmica e o humor, Monte evocava autores que durante a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX recorriam à sátira como estratégia para provocar as polêmicas. Esse é o caso, por exemplo, de Angelo Agostini (1843-1910), que produzia desenhos geradores de polêmicas e que tinha o humor como eixo dos seus argumentos. Segundo Oliveira (2006. p. 103),

Três meses depois de finalizar sua última página em *O Mosquito*, **Angelo Agostini dá início àquela que se tornaria a mais destacada publicação satírica de todo o período imperial e um marco na história da imprensa brasileira, a *Revista Ilustrada* [1876-1888].** A folha não apenas exibiu o melhor da produção do caricaturista, como tornou-se um referencial político e cultural decisivo na jornada de lutas mais importante do período, a campanha abolicionista.

Nos 12 anos em que dirigiu e ilustrou a Revista, Agostini atravessou um período conturbado da vida nacional e desenhou pelo menos duas mil páginas. Além de extensa, sua produção adquiriu características diversas e **acentuou sua principal característica, a de cronista visual.** Apesar de manter o traço acadêmico que marcava sua obra até ali, ele chega ao limite da linguagem e do estilo que escolhera. De capas a cartazes, passando por histórias em quadrinhos, reconstituições de crimes, documentação do cotidiano da cidade, alegorias, crítica cultural, retratos, caricaturas, charges etc., **praticamente não houve campo da expressão gráfica desenhada de então em que o artista não se manifestasse. Meteu-se em polêmicas várias, atacou, foi atacado, tornou-se personagem da vida social e defendeu seu ponto de vista, tendo sua publicação como trincheira.** O sucesso da folha foi tamanho que durante a maior parte de sua existência, ela conseguiu se manter sem recorrer a anunciantes ou subsídios oficiais. Além disso, logrou sobreviver por dez anos após o desligamento de seu criador da empresa que a editava. Aos trancos e barrancos, mas sobreviveu (grifos nossos).

Agostini conseguiu sucesso como “polemista do traço” e seus desenhos, movidos pela sátira e pelo humor, se distanciavam das polêmicas que Monte pretendia levar adiante. Se, por um lado, as polêmicas de Monte se distanciavam das polêmicas satíricas, por outro, elas também se distanciaram das polêmicas literárias e políticas, nos moldes daquelas desenvolvidas por Silvio Romero (1851-1914) e Joaquim Nabuco (1849-1910), entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

Roberto Ventura, em seu livro *Estilo Tropical*, lançado em 1991, discutiu as características das polêmicas travadas tanto por Romero, quanto por Nabuco. Apesar de mostrar as particularidades de cada um dos polemistas, o autor também evidenciou pontos de aproximação entre esses dois autores.

O crítico e historiador Romero **aderiu à luta pela abolição e República, o que mostrou em muitas de suas obras e nas inúmeras polêmicas.** O político Nabuco, por sua vez, se engajou no movimento abolicionista, primeira

manifestação política dos grupos urbanos em nível nacional. Fez sempre comícios pela causa dos escravos. Mas foi sempre a favor da monarquia, mesmo após a sua queda. **Os dois recorreram, com frequência, a longos e ruidosos debates nos jornais e revistas, para defender suas posições literárias e políticas** (VENTURA, 1991. p. 9, grifos nossos).

A partir desse fragmento textual, é possível afirmar que Romero e Nabuco discordavam em relação ao melhor sistema de governo para o Brasil. Enquanto o primeiro defendia a República, o segundo era um monarquista. Todavia, ambos eram abolicionistas e usavam as polêmicas para defender seus pontos de vista, demonstrando que estas polêmicas foram empregadas por indivíduos pertencentes a diferentes vinculações ideológicas. Mas, no caso de Monte, as polêmicas serviram para a defesa dos princípios da Neocristandade e para o ataque aos opositores do catolicismo.

Para Roberto Ventura, Romero e Nabuco fizeram parte de um tempo em que as polêmicas eram uma forma de debate privilegiado entre indivíduos. Na transição do século XIX para o XX, a forma de polemizar ao estilo de Romero e Nabuco foi perdendo sua importância, sendo substituída por outros tipos de polêmicas:

Silvio Romero reconheceu, em 1904, ter descoberto que as polêmicas não passavam ‘quase todas elas de provocações propositais da parte de indivíduos sequiosos de notoriedade’. Em *Minhas Contradições*, obra de 1914, o polemista se lamenta, desiludido com a suposta decadência dos novos intelectuais: ‘são frutos da época! Onde [estão] os grandes combatentes de antanho que me deram a honra de duelar comigo a peleja das letras e das ideias?’. Entretanto, [...] as polêmicas personalistas não desapareceram da vida intelectual brasileira, sendo antes integradas aos novos padrões culturais posteriormente e vigentes (VENTURA, 1991. p. 150-151, grifo do autor).

Pelo exposto, Ventura deixa evidente que Romero, no começo do século XX, passou a considerar que, a partir da sua experiência pessoal, as polêmicas estavam em decadência. Entretanto, o próprio Ventura alerta que as polêmicas não estavam em decadência – o que fica evidente no próprio trecho em que Ventura cita Romero. O que estava em decadência era um determinado modo de polemizar: aquele em que um indivíduo – em busca de notoriedade para si, para suas ideias ou para o seu grupo - provocava outro indivíduo.

Na interpretação de Ventura o aconteceu foi que as polêmicas se integraram a um novo padrão cultural que passou a vigorar na sociedade brasileira. Isso significa que o tipo de polêmica existente a partir da geração de 1870 – considerada a nova geração – será modificado em razão de novas ideias e práticas vigentes no Brasil no início do século XX. Para exemplificar o novo tipo de polêmica emergente no século XX, Ventura analisa:

quase-polêmica entre Sílvio Romero e a imprensa anarquista indica que um outro tipo de orientação do debate cultural. A polêmica foi provocada por seu discurso na Academia Brasileira de Letras em 1906, em que manifestara seu apoio à Lei dos Estrangeiros, tida como benéfica por permitir expulsar do país os frades e anarquistas. Em artigo de 1907, no periódico *A Terra Livre*,⁵⁹⁰ Alacid⁵⁹¹ criticou as declarações de Sílvio, cujo apoio à expulsão dos estrangeiros teria o objetivo de evitar a ‘malquerença da burguesia’. Romero evitou o prolongamento do debate e divulgou apenas uma carta de resposta, em que esclarecia sua posição sobre a presença de estrangeiros no Brasil e dava por encerrada a discussão.

Essa quase-polêmica mostra as novas bases sob as quais se polarizaram, a partir daí, muitos dos debates: **Alacid, em vez de recorrer à injúria pessoal e aos ataques à honra do adversário, procurou mostrar o vínculo entre a reflexão deste e os interesses da classe burguesa.** Tal tipo de crítica mostra, se não a formação de uma ‘consciência ideológica’, pelo menos as mudanças nas formas de debate cultural e político. Dá-se o confronto entre dois padrões discursivos diferentes: **a fala de Romero pertence à uma ordem diferente daquela em que se formula o artigo de Alacid. Romero é o intelectual de molde universalista, que pensa e atua em nome do povo, da pátria, da nação. Alacid introduz um outro tipo de modelo de intelectual, que ganhou importância a partir de 1930: o intelectual partidário, que toma partido por interesses contraditórios no interior da sociedade.** O intelectual universalista também toma partido por uma classe, mas não reconhece o vínculo entre a sua reflexão e interesses sociais particulares (VENTURA, 1991. p. 150-151, grifos nossos).

De acordo com o autor, nas primeiras décadas do século XX, existiam, pelo menos, dois tipos de intelectuais: os *universalistas* e os *partidários*. Ainda que não se possa delimitar temporalmente a existência desses dois tipos, nem afirmar que o surgimento de um eliminou o outro, é possível inferir que os *universalistas* ficaram mais evidentes nos últimos anos do século XIX e no início do século XX, enquanto os *partidários* emergiram com maior nitidez nos anos 1920 e 1930. É possível afirmar que os dois tipos de intelectual se envolveram em polêmicas.

Para Ventura (1991), a diferença entre os *universalistas* e os *partidários* consistia no fato de que os primeiros apresentavam em suas polêmicas a defesa de categorias genéricas vigentes na sociedade – como povo, pátria e nação – sem discutir as contradições internas, garantindo a lógica da luta por uma unidade em torno dos padrões vigentes. Enquanto isso, os

⁵⁹⁰ *A Terra Livre* foi um Jornal anarquista fundado na cidade de São Paulo. O periódico existiu entre 30 novembro de 1905 e o ano de 1910, tendo sido criado pelo português Neno Vasco, em parceria com o brasileiro Edgard Leuenroth e o espanhol Manuel Moscoso. O jornal apresenta-se como um instrumento de divulgação para os anarquistas, os socialistas e os defensores do sindicalismo. Em seu número de lançamento, o jornal afirmava ser um órgão de “anarquistas e socialistas”, evidenciando em seus exemplares posteriores uma tendência pró-sindicalista (DANTAS, 2010).

⁵⁹¹ *Salvador Alacid* era italiano, tipógrafo e anarquista. Dedicou-se à propaganda anarquista, tendo fundado o jornal anarquista *Novo Rumo* e publicado artigos no periódico *A Terra Livre*, também órgão da imprensa anarquista. Escreveu em *A Terra Livre* quando o jornal era publicado em São Paulo e, posteriormente, quando o jornal foi transferido para o Rio de Janeiro, Alacid tornou-se um dos principais divulgadores do ideal na então capital brasileira (ALVARENGA, 2018. p. 56).

segundos tomavam partido de certos grupos existentes na sociedade, opondo-se a outros grupos. Assim, nas polêmicas construídas pelos *partidários* observava-se, por exemplo, a defesa dos interesses dos operários contra os interesses da burguesia.

Com base nestes estudos, pode-se afirmar que as polêmicas nas primeiras décadas do século XX se vinculavam muito mais à forma como *universalistas* e *partidários* desenvolviam as suas atuações. Entretanto,

Embora Sílvio Romero e seus contemporâneos sejam intelectuais universalistas, sua época e produção já contém elementos conflitantes que antecipam o advento de duas figuras características da sociedade de classes: o intelectual *partidário* e o *especializado*. A crítica de doutrinas, feita por **Romero ao longo de quase cinco décadas de intervenção como polemista, já apresenta, em germe, a orientação do debate para o conflito não mais apenas entre gerações – o ‘novo’ contra o ‘velho’ —, mas no interior da própria geração.** Apesar do predomínio de semelhanças, tais polêmicas mostram a tentativa de se formarem distinções teóricas e políticas, como na disputa entre evolucionistas de formação liberal, positivistas de tendência autocrítica e anarquistas e socialistas. Exemplo de tal disputa é o virulento *Doutrina contra doutrina*, em que Romero combateu a doutrina dos adversários positivistas apoiado no evolucionismo spenceriano.

A possível mudança de padrão intelectual, esboçada a partir de 1870, se tornou mais nítida nas primeiras décadas do século XX, quando a geração de pensadores universais começou a ser substituída por intelectuais partidários ou especializados, vinculados não só à uma época, mas a concepções irreduzíveis umas às outras. Com o ocaso da ‘geração de 1870’ e a crise do liberalismo na Primeira República, introduziu-se um outro tipo de divisão intelectual, até menos relevante: o conflito entre teorias e ideologias. A dinâmica cultural, que girava em torno do embate entre o moderno e o retrógrado, entre a ciência do presente e a metafísica do passado, passa a ser percebida como tendo por campo concepções científicas, vanguardas literárias ou partidos políticos opostos. Além da campanha em prol da modernização, assume importância a discussão de projetos contraditórios de reformulação do estado, da sociedade e da cultura (VENTURA, 1991. p. 152, grifos nossos).

As polêmicas nas quais Monte se envolveu, a partir dos anos 1930, se distanciam das polêmicas satíricas e se distanciam também daquelas polêmicas que os intelectuais partidários desenvolviam. Monte entendia que o uso do humor por autores como Agostini levava ao descrédito das polêmicas, consideradas por ele práticas importantes e que só seriam válidas se fossem sisudas. Além disso, Monte não apresentava, nessas polêmicas, uma defesa política de uma classe ou grupo social, na medida em que se limitava a defender a Igreja e os seus dogmas. Entretanto, o estilo que Monte adotou para polemizar – nos moldes descritos por Paiva e pelo próprio polemista – apresenta peculiaridades que tornam difícil associá-lo a um tipo específico de intelectual, como descrito por Ventura. Em linhas gerais, o que se pode afirmar é que, para Monte, as polêmicas deveriam se vincular a estratégias para se defender, com seriedade, a

verdade na qual ele acreditava: os dogmas católicos. Todavia, Monte deixou evidente que, fora das estratégias e dos argumentos, as palavras se tornavam inofensivas. Isso significa que a verdade, para Monte, não se limitava ao poder dos argumentos. Ele explicitava que usava estratégias para vencer os seus debates. Nesses termos, o importante para ele não era apenas a “verdade”, mas a forma de apresentá-la. Por essa lógica, é possível inferir que Monte seria capaz de destruir pela estratégia, um adversário que expressasse simplesmente a verdade, sem estratégias eficientes de combate. As polêmicas de Monte eram movidas basicamente pela defesa do catolicismo, com a utilização de estratégias utilizadas por polemistas de diferentes campos políticos e ideológicos.

É plausível supor que, ao dar início às suas polêmicas nos anos 1930, Monte já conhecesse outros polemistas que, à época, publicavam nos jornais do Rio de Janeiro, então capital federal, e de outros estados. Mas é importante ressaltar que era Monte quem provocava as polêmicas e rebatia posicionamentos publicizados, e que ele nunca foi provocado por um adversário. Isto nos leva a concluir que Monte escolhia os seus adversários e definia a estratégia que viria a utilizar.

Os textos resultantes dos debates travados entre Monte e seus adversários merecem, evidentemente, ser analisados sob esta perspectiva. Consideramos, no entanto, igualmente sedutor discutir o que fez com que diversos autores natalenses, após a morte do religioso, procurassem associar sistematicamente Monte a essas polêmicas. Jurandy Navarro foi um dos autores que procurou associar Monte às polêmicas, razão pela qual resolveu destinar um dos volumes da *Antologia do Padre Monte* a elas. Cabe, contudo, ressaltar uma importante observação feita pelo organizador da *Antologia*:

Este volume encerra algumas polêmicas já divulgadas no volume inicial da coleção, todavia, acrescentada à parte dos intelectuais Esmeraldo Siqueira e Lourenço Branco, omitida anteriormente. **Dos outros opositores do Padre Monte não foi possível recolher os seus textos porque foram divulgados em Boletins e não na imprensa** (NAVARRO, 2001. p. 12-13, grifos nossos).

Nesta passagem do texto da Apresentação, Navarro afirma que só conseguiu encontrar textos de dois adversários de Monte (Esmeraldo Siqueira e Lourenço Branco), que publicaram seus artigos na imprensa. Sendo assim, dois outros adversários, que também debateram publicamente com Monte – o Pastor presbiteriano José Bezerra Duarte e Pastor da igreja batista Carlos Mateus – não têm seus textos publicados na *Antologia*, porque foram publicados apenas nos mencionados Boletins, sobre os quais me deterei mais adiante neste capítulo. Além disso, ainda no volume 9 da *Antologia*, Navarro inseriu textos escritos por outros admiradores de

Monte e que não tem qualquer relação com as polêmicas, como Palmira Wanderley (poetisa católica), José Luís Silva (ex-padre e ex-aluno de Padre Monte), Otto Guerra (católico e um dos fundadores do jornal *A Ordem*), Aluísio Alves, entre outros. Pode-se supor que Navarro tenha inserido esse material dos admiradores para reforçar as posturas adotadas por Monte nas polêmicas travadas com os seus adversários.

O fato de Navarro enfatizar o caráter polemista de Monte, me fez indagar: o que o teria levado a valorizar sua atuação como polemista? Por que as polêmicas se apresentam como algo relevante naquele momento histórico, considerando-se o momento vivenciado pela Igreja Católica?

Para analisar como essas polêmicas foram concebidas e publicizadas, a partir da análise de seu conteúdo e de sua vinculação com o momento histórico vivenciado pela Igreja Católica, precisamos considerar que há uma escala individual, que explica como Monte se inseriu nesse debate; há outra escala contextual (LEVI, 2006. p. 167-182), que interpreta o significado das polêmicas no momento em que Monte desenvolvia sua produção intelectual; e, finalmente, há uma escala grupal, que discute a rede constituída em torno de Monte e que viabilizou a ideia de Monte como polemista.⁵⁹² As polêmicas estão circunscritas ao período entre os anos de 1931 e 1943, uma vez que foi nesse período que Monte redigiu seus textos para defender a Igreja Católica do Rio Grande do Norte contra aqueles que ousavam criticar posicionamentos do catolicismo.

Segundo Reguera (2010, p. 2), a partir de diferentes concepções historiográficas foram produzidos trabalhos nos quais a vida de um indivíduo foi usada, por um lado, como um instrumento para ilustrar, justificar ou iluminar a evolução das forças estruturais, e, por outro, para personalizar determinados personagens da história nacional, propondo uma periodização em torno de suas performances políticas governamentais. Para a autora, contemporaneamente, o estudo das ações individuais tem se apresentado como uma forma de entender os processos sociais, possibilitando a compreensão de aspectos importantes do momento histórico por ele vivido, podendo fazer emergir questões específicas que ainda não foram abordadas pela história.

Após seu ingresso no Seminário de São Pedro, em 1919, Monte passou a participar da formação e consolidação de um campo intelectual no Rio Grande do Norte, que reunia uma elite letrada, que se apresentava como guardiã da memória local e guia dos destinos futuros da cidade. Concomitantemente a este processo, é preciso considerar o papel que, neste contexto,

⁵⁹² Quanto à compreensão de rede que adotamos neste texto está fundamentada em Reguera, para quem “rede” é um conjunto de relações específicas de interdependência entre um grupo de atores sociais (REGUERA, 2010. p. 2).

os intelectuais brasileiros atribuíam a si próprios; a formação e consolidação de uma elite intelectual em Natal e a mobilização da Igreja Católica brasileira em torno da adoção de princípios e práticas relacionadas à Neocristandade.

Vale lembrar que Paiva defendeu a ideia de que os contraditores dos dogmas e da religião Católica encontraram nos escritos de Monte uma reação firme, na medida em que combateu um duplo preconceito: “da fé infensa à ciência e da ciência inimiga da fé” (PAIVA, 1948. p. 233), fortalecendo os princípios do catolicismo (PAIVA, 1948. p. 234-235).

Para Navarro, as polêmicas travadas por Monte se deram em um período em que a Igreja e seus representantes lutavam com instituições que eram refratárias à doutrina católica. Sendo assim, Monte teria sido, com sua sabedoria e eloquência, o grande defensor do catolicismo, utilizando-se para essa defesa de elementos científicos e religiosos.

No próximo tópico, discutirei os textos das polêmicas nas quais Monte se envolveu. Inicialmente, abordarei os textos nos quais ele recorreu ao estilo polemista para atacar pessoas que não respondiam aos seus ataques. Pode-se dizer que eles se caracterizam por um estilo polemista, mas não existia, efetivamente, a polêmica. Em seguida, abordarei como Monte polemizou com adversários natalenses. Nesse caso, discuto os diálogos, os argumentos e as estratégias empregados nas disputas do padre com seus adversários. Advirto o leitor de que considerarei polêmica apenas os casos em que existiu um interlocutor explícito que estabeleceu um diálogo marcado pela contestação a Monte.

4.1 Um apologeta sem polêmica

O estilo polemista de Monte surgiu ainda na década de 1920. Não se pode dizer que, nesse período, se tratava propriamente de uma polêmica, pois o adversário não respondia aos textos de Monte. Entretanto, a forma como o autor se referia aos adversários apresentava nitidamente a característica esgrimista de um polemista. Tais textos não tinham o contraponto dos adversários, mas Monte os tratava nessa condição. Esse é o caso dos textos que ele publicou contra líderes espíritas que visitaram Natal na década de 1920, conforme já foi apresentado neste trabalho, e, também, dos textos nos quais atacou Medeiros e Albuquerque. Em relação a estes últimos, provavelmente, os textos de Monte nunca foram lidos por Medeiros e Albuquerque, uma vez que não existem quaisquer indícios da relação entre os dois.

José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque, conhecido nacionalmente como Medeiros e Albuquerque, nasceu em Recife, no dia 4 de setembro de 1867, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 9 de junho de 1934. Estudou em Lisboa entre 1880 e 1884 e,

ao retornar ao Brasil, foi morar no Rio de Janeiro, onde foi aluno de professores famosos à época, como Sylvio Romero e Emílio Goeldi. Professor e jornalista destacado na capital federal, foi o fundador e o primeiro acadêmico da Cadeira 22 da Academia Brasileira de Letras. Além disso, foi diretor da Instrução Pública do Distrito Federal, professor da Escola de Belas Artes, Presidente do Conservatório Dramático, trabalhou no jornal *O Clarim*, foi diretor dos jornais *O Figaro* e *A Folha* e colaborador do jornal *A Gazeta de São Paulo*. Foi Deputado Federal por Pernambuco e presidente da Academia Brasileira de Letras. Escreveu romances, peças teatrais, contos e críticas literárias. Politicamente, era crítico de Dom Pedro II, militante da República, mas, após esta ser proclamada, passou a atacar os governos republicanos. Ateu, era crítico veemente do cristianismo, atacando, especialmente, a Igreja Católica (ALMINO, 2018. p. 45-52).

Provavelmente, o prestígio de Medeiros e Albuquerque no Rio de Janeiro e a sua condição de ateu e crítico da Igreja Católica despertaram o interesse de Monte, que passou a criticá-lo, de forma veemente, em alguns textos. Apesar de Monte nunca ter tido qualquer relação com Medeiros e Albuquerque, dirigiu a ele críticas fortes, em diferentes momentos. O Quadro 7 apresenta os artigos nos quais Monte se referiu de maneira desqualificadora a Medeiros e Albuquerque:

Quadro 7 - Referências de Padre Monte a Medeiros e Albuquerque

	Data e local da publicação	Título do artigo
1	Diário de Natal 20/12/ 25.	Bíblia e ciência V
2	Diário de Natal 29/ 1/ 26.	Bíblia e ciência XIII
3	Diário de Natal 17/10/26.	Bíblia e ciência XII
4	Diário de Natal 2/2/28.	Bíblia e ciência: Haeckel. e a lei biogenética
5	Diário de Natal 4/2/28.	Igreja e astronomia: Copérnico
7	Diário de Natal 28/3/29.	Mais uma do Medeiros
6	Diário de Natal 27/4/30.	Pela beleza
8	A Ordem 23/1/1941.	O Brasil e o protestantismo

Fonte: Dados obtidos pela autora a partir de diversos jornais e das *Antologias do Padre Monte* (ver apêndice H).

Observando-se o Quadro 7, é possível identificar que em oito artigos, produzidos em anos diferentes, Monte criticou Medeiros e Albuquerque, mesmo sem ter quaisquer relações com ele. Mas quais teriam sido as razões para que Monte tecesse críticas a um autor que não vivia em Natal e que, por isso, não tomaria ciência delas ou as rebateria? Para responder a este questionamento, me debrucei, primeiramente, sobre o artigo publicado em dezembro de 1925. Nele, Monte, ao discutir a Bíblia, se refere a Medeiros e Albuquerque da seguinte forma:

Os leigos em contato constante com os reclamos grotescos da ciência divorciada, propalam seus erros, e quando a autoridade eclesiástica intervém, condenando essas demasias, clamam que são vítimas do despotismo romano. **No sistema modernista, os leigos reivindicam real poder e saber na vida e nas ciências eclesiásticas.**

Exemplo frisante do que afirmamos temos num contemporâneo, o ilustre Dr. **Medeiros e Albuquerque**, homem conhecido no domínio das letras. **Abandonando, porém, o terreno das letras que lhe é familiar e lhe merece o título de ilustrado, no seu livro ‘Pontos de Vista’ resvalou para o terreno da religião e, dando-se ares de enciclopédia viva, põe-se a sentenciar sobre as S. Escrituras.**

No capítulo ‘Mythos da Criação’ escreve: ‘Em todo caso, foi esse mito - a narração bíblica da criação - que prevaleceu por muitos séculos na Europa ... Tudo isto é um tecido de fantasia, nem mais, nem menos, infundada, que as dos mitos das diversas outras religiões’.

Ora, que o ilustrado **dr. Medeiros** tenha idéias ou concepções errôneas acerca das narrações bíblicas, compreende-se em vista de seu pouco conhecimento em matéria de exegese e hermenêutica bíblicas. **Que, porém, se sirva do seu nome de homem de letras, para se arvorar em mestre e doutor, a sentenciar os livros sagrados, é arrogância que macula e obumbra sua ilustração** (MONTE, 1978. p. 72, grifos nossos).

O que se percebe nesse fragmento do artigo publicado por Monte no Diário de Natal é uma tentativa de crítica ao pensamento moderno em vigor nos anos 1920 e aos intelectuais que, vinculados a esse pensamento, se vitimavam diante do poder despótico da Igreja e se arvoravam de conhecer as ciências eclesiásticas. É a partir dessa premissa que Monte critica Medeiros e Albuquerque, percebido por ele como um desses intelectuais.

O interessante nessa citação é que Monte, ao contrário do que fará na década de 1930, quando desqualificará completamente o intelectual, neste primeiro artigo, ressalta as qualidades literárias e a vasta cultura do adversário. Para Monte, Medeiros e Albuquerque comportava-se de forma arrogante, recorrendo à sua fama nas letras para legitimar sua interpretação equivocada dos textos bíblicos. Como se pode constatar, ao reconhecer as qualidades literárias do seu adversário, o religioso desqualifica as pretensões de conhecimento teológico de Medeiros e Albuquerque. De acordo com Monte, Medeiros e Albuquerque havia tratado a narrativa bíblica como uma narração mítica:

Formado de matéria como os demais seres vivos, **o distintivo do homem é o sopro divino, fâsca da divindade, que o constitui o primor da criação a romper, livre e inteligente, por entre as demais criaturas e cantar as glórias do Altíssimo.**

[...] Logo aqui o ilustrado Dr. Medeiros e Albuquerque discorda.

Nos ‘Pontos de vista’, nas páginas 232, escreve: **‘A criação do homem, como está contada na Bíblia, é um tipo de narração mítica: isto é, de narração inventada para explicar um fato natural.** As imperfeições e contradições desse texto são tantas e tão numerosas, que a ninguém podem escapar. Em primeiro lugar, entre o capítulo I e o Capítulo II do Gênesis o desencontro de

idéias é flagrante e só o ajeitamento de imaginosas interpretações o pretende ocultar’.

Em seguida passa a documentar da forma seguinte: **no primeiro capítulo está exposta a criação do homem e da mulher como devida apenas ao poder da palavra divina. No segundo capítulo, Deus figura como um jardineiro que precisou amassar uma figura de argila e nela soprar, para que o homem surgisse.**

Essa pomposa exposição de incoerências, aliás não existentes, constitui um verdadeiro fiasco, consequência fatal da **presunção do ilustre dr. Medeiros e Albuquerque de sentenciar sobre tudo e sobre todos, sobre ciências e fatos, que exigem um estudo mais sério do que as chacotas que ele, neste capítulo, espalha aos quatro ventos** (MONTE, 1978. p. 87-88, grifos nossos).

Do excerto acima depreende-se que Monte procurava reafirmar que a leitura da Bíblia exigia um conhecimento profundo e que nem mesmo um reconhecido homem de letras tinha condições de refutar o que estava escrito nela. É muito provável que Monte soubesse que as suas críticas não chegariam a Medeiros e Albuquerque. Entretanto, suas críticas seriam válidas para outros conhecedores das letras ou de qualquer outra área que também desejasse discutir religião. Desta forma, as posições assumidas por Medeiros e Albuquerque se tornam um pretexto para que Monte enviasse uma mensagem a todos aqueles da cidade de Natal que ousavam ler a Bíblia sob um olhar crítico.

Em texto produzido em 1926, Monte ratificou a ideia, já apresentada em outros momentos, de que a ciência apenas constatava as leis que haviam sido formuladas por Deus e que regiam o funcionamento do universo. Na sua visão, essa tese básica vinha sendo contestada pelos pseudocientistas, que afirmavam que a ciência podia responder a tudo sem necessidade das explicações divinas. Nitidamente, Monte estava reforçando a relação intrínseca entre ciência e religião e refutando posicionamentos que se opunham à participação de Deus na criação das leis universais. Essa ideia está expressa no fragmento a seguir:

Leis descobertas?!

Mas, se a ciência as descobriu, quem foi que as fez e regulou? Donde provêm? Onde sua origem, já que existiram antes do espírito humano pensante e sem ele?

Responda a pseudociência!

E novamente aparece o **Dr. Medeiros e Albuquerque a dogmatizar: ‘A ciência, formula hoje uma hipótese simples, fácil de ser aprendida e que tem a vantagem de dar conta de todos os fatos sem nenhum apelo ao sobrenatural’.**

Não há dúvida! O ilustre Dr. tomou piamente o conselho do sábio Virchow: ‘É preferível engulir [*sic*] qualquer absurdo a confessar a Deus’ e nisso patenteia ser um homem apaixonado e de ideias preconcebidas.

Causa estranheza o nenhum receio do Dr. M. e Albuquerque de se ver arrolado pela crítica séria no número de homens de idéias preconcebidas, e no caso vertente, de idéias antirreligiosas (MONTE, 1978. p. 85, grifos nossos).

Como se pode constatar, Monte manifestou sua estranheza diante do fato de que Medeiros e Albuquerque, apesar de suas qualidades intelectuais, não reconhecia que a origem de tudo estava em Deus. As críticas a Medeiros e Albuquerque seriam retomadas em texto escrito em 1928, no qual Monte critica Medeiros e Albuquerque por estabelecer identidade dos embriões dos homens com embriões de outras espécies:

[...] Haeckel, porém conclui: logo o homem descende do macaco, volta, pois, a afirmar como lei certa o que na premissa enunciava como hipótese. O que o professor de Iena [Haeckel] devia provar na premissa menor era que, em muitos e muitos casos que excluem qualquer dúvida, a ciência provara ser a semelhança dos embriões resultado da descendência de uma estirpe comum, para então logicamente concluir que o homem descende do macaco. Tal prova, porém, é igualmente para inglês ver.

Muito pelo contrário, o que a ciência provou é que os símios no período fetal, apresentam formas semelhantes às do homem, quanto ao crânio e à bacia. O homem, porém, nas fases evolutivas correspondentes, não possui formas semelhantes às do macaco, mas características humanas.

[...]

Para não enfastiar os leitores com longas citações, reproduzo aqui apenas o modo por que Lisberkuhn⁵⁹³ se externa a respeito: ‘O professor Haeckel, assim fala o lente da Universidade de Marburgo, afirma nos seus escritos populares, não se poderem diferenciar os embriões dos homens e animais em fase de pouca data. Senhores! Não me resta dúvida que Haeckel não seja capaz de discriminar aqueles embriões, mas daí de certo não se segue que qualquer outro também seja incapaz de o fazer. Misturem num tacho embriões de toda qualidade, e indicarei aos senhores a origem de cada um’.

Que dizer agora do famoso Medeiros e Albuquerque quando nos seus ‘pontos de vista’ torna a escrever: ‘Em certa fase de crescimento há a mais perfeita identidade entre os embriões de galinha, de homem, de cão e de tartaruga!!! (MONTE, 1978. p. 99).

Na passagem acima, Monte fundamenta sua posição em Lisberkuhn, ironizando um trecho do livro de Medeiros e Albuquerque, no qual o autor posiciona-se favorável às ideias de Haeckel. Para o religioso, assim como aquele que não entendia de ciência, estava desautorizado a falar sobre o que desconhecia, também aquele que não tinha formação em religião não deveria falar sobre ela. Dois dias depois, de defender a ideia de que Medeiros e Albuquerque nada entendia de ciência, Monte retomou o tema, nos seguintes termos:

⁵⁹³ Johann Nathanael Lieberkühn (1711-1756) foi um físico, médico e anatomista alemão. Tornou-se conhecido pelos estudos de fisiologia.

O famoso Medeiros e Albuquerque, **entregue ao louco orgulho de passar, perante a geração presente, por cientista e não apenas literato, arriscouse, não sem perda de seu crédito, a dogmatizar sobre assuntos para os quais lhe faltam absolutamente ou a competência ou a sinceridade tão necessárias aos corifeus do saber.**

Nessa questão da Igreja e da astronomia revelou Medeiros e Albuquerque mais uma vez o baixo calado que o anima, quando se trata de dar estocadas na Igreja Católica, não recuando nem diante de falsificações históricas para satisfazer os seus rancorosos insultos contra a religião.

Com relação à astronomia escreve M. e A. nos seus 'pontos de vista', que para nós não passam de uma verdadeira estopa enciclopédica, o seguinte: 'Assim, até Galileu, o destino dos fundadores da astronomia foi este: Copérnico excomungado [...]'

Mentira flagrante em face da história! Manobra indecorosa daquele 'espírito emancipado', farejando no dogma da infalibilidade do Papa uma imposição humilhante e indigna para um espírito 'esclarecido', qual o dele (MONTE, 1978. p. 59-60, grifos nossos).

Para Monte, a insistência em falar sobre temas que desconhecia retirava de Medeiros e Albuquerque a sua credibilidade de homem erudito. Por extensão, Monte se referia a qualquer natalense que, sem ter os conhecimentos que ele julgava serem necessários, se dispusesse a discutir esses temas.

Em março de 1929, Monte contesta, pela primeira vez, a condição de homem de letras de Medeiros de Albuquerque, como está evidenciado no texto a seguir:

O sr. Medeiros e Albuquerque **está piamente convencido que é o maior polígrafo da nossa geração moderna.** Empavonado com *vento* duma tal cultura polimorfa, e para fazer jus ao *alto conceito* de enciclopedista moderno, o sr. Medeiros **irrué irreverente, às tontas, com um furor, que causaria inveja ao herói de Dulcinéa.**

Faz alarde do seu talento invulgar, prega aos quatro ventos seu ateísmo intransigente, e chega mesmo a insinuar em artigos forfolhudos, que ***morre de vontade para ser o Renan do Novo Mundo.*** Felizmente, porém, há quem afirme à luz meridiana que **o sr. Medeiros possui apenas uma cultura de 'fachada de arranha-céu de avenida'.**

A princípio não estava por isso, hoje somos, obrigados a render-nos à evidência dos fatos. Haja vista um artiguete que o sr. Medeiros publicou n'A Noite, do Rio, a propósito do concurso de beleza. Convencido de ser realmente o nosso Flagelo de Deus, e que todos recuam espavoridos diante da lógica irresistível dos seus argumentos, fez o milagre de ensardinhar nas linhas de um *suelto* o maior número possível de inverdades históricas, sobre o dogma, a hermenêutica, a patrologia cristã. **O pior é que muitos que entendem tanto de religião como o sr. Medeiros, agarrem-se com unhas e dentes aos argumentos do nosso 'polígrafo', como se fossem eles o *ictus gratiocus* nas milenárias instituições cristãs.** Começa o nosso Brutamente afirmando, *ex-cathedra*, que o Papa *deu o braço a torcer*, no caso dos concursos de beleza, citando, em segunda mão, um artigo do 'Osservatore Romano'.

Perdão, seu Medeiros, o sr. leu apenas um resumo *ad hoc*, num jornal americano protestante que puxou a brasa para a sua sardinha.

Nós conhecemos o artigo na íntegra e a história é bem outra. Nele S. Santidade invectiva com todo ‘antigo ardor combatente’ a imoralidade das feiras de beleza – porque é um atentado contra o pudor da mulher cristã, fulminando-as com a autoridade, que todos lhe reconhecem.

O sr. Medeiros, desta vez não foi feliz; estava mal-informado: ouviu cantar o galo mas não sabia onde.

Passemos adiante.

O nosso famigerado Medeiros afirma ainda que as ‘profecias anunciavam que Jesus e Maria deviam ser muito feios’. Vamos devagar... Estamos que o nosso polígrafo nunca leu uma profecia (MONTE, 1982. p. 73-75, grifos nossos).

Se, de 1925 a 1929, Monte ressaltou a qualidade literária de Medeiros e Albuquerque, a partir de 1929, o estilo tornou-se mais agressivo, a ponto de afirmar categoricamente que o autor, apesar de sua vaidade, possuía uma cultura superficial e poucas bases intelectuais para sustentá-la, apresentando ínfimo conhecimento sobre as letras, sobre a religião e sobre a ciência. Ao que tudo indica, a partir de 1929, Monte deixou de reconhecer qualquer característica positiva naqueles que formulassem críticas à Igreja. Se, como suponho, Medeiros e Albuquerque não tomava conhecimento das críticas de Monte e, portanto, não se defendia, o alvo de Monte permanecia sendo os natalenses que, a partir desse ano, passaram a receber uma nova mensagem do sacerdote: quem criticasse a religião católica não merecia respeito em nenhum campo do saber.

Enfim, Medeiros e Albuquerque, que, anteriormente, era reconhecido por Monte como um homem de letras, perdeu esse status à medida que Monte foi acentuando sua crítica aos que apresentavam discordâncias em relação ao catolicismo. Entretanto, é importante observar que Monte desqualifica a obra literária de Medeiros e Albuquerque sem apresentar nenhuma crítica concreta aos escritos do autor. A impressão que se tem é que Monte não leu com vagar a obra de Medeiros e Albuquerque, já que não discute a fundo o seu conteúdo. Se a acusação feita por Monte a Medeiros e Albuquerque era a de que ele não lia com profundidade os textos ou que lia apenas o “resumo *ad hoc*”, a mesma crítica pode ser feita ao próprio Monte, pois em seus artigos também não há uma discussão aprofundada sobre a obra de Medeiros e Albuquerque.

Pouco mais de um ano depois de ter iniciado a desqualificação de Medeiros e Albuquerque, Monte voltou a desferir seus golpes contra o autor, em razão de sua posição favorável aos concursos de beleza. Enquanto Monte justificou que a Igreja era contra esses concursos, Medeiros e Albuquerque ironizou essa posição. O pensamento de Monte sobre esta questão fica evidenciado no trecho abaixo:

O Sr. Medeiros e Albuquerque sempre se revela o mesmo homem eivado de um ateísmo pernóstico.

Agora ele vem pelas colunas 'd'A Noite' com um aranzel de **asneiras querendo ridicularizar o Papa e a Igreja, com o intuito naturalmente de fazer humorismo barato com o deboche da religião dos brasileiros, referindo-se aos concursos de beleza.**

A Igreja combate os concursos de beleza porque prega a pureza, a santidade, a virtude. Ela não quer para a mulher um trono alicerçado em futilidade e na sensualidade deprimente dos homens animalizados, mas um trono de pudor, de dignidade.

Que benefícios trazem à mulher os concursos de beleza? Ser 'miss' quer dizer habilitada a triunfar pela inteligência e pelo (ilegível) (sic) ser esposa dedicada, mãe exemplar, educação perfeita? As provas tem sido contrárias.

Quantas vítimas das vaidades, das ilusões, que arrasam saúde e fortuna para fazer jus ao incenso (ilegível) turbulários, inocentes ou perversos!

A Igreja está no seu lugar de honra, combatendo a degeneração dos costumes, pregando as belezas da virtude, mostrando às suas filhas qual o ideal da mulher cristã pela voz autoritária e secular do Sumo Pontífice e pastores das almas.

Até **sobre Jesus e Maria faz referências desrespeitosas o Sr. Medeiros e Albuquerque**, na sua crassa ignorância, em matéria de religião.

Se tivesse ele folheado as Escrituras haveria de ler **textos sagrados que proclamam a beleza do Mestre e da Virgem**. Mesmo se conhecesse a história dos primeiros tempos da Igreja, Dionysio Areopapagita teria adorado a beleza do rosto de Nossa Senhora se quando a viu, ainda fosse um pagão.

Não são todos os homens que vêm nas heroínas do cristianismo umas santinhas de caras bonitas, causando sucesso, como a virgem de Lisieux. São **somente os medeiros e albuquerque, refocilados na lama das paixões, incapazes de compreender a beleza de uma alma.**

Vem ainda o Medeiros falar da saída do Padre do Vaticano, acontecimento memorável que se registrou na história do mundo.

Reclama ele que o Papa não apareceu como Jesus Cristo quando entrou em Jerusalém. **O Papa não saiu montado em um jumento porque o sr. Medeiros e Albuquerque não estava em Roma naquele dia...** (MONTE, 1982. p. 72, grifos nossos).

Mais uma vez, Medeiros e Albuquerque é apresentado por Monte como alguém que não conhecia as Sagradas Escrituras e escrevia sobre temas que não dominava. O tom agressivo fica evidenciado na última frase do excerto que extraímos do artigo, na qual Medeiros e Albuquerque é equiparado a um jumento. Reiteramos que Monte não apresenta quaisquer elementos que justifiquem a imagem desqualificadora que faz do autor ou de suas produções ou, então, quaisquer razões para manifestar-se desta forma tão depreciativa.

Este foi o último artigo de Monte sobre Medeiros e Albuquerque, já que, em 1934, Medeiros e Albuquerque faleceu e não existiam razões para que Monte continuasse a apresentar suas críticas unilaterais ao autor. Mas esse silêncio seria rompido, de maneira tangencial, em um artigo escrito em 1941. Nele, Monte afirma que o acadêmico havia proclamado que o protestantismo deveria ser combatido por estimular a desunião no Brasil. Diferentemente dos artigos anteriores, neste não há qualquer manifestação depreciativa em relação ao ateu Medeiros e Albuquerque. Vejamos o que diz Monte sobre o autor:

E a unidade religiosa do Brasil não vem do protestantismo. Este é, pelo contrário, fator de desunião. Quem o diz não é um padre. É um cidadão que viveu e morreu descrente, Medeiros e Albuquerque. Afirmou esse jornalista e polígrafo que ‘a propaganda protestante, no Brasil, quando fosse leal, quando só visasse o lado religioso ainda assim deveria ser combatida por todos os brasileiros: Ela é um fermento de desunião’.

Vem, sim, a unidade religiosa brasileira, do prestígio que se der à Igreja Católica, ela liberdade que se lhe conceder, reconhecendo o seu valor insubstituível.

Aliás, não é outro o sentir do exmo. sr. Presidente da República, Getúlio Vargas, sobre o valor do catolicismo em nossa terra. Pois o ano atrasado no memorável banquete do Itamarati dizia sua Excia.: ‘No Brasil-Colônia, no Brasil-Império, no Brasil-República, o lugar da Igreja Católica está marcado com destaque, como fator preponderante na formação espiritual das raças e as suas doutrinas e ensinamentos constituem as bases da organização da família e da sociedade’ (MONTE, 2001. p. 234).

Como se pode constatar, Monte apresenta o autor como alguém com capacidade de perceber os malefícios que o protestantismo podia trazer para o Brasil, razão pela qual merecia seu respeito, por haver uma identificação de interesses, isto é, a “unidade religiosa brasileira”.

Se, inicialmente, Monte criticou as interpretações do autor sobre assuntos de religião e ciência, reconhecendo seu valor como escritor, na continuidade, Monte o desqualificou, imputando a ele, inclusive, pouca inteligência, para, finalmente, evocá-lo de maneira a reforçar um argumento de que todos, inclusive os ateus, defendiam o combate ao protestantismo. Ao que tudo indica, as críticas feitas contra Medeiros e Albuquerque estiveram diretamente relacionadas com as circunstâncias históricas vivenciadas em Natal. Assim, ao invés de escrever diretamente aos natalenses, Monte debateu com um autor que jamais rebateria suas críticas ou provocações.

No próximo tópico, me deterei nas polêmicas travadas com personagens residentes em Natal e que se contrapunham às ideias defendidas pelo religioso.

4.2 Monte: o polemista disputa com seus adversários

Monte escreveu textos contra indivíduos que ele considerava adversários da Igreja em Natal, travando com eles debates sobre diferentes temas. Nas minhas investigações, percebi que entre quatro de outubro de 1931 e dezoito de agosto de 1943, Monte se envolveu em quatro polêmicas, cada uma delas com alguém que defendia posicionamentos contrários às ideias da Igreja. Dentre eles, estão o pastor presbiteriano José Bezerra Duarte (1896-1971), o médico

Esmeraldo Homem Siqueira⁵⁹⁴ (1908-1987), o estadunidense e membro da Igreja Batista Carleton Matthews (1905-1966), conhecido, no Brasil, como Carlos Mateus, e o tenente do Exército brasileiro e veterinário Manoel Lourenço Branco (1910-1962).

Apesar dessas polêmicas terem sido publicadas ao longo de doze anos, elas foram bastante pontuais, sendo que houve sempre um interlocutor específico, durante um curto período, e que não encontrei qualquer registro de dois interlocutores ou duas temáticas concomitantes. Para facilitar a visualização das polêmicas, elaborei o Quadro 8:

Quadro 8 - Períodos das polêmicas de Padre Monte com os seus “adversários”

Adversário de Padre Monte nas polêmicas	Período dos debates	Artigos encontrados
Pastor presbiteriano José Bezerra Duarte	1931 ⁵⁹⁵	7 artigos escritos por Padre Monte. Os artigos do Pastor Duarte eram publicados em boletins distribuídos nos cultos da Igreja Presbiteriana. Como os cultos eram abertos, outras pessoas da cidade podiam ter acesso a eles. ⁵⁹⁶
Médico Esmeraldo Siqueira	De 9 de agosto de 1936 a 6 de março de 1937 (7 meses)	14 artigos escritos por Esmeraldo Siqueira e 24 escritos por Padre Monte.
Pastor Batista Carlos Mateus	De 7 de janeiro a 2 de abril de 1941. (três meses)	6 artigos escritos por Padre Monte. Os artigos do Pastor Carlos Mateus eram publicados em boletins distribuídos na cidade. ⁵⁹⁷
Veterinário, tenente do Exército Lourenço Branco.	De 25 de julho a 18 de agosto de 1943. (um mês)	6 artigos escritos por Lourenço Branco e 8 escritos por Padre Monte.

Fonte: Dados obtidos pela autora a partir de diversos jornais e das *Antologias do Padre Monte* (ver apêndice H).

Observando o Quadro 8 é possível perceber que se passaram seis anos, após a ocorrência da primeira polêmica, para que Monte entrasse na segunda polêmica; quatro anos da segunda para a terceira polêmica e quase dois anos da terceira para a quarta polêmica. Essa constatação me permite inferir que ele participava de polêmicas apenas circunstancialmente. A partir desse dado, pode-se questionar o que fez com que Monte se envolvesse em debates nesses anos específicos e com determinados personagens. De forma idêntica é possível indagar a razão

⁵⁹⁴ O médico Esmeraldo Homem Siqueira (1908-1987) formou-se em medicina na Faculdade de Recife em 1933. Foi professor do Atheneu e da UFRN, tendo atuado como médico na região do Seridó.

⁵⁹⁵ Os dados foram obtidos a partir da *Antologia do Padre Monte*, vol 9. Nessa compilação, está indicado apenas o ano de publicação das polêmicas e o local de publicação (jornal *Diário de Natal*).

⁵⁹⁶ Não foi possível consultar esses boletins. Segundo informação obtida junto ao reverendo Ítalo Reis Dantas, da Igreja Presbiteriana de Natal, essa igreja possui, desde a sua fundação, um arquivo. Contudo, parte do acervo foi perdido em um incêndio ocorrido na década de 2010.

⁵⁹⁷ Não foi possível consultar os boletins da Igreja Batista, uma vez que nessa instituição não há um acervo organizado.

para Monte não ter adotado a prática das polêmicas durante longos períodos, uma vez que a Igreja continuou a ter inimigos que, na visão dele, precisavam ser combatidos. Se Monte rebatia os textos que eram considerados por ele ofensivos à Igreja e se ela combateu os inimigos continuamente nos anos 1930, por que Monte não se utilizou continuamente das polêmicas?

Aparentemente, Monte só realizou polêmicas com personagens que, na sua percepção, tinham visibilidade na sociedade natalense. Nesse caso, ele não polemizou com todos que se opunham à Igreja, mas sim, especialmente, com aqueles que apresentavam essa característica e se destacavam na sociedade. Diante disso, pode-se inferir que Monte não recorreu sistematicamente às polêmicas por não ter encontrado, em Natal, adversários com os quais pudesse travar debates sobre ideias capazes de influenciar o público leitor dos periódicos.

Cabe ressaltar que os textos das polêmicas que trato na continuidade diferem dos discursos agressivos escritos por Monte contra Medeiros e Albuquerque e se caracterizam por haver um debatedor explícito e que responde às críticas de Monte. Feita esta primeira observação, passarei a discutir, de forma individualizada, cada uma das polêmicas travadas pelo religioso com seus adversários.

4.2.1 As polêmicas de Monte com o pastor presbiteriano José Bezerra Duarte

A primeira polêmica na qual me deterei será a que Monte travou com o pastor evangélico José Bezerra Duarte, que atuou na Igreja Presbiteriana Central de Natal no período compreendido entre 1930 e 1933.⁵⁹⁸ Essa foi a primeira Igreja Evangélica de Natal e ainda hoje está situada no Largo da Junqueira Aires, 533, atrás da Prefeitura Municipal.

As polêmicas de Monte com o pastor Duarte transcorreram no ano de 1931 e aconteceram da seguinte forma: Duarte escrevia textos em um Boletim e Monte o interpelava por meio do *Diário de Natal*, criticando o conteúdo do texto e as qualidades do autor. Ao que tudo indica, algumas vezes Montes escrevia mais de um artigo sobre cada texto de Duarte, uma vez que há mais de um artigo de Monte se referindo ao mesmo tema. Consultando as edições posteriores do Boletim, foi possível identificar que os textos publicados nele eram, geralmente, curtos,⁵⁹⁹ sendo possível inferir que os textos de Duarte no Boletim também fossem curtos.

⁵⁹⁸ A informação sobre o período em que José Duarte atuou na Igreja Presbiteriana de Natal foi obtida no arquivo da própria Igreja. Para ter acesso a esse arquivo eu contei com a colaboração decisiva de um membro da Igreja: Isabel Barreto de Andrade Costa.

⁵⁹⁹ Os Boletins são documentos internos, que possuem textos informativos e bíblicos. Às vezes, os pastores, como era o caso do pastor Duarte, escreviam artigos curtos sobre temas religiosos. Neles, também está a programação de cultos das igrejas. Na Igreja Presbiteriana Central de Natal, ainda hoje, os Boletins são distribuídos nos cultos dominicais aos membros e visitantes.

A existência desses Boletins é atestada em referências que encontrei na documentação da Igreja Presbiteriana. Entretanto, não consegui encontrar os Boletins nos quais Duarte escreveu seus textos. Além disso, não consegui identificar as datas exatas dos textos que Padre Monte escreveu em resposta a Duarte, uma vez que esses artigos foram publicados no jornal católico *Diário de Natal* e boa parte desse periódico não está em condições de ser consultada, em virtude de seu estado precário de conservação.

Além de consultar o volume 9 da *Antologia do Padre Monte*, no qual estão reproduzidos todos os artigos que Monte escreveu contra Duarte, procurei entender o momento vivido pela Igreja Presbiteriana e a história de vida de Duarte para, a partir desses elementos, estabelecer relações entre a atuação do pastor e as acusações feitas por Padre Monte.

Ao que tudo indica, Duarte conseguiu destacar-se na sociedade natalense, chamando a atenção de Monte. Esta deve ter sido a razão para que Monte o considerasse alguém digno de ser combatido, não apenas por suas características pessoais, mas pela repercussão que a própria Igreja Presbiteriana conseguiu na cidade. Ao desqualificar o pastor, Monte se propunha a desqualificar, também, a Igreja Presbiteriana, sem, aparentemente, ter se dado conta de que conferia maior visibilidade a seu opositor.

Para melhor compreendermos as motivações para os debates, considero importante reconstituir, ainda que brevemente, a história da Igreja Presbiteriana no estado do Rio Grande do Norte, com destaque para a década de 1930, quando Monte deu início às polêmicas com Duarte.

Segundo Wicliffe Costa, o protestantismo chegou ao Rio Grande do Norte no final do século XIX por intermédio dos presbiterianos. Para esse autor, até as três primeiras décadas do século XX, o movimento protestante no estado se circunscreveu à Igreja presbiteriana, que foi o primeiro grupo protestante a penetrar no estado e a se instalar definitivamente como Igreja (COSTA, 1988, p. 10). A chegada do protestantismo no estado foi favorecida pela organização da Igreja Presbiteriana no Rio de Janeiro, então capital do Império.

A organização dos presbiterianos no Rio de Janeiro foi favorecida pela conjuntura vivenciada no século XIX, marcada, por um lado, pelas disputas internas entre o Estado e a Igreja Católica e pelas disputas no interior do próprio catolicismo e, por outro, pelo contexto internacional, no qual ocorria o crescimento do missionarismo protestante (COSTA, 1988, p. 19-22). Na interpretação de Costa (1988, p. 19),

Internamente, a reclamação de uma porção do clero por um maior grau de autonomia para a igreja nacional, o desprestígio do clero, o esvaziamento da Igreja como instituição, a proliferação das devoções populares e o nascente interesse pela leitura da Bíblia prepararam certos ambientes para aceitarem

com avidez uma pregação evangélica, simples e direta, viesse ela donde viesse.⁶⁰⁰

A fragilidade interna da Igreja Católica abria, portanto, possibilidades para que outras religiões se instalassem no país. Paralelamente a essa situação,

A consolidação e o crescimento do capitalismo, especialmente nos Estados Unidos da América, onde a Guerra Civil (1861 - 1865) afirmou a hegemonia de uma burguesia industrial e comercial, de cunho expansionista, proporcionava condições para a exportação das doutrinas protestantes para a América Latina. Naquele país, desde meados do século XIX, a religião serviu como instrumento ideológico para justificar a expansão econômica no estrangeiro, cujo interesse se manifestara crescentemente entre os capitalistas a partir de 1840 (COSTA, 1988. p. 24).

A partir dessa lógica, Costa considera que a política de propagar o protestantismo e os ideais de progresso defendidos pelos Estados Unidos para a América Latina favoreceram a vinda de norte-americanos ao Brasil ainda no século XIX. Nessa perspectiva, especificamente em relação à religião, alguns pastores evangélicos se instalaram no Brasil ao longo da primeira metade do século XIX, ainda que essa migração tenha ocorrido com maior intensidade na segunda metade desse século.

Entre 1859 e 1889, foram enviados para o Brasil 45 missionários, que iniciaram, efetivamente, um processo de evangelização (COSTA, 1988. p. 28). No Rio Grande do Norte, especificamente, antes da chegada de missionários estrangeiros, já existia um trabalho de divulgação da Bíblia, realizado por colportores.⁶⁰¹ Já em 1879, dois colportores, Francisco Filadelfo de Sousa Pontes e João Mendes Pereira Guerra, foram enviados ao Rio Grande do Norte por ordem do missionário norte-americano John Rockwell Smith, então pastor da Igreja Presbiteriana no Recife. A partir da atividade dos colportores, algumas pessoas se converteram ao protestantismo no Rio Grande do Norte.

⁶⁰⁰ Costa deixa evidente alguns problemas internos da Igreja no Brasil no século XIX: a insuficiência numérica do clero para atender a população; a fragilidade moral e intelectual dos sacerdotes; as pretensões de uma Reforma no seio da Igreja no país, que dividia internamente a instituição (COSTA, 1988. p. 18-20). No tocante às discussões sobre a Reforma, especificamente, a hierarquia católica se dividia em dois grupos: o primeiro grupo era formado pelos clérigos liberais, que se dedicavam mais à literatura profana, do que às leituras sagradas e aceitavam a supremacia do poder civil sobre o poder religioso. Esse grupo defendia uma reforma organizada para que o clero não fosse celibatário e que, desta forma, existissem poucas diferenças entre o clero e os leigos. O segundo grupo era composto pelo clero ultramontano, que advogava em favor da supremacia do poder espiritual sobre o poder temporal. Esse pensamento ultramontano que ganhou força durante o pontificado de Pio IX, que durou de 1846 a 1878 (COSTA, 1988. p. 20-22).

⁶⁰¹ Os colportores, em geral, eram pessoas que vendiam bíblias e literatura religiosa. Na maioria das vezes, eram leigos que recebiam uma pequena formação de teologia bíblica para auxiliar na venda e distribuição dos produtos que vendiam. Em razão da atividade que desenvolviam, faziam leituras públicas da Bíblia e explicavam trechos das Sagradas Escrituras nas residências ou em outros locais onde lhes era permitido realizar essa atividade.

Na década de 1880, vários missionários presbiterianos visitaram Mossoró e Natal. Em 1895, o então inspetor de Instrução Pública cedeu uma escola pública para a celebração dos cultos evangélicos. Em 7 de abril de 1895, foi organizada a Congregação Presbiteriana, com sede na residência do coronel Joaquim Soares Raposo da Câmara. A congregação, então, passou a contar com vários membros convertidos, que resolveram alugar um prédio, que, posteriormente, foi ocupado pela Prefeitura Municipal de Natal e que, ainda hoje, é a sede do poder Executivo do município. Posteriormente, esses convertidos receberam, em doação, o terreno localizado ao lado da Prefeitura, pertencente ao canadense Alexander O'Grady.⁶⁰²

Ainda em 1895, a “Congregação Presbiteriana” de Natal solicitou a designação do reverendo William Calvin Porter como pastor residente, o que foi consentido. Esse reverendo nasceu no estado do Alabama, nos Estados Unidos, e, após a Guerra Civil Americana, veio para o Brasil, estudando em estabelecimentos de ensino presbiterianos e transferindo-se, depois, para Pernambuco, onde passou a atuar como missionário (COSTA, 1988. p. 42).

Em 1896, já sob a condução de William Porter, foi organizada formalmente a Igreja Presbiteriana de Natal. A sessão solene ocorreu a 3 de fevereiro desse ano e foi presidida pelo missionário americano George Eduardo Henderlite. Foi o próprio Porter quem coordenou os trabalhos para a construção da igreja no terreno doado por Alexandre O'Grady. Esse prédio foi inaugurado em 3 de setembro de 1898.

A Igreja Presbiteriana de Natal cresceu significativamente, ainda que permanecesse vinculada ao presbitério de Pernambuco. Em 1889, já possuía 83 membros e 72 crianças, sendo, nessa ocasião, maior do que as igrejas presbiterianas de Fortaleza e de São Luís. Entre os membros da Igreja, existiam militares, funcionários públicos da administração estadual e federal, advogados, professores, comerciantes, artesãos e proprietários de terra (COSTA, 1988. p. 48).

A política da Igreja Católica, sobretudo a partir da gestão do papa Pio IX, que reforçava o prestígio papal e distanciava o clero dos leigos, favoreceu o crescimento do movimento presbiteriano, especialmente em Natal. Esse novo quadro possibilitou que, no início do século XX, fosse apresentado à cidade um novo estilo de vida religioso, marcado pelo fim do monopólio religioso católico romano e pela emergência de novos valores e práticas, como a guarda do “Dia do Senhor”, aos domingos, que era negligenciada pelos católicos, A ida a Igreja,

⁶⁰² Importante lembrar que, como já mostrei neste trabalho, Alexandre O'Grady de Paiva participou da fundação do Rotary Club em Natal. Não consegui identificar relação entre o protestantismo e o Rotary Club em Natal, mas como Monte os considerava inimigos da Igreja Católica, julguei conveniente explicitar que um mesmo homem fundou o Rotary na cidade e doou o terreno para a construção da primeira Igreja protestante.

regularmente aos domingos, garantiria, na percepção dos presbiterianos, o progresso moral e a tranquilidade da população (COSTA, 1988. p. 66-67).

Nas primeiras décadas do século XX, a Igreja Presbiteriana natalense se dividiu. Segundo Francisco Leandro Duarte Pinheiro,⁶⁰³ presbítero em atividade da Primeira Igreja Presbiteriana Independente, a cisão da Primeira Igreja Presbiteriana em Natal ocorreu em 1911, devido à presença e ao poder dos maçons nessa Igreja. A bandeira antimaçônica era a principal pauta dos dissidentes natalenses, o que também os unia ao movimento Presbiteriano Independente nacional. Além disso, nacionalmente, esse movimento se constituiu a partir de uma posição contra a ingerência dos missionários norte-americanos. Ainda segundo Pinheiro, os conflitos em Natal começaram em 1910 e atingiram seu auge em 1911, quando um presbítero ligado à maçonaria foi acusado de cometer um crime de defloramento. Parte da Igreja resolveu disciplinar o acusado, mas os maçons do conselho da Igreja burlaram a decisão, demonstrando que os laços maçônicos eram mais fortes do que os laços religiosos.

Nessa conjuntura, os presbiterianos dissidentes enviaram uma carta à Comissão Nacional de missões da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, que, desde 1903, eram liderados nacionalmente pelo abolicionista Eduardo Carlos Pereira. Nessa carta, os dissidentes pediam a filiação à Igreja e a indicação de um pastor para fundar a Igreja em Natal. Cabe ressaltar que a Igreja Presbiteriana de Natal defendia a ideia que os pastores deveriam manter uma relação direta com os Estados Unidos. Enquanto isso, os dissidentes defendiam que a liderança dos trabalhos na Igreja deveria ser brasileira, e não dos missionários norte-americanos.

A cisão ocorreu definitivamente em 1911, quando os dissidentes passaram a se reunir em um prédio provisório. Em 1913, foi construído o primeiro templo da Igreja Presbiteriana Independente de Natal que, desde então, funciona na Rua João Pessoa, nº 259, na Cidade Alta. Reformado em 1928, ele mantém a estrutura base até os dias de hoje. Paralelamente, a Igreja Presbiteriana de Natal permaneceu no prédio construído em 1898, no largo da Avenida Junqueira Aires, nº 533, Cidade Alta, como anteriormente mencionado. Apesar da cisão, as duas Igrejas Presbiterianas continuaram conquistando novos adeptos, ainda que a Igreja Presbiteriana de Natal tenha conseguido maior destaque. Provavelmente, foi essa situação que fez com que Monte procurasse atacar esta Igreja e seus fiéis.

Ao lermos os textos destas polêmicas, identifiquei apenas que o adversário de Monte era um pastor chamado Duarte, mas eu nada sabia sobre ele. Isso significa que eu desconhecia o teor das críticas que Monte fez a Duarte e o que justificava o ataque de Monte a ele. Jurandyr

⁶⁰³ Em entrevista concedida à autora no dia 5 de janeiro de 2020. O presbítero Francisco Leandro Pinheiro disponibilizou o meu acesso aos livros de ata da instituição.

Navarro, profundo conhecedor dos textos de Monte, afirmou que sabia apenas que Duarte era um pastor conhecido na cidade na época de Monte. Para tentar descobrir quem era esse pastor, procurei, inicialmente, as referências que Monte fazia a Duarte. Para sistematizar os textos em que Monte criticava Duarte, elaborei o Quadro 9, feito com base nos textos que se encontram no volume 9 da *Antologia*, e que aponta para as expressões ou adjetivos empregados por Monte nas críticas que fez ao pastor Duarte.

Quadro 9 - Referências ao Pastor Duarte na obra de Monte.

Localização ⁶⁰⁴	Vocativo ou adjetivo usado por Monte
p. 203	Pastor Protestante Duarte , que distribuía boletins atacando a Igreja Católica.
	Belicoso Duarte
	Caro Duarte
p. 204	A ideia fixa do Bonançoso pastor da Igreja Presbiteriana é o “livre exame”.
	Meu dulçuroso Duarte.
	Ingênuo Duarte
	Poeta Duarte
p. 205	Meu melífluo Duarte
	Meu inefável Duarte
p. 206	Mestre Duarte
	Meu melífluo pastor
p. 208	Meu belicoso pastor
p. 210	Belicoso poeta
p. 212	Incomensurável Duarte
p. 215	Meu sensibilíssimo Duarte
	Sapientíssimo Duarte
	Meu forfolhudo Duarte
p. 220	Senhor Duarte
p. 480	o Pastor Evangélico Duarte

Fonte: Dados compilados pela autora a partir da *Antologia* do Padre Monte, vol. 9.

A partir desse quadro, eu pude fazer duas constatações. A primeira era que Duarte pertencia à Igreja Presbiteriana de Natal. A segunda era que todas as vezes em que Monte se dirigiu a Duarte, usava um vocativo ou adjetivo de forma irônica. A primeira constatação me fez procurar informações sobre as duas Igrejas Presbiterianas existentes em Natal na década de 1930, com o intuito de identificar algum Pastor Duarte em alguma dessas instituições. Lendo as atas da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de Natal, descobri que nunca existiu um Pastor Duarte nessa Igreja. Descobri, no entanto, que durante os anos de 1930, existiu, na Primeira Igreja Presbiteriana de Natal, um pastor chamado José Bezerra Duarte. Foi assim que descobri o seu nome completo.

Meu primeiro acesso à Primeira Igreja Presbiteriana de Natal ocorreu por intermédio de Isabel Barreto de Andrade Costa, que me pôs em contato com o atual reverendo da Igreja,

⁶⁰⁴ Optei por indicar apenas a localização da primeira vez em que o vocativo aparece no corpo dos artigos.

Ítalo Reis Dantas,⁶⁰⁵ o primeiro norte-rio-grandense a ser reverendo da instituição. O reverendo Ítalo Dantas explicou que não poderia permitir o meu livre acesso aos livros de ata e a outros documentos da Igreja, uma vez que isso exigiria o aval do Conselho da Igreja. Entretanto, ele se prontificou a procurar as informações e me transmitir. Foi a partir do reverendo Ítalo Dantas que tive acesso a fotografias, feitas por ele, do *6º Livro de Actas do Consistório*⁶⁰⁶ da Igreja Presbiteriana de Natal, aberto no começo do ano de 1925, que contém as atas de 11 de junho de 1925 a 16 de dezembro de 1934, como pode-se ver na imagem abaixo.

Figura 7 - 6º Livro de ATAS de 11 de junho de 1925 a 16 de dezembro de 1934.



Fonte: Fotografia da Capa do livro de atas da Igreja Presbiteriana de Natal, feita pelo reverendo Ítalo Dantas(cedida para tese)

No *6º Livro de Actas*, pude constatar que o reverendo José Bezerra Duarte atuou como pastor da Igreja Presbiteriana de Natal entre 1930 e 1933. À página 40 desse livro, consta a informação de que o pastor Duarte, advindo do Presbitério de Pernambuco, foi recebido como pastor da Igreja Presbiteriana de Natal numa Assembleia ocorrida às 19 horas do dia 13 de

⁶⁰⁵ Minha conversa com o reverendo Ítalo Reis Dantas ocorreu no dia 22 de janeiro de 2020.

⁶⁰⁶ O Consistório consiste em um grupo composto por anciãos (no mínimo 3) e um pastor da Igreja Presbiteriana local. É o primeiro órgão de governo da Igreja Presbiteriana e tem autoridade sobre ela e sobre o seu campo ministerial. Assim, o Consistório tem autoridade sobre as congregações, as missões, as instituições e os serviços.

janeiro de 1930. Ainda no *6º Livro de Actas*, encontrei a informação de que José Bezerra Duarte foi ordenado em 16 de janeiro de 1927, o que nos leva a concluir que Duarte deveria ser muito jovem ao assumir a Igreja em Natal, uma vez que possuía apenas aproximadamente três anos de experiência pastoral.

Provavelmente, a chegada do pastor presbiteriano José Bezerra Duarte na Primeira Igreja Presbiteriana de Natal, em 1930, atraiu a atenção de Monte. A leitura das atas do período indica que o Pastor Duarte, desde o seu primeiro ano de gestão, realizou algumas ações para difundir o Evangelho no estado do Rio Grande do Norte. Nesse sentido, organizou grupos, visitou cidades e converteu pessoas. À página 41 do mesmo livro, está registrada uma reunião realizada no dia 29 de agosto, coordenada pelo reverendo José Bezerra Duarte, na qual foi discutida a reorganização da Escola Dominical e do trabalho da Sociedade Auxiliadora das Senhoras. No mesmo dia, o pastor comunicou que visitaria uma congregação em Caicó atendendo a um pedido dos irmãos daquela cidade que estavam formando uma igreja, razão pela qual ficaria ausente de Natal por aproximadamente 15 dias. O pastor comunicou ainda que a viagem fazia parte de um projeto que objetivava interiorizar a Igreja Presbiteriana no Rio Grande do Norte. Observando-se essas informações, é possível inferir que Duarte chamou a atenção de Monte por suas ações em prol da ampliação do número de evangélicos.

Além disso, no *6º Livro de Actas* encontramos evidência de que o prestígio desfrutado por Duarte entre os evangélicos não se resumia a Natal, uma vez que ele era membro da Comissão Executiva do presbitério de Pernambuco, conforme está relatado na ata do dia 7 de janeiro de 1931. Nessa reunião, presidida pelo próprio reverendo José Bezerra Duarte, ele informou que viajaria para Pernambuco a fim de participar de uma reunião da Comissão Executiva daquele presbitério. Segundo o reverendo Ítalo Dantas, isso significa que Pastor Duarte tinha uma função de gestão no presbitério de Pernambuco, uma vez que só participavam da Comissão Executiva quatro membros: Presidente, Vice-Presidente, Secretário Executivo e Tesoureiro. Nesses termos, pode-se afirmar que Duarte tinha uma posição de destaque na gestão do presbitério de Pernambuco e, portanto, sua influência não se limitava apenas ao Rio Grande do Norte.

Na página 45 do *6º livro de Actas*, está registrada a ata da reunião do dia 11 de agosto de 1931, iniciada às 5 horas da tarde. Nessa reunião, Duarte comunicou que havia viajado para Assú com o intuito de continuar o trabalho de evangelização da Igreja Presbiteriana, e que a viagem foi ricamente abençoada. Informou ainda que, após as suas pregações, vinte pessoas daquela cidade haviam se convertido. A reunião realizada em 4 de novembro de 1931 foi registrada na página 46 do mesmo livro, e, nela, o Pastor Duarte comunicou que viajaria para

Caicó e Assú e que, em razão dessas viagens, estaria ausente da Igreja Presbiteriana de Natal, no período de 12 a 20 de novembro. Informou, ainda, que, nessas duas cidades, vinha sendo muito bem recebido, tanto pelos irmãos presbiterianos quanto pelos outros moradores, que o acolhem entusiasticamente e demonstram muito interesse pelo anúncio do Evangelho.

A ata da reunião do dia 8 de março de 1932 pode ser encontrada na página 48, e a partir de sua leitura somos informados de que o Pastor Duarte tratou da realização de uma festa para arrecadar fundos para os flagelados da seca que afetava o Nordeste naquele ano, sendo discutidos os detalhes da organização de uma quermesse, que teria, entre outras atrações, a apresentação de uma banda de música. Na mesma página, há o registro de uma reunião realizada no dia 26 de maio de 1932, durante a qual o Pastor Duarte narrou a ocorrência de um incidente desagradável. Segundo ele, uma senhora descrente, sem nenhuma relação com a Igreja Presbiteriana, o acusou de haver se portado levemente com ela, sendo que a referida senhora se recusou obstinadamente a aceitar suas explicações. Os presentes, após ouvirem o relato, reconheceram que Duarte havia se portado de forma adequada, mas, apesar do apoio recebido, Duarte resolveu ausentar-se temporariamente de Natal, cidade na qual, segundo ele, o Evangelho contava com inimigos rancorosos que poderiam explorar o incidente. Os presentes decidiram levar o caso ao conhecimento da Comissão Executiva do Presbitério de Pernambuco e conceder a licença ao Pastor para que ele pudesse tratar dessas questões.

Nesta mesma página, encontramos o relato da reunião de 8 de julho de 1932, na qual Duarte descreveu uma viagem que realizou pelo interior do estado, no período de 11 de junho a 6 de julho, e a inauguração, em 11 de junho, de um novo templo da Igreja Presbiteriana em Caicó. Informou, ainda, que esse templo foi construído pela Prefeitura, que havia desapropriado o prédio anterior, e que pregou duas vezes às margens do açude Itans, duas vezes em São Miguel do Jucurutu, cinco vezes em Betel e uma vez em Curral Velho, todos distritos do município de Caicó, sendo que, ao longo desta viagem, vinte e três pessoas se converteram ao Evangelho.

À página 50, está registrada a Ata da reunião do dia 8 de janeiro de 1933, a última reunião presidida pelo Reverendo Duarte na Igreja Presbiteriana de Natal.

A primeira polêmica apresentada por Navarro se refere aos debates entre o pastor presbiteriano José Bezerra Duarte e Padre Monte. Segundo Navarro, no ano de 1931, Duarte passou a distribuir Boletins atacando a Igreja Católica, o que gerou a reação de Monte. Na investigação realizada, não foram encontrados os Boletins escritos por Duarte, apenas as respostas de Monte. No quadro a seguir, estão mapeadas todas as respostas de Monte a Duarte.

Quadro 10 - Polêmicas de Monte com o pastor Duarte.⁶⁰⁷

Nº	Polêmicas	Título do artigo	Local de publicação
1	Textos escritos para Duarte	Como deixei de ser rico ⁶⁰⁸	1931 [Diário de Natal] / Antologia nº 9. p. 203-205
2		Ideia Fixa	1931 [Diário de Natal] / Antologia nº 9. p. 206-207.
3		O oráculo de delfos	1931 [Diário de Natal] / Antologia nº 9. p. 208-210.
4		Eles põem e a verdade dispõe	1931 [Diário de Natal] / Antologia nº 9. p. 211-212
5		Muita trovoadas e sinal de pouca chuva	1931 [Diário de Natal] / Antologia nº 9. p. 213-214
6		Cânon dos judeus	1931 [Diário de Natal] / Antologia nº 9. p. 215-217
7		A lâmpada de Diógenes	1931 [Diário de Natal] / Antologia nº 9. p. 220-221

Fonte: Dados obtidos pela autora a partir de diversos jornais e das *Antologias do Padre Monte* (ver apêndice H).

A partir da leitura dos textos de Monte, posso afirmar que o tema que move o debate entre ele e o pastor Duarte é o protestantismo. Em todos os textos de Monte, percebe-se a indignação dele em relação aos Boletins lançados por Duarte. Já no primeiro artigo, Monte criticou o seu adversário nos seguintes termos: “Vamos devagar, poeta Duarte. Caranguejo, por se vexar, nasceu sem cabeça. Não acha que é uma presunção descabida a sua, de se arvorar em filisteu e moderno a desaviar os arraiais católicos?” (MONTE, 2001. p. 204). Os demais textos usam o mesmo padrão desqualificador, sendo que, para Monte, Duarte defende o protestantismo por ser rude, ignorante, desprovido de qualquer inteligência. A cada novo Boletim, Duarte recebe uma crítica mais feroz, não apenas contra as ideias do presbiteriano, na medida em que o próprio Duarte passa a ser também alvo de comentários.

Pela leitura do volume 9 da *Antologia*, é possível inferir que a participação de Monte nas polêmicas contra Duarte e outros inimigos da Igreja Católica era apoiada por alguns dos seus admiradores. A evidência dessa afirmação está no fato de os textos escritos por admiradores de Monte incluídos nesse volume e em outros da *Antologia* tecerem elogios explícitos à atuação de Padre Monte, sem que fossem feitas quaisquer ressalvas em relação às polêmicas de Monte. Entre esses admiradores destacam-se Câmara Cascudo, Monsenhor Adelino Dantas, Nilo Pereira e tantos outros. É plausível supor que as críticas escritas por Monte eram compartilhadas por sua rede de admiradores, o que, com certeza, fortaleceu suas posições na luta contra o protestantismo e seus adeptos. No caso da *Antologia*, vale observar

⁶⁰⁷ Como já afirmei, não consegui encontrar no jornal *Diário de Natal*, a data exata dos artigos escritos por Monte. Em razão dessa limitação, optei por apresentar, neste quadro, a mesma ordem cronológica apresentada por Navarro no volume 9 da *Antologia*.

⁶⁰⁸ Antes do título desse artigo, Jurandy Navarro afirma tratar-se de uma “polêmica [de Padre Monte] com o pastor protestante Duarte, que distribuía boletins, atacando a Igreja Católica” (MONTE, 2001. p. 203).

que antes de exibir os textos escritos por Padre Monte contra o Pastor Duarte, Jurandyr Navarro os apresentou nos seguintes moldes:

POLÊMICA

Com o Pastor Protestante, DUARTE, que distribuía Boletins, atacando a Igreja Católica. (1931) (MONTE, 2001. p. 203).

Por esse enunciado, percebe-se que Navarro destacou três aspectos em relação às polêmicas travadas por Monte com Duarte: que ele era um pastor protestante; que distribuía boletins e que atacava a igreja Católica por meios desses documentos. Nesses termos, a sua condição de pastor parece ser o primeiro elemento do conflito, na medida em que, para Navarro, a luta de Monte era contra a expansão do protestantismo na cidade.

O segundo elemento diz respeito aos Boletins distribuídos por Duarte. Nas minhas investigações não consegui precisar como eram esses boletins distribuídos por Duarte, sendo que sua existência é referida em escritos de Navarro e de Monte. Pode-se afirmar que, a exemplo do que segue ocorrendo na atualidade, esses boletins eram distribuídos na igreja, ainda que exista a possibilidade de eles terem sido expostos e divulgados em algum outro espaço.

De acordo com Wicliffe de Andrade Costa,⁶⁰⁹ o Boletim distribuído nos cultos dominicais tinha sempre um mesmo formato: era uma folha de ofício dobrada no meio, formando uma espécie de folder. A folha de rosto era sempre uma mensagem pastoral, escrita pelo pastor, na qual era comentada alguma passagem bíblica ou feita alguma análise acerca de princípios orientadores da Igreja Presbiteriana. Internamente, o boletim continha as notícias da semana (aniversariantes, festas de formatura, solenidades em geral que envolvessem membros da Igreja), a programação dos cultos e atividades da Igreja Presbiteriana que aconteceriam durante a semana e a liturgia do culto celebrado no domingo.

Ainda segundo Wicliffe Costa, o boletim era impresso em uma gráfica e distribuído a todos que assistissem ao culto, inclusive os visitantes. Os protestantes tinham acesso a gráficas em Natal desde o início do século XX, quando Jerônimo Gueiros, um professor da Escola Normal e pastor da Igreja Presbiteriana, fundou um jornal chamado *O Século*, que tinha todo o equipamento gráfico. Em 1910, Jerônimo Gueiros foi morar em Garanhuns, Pernambuco, cidade de origem de sua família, e transferiu a sede do Jornal *O Século*. Entretanto, há

⁶⁰⁹ Wicliffe de Andrade Costa é professor de História e membro da Igreja Presbiteriana de Natal desde que nasceu, em 1950. Durante sua infância, período em que o pastor da Igreja Presbiteriana era o Reverendo Eudes da Silva Coelho, que ficou nesse cargo entre 1959 e 1956, lembra da distribuição de boletins nos cultos dominicais. Foi a partir de uma conversa com o professor Wicliffe de Andrade Costa que obtive a informação sobre a distribuição dos Boletins.

evidências de que o equipamento gráfico do jornal permaneceu em Natal. Além disso, existiam outras gráficas na cidade, como a tipografia do jornal *A República*, o que nos leva a crer que, provavelmente, os Boletins da Igreja Presbiteriana na década de 1930 eram produzidos em gráficas de Natal e seguiam o padrão acima descrito.

O terceiro elemento se refere aos ataques à Igreja Católica desferidos por Duarte por meio dos Boletins. Como já informado em outro momento, não tive acesso a nenhum dos boletins escritos por Duarte e, apesar de a Igreja Presbiteriana de Natal possuir um acervo, este foi parcialmente destruído em um incêndio ocorrido na igreja em 2012. É preciso, também, considerar que nem sempre os pastores podem ter se preocupado em guardar os Boletins. Em razão da ausência dos escritos de Duarte, não foi possível abordar o debate em sua plenitude, ainda que, pelos escritos de Monte, tenha sido possível acompanhar o que os dois discutiam. Portanto, abordarei as polêmicas travadas por Monte com Duarte a partir dos textos escritos por Monte e que se encontram no volume 9 da *Antologia*.

No primeiro texto em que Monte desfere críticas a Duarte, dentre os que foram reunidos por Navarro, o padre comparou o pastor ao *Cavaleiro da Triste Figura*, estabelecendo uma analogia entre a produção de Duarte e os devaneios megalomânicos de Dom Quixote, como se pode constatar no excerto abaixo:

COMO DEIXEI DE SER RICO

Padre Monte

CONHEÇO um poeta, que se fez... **PASTOR**. Pastor-cavaleiro da triste figura, que escaramuça na liça, levanta nuvens de pó, e, emanando da sua pessoa, exalação bíblica, repta a torto e a direito o clero e o povo, gregos e troianos. Ao toque do rebate, eis-me a postos, para ver de perto o terrível filisteu, que faz tremer a terra com suas parvoíces imperdoáveis. Estou velho: já não posso suportar um combate singular com o belicoso Duarte, que tem a lhe retemperar os músculos o bálsamo de Ferrabraz, o caldinho das panelas milionárias de tio Sam. Venho apenas expor a razão por que não aceito o desafio, contando-lhe em poucas palavras, uma longa história, que, talvez, o meu caro Duarte, jamais tenha ouvido. Dela deduziria que, não obstante esta sua arrogância de quebra-quilos, se acha em tanga, com elmo de papel e armadura de papelão. Ouça-me (MONTE, 2001, grifos nossos).

Nele, como se pode constatar, Duarte é descrito como alguém que até poderia entender de letras, mas era um completo ignorante no que dizia respeito à religião. É a partir dessa percepção que Monte o compara ao *Cavaleiro da Triste Figura*, alcunha dada a Dom Quixote de la Mancha por Sancho Pança.⁶¹⁰ Para Monte, Duarte provoca, faz barulho, e se apresenta

⁶¹⁰ Essa ideia de “pastor-cavaleiro da triste figura” é uma referência feita por Monte ao livro *Dom Quixote de la Mancha*, escrito por Miguel de Cervantes (1547 e 1616). Essa obra ridicularizava os livros de cavalaria. No

como conhecedor da Bíblia, contestando, sem fundamento, todos os saberes religiosos conhecidos e obedecidos pela humanidade ao longo dos séculos. Nesses termos, na visão de Monte, do mesmo modo que Dom Quixote realizava suas aventuras em meio a alucinações, Duarte aventurava-se a interpretar a Bíblia. O pastor até poderia ter lido muito sobre religião, como Dom Quixote havia feito em relação aos romances de cavalaria. Entretanto, todo o conhecimento adquirido por Dom Quixote não o livrava das confusões que seus sonhos provocavam, tal como acontecia com Duarte em relação à religião.

Monte se propôs a rebater as “parvoíces imperdoáveis” de Duarte. Entretanto, ironicamente, se apresenta como um velho que não desejava debater com Duarte, descrito como um inimigo belicoso e animado com o “bálsamo de Ferrabrás”,⁶¹¹ ridicularizando o apoio financeiro norte-americano a uma iniciativa quixotesca de instalar uma Igreja Presbiteriana em Natal. Indiretamente, Monte procurava deixar claro que não conta com apoio financeiro para defender suas ideias, enquanto Duarte se encontrava “rejuvenescido” com o dinheiro proveniente dos Estados Unidos. Além disso, Monte procura ressaltar a arrogância de Duarte em relação aos assuntos religiosos, associando-a à prepotência de um cavaleiro que imaginava vencer uma batalha usando capacete de papel e armadura de papelão. Isto parece explicar o empenho do padre de ensinar o pastor, como se pode observar na passagem abaixo:

Os originais do Antigo Testamento foram escritos em hebraico, exceto alguns fragmentos, que o foram em caldeu. O texto hebreu primitivo foi fixado pelos MASSORETOS⁶¹² - do caldeu massar, que significa transmitir. Possuidores da Tradição, fixaram eles a pronúncia das palavras, com o emprego dos chamados pontos-vogais; e, para maior garantia da integridade do texto, não só numeraram os PESUQUIN (versículos), mas também os termos, os

texto, Cervantes narrou os feitos do cavaleiro da triste figura no mesmo estilo dos romances da cavalaria, mas, ao mesmo tempo, satirizava as histórias daqueles heróis. Dom Quixote era o *Cavaleiro da Triste Figura*, porque era alto e magro, e montava um cavalo também feio e muito magro. Além disso, estava sempre acompanhado do seu escudeiro Sancho Pança, um camponês gordo e baixo. Dom Quixote tinha acessos de loucura, imaginando coisas que não existiam, confundindo moinhos de vento com magos maldosos ou, então, uma camponesa com uma dama da corte. Em toda a obra, Cervantes procura mostrar a impossibilidade de o cavaleiro realizar seus sonhos.

⁶¹¹ De acordo com Junqueira Filho, “O bálsamo de Ferrabraz, substância milagrosa cuja fórmula Dom Quixote guarda em sua “memória”, tem não só o poder radical de afastar a morte, mas também o poder reparador de reconstituir o todo, mediante o rejunte de suas partes. [...] Mas, qual será o “bálsamo” que “cola” a parte fantástica da dupla (Dom Quixote) com a parte realista (Sancho Pança)? (JUNQUEIRA FILHO, 2004, p. 40-45). Inspirada nesta interpretação de Junqueira Filho, acredito que Monte recorreu a expressão “bálsamo de Ferrabraz” para ironizar o financiamento norte-americano à Igreja Presbiteriana. Assim como Dom Quixote tinha um bálsamo que o livraria da morte, Duarte tinha dinheiro do exterior para financiar suas alucinações e, desta forma, prejudicar a Igreja Católica.

⁶¹² Importante destacar que o texto dos massoretos se refere ao trabalho, desenvolvido no século VI por escribas judeus, de reunião dos textos inspirados por Deus para reproduzi-los em hebraico. Nessa época, o hebraico já não era um idioma corriqueiro. Nesse sentido, a Bíblia em hebraico a que se tem acesso é o texto dos massoretos, uma vez que os originais da Bíblia só podiam ser encontrados em fragmentos isolados. Portanto, o texto dos massoretos é posterior à *Septuaginta*.

fonemas e quantas vezes a mesma letra, era repetida, no original. Posteriormente foram os livros divididos em PARSİYŌT (secções), PETUHOT ou SETUMŌT, se, respectivamente começavam no início ou no meio da mesma linha, e munidos de sinais; SOPHPASSOUQ, que indicavam o fim de cada versículo. Quando o hebreu entrou em decadência, viram-se os judeus na premente necessidade de traduzirem o texto original, em caldeu para os judeus na Ásia, e em grego para os do Egito. As traduções caldeicas tomaram o nome de TARGUM ou TERGENAN, do vocábulo caldeu targon, que significa traduzir. A versão grega é conhecida pelo nome de ‘Versão dos Setenta’, foi feita na ilha de Pharos, durante o reinado de Ptolomeu II Phalero, a conselho de Demétrio, para a biblioteca de Alexandria. Hoje, ainda existem alguns manuscritos da Versão dos Setenta como o Codex Vaticanus (4º. séc.), e o Codex Alexandinus (5º. Século) que está no museu real de Londres, e o Codex Sinaiticus, descoberto por Fischendorf em 1844. Foi do texto dos Setenta que S. Jerônimo usou para a tradução latina chamada VULGATA, isto é, vulgata editio, que corresponde ao KOINÉ EXDOSIS, dos escritores eclesiásticos gregos. Todas as versões da Bíblia em língua vulgar, inclusive a tradução alemã, feita por Lutero, foram vertidas de edição latina da Vulgata (MONTE, 2001. p. 203).

Nesse fragmento, Monte se propõe a ensinar a história da Bíblia a Duarte, o que decorre do fato de o pastor, muito provavelmente, duvidar da autenticidade da Bíblia católica e enaltecer a Bíblia protestante. Nessa perspectiva, o padre evidenciou que, para a compreensão do espírito original dos textos bíblicos⁶¹³, era necessário, por um lado, identificar as circunstâncias que possibilitaram a criação da Bíblia e, por outro, conhecer as traduções feitas com o passar do tempo.⁶¹⁴ Dessa forma, para Monte, quem desejasse estudar a Bíblia não poderia se limitar a versão traduzida para o português, sendo necessário perceber como esse livro sagrado foi escrito em outros idiomas e as modificações existentes em relação ao texto original. Na interpretação de Monte, Duarte não tinha condições de realizar essa análise profunda da Bíblia e, por isso, as suas análises eram sempre equivocadas. Respondendo a Duarte, Monte escreveu:

Escute-me. Quero dizer que em polêmicas sobre a integridade, autenticidade etc. das Bíblias católica e protestante, para dirimir a questão, temos que forçosamente recorrer a um terceiro texto, e esse texto é a Vulgata, pois dela é que ambas foram traduzidas em vernáculo (MONTE, 2001. p. 204).

⁶¹³ Segundo Monte, o Antigo Testamento foi escrito pelos hebreus e, em raros trechos, pelos Caldeus. Os hebreus fixaram os elementos essenciais da Bíblia: a pronúncia das palavras, a pontuação, os versículos e a divisão do texto em sessões. Com a decadência dos hebreus, o Antigo Testamento foi traduzido para o caldeu e para o grego, atendendo os judeus que viviam na Ásia e no Egito.

⁶¹⁴ A versão grega da Bíblia ficou conhecida como *Versão dos setenta* e parte dela ainda estava, no momento em que Monte escreveu o texto em questão, no Museu de Londres. Essa *Versão dos Setenta* é importante para o entendimento do texto bíblico no Brasil, uma vez que foi dela que São Jerônimo fez a tradução para o latim e Lutero para o alemão. As edições da Bíblia publicadas no Brasil têm como base a *Versão dos Setenta*.

Para mostrar a complexidade da Bíblia a Duarte, ele tratou da origem das expressões de tratamento em relação à Maria, que, na Bíblia católica, era considerada como “cheia de graça”, enquanto na Bíblia protestante, Maria aparece como “agradecida”. Ao “dulçuroso” Duarte, Monte explicou:

Um exemplozinho e o meu dulçuroso Duarte compreenderá melhor. Abramos o cap. primeiro de S. Lucas, vers. 28.

Leio na minha Bíblia:

‘Ave, cheia de graça [...] ‘O sr. lê na sua: ‘Ave, agradecida’.

E, como entre este CHEIA DE GRAÇA, e AGRADECIDA, existe enorme diferença, origina-se a questão. Eu digo convicto: ‘O texto católico é autêntico’ (MONTE, 2001. p. 204).

Pelo fragmento, percebe-se que Monte confere autenticidade à tradução “Maria cheia de graça”, reafirmando a correção da interpretação católica, dirigindo-se de forma enfática ao “menino prodígio”:

O Sr. não querendo dar o braço a torcer retruca com ares de menino-prodígio que decorou a lição: **‘não, revdo., esse negócio de cheia de graça é tapeação dos católicos, para deste modo, concluir que Maria tem a plenitude da graça; o texto protestante é que é, verdadeiro - Maria foi agradecida e não cheia de graça’** (MONTE, 2001. p. 204, grifos nossos).

De acordo com Monte, essa disputa em torno da percepção sobre Maria só poderia ser solucionada a partir de uma metodologia, na medida em que não se tratava de uma simples questão de opinião de católicos e protestantes. Para entender a distinção entre as percepções, seria necessário buscar a *Bíblia* em latim e, se nesse idioma não fosse possível solucionar a contenda, seria preciso buscar a *Versão dos Setenta*, que era em grego. Monte, então, propôs:

[...] vamos à Vulgata, para verificar qual dos dois textos está de acordo com o original latino. Leio então o meu latinório.

Ave, gratia plena. E se o sr. soubesse latim e fosse sincero, teria forçosamente de confessar: 1º) que gratia plena, significa cheia de graça, e não agraciada; 2º) que a Bíblia dos protestantes não é igual à dos católicos: que perdeu os seus ex-futuros 50.000\$000 [cinquenta contos].

E, como este, muitos outros textos viciados, mutilados etc. (MONTE, 2001. p. 204).

Além de desqualificar Duarte, por não conhecer o latim e por não ter, segundo ele, a ombridade de dizer a verdade, Monte sugere que a *Bíblia* protestante mutilou, viciou e modificou a interpretação dos textos originais importantes da *Bíblia*. Chama-nos a atenção o fato de que Monte se apresenta como vitorioso na contenda e faz menção a um valor de

cinquenta contos de réis, o que nos leva a deduzir que houve algum tipo de desafio envolvendo dinheiro.⁶¹⁵ E a desqualificação de Duarte prossegue:

Se não se conformasse com a decisão da Vulgata, teria que recorrer à versão grega dos Setenta; se esta lhe parecesse ainda suspeita, apelaria em última instância para os originais caldeus e hebraicos, onde morreria a questão.

Está vendo que o negócio é mais complicado do que parece?

Ora, como o sr. não sabe latim, desconhece o grego e ignora os rudimentos do hebreu, ficará no mundo da lua, e, eu perderia o meu precioso tempo. Eis por que eu, ingênuo Duarte, eu não quero os seus cinquenta contos. Olhe, vá estudar as declinações latinas, aprenda o alfabeto grego, veja ao menos a capa de uma gramática hebraica, e venha que eu discuto com o sr. Antes, não.

Para discutir Escritura, não basta viver com o papo cheio de eructações bíblicas. Vamos devagar, poeta Duarte. Caranguejo, por se vexar, nasceu sem cabeça. Não acha que é uma presunção descabida a sua, de se arvorar em filisteu moderno a desafiar os arraiais católicos?

Já estou acostumado com fanfarronices. Não se lembra o meu melífluo Duarte daquela fabulazinha do burro e do leão que foram à caça? Pois bem, recorde-se que a formidável voz do inofensivo jumento só conseguiu amedrontar as feras que o não conheciam. Para aquelas, porém, que, como o leão, o haviam visto e conhecido de perto, o nosso herói improvisado mesmo disfarçado como estava não passava do moroso e inofensivo jerico, de idéias curtas e de orelhas bambas.

Sirva-lhe de lição. Pode o meu inefável Duarte arrotar toda a sabedoria elaborada nos amplos estômagos dos sete sábios da Grécia. Mas para mim, e para os que o conhecem, o sr. não passa de um inofensivo e dulçuroso poeta 'd' A Escada do Crente' (MONTE, 2001. p. 204-205).

Monte enfatizou que Duarte não tinha condições de debater qualquer tema relacionado à religião e que sua ignorância o tornava um debatedor inofensivo. Vale lembrar que, inicialmente, ele o comparou a Dom Quixote para afirmar que o pastor vivia em devaneios. Em seguida, se propôs a ensinar o pastor a como ler corretamente a *Bíblia*, para, ao final, afirmar que Duarte nada sabia sobre religião, tornando-o, em razão disso, um debatedor desqualificado. Não há, no entanto, qualquer evidência consistente de que o pastor havia feito uma interpretação equivocada, sendo que a desqualificação de Duarte se dá a partir de recursos retóricos e de uma depreciação interessada e que podemos definir como agressiva e desprovida de argumentos que evidenciem domínio intelectual sobre o tema.

Em outro texto, Monte voltou a polemizar com Duarte em torno do livre exame da *Bíblia*. Segundo Monte, Duarte defendia um debate aberto com os católicos sobre esse livre exame, mas os católicos se recusavam a participar. Para o padre, esse debate não existia, uma

⁶¹⁵ Acredito que possa ter sido um desafio proposto tanto por Duarte quanto por outra pessoa que procurou fomentar o debate entre os dois. Não consegui, no entanto, identificar que tipo de desafio foi esse e se realmente ele aconteceu.

vez que era fruto da ignorância histórica e teológica de Duarte. O tema é apresentado por Monte da seguinte forma:

IDÉIA FIXA

Padre Monte

A idéia fixa do bonançoso pastor da presbiteriana é o ‘livre exame’. Na embolada intragável de suas glosas bíblicas, prodigamente condimentadas com ditos mordazes de prosadores-poetas, é este sempre o mote favorito: ‘*Fogem ao livre exame - os católicos de Natal*’. Estou vendo, porém, que o doutor incomensurável não sabe o que seja livre exame. Pois não é que o melífluo trovador, reptando o clero para um confronto público dos textos católicos e protestantes, chama a isso livre exame!... Pobre português, como estás mudado. Se Camões visse tamanho disparate era capaz de cegar o outro olho, somente para não assistir às torturas, a que a sapiência supina do mestre Duarte submete o belo idioma d' ‘Os Lusíadas’.

É simplesmente ridículo. Mas, convenhamos, que tal polêmica por uma *figura de sintaxe protestante*, seja realmente livre exame. Então, meu dulçuroso poeta, a emenda sairá pior que o soneto. Candidamente vem se meter na boca do lobo, porque o LIVRE EXAME JAMAIS FOI ADMITIDO: 1º nem pelos judeus premessiânicos nem os Rabinos contemporâneos de Cristo; 2º nem pelo próprio J. Cristo com os Apóstolos e Evangelistas. Portanto, uma vez por todas, não encha a boca de ‘livre exame’ diante de gente que enxerga meio centímetro adiante do nariz, porque o Sr. passa por analfabeto em assuntos *hermenêuticos* (MONTE, 2001. p. 206, grifos do autor).

Para Monte, um debate em torno de duas concepções não poderia ser visto como um livre exame, reforçando que Duarte feria a língua portuguesa por não saber diferenciar um debate de um livre exame. Para reforçar essa percepção, Monte aciona a figura de Camões, para afirmar que o escritor português quinhentista ficaria horrorizado com a proposição de Duarte. Na continuidade, ele se dispõe a, mais uma vez, ensinar o que era um livre exame, mostrando a impossibilidade teológica de sua realização, voltando, desta forma, a desqualificar seu adversário:

Vamos às provas; vou lhe ensinando palavra por palavra, citando-lhe todos os autores, todas as edições, todas as páginas... como se faz aos calouros medíocres. Preste atenção, que a coisa é um tanto complicada, máxime para os poetas que só sabem lidar com versos e trovas (MONTE, 2001. p. 206).

Através do acionamento das tradições das escolas de exegese judaicas, Monte procura evidenciar a impossibilidade uma livre interpretação da *Bíblia*.

Houve entre os judeus 2 (duas) escolas de exegese bem distintas: a escola JUDEU-ALEXANDRINA e a escola JUDEU-PALESTÍNICA. A última se subdivide em dois grandes ramos: o THALMUDISTA e o KARAÍSTA; em outros tantos, a escola Alexandrina: O PHILONISTA e o KABBALISTA. De um modo geral, todos os exegetas judeus são acordes em admitir nos

ESEPHER, EXPHRIS ou KEVEGELÊ EPHER, isto é, nos livros santos um duplo sentido: um *natural*: MASMACK e outro *deduzido*, místico ou simbólico: MIDRAS.

MASMACK, deriva-se de SAMA e MIDAS de DAMAS, cuja etimologia corresponde perfeitamente às acepções, em que eram tomadas pelos judeus. Em traços muito superficiais são estes os caracteres da exegese judia. Admitiam os rabinos uma dupla exegese: a LEGAL e a HOMILÍTICA. A primeira se propunha a *explicar* o texto dos livros santos, *indicando-lhes* o sentido óbvio; a outra, enriquecia o *texto* dos MIDRACHIN, etc., de *comentários* piedosos, morais e edificantes. Nos MEDRASCHIN a exegese legal vem com o nome HALACHA ou SCHEMATA, do verbo EZE-vêr; e a homilítica, com o de HAGADA de ELKE, que corresponde ao latim *id quod fertur, dicitur, narratur*, etc. Veja, pois, meu *doctor incomensurabilis* que os judeus tinham a sua exegese para *esclarecer, comentar* os textos dos livros Santos, determinando-lhes o *sentido próprio*. Diante disso, que é feito do *livre exame* dos judeus? Nunca existiu (MONTE, 2001. p. 206, grifos do autor).

Como se pode constatar no fragmento acima, Monte recorreu à história e à etimologia das palavras para demonstrar que o livre exame da *Bíblia* não poderia existir. Recorrendo a um tom professoral, ele também indica a consulta a uma série de textos, publicados em diversos lugares do mundo, nos quais Duarte encontraria subsídios para dirimir a questão do livre exame da *Bíblia*:

Meu melífluo pastor, não é de oitava que o digo. Hoje nos museus e bibliotecas existem muitos desses comentários. Vou citar alguns, onde os poderá ler e até a livraria onde os poderá comprar. Ei-los: o chamado MEKILTA, comentário sobre o Êxodo (na. 90) - o HALAKA, sobre o Pentateuco - o SIFRA, sobre o Levítico, composto pelo rabino Abba Areka - o SIFRÉ ou SIFRI, sobre os Números ou *Vaiedabler*; o célebre MIDRASCK RABBÔLH, atribuído a Oschaga bem Naschmani, com 10 (dez) comentários: o BARESCH RABBA, SCHEMOT RABBA, BAMIDELBAR RABBA, DEBARIM RABBA, MIDASCH COHELETH, MIDRASCK ESTHER, SCHIR RABBA, RUTH RABBA, EICHA RABBA TI e o BERESCHITTI, etc. etc.

Está vendo mestre Duarte que discutir Bíblia não é coisa lá muito suave? Não vá dar um nó na língua quando pronunciar essas *rabbasadas!* Agora o prometido. Há uma tradução latina, feita por Ugolini, em 1744 em Veneza, 10 (dez) tomos, onde o poeta, depois de aprender a língua de Cícero, poderá ler todos esses comentários sobre as Escrituras. Temos traduções em línguas vivas, com estudos etc. etc. como: *Die Judische Literatur*, Treves, 1894, de A. *Wunche-geschsbilder aus der nachtamudischem Seil* 4 tomos in-8°, Bonn, 1887 e muitas outras, Berlim, 1888).

Como todas essas edições são em língua arvevesada, por via das dúvidas, quero apontar uma outra mais acessível à sapiência do doutor incomensurável: o 'Manuel Biblique' de Vigouroux-Bacuz, 4 (quatro) tomos in-8°, Paris 1901 - Livraria G. Beaucheme e Cia. rua Rennes, 117, Paris. É em francês; mas, não é possível que o nosso Ferrabrás bíblico ignore a língua de Racine! Se assim for, peço licença para lembrar-lhe a parábola do Semeador. Com uma restrição, apenas. Em vez de trigo, seria melhor plantar batatas, porque não há perigo de nascer joio em meio de batatas (MONTE, 2001. p. 206-207, grifo do autor).

Posteriormente, em um texto intitulado *Eles põem e a verdade dispõe*, Monte retoma a questão do livre exame da *Bíblia* nos mesmos moldes. Nele, depois de apresentar vários textos da *Bíblia* com indicação do livro, do capítulo e do versículo, com intuito de evidenciar que desde o Antigo Testamento até o Novo Testamento, não restava dúvida de que a *Bíblia* não dava margem para o *livre exame*, Monte reafirmou:

Logo, meu ingênuo pastor, J. Cristo não admitia o livre exame: porque se o **admitisse não havia motivo para o Cristo invectivar a exegese dos Fariseus etc., pois, pelo livre exame**, eram livres na interpretação dos textos. (Conf. S. Math. cap. XXVI, 16 e seg.) Que me diz, doctor incommensurabilis? Não nos queira passar gato por lebre. Deixe desse enfatuamento quixotesco. O sr. Não dá para jornalista. Quando muito seria um repórter medíocre, porque é quase poeta sempre mau jornalista. Não troque o plectro pela pena. Demais, que grande artista iria o mundo perder se o incomensurável Duarte tivesse o mau gosto de quebrar a preciosa lira! (MONTE, 2001. p. 212, grifos nossos).

A suposta ignorância e mediocridade de Duarte voltariam a ser abordados em um texto no qual Monte discute a origem da expressão latina *factus es in animam viventem*. Segundo o padre, essa expressão, apesar de latina, tinha origem hebraica, a qual, contudo, havia sido contestada por Duarte. Recorrendo a esta divergência, Monte procura mostrar que esta ideia não era originalmente de Duarte, mas de alguém que o estava orientando desde Recife. Nas atas da Igreja Presbiteriana de Natal de 1931, há registros de que Duarte foi várias vezes a Recife para participar de reuniões. Não consegui, no entanto, identificar a quem Monte estava se referindo e que desempenhava a função de mentor de Duarte. Certamente, o padre estava informado de que a Igreja Presbiteriana de Natal estava subordinada à de Pernambuco e que em Recife havia alguém que dominava outras línguas e que podia, em razão disso, melhor instruir Duarte. Para caracterizar esta dependência, Monte mobilizou a mitologia grega, sendo que o título do texto (oráculo de Delfos) é uma evidente referência a Recife (Delfos), onde Duarte consultava um oráculo (seu mentor), como se pode observar no texto que transcrevemos na íntegra:

O ORÁCULO DE DELFOS

Padre Monte

O DOUTOR incomensurável, há dias, zarpou às pressas em busca de um Elixir de longa Vida, que lhe alentasse as forças já gastas em inglórias escaramuças bíblicas. O melífluo pastor viu-se em palpos de aranha. **Foi a Recife consultar o Oráculo e inspirarse nos livros sibilinos**. Lá ouviu as liçõezinhas, arranjou uns volumezinhos alentados, **decorou bem o que o outro lhe soprou ao ouvido**, e hei-lo que **volta blindado dos pés à cabeça, num enfatuamento rocambolésco, armado com espingarda de espoleta de**

papel. Meu belicoso pastor, estou bem longe de me amedrontar com os seus tiros de pólvora seca. Senão, vejamos a parte que me toca.

PEDRA DE ESCÂNDALO

Mestre Duarte, com ares de quem descobriu o caminho das índias, **recua assombrado diante duma pequena frase latina:** factus es in animam viventem, dizendo num crescendo grotesco: **‘hebraísmo, isto?’** Escandaliza-se? O melífluo se escandaliza por muito pouco. Pois, **é hebraísmo mesmo,** meu doctor incomensurabilis. A expressão inan imam viventem, não obstante está escrita em latim, é um hebraísmo grosseiro. Todos os calouros sabem disso. **Para ser hebraísmo, mestre Duarte, não precisa estar escrito em hebraico,** não: como para ser galicismo não é mister estar escrito em francês. Aí está em que dá quem cita as coisas de oitiva. É deponente contra seus foros de sabichão. Aprenda, pois: in animam viventem é um hebraísmo grosseiro, não obstante estar escrito em latim; do mesmo modo que: ‘o tolo se destaca por sua arrogância’, ‘guardar o leito’, ‘imbuído do espírito...’ são galicismos, ainda que estejam mascarados de português.

O GALO E A PÉROLA

Em artigos anteriores, falando da autoridade dos deuterocanônicos, tive ensejo de citar mais de 90 trechos, citações, raízes e expressões hebraicas, e destas o melífluo trovador, e somente depois de consultar o Oráculo de Delfos, e após longa e fatigante jornada, é que conseguiu pescar uma: MASSAR. Formidável! E a ela se apegou, como a uma tábua de salvação, para **‘desmascarar quem se mete a hebraísta sem conhecer a capa duma gramática hebraica’.**

Bravos, **Sua fugidazinha a Recife foi deveras providencial.** Lá lhe disseram cousas do arco da velha, que o Duartinho, para bancar importância, decorou ao pé da letra. Ensinaram-lhe que 1^o) ‘a palavra não era MASSOREIOS, e sim MASSORETOS; 2^o) que este vocábulo não vem do caldeu MASSAR, e sim do hebreu MASSORA; 3^o) que não significa transmitir, mas quer dizer tradição’. **Meu melífluo pastor, tudo isso é sabido: não descobriu, pois, mel de pau engarrafado...**

O sr. e o outro estavam bem míopes, quando no meu artigo de 10 de setembro, leram massoreios em [vez] de massoretos. Lá está bem claro MASSORETOS. Ponham umas lunetas mais fortes, cinco dioptrias a mais, que verão melhor. O sr. não linha a que se apegar, e inventou aquela história de massoreios. Assim é ser desleal, mestre Duarte. Ainda mesmo que estivesse escrito massoreios, poderia o sr. verificar que seria um mero erro tipográfico, aliás muito mais perdoável do que VITELIO por VITALIANO. Não acha? Olhe, doutor incomensurável, **a culpa talvez não seja sua, porque o sr. não entende patavina dessas cousas; a culpa é do outro, que lhe soprou ao ouvido.** Quer uma prova?

Na 14^a linha abaixo da palavra massoretos, estão em caracteres bem graúdos, dois outros vocábulos hebreus: PETUHOT e SETUMÔT, com os significados invertidos, e o poeta pastor, que enxerga erros onde não os há, passou por cima, como gato sobre brasas. Eis a prova de que o sr. diz e repete o que lhe disseram e repetiram; porque se soubesse o A B C do hebraico, teria advertido que Petuhot, está na acepção de Setumôt.

Entretanto, mestre Duarte nada viu! O dr. Incomensurável faz como o galo da fábula, que deixou as pérolas para mariscar monturo.

TANTO FAZ DAR NA CABEÇA...

Para me convencer que MASSORETOS vem do hebreu massôra e que significa tradição, não é preciso, meu bonançoso poeta, citar o prof. A. B. Davidson e Cia. Isso é cousa corriqueira. Todo compêndio clássico, por mais elementar que seja, o diz logo às primeiras páginas. O sr. faz o papel de quem

tivesse escrito: O Brasil foi descoberto em 1500, como diz o notável prof. Rocha Pombo, na sua História do Brasil. É pândego, não acha?

Não obstante ter eu afirmado que MASSORETOS, vem do caldeu MASSAR e, que significa transmitir, estou de pleno acordo que massoretos se deriva do hebreu MASSORA e significa tradição. Sabe por quê? É fácil. A razão é porque, no caso concreto, caldeu e hebreu, massar e massora e finalmente transmitir e tradição são **UMA** e a MESMÍSSIMA coisa. Era como se eu tivesse escrito: a Itália está situada ao meio-dia da Europa, e o poeta Duarte tivesse corrigido, bancando importância: está errado, a Itália fica ao sul da Europa!

Ridículo! Vamos às provas ...

O SAPATEIRO ...

O caldeu e o hebreu derivam-se em linha reta do tronco semítico. Todas as raízes hebraicas derivam-se do caldeu e remotamente do tronco comum semítico. Por esse motivo, o vocábulo MASSORETOS deriva-se, proximamente do hebreu MASSORA, e remotamente do caldeu MASSAR. Se massoretos vem de massora, e massora vem de massar, claro está que massoretos vem de massar. Duas coisas iguais a uma terceira... Aprenda pois, mais esta, e não esqueça a lição de Apeles: **o sapateiro não passe além do sapato.**

O HÁBITO NÃO FAZ. ..

Que o mestre Duarte não saiba que massora e massar são uma e a mesma coisa concebe-se: mas, que o outro não saiba, é que são elas. Preste, pois, atenção meu dr. Incomensurável. O hebraico em rigor não possui vogais; tem, apenas, consoantes. Os sons vocálicos, que se interpõem às consoantes, são meramente arbitrários. O essencial é que as consoantes sejam as mesmas. Tenha a bondade de cancelar as vogais dos vocábulos massora e massar, e verá que ambos ficam simplificados nas raízes trilétera, MEN, SAMEK e RESCH, isto é, em M, SS e R. Por isso, posso dizer tanto MASSORA, como MASSAR ou MESSER, MOSSAR, MTSSER etc., do mesmo modo que se diz Jehovat e Jehavet, e se pode dizer Johevat, Jahovelh etc. etc.

Aprenda também esta outra e faça-me o obséquio de ensiná-la ao outro, para que não digam mais parvoíces. Massora e massar são **UMA E A MESMA COISA**, estão vestidas de modo diferentes, mas o hábito não faz o monge.

Qual de Nós?

Sei que o poeta Duarte é Sapientíssimo no hebraico, mas permita a quem "não viu a capa duma gramática hebraica", dar-lhe uma lição de hebreu. O hebraico estritamente falando, dr. Incomensurável, não possui, nem verbos nem substantivos. Apenas tem raízes trilíteras, que exprimem não só a ação abstrata, como também o modo da ação.

A raiz MLK por exemplo (o que se pode pronunciar: Meleke, Malck, Molak, Miloke etc.), exprime a ação abstrata: REINO, e o modo da ação: REINAR. Igualmente Massora ou Massar, cuja raiz é MSSR, significa não só a ação abstrata: TRADIÇÃO, mas também o modo da ação: TRANSMITIR.

Que me diz, mestre Duarte? Aprenda esta terceira e a ensine ao outro. Posto isto, **qual de nós dois é que não viu a capa duma gramática hebraica?** Poeta Duarte, tome cautela, não se meta em cavalarias altas, em coisas de que não entende patavina. Torna-se ridículo. Conclua, agora, logicamente comigo: 1 °) que Massoretos vem do caldeu massar, como também pode vir do hebreu **massora**;

2°) que massar significa transmitir, como também pode significar tradição.

O trecho do meu artigo de 10-0 (sic) continua, pois, de pé, não obstante os esforços do belicoso poeta para destruí-lo.

Olhe, **meu melífluo, para que o sr. possa corrigir as minhas asserções é preciso ir mais longe. Recife, é pouco.** E, apesar de o dr. Incomensurável,

‘ter muito o que dizer sobre poliglotismo dos sábios’, estou certo de que, em hebraico, o sr. meterá a viola no saco... (MONTE, 2001. p. 208-210, grifos nossos).

A leitura do texto me levou a inferir que o objetivo de Monte não era propriamente publicizar sua posição em relação à origem da expressão *factus es in animam viventem*, mas, sim, mostrar que Duarte era um simples repetidor de ideias advindas do Recife. Nesse sentido, Monte deixou claro que a ignorância não era apenas de Duarte, mas também de seu superior, e, indiretamente, do protestantismo.

Em seus textos, Monte recorre, com frequência, a palavras ou expressões em outros idiomas, como grego, latim, caldeu, francês ou alemão, como uma forma de sustentar sua posição de que só se deveria ler e interpretar a *Bíblia* a partir dos originais.

Percebe-se, ainda, que os textos dos debates travados entre Monte e Duarte apresentam muitas repetições e apenas alguns poucos novos elementos são acrescentados às discussões. No texto *Muita trovoada é sinal de pouca chuva*, ele reiterou a necessidade de domínio de idiomas estrangeiros, afirmando que o próprio Duarte havia reconhecido que só lia textos em português, uma nítida demonstração da incapacidade de seu opositor. Vejamos o que mais o texto nos revela:

MUITA TROVOADA É SINAL DE POUCA CHUVA

Padre Monte

Tenho sempre ouvido dizer que muita trovoada é sinal de pouca chuva.

O poeta Duarte, que não há muito, num empavonamento ao herói de la Mancha, símbolo vivo da ‘fatuidade obtusa’ dos presumidos, desafiava Deus e o mundo para as suas escaramuças bíblicas, é compelido pelo ‘braço hercúleo’ da lógica e da evidência a uma retirada desastrada e vergonhosa. Recua para zona neutra das questões baratas e triviais, fugindo desairosamente do terreno bloqueado das objeções sérias e intrincadas, **CONFESSANDO na sua inépcia nos assuntos exegéticos e hermenêuticos.** E ele, que não se queria ‘submeter ao pedagogo’, é hoje ‘o rebelde subjugado’ **Ainda bem que o melífluo foi sincero, já que não havia compreendido patavina era lhe um favor que abandonasse as questões sérias sobre os ORIGINAIS CALDEUS, HEBREUS E GREGOS, lhe respondesse em ‘português claro’ para que lograsse entender. Não o sabia tão fraco em assuntos sérios e importantes.** Bem se diz que muita trovoada é sinal de pouca chuva.

Defesa de Caracol

Mestre Duarte revolta-se contra si mesmo. A má estrela é toda sua. Que culpa tenho eu da sua acentuada miopia intelectual? **Se não consegue compreender o que escrevo como candidamente confessa, isso corre por conta da sua incomensurável sabedoria.** Demais, não lhe havia eu dito, logo no primeiro artigo, que para discutir ESCRITURAS ‘não era suficiente viver com o papo cheio de eructações bíblicas?’ **Mostrei-lhe claramente que era um tema de difícil contato, e que era uma pretensão descabida a sua de desafiar o clero nesse particular, prometendo o que não possuía.** Ora, o sr., meu

melífluo pastor, bateu o pé, pôs-se de lança em riste e afirmou que estava para o que desse e viesse. **Diante do seu enfatuamento belicoso, ataquei-o forte, ferindo a questão nas suas gênesis, como faria a um adversário culto e instruído.**

Logo às primeiras reconheci o balofo dos seus conhecimentos; mas, que fazer? fui provocado. Tendo, então, de **abordar questões sérias sobre hermenêutica, vi-me na contingência de remover, examinar, comentar e citar textos dos originais caldeus, hebreus e gregos, evocando a índole e os morfos das línguas, semíticas, especulando-lhes as raízes, os tremas, suas mutações através dos Livros Sagrados, etc. etc.**

O mestre Duarte, que pescava em águas turvas, não buscou cousa alguma, ficou na missa... Estava ali longe de supor que as cousas tomassem aquele rumo, resvalando para questões tão delicadas. Fez-se da banda moca; retraiu-se como um caracol. **Verificando que perdia o meu tempo, já começava eu a me cingir a questões mais acessíveis à sapiência supina do poeta da Presbiteriana. Foi quando o doutor incomensurável teve a má idéia de correr até Recife.** Buscava o fogo do céu, para animar o campeão das escaramuças bíblicas. E, então, **quando descobriu, ou lhe apontaram aquela providencial passagem do livro do dr. A. B. Davidson,** criou alma nova, ficou galvanizado, e tomando com unhas e dentes o volume providencial, teria gritado aos quatro ventos: eureka, eureka! Era que **o mestre Duarte julgara descobrir o meu ponto vulnerável,** o meu calcanhar de Aquiles. Mal lhe passava pela mente que **o esperava o suplício de Prometeu.**

Pudera! Estava com a faca e o queijo; o mestre MENALCAL haveria de torcer a orelha e não botar sangue; desta vez tiraria uma desforra terrível. Mal aqui chegou, o poeta melífluo publica no seu terceiro boletim, para ‘descarar quem se mete a hebraísta e não viu ainda a capa de uma gramática hebraica’. Dias depois, escrevi ‘O Oráculo de Delfos’, onde dava uma resposta irretorquível à descabida pretensão linguística do doutor incomensurável, fechando o artigo com a seguinte proposição: ‘E, apesar de o dr. Incomensurável ‘ter muito o que dizer sobre o poliglotismo dos sábios’, estou certo de que em hebraico o sr. meterá a viola no saco. Foi a maior das ilusões porque passou o mestre Duarte. Fora buscar lã, e saíra tosquiado.

O poeta desconsertou; e, irrefletidamente, talvez, escreveu na sua palinódia, que escrevesse em língua que ele entendesse; era peço em latim, grego e hebraico...

Deveras, melífluo, fiquei admirado, com **o sr. tão sábio que é, se deixou facilmente vencer, em hebreu, por quem ‘não viu a capa de uma gramática hebraica’!...** Era que o mestre Duarte botava a viola no saco ...

Gás hilariante

Veio ao besunto do poeta Duarte mimosear-me com algumas curiosas perguntazinhas bíblicas. Cousas já velhas, batidas, mas que para os protestantes têm sempre o cunho da atualidade. Penso que o mestre Duarte não refletiu no que fez.

Fora eu, me calaria. Calar era a única atitude compatível com a presente situação do dr. Incomensurável. **Como é que o sr., depois de confessar-se vencido, não podendo resolver as objeções por mim ventiladas, tem ainda a coragem de provocar?** Com que direito me interroga, quem não pode dar desmentido às minhas asserções?

Não declarou o sr. que me não entendia, quando lhe citava nos originais, trechos das S. Escrituras? (MONTE, 2001. p. 213-214, grifos nossos).

Segundo Monte, o próprio Duarte havia confessado “sua inépcia nos assuntos exegéticos e hermenêuticos”, mas, como temos em mãos esta confissão, pode-se aventar que

isto tenha sido dito em tom irônico. No entanto, partindo do pressuposto de que Duarte tenha feito realmente essa confissão, é justificável que tenha pedido a Monte para que as respostas dele fossem em português, o que também pode ter sido feito em tom de deboche. É muito provável que Monte não fosse diretamente citado nos Boletins, que, como informei, traziam uma mensagem do pastor para os seus fiéis e informações mais gerais sobre e para a comunidade. Duarte até pode ter utilizado os Boletins para manifestar-se sobre as ideias do catolicismo e de Monte, mas quero crer que, dificilmente, deve tê-lo citado explicitamente.

Segundo Monte, ao se sentir desafiado por Duarte, imaginou, equivocadamente, que teria um adversário com cultura e instrução capazes de manter um debate em alto nível. Afirma, ainda, que teria sido a arrogância do pastor que o levou a atacar fortemente o adversário, e que, se inicialmente, mobilizou conhecimentos complexos em suas reflexões, na continuidade, percebeu que era necessário limitar-se a questões mais simples para que Duarte pudesse entender suas ideias. Na visão de Monte, Duarte recebia orientações dos pastores presbiterianos do Recife, onde teria descoberto, por conta própria ou por indicação, o livro de A. B. Davidson.⁶¹⁶ O padre natalense afirma que o pastor vivenciava o suplício de Prometeu,⁶¹⁷ uma vez que, diariamente, Monte o “devorava” nos debates, pois a cada novo argumento apresentado por Duarte, ele era, simbolicamente, um fígado novo a ser devorado por Monte. Afinal, como podia alguém que não lia hebraico criticar outra pessoa que conhecia esse idioma tão bem? Como podia alguém que não conhecia os originais da *Bíblia* provocar uma pessoa que conhecia esses originais?

Considerando estes questionamentos postos por Monte, entendo ser pertinente colocar outras perguntas: Como Monte teve acesso a essas versões da *Bíblia* em outros idiomas? Como Monte sabia os lugares de publicação, os anos de edição e até lugares que arquivavam esses documentos, se ele nunca saiu do Brasil? É plausível supor que também Monte tenha tido a assessoria de alguém? Como não tive acesso à biblioteca particular de Monte, não tenho

⁶¹⁶ Andrew Bruce Davidson (1831-1902) foi professor de hebraico e línguas orientais na Universidade de Edimburgo, na Escócia. Não consegui identificar como o livro de Davidson teria sido importante nos debates com Monte. De acordo com o padre, ao ter acesso ao livro de Davidson, o pastor Duarte julgou ter descoberto o ponto vulnerável de Monte. Entretanto, ele não faz qualquer referência ao conteúdo do livro, à descoberta de Duarte e ao seu suposto ponto vulnerável.

⁶¹⁷ Prometeu é um dos elementos da mitologia grega mais presentes no Ocidente. O mito de Prometeu foi originalmente narrado por Hesíodo e pode ser sintetizado da seguinte forma: Zeus ordenou a Prometeu que criasse o homem para governar a Terra. Prometeu esculpiu o homem com barro e água à imagem e semelhança dos deuses do Olimpo. Entretanto, precisava dotar o homem com características internas que os assemelhassem aos deuses. Desse modo, Prometeu decidiu roubar o fogo divino de Hefesto e a sabedoria de Atena. De posse dessas duas qualidades, o homem tornou-se superior aos outros animais, desobedecendo uma ordem de Zeus. Para punir Prometeu, Zeus o condenou a um suplício: ele foi acorrentado no cume do monte Cáucaso e todos os dias uma águia dilacerava o seu fígado, que crescia no dia seguinte e era novamente dilacerado pela águia (SÉRGIO, 2012).

condições de afirmar que ele realmente tinha em seu poder a *Bíblia* em versões originais. Resta-nos a possibilidade de que a biblioteca do Seminário as possuísse. Chamou-me, contudo, a atenção o fato de que Monte não recorre a outros estudos e a outros autores, como teólogos católicos, para fundamentar a discussão e legitimar suas posições. Pareceu-me que Monte se via como o único autor no mundo a ler corretamente a *Bíblia*.

Em outro texto em que Monte polemiza com Duarte, o tema discutido foi a composição da *Bíblia*, mais especificamente, os livros que dela deviam fazer parte. O debate mobilizou a opinião de católicos e protestantes em torno dos cânones bíblicos. Monte, no entanto, mobilizou essa questão como se fosse um debate restrito a ele e a Duarte. Um debate que envolvia a composição da *Bíblia* católica e da *Bíblia* protestante, e que pode ser observado no trecho abaixo:

CÂNON⁶¹⁸ DOS JUDEUS

Padre Monte

O Mestre Duarte é um homem de recursos. Quando não tem mais o que dizer, repete a mesma coisa pra variar.

E ei-lo, camelot, **percorrendo Seca e Meca⁶¹⁹**, tocando a mesma corda desafinada, enfatuatedo como se trouxesse na frente uma láurea olímpica. Meu melífluo pastor, não diga mais: 1º) que os deutero-canônicos⁶²⁰ foram incluídos no elenco pelo C. de Trento; 2º) que não estavam no cânon dos judeus; 3º) que não foram citados pelos Apóstolos, no N. Testamento.

Sabe por quê? Porque isso é uma estrondosa inverdade. Vejamos. Não lhe garanto que o sr. possa compreender a argumentação, mas para não bancar o feio, faça que entende (MONTE, 2001. p. 215, grifos nossos).

Como se pode constatar, Monte afirmou que Duarte se orgulhava de apresentar três grandes críticas à *Bíblia* católica: o fato de os livros deutero-canônicos terem sido incluídos

⁶¹⁸ Cânon é um paradigma, um padrão de medida. O cânon serve para o cumprimento da doutrina e do comportamento (ou da fé e da prática ou ainda da teologia e da ética). Para se identificar se a doutrina e as prática estão corretas, necessário se faz conferir o cânon. O cânon é a medida para a validação da doutrina e da ética cristã. Para os protestantes o cânon são as escrituras sagradas, para os católicos – desde o Concílio de Trento - a escritura e a tradição.

⁶¹⁹ A expressão de Seca (em espanhol, geralmente grafada “Ceca”) e Meca possivelmente tem uma origem espanhola. Seca está relacionada à designação popular da mesquita de Córdoba. Ir de Seca a Meca se remete à antigas peregrinações hispânico-muçulmanas entre a capital muçulmana da Ibéria (Córdoba) e a cidade santa do islã, Meca. Entre todas as cidades antigas que tinham mesquita, Córdoba e Meca eram as mais distantes entre si (eram as duas extremidades do mundo islâmico). Nesse sentido, a expressão “Percorrendo Seca e Meca”, usada por Monte, tem o intuito de afirmar que Duarte andou por todos os lugares, sempre dizendo as mesmas coisas, sem trazer novidades (ROCHA, 2015).

⁶²⁰ Deutero-canônico se refere ao conjunto de livros que forma o segundo cânone bíblico. Diferente dos livros proto-canônicos, os livros deutero-canônicos não constavam na *Bíblia* hebraica e só foram incluídos no cânone católico pelo concílio de Trento (1545-1563). É importante destacar que, para a Igreja Católica, os livros deutero-canônicos sempre foram considerados inspirados por Deus, mesmo que não estivessem formalmente, até então, na *Bíblia*. As igrejas protestantes, ao contrário, não consideram os livros deutero-canônicos como inspirados por Deus.

como livros de inspiração divina pelo Concílio de Trento,⁶²¹ mesmo sem estarem no cânon dos judeus e de não terem sido citados no Novo Testamento. Entretanto, Monte afirmou que essas críticas eram infundadas e que iria mostrar a Duarte os equívocos existentes na sua interpretação. Cabe ressaltar que a crítica feita por Monte a Duarte não pode ser apresentada como algo original e nem como uma interpretação inaugural de Duarte sobre o tema. Vejamos as bases em que se assentaram o debate travado entre o padre e o pastor presbiteriano.

O livro de Gênesis, no capítulo X, a partir do versículo 21, informa que Noé gerou Sem, que foi um dos ascendentes de Abraão. Assim, os hebreus são os descendentes de Sem (Semitas) e foram um dos primeiros povos a professar a crença em um único Deus. Os judeus formam uma parte menor do povo hebreu. A *Bíblia* dos judeus é a *Bíblia* hebraica.⁶²² O cânon dos Judeus era o mesmo cânon dos Hebreus e era o Antigo Testamento, composto exclusivamente pelos livros sagrados. Originalmente, o Antigo Testamento foi escrito em hebraico, serviu de base para o povo judeu e foi alvo de disputas em torno dos livros sagrados presentes na sua composição. O Novo Testamento foi escrito em grego e não tem divergências entre católicos e protestantes. Entre 382 e 385, Sofrônio Eusébio Jerônimo (340-420), conhecido na Igreja Católica como São Jerônimo, traduziu a *Bíblia* para o latim vulgar, produzindo a versão *Vulgata* da *Bíblia*. Nessa versão, foram incluídos o cânon do Antigo Testamento, outros sete textos (Tobias, Judite, Macabeus I e II, Sabedoria, Eclesiástico e Baruch) foram inseridos como anexos e outros dois livros (Daniel e Esther) foram editados, com acréscimo de outras passagens.

A Reforma Protestante⁶²³ ratificou esse cânon. Mas Lutero, ao traduzir a *Bíblia* para o alemão, considerou como livros canônicos exclusivamente aqueles presentes no Antigo Testamento, mas não removeu os livros apócrifos,⁶²⁴ que foram inseridos como um apêndice da *Bíblia*. Posteriormente, alguns movimentos protestantes passaram a publicar *Bíblias* sem

⁶²¹ Um concílio ecumênico reúne todos os bispos da Igreja Católica e é convocado para debater e dar encaminhamentos doutrinários ou disciplinares. Ao longo da História existiram 21 concílios na Igreja. O Concílio de Trento é decimo nono concílio católico. Ele marca o início da Contrarreforma. O Concílio de Trento envolveu três papas: Paulo III (1534-1549); Júlio III (1550-1555) e Pio IV (1559-1565). Sobre os concílios, ver: Igreja Católica (2013).

⁶²² Informações obtidas no site PATROCÍNIO... (2019).

⁶²³ Por Reforma Protestante, refiro-me ao movimento reformista cristão que emergiu no século XVI, liderado por Martinho Lutero, e que teve como símbolo mais marcante, a publicação, em 31 de outubro de 1517, de 95 teses com princípios teológicos.

⁶²⁴ Apócrifo é uma obra religiosa destituída de autoridade canônica. Os protestantes e os judeus os chamam de Livros Pseudoanônimos. Esses livros foram escritos por comunidades cristãs e pré-cristãs, mas não foram produzidos sob a inspiração divina. Os apócrifos não estavam contidos na Bíblia hebraica. A inclusão dos apócrifos no Velho Testamento e, conseqüentemente no cânon bíblico, tem sido alvo de divergência entre católicos, protestantes e judeus. Apócrifa é uma denominação atribuída a São Jerônimo no momento da produção da Vulgata. São Jerônimo usou esse termo para diferenciar os livros presentes no Velho Testamento em Hebraico dos livros escritos pelas comunidades vinculadas ao cristianismo.

incluir os apócrifos, enquanto outros mantiveram a tradição de mantê-los. Entretanto, é uma unanimidade entre os protestantes que esses livros não são sagrados.⁶²⁵

Entretanto, a Igreja Católica, a partir do Concílio de Trento (1545-1563), passou a incorporar livros no Antigo Testamento, que eram usados pelos Judeus, mas que não eram considerados obra de inspiração divina:

Seguindo o exemplo dos Padres católicos, recebe e venera com igual afeto de piedade e reverência, todos os livros do Velho e do Novo Testamento, pois Deus é o único autor de ambos assim como as **mencionadas traduções pertencentes à fé e aos costumes**, como as que foram ditadas verbalmente por Jesus Cristo ou pelo Espírito Santo, e conservadas perpetuamente sem interrupção pela Igreja Católica.

Resolveu também unir a este decreto o índice dos Livros Canônicos, para que ninguém possa duvidar quais são aqueles que são reconhecidos por este Sagrado Concílio. São então os seguintes:

Do antigo testamento: cinco de Moisés a saber: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Ainda: Josué, Juízes, Rute, os quatro dos Reis, dois do Paralipômenos, o primeiro de Esdras, e o segundo que chamam de Neemias, o de Tobias, Judite, Ester, Jó, Salmos de Davi com 150 salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Sabedoria, Eclesiástico, Isaías, Jeremias com Baruc, Ezequiel, Daniel, o dos Doze Profetas menores que são: Oseias, Joel, Amós, Abdías, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuc, Sofonías, Ageu, Zacarias e Malaquias, e os dois dos Macabeus, que são o primeiro e o segundo.

Do Novo Testamento: os quatro Evangelhos: Mateus, Marcos, Lucas e João, os Atos dos Apóstolos escritos por São Lucas Evangelista, catorze epístolas escritas por São Paulo Apóstolo: aos Romanos, duas aos Coríntios, aos Gálatas, aos Efésios, aos Filipenses, aos Colossenses, duas aos Tessalonicenses, duas a Timóteo, a Tito, a Filemon, aos Hebreus. Duas de São Pedro Apóstolo, três de São João Apóstolo, uma de São Tiago Apóstolo, uma de São Judas Apóstolo, e o Apocalipse do Apóstolo São João.

Se alguém então não reconhecer como sagrados e canônicos estes livros inteiros, com todas as suas partes, como é de costume desde antigamente na Igreja católica, e se acham na antiga versão latina chamada Vulgata, e os depreciar de pleno conhecimento, e com deliberada vontade as mencionadas traduções, seja excomungado (IGREJA CATÓLICA, [2019?], grifos nossos).

Ao incorporar os livros denominados apócrifos, o Concílio de Trento adotou a lógica de que seriam sagrados tanto os livros do cânon Judeu quanto os livros incorporados pela tradição, procurando conciliar os ensinamentos da *Bíblia* com ideias advindas da tradição, como as do Purgatório e de Maria como virgem redentora.

Se, por um lado, Duarte defendia a concepção protestante, que desconsiderava os livros apócrifos oficializados como de inspiração divina só a partir do Concílio de Trento, por outro, Monte defendia que a tradição do povo hebreu já considerava aqueles livros como

⁶²⁵ Informações obtidas no site QUEM... (2019).

sagrados e que o Concílio de Trento apenas havia legitimado o que a tradição já considerava. O debate em torno desta interpretação fica evidente nos fragmentos abaixo:

Que entende meu dulçuroso Duarte por Cânon dos Judeus? Permita-me dar-lhe uma lição, não obstante a sua grandiloqua sapiência bíblica. **Não era um, e sim dois; o Cânon Palestínicus, ou o Cânon de Esdras, e o Cânon Helênico ou Alexandrino. Que asneira, pois, é esta de Cânon dos Judeus?** Cânones dos Judeus, sim. Escandaliza-se o meu sensibilíssimo Duarte? Se assim o faz, revela crassa ignorância em estudos hermenêuticos. Vejamos.

Como sabe o sr. que existiu o cânon dos Judeus?

Ora, é simples, me responderá com ares de quem descobriu a pedra filosofal - pelos escritos dos rabinos dos dois primeiros séculos, pelos fragmentos de Fl. José e de Filon. Muito bem. Mas o sr. já viu algum desses códices antigos, alguns desses fragmentos talmúdicos? Nem o meu inefável Duarte, nem pessoa alguma os viu.

É através das citações dos escritores eclesiásticos dos primeiros séculos, que nos inteiramos da sua existência. Pois bem. Esses mesmos escritores rabinos, esse mesmo Flávio José, esses mesmos autores eclesiásticos dos primeiros séculos, nos falam do cânon Helênico ou Alexandrino!

Não é, pois, de boa lógica aceitar o cânon Palestino e repugnar o Helênico, não acha mestre Duarte? Portanto, aprenda esta liçãozinha: são dois OS CÂNONES DOS JUDEUS. E o que é mais desconcertante é que o cânon dos Judeus do Egito (o Alexandrino) continha todos os deutero-canônicos, que por eles eram considerados livros inspirados.

Os próprios racionalistas concordam que rabinos do Egito e das outras comunidades judias da África conferiam tanta autoridade aos protocanônicos como aos deutero-canônicos. Não foi pois uma colossal asneira a sua, meu sapientíssimo Duarte, afirmar de oitiva que os deutero-canônicos não estavam no cânon dos judeus?

Se tivesse afirmado que não estavam no cânon Palestínico, teria tido razão.

Não se escandalize, quando afirmo que os judeus da África consideravam divinos, tanto os proto como os deutero-canônicos. Esta é a verdade. Aos deutero-canônicos davam-lhes títulos que excluem toda a dúvida: chamavam-nos - TA BÍBLIA, KEPHALIS BÍBLIA AGIAL GRAPHAL, E EIRA BIBLOS, TA AGIA, TA THEIA BIBLIA KA TEDOXEN, que correspondem perfeitamente às designações, pelas quais eram conhecidos os livros sagrados entre os judeus da Palestina ESEPHER, EXPHRIS, KEVEGELÊ EPHER, EKEREA ou EGRA. etc. Eu lhe explico, meu melífluvo pastor, isto significa que eles consideravam inspirados os livros de que o sr. enche a boca afirmando serem do Concílio de Trento. Não venha, agora, me objetar que os judeus da Palestina repudiavam o cânon Alexandrino. Pelo contrário: em muitos códices entre os TONPERI BASILEON eles acrescentavam os TONPROPHETON. Por exemplo: Tobias e Judith se encontram em muitos Mesdrochin dos rabinos de Palestina, Baruch vem com Jeremias etc. No ano noventa, a escola judia de Hillel e o KENESIT GEDOLAT (grande sinagoga), sob Eliezer Bem Azaria, que sucedeu a Gamaliel II, declarou que Baruck era lido nas Sinagogas etc. Veja, pois, que os judeus da Palestina eram mais coerentes que os protestantes de hoje. E se eu lhe dissesse, meu farfalhudo Duarte, que os Apóstolos, os Evangelistas e o próprio Jesus Cristo usaram muitas vezes o cânon Alexandrino? Não faça careta, nem tome essa atitude de sibila em transe. Vou-lhe provar: Das trezentos e cinquenta e duas citações ou alusões do V. Testamento, que se encontram no Novo, duzentos e noventa e três estão

conforme à versão Alexandrina. Se o sr. Soubesse hebraico e grego poderia fazer um confronto entre as duas versões: a Palestinica e a Alexandrina e verificar com seus próprios olhos a verdade da asserção. Conferiria S. Matheus, XV, 8 e Isaías XXIX, 13 - Aos Romanos (II) e Ecles.: V, 13 - Math. VI, 14 e Ecles.: XXVIII,2 - S. Pedro (1ª) 1,6 e Sabedoria III,3 - Aos Corinth. (1ª) 11,10 e Judith VIII, 14 etc. etc.

Ainda mais, mestre Duarte, S. Paulo, de quem fazem os srs. tanto alarde, usou quase exclusivamente da Versão Alexandrina. De tal modo o Apóstolo se aproxima do cânon Alexandrino que até no próprio estilo é-lhe semelhante. Certas expressões como AIMA AKXEIN, ASTON PHAGEIN; certas particularidades sintáticas, corno emprego do artigo TOU, antes dos infinitos verbais: o uso de certos verbos peculiares ao grego do Cânon Alexandrino, como: PARA KALEIN, PAIDEMEIN, APROKRITHENAI; certos vocábulo compostos como ALLO-TRIOEPISKOPOS, MONOPHTHALMOS AIMA TEKXEISIA. etc. etc. Que me diz a tudo isso, meu incomensurável Duarte? E o sr. ter ainda a coragem de afirmar que no V. Testamento não há alusões aos deuterocanônicos!...

Se no cânon judeu Alexandrino estavam incluídos os deuterocanônicos, como é que o sr. inventou aquela história do C. de Trento? Se os Apóstolos e os Evangelistas fizeram duzentas e noventa e três alusões ao cânon Alexandrino, como é que tem os desplantes de doutrinar que no N. T. não se fala dos deuterocanônicos?

Saiba ainda que de preferência ao Cânon Paléstico, serviram-se os judeus do Cânon Alexandrino para as diversas versões dos Livros Sagrados: como a versão Armênic feita por MISROCH, cm 441: as versões síriacas denominadas PESCHITO e PHILAXENIANA, do 1º e 3º séculos respectivamente; a versão ebionita de SYMMARCHO, em 193; a versão COPTA, do ano 70: a versão da comunidade monofisista, feita em GHEZ, dialeto árabe etc. etc.

Concluamos, pois: 1º) dois eram os cânones dos Judeus, o Palestínico, e o Alexandrino, que continha todos os deuterocanônicos; 2º) os judeus da Palestina não repudiavam o cânon Alexandrino; 3º) Jesus, os apóstolos e os evangelistas serviram-se da versão Alexandrina; 4º) o cânon Alexandrino foi preferido ao Palestínico nas traduções dos Livros Sagrados. E então, mestre Duarte?

NOTA - Querendo, pode procurar na redação do Diário de Natal as fontes originais do que digo (MONTE, 2001. p. 215-217, grifos nossos).

Observando-se a citação, percebe-se que Monte ironiza Duarte por ele não saber que existiam dois cânones Judeus. Entretanto, a questão não se trata de uma simples desinformação de Duarte sobre a temática. Existe uma disputa entre católicos e protestantes sobre quais livros deveriam compor a Bíblia e servir de parâmetro (cânon) para a fé (teologia) e prática (ética) do cristão. Monte apresenta-se como o conhecedor e enxerga Duarte como um ignorante. E, mais uma vez, o texto não revela um pensamento elaborado, com base em outros autores, por parte de Monte em torno desse tema. Ele apenas expressa o pensamento vigente há séculos

na Igreja Católica. Duarte, por sua vez, não deveria ser considerado um desinformado, pois apenas não considerava o “duplo cânone”⁶²⁶ reconhecido pela Igreja Católica.

É possível compreender a razão para que Monte considerasse que os judeus tinham dois cânones e para que Duarte considerasse a existência de apenas um cânon para os judeus. Na perspectiva católica, defendida por Monte, eram sagrados tanto aqueles livros usados pelos judeus na Palestina⁶²⁷, quanto os livros utilizados pelos judeus de Alexandria⁶²⁸ e que compunham a Septuaginta.⁶²⁹ Já Duarte e os protestantes consideravam apenas os livros utilizados pelos judeus na Palestina.

Nesses termos, a Septuaginta é composta dos livros da *Bíblia* hebraica, acrescidos de outros livros escritos em grego. É essa a lógica que norteia Monte para afirmar a existência de dois cânones dos judeus. Por outro lado, os evangélicos, como era o caso de Duarte, consideravam que apenas o cânon *menor* era de origem divina. Portanto, o debate proposto por Monte não se dá entre as suas ideias e as de Duarte, mas, sim, entre ideias que vinham sendo debatidas há séculos pelo catolicismo e pelo protestantismo.⁶³⁰

Protestantes e Católicos encontram no apóstolo Paulo, que viveu entre o ano 5 e o ano 67, um ponto de reflexão sobre o cânon Judeu. Em Romanos, capítulo 3, versículos 1 e 2, Paulo declarou: “que vantagem há então em ser judeu ou que utilidade há na circuncisão? Muita, em todos os sentidos! Principalmente porque aos judeus foram confiadas as palavras de Deus.” (Rm 3:2). No ano de 331, Constantino deu liberdade de culto aos cristãos e o cristianismo passou a agregar novos adeptos. No ano de 390, por ato de Teodósio, a Igreja Católica tornou-se religião oficial do Império Romano.

Nesses termos, a declaração de Paulo é importante, pois ela é anterior ao surgimento oficial da Igreja Católica e deixa evidente a existência de palavras de Deus confiadas aos judeus. A partir dessa evidência, alguns intérpretes da *Bíblia* defenderam a ideia de que Paulo

⁶²⁶ Não é correto falar em “duplo cânone”, como fez Monte. Na Igreja Católica, só há um cânone. O que acontecia é que Duarte, na verdade, não considerava o cânone ampliado que a Igreja Católica adotou após o Concílio de Trento. Até este Concílio, a Igreja adotava o mesmo cânon que adotam ainda hoje os protestantes.

⁶²⁷ Os judeus da Palestina, por não considerarem os textos apócrifos, utilizavam em suas sinagogas apenas as escrituras compostas em hebraico.

⁶²⁸ Os judeus de Alexandria falavam grego e, por esta razão, tinham facilidade em manusear a Septuaginta grega, que era composta pelos textos hebraicos e pelos textos apócrifos.

⁶²⁹ Como afirmei anteriormente, Septuaginta é a versão da Bíblia hebraica traduzida, em Alexandria, para o grego entre o século III a.C. e o século I a.C. Trata-se da mais antiga tradução da Bíblia hebraica para o grego, principal língua do Mediterrâneo Oriental no tempo de Alexandre. A Septuaginta tornou-se a versão da Bíblia mais usada pelos cristãos de língua grega e serviu de base para outras traduções bíblicas. Jerônimo de Estridão (São Jerônimo) traduziu, entre 384 e 406, a Bíblia para o latim popular (Vulgata) a partir da Septuaginta. Inicialmente foi o Papa Damaso I (que teve o seu pontificado entre 366 e 384) quem designou São Jerônimo para revisar o texto bíblico para o latim. Mesmo com a morte desse papa, São Jerônimo deu continuidade ao trabalho e realizou a tradução completa.

⁶³⁰ Maiores informações sobre o tema podem ser obtidas em: Michuta (2013).

argumentava, nessa citação, em favor de um corpo de escritos divinamente inspirados e autoritativos para o povo judeu.⁶³¹ Sob esta perspectiva, apenas os livros deixados em hebraico para os judeus, e redigidos até aproximadamente o ano 400 a.C., eram de inspiração divina. Posteriormente, entre os séculos II a.C. e o século I d.C., foram escritos os livros apócrifos, todos em grego. Como os livros apócrifos apresentavam elementos que não se coadunavam perfeitamente com os textos hebraicos, os protestantes, no período da Reforma, não os consideraram de inspiração divina e entenderam que Paulo se referia exclusivamente aos livros em hebraico. Paralelamente, os católicos, sobretudo a partir do Concílio de Trento, como já referido, defenderam a ideia de que os apócrifos deveriam fazer parte da *Bíblia*, uma vez que estavam diretamente associados à tradição cristã. Essa discussão de Paulo possibilitou um debate em torno da seguinte questão: o cânon dos Judeus fechou-se ao concluir o Velho Testamento em hebraico ou o cânon estava aberto e os apócrifos podiam ser incluídos? Essa foi a questão central que moveu Monte e Duarte no debate em torno do cânon.

Para os católicos, o cânon dos judeus não se encerrou com a Bíblia Hebraica e, por isso, era legítima a inclusão dos Apócrifos. Para ratificar essa posição, a Igreja Católica indicava dois fatos: o Concílio de Jamnia e a adoção da Septuaginta. O Concílio de Jamnia, reunido entre 75 e 117 d.C., incluiu anciãos com a função oficial de fechar o cânon das Escrituras Judaicas. Portanto, esses anciãos tinham o poder de incluir novos elementos ao cânon. No que se refere à Septuaginta, a sua adoção pelos judeus de Alexandria mostra que os apócrifos já eram considerados pertencentes ao cânon. Argumenta-se que eles incluíram os Apócrifos às Escrituras Hebraicas como seu corpo canônico, porque os manuscritos mais antigos que possuímos da Septuaginta contém alguns dos livros Apócrifos.⁶³² Os protestantes, por sua vez, rejeitam este argumento, afirmando que o cânon dos judeus é simplesmente a Bíblia hebraica, na qual foram definidos os livros e a ordem de apresentação. São esses livros, escritos muito antes de Jesus Cristo, que serviram de medida para a identificação dos elementos doutrinários e práticos do cristianismo.

Quando Monte afirmou que era uma invenção a afirmação de Duarte de que a inclusão dos apócrifos ocorrera no Concílio de Trento, ele julgava que, desde o cânon Alexandrino, os apócrifos já estavam na *Bíblia*. Por sua vez, ao afirmar que o Concílio de Trento foi que definiu a inclusão dos apócrifos na *Bíblia* católica, Duarte ratifica a posição protestante, que tem base nas próprias decisões do Concílio, entre as quais fica explicitada que “este sínodo recebe e

⁶³¹ Por poder autoritativo compreende-se o poder de uma autoridade que se estabelece a partir do diálogo. Nesse sentido, Deus dá o ensinamento por meio da *Bíblia* e os fiéis o aceitam de boa vontade e por opção.

⁶³² Informações obtidas no site: WEBSTER... (2016).

venera com o mesmo piedoso afeto e reverência todos os livros tanto do Novo quanto do Antigo testamento, visto que um só Deus é o autor de ambos, juntamente com as ditas tradições, tanto as que pertencem à fé quanto as que pertencem aos costumes” (BETTERSON, 1967. p. 298). Desse modo, tanto a posição de Duarte quanto a posição de Monte estão vinculadas ao debate entre protestantes e católicos acerca do cânon Judeu.

O último dos textos em que Monte aparece debatendo explicitamente com Duarte intitula-se *A Lâmpada de Diógenes* e, nele, é abordado o celibato. Inicialmente, Monte investe na desqualificação de Duarte, recorrendo a uma série de qualificativos negativos atribuídos ao pastor, sem que eles tenham qualquer relação com o tema contemplado no texto:

A LÂMPADA DE DIÓGENES

Padre Monte

Como Diógenes, ando à procura de alguém, lâmpada acesa ao meio-dia. Procuo os filhos de Esculápio, para que me receitem um específico contra o ‘sarcopato’ e um revulsivo poderoso para combater ‘parvoíce’. Enfim encontrei um ótimo remédio para ‘sarnas’, Mitigal Bayer, meu melífluo poeta. **Para as suas tolices imperdoáveis, é que não descobri ainda um medicamento heróico. Convença-se de que é uma negação para polemista.** O seu boletim aumentado, refundido e corrigido pelo autor, é simplesmente uma lástima. Foi uma desilusão. Nunca julguei que a sua decantada fama híbrida, poético-jornalística atingisse às raias perigosas, a frente ocidental da ignorância crassa. E como não quero fazer como o bonançoso trovador da presbiteriana, que afirma de oitiva, quero aduzir as razões da minha asserção (MONTE, 2001. p. 220, grifos nossos).

Mais uma vez, Monte tratou Duarte como ignorante e incapaz de debater com ele a questão do celibato, devido às suas fragilidades teológicas acerca desse tema. O texto escrito por Monte foi elaborado em torno de três eixos: a discussão de que o celibato não era dogma; a confusão que Duarte teria feito com o plural da palavra latina “custos” e a troca dos nomes de personagens por Duarte quando menciona o Império Romano na tentativa de refutar o celibato dos sacerdotes cristãos. Em relação à ideia do celibato como dogma, Monte afirmou:

1. Em que mundo, em que estrela, o meu sábio Duarte, ouviu dizer que celibato é DOGMA?

Isso é depoente para seus foros de Filisteu moderno.

DOGMA, significa verdade, vem do grego DOGMATOS. Dogma, pois, é uma verdade, em que se está obrigado a acreditar. Ora, celibato não é uma verdade a que se está obrigado a dar crédito.

Logo, celibato não é dogma, mestre Duarte.

Olhe, não diga mais essa asneira; quando tiver de fazer outra reclamaçãozinha daquelas, diga assim: o celibato é um preceito eclesiástico... etc. etc. (MONTE, 2001. p. 220, grifos nossos).

Realmente, a instituição da obrigatoriedade do celibato no clero católico foi introduzida pelo papa Gregório VII (que esteve à frente do pontificado entre 1073 e 1085), que, em 1074, escreveu uma encíclica que dispensava a ordem dos bispos que permitia o casamento dos sacerdotes. No ano seguinte, adotou medidas para suspender o rendimento financeiro de bispos que desrespeitassem essa decisão. Foi, portanto, a partir desse papado, que o celibato do clero se tornou uma prática na Igreja Católica, ainda que ele não seja elemento da doutrina nem da fé. Vale lembrar que os protestantes não fazem essa crítica à Igreja Católica, afirmando que essa é uma decisão da Igreja, sem uma base consistente na Bíblia (RUST, 2015. p. 25-26). Logo, é plausível supor que Duarte tenha dito que o celibato era uma posição dogmática, no sentido sectário do termo, da Igreja Católica. Independentemente das posições assumidas por Monte e Duarte em relação a esta questão, ratifica-se a ideia de que Monte expressava o pensamento católico e Duarte o pensamento evangélico.

Ao referir-se ao plural de “custos” e à troca do nome de personagens do Império Romano, Monte, mais uma vez, desqualifica o pastor presbiteriano:

Faz-me lembrar aquele disco de Procópio, a ‘Fundação do Rio de Janeiro’. Com os seus boletins, o sr. Duarte se está tomando cômico. Faz todo mundo rir. Quer um conselho? Olhe, mestre poeta, por aí afora há uma campanha interessante, a da ‘Boa Vontade’. Ela se resume a resolver tudo pelo bom humor, pelo riso. Aliste-se, nela.
O sr. é uma ótima pessoa, meu melífluio Duarte. Com as suas tolices imperdoáveis e seus erros palmares, fará rir até uma estátua sisuda (MONTE, 2001. p. 220-221).

Ao se referir ao disco *A Fundação do Rio de Janeiro*,⁶³³ de Procópio Ferreira (1898-1979), lançado em 1929, Monte associou Duarte a personagens de um texto humorístico, no qual personagens de tempos diferentes (como Mussolini e Mem de Sá) convivem e se articulam para fundar a cidade do Rio de Janeiro. Nessa perspectiva, Monte quis demonstrar que Duarte não tinha condições de realizar o debate e que os erros dele pareciam oriundos de uma peça cômica. Essa associação teve o intuito de reforçar a incompetência de Duarte para debater aspectos teológicos.

Mas há, ainda, outros textos nos quais Monte faz menção explícita a Duarte, dentre os quais estão aqueles que tratam da adoração das imagens pelos católicos;⁶³⁴ da existência do

⁶³³ Trata-se de um monólogo satírico, que retrata, de forma bem-humorada, uma impossível versão para a fundação da cidade do Rio de Janeiro. O disco pode ser consultado Ferreira (1929).

⁶³⁴ ELES DISSERAM, E A VERDADE NÃO CONFIRMOU (MONTE, 2001, p. 218-219).

Purgatório;⁶³⁵ da defesa do celibato pela Igreja, fundamentado no apóstolo Paulo;⁶³⁶ e da possibilidade de anjos e santos intercederem pelos que rogam a eles na terra.⁶³⁷ Cabe observar que todos esses textos tratam de temas não ligados à doutrina ou à ética, havendo neles uma crítica genérica ao protestantismo, sem a identificação de um debatedor propriamente dito. Esses textos foram escritos por Monte, mas não há indícios de que tenham feito parte das polêmicas com Duarte. Todavia, é importante destacar que neles também não há elementos que revelem pesquisas ou estudos inovadores por parte de Monte, na medida em que aciona argumentos historicamente apresentados pela Igreja Católica para criticar o protestantismo. Neste sentido, pode-se afirmar que as polêmicas nas quais Monte se envolveu e os textos que escrevia, tão valorizados por seus admiradores a ponto de o considerarem um gênio, não traziam à tona novos argumentos para a consolidação da doutrina e da fé católica, reiterando posições já assumidas pela Igreja Católica.

Após esses debates ocorridos em 1931, localizei algumas informações sobre Duarte no *Livro de Atas da Igreja Presbiteriana* de Natal, sendo que à página 48, encontra-se o registro de uma reunião realizada em oito de março de 1932, na qual foram discutidos os preparativos de uma festa com vários atrativos, como quermesse e apresentação de banda de música. Segundo a ata, essa festa teria o objetivo de arrecadar fundos para os flagelados da seca que devastava o Nordeste, como um todo, e o Rio Grande do Norte, em particular. Nas atas do livro, não há nenhuma informação sobre os resultados dessa festa. Entretanto, pode-se deduzir que esta iniciativa se chocava com a tradicional prática de iniciativas “caridosas” da Igreja Católica, o que pode ter criado dificuldades para sua concretização. Essa minha inferência parece encontrar respaldo na constatação de que, depois da reunião de março de 1932, Duarte só conseguiu reunir o conselho da Igreja por mais duas vezes (em maio e em julho) neste mesmo ano.

Chamou-me a atenção, particularmente, a ata do dia vinte e seis de maio de 1932, à qual tive acesso indiretamente a partir de informações que me foram repassadas pelo reverendo Ítalo Dantas.⁶³⁸ De acordo com o reverendo Ítalo, o Pastor Duarte teria convocado a reunião do dia vinte e seis de maio de 1932 para relatar um incidente bastante desagradável e calunioso. Apesar do apoio que recebeu dos membros do Conselho, Duarte decidiu ausentar-se de Natal,

⁶³⁵ O PURGATÓRIO (MONTE, 2001, p. 222-223).

⁶³⁶ SÃO PAULO NÃO É PROTESTANTE (MONTE, 2001, p. 224).

⁶³⁷ ELES PODEM... NÓS DEVEMOS (MONTE, 2001, p. 225-226).

⁶³⁸ Segundo o reverendo Ítalo Dantas, o Conselho da Igreja Presbiteriana foi consultado sobre a minha solicitação de acesso à Ata. A decisão foi a de que as informações constantes no documento poderiam ser prestadas pelo próprio reverendo Ítalo Dantas, uma vez que na Ata constam nomes de pessoas ilustres da cidade nos anos 1930, que estavam envolvidas com as perseguições a Duarte.

a fim de evitar que os inimigos dos protestantes explorassem o incidente e passassem a persegui-lo. O relato feito pelo reverendo Ítalo, me levou a formular os seguintes questionamentos: Quem eram esses inimigos de Duarte? Por que os debates públicos com Monte cessaram? Os católicos estariam envolvidos nessa possível perseguição a Duarte? Quem teria sido essa não crente? Seria uma católica, uma vez que os protestantes só consideravam crentes os seus pares? Enfim, estas são algumas das questões que me ocorreram e que, infelizmente, não consegui responder, devido às dificuldades de acesso ao arquivo da Igreja Presbiteriana de Natal. Elas, com certeza, poderiam ter ajudado a entender as razões do fim dos debates travados entre Monte e Duarte a partir de 1932.

Temos, ainda, segundo relato do reverendo Dantas, o registro de uma reunião ocorrida em oito de julho de 1932, na qual Duarte teria relatado as viagens que havia feito entre 11 de junho e 6 de julho ao município de Caicó, e a ata relativa à reunião na qual Duarte se despede, e que ocorreu no dia 8 de janeiro de 1933, sem que tenham sido dadas maiores informações sobre o seu destino e as razões da sua saída. Posso, no entanto, inferir que perseguições feitas ao Pastor Duarte podem tê-lo levado a deixar Natal.

O capítulo 11 da *Antologia 9* é dedicado exclusivamente ao protestantismo, sendo, inclusive, o título desse capítulo, que reúne os textos das polêmicas com o Pastor Duarte, com o Pastor Mateus e, ainda, os textos de Luís da Câmara Cascudo e algumas notícias de jornal. Chamam a atenção, especialmente, os textos de encerramento do capítulo, uma vez que eles não têm uma relação direta com o protestantismo, mas, sim, com o momento político então vivenciado. Vejamos um dos textos de Câmara Cascudo, reproduzido por Navarro:

A ATMOSFERA POLÍTICA DAQUELE TEMPO

‘A República’ de 15 de agosto de 1933, publica:

O SIGMA VITORIOSO

Luís da Câmara Cascudo

Com ironia de uns e indiferença de muitos **o movimento integralista avança, lento, seguro, avassalador, invencível**. Em 1931 nenhum. Em 1933 trinta mil! Não há proporção para confronto. É uma doutrina áspera, expressa com a coragem dos fortes, com a lealdade dos sinceros, com a segurança dos conscientes. Está em toda parte e não há hoje uma sociedade que não possua um elemento integralista como forte componente. Aqui os Camisas Olivas são olhados com a fácil curiosidade desportiva. O desdém fácil dos inúteis, dos adoecidos de catalepsia moral, dos burgueses empapaçados de preguiça, incapazes de reação, de atitude e de gesto, subservientes a todos os tiranos, acovardados ante todas as ameaças, recuando de sombras, vendo morte nas trevas de sua miopia congênita; desdém estéril e bondoso para quem o recebe sorrindo, vem até o símbolo vitorioso que voa pela terra brasileira. Todo movimento de idéias é assim combatido. Pensam que o silêncio esmorece e que a palavra mesquinha, arrastada e lerda traz alguma expressão além do testemunho pessoal de inépcia. **Os integralistas com Plínio Salgado,**

Oliveira Viana, Gustavo Barroso, Ribeiro Couto, Otávio de Faria abrem combate intelectual com todos os credos e ideologias. Julga-as merecedoras de estudo, de análise, de comparação e de comentário. Nenhuma doutrina política pode ser posta de lado pela imposição de seus adversos ou aceita pela técnica do pavor. **Quem usa o Sigma Integral não tem medo nem receia o combate.** Desejamos antes o encontro amplo e nobre de críticas que a falhada e bolorenta processualística de conspirações, conluíus, segredinhos e mistérios. O integralista delibera ante o Povo para o qual fará uma Pátria digna e forte. Fará um Brasil corporativo, sereno, como o equilíbrio das forças produtoras com a guerra ao capitalismo-classe, absorvente e improdutivo. **Uma Pátria com a convergência de todas as classes produtoras sem o predomínio de clã, de grupinho e de partido, devoradores do patrimônio coletivo.** Contra o Sigma é inútil reagir. Inútil o riso. Inútil o insulto. Combate-lo é tentar desviar um raio, parar uma enchente, sustar um terremoto ('A República' de 15 ago. 1933) (MONTE, 2001. p. 249-250, grifos nossos).

Se, por um lado, pode-se supor que o texto de Cascudo, assim como as demais matérias jornalísticas, tenham sido inseridas de forma equivocada por Jurandyr Navarro em um capítulo dedicado ao protestantismo, por outro, esta inserção pode revelar sua intenção de vincular as polêmicas com o momento político nas quais elas ocorreram. Do texto de Cascudo, depreende-se que ele acreditava que Integralismo, um movimento em contínuo crescimento, poderia acabar com ideologias e credos que ameaçassem a unidade da pátria. Nesse sentido, pode-se supor que o combate ao protestantismo pode ter encontrado espaço nas pautas integralistas, sendo possível, ainda, cogitar que dentre os inimigos do Pastor Duarte se encontrassem alguns adeptos do Integralismo. No próximo tópico, abordarei as polêmicas que Monte travou com o médico Esmeraldo Siqueira.

4.2.2 As polêmicas de Monte com o médico Esmeraldo Homem de Siqueira

Padre Monte polemizou com o médico Esmeraldo Homem de Siqueira no período compreendido entre 9 de agosto de 1936 e 6 de março de 1937. Em 1968, ao completar sessenta anos, Esmeraldo Siqueira escreveu um pequeno livro, intitulado *Roteiro de uma vida*, no qual apresentou o que denominou ser “um guia biográfico e psicológico” de sua vida, rememorando momentos de sua história de vida e inserindo seus debates públicos com padre Monte (SIQUEIRA, 1968). No livro *Jornada ao Crepúsculo* (1969), Siqueira referiu-se ao seu aniversário de sessenta anos:

Amanheci hoje, 16 de agosto de 1968, com a respeitável idade de sessenta anos. [...] Pense na miséria de ficar velho, tendo toda a minha vida de lembrança, como se não houvesse o tempo. Dizer que sou sexagenário me parece uma espécie de pesadelo, pois o meu coração tem ou continua tendo vinte anos de idade (SIQUEIRA, 1969. p. 5).

Com base nessa citação é possível inferir que, quando Siqueira rememorou seus debates com Monte, ele estava se ressentindo da velhice e procurando compensá-la com as memórias da juventude. Nesses termos, Siqueira, muito provavelmente, narrou os seus embates com Padre Monte buscando afirmar a sua posição vigorosa naquele conflito.

Em *Roteiro de uma vida*, Siqueira relatou que nasceu em 16 de agosto de 1908, na cidade de Vila Nova – atualmente, Pedro Velho –, no Agreste norte-rio-grandense. Em 1913, o pai dele, o juiz de Direito dr. Homem de Siqueira, foi transferido para Natal e trouxe consigo toda a família. Ele rememorou os amigos, a vida em Natal, os prazeres, os jogos, a vida noturna, a relação com o cinema, as escolas em que estudou. Entre os amigos, cita tanto aqueles que conviveram com ele nas ruas, quanto aqueles que estudaram com ele nas escolas Augusto Severo, Atheneu e Marista. Mencionou amigos em comum com Monte, como é o caso de Jorge O’Grady de Paiva e de Nilo Pereira. Não há, no entanto, qualquer menção, na obra, de que eles tenham sido amigos.

Sobre Jorge O’Grady, com quem havia estudado na mesma turma, Siqueira afirmou que ele era tímido e nunca participava das brincadeiras com os colegas, não demonstrava vivacidade no espírito, mas havia se transformado em um dos cônegos mais ilustres da Igreja Católica brasileira. Siqueira mencionou, também, alguns de seus professores, os alunos inteligentes da sua turma e os aprendizados nas disciplinas cursadas. Após descrever este panorama, Siqueira se apresentou como um autodidata imperfeito. Afirma ter lido os primeiros livros de literatura da biblioteca de seu pai, além de alguns emprestados por amigos e outros da coleção do Instituto Histórico. Informa ter sido leitor de livros importante na área da ciência e da filosofia, tais como uma obra de Teophilo Braga, através da qual teria tido contato com as ideias de Comte, *Força e Matéria*, de Buchner, e a *História da Criação*, de Haeckel (SIQUEIRA, 1968. p. 20). Aliás, teriam sido estes livros segundo ele, que o haviam tornado cético em relação às crenças religiosas que até então o acompanhavam. Afirma ter lido também Alan Kardec, Leão Diniz, Gabriel Dellano, tendo considerado esses autores contraproducentes, sem fundamentação e “loucamente visionários”.

Ainda durante os estudos preparatórios, Esmeraldo Siqueira começou a escrever na imprensa local, com destaque para o jornal *O Imparcial*, de Fontes Galvão, e a *Folha do Povo*, de Sandoval Wanderley. Os primeiros artigos que escreveu na *Folha do Povo* receberam o título de *Os trampolinos* e atacavam rudemente Djalma Trindade e Luís de Góis, conferencistas

espíritas. Para Siqueira, Luís de Góis tinha como culto dileto o da *diva botelha*⁶³⁹, além de apresentar características pouco nobres, como a “fatuidade, ignorância, burrice, ademais do tipo físico repelente” (SIQUEIRA, 1968. p. 31).

Ao completar seus estudos preparatórios para o ingresso no ensino superior, procurou se inscrever nos vestibulares de uma das faculdades do Recife, onde chegou a 4 de janeiro de 1928 (SIQUEIRA, 1968. p. 33). O pai queria que Esmeraldo cursasse direito, mas o acaso fez com que cursasse medicina, uma vez que um aluno do segundo ano de medicina se prontificou a emprestar os livros utilizados nas disciplinas, caso optasse por este curso. Siqueira afirma não ter sido um aluno dedicado durante o curso, tendo dividido a medicina com a boemia e com outras atividades. No dia oito de dezembro de 1933, ele colou grau e, pouco tempo depois, veio para a casa dos pais, em Natal e, em seguida, mudou-se para Jardim do Seridó, onde passou a exercer a medicina. Nesta cidade, teria passado a estudar os livros de medicina existentes na biblioteca do farmacêutico e fazendeiro Heráclio Pires.

Após mudar-se definitivamente para Natal, em 1936, passou a se dedicar com afinco ao estudo das línguas inglesa, francesa, espanhola e italiana, com as quais havia tomado contato por meio de algumas estações de rádio que ouviu nos tempos em que morou em Jardim do Seridó.

É na obra *Roteiro de uma vida* que tomamos conhecimento como se iniciaram as polêmicas com Padre Monte. De acordo com Siqueira, no período em que residiu em Jardim do Seridó, enviou, para o jornal *A República*, artigos e poemas que continuaram a ser publicados mesmo depois de ter se mudado para Natal. A reação de Monte é descrita nos seguintes termos:

Eu já publicara [no jornal *A República*] larga parte de série denominada **Intentos**, ligeiros trabalhos sortidos de literatura, ciência e Filosofia. Por causa desses escritos, em que eu falava de tudo em tese, sem nunca empregar o ataque pessoal, lá um dia surgiu pelo jornal católico **A Ordem** o padre Luiz Gonzaga do Monte, num artigo em que pretendia haver-me pilhado em flagrantes absurdos de doutrina (SIQUEIRA, 1968. p.75, grifos nossos).

Da passagem acima, depreende-se que Monte se sentiu ofendido pelos artigos de Siqueira e resolveu atacá-lo, iniciando uma série de polêmicas travadas entre os dois. O médico não deixa de manifestar sua surpresa diante do ataque do padre natalense e como reagiu:

⁶³⁹ Considerado que botelha significa garrafa, suponho que a expressão de Siqueira possa ser compreendida, literalmente, como “diva garrafa”. Nesses termos, o que Siqueira expressa é que Luís de Góis era um devoto das garrafas, ou seja, das bebidas alcoólicas

Novos artigos estampando contra mim a citada folha [sic], sempre no mesmo tom catedrático, **resolvi revelar ao público os enganos de meu desafiador. Como a imprensa de Natal me fechasse as portas, por ser o meu adversário um ministro da Igreja, não tive outro recurso senão editar minha defesa em dez boletins pagos do meu bolso. Os papalvos, constituintes naturais do grosso da sociedade, de certo continuaram a crer nos argumentos e na infalibilidade do reverendo.** Mas, a verdade é que eu provei aos entendidos que o meu antagonista cometeu erros plamares [sic] até na própria linguagem. Senão, vejamos aqui umas simples amostras desses [sic] pecados do saudoso padre Monte. (SIQUEIRA, 1968. p.75, grifos nossos).

Infelizmente, não tive acesso aos dez boletins mencionados por Siqueira, mas, a partir da obra *Roteiro de uma vida* e dos textos que Siqueira divulgou na coluna *Intentos* e daqueles que foram escritos por Monte, amplamente divulgados na imprensa de Natal, eu consegui reconstituir o debate que ocorreu entre os dois. De acordo com Siqueira, Monte cometia graves erros gramaticais, o que, segundo ele, era inadmissível para alguém que era conhecido por dominar a língua portuguesa e outros idiomas. O assunto é tratado por Siqueira da seguinte maneira:

Gozando êle [Monte] fama de latinista, surpreendeu-me com os seus escorregos na língua materna. Excluindo os visíveis erros de revisão, sobravam dezenas de cacografias: **‘dispertam, designação, revellado, extrictos, systema, relacção, sedactivo, annullando, chirurgia, occiosos, hepatico, athmospherico, splanchinico, ellucida, cifra, extranha, basophia, innevitaveis,’** etc., etc. As cacofonias também não rareavam. Aduzirei, contudo, descaídas de maior monta:

‘Na observação dos efeitos das forças cósmicas que tanto **lhes** apavoravam...’

‘Compartilho **com** a opinião...’

‘Pelo fato de se trazer cruzeiros e amuletos...’

‘Pueril era negar bases orgânicas **à certas** anormalidades...’

‘Dois ou mais elementos **podem se porem...**’

‘... conduziriam os mortais **à resultados...**’

‘Basta lembrar que o 8 e o 9 modernos mais se aproximam graficamente do 7 e do 4, **do que com** os seus homólogos’.

‘... que **extranha** haver passado **desapercebido ...**’

‘... perder todas esperanças...’

‘Para que se constate relações...’

Estou citando apenas **algumas amostras**. Omito os numerosos descuidos na topologia pronominal, por evitar prolixidade (SIQUEIRA, 1968. p. 75-76, grifos do autor).

Como se pode observar acima, Siqueira identificou cacografias, cacofonias e problemas de concordância e acentuação nos textos de Monte, o que suscitava o questionamento quanto ao domínio do padre em relação a várias línguas, sobretudo, a língua materna:

Nos meus dez boletins, deixei patenteada, de forma irresponsável, a incompetência do padre Monte em assuntos de gramática. Concordância, crase, regência, colocação de pronomes, ortografia, tudo lhe era tratado com desleixo estarrecedor. As cacofonias lhe denunciavam igualmente o péssimo ouvido (SIQUEIRA, 1968. p. 76).

De acordo com o médico, havia, também, problemas de conteúdo e de raciocínio, podendo-se questionar a capacidade intelectual de Monte:

Exporei agora outros tipos de amostras, as relativas à capacidade de raciocinar, aos méritos intelectuais e ao estilo. Tudo isto, meu Deus! Os admiradores do virtuoso sacerdote recentemente mandaram mimiografar [sic] e divulgaram em Natal, a título de glorificação de sua memória. Os competentes irão julgar se essas homenagens foram oportunas (SIQUEIRA, 1968. p. 76-77).

Neste excerto observa-se a crítica que Siqueira dirige aos admiradores de Monte, que exaltavam sua inteligência e genialidade, glorificando sua memória. Importante destacar que, em 1967, Dom Nivaldo Monte, irmão do Padre Monte, assumiu o Arcebispado de Natal, o que, muito favoreceu, a difusão da imagem do irmão “genial”. Além disso, desde a morte de Monte, muitos dos seus admiradores procuraram preservar a sua imagem em várias entidades da cidade por meio de discursos e textos. Essa rememoração atingirá sua plenitude com as antologias de Navarro, publicadas a partir da década de 1970. Nesses termos, ainda que as *Antologias do Padre Monte* não tivessem sido ainda publicadas em 1968, já existiam textos de Monte republicados e discursos pronunciados pelos seus admiradores em diversas instituições, exaltando as suas qualidades intelectuais.

Siqueira (1968) se posicionou contra essas homenagens prestadas à condição intelectual de Monte, por não encontrar evidências dela nos textos escritos pelo religioso. Todavia, como já abordei em outro momento, essas homenagens continuaram acontecendo nas décadas posteriores, tanto a partir da republicação de livros quanto pela proposição de sua canonização e da construção de estátuas. Nesses termos, considero que as críticas apresentadas por Siqueira foram ignoradas e Monte continuou sendo apresentado à cidade como uma referência intelectual. É importante lembrar, ainda, que, em 1968, Siqueira estava rememorando os debates que havia travado com Monte na década de 1930, um momento bastante distinto daquele em que escreveu *Roteiro de uma vida*.

Para questionar a tão incensada inteligência e erudição de Monte, Siqueira descreve um dos debates que teve com o religioso:

A série X de meus **Intentos** apontava como uma das causas da crença na imortalidade anímica os sonhos dos nossos primitivos antepassados com os seus conhecidos e camaradas já mortos. Sua reverendíssima considerou absurda tal hipótese, e asseverou triunfante que, nas mesmas condições, todos os animais e plantas que aparecessem nos sonhos desses primitivos teriam analógica e forçosamente de possuir almas imortais. E armou um dilema em que, ou eu renunciaria à teoria do sonho, ou teria de generalizar aos animais e às plantas, na mentalidade primitiva, a crença na imortalidade. Mostrava, assim, ignorar os menores rudimentos da doutrina animista. Lembrei-lhe que, se houvesse estudado os fatos e fenômenos do animismo, indispensáveis à cultura geral, certo não desconheceria que os povos primitivos, pré-históricos ou mesmo os selvagens contemporâneos povoaram o mundo de espíritos e demônios, animadores de tudo, até dos próprios **objetos inanimados**; que todos esses povos atribuíram os fenômenos da natureza à atividade maléfica ou benéfica desses seres espirituais; saberia, outrossim, de suas crenças na migração das almas. Wundt – disse-lhe eu – afirmava textualmente nesta citação de Freud: ‘A representação primitiva das almas era muito semelhante à dos indivíduos e só depois de longa evolução ficaram despojadas do caráter material, adquirindo alto grau de espiritualização’. Para a maioria dos autores, consoante Freud, as almas dos animais, das plantas e dos objetos foram concebidas analogicamente às almas humanas (SIQUEIRA, 1968. p. 77-78, grifos do autor).

Para Siqueira (1968), a posição assumida por Monte em relação à crença na imortalidade da alma era completamente equivocada, demonstrando sua ignorância em relação a autores que discutiam o tema. O médico prossegue, afirmando:

Pedi ainda ao respeitável reverendo que meditasse estas palavras do mestre de Viena [Freud]: ‘Como chegaram os homens primitivos às concepções fundamentais, propriamente dualistas, sobre que repousa o sistema animista? Supõe-se que pela observação do sono, com o sonho, e desse outro fenômeno tão semelhante – o da morte, e pelo esforço para explicar tais estados, tão familiares a cada um. O ponto de partida da formação dessa teoria devia ter sido principalmente o problema da morte. Para o primitivo, a continuação da vida – a imortalidade – seria o natural. A ideia de morte é algo mais tardio e só aceito com dificuldade. Até para nós, ainda hoje, é vazia e irrealizável essa ideia’.

Que nos respondeu a isso o modelar sacerdote?

O padre Monte não me respondeu nada, e, todavia, êsse [sic] tema era o **primum movens** dos seus ataques. Em vista do seu absoluto silêncio, achei-me dispensado da citação de novos autores especializados no assunto. No entanto, sua reverendíssima publicou mais uns artiguetes em que ventilava ingenuamente outras e bem diferentes questões (SIQUEIRA, 1968. p. 78, grifos do autor).

Mas a ignorância de Monte, segundo Siqueira, se expressava em várias outras áreas, inclusive na biologia, conforme pode ser evidenciado na citação a seguir:

Compilador apressado e abstruso, afirmara o reverendo a inexistência de órgãos nas células e nos germes. Ora, eu lhe provei que o conceito de órgão

não era tão restrito nem perfunctório. Gérmen e célula, organismos microscópicos, possuíam, de fato, órgãos anatômica e fisiologicamente diferenciados, como, a título de exemplos, a mancha e a vesícula germinativa, o núcleo e o nucléolo (SIQUEIRA, 1968. p. 80).

Suas críticas são ainda mais contundentes nesta passagem extraída da obra *Roteiro de uma vida*:

Assim falava o padre Monte, convencido, sem dúvida, de que apagar a memória dos grandes criadores da beleza e da tolerância do mundo. Pobre e abnegado ministro da Igreja! Morreu aos 39 anos de idade e não chegou a aprender sequer as mais elementares regras do estilo. Pensava mal, escrevia pior. Observe-se o último trecho citado: frouxo, vazio e balofo como a própria mentalidade do emérito solecista (SIQUEIRA, 1968. p. 81).

A desqualificação das virtudes intelectuais de Monte não impediu, no entanto, que Jurandyr Navarro, admirador confesso do religioso, introduzisse as polêmicas mantidas entre Monte e Siqueira no volume 9 das *Antologias*, manifestando sua admiração pelo médico:

POLÊMICA

Com o médico psiquiatra, ESMERALDO SIQUEIRA, estudioso da Filosofia e da Literatura.

NOTA PRÉVIA

Jurandyr Navarro

A consciência coletiva da sociedade natalense, daquela época, proclamava ser o professor Esmeraldo Homem de Siqueira, um autêntico intelectual.

Formado em medicina, ampliava, também, a sua curiosidade cognitiva em outras atividades do saber: a filosofia, a literatura, era poeta, jornalista e atuava no magistério.

Iniciou-se, vindo de Jardim do Seridó, com as chamadas aulas particulares. Lembro-me, que ainda pequeno, nos meus doze anos de idade, ouvia, na sala de refeição da casa da minha tia Aracy, esposa de Carlos, irmão de Esmeraldo, em suas aulas lecionadas aos seus sobrinhos, meus primos: Cleantho, Araceli, Dêa e Pensilvânia, na primavera dos anos quarenta. E, na postura de seus trinta e poucos anos, e com elegância didática, mestre Esmeraldo dava aulas de francês, de pé, andando em volta, como Aristóteles peripatético ensinava aos seus discípulos helenos, nos jardins do seu Liceu, em Atenas (MONTE, 2001. p. 263, grifos nossos).

Além de apresentar Monte como um autêntico intelectual, Navarro fez questão de mostrar as ligações familiares e a intimidade que decorria do fato de ter conhecido o professor que havia ministrado aulas, com extrema competência, a seus primos. E os elogios prosseguem:

Depois, ele [Siqueira] lecionou na Escola Normal de Natal, de lá saindo para o Atheneu, e, em seguida, para a Universidade, ministrando aulas de Botânica na Faculdade de Farmácia.

Encaminhou, primeiramente, o seu alunado, pela estrada árdua da Gramática Francesa, e, depois, perlustrando a sua rica literatura. Fui aluno desta última disciplina, no vetusto templo do Atheneu da av. Junqueira Aires, hoje, Câmara Cascudo, e sufraguei o seu nome para Paraninfo da minha turma, cuja eleita foi a professora Albertina Guilherme, de saudosa memória.

Recordo-me um pouco das suas aulas magníficas - quando queria dá-las- (mestre Esmeraldo era um docente meio independente da metodologia e de currículo escolar).

Quando estava indisposto, filosofava numa prosa agradável que encantava a curiosidade dos estudantes.

Deixando a digressão, volto às suas aulas-palestras sobre a literatura gualésa e todo seu encanto maravilhoso. Abordava ele a gênese histórica das letras francesas, dando ênfase, lembro-me bem, à **Cantilena de Santa Eulália**, poema dos mais antigos da cultura gaulesa, escrito em Latim, vez que o tesouro intelectual daquele tempo era guardado, qual preciosos relicários, pelos religiosos abades e monges, do período medieval.

Estendia Esmeraldo considerações sobre a **Chanson de Geste**. É que, da exaltação da vida dos santos, passou-se à celebração da vida dos heróis. E os eruditos e jograis entoavam poemas marciais, acompanhados de música, nos mosteiros, praças e **boulevards**. E acrescentava ele que tais canções poderiam ser anteriores às noites lendárias, sendo cantadas em santuários, em homenagens às façanhas épicas: tais, as imagens da literatura nórdica, fascinada pela morte; a grega, exaltada pelo heroísmo, como Sócrates se imolando pelo ideal da Polis e Antígona, de Sófocles, pelo poder dos deuses tebanos. E narrava, ainda mestre Esmeraldo, O **Ciclo do Rei**, a mais antiga das Canções de Gesta a Canção de Rolando, composta de quatro mil e dois versos, onde Rolando, atraído, morre como mártir. E a bela Aude, sua formosa noiva, imersa em tamanha dor, acompanha-o, adormecendo, também, no sono da morte. E mencionava os romances do Ciclo Bretão, do lendário Rei Arthur e a Távola Redonda. Finalmente, falava das fábulas, dos contos, da prosa, do teatro... revisando, assim, o exórdio da cronologia histórica da opulenta literatura da pátria de Voltaire.

Veio-me, à lembrança, esse passado, que já vai longe... (MONTE, 2001. p. 263-264, grifos do autor).

Ao lermos essa apresentação feita por Navarro, têm-se a impressão de que as divergências entre Siqueira e Monte eram tímidas, se é que existiam. Constata-se, ainda, que no volume 9 da *Antologia*, as polêmicas entre Monte e Siqueira foram inseridas no capítulo XII, intitulado “o Materialismo ateu”, o que parece sugerir que elas estiveram circunscritas ao debate entre crer ou não em Deus, e, ainda, que Navarro os considerou como intelectuais de mesmo porte.

Cabe, no entanto, ressaltar que o que está escrito em *Roteiro de uma vida* e o que encontramos nos *Intentos Fragmentários* escritos por Siqueira não se constitui propriamente em uma polêmica, uma vez que Siqueira não rebateu a Padre Monte nos anos 1930, manifestando-se somente no final da década de 1960. Siqueira, efetivamente, escreveu textos que foram rebatidos por Monte, mas não identifiquei um debate propriamente dito entre os dois. Ao que tudo indica, foi Navarro que, posteriormente, construiu este pretense debate ao reunir textos de

ambos, com o intuito de reforçar a ideia de que Monte debateu com um intelectual à sua altura, tendo saído vencedor.

Entre 9 de agosto de 1936 e 4 de outubro do mesmo ano, Siqueira escreveu dez textos, intitulados *Intentos Fragmentários*, sendo que cada um deles foi identificado com algarismos romanos em sequência.⁶⁴⁰ Em nenhum desses textos encontrei uma citação explícita contra Monte ou contra a Igreja Católica. Aliás, Monte não é sequer mencionado por Siqueira.

No *Intento Fragmentário I*, Siqueira apresenta oito fragmentos e, em cada um deles, reflete sobre o amor não correspondido e sobre a solidão, possivelmente, devido a uma desilusão amorosa que sofreu em Jardim do Seridó.⁶⁴¹ Nesses fragmentos, afloram apenas reflexões do autor sobre o sentido da vida.

O *Intento Fragmentário II* é composto por onze fragmentos, nos quais o médico reflete sobre temas como o caráter, (no qual discute a ideia de que o ser humano pode se bom por natureza e mau por necessidade); a educação (que, na percepção de Siqueira, não modifica as tendências inatas para o bem e para o mal, ou seja, para o autor, educar e instruir incrementam as boas inclinações, mas são inúteis para corrigir as más inclinações); o cruzamento racial no Brasil (em que o autor apresenta indagações sobre cruzamentos raciais e sub-raciais e a possibilidade de, no futuro, existir um tipo racial brasileiro bem definido e sobre os “socialistas de fancaria” não refletirem sobre o tema); a necessidade urgente de cuidados com as gerações (a mistura de raças degredadas, segundo ele, teria multiplicado vertiginosamente tipos inferiores, o que, na sua perspectiva, exigia a adoção de medidas rigorosas contra a “proliferação desses tarados” para que o Brasil deixasse de ser um “viveiro de psicopatas”); e a distinção da boa e da má oratória e da boa e da má escrita (era necessário distinguir a legítima oratória do palavreado vazio).⁶⁴²

Dos aspectos salientados no *Intento Fragmentário II*, chamou minha atenção, sobretudo, o fato de o pensamento de Siqueira estar vinculado às perspectivas eugênicas, amplamente difundidas entre os cientistas no Brasil nas primeiras décadas do século XX,

⁶⁴⁰ Cada um dos *Intentos fragmentários* é composto por vários fragmentos textuais sobre temas diversos. Assim, vários temas são discutidos em cada um dos *Intentos*, sendo que sua extensão varia de duas linhas a quatro parágrafos.

⁶⁴¹ Em *Roteiro de uma vida*, Esmeraldo Siqueira afirma que, quando morava em Jardim do Seridó, desejou uma esposa e procurou a filha mais velha de Dr. Heráclio, farmacêutico da cidade, que o havia levado para ser médico naquela localidade. Apesar de ser bem aceito por toda a família, a moça não aceitou a proposta e ele, desiludido, desistiu de procurar um casamento e essa foi uma das razões que o levaram a mudar-se para Natal (SIQUEIRA, 1968. p. 62-63). Possivelmente, alguns fragmentos que se referem à intimidade de Siqueira e estão presentes em *Intentos Fragmentários I* tiveram inspiração nessa desilusão amorosa.

⁶⁴² Nesses termos, ele afirmou que muitos tem facilidade de expressão, mas falam como uma máquina inesgotável de asneiras. Assim, para Siqueira, valia mais escrever uma página de verdades do que cem livros mentirosos, corriqueiros de linguagem e baseados em falsos raciocínios.

conforme foi evidenciado em vários estudos, como por exemplo, *O espetáculo das Raças*, de Lília Schwarcz. Para Siqueira, a miscigenação aparecia como um problema nacional, que só poderia ser resolvido com a eugenia, que faria surgir uma raça pura, tipicamente brasileira. De acordo com esse mesmo raciocínio, o autor considerava que as características de uma pessoa eram inatas e geneticamente transmissíveis. Dessa forma, a educação não resolveria problemas morais, típicos de raças que ele considerava “degeneradas”. Ainda chama a atenção do leitor o fato de Siqueira criticar aqueles que escreviam muito e sobre muitos temas, mas que não tinham estilo nem profundidade, o que pode ter sido uma forma indireta de referir-se a Monte, que, ao perceber a crítica, decidiu rebatê-la.

No *Intento Fragmentário III*, Siqueira discute, em oito fragmentos, temas como o lamento pela impossibilidade de o homem alcançar outros astros além da Terra (para Siqueira, o homem estaria eternamente preso à Terra); a tragédia moral vivida por Napoleão Bonaparte, que se tornou prisioneiro numa ilha deserta e que foi abandonado pela própria esposa; e o misterioso destino dos mortos. Nesse texto, como se pode constatar, ele aborda questões mais gerais, sem tecer críticas a concepções religiosas ou científicas.

No *Intento Fragmentário IV*, composto por nove fragmentos, Siqueira abordou a relação entre bondade e inteligência e a inteligência superior do homem em relação à mulher (na perspectiva de Siqueira, o homem, para ser bom, devia ter uma inteligência culta. A partir dessa lógica, o autor considerou que o homem era melhor do que a mulher, por ser mais inteligente); o amor verdadeiro como espontâneo entendimento dos desejos, sentimentos e inteligências (para o médico, era muito raro que os capazes de amar realizassem suas esperanças e encontrassem seres correspondentes às suas expectativas); as diferenças existentes entre o amor para um homem e para uma mulher (segundo Siqueira, o homem amava com os sentidos, o coração e o cérebro. A mulher, em razão do instinto maternal, amava com o coração e quase não usava o cérebro. Por não usar o cérebro, a mulher era quase sempre volúvel); a decepção dos homens com os amores das mulheres (para Siqueira, a imaginação do homem, exaltada pela libido, tornava-o cego diante das fraquezas da mulher, fazendo-o imaginar nela qualidades que não possuía). No *Intento fragmentário IV*, constata-se que a concepção de Siqueira sobre a mulher condizia com o pensamento vigente nas primeiras décadas do século XX que considerava que a mulher tinha uma função específica na sociedade, isto é, cuidar da casa, ainda que ela jamais pudesse se igualar ao homem na capacidade intelectual. Essa percepção de Siqueira nos ajuda a compreender o perfil deste médico.

No *Intento Fragmentário V*, Siqueira defendeu, em sete fragmentos, alguns pontos de vista, tais como o aproveitamento de todos os momentos da vida (para o autor, não se deveria

buscar esperanças para se prolongar a vida, mas viver intensamente cada instante); a desilusão com a velhice (segundo Siqueira, não havia tragédia maior do que um velho inteligente ainda lúcido assistir o esplendor das novas gerações, as falas divinas do amor, compreender todo o encanto de ser moço, e sentir-se a dois passos da morte); a certeza da extinção da vida no globo; a defesa do suicídio como um gesto lógico de libertação, contrapondo-se ao medo físico da morte e do pavor moral de certas ideias religiosas.

Nos oito fragmentos do *Intento Fragmentário VI*, Siqueira informa que seu objetivo era refletir sobre as suas experiências de vida e perceber como ele seria capaz de produzir algo que não fosse, de todo, desprezível, sem, contudo, almejar mudar a conduta dos seus leitores. Defende, ainda, a importância da leitura de boas obras, considerando que um gênio pertence à humanidade, e não à Pátria e, além disso, explicita a confiança da razão como mais elevado atributo do homem e critica aqueles que consideram a fé superior à razão. Por fim, ele exalta o vernáculo, o respeito à gramática e o estilo na escrita.

No *Intento Fragmentário VII*, composto por nove fragmentos, Siqueira defende que a bondade é a arma do suicida e não de quem precisa enfrentar as feras; reflete sobre a sua condição de homem com 28 anos, saúde regular, consciência tranquila e um título de mestre conquistado sem favores. Apesar de não invejar ninguém, apresenta-se como admirador dos gênios. Reflete, ainda sobre a disposição que tem para discutir uma variedade de temas e não sobre um único assunto.

Em um dos seis fragmentos do *Intento Fragmentário VIII*, Siqueira defendeu que alguém só pode ser feliz ou infeliz se refletir sobre a vida, sendo que nos demais apresentou reflexões decorrentes desse pensamento.

No *Intento Fragmentário IX*, composto por cinco fragmentos, Siqueira apresentou, inicialmente, aspectos da sua vida, destacando que, aos dezesseis anos, havia se dado conta de que ignorava tudo e que não encontraria mestres capazes de ensinar alunos a não se comportarem “como papagaios”. Por isso, teria decidido estudar sozinho para os exames de admissão a um curso superior. Teria sido também desta época seu contato com *História da Criação Natural*, de Ernst Haeckel, obra que o arrebatou da ignorância. Em outro fragmento, discutiu que a teoria darwiniana da seleção natural falha como elemento explicativo das competições sociais. Para Siqueira, não era o mais forte que triunfava na vida; os que venciam eram os mais cínicos e audaciosos. Em outro fragmento, afirmou que “um homem superior, de fina inteligência e inconfundível personalidade, sente-se absolutamente estranho e enjoado no

meio do cretinismo geral”⁶⁴³ (MONTE, 2001. p. 287). Em outro fragmento, afirmou que a ditadura do proletariado, no Brasil, seria a inversão de todos os valores e “a invasão da sociedade pela canalha” (MONTE, 2001. p. 286-287).

Como se pode observar, nos nove primeiros *Intentos Fragmentários*, Siqueira se referiu tangencialmente a questões religiosas, como quando discutiu o suicídio e a superioridade da razão sobre a fé, razão pela qual parecem não ter despertado o interesse de Monte.

O texto *Intentos Fragmentários X* foi o primeiro dentre os escritos por Siqueira que provocou uma manifestação de Monte. Na primeira de suas quatro notas, Siqueira refere-se à classificação zoológica criada por Henri Marie Ducrotay de Blainville (1777-1850), demonstrando sua imprecisão e incoerência, em razão de o seu autor ter afastado o homem dos outros animais, colocando-o numa posição privilegiada. Segundo Siqueira (1936 *apud* MONTE, 2001. p. 288),

Para justificativa dessa orgulhosa taxinomia, recorreu o insigne sábio [Blainville] ao argumento da hegemonia intelectual dos homens, tidos e havidos, neste particular, como muito mais bem aparelhados que seus humildes irmãos da escala animal. Nenhuma restrição aporíamos ao ponto de vista do eminente biólogo, se o seu critério classificador houvesse elucidado melhor a compreensão do referido reino, discriminando, dentro do mesmo grupo, o genuíno *Homo sapiens*, único verdadeiramente merecedor de tão alta gerarquia. A série animal, na realidade, não passa por salto dos símios antropoides (*hylobates*, chimpanzés, orangotangos, gorilas) para os superiores domínios humanos. Existe entre aqueles e os inícios destas imperceptíveis gradações, que apagam fronteiras e estabelecem valores diversos no campo das qualidades mentais. Em nosso desabalizado aviso, somente os gênios e os talentos - objetivação máxima da Vontade universal - deveriam figurar nesse reino inconfundível. Ficaria, assim, reduzíssima a humanidade propriamente dita... A outra classe, numerosíssima, composta de medíocres mais ou menos racionais, entraria no reino que nós taxaríamos dos hominóides. (A esta classe também pertence o reino do céu, conforme a promessa de Cristo!...).

A partir dessa citação, posso afirmar que Siqueira considerava que Blainville cometia um erro ao não inserir os homens na classificação zoológica. Para o médico, da mesma forma que os animais sofriam evoluções genéticas, partindo de espécies inferiores para espécies superiores, os homens também estavam sujeitos a uma classificação, uma vez que se dividiam entre os gênios e os medíocres. Considerando essa classificação, Siqueira ironizou que apenas os gênios, espécie perfeita, teriam direito ao reino dos céus, ainda que Cristo tenha prometido aos medíocres esse mesmo reino. Apesar de não criticar a Igreja Católica e seus sacerdotes

⁶⁴³ Na interpretação de Siqueira, existia, no seu tempo, uma corja de cretinos que coagia os homens com inteligência.

explicitamente, Siqueira ironizou a ideia de um reino prometido para os que na Terra realizassem boas ações.

Ainda na primeira nota, Siqueira associou o seu pensamento, construído a partir de uma crítica às teorias de Blainville, à teoria de Darwin:

Em certa passagem do seu livro **Origem do homem**, Charles Darwin, hominídeo de primeira água estranhou o pasmo do vulgo sobre a diferença mental entre o homem e o macaco, quando bem maior é a que estes afasta dos peixes. Sem termos de exagero poderíamos dizer outro tanto, em relação ao abismo que distancia o gênio da mediocridade. Comparem um Shakespeare, um Goethe, um Victor Hugo, a qualquer borbota incorporado à turbamalta dos filisteus de toda categoria, e reflitam depois se é ou não assombroso o espaço que vai de uns a outros. Tão gigantesca é a supremacia dos primeiros, que, reuni-los aos segundos sob a rubrica geral de humanidade, é o cúmulo da injúria... Não pretendemos, com isso, sonegar a validade dos hominídeos. Não. Eles, como tudo o mais neste mundo, tem seu préstimo inegável. No eterno infinito vai-e-vem dos fenômenos naturais, cada coisa exerce função útil e necessária. O papel dos hominídeos é de relevada importância. Sem os pigmeus, a palavra gigante perderia o sentido. Eis uma primeira virtude. Demais a surpreendente e complicadíssima entrosagem das relações utilitárias, esse alucinante mecanismo criado pelos gênios, peça por peça, o impulsionaria, senão o rebanho anônimo dos filisteus? ... (SIQUEIRA, 1936 *apud* MONTE, 2001. p. 288).

Nessa citação, percebo que Siqueira reforçou as diferenças entre os homens. Ele discutiu, brevemente, uma passagem da obra *A Origem do Homem*, de Charles Darwin, destacando que a diferença mental entre o homem e o macaco é bem menor do que a existente entre o homem e os peixes, e, a partir daí, concluiu que existia, entre os humanos, uma distância enorme entre dois grupos: os gênios e os medíocres. Essa distância impedia que todos os homens fossem tratados como humanidade. Para ele, apesar dos humanos serem diferentes entre si, todos tinham uma importância, ainda que alguns sirvam apenas para, por comparação, ressaltar as qualidades dos outros.

A partir da discussão das ideias defendidas por Blainville e Darwin, Siqueira afirmou que os homens eram diferentes entre si e, portanto, se assemelhavam aos animais. Por essa lógica, pode-se inferir que ele defendia que o reino dos céus não deveria pertencer a todos, mas apenas aos seres superiores. Ele deixa, portanto, transparecer que o projeto de Deus não levava em consideração as realizações terrenas: homogeneizava os diferentes e prometia um reino de glória para todos.

Na segunda nota, Siqueira (1936) se contrapôs à crença da existência de uma alma imortal e independente do corpo. A partir dessa ideia, ele afirmou que as almas eram fruto da imaginação humana, apresentando o seguinte argumento:

Imaginemos o acordar de um homem primitivo que houvesse visto em sonho um conhecido já morto. Esse nosso ancestral, profundamente supersticioso e atrasado, seria naturalmente forçado a admitir a existência de alguma coisa depois da morte. Fatos idênticos, repetidos e comunicados entre os homens dessa época, acharam por constituir um dos fatores mais decisivos, senão o mais importante, da crença na imortalidade de alma. O medo de morrer, acirrado pelo instinto de conservação, e o aparente contraste absoluto entre o aspecto de um vivo e o de um morto, mais ainda intensificaram essa convicção.

Hoje ainda muitas das histórias de almas do outro mundo provém de sonhos tomados pela realidade. Os restantes são puros fenómenos alucinatórios ou mentiras mal arranjadas ...

Longe de mim a louca esperança de convencer os tolos e tartufos. Limito-me a estes períodos, certíssimo desta verdade: *in finitum est numerus stultorum...* (SIQUEIRA, 1936 *apud* MONTE, 2001. p. 288).

Por essa citação, posso afirmar que Siqueira considerou que as almas surgiam de ficções individuais, que eram multiplicadas coletivamente. Um indivíduo imaginava que havia visto uma alma, outros indivíduos imaginavam o mesmo e um determinado grupo terminava acreditando na existência da alma. Diante disso, Siqueira sentencia que a alma era produto da imaginação ou de mentiras, mas que não se preocupava em convencer os tolos sobre a inexistência das almas. Suas posições confrontavam o pensamento católico e devem ter causado grande desconforto no clero de Natal, uma vez que, para os católicos, a alma é imortal, existindo, inclusive, a possibilidade de sua intervenção.

Na terceira nota, Siqueira estabeleceu uma comparação entre ateus e espiritualistas, assim se expressando:

Ao contrário do que se pensa os ateus são mais espiritualistas do que os espiritualistas. Estes, convictos ou esperançosos de uma póstuma e interminável bem-aventurança no reino do céu, ainda se agarram ferozmente aos prazeres mundanos, aferrados ao egoísmo, as penas alheias e transformam mesmo a religião num motivo de maiores satisfações físicas. Desconcerta a incoerência de tais sujeitos: proclamam sua crença em Deus e apegam-se, com unhas e dentes, às alegrias materiais da vida, desdenhando o espantinho do inferno...

Mas Deus tudo perdoa e permite aos do seu numeroso partido, que é o oficial... Os ateus representantes da facção oposicionista, serão totalmente lançados no eterno ostracismo infernal...

Oh! divina justiça (SIQUEIRA, 1936 *apud* MONTE, 2001. p. 289).

Para Siqueira, os espiritualistas cometiam pecados, vivenciando os prazeres da vida e contando com o perdão de Deus, enquanto para os ateus restava apenas o inferno, sem nenhuma esperança do perdão, ainda que não tivessem feito nada moralmente condenável. Esse pensamento afrontava o pensamento da Igreja, uma vez que estimulava nos fiéis a ideia de que era possível vivenciar todos os prazeres carnis e, mesmo assim, obter o perdão divino. Essa

concepção feria a ideia, difundida deste o Concílio de Trento, de que o homem é salvo pelas suas obras. Mesmo que Siqueira não tenha tido a intenção explícita de afrontar católicos ou quem quer que seja, esse pensamento divergia daquilo que a Igreja proclamava e segue proclamando.

Na quarta nota, Siqueira aponta o grau de cegueira existente nos setores populares da sociedade e até entre homens de certa cultura, que clamavam por Deus em situações diversas e jamais eram escutados nas suas súplicas. Nas palavras de Siqueira, essa situação é descrita da seguinte forma:

Espanta o grau de amaurose do vulgo e até mesmo de alguns homens dotados de certa cultura. Arhiman escraviza Ormuzd em todos os combates. Quem jamais escutou o eterno clamor dos desgraçados? Desde que existem, degladiam-se os homens em guerras tenebrosas. Que mão providencial já baixou dos céus para impedir as carnificinas! Quantas mãos transfiguradas de horrores, não têm erguido ao infinito os braços suplicantes? Quando foram atendidas essas amantíssimas criaturas') No meio dos mares, os naufragos; no leito dos hospitais, os agonizantes; nos campos de batalha, os feridos; nas lutas sociais, os desherdados, os vícios, a prostituição... Tanta lágrima, tanto flagelo, tanta escuridão! Em que tempo um deus apareceu que se apiedasse desses sofrimentos"?

E as multidões continuam a render graças à misericórdia divina...

Oh! Eterna sandice humana! (Publ. N'A República de 30-09-36) (SIQUEIRA, 1936 *apud* MONTE, 2001. p. 289).

Observando-se o conjunto do *Intentos Fragmentários X*, identificam-se, claramente, elementos que se chocam com os dogmas da Igreja Católica. Considerando a Natal dos anos 1930, uma cidade preponderantemente católica, num momento em que os leigos dão suporte intelectual ao catolicismo, os *Intentos Fragmentários X* devem ter sido objeto de muita discussão entre os intelectuais católicos da cidade e os membros do clero. É provável que a resposta de Monte tenha levado em consideração esse debate no seio do catolicismo.

O texto *Intentos Fragmentários X* foi publicado no jornal *A República* de 30 de setembro de 1936. No dia 4 de outubro do mesmo ano, Monte escreveu, pela primeira vez, um texto rebatendo as ideias de Esmeraldo Siqueira,⁶⁴⁴ justificando-o nos seguintes termos:

SONHO E IMORTALIDADE

Padre Monte

A propósito da classificação zoológica de Blainville, o dr. Esmeraldo Siqueira, que vinha escrevendo uma série de artigos sob a designação de 'Intentos Fragmentários', julgou-se com o direito de agredir acremente algumas

⁶⁴⁴ Não há qualquer crítica de Monte ao conjunto dos *Intentos Fragmentários*, sendo que elas se concentram, especificamente, aos fragmentos divulgados nos *Intentos Fragmentários X*.

verdades fundamentais do cristianismo (MONTE, 1936 *apud* MONTE, 2001. p. 290).

Para Monte, Siqueira usou a classificação de Blainville para agredir o cristianismo. É interessante observar que, de forma semelhante ao que já havia feito ao polemizar com Medeiros e Albuquerque, a primeira referência que Monte fez a Siqueira é elogiosa, como pode ser observado a seguir: “O ilustre clínico, em quem vejo uma competência real no domínio das disciplinas experimentais, revela-se em matéria de religião de uma indigência científica que em nada fica devendo às multidões apedeutas” (MONTE, 1936 *apud* MONTE, 2001. p. 290).

O religioso reconheceu a competência de Siqueira no que se refere às disciplinas experimentais, e, conseqüentemente, seu conhecimento científico, ressaltando que o médico nada conhecia sobre religião. Não há, no texto, qualquer argumento que sustente estas apreciações quanto às competências intelectuais de Siqueira, devendo-se acrescentar que eles não conviveram ou frequentaram os mesmos espaços de sociabilidade. O médico mudou-se para Recife em 1928 e só regressou a Natal, temporariamente, no final de 1933. Em 1934, Siqueira foi morar em Jardim do Seridó e só regressou definitivamente a Natal em setembro de 1936. Monte, por sua vez, só foi ordenado sacerdote em 1927. Portanto, o contato pessoal entre os dois, se aconteceu, deve ter sido mínimo. Além disso, os textos de Siqueira, até 1936, eram pouco numerosos. Nesses termos, é possível supor que as informações que Monte tinha sobre Siqueira tinham sido repassadas por outros intelectuais que moravam em Natal ou provenientes das curtas notas escritas por Siqueira nos *Intentos Fragmentários*. Monte deve ter se insurgido contra Siqueira para desqualificar alguém que, com conhecimentos científicos reconhecidos, poderia comprometer a Igreja Católica através das ideias que divulgava.

Apesar de já ter apresentado a forma como Esmeraldo Siqueira rebateu, em sua obra *Roteiro de uma vida*, de 1968, os argumentos de Monte sobre a classificação zoológica de Blainville, retomo a discussão feita em 1936. Em seu texto, Monte afirma que Siqueira cometeu equívocos em sua interpretação sobre a imortalidade da alma, como evidenciado nesta passagem:

Longo seria se me propusesse indigitar os descaminhos filosóficos, em que se extraviou a argumentação do dr. Esmeraldo. Convencido de que em questões como essas, mais aproveita a profundidade do que a extensão, limito-me por hoje a analisar os deslizes, em que incidiu na investigação da gênese do consenso unânime sobre a imortalidade (MONTE, 1936 *apud* MONTE, 2001. p. 290).

Monte prossegue, referindo-se à “vigorosa fantasia do dr. Esmeraldo” e à “imaginação criadora do autor dos “Intentos”:

Reportando-se à gênese do consenso unânime dos povos sobre a imortalidade da alma, a imaginação criadora do autor dos ‘Intentos’ delicia-nos com o pitoresco duma teoria que sabe a conto oriental. ‘Imaginemos’ diz ele ‘o acordar de um homem primitivo, que houvesse visto em sonho um conhecido já morto. Esse nosso ancestral, profundamente supersticioso e atrasado, seria naturalmente forçado a admitir a existência de alguma coisa depois da morte’. Quem haveria de supor, fossem os pesadelos dos nossos **supersticiosos ancestrais**, os responsáveis pelas admiráveis estratificações psicológicas, étnicas e morais de milênios de história. É que a força atrativa da vigorosa fantasia do dr. Esmeraldo, realizou no campo filosófico uma introversão maravilhosa: deslocou para o reino fictício dos sonhos do desprezível **hominóide ancestral**, o eixo da maior realidade humana - a crença da imortalidade (MONTE, 1936 *apud* MONTE, 2001. p. 290).

As críticas feitas por Siqueira a esse pensamento de Monte já foram apresentadas neste capítulo. Entretanto, considere importante destacar a posição de Monte para que suas ideias não fossem apresentadas apenas como produto da crítica de Siqueira. Ao concluir o texto, Monte recorre a afirmações de Siqueira, usando os mesmos argumentos para as críticas que fez:

Escrevendo essas linhas, incita-me o mesmo consolo, que animava o ilustre autor dos ‘Intentos’: ‘Longe de mim a louca esperança de convencer os tolos e tarfufos’. Porque, mais do que o dr. Esmeraldo, estou convencido e certíssimo desta verdade – **Stultorum Infinitus est numerus**. (Pub. no jornal ‘A Ordem’, em 04/10/1936-Natal) (MONTE, 1936 *apud* MONTE, 2001. p. 291).

Apesar de Monte estar convencido de que vencera este debate com Siqueira, constata-se, ao ler a obra que o médico escreveu em 1968, que os argumentos do padre não foram suficientes para demover Siqueira, que manteve suas críticas à forma e ao conteúdo dos artigos produzidos por Monte.

Identifiquei que após Siqueira publicar *Intentos Fragmentários X*, Monte dirigiu críticas às ideias do médico. Entretanto, Siqueira continuou escrevendo outros textos divulgados nos *Intentos Fragmentários* sem fazer qualquer menção às contestações a ele dirigidas pelo padre. Infelizmente não foi possível verificar se Siqueira leu e desconsiderou as críticas de Monte, se ele simplesmente não tomou conhecimento dessas críticas ou, ainda, se ele leu os textos, considerou frágeis os argumentos, razão pela qual escreveu os *Intentos Fragmentários XI*, cujos fragmentos, em maior ou menor grau, trazem críticas às religiões, como se pode observar na passagem abaixo:

Estou por saber, até hoje, em que tem aproveitado ao homem no ponto de vista moral tantos e tão variados sistemas religiosos. A natureza humana, à pane o intrincado de enganadores artificios, continua a mesma de milênios atrás. Permanece inalterável a essência do egoísmo comum, por mais numerosas e densas que lhe sejam as capas metafísicas. Tenho ouvido dizer que a religião é excelente freio para a maldade. Conviria ilustrar essa afirmação citando o exemplo dos bandoleiros, que ao pescoço conduzem crucifixos e amuletos, e a Deus se recomendam e pedem proteção pouco antes de se darem à prática de crimes espantosos. Demais, não sei de como ainda se descobriria espaço neste mundo para enlarguecer o império do mal (SIQUEIRA, 1936 *apud* MONTE, 2001. p. 292).

Para o autor, o problema da humanidade não podia ser resolvido com o auxílio da religião, que não melhora a vida das pessoas e nem diminui a maldade existente nos corações humanos. Além disso, existe o fato de que pessoas usavam adornos religiosos e, ao mesmo tempo, se afastavam dos ensinamentos que professavam. Uma crítica como esta deve ter, com certeza, incomodado o clero natalense e os intelectuais ligados à Igreja nos anos 1930. Neste mesmo texto, ele comparou os crentes aos alquimistas, isto é, duas categorias de pessoas que realizavam atividades completamente improdutivas e que destruíam suas vidas pessoais em torno de projetos inúteis.

Parecerá talvez descabida e extravagante a comparação, mas a renúncia do crente é bem semelhante às retortas de alquimia... Quando vejo alguém sacrificar todos os prazeres terrenos na ilusão de vir a merecer um bom lugar num outro mundo imaginário, penso logo na loucura dos alquimistas, que, ansiosos por descobrir a pedra filosofal, dilapidavam quantos possuíam, haveres e saúde, sepultados anos inteiros em laboratórios imundos, a fazer inúteis e supersticiosas experiências... (SIQUEIRA, 1936 *apud* MONTE, 2001. p. 292).

Na continuidade da ideia de que a religião é uma crença inútil e que os crentes realizam práticas sem sentido, Siqueira ironizou, por um lado, a narrativa cristã sobre Adão e Eva, associando-a à leviandade feminina e, por outro, considerou a fé um instrumento cômodo empregado para concretizar conquistas aparentemente inatingíveis.

Ao que deduzo da Bíblia, foi satanás quem primeiro beijou Eva, que a seu turno, transmitiu a Adão o segredo da deliciosa arte de beijar. Nosso protoparente, por conseguinte, teve um beijo já saboreado pelo demônio, e, daí, talvez, a primigenia fonte da leviandade feminina, em cuja essência se gravou para sempre o resabio daquele ósculo diabólico... A lei de menor esforço constitui baluarte poderoso das crendices supersticiosas. Nada mais simples e cômodo do que a imobilidade da fé. As explicações científicas desagradam, pois, para serem penetradas, exigem persistentes e acurado trabalho do espírito (SIQUEIRA, 1936 *apud* MONTE, 2001. p. 292).

Siqueira prosseguiu, afirmando que a religião só encontrava tanta repercussão no Brasil porque os brasileiros eram “pobres de espírito” e se entusiasmavam à toa em relação a tudo. A retórica vazia dos religiosos, disfarçada de poesia, conseguia ludibriar, por todos os recantos do país, esse povo inculto que era o brasileiro, situação que é descrita por Siqueira nos seguintes termos:

O cérebro dos pobres de espírito é impermeável às próprias emanções radioativas... Mas riço que o diamante, resiste ao camartelo dos séculos... A índole natural do nosso povo é o entusiasmo, em que pese aos afirmadores caturras do pessimismo brasileiro. Comovemo-nos diante de tudo e diante de nada. Somos um formigueiro de poetas e oradores; digo formigueiro, e muito bem, porque a quantidade de um, como a dos outros, está na razão inversa do tamanho. Verdadeira pandemia poético-oratória assola, de norte a sul, este Brasil já roído de epidemias e endemias. (Aqui, não há o apregoadado pessimismo, mas uma verdade conhecida de todos).

Nos domínios das Musas, desde Calliope à Urânia, então é que somos ferocíssimos. Começamos a cortejar o Pindo ainda quando nos achamos bem desmamados. A democracia nacional, de tanto repisada e generalizada, pelo menos em teoria, invadiu o tabernáculo da Arte, vulgarizando-a. Nada de Aristocracia. Tanto Fabião das Queimadas, negro velho papa-jerimum, como Menotti del Picchia, em São Paulo, fazem versos. A escala não é ascendente nem descendente. São apenas aspectos diversos da mediocridade e da chatice. Os poetas de sangue azul estão mortos ou aposentados: Dos que se foram primeiro resta a lembrança do quinteto indivisível: Alvares de Azevedo, Castro Alves, Gonçalves Dias, Fagundes Varela e Casimiro de Abreu. Entre os que desapareceram mais recentemente, fulgura sobre todos o luminosíssimo triângulo de Augusto dos Anjos, Bilac e Raimundo Correia. Pouco mais tiveram brilho notável. E no rol dos vivos? Nem vale a pena falar. Alberto de Oliveira, grande artista, jubilou-se. O resto é decadência de um lustre que já era pálido, como Olegário Mariano, ou o exotismo anárquico dos que, ao verem-se impotentes para igualar aqueles raros eleitos, se abismarem nos caos ‘modernista’ [sic]. Alguns apareceram, no entanto, que embora nunca chegassem nos moldes clássicos, às plantas de Bilac ou Augusto, são indivíduos inteligentes, capazes de desopilar-nos, mesmo seguindo os Cânones marinetianos.

Do outro lado, ruge a imensa maré dos rimadores sem renome, a quebrar as ondas da espumosa inspiração nas praias dos esquecimentos. Nem sequer os milhares deidades, para quem tantas vagas se empolam, se dignam ouvir os bramidos freudianos desse mar encarpelado... E os pobres menestréis, na falta de um justo derivativo, expandem os ímpetos da libido em quadras diabéticas e sonetos xaroposos...

Muitas vezes, esses deliciosos bardos não se contentam com as publicações esparsas, reúnem seus cantos em livros e os arremessam aos Panteão da hilariedade... (Publicado n’A República em 04-10-36) (SIQUEIRA, 1936 *apud* MONTE, 2001. p. 292-293).

Desta passagem, infere-se que, para Siqueira, a difusão do cristianismo no Brasil ocorria menos pela qualidade das ideias dos pregadores do que pela incapacidade de

discernimento do povo. Segundo ele, qualquer um podia produzir arte e poesia e, no caso do clero, apesar de extremamente despreparado, tinha sucesso na tarefa de evangelizar.

Os *Intentos Fragmentários XI* foram publicados *n'A República* no dia quatro de outubro de 1936, e suscitaram três artigos de Padre Monte, publicados no jornal *A Ordem*, nos dias seis, sete e oito subsequentes. No primeiro desses artigos, intitulado *Amuletos e crucifixos*, Monte iniciou tecendo elogios aos vastos conhecimentos do médico, não deixando, no entanto, de reiterar o desconhecimento de Siqueira sobre assuntos de religião:

Ontem tive mais uma vez o ensejo de constatar que o ilustre clínico dr. Esmeraldo concilia engenhosamente uma cultura notável em outros domínios do saber, com as condições de uma verdadeira tabula rasa em matéria de conhecimento religioso.

Sob a camuflagem de um ceticismo elegante, permite-se o ilustre clínico a sátiras mordazes, mas de consequências desastrosas. E que põe em evidência o vazio assombroso de sua formação intelectual nos domínios da Religião (MONTE, 1936 *apud* MONTE, 2001. p. 294).

Como se pode observar, Monte criticou a ideia da inutilidade da religião para o homem e a de que a religião não seria freio para a maldade humana. Vejamos os argumentos utilizados pelo padre para criticar a primeira ideia:

Preliminarmente, ao autor dos 'Intentos' saltea-lhe uma dúvida angustiosa! 'Estou por saber até hoje seguinte, em que tem aproveitado ao homem do ponto de vista moral, tantos e tão variados sistemas religiosos'. A um evolucionista intransigente melhor resposta não poderia eu dar, que as palavras incisivas do grande Darwin homínio de primeira água, referindo-se à influência religiosa na formação étnica do homem: 'A crença constante sugerida nos anos da vida em que o cérebro é mais impressionante adquire quase a natureza de um instinto'.

Pode-se prescindir de comentários: em evolução, quem diz instinto, diz tudo. E para Darwin a crença tem força de instinto. Como o discípulo dissente do Mestre! (MONTE, 1936 *apud* MONTE, 2001. p. 294).

Pela perspectiva de Monte, Darwin deixou evidente que, quando se aprendia a crer (em Deus) desde criança, essa crença se tornava quase um instinto natural.⁶⁴⁵ Monte considerou,

⁶⁴⁵ Em entrevista à revista Galileu, o britânico Nicholas Wade, que se apresenta como continuador do pensamento de Darwin, afirmou que a religião deve ter sido um dos comportamentos herdados pelas sociedades humanas dos seus ancestrais. Para o autor, as pessoas, contemporaneamente, ainda desejam crer, uma vez que o comportamento religioso foi incorporado pela evolução neural do cérebro. Por essa lógica, o homem, geneticamente, está predisposto a possuir um instinto religioso. É esse instinto religioso que faz com que os indivíduos na maioria das situações coloquem os seus interesses individuais abaixo dos interesses coletivos (WADE, 2013). Considerando essa ideia, é possível encontrar uma referência científica para o argumento de que a religiosidade era fundamental na formação das gerações humanas. Entretanto, no texto de Monte, esse pensamento não está explicitado. Ele se refere à ideia de Darwin, mas não explicita como o pensamento do autor poderia, efetivamente, contribuir para a melhoria da natureza humana.

então, que ao não perceber a religião como uma função específica do homem, Siqueira discordava do próprio Darwin. Entretanto, Monte não se aprofundou nas teorias de Darwin para se contrapor à ideia de Siqueira sobre a inutilidade da religião, evidenciando, mais uma vez, pouca consistência teórica nas suas refutações.

Em relação à crítica que Siqueira faz à ideia de que a religião não era um freio da maldade, Monte tentou mostrar que a religião podia, sim, frear a maldade. Assim, Monte afirmou:

Tenho ouvido falar que a Religião é excelente freio para a maldade. Conviria ilustrar esta afirmação citando o exemplo dos bandoleiros, que ao pescoço conduzem crucifixos e amuletos, e a Deus se recomendam... antes de se darem à prática de crimes espantosos (MONTE, 1936 *apud* MONTE, 2001. p. 294).

Em seguida, o padre natalense afirmou que o médico repetia um argumento de Garoffalo:⁶⁴⁶

Ainda uma vez sou constrangido a negar originalidade a esses descaminhos filosóficos. O ilustre autor dos ‘Intentos’ repete, em síntese, conceitos de Garófalo, em sua famosa ‘Criminologia’, que tenho diante dos olhos, cap. II, Lisboa, 1925 (MONTE, 1936 *apud* MONTE, 2001. p. 295).

Siqueira afirmou que a religião não era um freio para a maldade e argumentou que, em muitos casos, as pessoas usam símbolos religiosos antes de cometerem crimes, como se estivessem pedindo ajuda sobrenatural para cometer uma ilegalidade. Monte se contrapôs a essa ideia, afirmando que a religião freava a maldade e que as ideias de Siqueira eram meras repetições do pensamento de Garoffalo. Entretanto, o pensamento de Siqueira não é igual ao de pensamento de Garoffalo, como Monte argumentava. Para Garoffalo, os homens já nascem com tendências para o crime, e nada mudaria essa tendência. O argumento de Siqueira é outro: as pessoas se protegem antes de cometerem um delito. Eram, portanto, duas ideias completamente diferentes, e, conseqüentemente, a crítica feita por Monte a Siqueira não procedia. Em outro momento do texto, Monte (1936 *apud* MONTE, 2001. p. 295) afirmou que:

⁶⁴⁶ Rafaelle Garoffalo (1851-1934) foi um magistrado italiano, seguidor dos princípios formulados por Lombroso. Vivenciou a Primeira Guerra Mundial, aderindo ao fascismo. Formulou princípios sobre o estudo da criminologia, dentre eles a ideia do delito natural, no qual defendia a prevenção como finalidade da pena. Nesses termos, argumentava que um agente delinquente deveria ser punido em prol da defesa social antes mesmo de cometer o crime. Para ele, o crime era um delito natural e existia independentemente da formulação de qualquer lei, uma vez que a tendência para o crime nascia com o homem e, de acordo com a degeneração dos seus valores, tornava-se perigoso para o convívio em sociedade (cf. FERREIRA, 2019).

O dr. Esmeraldo confunde na mesma identidade fundamental princípios polarmente opostos: religião e superstição. Pelo fato de se trazer ao pescoço cruces e crucifixos, não se conclui que se seja religioso. O curandeiro pela simples razão de sobraçar um Kernoviz⁶⁴⁷, não faz jus ao pomposo título de médico. Maior distância medeia entre a religião e o fanatismo do que se interpõe entre charlatão e médico. Concluir-se pelo fato de criminosos trazerem amuletos e crucifixos que a religião não é um freio para a maldade, seria o mesmo que negar à medicina toda a sua função humanitária, pela simples razão de um curandeiro ser incapaz de curar-se.

Para Monte, como se pode observar na passagem acima, não era o fato de um criminoso usar cruces e crucifixos que o tornava religioso. Sob a perspectiva do padre natalense, o caso narrado por Siqueira era uma superstição. E ele continua afirmando que um criminoso não se sentia impedido pela religião de cometer crimes, pelo simples fato de não ser religioso, enquanto um indivíduo religioso seria incapaz de cometer crimes. Além disso, quem cometia crimes usando símbolos religiosos não era religioso, mas, sim, supersticioso. A argumentação de Monte, contudo, é bastante frágil, na medida em que não levou em consideração que pessoas religiosas buscam os símbolos religiosos em busca de proteção e para resolver problemas pessoais e, ainda, que muitos cometem crimes apesar de sua religiosidade. Dando sequência à sua argumentação contra Siqueira, Monte afirmou que o médico deveria observar mais atentamente a relação entre psicologia e psiquiatria e perceber, de forma mais adequada, os distúrbios mentais que poderiam se manifestar em alguém que cometesse um crime. Essa ideia é relatada por Monte da seguinte maneira:

Demais, o ilustre clínico dr. Esmeraldo não ignora a relação estreita entre a psiquiatria e a psicologia, no criminoso.

Sei que redundaram improficuos os esforços de Vindoni⁶⁴⁸, Di Túlio, Cassione e numerosos outros no sentido de estabelecer uma correlação arcta e sistemática entre o biótipo individual e a espécie do delinqüente. Entretanto a influência harmônica na pré-disposição no ato delituoso é doutrina pacífica e já ratificada por sanções irreparáveis. Ninguém desconhece que os impulsos e inibições endócrinas, ao lado dos efeitos morfogenéticos, atuam sobre os centros nervosos, influenciando todos os fenômenos psicológicos, ideativos e emotivos. Os criminosos, que rezam a Deus antes de se darem à prática de crimes espantosos, não passam de infelizes vítimas de psicoses tóxicas ou auto-tóxicas, de eplepsia, de paranóia, de esquizofrenia, e outras tantas degenerescências constitucionais, endócrinas e psíquicas.

E se em ser doente há culpas, esta atinge mais a medicina, que a religião.

⁶⁴⁷ Provavelmente, trata-se uma referência a Pedro Luiz Napoleão Chernoviz (1812-1871), médico polonês que migrou para o Brasil, em meados do século XIX, e publicou diversos tratados de medicina popular que foram essenciais para a difusão de saberes e práticas usadas nas instituições médicas do Brasil Imperial. Em razão da carência de médicos, esses livros eram bastante difundidos, pois continham a descrição das moléstias, o tratamento e os medicamentos que deveriam ser utilizados (GUIMARAES, 2005).

⁶⁴⁸ Giuseppe Vidoni (1884-1951) e Benigno Di Tulio (1896-1979) são psiquiatras italianos que trabalharam a partir das teses de Lombroso. Sobre Cassione, não localizei informações.

Fazendo justiça à cultura do dr. Esmeraldo, nego-lhe o direito de desconhecer esses fatos.

Sem elegância lógica e com insuficiente precisão dialética é pouco prudente aventurar-se no labirinto intrincado das disputas teológicas. É que no autor dos 'Intentos' vejo mais incompreensão do que inteligência sincera da doutrina. (Pub. no vespertino 'A Ordem', em 06-10-1936) (MONTE, 1936 *apud* MONTE, 2001. p. 295).

Como se pode constatar, para Monte o uso de símbolos religiosos, como crucifixos, por aquele que cometia crimes era decorrente de um problema psíquico e não de uma ineficiência da religião. Vale lembrar que, do ponto de vista dos princípios religiosos, os símbolos são usados para construir uma relação entre o homem que vive na terra e o lugar que ele habitará depois da morte. Todavia, no que se refere à religiosidade popular, em muitas vezes, o que se busca com os símbolos religiosos é a resolução de problemas terrenos. Considerando os argumentos apresentados por Monte, entendo que suas críticas não estão fundamentadas exatamente no que Siqueira afirmou e, por outro, carecem de sustentação teórica e, ainda, de adequação à realidade.

No segundo artigo publicado por Monte em 7 de outubro de 1936, intitulado *Debandada dos deuses*, Monte persistiu criticando o *Intento Fragmentário XI*, refutando três ideias apresentadas por Siqueira: os deuses são filhos do medo e da ignorância; os hominóides ancestrais eram, inicialmente, politeístas, e só, posteriormente, tornaram-se monoteístas; e a razão fez os deuses desaparecerem. Para o padre, as ideias do médico eram fruto de uma "intoxicação materialista", que atentava contra a verdade e desrespeitava o pensamento científico. Observa-se, no entanto, que seus argumentos, mais uma vez, são puramente retóricos e que a fundamentação científica reduzia-se à citação limitada de autores.

No terceiro texto, intitulado *Locus Trojae Fuit*, publicado no jornal *A Ordem* de 8 de outubro de 1936, não há nenhuma crítica específica ao *Intento fragmentário XI*. Nos outros dois textos, Monte elencou citações de Siqueira que, na interpretação dele, eram equivocadas e se contrapôs a elas. No terceiro texto, não há uma crítica a algo escrito especificamente por Siqueira. Trata-se de um texto amplo, no qual Monte afirma ter respondido em outros textos às teorias absurdas formuladas por Siqueira, reconstituindo o conjunto dos *Intentos Fragmentários*, enaltecendo a qualidade desses textos e confessando ser ele um leitor de Siqueira. Entretanto, segundo Monte, depois de alguns textos, Siqueira passou a escrever expressando o seu ceticismo diante da religião. Contra esse ceticismo, Monte assim se posicionou:

[...] teve o dr. Esmeraldo a extravagante iniciativa de matizar suas crônicas com as cores imoderadas dum ceticismo impenitente. [...] Compelindo irreverentemente as verdades religiosas, ao tribunal duma filosofia mal compreendida, veio causar dolorosa decepção aos que prosseguem com uma perseverança tenaz nas reivindicações dos direitos de Deus. Exibindo as credenciais dum materialismo grosseiro, tem-se limitado a respigar uma meia dúzia de sofismas vulgares que aglutinados em sistemas incoerentes, deturpam de tal sorte a verdade religiosa, a ponto de torná-la irreconhecível. Em desabafos explosivos de ódio ou de explosões abafadas de sarcasmo, gratuitamente e à revelia das normas dialéticas investe com furor contra um sem-número de verdades dogmáticas. Golpea, á direita e à esquerda, em constante mutabilidade, sem, contudo, animar-se a enfrentar um só, encarando-o com agudeza lógica e proficiência cultural. Ao ilustre clínico mais se aproveitava abster-se de ridicularizar os postulados básicos do cristianismo, máxime servindo-se do Órgão Oficial, que deve representar o pensamento de um governo, eleito pela vontade soberana de um povo visceralmente cristão. (MONTE, 1936 *apud* MONTE, 2001. p. 298).

Pela citação, é possível afirmar que Monte se apresentou como a voz daqueles que se consideram defensores dos direitos de Deus e se decepcionaram com as críticas materialistas de Siqueira, que deturpavam as verdades religiosas e os princípios dogmáticos. Diante desse quadro, Monte sugeriu que Siqueira deixasse de ridicularizar o cristianismo e que as páginas do jornal *A República*, órgão oficial do governo do estado do Rio Grande do Norte, não expressassem um pensamento que fosse de encontro ao povo fundamentalmente cristão que elegeu seu governador. Para Monte, *A República*, por ser um órgão público, não poderia publicar textos que atacassem as crenças da quase totalidade da população do Rio Grande do Norte.

O que se pode inferir dessa ideia é que alguém, talvez até um grupo de católicos, se sentiu incomodado com as críticas feitas por Siqueira e resolveu investir numa censura às suas ideias. Monte foi o porta-voz das ideias desse grupo. Importante lembrar que o governador do estado, nessa época, era Rafael Fernandes Gurjão, candidato indicado por José Augusto Bezerra de Medeiros, e que, inicialmente, fazia oposição a Vargas. No pleito eleitoral em que Rafael Gurjão foi eleito, o candidato de Vargas era Mário Câmara. Entretanto, Vargas não se empenhou na campanha do seu candidato, favorecendo a eleição do seu opositor. Essa postura de Vargas favoreceu o enfraquecimento da oposição ao seu governo no Rio Grande do Norte. Desse modo, se explica o fato de que depois de instaurado o Estado Novo, Rafael Fernandes Gurjão foi destituído do cargo de governador e instituído no cargo de interventor, no qual permaneceu até praticamente o fim do Estado Novo. É provável que as relações de afinidade da Igreja Católica com Vargas e, conseqüentemente, com Rafael Fernandes Gurjão, tenham motivado Monte a mobilizar o argumento de que o jornal *A República* era do governo, que

havia sido eleito pelo povo, e que quem não respeitasse a vontade desse povo, predominantemente cristão, poderia perder o poder. Essa censura implícita sofrida por Siqueira, que já havia sido denunciada por ele, demonstra que as polêmicas de Monte não se encerravam no poder argumentativo das ideias.

Persistindo na lógica argumentativa de que Siqueira não poderia continuar escrevendo textos de vertente materialista, Monte ponderou que, se o médico não desejasse parar de escrever, precisaria mudar o estilo da escrita, de forma que explicitasse claramente o seu posicionamento. Essa posição do padre foi expressa da seguinte maneira:

Mas, se tanto lhe apraz o sabor acre da zombaria e do sarcasmo á religião e aos seus dogmas, imprescindível será, premuna-se o dr. Esmeraldo de métodos dialéticos menos inofensivos e mais eficientes. Que renuncie de uma vez a essa superficialidade, denunciante de pouca profundidade cultural, em matéria de conhecimento religioso. Métodos dialéticos como esses jarretam todo esforço para uma argumentação séria e ponderada (MONTE, 1936 *apud* MONTE, 2001. p. 298).

A partir da citação, se pode observar que Monte instigou Siqueira a produzir algo que suscitasse um debate, uma resposta aos seus textos, mesmo que o médico não tivesse buscado polemizar ao escrevê-los. Siqueira havia escrito sem pensar nas polêmicas, mas Monte desejava acender essas polêmicas. É essa intenção de Monte que o leva a exigir de Siqueira uma maior profundidade e que o fez considerar que teria argumentos sérios e ponderados para responder ao médico. Postas essas questões, Monte explicitou o seu desejo de debater publicamente com Siqueira, convidando-o para uma disputa sobre questões científicas e religiosas. O desafio de Monte a Siqueira foi proposto nos seguintes termos:

Ao critério do ilustre clínico deixo a escolha sobre qualquer disputa científico-religiosa e então somente em torno da doutrina escolhida gravitará na ordem lógica toda a nossa argumentação. Evitando sofismas e argumentos deliquescentes mergulharemos no âmago da questão proposta para descobrir a verdade, desembaraçando-a da ganga imprestável dos preconceitos. Façamos um ataque convergente visando o ponto previamente escolhido, relegando digressões funestas e mal dissimuladas. Só assim poderemos com probidade lógica atingir o ponto focal da questão. Do contrário será inútil, e não me sinto animado a reformar o juízo, que faço da cultura do dr. Esmeraldo, atinente aos magnos problemas da verdade religiosa. (Publ. N'A Ordem. de 08/10/1936) (MONTE, 1936 *apud* MONTE, 2001. p. 298).

Siqueira, aparentemente, não respondeu às críticas de Monte, não se apresentou para qualquer debate e escreveu o *Intentos Fragmentários XII*, sem fazer qualquer referência explícita a Monte ou aos textos dele. Entretanto, dos cinco fragmentos que compõem o texto,

três deles se dirigem, indiretamente, a Monte. No primeiro desses fragmentos, Siqueira escreveu:

Contempla-te demoradamente no corpo e na alma, revolve-te a ti mesmo, egoísta e presunçoso mortal. Porta-te a algum tempo em frente de tua consciência. Justifica num instante somenos de sadia reflexão, teu presumido lugar entre os racionais. Quem te concedeu essa imaginária, essência divina, de que tanto te ufanas, se envergonhas a própria natureza humana? Se te pudesse ver... Julgas-te possuidor de espírito imortal fadado à imperecível bem-aventurança de um outro mundo... Será que esse outro mundo é uma vasta estribaria onde, com teus semelhantes, irás depois de morto relinchar por toda eternidade? Deus, caso existisse, não ficaria satisfeito com esse ofício de palafrenero... (SIQUEIRA, 1936 *apud* MONTE, 2001. p. 299).

Na minha percepção, Esmeraldo Siqueira estava, de fato, respondendo a Monte. No trecho acima, o médico sugere, inicialmente, que seu interlocutor faça uma análise de si próprio e observe o quanto é egoísta e presunçoso. Em seguida, critica o fato do seu opositor agir sem pensar racionalmente e sugere que ele reflita sobre o seu lugar entre os racionais. Indaga como pode alguém se orgulhar por possuir uma essência divina e, contraditoriamente, apresentar atitudes que não são condizentes com essa essência. Acusa-o, ainda, de apresentar-se como alguém possuidor de um espírito superior, mas, ao contrário, podia ser comparável, pela sua estupidez, a um cavalo. Conclui, ironizando, indagando se o além era uma estrebaria para receber cavalos como o seu opositor e se Deus era, na verdade, um cavaleiro descontente.

No segundo fragmento textual, Siqueira é irônico em relação à força de Deus na Terra. Segundo Siqueira (1936 *apud* MONTE, 2001. p. 299),

Deus, quando criou os seres vivos, dedicou-se com especial carinho a certas espécies microbianas, entre outras as seguintes: o bacilo da lepra, o da tuberculose, o da sífilis, o do tétano, o do tifo, o da bubônica... Essas obras primas do Criador, que jazeram largo período ignoradas, de algum tempo para cá vêm sofrendo os maiores ataques da ciência, que sacrilegalmente procura destruí-las, sem temor dos castigos celestes. Não pode haver mais ultraje à sabedoria divina. Que se estabeleça nova Inquisição para punir os culpados. Amém.

A ironia de Siqueira parece fazer jus às ideias de Monte de que tudo que existia na terra era obra de Deus. Nesse sentido, as doenças seriam “obras primas do Criador” e, portanto, a ciência e os cientistas não poderiam combatê-las, sob pena de sofrer os castigos dos céus. Portanto, na interpretação sarcástica de Siqueira, uma nova Inquisição deveria ser criada para punir os cientistas que usassem a ciência contra os desígnios de Deus.

No terceiro fragmento, ainda que mantivesse a postura de não se referir a Monte, Siqueira respondeu a um opositor oculto, em razão de não ceder ao desafio de participar de uma polêmica para a qual foi provocado. Tudo leva a crer que Siqueira estava respondendo a Monte, ao explicar as razões que tinha para não participar da polêmica provocada por seu adversário. Nesses termos, Siqueira (1936 *apud* MONTE, 2001. p. 300) afirmou que:

Sou de temperamento avesso às discussões em polêmica, primeiro por mim, que tenho maus nervos, segundo porque julgo quase impossível toparmos com antagonista reportado e consciencioso. Não seria nada recomendável a um homem que se preza aceitar o cartel para qualquer pugna literária, quando o provocador, além de argumentar professoral e dogmaticamente, sai a campo muito pouco tratável e tout hors de ligne. Terçar armas com semelhante contendor é perder a elegância espiritual em homenagem à bazófia e à presunção. Nunca indivíduos desse quilate conseguirão que lhes escreva eu o nome. Jamais darei esta honra a quem contra mim se arremessar através de embróglis atrevidos, pueris na análise e inescrupulosos na reprodução das minhas palavras.

Magna est veritatis et proeualebit. (Pub. No matutino A República de 9/10/1936).

Depreende-se do excerto que as razões seriam duas: por ser temperamental (ele não tece maiores comentários sobre o que seriam “maus nervos”, mas é possível supor que é a isso que ele se refere) e porque o seu adversário, presumivelmente Monte, não era um homem prudente nem confiável. A desqualificação do adversário por Siqueira aparece com muita nitidez, quando ele afirma que não seria possível debater com um adversário dogmático e de difícil trato (mal-educado), além de ser um fanfarrão que se fingia de valente, um presunçoso. Na continuidade, o médico afirma que jamais pronunciaria o nome de um adversário que recorria a análises frágeis e inescrupulosas, o que me leva a supor que ele se referia, de fato, a Monte.

No dia 10 de outubro, um dia depois da divulgação dos *Intentos Fragmentários XII*, Monte respondeu a Siqueira com um artigo, deixando evidente que havia considerado que a mensagem havia sido dirigida a ele. Segundo o padre, ao invés de criticá-lo, o médico havia produzido uma espécie de auto sentença, referindo-se a ele próprio ao longo do texto, e optado por fugir das discussões doutrinárias. Sobre o tema, Monte (1936 *apud* MONTE, 2001. p. 301, grifos nossos) escreveu:

Percorrendo as vinte e três linhas da réplica, tive a impressão de uma auto-sentença, a que se impôs o meu ilustre contendor, no tribunal da opinião dos entendidos. É que, sinto dizê-lo, aos olhos dos que se fizeram às lides jornalísticas, **os motivos que o levaram a desistir da polêmica**, não passam de uma porta de emergência no labirinto intrincado de um dédalo sem saída.

Folgo, entretanto, em afirmar se identificam com os meus, **os motivos que o compelem a essa desistência formal: visto estar eu mais convencido severamente do que o meu ilustre antagonista ‘laboramos na quase impossibilidade de nos topar com um antagonista reportado e conscioso’**. Tem sido em todos os tempos recurso providencial, aos que falecem meios lógicos para sustentar uma posição honrosa no domínio das pugnas dialéticas, refugiar-se cautelosamente atrás de barricadas improvisadas dos vitupérios e dos insultos.

Em vez de sérios combates doutrinários, o ilustre dr. Esmeraldo exibiu-se em escaramuças de guerrilheiro incipiente, de quem a descompostura é arma preferida. Não podendo furtar-se à evidência lógica dos argumentos concludentes, em linguagem indomada, sem elevação e vulgar, irrompe em invectivas delirantes.

Após afirmar que Siqueira havia fugido do debate por falta de argumentos, Monte passou a criticar sua descortesia, manifestando sua inquietação ao observar que um materialista se preocupava com qualidades do espírito. Além disso, Monte ainda questionou o fato de Siqueira defender o livre pensamento e impedir que outros, como ele próprio, expressassem o que pensavam, como se pode constatar na passagem abaixo:

Nada há de fidalgo na **petulância desses baldões**, que atraíam os métodos inconfessáveis de suas habilidades dialéticas e retratam em vivo relevo um despeito mal contido.

Mesmo sem perder a ‘elegância espiritual em homenagem à bazófia e à presunção’ poderia com arrimo de uma prova sequer, tentar um simulacro de resposta aos meus argumentos, ‘pueris em análise’, mas que tiveram, pelo menos, o mérito incontestável de insular o ilustre clínico dentro do seu mutismo teimoso e obstinado.

O temor que assalta o meu ilustre antagonista, em comprometer a sua ‘elegância espiritual’ é inteiramente destituída de fundamento. Não é o dr. Esmeraldo materialista militante? E materialista crê no espírito? Não crendo no espírito é infundado o temor de perder a elegância espiritual. Não se perde o que não se possui.

Não atino, outrossim, com os motivos dessas explosões coléricas. Nisso revejo, mesmo, uma contradição flagrante.

Não é meu ilustre antagonista livre pensador? E livre pensador não é aquele que propugna pela liberdade de se pensar livremente? Sendo assim, por que a mim também não me reconhece igual direito?

Se o dr. Esmeraldo se agasta por haver eu exposto livremente o meu pensamento em contradição ao seu, e me impugna contradizendo-me por ter eu feito livre uso de minha opinião, em contradição à sua - que devo eu concluir desses ‘embróglis’ dialéticos? É claro.

Ao ilustre clínico assiste o direito de se agastar e de me contradizer: ou não. Se tem o direito de me contradizer, não existe **livre pensamento**. Se não tem, não foi delicado da sua parte mimosear-me com seus baldões (MONTE, 1936 *apud* MONTE, 2001. p. 301, grifos nossos).

Ao concluir sua resposta aos *Intentos Fragmentários XII*, Monte ratificou que continuaria polemizando com todos aqueles que criticassem os dogmas da Igreja Católica:

Folgaria em saber como o meu ilustre contendor se desvencilharia desses ‘embróglios’ **tão pueris**.

Por maior que seja a minha boa vontade, não me sinto com ânimo de crer que o ilustre clínico fale a sério, e na convicção de ser acreditado, quando afirma ter-me revelado ‘pouco tratável e **tout hors de ligne**’, em meus artigos em resposta aos seus ‘Intentos’.

O confronto entre o meu artigo de hoje ‘n’ **A Ordem**’, e as vinte e três linhas de sua réplica pela ‘**República**’ constitui o maior libelo contra a insinceridade dessa asserção.

Em tese, continuarei, quando atingir o dogma, impiedosamente a fragmentar seus ‘intentos’ fragmentários, à revelia das explosões nervosas de todos os neurastênicos.

Assim faço, não porque me sinta diminuído, ou tema perder a elegância espiritual contendendo com quem quer que seja; mas porque confesso sem rubor: em desaforos e insultos, jamais poderia me ‘topar com um antagonista reportado e consciencioso’ como o ilustre dr. Esmeraldo. Onde a força probativa da injúria? (A Ordem de 10/10/1936-Natal) (MONTE, 1936 *apud* MONTE, 2001. p. 302, grifos nossos).

No dia 14 de outubro de 1936, Siqueira publicou os *Intentos Fragmentários XIII*. Dos sete fragmentos que o compõem, quatro deles são destinados a discutir questões relacionadas às mulheres e à crítica de Freud ao espiritualismo e, ainda, a fazer dois comentários que, muito provavelmente, foram dirigidos a Monte. No primeiro deles, o médico afirmou que, nem que tivesse tempo, o desperdiçaria para rebater afirmações frágeis que se desfazem como bolas de sabão. No segundo comentário, Siqueira reitera que preferia refugiar-se nas páginas dos livros, distante dos protocolos incômodos. Para rebater os *Intentos XIII*, Monte escreveu um texto sobre Freud, no qual criticou o pensamento de seu opositor.

Em 6 de março de 1937, depois de alguns meses longe dos debates, Siqueira escreveu os *Intentos Fragmentários XIV*, o último de seus textos publicados na coluna do jornal *A República*. Nesse texto, em onze fragmentos, todos muito curtos, com, no máximo, cinco linhas, ele discutiu temas diversos, mas não fez qualquer referência ao adversário ou a temas religiosos.

No dia 7 de março de 1937, Monte publicou o texto que marcou o fim dos debates entre ele e Siqueira. Na perspectiva do padre, o médico, derrotado, havia se recolhido ao silêncio, uma vez que nos *Intentos Fragmentários XIV* não teria dado continuidade às polêmicas. É interessante, contudo, retomar as razões que levaram Siqueira a não publicar os *Intentos Fragmentários* entre outubro de 1936 e março de 1937. De acordo com o médico, em obra de 1968, ele havia sido vítima da censura de Monte e de seus aliados, que impediram a publicação dos seus textos no jornal *A República*. Sendo assim, pode-se dizer que ele não se recolheu ao silêncio, mas foi silenciado e, quando o último dos *Intentos Fragmentários* foi publicado, não pôde mais discutir temas relacionados ao seu adversário ou à religião católica.

Entendo que isto tenha sido decisivo para o fim da coluna mantida por Siqueira. Monte, no entanto, justificou o silêncio de Siqueira da seguinte forma:

Esmeraldo, batido em luta inglória, se recolhera ao silêncio. Silêncio forçado! A argumentação científica dos meus artigos metralhara-lhe os **Intentos**, de que, hoje, apenas, restam fragmentos. Mas Esmeraldo é renitente, e, apesar de vencido, parece dizer como menino travesso: **você ganha mais não leva!** (MONTE, 1937 *apud* MONTE, 2001. p. 317, grifos do autor).

Como se depreende do excerto acima, Monte acreditava que Siqueira havia sido derrotado diante dos argumentos científicos que ele havia empregado no debate. Entretanto, o próprio Monte parece ter apontado para outra explicação como se pode constatar no trecho que destacamos:

Calara-se, todavia, o homem dos ‘Intentos’. Vieram uns boletins, onde, com nitidez espantosa, Esmeraldo retrata sua fobia fascista. Passou-se o tempo. O homem parecia acalmado. Mas qual! Era o período da gestação. A lei biológica não lhe fizera exceção. E, afinal, ontem um grande acontecimento: Esmeraldo dava à luz mais um Intento! Surpresa, curiosidade geral! Todos queriam ver o menino. Este era revelação perfeita do pai. Têm razão, portanto, os psicólogos quando afirmam serem os filhos alguma coisa dos que o geram. (MONTE, 1937 *apud* MONTE, 2001. p. 317).

De acordo com Monte, Siqueira não continuou a escrever os *Intentos Fragmentários* n’*A República* por falta de argumentos, passando a escrever em boletins. Entretanto, o que o médico narra em sua obra de 1968 é que ele foi impedido de publicar no jornal *A República*, sendo obrigado a pagar a publicação de boletins nos quais divulgava suas ideias. A surpresa de Monte com a volta dos *Intentos Fragmentários* provavelmente era falsa, uma vez que ele permitiu o retorno do médico à *República*, desde que a coluna fosse escrita com limitações para o autor. Os últimos *Intentos Fragmentários* publicados no jornal *A República* eram a clara demonstração, segundo Monte, de que Siqueira não voltaria a atacar a Igreja:

Esmeraldo se fosse italiano e residisse no belo país de Dante, gozaria privilégios das leis fascistas: a sua progênie seria educada à custa do Estado, porquanto um cidadão que ao mundo dá quatorze vidas, merece um prêmio. O novo bebê de Esmeraldo traz o número quatorze. O número treze parece lhe ter sido fatal; não será o motivo. Certo é que o quatorze quase não vinha. Ora muito bem! (MONTE, 1937 *apud* MONTE, 2001. p. 317).

Na interpretação de Monte, que parece ter prevalecido entre seus admiradores, dentre os quais está Jurandyr Navarro, Siqueira encerrou os debates por não ter mais como contra-

argumentar o pensamento de Monte, vendo-se, por isso, obrigado a reconhecer sua derrota (MONTE, 1937 *apud* MONTE, 2001. p. 318).

Navarro conferiu aos *Intentos Fragmentários* escritos por Siqueira a dimensão de um longo debate. Lendo-se apressadamente a Antologia organizada por Navarro, tem-se a impressão de que os quatorze *Intentos* foram rebatidos por Monte, o que não é verdade. O padre só começou a criticar o médico no décimo primeiro *Intentos* e o fez também em relação aos três *Intentos* seguintes. A forma como os debates foram organizados e descritos por Navarro atribuiu a Monte a qualidade de um grande debatedor, capaz de silenciar, com sólidos argumentos, um profundo conhecedor da ciência, promovendo, por consequência, também Monte à condição de sábio, de homem de ciência.

Diferentemente do Pastor Duarte, que não mereceu qualquer consideração por parte de Monte, Esmeraldo Siqueira recebeu palavras elogiosas sobre seus textos. As críticas que Monte faz a Siqueira concentram-se, especificamente, nas suas ideias em relação à Igreja Católica. Essa disputa, como pudemos observar, envolveu as redes que Monte mantinha, as quais, ao serem acionadas, conseguiram silenciar Siqueira, impedindo-o de se manifestar no jornal *A República*. Para este grupo que o apoiava, os debates travados com Siqueira deixaram ainda mais evidente a sabedoria incontestável de Monte. Uma genialidade que, como procuramos demonstrar, foi construída muito mais em função de motivações do clero natalense e de certos grupos sociais que se viram ameaçados com as críticas feitas por Siqueira do que pelos argumentos científicos ou doutrinários que Monte empregou e defendeu em seus textos.

4.2.3 As polêmicas com Carlos Mateus, pastor da Igreja Batista

Monte manteve também embates com o pastor evangélico norte-americano Carlos Mateus. Entretanto, ao tomar contato com os textos divulgados nas *Antologias*, não encontrei uma polêmica propriamente, uma vez que só foram publicados os textos de Monte. Procurei também na imprensa, destacadamente no próprio jornal *A Ordem* e n' *A República*, algum texto de Mateus e não encontrei. Todavia, considerei que se Jurandyr Navarro afirmava que havia ocorrido uma polêmica entre Monte e Mateus, é porque, em algum lugar, Mateus deveria ter apresentado suas ideias em contraposição ao pensamento de Monte. Portanto, resolvi procurar algo que vislumbrasse a existência de um debate entre Monte e Mateus. Desde o início, tive a clareza de que poderia não existir uma polêmica explícita, tendo em vista que Mateus poderia não ter publicado textos em jornais. Contudo, optei por dar continuidade à busca, considerando

a percepção de Navarro, mesmo sabendo que o debate entre Monte e Mateus pudesse não ter se efetivado plenamente.

Navarro considerou que Monte e Mateus teriam polemizado entre 7 de janeiro e 2 de abril de 1941, período em que foram publicados todos os textos de Monte sobre Mateus. A discussão teria se iniciado com um texto de Monte, intitulado *A propaganda protestante no Rio Grande do Norte e as verdadeiras tradições brasileiras*,⁶⁴⁹ publicado no jornal *A Ordem*, no qual o religioso afirmou que as verdadeiras tradições brasileiras estavam sendo violadas no Rio Grande do Norte pela propaganda protestante. Segundo Monte (2001, p. 229-230, grifos nossos),

Nada mais contrário aos sentimentos nacionais de nosso povo do que a propaganda protestante.

País de origem tradicionalmente católica, o Brasil tem o direito e o dever de guardar com maior carinho e defender com maior interesse a religião que lhe sorriu no berço e que lhe guiou os passos para a civilização. Sob à sombra da Igreja e graças à ação benemérita dos Jesuítas, representados pelas figuras de Nóbrega e Anchieta, nosso país manteve sua unidade religiosa, territorial e lingüística, dando à história um grande exemplo do quanto pode a civilização cristã. Quando elementos estrangeiros, no início da nossa colonização, pretenderam cindir nossa pátria, foi na alma verdadeiramente religiosa de nossa gente que se encontrou a maior repulsa, o mais forte baluarte para manter a unidade nacional. Os holandeses protestantes puderam dominar por curto tempo partes isoladas do território nacional, mas jamais conseguiram fazer nosso povo aderir à sua heresia. O sangue cristão correu generoso e abundante, mas até a última hora os heróis da fé tinham na boca palavras de entusiasmo pela religião cristã.

Marcos indeléveis no nosso Estado desses heroísmos são Cunhaú e Uruassú. Jacó Rabi, com a indiada feroz e os holandeses, aí, tudo fizeram para quebrantar o espírito religioso dos seus moradores, mas tudo debalde. Morreram como santos. Se, num gesto de suprema atrocidade, arrancaram a um o coração pelas costas, a última frase deste herói é: 'Louvado seja o Santíssimo Sacramento'. Sublime expressão de fé.

Infelizmente, porém, após tantos anos passados é justamente nesta zona gloriosa do nosso Estado, que **elementos do protestantismo norte-americano procuram infiltrar-se, fazendo descabido proselitismo no seio da população. Estabeleceram-se em S. José do Mipibú onde têm uma igrejola.** De lá semearam a cizânia nos lugares vizinhos, querendo tomar a zona litorânea em campo protestante. Enganam-se, porém. Nosso povo sabe o seu passado. Somos cristãos e católicos. Relativamente à nossa pátria, suas tradições religiosas são nossas verdadeiras tradições. O protestantismo só semeou discórdias e trucidou heróis.

⁶⁴⁹ No jornal *A Ordem*, esse texto foi assinado pelo Padre Ávila. No volume 9 da *Antologia do Padre Monte*, esse texto é assinado por Padre Monte. Essa divergência foi explicada a mim pessoalmente por Navarro, que afirmou que Padre Ávila era um pseudônimo de Monte. Na *Antologia*, Navarro inseriu o nome de Padre Monte em todos os textos que, segundo ele, haviam sido assinados com um pseudônimo. De posse desta informação, identifiquei que todos os textos publicados no jornal sobre o pastor Carlos Mateus foram escritos por Padre Monte. Sendo assim, todos os textos assinados por Monte ou sob um dos pseudônimos foram considerados como sendo de Monte. Ainda nesta parte do trabalho aprofundarei um pouco mais essa discussão.

Vá, portanto, o Sr. Mateus para sua pátria. Lá terá muito quem converter.

Nação que se diz protestante, os Estados Unidos possuem milhões e milhões que não creem sequer em Deus. As estatísticas falam muito alto. Grande é a percentagem dos pastores que descrêem dos principais dogmas da fé; maior ainda o número das almas que abraçam o franco e grosseiro racionalismo.

Volte, pois, para sua pátria. Aqui são indesejáveis os pastores protestantes.

É mais útil lá desenvolver sua ação e gastar seu dinheiro para combater o divórcio tão contrário ao Evangelho, os famosos gangsters, os suicídios, os criminosos precoces e os cinemas imorais, etc. etc.

Através de muita propaganda há muito interesse noutra propósito conservado oculto nos bastidores. É que os Estados Unidos estão bem armados e são uma nação imperialista...⁶⁵⁰

A partir desse texto, foi possível perceber que Monte partilhava da construção da tradição católica – conforme já foi discutido neste trabalho –, pela qual a Igreja contribuiu para a construção de uma identidade nacional brasileira como continuidade da colonização portuguesa. Sob esta perspectiva, os holandeses foram considerados invasores do Brasil no período colonial e a disputa pelo território entre holandeses e portugueses foi narrada como uma invasão holandesa.⁶⁵¹ Foram, aliás, essas disputas, por exemplo, que estimularam o padre Paulo Herôncio de Melo⁶⁵² a escrever *Os Holandeses no Rio Grande do Norte*,⁶⁵³ em 1937.

A retomada deste evento para enaltecer a Igreja nos anos 1930 fica evidente no preâmbulo da obra de Padre Paulo Herôncio, no qual escreveu:

Um esquecimento imperdoável envolve a memória dos mártires de Uruaçu e de Cunhaú.

⁶⁵⁰ Publicado originalmente em 07 de janeiro de 1941 no jornal A Ordem.

⁶⁵¹ Entre 1630 e 1654, parte do Nordeste estava sob o domínio dos holandeses, que controlavam a produção açucareira. Na década de 1640, particularmente, com a crise do açúcar do mercado internacional, a Companhia das Índias Ocidentais, então administradora da produção açucareira holandesa, passou a cobrar dívidas contraídas por comerciantes e por senhores de engenho durante o governo de Maurício de Nassau (1637-1644). Para cobrar essas dívidas, os holandeses passaram a enrijecer as relações com a população local, gerando, em contrapartida a revolta dos portugueses e dos brasileiros que habitavam o Nordeste. Nessa conjuntura, os luso-brasileiros passaram a se organizar com vistas a expulsão dos holandeses do Nordeste e os holandeses, por sua vez, passaram a resistir contra essa expulsão. Foi nessa conjuntura que, especificamente na Capitania do Rio Grande, ocorreram as lutas de luso-brasileiros contra os holandeses.

⁶⁵² Na principal obra de Paulo Herôncio de Melo, intitulada *Os Holandeses no Rio Grande do Norte*, o nome do autor é grafado simplesmente como Paulo Herôncio, como passou a ser conhecido.

⁶⁵³ A obra *Os Holandeses no Rio Grande do Norte* está vinculada aos esforços da Igreja Católica norte-riograndense de – seguindo os princípios da Neocristandade – valorizar fatos do passado que mostrassem a importância decisiva do catolicismo na história potiguar. O autor se detém em dois episódios. O primeiro teria ocorrido em Cunhaú, onde os católicos teriam sido brutalmente assassinados durante uma missa, e o segundo teria se dado em Uruaçu, local em que o massacre contra os católicos teria acontecido em campo aberto às margens de um rio. Esses dois massacres são apontados por Paulo Herôncio de Melo como marco da intolerância religiosa dos holandeses, que desejam impor o protestantismo aos católicos. Nessa perspectiva, os católicos foram massacrados por terem resistido e os “mártires de Cunhaú e Uruaçu” são exemplos da resistência e da fé dos católicos.

Quando se fala tanto na conquista holandesa, glorificando-se figuras proeminentes da invasão, e se chega a lamentar que a nossa nacionalidade não haja sido plasmada pelos **flamengos, que transformaram as terras potiguares em campos de ruínas e de morte, os heróis da campanha libertadora continuam encerrados no frio túmulo da indiferença e do olvido.**

O Rio Grande do Norte tem o dever de zelar pelo seu passado de glórias, fazendo reviver os feitos memoráveis dos que souberam defendê-lo e honrá-lo com sangue generoso.

Escrevendo estas páginas, eu quero assoprar um pouco da poeira que cobre a **lembrança daqueles que foram realmente mártires da Pátria e da Igreja e que se tornaram merecedores do culto dos pósteros.**

E penso assim prestar a essas figuras de heróis e de santos (sem querer antecipar os altos juízos da Santa Igreja) a homenagem do meu respeito e da minha veneração à memória de tão brava gente (MELO, 1937. p. 27, grifos nossos).

A narrativa de Paulo Herôncio, ratificada posteriormente por Câmara Cascudo⁶⁵⁴, enfatiza dois episódios marcantes nessa conjuntura e os associa especificamente à intolerância religiosa dos protestantes, secundarizando as questões políticas, políticas e sociais. Herôncio articulou dois episódios distintos, ambos ocorridos em 1645, como um único evento no qual os holandeses realizaram dois massacres. O primeiro desses eventos ocorreu em 16 de julho de 1645. Naquela ocasião, cerca de setenta católicos participavam de uma missa dominical na capela do Engenho Cunhaú,⁶⁵⁵ quando, comandados pelo judeu alemão Jacob Rabbi,⁶⁵⁶ soldados holandeses, índios janduís e índios potiguares, invadiram a capela e mataram todos os participantes da celebração, inclusive o celebrante, padre André de Soveral. Os colonos portugueses, após o acontecimento de Cunhaú, refugiaram-se nas margens do rio Potengi em um lugar que fica a aproximadamente três quilômetros de Natal. Rabbi e os seus seguidores os perseguiram e, em 3 de outubro de 1645, os levaram ao longo do rio até Uruaçu, onde foi realizado um novo massacre. Assim, em torno de três meses após o episódio de Cunhaú, Rabbi comandou outro massacre, agora em Uruaçu,⁶⁵⁷ onde oitenta pessoas, às margens do rio, foram despidas e assassinadas. Na descrição que Herôncio faz do segundo massacre chama atenção,

⁶⁵⁴ O item V do capítulo III do livro *História do Rio Grande do Norte*, de Luís da Câmara Cascudo, é dedicado ao domínio holandês no Rio Grande do Norte. É nessa parte da obra que Cascudo, inspirado em Paulo Herôncio de Melo, narrou os acontecimentos de Cunhaú e Uruaçu (CASCUDO, 1955. p. 81-85).

⁶⁵⁵ O engenho Cunhaú está situado no atual município de Canguaretama. A sede desse município está situada a, aproximadamente, 70km ao sul de Natal.

⁶⁵⁶ Jacob Rabbi chegou ao Brasil, em 1637, como um dos integrantes da comitiva de Nassau. Mantinha boas relações com os índios, convivendo com eles durante alguns anos. Essa relação amistosa com os índios possibilitou que Rabbi se tornasse intérprete nos diálogos entre índios e holandeses. Cascudo, em sua obra *História do Rio Grande do Norte* apresenta uma visão de Rabbi como um homem interesseiro e sem escrúpulos e o adjetiva de inspirador da morte. Para Herôncio e Cascudo, Rabbi estava a serviço do protestantismo (CASCUDO, 1955. p. 84).

⁶⁵⁷ Uruaçu hoje pertence ao município de São Gonçalo do Amarante, que está situado a 12km a norte de Natal. Cunhaú e Uruaçu estão distantes a aproximadamente 82km.

especialmente, a narrativa sobre o assassinato do camponês Mateus Moreira, que teria pronunciado no momento da sua morte “Louvado seja o Santíssimo Sacramento”, o que comprovava a verdadeira fé de um católico em um momento extremo.

Em 1937, quando padre Paulo Herôncio publicou seu livro, a Igreja católica de Natal estava imbuída da luta da Neocristandade contra o avanço do protestantismo. Nesses termos, uma narrativa sobre massacres perpetrados por protestantes garantia um referencial histórico importante para a fé católica. Padre Paulo Herôncio pôde contar com o apoio de outros padres e intelectuais, como padre Monte e Câmara Cascudo, que contribuíram para reforçar a construção feita em torno dos episódios de Cunhaú e de Uruaçu. Se, por um lado, as obras de Cascudo ajudaram a difundir essa narrativa entre um público mais erudito, por outro, as pregações de Monte e os artigos que publicava na imprensa periódica ajudaram a consagrar esta visão junto a uma camada mais ampla da sociedade, que participava de atividades religiosas e lia jornais.

A narrativa sobre os “Mártires de Cunhaú e de Uruaçu”, iniciada na década de 1930, tem sido, ao longo dos anos, fortalecida, de tal forma que, em outubro de 2017, esses “Mártires” foram canonizados pelo Papa Francisco, em uma solenidade realizada no Vaticano.⁶⁵⁸ Na ocasião, foram canonizados, por exaltarem a fé católica, André de Soveral, Mateus Moreira e mais vinte e sete pessoas assassinadas nos eventos do século XVII.

A obra de Paulo Herôncio⁶⁵⁹ e as ações realizadas por seus aliados visando à sua divulgação tiveram grande importância para a Igreja, na medida em que possibilitaram a beatificação dos Protomártires do Brasil. Entretanto, a narrativa de Padre Herôncio foi também decisiva para que, nas décadas de 1930 e 1940, a Igreja Católica associasse a defesa do território nacional com a fé católica. Foi a partir do acionamento destas narrativas que remetem a eventos do Seiscentos que Monte identificou, conforme explicitado na passagem extraída do texto publicado em 7 de janeiro de 1941, o pastor evangélico norte-americano Mateus como inimigo da Igreja Católica. Inimigo por ser norte-americano e por ser protestante. Por essa razão, Monte defendeu, no artigo em questão, a expulsão do pastor Mateus e dos protestantes do Rio Grande do Norte, mais especificamente, de São José de Mipibu. Mas, afinal, quem era o pastor Mateus, apresentado como inimigo da Igreja Católica?

⁶⁵⁸ Além da beatificação, as ações da Igreja em torno do Mártires também possibilitaram que a governadora Wilma de Faria do Rio Grande do Norte, em dezembro de 2006, decretasse o dia 3 de outubro como feriado estadual em memória dos mártires de Cunhaú e Uruaçu. A proposta para a criação deste feriado foi, inicialmente, proposta no âmbito da Assembleia Legislativa pelo deputado José Dias, conhecido por ser um católico, além de ser cunhado do ex-governador Aluísio Alves. Aluísio, por sua vez, como já mencionei em capítulo anterior, era admirador de Padre Monte.

⁶⁵⁹ Sobre as repercussões históricas da obra de Paulo Herôncio, ler: Peixoto (2014).

Não encontrei no vol. 9 das *Antologias do Padre Monte* quaisquer informações sobre quem era o pastor Mateus nem sobre as circunstâncias em que se deu o debate com padre Monte. Na página 229 deste volume tem início a seção intitulada *Polêmica com o evangélico Matheus*. Diferentemente das polêmicas travadas por Monte com o pastor Duarte e com o médico Esmeraldo Siqueira, Navarro não apresentou qualquer introdução a essa polêmica, limitando-se à inserção dos seis textos escritos por Monte e à identificação de seu oponente como “Matheus”.⁶⁶⁰

Comparando os textos da polêmica mantida por Monte com o Pastor Mateus compilados por Navarro, divulgados na *Antologia*, com os textos originais, publicados no jornal *A Ordem*, percebi que Navarro, mais uma vez, atribui-os a Padre Monte, enquanto que n’*A Ordem*, a autoria dos artigos é atribuída, em alguns casos, a Padre Ávila e, em outros, não há assinatura, o que nos leva a supor que expressassem o pensamento dos editores do jornal. Considerando que Monte usava pseudônimos para assinar alguns de seus artigos e que Padre Ávila era um deles e que, por vezes, escrevia, sem assinar, os editoriais do jornal *A Ordem*, acredito que se possa afirmar que ele seja, de fato, o autor desses artigos, mesmo que Navarro não tenha aventado esta possibilidade.⁶⁶¹

Passemos, agora, às minhas tentativas de descobrir quem foi Pastor Mateus. Pelo texto publicado em 7 de janeiro, somos informados de que Mateus era um pastor norte-americano, estabelecido em São José do Mipibu, cidade situada a 38km de Natal, sem que tenhamos qualquer explicação sobre as razões para ter se estabelecido nesta localidade. Ademais, Navarro sequer publicou qualquer comentário sobre as respostas de Mateus aos textos de Monte.⁶⁶²

Em minha busca por informações sobre o Pastor Mateus, procurei documentos produzidos por autoridades ou membros de Igrejas evangélicas que existiram em Natal no ano de 1941. Foi, então, que encontrei o livro *Esperança no sertão: uma biografia de Carlos Mateus*, escrito em 2013, por Charles Nascimento Bronson, pastor da Igreja Batista Regular de Mossoró e graduado em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

⁶⁶⁰ São raras as vezes em que “Mateus” é grafado nas fontes como “Matheus”. Sendo assim, para uniformizar o texto, sempre utilizarei a grafia “Mateus”.

⁶⁶¹ Já mencionei neste trabalho que Navarro identificou textos no jornal *A Ordem* escritos por Monte e que não tinham autoria corretamente atribuída a Monte. Em conversas com outros editores do jornal na época de Monte, como Otto de Brito Guerra e Ulisses de Góes, Navarro descobriu os pseudônimos usados por Monte, entre eles, Padre Ávila, e descobriu também que os editoriais do jornal eram escritos também por ele. Foi com base nessas informações que Navarro afirmou que um texto publicado no jornal *A Ordem* havia sido escrito por Monte. Assim, ao transcrever esse texto na *Antologia*, Navarro já o fez considerando que Monte o escreveu. A falta de um comentário de Navarro sobre essa decisão dificulta a análise, uma vez que o autor atribuído a alguns textos publicados na *Antologia* difere daquele que aparece nos divulgados no jornal *A Ordem*.

⁶⁶² Não foi possível definir o motivo pelo qual Navarro não publicou as respostas de Mateus aos textos de Monte. É possível que Navarro não tenha tido maiores informações sobre os textos de Mateus.

Ao lê-lo, pude constatar que o Carlos Mateus biografado por Bronson era o pastor a quem Monte se referiu.

Segundo Bronson, Carleton Findley Matthews nasceu em 10 de janeiro de 1904, no subúrbio de Pittsburgh, na Pennsylvania, e faleceu em Natal, no dia 12 de maio de 1966. Sua vinda para o Brasil ocorreu em 8 de janeiro de 1932 e foi motivada pelo trabalho missionário que ele e a esposa, Adelaide Matthews Standley realizavam pela *Evangelical Union of South America*, entidade que atuava em oposição ao ecumenismo protestante do início do século XX (BRONSON, 2013. p. 23-26). O casal, de acordo com Bronson, foi enviado, inicialmente, para atuar na Paraíba. O pastor batista acrescenta que, ao chegar no Brasil, teve seu nome abasileirado para Carlos Mateus.

A viagem dos Estados Unidos para o Brasil se deu por navio, que aportou em Recife. Dessa cidade, eles foram para a Paraíba, tendo permanecido nesse estado por três anos, atuando em Igrejas Batistas Regulares nas cidades de Picuí, Patos, Pedra Lavrada, Esperança, Jardim, Guarabira, Campina Grande, Canoas Dentro e Areia (BRONSON, 2013. p. 42). A ação missionária de Carlos Mateus na Paraíba contou com o apoio do missionário inglês Harry Briault, que havia chegado ao Brasil com a sua esposa em 1928.⁶⁶³

Segundo Bronson, no início da década de 1930, o missionário Carlos Mateus tomou conhecimento da existência de personagens do clero católico, como o Padre Cícero Romão⁶⁶⁴ e o Frei Damião,⁶⁶⁵ que combatiam com veemência o protestantismo. Carlos Mateus não conheceu o Padre Cícero Romão, em virtude de seu falecimento em 1934. Entretanto, acompanhou as polêmicas nas quais Frei Damião se envolveu e chegou, até mesmo, a ser convidado para um debate, prática que o Frei mantinha com outros padres.

Ainda segundo Bronson, Frei Damião tinha a prática de convidar, por meio de correspondências pessoais ou textos publicados em jornais, líderes e missionários protestantes estrangeiros para debater publicamente. Carlos Mateus acompanhava esses debates e guardava as informações publicadas sobre eles em jornais e informativos. Na interpretação do autor da biografia de Carlos Mateus, os debates entre Frei Damião e os missionários protestantes estrangeiros sempre eram organizados de forma que o frei se proclamasse vencedor

⁶⁶³ Bronson detalhou, em sua obra, os relatórios que Carlos Mateus fez sobre todas as igrejas em que ele atuou. Para mais informações sobre essa ação missionária, consulte o já mencionado *Esperança no sertão: uma biografia de Carlos Mateus*. Ver, sobretudo, o capítulo 2.

⁶⁶⁴ Trata-se do Padre Cícero Romão Batista (1844-1934), que foi ordenado padre em 1870 em Fortaleza, tendo sido designado, dois anos depois, Vigário de Juazeiro do Norte. Articulando a ação sacerdotal com as práticas políticas, o padre conseguiu muitos adeptos no Nordeste brasileiro.

⁶⁶⁵ Trata-se do frade capuchinho Damião de Bozzano (1898-1997), que foi ordenado sacerdote na Pontifícia Universidade Gregoriana em Roma, ano de 1923, e transferido para o Brasil em 1931, estabeleceu-se no convento Nossa Senhora da Penha, em Recife.

(BRONSON, 2013. p. 52-53). Segundo ele, Frei Damião teria convidado Carlos Mateus para o que denominou de duelo intelectual. No convite, escrito à mão, Carlos Mateus foi convidado a assistir um sermão sobre o culto das imagens na Matriz da cidade de Esperança, na Paraíba, em março de 1935, após o qual travariam a discussão sobre o tema. De acordo com Bronson (2013, p. 53), Carlos Mateus não atendeu o convite, o que foi noticiado amplamente pela imprensa, que divulgou a ideia de que Mateus fugiu do debate.

Apesar de não ter participado do debate, Carlos Mateus publicou dois boletins, intitulados *Ao ilustre povo de Esperança e Por que não houve a discussão religiosa em Esperança?*, nos quais explicava os motivos de não ter debatido com Frei Damião. Segundo Bronson, Carlos Mateus alegou que o objetivo do Frei era debater com um adversário, contando com uma plateia de moradores católicos que o pudessem defender (BRONSON, 2013. p. 54). Ao tomar conhecimento dos boletins de Mateus, Frei Damião voltou a convidá-lo para um novo debate, com a presença da Polícia. O debate não aconteceu, mas uma comissão de católicos procurou a casa do pastor para propor o confronto em praça pública, com a presença de cinco mil católicos.

Em novembro de 1935, Carlos Mateus mudou-se para Maxaranguape, no Ceará, e, em 1938, para a cidade de São José de Mipibu, no Rio Grande do Norte. As primeiras reuniões de evangelização organizadas por Mateus foram feitas na própria casa da família. Entretanto, o pastor teve dificuldades de reunir os moradores locais, devido à ação dos católicos da cidade. Segundo Bronson, Carlos Mateus chegou a ser preso em São José de Mipibu, por ter realizado um culto em praça pública na cidade, depois do padre ter realizado uma missa. Em 1939, Carlos Mateus fundou a Igreja Batista Regular em São José de Mipibu. Dois anos depois, em 1941, devido à eclosão da Segunda Guerra Mundial e da aliança do Brasil com os Estados Unidos nesse conflito, Carlos Mateus foi convocado pelo serviço militar americano para atuar como intérprete e capelão evangélico, durante a construção da Base Aérea de Natal. Posteriormente, ele se tornou responsável pelo setor de pessoal civil da base americana.

Entre 1941 e 1946, Carlos Mateus morava em São José de Mipibu e trabalhava na Base Aérea de Parnamirim. Suas atividades na base o tornaram conhecido e possibilitaram que, a partir de 1941, os jornais de Natal informassem sobre a sua ação evangelizadora em São José de Mipibu. Foi nesse contexto que foi publicado, a 7 de janeiro de 1941, o artigo *A propaganda protestante no Rio Grande do Norte e as verdadeiras tradições brasileiras*, no jornal *A Ordem*, já mencionado no início da discussão sobre a polêmica entre Mateus e Monte. A manchete principal do jornal deste dia foi formulada nos seguintes termos: “Os protestantes pagos com o

ouro americano continuam na tentativa de penetrar nas localidades da antiga estrada de ferro Great Western”.

A manchete principal do jornal acusava os norte-americanos de financiarem missionários protestantes para penetrar nas cidades próximas à antiga linha da Great Western, como era o caso de São José do Mipibu. No artigo divulgado no jornal *A Ordem*, Monte afirmou que a ideia dos protestantes era, a partir de São José do Mipibu, difundir o protestantismo nas cidades vizinhas por todo o litoral e recomendou que Mateus voltasse para os Estados Unidos, uma vez que no Rio Grande do Norte os pastores eram indesejados. Reagindo ao artigo, o missionário batista Carlos Mateus solicitou na Justiça o direito de resposta às acusações feitas contra ele e o protestantismo. O processo foi registrado no 3º Ofício de Notas de Natal, no dia 20 de janeiro de 1941, pelo escrivão Bartolomeu Fagundes e notificado ao juiz de Direito Dr. Lemos Filho.⁶⁶⁶

No dia 21 de janeiro de 1941, um dia depois da abertura do processo, o jornal *A Ordem* estampou a seguinte manchete: “Os protestantes batistas não gostaram do artigo do nosso colaborador Pe. Ávila e quiseram obrigar A ORDEM a publicar sua ‘defesa’ no mesmo lugar em que saiu o artigo. Pudéra [sic]!”. Entre os artigos da primeira página, um deles, intitulado *A ORDEM e o protestantismo: Uma questão de direito, resolvida a nosso favor*,⁶⁶⁷ analisava o pedido de resposta de Carlos Mateus. Segundo Monte (1941),⁶⁶⁸

No combate às heresias, seguimos as determinações da Igreja: luta sem quartel contra os erros, caridade para com os que erram.

Por isto mesmo, assim como chamamos a atenção dos católicos para o perigo da invasão protestante [...].

Essas considerações vêm a propósito do fato de terem os protestantes norte-americanos, assanhados com o artigo do nosso prezado colaborador, padre Avila, publicado na edição de 7 do corrente, requerido, em juízo, a retificação compulsória de que trata o art. 85 da nossa lei de imprensa, não logrando êxito na sua tentativa, pois que o juiz Lemos Filho indeferiu o pedido.

Do excerto acima, depreende-se que o pedido feito pelo Pastor Carlos Mateus foi negado pelo juiz. Não encontrei, infelizmente, o documento da decisão do juiz e,

⁶⁶⁶ Bronson (2013. p. 84-85) transcreveu, literalmente, o processo aberto por Carlos Mateus contra o jornal *A Ordem*.

⁶⁶⁷ A manchete e o artigo não foram incorporados por Navarro na *Antologia*. Provavelmente, Navarro procurou omitir o direito de resposta solicitado pelo pastor Carlos Mateus e o comentário do jornal *A Ordem* sobre esse tema. Ao que tudo indica, notícias que davam conta de que alguém solicitava um direito de resposta para um jornal católico e que isto não havia sido concedido poderiam ser vistas como um sinal de intolerância, o que se constituiria numa mancha à imagem de Monte como homem afeito a debates.

⁶⁶⁸ No jornal *A Ordem*, o artigo não apresenta autoria. Entretanto, seguindo a lógica de Jurandyr Navarro, esse artigo deve também ter sido escrito por Monte.

consequentemente, não tive acesso aos argumentos por ele utilizados para justificar a recusa do pedido do pastor. Entretanto, o que chama mais a atenção é a falta de um espaço na imprensa, sobretudo nos jornais sobretudo *A Ordem* e *A República*, para que o pastor pudesse fazer sua defesa quanto às acusações feitas por Monte no artigo do dia 7 de janeiro.

Evidentemente, uma investigação sobre o financiamento norte-americano da atuação de missionários batistas em Natal seria muito interessante, mas fugiria ao escopo deste trabalho. Merece, contudo, ser destacado o fato de que a imprensa e a justiça não permitiriam a divulgação da defesa de Carlos Mateus. Aliás, desde o tempo em que residia em Nova Esperança, na Paraíba, e esteve envolvido nos debates com Frei Damião, Carlos Mateus teve dificuldades para divulgar suas ideias, usando, inclusive, os boletins⁶⁶⁹ como forma de divulgar o seu pensamento.

Nas palavras de Monte, no entanto, parece que encontramos uma tentativa de explicação para que o juiz não tivesse concedido direito de resposta a Carlos Mateus:

Ignoramos, ainda, os fundamentos de acertada decisão do ilustre magistrado. Mas nunca duvidamos da inteira improcedência da ação. Com efeito, o artigo 35 do decreto n. 24.776, de 14 de janeiro de 1934, faculta o direito de retificação compulsoria, apenas 'á pessoa, natural ou jurídica, que fôr atingida em sua reputação e bôa fama, por publicação feita em jornal ou periódico, que contenha ofensas ou referencias de fato inverídico ou errôneo'. No caso em tela, cumpria verificar, primeiramente, se, em simples discussão religiosa, guardados os princípios da ética jornalística, como o foram, seria de se aplicar a lei da imprensa. Não é, então, lícito, constitucionalmente, á imprensa católica, o combate ao protestantismo? Para argumentar, admitamos que se quizesse [sic] aplicar ás polemicas religiosas, que não perturbam a tranqüilidade, nem ofendam a moral, a retificação compulsoria. Ainda assim, não caberia ação na espécie, pois que não foi visado um indivíduo determinado, mas o protestantismo, inteirinho. E nós sabemos que o protestantismo tem centenas de divisões: batistas, episcopais, metodistas, presbiterianos, presbiterianos independentes, etc., etc., cada um se subdividindo. Não há, por consequente, uma pessoa jurídica determinável, capaz de ser suspeito de direito (MONTE, 1941).

Para Padre Monte, o texto publicado em 7 de janeiro expressava suas críticas ao protestantismo e não um ataque pessoal a Carlos Mateus, a quem, considerava, não ter ofendido:

⁶⁶⁹ Ao discutir os debates travados entre Monte e o pastor Duarte, demonstrei o formato dos boletins e expliquei que eles eram distribuídos semanalmente na própria Igreja Presbiteriana. Carlos Mateus também divulgou suas ideias em boletins. Suponho que, à semelhança dos que eram divulgados pela Igreja Presbiteriana, esses boletins também eram documentos distribuídos durante os cultos às pessoas da sociedade em geral. Não encontrei informação explícita do uso de boletins em São José de Mipibu, mas suponho que face às provocações feitas por Monte e diante das dificuldades para divulgar suas ideias e defesa, Carlos Mateus deve ter recorrido aos boletins.

O artigo aludia por alto, é verdade, a um sr. Mateus. Mas, no Brasil, Mateus é um nome muito querido e até muito comum. Mateus é personagem muito importante no ‘bumba meu boi’, Mateus figura num sem número de provérbios. De sorte que dizer Mateus, sem mais nada, é mesmo que dizer José, Pedro, Manoel, João... Mas não é tudo. Mesmo que tivesse sido escrito o nome de um pastor norte americano qualquer, ainda assim, imprecidia a ação. Pois o decreto fala em artigo que ofenda a honra e a bôa fama e contenha ofensas ou referencias de fato inverídico ou erroneo. Ora, tudo quanto se disse no artigo é a pura verdade, como provaremos noutro artigo, e em nada ofensivo á bôa fama.
E’ o que veremos (MONTE, 1941).

É interessante observar que, apesar de todas as evidências mostrarem claramente que o texto se referia a Carlos Mateus, pastor norte-americano que dirigia uma Igreja em São José do Mipibu, Monte procurou ressaltar que estava combatendo protestantes e o protestantismo. À semelhança do que ocorreu nas polêmicas travadas com o pastor Duarte e com o médico Esmeraldo Siqueira, Monte recorreu mais uma vez à estratégia de provocar seus pretensos adversários, levando-os a publicarem ideias contrárias aos preceitos do Catolicismo ou ao pensamento do clero natalense.

Em 23 de janeiro de 1941, o jornal *A Ordem* publicou o artigo intitulado *O Brasil e o Protestantismo: porque concordamos com o Padre Ávila*, sem autoria identificada. No primeiro parágrafo do artigo publicado no jornal *A Ordem*, está escrito:

Prometemos analisar, detidamente, o artigo do nosso estimado colaborador, Padre Ávila, em torno do protestantismo. No seu artigo, dizia o ilustre sacerdote o seguinte:

- 1) A propaganda protestante, no Brasil, é contrária aos sentimentos nacionais;
- 2) No correr da nossa história, falharam todas as tentativas hereges de implantar outra fé, que não a católica, em nosso povo;
- 3) Presentemente, elementos do protestantismo procuram infiltra-se na zona litorânea do Rio Grande do Norte, tendo por sede a cidade de S. José, como é sabido;
- 4) Há completo engano desses pastores norte-americanos, pensando que lograrão êxito em mais essa tentativa de protestanizar o Nordeste, essencialmente católico;
- 5) O melhor que fazem os ditos pastores Yankees é voltarem à sua terra, que muito está precisando de educação religiosa, como atestam eloqüentemente as mais recentes estatísticas;
- 6) Na propaganda protestante dos norte-americanos, em terras da América do Sul, há, muita das vezes, interesses outros, que não os intuitos de mero proselitismo (O BRASIL..., 1941).

No volume 9 das *Antologias do Padre Monte*, esse texto foi publicado com modificações substanciais. O subtítulo foi retirado, tendo sido inserida a autoria de Padre Monte e o texto introdutório ganhou outra redação: “Prometemos analisar, detidamente, o artigo

anterior em torno do protestantismo. Nele se dizia em resumo: [...]” (MONTE, 2001. p. 233). Considero que as modificações feitas por Navarro devem ser compreendidas como uma tentativa de suavizar a tensão que existiu entre Padre Monte e Carlos Mateus e de apresentar o artigo como um simples detalhamento do artigo anterior. O pseudônimo Padre Avila não é sequer citado, possivelmente para não lançar dúvidas sobre as razões que teriam levado Monte a usá-lo nesse debate.

Excetuadas estas alterações feitas nesses aspectos introdutórios e ausência da menção a Padre Ávila, o texto publicado no volume 9 coincide com o que foi publicado no jornal *A Ordem*. Fundamentalmente, o artigo consiste em um detalhamento do primeiro dos seis pontos acima identificados, ou seja, dedica-se, especificamente, a reiterar que “a propaganda protestante, no Brasil, contraria os sentimentos nacionais”. Essa discussão foi feita no artigo da seguinte maneira:

Não há quem possa negar, em sã consciência, que **a formação religiosa no Brasil tenha sido toda católica**, de onde resulta aquela ‘impulsão cristã hereditária’, de que fala um escritor, não suficiente, mas lastro valioso, para um católico sincero e vivo. **Foi realmente a Igreja**, como observa o sr. Pedro Calmon, no seu ‘Espírito da Sociedade Colonial’, pág. 99, **o elemento aglutinante, o centro comum de moralidade e espiritualismo, desde os primeiros dias do Brasil**, apesar de todos os desvios de certos elementos até do Clero, desvios destes combatidos animosamente, sobretudo pelos jesuítas, cuja atitude varonil foi um fator de saneamento de primeira ordem (*A’ Ordem*, 23 jan.1941 *apud* MONTE, 2001. p. 233, grifos nossos).

Para Monte, a propaganda protestante prejudicava o sentimento da população em relação à unidade nacional, uma vez que a sociedade brasileira havia sido formada para ser católica. Nessa perspectiva, a formação moral e espiritual do brasileiro estaria fixada nos ensinamentos do catolicismo, e todos os que haviam se desviado dos caminhos católicos foram combatidos, destacadamente pelos jesuítas, que lutaram para dar a unidade ao Brasil. Para ele, o catolicismo foi definido previamente como elemento constituinte da nação brasileira e nada deveria quebrar essa unidade. É sob esta perspectiva, que, na década de 40, Padre Monte vê o protestantismo como algo que estava ameaçando a unidade nacional. Propagandar o protestantismo ou qualquer outra religião contrária ao catolicismo consistia em um atentado não apenas à Igreja Católica, mas à própria nação brasileira.

Segundo Monte, o catolicismo era a base da brasilidade, o que o levava a lamentar o fato de que alguns católicos se desviavam dos princípios religiosos que os constituíam enquanto brasileiros. Além disso, ele considerava que esse desvio devia ser corrigido para que a unidade da Igreja e da nação não fossem afetadas:

Esta formação católica, portanto, fez com que, ainda hoje, a quase totalidade da população brasileira seja católica. Infelizmente, (e isto ninguém mais do que os próprios jornais católicos, bispos e a igreja têm ressaltado), **há um grande número de católicos que longe estão de o serem de verdade**, e que, por isto mesmo, precisam corrigir-se. São católicos de credo, comodistas, **católicos por tradição, mas que não levam vida correspondente às grandes responsabilidades do seu título glorioso** (A' Ordem, 23 jan. 1941 *apud* MONTE, 2001. p. 233, grifos nossos).

Apesar de não indicar qual o tipo de punição que deveria ser aplicada aos católicos que se desviassem da sua formação inicial, fica evidente que Monte defendia a obrigatoriedade de ser católico. Desta sua defesa, pode-se inferir que todos os brasileiros deveriam ser católicos, pela fé ou pela força. Apesar de afirmar que qualquer religião podia ter adeptos sujeitos a desvios, Monte reafirmava que os católicos estavam menos sujeitos a eles:

Este, aliás, é um mal que afeta a todas as confissões religiosas. Pode-se mesmo dizer, sem receio de contradição, que guardadas as proporções, **é entre católicos que o número de elementos desta espécie é menor. Protestantes, espíritas, quantos existem, que envergonham seus irmãos de crença?**

Entretanto, os inimigos do catolicismo não se cansam de apontar os maus elementos como prova de escasso valor da nossa religião quando, para serem lógicos e sinceros, também não poderiam ocultar a admiração pelos inúmeros exemplos de santidade, honestidade, retidão de vida, de tantos católicos. E isto é que não fazem (A' Ordem, 23 jan.1941 *apud* MONTE, 2001. p. 233-234, grifos nossos).

A partir do excerto acima, constata-se que Monte considerava que o ataque dos inimigos do catolicismo tinha a função de desviar o foco principal desses ataques: a tentativa de fragilizar a Igreja Católica e, conseqüentemente, o sentimento de brasilidade da população. Em razão disso, defendeu a plena unidade nacional, nos seguintes termos:

Ora, **fala-se muito**, sobretudo em nossos dias, **na necessidade da maior união do povo brasileiro**. Temos a união pela língua, o que é admirável. Temos a empolgante unidade territorial. Temos a unidade política. Pois bem, **muito mais necessária, ainda, é a união pela crença**, por ser um cimento de consistência inabalável. Isto não quer dizer que se vá obrigar quem não for católico a o ser de qualquer modo. Não é assim. Mas é do interesse, mesmo político, da nação, manter, o mais possível, a nossa unidade religiosa.

E a unidade religiosa do Brasil não vem do protestantismo. Este é, pelo contrário, fator de desunião. Quem o diz não é um padre. É um cidadão que viveu e morreu descrente, Medeiros e Albuquerque. Afirmou esse jornalista e polígrafo que 'a propaganda protestante, no Brasil, quando fosse leal, quando só visasse o lado religioso ainda assim deveria ser combatida por todos os brasileiros: Ela é um fermento de desunião'.

Vem, sim, a unidade religiosa brasileira, do prestígio que se der à Igreja Católica, da liberdade que se lhe conceder, reconhecendo o seu valor

insubstituível (A Ordem, 23 jan.1941 *apud* MONTE, 2001. p. 233-234, grifos nossos).

Mais uma vez, fica evidente que para Padre Monte somente seria mantida a brasilidade se o catolicismo fosse mantido como elemento de coesão nacional. Os protestantes eram, portanto, percebidos como um sério perigo à unidade nacional. Para reforçar seu raciocínio, ele recorre a um discurso proferido por Getúlio Vargas:

Aliás, não é outro o sentir do exmo. sr. Presidente da República, **Getúlio Vargas**, sobre o valor do catolicismo em nossa terra. Pois o ano atrasado no memorável banquete do Itamarati dizia sua excia.: **‘No Brasil-Colônia, no Brasil-Império, no Brasil-República, o lugar da Igreja Católica está marcado com destaque, como fator preponderante na formação espiritual das raças e as suas doutrinas e ensinamentos constituem as bases da organização da família e da sociedade’.**

Sabe-se que este discurso do Presidente da República não agradou aos protestantes que ousaram tecer comentários mais ou menos burlescos a seu respeito.

Só faltou mesmo um que requeresse, em juízo, um discurso de elogio às confissões protestantes... Mas se elas são contrárias aos sentimentos nacionais!... (A Ordem 23 jan. 1941 *apud* MONTE, 2001. p. 234, grifos nossos).

Vale lembrar que, neste período, vivia-se uma aproximação das relações entre a Igreja e o Estado, da qual resultou a legitimação, pelo Estado, da Igreja Católica como a instituição formadora da moral nacional, e a defesa da atuação varguista, visando ao impedimento de qualquer fragmentação da nação, por parte da Igreja. Nesses termos, duartw pastor batista foi, portanto, tomado como um exemplo do que deveria ser combatido para que o catolicismo e, conseqüentemente, a nação brasileira não fossem fragilizados.

Em 27 de janeiro de 1941, Padre Monte escreveu um novo texto. Nele, não encontramos referência explícita a Mateus ou a qualquer outro evangélico, mas o considero fundamental para a compreensão do debate que ele travou com o pastor norte-americano. O artigo intitula-se *O protestantismo na história do Brasil: em nada lisonjeiro este retrospecto e*, nele, encontramos uma reconstituição histórica da presença protestante no Brasil:

Não é de hoje que se vem estudando a infiltração protestante no Brasil. Mas agora é que apareceu um trabalho altamente documentado, relativo a essa maléfica heresia em nossa terra.

Trata-se do livro *Diretório Protestante no Brasil*⁶⁷⁰, do Padre Rossi⁶⁷¹, que deveria estar nas mãos de todos quantos quiserem conhecer os perigos do protestantismo, seus avanços em nossa terra, seus variados meios de ação. Junto aos livros irresponsáveis do Padre Leonel Franca, que já tem convertido mais de um protestante sincero, habilita o estudioso do problema a inteirar-se do que é o protestantismo, suas divisões, suas fraquezas irremediáveis e meios de combatê-lo.

O Pe. Rossi foi aluno, em Roma, do Revmo. Pe. Camilo Crivelli, jesuíta, que é catedrático da disciplina História do Protestantismo, na Faculdade de História Eclesiástica, da Universidade Gregoriana, e também autor do famoso *Diretório Protestante de 'la América Latina'*, livro de mais de setecentas páginas, pelo qual se tornou 'nome assaz conhecido e temido nos arraiais protestantes americanos e europeus'.

Com o seu *Diretório no Brasil*, tornou-se, por sua vez, o Padre Rossi, um nome respeitado, temido no seio dos protestantes do Brasil. Abre o culto sacerdote o seu trabalho com interessante capítulo de história do protestantismo em nosso país (MONTE, 2001. p. 235).

Como se pode constatar, Monte recorreu ao livro do Padre Rossi para acionar os argumentos da Neocristandade na identificação dos males do protestantismo, associando-os às práticas do pastor Carlos Mateus. Na compreensão de Monte, os erros de Mateus são os erros históricos do protestantismo, erros esses que haviam sido denunciados com muita propriedade por Padre Rossi. Na continuidade, Monte retoma a ideia de que os protestantes haviam sido combatidos em suas invasões ao território nacional:

Vemos, assim, como é tardia a aparição do protestantismo no cenário nacional, em contraste com a madrugada da fé católica, chegada com os descobridores. Houve, é verdade, ainda no tempo do Brasil-Colônia, tentativas protestantes, 'que alguns apodam de missionários, mas que a justiça histórica consigna com

⁶⁷⁰ Em 1973, Waldo César, pesquisador do Instituto Superior de Estudos de Religião (ISER), dividiu em três períodos os estudos sobre protestantismo no Brasil. Para ele, a primeira fase, que contempla o período entre 1930 a 1940, foi marcada pela publicação, em 1932, do livro do pastor presbiteriano Erasmo Braga, em parceria com o missionário Kenneth Grubb, intitulado *The republic of Brazil: a survey of the religious situations*. Nessa obra, há fotografias e mapas sobre a difusão de diferentes denominações protestantes no Brasil e estatísticas com os nomes das igrejas e número de membros. Em 1938, o padre Agnelo Rossi publicou o livro *Diretório Protestante no Brasil* (ROSSI, 1938), no qual atualizou essas estatísticas e produziu um histórico das denominações protestantes existentes no Brasil até o final da década de 1930, e as suas respectivas doutrinas. Na apresentação do livro, o então bispo de Campinas, Francisco de Campos Barreto, saudou o padre Rossi como líder de um grito patriótico e cheio de amor na luta contra uma séria e perigosa infiltração protestante no Brasil (RIBEIRO, 2007, p. 119).

⁶⁷¹ Padre Agnelo Rossi foi arcebispo de São Paulo entre 1964 e 1970 e presidente da CNBB entre 1964 e 1970. Nasceu em Campinas (SP), em 1913. Iniciou seus estudos sacerdotais em 1926, na cidade em que nasceu. Em 1934, foi estudar no Pontifício Colégio Pio-Brasileiro em Roma e em 1935, ingressou na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, instituições profundamente ligadas a Neocristandade, como já foi identificado ao longo deste trabalho. No fim de 1937, retornou ao Brasil, tornando-se secretário particular do bispo de Campinas, Dom Francisco de Campos Barreto. Em 1939, liderou, em Campinas, o movimento de formação da Ação Católica Brasileira. Foi bispo de Barra do Piraí, no Rio de Janeiro, arcebispo de Ribeirão Preto, e Arcebispo de São Paulo (ROSSI; AGNELO, 2019).

o nome de invasões do território nacional’ (A Ordem 27 jan. 1941 *apud* MONTE, 2001. p. 235).

Para Padre Monte, se os “descobridores” eram católicos, essa religião tinha o direito legítimo de permanecer eternamente como a crença adotada por toda a população. Em razão dessa concepção, ele considerava invasores todos os outros povos que não fossem os portugueses e todas as religiões diferentes do catolicismo. Assim, holandeses, franceses e ingleses, todos eram invasores e praticavam a pirataria em um duplo sentido: religiosa, ao invadir um território católico, e comercial, ao pilhar as riquezas pertencentes aos portugueses, como se pode observar nestas passagens:

Examinemos essas tentativas, que foram, antes de tudo, atentados ao direito das gentes, pois legítimos atos de pilhagem, o que, aliás, estava dentro do espírito protestante daquela época. Na sua ‘História Secreta do Brasil’, tomo primeiro, Gustavo Barroso nos mostra como ‘a pirataria sempre foi eminentemente protestante’ (pág. 59).

Protestantes eram os piratas ingleses Lancaster, Drake e Cavendish, que assaltaram o litoral brasileiro. Protestantes era Nicolau Durand Villeignon e quantos com ele procuraram em 1555, retirar-se para o Brasil, a fim de fugir das perseguições religiosas, segundo dizia Jean de Lery e, ao mesmo tempo, ‘servir a Deus conforme a religião reformada’, aqui tentando fundar a França Antártica.

É do próprio Jean de Lery, historiador protestante desta empresa, que aprendemos o seu fracasso religioso, pelos choques de idéias (a regra no protestantismo, é a divisão...) pelas dissidências, muito de acordo com o princípio de livre exame. Calvino, o chefe de todos, foi declarado herético...

Quanto ao fracasso militar da empresa não é preciso insistir. Em qualquer compêndio elementar, aprendemos a bravura dos brasileiros, expulsando o invasor da terra e perturbador das crenças (A Ordem 27 jan. 1941 *apud* MONTE, 2001. p. 235).

Percebe-se que, em todos os casos mencionados, os protestantes haviam fracassado, o que, na perspectiva de Padre Monte, significava que o protestantismo era uma religião fracassada, como fracassados eram os seus praticantes, desde Calvino. Esse fracasso nas terras brasileiras teria se dado, sobretudo, porque os habitantes do país haviam conseguido expulsar os invasores que visavam destruir o catolicismo.⁶⁷²

Fracasso ainda maior foi o das invasões dos protestantes holandeses. Primeiro, foi a tentativa contra a Bahia (1624). É sabido que na Igreja da Sé passaram os hereges a celebrar os seus ritos e que as demais igrejas foram transformadas em armazéns de mantimentos ou de pólvora. Coisa parecida com o que fazem

⁶⁷² Todas as disputas religiosas e econômicas durante o período colonial são analisadas por Monte como uma guerra aos católicos e aos brasileiros, ainda que o Brasil não existisse durante a Colônia. Dessa forma, fundamentado em Padre Rossi, Monte transformou em heróis todos os que lutaram contra os protestantes.

os comunistas nos dias de hoje. E ainda haver brasileiros que batam palmas aos hereges! ...

A segunda tentativa foi contra Pernambuco, em 1630. É uma das páginas mais belas da nossa história a reação contra os hereges invasores. E uma das maiores manchas para esses protestantes são suas perseguições sem conta movidas contra a fé católica. Profanações de toda sorte, chegando ao ponto de vestirem cavalos com paramentos religiosos, assassinatos, morticínios, como o de Uruassú, no Rio Grande do Norte, roubo das Igrejas, intolerância religiosa, tudo isto praticaram os invasores, mesmo no governo do príncipe Maurício de Nassau, que muita gente supõe tolerante.

A expulsão dos invasores garantiu, por conseqüente, não apenas a unidade territorial do Brasil, mas foi também um ato de enérgica repulsa à heresia protestante.

Honra, pois, aos heróis da guerra holandesa, honra aos mártires da fé católica barbaramente trucidados, porém firmes na sua crença, um último brado de louvor ao Santíssimo Sacramento! (A Ordem jan. 1941 *apud* MONTE, 2001. p. 236).

Monte concluiu o artigo, reafirmando que apenas o catolicismo tinha legitimidade histórica e assegurava a defesa da unidade nacional:

Eis a questão: três séculos fomos católicos. Hoje em dia a Igreja Católica no Brasil cresce em vigor. Que pretendem os protestantes, cujo passado é tão pouco limpo, senão perturbar a nossa unidade?

Combater o protestantismo é um dever até de patriotismo (A Ordem 27 jan. 1941 *apud* MONTE, 2001. p. 236).

Assim, ao patriota brasileiro cabia combater o protestantismo para proteger o futuro de sua nação, destruindo o inimigo, tal como pretendia a Neocristandade.

Após empenhar-se em demonstrar que o protestantismo não combinava com a cultura brasileira, Monte publicou,⁶⁷³ no dia primeiro de fevereiro de 1941, um texto intitulado *Protestantismo e missões: estudo sobre a mentalidade missionária protestante*. Nele, analisou a ação missionária dos protestantes para se deter, especificamente, na ação dos missionários norte-americanos no Brasil, atingindo diretamente o trabalho de evangelização do pastor Carlos Mateus. A principal fonte usada por Monte para fazer essa retrospectiva da ação missionária dos protestantes foi o livro escrito por Padre Rossi, já devidamente mencionado neste trabalho.

Inicialmente, Monte afirmou que nem sempre o protestantismo estimulou a atividade missionária, que era uma marca do cristianismo. Nessa perspectiva, ele analisou que, no século XVI, enquanto Lutero investia nos atos de rebeldia contra a Igreja Católica, os católicos estavam, por meio dos seus missionários, levando a fé às terras novas que estavam sendo

⁶⁷³ No jornal *A Ordem*, o texto está sem autoria. Na Antologia, a autoria do texto é atribuída a Monte.

descobertas. Entretanto, analisando, especificamente, a ação missionária evangélica na década de 1940, Monte afirmou:

Em nossos dias, porém, seria negar a evidência, não reconhecer a existência de espírito missionário, em várias seitas protestantes. Ele existe, e dos missionários que vêm para o Brasil podemos dizer, com a Revista Católica norte-americana, ‘Commonweal’ [sic] de 27 de julho de 31: ‘Há duas classes de missionários protestantes que vão à América Latina... uns com o fito de levar o conhecimento de Cristo àqueles que estão em trevas; outros que para lá se dirigem por motivos menos elevados’ (A Ordem 1 fev. 1941 *apud* MONTE, 2001. p. 237).

O que se percebe é que Monte não está criticando a ação missionária protestante como um todo, mas, especificamente, aquela ação que não tem, verdadeiramente, o sentido de divulgar o espírito cristão, ou seja, que é realizada por motivos alheios ao desejo de difundir o cristianismo. Temos, aí, um primeiro argumento: o Pastor Mateus não era um legítimo missionário, em razão de a ação missionária norte-americana estar interessada na destruição do catolicismo, sem qualquer preocupação de edificação de uma obra cristã. Retomando historicamente a questão, Monte afirmou que não havia uma obra missionária protestante homogênea, pois os protestantes se dividiam em várias denominações. Essa pluralidade de denominações e a livre interpretação da *Bíblia* por eles defendida favoreceram a difusão das crenças de diferentes denominações religiosas por todo o mundo. Assim,

[...] com o desenvolvimento do comércio internacional, em fins do século XVIII e princípios do século XIX, aproximando povos e com as viagens de vários pastores protestantes por outras terras, foi despertando no seio dos reformados o interesse pelas missões, animados, ainda por cima pelas sociedades bíblicas e missionárias, construídas pelos ingleses e norte-americanos. Daí por diante os protestantes não se contentaram mais em evangelizar infieis, pagãos, mas se empenharam, com ardor, em conquistar os próprios católicos, isto é, aqueles que os haviam precedidos no serviço de Deus em nada menos de mil e quinhentos anos...

Já neste século XX, recorda o padre Rossi, a tática missionária protestante ainda passou por grandes reformas. Viram os discípulos de Lutero que os grandes esforços empregados na catequese não correspondiam aos fracos resultados obtidos. E logo atribuíram o fato, como era óbvio, à excessiva dissecação de suas energias, em que cada cabeça, cada sentença... Trataram, então, tal como fazem os comerciantes rivais, que vêm prejudicados com a concorrência um do outro, de se unirem externamente, embora por dentro divididos, unificando métodos de ação (A Ordem 1 fev. 1941 *apud* MONTE, 2001. p. 237-238).

Postas essas considerações, Monte se concentrou na Conferência Mundial das Missões Protestantes, realizada em 1910, em Edimburgo, considerada por ele um momento marcante

para definir as distintas concepções missionárias existentes entre os protestantes. Foi nessa conferência que os protestantes ingleses e alemães se diferenciaram dos protestantes americanos no que se referia à ação missionária. Segundo Monte:

no ano de 1910 realizou-se com muito ruído, a Conferência Mundial das Missões Protestantes, em Edimburgo (Escócia) comparecendo 1.356 delegados. Seu fim, esclareça-se bem, não foi estabelecer uma fórmula doutrinal comum, ainda hoje e para todo o sempre impossível, entre protestantes, mas unificar os planos e métodos de ação, o que foi, sem dúvida, um passo importante.

É oportuno recordar, a esta altura, que os protestantes ingleses e alemães, no referido congresso, repeliram a idéia de considerarem os países latino-americanos como terras de missão, pois, diziam, sendo esses povos católicos, já o foram cristãos, e, portanto, não se justificava aos protestantes perturbarem com inovações, quantos já acreditavam em Jesus Cristo e no seu Evangelho, embora interpretada de maneira diversa a palavra de Deus.

Falava a voz do bom senso, através dos protestantes ingleses e alemães. Porque, realmente, não variam profundamente os próprios reformados na interpretação do Evangelho? E, portanto, que se lhes dá que aos católicos, por sua vez, o interpretam de outro modo? (A Ordem 1 fev. 1941 *apud* MONTE, 2001. p. 238).

Referindo-se especificamente à decisão dos norte-americanos de realizar missões em países já cristianizados, Monte afirmou:

Assim não pensaram os delegados americanos do norte, presentes ao congresso. Reunindo-se à parte, em sessões especiais, decidiram organizar um Comitê destinado ao problema missionário da América Latina.

Como se nos Estados Unidos não houvesse muito o que fazer, na conquista religiosa das massas e na moralidade dos costumes!

Que resultou da iniciativa dos protestantes norte-americanos, que, sem dúvida, de outra forma agiriam, se alguém lhes tivesse recordado a sabedoria do velho rifão popular: 'Mateus, primeiro os teus!' (A Ordem 1 fev. 1941 *apud* MONTE, 2001. p. 238).

Na interpretação de Monte, não havia sentido na realização de ações missionárias protestantes em um país cristão como o Brasil. Em razão disso, questionou porque os missionários americanos, ao invés de virem ao Brasil, não ficavam nos Estados Unidos, país que ainda não era totalmente cristão e nem adotava os costumes e a moral católica. Recorrendo ao ditado popular *Mateus, primeiro os teus*, Monte recomendava que Carlos Mateus deixasse o Rio Grande do Norte, uma vez que, nesse estado, já existiam os verdadeiros missionários.

A 3 de fevereiro de 1941, o jornal *A Ordem* divulgou a seguinte manchete “A propaganda protestante, a propósito de um boletim”⁶⁷⁴ e uma matéria que discutia os boletins, apresentados como heréticos, que o protestante Mateus andava a distribuir nos municípios litorâneos situados ao Sul de Natal. Na interpretação de Monte, o pastor Mateus havia se instalado em São José de Mipibu para aproveitar a estação ferroviária e o fácil ponto de contato com os municípios do litoral. O povo dessa região, no entanto, teria repellido a heresia protestante:

[...] o sangue generosamente derramado pelos mártires de Cunhaú e pelos heróis de Uruassú e do Engenho Ferreiro Torto clamava bem alto à nossa gente mostrando ser preferível morrer a tomar-se protestante. Matias Moreira ou Padre André Soveral, o Vigário Ferro ou Estevão Machado de Miranda, Manoel Rodrigues Moura ou Antônio Baracho, eles condenariam certamente os hereges dos nossos dias. Dizia Tertuliano que o sangue era semente dos cristãos. Talvez seja esta a razão por que o nordestino vota ao protestantismo tanto desprezo. Muitos, coitados, são enganados ou fazem da heresia negócio para viver. Mas não é com elementos dessa ordem que se consolida o protestantismo no seio de nossa gente (A Ordem 10 jan. 1941 *apud* MONTE, 2001. p. 231).

Ao constatarem as dificuldades, os protestantes, segundo Monte, teriam recorrido a táticas desleais para conseguir converter para essa religião católicos convictos:

Muito menos é séria a campanha protestante que cita trechos da Bíblia para provar certas verdades sem os confrontar com os demais trechos e contextos propositadamente calados para produzir efeito. Conheço, por exemplo, um Boletim de propaganda que está cheio desta tática protestante, aliás, bastante conhecida (A Ordem 10 jan. 1941 *apud* MONTE, 2001. p. 231).

Para conseguir adeptos, os protestantes, de acordo com Monte, procuravam evidenciar supostos equívocos de interpretação da *Bíblia* e, desta forma, fazer com que católicos abandonassem sua religião e se tornassem protestantes. Para ele, os boletins escritos por Carlos Mateus eram um dos recursos empregados para contestar a doutrina e as práticas católicas, na medida em que circulavam pelas cidades vizinhas a Natal.

Parece-nos bastante plausível que Mateus tenha escrito boletins rebatendo as ideias de Monte,⁶⁷⁵ mas, infelizmente, não consegui localizá-los. Em contato com a Igreja Batista de São

⁶⁷⁴ A manchete não foi citada por Navarro na *Antologia 9*. Na *Antologia*, a matéria da primeira página aparece, equivocadamente, com a data de publicação de 10 de janeiro de 1941, e é assinada por Padre Ávila. Na *Antologia*, o texto aparece assinado por Padre Monte.

⁶⁷⁵ É muito provável que, na discussão com Monte, a única alternativa de Mateus para defender os argumentos protestantes tenha sido a publicação de boletins, uma vez que Monte e os aliados dele dificultaram a publicação as ideias de Mateus na imprensa e, quando ele procurou a justiça, teve o seu pedido negado. O simples fato de Monte afirmar que leu o boletim é uma prova de que ele tinha acesso aos escritos de Mateus.

Jose de Mipibu, fui informada de que a entidade não tem um arquivo organizado com os documentos da gestão de Mateus. Já a família de Mateus tem alguns documentos do pastor, mas nenhum boletim. Charles Bronson, autor da biografia do pastor, me informou que encontrou, com familiares de Mateus, alguns dos artigos escritos por Monte contra Mateus, mas não mencionou qualquer boletim. Ao que tudo indica, a biografia escrita por Charles Bronson baseou-se apenas na documentação que a família de Mateus disponibilizou, desconsiderando os artigos publicados no jornal *A Ordem*.

Na única oportunidade em que Monte citou um boletim escrito por Mateus, ele o fez para criticar uma concepção religiosa do protestantismo sobre a interpretação da *Bíblia*, reiterando que os católicos eram “[...] simplesmente cristãos sem méritos ou justiça própria, certos de salvação pelo sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo como garante a sua palavra.” (*A Ordem* 10 jan. 1941 *apud* MONTE, 2001. p. 231). Segundo Monte, Mateus havia afirmado que a salvação não era mérito do cristão, uma vez que obras e ações realizadas aqui na terra não influenciavam na graça do Senhor. Ninguém seria salvo por méritos pessoais, mas, sim, pela graça do Senhor.⁶⁷⁶ A fim de evidenciar o erro desta interpretação, Monte escreveu:

A prova vem mais adiante: ‘fiel é esta palavra, e digna de toda aceitação: que Cristo veio a este mundo para salvar os pecadores (1 Tim. 1, 15) (1 Ped. 1. 18-19)’. Com isto certamente querem ensinar a doutrina protestante tão célebre da fé sem obras. Não disse S. Paulo em I Tim. 1,15 que Cristo veio salvar os pecadores? Logo os pecadores estão, por isto mesmo, certos da salvação, independente das boas obras. Não importa a eles o que diz um pouquinho mais adiante o mesmo Apóstolo, no v. 18 – ‘Este preceito recomendo-te, filho Timóteo, em conformidade com as profecias anteriores sobre ti, a fim de que por elas pelejes o bom combate’. Fala o apóstolo de fé operante. É necessário sacrificar tudo pela salvação, segundo o mesmo Apóstolo: ‘por isso eu de mui boa vontade sacrificarei tudo meu, e sacrificar-me-ei também a mim mesmo pelas vossas almas (II Cor. XII, 15); Consideremo-nos uns aos outros, para nos estimularmos à caridade e às boas obras (Aebr. X,24);’ porque Deus não é injusto para se esquecer de vossas obras, e da caridade que manifestastes em seu nome (Hebr. VI, 10); ‘não queirais, pois, perder a vossa confiança, que tem grande remuneração (Hebr. X,35); e ainda o famoso capítulo II da Epistola de S. Tiago onde se projeta intensa luz sobre a doutrina da Igreja:’ De que servirá, meus irmãos, dizer alguém que tem fé, se não tiver as obras? Por ventura poderá a fé salvá-lo? E se um irmão ou irmã estiverem nus e precisarem de sustento cotidiano; mas lhes disser algum de vós: ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos: porém não lhes derdes o que não mister para o corpo; de que servirá? Assim também a fé se não tiver obras, em si própria está morta. Dirá, todavia, alguém: Tu tens a fé, e eu tenho as obras, e eu mostrar-te-ei pelas obras a minha fé. Tu crês que há um só Deus; fazes bem; os demônios os crêem também e tremem. Queres, porém, saber, o homem vão, com a fé

⁶⁷⁶ Cabe lembrar que a partir do Concílio de Trento, a Igreja Católica passou a considerar que a salvação da alma estava associada tanto à vontade de Deus quanto às boas ações realizadas pelo homem aqui na terra. Os protestantes, por sua vez, continuaram acreditando que a salvação é obra exclusiva do Senhor.

sem as obras é morta? Abraão, nosso pai, não foi porventura justificado pelas obras, oferecendo seu filho Isaac sobre o altar? Já vês que nele a fé cooperava com as obras e pelas obras foi consumada a fé; se se cumpriu a Escritura que diz: creu Abraão em Deus e lhe foi imputado a Justiça e veio a ser chamado amigo de Deus. Vedes, pois, que o homem é justificado pelas obras e não pela fé somente. Da mesma forma também Rahab, a meretriz porventura não foi justificada pelas obras, acolhendo os mensageiros e fazendo-os sair por outro caminho? Porque, assim como sem o espírito o corpo está morto, ‘morta é a fé sem as obras’ (S. Tiago li, 14-26). Conhecem os protestantes estas passagens? Certamente são claras e pelo menos a S. Tiago é muito extensa (A Ordem 10 jan. 1941 *apud* MONTE, 2001. p. 231-232).

Como se pode observar na passagem acima, Monte mobilizou, inicialmente, trechos das cartas de Paulo a Timóteo e, também, das cartas de Pedro para evidenciar que o homem pode ser salvo pela fé, sem a necessidade de obras. Entretanto, o padre ressalta que, mais adiante na *Bíblia*, o próprio Timóteo afirmou a necessidade de sacrifícios, ideia que também está presente em Coríntios e nos Hebreus. Recorrendo à epístola de São Tiago, Monte aponta para a necessidade das obras para a salvação: “de que servirá, meus irmãos, dizer a alguém que tem fé se não tiver as obras?” (A Ordem 10 jan. 1941 *apud* MONTE, 2001. p. 232).

Monte, nesse caso, procurou mostrar, valendo-se de outros trechos da *Bíblia*, que a argumentação católica era coerente e, sobretudo, que os protestantes desvirtuavam o pensamento católico a partir de frases isoladas extraídas da *Bíblia*. Reforçando a ideia de que a salvação da alma ocorria também a partir das obras humanas, Monte escreveu:

Por que então sustentam que estamos salvos simplesmente pelos méritos de Cristo independente de nossa Cooperação? O sangue de Cristo nos resgatou é verdade, mas é necessário como diz o apóstolo castigar o próprio corpo e o reduzir a servidão, cumprir na própria carne as coisas que faltam a paixão de Cristo, e mesmo a fé que transpõe montanhas, segundo o Apóstolo, nada é sem a caridade. E mesmo um S. Paulo diz: ‘De nada me arde a consciência, mas nem por isto estou justificado (I Cor. IV,4)’.

Vê-se, portanto, o veneno do Boletim simplesmente na explicação famosa de ‘o que somos’.

Felizmente que seus autores se encarregaram de não dar nenhuma importância.

Era coisa de uns ministros evangélicos (A Ordem 3 fev. de 1941; MONTE, 2001. p. 231-232).⁶⁷⁷

Ainda que as respostas de Mateus não tenham sido encontradas, constata-se que o debate entre Monte e o pastor batista não só vinha ocorrendo, como iria prosseguir. No dia 12 de março de 1941, o jornal *A Ordem* publicou o texto *Conversando com o Diabo*, assinado por

⁶⁷⁷ Na *Antologia do Padre Monte*, esse texto consta como tendo sido publicado em 10 de janeiro de 1941. No entanto, no jornal *A Ordem*, o texto foi publicado em 3 de fevereiro de 1941.

Fernando de Oliveira, outro pseudônimo de Padre Monte. Nele, terá início uma série de três diálogos imaginários nos quais Mateus era o centro da discussão, que não estão foram inseridos nas *Antologia do Padre Monte*. No primeiro deles, o autor imagina uma conversa com o diabo, que teria lhe procurado às 11 horas da noite de um determinado dia, perguntando se o autor era o novo vigário de Goianinha. A partir deste contato inicial, foi travado um diálogo:

É verdade – disse eu com naturalidade, tomando, novamente, a minha cadeira, fechando o livro que estava aberto sob a mesa. – **Em obediência ao meu superior, aqui estou, satisfeito, disposto para trabalhar, principalmente para combater os intrusos protestantes que por aqui aparecem.** [...]

-- **Não é isto, seu vigário, disse o diabo. Mas é que nós também precisamos de gente e quando mandamos para algum lugar um nosso representante pregar a nossa doutrina, o padre se bota a ele que é uma coisa de fazer pena.**

Um dia destes, um dos meus homens saiu de um lugarzinho aqui perto, debaixo de uma vaia, e de uma algazarra enorme de toda a gente do lugar. O povo batia com pedras nas latas, berrava, buzina, apitava, tocava nas campas, gritava e fazia tanto barulho que parecia que o mundo vinha se acabando. **O coitado do meu amigo saiu numa carreira quase doido, e passou a noite numa ilha no meio da lagoa, exposto aos mosquitos, sem poder vir à terra. Ora, seu vigário. Isso não é coisa que se faça. Então eu não poderei pregar a minha doutrina? E peço providências.** [...]

-- Providências o quê, seu diabo! E levantei-me. Aqui tu nada consegues. Leva teu homem lá para onde quiseres, que por aqui não conseguirás nenhum adepto. E sabe de uma cousa? **Estou aqui resolvido a fazer com o seu homem o que fizeram com ele nesse lugar que você falou.** E quero adiantar-lhe mais, que eu conto com todo o povo de Goianinha. Está tudo esperando pela minha ordem. Não vou, agora, perder tempo em estar martelando com os meus comparsas, porque vocês, afinal de contas, moram todos no inferno. [...]

-- Pois eu vou dizer uma coisa, brandiu enérgico. Vou trazer uns quinze de minha marca e quero ver se não somos bastantes para proteger o nosso representante! Aí eu perdi a minha paciência.

-- **Cala-te, diabo, ou então eu te esmago com o peso do meu crucifixo!** Onde está o poder de Deus, que me foi dado no sacerdócio e onde está Nossa Senhora, a quem tu próprio deves adorar? Podes trazer, se quiseres, os teus demônios e os teus representantes, mas trazes gente que saiba falar o português e que tenha menos interesse em pregar sua doutrina. Este que tem vindo por aqui só quer saber do dinheiro que ganha. Ele não sabe nem o que é Bíblia. [...]

-- **Seu vigário, o que o senhor está me dizendo? Então, este homem, o meu mais fiel representante, não é brasileiro, não?**

-- **É o que é, seu diabo!? Ele é das estranjas...**

E só quer o teu dinheiro. Deixa de ser besta e acaba com teus negócios com esse homem, do contrário ele finda te botando no bolso.

E o demônio convencido: É mesmo, seu vigário! Eu vou levá-lo logo para o inferno e arrumar logo outro que dê melhor conta do recado[...] (A Ordem, p. 1, 12 mar. 1941, grifos nossos).

No diálogo imaginário, o padre se apresenta como o combatente dos protestantes, considerados intrusos em uma sociedade católica. O diabo, por sua vez, pleiteia o direito de ter

um representante da sua doutrina, o que sugere que o protestantismo representava os ensinamentos do diabo. O padre repudiou o pleito do diabo e apresentou o crucifixo como arma destruidora dos inimigos da Igreja. Além desse aspecto, o vigário informou ao diabo que o representante por ele enviado não era brasileiro e só queria o dinheiro do próprio diabo, sendo, por isso, mais maléfico do que ele próprio. Ao que o diabo responde que deixaria o protestante no inferno e procuraria um novo representante para vir à terra.

Apesar de não citar o Pastor Carlos Mateus diretamente, todo o diálogo refere-se a ele. Vale lembrar que o pastor havia instalado a sede da sua Igreja em São José do Mipibu, atuando também nas cidades circunvizinhas. Goianinha, mencionada no diálogo, é uma cidade próxima a São José de Mipibu e era rota do trem. Mateus se deslocava, com frequência, de São José para pregar em Goianinha. Como se pode constatar, o diálogo imaginário expressa com vigor a ideia de Monte sobre o protestantismo e sobre Mateus.⁶⁷⁸

O segundo dos diálogos imaginários criados por Monte intitula-se *Um Sonho*,⁶⁷⁹ e foi publicado em 20 de março de 1941. Nele, encontramos o registro de um hipotético encontro entre Monte e Carlos Mateus, durante o qual teriam conversado sobre o texto *Conversando com o Diabo*, já discutido nesse trabalho. Este encontro foi narrado nos seguintes termos:

É muito raro eu pensar quando estou dormindo. Às vezes, sonho acordado... Mas esta noite, não sei por que, mesmo dormindo, tive um sonho interessante que me deixou, de véras impressionado. Sonhei que estava viajando para Goianinha, sentado ao lado de um amigo com quem discutia as notícias da guerra. Vez por outra, eu passeava os olhos pelos campos cobertos de verde, admirando a beleza de um panorama que se me deparava numa curva da estrada. Eu olhava, mas continuava conversando. Num dado momento, aparece no carro em que viajávamos, um senhor distinto, alto, meio gordo, de boas maneiras, cujo sotaque estrangeiro denunciava a sua nacionalidade. Olhei-o e perguntei ao meu companheiro:
 - Quem é este?
 - É o Mateus – Respondeu-me.
 - Ah! Este é que o Mateus?
 - Muito desejava conhecê-lo...
 - Pois é ele mesmo!
 - Muito bem. Ele terá lido o meu último artigo?
 E o meu companheiro de viagem baixou a voz e começou, com interesse:

⁶⁷⁸ Acredito que o tom duro e sarcástico que caracteriza este diálogo imaginário possa ter motivado Navarro a não tê-lo inserido na *Antologia*, a fim de não macular a imagem de Monte como um combatente firme, convicto, cordial e respeitoso com os adversários.

⁶⁷⁹ O texto não foi publicado nas *Antologias do Padre Monte*, mas apenas n' *A Ordem*. A autoria do texto é atribuída a Fernando de Oliveira, outro pseudônimo de Padre Monte, razão pela qual considere o texto como de sua autoria.

- Sabe? **Disseram-me que o Mateus havia lido o seu artigo e que havia ficado indignado com a sua ironia.**

- Assim?!

- Isto mesmo. Engraçado é que ele não sabe que foi você quem escreveu. Ele não o conhece.

Enquanto o meu amigo dizia estas palavras um apito do trem impediu-me de escutá-las. Perguntei:

- Que foi que você disse? E ele, em voz alta:

- Estou dizendo que o Mateus ainda não conhece você!

Que diabo! O protestantzinho ouviu estas palavras e aproximou-se de nossa cadeira. O meu companheiro atarantado. Comecei a rir, maliciosamente.

- Parece que ouvi o meu nome? De que se trata? – Perguntou Mateus.

- **De nada – respondi. Apenas soube agora que o senhor se chamava Mateus.**

- **Ah! Sim. E o senhor, como se chama?**

- **Fernando de Oliveira...**

Um momento de silêncio. O Mateus empalideceu e parecia que estava com impaludismo.

- **Que há Mateus?**

Ele pediu licença e sentou-se. Criou coragem e falou:

- **Foi o senhor que escreveu aquele artigo, intitulado ‘Conversa com o Diabo’?**

- **É verdade. Fui eu mesmo.**

- **Seu vigário, não faça mais isso, não.**

E o pobre homem tinha uma voz chorosa e suplicante.

- **Sabe qual foi o resultado daquele artigo? Mande o meu filho pregar em Goianinha e ele quase não encontrou quem o escutasse.**

O senhor promete não escrever mais? Veja que eu estou ganhando o meu dinheirinho, mas assim, os patrões me demitem. O senhor promete, seu padre?

O meu companheiro deu uma risada formidável. Estremeci de susto e... acordei.

Na cama, ainda, pensei:

“Foi por isso que, há poucos dias, quando o filho do Mateus andou pregando por aqui, no hotel, eu – da calçada fronteira – divizei, apenas, escutando aquela pregação luterana, três pessoas do lado de dentro e duas do lado de fora...”

(A Ordem, 20 mar. 1941. grifos nossos).

O sonho hipotético de Monte foi a forma encontrada pelo autor para demonstrar sua superioridade em relação a Mateus. A viagem de trem de Natal para Goianinha passava por São José de Mipibu, lugar em que vivia Mateus. A situação narrada, portanto, era perfeitamente plausível e foi dentro dessa possibilidade que foi imaginada a reação de Mateus. Na situação imaginária criada por Monte, Mateus se sentiu envergonhado pelo conteúdo do artigo *Conversa com o Diabo*. Entretanto, nesse artigo, não há qualquer elemento que indique comportamento inadequado, desvio de dinheiro, desconhecimento da *Bíblia* ou qualquer outra atividade ilegal ou imoral desenvolvida por Mateus. A única crítica feita a Mateus é a pregação protestante, que dificilmente seria considerada pelo próprio Mateus como um elemento negativo. É difícil imaginar que o missionário, vindo dos Estados Unidos para pregar o protestantismo, tivesse

vergonha de evangelizar, a ponto de pedir a um padre para que não escrevesse mais contra as pregações protestantes. Mais uma vez, Monte recorre a artifícios retóricos jocosos para desqualificar o pastor batista.

O terceiro e último dos diálogos imaginários escritos por Monte, sob o pseudônimo de Fernando de Oliveira, foi *Conversa com Mateus*, publicado n' *A Ordem* de 22 de março de 1941, e que narra uma possível conversa entre o padre e o pastor batista. Monte refere-se com ironia e certo desdém ao seu interlocutor, sendo que o diálogo se inicia com uma aparente confusão no uso dos nomes Mateus e Levi. Apesar de se tratar de um equívoco aparentemente aleatório, observando-se os textos bíblicos, percebe-se que Levi era o nome que Mateus usava antes de seu encontro com Jesus Cristo. Esta alusão feita a Levi parece querer mostrar que pastor Carlos Mateus era um homem que ainda não tinha encontrado Jesus, ou seja, não tinha domínio dos ensinamentos bíblicos, era protestante, mas isso não significava conhecer os fundamentos da religião. Logo, sob esta perspectiva, o pastor Levi/Mateus era um missionário que não difundia a “verdadeira” palavra de Deus. O diálogo se inicia da seguinte forma:

- Oh! seu Levi, como tem passado! Como vão os evangelhos e as pregações?
- Mas eu não me chamo Levi. Meu nome é Mateus.
- É a mesma cousa. Questão de nome... Olha cá. Que novas me traz?
- Venho muito triste, colega. Não sei o que tem estes padres que não me deixam. Pois não é que o vigário de Goianinha me tomou agora para *sela*?
- Assim, colega? Mas como foi isso?
- Não sei. Imagine que em Goianinha eu não conto mais com ninguém. Não sei o que faço. Estou até com medo de ir lá, porque que o negócio não está muito bom para o meu lado. O vigariosinho que está na freguesia faz o que quer com o povo. Ele prega toda noite contra o protestantismo e parece que o povo não me quer aceitar.
- Ora, seu (ia dizendo Diabo) seu Mateus, isto não tem importância. Ninguém que o ouve em Goianinha, mas há as Capelas. Por que não vai a Espírito Santo?
- Eu? Lá isso mesmo, não. O padre já andou por lá, fez umas pregações e exigiu do povo a promessa de que nenhum protestante entraria lá. O povo prometeu. E este apoio do Vigário, complica o caso, ainda mais. Quem é que pode com o povo? Lá é que não vou.
- E porque não *visita* as outras? Não são tantas?
- Qual o que! O padrezinho já deu conta de tudo. É recado por cima de recado, é carta por cima de carta, insuflando o povo a me botar pra fora. Eu quero lá mais negócio com aquele lugar? Já comuniquei para minha terra que aqui é praticamente impossível pregar o protestantismo.
- Não se desanime, seu Mateus. Você parece que não conviveu com os demônios. Não vê como eles são persistentes na tentação?
- Mas, amigo, não há quem possa com estes padres, não. O sr. Bispo é medonho. Arranja uns padres não sei por onde e não há mais quem tenha sossego. Já estou com medo do vigário de Santa Cruz. Já me disseram que ele está com as mesmas besteiras do Vigário de Goianinha. Não sei que mania a destes padres, querem acabar com o protestantismo, uma cousa tão boa.
- Que boa, que nada, Mateus.

- Se *isso* fosse bom, você acha que o povo rejeitava? Logo, você não sabe falar bem o português!... Começa com um *engrolado* que ninguém entende e quer, com isso, arranjar adeptos... Desista, Mateus!
- Que está me dizendo, colega? Já estou desanimado e você ainda mais me desanimando? Olhe, sabe qual vai ser, de hoje por diante, a minha tática? Vou convidar alguns dos nossos amigos para irem a Goianinha. Eu lá é que não pizarei mais... (A Ordem, p. 2, 22 mar. 1941).

No diálogo, Mateus reclama ser alvo de perseguições por parte do vigário de Goianinha, isto é, uma terceira pessoa, que não está presente em nenhum dos três encontros imaginários. De acordo com Monte, o vigário exercia corretamente a função de combater o protestantismo e difundir o catolicismo, razão pela qual Mateus deveria procurar capelas ou outras cidades próximas a Goianinha, como Espírito Santo para fazer as suas pregações. Há, contudo, ironia nesta recomendação, uma vez que estas eram cidades que se caracterizavam por uma ação forte da Igreja Católica, que, com certeza, impediriam a atuação protestante. Monte prossegue, afirmando que, se o protestantismo fosse bom, o povo não o recusaria, e ainda, que alguém que não falava bem a língua nativa não tinha condições de ser missionário.

O diálogo termina com um Mateus resignado, aceitando as sugestões de Monte e dizendo que iria desistir de prosseguir em sua campanha de evangelização, uma outra forma, sem dúvida, de desqualificar suas convicções:

É por isso que há muito tempo não anda protestante em Goianinha. O Mateus não quer mais vir. E os amigos que ele convidou, nenhum aceitou. Enquanto isto, nós aqui estamos em paz, tranquilos e não somos perturbados pelos rumores desbaratados de umas pregações solitárias e sem nexos. Haveremos de expulsar, desta linha, até o último protestante. O nosso povo é católico e não ser iludido pelos discursos baratos de pregadores estrangeiros. Deus abençoe a nossa campanha. Enquanto tivermos pena, escreveremos sem pena contra os protestantes. É preciso que a bandeira de Cristo Rei fique implantada, definitivamente, nesta terra de mártires, como os de Uruassú... (A Ordem, p. 1-2, 22 mar. 1941).

Como se pode observar no excerto acima, Monte defendeu a expulsão de Mateus e demais protestantes do estado, sobretudo, os estrangeiros. Desta forma, seria garantida a paz pela qual tanto haviam lutado os mártires de Cunhaú e Uruaçu e os católicos que observavam a mensagem do catolicismo.

O último artigo que Monte escreveu sobre Mateus intitula-se *O Cavaleiro da Triste Figura*, foi assinado como Padre Ávila e publicado no jornal *A Ordem*.⁶⁸⁰ Nele, retomou o personagem Dom Quixote de La Mancha, que já havia sido utilizado nos debates com o Pastor

⁶⁸⁰ Na *Antologia*, o texto aparece assinado por Padre Monte.

Duarte, já abordado neste capítulo. Nas polêmicas com o pastor presbiteriano, Cervantes foi utilizado para vincular a atuação de Duarte com os desvaneios megalomaniacos de Dom Quixote. Já no debate com o pastor batista, a menção ao *Cavaleiro da triste figura* é uma referência ao que Monte considerava ser o trabalho fantasioso realizado pelo missionário Mateus.

Monte iniciou o texto afirmando que Mateus havia se desiludido com o seu trabalho missionário no Brasil. Ironizando com as diretrizes lançadas por Lutero, ele diz que Mateus foi ludibriado por essas diretrizes, atuando de forma semelhante a Dom Quixote, acreditando num objetivo fantasioso, imaginando que encontraria um povo sem evangelização, supersticioso e ignorante. No entanto, o que Mateus encontrou foi um povo já evangelizado pela ação missionária dos padres e que, por isso, era fundamentalmente católico. As passagens abaixo ilustram este pensamento de Monte:

O Mateus está inconsolável. O papai Lutero com suas doutrinas perniciosas envenenou-lhe o espírito e armado em cavaleiro evangélico pensou quixotescamente, fazendo da Bíblia uma lança poderosa em evangelizar o Brasil.

Escolheu o Brasil para campo de ação. Imaginou um Brasil como em 1.500 ou 1.600 com índios adoradores de Tupan, gente supersticiosa e ignorante, a quem cumpria converter ao Cristianismo. Certamente lera histórias sobre a nossa terra. Ouvira falar em Cunhambebe, o canibal, e estou vendo até os seus cabelos se eriçarem de susto. Imaginava, porém, que com seus instrumentos de música ele atrairia, no entanto, essa gente. Dinheiro não lhe faltaria. As sociedades protestantes ofereceriam os pingues ordenados que lhe dariam conforto na sua ingrata tarefa. Durante anos imaginou e calculou tudo.

Nada deveria falar em tão audaciosa empresa. Seria nome ilustre na história de seu país! Com alegria tomou o confortabilíssimo pacote que o trouxe ao Brasil.

Seus sonhos iam transformar-se em realidade. Seu ideal evangélico seria cumprido à risca. Nenhum estorvo encontraria no seu caminho. Já se lhe afigurava ver sua palavra dulçurosa operar conversões; falaria ao povo sobre Lutero. Diria tudo que pudesse fazer crer ao povo que o protestantismo tinha todas as verdadeiras credenciais da religião pregada por Jesus Cristo. Exaltaria Lutero, mostraria sua missão. Ocultaria diligentemente tudo que pudesse diminuir-lo no conceito do povo. Assim sobre Catarina guardaria segredo. Ocultaria aqueles conselhos odiosos do heresiarca aos seus amigos, suas bebedeiras, sua imoralidade, sua linguagem abjeta. Um Lutero todo de aparências e não o verdadeiro, descrito pelos historiadores incontestes e imparciais.

Decepção cruel, porém, o aguardava. O Brasil tinha caminhado muito na senda da civilização. Os Jesuítas não estiveram aqui inutilmente. Nóbrega e Anchieta plantaram em bom terreno a verdadeira semente que produz com por um. Sua palavra operara prodígios. O que falta ao protestantismo, a santidade, não falta ao catolicismo. Fizeram assim autênticos milagres.

Dava mesmo o que pensar ver um país assim tão grande com uma só crença, uma só língua.

Oh! Meu Deus! Pensaria desconsolado e triste agora o pobre Mateus, e se este

povo souber que o protestantismo não tem milagres?! Que será de mim! Como andei errado quando pensei gozar um triunfo fácil! Em todo o caso, não desanimou de tudo...

O homenzinho é mesmo impertinente nos seus projetos. Iniciou uma campanha e mal aqui, melhor ali deu enfim no pobre S. José de Mipibu.

Forçoso lhe era demonstrar às sociedades bíblicas que faria muita coisa. O dinheiro poderia escassear privando-lhe do maior argumento (embora menos evangélico) para a sua causa. Fez uma igreja e meteu-se em campanha. As derrotas não se fizeram esperar. O povo era católico não podia negar.

Estava convencido, como nenhum, de sua crença e sua empresa não era tão sorridente como sonhava. A realidade era outra e agora via como se enganara.

Os seus adeptos (coisa comprometedora!) não eram de molde lhe recomendar o trabalho evangélico. Ficou furioso. Não compreendia como se fosse assim tão aferrado às próprias crenças. No protestantismo se permitiam maiores liberdades. Não era tão intransigente. Papai Lutero, por exemplo, conforme às circunstâncias mudava de pensar. Demais os padres se punham em campo abrindo os olhos do povo. Temendo fracasso forjou um plano audacioso. S. José como quartel general. Ele conquistaria os outros lugares. Novo malogro. Papari não lhe foi favorável. Ares muito menos e Goianinha lhe barrou definitivamente as pretensões. Não quis mais brincadeira com Tibau. E o povo de Goianinha estava se lhe afigurando agora teimoso e nada amigável. Não havendo frequência no culto, ele verificou que sua missão redundara em fracasso e sua posição era justamente a do cavaleiro da triste figura (A Ordem 2 abr. 1941 *apud* MONTE, 2001. p. 239-240).

Mateus é identificado como o “Cavaleiro da Triste Figura” porque teria vindo ao Brasil com muitas expectativas, para, em seguida, perceber que estas não se concretizariam, levando-o a buscar outras estratégias para sobreviver no Brasil. Ao invés de um país pagão, repleto de selvagens e canibais, cuja população poderia ser convertida com o financiamento das instituições protestantes norte-americanas, Mateus teria encontrado um país que, desde o período colonial, teria contado com um excelente trabalho de evangelização, que teria forjado uma nação com uma só fé e uma só língua. Por fim, Mateus percebeu que a sua ação evangelizadora no Brasil não tinha muito sentido, mas precisava realizar alguma atividade missionária que justificasse o financiamento de instituições evangélicas norte-americanas para que ele aqui permanecesse. Assim, em consonância com as ideias de Lutero, que mudava de opinião sempre que precisasse se beneficiar, Mateus montou uma igreja em São José de Mipibu, e de lá tentou conquistar outras cidades próximas, como Arês, Papari, Goianinha e Tibau. A população destas cidades, no entanto, com o apoio dos padres, reagiu às investidas dos protestantes, levando o pastor à total frustração de suas expectativas, transformando-o em um Cavaleiro da Triste Figura. Esse foi o último texto, dentre os que encontrei, em que Monte reage e condena a atuação missionária do pastor batista.

Como procurei demonstrar, as críticas de Monte ao pastor Carlos Mateus se concentraram na propaganda protestante. Para Padre Monte, era um absurdo que evangélicos,

oriundos de outros países, afrontassem a Igreja Católica. É importante lembrar que à medida que reagia às iniciativas do pastor batista, uma rede de apoio foi sendo criada a ponto de comprometer a exposição da defesa das ideias por parte de Mateus. Assim, as críticas feitas ao teor dos boletins escritos por Carlos Mateus permitiram que Monte ampliasse suas relações pessoais e fortalecesse o prestígio que já desfrutava no âmbito da Igreja Católica e na cidade de Natal. A ausência, em muitos momentos, da voz de Mateus dificultou o aprofundamento das discussões sobre a polêmica que Monte travou com o pastor batista. Entretanto, o silenciamento dos opositores parece ter sido a tônica dos debates promovidos contra os católicos durante o período em que a Neocristandade vigorou.

Monte morreu em 1944, enquanto Mateus seguiu atuando como pastor em São José de Mipibu e junto ao Departamento de Pessoal da Base norte-americana, em Parnamirim, até o final da Segunda Guerra Mundial. Por sua competência nessa função, foi reconhecido pelo Consulado norte-americano, tendo atuado como intérprete em várias ocasiões nas décadas de 1950 e 1960. Concomitantemente, consolidou a Igreja Batista no Rio Grande do Norte, sendo que seus descendentes ainda hoje nela atuam.

4.2.4 As polêmicas com Manuel Lourenço Branco, tenente-veterinário do Exército

O quarto debate público travado por Monte de que se tem notícia foi com o tenente-veterinário do Exército Brasileiro Manoel Lourenço Branco. Esse debate ocorreu entre 25 de julho e 18 de agosto de 1943. Os textos de Monte eram escritos no jornal *A Ordem* e os textos de Lourenço Branco no jornal *A República*. Cinco meses após o debate entre eles, em fevereiro de 1944, Padre Monte faleceu. Em março do mesmo ano, Lourenço Branco publicou um artigo no jornal *Diário de Natal*,⁶⁸¹ lamentando a morte do seu opositor e exaltando as qualidades que ele possuía.

Procurei informações sobre Lourenço Branco, uma vez que não encontrei nas *Antologias* ou nos jornais locais nenhuma referência a ele. Na apresentação das polêmicas entre Monte e Lourenço Branco, Navarro o apresentou como “médico veterinário, oficial do Exército, versado em literatura francesa” (MONTE, 2001. p. 368). Procurei informações sobre ele na

⁶⁸¹ O *Diário de Natal* foi fundado em 18 de setembro de 1939. Inicialmente, ele foi denominado *O Diário*. Em 1945, ele foi incorporado pelos Diários Associados e, em 1947, passou a se chamar *Diário de Natal*. É importante destacar que os textos de Lourenço Branco no debate com Padre Monte eram publicados no jornal *A República*, órgão oficial do governo do estado do Rio Grande do Norte. O texto de despedida escrito por Lourenço Branco para Monte foi publicado no *Diário de Natal*. Considerando a dificuldade que outros debatedores de Monte tiveram de publicar seus artigos, é possível inferir que Lourenço Branco não conseguiu publicar seus textos no *A República* e precisou encontrar outro espaço na imprensa para expressar suas ideias.

internet e descobri que, em julho de 1955, Manoel Lourenço Branco era capitão-veterinário e, concomitantemente, atuava como professor catedrático da cadeira de Fisiologia dos Animais Domésticos da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Paraná.⁶⁸² Descobri, ainda, que ele nasceu em São Borja, no Rio Grande do Sul, em 20 de outubro de 1910, e faleceu em Curitiba, em 19 de março de 1962.

Considerando que ele chegou ao posto de Capitão, posso inferir que se tratava de um oficial de carreira que, provavelmente, deve ter sido transferido para Natal por volta de 1942, uma vez que, nesse ano, encontrei artigos seus publicados no jornal *A República*. A partir da informação de que ele publicava no jornal *A República*, deduzi que ele tinha relações com intelectuais locais, o que possibilitou que publicasse na imprensa oficial. Manoel Rodrigues de Melo⁶⁸³ o considerava uma pessoa importante na cidade, por manter relações com Antônio Pinto de Medeiros⁶⁸⁴, que, por sua vez, era amigo de Câmara Cascudo e Sylvio Piza Pedrosa⁶⁸⁵ (MONTE, 2001. p. 366). Pode-se supor, ainda que, em razão do conhecimento que possuía da língua e da literatura francesa, conforme informou Navarro, ele tenha tido facilidade para se familiarizar com os grupos intelectuais locais. Fui informada por Navarro de que ele era espírita praticante, ainda que não tenha encontrado outras fontes que confirmassem essa informação.

Descobri, também, que, em 1942, ele atuava como Segundo Tenente-Veterinário no 16º Regimento de Infantaria, sediado na cidade de Natal, sendo responsável pela coudelaria,⁶⁸⁶ além de assumir funções próprias de veterinário. Importante lembrar que durante a Guerra, esse regimento de infantaria contava com uma cavalaria, o que exigia a presença de veterinários.

Essas breves informações biográficas de Manoel Lourenço Branco têm o objetivo de apresentar ao leitor quem foi esse debatedor, que não era de Natal, mas que conseguiu

⁶⁸² Esses dados sobre Lourenço Branco são do Diário Oficial da União (RIO DE JANEIRO, 1955).

⁶⁸³ Manoel Rodrigues de Melo (1912-1996) tinha como principal atividade profissional a contabilidade, exercendo essa profissão no Hospital Miguel Couto (instituição pertencente à UFRN e que depois foi transformada em Hospital das Clínicas e, posteriormente, em Hospital Onofre Lopes). Exerceu também o magistério na Escola de Comércio de Natal, ministrando as disciplinas de português, história e geografia. Atuou também como jornalista, escrevendo e organizando vários periódicos. Fundou o jornal *Renovação*, primeiro jornal integralista do Brasil. Foi um dos expoentes do integralismo no Rio Grande do Norte. Teve uma atuação destacada na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, tendo sido o principal responsável pela arrecadação de fundos para a construção do edifício que abriga esta instituição.

⁶⁸⁴ Sobre Antônio Pinto de Medeiros, serão apresentadas informações mais detalhadas ainda neste capítulo.

⁶⁸⁵ Sylvio Piza Pedroza (1918-1998), filho de uma família produtora e exportadora de algodão, cursou todo o ensino básico na Inglaterra e só retornou ao Brasil quando foi cursar Direito na Capital Federal. Em 1947, foi nomeado prefeito de Natal, com apenas 27 anos. Em 1950, foi eleito vice-governador na chapa de Dix-Sept Rosado Maia e assumiu o cargo de governador seis meses depois, em virtude do acidente aéreo que matou o titular. Tornou-se conhecido pelos esportes que praticava e pelas obras de modernização que realizou. Amigo de Câmara Cascudo, transformou-o em Historiador da cidade. Em razão de sua amizade com Cascudo, Sylvio se inseriu na rede de sociabilidades de Cascudo.

⁶⁸⁶ Estabelecimento no qual se cuida da criação, seleção e aperfeiçoamento de animais.

legitimidade para debater publicamente com Padre Monte no momento em que o religioso desfrutava de imenso prestígio na sociedade natalense.

O elemento motivador dos debates públicos entre Monte e Lourenço Branco foi uma conferência proferida sobre Anatole France por Antônio Pinto de Medeiros, então aluno do Colégio Estadual do Rio Grande do Norte, como parte das atividades de um ciclo de conferências realizados nesta instituição. E, por esta razão, nos deteremos, com profundidade, neste tópico, na conferência proferida por Medeiros acerca de Anatole France.

Foi o jornal *A República*, no dia 10 de julho de 1943, em manchete intitulada *Educação e ensino*, que noticiou o início das conferências do Colégio Estadual do Rio Grande do Norte, o velho Atheneu Norte-Rio-Grandense. O evento era uma iniciativa do professor Alvamar Furtado de Medeiros, então diretor do Colégio, e as palestras ficaram a cargo de alunos dos cursos Clássico e Científico. Segundo Navarro, as conferências, ministradas entre 10 de julho e 5 de agosto de 1943, foram divididas em duas séries. Na primeira delas falaram os seguintes alunos:⁶⁸⁷ Rivaldo Pinheiro (que discorreu sobre o tema "Retrato de uma Hora de Transição",⁶⁸⁸); Antonio Pinto de Medeiros (que proferiu uma "Conversa sobre Anatole France"); João Wilson Mendes Melo (que discursou sobre a "Presença de Alguns Mortos"⁶⁸⁹) e, finalmente, Luiz Maranhão Filho, (que proferiu uma conferência sobre a "Lembrança de Zaratustra"⁶⁹⁰). Na segunda série foram convidados a falar quatro professores do colégio, a saber: Edgar Barbosa, Esmeraldo Siqueira, Câmara Cascudo e o Padre Luiz Monte⁶⁹¹ (MONTE, 2001. p. 368).

Ainda segundo Navarro, as conferências se destacaram tanto pelo alto nível das exposições proferidas, quanto pelas polêmicas suscitadas a partir do conteúdo das exposições. No discurso de instalação do curso de conferências, o diretor do Atheneu, Alvamar Furtado de Mendonça, justificou aquela atividade como uma preparação intelectual para os estudantes que construiriam um futuro após a Segunda Guerra Mundial, afirmando que

No instante em que os homens deixam cair as armas e a opressão desaparecer para sempre, haverá de ressurgir um mundo diferente, construído sobre as experiências desses dias infelizes. Os rapazes a quem eu entreguei este Curso de Conferências estão me ajudando neste momento renovador, que afasta as velhas e inoportunas condições mentais, sem força criadora, sem disposição

⁶⁸⁷ Todos os alunos conferencistas se tornaram, posteriormente, destacados intelectuais em Natal.

⁶⁸⁸ Nela, Rivaldo Pinheiro reafirmou que a juventude teria um papel importante na conjuntura do pós-guerra.

⁶⁸⁹ Mendes Melo também reiterou sua preocupação com as novas gerações após o término da Segunda Guerra.

⁶⁹⁰ Maranhão Filho discutiu a obra de Nietzsche, mostrando o quanto era inspiradora de novos ideais filosóficos, artísticos, religiosos e dialéticos para a vida espiritual e material.

⁶⁹¹ Optei por não apresentar os temas discutidos pelos professores, em razão de o debate de Monte com Lourenço Branco ter sido produzido a partir da conferência de um dos alunos.

para o esforço coletivo, em procura de um melhor clima para os caracteres em formação. Uma mocidade preparada para as grandes realizações de após-Guerra, ao invés de uma mocidade ignorante do seu destino, presa exclusivamente aos programas escolares obrigatórios, que nem sempre deixam entrever amplitudes intelectuais (MONTE, 2001. p. 373).

Após o evento, ainda em 1943, as conferências foram reunidas em um livro, financiado pelo advogado Djalma Aranha Marinho e impresso nas oficinas de “O Diário”.⁶⁹² Das palestras, aquela proferida por Antônio Pinto de Medeiros é a que interessa a este trabalho, tendo em vista que, a partir dela, surgiu o debate entre Lourenço Branco e Padre Monte. Essa conferência foi proferida no dia 17 de julho de 1943 e divulgada previamente pelo jornal *A República*.

Foi na coluna Educação e Ensino que o jornal *A República* divulgou que, às 19h30min daquele dia, nos salões do Colégio Atheneu Norte-Rio-Grandense, o jovem ensaísta Antônio Pinto de Medeiros, então com 23 anos, “conhecedor seguro da literatura francesa”, discutiria as ideias de Anatole France, um dos autores que mais tocava a sensibilidade do conferencista. O jornal anunciou ainda que o doutor Américo de Oliveira Costa⁶⁹³ apresentaria o jovem Antônio Pinto de Medeiros, destacando que o tema da noite giraria em torno da literatura francesa. Em seu pronunciamento, Costa ratificou as palavras do diretor do Atheneu na abertura do ciclo, ressaltando que o evento era

uma tentativa e um esforço a fim de preservar e estimular, na mocidade conterrânea, o amor, o gosto e interesse em relação aos valores eternos do espírito e da cultura, tão direta e perigosamente ameaçados nos dias que vivemos, pelas forças primitivas da intolerância, do ódio e da brutalidade (MONTE, 2001. p. 376).

⁶⁹² Em 2012, Abimael Silva, editor do Sebo Vermelho, publicou uma edição fac-similar contendo quatro conferências proferidas na primeira série pelos seguintes autores: Rivaldo Pinheiro; Antonio Pinto de Medeiros; João Wilson Mendes Melo e Luiz Maranhão Filho. Na edição fac-similar foi acrescida uma orelha escrita pelo jornalista Vicente Serejo. Cf. Conferências... (2012).

⁶⁹³ Na data da Conferência, Américo de Oliveira Costa (1910-1996) era professor do Atheneu e Chefe de Gabinete do então Interventor Federal, Rafael Fernandes Gurjão, que governou o Rio Grande do Norte praticamente durante todo o Estado Novo. Desde muito cedo, Costa se dedicou à literatura e ao jornalismo, tendo colunas regulares na imprensa local. Antes de ser Chefe de Gabinete de Rafael Fernandes, tinha sido prefeito da cidade pernambucana de Bebedouro. Assumiu vários cargos públicos, como Promotor de Justiça e Secretário Geral dos governos Dix-Sept Rosado e Slyvio Pedroza, ambos governadores durante o processo de redemocratização. Cursou Direito em Recife, concluindo o curso em 1935, na Faculdade de Direito do Recife, tendo vivenciado a efervescência política na capital pernambucana que culminou com o Manifesto do Recife. Apaixonado confesso pela cultura francesa e por Paris, foi condecorado, em 1941, pelo General Charles de Gaulle, em razão da atuação dele, como Chefe de Gabinete do Estado do Rio Grande do Norte, em prol dos aliados. Esteve presente no encontro entre os presidentes Roosevelt e Getúlio Vargas, ocorrido em Natal durante a Segunda Guerra Mundial. Foi um dos fundadores da Aliança Francesa em Natal. Foi professor das Faculdade de Direito e Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e membro da Academia de Letras do Rio Grande do Norte. Seus livros eram elogiados por vários escritores tendo, inclusive, recebido uma menção de Carlos Drummond de Andrade (CARDOSO, 2000. p. 59).

Sob esta perspectiva, Costa via as conferências como uma preparação para um futuro de paz, que chegaria brevemente com o fim da Segunda Guerra Mundial, saudando, por isto, entusiasticamente a conferência que viria a ser proferida por Antônio Pinto de Medeiros. Para o professor do Atheneu, um amante da literatura francesa:

Anatole-François Thibaut, no século, e simplesmente Anatole France, na vida sagrada das letras, sobre quem vai falar-vos, dentro em pouco, o conferencista desta noite, é uma categoria pessoal como aquelas a que me referi anteriormente, que, pela arte, escapou aos limites efêmeros e levianos do tempo.

Combatido, negado, caluniado, admirado ou amado, atitudes que significam, afinal, grandeza essencial em sua obra, - só o que é real se presta a uma infinidade de interpretações (MONTE, 2001. p. 377).

Pela passagem acima, constata-se que Costa admirava a capacidade que o escritor francês tinha de transmitir, através de sua obra, sentimentos humanos como as sutilezas do amor, do respeito e da tolerância, apesar de suas ideias serem, ao mesmo tempo, objeto de veneração e de repulsa. De certa forma, o professor renunciava que a conferência daquela noite geraria polêmicas, na medida em que o conferencista acabaria provocando a reação daquele que se contrapunham ao pensamento do escritor francês. Esta percepção, no entanto, não o impediu de encerrar o texto apresentando-se como um aficionado por France:

Poderia encerrar com tais referências esta rápida passagem que realizei sobre o tema desta festa literária. Desejo, todavia, confidenciar-vos, já que se me oferece a oportunidade, que Anatole France constitui um dos meus ídolos familiares, neste quotidiano contato com os livros, que é a minha ventura e o meu tormento (MONTE, 2001. p. 377).

Na continuidade, mostrando familiaridade com os livros de Anatole France, Costa ressaltou:

Contam que Charles Maurras, que lê *Candide*, de Voltaire, uma vez por ano, conclui, quando o fecha: 'Está livre a estrada', e isso visa significar que 'Voltaire debata largamente as ilusões, afasta os nevoeiros'. Amo o criador de *Sylvestre Bonnard*,⁶⁹⁴ principalmente, porque nele encontro semelhantes características (MONTE, 2001. p. 377).

Quanto ao conferencista, o professor do Atheneu o apresentou da seguinte forma:

⁶⁹⁴ *O Crime de Sylvestre Bonnard* é um romance escrito por Anatole France e publicado originalmente em 1881. Anatole apresenta Sylvestre Bonnard como intelectual erudito, que buscou encontrar as origens francesas. Ao envelhecer, ele vai, gradativamente, perdendo a sua crença nos estudos históricos e filológicos que realizou durante toda a vida. Pode-se dizer que Anatole France, por meio de Bonnard, discute a perda da confiança na modernização, na ciência, na razão e no Positivismo (HAIDUKE, 2011).

Antecedi a Antonio Pinto de Medeiros nos caminhos de Cronos. Essa contingência não impediu, no entanto, que afinidades de gosto literário estabeleçam entre nós ambos o laço de uma camaradagem duradoura e cordial. Sempre o conheci apaixonado e inquieto, fixando a todo instante a marca de uma personalidade própria. Encarna um desses seres que se classificam como de diálogo, isto é, cuja inteligência mantém perpétua indagação e curiosidade diante dos fenômenos e das fórmulas. Ágil e lúcido, - e escrevo estas palavras num máximo de sinceridade, - fico esperando que - a imagem que nos trace esta noite do escritor francês, na palestra que intitulou, com um senso de proporções admiráveis: 'Conversa sobre Anatole France', dê aos presentes o autêntico depoimento de um dos mais sérios e seguros [...] intelectuais de sua geração (MONTE, 2001. p. 376-378).

Como se pode observar, além de destacar a afinidade que tinha com o conferencista, Costa reiterou sua defesa às ideias de liberdade e tolerância defendidas pelo escritor francês Anatole France. Esta postura talvez tenha favorecido sua indicação para Chefe de Gabinete de um interventor nomeado por Vargas, que governava procurando conciliar diferentes grupos políticos. É importante, no entanto, não desconhecer que o professor do Atheneu fazia parte de entidades culturais da cidade, como a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, que eram lideradas por políticos ligados ao Integralismo.⁶⁹⁵

Antes de me deter no teor da conferência, considero importante trazer algumas informações sobre Antônio Pinto de Medeiros, o autor do texto que provocou a polêmica entre Padre Monte e Lourenço Branco. Medeiros nasceu em Manaus, em 9 de novembro de 1919, mas, ainda criança, transferiu-se com a família para Mossoró e, em seguida, para Natal. Coursou o Clássico no Ateneu Norte-Rio-Grandense e foi, na condição de aluno, que proferiu a conferência sobre Anatole France. Posteriormente, ingressou na Faculdade de Direito do Recife, tendo concluído o curso em 1950. Apesar do diploma em Direito, nunca exerceu a profissão, dedicando-se profissionalmente ao magistério, ao jornalismo e à literatura (CARDOSO, 2000. p. 89). Segundo Manoel Rodrigues de Melo, ele foi também aluno do

⁶⁹⁵ Em artigo já publicado, ressaltai o papel preponderante de Câmara Cascudo na organização da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras (ANRL) e na escolha dos acadêmicos e patronos dessa instituição. (Ver LOPES, 2017). Nele, discuto o perfil dos acadêmicos até 1938, evidenciando que os critérios de seleção dos acadêmicos e patronos seguiu critérios estipulados pelo próprio Cascudo. Américo Costa se tornou acadêmico em julho de 1943, quando foram criadas cinco cadeiras novas na instituição, ampliando de 25 para 30 o número de Acadêmicos. Entre os novos titulares estavam José Augusto Bezerra de Medeiros, Esmeraldo Siqueira, Manoel Rodrigues de Melo, Paulo Pinheiro de Veiros e Américo de Oliveira Costa. Entre esses novos titulares, havia católicos, ateus, integralistas, e democratas, o que evidencia um perfil heterogêneo desses novos sócios. Como em 1943 Cascudo ainda continuava influente na Academia, é muito provável que as conclusões do meu artigo também sejam válidas para o momento em que Américo de Oliveira Costa se tornou acadêmico. Dito isto, é possível afirmar que o fato de Américo Costa defender Anatole France não significa uma ruptura com outros grupos contrários ao pensamento do autor, uma vez que o que se observa na política brasileira, em geral, e norte-rio-grandense, em particular, uma tendência para a conciliação.

Seminário de São Pedro, tinha sólido domínio da cultura clássica e foi adepto do Integralismo (MONTE, 2001. 366-367).

No dia 10 de novembro de 2019, Lívio Oliveira, procurador federal em Natal, titular de uma das cadeiras da ANRL e responsável pela biblioteca dessa instituição, publicou no jornal *Tribuna do Norte*, artigo sobre Antônio Pinto de Medeiros, com base no material existente sobre ele na biblioteca da ANRL. Nesse texto, Oliveira explicitou que, durante o período em que estudou no Seminário de São Pedro, Antônio Pinto Medeiros foi obrigado a aprender as declinações latinas, o que, provavelmente, explica o uso de citações em latim em seus trabalhos e falas. De acordo com o procurador federal, ao abandonar o Seminário, tornou-se agnóstico⁶⁹⁶ e um interessado em autores franceses censurados e ou proibidos pela Igreja, dentre os quais estava Anatole France. Ainda segundo Oliveira, Pinto Medeiros era um apaixonado pela língua portuguesa e por línguas estrangeiras, especialmente, o latim, o grego e o francês. Havia aderido ao Integralismo,⁶⁹⁷ mas foi expulso do movimento por discordar de muitas de suas propostas (OLIVEIRA, 2019).

A palestra intitulada *Conversa com Anatole France* homenageava o escritor francês Anatole François Thibault, nascido em Paris, em 1844, e falecido em 1924. Anatole France havia sido premiado com o Nobel de literatura em 1921 e seus vários livros estavam difundidos em todo o mundo. De acordo com o conferencista, as obras de Anatole France traziam “as mais variadas ideias sobre as paixões, os homens do passado e a história” (CONFERÊNCIAS..., 2012. p. 55), e sua exposição objetivava estimular os estudantes a refletir sobre o poder mágico e o encanto das palavras contidas nos seus textos, que tinham o poder de ensinar que o riso e a tolerância são raízes da sabedoria da vida e possibilitariam o renascer do mundo depois da guerra.

Durante a conferência, Medeiros procurou mostrar ao público que os traços biográficos do escritor francês indicavam uma grandeza de alma e a profunda sensibilidade de um intelectual que vivia em um país dotado naturalmente de qualidades superiores:

⁶⁹⁶ O fato de Antônio Pinto de Medeiros ser agnóstico acabou, de certa forma, determinando sua escolha por Anatole France, uma vez que, por ser cético, o escritor francês não acreditava nos dogmas católicos. Nesse sentido, é interessante observar que, ao trazer Anatole France para o debate, Medeiros propôs uma discussão acerca das verdades estabelecidas.

⁶⁹⁷ O Integralismo, movimento que enaltecia ações reacionárias e valores espirituais, conquistou importantes quadros na sociedade norte-rio-grandense, pregando sentimentos nacionalistas e anticomunistas, com destaque para Câmara Cascudo, Monsenhor Walfredo Gurgel, Miguel Seabra Fagundes, Carlos Gondim, Manoel Rodrigues de Melo, Otto de Brito Guerra, Waldemar de Almeida, Clóvis Sarinho e Hélio Galvão. Todas essas pessoas continuaram convivendo com Antônio Pinto de Medeiros, mesmo após a sua saída da Ação Integralista Brasileira (AIB). Importante lembrar que a AIB teve presença política marcante no cenário político potiguar entre os anos de 1933 e 1937, ainda que depois dessa data as ideias defendidas por esse movimento tenham permanecido nos discursos de seus fundadores (Cf. RIBEIRO, 2018).

Anatole [...] é um homem em toda plenitude do termo. Pagou à vida todos os tributos, conheceu-lhe todos os aspectos e nuances. **Deixou-nos um exemplo e uma obra que significam o mais acabado tratado de filosofia de existência e o mais suave método de ‘savoir vivre’.** É um amigo paternal de todos os dias. **Que se recorda com prazer e de quem se fala com liberdade e amor.**

1944 assinala o transcurso do primeiro centenário de seu nascimento. Largo daqui a idéia de uma comemoração solene. Terá, ao certo, o aplauso dos espíritos elevados e de quantos amem a cultura e a arte.

E minhas palavras são bem uma preparação remota a uma realização que antevejo amparada pelos que nos estão dando a honra de sua presença, como por todos os que têm o sabor das belezas do espírito.

Nasceu em Paris, a 16 de abril de 1844. Recebeu o nome de Anatole François Thibault. Seu pai, porém, François Noel Thibault era conhecido nas rodas de amigos pelo nome de guerra: - France. E o filho o herdou, aceitou-o e tornou universal.

Nunca um pseudônimo se adaptou tão bem a um homem e representou tão ao vivo o seu todo espiritual.

France: - **um estado de alma universal. Um ritmo inimitável de ascensão para a luz. Uma ânsia incontida de fuga... para o infinito.**

Cultura francesa: ‘a coisa mais bela e delicada do mundo’, **mística tradicional da nobreza, da sensibilidade, da tolerância.** ‘Mine et ent raille de l'esprit humain’, como afirmava Chateaubriand.

Nessa terra nasceu ele. Nessa cultura se imergiu e se formou. Na ‘douce France’ a maturidade intelectual é precoce. No berço se recebe um passado irresistivelmente luminoso. Uma trajetória profundamente humana e sadia.

Anatole compreendeu o valor do legado. Apaixonou-se loucamente por sua pátria.

E a responsabilidade da missão. Nasceu nele, então, o desejo vivo de se tomar grande e dar glória a França. Ele próprio nos fala de seus propósitos em livros de reminiscências deliciosos e sinceros (MONTE, 2001. p. 379-380, grifos nossos).

Para Medeiros, o escritor merecia ser destacado por escrever continuamente sobre sua pátria, a França, sua cultura nobre, sensível e tolerante. Disto pode-se inferir que, para o conferencista, os brasileiros precisavam ser patriotas, sensíveis e tolerantes, expressando, desta forma, sua crítica à política, à religião e a qualquer tipo de poder intolerantes. Na sequência, procurou deixar evidente qual era seu objetivo:

Não vos dei, como vistes, um ensaio de interpretação sobre Anatole France. E isto porque todo leitor é um crítico, que além da personalidade, tem poder de criação. – Meu intuito foi apenas o de despertar em vós o sabor desse ‘magicien de la parole, qui discout comme un livre e comme le plus exquis des livres’⁶⁹⁸ (MONTE, 2001. p. 389).

O conferencista não deixou de enumerar as críticas que, em geral, se faziam a Anatole France:

⁶⁹⁸ Mágico das palavras, que **encanta** como um livro, o mais refinado dos livros (MONTE, 2001. p. 389, grifo nosso).

Dir-vos-ei.

Muitos alegarão que France foi um contraditório, um confusionista, superficial, fragmentário e paradoxal. Seja.

Muitos alegarão, como admiravelmente o fez, entre nós, Tristão de Ataíde, num esplêndido paralelo entre M. Bergeret e Gide⁶⁹⁹, sua desordem interior acaparada por um grande milagre de estesia e ordem exterior. Seja.

Muitos alegarão que ele aderiu inteiramente ao comunismo russo e até ofertou a causa da revolução soviética os quarenta mil Francos que lhe couberam como detentor do prêmio Nobel de Literatura de 1921. Seja.

Muitos alegarão como Maurois, incoerência entre sua teoria e prática da vida, ao colocar Valery em face de M. Teste e Anatole ante Bergeret. Seja.

Muitos farão suas, aquelas palavras de Gabriel *D' Annunzio* ao lhe ofertar Pisanelle:

-- 'À Anatole France à qui tous les visages de la Vérité *et* de l'Erreur sourient pareillement'.⁷⁰⁰ Seja (MONTE, 2001. p. 389, grifos nossos).

Como pode-se observar no excerto acima, dentre as críticas estavam as de ser contraditório, incoerente e comunista. Para Medeiros, no entanto, seus verdadeiros talentos eram muito mais interessantes:

Não pronunciarei o meu j' Accuse contra esses. Apenas vos aconselho: Entrai em contato com Anatole France. Ele vos ensinará o riso – e a tolerância, raízes da sabedoria da vila [sic].

Não esqueçais. Seja este o grande ensinamento. O riso e a tolerância. Com eles soerguereis o mundo. Mas... cuidado. Não vos esqueçais: o riso e a tolerância [...] (MONTE, 1999. p. 389, grifos nossos).

Sendo assim, ao invés de rebater as críticas feitas às obras de Anatole, Medeiros propôs que o público entrasse em contato com os textos do romancista francês e atentasse para o valor que ele dava ao riso e à tolerância para o bem viver. Ao que tudo indica, o jovem conferencista recorreu a uma metodologia adotada pelo próprio France: escrever buscando fazer com que o leitor se interessasse mais em perceber como aquela leitura poderia alterar a sua vida do que captar a ideia do escritor isoladamente. Assim, usando esse método na conferência, Medeiros propôs o seguinte questionamento: se o riso e a tolerância eram as ideias principais do escritor, como cada pessoa presente à conferência poderia incorporar esses dois elementos na sua vida?

⁶⁹⁹ Não consegui encontrar esse texto de Tristão de Athayde, mas certamente o texto faz uma comparação entre o personagem Monsieur Bregeret, que dá nome a uma obra de Anatole France, e o escritor André Gide (1869-1951).

⁷⁰⁰ “A Anatole France, a quem todas as faces da verdade e do erro sorriem igualmente” (tradução nossa). Esse pensamento, que encerra a citação, expressa a ideia de Medeiros sobre France. Para Medeiros, Anatole era um sujeito ímpar tanto nos seus erros quanto nos seus acertos. Nesses termos, o conferencista não via o autor francês como um homem perfeito, mas como alguém que, embora contraditório, era muito “bom” no que fazia. Pelas suas características, Medeiros afirma que ele construiu grandes amizades, como com Emile Zola, mas também se envolveu em muitos conflitos. A reflexão de Medeiros sobre esses conflitos pode ser ratificada na atuação de France durante a Primeira Guerra Mundial, quando ele denunciou a loucura da guerra desejada pelo capitalismo e declarou que não se morria pela pátria, mas pela indústria. Nesses termos, France defendeu a paz entre os alemães e franceses, o que despertou a indignação da população e inúmeros insultos e ameaças de morte. A respeito de alguns conflitos em que Anatole France se envolveu, confira France (1913).

Mas, afinal, quem foi este escritor francês cujas ideias foram tema da conferência de Medeiros? Anatole France possui uma obra extensa, composta de artigos, romances, contos, poemas, memórias e críticas literárias. Suas primeiras publicações foram dois poemas, intitulados *Poemas Dourados e Bodas Coríntias*,⁷⁰¹ que apresentavam características do Parnasianismo e foram publicados em 1873. Segundo Fraga (2007. p. 14), Anatole France, apesar de não poder ser definido como representante de um movimento naturalista, realista ou romântico, era reconhecido como um romancista que se manifestou sobre os problemas da sociedade moderna, tais como o poder da Igreja e a injustiça social. Sua principal formação se deu durante a adolescência e juventude, quando pôde desfrutar do acesso a documentos sobre a Revolução Francesa e a obras de cultura geral, como aquelas escritas por Apuleio e por Zóximo e que se referiam a histórias da decadência do Império Romano, na livraria do seu pai.⁷⁰² Tomou também contato com obras sobre o ocultismo e as “ciências secretas”, que despertaram grande interesse nos leitores do século XVIII, quando se difundiram sociedades como a Rosacruz, a Franco-Maçonaria mística e foram divulgadas obras sobre Alquimia. Posteriormente, quando se tornou escritor, France incorporou muitos elementos dessas leituras de sua juventude, o que favoreceu para que o seu pensamento não estivesse preso a dogmas (FRAGA, 2007. p. 15-16). Aliás, para ele, as bibliotecas e as livrarias eram fundamentais, uma vez que eram os espaços dos livros, suportes primordiais para o saber, razão pela qual o livro devia ser percebido

como uma obra de magia na qual saem toda espécie de imagem que perturbam os espíritos e modificam os corações. Eu ainda diria que o livro é uma maquinazinha mágica que nos transporta para imagens do passado ou para sombras sobrenaturais. Aqueles que leem muitos livros são como consumidores de haxixe. Eles vivem um sonho. O veneno sutil que penetra seu cérebro os torna insensíveis ao mundo real e os oferece como presas a fantasmas terríveis ou sedutores. O livro é o ópio do Ocidente. Ele nos devora (FRANCE, 1926 *apud* FRAGA, 2007. p. 16-17).

Apesar de considerar as livrarias e as bibliotecas espaços essenciais de conhecimento, o escritor francês sentiu a necessidade de se inserir nas lutas e nos problemas da cidade, uma vez

⁷⁰¹ Ver sobre: Anatole... (2019).

⁷⁰² Em 1839, o pai de Anatole France, Noël François Thibault, adquiriu a *Librairie de France-Thibault*. Em razão do nome da livraria, Noël Thibault passou a ser chamado “France” por seus clientes e amigos. Gradativamente France foi, oficiosamente, tornando-se o nome da família. Quando Anatole François Thibault nasceu, o France já fazia parte da tradição familiar. A livraria estava situada inicialmente na *Rue de Seine* e, posteriormente, mudou-se para o *Cais Malaquais*. Tratava-se de uma livraria especializada em livros e documentos sobre a Revolução Francesa, que era frequentada regularmente por muitos escritores e estudiosos franceses, como os irmãos Goncourt. A qualidade dos livros vendidos e a clientela da livraria foram essenciais para formação de France (ANATOLE... 2019).

que, na sua interpretação, só era possível escrever a partir da convivência com as pessoas. Assim, France procurou escrever sobre os aspectos que seduziam de forma perturbadora as almas belas, pecadoras e convertidas, tal como já haviam escrito outros autores, como Chateaubriand (1768-1848), Renan (1823-1892) e Michelet (1789-1874) (FRAGA, 2007. p. 17).

Foi a partir da discussão das noções de pecado e de conversão que France inseriu nos seus textos o cristianismo, criticando os dogmas dessa religião, sobretudo, aqueles que propagavam a defesa do monoteísmo, da castidade e do conformismo social. Para o pensador francês, a invenção do pecado cristão levava ao sofrimento e impunha limites à felicidade. Nessa perspectiva, o receio da punição pelo pecado conduzia à conversão, uma maneira de manter as almas com desejos enclausurados.

Na sua crítica ao monoteísmo, especificamente, o autor trouxe à discussão o politeísmo, destacadamente aquele desenvolvido entre os gregos e os romanos antigos, quando, segundo ele, se vivenciou uma felicidade jamais encontrada pela humanidade. Mas é importante destacar que o centro do pensamento de France não estava concentrado nas críticas ao cristianismo, mas na ideia de como as pessoas se relacionavam com essa religião (FRAGA, 2007. p. 17).

France considerava que os mitos presentes na Antiguidade foram importantes por trazer à imaginação das pessoas coisas agradáveis e belas, que as faziam viver, sem jamais esquecer que eles eram imaginários. Entretanto, para ele, o cristianismo criou uma mitologia que trouxe efeitos negativos para a humanidade, uma vez que os mitos do cristianismo eram repressivos e impediam o exercício da liberdade, cerceando o sexo, o corpo e o pensamento (FRAGA, 2007. p. 18). O escritor francês se opôs ao cristianismo e à união entre a Igreja e o Estado, apesar de se sentir atraído por alguns aspectos do catolicismo, como a ingenuidade da vida dos santos e a fé de São Francisco. Atração que fez com que fosse visto como ambíguo por seus críticos (FRAGA, 2007. p. 18).

Após sua fase de poeta, Anatole passou a escrever obras ficcionais em prosa, dentre as quais destacou duas: *O crime de Sylvestre Bonnard* e *Thaïs*. A primeira obra foi publicada em 1881 e conferiu a ele o prêmio Nobel de Literatura em 1921. Nesse romance, ele construiu duas histórias em torno do seu principal personagem, Sylvestre Bonnard, um velho erudito, jovem de espírito e eloquente. Na primeira delas, Bonnard oferece lenha a uma mulher necessitada, que, posteriormente, enriquece e oferece a ele um manuscrito de muito valor. Na segunda história, Bonnard encontra a neta de uma mulher que ele havia amado, educa-a pelas mãos de uma governanta, casa-a e aproveita a felicidade no seio dessa família inesperada (FRAGA, 2007. p. 20).

Com *O Crime de Sylvestre Bonnard*, France alcançou notoriedade, observável nas críticas literárias publicadas semanalmente, em 1896, no jornal *Le Temp*. Posteriormente, o conjunto de críticas foi reunido em um livro, que ganhou o título de *La vie Literaire*. Um aspecto interessante é que, nas suas críticas literárias, antes de discutir o conteúdo dos textos, ele escrevia para os leitores a impressão que as obras produziam no seu espírito, o que fez com que fosse considerado subjetivista por seus críticos. Em resposta a eles, Anatole France escreveu:

A crítica é, como a filosofia e a história, uma espécie de romance empregado pelos espíritos sérios e curiosos, e todo romance, em sentido amplo, é uma autobiografia. O bom crítico é aquele que conta as aventuras de sua alma no interior das obras-primas. Não há crítica objetiva, assim como não há arte objetiva, e todos aqueles que presumem não inscrever a si mesmos em suas obras são vítimas da mais falaciosa ilusão. A verdade é que nunca saímos de nós mesmos. Essa é uma de nossas maiores misérias. [...] Estamos presos em nossa pessoa como em uma prisão perpétua. O que nós deveríamos fazer, ao que me parece, seria reconhecer com boa vontade essa terrível condição e confessar que nós falamos de nós mesmos cada vez que não temos a força de nos calar.

Para ser franco, o crítico deveria dizer:

-- Senhores, eu vou falar de mim sobre Shakespeare, sobre Racine, ou Pascal ou Goethe. É uma oportunidade bastante boa (FRANCE, 1926 *apud* FRAGA, 2007. p. 21).

Em 1890, Anatole France escreveu *Thaïs*, um romance que recebeu críticas severas da Igreja, que o considerou um atentado à moral. A obra tem como cenário a cidade de Alexandria, no período em que o cristianismo deixava de ser clandestino. O protagonista da obra é o monge Pafnúcio, que buscava conseguir um grau de pureza espiritual que o aproximasse de Deus. Para tanto, o monge passou por uma série de sacrifícios, tais como a privação dos desejos sexuais, a ausência de cuidados com a higiene e o bem-estar, favorecendo os sofrimentos gerados por infecções, e os jejuns prolongados. A obra apresenta também Thaïs, identificada, ora como uma flor que provocava alucinações, ora como uma criança que vivia em ambiente vulnerável, marcado pela violência e excessos. Na narrativa de France, Pafnúcio havia conhecido Thaïs antes de se tornar monge e, após ter se convertido ao cristianismo, procurou de maneira obsessiva salvá-la dos prazeres materiais. O encontro entre os dois será perpassado pela preocupação com a cura dos problemas da alma, pela crítica aos falsos milagres e às privações pregadas pelo cristianismo (DIAS, 2010).

Também em outras obras de France ficam evidentes suas críticas a ações que prejudicassem a liberdade humana e o livre arbítrio dos indivíduos.⁷⁰³ E, apesar das críticas que recebeu, France influenciou importantes autores, como Eça de Queiros e José Saramago. No Brasil a produção de Anatole France recebeu grande destaque no meio intelectual. Uma prova disso é que, em visita ao Brasil, em 1909, ele foi saudado em discurso proferido por Rui Barbosa,⁷⁰⁴ sendo inúmeras as citações que intelectuais nacionais fizeram às suas obras no início do século XX. No ano de 1922, por suas posições e críticas contundentes aos dogmas católicos, as obras de Anatole France foram colocadas no “Index” da Igreja Católica. E, mesmo depois de sua morte, continuaram a ser consideradas ofensivas aos valores do cristianismo. No início dos anos 1920, filiou-se ao Partido Comunista, mas, pouco depois, deixou o partido e prosseguiu filiado ao pensamento cético até 1924, quando faleceu.

A partir das informações que trouxe sobre o autor que foi tema da conferência de Antônio Pinto de Medeiros, pode-se imaginar a reação da sociedade natalense às ideias por ele defendidas. A primeira manifestação de contrariedade ao teor da conferência foi publicada no jornal *A Ordem*, sem atribuição de autoria,⁷⁰⁵ no dia 19 de julho de 1943. Desse artigo, extraí o seguinte fragmento:

Não foi sem um marcado interesse que procuramos ouvir o que se dizia e o que se pensava, entre os moços, **nestes anos atormentados e decisivos, de Anatole France, símbolo de uma época displicente e incolor, bem diversa daquela que vivemos no presente.** Homem de quem Alceu Amoroso Lima afirmou com razão, que representava ‘a paz naturalista, em seu último estertor ainda sorridente’ (MONTE, 2001. p. 390, grifos nossos).

Ao ler a matéria, a impressão que se tem é que o corpo editorial do jornal *A Ordem*, ou ao menos, alguém influente da redação, estava interessado em perceber como Anatole France, que falecera em 1924, estava sendo apresentado pelo conferencista e discutido pelo público natalense em 1943. O autor do artigo deixa evidente a distinção entre o contexto dos anos 1920 e o dos anos 1940. Nessa perspectiva, pode-se inferir que o jornal considerava, por um lado, que os anos 1940 estavam sendo atormentados pelos conflitos internacionais, entre os quais destacavam-se as disputas político-ideológicas e a Segunda Guerra Mundial, exigindo

⁷⁰³ As práticas políticas de France também merecem destaque. Nesse sentido, destaco que ele foi um dos escritores que assinou a petição pedindo a revisão do processo do caso Dreyfus, no dia seguinte à publicação do “J’Accuse!”.

⁷⁰⁴ Ver mais em Barbosa (1979).

⁷⁰⁵ Não tenho a confirmação de que Padre Monte seja o autor do artigo publicado em 19 de julho de 1943. Entretanto, tive acesso a outros textos de crítica à conferência, os quais mobilizaram a polêmica entre Monte e Lourenco Branco, razão pela qual considero plausível que este primeiro texto tenha sido também escrito por Monte.

dos intelectuais uma tomada de posição política e, por outro, os anos 1920 representavam o fim de uma época na qual o ceticismo, displicente e incolor, havia vigorado, tendo em Anatole France um dos principais expoentes. Em linhas gerais, a ideia expressa no jornal *A Ordem* é que o pensamento cético de Anatole France não respondia às ansiedades próprias da década de 1940.

Após estabelecer a diferenciação entre esses dois momentos, o artigo do jornal *A Ordem* associou Anatole France a uma interpretação de Alceu Amoroso Lima,⁷⁰⁶ que teria considerado o escritor francês como “representante de uma paz naturalista”. Entretanto, o que o artigo não explicitou foram as relações de afinidade e distanciamento entre Alceu Amoroso Lima e Anatole France. Nesse sentido, é importante destacar que Alceu Amoroso Lima era um cético até 15 de agosto de 1928, data de sua conversão ao catolicismo. Portanto, o que Amoroso Lima escreveu depois de 1928, não expressava mais um pensamento cético, o que explica o fato de ele considerar Anatole France o último suspiro do ceticismo. Entretanto, é importante destacar que até 1928, Amoroso Lima era um cético, o que o aproximava de Anatole France, que morreu em 1924. As críticas de Amoroso Lima a Anatole France na década de 1940 são feitas, portanto, num momento em que Anatole France já havia morrido e Amoroso Lima era um intelectual católico engajado, distante das suas percepções céticas.

Após ter demonstrado interesse por Anatole France, o autor do artigo publicado no jornal *A Ordem* expressou o que o conferencista deveria ter abordado naquela ocasião, afirmando:

Que se acentuasse a clareza da idéia, a harmonia poderosa da frase, a beleza clássica da composição, está certo. O contrário, seria crítica apaixonada e cega. Mas que se não apontasse, com veemência, o perigo que foi e que é o pensamento anatoliano, essencialmente demolidor, cético e irônico, ao mesmo tempo, decrépito e sibarita, isto nunca esperávamos.

Pois não queremos acreditar, absolutamente, julguem os oradores de sábado como aquele pensador, que a grande sabedoria consiste em jamais concluir. Que tanto faz apodreça e se esfacele a sociedade, vítima de um bando de idéias loucas, alimentada por escritores do tipo de Anatole, como que se reerga ela,

⁷⁰⁶ Em 1919, Alceu Amoroso Lima tornou-se crítico literário de *O Jornal* (periódico carioca fundado nesse mesmo ano e que foi adquirido em 1924 por Assis Chateaubriand), passando a adotar o pseudônimo Tristão de Athayde. Encontrei esse pseudônimo com duas grafias: “Athayde” (é assim que o nome dele é grafado na maioria de suas obras) e “Ataide” (a Academia Brasileira de Letras e o CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas, se referem a ele dessa forma). Resolvi adotar a grafia “Athayde” para a maioria das partes do texto. Entretanto, uso “Ataide” nas citações que utilizam essa grafia. Tolentino (2016) apresenta uma discussão sobre a origem do pseudônimo Tristão de Athayde. Segundo esse autor, esse pseudônimo foi usado para proteger Alceu Amoroso Lima das “panelinhas” literárias e, conseqüentemente, para lhe garantir independência. Para uma discussão mais aprofundada sobre o tema, consultar Tolentino (2016. p. 15-16).

se restaure em suas bases insubstituíveis e tradicionais, atacada tão fundamentamente pela ironia sorridente do escritor gaulês (MONTE, 2001. p. 390).

O autor do artigo afirma que o conferencista estava correto em apresentar as características positivas de Anatole France, um escritor que poderia ser apontado como um dos últimos clássicos franceses, um intelectual capaz de escrever belos textos. Essa característica precisava ser evidenciada. Entretanto, Antônio Pinto de Medeiros não havia mostrado o perigo do ceticismo de Anatole France, um pensamento que nunca se posicionava sobre nenhuma temática, o que seria prejudicial para uma sociedade que precisava construir os seus próprios rumos.

Segundo Tolentino (2016. p. 58), o ceticismo dos séculos XIX e XX remontava à Antiguidade e se expressou, historicamente, a partir de duas tendências. A primeira delas, identificada como ceticismo acadêmico e representada pelas obras de autores como Cícero e Santo Agostinho, utilizava-se da dialética e da argumentação para evidenciar que não havia como ter certeza daquilo que se afirmava, contrapondo-se, assim, aos dogmáticos. A segunda tendência do ceticismo antigo está associada ao pensador grego Pirro de Élide e é, por essa razão, denominada pirronismo. O ceticismo pirrônico argumentava em favor de um estado permanente de dúvida, contrário aos dogmas e à noção de verdade, o que fazia com que os pirrônicos desconfiassem de tudo, inclusive da possibilidade de existir qualquer conhecimento.

O cenário brasileiro do início do século XX, marcado pela desesperança de solução dos problemas nacionais, estimulou o surgimento de autores céticos que acompanharam autores europeus, que também expressavam, em seus textos, a descrença com o mundo e com a ciência.⁷⁰⁷ Nas duas primeiras décadas do século XX, surgem os primeiros conflitos entre os céticos e aqueles que propunham, para a resolução dos problemas sociais e políticos, o engajamento político, o dogmatismo e o autoritarismo. Aos céticos, sobretudo na década de 1920, se contrapuseram os fascistas, os comunistas e os católicos ultramontanos. Nessa conjuntura, os escritores engajados passaram a criticar os autores céticos, afirmando que a juventude brasileira precisava retomar as esperanças de dias melhores. Em 1926, Sérgio Buarque de Hollanda chegou a afirmar que sua geração estava abolindo “aquele ceticismo bocó” (HOLLANDA *apud* TOLENTINO, 2016. p. 81). Ainda naquela conjuntura dos anos 1920,

⁷⁰⁷ Esse ceticismo é representado, na Europa, pelas obras de autores como Anatole France e Eça de Queiroz e, no Brasil, pelas obras de Machado de Assis.

José Clemente escrevia no jornal carioca *Correio da Manhã*, não reconhecer semelhanças ‘entre os rapazes de dez e quinze anos atrás, mas ainda imbuídos de um deplorável nietzscheanismo e outros atormentados pela filosofia de m. Bergeret, e os rapazes de agora, aqueles descrentes, céticos, desiludidos, estes otimistas, crentes, entusiastas [...]’. (HOLLANDA *apud* TOLENTINO, 2016. p. 81).

Essas críticas feitas por Sérgio Buarque de Hollanda e José Clemente no decorrer dos anos 1920 evidenciam a perda de vigor do ceticismo, momento em que um de seus maiores representantes, Anatole France, morreu. Cabe ressaltar que, de fato, a conferência que Antônio Pinto de Medeiros proferiu sobre Anatole France, em 1943, não situou historicamente a produção do autor, transmitindo a ideia de que o ceticismo ainda vigorava. Por outro lado, o autor do artigo publicado no jornal *A Ordem* criticou o conferencista por difundir ideias produzidas na década de 1920. Nesse sentido, percebe-se um anacronismo tanto do conferencista quanto por parte do autor publicado n’*A Ordem*.

Nesse sentido, é interessante observar que o jornal católico reiterou seu engajamento em torno da doutrina do catolicismo nos anos 1940, sem fazer qualquer mediação com o debate intelectual existente nos anos 1920. Observe-se também que o jornal mobilizou autores para criticar o ceticismo sem situá-los historicamente⁷⁰⁸, como pode ser visto na citação a seguir:

A ORDEM faz sentir estas coisas, não com o intuito de polêmicas ou de corrigendas. Fá-lo com a consciência de que ao seu lado está o pensamento católico, sempre velho e sempre novo, que não admite a inconclusão, o estetismo puro, como ideal supremo de vida. **Fá-lo com a certeza absoluta de que os moços não perderam a fé, nem a coragem de afirmar. E sentem, como Jackson [de Figueiredo], o gosto pelo combate e pela luta, sabendo rir jovialmente, e não decrepitamente, e não querendo nem devendo tolerar o erro.**

Pois eles sentem que os inimigos da civilização não olham para nós com esse riso anatoliano, com essa amável tolerância dos incolores, mas são marcados com a marca do diabo, que por sinal no dizer de Júlio Maria, é melhor do que não ter marca alguma.

Eles cerram punhos, eles gritam ‘Heil Hitler’. E se não tem conseguido triunfar é porque à sua frente topam a mocidade heroica, formada na escola do sacrifício e das convicções profundas.

Possuindo a Verdade, o cristão jamais pode tolerar o erro, ou harmonizar opostos. Amará os que erram, desejará sua conversão, sua Metanoia. Mas se tolerasse o erro, trairia o Espírito (MONTE, 2001. p. 390, grifos nossos).

Na matéria, há uma clara posição da defesa do dogmatismo católico. Apesar de informar que não desejava polemizar ou corrigir Antônio Pinto de Medeiros, conferencista da

⁷⁰⁸ É importante destacar que Medeiros já havia evidenciado que muitos autores criticavam o ceticismo, sem situá-lo historicamente. Portanto, a atitude do jornal *A Ordem* em relação ao ceticismo repete práticas recorrentes.

noite dedicada a Anatole France, o articulista refere-se ao pensador francês como ultrapassado e afirma que a pauta da conferência foi equivocada, ao apresentar a tolerância defendida por Anatole France como um aspecto positivo. Nesses termos, o autor do artigo discutiu as ideias de Anatole France extraindo-as de seu contexto de produção, considerando, somente, o cenário dos anos 1940, em uma operação que induz o leitor a considerar que o único aspecto a ser considerado no pensamento do escritor francês era o desejo de tolerância. Entendo, no entanto, que foi contra a tolerância defendida por Anatole France que o autor do artigo se manifestou, defendendo o dogmatismo católico, através do pensamento de Jackson de Figueiredo, que havia falecido em 1928. Sendo assim, *A Ordem* procurou transmitir ao seu leitor a noção de que a Igreja Católica não podia tolerar os seus opositores.

Vale lembrar que a conferência de Antônio Pinto de Medeiros enfatizou o valor que Anatole France atribuía à tolerância e ao riso. Ainda que tenha discutido obras e personagens do autor francês, o conferencista não discutiu o momento do ceticismo e as razões do escritor para a defesa da tolerância e do riso. O jornal *A Ordem*, por sua vez, concentrou suas críticas à conferência na ideia de que o pensamento cético era frágil por não assumir uma posição ideológica e por ser tolerante com os erros. Apesar de o conferencista ser agnóstico e não estar identificado com questões partidárias, apesar de manter relações próximas com intelectuais católicos e integralistas, sua conferência mobilizou elementos que criticavam o catolicismo e o integralismo, uma vez que o ceticismo de Anatole France criticava qualquer dogma e, ao enfatizar a tolerância e o riso, contestava, de forma sutil, as ideologias vigentes.

Em 25 de julho de 1943, seis dias depois à publicação do artigo no jornal *A Ordem*, Manoel Lourenço Branco, Tenente-Veterinário do Exército Brasileiro, que servia no 16º Regimento de Infantaria e que escrevia sobre literatura no jornal *A República*,⁷⁰⁹ escreveu, um artigo, intitulado *Carta Aberta a Antônio Pinto de Medeiros*, no qual demonstrou que conhecia o conteúdo da palestra e que tinha lido a crítica divulgada no jornal *A Ordem*. Em sua *Carta Aberta*, Lourenço Branco escreveu:

Tua conversa sobre Anatole France foi boa. Pode ser que te digam que não, mas foi. Tu soubeste encarar o espírito do criador de Jerônimo Coignard,⁷¹⁰

⁷⁰⁹ Cabe observar que a crítica à conferência foi escrita no jornal *A Ordem*, voz oficial da Igreja Católica, e que a resposta de Lourenço Branco foi escrita no jornal *A República*, órgão oficial do governo do estado do Rio Grande do Norte. Ainda que a Igreja tivesse influência na imprensa oficial, *A República* não era subordinada ao clero, o que favorecia o surgimento de críticas, ainda que esparsas, ao pensamento católico.

⁷¹⁰ O abade Jerônimo Coignard é o personagem principal da obra *Opiniões de Jerônimo Coignard*, de Anatole France, publicada em 1898. O abade é um homem do seu século, ligado ao racionalismo e ao Iluminismo, percebe as injustiças existentes, o que o leva a se aproximar do ceticismo. Entretanto, prudente, permanece fiel ao catolicismo em razão da tradição. Sua vinculação ao catolicismo permanece ligada à caridade e à tolerância mútua, ainda que se distancie dos dogmas religiosos (BONFANTINI, [2019?]).

esse homem fino, possuidor de grande doçura de toda ciência e da experiência dura que o convívio de outros homens proporciona. Só um Anatole poderia criar um abade Coignard. Só Anatole – essa personalidade de ironia aguda como um acerado estilete – só esse bárbaro poderia sorrir num mundo como este que conhecemos (MONTE, 2001. p. 391).

No excerto acima, Lourenço Branco não apenas elogia Antônio Pinto de Medeiro, por ter conseguido expressar o pensamento de Anatole France, mas também o escritor francês, o único que teria tido condições de criar o abade Coignard, personagem que, diante das injustiças sociais, percebeu as fragilidades do dogmatismo católico, mas, mesmo assim, permaneceu católico em nome da tolerância e da caridade. Como se pode constatar o tenente, assim como o conferencista, exaltaram a tolerância proposta por France, o que pode ser explicado pelo fato de Branco ser espírita, em uma Natal profundamente marcada pela intolerância religiosa do catolicismo.⁷¹¹

Importante considerar que Lourenço Branco se encontrava em Natal devido às suas atividades militares, ou seja, era alguém de fora, que observava a cena política e mantinha relações com a intelectualidade local por seu conhecimento de literatura, sobretudo, da francesa. Sua familiaridade com as obras de Anatole France, o levaram a afirmar:

Sim, porque o mundo que Anatole viveu é o nosso mundo. Até ontem, sorria o bom velho, com sua inconcebível cabeça protegida pelo barrete de veludo⁷¹². Se não teve a desgraça de conhecer Hitler, Mussolini ou Laval. Viu, entretanto, Bismark, o Kaiser e todos aqueles títeres grotescos de bigodes supostamente agressivos que o militarismo prussiano, essa fétida excrescência da Alemanha brutal, encapacetou [sic] e encheu de bordados (MONTE, 2001. p. 391).

Na percepção do tenente-veterinário, os líderes autoritários da década de 1940 eram semelhantes aos líderes autoritários existentes até os anos 1920, em razão disso, as ideias de Anatole France eram válidas para aquela conjuntura e Medeiros não havia incorrido em qualquer equívoco. Mas, seu grande erro havia sido falar com clareza em defesa da liberdade:

Agora, tu cometeste com Anatole o mesmo erro que Anatole cometeu com o mundo: Viste claro e, pior ainda, falou claro. Não sabes então, ó pecador, que neste planeta de liberdade e inteligência, há padrões de pensamento e trilhos por onde a mediocridade escorrega há séculos? Medeiros: tua conversa foi boa, boa demais. Analisaste com precisão o

⁷¹¹ Pode-se deduzir, pela defesa que faz da tolerância, que Lourenço Branco desejasse poder expressar suas convicções espíritas e ser tolerado pela Igreja Católica.

⁷¹² Nas fotografias de Anatole France, ele sempre aparece com um barrete de veludo. O uso frequente desta peça de vestuário pode ter levado Lourenço Branco a descrevê-lo desta forma.

espírito francês. Essa Gália, terra querida, filha mais velha da Igreja, tu a conheces bem.

Rabelais, Molière, Voltaire e Anatole só poderiam ser filhos da mesma família e amamentados pelo mesmo leite de ternura humana que a doce pátria francesa prodigaliza a seus filhos espirituais.

E que dizer daquele mágico, o mais perfeito dos poetas, aquele prodigioso ironista que se chamou La Fontaine?

Mas, todas essas glórias, Medeiros, não cabem nesse mundo, jaula onde rugem feras. Tu e teus amigos, Anatole e tua tribo - Oh! Que coisa horrorosa!

Então tu não sabes que o Homem que mais pregou a tolerância e a doçura foi crucificado e era filho de Deus?

Pobre vegetariano! **Tu, Medeiros, serás um dia comida pelos antropófagos** (MONTE, 2001. p. 391, grifos nossos).

Na percepção de Branco, os inimigos da liberdade não haviam permitido no passado nem permitiriam no presente que a tolerância fosse um valor universal e que as raízes francesas do pensamento livre prosperassem. Assim como, no passado, a Igreja Católica havia atacado o livre pensamento na França, hoje havia os ataques aos que defendiam a tolerância. Diante da ameaça de estes virem a ser engolidos pelos intransigentes canibais, Lourenço Branco aconselhou⁷¹³ Antônio Pinto de Medeiros:

Entretanto, aqui vai um conselho de amigo, uma frase que cito de memória e que, se não me engano é de Bernstein.

Aqui está traduzida: ‘Cada vez que um homem quer se elevar, por pouco que seja, acima dos outros homens, uma hora chega que todos e tudo, e as coisas cochicham com maldade: Atirem-nos contra este! A este, agora!’

Mas, se o homem é um homem, se ele se encurva empregando o máximo de força, se se mantém firme, ei-lo livre e poderoso, pronto a seguir o seu destino’.

Note bem, Medeiros. Cito isto de memória, de cór, pelo coração.

Houve tempo em que li Bernstein.

Foi na minha pré-história. Hoje, não me meto com essa gente. Sou como aquele rato de La Fontaine, de temperamento excepcionalmente monástico, que, vivendo pobre e só, dentro de um enorme queijo, declarou aos embaixadores de Ratópolis, onde reinava a fome e que lhe vinham pedir auxílio: ‘Meus irmãos, não tenho tempo para pensar nas coisas deste mundo. Vivo monificando o espírito para conquistar o que é eterno’. E, gordo, roliço e satisfeito, dirigiu-se para o interior do seu queijo.

Eu possuo essa mentalidade de ratazana. Para que queres ler e fazer ler Anatole, ó audaciosíssimo Medeiros?

Por que não pensas na tua própria salvação? (MONTE, 2001. p. 392, grifos nossos).

Como se pode constatar, para Branco, os homens bons (aqueles que respeitam os outros) são atacados pelos homens maus (os intolerantes), cabendo aos primeiros manterem-se

⁷¹³ O tom de aconselhamento é irônico, uma vez que o objetivo maior do autor da carta é criticar os intolerantes e as estratégias empregadas para destruir seus adversários.

firmes, não se curvando diante dos segundos. O tenente, no entanto, informa Medeiros que havia decidido não se envolver mais com “essa gente que pensa em destruir os outros”, e, inspirado em uma fábula de La Fontaine, havia tomado a decisão de cuidar da própria vida e não mais ser um defensor da liberdade e da tolerância devido aos contínuos ataques. Sob esta perspectiva, o tenente-veterinário recomendava que Medeiros ignorasse as críticas e, especialmente, os críticos, uma vez que não haviam lido o escritor francês e falavam sobre ele sem conhecimento, reproduzindo apenas informações isoladas que haviam escutado de outras pessoas. Expressando-se com ironia, Lourenço Branco afirmou:

Então, tu não sabes que os que nunca lerem êsse demônio, assim mesmo podem condená-lo de oitiva, seguindo o rabo do vizinho, como as caveiras de Pamúgio? Ó nosso Rabelais querido, socorre-nos! Foste tu que criaste a expressão verbocinação lacial. Sim, foste tu, bandido! Verbocinar, que lindo verbo!

E se verbocinamos com floridos textos latinos e gordas citações pesadas, com apelos à moral que morre virgem e à razão que se agarra como as ostras, que belo som tem as palavras!

Divino moinho da metafísica onde se moe o nada que se espalha no vácuo!

Sem acreditar no que todos os outros acreditam, sem remoer os mesmos textos seculares de que não examinamos o alcance, que valemós nós?

Sócrates era Sócrates e foi condenado por impiedade.

Já Cícero dizia que dois áugures não se poderiam encarar, sem ri um do outro.

E aí está toda ciência dos que condenam: verbociam com raiva.

Entretanto, isso não aconselhava S. Paulo: ‘Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine’.

A caridade é sofredora, é benigna, a caridade não é invejosa, a caridade não trata com leviandade, a caridade não se enfurece.

Isso está em S. Paulo e poderia ser repetido pelo nosso abade Coignard.

E quantos e quantos não foram conhecer o abade Coignard e até o próprio Anatole, ó Medeiros perigosíssimo, através de tua conversa capaz de revolucionar o orbe? (MONTE, 2001. p. 392).

Na citação acima, Branco afirma que os que falavam de Anatole France não o conheciam e o atacavam utilizando “floridos textos latinos e gordas citações pesadas”, o que pode ser uma menção ao Padre Monte que, habitualmente, recorria aos seus conhecimentos de latim para atacar os seus adversários. Os ignorantes, segundo ele, recorriam ao ódio e não a argumentos, afastando-se do amor, a caridade e da mensagem de paz e tolerância que Medeiros defendeu em sua conferência sobre Anatole France. Ao concluir a *Carta*, Lourenço Branco, mais uma vez, recorreu à ironia:

E como terminaste tua apologia, ó vulgar criminoso?

Pregaste a tolerância. Vê, tu?

A tolerância.

Mas, tolerar é o maior dos crimes deste mundo. Há dois mil anos, morrendo por entre dores infinitas, Jesus dizia: ‘Perdoai-os, Pai, eles não sabem o que fazem’.

E Deus há de ter perdoado.

Entretanto a Idade Média acendeu a fogueira e inventou torturas e os guetos viveram cheirando a carne assada daqueles que Deus já havia perdoado.

Todas as nações livres do mundo, mobilizam hoje suas mocidades, a fina flor da Humanidade, não para combater Hitler ou Mussolini; mas para extirpar da face da terra a intolerância.

‘Amai-vos uns aos outros’.

E nós que, no dizer de Michelet, somos filhos de bárbaros e cristãos, lutamos corpo a corpo com outros mais bárbaros do que nós para termos o direito divino de amar o humaníssimo direito de pensar.

Até Adão preferiu o direito de pensar ao de viver no Paraíso.

É neste mundo em que combatem valorosos tigres e ferozes chacais que tu vens, ó doce, ó franciscano Medeiros, apresentar um apóstolo supremo de paz e infinita tolerância, esse Anatole que escreveu ‘Sur la pierre blanche’ e que sonhou a regeneração e o perdão da Tais. Diderot, Medeiros, esse patologista social, seria capaz de te classificar entre os seus elenteromanos [sic], maníacos da liberdade. Sim, porque tu estás doente, Medeiros. Tu és vegetariano. O mundo é dos antropófagos (MONTE, 2001. p. 393, grifos nossos).

Nessa passagem, Lourenço Branco zomba das críticas feitas a Antônio Pinto de Medeiros, invertendo os valores. Antônio Pinto de Medeiros seria criminoso por proferir uma conferência sobre Anatole France e, inspirado nele, defender a tolerância. Nessa perspectiva, criminosos seriam todos os tolerantes, inclusive Jesus Cristo, o grande criminoso, por ter tolerado e pedido perdão a Deus pelas agressões que recebia. Deus, por sua vez, perdoou os intolerantes. Sob esta perspectiva, os autoritários, como Hitler e Mussolini, não eram combatidos pelas nações. Lutava-se, genericamente, pelo fim da intolerância, mas os intolerantes continuavam no poder. A partir dessa ideia, é possível inferir que, para Lourenço Branco, tanto podiam ser intolerantes os nazistas e os fascistas, que exterminavam nações e povos, quanto a Igreja Católica, que não aceitava qualquer diálogo sobre os seus dogmas e procurava destruir os seus inimigos. Desta manifestação, deduz-se que Lourenço Branco considerava que se vivia, na década de 1940, um tempo em que, para se garantir o amor e a liberdade de pensamento, era necessário lutar contra aqueles que se diziam cristãos, mas combatiam o amor e a liberdade de pensamento do outro. Anatole France e Antônio Pinto de Medeiros estavam entre os “maníacos da liberdade”, que enfrentavam “tigres ferozes”, sem, contudo, desejar destruir os seus adversários.

Em suma, a carta de Lourenço Branco é uma defesa da conferência proferida por Antônio Pinto de Medeiros e do pensamento de Anatole France. De modo irônico, Lourenço Branco estabeleceu um diálogo com o artigo publicado no jornal *A Ordem*, que defendia explicitamente a intolerância com os erros, argumentando que esse era um dos eixos do

pensamento católico. Sua *Carta* é ainda mais incisiva na defesa das ideias de Anatole France sobre a tolerância do que o texto da conferência de Antônio Pinto de Medeiros e, por isso, teve uma resposta da Igreja Católica, que, naquele momento, procurava destruir os seus inimigos.

Rechaçando a *Carta* de Lourenço Branco, Padre Monte escreveu, em 27 de julho de 1943, dois dias após a publicação do texto escrito por Lourenço Branco, o seguinte texto:

Intolerância E INTOLERANTES

Padre Monte

Entre nós, infelizmente, **em matéria de cultura, muitos teimam em persistir num atraso lamentável e comodista**. Aos sacrifícios diuturnos, que exigem a solidez de uma cultura aprimorada, **não poucos costumam preferir o comodismo de uma ilustração barata e inconsistente**. **O que nos países, que mantêm no mundo a liderança da inteligência, já não passa de velharias exaustas**, para eles assume o significado de fatos comprometedores e de objeções irretorquíveis. Acastelados nas premissas mal seguras de argumentos claudicantes, irruem contra tudo e contra todos, ingenuamente persuadidos de que são os monopolizadores da verdade. **Mas não é com a esgrima imbele de frases feitas que se atacam verdades**, que os séculos se habituaram a ouvir e acatar. Não é com a sonoridade de termos alambicados, denunciadores quase sempre de indisfarçável mediocridade, que se destrói o **verdictum** irrecusável dos séculos. Longe vai o tempo em que a opinião pública se deixava ilaquear por esses improvisados encantadores de serpentes. Já se acostumou a concluir que, **onde há superfluidade de frases cantantes e o azedume da ironia e do sarcasmo, há inópia de argumentos e pobreza de valores dialéticos** (MONTE, 2001. p. 394, grifos nossos).

A resposta de Monte à *Carta* de Lourenço Branco deu início a um debate entre os dois sobre a temática da tolerância,⁷¹⁴ sendo que a discussão em torno de Anatole France foi secundarizada. Em *Intolerância e Intolerantes*, título da resposta de Monte, Lourenço Branco é acusado, implicitamente, de fazer parte daqueles que persistiam “num atraso lamentável e comodista” e que recorriam a superficialidades, ironias, sarcasmos em razão da pobreza de argumentos, muitos deles, com base em uma “ilustração barata e inconsistente”. Ao mesmo tempo, as críticas não se dirigiram ao pensamento do intelectual francês, mas àquilo que afetava a Igreja, conforme pode ser visto no texto a seguir:

A intolerância da Igreja tem sido uma pedra de escândalo para esses bravos descobridores de objeções mumificadas. Que a Igreja seja intolerante ao que concerne à verdade, não passa de um ato de legítima defesa. Dentro de certos limites, a tão decantada liberdade de pensamento não existe nem pode existir. Se existe uma verdade, já o pensamento não é livre em aderir ao erro, que se opõe a essa verdade. **Onde existe a verdade não pode haver tolerância pelo erro**. O homem de convicções firmadas não pode deixar de ser intransigente naquilo em que tem convicção. Se transige, e

⁷¹⁴ Antônio Pinto de Medeiros não participou dos debates travados entre o padre e o tenente-veterinário.

porque lhe falece a firmeza dessa convicção. **Onde há tolerância, há falta de convicção; há dúvida, portanto, incerteza. Quem julga possuir a verdade não pode transigir naquilo que concerne à verdade.**

Daí se chega sem esforço aos **motivos pelos quais a Igreja é intolerante**. Depositária da doutrina de Cristo, julgando-se possuidora da verdade, não pode transigir com o erro. No caso, transigir seria destruir; nela a tolerância seria auto-mutilação. Não há lugar para tolerância, onde existem a verdade e a certeza. Intolerância doutrinária, bem entendido. É esta a intolerância da Igreja. É esta a intolerância do homem de convicções firmadas. Mais intolerante que a Igreja é a ciência. E isto porque, depois de acuradas observações e pesquisas, chegou à conclusão de princípios certos, experimentais, positivos.

Depositária de verdades naturais, a ciência tem, com a Igreja, os seus padrões de pensamento. E tudo que exorbita do cânon regido dessas leis e desses princípios padronizados, é erro, é absurdo científico. Ainda mais. **A ciência é somente ciência enquanto é intolerante.** Quando a ciência tolera, ainda não é ciência; é hipótese apenas (MONTE, 2001. p. 394, grifos nossos).

Para Monte, o erro não poderia ser tolerado por quem detivesse a verdade. A Igreja Católica, assim como a ciência, detinha verdades naturais, que não podiam ser contestadas. A manifestação de Monte não apenas é condizente com os pressupostos da Neocristandade, mas também se coaduna com as propostas autoritárias então vigentes no mundo, numa postura que inviabilizava qualquer diálogo no campo político ou religioso.

Para reforçar seu argumento de que a ciência e a religião precisavam ser intolerantes, em razão de possuírem convicções e, ao mesmo tempo, para evidenciar que o livre pensamento era algo frágil usado para a isenção de responsabilidades intelectuais, Monte recorreu a um exemplo:

Poderíamos modificar, por exemplo, a expressão analítica do movimento vibratório? Não. A ciência a isso se opõe com a mais agressiva das intolerâncias. Por quê? A razão ressalta ao olhar menos experimentado: porque a equação do movimento vibratório já é para ela um fato certo, verdadeiro, uma verdade padrão, um dogma científico, enfim. Continuemos. **Poderíamos introduzir modificações ou formular mesmo novas hipóteses sobre a natureza do fenômeno luminoso? Sim, a ciência tolera. Mas, por que tolera e condescende? Porque ainda desconhece qual seja a verdadeira natureza das vibrações luminosas. No dia, porém, em que aquisições posteriores a conduzirem a conclusões definitivas nesse domínio da fotologia, a natureza da luz passara a ser um dogma inflexível, e a ciência voltará a ser agressivamente intolerante. Quem se julga possuidor da verdade não pode ser tolerante com o erro. O livre pensamento, portanto, não existe como fato positivo como fórmula definida de um esquema mental.** É ele, apenas, uma fórmula cômoda de não se assumir a responsabilidade de uma atitude intelectual com os sacrifícios, que nos impõe firmeza de uma convicção (MONTE, 2001. p. 394, grifos nossos).

A partir da citação, o que se evidencia é que para Monte, a ciência chegava sempre a uma verdade dos fatos e quando essa verdade é obtida, o conhecimento científico não poderia mais ser refutado. Por essa lógica, o cientista que se julgasse possuidor da verdade não poderia ser tolerante com os que questionassem essa verdade. Isso implica dizer que, para Monte, depois de estabelecida a verdade, ninguém mais poderia refutá-la, o que fere o pensamento científico, uma vez que as teorias científicas podem ser alteradas de acordo com o avanço do conhecimento científico, o que significa que o conhecimento científico não é definitivo.

Paralelamente a essa discussão que Monte faz sobre a verdade absoluta na ciência, também a liberdade de pensamento, que, na sua compreensão, seria geradora de uma série de conflitos, seria abordada. Para o padre, o livre pensador era escravo de suas próprias convicções, uma vez que cada um procurava uma verdade própria, distanciando-se da procura da verdade definitiva, gerando uma série de conflitos entre os próprios livres-pensadores. Sobre esta questão, Monte sentenciou:

Quem se aventura à tarefa ingrata de perflustrar os escritos dos chamados livres pensadores, chega quase sempre a uma decepcionante conclusão: **ninguém menos tolerante, e mais escravo de suas convicções do que o livre pensador.** Revelam uma intolerância que bordeja pelas raias de uma verdadeira fobia por tudo que não sintoniza com seus princípios e ideias pré-estabelecidas. Rancorosos e pertinazes são de uma agressividade contundente; agridem-se num esgrimar de doestos, bem comprometedores para a causa, que tão ardorosamente defendem. Por um lado, Lessing ataca desaforadamente a Voltaire; Schopenhauer e Hartman verbocinam contra Kant; Lange contra Hartmann; Hartmann contra Nietzsche e Schopenhauer; Nordau contra ambos ... Por outro lado, Strauss, Renan e Pluecklense engalfinham em luta livre, bem pouco edificante para seus foros de livres pensadores. E para avaliarmos com precisão até onde chega a caridosa tolerância desses propugnadores do livre pensamento, bastará lembrar que Lessing chamou a Voltaire de patife, e Pluecklen apelidou a Strauss de egoísta e de palhaço por conta própria! **Bela tolerância, a dos líderes do livre pensamento! E dizerse que esses são os homens que se fizeram cavaleiros andantes da liberdade do livre pensamento!** (MONTE, 2001. p. 395, grifos nossos).

Pela citação, fica claro que Monte considerou que os livres-pensadores eram também intolerantes, uma vez que cada um deles se firmava em uma posição e atacava a dos demais. A partir da percepção de que o livre pensamento na ciência era inviável, ele estabeleceu uma associação com o pensamento religioso. Nessa perspectiva, se a Igreja possuía a verdade, não poderia tolerar os seus críticos, como também não poderia tolerar os que não praticassem os seus dogmas. Mas, se, por um lado, a Igreja não poderia tolerar os pecados, por outro, cabia a ela perdoar os pecadores. Diante dessa lógica, Monte (2001. p. 395. grifos nossos). afirmou:

[...] se intolerante é a Igreja, de maior intolerância são os livres pensadores. E isto com uma agravante desabonadora: **a Igreja é intolerante com o erro, mas é indulgente para os que erram: os livres pensadores não indulgem com o erro, e são ainda intolerantes com os que erram**, isto é, com os que desgraçadamente se afastam das normas inflexíveis do pensamento livre! Não há negar, o tipo padrão da intolerância deve ser buscado entre os livres pensadores.

Portanto, na interpretação de Monte, intolerante não era a Igreja Católica, mas sim os livres-pensadores, que exerciam uma atividade intelectual completamente improdutiva, incapaz de gerar qualquer fruto para a humanidade. Para ele, a produção de intelectuais ligados às letras e, em geral, não-cristãos, se comparada com os intelectuais ligados às ciências ditas exatas e ao cristianismo, era inócua:

Não nos podemos furtar ao desejo de pôr a descoberto a degradante esterilidade intelectual, a que conduz o livre pensamento. No esforço humano para enriquecer o patrimônio intelectual e científico da humanidade, qual teria sido a contribuição dos livres pensadores? Pouco menos do que nada. A história das ciências está constelada de nomes fulgurantes, exponenciais e venerandos. Mas, **o olhar mais inquiridor e perspicaz não logrará vislumbrar entre eles, os nomes familiares aos dos improvisados defensores do livre pensamento. Strauss, Renan, Anatole, Nietzsche e todos esses enfatuados patronos do liberalismo intelectual, que produziram na seara laboriosa dos conhecimentos humanos?** **A ciência moderna fala é pela voz oracular de Volta⁷¹⁵, Ampere,⁷¹⁶ Coulomb,⁷¹⁷ Ohm,⁷¹⁸ Joule,⁷¹⁹ Hertz,⁷²⁰ Runfort,⁷²¹ Branly⁷²² e Marconi,⁷²³ todos eles cristãos sinceros e de convicções profundas.**

Intolerância dadivosa a do Cristianismo, que gerou gigantes do pensamento como estes. E isto para citar tão-somente nomes exponenciais de Eletrologia. Prossigamos. Que fizeram os livres pensadores para melhorar as condições materiais do gênero humano? (MONTE, 2001. p. 395, grifos nossos).

Percebe-se, na citação, que Monte só considerou produtivos e com convicções profundas os estudos realizados por cientistas associados às ciências exatas. É plausível supor que ele tivesse listado nomes ligados às ciências naturais, por seu interesse em Biologia e Mineralogia e, conseqüentemente, por sua maior familiaridade com a produção destes

⁷¹⁵ Alessandro Volta (1745-1827), cientista italiano que inventou a pilha elétrica.

⁷¹⁶ André-Marie Ampère (1775-1836) realizou várias descobertas sobre as propriedades magnéticas da corrente elétrica. Em sua homenagem foi denominada ampère (A) a unidade de medida de corrente elétrica.

⁷¹⁷ Charles Augustin de Coulomb (1736-1806) foi um físico que descobriu a Lei das forças elétricas entre cargas.

⁷¹⁸ Georg Simon Ohm (1787-1854) foi o físico que definiu o conceito de resistência elétrica.

⁷¹⁹ James Prescott Joule (1818-1889), físico britânico que descobriu da transformação de energia elétrica em calor.

⁷²⁰ Heinrich Rudolf Hertz (1857-1893), físico alemão que descobriu a forma de produção das ondas eletromagnéticas.

⁷²¹ Benjamin Thompson, o Conde de Runford (1753-1814), foi o físico que criou o “fotômetro de Runford”, instrumento que media a intensidade da luz.

⁷²² Edouard Branly (1844-1940) foi um físico francês que descobriu o princípio da radio condução.

⁷²³ Guglielmo Marconi (1874-1937) foi o inventor do primeiro sistema de telegrafia sem fio.

cientistas. Por outro lado, isto revela um preconceito contra as ideias que não produzem resultados palpáveis, que trabalham com valores humanos. Infere-se, ainda, que, para Monte, os pensadores ligados às ciências ditas naturais eram todos, além de produtivos, cristãos.⁷²⁴ Sob esta perspectiva, por serem intolerantes, os cristãos defendiam suas ideias continuamente e, com isso, chegam a descobertas importantes, como as citadas acima, produzidas por expoentes da eletrologia. Entretanto, ele não apresenta qualquer relação entre a produtividade desses homens e o cristianismo. De forma idêntica, ele não apresenta qualquer discussão sobre as razões que levavam os homens das letras por ele citados a não seguirem os dogmas cristãos.

Retomando a fábula de La Fontaine, citada por Lourenço Branco na *Carta* anteriormente citada, Monte afirmou que, realmente, os livres pensadores eram semelhantes ao rato solitário descrito pelo autor, ou seja, eram indiferentes aos problemas do mundo e se preocupavam, exclusivamente, com as suas próprias ideias:

Debalde, o homem torturado e sofredor estendeu a mão descarnada num apelo mudo e insistente aos faustosos recursos do liberalismo intelectual. Eles, os livres pensadores, como **O Rato solitário de La Fontaine refugiaram-se num egoísmo impenetrável, indiferentes à sorte ominosa dos que sofriram.** Passaram, tresloucados de orgulho, como um tufão apagando a chama da fé, destruindo esperanças e ilusões. Onde os títulos de benemerência desses libérrimos defensores do pensamento livre? Que lágrimas enxugaram, que obras de assistência social financiaram, que fizeram para mitigar o sofrimento e minorar a sorte da humanidade sofredora? Os que sacrificaram a saúde e a mocidade, no ambiente confinado dos laboratórios de pesquisas, na luta contra a dor e a miséria, estes tiveram nomes bem diferentes de Anatole, de Voltaire e de Renan. Chamaram-se Janer, Pasreur, Roux, Carrel e Laueran. Chamaram-se ainda Grassei, Hermite, Cruveilhier, Dumas, Laenac e Miguel Couto. Todos eles, cristãos que eram, não se arrecearam a deslizar pelos trilhos por onde escorrega a mediocridade, há dois mil anos (MONTE, 2001. p. 396, grifos nossos).

Na citação, fica evidente que, para Monte, livres pensadores e, conseqüentemente, ateus como Anatole, Voltaire e Renan nada produziram, nada fizeram para e pela Humanidade. Eram autores que representavam o pensamento dos que haviam se desvirtuado dos princípios defendidos por Cristo ao longo da história. Os pensadores produtivos haviam sido os cristãos, que, por serem intolerantes na defesa de seus princípios, haviam feito descobertas importantes para a Humanidade.

Criticando de maneira contundente os livres pensadores e, utilizando ironicamente um pensamento de Voltaire, para demonstrar que o livre pensamento e a tolerância, tema da

⁷²⁴ Na interpretação de Monte, foi Cristo quem mais estimulou o pensamento produtivo, a partir da defesa firme de suas ideias.

conferência de Antônio Pinto de Medeiros e da *Carta* de Lourenço Branco, não se coadunavam com as necessidades coletivas, Monte (2001. p. 394-396, grifos nossos) conclui o texto da seguinte forma:

Eis por que, nesta época de atitudes marcantes e decisões imediatas, não atinamos com o sentido desse receio para o liberalismo e desse apelo insistente aos entibiados padroeiros do livre pensamento. Nada fizeram, nada consumiram; muito ao invés, se comprazem, hoje, de atirar para o céu as cinzas quentes das fogueiras, que atearam em sua passagem. A decisão, a energia, a renúncia e o espírito de sacrifício, que a hora presente está a exigir de nós, não podemos encontrar nas idéias nebulosas desses literatos travestidos em filósofos. Senão, ouçamos a voz oracular de Voltaire. 'É necessário mentir como um demônio; não timidamente, nem apenas vez ou outra, mas desaforadamente e sem cessar. Menti, amigos, menti. Oportunamente por vós farei outro tanto'. Assim falou Voltaire, o mais congruente de todos os livres pensadores! **Magnífico programa!**

Cinco dias depois da publicação do texto de Monte, em 1 de agosto de 1943, Lourenço Branco escreveu, mais uma vez, no jornal *A República*. Neste artigo, intitulado *Ainda Antônio Pinto de Medeiros*, ele retoma a conferência de Antônio Pinto de Medeiros e rebate sarcasticamente o texto *Intolerância e Intolerantes*, escrito por Monte. Recorrendo à estratégia de retomar o diálogo com Antônio Pinto de Medeiros, Branco se refere, de modo claro, ao texto de Monte, sem citar o nome de seu opositor:

Medeiros, tu és Teimoso.

Eis aqui o que não escrevi em minha carta aberta e tu andas dizendo por aí que eu afirmei:

-- **Não discuti ciência nem religião.** Dei somente minha **opinião em assuntos de arte literária.** Sabes muito bem que **a arte é a idealização da realidade.** Para compreendê-la é necessário certa sensibilidade que dificilmente se adquire, mas que pode ser desenvolvida quando vem do berço. Surge, então, o imenso e puro prazer que resulta do exame das obras de arte.

-- Não ataquei nem ofendi a ninguém. Não menti. Não disse desaforos. Também não afirmei a monstruosidade de que verdades científicas demonstráveis sejam discutidas.

Quem duvidar do teorema de Pitágoras, das leis de Kepler ou da equação dos movimentos vibratórios é ridículo como aquele monge que acreditou ser possível um boi voar só porque outros monges o afirmaram.

Cândido deve ter morrido em Constantinopla, plantando couves. Depois a que eu saiba, não nasceu outro Cândido.

-- Não acredito que seja possível um retrocesso no liberalismo. **Ao verdadeiro liberalismo estamos chegando agora e, então seremos inflexíveis em princípio, mas tolerante de fato.**

Mas, em ciência não haverá liberalismo nem tolerância porque os dogmas científicos provêm de observação e de experiência e são, portanto, perfeitamente demonstráveis.

Uma vez no Tibete, quase me enforcaram porque não acreditei que o espírito do recém-morto Dalai-Lama se tivesse encarnado em uma criança que os

sacerdotes escolheram por processos misteriosos. Consideravam-me perigoso, chamaram-me ignorante e achavam que eu os tinha ofendido. É possível que tivessem razão; **julgavam-se possuidores da verdade e deviam ser intolerantes** (MONTE, 2001. p. 402-403, grifos nossos).

Apesar de parecer estar se referindo a Antônio Pinto de Medeiros, Branco está, indiretamente, se referindo ao artigo *Intolerância e Intolerantes*, escrito por Monte, o que pode ser constatado nas menções feitas a algumas inverdades que haviam sido publicadas sobre a *Carta* que ele escrevera ao conferencista. Como já apontado neste trabalho, quem escreveu um texto sobre a *Carta* foi Monte e não Medeiros, o que comprova que o texto de Lourenço Branco é, de fato, uma crítica a Monte.

De acordo com Branco, três eram as mentiras que Monte havia criado sobre a *Carta*: a primeira dizia respeito ao fato de que, nesse documento, não havia uma discussão sobre ciência e nem sobre religião; a segunda se referia à ideia de que não há nenhuma ofensa, mentira ou desaforo em relação às verdades científicas; e, finalmente, a terceira explicitava que, no documento, não foi estabelecida nenhuma relação entre ciência e tolerância, uma vez que os dados científicos resultam de observação e experiência. Sob esta perspectiva, Monte havia desvirtuado o sentido do debate, uma vez que o tema central da conferência havia sido as ideias de Anatole France e como o escritor francês pensava a tolerância, enquanto Monte, em seu texto, havia afirmado que a tolerância se relacionava com a ausência de princípios científicos.

O que os argumentos de Lourenço Branco evidenciam é que a tolerância em pauta não levava em discussão a questão científica, nem religiosa, ainda que o ceticismo – mesmo do ponto de vista literário - pudesse criticar os dogmas religiosos. A ideia defendida por Anatole France, Lourenço Branco e Antônio Pinto de Medeiros não era uma simples crítica à Igreja Católica, mas, sim, uma crítica à imposição de dogmas como valores universais. Sendo assim, o tenente-veterinário escreveu sobre literatura, e Monte, em sua reação à *Carta*, recorreu a elementos da ciência, desvirtuando a essência da conferência e não avançando na discussão literária sobre a tolerância.

Lourenço Branco acrescentou que a tolerância por ele abordada não implicava no descrédito do conhecimento científico comprovado, dizendo respeito às questões sociais e humanas, que se relacionavam com o campo da literatura. Ao final do artigo, afirmou que os princípios científicos comprovados são inflexíveis, mas, nos casos em que existem interpretações divergentes, as interpretações de fatos e dogmas, que não estão fixadas em comprovações científicas, devem ser toleradas. Para evidenciar sua percepção sobre a ciência, o tenente apresentou o seguinte exemplo:

-- Acredito firmemente nos seguintes postulados: -- A luz foi criada antes do sol, isto é, antes de qualquer corpo luminoso. Isto não está de acordo com a Física, mas é a Física que não está certa. No primeiro dia, criou-se a luz. -- **Josué mandou parar o sol e o sol parou. A ordem era mesmo inútil, porque o sol sempre esteve parado em relação à terra. O que Josué não pôde foi tapar o sol com uma peneira ...**

Há, ainda, mais coisas em que eu acredito, porque são obscuras, **quia absurdum**, mas não convém tocar nelas agora (MONTE, 2001. p. 403, grifos nossos).

Como se pode constatar acima, para Branco uma descoberta científica podia ser refutada a partir de novas descobertas, pois a ciência não era um dogma e os dogmas não eram científicos. O tenente lembrou que na Bíblia, Josué mandou parar o sol e o sol parou.⁷²⁵ Entretanto, não foi a ordem de Josué que fez o sol parar, mas o fato de que o sol estava parado em relação à terra. Isso significa que a discussão em torno de Josué não pode ficar circunscrita a uma afirmação bíblica, e que, para entendê-la, é necessário compreender a física. Após essas observações, Lourenço Branco concluiu o texto:

Mot de la fin: Encerro aqui o assunto. Não voltarei mais a ele. Toda polêmica é destrutiva e perturba o equilíbrio dos espíritos.

Tu és teimoso Medeiros.

Medeiros eu te peço, deixe-me em paz nesta vida.

Não acredito no Diabo e, por isso, não poderei ir para o céu:

Eu serei castigado na eternidade.

P.S. A **Ordem** inútil a que me refiro acima é a de Josué e não outra.

É preciso que isto fique bem claro (L. B.) (MONTE, 2001. p. 402-403, grifos nossos).

Em suas palavras finais, além de afirmar que não acreditava no Diabo e que, por isso, não poderia ir para o céu, Branco desdenha da polêmica iniciada por Monte, ao ressaltar que debater ou não debater com ele não traria qualquer consequência para sua vida. Sua crítica se mostrou ainda mais contundente na frase “A Ordem inútil a que me refiro acima é a de Josué e não outra”, na qual fez referência ao jornal *A Ordem*, descrevendo-o como um jornal inútil.

Em resposta ao artigo de Branco datado de 1 de agosto, Monte escreveu três textos que foram publicados, respectivamente, nos dias 2, 3 e 7 de agosto de 1943, no jornal *A Ordem*. No primeiro deles, intitulado *Depois de Longo e tenebroso...*, o padre afirmou que o tenente havia demorado demais para responder a seu artigo *Intolerância e intolerantes*, mesmo que isto não

⁷²⁵ O artigo *Pesquisadores encontram na Bíblia 'registro mais antigo de eclipse solar' - que pode ajudar a reescrever a história*, publicado no site da BBC Brasil em 7 de novembro de 2017, informou que as observações bíblicas de Josué poderiam se referir a um eclipse solar. Independentemente dessa informação, é possível inferir que, na afirmação de Josué, existe uma informação científica a ser analisada. Ou seja: a ciência não pode ser construída a partir da crença, ainda que ela possa ter alguma relação com a realidade (PESQUISADORES..., 2017).

proceda. *Intolerância e Intolerantes* foi divulgado na terça-feira, 27 de julho, e já no dia 1 de agosto de 1943, um domingo, Lourenço Branco publicou *Ainda Antônio Pinto de Medeiros*. Monte, aparentemente, necessitava de debates imediatos para que as polêmicas não arrefecessem. Provavelmente, é por essa razão que as suas respostas eram publicadas um ou dois dias depois dos textos dos seus adversários. Monte explicitava que a demora na resposta aos seus artigos resultava do conhecimento insuficiente do adversário. Nessa lógica, os textos de Monte seriam tão complexos que exigiriam que o adversário estudasse para construir sua defesa. Disto infere-se que o padre se apresentava como alguém que detinha conhecimentos variados e amplos e era capaz de responder rapidamente a qualquer questão. Todavia, isso não era necessariamente verdade, uma vez que os seus adversários não tinham a mesma facilidade para publicação.

Toda a primeira parte do texto do dia 2 de agosto é dedicada a aspectos externos ao debate, girando em torno da desqualificação de Branco, tanto pela utilização da ironia como recurso de debate, quanto pela forma equivocada de lidar com a polêmica, como se pode observar nesta passagem:

Depois de longo e tenebroso inverno, tivemos a resposta ao nosso artigo de terça-feira passada. Em evidente desnível com a cultura do ilustre articulista, é apenas um arrazoado de idéias sem unidade lógica; referia, porém, toda ela, de uma acrimoniosa ironia.

Hoje, mais do que nunca, ninguém se ilude. Todos acordam que **a ironia, mesmo fina e delicada, não passa de um bordão mal seguro para os que se aventuram pela estrada árdua e perigosa das escaramuças dialéticas. Polêmica, antes ele tudo, é a arte que nos habilita ao manejo seguro dos argumentos, à conscienciosa discussão das idéias e a defesa desinteressada da verdade.** Como arte de fazer rir, a polêmica já entrou na fase lisonjeira de irremediável descrédito.

Reconhece como legítimo tão-somente o testemunho sereno da verdade, dentro do esquema lógico duma argumentação sisuda. Fora disso, ela pode oferecer um espetáculo impressionante dum bombardeio concentrado: mas, na realidade, pouco vai além de uma inofensiva salva de festim.

Em vez de se trazer respostas incisivas, o articulista de ontem se perde no nevoeiro acrimonioso de divagações irônicas e de patéticas invocações sentimentais, salpicadas de objeções sedições e bolorentas. Evitar o ataque frontal para se expor as possíveis decepções de um movimento amplo de envolvimento dos objetivos visados, pode resultar proveitoso e eficiente em assuntos de técnica militar. Nas lides das idéias, tal proceder é, quase sempre, índice de inóipia de argumentos adequados e eficazes. **A polêmica é, por natureza, uma luta de posições. Nela predomina o sistema de terra arrasada** (MONTE, 2001. p. 404, grifos nossos).

Ante aos golpes de uma argumentação pertinaz e concentrada não se pulverizam um por um os objetivos visados, aos contendores não lhes assiste o direito de abrir novas frentes,

de lançar na luta novos efetivos de objeções e de idéias. Não foi, infelizmente, assim que agiu o nosso ilustre contendor. Senão vejamos (MONTE, 2001. p. 404, grifos nossos).

Para Monte, Branco havia utilizado inadequadamente a ironia como estratégia em uma polêmica, uma vez que o humor era um recurso antiquado, inofensivo e que servia apenas como uma “salva de festim”. Sob esta perspectiva, o tenente havia empregado a ironia para fugir do debate, por não possuir argumentos sólidos, razão pela qual havia trazido novos elementos, o que não é aceitável em uma polêmica séria. Cabe, no entanto, lembrar que Monte também recorreu à ironia e apresentou novos elementos, sem que isto fosse considerado nas críticas feitas a Branco. Na sequência, Monte apresentou o que considerava serem as suas ideias e as teses do seu adversário:

Em nosso artigo anterior afirmamos:

1º - Que a Igreja, julgando-se possuidora da verdade, tem o direito irrecusável de ser intransigente naquilo que concerne a defesa desta verdade.

2º - Que é muito para estranhar a desoladora esterilidade do livre pensamento, nas ciências e nas obras de beneficência e de ação social.

3º - Que o clímax da intolerância se verifica incongruentemente entre os mais autorizados propugnadores da tolerância. Diante do que foi afirmado, a atitude lógica do ilustre articulista poderia ser dupla: concordar, ou discordar em parte ou no todo. Se concordar *tollitur quaestio*, está encerrada a questão. Se, porém, não concorda, **incumbe-lhe o dever de provar que, contrariamente ao que afirmamos:**

1º - Embora possuidora da verdade, à Igreja não lhe assiste o direito de intolerância doutrinal;

2º - As ciências e as instituições de beneficências e de ação social devem muito à fecundidade operante dos livres pensadores professos;

3º - Os incansáveis paladinos da tolerância são exemplos vivos da virtude que apregoam (MONTE, 2001. p. 404, grifos nossos).

Vale lembrar que em seu texto anterior, Monte havia defendido três grandes teses: o direito da Igreja de ser intolerante; a inútil contribuição dos livres-pensadores para as ciências e para as instituições de beneficência e de ação social, e que a intolerância se fazia presente nas ações dos que defendiam a tolerância. Para o padre, o tenente-veterinário, por ser contrário às suas teses, deveria ter apresentado provas de que a Igreja não tinha direito à intolerância; que os livres pensadores apresentavam grandes contribuições para a ciência e para as instituições sociais; e, finalmente, que os defensores da tolerância possuíam práticas coerentes com as ideias que defendiam.

Desta consideração feita por Monte, observa-se que ele não só havia definido estilo, mas também o conteúdo que deveria ser abordado por seu adversário. Todavia, o próprio Lourenço Branco já havia afirmado que “Toda polêmica é destrutiva e perturba o equilíbrio dos espíritos” (MONTE, 2001. p. 402), o que deixa evidente que ele não estava interessado nas

polêmicas com Monte e nem nas regras propostas pelo religioso para o debate. Na sequência, Padre Monte retomou a ideia de que Branco trazia afirmações imprecisas e que buscava fugir do tema recorrendo a ironias:

Deixando intactas todas essas linhas de defesa ensaiam a um movimento de contorno, **protegido pela cortina de fumaça de afirmações imprecisas e de insinuações veladas, garantidora de uma possível retirada estratégica.** Sem o menor vislumbre de prova, volve apressadamente a diluir lugares-comuns, no intuito evidente de armar efeito... de retórica.

As discordâncias da cosmogonia mosaica, a velha questão do geocentrismo, a ordem inútil de Josué, a parada do sol... devidamente aliviadas da poeira secular, em que jazem plena e satisfatoriamente resolvidas se apresentam novas em folha como argumentos vitoriosos, de primeira mão. De início, **procura insinuar que à ciência e não à Igreja devem caber os direitos acuteladores da intolerância doutrinal,** porque somente as verdades científicas comportam uma demonstração experimental. Isto, porém, lamentavelmente, envolve uma dupla injustiça. Primeiro, porque certas verdades, por serem metafísicas, não deixam de ser verdadeiras. Diremos mais: toda verdade, experimentalmente demonstrada, em última análise supõe uma outra verdade não demonstrável pela experiência; uma verdade metafísica, portanto. Depois, porque, há verdades experimentais que não poderão ser experimentalmente comprovadas. Bastaria recordar toda a maravilhosa estrutura da Física moderna se fundamenta na existência do éter, hipótese que jamais poderá receber uma confirmação direta e experimental. Todo o encadeamento lógico da Geometria de Euclides se firma, em última instância, em princípios indemonstráveis. Vê-se, então, sem esforço, que as verdades em cuja defesa a Igreja se mostra intransigente, não precisam necessariamente de uma sanção experimental para serem verdadeiras. Mas, o nosso contendor vai mais além. **Visando demonstrar que a Igreja, não obstante julgar-se possuidora da verdade, pode pagar pesado tributo à fiabilidade e ao erro, tem um argumento, que é um verdadeiro malabarismo dialético.** As premissas estão jeitosamente dissimuladas; e a conclusão procura se ocultar sob espessa e cuidadosa camouflagem. Ouçamos a voz autorizada do argumento concludente.

Julgando-se possuidores da verdade, os habitantes do Tibet, intolerantemente impingem como verdades, erros grosseiros e pueris, qual seja a metempsicose do espírito do Dalai-Lama no corpo de uma criança escolhida por processos misteriosos e cabalísticos. Ora, à semelhança dos ingênuos moradores do Tibet, a Igreja também (?) possui a verdade. Logo ... como os tibetanos, a Igreja pode incidir em erros grosseiros e pueris! **Argumento como esse poderia ter a vantagem de lembrar aos leitores desavisados que o articulista conhece as regiões alterosas do Tibet; jamais, porém chegará a convencer os mais ingênuos e desprevenido entre eles que a Igreja erra porque os tibetanos erraram!** Para se chegar à ocultação da ironia e do sarcasmo, ter se [sic] apontem os erros em defesa dos quais ela tem se mostrado tão desassombadamente intransigente, julgando servir aos interesses supremos da verdade (MONTE, 2001. p. 405, grifos nossos).

No trecho acima, observa-se que Monte considerou que as discussões de sobre o geocentrismo e as interpretações da Bíblia relativas às observações de Josué sobre o sol já

havam sido resolvidas plenamente e que não se constituíam em nenhuma novidade. Além disso, Monte manifestou sua discordância em relação ao posicionamento de Branco, para quem a Igreja Católica não deveria ser intolerante, mas que a ciência poderia ser, uma vez que o conhecimento científico era comprovável experimentalmente, reiterando que verdades podem não ser demonstráveis experimentalmente.

A fim de demonstrar os equívocos do tenente, Monte retomou o texto *Ainda Antônio Pinto de Medeiros*, sobretudo o argumento de que a Igreja Católica, assim como os moradores do Tibete poderiam cometer erros ingênuos por acreditarem em fatos sem comprovação. Para o padre, esta comparação era inadequada, uma vez que:

O ilustre articulista, porém, preferiu ao trabalho penoso de uma argumentação paciente e documentada, o comodismo enervante das objeções em massa, protegidas por uma nuvem de ocultação de ironia e de sarcasmo.

Na faina ingrata de conciliar o ridículo sobre verdades venerandas, merecedoras de maior consideração e respeito, numa proclamação enfática, simuladora de uma profissão de fé, ainda acredito firmemente que a luz foi criada antes do sol. Mas, será que ele esteja mesmo convencido de que está fazendo ironia?

É de pasmar-se que em pleno século vinte se procure ainda vincular necessariamente a existência da luz à pré-existência de um corpo luminoso. **Todas as modernas teorias cosmogônicas, todas sem discrepância, desde as primitivas hipóteses de Kant, Wrigth, Braunn e Laplace até as mais recentes teorias de Lockeyer, Zender e Moreaux proclamam que a luz existiu antes do sol;** antes mesmo da existência de qualquer astro luminoso. A gênese da luz, assim no-lo atesta o veredictum inapelável da ciência, não está vinculada à existência da fonte alguma luminosa. Em linhas gerais, todos admitem para a luz uma origem comum: a condensação da matéria cósmica. Pela contração dos núcleos de condensação é que esse material cósmico, frio e apagado, chegou à incandescência, tomando-se luminoso. Houve, pois, um tempo em que o filamento esteve inundado de luz, sem que houvesse nem sol, nem astros, nem estrelas.

As chamadas nebulosas negras são, ainda hoje, outros tantos mundos apagados em via de se transformarem em mundos incandescentes. Não se arreceie, portanto, o nosso ilustre contendor de afirmar sem ironias e dentro dos mais rígidos cânones da certeza científica: acredito firmemente que a luz foi criada antes do sol (MONTE, 2001. p. 405-406, grifos nossos).

Como se pode observar, mais uma vez, Monte acusa Branco de comodista, irônico e sarcástico, ao afirmar que a luz foi criada antes do sol. Entretanto, considero que o uso da ironia não se limita a esta afirmação isolada. Inicialmente, Lourenço Branco afirmou que “a luz nasceu antes do sol” e que “essa sentença não estava (ou poderia não estar) de acordo com Física (que é uma ciência), se caracterizando, assim, um erro da Física (da ciência)”. Creio ser possível supor que ele pretendesse ironizar o fato de que, à luz da Igreja Católica, as informações, mesmo

comprovadas cientificamente, poderiam apresentar falhas. A ideia alvo de ironia era a de que a ciência não era capaz de construir uma verdade.

Em seguida, Lourenço Branco afirmou que “Josué mandou parar o sol e o sol parou”. Aqui parece existir, mais uma vez, o uso da ironia, uma vez que a Bíblia, mesmo sem comprovação, pode transformar uma afirmação equivocada em uma verdade inquestionável. Nesses termos, a ciência pode se equivocar, mas a Bíblia jamais conteria um erro. Portanto, Josué pode até ter mandado o sol parar, mas Deus (ser supremo e criador do “design inteligente”) já havia providenciado tudo. A inutilidade da ordem estaria na determinação divina do universo. Na continuidade, ele afirma: “O que Josué não pôde foi tapar o sol com uma peneira”, referindo-se ao fato de que o texto bíblico jamais poderia ser superior aos resultados dos experimentos científicos. Monte, no entanto, deteve-se apenas em rebater a afirmação de que “a luz nasceu antes do sol”, não abordando as outras observações feitas por Branco.

Em 3 de agosto de 1943, Monte publicou o segundo artigo em resposta ao texto *Ainda Antônio Pinto de Medeiros*, de Lourenço Branco. Nele, continuou tentando justificar a afirmação de que Josué ordenou que o sol parasse, do que se deduz que não estava satisfeito ou convencido de ter respondido adequadamente à ironia de Lourenço Branco. Monte procurou, então, explicar as circunstâncias em que Josué pronunciou a sua frase. Vale lembrar que esta passagem pode ser encontrada no *capítulo 10 do Livro de Josué*:

¹ E sucedeu que, ouvindo Adoni-Zedeque, rei de Jerusalém, que Josué tomara a Ai, e a tinha destruído totalmente, e fizera a Ai, e ao seu rei, como tinha feito a Jericó e ao seu rei, e que os moradores de Gibeom fizeram paz com os israelitas, e estavam no meio deles,

² Temeram muito, porque Gibeom era uma cidade grande, como uma das cidades reais, e ainda maior do que Ai, e todos os seus homens valentes.

³ Pelo que Adoni-Zedeque, rei de Jerusalém, enviou a Hoão, rei de Hebrom, e a Pirão, rei de Jarmute, e a Jafia, rei de Laquis e a Debir, rei de Eglom, dizendo:

⁴ Subi a mim, e ajudai-me, e fírmos a Gibeom, porquanto fez paz com Josué e com os filhos de Israel.

⁵ Então se ajuntaram, e subiram cinco reis dos amorreus, o rei de Jerusalém, o rei de Hebrom, o rei de Jarmute, o rei de Laquis, o rei de Eglom, eles e todos os seus exércitos; e sitiaram a Gibeom e pelejaram contra ela.

⁶ Enviaram, pois, os homens de Gibeom a Josué, ao arraial de Gilgal, dizendo: Não retires as tuas mãos de teus servos; sobe apressadamente a nós, e livra-nos e ajuda-nos, porquanto todos os reis dos amorreus, que habitam na montanha, se ajuntaram contra nós.

⁷ Então subiu Josué, de Gilgal, ele e toda a gente de guerra com ele, e todos os homens valorosos.

⁸ E o Senhor disse a Josué: Não os temas, porque os tenho dado na tua mão; nenhum deles te poderá resistir.

⁹ E Josué lhes sobreveio de repente, porque toda a noite veio subindo desde Gilgal.

¹⁰ E o Senhor os conturbou diante de Israel, e os feriu com grande matança em Gibeom; e perseguiu-os pelo caminho que sobe a Bete-Horom, e feriu-os até Azeca e a Maqedá.

¹¹ E sucedeu que fugindo eles de diante de Israel, à descida de Bete-Horom, o Senhor lançou sobre eles, do céu, grandes pedras, até Azeca, e morreram; e foram muitos mais os que morreram das pedras da saraiva do que os que os filhos de Israel mataram à espada.

¹² **Então Josué falou ao Senhor, no dia em que o Senhor deu os amorreus nas mãos dos filhos de Israel, e disse na presença dos israelitas: Sol, detém-te em Gibeão, e tu, lua, no vale de Aijalom.**⁷²⁶

¹³ E o sol se deteve, e a lua parou, até que o povo se vingou de seus inimigos. Isto não está escrito no livro de Jasher?⁷²⁷ O sol, pois, se deteve no meio do céu, e não se apressou a pôr-se, quase um dia inteiro.

¹⁴ E não houve dia semelhante a este, nem antes nem depois dele, ouvindo o Senhor assim a voz de um homem; porque o Senhor pelejava por Israel.

¹⁵ E voltou Josué, e todo o Israel com ele, ao arraial, em Gilgal. (Js. 10, 1-15, grifos nossos).

Na Bíblia, Josué aparece como sucessor de Moisés, que havia conduzido o povo de Israel até a entrada da Terra Prometida: Canaã. Como Moisés faleceu antes de entrar em Canaã, coube a Josué, na condição de estrategista militar e seguidor de Deus, comandar a entrada dos Israelitas em Canaã. Esse trecho bíblico narra uma parte da conquista de Canaã por Josué, uma vez que, ao chegar à Terra Prometida, vários povos já habitavam o local. Uma das primeiras ações de Josué foi tomar as cidades de Ai e Jericó, e, com medo de suas ações, Gibeão, uma das maiores cidades da região, celebrou um acordo de paz, que levou os amorreus⁷²⁸ a planejarem atacá-lo.

Ao serem atacados, os gibeonitas pediram socorro a Josué, que estava em Gilgal. Este, então, partiu de Gilgal com os militares israelitas para socorrer Gibeão. Antecedendo a batalha, segundo o texto bíblico, o Senhor teria dito a Josué para não temer os seus adversários, uma vez que ele sairia vencedor. Para a batalha, Josué e o seu povo viajaram à noite para surpreender os amorreus ao arraiar do dia. Os israelitas foram avançando e os povos inimigos foram recuando. Os Amorreus, então, fugiram dos israelitas em direção à Bete-Horom. O Senhor, em apoio aos israelitas, fez cair uma chuva de pedras, que teria matado mais amorreus do que a

⁷²⁶ As traduções bíblicas são muitas, isso explica a razão para que a citação de Monte e de Lourenço Branco sobre a ordem de Josué seja um pouco diferente da citação presente na tradução que escolhi.

⁷²⁷ *O Livro de Jasher* (ou *Jashar*), também conhecido como *Livro dos Retos* ou ainda como *Livro dos Justos*, é um livro mencionado na Bíblia Hebraica, mas não possui o status de canônico. Esse livro é mencionado duas vezes: no livro de Josué, capítulo 10, versículo 13 e no Segundo Livro de Samuel, capítulo 1, versículo 18.

⁷²⁸ Os *amorreus* já habitavam Canaã antes dos israelitas chegarem ao local. Na Bíblia, os amorreus, em algumas passagens, aparecem como opositores dos israelitas e aliados de outros povos e, outras vezes, como povos pagãos que habitavam a Palestina em geral. Posteriormente, os amorreus entraram no sul da Babilônia e fundaram vilas e cidades. Um dos mais poderosos reis dos amoritas foi Hamurábi (CONEGERO, [2021?]).

espada dos filhos de Israel. Com os amorreus praticamente vencidos, Josué precisava de luz para terminar a batalha. É nesse contexto que ordena que o sol e a lua se detenham.

Assim, no texto escrito no dia 3 de agosto de 1943, intitulado *Ordem, que não foi inútil*, Monte retomou o debate, escrevendo o segundo texto sobre a ordem dada por Josué ao sol. Para Monte, aquela ação de Josué não conflitava com os princípios da ciência, nem com a convicção da fé. Segundo Monte (2001. p. 407, grifos nossos),

Quando Josué mandou parar o sol, que declinava para lados do vale de Gibeão, não fez nem entendeu fazer uma profissão de fé na estabilidade da terra e na mobilidade do sol. Da sua mente, absorvida nas aperturas da peleja, bem longe estava a ideia de uma concepção geocêntrica.

Dirigindo-se ao sol, falou-lhe a única linguagem possível, e logicamente inteligível, linguagem tanto do vulgo quanto dos sábios.

Todos os astrônomos dizem desassombadamente, e isto sem abjurar suas convicções heliocêntricas: o sol se levanta, o sol se põe, o sol passa pelo meridiano, o sol culmina, o sol atinge o ponto venal, o sol corta a eclíptica, o sol cruza o plano equatorial.

E todos eles sabem que, em relação à terra, o sol é uma estrela fixa.

O que Josué disse do sol, dizem ainda hoje os sábios de todos os planetas, de todas as nebulosas, de todas as estrelas.

Na citação, é interessante observar que Monte interpretou que os princípios aceitos pela ciência estavam presentes na ordem de Josué. Para ele, Josué, com a sua afirmação, não se alinhava ao geocentrismo e usava uma terminologia semelhante à dos físicos dos anos 1940. Nesse sentido, ao ordenar que o sol parasse, Josué não imaginava que o sol fosse parar efetivamente, porquanto tratava-se de um problema com a linguagem utilizada por Josué para explicar o fenômeno. Entretanto, permanece a questão sobre as razões que teriam levado Josué a ordenar a parada do sol. O que, efetivamente, Josué queria com aquela ordem, que, segundo Monte, era apenas uma força de expressão? Tentando desenvolver seu argumento, Monte (2001. p. 407, grifos nossos) afirmou ainda:

Se o valoroso general de Israel, na ânsia de retardar, o movimento diurno da terra, tivesse exclamado: terra firme imóvel, nenhum dos seus soldados teria entendido linguagem tão estranha e absurda. Mesmo no século enfatuated em que vivemos, tal linguagem seria ainda hoje não menos inexpressiva e arbitrária. Espontaneamente, diríamos melhor.

Automaticamente somos compelidos a atribuir ao sol efeitos visíveis do movimento diurno da terra. Isto tem a sua razão causal no mecanismo da percepção do movimento relativo, a qual se acha integrada nas estratificações da nossa estrutura psico-sensorial. O exame pausado e refletido da questão leva-nos sem esforço à conclusão bem diferente daquela a que **chegaram apressadamente os impenitentes desfiguradores das verdades religiosas.** A expressão de Josué, portanto, mandando parar o sol, é justa, precisa e científica; tão justa que hoje ainda, não encontrou melhor fórmula para

exprimir a mesma idéia. Se dizendo **Sta sol, et stet sol** [pare o sol, e o sol parou], as Escrituras alimentaram o erro crasso da terra imóvel e do sol em movimento, em erro não menos grosseiro incidiram e incidem ainda os astrônomos mais eminentes; por analogia é a linguagem, que empregam, para significar os mesmos efeitos. Mas, **convenhamos que Josué estivesse plenamente convencido da certeza da teoria geocêntrica.**

Pela citação, o que se observa é que Monte não estava interessado em discutir que fenômeno físico teria acontecido quando Josué mandou que o sol parasse. A preocupação esboçada pelo religioso é simplesmente entender o sentido da frase de Josué, ou seja: para Monte, Josué, na condição de comandante militar, deu uma ordem para que fosse compreendida pelos seus subordinados. Nesse sentido, tal como se afirma ainda hoje que o sol nasceu ou o sol se pôs, ele usou a expressão pare o sol. Para Monte, a lógica de Josué é semelhante ao que ainda hoje afirmamos: se estivermos na terra e olharmos para o sol, a sensação que teremos é de que o sol se move e que a terra está parada. Ainda que essa sensação seja equivocada, ela é comumente usada quando tentamos explicar situações concretas. Portanto, Monte quis simplesmente afirmar que a ordem de Josué para o sol é simplesmente uma força de expressão. Se a questão de Monte era explicar o sentido da frase expressa por Josué e demonstrar que a frase não era científica, os seus argumentos permanecem concentrados no uso da expressão, como pode ser visto no texto a seguir:

Posto isto, **perguntamos nós: que argumentos comprometedores se poderia disto inferir contra as verdades reveladas?** Nenhum; nem contra Josué, nem contra as Escrituras, nem contra a Igreja. **Não seria desairoso para Josué, porque, como qualquer cidadão instruído, deveria refletir os ensinamentos vigentes na época, em que viveu.** Quanto o que é atinente às Escrituras todos acordam que Moisés e os outros autores sagrados nem tiveram nem podiam ter em mira escrever um tratado de ensinamentos cosmogônicos; mas, de verdades religiosas, tão-somente. Os capítulos primeiros do Gênese, visavam, com o ensinamento de um só Deus Criador, profligar o politeísmo grosseiro dos Egípcios e Babilônios, que adoravam como deuses, o sol, a lua, as estrelas, plantas e animais. **Procurar, pois, nas Escrituras Sagradas, a justeza de expressão exigida na exposição de teorias cosmogônicas, equivaleria a pesquisar os fundamentos da teoria da relatividade em um tratado de Direito Penal** (MONTE, 2001. p. 407-408, grifos nossos).

Para o padre, o fato de Josué ter mandado o sol parar não afetava a verdade das Sagradas Escrituras, uma vez que mesmo os mais instruídos físicos poderiam usar a mesma linguagem para explicar o fenômeno para um leigo. Mas, se os escritos bíblicos não eram manuais didáticos de ciências, traziam verdades divinas que, sob a perspectiva de Monte, eram compatíveis com a ciência. Monte ressalta, ainda, que o Livro de Josué tinha como objetivo

destruir o politeísmo, vigente entre os egípcios e babilônios, que adoravam o sol, a lua e outras estrelas, o que poderia explicar a forma como Josué se dirigiu ao sol.

Monte reitera, também, que a Igreja Católica não tinha nada a temer com relação às descobertas científicas, em geral, e ao heliocentrismo, em particular, como pode ser identificado na conclusão do seu texto:

Finalmente, **a Igreja nada teria que temer**. Após das lentes esfumadas dos preconceitos não poucos enxergam na história do sistema heliocêntrico para a Igreja ao que tão despachadamente chegam a essa conclusão apressada bastaria lembrar que:

1º - Durante todo o período da Idade Média um único homem rejeitou o sistema de Ptolomeu negando que a terra é o centro imóvel do universo. Este homem foi o **cardeal Nicolau de Cusa** (1401).

2º - O sistema heliocêntrico se deve a Nicolau Copérnico, cônego de Fraumburgo, cujas obras magistrais foram dedicadas ao papa Paulo III - (1543).

E, se no começo, a igreja demonstrou uma prudente reserva em aceitar o ensino oficial do novo sistema, foi por razões bem óbvias, que ressaltam ao olhar menos experimentado.

É que o sistema heliocêntrico por muitos anos foi uma hipótese engenhosa e genial, mas sem o arrimo imprescindível dos fatos. **Apesar da maravilhosa intuição e da extraordinária pertinácia, Copérnico não pôde dar uma só prova experimental da veracidade do seu sistema**. E, nesse estado de cousas, perdurou por muito tempo. **As provas físico-mecânicas da rotação e as provas físico-ópticas da revolução da terra vieram séculos depois. As primeiras das provas mecânicas, pelo aumento do peso absoluto dos corpos em direção aos pólos, foi encontrada somente no século 17**. A primeira prova positiva do movimento de revolução, pela aberração da luz, foi descoberta por Brandly, já no século 18. Somente no século passado é que a prova da aberração foi confirmada pelas provas da velocidade da luz e da paralaxe anual das estrelas fixas. Demais, Copérnico atribuía aos planetas órbitas circulares, quando na realidade a posição do sol é excêntrica em relação ao sistema. Disto, resultavam discordância entre as previsões teóricas calculadas pela nova teoria e, as verificadas na prática. Para remediar tais discordâncias, teve que recorrer a hipótese dos epiciclos de Ptolomeu. Sem a correção dos epiciclos o sistema de Copérnico dava resultados menos exatos que o sistema geocêntrico! Daí a resistência natural, que o novo sistema encontrou enquanto não apareceram as primeiras provas positivas de sua veracidade, e a correção do defeito geométrico das órbitas planetárias. Assim, **em conclusão, a ordem de Josué soube ser legítima, justa e precisa, não acarretou complicação nem para si mesmo, nem para as Escrituras, nem para a Igreja**. A ordem de Josué foi uma ordem que não foi inútil (MONTE, 2001. p. 407-408, grifos nossos).

No que se referia, especificamente, à teoria do heliocentrismo, Monte destacou o papel desempenhado por membros da Igreja, como o Cardeal Nicolau de Cusa e o Cônego Nicolau Copérnico, na fundamentação desta teoria. Sendo assim, não só a linguagem utilizada por Josué

havia sido adequada para os seus propósitos, como adequada era a linguagem da Sagrada Escritura em qualquer mensagem que transmitisse.

Em 7 de agosto de 1943, Monte escreveu o terceiro e último texto, intitulado *E a terra poderia parar?*, no qual retomava a ordem dada por Josué e respondia a Lourenço Branco. No seu escrito conclusivo sobre o tema, Monte abordou, especificamente, três questões. Inicialmente, discutiu a teoria de um cientista (Sturm⁷²⁹), para evidenciar que essa teoria estava equivocada. Em seguida, analisou, à luz da ciência, a tese da paralisação do sol e, em finalmente, afirmou que, ainda, não tinha esgotado suficientemente a questão em torno da ordem de Josué.

O ponto de partida usado por Monte para analisar a ordem dada por Josué foram as ideias defendidas por Sturm, para quem seria impossível que o fenômeno narrado na Bíblia efetivamente acontecesse:

Ao que eu saiba, Sturm, membro do Instituto de França, autor de notável Curso de Análise, da E. Politécnica, foi o primeiro a enxergar uma impossibilidade física no fato miraculoso de Josué. Se a terra, afirma ele, fosse tolhida no seu movimento de revolução, todos os corpos jacentes na sua superfície seriam violentamente lançados no espaço. Certamente, que sim. E isto em limites muito mais modestos, é um fato de observação costumeira. Todos nos sentimos fortemente impelidos para frente, nas paradas bruscas dos veículos, em que viajamos. Não me arreceio, mesmo de afirmar muito mais, ainda. Essa projeção violenta de corpos pelo espaço seria, no caso, a menor das calamidades, que pesariam sobre a terra. A maior desgraça teria que solver pesado o ominoso tributo. **Com os olhos curiosos da imaginação**, fundamentados, porém, na rigidez dos princípios energéticos, acompanhem as fases diversas desse insólito e calamitoso fenômeno. Vejamos. No momento em que a terra fosse freiada na sua carreira vertiginosa no curricullum, intérimo dos espaços, todos os corpos, vencendo a resistência centrípeta, seriam projetados violentamente. Uma vez atingida a velocidade tangencial, a imensa maioria deles cairia sobre a superfície lunar, como petardos animados de incrível velocidade, na fúria de um bombardeio concentrado e furioso. As águas de todos os mares, então finalmente vaporizadas, envolveriam a terra moribunda num agasalho nebuloso, irisado com as cores do espectro. Rompido que fosse o equilíbrio cinético, a lua, duramente martelada pelo bombardeio inesperado, oscilaria cambaleante e se precipitaria sobre a terra, numa queda vertiginosa e desamparada. À colisão terrível, a crosta não resistiria a esse impacto direto, cederia fragmentada, e pela cratera imensa esguicharia o sangue incandescente das entranhas magmáticas da terra. Incandescida pela violência do choque brutal, por momentos brilharia com uma luz vermelha enfumarada, num bruxulear efêmero de estrelas, que se apaga. Irmanada, então, nos horrores de mesmo cataclisma, terra e lua, como mariposas gigantes num voo suicida, se precipitariam em espiral na fogueira imensa do sol. Os planetas interiores

⁷²⁹ Provavelmente, trata-se do matemático francês Charles François Sturm (1803-1855) que, juntamente com Joseph Liouville (1809-1882), desenvolveu estudos matemáticos que contribuíram para fundamentar a mecânica quântica (Teoria Quântica ou Física Quântica).

veriam com assombro um novelo flamejante mergulhar no oceano das protuberâncias solares. Sacudidos em suas órbitas, davam-se por felizes não se acharem em conjunção com a terra, porque com ela seriam arrastados talvez pelo plano inclinado da mesma desgraça. O sol continuaria impassível e soberano; porque, dos bilhões de fragmentos desconjuntados, nenhum deles lhe atingiria, de leve, sequer, o núcleo solidificado. Lindas auroras boreais iluminariam os pólos de todos os planetas, tributários do sistema... Sturm teria razão; dizemos teria por que na realidade não a tem (MONTE, 2001. p. 409, grifos nossos).

Segundo Monte, Sturm teria sido o primeiro autor a construir uma teoria científica mostrando que teria sido impossível a execução da ordem de Josué. Para este cientista, se a terra parasse, tudo que existisse na superfície terrestre seria arremessado ao espaço, em razão da inércia (se um corpo está em movimento e sofre uma parada brusca, a tendência é que ele permaneça em movimento). Mas este seria o menor dos problemas, já que toda a água existente na Terra seria lançada para fora da atmosfera e seria vaporizada, ao sair da atmosfera terrestre. No momento em que a Terra parasse, a força que lançaria tudo ao espaço seria de uma magnitude tão arrebatadora que atingiria a Lua, que seria afetada com o bombardeio e cairia na Terra. O choque da Lua com a Terra atingiria o núcleo terrestre, e os magmas irromperiam, provocando grande destruição. Nessa situação, a Terra brilharia como uma estrela. Lua e Terra, juntas, sairiam da órbita e cairiam no Sol. O Sol, por sua vez, continuaria intacto, em razão da sua sólida estrutura. Auroras boreais seriam observadas em todos os planetas, em razão do choque da Terra com a Lua no Sol.

Entretanto, segundo Monte, Sturm teria analisado equivocadamente a possibilidade do fenômeno, como se a Terra pudesse ser tolhida no seu movimento de translação. Assim, se ele tivesse considerado a interpretação bíblica como uma fonte confiável, os seus estudos poderiam ter chegado a conclusões válidas. Neste caso, é importante destacar o fato de que Monte não apresentou os autores que leu para refutar as ideias de Sturm e nem as pesquisas empíricas que desenvolveu para fundamentar sua análise.

De acordo com o artigo, Monte chegou a imaginar o que poderia acontecer com a terra, caso houvesse uma parada do Sol: “Com os olhos curiosos da imaginação, fundamentados, porém, na rigidez dos princípios energéticos [...]” (MONTE, 2001. p. 409). Os efeitos da diminuição do movimento de rotação da terra foram detalhados da seguinte maneira:

E nisto se vê com tristeza até onde chega a ação lesiva dos preconceitos, mesmo sobre os espíritos mais aparentemente desapaixonados e enriquecidos da mais formosa cultura.

Ele, que seria capaz de ver muito mais além, não enxergou o que o mais modesto ginásiano veria com clareza. É que a sucessão dos dias e das noites

nada tem que ver com o movimento de revolução da terra! Os dias e as noites dependem do movimento de rotação, tão-só; as estações do ano é que são consequências do movimento de revolução!

Se para Sturm era a única impossibilidade, reconheçamos que não há impossibilidade alguma, em o sol ficar no horizonte, sobre o vale histórico de Gibeão. Mas, passemos adiante. A questão, aos olhos inquiridores de muitos, parecerá, apenas, deslocada; não porém resolvida. É de se interrogar; idênticas consequências catastróficas não poderiam advir para a terra, inibida que fosse no seu movimento de rotação - a terra molemente se inclinaria um tanto mais sobre o plano da eclíptica. Um observador não desprevenido postado no vale de Gibeão teria, então, presenciado um fenômeno singular, interessante, mas sem consequências imediatas sobre a terra; veria o sol prestes já a mergulhar no ocaso, animar-se de um movimento retrógrado subindo alguns graus do poente para o nascente. O que implicaria necessariamente uma duração mais para a claridade diurna, uma vez que retrogrado, o sol teria que, finalmente, perfazer mais de 180 graus, no período de um dia sideral. No hemisfério oposto, a noite se prolongaria tanto mais longa deveria ser quanto mais se afastasse do paralelo, que passasse pelo vale de Gibeão. A pressão atmosférica iria gradualmente aumentando, sem atingir, contudo, os limites da intolerância. Em virtude dessa compressão, as camadas atmosféricas se aqueceriam, adiabaticamente, provocando mudanças de posição entre as camadas quentes e frias. Uma ventania rija e persistente agitaria, então, as copas amarfanhadas dos salgueiros do vale, envolvendo-os numa nuvem de poeira. Grandes marés invadiriam as praias distantes, galgando por vezes as falésias. Em consequência da degradação da força centrífuga, verificar-se-ia um aumento no peso absoluto dos corpos. E, se os bravos guerreiros de Josué não estivessem tão absorvidos pelo ardor da peleja, teriam constatado que inexplicavelmente para eles, as armas se lhes haviam tornado mais pesadas, e que os seus próprios movimentos, no fluxo e refluxo da luta se executavam com maior dificuldade e menor presteza. E, assim, os outros todos fenômenos conseqüentes à inibição da terra em seu movimento diurno. Nada de catastrófico; de calamitoso, nada. Presume-se, pois, espontaneamente, que a parada do sol não é uma impossibilidade energética, enfim. Mas ... há sempre um mas em tudo que é humano, será sempre realizável aquilo que é possível? Restringindo. Não obstante possível, teria sido real aquela parada do movimento diurno da terra, o qual possibilitou o prolongamento do dia, no vale de Gibeão? É o que tentaremos verificar (MONTE, 2001. p. 409-410).

Monte afirmou que se ocorresse uma parada no movimento de rotação, jamais aconteceriam os efeitos catastróficos previstos por Sturm. Como consequência desse fenômeno, o eixo da Terra se deslocaria, ocasionando um aumento da pressão atmosférica e o deslocamento das massas de calor e de frio. Assim, seria possível a um observador, no vale do Gibeão, identificar o sol prestes a se pôr e, em seguida, observar um movimento de retorno do sol para a nascente. Como consequências, o dia seria ampliado no vale Gibeão e, no hemisfério oposto da Terra, a noite também seria mais longa; a pressão atmosférica aumentaria, mudando as posições das camadas quentes e frias; os ventos fortes provocariam grande agitação nas árvores e levantariam nuvens de poeira; as marés altas invadiriam a orla e atingiriam até as falésias; a diminuição da força centrífuga aumentaria o peso dos corpos. Na interpretação de

Monte, caso essa situação tivesse acontecido, os soldados de Josué teriam sentido as suas armas mais pesadas e os movimentos ficariam mais difíceis de serem realizados. Feitas essas considerações, ele reafirmou que, caso a ordem de Josué tivesse sido cumprida, não teriam havido catástrofes, nem calamidades, sendo, portanto, perfeitamente plausível a ocorrência dos fatos que foram relatados na Bíblia.

Lourenço Branco voltou a escrever, mas sobre outro tema, motivando novas discussões com Monte. As discussões sobre a ordem de Josué, no entanto, não foram retomadas. Pouco tempo depois, Monte adoeceu, vindo a falecer em fevereiro de 1944.

A 8 de agosto de 1943, Lourenço Branco escreveu no jornal *A República* um texto intitulado *A França voltará*, no qual exaltou a história, a literatura e a cultura francesas. Nele, Branco associou a França à liberdade, à tolerância e à democracia e, em seguida, declarou que o nazismo, que havia invadido Paris e violado todas as liberdades, seria derrotado, uma vez que uma cultura autoritária não se sustentaria no seio de um povo culturalmente livre. Reforçando que a superioridade francesa era inquestionável, Branco se dedicou a historicizá-la e a justificá-la:

Não vai longe o tempo em que ninguém discutia a superioridade, sob certos aspectos da língua e da cultura francesas. Herdeira direta da civilização greco-romana, a França foi o núcleo de condensação, a força de coesão do nosso mundo ocidental.

Como pôde acontecer isso? Evidentemente as qualidades próprias do povo, o caráter e a inteligência da população da antiga província gaulesa foram os fatores que agiram como força catalítica nessa reação que resultou do choque dos povos bárbaros com os latinos já cristianizados. Quando se deu a desagregação do I. Romano, a Gália foi o mais sólido, o mais compacto, o mais perfeito bloco dele resultante.

Pode-se sentir aí a origem da vocação social do povo francês cuja capital – Paris, sempre antena sensível a todas as correntes de ideias, a todos os anseios da Humanidade.

Victor Hugo afirma: ‘Paris é a França, é o ocidente, é o mundo’.

Todos os grandes espíritos medievais eram atraídos pela grande cidade cosmopolita, todos os rios do pensamento vinham concorrer ao Sena, no ‘Quartier Latin’, e daí prosseguiram revigorados e mais ativos. Com o fim da I. Média que se vinha caracterizando desde os fins do século⁷³⁰ pelo desaparecimento do domínio absoluto do regime teológico, Paris ainda foi a cidade, sagrada, onde através de opulenta literatura se preparou o advento do século XVIII, centena de anos que foi um dos momentos decisivos da história do espírito Humano (MONTE, 2001. p. 411).

Como se pode constatar a partir da leitura da citação acima, Lourenço Branco apresenta elementos teleológicos, uma vez que ele estabeleceu uma história de que a França já previa, desde as suas origens, o que iria acontecer no final do século XVIII. O autor ainda

⁷³⁰ Pelo texto, não consegui precisar a que século se refere o autor.

considerou que mesmo durante a Idade Média, quando o poder absoluto e teológico vigorava, a França havia se aberto para novas ideias. Deu, contudo, grande destaque às transformações que surgiriam no final do século XVIII, quando

Sentia-se qualquer coisa no ar. Algo novo ia surgir [...]. O papado perdera prestígio. Suas decisões, sua arbitragem de nada valiam no mundo novo que surgia. Isso é tão evidente que ainda hoje o vemos assistir impotente o mais terrível dos conflitos mundiais. Apesar de tudo, o regime seguido era o medieval com sua teocracia decadente. Os reis eram sagrados. Por pior que fossem eram delegados de Deus a Terra, tinham poder material outorgado pelo céu, pois era divina a origem dos governos. Ora, isso que, na idade média parecia lógico tornou-se, em breve, absurdo. Os reis se cercaram de nobreza inútil, envolta em fausto parasitário e o povo se viu cada vez mais roubado, sem direitos, sem honra, sem liberdade. Em geral, os que viviam bem na Terra, satisfeitos e garantidos, aconselhavam aos outros que esperassem pela vida eterna, onde os últimos seriam os primeiros. Tudo isso era belo, quando todo mundo acreditava em fábulas teológicas. Em breve, a filosofia, com base na ciência, começou a examinar os fundamentos dessa ordem social tão injusta, tão inexorável para os fracos. Coube ao século XVIII conduzido pela França, esclarecer definitivamente a Humanidade (MONTE, 2001. p. 411).

Pela citação, o que se evidencia é que Lourenço Branco considerava que, a partir do século XVIII, o papado, como instituição, havia perdido o seu prestígio e, conseqüentemente, o poder de arbitragem nos grandes conflitos internacionais. Nessa perspectiva, Lourenço Branco considerou que em razão dessa situação, nos anos 1940, o papado não tinha qualquer função diante dos conflitos, como a Segunda Guerra Mundial.

Para Lourenço Branco, ainda no início do século XVIII, mesmo que o papa não tivesse mais poder diante dos Estados e da sociedade civil, o poder dos reis ainda era considerado divino, uma vez que apenas nesse século começou a contestação dos Estados absolutistas. Diante da nobreza inútil e parasita, o povo passou a se perceber como desprovido de honra, de direitos e de liberdades. O discurso de que os pobres nessa terra ganhariam o reino dos céus perdia o sentido. As histórias teológicas deixavam de triunfar, pois a ciência passou a demonstrar as razões da desigualdade e da injustiça com os mais pobres. Nesse contexto, mais uma vez, a França, como centro agregador das ideias, passou a reunir os pensadores que propunham uma nova ordem para a humanidade. Assim, Lourenço Branco apresentou as circunstâncias históricas que levaram à Revolução Francesa:

Ao findar o século, solicitações foram feitas ao rei e à nobreza da terra dos enciclopedistas, por todos os delegados do povo para que fosse suavizada a sorte miserável da maior parte da população. A nobreza, entretanto, preferiu rir e negar. Ela perdera sua finalidade social, bem nítida na I. Média, quando era casta militar defensora de ordem social.

Mark Twain diz por um dos seus personagens que os nobres sempre viveram de rapina e violência.

Era, com efeito, a impressão que dava o cadáver putrefato da outrora vulnerável instituição.

Feras não se aplacam com súplicas. Um dia, o povo acordou. A Bastilha caiu e os direitos do homem e do cidadão constituíram a bandeira com que o povo da França convocou os outros povos, aos sons fortes da Marselhesa. Enquanto outras nações introvertidas fizeram egoisticamente conquistas sociais para uso próprio, a França quis que todos fossem beneficiados com o seu sacrifício.

Danton já expusera o seu pensamento, como um programa de um povo inteiro! ‘Meu ideal é que nossa Pátria seja como essa grande mesa, onde todos os seres humanos venham juntos partir o pão da fraternidade’.

A opulenta literatura francesa do século XIX tem sentido universal. Não é francesa. É humana. *E* não foi só a literatura. Foi, também, a ciência. De Bichat e Pasteur está o grande esforço que fez nascer a biologia como ciência positiva. Na França surgiu a sociologia e só lá com o devotamento do escol francês à causa da Humanidade, foi possível que se iniciasse a procura da solução do grave problema em que até hoje nos debatemos: como constituir o poder espiritual capaz de substituir o monoteísmo medieval que se mostra impotente para continuar a aspirar a função de guia de toda a Humanidade?

Um poder só é espiritual quando livremente aceito por todos quando não necessita de meios materiais de coerção para ser obedecido.

Terá a França falhado em sua missão, como querem muitos? (MONTE, 2001. p. 411-413).

Na visão de Lourenço Branco, a Revolução Francesa emergiu em uma conjuntura marcada pelo enriquecimento da nobreza às custas do povo, que se revoltou e derrubou a Bastilha. Nesse contexto, os revoltosos reivindicavam a defesa do que chamavam de Direitos do Homem e do Cidadão do povo francês e de outros povos do mundo. Esses ideais presentes nessas reivindicações atingiram a literatura e as ciências francesas no século XIX, que expressavam o desejo pela fraternidade planetária. Assim, para Branco, a França poderia ser considerada o berço da tolerância e da liberdade. Ao identificar a França com a liberdade, Branco indagou se esse país teria falhado com a sua missão de defender um mundo livre, ao permitir que os nazistas a ocupassem:

Hoje, é fácil acusá-la [a França]. Está vencida, ultrajada, muda de espanto, diante da estupidez dos que a atacaram.

Lembremo-nos, entretanto, de tudo quanto lhe devemos.

Examinemos nossa consciência, examinemos os outros povos irmãos. Qual deles auxiliou a França na solução dos problemas que não são comuns? Que fizemos contra o fascismo, a não ser atacá-lo de armas na mão quando chegou a nos ameaçar em nossa própria casa.

Estávamos habituados a esperar tudo da França. Seu exército foi traído, derrotado, quando todos o supunham invencível. Contava-se com sua proteção.

Esperava-se glorificá-lo. Foi derrotado. Só encontra detratores que não examinam as causas profundas dessa derrota. Não estarão elas em parte no próprio ideal pacifista e fraternal do povo de Diderot?

Que seria a Humanidade se a França fosse estreitamente militarista, como a Alemanha?

A emoção nos molhou os olhos quando Paris caiu e Hitler emprestou com sua presença indigna, os alegres boulevards, outrora encruzilhadas do mundo. Não nos enganemos.

Esta guerra é o resultado de reação desesperada contra o trabalho secular da França contra todas as conquistas da República Francesa.

O governo bárbaro e tirânico esteve sempre à espreita do momento em que lhe seria possível apunhalar a terra da liberdade (MONTE, 2001. p. 413, grifos nossos).

Para Lourenço Branco, o fato de a França ter sido invadida não podia silenciar tudo o que este país já havia feito em prol da liberdade no mundo. Na interpretação de Branco, não se podia esperar da França um exército invencível, uma vez que o forte desse país era o ideal pacifista e fraternal. A França era forte como país difusor da tolerância e da liberdade, e não pelo seu poderio bélico. Nesses termos, o mundo deveria se unir para libertar a França do domínio nazista e, conseqüentemente, esmagar a intolerância, a tirania e o ódio torvo:

Podemos confiar nela. O que fazia sua grandeza não pode ser destruído por tanques ou baionetas.

Vive em nós, em nosso cérebro, em nossos direitos, em nossa emoção. Vive muito mais ainda naquele povo glorioso de vocação tão humana, naquela gente tão simples, tão pura, de inteligência tão clara que jamais soube odiar ou pregar guerras de destruição.

Nós todos homens livres do mundo moderno somos filhos espirituais dessa Pátria gloriosa quer queiramos ou não.

Quando pisarmos naquela terra sagrada que o bestial militarismo alemão agora conspurca, Já estaremos não para salvar a França.

Ela é eterna.

Levantando nossa Mãe ultrajada, teremos salvo a nós mesmos e teremos pago minúscula parte do tributo infinito que devemos à pátria imortal, que construiu o mundo moderno.

Enquanto ela existir, não haverá clima moral para o fascismo, para a tirania, para a escravidão.

Esperemos ardentemente a hora da sua libertação.

A França voltará (MONTE, 2001. p. 413).

Na conclusão de seu texto, Branco reafirmou que enquanto a França existisse, não triunfariam, definitivamente, o fascismo, a tirania e a escravidão. Como se pode facilmente deduzir, o texto de Lourenço Branco estava alinhado com as suas discussões que havia feito do texto da conferência proferida por Antônio Pinto de Medeiros. Ao defender o retorno da França como país líder na luta contra o fascismo, ele estava criticando os sujeitos e as instituições que fossem intolerantes e tiranos.

Após a publicação deste texto, Padre Monte publicou três novos textos, nos dias 10, 13 e 14 de agosto nos quais se contrapôs a ideias defendidas por Lourenço Branco. Em texto

intitulado *Com quem estará a razão?*, publicado no jornal *A Ordem* do dia 10 de agosto, ele respondeu ao artigo *A França Voltará*, escrito por Branco, que havia sido publicado dois dias antes. Apesar de não ter sido citado por Branco, Monte se apresentou para o debate como sendo a voz da Igreja Católica e citando, explicitamente, Lourenço Branco que, na interpretação do Padre, construía argumentos sem provas e chegava a conclusões infundadas. Nesses termos, Monte afirmou que

‘A República’ de domingo próximo passado acolheu em suas páginas um artigo que merece reparo. Nele o olhar menos experimentado descobre logo um pretexto, apenas para a extravasão de recalques mal contidos. Como sempre, o articulista, sem o arrimo das provas, investe irreverente e verboso contra verdades e instituições, por todos os títulos, merecedoras de maior acatamento e respeito. Onde o amadorismo literário é muitas vezes sinônimo de cultura, grande é ainda o prestígio das palavras cantantes e refohudas. A sonoridade vazia das palavras pode agradar; convencer, jamais.

Sem o lastro persuasivo dos fatos, pouco vale a exuberância das frases. E é justamente de palavras e de afirmações gratuitas, tão-só, a nova - e mal disfarçada ofensiva contra a Igreja. Sob o pretexto de entoar profusos e altissonantes ditirambos à glória da Pátria de S. Genoveva, o articulista jeitosamente procura colocar em perspectiva:

1º - A ação entravante da Igreja sobre a cultura e a civilização; 2º - A decadência flagrante e irremediável do papado. Numa análise pausada e refletida, vejamos a veracidade dessas afirmações apressadas (MONTE, 2001. p. 414).

Para Monte, o texto de Lourenço Branco era frágil em seus argumentos e revelava desconhecimento da literatura e da cultura francesa por parte do autor, que, na verdade, pretendia atacar a Igreja Católica, ao tecer inúmeros elogios à França. Na visão do padre, os ataques do tenente Branco à Igreja Católica se concentravam em dois eixos principais: o primeiro era o de que a Igreja havia sido um entrave para o desenvolvimento da cultura e da civilização, e o segundo era que o papado não era uma instituição respeitada em todas as nações. No que se refere à crítica de que o catolicismo entravava a cultura, Monte contestou o argumento de Lourenço Branco nos seguintes termos:

Há e sempre houve uma solidariedade flagrante entre o Cristianismo e a civilização ocidental. Entre eles, o confronto mais superficial descobre a mais arca e eficiente relação de ‘causalidade benfazeja’. **Os elementos nucleares da moderna cultura, queiram ou não queiram os cultores desse liberalismo falido e inoperante, trazem o cunho másculo e vigoroso do gênio do Cristianismo. Todas as grandes conquistas da vida cultural e social - a criança, o escravo, o trabalho, a dignidade da pessoa humana, a santidade da família, o prestígio da autoridade; todas as grandes vitórias da inteligência e do espírito sob o tríplice aspecto artístico, filosófico e científico - acham-se todos indissolúvelmente vinculados à influência profunda e multiforme da Igreja.** ‘De fato e de direito, afirmou Leão XIII,

o Cristianismo se tomou o aliado benfazejo da obra civilizadora do homem' E, até hoje, nenhuma voz autorizada se levantou para contestá-lo. Kidd⁷³¹, o notável sociólogo inglês, apesar de suas escassas simpatias pela Igreja, não duvida de proclamar: 'a maior força, que entrou no mundo com o Cristianismo, desde o começo apresentou evidentemente uma enorme importância social'. 'Não há dúvida, continua ele, que o mundo se achava em presença de um princípio construtor de vida; é tão grande o vigor dessa nova vida, que passaram séculos, antes que se pudesse entrever claramente as linhas mestras do grande edifício que ele (o Cristianismo) iria construir com os elementos mortos que o cercavam'. O gênio do grande Taine, que também não morria de amores pela Igreja, viu com clareza a ação socializante e civilizadora do Cristianismo: 'O Cristianismo, confessa ele, é o grande par de asas indispensável para elevar o homem acima de si mesmo' ... 'Sempre em toda parte, há 1.800 anos, se essas asas desfalecem ou a quebram, degradam-se os costumes públicos e privados'. E depois de analisar com olhar experimentado, o decesso de nível dos elementos culturais em épocas críticas da história, a Renascença, na Itália, a Restauração na Inglaterra, o Diretório e a Convenção na França, conclui: 'Quem contemplar de perto este espetáculo, pode aquilatar o que às sociedades modernas trouxe o Cristianismo'. Não distoam no que foi dito os testemunhos não menos suspeitos e mais autorizados ainda de Libreton, H. Massis, G. Kurth, Jason e Denifle, nomes verdadeiramente familiares a quem a História da Cultura não é uma expressão vazia e sem sentido. Assim falam os entendidos... **mas assim não fala o ilustre articulista de 'A República'. Aos olhos hipersensíveis de sua cultura histórica, a Igreja já não é o grande par de asas da civilização; é, apenas, uma teocracia decadente! Entretanto, em que pese o sectarismo incolor do ilustre dr. Branco, ela continua a ser a mesma coluna de fogo, que iluminou os passos dos povos meninos e das nações crianças, no caminho largo da civilização e da cultura.** Inflexível em seus princípios, mas com ternura de mãe, a todos, conduziu à maturidade histórica sem coercitar, sem tolher, sem cercear as asas do pensamento. Aos que se julgassem tolhidos na livre expansão dos seus remígios culturais, lembraríamos a palavra de Thiers, apesar de inimigo confesso do Cristianismo: 'Sempre tenho verificado, diz o implacável Thiers, que a religião impede no seu pensar somente aqueles que não foram talhados para pensadores'. **Até aqui, de modo geral, a ação civilizadora da Igreja.** Ao que concerne à França, em particular, o douto articulista não foi mais afortunado. **De quem se aventurou no terreno delicado e perigoso de criticar ideias e princípios já sancionados pela crítica histórica, era de esperar que se desse ao trabalho rudimentar de uma preparação mental. Mas, inexplicavelmente, quando se acha em foco o trinômio França-Igreja-Civilização, apela para o testemunho de romancistas e de poetas, como se não houvesse nomes, e dos mais acatados que, ex-professor, tivessem tratado da momentosa questão, em exaustivos trabalhos especializados.** Se ao menos pela lombada, tivesse travado oportuno e proveitoso conhecimento com a 'Histoire Religieuse' de G. Goydu, parte componente da obra clássica da notável 'Histoire de la N. Française', teria sido mais sábio nas suas disparatadas afirmações. No caso em litígio, V. Hugo e M. Twain não oferecem senão um apoio lábil e mal seguro, que pode levar ao desprestígio cultural quem nele se arrima tão confiadamente. Vejamos. **Para a cidade de Paris convergiam rios de pensamento e de saber, afirmam em linhas gerais o ilustre articulista.** Concordamos

⁷³¹ Benjamin Kidd (1858–1916) foi um sociólogo inglês, influenciado pelo Darwinismo.

provisoriamente. Mas, a que vinha essa confluência de espíritos ávidos de luz e sequiosos de saber? Banhar-se nas águas mal sadias do Sena? Travar conhecimento com as vielas umbrosas do Quarteirão Latino?

Não. O ponto de convergência era a sua famosa Universidade, eram as suas inúmeras escolas pré-universitárias. Mas, aqui é que bate o pomo. O nosso articulista, que se mostra tão versado na vida cultural da França, por que não disse aos seus leitores?

1º - Que a grande atração de Paris, a sua Universidade, foi fundada pelo padre Sorbon em 1232, sob os auspícios da Santa Sé. Primitivamente, teve o nome de Colégio Sorbona, nome hoje glorioso para a França e para o mundo, e visava principalmente os estudantes pobres.

2º - Que as cinco outras Universidades mater, na França, todas elas foram fundadas por papas: a de Tolosa por Gregório IX em 1229, a de Montpellier por Nicolau IV em 1289, a de Avinhão por Bonifácio VIII em 1303, a de Cahors por João XXII em 1332 e a de Grenoble por Bento XII em 1339.

3º - Que as quatorze outras Universidades existentes no território francês, todas, sem exceção alguma, foram criadas sob os auspícios do papado.

4º - Que, na época do regime teológico, na França havia 60.000 (sessenta mil) escolas populares, e que todas elas eram episcopais ou monacais (século XIII).

5º - Que, no século XIII, todos os camponeses da Normandia sabiam ler e escrever.

6ª - Que, em Paris, além da Universidade, existiam 40 (quarenta) colégios e casas destinadas aos moços pobres, e que todos eles foram fundados, mantidos e dirigidos pelas Sedes Episcopais e pelos mosteiros.

7º - Que, somente em Paris, o clero mantinha 610 (seiscentos e dez) bolsas para o sustento de outros tantos estudantes pobres, dos 15.000 (quinze mil) que frequentavam a Universidade.

Poderia, ainda, o nosso ilustre articulista acrescentar:

1º - Que as 64 Universidades diplomadas, as 9 não diplomadas e os 12 colégios superiores existentes, em toda a França, todos sem excetuar um só, foram a evolução espontânea dos colégios monacais e episcopais. E tudo isso sob o regime do monoteísmo medieval!

2º - Que, no dizer insuspeito do racionalista Gibbon, um só convento prestou mais serviços às letras que as Universidades de Cambridge e Oxford, juntas.

3º - Que, na I. Média, havia muito maior número de Bibliotecas populares que no período áureo e luminoso da Revolução.

4º - Que, desde o século VIII, inúmeros Concílios parciais, e mesmo ecumênicos promulgaram leis concernentes à difusão do ensino popular.

Que o de Latrão, em 1179, decretara: ‘ordenamos que em todas as Igrejas catedrais se proveja um benefício conveniente a um mestre, encarregado de ensinar gratuitamente aos clérigos e a todos os alunos pobres’.

Todas essas verdades luminosas, poderia tê-las dito para gáudio da curiosidade insofrida de seus leitores. Sem se aperceber, o ilustre articulista se encontra em uma encruzilhada difícil e perigosa. Ou conhecia todas essas coisas, ou as não conhecia. Se conhecia, por que as ocultou a seus leitores? Se, porém, não as conhecia, por que se aventurou a dogmatizar sobre aquilo que não conhece? (MONTE, 2001. p. 414-416, grifos nossos).

Segundo Monte, a Igreja esteve sempre associada ao desenvolvimento da civilização. Nesse sentido, a cultura moderna instalada na França teve uma forte influência do Cristianismo, mesmo que o liberalismo falido e inoperante, defendido por Lourenço Branco, não quisesse

aceitar esta evidência. Por essa linha de raciocínio, Monte considerou, com base em vários autores por ele mobilizados no texto, que os avanços culturais e sociais existentes na França sempre estiveram associados às ações da Igreja Católica. Entretanto, Lourenço Branco não havia conseguido perceber a importância da Igreja para a civilização e terminou simplesmente associando a Igreja à teocracia decadente. Além disso, não havia recorrido a cientistas, mas a novelistas, como Victor Hugo e Mark Twain, que produziam textos literários, não necessariamente comprometidos com a verdade.

Sobre o argumento usado por Lourenço Branco de que Paris atraía rios de pensamento e saber, Monte considerou que o autor não explicitou as razões para que se buscasse o saber em Paris, o que, segundo ele, se devia à Sorbonne e a inúmeras escolas pré-universitárias. Além disso, Monte questionou por que Branco não informou seus leitores de que a Sorbonne havia sido fundada por um padre, com o apoio da Igreja, objetivando atender, principalmente, os pobres. Muitas outras universidades francesas e escolas populares eram mantidas pela Igreja Católica, que assegurava também o sustento de estudantes pobres que frequentavam as universidades. Branco, segundo Monte, havia omitido que, desde a Idade Média, a Igreja organizou colégios, fundou e manteve bibliotecas populares, estimulou, em seus conventos, a produção de obras literárias, promulgou nos seus concílios leis favoráveis à difusão do ensino, sobretudo, para os alunos pobres. Estas questões, no entanto, não estavam no horizonte do tenente-veterinário espírita, mas, mesmo assim, Monte o acusou de desconhecê-las ou de omiti-las intencionalmente.

No que se refere à afirmação de que o Papado era uma instituição decadente, Monte (2001. p. 416, grifos do autor) afirmou que:

Agora, a vez do papado. Com ares sibilinos e com obsoletos chavões descalibrados, que já não logram impressionar, sequer, pela novidade, irruí irreverente, contra o papado, num esforço imbecil de lhes desfigurar a história. É de veras surpreendente como ainda hoje se possa ignorar que, sobre os papas, a história, depois de acurado trabalho de crítica cuidadosa, já proferiu **veredictum** em definitivo.

Os argumentos empregados por Branco, segundo Padre Monte, eram os mesmos que já haviam sido utilizados por outros inimigos da Igreja Católica. Nada do que foi apresentado era inovação. Todo discurso de Branco revelava ignorância sobre a História da Igreja e a importância dos papas. Para comprovar que os argumentos usados por Lourenço Branco já haviam sido usados por outros, Monte enumerou autores que já haviam usado a mesma

estratégia de desqualificação dos papas no período que se estendia desde o Império Romano até a Revolução Francesa:

Desde Juliano Apóstata que se profetiza a falência e a decrepitude da Igreja. Voltaire, a 25 de fevereiro de 1758, escrevia a d' Alembert: 'Dentro de 20 anos Deus estará liquidado'. Vinte anos depois, precisamente a 25 de fevereiro de 1778, Voltaire, o 'laureado patriarca do cinismo', é ferido inopinadamente por mortal e estranha moléstia. Algumas semanas depois, morre, como ele próprio afirma na sua agonia derradeira, abandonado de Deus e dos homens! E assim vão caindo, um por um sob a mão vingadora do tempo, os profetizadores da ruína daquela gloriosa decrepitude de há vinte séculos! O percutir monótono dessa tecla desafinada compromete irremissivelmente os foros de uma cultura, máxime quando as afirmações aparecem sem a firmeza da análise pausada e refletida dos fatos (MONTE, 2001. p. 416).

Para Monte, difundir a ideia do fracasso da Igreja Católica e do enfraquecimento do poder dos papas prejudicava a formação cultural da população, e, para demonstrar que existiam outras opiniões, recorreu ao "testemunho sereno e insuspeito de autores, racionalistas e protestantes, mas que sobre o assunto fizeram estudos especializados":

Começemos por Freppel: 'Seria infinito se quisesse enumerar todos os serviços prestados pelo papado às letras e às ciências'. É a vez de Kurth: 'Citar os nomes de Pio XI, de Nicolau V. de Júlio II e de Leão X, é evocar a lembrança da mais poderosa e eficiente proteção que a vida intelectual do gênero humano jamais recebeu duma autoridade soberana'. Gregorovius⁷³² mostra-se ainda mais conclusivo: 'A história não tem títulos heroicos suficientes para caracterizar, sequer de longe, a atividade universal, as grandes iniciativas e a glória imortal dos papas'. Os papas foram, adianta V. Leo, 'o verdadeiro baluarte das liberdades políticas da Idade Média'. Pastors, o autor de uma das mais autorizadas História dos Papas, apesar de protestante, atina pelo mesmo diapasão. Mas, para que alongar fastidiosas citações, ainda? Para fazer ressaltar a inanidade dos que se obstinam a ver no papado uma instituição caduca, bastaria inquirir a esses heróicos obstinados.⁷³³ (MONTE, 1943 *apud* MONTE, 2001. p. 416-417).

Monte continuou a discussão, afirmando que, na década de 1940, o Papado, ao contrário do que afirmava Lourenço Branco, continuava tendo papel decisivo nos conflitos internacionais, o que podia ser atestado durante o desenvolvimento da Segunda Guerra Mundial, quando tanto os países denominados Aliados, quanto os países do Eixo procuravam o papa para resolver conflitos:

⁷³² Ferdinand Gregorovius (1821-1891) era especialista no papado medieval e renascentista. Escreveu uma biografia do Papa Alexandre VI. Protestante, era conhecido como "um amargo inimigo dos papas". Parte das obras dele foi para o *Index Librorum Prohibitorum* (cf. VIEIRA, 2016.).

⁷³³ Não consegui identificar quem seriam Freppel, Kurth, V. Leo e Pastors. Pela informação dada por Monte, devem ser autores protestantes e/ou racionalistas que faziam críticas à Igreja Católica, mas que reconheceram a importância dos papas.

Se o papado é uma instituição em falência por que hoje aliados e eixistas, numa emulação calculada, procuram ter a opinião do Papa ao lado da causa que defendem? Por que lhe bebem ansiosamente as palavras, forçando-lhes por vezes o sentido, na esperança de descobrirem nelas uma aprovação das atitudes que assumem uns e outros, diante da civilização e do mundo?

Como se explica essa preocupação constante de todos os grandes líderes do momento atual, se o papado é uma instituição decadente?

Até parece que voltam os tempos das romarias; romarias não das massas inconscientes, mas romarias das elites influentes. A Inglaterra, os Estados Unidos, a Itália, a França Livre, a Alemanha, e até a China e o Japão, pela voz autorizada de seus representantes e enviados extraordinários, peregrinaram não uma, mas iteradas vezes até os pórticos seculares do Vaticano. Para que esses sinais de incompreensível deferência para com o representante duma instituição caduca! É que todos eles enxergam no papado a maior força mortal do mundo.

Assim pensam os grandes homens sobre cujos ombros recaem as formidáveis responsabilidades do momento atual. Reconhecem que o Vaticano, centro da unidade cristã, é o ‘baluarte mais forte da civilização periclitante’.

Mas... assim não pensa o dr. Lourenço.

Com quem estará a razão? (MONTE, 2001. p. 417).

Apesar das afirmações feitas por Monte valorizando o Papado, o que se percebe é que, efetivamente, essa instituição teve uma força pequena durante a Segunda Guerra Mundial. Isto se deveu, em grande medida, aos acordos firmados pela Igreja com representantes do nazismo e do fascismo, que retiraram do Vaticano o poder de arbitragem de conflitos, o que fragilizou o papado.

O segundo artigo que Monte escreveu em resposta ao artigo *A França voltará*, de Lourenço Branco, foi publicado no dia 13 de agosto de 1943 no jornal *A Ordem*. Nesse artigo, intitulado *Aspectos da vida cultural da França (do século VIII ao XIII)*, Monte, mais uma vez, destacou que o peso da França como difusora da civilização só foi possível em razão da verdadeira missão civilizatória empreendida pela Igreja:

Com a decadência do I. Romano e a invasão dos bárbaros parecia iminente o baquear da cultura ocidental. O que se temia aconteceu. Em ruínosa queda, a civilização foi envolvida pelo torvelinho da barbaria. Quem lhe estenderia mão caridosa para de novo equilibrá-la na tortuosa caminhada dos séculos? Dos destroços de tantas ruínas **coube à Igreja a missão providencial de ressuscitar a civilização periclitante.** Qual teria sido a sorte do pensamento, se batido pela tormenta não tivesse encontrado abrigo no seio materno da Igreja? Fale, porém, Guizot⁷³⁴, autoridade incontestada na questão, de que nos ocupamos: ‘O espírito humano proscrito, sacudido pela procela se refugiou nas igrejas e nos mosteiros; abraçou-se suplicante aos altares para viver à sua sombra... até que tempos melhores lhe permitissem reaparecer no cenário do mundo e respirar, plenamente’.

⁷³⁴ François Pierre Guillaume Guizot (1787-1874) foi um historiador francês de orientação liberal-moderada. Por não estar ligado à Igreja, foi, na visão de Monte, considerado alguém insuspeito.

Contemplando com um olhar de mal contida amargura o acervo desolador de tantos elementos culturais dispersos e fragmentados, **a Igreja conclama todas as suas energias socializantes, mobiliza todos os seus recursos morais e econômicos para uma transfusão de vida na civilização agonizante.** É seu grito de dor e de alarme: *vae diebus nostris quia periit studium literarum a nobis!* E esse clamor foi um eco inoperante e vazio. S. Gregório de Tours, Cassiodoro e Agapito I iniciam os trabalhos emergentes de salvação. (Séc. VII e VIII). Logo depois o apelo autorizado de Eugênio II mandando que se abrissem cursos de letras e de arte liberais nas abadias e nas sedes diocesanas, (Conc. de Roma, canon 34, an. 826), teve pronta aceitação em toda a cristandade. Seguiram-se concílios particulares incentivando a obra salvadora; e de Aix-La-Chapelle (7.89), o de Tionville (805), o de Pans (119) e tantos outros, e isso só para nomear os realizados na França. **Tão fecunda e eficiente foi a ação reacionária [em relação à ignorância] da Igreja que já, no século XI, na França, como em toda a Europa multiplicaram-se as escolas num crescendo admirável, escolas monacais ao lado dos conventos, escolas catedrais ou episcopais anexas às sedes diocesanas, e as escolas palatinas.** Escolas populares inundaram todas as cidades francesas, e em tão grande número já no primeiro quartel do século XII que aos olhos dos orgulhosos filhos do século XX parece exagero. Louandre e Beaureceir, que se especializaram em histórias da cultura francesa da idade Média, enumeram 60.000 (Sessenta mil) escolas populares! Em 1112, Guiberto de Nogent no seu famoso ‘Gesta Dei per Francos’ podia tranquilamente afirmar: ‘A gramática florescia por toda parte, e era tão grande o número das escolas que até os mais pobres podiam frequentá-las’. Muitas delas possuíam uma população escolar tão densa, que não temeria confronto com os mais frequentados institutos de hoje. A escola de Flecury, por exemplo, contava 5.000 (cinco mil) estudantes.

Na França, a partir do século XII, das escolas catedrais e monacais começaram a evoluir as formas mais definidas das primeiras universidades. As obras clássicas de Denifle e, mais recentemente, as de Stephen d'Ursay, que se consagraram ao estudo da história das universidades trazem pormenores interessantes.

Certa vez, em Paris, idealizou-se fundar uma grande cooperativa de mestres e de alunos sob a designação simples e expressiva de: Universitas magistrorum et scholarium Parsiis comerantium. Estava lançada a primeira semente da universidade - universitas. Coube a Paris a gloriosa iniciativa. Foi assim que, na Ilha de França, em torno do claustro de Notre Dame, com o patrocínio do chanceler da Catedral e o do abade do mosteiro de S. Genoveva, nasceu a famosa Universidade de Paris. Não se pode precisar a data desse movimento inicial. Talvez no último quartel do século XII. O que é certo é que os seus primeiros estatutos datam de 1208. Somente, porém, três anos depois, e que foi erigida oficialmente por um breve de Inocêncio III. Nos seus tempos áureos a Universidade abrigava mais de 15.000 (quinze mil) estudantes, entre francos, italianos, lombardos, ingleses e germanos. Se bem que oficialmente erecta, a Universidade de Paris teve diploma de fundação. Pertencia ao número das onze outras, fundadas antes de 1232 que se denominavam Universidades ex consuetudine. As de Angers e Orleans pertencem a esta classe. Em Paris, ainda do Cônego Roberto de Sorbon em 1232. Inúmeros outros colégios, então, existiam para cultivo de estudantes pobres, pré-universitários.

Antes de expirar o século XIII, a França teve mais duas universidades; a de Tolosa fundada por Gregório IX em 1229 e a de Montpellier em 1289, fundada por Nicoláu IV. As quatorze outras grandes universidades francesas foram diplomadas por breves pontifícios, depois de 1300. Antes, porém, do meado

do século XII, com nove outros institutos de ensino, mas não diplomados, foi a França enriquecida. As matérias consoantes de estudo universitário, então dividido em quatro faculdades, eram teologia, filosofia, direito, retórica, matemáticas, ciências e artes literárias. **A medicina somente em 1231 foi introduzida como disciplina universitária pelo papa Gregório IX;** e o estudo das línguas orientais, em 1276 por João XXII. Ames, a medicina constituía uma faculdade à parte. **A faculdade de medicina de Paris data de 1215 fundada pelo cardeal Roberto de Courçon. Quase ao mesmo tempo é fundada a ainda hoje afamada e gloriosa faculdade de medicina de Montpellier, que deve a sua existência ao cardeal Conrado de Uroch (1220). A de Tolose foi criada somente em 1242, com Gregório JX. Como é eloqüente a linguagem dos fatos!**

A Igreja, na França, não mentiu às suas responsabilidades históricas. Ela realizou com plenitude a palavra de Teodolfo, bispo de Orleans, no século VII: ‘Os sacerdotes mantenham escolas nas aldeias e nos campos; e se qualquer dos fiéis lhes quiser confiar os seus filhos para aprender as letras, não os deixe de receber e instruir ... nem por isso exijam salário ou recebam recompensa alguma’. À sua sombra desinteressada e benfazeja foi salva e opulentamente enriquecida a herança cultural do ocidente.

Façamos nossas as palavras incisivas de Hurten, historiador, protestante, na sua clássica História do Papa Inocêncio III: ‘Só os espíritos superficiais, que nunca lançaram um olhar sobre os documentos da época, ou os espíritos obcecados e orgulhosos pela pretendida superioridade do seu tempo, ou pelo ódio sistemático ousam acusar os Papas da Idade Média de haver favorecido a ignorância’.

E é justamente a lodos esses depoimentos persuasivos e eloqüentes dos fatos e do testemunho histórico, que se tenta antepor artificiosas afirmações gratuitas, insulsas e desbaratadas (MONTE, 2001. p. 418-419, grifos nossos).

Como se pode constatar, para Monte o desenvolvimento cultural da França era tributário de ações da Igreja Católica, que permitiu, com sua ação civilizadora, ao transformar seus mosteiros em espaços de saber, que a humanidade avançasse continuamente rumo ao conhecimento. Branco, diferentemente de Monte, via a França como lugar inspirador de liberdade, reafirmando que a invasão nazista na França durante a Segunda Guerra Mundial não se coadunava com os ideais que vicejavam naquele país e que a Igreja muito pouco contribuía para contestar ou eliminar o clima de intolerância que caracterizava o período.

No dia 14 de agosto de 1943 seria publicado o terceiro texto, intitulado *Não era preciso que ela parasse*. Nele, Monte retomou o debate em torno da ordem dada ao sol por Josué, uma questão pela qual Lourenço Branco já não demonstrava mais interesse em discutir. O texto está dividido em três partes. Na primeira delas, abordou o fenômeno da parada do sol em Gibeão como algo natural e não como uma ação de Deus. Na segunda parte, apresentou um exemplo concreto de como o fenômeno poderia ter ocorrido naturalmente, sem a mão milagrosa de Deus. Finalmente, ele concluiu que os fenômenos naturais podiam acontecer sem que Deus provocasse mudanças nas leis da física. Sobre a possibilidade da existência de um fenômeno natural em Gibeão, e não uma intervenção de Deus naquela situação, Monte escreveu:

Não obstante a cessação do movimento diurno da terra não significar um absurdo físico e astronômico, para a realização do prodígio do vale de Gibeão não se fazia preciso uma intervenção imediata da Causa Primeira. Poderia ter Deus agido através das causas segundas. Na economia do milagre se dá muitas vezes esse aproveitamento de causas naturais para a realização de efeitos pretematurais. O fato, então, se toma prodigioso, não pela natureza das causas, que intervêm imediatamente na sua realização, mas pelas circunstâncias em que se verifica. **Daí não se infere que a Deus não seja possível frear a terra no seu movimento de rotação.** Nada mais irrisório do que se conceder a Deus o poder infinito de criar e se lhe negar o poder efêmero de sustentar os efeitos transitórios de uma parte desse universo criado. Na harmonia energética do Universo infindo, que repercussão poderia ter, já não dizemos a parada momentânea de um dos movimentos da terra; mas, até mesmo a degradação total de todo o sistema solar? Nenhuma, absolutamente. Qual instrumento, de precisão ultra-sensível poderia assinalar a desagregação de um átomo no coração de uma montanha? Quantos milhares de sistemas, imensamente maiores do que o nosso, já desagregaram, sem repercussão alguma, apreciável na harmonia do universo! (MONTE, 2001. p. 420, grifos nossos).

Segundo Monte, a alteração do movimento da terra durante o dia, no vale do Gibeão, era algo possível, do ponto de vista físico e astronômico, não sendo necessária uma intervenção divina direta para isso acontecer. Por outro lado, o fenômeno da parada do Sol, mesmo tendo sido algo natural, teria possibilitado a realização de um milagre: a vitória dos israelitas. Monte, contudo, deixou claro que Deus teria poder para sustar o movimento da Terra, se assim o desejasse, uma vez que o poder de Deus é tão vasto que Ele poderia destruir o sistema solar sem alterar a harmonia do universo. Cabe, no entanto, observar que Monte retomou o tema da ordem dada por Josué, mas continuou não discutindo, especificamente, o fenômeno, como ele havia prometido em seu artigo anterior acerca do tema.

Na segunda parte do texto, Monte exemplificou como, concretamente, poderia ter ocorrido um fenômeno natural no vale do Gibeão:

Ensaieiros, entretanto, apreciar alguns dos meios, de que poderia Deus se ter servido para realizar o prodígio de Josué. Com uma disposição engenhosa de prismas pode-se forçar um feixe luminoso a percorrer uma trajetória em circuito fechado, não obstante a tendência que tem a luz de se propagar em linha reta. O que experimentalmente, o homem consegue obter com prismas, Deus teria conseguido mediante uma justaposição precisa e adequada de massas atmosféricas, diversamente condensadas. Funcionariam como meios refragentes, obrigando aos raios de sol poente percorrerem uma trajetória curva. Implicaria isso, necessariamente, a parada ótica do sol e, em consequência, o prolongamento do dia e o retardamento da noite. A solução nada tem de arbitrária e imaginosa; pois não passa da aplicação ampliada de um efeito ótico sobejamente conhecido. **O sol, que vemos emergir do nascente, ou mergulhar no poente não é um sol real, físico; mas, apenas, a imagem real e ampliada do sol verdadeiro: um sol ótico, portanto.** Pela manhã, quando o sol ainda se encontra vários graus abaixo do horizonte, já o

vemos brilhar no céu em virtude da refração atmosférica; como também o veríamos ainda flutuar no ocaso, quando na realidade já se encontrasse alguns graus abaixo do horizonte ótico. Ainda mais, o fenômeno tão comum das miragens tem sua razão causal nesse desvio dos raios luminosos, refratados nas camadas de ar diversamente aquecidas, o que equivale a dizer, diversamente condensadas. O sol, que se mostrou parado acima da linha do horizonte, no vale de Gibeão teria sido apenas um sol miragem, um sol ótico, tão-somente.

Sob o ponto de vista energético, a hipótese nada apresenta de aleatória e atrevida.

Muito ao contrário, modernas aquisições científicas chegaram à evidência de que nas regiões supraestratosféricas existe uma camada refletora, impermeável aos movimentos vibratórios das ondas hertzianas de alta frequência. É a camada de Heaviside, de importância capital para as comunicações radiofônicas a grandes distâncias. Ela se comporta como uma esfera oca, em cujo centro se encontra a terra. As ondas vibratórias das estações emisoras, em se chocando contra a camada de Heaviside, ricocheteiam, sofrem reflexão total e se projetam a enormes distâncias. Em relação às ondas hertzianas, funciona analogamente às tabelas em relação às bolas do bilhar. Ora todos sabemos que entre a luz e as ondas hertzianas não medeia uma diferença qualitativa. Entre elas existe uma diferenciação numérica, tão-só; uma diferença de frequência no movimento vibratório. Se a camada de Heaviside é capaz de refletir as ondas elétricas de alta frequência, por que, em condições especiais, não se poderia tornar também refletora para a luz solar, que não passa, em última análise, de um movimento vibratório da altíssima frequência?

Nessas condições a imagem virtual do sol poderia permanecer horas a fio acima do horizonte, quando na realidade já estivesse, mesmo mais de 45 graus abaixo do horizonte físico.

Prosseguindo, poderíamos acrescentar que o texto do livro de Josué deixa entrever que houve apenas um prolongamento da claridade diurna, sem a presença real do sol no firmamento. Assim considerado, o problema se simplifica de maneira surpreendente. Durante a batalha nas imediações do Gibeão, o dia teria se prolongado pelos efeitos mitigados de uma tempestade magnética. Sendo as camadas supra-estratosféricas constituídas de gases rarefeitos, fortemente ionizados pelos elétrons e raios ultravioletas emitidos pelo sol, a excitação desse fenômeno magnético é coisa não só possível, mas natural e espontânea. Não é assim que se prolongam os dias, nas grandes noites polares? Não é assim que as auroras boreais abrem oásis de luz no deserto da noite interminável dos pólos? Se a proporção que o sol fosse desaparecendo no ocaso, o céu fosse sendo inundado por uma claridade boreal, o dia teria se prolongado, imperceptivelmente, no vale de Gibeão. Uma exacerbação dos efeitos da luz zodiacal, que ilumina com discreta claridade certas noites sem luar, poderia oferecer uma outra solução natural e adequada. Haveria o recurso, ainda, dos chamados raios ultra penetrantes, que continuamente caem sobre a terra em forma de neblina radiante - os raios cósmicos. **Contrariamente às outras radiações, estes raios cósmicos, na sua quase totalidade, são formados de fótons. E quem diz fóton, diz luz. Uma condensação regulada de raios cósmicos, portanto, oferecia uma fonte inesgotável de luz e de claridade** (MONTE, 2001. p. 420-421, grifos nossos).

Na perspectiva de Monte, o fenômeno ocorrido em Gibeão poderia ser reconstituído da seguinte forma: a luz do Sol, que incidia sobre o vale, atingiu massas atmosféricas, que

funcionaram como prismas e desviaram a trajetória da luz solar. Esse fenômeno é perfeitamente possível de acontecer, do ponto de vista energético. Para fundamentar seu argumento, Monte faz referências a pesquisas científicas recentes (do início do século XX) que haviam identificado que uma das camadas supra-atmosféricas da Terra (Heaviside) possuía propriedades refletoras e impermeáveis aos movimentos vibratórios das ondas de alta frequência. Quando estas ondas se chocavam com essa camada atmosférica, a luz era rebatida e projetada à longa distância. E, se acontecesse uma grande intensidade de luz refratada, podia acontecer uma tempestade magnética, e esse fenômeno podia durar horas seguidas, dando a impressão, para o observador, de que o sol estaria parado. Monte defendeu que em Gibeão os raios de luz solar podem ter sido refletidos dessa maneira, não tendo ocorrido nem uma parada da Terra nem do Sol. Apenas a luz solar teria sido refletida, dando a impressão de que o Sol ainda continuava a iluminar a Terra. Concluindo seu texto, Monte (2001. p. 421) afirmou:

Vê-se, pois, que, dentro dos recursos energéticos, Deus encontraria solução para o problema de Josué, independentemente da parada do movimento diurno da terra. Não era preciso que ela parasse. Poderiam objetar que Deus não pode atentar contra a imutabilidade das leis físicas. Em primeiro lugar, no milagre não há atentado contra a imutabilidade das leis naturais. Dá-se quando muito suspensão de efeitos destas leis imutáveis. Em segundo lugar, quem nos poderia garantir, que as leis físicas são imutáveis? Que experiências nós temos das leis naturais para as julgar imutáveis? A experiência de algumas dezenas de séculos, tão-somente. Quem poderá garantir que as leis tidas por imutáveis não sejam senão resultados estatísticos das series de recorrências regidas pelas probabilidades?

(Publicado na "A Ordem" de 14/8/1943)

A conclusão de Monte foi a de que a luz do Sol que iluminou a batalha de Josué foi gerada sem necessidade da parada do movimento de rotação da Terra. Nesse caso, as próprias leis físicas explicavam o fenômeno. Essa situação, contudo, não retirava o poder de Deus, uma vez que ele é o criador de todas as leis do universo, deixando evidente que as explicações físicas não conflituam com as Sagradas Escrituras. Assim, o que está escrito na Bíblia pode ser compreendido pela ciência. Basta que os homens descubram qual foi a lei formulada por Deus.

Após a publicação dos três textos de Monte, Lourenço Branco publicou, em 15 de agosto de 1943, o texto que encerrou os seus debates⁷³⁵ com Padre Monte. No artigo, intitulado *Ciência e Literatura*, o tenente-veterinário rebateu os argumentos construídos por Monte nos

⁷³⁵ Observando as publicações em que Monte citou explicitamente Lourenço Branco e as publicações em que o tenente-veterinário respondeu ao padre sem citá-lo, posso afirmar que, entre eles, ocorreu um debate, ainda que Branco não cite o seu opositor diretamente em nenhum momento, mencionando apenas suas ideias. Lendo-se isoladamente os textos de Lourenço Branco, o leitor desavisado pode não perceber o debate.

artigos *Com quem estará a razão?* e *Aspectos culturais da França (do século VIII ao XIII)*, refutando a tese de Monte de que a cultura francesa era produto exclusivo da herança católica. Dos três artigos publicados por Monte nos dias 10, 13 e 14, Lourenço Branco optou por discutir, especificamente, os dois textos em que Monte privilegiou a ação da Igreja Católica como determinantes para a formação de uma cultura erudita na França. O terceiro texto, no qual ele havia retomado a discussão sobre Josué, não mereceu sua atenção.

Partindo de sua observação de que no Brasil os centros de formação não eram capazes de formar cidadãos com uma cultura sólida, Branco defendeu a necessidade de uma formação que privilegiasse igualmente os aprendizados da ciência e os aprendizados da arte. Para ele, separar a ciência (inteligência) da arte (sentimento) seria algo monstruoso e só desejável em regimes autoritários, como o nazismo e o fascismo. Esse pensamento de Lourenço Branco foi expresso da seguinte maneira:

O Sr. Prof. Miguel Osório de Almeida⁷³⁶ - nome que não é brasileiro, pois o ilustre biólogo é conhecido como homem de ciência em todo mundo civilizado - estuda em sua conferência dita em 1925, na Associação Brasileira de Educação, 'Alta Cultura e sua Organização', o estado da nossa instrução em nosso país onde, infelizmente, **faltam os meios de formação contínua de uma verdadeira elite.**

Todos aqueles que têm frequentado os colégios e as escolas superiores do Brasil sabem muito bem que nesses institutos de ensino não se adquire o que se convencionou chamar 'alta cultura' e que eu chamaria, mais simplesmente, cultura completa.

Além do físico o homem tem o intelecto e o moral. Sua personalidade espiritual é caracterizada pelos sentimentos que o inspiram e pelo preparo científico e artístico que possibilita ação eficaz.

Separar a cultura da inteligência da do sentimento é uma monstruosidade que só anti-liberais de feição nazi-fascista podem desejar.

O homem armado de instrução puramente científica, sem sentimento artístico, sem conhecimento das grandes correntes literárias do passado e de sua época é um ser rude, incapaz de sentir aquilo que cada vez mais se aprimora nas personalidades verdadeiramente elevadas: o profundo, o entreado amor da Humanidade.

Da imensa obra apocalíptica de Nietzsche, uma afirmação ressalta como jóia na ganga impura que pode ser desprezada: 'Eu amo aquele que se conserva

⁷³⁶ Miguel Osório de Almeida (1890-1953) foi um médico fisiologista, cientista, professor e autor, tanto de obras científicas, quanto de obras literárias. Ocupou diversos cargos públicos, entre os quais: diretor do laboratório do Instituto Oswaldo Cruz, diretor do Instituto de Biologia Animal do Ministério da Agricultura, diretor-geral da Diretoria Nacional de Saúde e Assistência Médico-social, professor da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária, professor e reitor da Universidade do Distrito Federal. Suas publicações científicas tiveram repercussão internacional. Na literatura, escreveu dois ensaios significativos: *Homens e coisas de ciência* (1925) e *A vulgarização do saber* (1931), que receberam críticas elogiosas dos intelectuais. Foi laureado com o *Prêmio Einstein* da Academia de Ciências do Brasil e com o *Prêmio Sicard* da Faculdade de Medicina de Paris. Foi membro da Comissão Internacional de Cooperação Intelectual da Sociedade das Nações. Na Academia Brasileira de Letras, entidade para a qual foi eleito em 1935, assumiu os cargos de primeiro-secretário (1936), secretário-geral (1937 e 1945) e presidente (1949) (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, [2019?]).

fiel à Terra, que serve a Terra e que não coloca além das estrelas os motivos para viver’.

‘O homem é qualquer coisa que deve ser superada. Que fizeste para superar o homem?’

Esses conceitos lapidares são o resumo da aspiração que os séculos deram aos homens que verdadeiramente pensam (MONTE, 2001. p. 422, grifos nossos).

Desta passagem, depreende-se a crítica que Branco faz à pouca prioridade dada por Monte aos textos literários. Para o tenente-veterinário, um homem que não conhecesse nem as obras literárias clássicas e nem as contemporâneas, não seria capaz de aprimorar sua personalidade e entender os sentimentos nobres como o amor. Assim, o fato de Monte não abordar a literatura em suas reflexões revelava sua fragilidade nesse campo e todas as consequências que isso gerou para sua formação. Discutindo, especificamente, a relação entre ciência e literatura, Lourenço Branco afirmou:

Não será a ciência isolada capaz de melhorar o homem. A literatura - a mais sublime e completa das artes - idealizando a realidade, apregoando a nobreza de sentimentos, é a companheira inseparável da ciência.

Não há, absolutamente, antagonismo entre a ciência e a literatura.

Esta última, em suas afirmações e em seus sonhos, em suas esperanças e em suas construções, é um reflexo da cultura científica da época que a faz viver. Ninguém é verdadeiramente grande literato sem cultura científica porque só as idéias exatas da ciência podem fornecer base para a arte das letras. Para citar um só exemplo, o genial Euclides da Cunha nos socorre.

‘Os Sertões’ são uma amostra da verdadeira e forte literatura. É um livro que não seria escrito e não pode ser lido sem ciência.

Como diz o prof. Miguel Osório de Almeida, hoje: **‘o grão de cultura da Humanidade é muito mais alta e já passou a época em que era reduzida a existência de provas positivas’.**

Escrever com elegância é pensar com elegância. Se não me engano, foi Pascal que afirmou serem as línguas verdadeiros sistemas de lógica.

Só pode falar com clareza quem tem idéias claras e a beleza da frase, quase natural, não é obtida por polimento trabalhoso.

O pensamento brota e terso elegante e forte como a estátua da Vitória (MONTE, 2001. p. 422, grifos nossos).

Nesse excerto, Lourenço Branco ratificou a indissociabilidade entre ciência e literatura, deixando evidente que ninguém seria um grande literato se não fosse um conhecedor das ciências, do mesmo modo que ninguém seria um grande cientista se não fosse um conhecedor da literatura. Assim, Branco reafirmou a importância da França enquanto centro difusor das grandes ideias, criticou o fato de Monte considerar a Igreja Católica como único elemento formador de uma cultura intelectual nesse país e rebateu o argumento de que apenas incultos e mal-intencionados não percebiam que a grandeza da França se devia exclusivamente ao catolicismo:

Se o gênio francês domina o mundo não é só porque é lógico. É porque sendo lógico é claro.

O cultivo das ciências e das artes deu à partida ideal do grande imperador Juliano – o caluniadíssimo grande Juliano – a língua mais leve e mais viva, instrumento maravilhoso de propagação dos grandes ideais que vêm agitando a Humanidade.

Muito antes da queda do I. Romano, Lutécia já era uma cidade de cultura e os gauleses conhecidos como homens de espírito fino.

Foi por isso que a França se tornou mais tarde, como herdeira da cultura greco romana, esse país que, como a Arcádia ‘é a pátria ideal de toda gente’. Diz ainda o grande cientista literato Miguel Osório de Almeida, que pela **cultura e pelo livre debate de idéias ‘aprendemos a tolerância, a virtude por excelência’ e ‘habitamo-nos a acreditar na boa fé dos contendores’**. Por que será que muita gente não acredita na existência de generosos sentimentos desinteressados? Lamentaria que fosse por que olha demais para si mesmo.

Por que motivo acusar acerbamente de sectaristas, de incultos, de mal intencionados homens que de fato, só têm o defeito de possuírem formação mental diferente da nossa, de se debruçarem para a paisagem da vida por uma janela que não é a nossa?

Isso só pode ser explicado **por não possuírem os acusadores cultura suficiente para ver que quando as idéias são diferentes muitas vezes é possível a convergência de esforços porque as intenções podem coincidir no fervoroso desejo de aperfeiçoamento moral da espécie** (MONTE, 2001. p. 423, grifos nossos).

Na visão de Lourenço Branco, a França não se tornou apenas um centro difusor das grandes ideias, como também ensinou seus cidadãos a considerarem a tolerância como uma das maiores virtudes e a acreditarem na boa fé dos adversários em um debate. Nitidamente, Lourenço Branco estava criticando Monte por não respeitar ideias contrárias às suas. E contrariando Monte, afirmou que nenhuma religião era capaz de fornecer as grandes bases morais para a humanidade:

A cultura atenta da ciência e da literatura nos mostra contrariando, Taine⁷³⁷, que nenhuma seita é par de asas indispensável para o pensamento humano.

A humanidade não nasceu ontem.

Poderíamos dizer, parodiando o poeta, **que dois mil anos são um pingo no i de nossa vida muitas vezes milenar...**

As grandes civilizações antigas, com dezenas e dezenas de séculos, ainda estão em nós porque o seu espírito fecundo não morreu, nem morrerá nunca.

A tarefa da verdadeira cultura é incorporar toda essa maravilhosa herança, porque o homem moderno é o complexo produto de religiões, de povos, de raças, de sonhos, muitos dos quais estão hoje extintos, mas cujas

⁷³⁷ Trata-se de Hippolyte Adolphe Taine (1828-1893), filósofo e historiador francês que analisou a arte e a história como produto da raça, do ambiente e das condições históricas. Os escritos de Taine sobre a Revolução Francesa eram populares na França, e alguns liberais, como Anatole France, o admiravam. Entretanto, seus textos construíram uma visão conservadora sobre a Revolução Francesa, uma vez que rejeitou os princípios do movimento e a própria Constituição Francesa de 1793.

resultantes permanecem no fundo da nossa consciência. Michelet - em sua 'Bíblia da Humanidade' procurou sintetizar essa marcha ascensional do espírito.

Como demonstrou em severa crítica Augusto Comte, **muito devemos ao Cristianismo, mas seríamos hediondamente injustos se esquecêssemos que o Cristianismo só surgiu em um meio preparado pelos politeístas antigos.**

Grandes filósofos como Aristóteles, Platão e Sócrates; **grandes artistas** como Homero, Fídias, Virgílio e Horácio; **grandes cientistas** como Pitágoras, Tales e Arquimedes; **grandes moralistas** como Buda, Confúcio e Marco Aurélio **são o produto de civilizações anteriores ao Cristianismo.**

Todos esses nomes tão vivos e tão presentes podem provar que o eloquente Sr. Taine também podia cometer erros de julgamento e que o puro pensamento humano, **as grandes idéias morais que norteiam a espécie não são privilégios de nenhuma seita e de nenhum povo porque todos nós chineses, franceses, gregos, romanos e brasileiros somos filhos da Humanidade cujo patrimônio cultural nos instrui e nos conduz.** Peço, pois, humildemente, **perdão aos meus leitores se a minha frase, às vezes, é ágil e elegante. Por trás de mim há quem me inspire e o que penso que é meu é, na realidade, de nossos grandes mortos que estudei com amor e carinho infinito.**

Também **do ponto de vista de absoluta tolerância espiritual em que me coloco** - quase com Montaigne - **franciscanamente suplico que ninguém se julgue ofendido com os meus conceitos.**

Peço para mim a esmola da fraternidade.

'A Educação e a instrução são trabalhos lentos, penosos e, sobretudo, ingratos', principalmente para quem, como eu, foi um menino paupérrimo, idealista e autodidata (MONTE, 2001. p. 423, grifos nossos).

De acordo com Lourenço Branco, ao Cristianismo, à época com menos de dois mil anos de vida, não poderia ser tributada toda a riqueza científica e literária acumulada pela humanidade. Para ele, mesmo antes do Cristianismo, homens construíram as bases filosóficas, artísticas, científicas e morais da humanidade, as quais vinham sendo consideradas em novas elaborações. Ao final do texto, ele reafirma a importância da livre expressão e exalta a tolerância, condenando o nazismo e o fascismo, e conclama a humanidade a buscar a sabedoria e a pureza em consonância com a ciência e a literatura, instrumentos, que considerava essenciais para a construção da paz e do entendimento:

Aprendi a tolerar lendo e relendo meu livro predileto 'I. de Cristo'⁷³⁸, obra imortal de Tomaz de Kempis, gênio de doçura nas lutas medievais.

Eis o que ele disse:

'Se acreditais saber, e saber bem, sabeis, entretanto, que ignorais muito mais do que sabeis'.

'Aproveitai o que vos é ensinado sem procurar saber quem o disse'.

⁷³⁸ *A imitação de Cristo*, livro cuja autoria é atribuída a Thomas A. Kempis, foi escrito entre 1418 e 1427. A obra é considerada um tratado da moral cristã. Sua leitura por Lourenço Branco não significa um alinhamento ao Cristianismo, mas, sim, é um indicio da amplitude de suas leituras.

‘No dia do julgamento, ninguém nos perguntará quais foram nossas leituras, mas quais foram nossas obras’.

Agora, eu acrescento: Sejam quais forem as idéias dos homens é preciso que os respeitemos como homens.

No mundo moderno só uma coisa importa: salvemos nossos filhos da tirania nazi-fascista e do obscurantismo.

Respeitemos o sangue jovem que jorra em borbotões sobre todos os continentes, tenhamos fé na Humanidade porque, acompanhados por nossos queridos mortos, ao longe sentimos as passadas fortes do super-homem livre e puro que vem surgindo.

Saibamos amar sem exclusivismos todos os que querem colaborar no aperfeiçoamento humano e tenhamos dó dos que não sabem tolerar.

A ciência e a literatura nos ensinam que o ideal humano é de paz e entendimento.

Sejamos sábios e puros e amemos a beleza imortal.

NOTA: Será possível ver no que escrevo ataque à ação cultural da Igreja Católica na Idade Média? Não haverá evidente má vontade em acusar-me pelo que não disse? L. B.

(Publicado N' A República de 15-08-1943)

(MONTE, 2001. p. 422-424, grifos nossos).

Na passagem acima, fica evidente a crítica que Lourenço Branco faz a Monte, para quem a intolerância religiosa deveria presidir as ações da Igreja Católica, pensamento que foi expresso nos artigos nos quais o padre debateu com o tenente-veterinário.

A 18 de agosto de 1943, Monte encerrou seus debates com Lourenço Branco, ao publicar o texto *Risum Teneatis?*. Nele, retomou e rebateu as críticas que Lourenço Branco havia feito a ele no texto *Ciência e literatura*, como se pode constatar no trecho abaixo:

Reconstituamos a questão, em suas linhas mestras, para facilitar, numa visão de síntese, o juízo imediato e imparcial dos leitores. **Em um dos seus artigos, a propósito da vocação social da França, o ilustre articulista, jeitosamente, numa exposição velada e sinuosa se aplicou em ressaltar aos olhos do público a ação enervante da Igreja sobre a civilização, e a irremediável decadência do papado.** Respondendo a estas mal dissimuladas acusações ensaiamos com o testemunho de fatos específicos, particularizando datas, documentos, interpretando números e grupos estatísticos, e finalmente invocando a autoridade de autores especializados e insuspeitos-tentamos provar repetimos que: 1º) **Na França como no resto da Europa o prestígio da inteligência e todo o esforço cultural e civilizador partiu da Igreja.** 2º) **Depois da decadência do I. Romano e da invasão dos bárbaros, a Igreja não somente salvou o patrimônio cultural da civilização periclitante, como também tomou sozinha sobre si mesma a tarefa ingente de reconstruir desde os fundamentos uma nova fase de civilização, de incoercível vitalidade.** 3º) **O papado hoje, como ontem, continua a ser a maior força moral da terra** (MONTE, 2001. p. 425, grifos nossos).

Na sequência, Monte afirmou que nos textos *Com quem está a razão* e *Aspectos da vida cultural da França (séculos VIII e XIII)* ele já havia deixado claras suas percepções sobre as críticas feitas por Lourenço Branco e apontado para a deturpação de suas ideias:

Passado dias, nos chega, à guisa de resposta, o artigo ‘**Ciência e Literatura em que Tomaz Kempis, Comte, Michelet, Euclides da Cunha, Nietzsche e Pascal se encontram numa deliciosa promiscuidade.** Confessamos sem reboços que foi a primeira vez que vimos nomes tão dispares no âmbito de um mesmo estudo. Grande a nossa surpresa e não menor a nossa decepção. Em vez de assegurar e defender posições que lhe assinalava o dever da lógica, respondendo aos argumentos, que lhe foram lealmente objetados, o articulista empalma as dificuldades, como a insinuar na mente dos leitores desatentos a crença de que afirmamos: 1º) **Existir um antagonismo entre ciência e literatura.** 2º) **Ser possível disjuntar a cultura da inteligência, do cultivo do sentimento.** 3º) **Ser a civilização cristã uma civilização estanque, única e sem correlação com as civilizações anteriores.** Nada disto foi dito, nem vinha ao caso dizê-lo. O que estava em perspectiva rigorosa para uma ponderada e minuciosa discussão era cousa bem diferente: **a atualidade do papado e a excelência da ação civilizada da Igreja,** e isto como um fato histórico evidente e inconcusso; e não, a precedência cronológica da civilização cristã, nem tampouco o possível antagonismo entre a ciência e a literatura. **Liricamente, difundindo se em um artigo cheio de encenações artificiosas, saturado de mansuetude e de um misticismo calculado.** Destarte, encontra-se uma saída providencial, evitam-se os escolhos ameaçadores de um possível naufrágio e ao mesmo tempo dá-se aos leitores desprevenidos que, apegando-se a estes dois motes glosa respondendo a tudo, quando na realidade tudo fica por responder (MONTE, 2001. p. 425, grifos nossos).

Como se pode constatar, Monte afirmou que Branco havia atribuído a ele três ideias que não defendia: o antagonismo entre ciência e literatura, a impossibilidade de reunir inteligência e sentimento e, finalmente, o papel do cristianismo como único agente civilizador. Para Monte, sua discussão estava, na verdade, fundamentada em duas outras teses: a importância histórica do papado como instituição e o papel da Igreja no desenvolvimento da civilização. Ele continuou o texto, afirmando que se o tenente-veterinário quisesse discordar das suas ideias, tinha a obrigação de usar argumentos fundamentados em provas, sem imputar mentiras e sem caluniar a ação da Igreja Católica:

Ao ilustre articulista cabia-lhe o dever da lógica, ou de assentir conosco ou contra nós provar fatos específicos, datas, documentos, citações especializadas e dados estatísticos, que o papado é uma instituição caduca e que a Igreja exerce ação enervante sobre os processos culturais da civilização. Era o que lhe competia provar, porque justamente isto foi o que insinuou. Entretanto, contrariamente ao que era de se esperar, **se empenha na tarefa inútil de nos demonstrar que ciência e literatura não se antagonizam.** Para que tanto esforço, **tanta energia gasta para convencer que monstruosa é a cultura da inteligência sem a cultura dos sentimentos?**

Nunca afirmamos o contrário. Para que então essa briosa arremetida contra pacíficos moinhos de vento? Para tanto, não vale incomodar o culto venerando dr. Osório de Almeida, nem acordar as cinzas de Pascal, Nietzsche e Michelet. **Há vinte séculos que a Igreja clama, ensinando que acima do estômago está o coração, e que sobre a rigidez enfatuada das ciências positivas pairam outras verdades, eternas e luminosas.** Ninguém mais do que o Cristianismo colocou acima das estrelas os motivos supremos do viver. Quem mais do que ele elevou o homem acima de si mesmo?

Há dois mil anos que a Igreja à sombra dos pórticos milenares da história, vem ensinando às gerações, que passam, ser o homem alguma coisa mais do que reflexos condicionados, mais do que instinto, mais do que determinismo biológico. Escusada era, pois, aquela longa digressão, como se viesse tão-só desviar a atenção dos leitores do ponto de convergência das questões ventiladas. (MONTE, 2001. p. 426, grifos nossos).

Para Monte, Lourenço Branco discordou da força civilizatória da Igreja e da importância do papado sem recorrer a nenhuma fonte consistente e utilizando apenas obras literárias como fundamentação. No entanto, é importante ressaltar que os debates entre Lourenço Branco e Monte tiveram origem em uma palestra, proferida por Antônio Pinto, que tratava de Literatura e não de Ciência. Aliás, Branco só discutiu brevemente questões relativas à Ciência motivado pelos artigos de Monte.

Outro aspecto abordado por Monte foi que Lourenço Branco afirmou que a Igreja Católica não agia com o coração, o que o religioso discordou profundamente. Todavia, observando-se os textos do próprio Monte, percebe-se nitidamente que a intolerância era a arma mais forte da Igreja na luta contra os seus inimigos. O fato de a Igreja Católica ter, desde o nascimento de Cristo, procurado ultrapassar o determinismo biológico não minimizava a sua atuação para silenciar sem piedade os seus adversários:

O que dissemos; e isto de passagem, foi o seguinte: **muitas vezes, amadorismo literário não é sinônimo de cultura.** E o nosso ilustre antagonista teria a coragem de afirmar o contrário? ‘Ninguém é verdadeiramente grande literato, nos diz ele, sem cultura científica, porque só as idéias exatas da ciência podem oferecer base para a arte das letras’. Admite, pois, que prescindindo das ciências, não pode haver cultura sólida e verdadeira. Logo... **amadorismo literário nem sempre é sinônimo de Cultura.**

Isto justamente foi o que dissemos. Para que, pois, aquele longo arrazoado, referido de citações como se houvéramos nós afirmado o contrário? Para que aquele jogo de cena calculado como para fazer acreditar que o antagonismo entre ciência e literatura fora o pivot da questão? - **Prosseguindo, queremos deixar bem patente que jamais reivindicamos para a Igreja o privilégio de ter sido a única força civilizadora. Todos sabemos que a História da Civilização não se resume na história da civilização cristã. O que foi posto em merecido relevo, em nossos artigos anteriores, foi a excelência do cristianismo como elemento civilizador, máximo no ocidente** (MONTE, 2001. p. 246, grifos nossos).

Como se pode constatar, Monte novamente enquadró as ideias de Branco na categoria de amadorismo literário, repleto de críticas gratuitas e infundadas:

No intuito de evitar confusão, desde logo desejamos sublinhar que, embora ligados por interrelações imprescritíveis, Cristianismo e Civilização se desenvolvem em planos diversos. **Civilização é um bem de ordem natural.** É ela a expressão multifária de tudo que é especificamente humano na ordem natural: direito, política, ciências, economia, artes e moral. **O Cristianismo, ao invés, é um bem de ordem sobrenatural, nas suas origens e nas suas finalidades.** Apesar de haver uma civilização cristã, o Cristianismo não se **identifica** com civilização alguma. Se ele se desenvolvesse dentro de um âmbito puramente natural, deixaria de ser cristianismo: seria, quando muito, uma filosofia revelada. Compreende-se, pois, **se em todos os tempos a natureza humana foi sempre ávida de realizar-se, na expansão de suas múltiplas virtuosidades, em todo os tempos igualmente deve ter havido um esforço de civilização.** Pelo que, antes de Cristianismo houve, nem podia deixar de haver, civilizações. Que, do patrimônio cultural das civilizações passadas, tenha o Cristianismo aproveitado o que era aproveitável, não consiste em segredo para ninguém. Bastaria lembrar o que Santo Agostinho tem de Platão, e o que Santo Tomaz conserva de Aristóteles. **Que tenha havido antes da era cristã, filósofos, sábios moralistas, políticos e artistas de renome, pouco importa, nem cousa alguma conclui contra as benemerências do Cristianismo, como elemento civilizador.** Não está em tela a precedência cronológica, mas a excelência da ação socializante e civilizadora do Cristianismo. Elementos civilizadores sempre os teve a história, na Índia, na China, nas América e em toda parte; diversos, porém, foram o aproveitamento e valorização destes agentes civilizadores. **A grande original idade do Cristianismo, no plano civilizador, consiste precisamente numa interpretação nova e uma valorização específica dos elementos culturais humanos.** Orientar o homem, na plenitude de seus valores naturais para a felicidade a que Deus o elevou tomando-o co-participante na própria vida divina - é o núcleo integrante em tomo do qual se agrupam as estratificações da civilização cristã. À luz dessa interpretação, os fatos culturais mais preponderantes - a idéia de pessoa, o conceito de indivíduo, a noção de trabalho, a concepção de autoridade, a filosofia, a moral, e até mesmo as ciências e as artes, tomaram novo rumo, jamais antevistos por qualquer outra civilização! Pouco importa que a humanidade tenha nascido há dois milênios. **Pouco interessa que dois mil anos sejam 'uma gota d'água no i de nossa vida muitas vezes milenar'.** Pouco valem, no caso, as dezenas e dezenas de séculos das civilizações antigas. **Não é questão de tempo, é questão de excelência,** uma questão de fato. **O que se debate é o fato histórico evidente da maravilhosa ação socializante do Cristianismo, evidenciada particularmente nos tempos do absolutismo teológico medieval.** Não vem ao caso que, antes da civilização cristã, tenha havido outras civilizações, outras doutrinas, outros filósofos, outros artistas ... Tudo isso está violentamente fora das questões em foco - Dentro das possibilidades culturais de cada época, sempre se verificou um esforço de sistematização científica. Mas, o fato de ter havido este esforço de sistematização em épocas diversas e afastadas da história, em nada impede que a ciência moderna transcenda todas as outras pela sua finneza, precisão e vitalidade, mesmo que se tenha apropriado de tudo que de certo e positivo podia haver na sabedoria antiga. [...]

Tentar-se destruir todo esse longo e exaustivo trabalho de crítica histórica, com argumentos gratuitos, é simplesmente irrisório. Continua, pois, ainda de pé na majestosa expressão de sua firmeza: **‘É o Cristianismo o grande par de asas indispensável para elevar o homem acima de si mesmo’** (MONTE, 2001. p. 427-428, grifos nossos).

Se, para o religioso, amadorismo literário não era sinônimo de cultura, existia também uma grande diferença entre civilização (de ordem natural e que se relacionava a diversos campos do saber) e o cristianismo (de ordem sobrenatural), afirmação que o levou a sistematizar suas convicções em quatro pontos:

[...] 1º) Não existe antagonismo entre ciência e literatura! 2º) É uma monstruosidade separar a cultura da inteligência do cultivo dos sentimentos! 3º) Há três ou quatro mil anos, na Índia, na China, na Grécia e no Japão, o Cristianismo não era o par de asas indispensável para elevar o homem acima de si mesmo! 4º) Antes da civilização cristã, houve outras civilizações, filósofos, sábios e artistas!

***Risum teneatis?* [Risada?]**

(Pub. na ‘*A Ordem*’ de 18.8.1943)

(MONTE, 2001. p. 428, grifos nossos).

O título dado ao texto – *Risum Tineatis?* – e a sistematização revelam que apenas Monte não apenas estava rindo de seu oponente nos debates, mas, também, que estava, através do recurso da ironia e do excessivo didatismo, desacreditando-o. Segundo Jurandyr Navarro, “Depois deste artigo de Padre Monte, o dr. Lourenço Branco silenciou, não dando mais alguma resposta” (NAVARRO, 1999 *apud* MONTE, 2001. p. 428). Vale lembrar que, por várias vezes e anteriormente a estes três últimos artigos escritos por Monte, Lourenço Branco havia manifestado seu desejo de não mais se envolver em polêmicas. É preciso também considerar que o agravamento da doença que vitimou Monte seis meses depois pode ter favorecido o encerramento das discussões, apontando para outra razão que não exclusivamente o êxito do padre em seu empenho de desacreditar o tenente-veterinário.

Após a morte de Monte, Lourenço Branco se manifestou, expressando as suas condolências, em um artigo n’*A República*, divulgado em 4 de abril de 1944

De Minha Janela ...⁷³⁹

CÔNEGO MONTE

Lourenço Branco

⁷³⁹ Ao longo dos debates que Branco travou com Monte, por várias vezes ele afirmou que o religioso queria que todos olhassem o mundo através de sua janela. Acredito que o título dado ao artigo de despedida tenha retomado essa ideia. Mas, apesar de exaltar as qualidades de Monte, Lourenço Branco parece não ter cedido, coerentemente com suas ideias de liberdade de expressão e tolerância, às suas interpretações sobre o mundo.

Nesta época triste em que se joga o destino da humanidade sobre os campos de batalha, só uma esperança nos pode animar: **o direito vencerá e os homens de bem por fim se entenderão para que a paz reine sobre a terra, entre aqueles que tem boa vontade.**

Nesse futuro dia da vitória sobre as forças do mal, homens como Cônego Luiz Monte, tipo de completo altruísmo, com o cérebro sempre inspirado pelo coração, homem dessa têmpera serão os salvadores do patrimônio cultural e sentimental de nossa espécie.

Foi um rude golpe o que sofremos nesta semana quando soubemos da morte prematura daquele que, inflexível em sua fé, tinha o dom supremo de conquistar amigos entre todos os homens bem-intencionados, não importa de que credo ou de que filosofia.

O essencial nos dias tenebrosos que ocorrem é a gente salvar-se do ceticismo doentio ou do patológico egoísmo que nos lança na inorgânica irreverência revolucionária, incapaz da veneração, sem respeito pelas idéias alheias.

O Cônego Monte, homem da religião e de ciência, bondade e ação, realizou na curta vida, a plenitude do dever que livremente escolhera: foi um sacerdote católico totalmente impregnado dos rígidos princípios evangélicos, modesto em sua simples batina, quase humilde.

Foi também o professor de ciências e de letras clássicas, respeitado e amado por todos os seus ensinamentos e pela bondade comunicativa de quem nascera com a organização de mestre: instrutor para os cérebros, pastor de almas para os corações ávidos do leite da ternura humana.

Todos os aspectos da personalidade do Cônego Monte são bem conhecidos, pois ele sempre viveu às claras, com o destemor sincero dos justos.

Quero aqui trazer o meu respeitoso testemunho de amigo.

Houve entre mim e o Cônego Monte uma ligeira troca de artigos pela imprensa em torno de pontos de vista filosóficos em que éramos e permanecemos divergentes.

Eu não o conhecia pessoalmente.

Sempre acreditei, entretanto, que os homens honestos e ativos devem colaborar, apesar das convicções religiosas que são irreduzíveis.

É preciso que sejamos convergentes na prática, através da confusão espiritual teórica animado pela fé na bondade humana, procurei um dia aquele que me dera a honra de responder algumas crônicas minhas. Fiquei sendo, desde então um seu sincero admirador.

Os meses passaram chegou o dia de Natal de 1943 com um atencioso cartão de boas festas, **meus filhos receberam do amigo padre 'Monte' um delicado presente.** Este pequeno detalhe pessoal que aqui recordo bem demonstra, sem dúvida, o espírito de conciliação do grande sacerdote que o Rio Grande do Norte perdeu.

Segundo aforisma sociológico de Auguste Comte, 'os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos'.

As grandes qualidades, as excelsas virtudes cristãs do Cônego Monte jamais se perderão para o clero e para os fiéis da terra potiguar.

No pequeno mundo afetoso de meu lar também não será esquecido nunca o amigo delicado, pronto a esquecer as dissidências e a lembrar a convergência dos homens do amor ao próximo que é o caminho certo do amor à família, à Pátria e à humanidade.

Os seres como o Cônego Monte têm na prática altruística de suas virtudes o melhor prêmio das consciências puras que é a satisfação de se devotarem ao bem.

Agora quando ele morreu, que não seja a nossa respeitosa saudade um sentimento inútil, mas um estímulo para seguir o seu exemplo no devotamento sem hesitação ao dever e ao trabalho.

É preciso que o mundo de amanhã seja um mundo melhor, para sempre iluminado pela compreensão e pela fraternidade entre os vivos. Sem esquecer a religiosa veneração aos nossos dignos mortos.

(Diário de Natal - 4-3-1944)

(MONTE, 2001. p. 442-443, grifos nossos).

O texto de Lourenço Branco retomou a importância da esperança de um mundo sem guerra e com os homens tendo os seus direitos garantidos. Elogiou a atividade intelectual de Monte e sua abnegação à causa católica. Entretanto, reforçou também as suas posições de divergência em relação ao religioso. Mesmo que a ironia e o sarcasmo tenham caracterizado os textos que trocaram entre si, havia uma relação de respeito, o que parece ficar evidenciado no texto de despedida. Essa demonstração de respeito entre intelectuais pode ainda ser atribuída à rede de amigos em comum que, por vezes, deve ter atenuado as desavenças e procurado contemporizar os ânimos.

Ao final deste tópico, considero importante retomar a informação de que os debates travados entre Monte e Branco decorreram da conferência proferida por Antônio Pinto de Medeiros, que versou sobre o escritor francês Anatole France e sobre a defesa da tolerância. Os polemistas, no entanto, não se limitaram a tratar as ideias de France sobre tolerância e liberdade, alcançando uma complexidade e extensão que não poderiam ser imaginadas pelos que participaram do evento promovido pelo Atheneu.

Outro aspecto que também merece ser ressaltado é a forma distinta como Monte tratou os pastores evangélicos e a Esmeraldo Siqueira e Lourenço Branco. Aos pastores, os ataques foram, inclusive, de ordem pessoal, enquanto as críticas feitas a Siqueira e Branco ficaram mais circunscritas às ideias que eles defendiam. A análise dos textos das polêmicas não revelou, contudo, um Monte polemista brilhante e consistente, como seus admiradores o descrevem. Muito mais do que argumentos novos, Padre Monte ratificou ideias já consolidadas – em sintonia com o pensamento da Neocristandade – e, raramente, demonstrou como havia tido acesso às informações que divulgava para defender seus posicionamentos. Cabe, ainda, destacar que, mesmo considerando as polêmicas “uma coisa séria”, em oposição às humorísticas divulgadas na imprensa no início da República, Monte recorreu ao sarcasmo e à ironia, valendo-se muito mais da retórica do que de argumentos.⁷⁴⁰ Mesmo assim, convencionou-se percebê-lo

⁷⁴⁰ Considero que as polêmicas, como um gênero literário publicado em periódicos, não comportavam uma discussão alentada como aquelas existentes em obras de natureza científicas, nas quais os argumentos expostos estão fundamentados em fontes e teóricos. Considero também que, no caso de Monte, ele muitas vezes se referiu a autores, inclusive em outros idiomas, apenas como argumentos de autoridade, sem fazer uma discussão consistente, mesmo que concisa, sobre o pensamento do autor. Essa ideia de usar o autor como argumento de autoridade já foi analisada por Roberto Ventura, como foi abordado neste capítulo. Segundo esse

– e apresentá-lo – como um erudito, como um profundo conhecedor de Teologia, Literatura e Ciência, detentor de vasto conhecimento, adquirido através da leitura de clássicos e contemporâneos seus.

autor, era próprio desse gênero a utilização de autores como recurso meramente retórico. Esses argumentos usados por Monte provavelmente ajudaram a compor o imaginário de que ele possuía uma biblioteca bastante aparelhada, como informam os seus admiradores. Essa percepção pode ser reforçada em razão de que a citação a autores estrangeiros dava, para o público leitor dos jornais natalenses, a impressão de que Monte realmente era um erudito. Como a biblioteca nunca foi, efetivamente, encontrada, ninguém sabe o que realmente existia nesse acervo. Isso favoreceu a utilização da própria biblioteca dele como argumento de autoridade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que escrever a história, se não for para ajudar seus contemporâneos a ter confiança em seu futuro e a abordar com mais recursos as dificuldades que eles encontram cotidianamente?

[...]

Nossa sociedade é inquieta. O próprio fato de que ela se volta resolutamente na direção de sua memória é uma prova disso. Os franceses jamais comemoraram tanto. Todas as semanas festeja-se aqui e ali o aniversário de alguma coisa. Se nos apegamos dessa maneira à memória dos acontecimentos ou dos grandes homens da nossa história, é também para retomar nossa confiança. É por isso que uma inquietação, uma angústia, está escondida em nosso íntimo.

(DUBY, 1998, p. 9 e 13).

Inspirada no historiador francês George Duby (1919-1996), escrevi este trabalho com o desejo de ajudar meus contemporâneos a superarem seus medos e acreditarem que é possível construir, no futuro, uma sociedade na qual homens e mulheres acreditam em si próprios, solidarizam-se uns com os outros, indignam-se com todas as espécies de miséria e que, em conjunto, podem encontrar alternativas para viver melhor aqui na terra.

Historicamente, percebe-se que, continuamente, no passado e no presente, por razões das mais diversas, as pessoas têm buscado encontrar pontos de apoio que os protejam dos seus medos. Na interpretação de Duby, o medo desaparece, quando predomina a confiança. E, para superar medos, segundo o autor, diferentes grupos sociais buscam a confiança, realizando celebrações de fatos memoráveis e homenageando personagens tido como espetaculares.

A ideia de Duby tem relação direta com este trabalho, uma vez que um dos elementos centrais desta Tese é o apego dos admiradores de Monte à sua imagem de santo e sábio. Nesses termos, é importante compreender como e por que um religioso que morreu em 1944 permanece celebrado contemporaneamente. Se a premissa de Duby está correta, o culto à imagem de Monte, iniciado imediatamente após a sua morte e propagado até os dias atuais, está ancorado em medos que estão fixados no inconsciente. Quais os medos existentes nos homens que a imagem de Monte seria capaz de superar, restabelecendo a confiança? O medo do que vem depois da morte? O medo do fim da Igreja Católica, em razão da perda de fiéis para outras crenças? O medo de que os avanços na ciência pudessem questionar a fé? O medo da Igreja se separar definitivamente do Estado? O medo do enfraquecimento público dos intelectuais católicos?

Considerando esses medos e tantos outros possíveis, procurei, ao longo do desenvolvimento desta Tese, descobrir as razões para a celebração da imagem de Monte e os medos que instigaram e ainda instigam essa celebração. A homenagem à santidade de Monte,

poderia vir como uma resposta ao medo de perder um padrão moral católico, enquanto a homenagem à sabedoria de Monte, poderia ser uma resposta ao medo de que as explicações bíblicas perdessem o poder pleno de esclarecer tudo sobre o mundo, abrindo espaço para que outras explicações, com origem na ciência, passassem a prevalecer.

Sob esta perspectiva, posso afirmar que se as homenagens a Monte estão relacionadas a uma série de medos, posso também afirmar que, se ocorresse uma desnaturalização desses medos, as pessoas provavelmente iriam estabelecer outras relações com a imagem de Monte. Nesse sentido, ao descobrirmos o que leva as pessoas a celebrarem Monte, seriam descobertas as razões da sua celebração e surgiriam novas relações entre os vivos e o morto. Desse modo, considero que a desnaturalização destas ideias libertaria o homem de uma série de medos. Assim, meu objetivo neste trabalho está vinculado ao desejo de desnaturalizar concepções e práticas que, aprisionando os homens aos seus medos, os impedem de pensar alternativas de vida distantes de escudos protetores que se cristalizam na celebração dos fatos e na homenagem aos heróis.

Postas essas considerações, considero importante mostrar como a imagem de Monte permanece sendo celebrada na contemporaneidade. Para concretizar as celebrações a essa imagem, narrarei brevemente uma homenagem ao religioso que presenciei no ano de 2018.

No dia 21 de novembro comemora-se a padroeira da cidade de Natal, Nossa Senhora da Apresentação. Nesta data, que é feriado municipal, a Igreja organiza anualmente uma semana de festividades, que é coroada com uma grande missa na manhã do próprio dia-santo. A Catedral da cidade fica completamente lotada, uma vez que os bispos das outras Dioceses do estado, de algumas Dioceses de outros estados e muitos Padres de diversas Paróquias do Rio Grande do Norte, além de caravanas advindas de comunidades de Natal e do interior comparecem ao evento.

No ano de 2018, durante essa grande missa, a Catedral estava lotada. A semana havia sido bastante movimentada, em razão das muitas atividades em homenagem à Padroeira, que contou, inclusive, com a presença de Bispos de outras Dioceses, atuantes como celebrantes de cerimônias religiosas. Na missa festiva do dia 21 novembro, celebrada por Dom Jaime Vieira Rocha, Arcebispo de Natal, estavam presentes grupos religiosos, fiéis, várias autoridades civis, parlamentares, personagens da intelectualidade católica natalense. Em alguns momentos da missa, Dom Jaime Rocha, anunciou que, logo após aquela solenidade, seriam inaugurados o busto e a placa comemorativa em homenagem ao Cônego Luiz Gonzaga do Monte. Na homília, especialmente, Dom Jaime Rocha ressaltou as qualidades morais e intelectuais do homenageado, destacando que, apesar de ter morrido em 1944, Monte era lembrado até aquela

data pela Igreja e pela sociedade natalense por sua inteligência e por seu espírito cristão. Em razão dessas qualidades do homenageado, Dom Jaime Rocha convidou todos os presentes a assistirem à instalação do busto e da placa. Após a missa, a maioria dos presentes comandados pelo Arcebispo, se dirigiu para os jardins da catedral, onde foram inaugurados o busto de Monte e a placa que detalhava as razões da homenagem nos seguintes termos: “Homenagem, no ano do laicato (2018), ao primeiro diretor da Ação Católica, Cônego Luiz Gonzaga do Monte”. No evento de inauguração do monumento, Dom Jaime Rocha benzeu o busto e a placa, bem como proferiu um pequeno discurso enaltecendo a genialidade de Monte.

A sugestão de erguer um busto e uma placa, em homenagem a Padre Monte, foi de Jurandyr Navarro, concretizada em reunião com o Arcebispo de Natal, no dia 11 de setembro de 2018, na qual ficou decidido que a homenagem ocorreria no dia 21 de novembro de um ano que a Igreja havia dedicado aos leigos. O encontro entre Navarro e Dom Jaime Rocha foi devidamente divulgado no Instagram da Arquidiocese de Natal.

Eu fui convidada por Navarro e por Dom Jaime para participar da reunião, em razão da minha pesquisa. Desde o início da minha investigação, eu tinha deixado claro o meu objeto de investigação para o clero e para os intelectuais católicos de Natal. Tanto o Arcebispo, quanto Jurandyr Navarro consideraram essencial o meu estudo, uma vez que julgavam que eu apresentaria dados que pudessem contribuir para o processo de canonização de Padre Monte. Eu nunca alimentei essa ideia. Sempre deixei evidente que estava fazendo uma pesquisa acadêmica, levando em consideração o papel do historiador em uma investigação e que não tinha por meta construir argumentos que justificassem a construção de uma santidade de Monte e que meu objetivo era reconstituir as ações de Monte no contexto em que elas aconteceram. Foi nessa condição de pesquisadora que eu fui convidada por Navarro e pelo Arcebispo para assistir a reunião, sendo que, antes dela, ratifiquei aos dois quais seriam os limites da minha participação no encontro. Minha presença se restringiria a observar e registrar, na condição de pesquisadora, o que Navarro e Dom Jaime tratariam sobre Monte. E foi nesta condição, que assisti a reunião.

Durante o encontro, Jurandyr Navarro propôs que fosse erguido um busto de Padre Monte na Catedral e que ele próprio arcaria com todos os custos. Dom Jaime Rocha considerou a ideia excelente e autorizou que fossem tomadas as providências para a sua concretização. Ambos justificaram a adequação do momento para essa homenagem, em razão da necessidade de, em 2018, ano dedicado pela Igreja aos leigos, reavivar a Ação Católica, entidade da qual Monte havia sido um dos organizadores em Natal.

Na visão de Dom Jaime, diante dos descaminhos do povo, a Igreja precisava estimular a participação popular. Dado o momento político vivido na sociedade, o Arcebispo acreditava que a Igreja precisava unir clero e leigos em busca de difundir os ideais cristãos na sociedade.

Tanto Jurandyr Navarro, quanto o Arcebispo consideraram que a homenagem a Monte seria uma forma de homenagear o maior intelectual da Igreja, um dos mentores da Ação Católica, que tivera atuação direcionada para o envolvimento dos leigos na Igreja e na sociedade. Além disso, os dois julgavam que a homenagem a Monte poderia favorecer o fortalecimento do processo de beatificação de Monte, que havia sido aberto na Arquidiocese de Natal em 2005.

A partir da reunião entre Jurandyr Navarro e Dom Jaime Vieira Rocha e da solenidade de inauguração do monumento, ficou evidente que a homenagem a Monte rememorava a Ação Católica e a capacidade de um intelectual, que integrava o clero, se comunicar com a sociedade. Nesses termos, a homenagem a Monte em 2018 deixava evidente que a imagem dele permanecia viva.

A constatação da manutenção da celebração do padre santo e sábio no presente e nos relatos dos admiradores do religioso, instigaram-me a formular o problema central de investigação desta tese: Como e por que se criou a imagem de Monte como santo e sábio? Esse problema conduziu-me a procurar compreender em que momento havia iniciado o processo de celebração da imagem de Monte, o que justificava essa celebração e em que estavam pautadas essas homenagens.

A minha investigação constatou que os elementos da vida de Monte mobilizados pela Igreja e pelos admiradores de Monte refletiam as concepções e as ações de sacerdote católico para cumprir as diretrizes da Neocristandade. Em outras palavras, posso afirmar que descobri que a trajetória de vida sacerdotal de Monte esteve calcada nos princípios desse movimento do catolicismo. Assim, o religioso ingressou no Seminário, tornou-se padre e atuou como sacerdote concomitantemente ao florescimento da Neocristandade.

Ratifico que antes de iniciar a investigação, eu tinha clareza de que a imagem de Monte tinha sido cristalizada na sociedade natalense como santo e sábio. Foi partindo dessa constatação que procurei compreender como Monte havia se tornado um sacerdote e se consagrado como santo e sábio no seio da cristandade potiguar.

Em razão das minhas inquietações e dos meus primeiros contatos com as fontes, eu construí uma hipótese de trabalho – confirmada ao longo da pesquisa – que favoreceu o meu percurso investigativo para responder ao problema formulado. A partir da hipótese, eu pude definir as fontes que analisaria e os métodos que utilizaria.

A hipótese que formulei, respondendo ao meu problema central de investigação, era que o cerne da sabedoria e da santidade imputadas a Monte podiam ser explicados a partir de quatro elementos, cujo alcance só pode ser compreendido se considerados em conjunto: as diretrizes da Igreja Católica; a trajetória do próprio Monte, assim como as redes de sociabilidade que ele estabeleceu; a ação dos intelectuais natalenses que eram seus admiradores; e a cultura política vivenciada na cidade de Natal durante o sacerdócio e depois da morte de Monte.

Essa hipótese direcionou as minhas investigações, apontando para diferentes ações. Para discutir as diretrizes da Igreja Católica no período de Monte, eu mapeei os estudos sobre as diferentes diretrizes da Igreja desde o Concílio de Trento. Organizei um quadro com os movimentos, os atores que os representam, as concepções e práticas que os organizavam e os períodos marcantes de sua atuação. Nesse quadro, evidenciei a inserção desses movimentos no cenário internacional e no cenário brasileiro, concentrando-me de maneira mais específica na Neocristandade, em razão da descoberta de sua forte vinculação ao movimento.

Para enveredar na trajetória de Monte propriamente dita considerei adequado o método onomástico, tal como definido por Ginzburg nos procedimentos próprios da Micro-História italiana. Nesse sentido, persegui o nome de Monte em documentos que foram produzidos ao longo da vida dele. Busquei, primeiramente, as suas origens familiares, as suas ações para ingressar no Seminário, as amizades que construiu, as relações com o clero, a relação nos espaços leigos (escolas, instituições) e religiosos (irmandades, grupos ligados à Igreja Católica). Enfim, busquei todas as informações possíveis nas fontes em que encontrei o nome Luiz Gonzaga do Monte. Cada descoberta sobre a sua trajetória era devidamente associada com os outros acontecimentos da cidade e com ideias que circulavam em âmbito nacional e internacional. À medida que encontrava informações sobre Monte, procurei informações sobre ele com outras pessoas, encontrando novos indícios e informações que permitiram contextualizar as informações obtidas.

Na perseguição ao nome de Monte, utilizei quatro grandes estratégias: 1) transformei as três biografias sobre Monte em documentos e a partir delas encontrei outros documentos que permitiram identificar os elementos utilizados na construção da memória de Monte; 2) organizei quadros amplos produzidos a partir dos textos, das informações e dos dados contidos nos dez volumes da *Antologia do Padre Monte*; 3) mapeei os textos de Monte e sobre ele que foram publicados no jornal *A Ordem*, enfatizando os períodos imediatamente anteriores à sua doença e posteriores à sua morte; 4) elaborei quatro grandes quadros, sintetizando as polêmicas públicas de Monte com os personagens que ele considerava inimigos da Igreja.

Ao analisar as três biografias de Monte, escritas por Leão do Norte, Jorge O'Grady de Paiva e Helenita Hollanda e produzidas, após sua morte, encontrei muitas pistas sobre os caminhos percorridos pelo religioso do seu nascimento até seu falecimento. Resenhei os três trabalhos e, em seguida, identifiquei as informações comuns e as particularidades de cada um deles. A partir dessa tarefa, construí as linhas mestras da trajetória de Monte e percebi que alguns aspectos careciam de maiores esclarecimentos, uma vez que os biógrafos haviam minimizado aspectos importantes sobre os deslocamentos da família, naturalizado dados sobre as redes de relações de Monte e construído narrativas teleológicas que indicavam um caminho predeterminado – desde a infância – para o sacerdócio e sua santidade e sabedoria.

Essa constatação me fez investir nas razões para os deslocamentos da família durante a infância de Monte, possibilitando a descoberta de que as mudanças se davam em razão da expansão das linhas ferroviárias no interior dos estados de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte e a compreensão das razões que levaram os Monte a se instalarem definitivamente em Natal. Nos meus estudos, pude inferir que a vinda da família Monte para Natal deve ter sido provocada pela gripe espanhola que afetou o distrito de Recanto, impediu a continuidade da construção da estada de ferro e obrigou os trabalhadores a buscarem outros lugares para as suas famílias. Nesse sentido, Natal não parece ter sido escolhida como lugar de moradia dos Monte simplesmente por existir o desejo familiar de tornar Monte um padre, como sugerem as biografias escritas sobre ele.

Para chegar às minhas conclusões sobre os deslocamentos da família Monte e sobre sua vinda para Natal, eu li – além das biografias – uma série de documentos e estudos acadêmicos sobre a expansão das linhas ferroviárias no Nordeste brasileiro. Além disso, a inexistência de explicações para que a pequena Recanto tivesse uma estação ferroviária conduziram as minhas investigações a duas cidades próximas a Recanto: Currais Novos e de Cerro Corá. Foi assim que cheguei a Wallace Wilson Pereira, homem nascido em Cerro Corá e colecionador das histórias locais. A partir das informações dadas por esse indivíduo pude reconstituir a Recanto da época dos Monte e inferir as razões da vinda da família para Natal.

Após a reconstituição dos deslocamentos da família, percebi que seria possível elaborar um mapa que visualizasse as linhas ferroviárias que haviam sido trilhadas pelos Monte. Assim, pedi ao geógrafo Anderson Freitas que produzisse um mapa dos deslocamentos da família a partir dos dados que eu tinha. O trabalho de Anderson expressou o que eu desejava e foi inserido no *Apêndice A* desta tese. Além deste mapa que reconstitui os deslocamentos nos estados de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, Freitas elaborou outro, reconstituindo

o trajeto percorrido pela família Monte de Recanto para Natal. Esse segundo mapa expressa visualmente como os Monte chegaram a Natal e se constitui no *Apêndice B*.

Compreendida a chegada da família a Natal, passei a buscar as informações sobre a relação da família Monte com a Igreja e sobre as relações de Luiz Gonzaga do Monte com a instituição. Para tanto, investiguei a história da Igreja Católica no Rio Grande do Norte, sobretudo no momento em que a família se instalou na cidade e em que Monte ingressou na instituição, apresentando também as outras mudanças que a instituição sofreu posteriormente. Neste esforço de pesquisa, identifiquei que apenas em 1907 a Igreja Norte-rio-grandense passou a ter uma Diocese e que só na década de 1930 foram criadas mais duas Dioceses.

Ao construir a narrativa sobre a constituição da Igreja Católica no Rio Grande do Norte, demonstrei que Monte se aproximou da Igreja potiguar quando se iniciava uma etapa de autonomia e centralização da instituição. Para visualizar essa narrativa da criação da primeira Diocese no início do século XX e as novas divisões nos anos 1930, orientei o geógrafo Anderson Freitas na elaboração de um mapa que expressasse as etapas de expansão das Dioceses no Rio Grande do Norte. Esse mapa está inserido no *Apêndice C* desta tese e conta com uma série de informações que havia consultado sobre a organização das Dioceses no estado.

Decidi investigar a formação da Diocese por perceber, logo na primeira década de criação, o nome de Monte cravado nas estruturas eclesiais, fazendo parte de irmandades católicas e depois como aluno do Seminário de São Pedro. Aliás, Monte foi o primeiro padre totalmente formado em Natal.

Ao buscar informações relativas à inserção de Monte no seio da Igreja natalense, constatei que ele criou fortes relações com os bispos e com seminaristas mais velhos que haviam cursado os primeiros anos da formação em outros lugares e os últimos em Natal. Pude constatar que esses contatos possibilitaram uma sólida rede de sociabilidade no seio da Igreja a partir de Monte. Para trabalhar com o conceito de rede, foi essencial a noção de microcosmos, tal como proposto por Sirinelli, e a partir dessa noção trabalhei as relações de Monte com os intelectuais que eram religiosos. A partir das redes percebi que as concepções e práticas de Monte no seio do catolicismo não estavam circunscritas a Natal. Monte havia sido formado para executar o projeto da Neocristandade e, dessa maneira, todas as suas ideias e ações estavam voltadas para o atendimento dos princípios desse movimento. Foi assim que percebi que Monte não era um caso isolado de um padre que almejava sabedoria e santidade. Ele era um caso concreto de como a Neocristandade atuava no Brasil. Ao realizar essa descoberta, percebi em Monte apresentava características semelhantes às de outros padres que também atuavam em prol da

Neocristandade, como João Gualberto, que desenvolvia sua ação no Sudeste brasileiro. Percebi ainda que, pelo menos, Paiva – um dos biógrafos de Monte – produziu uma biografia sobre João Gualberto no mesmo padrão que daquela que escreveu sobre Monte, garantindo o enaltecimento de um religioso defensor da Neocristandade. Sendo assim, constatei que havia um discurso que buscava a unidade na concepção e na ação da Igreja.

A segunda estratégia que desenvolvi para conhecer o pensamento e as ações de Monte foi mapear as dez *Antologias do Padre Monte*, que foram organizadas por Navarro com o intuito de reunir materiais sobre Monte dispersos na imprensa ou conseguidos com pessoas que haviam guardado materiais manuscritos e/ou datilografados. Ao ler os dez volumes, percebi que os textos haviam sido reunidos sem um critério objetivo de classificação e que isto dificultaria as minhas análises. Em razão disso, construí quatro quadros a partir de informações extraídas dessas obras. No primeiro deles (*Apêndice F*), eu fiz uma descrição sucinta de cada volume. Esse quadro foi importante para que eu tivesse clareza sobre o conteúdo dos volumes. Em seguida, eu fiz o segundo quadro (*Apêndice G*), no qual listei todos os artigos escritos por Monte nos dez volumes. Nesse quadro eu indiquei a data e local original da publicação, bem como outros lugares que o texto tivesse sido produzido. Com esse quadro pude perceber que vários artigos haviam sido publicados em mais de um volume das *Antologias* e mapeei as diversas temáticas discutidas por Monte em seus textos. No terceiro quadro (*Apêndice H*) eu sistematizei as polêmicas que ele se envolveu publicamente e que apareciam na *Antologia*. Na elaboração desse quadro descobri que seria necessário um estudo específico sobre as polêmicas, uma vez o material organizado por Navarro não seria suficiente. Finalmente, eu elaborei o quarto quadro, com os discursos proferidos por Monte (*Apêndice I*), nos quais pude perceber como ele se dirigia ao público em eventos específicos.

Além desses quadros eu ainda elaborei outro com o rol de artigos escritos por seus admiradores. Decidi não os inserir esse quadro nos apêndices, uma vez que a sua leitura não iria acrescentar muitas informações para o leitor, visto que no corpo do texto eu analisei detalhadamente as informações coletadas.

Esse trabalho realizado com os volumes da Antologia foi essencial para o meu estudo. Com ele pude visualizar parte significativa da produção de Monte, o que possibilitou que eu identificasse, por um lado, as temáticas discutidas e a forma de abordá-las, a maneira como ele escrevia, as ideias que ele mobilizava, a forma como ele se relacionava com os adversários da Igreja e, por outro, como e o que os seus admiradores escreviam sobre ele.

Importante destacar que as *Antologias do Padre Monte*, em conjunto com as biografias, possibilitaram que eu compreendesse, parcialmente, as ações de Monte no

magistério e no sacerdócio. Foi a partir dessas fontes que eu identifiquei sua atuação nas escolas (Atheneu Norte-rio-grandense e Marista), no Seminário de São Pedro e na Ação Católica. Como as obras exaltavam o fato de que Monte andava ligeiro, deslocando-se rapidamente pela cidade, dando a entender que se tratava de grandes distâncias, eu demonstrei que todos os lugares que Monte frequentava eram muito próximos uns dos outros, o que justificava o seu deslocamento a pé, desconstruindo a narrativa de que essa movimentação era algo excepcional. Ainda nessas fontes, eu pude localizar os livros de Monte sobre Biologia e sobre Latim, o que sucitou análises profundas destas obras e das suas circunstâncias de produção, dos conteúdos neles expressos e da relação estabelecida pelo religioso entre ciência e fé. A partir desta incursão nas obras de Monte, consegui identificar as redes de sociabilidade nas quais ele se inseriu e pude constatar que a repercussão de suas obras foi superdimensionada.

Nas Antologias, eu não consegui perceber três elementos que considere essenciais para a investigação: o momento em que Monte passou a ser cultuado, como a doença dele tinha sido comentada pelos seus admiradores e pela imprensa natalense e as mudanças e permanências na forma de celebrar a imagem de Monte. Nelas, muitas informações não são precisas. Por vezes, os artigos têm títulos diferentes do original, não são apresentadas as autorias e não há a referência completa da obra. Diante dessa limitação, eu resolvi trabalhar com o jornal *A Ordem*. Inicialmente, eu li todas as edições desse periódico do início da doença de Monte, procurando identificar como a sua enfermidade tinha sido tratada. Observei que esse tema foi praticamente silenciado nos jornais, e que, mesmo antes da enfermidade de Monte, a sua sabedoria e a sua santidade não eram apresentadas de maneira explícita no jornal. Essa constatação me instigou a procurar os jornais depois da morte de Monte. Nesse sentido, realizei o mesmo procedimento, procurando identificar como o jornal passou a tratá-lo após a sua morte. No meu trabalho de análise, percebi a grande quantidade de artigos escrita pelos admiradores de Monte exaltando a sua sabedoria e santidade. A contar do dia da morte de Monte, quando foram feitas grandes reportagens sobre o acontecimento, e durante os trinta dias seguintes, o jornal publicou longos artigos de intelectuais natalenses, sobretudo do clero, exaltando a sua imagem de santo e sábio, bem como homenagens prestadas a ele. Foram esses artigos que forneceram as bases para a elaboração das duas primeiras biografias (Leão do Norte e Paiva) sobre Monte.

A partir da investigação nos jornais, pude perceber que a imagem de Monte como santo e sábio foi consolidada depois da sua morte. Isso não significa dizer que as ações de Monte não eram divulgadas no período em que ele viveu. Observando-se os periódicos durante o tempo em que ele era vivo, encontram-se artigos do próprio Monte, debates realizados por ele com os

supostos adversários da Igreja Católica e atividades na Ação Católica. Mas não encontrei textos que o exaltassem como santo e sábio. Essa foi, como demonstrei, uma discussão posterior. Foi depois da sua morte que as suas ações ganharam densidade e uma nova conotação, sendo que a própria doença dele foi abordada de uma maneira que o enaltecia. Nitidamente, foi construída uma rede de intelectuais católicos leigos e religiosos em torno do objetivo de fortalecer sua imagem e, conseqüentemente, fortalecer a imagem da Igreja.

Nos estudos que realizei, fundamentada nas ideias de Chartier, detectei como as representações de Monte foram difundidas, apropriadas e ressignificadas pela população natalense. Monte viveu no período Entreguerras, momento em que a cidade de Natal recebeu muitos estrangeiros e, conseqüentemente, novas ideias. Falava-se no progresso da cidade e os intelectuais natalenses desejavam tornar a cidade moderna. Concomitantemente, a Igreja se posicionava nesse cenário, buscando adaptar-se a ele, ao mesmo tempo em que havia vozes que defendiam a tradição.

Nessa época, a cidade vivenciava uma cultura política profundamente influenciada pelo catolicismo. Como vimos, o poder público e a imprensa defendiam abertamente as posições da Igreja, assim como a população se identificava com os valores católicos. Nesse caso, as ideias sobre Monte ganharam peso em razão dessa identificação do povo com os princípios católicos.

A quarta estratégia que utilizei para analisar as ideias de Monte foi esclarecer com maior aprofundamento as polêmicas públicas nas quais Monte havia se envolvido. Na análise das *Antologias de Padre Monte*, eu havia percebido que Jurandyr Navarro havia selecionado alguns textos escritos por Monte e outros textos, em menor quantidade, escritos por seus debatedores. Entretanto, Navarro não apresentou qualquer discussão sobre as circunstâncias desses debates e, em dois casos, não deu informações sobre o debatedor, nem apresentou nenhum texto dele contra Monte. Em linhas gerais, posso afirmar que as polêmicas coletadas por Navarro eram textos nos quais Monte fazia a defesa da Igreja Católica. Essa descoberta me instigou a procurar maiores informações sobre as polêmicas.

Nesse sentido, eu resolvi mapear as quatro polêmicas com as quais Monte se envolveu. Identifiquei o polemista, as suas ideias e, a partir disso, estabeleci o confronto entre as ideias de Monte e as do polemista. Confesso que a identificação dos polemistas foi um trabalho bastante árduo. Nas *Antologias*, havia comentários breves sobre o médico Esmeraldo Siqueira, sobre o tenente Lourenço Branco e citações breves sobre os pastores Duarte e Matheus. Minha primeira tarefa foi identificar quem eram esses personagens. A partir dessa identificação, eu reconstruí os debates de Monte, apresentando seus argumentos, os argumentos das pessoas que

com ele debateram, e analisando, historicamente, o conteúdo do debate. A partir das minhas análises, pude concluir que Monte utilizou uma linguagem agressiva, desqualificando, muitas vezes, o seu adversário, para defender os princípios defendidos pela Igreja naquele momento.

Ao concluir esta investigação, pude ratificar a tese central que a orientou: a de que a imagem de Monte como santo e sábio emergiu porque existiam diretrizes estabelecidas pela Igreja Católica e porque pôde contar com o apoio das redes pessoais que construiu e das instituições das quais participou. Constatei, ainda, que, para a construção dessa imagem, foi feita uma articulação entre a linguagem científica e a linguagem religiosa que estavam historicamente disponíveis na época em que ele vivia.

Considero que realizei um trabalho original, na medida em que demonstrei como os princípios da Neocristandade se concretizaram nas concepções e ações de um sacerdote, no diálogo com suas redes de sociabilidade e no confronto com seus adversários. Tal originalidade esteve presente nas análises que realizei, a partir das quais evidenciei: as ações que Monte realizou e que favoreceram o seu reconhecimento como intelectual prestigiado entre os leigos e o clero; as relações entre a vida profissional e sacerdotal de Monte; as marcas da personalidade e da ação desse religioso, que foram incorporadas pela sociedade natalense para delinear o seu perfil de sacerdote e de intelectual; a postura de Monte como “porta-voz” da Igreja e da ciência; os indivíduos e as instituições que, durante a vida de Monte e após sua morte, atuaram para fixar uma imagem dele como cientista e religioso de qualidade inigualável; as redes de sociabilidade construídas para que a imagem de Monte como santo e sábio se consolidasse; e, finalmente, a atuação de Monte nas instituições católicas e nas instituições leigas.

Para concluir este trabalho, gostaria de retomar a epígrafe de Georges Duby e afirmar que eu também convivi e convivo com muitos medos e, para esses medos, tenho buscado refúgios. Ao realizar uma investigação histórica, percebi o quanto as experiências do passado e do presente podem ajudar a nos libertarmos dos refúgios, desnaturalizando ideias consagradas e acreditando na força dos homens e das mulheres para transformar concepções e práticas cristalizadas na sociedade como algo implacável. Nesses termos, desejaria que o meu trabalho despertasse em outras pessoas o desejo de compreender o passado, dessacralizando ideias consagradas ou aparentemente óbvias. Se eu tiver atingido esse meu desejo, ficarei feliz, pois saberei que as pessoas poderão, por meio da história, avançar rumo a um futuro mais democrático e digno. A crença no além pode ser importante para as pessoas, mas elas nunca poderão minimizar as condições concretas da vida terrena.

Com essas reflexões, não minimizo o esforço de Monte para viver conforme os ideais que ele considerava essenciais. Suas ações e obras devem ser respeitadas. Entretanto, à luz da

História, é necessário compreender que ele foi um homem inserido em seu tempo e no grupo de pessoas com as quais convivia. Não minimizo, igualmente, o esforço dos seus admiradores em reforçar sua imagem. Aliás, foram esses admiradores, em grande medida, os responsáveis pelas fontes que permitiram a elaboração deste trabalho. Reitero meu respeito e admiração por Jurandyr Navarro, que dedicou sua vida, desde a década de 1950, a reunir tudo o que existia sobre esse religioso. Não sei identificar a força que o motivou a realizar esta tarefa hercúlea, mas acredito que tenha sido acalentado por seus desejos de um futuro melhor.

A Tese foi exposta. Agora, a exemplo do que sucedeu com Padre Monte, inicia-se o debate, com argumentos que poderão refutá-la ou reforçá-la.

A palavra, agora, está com o leitor.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Henrique Tanner de. [Verbetes]. *In*: DICIONÁRIO histórico-biográfico das ciências da saúde no Brasil (1832-1930). [S. l.], 2019. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/abreuhentan.htm>. Acesso em: 10 nov. 2019.
- ABREU, Regina. **A fabricação do imortal**: memória, história e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Miguel Osório de Almeida**. Biografia. Rio de Janeiro, [1997?]. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/miguel-osorio-de-almeida/biografia>. Acesso em: 9 abr. 2020.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). **Murilo Melo Filho**: perfil do acadêmico. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/murilo-melo-filho>. Acesso em: 29 maio 2020.
- ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS (ANRL). **Quem somos**. Natal, 2016. Disponível em: [http://anrl.com.br/Quem somos](http://anrl.com.br/Quem%20somos). Acesso em: 3 ago. 2016.
- ACADEMIA PADRE JOSÉ ANCHIETA. **Livro de atas da Academia “Padre José de Anchieta” (desde à fundação 1937 até agosto de 1945) (neste livro consta os estatutos)**. Natal, 1937-1945.
- AÇÃO CATÓLICA BRASILEIRA (ACB). *In*: CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (FGV CPDOC). **Verbetes**. Rio de Janeiro: FGV CPDOC, 2019. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/acao-catolica-brasileira-acb>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- ALBERTI, Verena. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1990.
- ALBERTI, Verena. **Tratamento das entrevistas de história oral no CPDOC**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005.
- ALMEIDA, Angélica Aparecida Silva de. **Uma fábrica de loucos**: psiquiatria x espiritismo no Brasil (1900-1950). 2007. 232 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 2007. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/280289>. Acesso em: 12 fev. 2020.
- ALMEIDA, Vinicius Furquim de. **Das prateleiras da Alcidiana**: os livros, a leitura e a escrita na trajetória intelectual de Alcides Cruz. 2018. 206 f. Dissertação (Mestrado em História) -- Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018.
- ALMINO, João. Medeiros e Albuquerque: irrequeto e inovador. **Revista Brasileira**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 95. p. 45-52, abr./jun. 2018. Disponível em: <http://www.academia.org.br/revistabrasileira>. Acesso em: 12 dez. 2019.

ALONSO, Ângela. **Ideias em movimento**: a geração 1870 na crise do Brasil Império. Rio de Janeiro: ANPOCS; Paz e Terra, 2002.

ALVARENGA, Lucas Thiago Rodarte. Nos bastidores de um jornal anarquista: as mobilizações de um grupo de propaganda para a publicação do jornal A Terra Livre (1905-1910). **Revista Latino-Americana de História**, São Leopoldo, v. 7, n. 19, p. 44-62, jan./jul. 2018. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/view/rlah.v7i19.904/386437>. Acesso em: 20 dez. 2019.

ALVES, Aluísio. *In*: CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (FGV CPDOC). **Verbetes**. Rio de Janeiro: FGV CPDOC, 2019. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/alves-aluisio>. Acesso em: 20 nov. 2019.

ALVES, Aluísio. Íntegra do discurso de Aluísio Alves. **Tribuna do Norte**, Natal, 22 ago. 1993. Suplemento especial, p. 2.

ALVES, Claudia. Contribuições de Jean-François Sirinelli à história dos intelectuais da educação. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 33, n. 67, 18 dez. 2019.

ALVES, Dom José Pereira. Apresentação. *In*: PAIVA, Jorge O'Grady. Verdade e vida. Rio de Janeiro: [s. n.], 1948.

AMARANTE, Alberto Pires. **Contribuição à história do Rotary no Brasil**. Rio de Janeiro: Brasil Rotário, 1973.

ANATOLE France. **Biografia**. [S. l.], 2019. Disponível em: <https://www.algosobre.com.br/biografias/anatole-france.html>. Acesso em: 20 dez. 2019.

ANATOLE France. **Biography**. [S. l.], 2019. Disponível em: <https://www.poemhunter.com/anatole-france-thibault/biography/>. Acesso em: 20 dez. 2019.

ANO miraculoso de Albert Einstein, O. *In*: FÍSICA moderna. Porto Alegre: UFRGS, 2019. Disponível em: <https://www.if.ufrgs.br/tex/fis142/fismod/mod06/ms03.html>. Acesso em: 16 jun. 2019.

AQUINO, Maurício de. Modernidade Republicana e diocesanização do catolicismo no Brasil: as relações de Estado e Igreja na Primeira República (1889-1930). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 32, n. 63, p. 143-170. 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882012000100007&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 15 out. 2015.

ARDUINI, Guilherme Ramalho. **Os soldados de Roma contra Moscou**: a atuação do Centro Dom Vital no cenário político e cultural brasileiro (Rio de Janeiro, 1922-1948). 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. DOI:10.11606/T.8.2014.tde-23042015-112535. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-23042015-112535/publico/2014_GuilhermeRamalhoArduini_VOrig.pdf. Acesso em: 10 fev. 2019.

ARQUIDIOCESE (Belo Horizonte). Cúria Metropolitana. **Dom Antônio dos Santos Cabral**. Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <http://arquiocesebh.org.br/arquiocese/organizacao/governo/dom-antonio-dos-santos-cabral/>. Acesso em: 04 dez. 2018.

ARQUIDIOCESE (Natal). **A Ordem**: origem. Natal, 2007. Disponível em: <http://www.arquiocesedenatal.org.br/aordem/aohistoria.htm>. Acesso em: 19 set. 2007.

ARQUIDIOCESE (Natal). **História - Seminário de São Pedro**. Natal, 2016. Disponível em: <http://arquiocesedenatal.org.br/especiais/seminario-de-sao-pedro>. Acesso em: 3 ago. 2016.

ARQUIDIOCESE (Natal). **Mons. Agnello Dantas Barretto**. Natal. Disponível em: <https://arquiocesedenatal.org.br/clero/mons-agnello-dantas-barretto>. Acesso em: 10 set. 2019.

ARRANCANDO a Espanha das garras do comunismo: a lucta continua tremenda em toda a península *Jornal A Ordem*, Natal, p. 1, 29 jul. 1936.

ARRIBAS, Célia da Graça. A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 26., 2011, São Paulo, **ANPUH: 50 anos**. São Paulo: ANPUH, 2011, p.1-11. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/site/anaiscomplementares>. Acesso em: 10 fev. 2020.

ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal, espiritismo é religião?** A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. 2008. 226 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2008. Disponível em https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-05012009-171347/publico/CELIA_DA_GRACA_ARRIBAS.pdf. Acesso em: 10 fev. 2020.

ATHENEU NORTE-RIO-GRANDENSE. Edital de concurso para cadeiras de Latim e Ciências Físicas e Naturais. **Diário Oficial do Rio Grande do Norte**, Natal, p. 3-45, ago. 1933.

ATHENEU NORTE-RIO-GRANDENSE. **Livro de atas dos concursos de 1926-1934 do Atheneu Norte-Rio-Grandense de Natal**. Natal, 1926-1934.

AURÉLIO, Dâmocles. **História do espiritismo em Pernambuco**: Baluartes do Espiritismo em Pernambuco. 2. ed. Jaboatão dos Guararapes: Editora Livre, 2018. v. 3. (Coleção Autores espíritas clássicos). Disponível em: [http://bvespirita.com/Historia%20do%20Espiritismo%20em%20Pernambuco%20-%20Volume%20III%20\(Damocles%20Aurelio%20da%20Silva\).pdf](http://bvespirita.com/Historia%20do%20Espiritismo%20em%20Pernambuco%20-%20Volume%20III%20(Damocles%20Aurelio%20da%20Silva).pdf). Acesso em 13 fev. 2020.

AZEVEDO, Thales Olympio Góes de. **O catolicismo no Brasil**: um campo para a pesquisa social. Salvador: Edufba, 2002. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ufba/464>. Acesso em: 20 maio 2020.

AZZI, Riolando. **A neocristandade**: um projeto restaurador. História do Pensamento Católico. São Paulo: Paulus, 1994. v. 5.

AZZI, Riolando. O início da restauração católica no Brasil: 1920-1930. **Revista Síntese**, Belo Horizonte, v. 4, n. 10, p. 61-89, maio/ago. 1977.

BARBOSA, Edgar Ferreira. **Imagens do tempo**. Natal: EDUFRN, 1966.

BARROSO, Gustavo. **História secreta do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1937. v. 6.

BERNARDES, Júlio. Design inteligente não é ciência e não deve ser ensinado nas escolas. **Jornal da USP**, São Paulo, 12 fev. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/design-inteligente-nao-e-ciencia-e-nao-deve-ser-ensinado-nas-escolas/>. Acesso em: 20 fev. 2020.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998. p. 349-363.

BERSTEIN, Serge; MILZA, Pierre. **Histoire du XXe siècle: la fin du monde européen (1900-1940)**. Paris: Hatier, 1996. p. 158-162.

BETTERSON, Henry. **Documentos da Igreja Cristã**. São Paulo: Haste, 1967.

BEZERRA, Severino. **Levitas do Senhor**. Natal: Clima, 1987. v. 2.

BONFANTINI, M. **Jerónimo Coignard**. [S. l.], 2019. Disponível em: <http://www.criticadelibros.com/personajes/jeronimo-coignard/>. Acesso em: 20 dez. 2019.

BOURDIEU Pierre. **As regras da arte**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

BOURDIEU Pierre. **Campo de poder, campo intelectual**. Itinerário de un concepto. [S. l.]: Montessor, 2002.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos e abusos da história oral**. Trad. Glória Rodríguez, Luiz Alberto Monjardim, Maria Magalhães e Maria Carlota Gomes. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p. 183-191.

BRASIL. **Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890**. Promulga o Código Penal. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-norma-pe.html>. Acesso em: 29 maio 2020.

BRAZIL. **Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-norma-pe.html>. Acesso em: 10 fev. 2020.

BRETAS, Anderson C. F. **Hippolyte Leon Denizard Rivail, ou Allan Kardec: um professor pestalozziano na França do tempo das Revoluções**. 2012. 219 f. Tese (Doutorado em Educação) -- Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/13662/1/HippolyteLeonDenizard.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2020.

BRONSON, Charles. **Esperança no sertão: uma biografia de Carlos Mateus**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2013.

BRUNELLI, Anna Flora; SILVA Tamiris Vianna da. Ciência, religião e filosofia: a paratopia do discurso espírita kardecista. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, DF, v. 20,

n.1, p. 2-18, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/les.v20i1.19934>. Acesso em: 10 fev. 2020.

CALDEIRA, Ana Paula Sampaio. **O bibliotecário perfeito**: o historiador Ramiz Galvão na Biblioteca Nacional. 2015. Tese (Doutorado) -- Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea e do Brasil- CPDOC, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2015.

CÂMARA, Leide. **Memória acadêmica**: Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Natal: Ed. IFRN, 2017.

CAMPOS, José Freitas. **O mestre da palavra**: Dom José Pereira Alves. Natal: [s.n.], 2009.

CARDOSO, Francisco (org.). **Documentos da igreja**. Joinville: Clube de Autores, 2017.

CARDOSO, Rejane (org.). **400 nomes de Natal**. Natal: Prefeitura Municipal do Natal, 2000.

CARONE, Edgard. **Classes sociais e movimento operário**. São Paulo: Ática, 1989.

CARVALHO, Carolina da Costa de; KODAMA, Kaori. A educação sexual no confessionário: mediação da ciência pelos católicos nos impressos Lar Católico e Família Cristã (década de 1950). **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 20, e133, p. 2-24, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhe.v20.2020.e133>. Acesso em: 20 maio 2020.

CASCUDO, Luís da Câmara Cascudo. **História da cidade do Natal**. 3. ed. Natal: Edição do IHGRN, 1999.

CASCUDO, Luís da Câmara. Bolsa de estudos eclesiásticos. (04.08.1944). In: CASCUDO, Luís da Câmara. **O livro das velhas figuras**. Natal: IHGRN, 1978. v.4.

CASCUDO, Luís da Câmara. Depoimento. 3 de nov. 1983. Depoimento concedido a Enélio Petrovich. In: NAVARRO, Jurandy. **Antologia do Padre Monte**. v. 7, p. 147, 1996.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Na ronda do tempo**: diário de 1969. [1969]. Natal: EDUFRN, 1998. p. 95-96. Edição comemorativa dos 100 anos (1898-1998).

CASCUDO, Luís da Câmara. O fundador da família Raposo da Câmara. (30.07.1943). In: CASCUDO, Luís da Câmara. **Livro das velhas figuras**. Natal: IHGRN, 1978. v. 4, p. 96-97.

CASCUDO, Luís da Câmara. O velho O'Grady. (26.08.1947). In: CASCUDO, Luís da Câmara. **Livro das velhas figuras**. Natal: IHGRN, 1977. v. 3, p. 90.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O mundo invisível**: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2008. 133p. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/zffb8/pdf/cavalcanti-9788599662274.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2020.

CENTRO DOM VITAL. **Perfil**. Rio de Janeiro, 16 jun. 2014. Disponível em: centrodomvital.com.br/perfil/. Acesso em: nov. 2019.

CERQUEIRA FILHO, G.; NEDER, G. Ecos da Segunda República e da Guerra Civil Espanhola no Brasil. **Revista Tempo** 8, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 1-16, ago. 1999. Disponível em: http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg8-5.pdf. Acesso em: 10 fev. 2020.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; São Paulo: DIFEL, 1990.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHARTIER, Roger. História intelectual e história das mentalidades. In: CHARTIER, Roger. **A beira da falésia: a história entre certezas e inquietude**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. **Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII**. São Paulo: UNESP, 2007.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1 abr. 1991. <https://doi.org/10.1590/S0103-40141991000100010>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 07 ago. 2016.

CHARTIER, Roger. **O que é um autor?** revisão de uma genealogia. São Carlos: Edufscar, 2014.

COLÉGIO Santo Antônio, O (Marista). In: SANTOS, João Batista dos. **Blog Crônicas Taipuenses**, Taipu, 25 maio 2019. Disponível em: <https://cronicastaipuenses.blogspot.com/>. Acesso em: 29 jun. 2019.

COMISSOLI, Adriano; COSTA, Miguel Ângelo Silva da. Estrelas de primeira grandeza: reflexões sobre o uso de redes sociais na investigação histórica. **Métis: história & cultura**, Caxias do Sul, v. 13, n. 25, p. 11-30, 2014. Disponível em: http://www.ufrgs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/2726/pdf_275. Acesso em: 03 jul. 2016.

CONEGERO, Daniel. **Quem eram os Amorreus?** [S. l.], [c2021]. Disponível em: <https://estiloadoracao.com/quem-eram-os-amorreus/>. Acesso em: 03 mar. 2021.

CÔNEGO Luiz Monte. **A Ordem**, Natal, p. 1, 28 fev. 1944.

CONNAN, Dominique. Uma reinvenção da diferença elitista: um Rotary Club no Quênia de Mwai Kibaki. **Revista NEP - Núcleo de Estudos Paranaenses**, Curitiba, v. 3, n. 4, p. 112-133, dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/nep/article/view/57163>. Acesso em: 20 fev. 2020.

CONTRA o marxismo e contra o liberalismo. **A Ordem**, Natal, p. 1, 27 jan. 1937.

COSTA, Patrícia Claudia da. Ilusão biográfica: a polêmica sobre o valor das histórias de vida na sociologia de Pierre Bourdieu. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 51-71, set./dez. 2015.

COSTA, Wicliffe de Andrade. **A implantação do protestantismo no Rio Grande do Norte: 1879-1908**. 1988. 135f. Dissertação (Mestrado em História) -- Programa de Pós-Graduação em História (UFPE), Recife, 1988.

CUNHA, André Victor Cavalcanti Seal da. **A invenção da imagem autoral de Chico Xavier: uma análise histórica sobre como o jovem desconhecido de Minas Gerais se transformou no médium espírita mais famoso do Brasil – 1931-1938**. 2015. 302 f. Tese (Doutorado em História) -- Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, 2015. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/14515/1/2015_tese_avcscunha.pdf. Acesso em: 15 jan. 2020.

DALLABRIDA, Norberto A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizada do ensino secundário. **Educação**, Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 185-191, maio/ago. 2009. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/download/5520/4015/>. Acesso em: 20 maio 2020.

DANTAS, Carolina Vianna. Verbete: Terra livre, A. *In*: DICIONÁRIO da Elite Política Republicana (1889-1930). Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/TERRA%20LIVRE,%20A.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2019.

DANTAS, José Adelino. *Ad lucem versus*. **Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras**, Natal, n. 1, p.131-134, 1951.

DANTAS, José Adelino. **Formação do seminarista**. Editor Abimael Silva. Natal: Sebo Vermelhos Edições, 2014. Edição fac-similar.

DANTAS, Marcolino Esmeraldo de Souza. Homenagem póstuma ao Cônego Monte [1947]. *In*: MEDEIROS, José Mario de. **Dom Marcolino Dantas: por ele mesmo**. Natal: Editora UFRN, 2009. p. 101-102.

DANTAS, Marcolino Esmeraldo de Souza. O Comunismo [01/07/1946 - jornal A República]. *In*: MEDEIROS, José Mario de. **Dom Marcolino Dantas: por ele mesmo**. Natal: Editora UFRN, 2009. p. 77-78.

DIAS, Romualdo. **Imagens de ordem: a doutrina católica sobre autoridade no Brasil (1922-1933)**. São Paulo: Editora Unesp, 1996.

DINAMOGENIA. *In*: DICIONÁRIO Aulete. [S. l.], 2020. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/dinamogenia>. Acesso em: 31 jan. 2020.

DOM Nivaldo Monte o semeador de alegrias: homenagem do Seminário de São Pedro a Dom Nivaldo Monte. Seminário de São Pedro. Natal: Fundação Hélio Galvão, 2009. Documentário. 1 DVD (50 min) son., color.

DOSSE, François. Entrevista. Entrevista concedida a Marieta de Moraes Ferreira. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 32, n. 64, p. 341-350, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882012000200018&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 jun. 2019.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EDUSP, 2009.

DUBY, Georges. **Ano 1000, ano 2000**: na pista de nossos medos. São Paulo: Unesp, 1998.

ELMIR, Cláudio Pereira. Uma aventura com o Última Hora: o jornal e a pesquisa histórica. [Conferência de abertura]. In: COLÓQUIO FONTES PERIÓDICAS: Imprensa Política e Cultural Latino-Americana. **Anais...** Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em História, UFRGS, 2007.

ESTEFÂNIA Alzira Moreira Brandão. Burbank, 2020. Disponível em: <https://www.geni.com/people/Estef%C3%A2nia-Alzira-Moreira-Brand%C3%A3o/6000000032870402357>. Acesso em: 19 jan. 2020.

EVANGELHO de São Mateus. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://www.biblegateway.com/passage/?search=Mateus%2028&version=VFL>. Acesso em: 20 fev. 2020.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. **Personagens do espiritismo**: Dr. Ivon Costa. Brasília, DF, 2019. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/06/Ivon-Costa.pdf> Acesso em: 10 dez. 2019.

FERNANDES, Paulo César da Conceição. **As origens do espiritismo no Brasil**: razão, cultura e resistência no início de uma experiência (1850-1914). 2008. 139 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Sociologia, Universidade de Brasília (UNB), Brasília, DF, 2008. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6322/1/2008_PauloCesarCFernandes.pdf. Acesso em: 10 fev. 2020.

FERREIRA, Fernanda Flávia Martins. **Espiritismo kardecista brasileiro e cultura política história e novas trajetórias**. 2008. 245f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) -- Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Ciência Política, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-895PXN/1/disserta__o_para_colegiado.pdf. Acesso em: 10 fev. 2020.

FERREIRA, Iverson Kech. **O aspecto Raffaele Garofalo**. [S. l.], 2019. Disponível em: www.iverssonkfadv.jusbrasil.com.br/artigo/599851729/o-aspecto-raffaele-garoffalo. Acesso em: 04 nov. 2019.

FERREIRA, Procópio. **A Fundação do Rio de Janeiro**. Intérprete: Procópio Ferreira. [S. l.]: Odeon, jun. 1929. 1 Disco. Disponível em: <https://www.discografiabrasileira.art.br/fonograma/26089/a-fundacao-do-rio-de-janeiro>. Acesso em: 20 fev. 2020.

FIGUEIREDO, Cândido de. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Porto, PT: Cardozo & Irmãos, 1913.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 2002.

FRANCE, Anatole. **Le génie latin**. Paris: A. Lemerre, 1913. Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/6637>. Acesso em: 4 ago. 2020.

FREZZATTI JUNIOR, Wilson Antonio. Haeckel e Nietzsche: aspectos da crítica ao mecanicismo no século XIX. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 435-461, Dez. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662003000400003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 1 dez. 2019.

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO (org.). **Personalidades históricas do Rio Grande do Norte**. Natal, 2019. Disponível em: http://adcon.rn.gov.br/ACERVO/secretaria_extraordinaria_de_cultura/. Acesso em: 15 jun. 2019.

GALERIA dos pesquisadores espíritas clássicos. **Charles Richet**. São Paulo, 10 set. 2017. Disponível em: http://www.autoresespiritasclassicos.com/Pesquisadore_sespiritas/CharlesRichet/CharlesRichet.htm. Acesso em 13 fev. 2020.

GATTAZ, André. **Braços da resistência**: uma história oral da imigração espanhola. São Paulo: Xamã, 1996.

GIUMBELLI, Emerson. Heresia, doença, crime ou religião: o espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 31-82, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ra/v40n2/3231.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2020.

GIUMBELLI, Emerson. O “baixo espiritismo” e a história dos cultos mediúnicos. **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n.19, p. 247-281, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/mRXsmGkqyp5qZjVVSktGpx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 fev. 2020.

GOMES, A. de C. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: NOVAIS, F. A. (coord.). **História da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 4, p. 489-557.

GOMES, Ângela de Castro. Entrevista. [Entrevista concedida a] Antonio Herculano Lopes e Isabel Lustosa e Joëlle Rouchou. **Escritos**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, 2009. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero03/FCRB_Escritos_3_15_Antonio_Herculano_Lopes_Isabel_Lustosa_e_Joelle_Rouchou_entrevista.pdf. Acesso em: 3 mar. 2019.

GOMES, Ângela de Castro. Essa gente do Rio... Os intelectuais cariocas e o modernismo. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 62-77. 1993.

GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. Apresentação. In: GOMES, Ângela de Castro. HANSEN, Patrícia Santos. **Intelectuais mediadores**: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GONÇALVES, Fernando Antonio. **Por amor ao Recife**. Recife, 22 mar. 1996. Disponível em: <http://www.fernandogoncalves.pro.br/por-amor-ao-recife/>. Acesso em: 10 set. 2019.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. **Em terreno movediço**: biografia e história na obra de Otávio Tarquínio de Souza. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2009.

GUIMARAES, Maria Regina Cotrim. Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. **História, ciência e saúde**. Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 501-514, ago. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702005000200017&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 abr. 2020.

HARRISON, Peter. “Ciência” e “religião”: construindo os limites. **REVER: Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, ano 7, p. 1-33, 2007. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv1_2007/p_harrison.pdf. Acesso em: 13 fev. 2020.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HOLLANDA, Helenita Yolanda Monte. **Ad Lucem Versus: o luminoso destino de um homem – uma biografia do Servo de Deus**. Salvador: [s. n.], 2005.

HUNT, Lynn. Apresentação. In: HUNT, Lynn. (org.). **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

IGREJA CATÓLICA. **As sagradas escrituras**. Disponível em: <http://agnusdei.50webs.com/trento7.htm>. Acesso em: 13 nov. 2019.

IGREJA CATÓLICA. **Concílios – Concílio. 1ª PARTE**. Os concílios ecumênicos da igreja. Londrina: CEPMTA / ISCAL, 2013. Disponível em: http://www.iscal.com.br/iscal/upload/curso_capelania/parte-1.pdf. Acesso em: 4. ago. 2020

IMÍZCOZ, José María. Las redes sociales de las elites. Conceptos, fuentes y aplicaciones. In: MESA, Enrique Soria; CARO, Juan Jesús Bravo; BARRADO, José Miguel Delgado (ed.). **Las elites en la época moderna: la monarquía española**, Córdoba: Universidad de Córdoba (España), 2009. T. 1: Nuevas perspectivas.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Sinopse do censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6>. Acesso em: 16 jan. 2020.

IRSCHLINGER, Fausto Alencar. O “renascimento” da Igreja Católica do Brasil: ideários de uma geração (1920 - 1940). In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 14., 2014, Campo Mourão. **1964-2014: 50 anos do Golpe Militar no Brasil**. Curitiba: Anpuh, 2014. Disponível em: <http://www.erh2014.pr.anpuh.org/anais/2014/253.pdf>. Acesso em: 6 jul. 2016.

JAEGER, Michael. A aposta de Fausto e o processo da modernidade: figurações da sociedade e da metrópole contemporâneas na tragédia de Goethe. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 21, n. 59, p. 309-322, abr. 2007. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142007000100025&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 6 jul. 2019.

JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica Familiaris Consortio de sua santidade João Paulo II ao episcopado ao clero e aos fiéis de toda a Igreja Católica sobre a função da família cristã no mundo de hoje**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 22 nov. 1981. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio.html. Acesso em: 20 maio 2020.

JUNQUEIRA FILHO, Luiz Carlos Uchôa. Dom Quixote e Sancho Pança: a busca do eu no outro. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 56, n. 4, p. 40-45, dez. 2004. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252004000400018&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 nov. 2019.

KARDEC, A. **O evangelho segundo o espiritismo**. São Paulo: Mundo Maior, 2012.

KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/07/135.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2020.

KARDEC, Allan. **O livro dos médiuns, ou, guia dos médiuns e dos evocadores**: espiritismo experimental. Tradução de Guillon Ribeiro a partir da 49ª edição francesa de 1861. ed. 81. Brasília, DF: FEB, 2013. Disponível em: https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Livro-dos-Mediuns_Guillon.pdf. Acesso em: 23 fev. 2020.

KAREPOVS, Dainis. **Centenário da internacional comunista**. Entrevista concedida ao CEDEM. São Paulo, 22 ago. 2019. Disponível em: <https://www.cedem.unesp.br/#!/noticia/354/centenario-da-internacional-comunista-/CEDEM/UNESP>. Acesso em: 20 jan. de 2020.

KARSBURG, Alexandre. A micro-história e o método da microanálise na construção de trajetórias. *In*: FARINATTI, Luís Augusto; KASBURG, Alexandre; VENDRAME, Maria Inês; WEBER, Beatriz. **Micro história, trajetórias e imigração**. Porto Alegre: FURGS, 2015. p. 32-33.

KERTZER, David I. Hitler, Mussolini e o Papa: o silêncio do Vaticano e os sussurros do Duce diante da ascensão do Führer. **Revista Piauí**, São Paulo, ed, 126, p. 1-16, mar. 2017. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/hitler-mussolini-e-o-papa/>. Acesso em: 20 fev. 2020.

LAGE, Ana Cristina P. Ultramontanismo. *In*: FACULDADE DE EDUCAÇÃO – UNICAMP. **Glossário. História, Sociedade e Educação no Brasil – HISTEDBR**. Campinas, 2019. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_ultramontanismo.htm. Acesso em: 20 nov. 2019.

LANDIM, Monsenhor José Alves. **Um perfil de sacerdote**. Natal: Imprensa Industrial, 1936.

LEÃO XIII, papa. **Encíclica Litteras a Vobis**. [S. l.], 1894.

LEITÃO, Jucileide Ferreira. **Ulyssis Celestino de Góis**: o líder e servidor da Humanidade. Natal: ACADERNCIC, 2017.

LEME, Dom Sebastião. **Carta pastoral**: saudando a sua Arquidiocese de Olinda. Petrópolis: Vozes, 1916.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1989.

LEVI, Giovanni. 30 anos depois: repensando a micro-história. *In*: VENDRAME, Maíra Inês; KARSBURG, Alexandre; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. **Ensaio de micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos: Unisinos, 2016.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 167-182.

LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (org.). **Dicionário gramsciano**: 1926-1937. São Paulo: Boitempo, 2007.

- LIMA, Bruna Rafaela de. **Da rede ao altar**: vida e ofício de um historiador potiguar. 2009. 233 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/1870/LimaBrunaRafaelaHistoria.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 11 abr. 2015.
- LOGAR ao sol. **Excelsior**: revista mensal Ilustrada, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 17, jan. 1928.
- LONGERICH, Peter. **Joseph Goebbels**: uma biografia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. E-book. [Versão Epub].
- LOPES, Bruna Rafaela de Lima. Academia dos católicos: patronos e primeiros acadêmicos da academia Norte-Rio-Grandense de Letras (1936-1938). **Revista Eletrônica História em Reflexão**, Dourados, v. 10, n. 20, p. 58-75, maio 2017. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/6204>>. Acesso em: 13 nov. 2019.
- LOPES, Bruna Rafaela de Lima. Catolicismo & Ciência: análise inicial da trajetória do Cônego Luiz Monte. **Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras**, Natal, n. 56, p. 83-96, 2018.
- LOPES, Bruna Rafaela de Lima. O polêmico Padre Monte: a voz da Igreja Católica no debate sobre ciência, positivismo e protestantismo (1936-1943). In: ROCHA, Raimundo Nonato Araújo da (org.). **Estudos sobre o Rio Grande do Norte**. Natal: CJA Edições, 2017. v. 1, p. 87-106.
- LOPES, Francisco Regis Ramos. **O meio do mundo**: território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.
- LOPES, José Rogério. **Colecionismo, arquivos pessoais e memórias patrimoniais**. Porto Alegre: Cirkula, 2017.
- LORIGA, Sabina. **O pequeno X**: da biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. (Coleções História e Historiografia).
- LUDOVICUS - INSTITUTO CÂMARA CASCUDO. **Cascudo - Biblioteca Virtual**. Artigos. Natal, 2019. Disponível em: <http://www.cascudo.org.br/biblioteca/obra/decascudo/artigos/>. Acesso em: 10 set. 2019.
- MACIEL, Marina de Souza; MENDES, Plínio Duarte; GOMES, Andréia Patrícia; SIQUEIRA-BATIST, Rodrigo. A História da Tuberculose no Brasil: os muitos tons (de cinza) da miséria. **Revista Brasileira de Clínica Médica**, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 226-230. 2012. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/1679-1010/2012/v10n3/a2886.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2020.
- MACIEL, Marina de Souza; MENDES, Plínio Duarte; GOMES, Andréia Patrícia; SIQUEIRA-BATISTA, Rodrigo. A história da tuberculose no Brasil: os muitos tons (de cinza) da miséria. **Revista Brasileira de Clínica Médica**, São Paulo, ano 10, n. 3, p. 226-30, 2012. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/1679-1010/2012/v10n3/a2886.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2020.

MAÇONARIA no Código Canônico de 1917, A. Rio de Janeiro: Instituto Mukharajj Brasilan, 17 jan. 2019. Disponível em: <https://www.imub.org/a-maconaria-no-codigo-de-direito-canonico-de-1917/>. Acesso em: 10 fev. 2020.

MAIA, Pedro Américo. **História das Congregações Marianas no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1992.

MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e a política no Brasil**. Trad. Heloísa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MANOEL, Ivan A. O início da educação católica feminina no Brasil (1859- 1919): os colégios das “Freiras Francesas”. **Páginas de Educación**, Montevideo, v. 5, n. 1, p. 1-26. 2012. Disponível em: http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-74682012000100007. Acesso em: 20 fev. 2020.

MARÇAL, Josiane Aparecida. A gênese da Escola Rotary: interlocuções entre o público e o privado - 1956/1971. 2017. 219 f. Dissertação (Mestrado em Educação) -- Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017, Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/19643/1/GeneseEscolaRotary.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2020.

MARTINS, Angela Maria Souza. Análise histórica da graduação de filosofia na Faculdade Nacional de Filosofia na década de 1960. **Série Estudos**: periódico da Faculdade de Educação da UCDB. Campo Grande, MS, n. 26, p. 163-173, jul./dez. 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/bruna/AppData/Local/Temp/340-Texto%20do%20artigo-1129-1-10-20130703.pdf>. Acesso: 14 fev. 2020.

MARTINS, Marco Aurélio Corrêa. Um projeto político via instrução: 100 anos da Carta Pastoral de D. Leme. **Acta Scientiarum Education**, Maringá, v. 39, n. 3, p. 289-300, jul./set. 2017. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/29013>. Acesso em: 10 maio 2018.

MEDEIROS, Arilene Lucena de. **Dorian Gray Caldas**: a trajetória biográfica de um artista precursor de uma identidade potiguar (1950-1989). 174 f. Dissertação (Mestrado em História) -- Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/24750/1/ArileneLucenaDeMedeiros_DISSERT.pdf. Acesso em: 5 maio 2019.

MEDINA, João. O papa entre Antígona e Creonte-Pio XI e a condenação do nazismo: a encíclica "Mit brennender Sorge" (14-03-1937). **Humanística e Teologia**, [S. l.], t. 23, fasc. 1, p. 3-29, 2002. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/24806>. Acesso em: 16 jan. 2020.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. A modernidade republicana. **Tempo**, Niterói, v. 13, n. 26 p.15-31, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042009000100002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 nov. 2019.

MELLO, Paulo Herôncio de. Prefácio. In: DANTAS, José Adelino. **Formação do Seminarista**. Natal: Sebo Vermelho edições, 2014. [Edição fac-similar].

MELO FILHO, Murilo. Um cego viu o urânio. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, n.265, p. 36-46, 1957.

MELO, Paulo Herôncio de. Conego Luís Monte. **A Ordem**, Natal, p. 1, 07 mar 1944.

MELO, Veríssimo de. **Patronos e acadêmicos**: Academia Norte-Riograndense de Letras - antologia e biografia. Rio de Janeiro: Pongetti, 1974. v. 2.

MELQUÍADES, José. **A história do Seminário de São Pedro**. Natal: Editora FJA; Departamento Estadual de Imprensa, 1999.

MELQUÍADES, José. Jurandyr Navarro ressuscita Padre Monte. *In*: MONTE, Luiz Gonzaga do. **Antologia do Padre Monte**. Natal: EDUFRN, 1979. v. 3, p. 301-302.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1985.

MICHUTA, Gary. **Existiu um cânon Alexandrino?** A Teoria do Cânon Palestino e Alexandrino. [S. l.], 01 jan. 2013. Disponível em: <http://apologistascaticos.com.br/index.php/apologetica/deutorocanonicos/556-existiu-um-canon-alexandrino-a-teoria-do-canon-palestino-e-alexandrino>. Acesso em: 14 fev. 2019.

MINERAÇÃO TOMAZ SALUSTINO. Produto **Mina Brejuí**. Currais Novos, 2019. Disponível em: http://www.minabrejuí.com.br/prod_serv.html. Acesso em: 9 abr. 2019.

MIRANDA, Ronaldo M. S. S. **Uma análise da força de trabalho e do perfil assistencial do Hospital Giselda Trigueiro e sua relação com o modelo de gestão**. 2014. 18 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Curso Superior de Tecnologia em Gestão Hospitalar, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

MONTE, Luiz Gonzaga do Monte. Fragmento 1: Perísprito. *In*: MONTE, Luiz Gonzaga do Monte. **Livro das Revisões**. Natal, [194-?a].

MONTE, Luiz Gonzaga do Monte. Fragmento 2: A razão científica da figura do gênio e do talento. *In*: MONTE, Luiz Gonzaga do Monte. **Livro das Revisões**. Natal, [194-?b].

MONTE, Luiz Gonzaga do Monte. Fragmento 3: Precocidade. *In*: MONTE, Luiz Gonzaga do Monte. **Livro das Revisões**. Natal, [194-?c].

MONTE, Luiz Gonzaga do Monte. Fragmento 4: Assembleia de Milão. *In*: MONTE, Luiz Gonzaga do Monte. **Livro das Revisões**. Natal, [194-?d].

MONTE, Luiz Gonzaga do. A questão espírita. **Diário de Natal**. Natal, 1926.

MONTE, Luiz Gonzaga do. **Antologia do Padre Monte**. Organizada por Jurandyr Navarro. Natal: Fundação José Augusto, 1976. v. 1.

MONTE, Luiz Gonzaga do. **Antologia do Padre Monte**. Organizada por Jurandyr Navarro. Natal: Fundação José Augusto, 1978. v. 2.

MONTE, Luiz Gonzaga do. **Antologia do Padre Monte**: o livro das teses latinas. Organizada por Jurandyr Navarro. Natal: Editora da UFRN, 1979. v. 3.

MONTE, Luiz Gonzaga do. **Antologia do Padre Monte**. Pesquisa de Jurandyr Navarro. Natal: Fundação José Augusto, 1982. v. 4.

MONTE, Luiz Gonzaga do. Fundamentos biológicos da castidade. *In*: MONTE, Luiz Gonzaga do. **Antologia do Padre Monte**. Pesquisa de Jurandyr Navarro. Natal: Ed. Universitária, 1985. v. 5.

MONTE, Luiz Gonzaga do. Biologia. *In*: MONTE, Luiz Gonzaga do. **Antologia do Padre Monte**. Pesquisa de Jurandyr Navarro. Natal: CERN, 1984. v. 6.

MONTE, Luiz Gonzaga do. **Antologia do Padre Monte**. Pesquisa de Jurandyr Navarro. Natal: Departamento Estadual de imprensa, 1996a. v. 7. (Coleção cultura, 1).

MONTE, Luiz Gonzaga do. **Antologia do Padre Monte**. Pesquisa de Jurandyr Navarro. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1996b. v. 8.

MONTE, Luiz Gonzaga do. **Antologia do Padre Monte: a Igreja Apologética**. Natal: [s. n], 2001. v. 9.

MONTE, Luiz Gonzaga do. **Antologia do Padre Monte**. Organizada por Jurandyr Navarro. Natal: [s. n], 2007. v. 10.

MONTE, Luiz Gonzaga do. **Fundamentos biológicos da castidade**. Natal: Tip. da Casa Juiz Melo Matos. Natal, 1950.

MONTE, Luiz Gonzaga do. Incongruências. **Diário de Natal**. 8 jan. 1927.

MONTE, Luiz Gonzaga do. **Lexiologia e sematologia**. Natal: Imprensa Oficial, 1933.

MONTE, Luiz Gonzaga do. Medrosos. **Diário de Natal**, Natal, 1926.

MONTE, Luiz Gonzaga do. Nossos propósitos. **A Ordem**, Natal, p. 1, 14 jul. 1935.

MONTE, Luiz Gonzaga do. O livro das teses latinas. *In*: MONTE, Luiz Gonzaga do. **Antologia do Padre Monte**. Pesquisa de Jurandyr Navarro. Natal: Editora da UFRN, 1979. v. 3.

MONTE, Luiz Gonzaga do. Polêmicas - A Igreja Apologética. *In*: MONTE, Luiz Gonzaga do. **Antologia do Padre Monte**. Pesquisa de Jurandyr Navarro. Natal: [s. n], 2001. v. 9.

MONTE, Nivaldo. Carta aberta à autora. *In*: HOLLANDA, Helenita Yolanda Monte. **Ad Lucem Versus: o luminoso destino de um homem – uma biografia do Servo de Deus**. Salvador: [s. n.], 2005.

MONTE, Roberto. **Biografia de Dom Nivaldo Monte**. Natal, 11 nov. 2002. (Coleção Memória Histórica Potiguar Dom Nivaldo Monte, 1, a terra, a natureza). Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/nivaldomonte1/biografia.htm>. Acesso em: 20 out. 2019.

MONTEIRO, Eymard L'Eraistre. Cônego Estevam José Dantas, o educador, o latinista, o humanista. **Revista da Academia Potiguar de Letras**, Natal, ano 1, n. 1. p. 167-175, set. 1958.

MORAIS, Helicarla Nyelly Batista de. **Viagem-memória de Nilo Pereira**: do Ceará-Mirim ao Recife e do Recife ao Ceará-Mirim. Natal: EDUFRN, 2011. p. 102-106.

MORAIS, Patrícia Wanessa de. **As colunas da Ordem**: imprensa, identidade e atuação política da Igreja Católica norte-rio-grandense (1935-1936). 2017. 172f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017. p. 1-13. Disponível em: http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/23873/1/PatriciaWanessaDeMoraes_DISSERT.pdf. Acesso em: 12 abr. 2018.

MOREIRA, Regina da Luz. Leme, Sebastião. *In*: DICIONÁRIO histórico biográfico brasileiro pós 1930. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/sebastiao-leme-de-silveira--cintra>. Acesso em: 03 jun. 2019.

MOURA, Carlos André Silva de. A pastoral de Dom Sebastião Leme em 1916 e o projeto de politização do Clero. **Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH**, Maringá, v. 9, n. 25, p. 23-38, maio/ago. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v9i25>. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/31119/16491>. Acesso em: 12 abr. 2018.

MOURA, Carlos André Silva de. **Fé, saber e poder**: os intelectuais entre a restauração católica e a política no Recife (1930 - 1937). 2010. 156 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2010. Disponível em: <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/bitstream/tede2/6178/2/Carlos%20Andre%20Silva%20de%20Moura.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2018.

MOVIMENTO operário. *In*: CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (FGV CPDOC). **Verbete**. Rio de Janeiro: FGV CPDOC, 2020. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/QuestaoSocial/MovimentoOperario>. Acesso em: 10 fev. 2020.

NASSIF, Luis. César Lattes e Einstein. **Jornal GGN**, [S. l.], 04 ago. 2010. Disponível em: <http://www.jornalggm.com.br/tecnologia/ciencia-tecnologia/cesar-lattes-e-einstein/>. Acesso em: 16 jun. 2019.

NAVARRO, Jurandyr. **Conferência do centenário do Padre Luiz Monte**. Natal: Nordeste Gráfica, 2005.

NAVARRO, Jurandyr. **Conferência no Seminário de “São Pedro”, focalizando a pessoa do Padre Luiz Monte, proferida por Jurandyr Navarro, na manhã do dia 28 de fevereiro de 2014**. Natal, 2014. p. 3. Não publicado.

NAVARRO, Jurandyr. Minha palavra. *In*: HOLLANDA, Helenita Yolanda Monte. **Ad Lucem Versus**: o luminoso destino de um homem - uma biografia do Servo de Deus. Salvador: [s. n.], 2005. p. 13-16.

NAVARRO, Jurandyr. Padre Luiz Monte: “Aurora sem crepúsculo”. **Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras**. Natal, n. 56, p.78-82, 2018.

NAVARRO, Jurandyr. **Rio Grande do Norte**: oradores (1889-2000): biografia e antologia. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2004.

NEGREIROS, Armando. **Na companhia dos imortais**. Natal: A.S. Editores, 2003.

NOBRE, Marlene. Espiritismo complementa teoria darwiniana. **Folha Espírita**. São Paulo, n. 423, nov. 2009. Disponível em: <http://www.folhaespirita.com.br/v2/node/431>. Acesso em: 12 fev. 2020.

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**. História & cultura, São Paulo, n. 10, p. 7-28, jul./dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 04 maio 2016.

NORTE, Leão do. [Luiz Teixeira de Araújo]. **Padre Monte**. São Paulo: Editora Ave Maria, 1944.

OLIVEIRA, Gilberto Maringoni de. **Angelo Agostini ou impressões de uma viagem da Corte à Capital Federal (1864-1910)**. 2019. 335 f. Tese (Doutorado em História) -- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-15092006-231444/pt-br.php>. Acesso em: 10 out. 2019.

OLIVEIRA, Pedro Filipe Barros. **Os arquitetos da neocristandade: análise da atuação de intelectuais convertidos e leigos na construção do espaço social católico centrado no Rio de Janeiro (1930 - 1935)**. 2019. Dissertação (Mestrado em História) -- Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/27806/1/ArquitetosNeocristandadean%c3%a1lise_Oliveira_2019.pdf. Acesso em: 20 maio 2020.

PADRE Monte. Programa Memória. Natal: Tv assembleia, 2005. Programa especial de TV. Documentário (39 min) son., color.

PAIVA, Jorge O' Grady. **Verdade e vida**. Rio de Janeiro: [s. n.], 1948.

PAIVA, Jorge O'Grady de. Discurso de posse do padre Jorge O'Grady na cadeira 22 da ANRL, aos 30/8/1984. **Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras**, Natal, v. 32, n. 20, p. 41-64, mar. 1988.

PAIVA, Jorge O'Grady de. **Padre João Gualberto: varão da eternidade**. Rio de Janeiro: Agir. 1952. (Coleção: Nossos Grandes Mortos, v. 9).

PANDOLFI, Dulce Chaves. Revolta comunista de 1935. *In*: CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (FGV CPDOC). **Verbete**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/RevoltaComunista>. Acesso em: 10 jan. 2020.

PANDOLFI, Dulce. Os anos 1930: as incertezas do regime. *In*: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucila (org.). **O Brasil republicano: o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 13-7.

PARTIDO Comunista do Brasil. *In*: CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (FGV CPDOC). **Verbete**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-comunista-brasileiro-pcb>. Acesso em: 10 fev. 2020.

PASSERINI, Luisa. Mitobiografia em história oral. Tradução: Maria Therezinha Janine Ribeiro. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, São Paulo, v. 10, out. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12102/8764>. Acesso em: 16 fev. 2018.

PATROCÍNIO, Aline Favali de Souza Figueiredo. Qual a diferença entre hebreus judeus e israelita. **Portal Estudo de Deus**, [S. l.], 2019. Disponível em: <http://www.estudosdedeus.com.br/qual-a-diferenca-entre-hebreus-judeus-e-israelita/>. Acesso em: 14 fev. 2020.

PAULA, Andressa. **A revista A Cruzada e a “boa imprensa” católica no Paraná (1926 – 1931)**. 2018. Dissertação (Mestrado em História) -- Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018. Disponível em: http://repositorio.uem.br:8080/jspui/bitstream/1/5411/1/Andressa%20Paula_2018.pdf. Acesso em: 20 maio 2020.

PAULA, Christiane Jalles de. Jackson de Figueiredo e a questão da liberdade. *In*: RODRIGUES, Cândido Moreira; PAULA, Christiane Jalles de. **Intelectuais e militância católica no Brasil**. Cuiabá: Editora UFMT/FAPEMAT, 2012.

PEIXOTO, Renato Amado. 'Creio no espírito cristão e nacionalista do sigma': integralismo e catolicismo nos escritos de Gustavo Barroso, Padre J. Cabral e Câmara Cascudo. *In*: ZANOTTO, Gizele; CALDEIRA, Rodrigo Coppe; RODRIGUES, Cândido. **Manifestações do pensamento católico na América do Sul**. São Paulo: Fonte Editorial, 2015a. p. 99-125.

PEIXOTO, Renato Amado. Duas palavras: os holandeses no Rio Grande e a invenção da identidade católica norte-rio-grandense na década de 1930. **Revista de História Regional**, v. 19, n. 1, p. 35-57, 2014. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/6016/4087>. Acesso em: 05 abr. 2015.

PEIXOTO, Renato Amado. FAGUNDES, Rocha. *In*: DICIONÁRIO Histórico-Biográfico Brasileiro – DHBB. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/FAGUNDES.Rocha.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2020.

PEIXOTO, Renato Amado. Verdadeira barbárie: Paulo Herôncio e a escrita de Os Holandeses no Rio Grande. *In*: HERÔNIO, Paulo. **Os Holandeses no Rio Grande do Norte**. Natal: Jovens escribas, 2015b. p. 7-21.

PEREIRA, Francisca Sirleide. **Memória da produção editorial científica da UFRN: 1962-1980**. 2012. 180 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – UFPB, João Pessoa, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/3932/1/arquivototal.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2021.

PEREIRA, Francisco de Assis. **Igreja abre processo de beatificação de padre no RN**. [S. l.], 23 out. 2005. Disponível: <http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/00I720984-EI30600-Igreja+abre+processo+de+beatificacao+de+padre+no+RN.html>. Acesso em: 21 jun. 2019.

PEREIRA, Nilo. Notas avulsas. **Jornal do Comércio**, Recife, 29 set. 1978.

PEREIRA, Nilo. O padre Luís Monte. *A Ordem*, Natal, p. 1, 7 mar. 1944.

PEREIRA, Nilo. O padre Luiz Gonzaga do Monte, santo e sábio: discurso proferido na Academia de Letras no dia 28 de fev. de 1969. **Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras**, Natal, ano 20, n. 9, p. 134-143, 1971.

PEREIRA NETO, André de Faria; AMARO, Jacqueline de Souza. O Centro Espírita Redemptor e o tratamento de doença mental, 1910-1921. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 491-507, abr./jun. 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702012000200008. Acesso em: 13 fev. 2020.

PESQUISADORES encontram na Bíblia 'registro mais antigo de eclipse solar' - que pode ajudar a reescrever a história. **BBC News Brasil**, São Paulo, 7 nov. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-41895774>. Acesso em: 12 jan. 2018.

PINTO, José Aloísio Martins. Estado autoritário, direção partidária e cultura política: o jornal “O Nordeste” na década de 1930 (Fortaleza/CE). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH, 26., 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPUH, 2011. 1-17.

PIO XI. **Carta encíclica “Mit Brennender Sorge”**: A Igreja frente ao racismo Nazista Carta encíclica do Papa Pio XI. 10 de mar. 1937. [S. l.]: Instituto Jackson de Figueiredo. 16 mar. 2018. Disponível em: <https://www.institutojacksondefigueiredo.org/documentos-da-igreja/carta-enciclica-mit-brennender-sorge>. Acesso em: 19 jan. 2020.

PIO XI. **Carta pastoral saudando a sua Archidiocese**. Rio de Janeiro: Vozes, 1916.

POBRE Ferri! charge. **Fon-Fon!**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 4, ed. 4, p. 18, 23 jan. 1909.

POLLAK, Michael. Memórias, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. Sonhos ucrônicos memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. Tradução: Maria Therezinha Janine Ribeiro. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, São Paulo, v. 10, out. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12103/8765>. Acesso em: 16 fev. 2018.

PORTELLI, Alessandro. Um trabalho de relação: observações sobre a história oral. **Revista Trilhas da História**, Três Lagoas, v. 7, n. 13, p. 182-195, jul./dez. 2017.

PÔRTO, Ângela. Representações sociais da tuberculose: estigma e preconceito. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 41, p 43-49, set. 2007. supl. 1. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102007000800007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 05 abr. 2019.

QUEM definiu o Cânon das Escrituras? [S. l.]: Coalizão pelo Evangelho, 18 out. 2019. Disponível em: <http://www.coalizaopeloevangelho.org/blogs/marcelo-berti/quem-definiu-o-canon-das-escrituras/>. Acesso em: 5 fev. 2020.

REDE BRASILEIRA DE PESQUISAS EM TUBERCULOSE (REDE-TB). **História da tuberculose**. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://redetb.org.br/historia-da-tuberculose/>. Acesso em: 16 jan. 2020.

REDE DE PESQUISA HISTÓRIA E CATOLICISMO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO (RCH). [S. l.], 2015. Disponível em: <http://redehistoriaecatolicismo.com.br/index.php/apresentacao>. Acesso em: 03 dez. 2019.

REGUERA, Andrea. Construcción y funcionamiento de una red de poder ego-centrada. La correspondencia de Juan Manuel de Rosas con los jueces de paz de la campaña bonaerense (1829-1852). **Mundo Agrário**, Buenos Aires, v. 11, n. 21, p. 1-22, 2º sem. 2010. Disponível em: http://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/13495/Documento_completo.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso: 13 jul. 2016.

REGUERA, Andrea. Objetividad y subjetividad: la biografía y su capacidad de explicación histórica. In: MARTINS, Maria Cristina Bohn; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. **Uma história em escalas: a microanálise e a historiografia latino-americana**. São Leopoldo: Oikos: Unisinos, 2012. p. 73-94.

RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

REPORTAGEM da Semana, A. **A República**, Natal, p. 10, 7 mar.1943.

REVOLUÇÃO de 1930 pega os políticos de surpresa. **Tribuna do Norte**, Natal, p. 1, 31 maio 2015. Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/revolua-a-o-de-1930-pega-os-pola-ticos-de-surpresa/315203>. Acesso em: 20 fev. 2020.

RIBAS, Ana Claudia. **A “boa imprensa” e a “sagrada família”**: sexualidade, casamento e moral nos discursos da imprensa católica em Florianópolis – 1929/1959. UESC, Dissertação (Mestrado em História) -- Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp114691.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2020.

RIBEIRO, Ari Luís do Vale. A revelação nos concílios de Trento e Vaticano II. **Rev. Trim**, Porto Alegre, v. 36, n. 151, p. 55-74, mar. 2006. Disponível em: <https://core.ac.uk/reader/25532170>. Acesso em: 10 out. 2019.

RIBEIRO, Eurico Branco. **O Rotary em evolução**. São Paulo: Saraiva, 1954. p. 59-60.

RIBEIRO, Ramon. Passado à direita. **Tribuna do Norte**, Natal, 21 mar. 2018. Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/passado-a-direita/408074>. Acesso em: 14 fev. 2020.

RIO DE JANEIRO. Departamento Administrativo do Serviço Público. Processo n.º 4.353-55 — C.A.C. n.º 212. Interessado: Manoel Lourenço Branco. C.A.C., em 13 de julho de 1955. **Diário Oficial da União (DOU)**, Brasília, DF, 10 ago. 1955. Seção 1, p. 6. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/2773793/pg-6-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-10-08-1955>. Acesso em: 03 nov. 2020.

ROCHA, Carlos. «**Correr Ceca e Meca**». Lisboa, 6 nov. 2015. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/correr-ceca-e-meca/33634>. Acesso em: 16 fev. 2020.

RODEGUERO, Carla Simone. Religião e patriotismo: anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil na Guerra Fria. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 463-488, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?>

script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000200010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 jan. 2018.

RODRIGUES, Cândido Moreira. **A ordem**: uma revista de intelectuais católicos (1934-1945). Belo Horizonte: Autêntica: FAPESP, 2005.

RODRIGUES, Cândido Moreira. **Alceu Amoroso Lima**: matrizes e posições de um intelectual católico militante em perspectiva histórica (1928-1946). 2006. Tese (Doutorado em História) -- Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Assis, 2006. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/93434>. Acesso em: 10 fev. 2020.

ROSEMBERG, José. Tuberculose - Aspectos históricos, realidades, seu romantismo e transculturação. **Boletim de Pneumologia Sanitária**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 5-29, dez, 1999. Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext &pid=S0103460X1999000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 18 jun. 2019.

ROSENDAHL, Zeny. O sagrado e o urbano: gênese e função das cidades. *In*: ROSENDAHL, Zeny. **Uma procissão na geografia** (online). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018. p. 47-75. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/wy7ft/pdf/rosendahl-9788575115015-04.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2020.

ROTARY CLUB NATAL. **Reunião festiva comemorativa dos 80 anos de fundação do Rotary Club de Natal**. Natal, 11 mar. 2016. Blog do Rotary Club Natal. Disponível em: <https://rotaryclubnatal.wordpress.com/2016/03/11/reuniao-festiva-comemorativa-dos-80-anos-de-fundacao-do-rotary-club-de-natal/>. Acesso em: 20 fev. 2020.

ROTARY INTERNATIONAL. **História do Rotary**. Paul Harris: fundador do Rotary. [S. l., 2020]. Disponível em: <https://www.rotary.org/pt/history-paul-harris-rotary-founder>. Acesso em: 19 jan. 2020.

RUST, Leandro Duarte. Inventando Gregório VII. **Vária História**, Belo Horizonte, v. 31, n. 55, p. 21-51, jan./abr. 1915. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/vh/v31n55/0104-8775-vh-31-55-00021.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2020.

SALES, Eugênio. Impressão errônea. **O Globo**, Rio de Janeiro, 8 nov. 2008. Matutina, Opinião, p. 7.

SALOMON, Marlon. **Arquivologia das correspondências**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

SANTOS, Renato Marinho Brandão. A gestão da cidade: o papel da Intendência Municipal na construção de uma Natal Moderna (1890-1930). **Revista Espacialidades**, Natal, v. 2, n. 1, p. 1-21, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/espacialidades/issue/view/883>. Acesso em: 21 fev. 2020.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHALL, Brunah. **Fronteiras entre ciência e religião**: darwinismo e catolicismo no Brasil dos séculos XIX e XX. 2014. 110 f. Dissertação (Mestre em Sociologia) -- Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal

de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/incite/wp-content/uploads/2018/07/DISSERTA%C3%87% C3%83O-2014-Fronteiras-entre-ci%C3%A9ncia-e-religi%C3%A3o-darwinismo-e-catolicismo-no-Brasil-dos-s%C3%A9culos-XIX-e-XX-Brunah-Shell.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2019.

SEMINÁRIO DE SÃO PEDRO. **1º Livro de crônicas do Seminário de São Pedro (1919-1938)**. Natal, 1919-1938.

SEMINÁRIO DE SÃO PEDRO. **2º Livro de crônicas do Seminário de São Pedro (1938-1947)**. Natal, 1938-1947.

SEMINÁRIO DE SÃO PEDRO. **Livro de atas dos Grêmios Diocesanos**: Santo Agostinho - 1919-1928. São Luiz Gonzaga – 1928-1929. São Jerônimo – 1932-1933. Natal, 1919-1933.

SEMINÁRIO DE SÃO PEDRO. **Livro de matrículas, 1919-1966, n. 1**. Natal, 1919-1966.

SEMINÁRIO e a cultura, O. **Revista Comemorativa dos 80 anos do Seminário de São Pedro (1919-1999)**. Natal, p. 7, out. 1999.

SÉRGIO, Ricardo. O suplício de Prometeu: recontando A Mitologia Grega. **Recanto das Letras**, [S. l.], 23 ago. 2012. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/contos/3845872> . Acesso em: 04 jun. 2017.

SESSENTA anos da Congregação Mariana da Catedral. *In*: 60 anos do marianismo - 1978. Complemento – 1985. Nata: Nordeste Gráfica, 1985. p. 1-78.

SEVCENKO, Nicolau. Apresentação. *In*: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3.

SILVA, Giovane José da. **O batismo de Clio**: catolicismo-social e história em Jonathas Serrano (1908-1931). 2011. 242 f. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de Ciências Sociais, Curso de História, Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei, 2011.

SILVA, Maiara Juliana Gonçalves da. **Em cada esquina um poeta, em cada rua um jornal**: a vida intelectual natalense (1889-1930). 2014. 342 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/19973>. Acesso em: 03 jun. 2017.

SILVA, Rhonan Ferreira; FERNANDES, Mario Marques. Medicina legal aplicada à arte dentária. **Revista Brasileira de Odontologia Legal**, Ribeirão Preto, v. 3. n. 1. p. 113-115, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.21117/rbol.v3i1.65>. Acesso em: 25 abr. 2020.

SILVA, Roberto Romano da. Cesaropapismo evangélico. *Jornal da Unicamp*, Campinas, 12 dez. 2018. <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/roberto-romano/cesaropapismo-evangelico>. Acesso em: 13 jan. 2020.

SIMÕES, Marco Antônio. **As testemunhas de Jeová e o regime nazista**: uma análise das causas ideológicas do conflito. 2016. 155 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) -- Faculdade de Ciências Sociais, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/18788>. Acesso em: 16 jan. 2020.

SÍNTESE dos dados históricos mais importantes do Seminário de São Pedro: 80 anos de fundação. **Revista Comemorativa dos 80 anos do Seminário de São Pedro (1919-1999)**. Natal, p. 4, out. 1999.

SIQUEIRA, Esmeraldo. **Jornada ao crepúsculo**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1969.

SIQUEIRA, Esmeraldo. **Roteiro de uma vida**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1968.

SIRINELLI, Jean-François. **Abrir a história**: novos olhares sobre o século XX francês. São Paulo: Autêntica, 2014.

SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (org.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998. p. 259-279.

SIRINELLI, Jean-François. De la demeure à l'agora. Pour une histoire culturelle du politique. **Vingtième Siècle**, revue d'histoire, [S. l.], n. 57, p. 121-131, jan./mar. 1998.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Tradução Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 231-269.

SINOPSE dos programas especiais da TV Assembleia. Padre Monte. Natal: TV Assembleia RN, 2011. Disponível em: <http://www.al.rn.gov.br/noticia/641/sinopse-dos-programas-especiais-da-tv-assembleia>. Acesso em: 20 nov. 19.

SOUZA, Adriana Barreto. **Duque de Caxias**: o homem por trás do monumento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SOUZA, Dominique; MIRANDA, Jean; SOUZA, Fabiano. Aspectos históricos da educação e do ensino de ciências no Brasil: do século XVI ao século XX. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, 6 nov. 2018. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/18/22/aspectos-historicos-da-educacao-e-do-ensino-de-ciencias-no-brasil-do-sculo-xvi-ao-sculo-xx>. Acesso em: 20 maio 2020.

SOUZA, Itamar de. Prefácio. In: MEDEIROS, José Mario de. **Dom Marcolino Dantas**: por ele mesmo. Natal: Fundação José Augusto, 2013. v. 2.

SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. As várias faces da Igreja Católica. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 90, 2004.

SOUZA NETO, José Maria Gomes de. **Sonhos de Nabucodonosor**: aspectos da propaganda do Estado Novo Pernambucano. 2005. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7514/1/arquivo_7824_1.pdf. Acesso em: 13 jan. 2020.

SPINELLI, José Antônio. **Getúlio Vargas e a oligarquia potiguar**: 1930-1935. Natal: EDUFRN, 1996.

STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo: Ed. USP; Curitiba: Orion, 2003.

STOLL, Sandra Jacqueline. Religião, ciência ou auto-ajuda? Trajetos do espiritismo no Brasil. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 45 n. 2, p. 361-402, 2002. Disponível em: http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/S_autores/STOLL_Sandra_tit_Religiao_ciencia_ou_Auto-ajuda_Trajetos_do_Espiritismo_no_Brasil.htm. Acesso em 10 fev. 2020.

UHLE, Águeda Bernadete. **Comunhão leiga**: o Rotary Club no Brasil. 1991. 354f. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1991. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252000>. Acesso em: 20 fev. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN). Departamento de Filosofia (DFIL). Curso de Filosofia. **Apresentação**. Natal: UFRN, 2019. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/filosofia/paginas/apresentacao.html>. Acesso em: 10 set. 2019.

VELLOSO, Mônica Pimenta. A ordem: uma revista de doutrina, política e cultural católica. **Revista de Ciência Política**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 117-160, jul. 1978. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rcp/article/view/59839>. Acesso em: 10 fev. 2020.

VENÂNCIO, Giselle. **Oliveira Vianna entre o espelho e a máscara**. São Paulo, SP: Autêntica, 2015.

VENTURA, Roberto. **Estilo tropical**: história cultural e polêmicas literárias no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Intelectuais e educação. **Pensar a Educação em Revista**, Curitiba; Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 3-21, abr./jun. 2015. Disponível em: http://pensar.aeducacaoemrevista.com.br/wp-content/uploads/sites/4/2017/04/vol_1_no_1_Carlos_Eduardo_Vieira.pdf. Acesso em: 20 dez. 2019.

VILAÇA, Antônio Carlos. **O pensamento católico no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

WADE, Nicholas. Religião é componente genético. **Revista Galileu**, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/revista/common/0,,emi138443-17579,00-religiao+e+componente+genetico+afirma+autor.html>. Acesso em: 13 nov. 2019.

WANDERLEY, Luiz. Oração fúnebre. **A República**, Natal, 1 jul. 1944.

WANDERLEY, Luiz. Relembrando a memória do Cônego Monte. **A República**, Natal, p. 4 e 7, 1 jul. 1944.

WANDERLEY, Rômulo. Evocando nossos mortos. **Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras**, Natal, ano 19, n. 8, p.76-83, maio 1970.

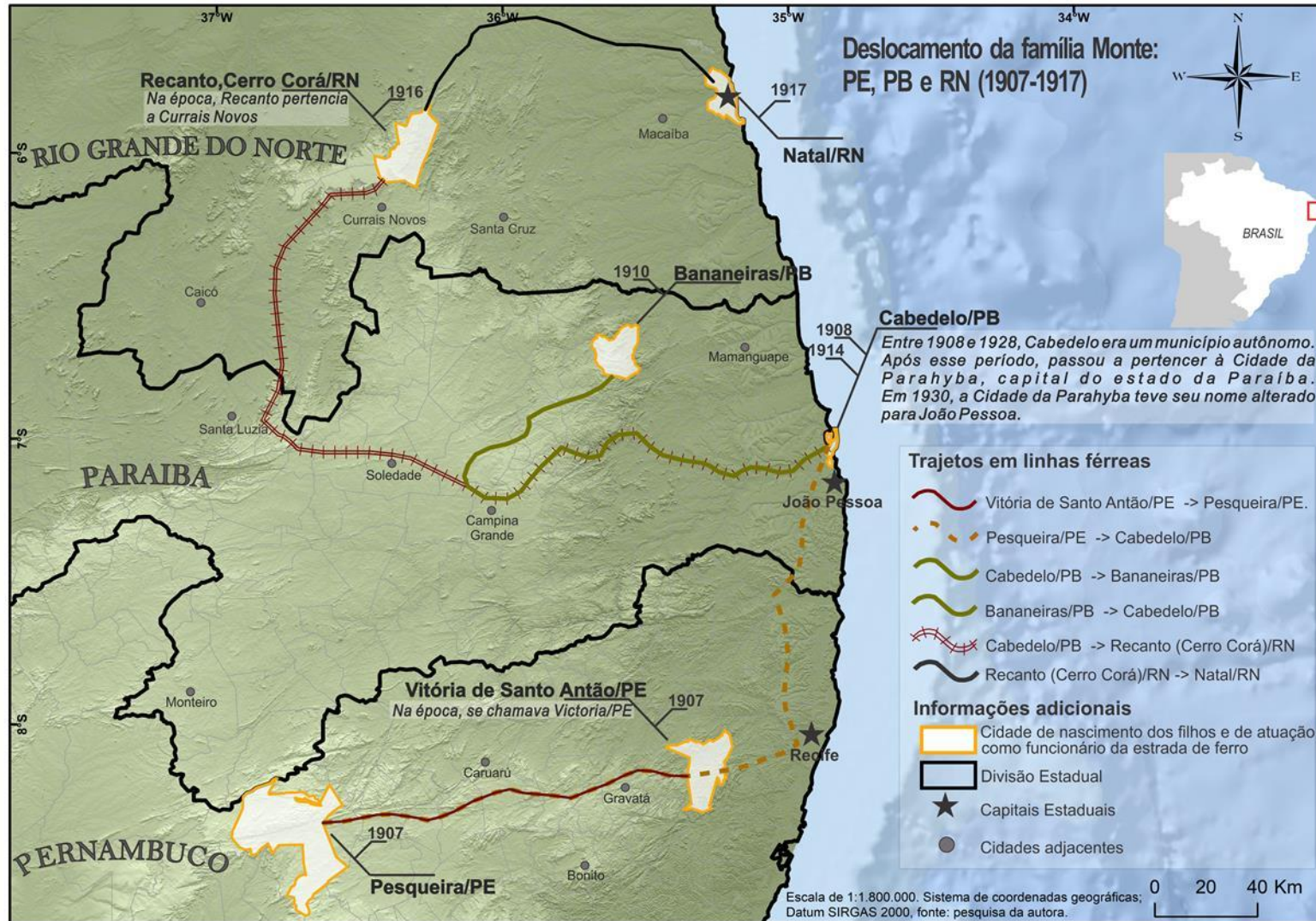
WEBER, Beatriz Teixeira. Vínculos entre homeopatia e espiritismo no Rio Grande do Sul na passagem para o século XX. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 26, n. 4, p.1299-1315, out./dez. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/VhLHeswqy8pkGJDLTk8tzZp/?lang=pt>. Acesso em: 23 mar. 2020.

WEBSTER, William. **O cânon dos judeus**. [S. l.], 2016. Disponível em: <http://www.e-cristianismo.com.br/teologia/bibliologia/o-canon-dos-judeus.html>. Acesso em: 14 fev. 2020.

ZOTTI, Solange Aparecida. O ensino secundário nas reformas Francisco Campos e Gustavo Capanema: um olhar sobre a organização do currículo escolar. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 4., 2006, Goiânia. **Anais eletrônicos ...** Belo Horizonte: SBHE, 2006. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuaiscoautorais/eixo01/Solange%20Aparecida%20Zotti%20-%20Texto.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2020.

APÊNDICE A - DESLOCAMENTO DA FAMÍLIA MONTE: PE, PB E RN (1907-1917)

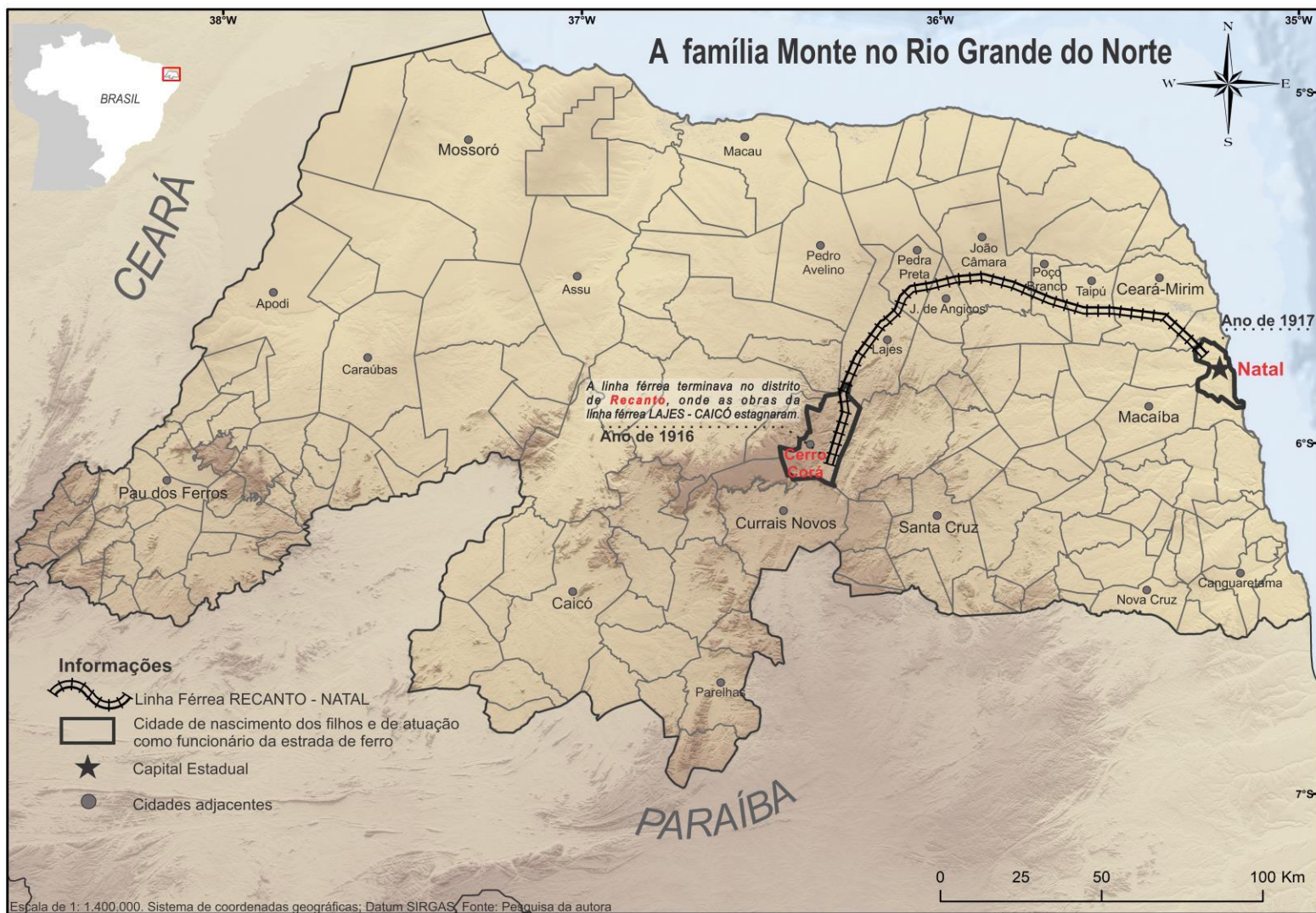
Mapa 1 - Deslocamento da família Monte: PE, PB E RN (1907-1917)



Fonte: Elaborada pela autora (2020).

APÊNDICE B - A FAMÍLIA MONTE NO RN

Mapa 2 - A família Monte no RN



Fonte: Elaborada pela autora (2020).

APÊNDICE C - PROVÍNCIA ECLESIASTICA DE NATAL

Mapa 3 - Província Eclesiástica de Natal



Fonte: Elaborada pela autora (2020).

APÊNDICE D - ESPAÇOS DE ATUAÇÃO E SOCIABILIDADE

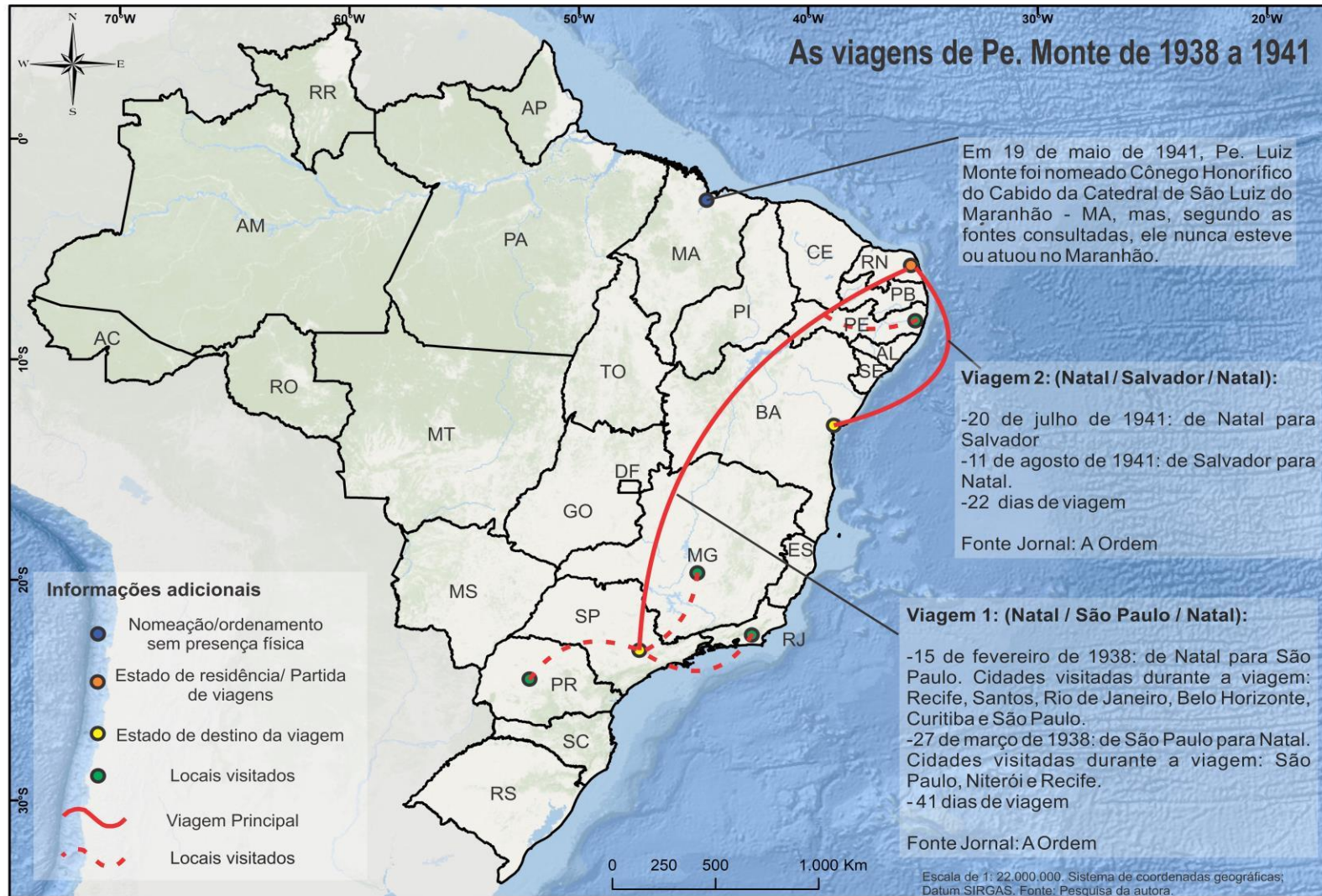
Mapa 4 - Espaços de atuação e sociabilidade



Fonte: Elaborada pela autora (2020).

APÊNDICE E - AS VIAGENS DE PE. MONTE DE 1938 A 1941

Mapa 5 - As viagens de Pe. Monte de 1938 a 1941



Fonte: Elaborada pela autora (2020).

APÊNDICE F - DESCRIÇÃO RESUMIDA DAS ANTOLOGIAS DO PADRE MONTE

ANTOLOGIA	DESCRIÇÃO RESUMIDA
NAVARRO, Jurandyr (org.). Antologia do Padre Monte . Natal: Fundação José Augusto, 1976. v. 1. 261 páginas.	ANTOLOGIA 1 * Organização de Jurandyr Navarro. * Publicada pela FUNDAJ (FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO). * Sanderson Negreiros, presidente da FUNDAJ, encomendou a Jurandyr Navarro uma Antologia do Padre Monte. * O volume contém: A) A orelha do livro, escrita por Sanderson Negreiros. B) 82 textos completos escritos por Padre Monte, tratando de temáticas variadas. São textos que foram publicados, entre os anos 1920 e 1940, nos Jornais <i>A Verdade</i> , <i>Diário de Natal</i> e <i>A Ordem</i> , mas nunca haviam sido publicados em outros lugares. C) O volume está dividido em quatro partes: a primeira parte (que não apresenta um título) está composta de uma apresentação escrita por Jurandyr Navarro, um texto inédito do Padre Monte que estava no arquivo pessoal de Dom Heitor e textos diversos de Monte. As outras três são intituladas de Polêmicas 1, Polêmicas 2 e Polêmicas 3. Em <i>Polêmica 1</i> , ao que tudo indica, o organizador da obra almejou reunir os textos escritos por padre Monte para debater publicamente com Esmeraldo Siqueira. Em Polêmica 2, estão os textos escritos por padre Monte para debater publicamente com o Pastor Duarte; Em Polêmica 3, estão os textos escritos por padre Monte para debater publicamente com o Lourenço Branco. Analisando cuidadosamente as três polêmicas, percebi que existem nas três partes, textos que não pertencem as polêmicas atribuídas aos autores. Percebi também que o título das polêmicas as vezes é diferente do título existente no jornal. Percebi ainda que em alguns momentos há divergências entre a data do texto informada na Antologia e a data do texto publicado originalmente. D) Um depoimento do Cônego Jorge O'Grady sobre Padre Monte no Final da obra. Observação: Há textos com a referência completa (nome do jornal, dia, mês e anos da publicação, mas há vários textos sem o nome do jornal e outros com apenas o ano da publicação. Diante dessa constatação procurei a publicação original para completar a referência.
NAVARRO, Jurandyr (org.). Antologia do Padre Monte . Natal: Fundação José Augusto, 1978. v. 2. 262 páginas	ANTOLOGIA 2 * Organização de Jurandyr Navarro * Publicada pela FUNDAJ (FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO). * Orelha de Franco Jasielo * O volume contém: * Epígrafe de Hélio Galvão: [...] “Padre Monte chegará a honra dos altares”. * Apresentação de Jurandyr Navarro. * prefácio de Nilo Pereira (Pe, Luiz Monte: Santo e sábio). * Repercussão do primeiro volume * A obra contém: A) treze textos simples (texto de uma ou duas páginas publicado em um dia específico) de autoria de Padre Monte.

- B) 4 série de textos (vários textos que discutem uma temática e que forma publicados em dias diferentes em um mesmo jornal) publicados por Pe. Monte. Os textos de série, em geral, estão numerados em algarismos romanos. (Uma indagação minha: será que algumas dessas séries eram sermões realizados por ele?)
 C) Uma conferência realizada por Monte.

*Anexos da obra:

- A) Fotografia da família Monte.
 B) Tópicos da biografia de Padre Monte;
 C) Descrição documentada de algumas atividades profissionais e sacerdotais de algumas atividades desenvolvidas por Padre Monte.
 D) Depoimentos sobre Padre Monte escrito padre Jorge O'Grady de Paiva. (O espírito de escol (o melhor de todos) de padre Monte.
 E) Duas matérias publicadas no Diário de Natal abordando a genialidade Monte.
 F) Repercussões do primeiro volume da Antologia.
 F) Testemunhos sobre Padre Monte, publicados, em diferentes épocas, em jornais de Natal e que foram escritos por intelectuais locais que o admiravam: Edgar Barbosa; Palmyra Wanderley; Hélio Galvão; Bianor Medeiros e Padre Eymard L. Monteiro.
 G) Texto sobre Monte escrito por Veríssimo de Melo para a Academia de Letras (retirado do livro "Patrono e acadêmicos).

Observações: Há textos com a referência completa (nome do jornal, dia, mês e anos da publicação, mas há vários textos sem o nome do jornal e outros com apenas o ano da publicação. Diante dessa constatação procurei a publicação original para completar a referência.

ANTOLOGIA

NAVARRO,
 Jurandyr (org.).
Antologia do Padre Monte: o livro das teses latinas. Natal: Editora da UFRN, 1979. v. 3. 310 páginas.
 (O Livro das teses latinas / O volume é dedicado as duas teses escritas por Monte para o concurso de Latim no Atheneu.

DESCRIÇÃO RESUMIDA

ANTOLOGIA 3

* Organização de Jurandyr Navarro

* Publicada pela Editora da UFRN

* A antologia é oferecida "aos mártires do cristianismo triunfante"

* Prefácio de Jurandyr Navarro.

* Nota explicativa de Jorge O'Grady de Paiva (retirada da obra Verdade e vida)

* o volume contém:

- A) Lexiologia e sematologia (1ª tese do concurso)
 B) Valor Quantitativo da preposição: A – AB – ABS (2ª tese do concurso)
 C) Comentários, frases e pensamentos do Padre Monte.
 D) Registro de atividades pessoais e profissionais de Padre Monte.
 E) Testemunhos sobre Padre Monte, publicados, em diferentes épocas, em jornais de Natal (A República, A Ordem) ou em livros e que foram escritos por intelectuais locais que o admiravam: Câmara Cascudo; Nilo Pereira; Dom José Delgado; Eymard L. Monteiro; Aluizio Alves; Violeta; Monsenhor Paulo Herôncio Melo; Monsenhor Alves Landim (pseudônimo Lúcio); Bertha Guilherme; Cônego José Adelino; José Melquíades.
 F) Posfácio de Lavínio Dantas (Texto: Sábio e santo. Retirado do jornal A Ordem)

Observação: como o livro só tem as teses para o concurso de latim, não encontrei os equívocos quanto as referenciais dos textos constantes na Antologia.

ANTOLOGIA	DESCRIÇÃO RESUMIDA
<p> NAVARRO, Jurandyr (org.). Antologia do Padre Monte. Natal: Fundação José Augusto, 1982. v. 4. 202 páginas. </p>	<p> ANTOLOGIA 4 * Organização de Jurandyr Navarro. * Publicação pela Fundação José Augusto. * Prefácio de Jurandyr Navarro (<i>Ad instar prefations</i>) * O volume contém: A) sessenta e cinco textos, escritos por Padre Monte na juventude, versando sobre temas diversos: literatura, arte, religião, moral, biologia, botânica, arqueologia, geologia e astronomia. B) discurso de paraninfo de Paraninfo na Escola de Comércio (1929). C) Partes extraídas do livro Biologia. D) Críticas (pessoas que escreveram a Jurandyr Navarro se referindo a publicação dos volumes anteriores da Antologia do Padre Monte). E) Ontem e hoje – opiniões. Pessoas que escreveram elogiando Padre Monte: Cônego Luiz Wanderley; José Pacifal Baroso; Dom Adelino Dantas; Marcos Maranhão; Edmundo Melo Lima; Marcelino de Oliveira; Padre Nivaldo; Cônego Jorge O’Grady de Paiva, Cônego Pedro paulino, Monsenhor Alves Landim; Rômulo C. Wanderley e Stela Wanderley. Observações: Há textos com a referência completa (nome do jornal, dia, mês e anos da publicação, mas há vários textos sem o nome do jornal e outros com apenas o ano da publicação. Diante dessa constatação procurei a publicação original para completar a referência. </p>
<p> ANTOLOGIA NAVARRO, Jurandyr (org.). Antologia do Padre Monte: Fundamentos biológicos da castidade. Natal: Editora da UFRN, 1984a. v. 5. 228 páginas. </p>	<p> ANTOLOGIA 5 * Organização de Jurandyr Navarro * Publicada pela Editora da UFRN (EDUFRN) em 21/11/1984. * A antologia é basicamente a integra do Livro: <i>Fundamentos Biológicos da Castidade</i> (1ª edição de 1950). * Apresentação a segunda edição feita por Jurandyr Navarro, a primeira edição foi feita às pressas em 1950 e com poucos exemplares, devido a descoberta da tentativa de plágio. * Prefácio da 1 ed. Foi feita por Henrique Tanner de Abreu em 27/05/1941. * A primeira edição foi patrocinada por senhoras da Ação Católica. O livro foi escrito no final de 1930. * Pronunciamentos sobre Padre Monte: Raimundo Nunes; Nilo Pereira e Pedro de A. Cavalcanti. * Entrevista feita com Dom Nivaldo Monte feita pelo jornal <i>A Ordem</i>. Observação: como o livro só tem <i>Fundamentos Biológicos da Castidade</i>, não encontrei os equívocos quanto as referenciais dos textos constantes na Antologia. </p>

ANTOLOGIA	DESCRIÇÃO RESUMIDA
NAVARRO, Jurandyr (org.). Antologia do Padre Monte. Natal: CERN, 1984b. v. 6. 215 páginas.	ANTOLOGIA 6 * Organização de Jurandyr Navarro * Publicada pela Companhia Editora do Rio Grande do Norte (CERN) como o apoio da Fundação José Augusto. * Nota introdutória escrita por Jurandyr Navarro. (explicação de como teve acesso ao material da obra). * Prefácio original do prof. Cândido de Melo Leitão da Academia Brasileira de Ciências. * Prefácio da 2ª edição do prof. Francisco das Chagas Neves Gurgel, Rio de Janeiro, 22/10/1977 * A obra apresenta basicamente na íntegra a obra <i>Compêndio de Biologia/ Biologia</i> , “adequado aos seminários brasileiros e adaptável, como foi expresso, aos Cânones da nova legislação do ensino, a partir da Reforma curricular de 1935”. Observação: como o livro só tem o livro <i>Compêndio de Biologia/ Biologia</i> não encontrei os equívocos quanto as referenciais dos textos constantes na Antologia.

ANTOLOGIA	DESCRIÇÃO RESUMIDA
NAVARRO, Jurandyr (org.). Antologia do Padre Monte. Natal: Departamento Estadual de imprensa, 1996a. v. 7. (Coleção cultura, 1). 204 páginas.	ANTOLOGIA 7 * Organização de Jurandyr Navarro * Publicada pelo Departamento Estadual de Imprensa, IHGRN e Fundação Cultural Pe. João Maria. * Apresentação de Dr. Jurandyr em maio de 1995. * A obra contém: A) Quarenta e nove artigos simples de Padre Monte publicados em jornais de Natal. B) Doze resumos de aulas ministradas por padre Monte, abordando temas diversos: ciência, direitos sociais e da Igreja e religião (Congregação Mariana). C) Duas conferências proferidas por Padre Monte D) Registros de correspondências recebidas sobre as antologias anteriores. D) Depoimentos sobre Padre Monte escritos por: José Nazareno Moreira de Aguiar, Gumercindo Saraiva, Padre Emanuel D. Barbosa, Romeu Peréia, Monsenhor Melo Lula, Câmara Cascudo, Otto de Brito Guerra, Pedro de A. Cavalcanti (o texto de Pedro é o mesmo texto publicado na Antologia 5), Gerardo Barreto, Aluizio Alves, Paulo Macedo, Cinthia Lopes, José Luiz Silva (ex-padre) e Hélio Galvão. E) Registro de atividades sacerdotais e profissionais desenvolvidas por Padre Monte. F) Cartas do Vaticano agradecendo o recebimento das Antologias. G) Entrevista concedida pelo Cônego Jorge O’Grady de Paiva a Veríssimo de Melo. Na entrevista Paiva enfatiza a importância de Padre Monte na formação dele. (na entrevista Paiva analisa quem ele considera intelectual em Natal). Observações: Há textos com a referência completa (nome do jornal, dia, mês e anos da publicação, mas há vários textos sem o nome do jornal e outros com apenas o ano da publicação. Diante dessa constatação procurei a publicação original para completar a referência.

ANTOLOGIA	DESCRIÇÃO RESUMIDA
NAVARRO, Jurandyr (org.). Antologia do Padre Monte. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1996b. v. 8. 247 páginas.	ANTOLOGIA 8 * Organização de Jurandyr Navarro * Publicada pelo Departamento Estadual de Imprensa. * Apresentação de Dr. Jurandyr em maio de 1996. * A obra contém: A) Noventa e quatro artigos simples de Padre Monte. B) Repetição da entrevista de O' Grady a Veríssimo de Melo, já apresentada na Antologia n. 7. C) Registro de atividades sacerdotais e profissionais de Padre Monte, além de homenagens prestadas ao religioso. D) Testemunhos sobre Padre Monte: Nilo Pereira, Francisco das Chagas Neves Gurgel e Lúcio (pseudônimo do Monsenhor Alves Landim). Observações: Há textos com a referência completa (nome do jornal, dia, mês e anos da publicação, mas há vários textos sem o nome do jornal e outros com apenas o ano da publicação. Diante dessa constatação procurei a publicação original para completar a referência.
NAVARRO, Jurandyr (org.). Antologia do Padre Monte: a Igreja Apologética. Natal: [s. n], 2001. v. 9. 493 páginas	ANTOLOGIA 9 * Organização de Jurandyr Navarro * Publicada pelo Departamento Estadual de Imprensa. * Apresentação de Dr. Jurandyr em maio de 1996. * A obra contém: A) Dedicadas às <i>Polêmicas: A Igreja Apologética</i> (combatia os autênticos cavaleiros do apocalipse). (apesar de anunciar as polêmicas, tem vários textos que não se referem as polêmicas). Repetição de alguns textos da Antologia 1. Não separa por debatedor de Monte, como na Antologia 1, separa algumas vezes por temas. B) Texto de Jorge O'Grady sobre Padre Monte Polemista. C) Textos de autores sobre temas. Exemplos: sobre o comunismo escrevem: Padre Monte, Ulisses de Góis, Dom Adelino Dantas e Dom Marcolino Dantas. Sobre o positivismo escrevem Padre Monte e Nilo Pereira. Sobre espiritismo escove Padre Monte. B) Textos de autoria de Lourenço Branco e de Esmeraldo Siqueira. C) Separa as polêmicas em quinze temas: os livres pensadores; o nazismo; o comunismo; a imprensa; o positivismo; o social; Rotary clube; a Maçonaria; o evolucionismo; o espiritismo; o protestantismo; o materialismo ateu; a tolerância; a Idade Média e o papado. (nem sempre os textos estão relacionados as temáticas propostas). D) Depoimentos sobre Monte: Amaury Medeiros, José Luis Silva, Otto Guerra, Palmira Wanderley. Observações: Há textos com a referência completa (nome do jornal, dia, mês e anos da publicação, mas há vários textos sem o nome do jornal e outros com apenas o ano da publicação. Diante dessa constatação procurei a publicação original para completar a referência.

ANTOLOGIA	DESCRIÇÃO RESUMIDA
<p> NAVARRO, Jurandyr (org.). Antologia do Padre Monte. Natal: [s. n], 2007. v. 10. 270 páginas. </p>	<p> ANTOLOGIA 10 * Organização de Jurandyr Navarro * Publicada por Jurandyr Navarro Imprensa. * Apresentação de Dr. Jurandyr em maio de 2005. * A obra contém exclusivamente mil seiscentos lemas, frases e pensamentos de Padre Monte. * Opiniões sobre Padre Monte: João Penha Filho (Monsenhor), Caio Flávio Fernandes de Oliveira, Paulo Pereira dos Santos, José Nazareno Moreira de Aguiar, Itamar de Souza, Edgar Barbosa, Hélio Galvão e poema de Palmyra Wanderley (poema que está no túmulo do Padre Monte) Observação: os lemas, as frases e os pensamentos de Padre Monte que forma selecionados para compor a obra, não têm qualquer referência. Pelo que está no texto, não é possível saber o local e data de cada uma das frases apresentadas. Dantas. Sobre o positivismo escrevem Padre Monte e Nilo Pereira. Sobre espiritismo escove Padre Monte. B) Textos de autoria de Lourenço Branco e de Esmeraldo Siqueira. C) Separa as polêmicas em quinze temas: os livres pensadores; o nazismo; o comunismo; a imprensa; o positivismo; o social; Rotary clube; a Maçonaria; o evolucionismo; o espiritismo; o protestantismo; o materialismo ateu; a tolerância; a Idade Média e o papado. (nem sempre os textos estão relacionados as temáticas propostas). D) Depoimentos sobre Monte: Amaury Medeiros, José Luis Silva, Otto Guerra, Palmira Wanderley. Observações: Há textos com a referência completa (nome do jornal, dia, mês e anos da publicação, mas há vários textos sem o nome do jornal e outros com apenas o ano da publicação. Diante dessa constatação procurei a publicação original para completar a referência. </p>

APÊNDICE G - LEVANTAMENTO DOS ARTIGOS DE PADRE MONTE

1924 (2 textos)

ORDEM	DATA E LOCAL DE PUBLICAÇÃO ORIGINAL	DATA E LOCAL DE SEGUNDA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO ARTIGO
1	1924 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 15-16.	Apreensões
2	02/12/1924 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 94-95	Agonizante!

1925 (11 textos)

ORDEM	DATA E LOCAL DE PUBLICAÇÃO ORIGINAL	DATA E LOCAL DE SEGUNDA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO ARTIGO
1	10/02/1925 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1978, v. 2, p. 103-105 Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 177-178	Heterogênese Haeckel em apuros (Usou o pseudônimo de Luzate)
2	22/03/1925 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 136-137	A França Católica
3	01/12/1925 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1978, v. 2, p. 63-64	Bíblia e Ciência I
4	03/12/1925 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1978, v. 2, p. 65-66	Bíblia e Ciência II
5	04/12/1925 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1978, v. 2, p. 67-68	Bíblia e Ciência III
6	05/12/1925 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1978, v. 2, p. 69-70	Bíblia e Ciência IV
7	20/12/1925 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1978, v. 2, p. 71-72	Bíblia e Ciência V
8	22/12/1925 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1978, v. 2, p. 73-74	Bíblia e Ciência VI
9	23/12/1925 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1978, v. 2, p. 75-76	Bíblia e Ciência VII
10	24/12/1925 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1978, v. 2, p. 77-78	Bíblia e ciência VIII
11	29/12/1925 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1978, v. 2, p. 79-80	Bíblia e Ciência IX: O Darwinismo

1926 (28 textos)

ORDEM	DATA E LOCAL DE PUBLICAÇÃO ORIGINAL	DATA E LOCAL DE SEGUNDA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO ARTIGO
1	15/01/1926 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1978, v. 2, p. 81/82	Bíblia e Ciência X
2	16/01/1926 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1978, v. 2, p. 83-84	Bíblia e Ciência XI: A geração espontânea
3	17/01/1926 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1978, v. 2, p. 85-86	Bíblia e Ciência XII
4	29/01/1926 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1978, v. 2, p. 87-88	Bíblia e Ciência XIII
5	31/01/1926 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1978, v. 2, p. 89-90	Bíblia e Ciência XIV
6	30/01/1926 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1978, v. 2, p. 91-92	Bíblia e ciência XV
7	1926 Diário de Natal	Datilografia de Heitor ou Jurandyr/ digitado por Bruna Rafaela	Medrosos...
8	1926 Diário de Natal.	Antologia do Pe. Monte, 1996. v. 8. p. 207-208.	O Divino Espírito Santo
9	1926 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7. p. 62-64. Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8. p. 15-17.	Quaresma
10	1926 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1978, v. 2, p. 87-88	Os livres pensadores e sua profissão de fé I, II, III e IV
11	1926 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1996,v. 7, p. 17-18.	Cristo-Rei
12	1926 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 36-37	O Respeito
13	1926 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7p. 38-39	A Palavra
14	1926 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 40-41.	A Calúnia
15	1926 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 42-44.	A Vaidade
16	1926 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 45-46.	“O Constante Desejo de Prazeres”
17	1926 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 47-48.	Os dois pólos da Mentira”
18	1926 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 53-55	A Evolução das Religiões

19	1926 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 81-82	Gratia et Pax
20	1926 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 83-85.	Contradições e contrastes
21	1926 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 86-87	O efeito dos tóxicos
22	1926 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 92-93	Energia e dedicação na luta
23	1926 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 96-97; Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 153-154.	O coração eucarístico
25	1926 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 113-114.	O ódio entre os irmãos
25	1926 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 115-116.	A civilização
26	1926 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 45-51.	Será contemporânea a Palavra de Cristo?
27	1926 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 445-446	Dante Alighieri e o século XIII
28	1926 Diário de Natal	Datilografado por Dom Heitor/ Jurandyr - Digitação Bruna Rafaela	A Questão Espírita

1927 (11 textos)

ORDEM	DATA E LOCAL DE PUBLICAÇÃO ORIGINAL	DATA E LOCAL DE SEGUNDA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO ARTIGO
1	04/10/1927 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1982, v. 4, p. 69-71	Os mártires da fé: o morticínio de Uruaçu em 1645 (Nota de Jurandyr: A ira sagrada exprimida pelo Padre Monte no final deste escrito tem a sua razão de ser. É que o governo de então determinava a retirada dos crucifixos das escolas oficiais, consequência da separação da Igreja e do Estado).
2	1927	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 24-25	O Católico e a Liberdade
3	1927	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 55-56.	Verdades Sediças
4	1927	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 59-61	Carnaval
5	1927	Antologia do Pe. Monte.	O mistério sublime

		1996, v. 8, p. 21-22.	
6	1927	Antologia do Pe. Monte. 1996, v. 8, p. 23-24.	O mistério de Hoje
7	1927	Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 255-256	Materialista
8	1927	Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 361-362	Intolerância
9	1927 Diário de Natal.	-----	A Velha História
10	1927 Diário de Natal	Datilografado por Dom Heitor/ Jurandyr - Digitação Bruna Rafaela	Pontos de Vista
11	08/01/1927 Diário de Natal	Datilografado por Dom Heitor/ Jurandyr - Digitação Bruna Rafaela	Incongruências

1928 (29 textos)

ORDEM	DATA E LOCAL DE PUBLICAÇÃO ORIGINAL	DATA E LOCAL DE SEGUNDA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO ARTIGO
1	17/01, 18/01, 20/01, 24/01, 28/01 / 1928 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1982, v. 4, p. 81-88	Os insucessos do Cristianismo (Trata-se de uma série, publicada nos dias 17/01, 18/01, 20/01, 24/01, 28/01)
2	02/08/1928 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1978, v. 2, p. 97-99	Bíblia e Ciência: Haeckel e a lei biogenética
3	04/02/1928 Diário do Natal	Antologia do Pe. Monte, 1978, v. 2, p. 59-60	Igreja e astronomia
4	24/02/1928 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1982, v. 4, p. 46-47	Cristo Civilizador
5	26/02, 4, 10, 18 e 25/03 e 01/04 1928 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1982, v. 4, p. 101-111	Meditações Quaresmais (I, II, III, IV, V, VI)
6	Fev/mar/1928 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1982, v. 4, p. 89-100	De Meu Presbitério I, II, III, IV, V
7	1928 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 151-152	Sagrado Coração de Jesus
8	23/03/1928 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1982, v. 4, p. 54-55	A Fascinação do “Incógnito”.
9	Março a maio de 1928 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1982, v. 4, p. 101-138 Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 459-472	Para que serve o Papado I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII
10	10/04/1928 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1982, v. 4, p. 50-51	Coração para o alto

11	17/05/1928 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1982, v. 4, p. 58-59	Jesus Cristo e a escravidão
12	16/06/1928 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1982, v. 4, p. 56-57	Coisas de Hoje
13	23/05/1928 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1982, v. 4, p. 60-61	Os papas e os escravos
14	10/1928 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1982, v. 4, p. 62-63	Deus nas escolas
15	1928 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 11-12.	As abelhas de Santa Terezinha
16	1928 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 13-14.	Deus
17	1928 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 26-27	O Congresso da Mocidade (A maçã de Parrásio)
18	1928 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 51-52.	Catolicismo Social
19	1928 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 75-76.	Educação – A Igreja e o Ensino
20	1928 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte. 1996, v. 8, p. 31-32.	O corpo de Deus
21	1928 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte. 1996, v. 8, p. 35-36.	A implantação da Cruz
22	1928 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte. 1996, v. 8, p. 37-38.	Exaltação da Santa Cruz
23	1928 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte. 1996, v. 8, p. 53-54.	Há de vir
24	1928 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte. 1996, v. 8, p. 103-104.	Descalabro Moral
25	1928 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte. 1996, v. 8, p. 105-106.	Modernismo
26	1928 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte. 1996, v. 8, p. 163-164.	A conquista da Vida
27	1928 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 49-50	O livre pensador
28	1928 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 67-68	Jornalismo e jornalistas
29	1928 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p.69-70	Público e povo

1929 (24 textos)

ORDEM	DATA E LOCAL DE PUBLICAÇÃO ORIGINAL	DATA E LOCAL DE SEGUNDA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO ARTIGO
1	9/03/1928 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1982, v. 4, p. 25-26 Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 350-351	S. Paulo esteve em Pompéia?
2	12/03/1929 Diário de Natal.	Digitado por Bruna Rafaela a partir de cópia (xerox) do original	Quatro estacas
3	26/03/1929 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1982, v. 4, p. 66-67	Vícios da Educação Moderna
4	28/03/1929 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1982, v. 4, p. 21-22	“A Eternidade num minuto e o infinito numa sensação”
5	28/03/1929 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1982, v. 4, p. 73-75	Mais uma do Medeiros
6	14/04/1929 Diário do Natal (Biblioteca Pública de São Paulo)	Antologia do Pe. Monte, 1978, v. 2, p. 35-36	Morrerá, mesmo, o amor?
7	12/05/1929 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1982, v. 4, p. 42-43	A castidade pré-matrimonial
8	19/06/1928 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1982, v. 4, p. 31-32	A Gratidão do Alecrim
9	03/09/1929 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1982, v. 4, p. 36-37	A Arte exótica de Tarsila Amaral
10	27/09/1928 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1982, v. 4, p. 27-30	A Gruta do Martins
11	08/10/1929 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1982, v. 4, p. 40-41	Hereditariedade Intelectual
12	30/11/1929 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 79-94	Ao Operariado do Rio Grande do Norte I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X
13	1929 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1982, v. 4, p. 38-39	Educação e Cultura?
14	1929 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 9-10	Espírito e Matéria
15	1929 Diário de Natal.	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 67	Agonias do Espírito
16	1929 Diário de Natal.	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 70-71	Commentos
17	1929 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte. 1996, v. 8, p. 19-20.	Paenitentiam agite!
18	1929 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte. 1996, v. 8, p. 27-28.	Os Mistérios do Cristianismo
19	1929	Antologia do Pe. Monte.	A sombra da Cruz

	Diário de Natal	1996, v. 8, p. 39-40.	
20	1929 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p.205.	Surrexit
21	1929 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 65-66	A Imprensa: que é a Imprensa?
23	1929 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 169-170	Teorias que passam
24	1929 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 27-28.	Os Mistérios do Cristianismo

1930 (20 textos)

ORDEM	DATA E LOCAL DE PUBLICAÇÃO ORIGINAL	DATA E LOCAL DE SEGUNDA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO ARTIGO
1	1930	Livro Oradores, 2004, p. 142-143	Tópicos de discurso proferido na Congregação Mariana de Moços em 1930.
2	01/05/1930 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1982, v. 4, p. 33-35	Virgílio
3	13/05/1930	Antologia do Pe. Monte, 1982, v. 4, p. 44-45 Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 47-48	Escravos
4	17/05/1930	Antologia do Pe. Monte, 1982, v. 4, p. 48-49	A vida dos santos
5	18/09/1930	Antologia do Pe. Monte, 1982, v. 4, p. 52-53	Pedras e Flores
6	1930 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1982, v. 4, p. 64-65	Apostolado póstumo
7	27/04/1930 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1982, v. 4, p. 72”	“Pela Beleza”
8	30/03/1930	Antologia do Pe. Monte, 1982, v. 4, p. 76-78	O Protesto dos Corvos
9	02/04/1930	Antologia do Pe. Monte, 1982, v. 4, p. 79-80	“Miss” Borboleta
10	1930	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 22-23	S. Francisco de Sales
11	1930	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 28-29	Cartago e o Congresso Eucarístico
12	1930	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 49-50	Sentimentalismo em religião
13	1930	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 72-73	Perspectivas futuras
14	1930	Antologia do Pe. Monte,	Ideal de fé

		1996, v. 7, p. 98-99.	
15	1930	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 102-103	Em Linha reta
16	1930	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 104-105.	Apostolado Póstumo
17	1930	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 106-108.	Um Brasil Novo
18	1930	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 109-110	Verdade das verdades
19	1930	Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 55-56	O comunismo: vandalismo
20	1930	Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 73-76	O positivismo e a anarquia intelectual I e II

1931 (3 textos)

ORDEM	DATA E LOCAL DE PUBLICAÇÃO ORIGINAL	DATA E LOCAL DE SEGUNDA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO ARTIGO
1	1931 Diário de Natal	Antologia do Pe. Monte, 1978, v. 2, p. 31-32	Ideia Fixa (Publicado sob o pseudônimo de Menalcas)
2	1931	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 57-58	Psicologia de uma geração
3	1931	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 74	Educação religiosa

1932 (5 textos)

ORDEM	DATA E LOCAL DE PUBLICAÇÃO ORIGINAL	DATA E LOCAL DE SEGUNDA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO ARTIGO
1	1932	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 111-112	Os Jesuítas
2	1932	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 30-31	Congresso Eucarístico
3	1932	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 68-69	Consciência Moral
4	1932	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 100-101.	Eugenia
5	1932	Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 257	Gênese do Ateísmo

1934 (1 textos)

ORDEM	DATA E LOCAL DE PUBLICAÇÃO ORIGINAL	DATA E LOCAL DE SEGUNDA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO ARTIGO
1	25/02, 25/03, 29/04, 27/05, 24/06, 29/07 e 26/08 de 1934 A Verdade	Antologia do Pe. Monte, 1978, v. 2, p. 106-113	Origem da Vida, Heterogênesis I, II, III, IV, V, VI e VII (Trata-se de uma série publicada no jornal A Verdade, da paróquia de Caicó, nas edições de 25/02, 25/03, 29/04, 27/05, 24/06, 29/07 e 26/08 de 1934)

1935 (14 textos)

ORDEM	DATA E LOCAL DE PUBLICAÇÃO ORIGINAL	DATA E LOCAL DE SEGUNDA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO ARTIGO
1	01/06/1935 Correio Paroquial, de Caicó	Antologia do Pe. Monte, 1978, v. 2, p. 127 Antologia do Pe. Monte, 1996, v.9, p.42-43	A Origem do Mundo: Número e fenômeno (Publicado com o pseudônimo de Menalcas)
2	14/07/1935 A Ordem,	Datilografia de Heitor ou Jurandyr/ digitado por Bruna Rafaela	Nossos propósitos (Editorial, 1º número do jornal. Domingo)
3	04/08/1935 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1976, v. 1, p. 27-28 Antologia do Pe. Monte, 1999, v.9, 171-172	O Sangue Depõe
4	11/08/1935 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1976, v. 1, p. 29-30 Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 258-259	A Alma Revelada pela Fadiga
5	18/08/1935 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1976, v. 1, p. 31-32	A Ineidade do Senso Moral
6	29/08/1935 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1976, v. 1, p. 33-34 Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 173-174	Evolução e Moral
7	05/09/1935 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1976, v.1, p. 35-36 Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 175-176	Efeito sem Causa
8	15/09/1935 A Ordem, (ano 1.n.52)	Datilografia de Heitor ou Jurandyr/ digitado por Bruna Rafaela	A Esterilização dos Tarados e Delinquentes

9	06/10/1935 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1976, v. 1, p. 37-38 Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 43-45.	Ilusão da Liberdade
10	20/10/1935 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1976, v. 1, p. 41-42	Onipotência Tirânica
11	10/1935, Livro sobre o Pe. João Maria.	Antologia do Pe. Monte, 1976, v. 1, p. 39-40	Padre João Maria (texto do livro sobre o padre João Maria, de João Carlos de Vasconcelos – JC – Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte
12	10/11/1935 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1976, v. 1, p. 43-44	Hormônio e Crime
13	01/12/1935 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 253-254	Graças a Deus a tempestade passou
14	1935 A Ordem	Antologia do Padre Monte, 1999, v. 9, p. 77-78	O social: a Igreja, o operariado e o dinheiro dos padres

1936 (11 textos)

ORDEM	DATA E LOCAL DE PUBLICAÇÃO ORIGINAL	DATA E LOCAL DE SEGUNDA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO ARTIGO
1	13/03/36 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p.95-96	O Rotary Club: Caráter leigo da moral rotariana
2	14/05/1936 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 41-42	Semana dos Estudantes
3	23/07/1936 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 134-135	Dom Vital e a Maçonaria
4	08/1936 Revista O Ateneu: órgão da Academia de Letras Norte- Rio-Grandense, ano 1, nº 1 (Da coleção de Manoel Rodrigues de Melo)	Antologia do Pe. Monte, 1978, v. 2, p. 31-32 Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 243-244	Pitágoras e Santo Agostinho
5	08/1936	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 88-89.	Movimento da Mocidade
6	21/10/1936 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 260-261	Falência do materialismo em Biologia
7	20/11/1936 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 338-339	A nossa Academia de Letras
8	15/12/1936 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 63-64	Comunismo Doutrinal e Comunismo Sentimental
9	1936	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 65-66	Meditação
10	1936	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 79-80	Ciência e religião

11	1936 A Ordem,	Datilografia de Heitor ou Jurandyr/ digitado por Bruna Rafaela	O Espírito de Ordem
----	------------------	--	---------------------

1937 (13 textos)

ORDEM	DATA E LOCAL DE PUBLICAÇÃO ORIGINAL	DATA E LOCAL DE SEGUNDA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO ARTIGO
1	05/03/1937	Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 473	O obscurantismo da Igreja
2	14/09/1937 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 138-140	Um boletim maçônico das lojas de Natal
3	16/09/1937 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 142-143	Que é a Maçonaria?
4	18/09/1937 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 144-146	Deus e a Maçonaria
5	12/09/1937 Revista Som, de Natal (Coleção de Gumercindo Saraiva)	Antologia do Pe. Monte, 1976, v. 1, p. 207-208 Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 138-139.	Porque se sente a música
6	09/10/1937 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 153-155	Pode um católico ser maçom?
7	15/10/1937 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 156-158	É diferente a Maçonaria no Brasil?
8	16/10/1937 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 160-161	Cumprindo um dever
9	23/10/1937 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 162-166	Comunismo e Maçonaria (Série publicada em A Ordem)
10	1937	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 77-78	Educação da mulher
11	1937 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 59-60.	O messias
12	1937 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 61-62.	O grande desconhecido
13	1937	Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 359-360	Se Cristo voltasse...

1938 (3 textos)

ORDEM	DATA E LOCAL DE PUBLICAÇÃO ORIGINAL	DATA E LOCAL DE SEGUNDA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO ARTIGO
1	13/02/1938 A Ordem	Antologia do Padre Monte, 1976, v. 1, p. 146-147	Manchas e Tempestades
2	A Ordem, 08/06/1938 (ano III, num. 830)	Datilografia de Heitor ou Jurandyr/ digitado por Bruna Rafaela	Eutanásia
3	1938	Antologia do Padre Monte, 1999, v. 9, p. 51-52	O Nazismo: delírio blasfemo

1939 (13 textos)

ORDEM	DATA E LOCAL DE PUBLICAÇÃO ORIGINAL	DATA E LOCAL DE SEGUNDA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO ARTIGO
1	01/02/1939	Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 100-102	O Rotary Club
2	24/02/1939 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 103-104	Ainda o Rotary Club: O problema da disciplina católica
3	10/06/1939 A Ordem Ano IV. n. 1120	Datilografia de Heitor ou Jurandyr/ digitado por Bruna Rafaela	Pio XI e o Protestantismo
4	A Ordem 14/07/1939 Ano 4. n. 1147, p. 4	-----	São Boaventura: o Doutor Seráfico Sob o pseudônimo de Xilox. Não achei publicado, só tenho das cópias que Jurandyr me passou.
5	27/07/1939 A Ordem	Antologia do Padre Monte, v. 1, 1976, p. 151-153	O Suicídio de Marte
6	27/07/1939 A Ordem	Antologia do Padre Monte, 1976, v. 1, p. 151-153	O Fim do Mundo
7	08/1939 Revista "Nordeste", de Natal. Ano 1, nº 5.	Antologia do Pe. Monte, 1976, v. 1, p. 17-21 Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 355-358	Eucaristia e Análise
8	A Ordem, 1939.	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 43-44.	Eixo Misterioso
9	A Ordem, 1939	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 63-64.	De Luto
10	A Ordem, 1939	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 65-66.	A visão dos séculos
11	A Ordem, 1939	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 69-70.	Reconciliação
12	A Ordem, 1939	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 73-74.	Condição indispensável

13	A Ordem, 1939	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 79-80.	Expição completa
----	---------------	--	------------------

1940 (2 textos)

ORDEM	DATA E LOCAL DE PUBLICAÇÃO ORIGINAL	DATA E LOCAL DE SEGUNDA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO ARTIGO
1	16/02/1940. A Ordem.	Antologia do Pe. Monte, 1976, v. 1, p. 157-158	As cinzas dos Mortos (padre Monte, escreveu esse artigo sob o pseudônimo de Menalcas).
2	1940 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 139-140.	Milagres

1941 (6 textos)

ORDEM	DATA E LOCAL DE PUBLICAÇÃO ORIGINAL	DATA E LOCAL DE SEGUNDA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO ARTIGO
1	08/03/1941 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1976, v. 1, p. 163-165 Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 323-325	A Matemática dos Burros
2	11/03/1941 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1976, v. 1, p. 166-168 Antologia do Padre Monte, 1999, v. 9, p. 326-327	Um animal matemático
3	13/03/1941 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1976, v. 1, p. 169-170 Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 328-329	A Engenharia Animal
4	15/03/1941 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1976, v. 1, p. 171-173 Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 330-332	Gênios Estúpidos
5	10/07/1941 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1976, v. 1, p. 174-176 Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 245-547	Cartomancia
6	1941	Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 199	Einstein, a Igreja e um jornal Protestante

1942 (38 textos)

ORDEM	DATA E LOCAL DE PUBLICAÇÃO ORIGINAL	DATA E LOCAL DE SEGUNDA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO ARTIGO
1	13/07/1942, A Ordem.	Antologia Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 81-82.	Hora de Trevas
2	15/07/1942, A Ordem.	Antologia Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 83-84.	Torres de Babel
3	16/07/1942, A Ordem.	Antologia Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 85-86.	A mão da providência
4	17/07/1942, A Ordem.	Antologia Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 87-88.	Julgamento insuspeito
5	21/07/1942, A Ordem.	Antologia Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 89-90.	O grande mal
6	22/07/1942, A Ordem.	Antologia Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 71-72.	Tristeza de viver
7	23/07/1942, A Ordem.	Antologia Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 91-92	A paz do coração
8	24/07/1942, A Ordem.	Antologia Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 93-94.	Vontade de querer
9	25/07/1942, A Ordem.	Antologia Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 95-96.	Ontem e Hoje
10	27/07/1942, A Ordem,	Antologia Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 97-98.	O caminho
11	28/07/1942, A Ordem.	Antologia Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 99-100.	A verdade
12	29/07/1942, A Ordem.	Antologia Pe. Monte, 1996, v. 8, p.101-102.	A vida
13	30/07/1942, A Ordem.	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 109-110.	Ressureição
14	31/07/1942, A Ordem.	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 111-112.	O que falta
15	06/08/1942, A Ordem.	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 113-114.	Real e necessário
16	07/08/ 1942, A Ordem.	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 115-116.	Condição indispensável
17	08/08/1942, A Ordem.	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 117-118.	Sentir Universal
18	10/08//1942, A Ordem.	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 119-120.	A Razão científica
19	11/08/1942, A Ordem.	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 121-122.	Coragem de atitudes
20	13/08//1942, A Ordem.	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 123-124.	Necessidade Real

		Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 262	
21	14/08/1942 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 199-200.	Glória incomparável
22	16/08/1942, A Ordem.	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 125-126.	Dever de consciência
23	16/08/1942	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 20-21	Discurso no dia da Imprensa
24	27/08/1942, A Ordem.	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 127-128.	Grandeza e decadência
25	28/08/1942, A Ordem.	Antologia Pe. Monte 1996, v. 8, p. 169-170	Restauração
26	04/09/1942, A Ordem.	Antologia do Pe. Monte. 1996, v. 8, p. 129-130.	Indiferença culpável
27	07/09/1942 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1976, v. 1, p. 203-206	Estigmatizados
28	08/09/1942, A Ordem.	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 131-132.	O Cristo
29	09/09/1942, A Ordem.	Antologia Pe. Monte, 1996, v.8, p. 133-134	Fases da Revelação
30	14/09/1942, A Ordem.	Antologia Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 135-136	Divina Luz
31	26/09/1942, A Ordem.	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 137-138.	Dignos de fé
32	13/10/1942, A Ordem.	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 141-142.	A prova dos fatos
33	17/10/1942, A Ordem.	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 143-144.	Perpétuo Milagre
34	21/10/1942 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1976, v. 1, p. 209-212	As três cruzes
35	24/10/1942 A Ordem,	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 145-146.	O Divino profeta
36	29/10/1942, A Ordem.	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 147-148.	O Grande Rei
37	31/10/1942, A Ordem.	Antologia Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 203-204.	O Grande Milagre
38	1942, A Ordem.	Antologia Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 90-91	Sentinelas da moralidade

1943 (9 textos)

ORDEM	DATA E LOCAL DE PUBLICAÇÃO ORIGINAL	DATA E LOCAL DE SEGUNDA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO ARTIGO
1	13/03/1943 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1976, v. 1, p. 213-214	Aspectos da Ação Social da Igreja I – Luta Contra a Dor – Medicina heráltica e medicina iátrica
2	03/1943 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1976, v. 1, p. 215-217	Aspectos da Ação Social da Igreja II – Origem dos Hospitais – Os mosteiros, primeiras escolas de Medicina – Mulheres Médicas
3	03/1943 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1976, v.1, p. 218-219	Aspectos da Ação Social da Igreja III – Falam hieróglifos – Os mortos-vivos – o Leprosário
4	03/1943 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1976, v. 1, p. 220-222	Aspectos da Ação Social da Igreja IV – Os mosteiros salvam a Europa – A Sorte dos patrimônios Eclesiásticos – O Apóstolo de Molokai
5	06/04/1943 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1976, v. 1, p. 223-225	Aspectos da Ação Social da Igreja V – Hoje como Ontem
6	16/04/1943 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1976, v. 1, p. 226-227	Mineralogia no Rio Grande do Norte / Haverá Diamantes no Seridó?
7	20/4/43 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1976, v. 1, p. 15-16	O suor do sangue
8	1943 A Ordem	Antologia do Pe. Monte. 1996, v. 8, p. 29-30.	Profundos Mistérios
9	1943	Antologia do Pe. Monte, 1999, v. 9, p. 53-54	Arcas de São Lourenço

1944 (artigo póstumo) (1 texto)

ORDEM	DATA E LOCAL DE PUBLICAÇÃO ORIGINAL	DATA E LOCAL DE SEGUNDA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO ARTIGO
1	04/1944 A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1976, v. 1, p. 258-260	Asas, que despontam (asas que despontam)

Não possui data/ A DEFINIR (33 textos)

ORDEM	DATA E LOCAL DE PUBLICAÇÃO ORIGINAL	DATA E LOCAL DE SEGUNDA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO ARTIGO
1		Antologia do Padre Monte, 1978, v. 2, p. 131-179	Maior I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXI, XXII, XXIII, XXIV, XXV

2		Antologia do Pe. Monte. 1996, v. 8, p. 25-26.	Os Mistérios de Deus
3		Antologia do Pe. Monte. 1996, v. 8, p. 33-34.	Tempo sagrado
4		Antologia do Pe. Monte. 1996, v. 8, p. 41-42.	Sacrifício de Amor
5		Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 55-56.	Para o Calvário
6	A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 57-58	O filho Eterno
7	A Ordem	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 67-68.	De Braços abertos
8		Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 75-76.	Amor e ódio
9		Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 77-78.	Pilatos
10		Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 107-108.	O Homem
11		Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 149-150.	DEUS
12		Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 155-156.	Suprema Aspiração
13		Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 157-158.	A grande semana
14		Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 159-160.	Sacerdote vítima
15		Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 161-162	O Tempo
16		Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 165-166.	Para Além do tempo
17		Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 167.	Vida eterna
18		Antologia do Pe. Monte, v. 8, 1996, p. 171-172	A voz de Deus
19		Antologia do Pe. Monte, v. 8, 1996, p. 173-174.	O Redentor Prometido
20		Antologia do Pe. Monte, v. 8, 1996, p. 175-176.	Deus em nós
21		Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 177-178.	Um berço ignorado
22		Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 179-180.	Jesus no templo
23		Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 181-182.	O precursor

24		Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 183.	O Cristo no deserto
25		Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 185-186.	Jesus tentado
26		Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 187-188.	Revelando-se no templo
27		Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 189-190.	O Reino dos Céus
28		Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 8, p. 191-192.	O Filho de Deus
29		Antologia do Pe. Monte. 1996, v. 8, p. 193-194.	O Taumaturgo
30		Antologia do Pe. Monte. 1996, v. 8, p. 195-196.	As Trevas e a Luz
31		Antologia do Pe. Monte. 1996, v. 8, p. 197-198.	O primeiro milagre
32		Antologia do Pe. Monte. 1996, v. 8, p. 201-202.	O Triunfador
33		Antologia do Pe. Monte, 1976, v. 1, p. 129-130	Luz e Treva

QUANTITATIVO DOS ARTIGOS:

ANO	NÚMERO DE ARTIGOS
1924	2
1925	11
1926	27
1927	10
1928	29
1929	24
1930	20
1931	3
1932	5
1933	0
1934	1
1935	14
1936	11
1937	13
1938	3
1939	13
1940	2
1941	6
1942	38
1943	9
1944	1
sem data	33
TOTAL	275

APÊNDICE H - LEVANTAMENTO DAS POLÊMICAS DE PADRE MONTE

TEXTOS APOLOGÉTICOS 1926 (Não é debate. É texto apologético\polemista)
Ivon Costa e Luiz de Góes (4 textos)

ORDEM	DATA E LOCAL DE PUBLICAÇÃO ORIGINAL	DATA E LOCAL DE SEGUNDA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DA POLÊMICA	DEBATEDOR NA POLÊMICA
1	1926 Diário de Natal	Antologia do Padre Monte, 1999, v. 9, p. 122-123	Em defesa da Verdade contra a exploração espírita	Ivon Costa e Luiz de Góes (conferencistas espíritas vindos de Recife. (explicitado)
2	1926 Diário de Natal	Antologia do Padre Monte, 1999, v. 9, p. 124-130	O Anticristo I, II, III, IV	Ivon Costa e Luiz de Góes (explicitado)
3	04/1926 Diário de Natal	Antologia do Padre Monte, 1999, v. 9, p. 131	Vanitas, vanitatum...	Ivon Costa e Luiz de Góes (explicitado)
4	Diário de Natal	Antologia do Padre Monte, 1999, v. 9, p. 179-187	O espiritismo e a razão I, II, III, IV, V, VI, VII	Ivon Costa e Luiz de Góes (não explicitado)

TEXTO APOLOGÉTICO – 1927 – 1 TEXTO

ORDEM	DATA E LOCAL DE PUBLICAÇÃO ORIGINAL	DATA E LOCAL DE SEGUNDA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DA POLÊMICA	DEBATEDOR NA POLÊMICA
1	1927	Antologia do Padre Monte, 1999, v. 9, p. 200-202	Cartas a Daniel	Daniel (explicitado) Não tenho informação sobre quem é Daniel, apenas o que Monte faz menção no texto, como alguém que deixou uma carta para ele na redação do Diário de Natal

POLÊMICA 1 - PASTOR DUARTE – 1931 - 12 TEXTOS

ORDEM	DATA E LOCAL DE PUBLICAÇÃO ORIGINAL	DATA E LOCAL DE SEGUNDA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DA POLÊMICA	DEBATEDOR NA POLÊMICA
1	1931 Diário de Natal	Antologia do Padre Monte, 1976, v. 1, p. 117-119 Antologia do Padre Monte, 1999, v. 9, p. 203-205	Como deixei de ser rico	Pastor Duarte (explicitado)
2	1931 Diário de Natal	Antologia do Padre Monte, 1999, v. 9, p. 206-207	Ideia Fixa	Pastor Duarte (explicitado)
3	1931 Diário de Natal	Antologia do Padre Monte, 1976, v. 1, p. 120-123 Antologia do Padre Monte, 1999, v. 9, p. 208-210	O Oráculo de Delfos	Pastor Duarte (explicitado)
4	1931 Diário de Natal	Antologia do Padre Monte, v. 1, 1976, p. 124-125 Antologia do Padre Monte, 1999, v. 9, p. 211-212	Eles põem e a verdade dispõe	Pastor Duarte (explicitado)
5	1931 Diário de Natal	Antologia do Padre Monte, v. 1, 1976, p. 126-128 Antologia do Padre Monte, 1999, v. 9, p. 213-214	Muita trovoada é sinal de pouca chuva	Pastor Duarte (explicitado)
6	1931 Diário de Natal	Antologia do Padre Monte, v. 1, 1976, p. 131-133 Antologia do Padre Monte, 1999, v. 9, p. 215-217	Canon dos judeus (na pág. 217 da Antologia 9 há informação de que os originais estão no Diário de Natal)	Pastor Duarte (explicitado)

7	1931 Diário de Natal	Antologia do Padre Monte, v. 1, 1976, p. 134-136 Antologia do Padre Monte, 1999, v. 9, p. 218-219	Eles disseram e a verdade não confirmou	Pastor Duarte (não explicitado, ainda que o texto debata com Duarte)
8	1931 Diário de Natal	Antologia do Padre Monte, v. 1, 1976, p. 137-138 Antologia do Padre Monte, 1999, v. 9, p. 220-221	A lâmpada de Diógenes	Pastor Duarte (explicitado)
9	1931 Diário de Natal	Antologia do Padre Monte, 1976, v. 1, p. 139-140 Antologia do Padre Monte, 1999, v. 9, p. 222-223	O Purgatório (título 1) Pode haver regra sem exceção, mas sem regra não pode haver exceção... (título 2)	Pastor Duarte (não explicitado, ainda que o texto debata com Duarte)
10	1931 Diário de Natal	Antologia do Padre Monte, v. 1, 1976, p. 141 Antologia do Padre Monte, 1999, v. 9, p. 224	São Paulo não é protestante	Pastor Duarte (não explicitado, ainda que o texto debata com Duarte)
11	1931 Diário de Natal	Antologia do Padre Monte, v. 1, 1976, p. 142-143 Antologia do Padre Monte, 1999, v. 9, p. 225-226	Eles podem... nós devemos	Pastor Duarte (não explicitado, ainda que o texto debata com Duarte)
12	1931 Diário de Natal	Antologia do Padre Monte, v. 1, 1976, p. 144-145 Antologia do Padre Monte, 1999, v. 9, p. 227-228 (Nota do pesquisador: os presentes artigos polêmicos foram tirados do arquivo pessoal do Mons. Severino Bezerra. Publicados no Diário de Natal, 1931).	Onde a Idolatria?	Pastor Duarte (não explicitado, ainda que o texto debata com Duarte)

POLÊMICA 2 – ESMERALDO SIQUEIRA - 1936 (25 TEXTOS)

ORDEM	DATA E LOCAL DE PUBLICAÇÃO ORIGINAL	DATA E LOCAL DE SEGUNDA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DA POLÊMICA	DEBATEDOR NA POLÊMICA
1	04/10/1936 A Ordem	Antologia do Padre Monte, v. 1, 1976, p. 53-55	Sonho e Imortalidade	Esmeraldo Siqueira (explicitado)
2	06/10/1936 A Ordem	Antologia do Padre Monte, v. 1, 1976, p. 57-58 Antologia do Padre Monte, v. 9, 1999, p. 294-295	Amuletos e crucifixos	Esmeraldo Siqueira (explicitado)
3	07/10/1936 A Ordem	Antologia do Padre Monte, v. l. 1, 1976, p. 59-61 Antologia do Padre Monte, v. 9, 1999, p. 296-297	Debandada dos Deuses	Esmeraldo Siqueira (explicitado)
4	08/10/1936 A Ordem	Antologia do Padre Monte, v. 1, 1976, p. 63-64 Antologia do Padre Monte, v. 9, 1999, p. 298	Hic locus troje fuit	Esmeraldo Siqueira (explicitado)
5	9/10/1936 A Ordem	Antologia do Padre Monte, v. 1, 1976, p. 65-66 Antologia do Padre Monte, v. 9, 1999, p. 301-302	Força probativa da Injúria	Esmeraldo Siqueira (explicitado)
6	10/10/1936 A Ordem, 11/03/1936 (data errada - Antologia 1)	Antologia do Padre Monte, 1976, v. 1, p. 67-68 Antologia do Padre Monte, 1999, v. 9, p. 309-310	Non hominis moriat...	Esmeraldo Siqueira (não explicitado, ainda que o texto debata com Esmeraldo)

7	18/10/1936 A Ordem	Antologia do Padre Monte, 1976, v. 1, p. 69-70 Antologia do Padre Monte, v. 9, 1999, p. 306-307	Freud	Esmeraldo Siqueira (não explicitado, ainda que o texto debata com Esmeraldo)
8	21/10/1936 A Ordem	Antologia do Padre Monte, v. 1, 1976, p. 71-72	Falência do Materialismo em Biologia	Esmeraldo Siqueira (nenhum indício de Esmeraldo)
9	22/10/1936 A Ordem	Antologia do Padre Monte, v. 1, 1976, p. 75-76	Vida e Afinidade	Esmeraldo Siqueira (nenhum indício de Esmeraldo)
10	23/10/1936 A Ordem	Antologia do Padre Monte, v. 1, 1976, p. 77-79	Comunhão, defesa do corpo (Defesa consecutiva)	Esmeraldo Siqueira (nenhum do n de Esmeraldo)
11	24/10/1936 A Ordem	Antologia do Padre Monte, v. 1, 1976, p. 80-81	Comunhão, defesa da alma	Esmeraldo Siqueira (nenhum indício de Esmeraldo)
12	25/10/1936 A Ordem	Antologia do Padre Monte, v. 1, 1976, p. 82-84	Comunhão, defesa do Homem	Esmeraldo Siqueira (nenhum indício de Esmeraldo)
13	28/10/1936 A Ordem	Antologia do Padre Monte, v. 1, 1976, p. 85-86	Reações e vida	Esmeraldo Siqueira (nenhum indício de Esmeraldo)
14	29/10/1936 A Ordem	Antologia do Padre Monte, v. 1, 1976, p. 87-88	Perinde ac cadáver	Esmeraldo Siqueira (nenhum indício de Esmeraldo)
15	30/10/1936 A Ordem	Antologia do Padre Monte, v. 1, 1976, p. 89-90	Hormônio e vida	Esmeraldo Siqueira (nenhum indício de Esmeraldo)
16	10/1936 A Ordem	Antologia do Padre Monte, v. 1, 1976, p. 91-92	O que pensam de S. Tomás	Esmeraldo Siqueira (nenhum indício de Esmeraldo)

17	05/11/1936 A Ordem	Antologia do Padre Monte, v. 1, 1976, p. 93-94	Vida catalisa	Esmeraldo Siqueira (nenhum indício de Esmeraldo)
18	06/11/1936 A Ordem	Antologia do Padre Monte, v. 1, 1976, p. 95-96	Ad Unum versus	Esmeraldo Siqueira (nenhum indício de Esmeraldo)
19	08/11/1936 A Ordem	Antologia do Padre Monte, v. 1, 1976, p. 97-99 Antologia do Padre Monte, 1999, v. 9, p. 447-449	Obscuridade refulgente	Esmeraldo Siqueira (nenhum indício de Esmeraldo)
20	11/11/1936 A Ordem	Antologia do Padre Monte, 1976, v. 1, p. 101-102 Antologia do Padre Monte, 1999, v. 9, p. 450-453	Expressões culturais da Idade Média (Enciclopedistas) Isidoro, Beda, Raban Maur	Esmeraldo Siqueira (nenhum indício de Esmeraldo)
21	13/11/1936 A Ordem	Antologia do Padre Monte, 1976, v 1, p. 103-105 Antologia do Padre Monte, 1999, v. 9, p. 454-455	Clarões de uma obscuridade (Vicente Beauvais)	Esmeraldo Siqueira (nenhum indício de Esmeraldo)
22	15/11/1936 A Ordem	Antologia do Padre Monte, v. 1, 1976, p. 106-108 Antologia do Padre Monte, 1999, v. 9, p. 456-457	Hildegarda	Esmeraldo Siqueira (nenhum indício de Esmeraldo)
23	20/11/1936 A Ordem	Antologia do Padre Monte, v. 1, 1976, p. 109-111	A Índia, A Arábia e Boécio	Esmeraldo Siqueira (nenhum indício de Esmeraldo)

24	24/11/1936 A Ordem	Antologia do Padre Monte, v. 1, 1976, p. 112-114 Antologia do Padre Monte, v. 9, 1999, p. 312-314	Vida e Ressurreição	Esmeraldo Siqueira (nenhum indício de Esmeraldo)
----	-----------------------	--	---------------------	---

1937 (1 TEXTO)

ORDEM	DATA E LOCAL DE PUBLICAÇÃO ORIGINAL	DATA E LOCAL DE SEGUNDA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DA POLÊMICA	DEBATEDOR NA POLÊMICA
1	07/03/1937 A Ordem	Antologia do Padre Monte, v. 9, 1999, p. 317-318	Psicologia de uma visão	Esmeraldo Siqueira (Esmeraldo não respondeu mais aos artigos de padre Monte. Esmeraldo calou-se depois do artigo de padre Monte). Nota do pesquisador – Jurandyr Navarro

POLÊMICA 4 – EVANGÉLICO CARLETON FINDLEY MATHEUS – 1941 (SEIS TEXTOS)

ORDEM	DATA E LOCAL DE PUBLICAÇÃO ORIGINAL	DATA E LOCAL DE SEGUNDA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DA POLÊMICA	DEBATEDOR NA POLÊMICA
1	07/01/1941 A Ordem	Antologia do Padre Monte, 1999, v. 9, p. 229-230 (pseudônimo PE. AVILA)	A propaganda protestante no Rio Grande do Norte e as verdadeiras tradições brasileiras	Evangélico Carleton Findley Matheus (não explicitado)
2	23/01/1941 A Ordem	Antologia do Padre Monte, v. 9, 1999, p. 233-234 (editorial de A Ordem – Monte escrevia o editorial)	O Brasil e o protestantismo: porque concordamos com o Padre AVILA	Evangélico Carleton Findley Matheus (não explicitado)

3	27/01/1941 A Ordem	Antologia do Padre Monte, v. 9, 1999, p. 235-236 (editorial de A Ordem – Monte escrevia o editorial)	O Protestantismo na História do Brasil: em nada lisonjeiro esse retrospecto	Evangélico Carleton Findley Matheus (não explicitado)
4	01/02/1941 A Ordem	Antologia do Padre Monte, v. 9, 1999, p. 237-238 (editorial de A Ordem – Monte escrevia o editorial)	Protestantismo e missões: Estudo sobre a mentalidade missionária protestante	Evangélico Carleton Findley Matheus (explicitado)
5	3/fev/1941 A Ordem	Antologia do Padre Monte, 1999, v. 9, p. 231-232 (pseudônimo PE. AVILA)	A propaganda protestante: a propósito de um boletim	Evangélico Carleton Findley Matheus (não explicitado)
6	02/04/1941 A Ordem	Antologia do Padre Monte, v. 9, 1999, p. 239-240 (pseudônimo PE. AVILA)	O cavaleiro da triste figura	Evangélico Carleton Findley Matheus (explicitado)

1943 POLÊMICA 3 – LOURENÇO BRANCO (9 textos)

ORDEM	DATA E LOCAL DE PUBLICAÇÃO ORIGINAL	DATA E LOCAL DE SEGUNDA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DA POLÊMICA	DEBATEDOR NA POLÊMICA
1	19/07/1943 A Ordem	Antologia do Padre Monte, 1999, v. 9, p. 390	Para Além de Anatole	Lourenço Branco (não explicitado)
	27/07/1943 A Ordem	Antologia do Padre Monte, 1976, v. 1, p. 233-235 Antologia do Padre Monte, 1999, v. 9, p. 394-396	Tolerância e Intolerantes Intolerância e Intolerantes	Lourenço Branco (não explicitado)

2	02/08/1943 A Ordem	Antologia do Padre Monte, 1976, v. 1, p. 236-238 Antologia do Padre Monte, 1999, v. 9, p. 404-406	Depois de longo e tenebroso...	Lourenço Branco (não explicitado)
3	03/08/1943 A Ordem	Antologia do Padre Monte, 1976, v. 1, p. 239-240 Antologia do Padre Monte, 1999, v. 9, p. 407-408	Ordem, que não foi inútil	Lourenço Branco (não explicitado)
4	14/08/1943 A Ordem	Antologia do Padre Monte, 1976, v. 1, p. 241-243 Antologia do Padre Monte, 1999, v. 9, p. 420-421	Não era preciso que ela parasse	Lourenço Branco (não explicitado)
5	07/08/1943 A Ordem	Antologia do Padre Monte, 1976, v. 1, p. 244-245 Antologia do Padre Monte, 1999, v. 9, p. 409-410	E a Terra poderia parar?	Lourenço Branco (não explicitado)
6	10/08/1943 A Ordem	Antologia do Padre Monte, 1976, v. 1, p. 246-250 Antologia do Padre Monte, 1999, v. 9, p. 414-417	Com quem estará a Razão?	Lourenço Branco Explicitado
7	13/08/1943 A Ordem	Antologia do Padre Monte, 1976, v. 1, p. 251-253 Antologia do Padre Monte, 1999, v. 9, p. 418-419	Aspectos da vida cultural na França (do século VIII ao XIII)	Lourenço Branco (não explicitado)

8	18/08/1943 A Ordem	Antologia do Padre Monte, 1976, v. 1, p. 254-257 Antologia do Padre Monte, 1999, v. 9, p. 425-428	Risum Teneatis?	<p>Lourenço Branco (não explicitado)</p> <p>(Nota do pesquisador, na Antologia 9, p. 428: Depois deste artigo de Padre Monte, o dr. Lourenço Branco silenciou, não dando mais alguma resposta. Após seis meses, com o falecimento do padre Monte, ele publicou o artigo assinado que segue adiante).</p> <p>Obs.: na sequência o artigo não apareceu na Antologia. Só na página 442, apareceu um artigo de Lourenço Branco.</p>
---	-----------------------	--	-----------------	---

QUANTITATIVO DAS POLÊMICAS:

ANOS	ALVO DA CRÍTICA DE MONTE	QUANTIDADE PARCIAL	QUANTIDADE TOTAL
1926	Ivon Costa e Luiz de Góes	4	4
1927	Daniel	1	1
1931	Pastor presbiteriano José Bezerra Duarte	12	12
1936	Esmeraldo Siqueira	25	26
1937		1	
1941	Pastor batista Carleton Findley Matheus	6	6
1943	Lourenço Branco	9	9
-----	TOTAL	-----	58

APÊNDICE I - LEVANTAMENTO DOS DISCURSOS DE PADRE MONTE

1928 (2 discursos)

ORDEM	DATA E LOCAL EM QUE FOI PRONUNCIADO O DISCURSO ORIGINAL	DATA E LOCAL DA SEGUNDA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO DISCURSO
1	31/10/1928 Diário de Natal (Instituto Histórico e Geográfico)	Antologia do Padre Monte, 1978, v. 2, p. 43-46 Livro Oradores, 2004, p. 144-145	Cristo-Rei ("Resumo do brilhante discurso do padre Luiz Monte, na sessão solene de domingo último, à Confederação Católica, em homenagem a Cristo-Rei").
2	18/07/1928 Diário de Natal	Antologia do Padre Monte, 1996, v. 7, p. 117-119.	Conferência do Padre Luiz Monte: "A Civilização e o progresso Material". Congregação Mariana de Moços – Festa de Aniversário.

1929 (8 discursos)

ORDEM	DATA E LOCAL EM QUE FOI PRONUNCIADO O DISCURSO ORIGINAL	DATA E LOCAL DA SEGUNDA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO DISCURSO
1	31/10/1929 Escola do Comércio	Antologia do Padre Monte, 1976, v. 1, p. 23-24 Livro Verdade e Vida, 1948. Livro Oradores, 2004, p. 146-147	Educação Moral e Cívica (Conferência – Exórdio e Peroração – pronunciada na Escola do Comércio, em 31/10/1929)
2	13/10/1929 Edição da Associação dos professores	Antologia do Padre Monte, 1978, v. 2, p. 183-192	Educação Moral (Conferência de improviso, transcrita depois, pronunciada no dia 13/10/1929, a na Escola de Comércio de Natal, por ocasião da Segunda Semana Brasileira de Educação. Na época, Padre Monte tinha 24 anos de idade.)
3	07/03/1929 Diário de Natal	Antologia do Padre Monte, 1982, v. 4, p. 15-18	Discurso pronunciado na Colação de Grau da Escola de Comércio
4	28/03/1929		A Eternidade num minuto e o infinito numa sensação.
5	30/10/1929	Livro Oradores, 2004, p. 144-145	Discurso proferido na Confederação Católica em homenagem a Cristo Rei
7	31/10/1929	Livro Oradores, 2004, p. 146-147	Oração Sobre Educação Moral: Exórdio e Peroração
8	1929	Livro Oradores, 2004, p. 139-141	Discurso de Paraninfo da Colação de Grau da Escola de Comércio

1930 (1 texto)

ORDEM	DATA E LOCAL EM QUE FOI PRONUNCIADO O DISCURSO ORIGINAL	DATA E LOCAL DA SEGUNDA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO DISCURSO
1	1930	Livro Oradores, 2004, p. 142-143	Tópicos de um Discurso sobre “a Civilização e o Progresso Material” Tópicos de discurso proferido na Congregação Mariana de Moços (Fragmentos)

1938 (1 discurso)

ORDEM	DATA E LOCAL EM QUE FOI PRONUNCIADO O DISCURSO ORIGINAL	DATA E LOCAL DA SEGUNDA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO DISCURSO
1	12 de novembro de 1938 em Areia Branca/RN	Antologia do Pe. Monte, 1996, v. 7, p. 32-33 Livro Oradores, 2004, p. 149-150	Congresso Eucarístico Paroquial de Areia Branca/ SERMÃO

1940 (1 discurso)

ORDEM	DATA E LOCAL EM QUE FOI PRONUNCIADO O DISCURSO ORIGINAL	DATA E LOCAL DA SEGUNDA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO DISCURSO
1	Dezembro/1940 Conferência apresentada ao curso de férias realizado pelo Departamento de Educação	Antologia do Padre Monte, 1978, vol. 2, p. 195-205 Também foi publicada como uma Plaquete, em 1978, pela Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte Antologia do Padre Monte, 1996, v. 7, p. 34-35 (aparece como publicação de 6/9/44 no jornal A Ordem). O texto não está na íntegra. É apenas pequena parte, dedicada a questão da pátria.	A Formação Moral e Cívica da Mocidade (Conferência apresentada ao curso de férias realizado pelo Departamento de Educação, em dezembro de 1940)

1942 (1 discurso)

ORDEM	DATA E LOCAL EM QUE FOI PRONUNCIADO O DISCURSO ORIGINAL	DATA E LOCAL DA SEGUNDA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO DISCURSO
1	30/10/1942	Livro <i>Oradores</i> , 2004, p. 148.	<i>Palavras aos Moços</i> (discurso escrito para a abertura do programa “Estudantes em Desfile”, na então Rádio Educadora de Natal, no dia 30 de outubro de 1942.)

Sem data

ORDEM	DATA E LOCAL EM QUE FOI PRONUNCIADO O DISCURSO ORIGINAL	DATA E LOCAL DA SEGUNDA PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO DISCURSO
1		Antologia do Padre Monte, 1976, v. 1, p. 45-46	O Álcool e a fadiga Intelectual (Discurso pronunciado aos alunos de Monte no Seminário, na Semana Antialcoólica). Do arquivo de D. Heitor Sales
2		Antologia do Padre Monte, 1976, v. 1, p. 47-48	O Álcool e a Hereditariedade Intelectual (Discurso pronunciado aos alunos de Monte no Seminário, na Semana Antialcoólica). Do arquivo de D. Heitor Sales
3		Antologia do Padre Monte, 1976, v. 1, p. 49-50	Concentração e trabalho (Do arquivo de D. Heitor Sales)

QUANTITATIVO DOS DISCURSOS:

ANO	NÚMERO DE ARTIGOS
1928	2
1929	8
1930	1
1938	1
1940	1
1942	1
A definir	3
TOTAL	275

ANEXO A - PADRE MONTE, EM SOLENIDADE NO ATHENEU NORTE-RIO-GRANDENSE NO FINAL DA DÉCADA DA 1930

Fotografia 4 - Padre Monte, em solenidade no Atheneu Norte-Rio-Grandense no final da década da 1930



Fonte: Acervo particular do Dr. Jurandyr Navarro.

ANEXO B - PLACA DE FORMATURA DOS BACHARELANDOS DE 1936, DO COLÉGIO SANTO ANTÔNIO, DO QUAL MONTE FOI O PARANINFO

Fotografia 5 - Placa de formatura dos bacharelandos de 1936, do Colégio Santo Antônio, do qual Monte foi o Paraninfo



Fonte: Acervo particular do Dr. Jurandyr Navarro.

ANEXO C - FOTO DO CORTEJO DE PADRE MONTE

Fotografia 6 - Cortejo de Padre Monte



Um flagrante do entêrro, quando o cortejo fúnebre descia a avenida Rio Branco, rumo da necrópole do Alecrim.

Fonte: Norte (1944, p. 45).